ENCICLOPÉDIA
DOS
MUNICÍPIOS BRASILEIROS

PLANEJADA E ORIENTADA

por

JURANDYR PIRES FERREIRA

PRESIDENTE DO I.B.G.E.

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

DE

SPERIDIÃO FAISSOL
Secr.-Geral do C. N. G.

e

HILDEBRANDO MARTINS
Secr.-Geral do C. N. E.

SUPERVISÃO GEOGRÁFICA

DE

ANTONIO TEIXEIRA GUERRA
Dir. de Geografia

SUPERVISÃO DOS VERBÊTES

DE

ÊNIO ALVIM DE MOURA
Inspetor Regional

SUPERVISOR DA EDIÇÃO

ADOLPHO FREJAT
Superintendente do Serviço Gráfico

29 DE MAIO DE 1959

OBRA CONJUNTA DOS CONSELHOS
NACIONAL DE GEOGRAFIA E NACIONAL DE ESTATÍSTICA

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

ENCICLOPÉDIA
DOS
MUNICÍPIOS BRASILEIROS

XXXIV VOLUME

RIO DE JANEIRO
1959

Colaboradores do corpo de funcionários da Inspetoria Regional do Rio Grande do Sul:

Estruturação e revisão final — FRANCISCO RODRIGUES MACIEL — Chefe do Serviço de Inquéritos.

Parte Histórica — SANTIAGO BABOT MIRANDA, GILDO WILADINO, DILON FAGUNDES e DEOCLÉCIO GALIMBERTI.

Parte Estatística — GILBERTO MIRANDA DE OLIVEIRA, JOÃO CARLOS DE QUEVEDO LANGLOIS e TEREZINHA HERMENEGILDO.

Vultos Ilustres — PEDRO MARINHO DO NASCIMENTO e AMÉLIA TERESINHA HOFF CASONATTI.

Orientação das Pesquisas nos municípios — BRUNO AMARO PAVANI, GREGORIO HANISCH DA SILVEIRA, ARY FARIAS PÔRTO, DIRCEU FORNARI COSTA, LUIZ PROENÇA e HELIO VICTOR KOCHENBORGER.

Primeira revisão e montagem datilográfica — AMÉLIA TERESINHA HOFF CASONATTI.

Colaboradores Ilustres — Prof. ANTÔNIO DA ROCHA ALMEIDA — Catedrático de História do Brasil da Universidade Católica do R.G.Sul; Padre LUIZ GONZAGA JAEGER, SJ — Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Professor do Colégio de Pôrto Alegre; Ministro ULYSSES RODRIGUES — Historiador e Professor na cidade de Santo Ângelo; TOMAZ CARLOS DUARTE — Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Dr. PAULO XAVIER — Secretário do Museu Júlio de Castilhos; BIAGGIO TARANTINO — Diretor do Museu "Barão de Santo Ângelo, da cidade de Rio Pardo.

Órgãos que colaboraram — Departamento Estadual de Estatística — Diretor: Dr. ALBERTO TOSTES; — Agências Municipais de Estatística, por seus Chefes e auxiliares; — Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Diretor: Prof. GUILHERMINO CESAR; — Museu Júlio de Castilhos — Diretor: Prof. DANTE DE LAYTANO.

MUNICÍPIOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1 — 24 946

Índice dos Municípios

PALMEIRA DAS MISSÕES — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Situa-se na chamada Zona Fisiográfica do Noroeste. Até o ano de 1874 o território da comuna, conjuntamente com os territórios dos municípios de Iraí e Três Passos, formavam um distrito de Cruz Alta.

A vasta extensão de terra, em que está assentado o município, antes da chegada dos primeiros povoadores, era coberta por imensas matas que se estendiam até às margens do rio Uruguai. Eram habitadas por índios que vinham das Missões Orientais, com a finalidade de se dedicar à extração de erva-mate nativa, que constituía o principal produto comerciável do tempo, no intercâmbio, bastante intenso, existente entre os Sete Povos e o pôrto de Buenos Aires.

Em 1815 chegou na região o paulista, brigadeiro Atanagildo Pinto Martins, que penetrou no território do Estado pelo Passo do "Goyo-En", passagem, no rio Uruguai, nas proximidades da povoação de Nonoai. Ao que parece, quando o brigadeiro chegou ao lugar onde está situada hoje a cidade de Palmeira das Missões, já encontrou mesmo precário um comêço de povoamento.

Em 1822 chegou ao povoado o capitão Fidelis Militão de Moura, designado pelos podêres provinciais para ser a primeira autoridade constituída.

Em 1824 nos vastos campos e matos da região já moravam diversos habitantes, dos quais se destacava, como dos primeiros, o tenente-coronel Joaquim Thomaz da Silva Prado, membro de ilustrada família paulista, trazendo em sua companhia espôsa, filhos e mais de 100 escravos.

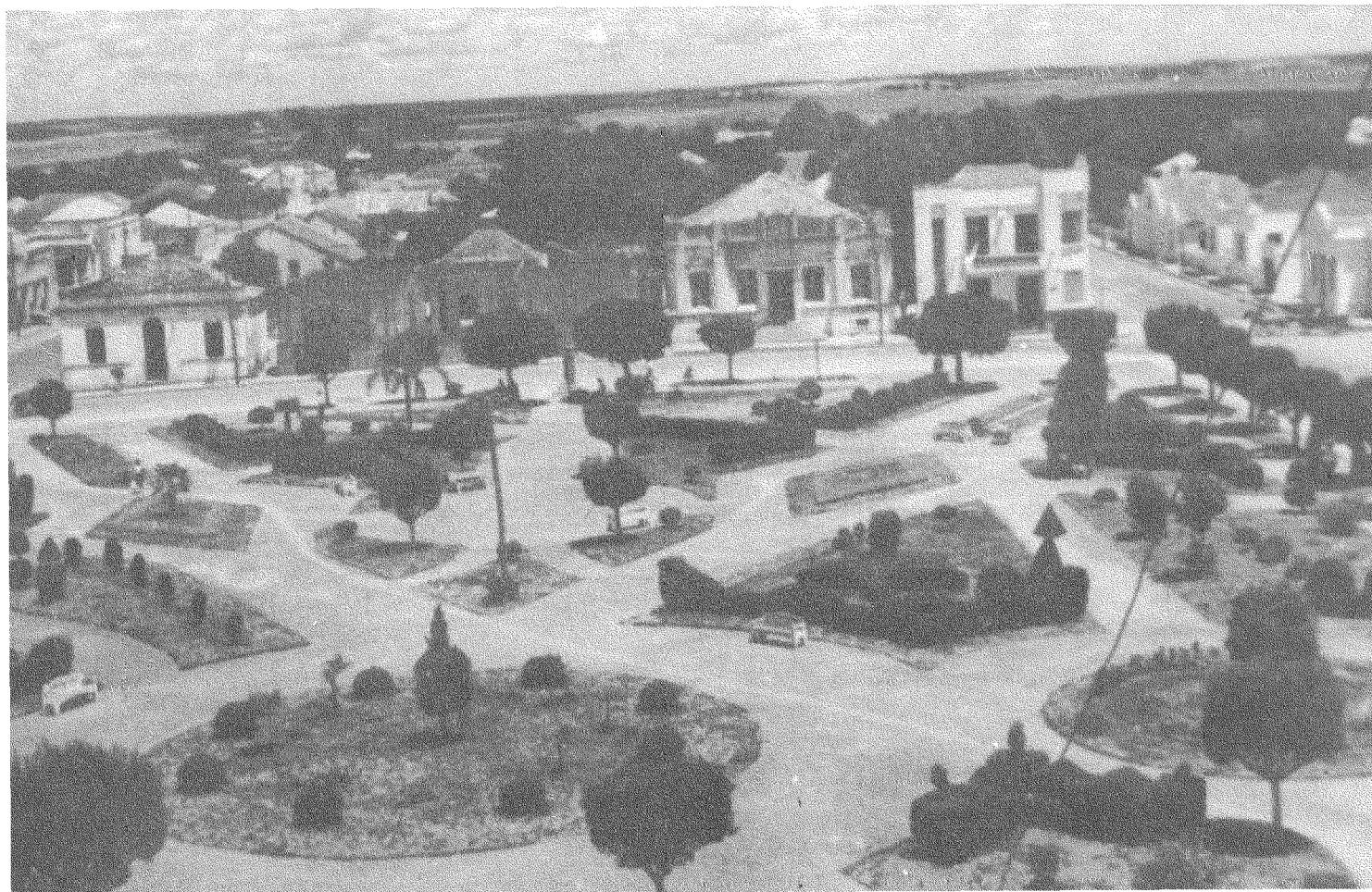
Além do tenente-coronel Silva Prado habitavam estas paragens o major Antônio de Novaes Coutinho, tenente-coronel Joaquim José de Oliveira, Francisco Lemos de Oliveira, João de Souza Bueno, major Feliciano Rodrigues da Silva, Máximo Vieira Gonçalves, Antônio Ribeiro Martins, Victor Antônio da Cruz, Alexandre Luiz da Silva e Antônio Demétrio Machado.

O primeiro que abriu passagem através das densas matas foi o rico tropeiro paulista João de Barros, que atravessou o território deserto, habitado naquele tempo por indígenas em estado selvagem.

João de Barros transportava uma tropa de bêstas, que levava para negociar em São Paulo, adquirida na fronteira do Estado. Na época existia uma única estrada, ligando o Estado de São Paulo ao Sul, pois ela passava por Viamão. Santo Antônio e Lajes, no vizinho Estado de Santa Catarina.

Em 1828 a povoação começou a apresentar os primeiros sinais de progresso, que vieram a concretizar-se, de maneira real, nos dias que correm.

Em 1850 foi iniciada a construção da capela de Santo Antônio, cuja licença para edificação tinha sido concedida antes da revolução Farroupilha de 1835, mas foi suspensa devido à situação política anômala que atravessava a Província. Quem doou o terreno para a edificação da capela que constituiria a futura freguesia foi o morador Francisco Pinheiro da Silva, em 1848. A oferta do terreno foi feita em homenagem a Santo Antônio.

O major Antônio Novaes Coutinho tomou o encargo de construir a capela de Santo Antônio, no lugar denominado Vilinha. A memória dêsse militar é reverenciada hoje,

Praça Júlio de Castilhos

no município, através de uma das principais vias públicas que possui seu nome.

Foi elevada à categoria de freguesia, em 14 de janeiro de 1857, sob a denominação de Santo Antônio da Palmeira.

A 6 de maio de 1874, por decreto do então Govêrno da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, foi criado o município de Santo Antônio da Palmeira, sendo desmembrado seu território dos atuais municípios de Passo Fundo e Cruz Alta. No entanto, a novel comuna sòmente foi instalada em 7 de abril de 1875, por determinação do Govêrno provincial.

O primeiro Presidente da Câmara foi Serafim de Moura Reis. O Vigário da capela foi o Padre Domingos José Lopes, que se radicara, no município, a partir de 1860.

Durante a revolução de 1923 diversos combates travaram-se no território de sua comuna.

Em 26 de janeiro de 1923 as tropas rebeldes do coronel Leonel Rocha sitiam a cidade e ao se afastarem encontram-se com as legalistas de Jaime Borges, travando-se, na ocasião, uma escaramuça.

Em 1.º de fevereiro, o rebelde João Feijó derrota, no rio da Várzea, Antônio Tormes, que pereceu nesse combate.

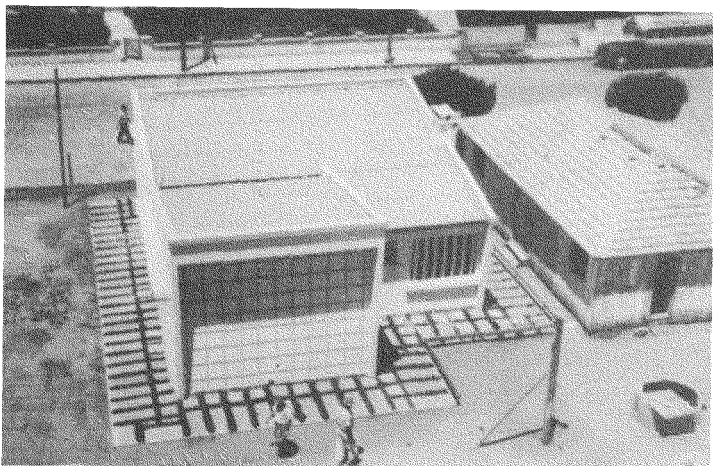
Em 4 de fevereiro, o coronel Leonel Rocha cerca, com suas tropas, as que vinham em sua perseguição, sob o comando do coronel Bráulio Oliveira.

Em 6 de fevereiro, vindo em socorro das fôrças do coronel Bráulio Oliveira, chega à região o gen. Firmino de Paula, que afasta os sitiantes, entrando a seguir, na sede.

Em 5 e 7 de fevereiro, o tenente-coronel Pedro Arão e Tranquilino Pinheiro derrotam os legalistas, sucessivamente, na fazenda do coronel Ramão Luciano de Souza e na ponte do Turvo.

Em 12 de fevereiro, o coronel Valzumiro Dutra, pertencente à facção legal, trava combate em Passo Fundo, no boqueirão de Fortaleza, com o rebelde, coronel Serafim de Moura Assis.

Em 24 de fevereiro, as tropas legalistas, sob o comando de Valzumiro Dutra, enfrentam em Serrinha e Erval Sêco as tropas rebeldes, morrendo em conseqüência dêste combate os rebeldes Gastão Stadles e Francisco Correa de Moura.

Em 15 de março, o capitão das fôrças legalistas, José Antônio da Cruz, é morto em combate, em Campo Santo.

Obras da hidráulica municipal

Vista parcial da Avenida Independência

Em 24 e 26 de março travam-se combates, sendo que em Jaboticaba morre Rufino Feijó, chefe legalista.

Em 29, 30 e 31 de março novos combates travam-se em Palmeira, Boi Prêto e Pami.

Em 4 de junho de 1923, os generais Mena Barreto e Leonel Rocha tentam assaltar a cidade sendo repelidos, após sangrento combate, pelo tenente-coronel Valzumiro Dutra. Em 6 de junho nova tentativa é feita para tomar a localidade, mas sem resultado.

Terminada a revolução, o município de Palmeira das Missões, como os demais do Estado, entrou na senda do progresso.

Os produtos que fazem atualmente a riqueza do município são o trigo, o milho, o feijão e a extração de herva-mate.

Originou-se o nome de Palmeira do seguinte fato: antes da criação da comuna, existia no local onde hoje se encontra a principal praça pública da cidade uma grande palmeira, onde os viajantes faziam suas sesteadas.

Em vista disto começaram a chamar de Palmeira a incipiente povoação, topônimo que permaneceu até nossos dias.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* — 2.º trimestre — ano 20.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

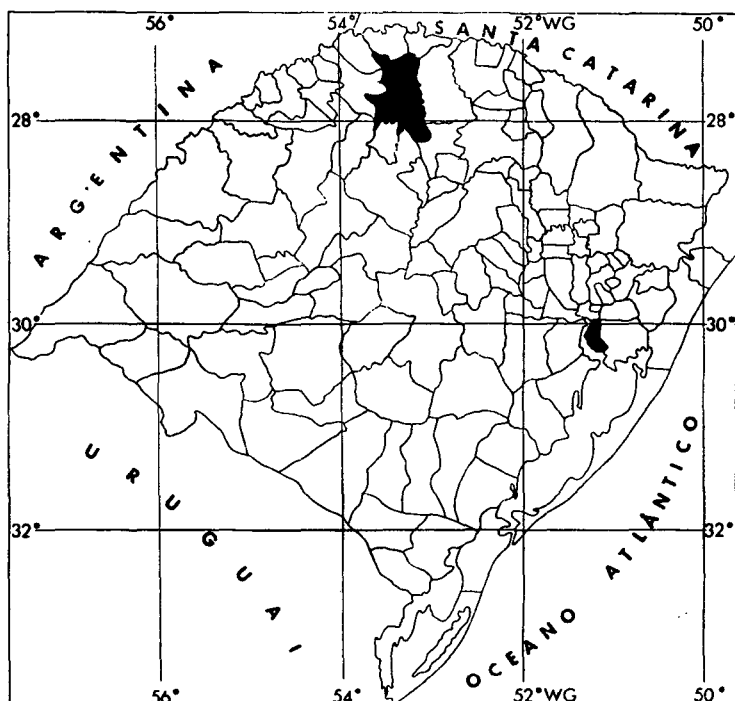
POPULAÇÃO — Conta o município de Palmeira das Missões 66 960 habitantes, localizando-se 4 300 na sede e .... 62 660 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para ...... 1.º-1-1956); 18,38 habitantes por quilômetro quadrado; 1,40% sôbre a população total do Estado; área: 3 643 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Palmeira das Missões: vilas: Cairé, Erval Sêco, Jaboticaba, Rodeio Bonito, São José e Seberi.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Palmeira das Missões....	1 901	8	556	274	54	1 627

Escola Normal Borges do Canto

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27° 52' 55" de latitude Sul e 53° 26' 45" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo N.N.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 320 km. Altitude: 634 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Guarita e da Várzea. Os rios são pouco caudalosos, por isso não permitem navegação; os peixes em pequeno número e a pesca é feita mais como esporte.

RIQUEZAS VEGETAIS — Madeiras de lei e erva-mate. Área das matas naturais: 9 200 ha.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 25,1°C; mínima — 12,4°C; compensada — 18,4°C. Chuvas: precipitação anual de 1 747 mm. Geadas: ocorrem nos meses de maio a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Frederico Westphalen e Iraí; ao sul: Cruz Alta e Panambi; a leste: Sarandi e Caràzinho e a oeste: Ijuí e Três Passos.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — Em 1951, entrou em funcionamento a primeira lavoura mecanizada;

Edifício onde funciona a Agência do Banco do Brasil S.A.

Vista de uma lavoura tritícola

daí, lentamente, na base de duas a mais em cada ano, foram se desenvolvendo com recursos próprios até 1955, quando já se contavam em número superior a uma dezena. Nesse ano foi instalada na cidade uma agência do Banco do Brasil, que passou a financiar aos agricultores o cultivo do trigo, sendo os maiores plantadores:

Felix Porciúncula Sampaio .	500 ha	Bernardo Fruett ...	200 ha
Dary Kurtz	800 ha	Xisto dos Santos ..	150 ha
Júlio Vieira Machado	400 ha	Abílio S. da Silva .	200 ha
Irineu A. Breitemback ...	600 ha	Dequi & Filhos ..	500 ha
Tritícola Palmeirense Ltda.	500 ha	Souza & Preuss ...	300 ha
Jorge Elias Quedi	400 ha	Irmãos Portela ...	400 ha
Rugoski & Cia.	800 ha	João Gonçalves ...	300 ha
Dorvalino Luciano de Souza	300 ha	João Moura Martins	300 ha
Gélio S. Cunha Martins ..	1 000 ha	Paulo Pereira Melo	400 ha
Benoni Lima Amaral	300 ha	Miguel Sampaio ..	300 ha
Irmãos Beck	500 ha	Pedro Barreiro ...	450 ha
Luiz Gemelli	600 ha	Jardelino Cruz ...	250 ha
Atílio Bonesso	300 ha	Plínio Dutra	600 ha

Antes da mecanização da lavoura, já a agricultura ocupava o primeiro lugar na economia do município e a produção total anual de trigo atingia mais de 200 mil sacos, alcançando, atualmente, 700 mil. Também a mandioca, milho e feijão-soja tiveram a sua produção aumentada, pois os plantadores de trigo têm se dedicado ao cultivo dêsses produtos. Dos centros consumidores dos produtos agrícolas do município conta-se a Capital do Estado em 70% e mais os seguintes municípios: Cruz Alta, Ijuí, Caràzinho, Capital Paulista e Distrito Federal. Entre os produtos agrícolas cultivados, o trigo ocupa o primeiro lugar, vindo, logo após, milho, feijão, mandioca, batata-inglêsa e feijão-soja.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	47 400	284 400
Milho	15 450	25 750
Mandioca	68 690	13 738
Fumo	1 395	5 766

Valor total da produção: Cr$ 354 018 034,00.

Avicultura — Não existem criadores organizados no município. As aves existentes atingem um total de .... Cr$ 320 000,00 e são de raça comum.

Pecuária — A pecuária do município tem na suinocultura uma das suas principais fontes de renda. No entanto, os bovinos são criados mais para atender às necessidades locais, no que tange ao abastecimento de carne verde, leite e animais para o trabalho, do que pròpriamente com o fito pecuarista pròpriamente dito. Êsse fato se justifica pelas péssimas qualidades das pastagens, onde predomina a "barba-de-bode". Raças preferidas: suínos — duroc; bovinos — holandês, charolês, zebu e jérsei; cavalares — árabe.

Principais Criadores	*Fazendas*	*Raças preferidas*
João Sampaio Amado ...	de Guarita	Zebu
Walzumiro Pereira Dutra .	do Salso	Zebu
Dary Kurtz	Vista Alegre	Charolês
Celso P. Sampaio	São Francisco	Zebu
Fernando Scherer	Scherer	Holandês
Carlos Coirolo	Guaritinha	Zebu e Jérsei
Luciano Machado	Passo Grande	Holandês

A produção pecuária quase que na sua totalidade é consumida pelo próprio município.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	60 000	102 000
Eqüinos	6 000	5 400
Muares	2 000	2 200
Suínos	103 200	72 240
Ovinos	10 000	2 700
Caprinos	200	30

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	744 500	12 099 740
Carne verde de suíno	112 279	1 747 120
Carne salgada de suíno	228 204	5 504 204
Carne verde de ovino	15 109	215 434
Carne verde de caprino	510	7 038
Couro verde de boi, vaca e vitelo ..	32 864	190 611
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	43 984	448 577
Couro salgado de boi, vaca e vitelo ..	33 143	208 801
Couro salgado de suíno	57 595	972 705
Pele verde de ovino	396	7 920
Pele sêca de ovino	691	15 893
Pele sêca de caprino	26	468
Banha refinada	717 736	25 035 820
Banha não refinada	7 514	246 084
Toucinho fresco	137 071	3 139 017
Salsicharia a granel	39 363	1 171 580
Total	2 170 986	51 011 012
Secundários	106 488	936 590
Total Geral	2 277 474	51 947 602

Indústria — Palmeira das Missões conta com 298 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 828 operários. O valor total da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 120 506 000,00. O município prepara vários tipos de erva para chimarrão, que o tornaram famoso em todo o Estado e, mesmo, fora dêle. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: indústrias alimentares, 74,3%; indústria de bebidas, 0,8%; indústria da madeira, 19,0%; transf. de produtos minerais, 2,9%; couros e produtos similares, 0,5%; indús-

trias químicas e farmacêuticas, 0,2%; indústria do mobiliário, 0,8%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,5%.

Principais Indústrias	*Ramos de Atividade*
Eduardo A. S. Forte	Erva-mate
Felipe Willibaldo Stefens	Tábuas
Constante Luiz Gemelli	Tábuas
José Pozini	Tábuas
Knorr & Cia. Ltda.	Ripas e tábuas
Lorenzoni & Cia. Ltda.	Tábuas
Adilno Pereira Melo	Pranchas de madeira
Ricardo Dequi	Tábuas
Zanchet & Cia. Ltda.	Pranchas e tábuas
Indústria Palmeirense do Mate Ltda.	Farinha de trigo e erva-mate
Zanchet & Cia. Ltda.	Farinha de trigo
Frigorífico Palmeira Ltda.	Banha de porco
Serafim de Moura Reis Neto	Erva-mate
Turíbio Nery da Veiga	Erva-mate

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Fazendas, ferragens e armarinhos	14
Secos e molhados	12
Calçados	3
Casas de móveis	2
Casas de rádios	3
Casas de refrigeradores	2

As transações comerciais são mantidas com São Paulo, Pôrto Alegre, Caràzinho, Cruz Alta, Panambi e Passo Fundo.

São 3 as agências bancárias existentes na sede: Banco do Brasil S. A.; Banco Agrícola Mercantil S. A.; Banco Nacional do Comércio S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Panambi, rodov. (55 km); Sarandi, rodov. (56 km); Frederico Westphalen. rodov. (84 km); Caràzinho, rodov. (109 km); Ijuí, rodoviário (115 km); Três Passos, rodov. (130 km); Iraí, rodov. (108 km); Tenente Portela, rodov. (132 km); Cruz Alta, rodov. (99 km) ou misto — rodov. (62 km) até Santa Bárbara do Sul e ferrov. (57 km); à Capital Estadual, rodov. (475 km) ou misto: a) rodoviário (62 km) até Santa Bárbara do Sul, daí ferrov. (615 km), b) aéreo, fazendo o percurso rodov. até Cruz Alta (99 km) ou até Caràzinho (109 km); à Capital Federal, via Pôrto Alegre, já descrita, a) rodov. (1 865 km), b) ferrov. (2 104 km), fazendo um percurso rodov. (62 km) até Santa Bárbara do Sul.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica, pelo sistema hidrelétrico, serviço êsse inaugurado no ano de 1953.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	22
Ruas	18
Avenida	1
Travessas	3

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	2
Parcialmente pavimentados	12
Totalmente calçados c/paralelepípedos	2
Parcialmente calçados c/paralelepípedos	4
Totalmente calçados c/pedras irregulares	2
Parcialmente calçados c/pedras irregulares	10
Parcialmente ajardinado	1
Totalmente ajardinados	3
Totalmente arborizados	3
Parcialmente arborizado	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	890
Zona urbana	403
Zona suburbana	487

SEGUNDO O N.º DE PAVIMENTOS

Térreo	874
Dois pavimentos	15
Três pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	777
Residências e outros fins	55
Exclusivamente a outros fins	58

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	21
Número de ligações elétricas domiciliares	998
Número de focos para iluminação pública	115

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo para iluminação pública	12 000 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o munic.	83 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Há um centro telefônico

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há 1 agência na sede e três agências distritais.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede municipal: Hotel do Comércio, com diárias de Cr$ 280,00 para casal e ...... Cr$ 150,00 para solteiro; Hotel Maroso, Cr$ 260,00 para casal e Cr$ 140,00 para solteiro; Pensão Familiar, ... Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro e Pensão Hilário, Cr$ 220,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

Automóveis	135
Ônibus	3
Camionetas	41
Motociclos	4
Total	183

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	287
Camionetas	18
Fechados para transporte de mercadorias	21
Tratores	9
total	335

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	78
Carros de quatro rodas	2
Bicicletas	35
Total	115

PARA CARGAS

Carroças de quatro rodas	820
Outros	25
Total	845

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 48% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 43%. Em 1955, havia 144 unidades de ensino fundamental comum, com 7 527 alunos. Há no município 1 unidade de ensino ginasial e 1 de ensino pedagógico.

Outros aspectos culturais — Conta a cidade com um semanário, 3 sociedades recreativas, 4 sociedades desportivas e 2 tipografias; 1 emissora de rádio, com prefixo ZYW-9, freqüência de 1 590 kc, potência 100 watts, 1 tôrre irradiante, 1 palco auditório com capacidade para 80 pessoas, 2 microfones, discoteca com 237 discos e 9 empregados. Dois cinemas, com capacidade de 650 lugares.

CANCHA RETA — Há sòmente 1 cancha reta, nos subúrbios da cidade, para corridas de cavalos. Dessa modalidade de esportes se vêm desinteressando os aficionados. Valor estimativo das apostas em 1956: Cr$ 350 000,00 nas poucas corridas realizadas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Há no município 4 hospitais, com um total de 155 leitos. Em 1955 foram internados 2 965 enfermos, sendo 699 homens, 1 018 mulheres e 1 248 crianças. Há 3 aparelhos de raios X diagnóstico, 5 salas de operações, 3 salas de parto, 4 salas de esterilização, 3 laboratórios, 3 farmácias e 1 gabinete dentário. Exercem a profissão 8 médicos, 9 dentistas e 7 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Uma Associação de Damas de Caridade, 1 Sociedade Beneficente Operária e 1 Asilo, em construção.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — 1 veterinário e 1 agrônomo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 7 advogados.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; de Consumo — 1; de Crédito — 1; total de sócios — 937; valor dos serviços executados — Cr$ 8 350 685,00; valor dos empréstimos — Cr$ 720 100,00.

FESTEJOS POPULARES — Anualmente, em 13 de junho realiza-se a festa em louvor de Santo Antônio, padroeiro da cidade, seguida de procissão. Também, uma vez por ano, faz-se o baile "Gaúcho", promovido pelo "35 — Centro de Tradições Gaúchas", reunindo no salão de festas da melhor sociedade local todos os associados da entidade tradicionalista e, também, representantes de entidades congêneres de outros municípios, especialmente convidados. O salão é ornamentado no sentido de aproximá-lo, na aparência, de um galpão de estância, com chimarrão por tôda parte e traje rigorosamente "à gaúcha".

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — O aeroporto existente se acha em construção, permitindo, de momento, tão-só a aterrissagem de aviões pequenos. Dista 2 500 metros do centro da cidade, tem duas pistas com 50 x 1 600 e 40 x 1 000 metros respectivamente.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	2 164	4 585	4 487	1 309	4 512
1951.......	2 766	7 154	5 144	1 455	3 961
1952.......	3 821	10 041	5 136	1 660	3 738
1953.......	5 930	10 629	6 850	2 132	4 991
1954.......	8 132	12 205	7 333	2 174	5 353
1955.......	11 348	16 191	6 286	2 311	6 430
1956.......	9 119	15 829	8 200	2 622	8 100

PANAMBI — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Seu território encontra-se localizado na zona chamada campo do centro, tendo sido desmembrado do município de Cruz Alta. As origens históricas do município situam-se em 1899, quando o geólogo alemão, Doutor Hermann Meyer, fundou a colônia de Neu-Würtemberg. Cidadão culto e de grande tino comercial adquiriu, mediante contrato de compra, celebrado a 31 de agôsto de 1898, por intermédio de seu procurador Carlos Dhein, duas posses situadas no então quarto distrito do município de Cruz Alta. Os vendedores eram o casal José Joaquim dos Santos Lima e a viúva Maria da Silva Moraes, os quais venderam 4 062,362 m² de terras e 5 445 000, respectivamente. Em 1888, agrimensores que estavam realizando medições na região denominaram o lugar de Salina, talvez porque nessa região morasse um saleiro ou porque aí se espalhasse sal nas pastagens para a alimentação do gado O nome de Neu-Würtemberg foi escolhido por seu fundador, Dr. Hermann Meyer, pela razão de ser um de seus principais conselheiros, em assuntos de colonização, natural de Würtemberg. Posteriormente recebeu as denominações de Elsenau, Pindorama, Tabapirã e finalmente Panambi, que no idioma guarani quer dizer "borboleta".

Em 1.º de maio de 1899, concretizou-se a aquisição mais importante de terras: 12 901 055 m² comprados de Francisco Manoel de Barros. Totalizavam 60 as colônias

Panorama geral da cidade

Vista aérea da cidade

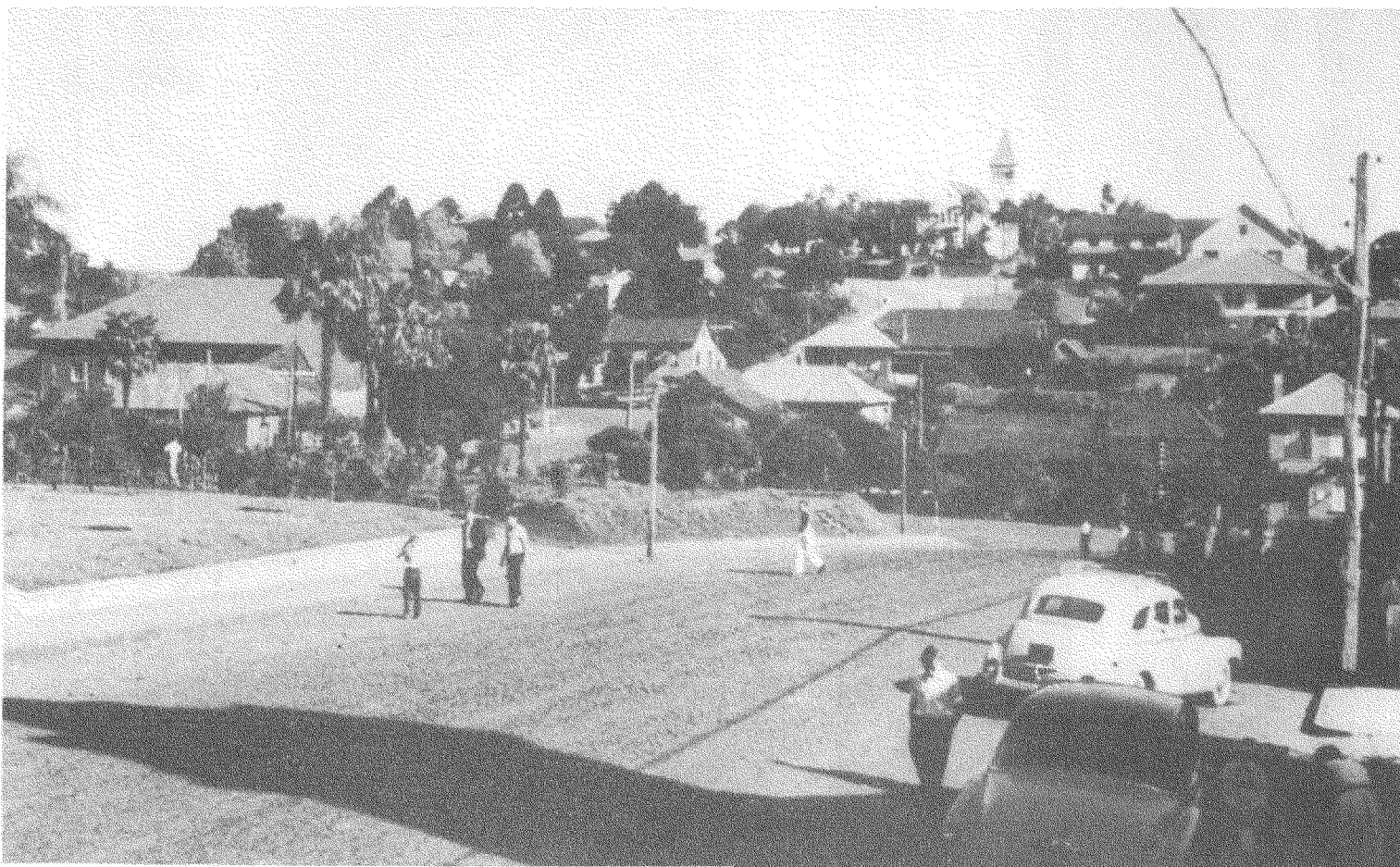
que Francisco Manoel de Barros obtivera do govêrno em 1888. Atualmente é zona urbana do município.

O primeiro núcleo de moradores do atual município de Panambi constituía-se dos cidadãos: José da Encarnação, Jacob Bock, Peter Bock e Ernst Müller. A 7 de agôsto de 1899 chega a segunda leva de colonos que se estabeleceu na atual sede do município. Todos os colonos, com exceção de um, eram descendentes de pomeranos, residentes em São Lourenço e Pelotas: Germano Venske, Augusto Schmidt, Augusto Steinhorst e Germano Goeks.

Panambi surgiu, como núcleo colonial, devido a migrações internas, pois sua população é constituída em grande parte por brasileiros de origem alemã. Durante os dois primeiros períodos de imigração, de 1889 a 1905 e de 1911 a 1914, estabeleceram-se nos vastos campos de seu território quase exclusivamente colonos oriundos de municípios gaúchos.

Sòmente após a primeira guerra mundial é que chegou da Alemanha o primeiro contingente de imigrantes: eram 178 famílias. A 6 de outubro de 1899, Hermann Meyer dissolveu a sociedade que tinha com Carlos Dhein, para em 6 de janeiro de 1900, fundar a "Emprêsa de Colonização Dr. Hermann Meyer". Inicia-se assim nova fase da colônia Neu-Würtemberg. Em 1901 o Dr. Hermann Meyer contrata, como colaborador, o jovem teólogo, Secretário da Escola Colonial de Witzenhausen, Hermann Faulhaber, natural de Würtemberg, na Alemanha. Êste homem, sumamente prático, ativo e enérgico, seria pessoa indicada para a colônia. Impunha-se a criação de curato e Faulhaber assumiu a direção do mesmo, após a fundação.

Uma terceira leva de imigrantes chegou à colônia depois da primeira guerra mundial. Os imigrantes entre os anos de 1921 e 1926 eram em sua maioria alemães natos: 176 famílias, com 650 pessoas, das quais três quartos eram seguramente de Würtemberg. Ocupou esta leva de imigrantes os lotes disponíveis da colônia, trazendo como conseqüência grande progresso à mesma. A Sr.ª Maria Faulhaber, espôsa de Hermann Faulhaber, prestou relevantes serviços à colônia. Após a morte de Hermann Faulhaber, em julho de 1926, foi nomeado para sucedê-lo o Sr. Eduard Hempe. Durante as revoluções que ensangüentaram o Rio Grande, mais de uma vez, a colônia estêve ameaçada. Na manhã de 14 de maio de 1923 Panambi foi assaltada e saqueada por mais de cem homens das fôrças sediciosas. Tal acontecimento não se repetiu, pois em íntima colaboração com as autoridades civis e militares organizou-se imediatamente o serviço de defesa própria, que em breve atingiu

Vista do centro da cidade

Vista parcial da Praça Maurício Cardoso

800 homens, havendo além disso uma fôrça de reserva orçada em 110 homens.

Um fato digno de registro ocorreu na colônia, por ocasião da revolução de 1923, quando o general rebelde Leonel Rocha se aproxima da colônia com uma fôrça revolucionária de 800 a mil homens. A colônia foi salva por uma fôrça organizada na região e por pequeno contingente de fôrças do Exército. A 14 de dezembro de 1923 era firmado, finalmente, o pacto de Pedras Altas, que pôs fim à revolução.

Eclodindo um ano mais tarde a revolução de 1924 mostrou o Serviço de Defesa Própria mais uma vez sua eficiência. Durante a revolução de 1930, cêrca de 200 voluntários apresentaram-se para lutar.

Em 1.º de maio de 1916 foi elevada à categoria de distrito a colônia de Neu-Würtemberg, como parte integrante do município de Cruz Alta. Em 1949 seus habitantes levantaram a bandeira da emancipação, que só foi vitoriosa, depois de uma árdua e longa campanha, em 15 de novembro de 1954, pela Lei estadual n.º 2 524, data da emancipação do município. Nas eleições de 22 de fevereiro de 1955 foram eleitos primeiro Prefeito Municipal, assim como os componentes da Câmara de Vereadores, os seguintes cidadãos: Prefeito Municipal: eng.º Walter Faulhaber; Presidente da Câmara: Rudolfo Arno Goldhart; vereadores: Belizário Gentil de Oliveira, Rudi Arnoldo Franke, Edmundo Raheimer, Germano Keller, Adolfo Eberte e Florinal Duarte da Rosa. Através do trabalho persistente de seus filhos, o município de Panambi pode situar-se como um dos promissores do Estado.

Igreja Evangélica

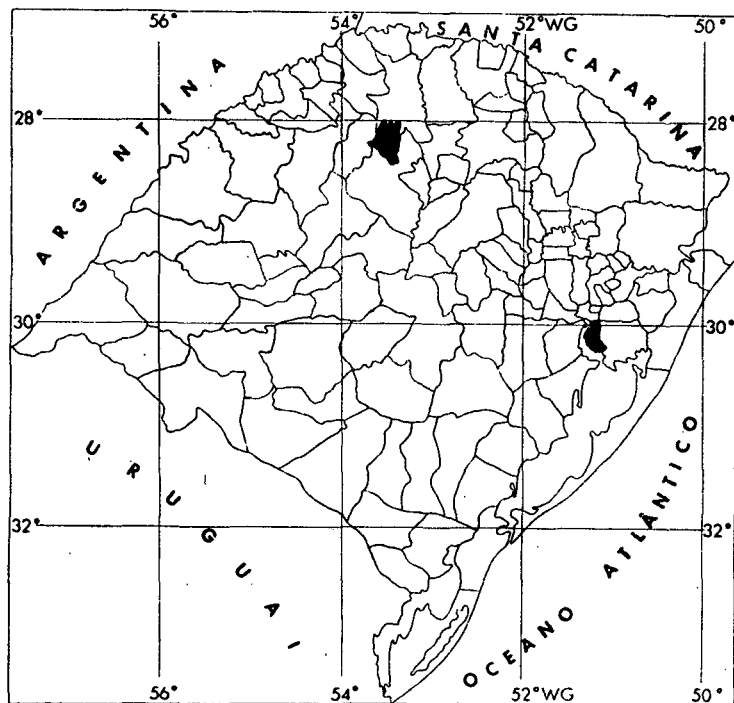
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Panambi 18 100 habitantes, localizando-se 3 000 na sede e 15 100 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 12,92 habitantes por quilômetro quadrado; 0,38% sôbre a população total do Estado. Área do município: 1 401 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Panambi e vila Condor.

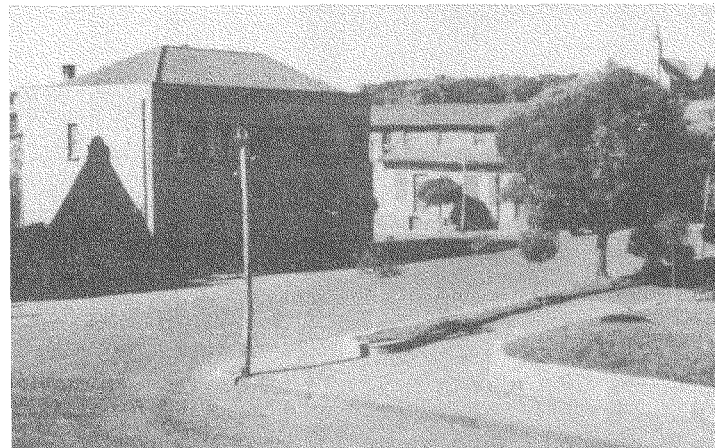
Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Panambi	512	8	142	95	14	417

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 18' de latitude Sul e 53° 31' 12" de longitude W.Gr. Dista em linha reta 294 km da Capital do Estado. Rumo: N.O. Altitude: 505 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Panambi está situado no Planalto Médio do Rio Grande. Rios: Palmeira, que divide o município com os distritos de Panambi e Condor, até a confluência do arroio Biaraju. Daí até a confluência do arroio Caxambu, serve de limite com o município de Ijuí, onde passa a denominar-se rio Ijuí. Arroios: Biaraju, Catiti, Aterrado dos Motas, que servem de limite com os municípios de Ijuí e Palmeira das Missões; Morimotimã, Abrantes, Taboão, Alegre, todos fazendo divisa com Palmeira das Missões. Caxambu, Passo Liso, Encarnação, na divisa com Cruz Alta. Há, ainda, a cascata do arroio Palmeira, onde está instalada a usina hidrelétrica de Panambi. A pesca é praticada sem fito econômico.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado, sendo as seguintes as médias de temperaturas ocorridas em 1956: máxima — 22,2°C; mínima — 14,2°C; compensada — 17,9°C. Chuvas: precipitação anual de 1 011 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

Vista parcial da Rua Alfredo Brenner

Trecho da Rua Gaspar Martins

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Palmeira das Missões; ao sul; Cruz Alta; a leste; Palmeira das Missões e Cruz Alta; a oeste, Ijuí.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura constitui um dos mrincipais fatôres para a vida do município.

PRINCIPAIS AGRICULTORES	*PRODUTO*	*ÁREA CULTIVADA*
		ha
Emprêsa Santa Luizinha	trigo	420
Erico Rahmeier	trigo	750
Ernesto Strobel	trigo	500
José Luiz Weschenfelder	trigo	500
Hermann Strobel	trigo	280
Helmuth Waldow	trigo	250
Alfredo Keller	trigo	160
Julio Barcelos	trigo	150
Eugênio Strobel	trigo	120

Os proprietários acima indicados, além das lavouras de trigo, cultivam milho, soja e mandioca.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
trigo	6 000	36 000
arroz	900	4 500
batata-inglêsa	600	2 500
cana	3 000	600

Valor total da produção: Cr$ 95 713 250,00.

Pecuária — A pecuária, com menos expressão do que a agricultura, não deixa de ser um fator de enriquecimento do novo município. O rebanho suíno, com 60 000 cabeças, é o mais importante.

Principais criadores de suínos	*Raças preferidas*
Schäfer & Hartmann	duroc e crioulo comum
Alves Kleisner	duroc e crioulo comum
Sociedade Prante Ltda.	duroc, jérsei e crioulo comum
Willy Dietrich	duroc e crioulo comum
Lindolfo Kranke	duroc e crioulo comum
Dorval Vicente Lírio	duroc e crioulo comum

Principais criadores de bovinos	*Raças preferidas*
Taltíbio Alves da Silva	holandês, jérsei e zebu
Lindolfo Franke	holandês e zebu
Dorval Vicente Lírio	holandês e jérsei

O único gado exportado é o suíno. Os principais mercados consumidores são: Cruz Alta, Santa Maria e Marau. As raças mais exportadas são crioulo comum, duroc e jérsei. A importação é pequena e as raças preferidas são: jérsei e duroc, do município de Santa Rosa.

Templo Católico

Indústria — Conta o município de Panambi com 81 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 498 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 59 783 000,00.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	*RAMOS DE ATIVIDADE*
Ernesto Rehn	Máquinas p/lavoura
Kepler Weber & Cia. Ltda.	Trilhadeiras
Roberto F. Renke	Madeira serrada
Malharia Helvetia Ltda.	Artigos de malha
Malharia Panambi Ltda.	Artigos de malha
Oscar Strucker & Cia. Ltda.	Sapatos
Hemesath S.A. Ind. & Com. e Agricultura	Banha

COMÉRCIO E BANCOS — No município existem 16 estabelecimentos de secos e molhados; 6 casas de ferragens, 13 casas de fazendas, 2 armarinhos, 2 casas de móveis e 2 casas de aparelhos elétricos. Principais centros de transações comerciais: Pôrto Alegre, Pelotas, Cruz Alta, Santa Maria, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e São Leopoldo. Há no município 2 agências bancárias e uma agência da Caixa Rural.

Vista parcial do centro da cidade

MEIOS DE TRANSPORTE — Panambi liga-se aos municípios de: Cruz Alta, rodov. (47 km); Palmeira das Missões, rodov. (54 km); Ijuí, rodov. (56 km); Cruz Alta, ferrov. (31,4 km). Capital estadual: rodov. (480 km). Capital Federal, via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica. Sistema hidrelétrico, inaugurado em 1926.

Melhoramentos urbanos

Logradouros públicos	39
Ruas	37
Travessas	2

Situação dos logradouros

Totalmente pavimentados	3
Parcialmente pavimentados	8
Arborizados	7
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1
Totalmente calçados c/pedras irregulares	3
Parcialmente calçados c/pedras irregulares	8

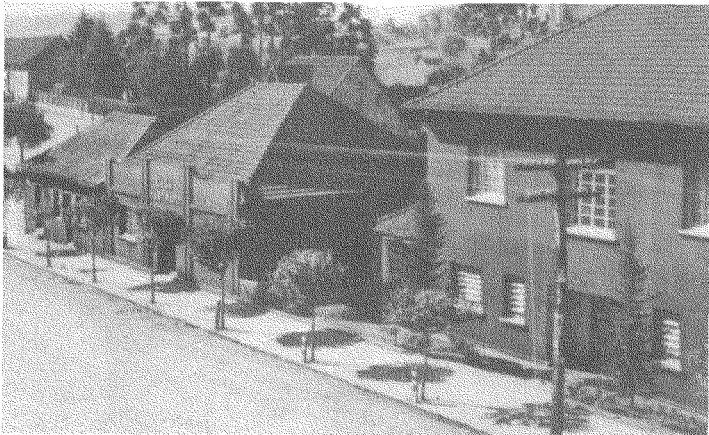
Área de pavimentação

32 436 m² calçados c/pedras irregulares

Rêde elétrica

Logradouros servidos pela rêde	4
Número de ligações elétricas domiciliares	929
Número de focos para iluminação pública	231

Produção de energia elétrica

Total do município	620 356 kWh
Da sede municipal	413 571 kWh
Consumo para iluminação pública	27 820 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o município	271 366 kWh

Outra vista parcial da Praça Maurício Cardoso

Rêde telefônica

Aparelhos em uso na sede municipal	89

Taxas telefônicas cobradas

Residências	Cr$ 107,00
Comércio e indústria	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município vários hotéis e pensões, que são:

NOME	DIÁRIAS casal Cr$	DIÁRIAS solteiro Cr$
Hotel Franke	240,00	120,00
Hotel Panambi	200,00	100,00
Pensão Familiar	200,00	100,00
Gerd Goetz Zell, Pensão	160,00	80,00
Pensão Familiar de Doralino de Campos	160,00	80,00

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	47
Ônibus	6
Camionetas	32
Motociclos	21
Total	106

Para transporte de cargas

Caminhões	60
Tratores	2
Total	62

Veículos a fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	60
Carros de quatro rodas	50
Bicicletas	450
Total	560

Para cargas

Carroças de duas rodas	70
Carroças de quatro rodas	800
Outros	30
Total	900

INSTRUÇÃO E CULTURA — Em 1955 havia no município 40 unidades escolares do ensino fundamental comum com 1 928 alunos matriculados, 1 unidade de ensino ginasial e 1 de comercial.

Outros aspectos culturais — Há no município um semanário: "Panambi, Cidade das Máquinas", suplemento do Diário Serrano de Cruz Alta. Sociedades recreativas e esportivas, 24 entidades. Existem, ainda, 3 sociedades culturais, uma biblioteca de caráter geral, com 3 758 volumes; uma tipografia e dois cinemas, com capacidade para 330 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — 4 dentistas, 4 médicos e 3 farmacêuticos exercem a profissão no município. Há dois hospitais, totalizando 54 leitos, tendo sido hospitalizados, em 1955, 1 237 enfermos, assim discriminados: 476 crianças, 283 homens e 478 mulheres. Contavam os hospitais com 2 aparelhos de raios X diagnóstico, 2 salas de operação, 5 salas de parto, 2 de esterilização, uma de eletrocardiografia, 1 laboratório e uma farmácia.

ENGENHEIRO RESIDENTE — 1 engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Por ser município novo, ainda está sob a jurisdição de Cruz Alta.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Crédito — 2; total de sócios — 2 896; valor dos empréstimos — Cr$ 6 002 882,00.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1952	—	2 884	—	—	—
1953	4 042	3 609	—	—	—
1954	4 913	4 314	—	—	—
1955	7 307	6 482	2 659	1 318	2 371
1956 (*)	—	10 744	4 908	1 828	4 691

(*) Receita arrecadada — Federal — dados coletados na Prefeitura, em virtude de não existir Coletoria no Município.
NOTA — Orçamento municipal — sòmente a partir de 1955, pois o município foi criado em 15-1-1954.

PASSO FUNDO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na chamada Zona Fisiográfica do Planalto. Possui terrenos ondulados, campos de grande extensão, pertencentes à formação triássica. O povoamento começou nas primeiras décadas do século XIX. Quando o elemento branco penetrou na região para colonizá-la, encontrou, vagando pelos vastos campos e matas, os índios das tribos tapes e caingangs, êstes conhecidos pelos nomes de coroados e bugres. Eram chamados coroados por usarem o corte de cabelo à moda dos padres franciscanos. Eram ferozes, sustentavam-se da caça, de mel e frutas, além de cultivarem feijão e milho. Em cada aldeia havia um chefe-pai, bem como um cacique geral. Êsses chefes eram hereditários ou elegíveis. Possuíam uma lenda sôbre o dilúvio que cobriu tôda a terra, e do qual se salvou o caingang, subindo a serra.

Deu origem à localização do município o fato de ser pousada obrigatória dos tropeiros que, vindos da fronteira sul, demandavam a então Província de São Paulo, o maior mercado comprador de muares. A região era infestada por índios hostis, que atacavam as tropas de mulas, principalmente no lugar denominado "Mato Castelhano", que era muito denso. Os tropeiros, por medida de segurança, preferiam cruzar a zona do matagal, durante o dia, e por isto pernoitavam antes no chamado "passo fundo", um lugar alto, do qual descortinavam a região e onde dispunham de

Vista parcial aérea da cidade

boa aguada. Tornou-se, assim, parte do chamado "Caminho dos Paulistas".

Da Província de São Paulo, a partir do ano de 1827, luso-brasileiros vieram estabelecer-se nestas paragens, atraídos pelos imensos campos devolutos existentes na época.

Sabe-se que o primeiro morador efetivo do município foi o alferes Rodrigo Felix Martins, que se radicou, em 1827, nas proximidades da atual estação de Pinheiro Marcado, exercendo logo a seguir diversos cargos públicos. Logo depois chegaram outros, como Alexandre da Motta, Bernardo Paz e Manoel José das Neves, sendo êste o primeiro morador efetivo da atual cidade de Passo Fundo. Manoel José das Neves ficou conhecido por cabo Neves e, posteriormente, como cap. Manoel José das Neves, graduação que recebeu por ter servido na campanha do Prata, em que se travou a célebre batalha do Passo do Rosário. Localizando-se no município requereu êle, em 1831, as terras da atual cidade, através de carta fornecida pelo Comando Militar de São Borja.

A primeira capela erigida em Passo Fundo foi concluída em fins de 1835, tendo sido a licença para sua construção requerida à autoridade eclesiástica de Pôrto Alegre, no ano de 1834, por Joaquim Fagundes dos Reis e outros moradores. Foi construída em terrenos doados pelo cap. José Manoel das Neves e levou a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que, assim, ficou sendo padroeira do município. Não possuía Cura efetivo, por isso não se pode precisar o nome do responsável.

Passo Fundo foi elevado à categoria de freguesia pela Lei n.º 99, de 26 de novembro de 1847, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição d'Aparecida de Passo Fundo, têrmo da vila do Espírito Santo da Cruz Alta (hoje Cruz Alta).

O território do atual município pertencia, antes de seu desdobramento, ao município de Cruz Alta. Em 28 de janeiro de 1857, pela Lei provincial n.º 340, foi criada a comuna e instalada a 7 de agôsto de 1857, sendo a 22.ª do Estado.

Naquela época as comunas eram governadas pelas Câmaras de Vereadores, que exerciam funções legislativas, cabendo a execução do deliberado pela maioria dos pares ao presidente da Câmara, que era o vereador mais votado.

A 3 de fevereiro de 1857, o presidente da Província, conselheiro brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho, baixou portaria mandando proceder às eleições para vereador do novo município. A 7 de agôsto de 1875, com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Cruz Alta, foram empossados os vereadores eleitos e instalada a Câmara Municipal de Passo Fundo que estava assim constituída: Manoel José de Araújo — presidente; Joaquim Fagundes dos Reis, Antônio Mascarenhas Camello Júnior Manoel da Cruz Xavier, Cesário Antônio Lopes. Suplentes: José Joaquim de Oliveira, Antônio Ferreira Mello Pinheiro e José Inácio do Canto Landim.

O serviço judiciário instalou-se a 21 de setembro de 1857, assumindo as funções de juiz municipal o coronel Antônio de Mascarenhas Camello Júnior. A instalação da comarca, porém, só ocorreu a 7 de setembro de 1875.

O plantio do trigo na região parece que se deu em 1858, ano em que foi elaborado um levantamento estatístico

Praça Marechal Floriano

agrícola, figurando com uma plantação de 1 600 litros. A colheita resultante desta plantação não foi nada animadora pois sòmente se produziram 19 200 litros, rendimento muito pequeno, talvez irregularidade das condições atmosféricas ou outros fatôres. Em 1875 a plantação de trigo estendia-se por 653 400 metros quadrados, havendo, portanto, um progresso bantante grande. Com o correr dos anos a cultura dêste cereal foi tomando vulto, chegando, em dias de hoje, a uma grande produção.

Em 24 de outubro de 1857, a Câmara Municipal reclamava que fôssem instalados serviços do Correio, em Passo, mas êstes sòmente foram instalados em 1860. Neste mesmo ano, ao que parece, não estavam em uso as sobrecartas: a correspondência dirigida à Câmara era dobrada pela maneira que, ainda hoje, se faz com as circulares, subscrita no verso do duplo da fôlha e colada com obreias ou lacradas. Em 1888, dois estafetas trabalhavam, na linha postal. Da Capital vinham os jornais "A Reforma", do Partido Liberal; "O Conservador", do Partido Conservador; "A Federação", do Partido Republicano e uns dois de língua alemã. A Agência do Correio, nesta época, estava instalada na farmácia de propriedade de Gabriel Bastos. O aparecimento do telégrafo efetuou-se sòmente em 1889, apesar de sua construção ter sido autorizada por Lei provincial n.º 862, de 8 de abril de 1873. A estação telegráfica da cidade foi inaugurada festivamente no dia 29 de novembro, a cargo do telegrafista Joaquim Pires de Oliveira. Com a revolução Federalista de 1893 a linha foi destruída, sendo reconstruída após a pacificação do Estado em 1895.

Em 13 de maio de 1888, quando da libertação dos escravos, já o município estava livre da mancha do cativeiro. Antes, mesmo, da Lei do Ventre Livre já tinha sido fundada, em 13 de agôsto de 1871, a sociedade que visava a emancipação de crianças do sexo feminino, tendo como presidente o Dr. Cândido Lopes de Oliveira e major Antônio Ferreira Prestes Guimarães, como secretário.

A Sociedade abolicionista deixara assentado, em sua fundação, que, anualmente, comemoraria a independência nacional com uma festa em que, à custa dos fundos sociais, fôssem libertadas crianças compreendidas em seu programa.

Em 1884 uma moção apresentada por Antônio Ferreira Prestes Guimarães — outro expoente da Sociedade de 1871, eleito vereador em 1882 à Câmara Municipal — em sessão de 3 de setembro, por unanimidade aprovava essa moção, na qual encampava o movimento abolicionista vitorioso da região e dizendo que a vila deveria ser emancipada até o dia 28 de setembro, promovendo a redenção dos cativos, sem violências e vexames. Em 28 de setembro a Câmara Municipal, em sessão solene, proclamava a liberdade de 300 cativos.

A 11 de dezembro de 1884, a edilidade telegrafa ao Presidente da Província, conselheiro José Júlio de Albuquerque Barros, nos têrmos que se seguem, transmitindo o resultado da campanha encetada com a moção de 3 de setembro do mesmo ano. "No dia 2 do corrente, com 246 cartas de libertação, ficou emancipada a comarca com exceção dos escravos de orfãos, interditos e ausentes. Esta Câmara exulta com V. Excia. por este faustoso acontecimento, que tanto nobilita o patriotismo popular."

A idéia republicana já estava bastante enraizada, no município, quando foi proclamada a República. Durante a revolução farroupilha, é preso, conduzido a Pôrto Alegre e, posteriormente, enviado a Villegaignon, no Rio de Janeiro, o republicano Fagundes, que mais tarde é sôlto. De volta aos pagos, ainda mais cresce seu prestígio. Depois de finda a grande revolução, o silêncio pairou sôbre os princípios republicanos. Anos depois, quando recrudesceu a propaganda republicana, o primeiro a declarar-se, por esta idéia, foi Francisco Prestes, isto mais ou menos em 1880 ou 1881. Seguiram-lhe os passos Manoel Araújo Schell, Pedro Pereira dos Santos, Afonso Caetano de Souza, Fidêncio Pinheiro, Fernando Zimmermann, Irineu Lewis, José Savinhone Marque Sobrinho e Lúcio Martins de Morais.

Os adeptos desta idéia, no município, eram elementos jovens. Faziam reuniões, iluminadas por velas, que era o usual, e eram por isso ridicularizados por elementos contrários, com o epíteto de "Clube do Tôco de Vela".

Os filhos de Passo Fundo souberam da grande notícia da Proclamação da República da seguinte forma: na época estavam sendo estendidos os fios telegráficos, por uma Comissão de engenheiros militares acampada, na ocasião, em Estância Nova. Ali souberam que a República fôra proclamada. Por um próprio da Comissão foi levada a boa-nova a Passo Fundo. Isto já quase ao pôr do sol de 16 de novembro. A 22 de dezembro era a edilidade dissolvida pelo governador provisório do Estado, Visconde de Pelotas, sen-

Vista parcial da Rua Moron

Vista da Avenida Brasil

do nomeada para substituí-la uma junta composta dos seguintes membros: cap. José Pinto de Morais, Gabriel Bastos e Jerônimo Lucas Annes, republicanos. A junta nomeou para exercer os cargos mais importantes, no município, as seguintes pessoas: secretário, Manoel de Araújo Schell; procurador, Octávio de Miranda Santos; aferidor, Floriano José de Oliveira.

Em 1889, em 17 de junho, inaugurava Tomás Canfild a "Colônia Canfild" iniciada com três famílias de agricultores italianos, sendo seus chefes Trinco Joseph, João e Silvestre Bucco. Esta colônia sofreu sérios entraves em seu desenvolvimento, por falta de vias de comunicação para saída de seus produtos; situação política anômola que se viria agravar mais tarde com a revolução de 1893.

Pacificado o Estado e com a construção da estrada de ferro em 1897, o progresso começou a difundir-se na região. Nessa época foi empreendida pela firma Schmitt & Oppitz a colonização do Alto Jacuhy, com sede em Não-Me-Toque, seguindo-se a de Saldanha Marinho, iniciada em 1898 pela emprêsa Costa, Silva & Cia. e a de Dona Ernestina, do coronel Ernesto Carneiro da Fontoura, encetada em 1899. Surgiram, mais tarde, as colônias de Marau, Teixeira, Sertão, Sarandi, Santa Cecília, Weidlich, Varzinha, Erexim, 7 de Setembro, Tamandaré, Selbach e Boa Esperança.

Na revolução de 1893 diversos combates travaram-se no município. Em 20 de novembro de 1893, o chefe revolucionário Veríssimo da Veiga derrota uma fôrça legal comandada pelo major Felisberto Anes que pereceu em combate. A coluna de Gumercindo Saraiva acampa nos arredores de Curitibanos.

Em 20 de dezembro de 1893, trava-se o combate do Passo da Cruz, entre rebeldes comandados pelo major João de Souza Ramos e legalistas às ordens do capitão Eleutério dos Santos, que pereceu lutando bravamente.

Em 2 de janeiro de 1894, uma fôrça governista comandada pelo coronel José Gabriel é derrotada pelas fôrças revolucionárias, na localidade de Umbu.

A 8 de fevereiro de 1894 o coronel Santos Filho derrotou, nos Valinhos, uma fôrça revolucionária comandada pelo coronel Veríssimo da Veiga.

A 26 de abril do mesmo ano, a Divisão do Norte que, desde o dia 20, se achava acampada em Pinheiro Marcado, marcha para Nonoai, com o fim de impedir que por essa estrada Gumercindo Saraiva retorne ao Estado.

Em 27 de junho de 1894, fere-se o mais sangrento combate da revolução, no chamado Rincão dos Melos, Gumercindo Saraiva, com suas fôrças rebeldes, trava combate com a Divisão do Norte que lhe interceptara o caminho de Cruz Alta.

A luta inicia-se às 8 horas da manhã com a brigada do coronel Salvador Pinheiro Machado, prolongando-se até o entardecer, quando Gumercindo Saraiva resolve retirar-se. Ambos os digladiantes tiveram grandes baixas. Entre os revolucionários, destacaram-se na luta os coronéis Aparício Saraiva, Timóteo Paim e Torquato Severo. Tiveram êles as seguintes baixas: 88 mortos e 150 feridos. As fôrças governistas representadas pela Divisão do Norte contaram 58 mortos e 112 feridos, entre êles o próprio comandante, general-de-brigada, honorário Francisco Rodrigues de Lima.

Voltando a paz ao Rio Grande, Passo Fundo começa a progredir de modo extraordinário, transformando-se, num dos grandes municípios do Estado.

Combates sangrentos desenrolaram-se, em 1923, no território de seu município. Durante esta revolução, as fôrças rebeldes comandadas pelo general João Rodrigues Mena Barreto, coronel Pedro Lopes de Oliveira e major João Viaux, com 2 000 homens cercaram Passo Fundo. Em socorro dos sitiados encaminharam-se para o município 1 500 soldados, sob o comando do gen. Firmino de Paula. Em 30 de janeiro de 1923, o gen. Firmino de Paula, depois de travar batalha com os rebeldes na ponte de Pinheirinho, entra triunfalmente na cidade, acabando, assim, o cêrco de Passo Fundo. A guarnição sitiada era chefiada pelo tenente-coronel João Cândido Machado.

Atualmente a lavoura está se mecanizando ràpidamente; já em 1956, havia no município, 172 tratores. A plantação de trigo, milho, arroz e a pecuária (bovinos e suínos) são grandes fontes de riqueza do município.

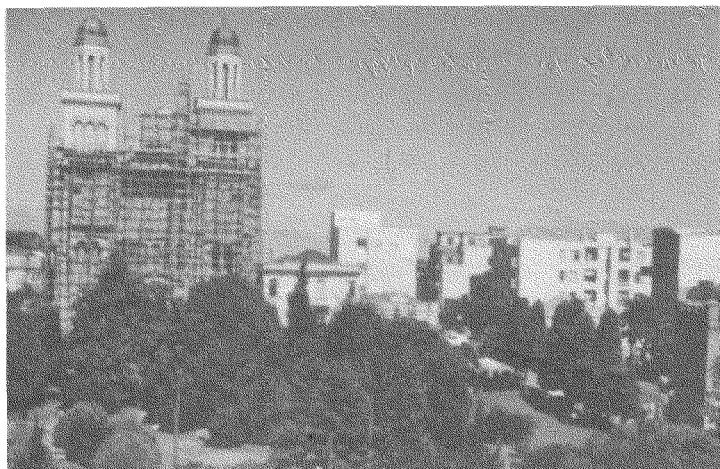
Desmembraram-se de Passo Fundo, desde sua fundação, os atuais municípios de Soledade, Erexim, Caràzinho, Getúlio Vargas, Sarandi, Marau e Tapejara.

Com uma economia pujante e bem orientada, Passo Fundo transformou-se em município de alto índice de progresso.

BIBLIOGRAFIA — *Rememorações do Nosso Passado* — Francisco Antônio Xavier e Oliveira. *O Município de Passo Fundo Através do Tempo* — Francisco Antônio Xavier e Oliveira. *Passo Fundo na Viação Nacional* — Francisco Antônio Xavier e Oliveira. *O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo* — Francisco Antônio Xavier e Oliveira. *Revista do Museu Júlio de Castilhos.*

FONTES — Agência Municipal de Estatística e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul — n.º 4.

VULTOS ILUSTRES — *Dr. Nicolau Vergueiro de Araújo* — Nasceu a 7 de março de 1822, no atual município de Passo Fundo.

Formado em Medicina em 1905, passou a clinicar em sua cidade natal.

Vista parcial de um trecho da cidade, destacando-se a Catedral com suas tôrres

Ingressando na política no Partido Republicano em 1919, foi eleito deputado estadual, sendo reeleito durante cinco legislaturas, e em 1928, eleito presidente da mesma Assembléia.

De 1920 a 1924 ocupou a Intendência Municipal.

Foi líder político de grande notoriedade salientando-se na revolução de 1930, e comandou a resistência do 8.º R. I. sediada na cidade.

Foi jornalista, escrevendo nos órgãos locais e nos de Pôrto Alegre.

Em 1933 e 1934, estêve exilado na Argentina, por ter sido solidário com a revolução constitucional de São Paulo.

Faleceu a 16 de março de 1956.

Joaquim Fagundes dos Reis — Foi o patriarca de Passo Fundo, sendo um dos primeiros moradores do município, então 4.º quarteirão de São Borja, em 1828. Era paulista, natural de Curitiba (o Estado do Paraná era parte integrante de São Paulo), e desempenhou até 1834 as funções de Inspetor do Comando Militar da Zona Missioneira, nesta zona, obediente a São Borja. Sob os seus auspícios foi construída a primeira capela e depois a matriz, dedicada a Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Foi juiz de paz, o primeiro, e gozava do maior prestígio entre a população do nascente povoado de Passo Fundo.

Foi republicano, durante a revolução dos Farrapos, tendo sido prêso pelos imperiais e remetido à ilha de Villegaignon, no Rio de Janeiro, lá permanecendo algum tempo, regressando, em seguida, a Passo Fundo, onde com o predomínio dos republicanos, antes de findar a luta, teve gestos de grande generosidade, salvando muitos imperiais, que estavam em poder dos farroupilhas, conseguindo-lhes a libertação, graças ao seu prestígio.

Quando o município se emancipou, em 1857, foi um dos primeiros vereadores eleitos. Faleceu a 23 de junho de 1863.

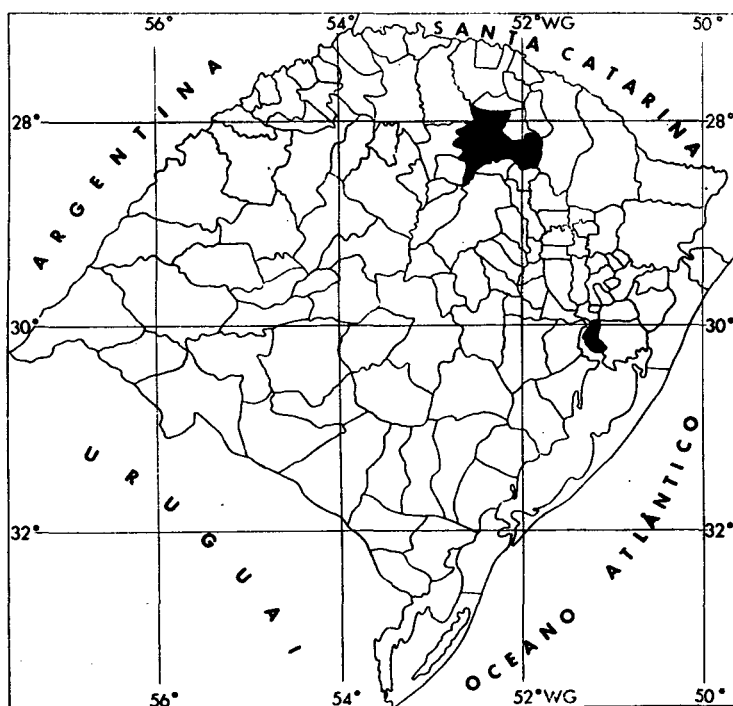
POPULAÇÃO — Conta o município de Passo Fundo 77 390 habitantes, localizando-se 29 210 na sede e 48 130 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 23,04 habitantes por quilômetro quadrado; 1,62% sôbre a população total do Estado; área do município: 3 359 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Passo Fundo; vilas Ametista, Ciríaco, Ernestina, Sertão, Trinta e Cinco.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Passo Fundo...	2 768	41	687	679	222	2 089

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal, 28° 15' 39" de latitude Sul e 52° 24' 33" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do

Estado: rumo N.N.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 225 km. Altitude: 709 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município de Passo Fundo está situado no divisor de águas, separando as correntes que formam o rio Uruguai das que afluem para o Jacuí. A cidade situa-se bem no centro do município e é onde nasce o rio Passo Fundo, antigo Uruguai-Mirim, que tem cêrca de 200 quilômetros de extensão, indo desaguar no rio Uruguai. Ali perto também nasce o rio Várzea, outro afluente do Uruguai, com a mesma extensão. Próximo da cidade, nasce o rio Jacuí. O rio Pirassucê, também denominado rio do Peixe, aluente do rio Ligeiro, que deságua no rio Uruguai. Entre outros rios e arroios, contam-se: Apuaê, São Domingos, Erval, Capingui, Cragoata, Bugre, Quatipi, Xadrez e Pessegueiros. Lagoas: Há duas grandes, mas formadas pelas barragens de Capingui, na divisa com o município de Marau, e do rio Jacuí, em Ernestina, na divisa com o município de Soledade. O terreno é todo coberto de coxilhas, ou colinas verdejantes, com grandes capões ou restingas de mato. Coxilhas mais destacadas: a Geral, cujo tôpo fica na cidade de Passo Fundo (e que se eleva sôbre o dorso dela). Depois vem a coxilha do Campo do Meio, do Popular e do Miranda. Os rios são piscosos, mas com pouca variedade, sendo as mais comuns a traíra, jundiá, lambari e bocudo. A pesca não é explorada econômicamente.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes: máxima: 23,2°C; mínima: 13,2°C; compensada: 17,2°C. Chuvas: precipitação anual: 1 631 milímetros. Geadas: ocorrem nos meses de julho a setembro, com mais intensidade em julho.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Getúlio Vargas; ao sul: Soledade, Marau e Casca; a leste: Lagoa Vermelha e Tapejara e a oeste: Sarandi, Caràzinho e Não-Me-Toque.

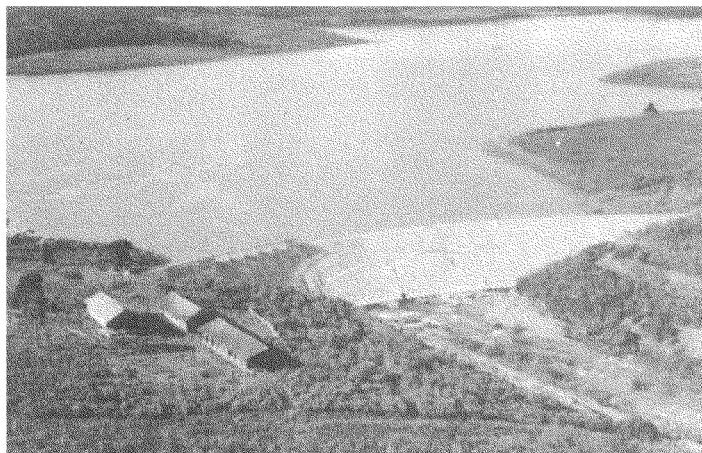
Indústria — Em 1955, o município contava com 482 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 2 380 operários, tendo sua produção somado Cr$ 601 344 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: ind. alimentares, 64,4%; ind. da bebida, 7,5%; transformação de produtos minerais: 1,4%; ind. da madeira, 13,9%; couros e produtos similares, 2,9%. Prod. Químicos e farmacêuticos, 0,3%; metalúrgicas, 4,4% do mobiliário, 0,8%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,3%.

Em 1955, após o desmembramento do município, o total de estabelecimentos decresceu, bem como a produção, que somou Cr$ 458 861 000,00.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1955

Em milhares de cruzeiros

CLASSES INDUSTRIAIS	N.º de estabelecimentos	Média mensal dos operários	SALÁRIOS E VENCIMENTOS		Matérias-primas	Valor da produção
			Total	Operários		
Extrativas de prod. veget.	1	2	24	24	12	60
Transf. minerais n/metálicos	52	218	2 470	2 156	1 901	8 416
Metalúrgicas	6	44	2 373	1 070	19 503	32 662
Mecânica	1	136	5 778	4 739	6 180	11 699
Mat. elét. e mat. de comunicação	1	6	165	165	1 958	3 120
Const. e mont. de mat. transp.	1	2	...	...	3	1 734
Madeira	54	469	12 242	9 731	42 436	82 756
Mobiliário	8	74	1 538	1 232	2 396	4 881
Borracha	2	13	553	307	1 006	2 214
Couros, peles e prod. sim.	6	35	880	808	4 445	12 485
Química e farmacêutica	2	4	66	66	945	1 928
Têxtil	1	3	31	31	52	185
Vestuário, calçado e art. de tecidos	4	15	261	240	1 369	2 656
Produtos alimentares	127	522	12 474	8 648	218 167	227 993
Bebidas	7	205	6 116	5 681	18 530	60 410
Editorial e gráfica	8	33	757	539	798	3 317
Diversas	4	15	421	393	586	1 228
Serv. industr. de utilidade pública	3	10	508	200	76	937
TOTAL	*288*	*1 806*	*46 657*	*36 030*	*320 363*	*458 681*

Principais Indústrias	*Ramo de atividade*
Fábrica de Pregos Hugo Gerdau S. A.	Pregos
Menegaz Giavarina & Cia. Ltda.	Máquinas agrícolas
Alovizi Zanata & Cia. Ltda.	Aplainados
Olimpo Menta	Madeira serrada
Pagnoncelli De-Col Ltda.	Aplainados
Streit Diesel & Cia.	Madeira serrada
Magi De Cesaro & Irmãos	Esquadrias de madeira
Max Avila & Cia.	Madeira serrada
Armando Silochi & Filho Ltda.	Madeira serrada
Serraria da Pedreira Ltda.	Madeira serrada
Wolmar Salton & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Z. D. Costi & Cia. Ltda.	Couro curtido
A. J Maraschim & Irmãos	Banha de porco
Soc. Passofundense de Mate Ltda.	Erva-mate
Busato Irmãos Cia.	Farinha de trigo
V.ª Olivio Giavarina & Cia.	Arroz benef.
S. A. Moinho Riograndense	Farinha de trigo

Barragem Capingui

Vista parcial da Avenida General Neto

Agricultura — É grande o incremento tomado pela agricultura, nos últimos anos. A lavoura mecanizada no município teve um acentuado desenvolvimento nos últimos 3 anos. Haja vista que no fim do ano de 1956, a repartição competente havia registrado para todo o município 172 tratores. Conta, portanto, o município, com granjas complementares equipadas com tôda a maquinaria necessária para o maior desenvolvimento da agricultura, principalmente o trigo. Essa maquinaria são tratores com conjunto para lavrar e semear, e ceifa-trilhadeiras, entre outros. Nota-se, outrossim, grande interêsse da parte dos agricultores na aquisição de utensílios de mecanização para suas lavouras, através do Ministério da Agricultura, tendo sido grande o número de inscrições realizadas nos últimos anos, e ainda no ano em curso, no Registro de Lavradores e Criadores do Ministério da Agricultura. O município é essencialmente agropecuário. Em consequência do crescente desaparecimento dos pinhais, que outrora foram o fator preponderante na economia do município, juntamente com a pecuária, a agricultura está se tornando a principal atividade econômica, onde pontifica o trigo. A quase totalidade da produção de trigo do município é adquirida pelos moinhos locais. O restante é vendido diretamente na capital do Estado. Grande quantidade de farinha é exportada para os Estados do Norte e Nordeste, e, em menor escala, para outros Estados do Centro.

Principais agricultores	*Produto*	*Área cultivada*
Hugo Alovisi	Trigo, milho	500
Pedro Bertagnoli	Trigo	450
Agricola Planalto Ltda.	Trigo	400
José Afonso de Assis	Trigo	400
Cereais Ouro Preto Ltda.	Trigo	350
Paulo Rossat	Trigo	300
Nilo Salton	Trigo e outros	300
Comercial Agrícola Sto. Isidoro Ltda.	Trigo e outros	800
Comandos Agrarios	Trigo, milho	600
Agropecuária Butiá Grande	Trigo	410
Real Fazenda Agrícola	Trigo, milho	800
Fazenda Agricola Entre Rios	Trigo	400
Guaraci B. Marinho	Trigo e outros	200
Julio J. Remor	Trigo	110
Augusto Dalmaso	Trigo	100
Amadeu Goelzes	Trigo	100

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	36 000	180 000
Milho	32 412	48 618
Arroz	6 120	21 420
Uva	4 050	12 150

Valor total da produção: Cr$ 280 992 150,00.

Pecuária — A pecuária no município já foi fator preponderante na economia, juntamente com a produção da madeira. Embora se constitua ainda numa pujante fôrça econômica, não o é como foi em tempos idos. Hoje, o pecuarista arrenda os seus campos ao plantador de trigo, pois êsse arrendamento lhe proporciona cada vez maiores lucros. Em consequência a pecuária vem, desde os últimos anos, sentindo mais intensamente êsse impacto.

Principais criadores	*Raças preferidas*
Dr. Veiga Farias	Holandês, hereford e zebu
Dr. Antônio B. de Azambuja	Hereford, cavalo crioulo
José Albuquerque	Charolês hereford e cav. crioulo
José Antônio Fraga	Hereford e zebu
Germano Napp	Zebu, hereford, cav. crioulo
Francisco Araujo Vargas	Hereford e charolês
Ildefonso B. Fauth	Zebu e hereford
Amadeu Golezer	Hereford
Benjamim Fauth	Hereford
Antenor Miranda	Zebu e hereford

Os acima mencionados criam também suínos, de raças não definidas. Mercados consumidores: Diversos municípios do Estado. Importação e exportação: O município importa e exporta gado em pé em pequena escala, dos municípios vizinhos e da fronteira.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	99 500	159 200
Eqüinos	13 500	12 150
Asininos	200	180
Muares	3 200	3 520
Suínos	68 300	47 810
Ovinos	25 300	7 087
Caprinos	3 900	585

Barragem de Ernestina

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 033 979	17 495 130,00
Carne frigorif. de bovino	7 120	180 124,00
Carne verde de suíno	184 477	2 820 857,00
Carne salgada de suíno	2 232 731	54 202 826,00
Presunto defumado	27 427	1 419 120,00
Carne verde de ovino	16 522	291 200,00
Carne verde de caprino	2 510	35 642,00
Carne verde de boi, vaca e vitelo	92 304	516 902,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	40 074	466 355,00
Couro salg. de suíno	299 046	5 085 373,00
Pele verde de ovino	16	131,00
Pele sêca de ovino	570	10 146,00
Pele sêca de caprino	126	2 344,00
Pele sêca de ovino	718	21 540,00
Banha não refinada	21 967	713 652,00
Banha refinada	4 773 704	149 841 396,00
Toucinho fresco	57 173	1 354 706,00
Toucinho salgado	1 013 900	24 210 160,00
Salsicharia a granel	443 941	14 786 850,00
Sebo industrial	8 648	178 925,00
Secundários	933 283	7 264 007,00
Total	11 254 507	281 664 162,00

Avicultura — No município existe apenas um aviário, instalado em 1954, denominado São Jorge, com capital aplicado de Cr$ 1 000 000,00. Possui 10 000 aves, uma chocadeira para 7 200 ovos. As raças predominantes são as chamadas white-american, new-hampshire. Em 1956, para todo o município, estima-se em 314 000 aves; compreendendo galinhas, frangos, perus, etc.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	12
Ferragens	4
Casas de móveis	8
Tecidos	12
Armarinhos	13
Casas que vendem rádios, eletrolas, etc.	5

Cidades com as quais o município mantém transações comerciais: Capital do Estado, do País, São Paulo, Santa Catarina e circunvizinhanças. Há no município 6 agências bancárias e 1 agência da Caixa Econômica.

MEIOS DE TRANSPORTES — Liga-se a Caràzinho: Ferrov. VFRGS (55 km), rodov. (53 km); Sarandi: rodov. (87 km) ou rodov. via Caràzinho (115 km); Erechim: ferrov. VFRGS (106 km) ou rodov. (110 km); Getúlio Vargas: ferrov. VFRGS (56 km) ou rodov. (67 km); Lagoa Vermelha: rodov. (108 km); Guaporé: rodov. (107 quilômetros); Soledade: rodov. (90 km) ou rodov. via Caràzinho (148 km); Marau: rodov. (31 km); Tapejara: rodov. (62 km). Capital Estadual: ferrov. VFRGS (744 quilômetros) ou rodov. (351 km) ou aéreo (230 km); Capital Federal: Via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre ou rodov. (1 709 km) ou ferrov. VFRGS (179 km) até Marcelino Ramos. Daí a Ponta Grossa (PR) via Pôrto União (SC) (882 km) até Itararé (SP); EFS (408 km) até São Paulo (SP) e EFCB (499 km) ou aéreo (1 070 km).

ASPECTOS URBANOS — Passo Fundo é centro rodo-ferroviário de grande movimentação, o que lhe dá o título de "Capital do Planalto"; cidade moderna, sua vida social e cultural é intensa, com reflexos em tôda a região. De clima intensamente frio no inverno, no verão deleita pela amenidade de sua brisa suave. Suas ruas são amplas e na maioria asfaltadas. Praças bem cuidadas dão-lhe o realce de um lindo cromo multicor a refletir-se no azul do céu do planalto. A cidade é servida de luz elétrica, tendo sido inaugurada em 1955 uma usina de 6 000 H.P.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos — total	135
Ruas	74
Avenidas	8
Becos	4
Travessas	25
Ladeiras	14
Outros	12

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	120 000
Asfalto	68 900
Pedra irregular	34 000

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente pavimentados	27
Parcialmente calç. c/paralelepípedos	25
Parcialmente calç. c/asfalto	27
Parcialmente calç. c/pedras irregulares	5
Ajardinados	5
Arborizados	4
Arborizados e ajardinados simultâneamente	6

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	6 390
Zona urbana	3 414
Zona suburbana	2 976

Segundo o número de pavimentos:

Térreos	6 178
2 pavimentos	190
3 pavimentos	17
4 pavimentos	3
5 pavimentos	2

Segundo o fim a que se destinam:

Exclusivamente residenciais	5 582
Residenciais e outros fins	603
Exclusivamente a outros fins	205

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	66
N.º de ligações elétricas domiciliares	7 287
N.º de focos p/iluminação pública	974

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	17 280 000 kWh
Consumo p/ iluminação pública e particulares	14 187 510 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	3 092 490 kWh

ABASTECIMENTO D'ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	3
Logradouros parcialmente servidos p/rêde	9
Bebedouros ou bicas públicas	5
Consumo anual de água	887 680 m³

ESGOTOS

N.º de logradouros totalmente servidos	2
N.º de logradouros parcialmente servidos	2

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	345
Taxa mensal cobrada	Cr$ 123,70
Comércio e indústria	Cr$ 275,60

1 Agência da Companhia Telefônica Nacional

Zonas servidas pela rede telefônica: urbana e suburbana, e ainda para o interior do município, mas sòmente para o distrito de Sertão. Também para longa distância.

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 Agência postal-telegráfica dos Correios e Telégrafos Nacionais. Telégrafo da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis com respectivas diárias: Hotel Planalto, Cr$ 260,00; Hotel Flórida, Cr$ 220,00, Hotel Carioca, Cr$ 260,00; Hotel Planêta, Cr$ 280,00; Hotel Micheleto, Cr$ 260,00; Hotel Avenida, Cr$ 300,00; Hotel do Comércio, Cr$ 200,00; Hotel Nacional, Cr$ 240,00; Hotel Grando, Cr$ 260,00; Hotel Tagliari, Cr$ 170,00; Hotel Brasil, Cr$ 270,00; Hotel Franz, Cr$ 300,00; Hotel Internacional, Cr$ 220,00; Hotel Excelsior, Cr$ 240,00; Pensão Mauá, Cr$ 180,00; Pensão Tamandaré, Cr$ 140,00; Pensão São Jorge, Cr$ 160,00; Pensão São Luiz, Cr$ 190,00, sendo estas diárias para casal; para solteiro é a metade do preço.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros	
Automóveis	585
Ônibus	47
Camionetas	183
Ambulâncias	2
Motociclos	35
Outros veículos	1
Total	853
Para transporte de cargas	
Caminhões	489
Camionetas	93
Fechados p/ transporte de mercadorias	14
Cisternas	18
Tratores	154
Reboques	75
Auto-socorros	3
Não especificados	2
Total	848
A fôrça animada para passageiros	
Carros de duas rodas	176
Carros de quatro rodas	—
Bicicletas	308
Total	484
Para cargas	
Carroças de duas rodas	124
Carroças de quatro rodas	130
Outros	80
Total	334

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 60% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 51%. Em 1955 havia 207 unidades escolares do ensino fundamental comum com 12 574 alunos. Conta o município com 2 unidades de ensino superior, 5 do ginasial, 2 do colegial, 2 do ensino pedagógico, 3 do comercial, 1 do sacerdotal, 3 de artístico, 1 de agrícola.

Outros aspectos culturais — Jornal "O Nacional", e o "Diário da Manhã". Sociedades recreativas: Clube Comercial; Clube Caxeiral; Clube Recreativo Juvenil; Clube Visconde do Rio Branco. Sociedades desportivas: Grêmio Esportivo 14 de Julho, Esporte Clube Gaúcho; Rio-grandense Futebol Clube; Clube Náutico Capingui; Esporte Clube Atlético, Independente Gremio Atlético de Amadores; Aeroclube de Passo Fundo; Guarani Futebol Clube. Bibliotecas: Pública Municipal, de caráter geral, com 3 143 volumes; do Seminário São José, especializada, com 1 921 volumes; do Clube Caxeiral, de caráter geral, com acima de 2 146 volumes; da Faculdade de Direito, geral, com número superior a 5 000 volumes; Estudantil, do Ginásio N. Sª. da Conceição, geral, com aproximadamente 1 600 volumes; Estudantil, do Colégio Notre Dame, de caráter geral, com aproximadamente 1 800 volumes. Tipografias: 8. Livrarias: 6. Estações de Rádio — Rádio Municipal — prefixo ZYU-38; freqüência 1 490 kc, 250 watts de potência; torre irradiante, sistema omnidirecional; não tem auditório; 8 microfones; discoteca com 2 085 discos e 20 pessoas empregadas. ZYF-5 — Rádio Passo Fundo — Freqüência 580 kc; 250 watts de potência; 1 tôrre irradiante; sistema Marconi; um auditório com capacidade para 100 pessoas; 3 microfones: discoteca com 4 074 discos; 15 empregados. Cinemas — Cine-Teatro Real, com capacidade para 1 429 lugares; Cine-Teatro Imperial — com capacidade para 973 lugares; Cine Recreio Paroquial, com capacidade para 120 lugares, localizando-se êste último no interior do município, na sede do distrito de Sertão.

PRADOS E CANCHAS RETAS — No município de Passo Fundo existem umas poucas canchas retas para corridas de cavalo. As duas principais, onde mais seguidamente se realizam as chamadas "pencas", são a de Dois Portões, no distrito de Coxilha, e outra de propriedade do Centro de Tradições Gaúchas "Lalau Miranda", localizada nos subúrbios da cidade. A primeira possui dois trilhos, isto é, espaço para apenas dois animais disputarem. A segunda possui três trilhos. Aos domingos é que se realizam essas disputas, quando então comparecem ao local grande número de aficionados, trajando à gaúcha, tendo suas montarias ensilhadas com o que há de melhor em matéria de arreios, etc. Não há no município criadores de cavalos de raças puras.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 14 farmacêuticos, 23 dentistas e 32 médicos. Em 1955 contava Passo Fundo com 5 hospitais totalizando 336 leitos, tendo sido internados 7 443 enfermos assim discriminados: 2 538 crianças, 1 824 homens e 3 081 mulheres. Há 3 aparelhos de raios X diagnóstico, onze salas de operação, 7 de

parto, 5 de esterilização, 2 laboratórios e 5 farmácias; 1 Posto de Saúde, do Departamento Estadual de Saúde.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — *Mutuárias*: Associação dos Funcionários Municipais; Sociedade Recreativa dos Trabalhadores. *Beneficentes*: Sociedade Laica Beneficente; Sociedade Beneficente Damas de Caridade. *Caridade*: Associação Damas de Caridade; Associação Passofundense de Auxílio aos Necessitados. Conferência Nossa Senhora da Conceição. Conferência São Cristóvão. Conferência São João. Conferência São José. Sociedade de Auxílio à Maternidade e à Infância. Asilo Ludas de Araújo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 28 advogados residentes.

ENGENHEIROS — 7 engenheiros residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 3.ª entrância com dois Juízes de Direito.

PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS — Uma organização do Corpo de Bombeiros, regularmente aparelhada.

COOPERATIVAS — de Consumo — 6; total de sócios — 1 104; valor dos serviços executados — Cr$ 13 673 686,00.

SINDICATOS — dos Metalúrgicos; dos Trabalhadores na Ind. da Construção e Mobiliário; dos Empregados nos estabelecimentos Bancários; dos Contabilistas; do Comércio Varejista; dos Empregados no Comércio; dos Trabalhadores na Ind. da Alimentação; do Comércio Atacadista de Madeira.

FESTEJOS POPULARES — Anualmente se realizam no município as festas tradicionais de São Miguel, Nossa Senhora Aparecida, Natal (com os costumeiros pinheirinhos ornamentais), São João e São Pedro (com as tradicionais fogueiras e grande barulho do espoucar de rojões). Procissão tradicional de "Corpus Christi" e outras de menor significação. Outras: festas crioulas, pelo Centro de Tradições Gaúchas "Lalau Miranda", quando se dança o Pericon, o Pèzinho, a Tirana, o Ponta e Taco, — aos pares, batendo o pé, batendo palmas, afastamento e encontro dos pares, num ritmo próprio. Carnaval nos clubes sociais e nas ruas, com carros alegóricos e desfile de blocos.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Aeroporto São Miguel, localizado em São Miguel, distante 14 quilômetros da sede municipal. Possui 4 pistas de aterrissagem: 1 100 x 100; 650 x 70; 750 x 70 e 150 x 100.

É utilizado pela Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG), Sociedade Anônima Viação Aérea Gaúcha (SAVAG), em fusão com a Cruzeiro do Sul, e, ainda, pelo Aeroclube local e outros.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Busto do coronel Gervásio Lucas Annes, administrador, reorganizador do município, na Praça Tamandaré. Obras de Arte: Reprêsa de Capingui: na divisa com o município de Marau (rio Capingui). Reprêsa de Ernestina: na divisa com o município de Soledade (rio Jacuí).

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	11 179	15 663	9 245	3 236	9 695
1951	15 736	22 980	11 355	3 758	10 350
1952	23 167	30 525	12 435	4 154	13 393
1953	29 561	41 314	15 235	4 792	17 933
1954	37 706	46 296	18 714	5 066	18 941
1955	63 523	72 790	21 527	6 579	31 649
1956	86 487	86 199	22 650	6 272	22 650

LEI N.º 720, de 1.º de dezembro de 1956

ADOTA O SÍMBOLO DO MUNICÍPIO.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 53, inciso II, da Lei Orgânica, faz saber que o Poder Legislativo decretou e êle sanciona e promulga a LEI seguinte:

Artigo 1.º — É adotado como símbolo do município de Passo Fundo o brasão caracterizado como segue:

Escudo português, quadripartido, em secções, verde, amarelo, azul e laranja. Em chefe, campo subdivido em dois retângulos, verde e amarelo, representando o desenvolvimento econômico do passado (pinho), do presente (trigo), e atravessado por banda de goles azuis, centrada pelo nome do município em letras brancas. Em campo de sinople, em laranja e azul, desenvolvimento econômico do presente e futuro (indústria) repousante no potencial hidrelétrico. Ao pé do escudo, banda de goles (vermelho), com letras brancas, do trinômio sôbre o qual repousa: TRABALHO, FRATERNIDADE, PROGRESSO. Tudo encimado da coroa mural de quatro tôrres, amarelo, ostentando na parte média superior a Cruz de Cristo, em branco, concentrada de vermelho em elipse amarela.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições contrárias.

GABINETE DO PREFEITO, em 1.º de dezembro de 1956.

WOLMAR SALTON — Prefeito Municipal

PELOTAS — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na chamada Zona Fisiográfica do Litoral Lagunar.

Em 1736, tendo os espanhóis sitiado a Colônia do Sacramento, foram os portuguêses obrigados a abandonar as posições ocupadas em Montevidéu, ocasião em que foi o Rio Grande fortificado e restabelecido com fôrças procedentes do Rio de Janeiro, sob o comando do brigadeiro José da Silva Paes. Era a única concentração armada que servia de apoio à colônia e ao Govêrno no Rio. Êste que estava interessado não sòmente na defesa do território conquistado, como também no cultivo do solo, principiou a distribuir material agrário aos colonos açorianos, madeirenses e ilhéus, procedentes das longínquas paragens portuguêsas, aqui chegados sedentos de conquistas.

Vista aérea parcial da cidade

Diz o saudoso João Simões Lopes Neto, num de seus valiosos trabalhos: "Até então o que constituia pròpriamente a capitania do Rio Grande era a parte marítima; o interior permanecia ainda território litigioso e pouco conhecido, o que não impedia que ambas as nações fôssem fundando estabelecimentos, indistintamente, pelas terras que mais convinham" (Alcides Lima — História Popular do Rio Grande — 1882).

Em 24 de abril de 1763, D. Pedro de Ceballos, governador espanhol, ocupou o Rio Grande, tendo seus habitantes se refugiado em São José do Norte. Em outros pontos, irromperam novos combates, tendo os invasores, depois de renhidas lutas, tomado o forte de Santa Tecla (situado em Bagé) e outros locais.

Diz, ainda, J. Simões Neto: "Brilhou então em todo o esplendor a figura do mais destorcido gaúcho rio-grandense: o intrépido José Pinto Bandeira, que cercado de patrícios, inspirador, guia, combatente, alma da resistência, varreu a campanha, expulsando o inimigo para além de Jaguarão. Restava libertar o Rio Grande; aí, outro rio-grandense avultou na pugna: Manoel Marques de Sousa, então simples tenente". Foram êsses dois baluartes da tenacidade e da intrepidez que conseguiram derrotar os espanhóis expulsando-os destas plagas, no dia 2 de abril. Com referência a êste último, dizem os documentos da época que serviu sob as ordens do general Bönh, comandante dos nossos exércitos no Sul, e cujas fôrças estavam acampadas na margem esquerda do canal do Rio Grande. Nas "Efemérides Brasileiras", 1.º vol., edição de 1892, consta: "Ao amanhecer entravam as nossas tropas na vila e no dia seguinte para ali passou-se o general Bönh, chefe das operações que servia no Brasil desde 1767, e fôra escolhido por Pombal, para comandar o exército do Sul; era alemão e dos mais distintos oficiais do conde de Lippe".

Sucederam-se outros combates, sòmente reinando a paz no período de 1780-1801, administração de Sebastião da Veiga Cabral, sucessor de José Marcelino de Figueiredo.

O Rio Grande entra, então, em fase de franca construção, tomando grande incremento a agricultura, aliada ao grande número de animais bovinos existentes em estado selvagem — ótima fonte de renda — ambas fatôres básicos do desenvolvimento econômico da região.

As "estâncias" foram surgindo, aqui e ali; a exportação de bovinos para o Rio, Minas e São Paulo já era uma realidade. E foi dessa maneira que os colonos se irradiaram, ora ocupando terrenos próximos, ora os campos entre o arroio Taim e o canal São Gonçalo, verificando-se, nessa ocasião, que êsse canal dava melhor passagem em Canudos (Santa Isabel), local em que mais tarde, pela concessão de lotes e domínio espontâneo, se radicaram diversas famílias, dentre as quais a do Padre Doutor Pedro Pereira da Costa, dono da Fazenda Cêrro de Santana, próximo de Pelotas (Capão do Leão).

O primeiro donatário de Pelotas foi o coronel Tomaz Luiz Osório, enforcado por um lamentável êrro da obsoleta justiça de 1768, como mais tarde ficou demonstrado.

Em 1779, D. Francisca Joaquina de Almeida Castelo Branco, viúva do coronel Tomaz Luiz Osório, vende as terras originárias do município de Pelotas, havidas pela doação de 18 de junho de 1758, as quais passaram à propriedade do casal Isabel Francisca da Silva e Manoel Ben-

to Rocha, capitão-mor. Dona Isabel era irmã de Mariana Eufrásia da Silveira e de Joaquina Margarida.

Após a morte de D. Isabel Francisca é que o inventário de sua fazenda foi homologado por sentença de 24 de abril de 1812, conforme notas existentes no arquivo da Prefeitura. A referida partilha constava das estâncias denominadas Patrimônio-Graça-Galatea e Laranjal. A área correspondente era de 524 501 352 metros quadrados.

Manuel Carvalho de Souza, tenente de dragões, foi o primeiro proprietário da sesmaria do Monte Bonito. A cidade de Pelotas foi instalada em correspondência à referida sesmaria, na última ondulação da várzea que, partindo do Monte Bonito, se aproxima do canal do São Gonçalo. (Monte Bonito formava uma das sete estâncias em que foi partilhado o litoral de Pelotas; as demais denominavam-se: Feitoria — Pelotas — Santa Bárbara — São Tomé — Pavão e Santana.

Pouco depois, Manuel Carvalho de Souza vendeu a sesmaria aludida a Antônio Francisco dos Anjos. Em 14 de fevereiro de 1790, êste a transferia para José Antônio de Souza e sua mulher Quitéria Maria.

Em 1779, Miguel José de Lara arrematava em hasta pública as mesmas terras que, três meses após, foram transferidas a José Gonçalves da Silveira Calheca, sogro de Manuel José Valadares e João Ferreira Viana. Diz o saudoso Alberto Cunha, na "Antigualhas de Pelotas": "Integral, e por muito tempo, não permaneceu tal parcela de campo em poder de Silveira Calheca. Êste, pondo em reserva a parte baixa das terras, aquela que em campos de grama acompanha o curso do São Gonçalo, tratou de, a ribas do canal, no ponto onde, ainda hoje, da cidade se divulga o sobrado mandado construir por seu genro, Ferreira Viana, e, por aí montou seu estabelecimento de charqueada. A extensão alta, explanada em que tem assento a mais antiga parte do centro urbano, essa, êle pouco depois de ter feito tal aquisição, a transferiu a José de Aguiar Peixoto". Assim sendo, as terras ficaram divididas em duas partes, a alta e a baixa; a primeira passou à propriedade de Peixoto e a outra continuou como sendo de Calheca. Em outubro de 1806, o capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, pessoa de vastos recursos e já dono de outras terras, comprou de Silveira Calheca o trecho que vai da atual Rua General Neto à de Marcílio Dias, tendo êste benemérito homem daquele tempo feito a divisão das terras que negociara em pequenas porções a diversos compradores, dando início à extinção do latifúndio nesta zona.

ALVARÁ DA FUNDAÇÃO DE PELOTAS

"Eu o Príncipe Regente de Portugal, e do Mestrado da Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesús Christo:

Faço saber aos que este meu Alvará virem, que atendendo a grande extensão que abrange a Freguezia de São Pedro do Rio Grande do Sul, deste Bispado, e a que desmembrando-se dela algumas outras freguezias serão seus habitantes muito melhor socorridos do Pasto Espiritual. Hei por bem conformando-me com o parecer do meu Tribunal da Mesa da Consciência, e Ordens das Côrtes, informação do Reverendo Bispo meu capelão-mor e resposta dos Procuradores Geral das Ordens, e do da minha real coroa, e fazenda, que tudo subiu a minha Real Presença em Consulta do referido meu Tribunal, erigir a nova Freguezia colada no lugar denominado Pelotas, desmembrando-a da fre-

Outro aspecto parcial da cidade

Outro aspecto parcial da cidade

guezia mencionada São Pedro. Pelo que mando a vós reverendo Bispo meu capelão-mor e do meu conselho demarqueis a esta nova freguezia, só limites por vós designados nas informações, que se vos cometerão sobre esta mesma divisão. Este se cumprirá como nele se contem sendo passado pela chancelaria das Ordens, e registrado nos livros da camara deste bispado, e no de ambas as sobreditas freguezias, e valerá como carta, posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo das ordenações em contrário. Rio de Janeiro, sete de julho de mil oitocentos e doze — Principe-Alvará pela qual Vossa Alteza Real ha por bem erigir uma nova freguezia no lugar denominado Pelotas, desmembrando-a da Freguezia de São Pedro do Rio Grande do Sul deste bispado, como acima se declara para Vossa Alteza Real ver — E eu o padre Francisco dos Santos Pinto, escrivão da Câmara a subscrevi, e assinei. O padre Francisco dos Santos Pinto — Desta, cento e trinta reis."

Em 1813, Mariana Eufrásia, viúva de Francisco Pires Casado, requereu e obteve, por concessão do governador e capitão-geral da Capitania, D. Diogo de Souza, o terreno contíguo ao do capitão-mor Francisco dos Anjos, com a área de 3 147 849 metros quadrados, limitando-se pelo sueste com o canal São Gonçalo; pelo sudoeste e noroeste, com o arroio Santa Bárbara; pelo nordeste com o terreno de Silveira Calheca e com os que foram vendidos por Aguiar Peixoto ao capitão-mor Francisco dos Anjos. Êste terreno também foi dividido em lotes.

No período aludido várias foram as doações feitas com determinados fins, como para a construção da matriz do quartel, e outras.

Em 1815, Antônio Francisco dos Anjos, com espírito bastante esclarecido, mandou proceder à medição judicial do terreno destinado à já então paróquia de São Francisco de Paula, desde 7 de julho de 1812 (Em 1784, o Vigário de Rio Grande, Pedro Fernandes de Mesquita, solicitava a divisão de sua paróquia, por julgá-la extensa demais; sòmente em 1810, foi que os moradores de Pelotas requereram a criação da freguesia, dividindo-a da de São Pedro, como havia requerido aquêle Pároco). Em 7 de julho de 1812, realizou-se o desejo dos antigos pelotenses, sendo levantada a planta competente, pelo pilôto Maurício Inácio da Silveira. A área encontrada foi de 100 214 braças quadradas. A partir dos anos de 1813 e 1814 os moradores das margens do arroio Pelotas e do Laranjal principiaram a convergir para o ponto onde está a atual cidade. Grande número de pessoas daquela época eram partidárias da instalação da cidade no aprazível local denominado Laranjal; outras desejavam a margem oposta. Para solucionarem o assunto, como de costume, eram organizadas verdadeiras assembléias, que, pode-se afirmar, constituíam o elemento básico da organização social daquela gente, afastada do centro governamental. Entretanto, burlando o sistema aludido, um grande proprietário dêste lado, sem mais preâmbulos e não atendendo a apelos, construiu a capela, depois matriz, e em cujo derredor foi surgindo, aos poucos, a edificação da cidade de Pelotas.

Em 1820, foi criada a primeira aula pública, destinada ao ensino de meninos. Sòmente em 1.º de julho de 1833, principiou a funcionar, sob a regência do professor João José Gomes da Costa e Silva.

Em 1831, foi criada outra escola, para o sexo feminino. Como o estabelecimento anterior, só posteriormente veio a funcionar, isto é, em 28 de julho de 1834, com a professôra B. de S. José Peixoto.

As primeiras escolas particulares foram fundadas por Manuel Américo da Silva Braga, José Duarte da Silva e outros.

A freguesia foi elevada à categoria de vila em 7 de dezembro de 1830 e instalada em 7 de abril de 1832. Nesta data foi o território desmembrado do município de Rio Grande. Finalmente, em 27 de julho de 1835, obteve a categoria de cidade, conforme Lei n.º 5, a seguir transcrita:

"ELEVAÇÃO DE PELOTAS À CATEGORIA DE CIDADE

1835 — N.º 5

ANTONIO Rodrigues Fernandes Braga, Presidente da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Provincial Decretou, e eu Sancionei a Lei seguinte.

Artigo único. As Vilas de São Francisco de Paula, e Rio Grande, ficão elevadas a Categoria de Cidade, com a denominação a primeira de Cidade de Pelotas — e a segunda de — Cidade do Rio Grande — e terão todos os Foros e Prerrogativas das outras Cidades do Império.

Mando portanto a todas as Autoridades a quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão, e fação cumprir tão inteiramente como nela se contem. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar, e correr.

Porto Alegre vinte e sete de julho de mil oitocentos e trinta e cinco.

Antonio Rodrigues Fernandes Braga"

Depois da elevação à cidade, foram as primeiras autoridades judiciais da comuna:

Juiz Municipal — Joaquim José da Cruz
Juiz de Órfãos — Domingos José de Almeida
Promotor Público — Mateus Gomes Viana

Nova vista parcial da cidade

Anteriormente, exerceram as referidas funções, respectivamente, Tomaz Francisco Flores, José Vieira Viana e Joaquim da Costa Campelo.

A primeira relação de jurados foi organizada em 1833, nela constando 230 nomes.

Em 19 de agôsto de 1833, realizou-se a primeira sessão do júri, sob a presidência do Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Braga, depois Barão de Quaraí.

Como ocorre noutras localidades, em Pelotas as ruas antigas, periòdicamente, sofrem modificações de nomes, por exemplo: a atual Rua Barroso anteriormente era denominada Rua das Fontes; a Rua Gonçalves Chaves, nome que ainda conserva, foi sucessivamente Rua dos Coqueiros, Alegre e Jataí; a Rua Major Cícero, anteriormente foi Rua de Portugal, Tôrres e 3 de Fevereiro; a Praça Coronel Pedro Osório, teve a denominação de Regeneração, Pedro II e República; enfim, quase tôdas as ruas antigas de Pelotas tiveram suas denominações modificadas.

Durante a revolução dos "Farrapos", muitos foram os acontecimentos notáveis e de assinalado valor histórico do município.

Em 16 de outubro de 1835, os farrapos sob o comando de Rafael Verdun derrotam as fôrças imperiais que estavam a mando de Silva Tavares que se refugia na vizinha República do Uruguai, cujo combate foi travado no Passo do Retiro, no arroio Pelotas.

Em 8 de abril de 1836, João Manuel de Lima e Silva com 700 farrapos derrota o coronel Albano de Oliveira Bueno, legalista, com 120 homens. Prêso, é Albano conduzido a Pôrto Alegre, sendo assasinado na viagem. Tal combate se deu no Passo dos Negros, no Rio São Gonçalo.

Em 7 de abril de 1836, os farrapos, a mando de João Manuel de Lima e Silva, com 700 homens, derrotam e prendem 80 legalistas na cidade, a mando de Manuel Marques de Souza, futuro Conde de Pôrto Alegre.

Ainda existe o sobrado n.º 603, naquela cidade, onde o general João Manuel de Lima e Silva sitiou e aprisionou o major Manuel Marques de Souza. O cêrco durou vários dias, sendo Marques de Souza obrigado a render-se ante a ameaça da explosão de oito barris de pólvora, ali postos pelos atacantes.

Em 28 de fevereiro de 1836, no Sangradouro, o navio "Minuano" trava combate com a canhoneira "Oceano", sendo derrotado. O comandante do primeiro, Tobias da Silva, vendo-se perdido, faz voar o navio pelos ares ateando fogo ao paiol de pólvora.

Em 1846, após a pacificação e quando visitou Pelotas o Imperador D. Pedro II, ocasião na qual lançou a pedra fundamental da igreja na Praça Coronel Pedro Osório, naquele tempo chamada Praça da Regeneração, — foi que a situação se estabilizou. Indústrias foram se avolumando e a imprensa surgiu na arena, divulgando as ocorrências da época construtiva de Pelotas que, como disse Fernando Osório, é "um centro de civismo e de cultura sôbre as esmeraldinas e vírides margens do São Gonçalo, na serenidade de seus plainos rasos de paisagem guasca, com suas retas, como a linha ideal do caráter de seus filhos".

O tratado de paz da revolução de 1893 foi assinado em Pelotas, em 23 de agôsto de 1895, entre o gen. Inocêncio Galvão de Queiroz, representando o Presidente da República, Dr. Prudente de Morais e o gen. Honorario Silva Tavares representante dos revolucionários.

Arroio Quilombo

A luta havia durado 31 meses e feito cêrca de 12 000 vítimas, além de incalculáveis danos materiais.

Durante a revolução de 1923 diversos acontecimentos se desenrolaram em seu território.

Em 29 de outubro de 1923 o chefe rebelde Zeca Neto, auxiliado pelo tenente-coronel Felipe Corrêa, coronel Coroliano Alves de Oliveira Castro, coronel Leonidas Damasceno, coronel Nicanor Crespo e outros, toma a cidade depois de 5 horas de combate. Dispondo convenientemente suas fôrças tomaram o edifício da Sociedade Municipal e arrebataram um vasto botim. Foi um dos maiores feitos da revolução de 1923. Às 10 horas da manhã, as fôrças sob o comando de Zeca Neto entravam, vitoriosamente, na cidade.

As administrações de Pelotas no período de 1832 a 1891, desenrolaram-se da seguinte forma:

Tendo a freguesia de São Francisco de Paula sido elevada à vila no dia 7 de dezembro de 1830, foi instalada pelo Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, o último ouvidor e corregedor da Câmara. A comissão governativa no período acima, denominava-se Câmara Administrativa e da qual era presidente e vereador Manoel Alves de Morais. Funcionou de 3 de maio a 16 de setembro de 1832. A seguir, foi eleita outra junta, com a denominação de Câmara Municipal, sob a presidência do vereador Alexandre Vieira da Cunha. De 16 de março de 1833 a fevereiro de 1936, teve seus trabalhos suspensos devido à Revolução dos Farrapos.

Em 15 de abril de 1844, foi convocada e garantida pelo Barão de Caxias, funcionando com a designação de Câmara Provisória e presidida, novamente, por Alexandre Vieira da Cunha, que em 15 de março de 1845 passou a presidência ao Dr. João Jacinto Mendonça. Êste último permaneceu no cargo até dezembro de 1848.

As Câmaras Municipais foram, a seguir, presididas da seguinte forma:

Dr. Joaquim Afonso Alves, 16-3-849 a dezembro de 1852; Dr. Amaro Avila Silveira, dezembro de 1852 a dezembro de 1856; Dr. Serafim J. Rodrigues Araújo, dezembro de 1856 a dezembro de 1860; Antônio Raimundo Assunção, 16-3-861 a dezembro de 1863; Dr. Joaquim Vieira da Cunha, dèzembro de 1864 a dezembro de 1868; Doutor João Chaves Campelo, dezembro de 1868 a dezembro de 1872; Dr. João Teófilo Gonçalves, dezembro de 1872 a dezembro de 1876; João Teodósio Gonçalves, 16-3-1877 a novembro de 1880. Esta Câmara, por acórdão do Tribunal da Relação, de 22 de setembro de 1876, foi dissolvida em 9 de novembro de 1878, por ter sido anulada a qualificação dos votantes.

Dr. Antônio Francisco dos Santos Abreu, 16-3-881, a dezembro de 1886. O Dr. Anibal Maciel, durante a presidência da Câmara, foi substituído por Antônio Pereira de Azevedo e, êste último, por Manuel Rafael N. da Cunha, sendo êste, em fins de 1883, também substituído pelo comendador Bernardo José de Souza, eleito na vaga do Doutor Anibal Maciel.

Dr. Artur A. Maciel, 16-3-1887 a dezembro de 1889. Êste foi substituído em 1889, pelo Dr. Antônio Soares da Silva.

Em 15 de novembro de 1889, essa Câmara encerrou suas sessões, com o advento da república, quando foi organizada a Junta Administrativa, sob a presidência do Visconde de Pelotas até 26 de maio de 1891, respectivamente, ainda, por F. Nunes de Souza, Dr. A. Soares da Silva, Doutor Cipriano F. Mascarenhas e Pedro Luiz Osório.

As administrações de 1891 a 1943 foram as seguintes:

O primeiro intendente do município foi o Dr. Gervásio Alves Pereira, natural de Pelotas, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Membro proeminente do triunvirato que administrou o município, após a Proclamação da República. Foi nomeado pelo Dr. Júlio de Castilhos, logo depois de promulgada a Constituição do Estado. Serviu de 15 de setembro de 1891 a 1894. Faleceu em 1909.

O Dr. Antero Moreira Leivas, natural de Pelotas, formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, completou dois anos do exercício de seu antecessor, sendo em seguida eleito para o quadriênio de 1896 a 1900. Espírito filantrópico e administrador inteligente, governou a comuna de forma eficiente, naquele período delicado de recente comoção interna.

Dr. Francisco de Paula Gonçalves Moreira, formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, é eleito de 1900 e, em 1902, passa a administração ao Dr. José Barbosa Gonçalves, natural de Jaguarão, diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

O Dr. Cipriano Corrêa Barcelos, natural de Pelotas, formado em engenharia pela Escola de Liége, Bélgica, foi eleito para o quadriênio de 1904 a 1908.

Dr. José Barbosa Gonçalves, eleito para o quadriênio de 1908 a 1912, teve que interromper sua próspera administração, por ter sido escolhido pelo marechal Hermes da Fonseca, para Ministro da Viação. O Dr. Barbosa Gonçalves foi o idealizador das obras de saneamento de Pelotas, assim como realizou a encampação das Companhias de Gás e Hidráulica. Construiu o forno crematório; remodelou o mercado público, além de outras importantes obras.

Dr. Cipriano Corrêa Barcelos, que, nomeado subprefeito do 1.º Distrito, completou o quadriênio daquele, como eleito para o período de 1912 a 1916 e é, após, reeleito para 1920. Administrador enérgico e empreendedor, dedicou verdadeiro carinho às praças públicas; organizou o Instituto de Higiene; remodelou grandes trechos do calçamento urbano e dedicou especial atenção às estradas rurais.

Reprêsa Quilombo

Dr. Pedro Luiz Osório, natural de Pelotas, formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Eleito para o quadriênio de 1920 a 1924. Pelotas deve ao Dr. Pedro Luiz Osório sua iluminação elétrica; calçamento "petit--pavé"; arborização das ruas e inúmeras outras obras de vulto. Ainda teve o Dr. Pedro Osório que lutar no período do seu quadriênio com a revolução de 1923 que, inquestionàvelmente, trouxe sérios embaraços a sua vida econômica principalmente aos cofres municipais.

O Dr. Augusto Simões Lopes, natural de Pelotas, formado em direito pela Faculdade de São Paulo, foi eleito para o quadriênio de 1924 a 1928. Realizou importantes melhoramentos, como a construção do edifício do Almoxarifado; pavimentação de grande área da cidade; construção de várias pontes e pontilhões; vários edifícios para grupos escolares, sendo, sem dúvida, dentre os intendentes de Pelotas, o que mais cooperou para a alfabetização, instalando na zona rural grande número de escolas, remodelando o Ginásio Pelotense e realizando outras iniciativas importantes, como a construção do cais do pôrto, mais tarde concretizado pelo Govêrno do Estado.

O Dr. João Py Crespo, eleito para o quadriênio de 1928 a 1932, era espírito culto e dinâmico. Continuador da obra do Dr. Augusto Simões Lopes, seguiu um regime de economia, método pelo qual conseguiu trazer grandes melhoras à situação econômica do município, conquistando os aplausos daqueles que acompanharam sua administração sem isenção de ânimos.

Os Prefeitos da Comuna foram os seguintes:

Dr. Augusto Simões Lopes, 23-6-32 a 2-3-33; Joaquim A. Assunção, 11-3-33 a 13-8-34; Dr. Silvio Barbelo, ... 11-8-34 a 12-2-38; Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, 19-2-38 a 10-4-44; Silvio Echenique, 13-4-44 a 12-11-45; Sergio Almeida Silveira, 21-11-45 a 3-1-46; Dr. Procópio Gomes de Freitas, 1-3-46 a 10-12-47; Dr. Joaquim Duval, 2-2-48 a 31-12-51; Dr. Mário David Meneghetti, 1-1-52.

O comércio e indústria em Pelotas sempre foram bastante desenvolvidos.

O pioneiro da indústria, no Estado, foi o cearense José Pinto Martins, fundador da primeira charqueada, no ano de 1780, à margem direita do arroio Pelotas. Aqui, viveu Pinto Martins até o ano de 1826, quando faleceu na avançada idade de 79 anos. A aludida charqueada girava sob a razão social de José Pinto Martins & Cia., não sendo conhecido o nome do sócio; conforme várias versões trata--se de Manuel de Sá Araújo, que, mais tarde, explorou o negócio em sua firma individual, trespassando-o depois a José Bento de Campos e dêste a seus herdeiros.

Os processos para o fabrico do charque, naquele tempo, eram os mais rudimentares; o estabelecimento possuía simples construções de galpões cobertos de "sapé", varais para a "sêca" da carne desdobrada, salgada, e algum tacho para a extração de parca gordura dos ossos por meio da fervura em água. O sal do Reino (Aveiro, Setúbal e Lisboa) sòmente era empregado para o encharque — salgação da carne.

A courama era estaqueada, sêca ao sol; o sebo, simplesmente lavado, pôsto ao tempo em varais e depois socado, em fôrmas cúbicas de madeira, produzindo pães de pêso variável. A ossamenta era amontoada e queimada e a cinza

atirada para os aterros, ou servia para fazer mangueiras e cêrcas.

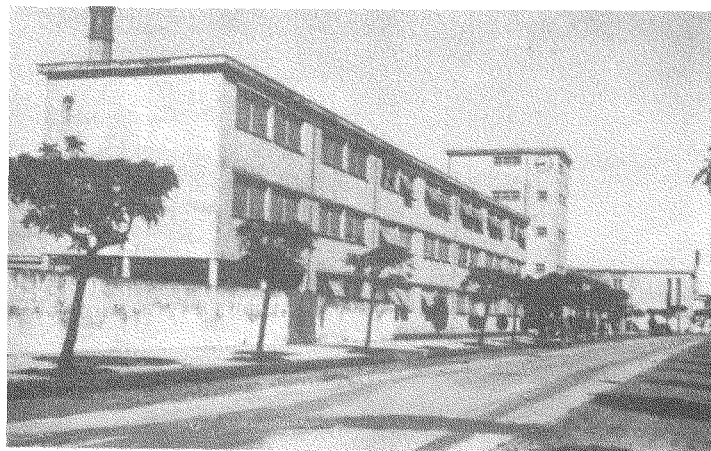
Muitos outros seguiram o exemplo de José Pinto Martins, fundando estabelecimentos saladeris, nas terras que margeiam o arroio Pelotas, São Gonçalo e Santa Bárbara, adensando, dessa forma, a população nas zonas imediatas, como as de Antônio José de Oliveira Castro e José Gonçalo, Paula Ferreira e João Simões Lopes, que a transmitiu a seu filho, o Visconde da Graça e por êste a seus herdeiros.

Em 1856, quando a cólera-morbo grassava apidêmicamente na região, causando inúmeras vítimas, dizem que nesta charqueada morreram mais de 50 escravos, inclusive a espôsa e uma filha de seu proprietário.

Jorge Sallis Goulart, estudando a formação social do povo rio-grandense, afirmou ser Pelotas uma dádiva do São Gonçalo, acrescentando que, se não existisse o referido curso dágua, as charqueadas, aqui fundadas, teriam sido estabelecidas no Rio Grande, centro mais nas proximidades dos mercados consumidores e que mais vantajosa e fàcilmente importaria o sal necessário ao preparo da carne-sêca.

A primeira salgação de couros, feita no Brasil, foi na charqueada de Manuel Antônio Lopes, no Saco da Mangueira, nas proximidades da Junção; foi realizada a título de experiência, por ordem da firma estrangeira Halaud, Davis & Co.

Continuando a descrição dos primitivos proprietários de charqueadas, verifica-se que outros estabelecimentos foram aparecendo, como os de Antônio José de Azevedo Machado, Jerônimo de Freitas Ramos, Vicente Lopes dos Santos e Domingos de Castro Antiquera, Visconde de Jaguari. Esta última, atualmente da firma Viúva Pedro Osório & Cia. Limitada, tem o seguinte histórico: o Visconde de Jaguari passou o estabelecimento a seu filho José de Castro Antiquera e êste a Leonídio Antero da Silveira que o vendeu ao coronel Pedro Luiz Osório. Entretanto, conforme outras notas gentilmente fornecidas pelo Sr. J. C. Abrantes, a charqueada em aprêço foi adquirida pela Cia. Pastoril Industrial Sul Brasil a Paulino da Costa Leite e sua mulher, em 31 de janeiro de 1891. Mais tarde, 29 de dezembro de 1896, a firma Rosa Carvalho & Osório, composta dos sócios Alberto Roberto Rosa, João Lopes Carvalho e Pedro Osório, compraram aos síndicos Conceição & Cia. e Dr. Epaminondas Piratinino de Almeida, da Cia. Industrial Sul Brasil. Em 14 de junho de 1926, o coronel Pedro Osório comprou da firma Carvalho & Irmão, estabelecida em São Salvador da Bahia, sucessores de Rosa & Carvalho, a parte do estabelecimento que, por dissolução da firma Rosa Carvalho & Osório, correspondeu ao falecido João Lopes Carvalho. Em 21 de março de 1931, duas têrças partes dêste estabelecimento vieram para a firma Viúva Pedro Osório & Cia. Ltda., por fôrça de contrato social. Em 18 de julho de 1937, a firma aludida comprou a Arlindo Moreira Rosa o têrço restante. Esta charqueada, muito embora tenha ótimas instalações, está com seu movimento muito reduzido, sendo o único estabelecimento de charqueada que ainda funciona, neste município.

Salgues & Roux, da qual fazia parte João Batista Roux, foi o primeiro estabelecimento saladeril, no tempo da escravatura, que empregou o braço livre, como um protesto às cenas dantescas de uma escravidão de torturas, em pleno apogeu no norte do país. Aqui, como é notório, a mentalidade democrática do gaúcho desprendeu os grilhões a milhares de escravos muito antes da Lei Áurea.

Escola Técnica Municipal

Enfim, a indústria do charque prosperava de forma acentuada, tendo em determinados períodos funcionado, simultâneamente, quarenta e duas charqueadas, no município.

Ainda foram charqueadores do tempo da fundação, José Inácio Bernardes, João Vinhas, José Antônio Moreira (Barão de Batuí), Domingos José de Almeida, Boaventura Rodrigues Barcelos, Antônio José Gonçalves Chaves, Joaquim José de Assunção, João Jacinto Mendonça, Manuel Soares da Silva e outros.

Indústrias diferentes foram surgindo, ao lado do comércio já de algum vulto para aquela época. A contar de 1935 não subsiste qualquer das firmas em aprêço; entretanto, outras quase centenárias, como um padrão de perseverança, de tenacidade e do trabalho, formando os decanos do comércio e da indústria de Pelotas, continuam suas atividades, como Krentel & Cia., fundada em 1871, por Eduardo Jeneret; Bromberg S.A., fundada em 1876, sob a razão de J. Reich, de Hamburgo; Viúva Silveira & Filhos, fundada por João da Silva Silveira, em 1876; F. C. Lang & Companhia, fundada em 1864 por Frederico Carlos Lang; Souza, Soares & Irmão, fundada em 1874, por José Alvares de Souza Soares e inúmeras outras firmas antigas, junto a estabelecimentos modernos, dentre os quais, algumas de notável importância para a vida econômica de Pelotas.

A imprensa em Pelotas sempre foi adiantada, como se pode verificar pelo que se segue:

Impresso em prelo de madeira, no dia 7 de junho de 1851, surgiu em Pelotas "O Pelotense", sob a direção de seu proprietário Candido Augusto de Melo. Foi o primeiro jornal editado, neste município. Posteriormente, foram publicados "O Noticiador", que circulou de 1854 a 1868, sendo seu proprietário José Luiz de Campos. Neste órgão de publicidade, trabalhou como tipógrafo o general José Maria Marinho da Silva.

"O Grátis", em 1854, que teve duração passageira, publicando sòmente doze números. Êste jornal ressurgiu em 1857 e, em 1859, foi substituído pelo "Diário de Pelotas", que também era distribuído gratuitamente.

"O Ramalhete Rio-grandense", em 1857, sob a direção de Carlos Von Koseritz. Ainda, neste ano, foram editados "O Pigmeu", "O Cometa" e "O Araribá", êste último diri-

Praça Coronel Pedro Osório

gido pelo Barão de Arroio Grande — Francisco Antunes Gomes da Costa, e outros.

Em 2 de março de 1858, apareceu o "Brado do Sul", propriedade do legendário Domingos José de Almeida e Carlos Von Koseritz. Era redator Honório Alvares da Campa. Deixou de circular em 1861.

Em 1859, circulava "Anunciante", também sob a direção de Carlos Von Koseritz.

Em 1861-62, surgiram "O Mercantil" e "Álbum Pelotense". O último pertenceu a Joaquim Ferreira Nunes, apelidado o *Agüenta-lá,* como informa o Sr. Florentino Paradeda, num de seus trabalhos intitulados "Notas Históricas" — "quando êle distribuía seu periódico, empregava sempre esta expressão: "agüenta lá o jornal'.

"Mosaico", fundado em 1862, por Francisco Policarpo Guimarães.

"Arcádia", fundado em 1869. Circulou até 1870; "Onze de Julho", 1868-1869; "A Castália", fundado em 1869. Dêste, foi redator o saudoso poeta Lobo da Costa.

"Diário de Pelotas", 1868-1889, de propriedade de Antonio da Silva Moncorvo Junior, foi órgão do Partido Liberal.

"A Estrêla", editado em 1863, era propriedade de Serafim de Araújo e José Maria Marinho da Silva.

"Jornal do Comércio", editado de 1870 a 1872 e de propriedade de Antônio Joaquim Dias.

"Álbum Literário", 1874-1875, de propriedade de V. Rodrigues de Souza.

"Correio Mercantil", 1875-1915, fundado por Antônio Joaquim Dias.

"Cruzeiro do Sul", fundado em 1872, por Antônio Rodrigues de Souza, Aristides e Epaminondas Arruda.

"O País", 1876-1877, de propriedade de Antônio Rodrigues Pereira Reis.

"Correio do Século", fundado em 1875, por José Alvares de Souza Soares, visconde de Souza Soares.

"A Lanterna" e "O Trovador" apareceram em 1876.

Em 1884, tivemos "A Pena" e em 1885, "Imigração" e "Futuro" (Editado pelo Clube Caixeiral). Ainda neste ano, foi fundado "Rio-Grandense", de propriedade de Antônio da Silva Moncorvo Júnior, que desapareceu em 1888.

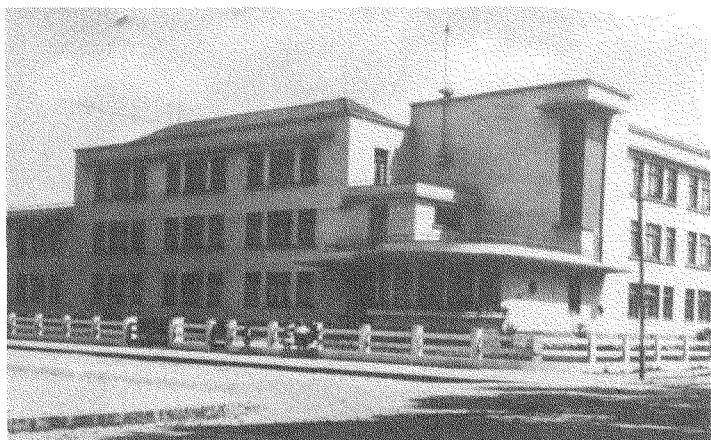
"New Presse", 1879-1880, de Júlio Curtius.

"A Abelha", 1878-1879; "A Idéia", 1878-1879, dirigido por Frederico Satamini; "A Escola", em 1877, por Apolinário Pôrto Alegre e Hilário Ribeiro; "Progresso Literário", 1877--1889, propriedade de Teodozio Garcia e J. J. Cesar; "O Livre Pensador", 1879; "Cabrion", 1879-1889.

Em 1888, apareceram os seguintes: "Bilontra", "O Republicano", "O Artista", o "O Psiu" e "Mandarim", êste último dirigido por João Moura.

Em 1889, "O Farrapo", "A Investigação", "Violeta", "A Moralidade", "O Positivo" e a "Gazetinha".

"O Nacional" circulou de 1889 a 1892; "Sport Rio-Grandense", de 1889 a 1892, tendo como redator Ribeiro Taques. E, ainda, outros circularam naquele período, como "Arena Literária"; "Férula", 1881-1882; "Voz do Escravo", 1881; "A Discussão", 1881-1888. Foram redatores dêste último, Fernando Osório (Pai) e Epaminondas Saturnino de Arruda.

"Tribuna Literária", em 1882, propriedade de José Gomes Corrêa.

Escola Complementar Municipal

"A Nação", em 1882-1885; "O Pervegil", 1882-1883, e o jornal italiano "Il Venti Settembro" em 1883, propriedade de Carlos Cantalupi.

"A Pátria", 1886-1889, dirigida por Fernando Pimentel e Ismael Simões Lopes.

Em 1886-1887, tivemos as edições especiais da "Independência do Brasil" e "Ethiopico". "O Democrata" e "Ventarola" também surgiram em 1886. O último era ilustrado e humorístico.

"O Sul do Brasil", 1887-1888, órgão oficial do Centro Agrícola e Industrial.

"A Revista Popular", em 1888, fundada por Francisco Cardona.

"O Arauto", em 1887, fundado por José Veríssimo Alves.

De 1889 a 1890, foram fundados os seguintes: "Gazeta da Manhã", "O Indiscreto", "O Raio", "O Investigador", "O Bilontra", "A Coruja", "O Caixeiro", "Anolador", "Tiradentes", "Binóculo", "Rebate", "Jornal das Famílias" e outros.

No período de 1891 a 1896, apareceram: "Pérola", "Futuro", "A Gargalhada", "Democracia Social", "Vida Pelotense", "Ensaios Literários" e "Lanterna".

"O Diário Popular", ainda em circulação, foi fundado em 7 de agôsto de 1890, por Teodózio Menezes. "A Opinião Pública", em 1896, por Filinto Moura, Rodolfo Amorim, Artur Hameister e T. de Menezes.

Mencionar todos os pequenos semanários que surgiram de 1900 em diante seria tornar excessivamente longo êste rápido esbôço do desdobramento da imprensa de Pelotas; porém, parece impossível deixar de fazer menção ao "Dia", órgão cujo corpo redatorial tinha o concurso de João Carlos Machado, Vitor Russomano, Fernando Osório, Antero Leivas e outros: "O Libertador", paladino das idéias liberais, reflexo do pensamento libertador através da pena brilhante de Antunes Maciel e Júlio Ruas; os semanários "A Máscara" e "Ilustração Pelotense", que durante largo espaço de tempo, focalizaram os aspectos sociais de Pelotas; "A Cavação", fundada por Carlos Souza, "O Echo", dirigido por Pedro Vergara e Almeida Peres; "Revista Estatística", fundada por José da Costa Gomes; "A Pátria", órgão do partido Liberal; "Rebate", de Frediano Trebi.

No momento, estão sendo publicados os seguintes: "Opinião Pública", "Diário Popular", "A Palavra", "A Alvorada", "Boletim Comercial", "Boletim da Associação Comercial" e "Jornal da Tarde".

Quanto à *origem do nome de Pelotas* existem as seguintes versões:

Depara-se no manuscrito de José Saldanha parte integrante dos códices de "Correspondência dos Governadores do Rio Grande do Sul com o vice-rei do Brasil" — primoroso trabalho que teve a primazia de registrar ótimos regionalistas do sul, mais tarde incorporados ao linguajar sul-rio-grandense, a seguinte nota:

"Pelotas são huns minimos e portateis Barcos, formados de Couros, de que uzão neste Continente para passarem nos Passos e Arroyos, ou Rio de nado. As mais vulgares, Pelotas, são de dous feitios. Uma de figura de hum Taboleiro, compostas de hum couro de Vacca secco e descarnado, que já trazem para este fim, e a que chamão "lizar" sendo abertas as rezes pelas costas, tomão-lhe os cantos com huns pontos de huma tira estreita de couros e prendendo-lhe em um dos cantos outra mais comprida, pela qual a pucha, e guia o Nadador, fazem-lhe um pequeno lastro de Ramos Verdes, e depois a carregão de trastes ou de Passageiros, hum a hum. Outras são construídas de hum grande Couro de Touro fresco, que antecedentemente vão tirar ao primeiro que encontram no Campo dos Cimarrmarroens, e trazendo-o sobre o cavallo, o frangem em roda com hum laço (isto hé uma corda formada de quatro tiras de couros entrãçadas) e o reduzem depois de cheyo de trastes, a figura de huma grande bacia, ou cesto, sobre o qual passa por vez hum passageiro. Aquellas tem o perigo de se desmancharem, e irem a pique depois de terem duas ou tres viagens; estas pezam muito, e canção o Nadador, que as tira, obrigando-o a Largá-las" (Sic).

Do "Vocabulário Sul-Riograndense", consta: "supomos que as "pelotas" foram primitivamente usadas pelos indígenas rio-grandenses. Mas, em geral, costuma-se acomodar apenas os arreios, roupa etc., quase nunca embarcando o passageiro, que atravessa o arroio a nado, levando presa aos dentes a extremidade da corda que prende o improvisado barco, por essa forma de movimento. Quando embarca alguem na "pelotas", é esta rebocada ou puchada por um indivíduo a nado ou por condutor a cavalo" (Sic).

Consoante a tradição, no Passo dos Negros, sôbre o São Gonçalo, a passagem era feita em "pelotas", sendo que a origem do nome de arroio Pelotas, como assim era conhecido muito antes de 1756, procede de vários documentos daquela época e nos quais aparece essa designação.

Ainda a êste respeito, e por considerar ótima elucidação, citemos J. Simões Neto que julgava que os antigos exploradores, procedentes da Colônia do Sacramento, e radicados no Rio Grande, tenham atravessado o São Gonçalo no passo dos Canudos; contramarchando para leste, pela margem esquerda, encontrariam grandes banhados; cruzando, então os campos do Pavão, descortinaram e subiram os contrafortes da serra dos Tapes sôbre o Capão do Leão, prosseguindo até a várzea do Fragata e planalto — neste último local onde foi erguida a cidade — dêste ponto, continuaram seguindo o mais forte curso de água que encontraram: o arroio Pelotas, atravessando-o pelo sistema dos indígenas, com os quais os bravos exploradores desde muito tinham contacto, como gente andeja e experimentada. Naturalmente as caravanas exploradoras reiteradas vêzes repetiram o percurso aludido, originando o nome de Pelo-

tas dado àquele curso de água. E fato interessante, daí o nome à cidade, em homenagem ao primeiro núcleo de homens que, nas margens do mencionado arroio, foram os troncos primitivos da gênese pelotense, proposto por Francisco Xavier Ferreira, na Assembléia Provincial de 1835, quando lhe foi dado foros de cidade.

Domingos José de Almeida, compartilhando da opinião de Xavier Ferreira, obteve, assim, maioria de votos sôbre inúmeros outros nomes lembrados para a Princesa do Sul.

Quem teve a primazia de denominar Pelotas "Princesa do Sul"?

Muitas são as versões a respeito daquele que teve a primazia de chamar o município de Princesa do Sul. Dizem uns que foi Olavo Bilac; outros afirmam que foi Fernando Osório (Pai) e ainda há os que dizem que o autor foi Afonso Celso.

Depara-se na "Revista da Associação — Tributo às Letras", edição de junho de 1863, uma poesia, cuja última estrofe explica a origem do nome:

PELOTAS

Cidade formosa, Indiana das várzeas,
A Itália invejara teu céu sempre azul;
E a Pátria orgulhosa de vastas florestas
Encantas sorrindo nos campos do Sul

Aos ventos gelados do rude Pampeiro
Tu soltas as tranças e as vestes de anil;
À margem sentada de um rio orgulhoso,
Nas águas te miras qual ninfa gentil.

E as noites formosas, na praia sòzinha,
Envolta em vapores, te vejo a cismar,
Até que adormeces ao som das cantigas,
Que solta o remeiro no rio a vogar.

O sol luminoso que ao longe desponta,
De um leito de flores te vem despertar;
E um raio ligeiro o espaço cruzando
Tua face nevada vem cêdo beijar.

Nas tardes serenas de estio calmoso,
Campêas Sultana no meio das flores;
E ao longe o oceano de ti namorado
No afan de beijar-te redobra furores.

Ó sylphede aérea, Indiana das várzeas,
Que dos Pampas adoram vestida de azul;
A Pátria orgulhosa de tantos primores,
Te aclama Princesa nos campos do Sul.

A poesia acima é da autoria do saudoso Sr. Antônio Soares da Silva, quando estudante de direito, em São Paulo, e que se julga ter sido o primeiro a denominar a nossa terra de Princesa do Sul.

Pelotas é a segunda cidade do Estado, sendo seu município um dos mais prósperos do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA — José da Costa Gomes — *Agência Municipal de Estatística, Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, n.º* 4. *História do Rio Grande do Sul* — Sousa Docca.

VULTOS ILUSTRES — *Joaquim Jacintho de Mendonça* — Nasceu em Pelotas a 20 de maio de 1828. Fêz seus estudos preparatórios no Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro, seguindo para São Paulo, onde bacharelou-se em 1850, em Ciências Jurídicas e Sociais.

Sendo convidado para a pasta da Marinha, não aceitou o cargo.

Magistrado, Administrador, Político, exerceu o cargo de promotor público, governou Sergipe e sua terra natal; estêve na Assembléia Provincial e na Câmara temporária, onde sempre defendeu as causas justas. Inaugurada a situação Liberal de 1889, foi-lhe conferido o título de conselheiro.

Faleceu a 1.º de janeiro de 1891.

Juvêncio A. de Menezes Paredes — Contemporâneo e amigo íntimo de Apolinário Pôrto Alegre, nasceu Juvêncio Augusto de Menezes Paredes aos 6 de setembro de 1848 em Pelotas. Poeta, professor e político, exerceu o mandato de deputado à Assembléia Provincial. Foi membro do "Partenon Literário". Juntamente com Apolinário Pôrto Alegre, escreveu "Jovita", drama, até hoje inédito. Publicou "Parietárias", Pôrto Alegre — 1873, obra essa que "dá bem a medida da feição característica do autor, isto é, a sua posição contrafeita dentro do ultra-romantismo". Faleceu no ano de 1882, em São Gabriel.

Antônio Francisco dos Santos Abreu (Barão dos Santos Abreu) — Nasceu em Pelotas, a 26 de setembro de 1832. Fêz os estudos preparatórios em sua cidade natal, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde se formou na Faculdade de Medicina. Voltando a Pelotas, exerceu, durante muito tempo, o cargo de Administrador da Sociedade Portuguêsa de Beneficência, sendo agraciado, com o título de Barão, pelo govêrno português. Faleceu com quase 70 anos, a 24 de julho de 1899.

Dr. João Jacintho de Mendonça — Nasceu na cidade de Pelotas, em 16 de março de 1817. Bacharelou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1836. Voltando ao Rio Grande do Sul, destacou-se na política por seu dote de excepcional orador. Delicado, cavalheiro, nunca escapou-lhe, nas discussões que teve com seus adversários, palavras que pudessem melindrá-los.

O Partido Conservador o acatava com justiça, tornando-se, assim, uma figura saliente entre seus correligionários. Dedicando-se à Política, abandonou a clínica. Foi eleito por diversas vêzes, à Assembléia Provincial e à Câmara Federal. Presidiu a província do Estado de São Paulo, quando foi alvo dos mais francos aplausos dos seus adversários. Faleceu a 3 de junho de 1869, no Rio de Janeiro.

Colimério Leite de Faria Pinto — Pelotense de nascimento, Colimério Leite de Faria Pinto nasceu no ano de 1852. Exerceu o magistério e o jornalismo, cargos em que dedicou grande atividade. "Distinguiu-se pela fertilidade literária. Em 35 anos de vida, êsse homem encontrou tempo para escrever, teatro, poesia e, bem assim traduzir inúmeros autores. Mas de sua enorme atividade, muito pouco veio até nós, mesmo porque quase tôda a sua obra continua inédita.

São de sua autoria: "Albertina", romance — 1873; "Meus Serões", contos — 1879; "Queda de um Anjo", ro-

mance; "Mendigo" e "O que eu Invejo", poesia; "Traços Biográficos de Clarinda da Costa Siqueira". Para o teatro, escreveu as comédias: "Mais Vale Calar que mal Falar" — 1870, "Travessuras de um Estudante" — 1870, "Uma para Dois" — 1872, "A Espera da Noiva" — 1874, "A Última Conquista" — 1879. Escreveu ainda os dramas: "Caim", — 1874, "O Voluntário" — 1875, "Roma e a Família" — 1878, "Paulo e o Bandido" — 1879.

Faleceu em sua terra natal em março de 1887.

Conselheiro Ferreira Viana — Natural de Pelotas, nasceu a 11 de maio de 1833. Bacharelou-se em letras, no antigo colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Matriculou-se mais tarde, na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1855. Depois de ter sido promotor Público da Côrte, dedicou-se à advocacia e à imprensa política. Colaborou no "Correio Mercantil" e foi redator-chefe do "Diário do Rio de Janeiro". Foi deputado em cinco legislaturas, Presidente da Câmara Municipal, Ministro da Câmara e do Império. Fundou os hospitais de "São Sebastião" e do "Jurujuba". os asilos do "Conde de Mesquita" e de "São Bento", a casa de "São José" para crianças abandonadas, a "Associação Protetora da Criança Pobre", e um "Albergue Noturno".

Como Ministro da Justiça, fêz diversas reformas nos regulamentos do "Corpo Militar", da "Casa de Detenção" e do "Asilo de Mendicidade". Protetor e defensor da liberdade individual, proibiu as prisões sem nota de culpa. Fêz parte do ministério que aboliu a escravatura no Brasil.

Escreveu diversos trabalhos de inigualável alcance Liberal, entre os quais "Libelos Políticos", na Gazeta de Notícias, lutando por diversas reformas, especialmente a da Eleição Direta.

Traduziu diversas fábulas de Lessing e de Esopo. Pelc advento da República, publicou, no "País", jornal do Rio de Janeiro, uma série de artigos sôbre "O Antigo Regímen", alcançando sucesso, não só pelo delicado humorismo, como também pela sua maliciosa graça.

Faleceu no Rio de Janeiro a 10 de novembro de 1903.

Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento — Nasceu em Pelotas a 13 de agôsto de 1856. Faleceu no Rio de Janeiro a 9 de novembro de 1912. Depois de completar os estudos preparatórios, seguiu para São Paulo, onde fêz seus estudos de Ciências Jurídicas Sociais. Voltando ao Rio Grande, foi juiz municipal em Santana e a seguir, abandonando o cargo público, foi residir em sua cidade natal.

Foi um dos organizadores do Partido Republicano, no sul da província. Após a Proclamação da República, foi eleito deputado à Constituinte. Estando seu partido na ilegalidade, devido ao movimento de 12 de novembro em Pôrto Alegre, combateu o govêrno de Floriano Peixoto, enquanto êste não restabeleceu a legalidade. Foi o líder da oposição parlamentar, abandonando a liderança, quando, a 17 de junho de 1892, foi restabelecido o govêrno do Dr. Júlio de Castilhos.

Atraído por Floriano Peixoto, para seu govêrno, foi-lhe confiada a pasta do Exterior.

Cassiano do Nascimento foi deputado, Vice-Presidente do seu Estado, Líder da Câmara, Ministro do Exterior, Fazenda, Interior e, por fim, Senador.

Alberto Cunha — Alberto Coelho da Cunha, mais conhecido sob o pseudônimo literário de "Victor Valpírio", é natural de Pelotas.

Sua produção literária se enquadra, entretanto, na década de 1870-80. Fêz seus estudos em sua terra natal, colaborou no "Partenon Literário" e na revista "Arcádia", fêz propaganda em prol da República e, quando morreu, encontrava-se já afastado das atividades literárias.

Aos vinte anos de idade, publicou na "Revista do Partenon" a novela "Mãe do Ouro", que teve grande aceitação. Mais tarde, publicou os contos "Pai Felipe" — 1874 e "A Filha do Capataz" — 1875.

Francisco Antunes Maciel — Nasceu em Pelotas, em 1847. Depois de completar o curso preparatório, seguiu para São Paulo, onde se matriculou na Faculdade de Direito. Por motivo de um incidente escolar, foi obrigado a abandonar os estudos, e seguiu para Montevidéu onde concluiu seu curso. Voltando a Pelotas, abriu uma banca de advogado. Fundou e redigiu o "Nacional", na cidade de Pelotas. Militava no Partido Liberal, e foi eleito deputado provincial e a seguir deputado geral.

Em 1883, foi nomeado ministro do Império do gabinete Lafaiette.

Em 1884, na câmara foi líder da maioria liberal e, da minoria, em 1888.

Em agôsto de 1889, eleito deputado, não chegou a tomar posse, por ter sido proclamada a República. Em Montevidéu, dirigiu a campanha Federalista de 1893-1895. Quando entrou em vigor a lei da anistia, voltou ao Rio Grande do Sul, sendo aclamado presidente do Diretório Central do Partido Federalista.

Além de titular do Conselho do Império, Francisco Antunes Maciel era oficial da Legião de Honra da França.

Faleceu na Capital Federal a 13 de agôsto de 1917.

Francisco Carlos Araújo Brusque — Nasceu em Pelotas, onde fêz seus estudos preparatórios .

Seguindo para São Paulo, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. De volta ao Rio Grande do Sul filiou-se ao Partido Liberal, que o elegeu diversas vêzes, à Assembléia Provincial e à Câmara Federal. Ocupou também a Pasta da Marinha.

Miguel Meirelles — Nasceu em Pelotas a 3 de setembro de 1830. Com sòmente 12 anos de idade, alistou-se no 2.º Regimento de Cavalaria e fêz a campanha do Uruguai em 1852.

Em 1861, por motivos de saúde, foi reformado, no pôsto de tenente.

Quando os paraguaios invadiram o Rio Grande do Sul, apresentou-se Miguel Meirelles como voluntário, para servir sob as ordens do Conde de Pôrto Alegre, tendo seguido para a luta como major e secretário do Conde. Regressou, enfêrmo, logo depois da rendição de Uruguaiana.

Filiado ao Partido Liberal foi eleito deputado à Assembléia Provincial em 1859, onde representou sua terra natal, 8 anos consecutivos.

Cultivava a poesia e a prosa. Colaborou com a imprensa no periódico "Guaiba". Escreveu diversos dramas, destacando-se: "A Mulher do Artista", "Baroneza da Tijuca", "O Homem do Século" e "Sem Título".

Faleceu a 11 de dezembro de 1872.

Miguel Rodrigues Barcelos (Barão de Itapitocay) — Nasceu em Pelotas, em 1827. Depois de fazer seus estudos preparatórios, seguiu para o Rio de Janeiro, formando-se em medicina no ano de 1848. De volta a sua terra natal, dedicou-se a sua profissão e filiou-se ao Partido Libertador no seio do qual teve grande prestígio. Nomeado vice-presidente da província, exerceu o cargo de 20 de setembro de 1885 a 5 de maio de 1886. Ao deixar o govêrno, foi agraciado com o título de Barão de Itapitocay. Faleceu a 13 de fevereiro de 1896.

Possidônio da Cunha — Possidônio Mâncio da Cunha nasceu em Pelotas a 14 de junho de 1863. Fêz seus estudos superiores na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se bacharelou, em 1884. Pertenceu ao grande grupo dos militantes acadêmicos de sua Faculdade, que defendiam os ideais republicanos. Concluído o seu curso de bacharel, transferiu-se para o Rio de Janeiro e aí passou a exercer a advogacia. Mais tarde, resolveu mudar-se para a sua cidade natal. Republicano de convicção, juntamente com os Drs. Álvaro Chaves e Cassiano do Nascimento, organizou o partido republicano da cidade de Pelotas, de cuja comissão executiva era presidente, quando da proclamação da República. Com a implantação do novo regime, estabeleceu residência em Pôrto Alegre, onde veio a ocupar cargos de destaque. Foi superintendente dos Negócios da Fazenda do Estado. Eleito deputado à Assembléia Constituinte, renunciou ao mandato, a fim de assumir o cargo de Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda. Foi representante do Brasil junto ao delegado do govêrno da Itália, na questão de indenização dos prejuízos sofridos pelos súditos italianos, em decorrência da revolução de 1893. Eleito deputado ao Congresso Federal, exerceu o mandato até o fim. Declinou, todavia, da indicação de seu nome para a reeleição, preferindo abandonar a carreira política.

De passagem por São Paulo, aí veio a falecer a 3 de agôsto de 1931.

Lôbo da Costa — Francisco Lôbo da Costa nasceu na cidade de Pelotas a 12 de julho de 1835. Dotado de grande vocação para as artes, aos 12 anos já compunha. Morreu em sua cidade natal a 19 de junho de 1888. Aos 16 anos de idade, ingressou no jornalismo. Com o objetivo de estudar na Faculdade de Direito, seguiu, em 1874, para São Paulo. Aí, todavia, preferiu fazer jornalismo. Mais tarde, voltou à Província, onde levou vida boêmia. Poeta de elevada inspiração, cultivou também o gênero dramático. É considerado, ainda hoje, o vate mais popular do Rio Grande do Sul. Em todos os rincões gaúchos, seus versos continuam a ser declamados com gôsto bem atual. Suas poesias foram enfeixadas quase tôdas nos seguintes volumes: "Auras do Sul" — 1888, "Lucubrações" — 1874, "Rosas Pálidas", "Mariposas". No que se refere ao gênero dramático, publicou "A Bôlsa Vermelha", "O Maçon e o Jesuíta", "Amôres de um Cadete", "Assunção" e "O Filho das Ondas".

"Sem meios para ilustrar-se, foi Lôbo da Costa um autodidata". Coube ao poeta pelotense refletir com fulgor as mil e uma inquietações por que passaram diversas gerações românticas do Brasil. Colocado, quanto ao Rio Grande, entre Rita Barém de Melo, melodia pura, e Fontoura Xavier, virtuoso do parnasianismo, Lôbo da Costa emprestou à poesia o que em sua alma encontrou de mais desinteressado."

João Simões Lopes (Visconde da Graça) — Nasceu em Pelotas, a 1.º de agôsto de 1817. Com 18 anos de idade tomou parte na Revolução de 35, ao lado dos rebeldes, tendo sido prêso por diversas vêzes.

Terminada a guerra e depois de ter percorrido várias províncias do país, estabeleceu em Pelotas uma charqueada e filiou-se ao Partido Conservador, sendo um dos chefes de maior prestígio no Sul. Fêz importantes melhoramentos em Pelotas, sobressaindo: a desobstrução da foz do rio São Gonçalo; a edificação da Biblioteca Pública; o Asilo de Mendigos e a organização da Companhia de Iluminação a Gás. Exerceu o cargo de vice-presidente da província, de 24 de maio de 1871 a 12 de setembro do mesmo ano. Foi agraciado com o título de Visconde da Graça.

Felisberto Ignacio da Cunha (Barão de Corrientes) — Nasceu na cidade de Pelotas, a 11 de novembro de 1824. Destacou-se pela sua inteligência e vivacidade, seguindo a carreira comercial. Após estada no Rio de Janeiro onde trabalhou no comércio, voltou a Pelotas estabelecendo-se com uma charqueada, em sociedade com um seu cunhado.

Pertenceu ao Partido Liberal, onde foi muito influente e destacou-se no movimento abolicionista. Pelos serviços prestados à causa redentora, foi agraciado pelo govêrno Imperial, com o título de "Barão de Corrientes". Faleceu aos 72 anos, em 19 de dezembro de 1896.

Dom Francisco de Campos Barreto — Nasceu na Diocese de Campinas, Estado de São Paulo, a 28 de março de 1877; ordenou-se na Catedral de São Paulo a 22 de dezembro de 1900.

Foi Vigário de Vila Americana, Arraial dos Souzas e Santa Cruz de Campinas. Era Camareiro secreto de S. S. Pio X, procurador da Mitra diocesana de Campinas e Cônego Arcipreste daquele Cabido.

Nomeado Bispo de Pelotas a 12 de maio de 1911, sagrou-se aos 27 de agôsto na Catedral de Campinas, sendo um dos consagrantes Dom Sebastião Leme.

A tomada de posse realizou-se a 22 de outubro. Em setembro de 1920 voltou para Campinas, governando aquela Diocese até a sua morte em 1941.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom Joaquim Ferreira de Mello — Nasceu em Crato, a 31 de agôsto de 1873. Estudou em Olinda, onde foi ordenado a 6 de fevereiro de 1898. Após um tempo de Vigário, passou a exercer o magistério, e foi, de 1909 a 1913, diretor do Colégio São José, em Crato.

Fundou e redigiu o semanário "A Cruz".

A 19 de março de 1915 foi nomeado Vigário-Geral da Diocese de Fortaleza, donde a S. Sé o chamou ao sólio episcopal de Pelotas, a 15 de março de 1921.

Sagrado em Fortaleza a 18 de setembro de 1921 tomou posse a 14 de novembro, permanecendo em Pelotas até a sua morte aos 22 de setembro de 1941.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom João Francisco Braga — Nasceu a 24 de agôsto de 1868 em Pelotas. Tendo iniciado os estudos no Seminário de Pôrto Alegre, seguiu para Hamburgo, Alemanha

cursando ali humanidades. Ingressou no Seminário de Mariana, MG, onde foi ordenado Sacerdote aos 17 de abril de 1900. Voltou a Pôrto Alegre, sendo secretário do Bispado, e atendeu à capela do Espírito Santo, até que aos 24 de agôsto de 1904, foi sagrado Bispo de Petrópolis.

Regeu aquêle Bispado até 19 de dezembro de 1907, quando foi transferido ao sólio de Curitiba.

Elevada a Diocese a Arcebispado, em 9 de maio de 1929, recebeu Dom Braga o sagrado Pálio, como primeiro Arcebispo de Curitiba.

Renunciou em 1935, sendo nomeado Arcebispo titular de Soterópolis e Assistente ao Sólio Pontifício a 6 de julho.

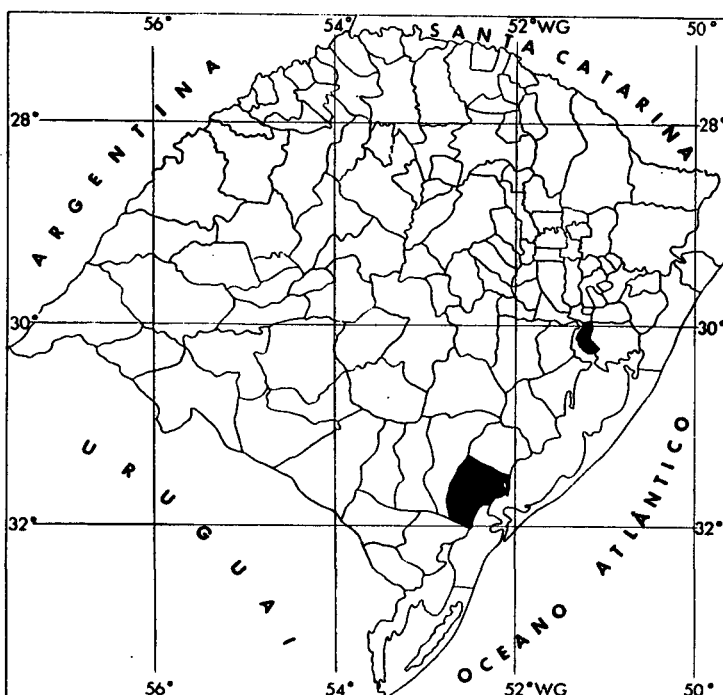
Residia em Petrópolis, onde faleceu aos 13 de outubro de 1937. (Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

POPULAÇÃO — Conta o município de Pelotas 144 690 habitantes, localizando-se, na sede, 89 150 e, na zona rural 55 540 (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 48,30 habitantes por quilômetro quadrado; 3,03% sôbre a população total do Estado; área: 2 992 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Pelotas; vilas: Capão do Leão e Dunas.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Pelotas........	4 982	108	1 110	1 756	474	3 226

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 31° 45' 43" de latitude Sul e 52° 21' 00" de longitude W.Gr. Posição relativamente à capital do Estado: rumo S.S.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 222 km. Altitude: 7 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Canal: São Gonçalo; rios e arroios: Piratini, Grande, Pelotas, Santa Bárbara, Padre Doutor, Pimenta, Quilombo, Touro, Corrente, Padre, Contagem, Salgado, Sujo, Andrade, Corticeiros, Ouro, João Padre, Moreira ou Fragata, Cascata, Micaela, Pepino, Passo das Pedras, etc. A lagoa dos Patos rega a parte leste do município e, próximo à cidade, está a lagoa do Fragata. Cerros: Do Gerivá (360 metros), Pombos, Cadeia (300 m), Três Cerros, Vigia (300 metros), Redondo (290 m), Andradas (326 m), Arnaldo, Cruz, Bueno, Bonito, Infermo, Doroteo, Pelado e outros. São considerados piscosos o canal São Gonçalo e a Lagoa dos Patos. A sede municipal acha-se situada à margem do canal São Gonçalo.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Areia, pedra, madeira, água mineral e barro para confecção de objetos de cerâmica.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é ameno. As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes: máxima — 25,6°C; mínima — 14,1°C; compensada — 18,1°C. Chuvas: precipitação anual de 1 259 mm. Geadas: meses de abril a setembro.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Cangussu e São Lourenço do Sul; ao sul: Arroio Grande; e Rio Grande; a leste: lagoa dos Patos; a oeste: Cangussu.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A agricultura representa um dos fatôres mais importantes do município, sendo que as lavouras de trigo e arroz são mecanizadas na sua quase totalidade. Em 1956, a área cultivada com arroz atingiu a 7 200 ha; com trigo, 2 300 ha; batata-inglêsa, 2 250 ha e milho, 3 400 ha mais ou menos. Como centros consumidores, além da praça local, citam-se as do Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Natal e outras.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	21 360	83 660
Batata-inglêsa	11 808	35 030
Trigo	1 700	11 900
Milho	3 180	9 540

Valor total da produção: Cr$ 162 808 420,00.

Avicultura — A avicultura, no município, ainda não tem desenvolvimento expressivo. A população avícola, compreende criações de raças mistas, sendo estimada em 290 845 aves, valendo Cr$ 1 740 000,00.

Apicultura — A produção, em 1956 foi calculada em 50 000 quilogramas de mel, valendo Cr$ 500 000,00.

Pecuária — Aliada à agricultura, a pecuária representa uma das fontes básicas da riqueza do município. As raças preferidas são: bovinos — holandesa e jérsei; eqüinos — Perchernon; suínos — duroc-jérsei; ovinos — romney marsh. Principais criadores: Artur Assumpção, Ari Alcântara, Alfredo Assumpção, Bertolino Machado, Wolny Rassier, Edmundo Berchon e outros. A compra e venda

de gado é muito reduzida, salvo o gado adquirido para o corte, procedente dos municípios limítrofes, destinado ao Matadouro Municipal, Frigorífico Anglo e Cooperativa Sudeste de Carnes Ltda.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1000)*
Bovinos	73 100	124 270
Eqüinos	17 200	17 200
Muares	400	480
Suínos	61 200	36 720
Ovinos	59 000	16 520
Caprinos	1 000	150

Pastagens predominantes: grama comum e forquilha.

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Carne verde de bovino	4 033 046	71 145 672
Carne frigorificada de bovino	5 439 683	101 004 014
Carne enlatada de bovino	67 028	1 283 129
Charque de bovino	3 253 436	105 981 552
Carne verde de suíno	6 599	139 076
Carne frigorificada de suíno	109 640	2 072 196
Carne salgada de suíno	9 512	144 458
Carne defumada de suíno	4 409	89 122
Carne enlatada de suíno	191 536	7 797 879
Presunto cru	19 673	509 437
Presunto defumado	7 301	343 506
Presunto cozido	7 774	417 362
Presunto enlatado	19 049	678 889
Carne verde de ovino	610 168	10 179 441
Carne frigorificada de ovino	22 367	343 506
Charque de ovino	46 759	1 010 396
Carne verde de caprino	570	7 410
Couro verde de boi, vaca e Vitelo	114 815	1 338 702
Couro sêco: boi, vaca, vitelo	34 207	472 006
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	1 829 566	25 888 544
Pele salgada de nonatos	4 764	54 355
Couro salgado de suíno	21	105
Pele verde de ovino	141 708	1 307 812
Pele sêca de ovino	780	20 280
Pele sêca de caprino	29	580
Pele sêca de suíno	238	5 712
Banha não refinada	42 471	1 268 360
Banha refinada	21 382	1 058 884
Toucinho fresco	24 779	315 348
Toucinho salgado	2 239	53 276
Toucinho defumado	2 053	75 061
Salsicharia a granel	313 187	9 056 364
Salsicharia enlatada	557 433	19 524 377
Sebo comestível	28 690	666 549
Sebo industrial	791 104	12 852 190
Total	17 758 016	377 105 923
Secundários	3 496 775	34 953 038
Total geral	21 254 791	412 058 961

Indústria — Conta o município de Pelotas, com 572 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 6 519 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 2 121 471 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 63,1%; ind. de bebidas, 0,8%; ind. da madeira, 0,8%; tranf. de produtos minerais, 3,2%; couros e produtos similares, 3,8%; ind. químicas e farmacêuticas, 11,9%; ind. têxteis, 4,8%; ind. de papel e papelão, 4,2%; ind. metalúrgicas, 2,0%; ind. de mobiliário, 0,6%; ind. do fumo, 0,5%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 1,3%.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1955

CLASSES INDUSTRIAIS	N.º de estabelecimentos	Média mensal dos operários	SALÁRIOS E VENCIMENTOS PAGOS		Matérias-primas	Valor da produção (1)
			Total	Operários		
			Cr$ 1 000			
Extrat. de prod. minerais	3	23	710	503	135	2 235
Transf. minerais n/metálicos	58	903	25 743	20 399	7 768	61 528
Metalúrgica	19	157	4 213	3 429	30 581	45 405
Mecânica	4	65	1 739	1 208	2 391	4 823
Mat. elétr. e mat. de comunicações	1	2	96	96	131	346
Constr. montagem mat. de transp.	11	33	728	614	2 143	4 559
Madeira	39	88	2 502	1 912	6 377	12 635
Mobiliário	39	150	3 618	3 039	5 392	13 045
Papel e papelão	8	256	9 450	7 901	36 869	82 453
Borracha	7	38	1 408	893	2 118	6 072
Couros, peles e prod. similares	26	341	10 466	7 848	34 440	96 884
Químicas e farmacêuticas	26	482	15 217	9 510	142 546	234 363
Têxtil	3	592	12 890	11 367	94 191	107 546
Vest., calç. e artef. de tecidos	32	159	4 080	2 856	14 194	25 861
Produtos alimentares	208	2 556	78 498	57 166	1002 892	1334 846
Bebidas	20	139	4 066	2 964	6 527	22 303
Fumo	4	82	1 911	1 420	6 742	11 573
Editorial e gráfica	16	187	6 389	4 437	7 559	19 639
Diversas	21	56	1 529	1 155	3 652	8 203
Serv. industr. de utilidade pública	10	184	6 502	3 724	4 734	27 158
TOTAL	*555*	*6 493*	*191 755*	*148 441*	*1411 382*	*2121 477*

(1) Inclusive receita dos serviços industriais.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Emp. de Comércio e Mineração Tropical Ltda.	Água mineral
Águas Minerais Ind. e Com. Ltda.	Água mineral gaseificada
A. J. Moraes	Inst. sanitárias
Caruccio & Cia. Ltda.	Cal virgem
Felipe Palazzo & Cia. Ltda.	Peças de bronze
Metalúrgica Guerreiro Ltda.	Latas de fôlhas-de-flandres
Jorge Ciry & Cia.	Pregos de ferro
S.A. Frigorífico Anglo	Latas de fôlhas-de-flandres
Cia. Nacional de Óleos de Linhaça	Latas de fôlhas-de-flandres
Cia. de Óleos e Linhaça	Máquinas agrícolas
João Badia & Cia. Ltda.	Máquinas agrícolas
Joaquim da Paz Acosta	Peças de máq. agrícolas
Artefatos de Papel e Papelão Ltda.	Artef. de papel
H. Coufal & Cia.	Papel corrugado
Cia. Ind. Linheiros S.A.	Papel
Curtume Júlio Hadler S.A.	Couros p/calçados
Francisco de Paula Coutinho	Couros envernizados
Gomes Silva & Cia.	Solas raquetas
Irmãos Reis	Carneiras de couro curtido
Carvalho Teixeira & Cia.	Carneiras de couro curtido
Adures S.A.	Curtumes
Souza Soares & Irmãos	Produtos farmacêuticos
Fábrica de Cola Müller Ltda.	Cola animal
Pedro Pereira da Rocha	Sabão comum
S.A. Frigorífico Anglo	Adubo orgânico, cola animal
Joaquim Oliveira S.A. Com. e Ind.	Adubo e cola animal
Sorol S. A. Refinaria de Óleos Vegetais	Tintas e vernizes
Caruccio & Cia. Ltda.	Adubos orgânicos
Cia. Nacional de Óleos de Linhaça	Óleos de linhaça
Cia. Fiação e Tecidos Pelotense	Tecidos de algodão
Laneira Brasileira S.A. Ind. e Com.	Lã lavada
Jaime Chatkim	Conf. de roupas
Soc. Tecidos Mota Ltda.	Conf. de roupas
José Dias de Almeida & Filhos	Calçados de couro
Álvaro Drumond de Mello	Arroz beneficiado
Engenho Pavão Ltda.	Arroz beneficiado
Ind. Alimentícias Salle Medeiros Ltda.	Conservas alimentícias
J. F. Pereira	Arroz beneficiado
Fetter & Cia.	Arroz beneficiado
Jorge Bonat & Cia. Ltda.	Farinha de trigo

Luiz Loréa	Farinha de trigo
Joaquim Oliveira S.A. Ind. e Com.	Arroz beneficiado
Soc. Matadouro Pelotense Ltda.	Carne verde
Coop. Sudeste de Carnes Ltda.	Charque bovino
Moro & Cia.	Arroz beneficiado
Xavier Irmão S.A. Estiva & Comércio	Sal moído
Ind. Reunidas Leal Santos Ltda.	Conservas alimentícias
Coop. Arrozeira do Litoral Ltda.	Arroz beneficiado
Ind. de Conservas Ardéa Ltda.	Conservas alimentícias
M. J. Dias & Cia.	Peixe salgado
S.A. Moinhos Riograndense	Farinha de trigo
Cel. Pedro Osório S.A.	Arroz beneficiado
Emílio Ribes & Filhos Ltda.	Vinhos de uva
Refrescos Pelotenses Ltda.	Refrigerantes
Lamego Irmão & Cia. Ltda.	Cigarros de papel
Lamego Irmão & Cia. Ltda.	Fumo desfiado
Werno Kuhn & Cia. Ltda.	Fumo beneficiado

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Atacadistas	117
Varejistas	1 230
Indústrias com mais de 5 operários	240

O município mantém transações comerciais com tôdas as demais cidades da zona sul do Estado e, inclusive, com inúmeras outras praças do país. Conta o município com 7 filiais bancárias e 1 agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Arroio Grande: rodov. (102 km), misto: a) ferrov. VFRGS, até a Estação Airosa Galvão (105 km), b) rodov. (25 km), lacustre; (125 km); Cangussu: rodov. (71 km), ferrov. VFRGS (75 quilômetros); São Lourenço do Sul: rodov. (63 km); Rio Grande: rodov. (59 km), ferrov. (52 km), lacustre (50 quilômetros), aéreo (40 km). Capital Estadual: misto: a) rodov. até Guaíba (246 km) b) fluvial (12 km), ferrov. VFRGS (891 km), lacustre (196 km), aéreo (230 km). Capital Federal: rodov. via Guaíba—Pôrto Alegre: (1 912 quilômetros), ferrov. (1 063 km), até Marcelino Ramos, daí via Pôrto União (SC) e Ponta Grossa (PR) (882 km), até Itararé (SP); daí a São Paulo (SP): 408 km e ao Distrito Federal 499 km (EFCB), misto: a) rodov. (59 km) ou ferrov. (52 km) ou aéreo: 40 km ou lacustre: 50 km, até Rio Grande, b) marítimo, 1 614 ou aéreo: 1 487 m.

ASPECTOS URBANOS — Pelotas está edificada sôbre a última ondulação da planície que parte das faldas orientais da Serra dos Tapes, atravessa o Arroio Santa Bárbara e termina às margens do Canal São Gonçalo. Em importância é a segunda do Estado. Sua vida trepidante de cidade moderna, conferiu-lhe o título de "Princesa do Sul". Cidade limpa, seus logradouros públicos são bem tratados e as edificações refletem o seu vertiginoso progresso. A cidade se expande em tôdas as direções, principalmente para o alto, quando são construídos muitos "arranha-céus", em diversos pontos da urbe. Conta com um regular sistema de transporte coletivo, dotado de confortáveis ônibus.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	236
Ruas	207
Avenidas	13
Largos e Praças	16

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	146
Parcialmente pavimentados	90
Arborizados	16
Arboriz. e ajardin. simultâneamente	16

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	17 848
Zona urbana	16 289
Zona suburbana	1 559

SEGUNDO O N.º DE PAVIMENTOS

Térreo	17 116
2 pavimentos	686
3 pavimentos	31
4 pavimentos	5
De mais de 5 pavimentos	10

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	15 417
Residenciais e outros fins	1 197
Exclusivamente a outros fins	1 234

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	118
Logradouros parcialmente serv. pela rêde	17
N.º de ligações elétricas domiciliares	15 421
N.º de focos p/iluminação pública	1 998

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo p/iluminação pública	1 024 000 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o munic.	4 898 900 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	103
Logradouros parcialm. servidos pela rêde	17
Bebedouros ou bicas públicas	49
Consumo anual de água	10 080 000 m³

ESGOTOS

Logradouros servidos totalmente	35
Logradouros servidos parcialmente	33

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	5 896
Taxa mensal p/residências	Cr$ 140,00
Para comércio e indústria	Cr$ 370,00
Profissões liberais	Cr$ 260,00
Repartições públicas federais	Cr$ 370,00
Estaduais e municipais	Cr$ 185,00

SERVIÇO-POSTAL-TELEGRÁFICO — Na sede municipal há 1 agência.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	1 790
Ônibus	98
Camionetas	348
Ambulâncias	9
Motociclos	45
Outros veículos	1
Total	2 291

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	803
Camionetas	118
Fechados p/transporte de mercadorias	85
Cisternas	18
Tratores	160
Autos-socorro	1
Total	1 185

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	60
Carros de quatro rodas	3
Bicicletas	3 525
Total	3 588

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	1 800
Carroças de quatro rodas	100
Outros	200
Total	2 100

HOTÉIS E PENSÕES

DENOMINAÇÃO	DIÁRIAS	
	Casal (Cr$)	Solteiro (Cr$)
Hotel Luzo Brasileiro	200,00	100,00
Hotel Portugal	200,00	100,00
Hotel dos Estrangeiros	350,00	180,00
Hotel 15 de Janeiro	180,00	100,00
Paris Hotel	350,00	180,00
Hotel Aliança	350,00	180,00
Grande Hotel	450,00	250,00
Hotel Ness	180,00	95,00
Novo Hotel do Comércio	350,00	180,00
Hotel América *	150,00	75,00
Hotel dos Viajantes II	180,00	95,00
Hotel Alegria Marítima	180,00	95,00
Hotel Mirim	200,00	100,00
Hotel Treptow	180,00	100,00
Hotel Heling	200,00	100,00
Rex Hotel *	300,00	150,00
Palace Hotel	400,00	250,00
Hotel Riograndense *	120,00	60,00
Hotel Liesenberg	250,00	130,00
Novo Hotel *	120,00	65,00
Pensão Falua	180,00	95,00
Pensão de Nelson da C. Oliveira	160,00	80,00
Pensão Princesa do Sul	200,00	100,00
Pensão Pâncaro	180,00	95,00

* Sem refeição.

ASPECTOS SOCIAIS — As principais entidades recreativas da sede: Clube Comercial, Clube Diamantinos, Clube Campestre, Clube Brilhantes, Clube Caixeiral e Centro Português. É muito movimentada a vida social pelotense. Povo de padrão de vida dos mais elevados do Estado, prima por seu apurado gôsto no trajar, fato que se pode constatar à noite, na hora do "footing", na Rua 15 de Novembro, principal artéria da cidade, quando se aprecia um verdadeiro "desfile de elegância", em que o elemento feminino dá a nota de maior realce. As reuniões turfísticas do jóquei clube — mormente por ocasião do "Grande Prêmio Princesa do Sul" — ensejam às beldades da terra inúmeras oportunidades — nunca desprezadas de se exibirem com a graça "tôda pelotense" de realçar o apurado bom gôsto no vestir. Para falar da beleza da mulher pelotense, não é preciso que se diga muita coisa. Basta isto: em 1930, Yolanda Pereira, filha dileta da "Princesa do Sul", foi eleita, por um júri internacional, no Rio de Janeiro, "a mais linda mulher do Universo". Dos diversos concursos de beleza, realizados no Estado, Pelotas sempre estêve bem representada, tendo vencido dois dêles: um com a Srta. Ezilda Lisboa e outro, com a Srta. Cladys Maria Caruccio.

Os bailes de Pelotas ficam na memória para sempre. Reúna-se uma mocidade Alegre. Providencie-se a vinda de renomadas orquestras de centros como Rio de Janeiro, São Paulo e, mesmo, Buenos Aires. Adicione-se a beleza incomparável da mulhar pelotense. Imagine-se um salão em penumbra, com pares enlaçados ao som nostálgico de um tango ou à cadência ritimada do nosso samba brejeiro e tem-se uma das movimentadas vidas sociais do Rio Grande.

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 75% da população presente, de 10 anos e mais, sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas, é de 79%. Em 1955 havia 176 unidades escolares do ensino fundamental comum com 16 473 alunos. Conta o município com 5 estabelecimentos de ensino superior, 6 unidades de ensino ginasial, 4 de ensino colegial, 3 de ensino pedagógico, 2 de comercial, 2 escolas técnicas, 7 de ensino artístico, 1 de sacerdotal e 1 escola agrotécnica.

Outros aspectos culturais — Conta o município com 13 bibliotecas, sendo que apenas uma é de uso público; as demais são privativas de entidades culturais. Destacam-se, em número de volume, a Biblioteca Pública, a do Instituto Agronômico do Sul e a da Santa Casa de Misericórdia, que possuem, respectivamente, 76 712, 10 077 e 10 500 volumes. Tôdas as demais possuem acima de 1 000 volumes. São 3 os jornais diários: Diário Popular, Opinião Pública e Jornal da Tarde, além de mais 9 semanários; 20 tipografias, 6 livrarias e 5 editôras. Possui o município duas estações radiofônicas, com as seguintes características: Sociedade Difusora Rádio Cultura Ltda. — prefixo PRH-4 — freqüência de 1 320 quilociclos — potência da antena, 1 000 watts; 1 tôrre irradiante. Um auditório, com palco, o qual tem a capacidade de 1 000 lugares. Número de microfones: 5. A discoteca tem 9 739 discos. Emprega na administração e redação 7 pessoas; na parte técnica 6 e 37 entre artistas e locutores, o que perfaz o total de 50 funcionários. Sociedade Anônima Rádio Pelotense — prefixo PRC-3 — freqüência de 580 quilociclos — potência da antena: 250 watts; 1 tôrre irradiante. Possui um pequeno auditório, com capacidade de 200 lugares. Número de microfones: 20. O efetivo da discoteca é de 7 683 discos. Pessoal empregado: administração e redação: 5; Artistas e locutores: 49; Pessoal técnico: 6; Total: 60.

CINEMAS

Cine Capitólio	1 200 lugares
Cine-Teatro Apolo	1 450 lugares
Cine-Teatro Avenida	2 265 lugares
Cine-Teatro Guarany	2 238 lugares
Cine-Teatro São Rafael	1 000 lugares
Cine-Teatro 7 de Abril	846 lugares
Cine América	1 050 lugares
Cine Fragata	1 142 lugares
Cine Guarany (Vila do Capão do Leão)	200 lugares
Cine Esmeralda	600 lugares
Cine Ideal (Vila de Dunas)	392 lugares
Cine Para Todos	250 lugares

PRADOS E CANCHAS RETAS — O Jóquei Clube de Pelotas é o proprietário do Hipódromo localizado no arrabalde

de Três Vendas, o qual possui duas pistas com arquibancadas, cuja capacidade é para 2 150 pessoas. Durante o ano de 1956, as apostas atingiram um total de .... Cr$ 46 300 000,00. Concorreram 177 animais, sendo 155 nacionais e 22 estrangeiros. O Jóquei realizou 90 reuniões durante o ano, sendo a principal o "Grande Prêmio Princesa do Sul", que movimenta os aficionados de todo o Estado.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Há no município 4 hospitais, com um total de 960 leitos. Em 1955, foram internados 13 477 enfermos, sendo 3 427 homens, 6 800 mulheres e 3 250 crianças. Há 7 aparelhos de raios-X diagnóstico, 3 aparelhos de radioterapia, 16 salas de operação, 6 salas de partos, 6 salas de esterilização; duas entidades possuem eletrocardiografia, 2 possuem laboratórios, 3 dispõem de farmácia e 3 contam com gabinete dentário. Exercem a profissão 75 médicos, 46 dentistas e 29 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — *Associações beneficentes* — Sociedade Musical União Democrata, Sociedade Tel. Beneficente Barão Capanema, Loja Maçônica Fraternidade, Caixa de Socorro Arealense, Sociedade Portuguêsa de Beneficência, Irmandade Civil N. S.ª do Rosário, Sociedade Beneficente Tipográfica U. Guten, Sociedade Benef. Empr. Livraria do Glôbo, Assoc. Sul Riograndense de Professôres, Assoc. Pão dos Pobres Santo Antônio, Casa dos Subtenentes e Sargentos, Círculo Operário Pelotense, Loja Princesa do Sul — Grande Oriente. *Assistência Para-hospitalar* — Pôsto Médico do I.A.P.E.T.C., Serviço de Assistência Domiciliar (SAMDU), Pôsto Médico de "A Protetora", Pôsto Médico da Sul América, Ambulatório Médico do SESI (4), Ambulatório Dr. Drumond, Ambulatório do Cap. dos Ferroviários, Centro de Saúde n.º 5. *Asilos* — Instituto de Menores, Instituto São Benedito, Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição, Orfanato Reverendo Severo da Silva, Asilo Evangélico de Velhas, Orfanato Feminino Evangélico Betel, Orfanato Espírita Dona Conceição, Creche São Francisco de Paula, Asilo de Mendigos de Pelotas, Asilo Bom Pastor, Lar de Meninos. *Associações de Caridade* — Exército de Salvação, Conferência Nossa Senhora da Glória, Conferência São Joaquim, Rouparia Santana, Sociedade de Assistência Escolar, Soc. Pelotense de Assistência à Maternidade e à Infância e Aux. Necessit., Conferência Santa Terezinha do Menino Jesus, Sociedade de Educação Cristã, Soc. de Aux. das Senhoras Episcopais da Igreja Red., Sociedade das Mães Cristãs, Conferência do Menino Jesus, Conferência Sagrado Coração de Jesus, Conferência São Pedro da Soc. São Vicente de Paula, Roupeiro da Criança Amália Domingos Soller, Roupeiro Espírita Dr. Armando Fagundes, Grupo de Assistência à Infância D. Julye Krentel, Conferência São Luiz Gonzaga, Conferência Nossa Senhora da Luz, Grupo Beneficente de Assistência aos Velhinhos, Roupeiro do Pobre da Soc. Espírita Paz, Luz e Caridade, Associação Damas de Caridade, Roupeiro Paulo de Tarso, da Soc. Esp. Bezerra de Menezes, Sociedade Auxílio Fraternal Senhoras Espíritas, Instituto Espírita Nosso Lar, Conferência Imaculado Coração de Maria, Sociedade São Vicente de Paula.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — 8 veterinários e 85 agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 80 advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 23 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 3.ª entrância, com 4 juízes de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS — Possui corpo de bombeiros, com a necessária aparelhagem.

COOPERATIVAS — de Produção — 3; de Consumo — 8; de Comércio — 3; total de sócios — 3 744; valor dos serviços executados — Cr$ 266 333 757,00.

SINDICATOS — Sindicato dos Oficiais Alf., Costureiras Trabs. Confecções Roupas e Chapéus; Sind. dos Trabs. na Ind. Curtimento de Couros e Peles; Sind. das Empr. de Transportes Rodoviários; Sind. dos Condutores de Veículos Rodoviários, Sind. dos Empr. na Ind. de Fiação e Tecelagem; Sind. dos Contabilistas; Sind. dos Odontologistas; Sind. dos Trabs. na Ind. Construção Civil e do Mobiliário; Sind. dos Trabs. na Estiva; Sind. Ind. Trigo, Milho, Mandioca, Arroz, Doces e Conserva Alimentícia; Sind. Comércio Varejista Máquina Ferr. Mater. Eletr. Acess. Tintas etc.; Sind. do Comércio de Gêneros Alimentícios; Sind. do Comércio Atacadista de Gêneros Alimentícios; Sind. dos Lojistas do Comércio.

FESTEJOS POPULARES — As festas religiosas mais importantes são: São Francisco de Paula, padroeiro do município, "Corpus Christi" e Nossa Senhora dos Navegantes, respectivamente, em 5 de maio, 20 de junho e 2 de fevereiro.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há um campo de pouso, denominado Aeroporto Federal, mantido pelo Govêrno da União. As pistas têm as seguintes dimensões: (m) 800 x 200; 800 x 200; 2 000 x 200; 1 200 x 200.

Natureza das pistas: grama. As instalações de radiofarol e rádio meteorológico, pertencem à Viação Aérea Riograndense S. A. (Varig).

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Bustos do Dr. Urbano Garcia, do Dr. Miguel Barcellos, do Doutor Francisco N. Vieira, médicos ilustres; Busto de José Bonifácio, Patriarca da Independência; Busto do Barão Itapitocai; Busto de Domingos José de Almeida (Revolução de 1835); Busto do Conselheiro Ferreira Viana; Busto do Dr. Bruno Chaves; Busto do Dr. Cipriano Barcellos; Eqüestre — Em memória aos heróis de 35; Busto de Getúlio Vargas; Busto de Joaquim Rasgado, médico ilustre; Estátua de D. Joaquim — Bispo de Pelotas; Busto de Fernando Osório; Busto do Dr. Armando Fagundes, médico ilustre e grande humanitário; Obelisco — homenagem 1839; Busto de Chopin; Obelisco — Homenagem à Colônia Portuguêsa; Obelisco Iolanda Pereira — Miss Universo — 1930 (Pelotense); Obelisco Homenagem aos Expedicionários da FEB; Busto do Doutor

Francisco de Paula Amarante — médico ilustre; Busto do Dr. João da Silva Silveira — médico ilustre; Estátua do coronel Luiz Osório — Industrialista e político ilustre.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	45 236	84 752	50 816	14 514	48 459
1951.......	53 218	108 323	51 499	15 871	55 347
1952.......	64 691	118 279	47 702	18 250	55 338
1953.......	77 365	147 727	56 699	18 465	52 699
1954.......	123 033	204 740	51 022	20 482	56 150
1955.......	172 175	240 467	68 641	26 012	70 349
1956.......	239 017	320 526	116 048	30 656	117 655

PINHEIRO MACHADO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Em meados do século passado, um extenso banhadal cobria o terreno onde se acha atualmente a sede do município. Não existindo caminhos de ferro, abriram-se, por entre as matas do futuro povoado, longas estradas por onde circulavam as riquezas municipais. Apesar de luxuriante vegetação, apresentava o contraste doloroso de falta de córregos e vertentes, obrigando seus moradores a procurar água no seio da terra. Conta-se que o rico fazendeiro José Dutra de Andrade, tendo perdido o sentido da visão, e sendo devoto fervoroso de Nossa Senhora da Luz, prometeu-lhe levantar a Capela, caso, a lavar-se com as águas de uma daquelas cacimbas, ficasse curado. Realizado o milagre, doou, em combinação com seu vizinho Antônio (Nico) de Oliveira, um terreno onde se levantou o curato de Nossa Senhora da Luz das Cacimbinhas, por Lei de 10 de novembro de 1851.

O granito e o gnaisse são as rochas fundamentais e típicas da formação geológica do município. Possui um território ondulado, recebendo alguns contrafortes dos Tapes.

Em 17 de janeiro de 1857 foi elevado à categoria de freguesia. Quando o município de Rio Grande, em 11 de julho de 1747, foi elevado à categoria de município, seu território lhe pertencia. Piratini se emancipou de Rio Grande em 15 de julho de 1830, e seu território pertencia ao novel município. Foi criado o município, desmembrado de Piratini, por Lei provincial n.º 1 132, de 2 de maio de

Vista parcial da cidade

Vista parcial da Rua 7 de Setembro

1878, e instalado em 24 de fevereiro de 1879, sob a denominação de Nossa Senhora da Luz das Cacimbinhas.

Na divisão administrativa referente ao ano de 1911, o nome do município é Cacimbinhas. O intendente provisório do município, Dr. Ney de Lima Costa, pelo Ato número 30, de 30 de setembro de 1915, mudou o nome de Cacimbinhas para o de Pinheiro Machado.

Em julho de 1934, por Decreto n.º 5 635, de 3 de julho de 1934, do Govêrno estadual, referendado por Ato municipal n.º 10, de 6 de julho de 1934, foi anexada ao município uma faixa de terra com excelentes pastagens, com área superficial de 520 km² e que desde 1891 vinha pertencendo ao município de Piratini. Pedras Altas foi elevada à categoria de vila, por fôrça do Decreto-lei federal número 311, de 2 de março de 1938, e Decretos-leis estaduais números 7 199 e 7 589, respectivamente, de 31 de março e 29 de novembro do mesmo ano. Foi também em 1938, que, "ex vi", do disposto no Decreto-lei n.º 311 referido, a sede do município, então vila, passou à categoria de cidade, visto ter sido estendida essa denominação a tôdas as sedes comunais, independente de importância e densidade demográfica.

Nas coxilhas do município diversos combates foram travados por ocasião das revoluções que ensangüentaram o Estado. Em 3 e 4 de janeiro de 1837, o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, depois de entrar em luta com o general farroupilha Antônio de Souza Neto, derrota-o na chamada batalha do Veleda e do Candiota. Neto é perseguido, na ocasião, pelas fôrças imperiais até o Passo do Salso, no Jaguarão, atravessando-o, homiziando-se no Uruguai. Em suas campinas deu-se o combate dos Cerros Porongos, em 14 de maio de 1844, no qual David Canabarro é surpreendido e derrotado pelas fôrças imperialistas de Francisco Pedro de Abreu, Barão de Jacuí. Mais tarde, na chamada revolução de 1923, em 29 de maio de generais rebeldes Estácio Azambuja e José Antônio Neto ocupavam a sede do município, depois de o primeiro haver combatido no Passo dos Enforcados, com fôrças legalistas. Em 5 de junho o coronel Hipólito Ribeiro Jr., da facção governista, com suas fôrças, ocupa a cidade. Mais tarde volta a cidade a cair nas mãos dos rebeldes, pois o capitão Gervásio Ramão Veleda, com suas tropas, vem ocupá-la.

Finalmente, em 14 de novembro de 1923, na estância de Assis Brasil, em Pedras Altas, firma-se um tratado de paz, entre êle, como representante dos rebeldes, e o marechal

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz

Fernando Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, enviado ao Sul, com plenos podêres, pelo Presidente da República, pondo ponto final no movimento revolucionário. Tal acôrdo fôra precedido de entendimentos com o Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, e, posteriormente, ratificado por êste.

Voltando a paz ao Rio Grande do Sul, o município começou a progredir de modo notável, principalmente no setor da pecuária, podendo ser considerado, hoje, um dos importantes do Estado.

BIBLIOGFAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico.*

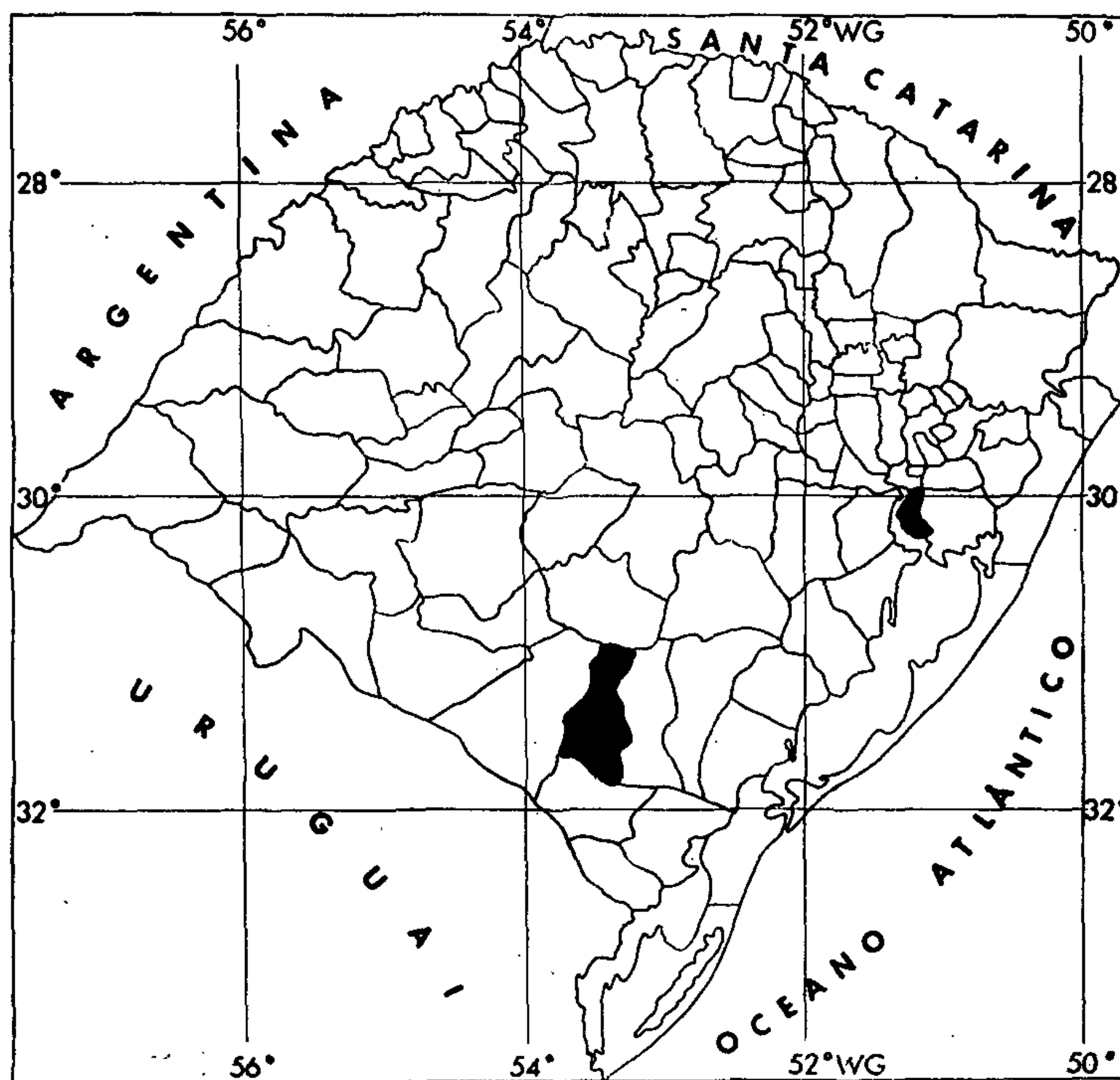
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Pinheiro Machado 14 930 habitantes, localizando-se 2 190 na sede e 12 740 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 4,67 habitantes por quilômetro quadrado; 0,31% sôbre a população total do Estado; área: 3 196 km².

Aglomerados urbanos — Cidade de Pinheiro Machado e vila Pedras Altas.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Pinheiro Machado.......	261	1	79	91	19	170

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 31° 35' 29" de latitude e 53° 21' 48" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.S.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 269 km. Altitude: 360 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Camaquã (limita o município com o de Caçapava do Sul) e Piratini (nasce no município, servindo de limite com o de Piratini). Serras: das Asperezas, do Veleda, do Passarinho, de Pedras Altas. Cerros: dos Porongos, do Baú e da Guarda. No rio Camaquã encontram-se algumas variedades de peixes, entre as quais: dourados, pintados e piavas, não tendo sua exploração nenhuma expressão econômica para o município.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Pedra calcária (explorada), carvão-de-pedra, cimento, talco, gêsso, mica e estanho (não explorados . Área das matas naturais: 11 400 hectares. Área das matas reflorestadas: 920 ha.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima: 26,0°C; mínima: .... 15,0°C; compensada: 17,4°C. Chuvas: precipitação anual de 1 275 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Caçapava do Sul; ao sul: Erval; a leste: Piratini; a oeste: Bagé.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — A atividade pecuária é o sustentáculo da economia da vida municipal

e seus rebanhos são de boa linhagem, destacando-se as raças: bovinos — hereford e devon; ovinos — corriedale, romney e merina; suínos — macau e yorkshire; cavalares — crioula. O município é grande produtor de lãs finas apreciadas por sua alta qualidade. Principais centros consumidores: Pelotas, Bagé e Rio Grande, entre outros, são os principais centros consumidores da produção pecuária do município.

PRINCIPAIS CRIADORES	*RAÇAS PREFERIDAS*	*ESTABELECIMENTOS*
Theófilo Marques Dias	Bovinos: Devon Ovinos: Corriedale	Estância da Tuma
Joaquim Pinto Araujo Neto	Bovinos: Hereford Ovinos: Corriedale	Vieirinha
Suc. Basileu Matos Azeredo	Ovinos: Corriedale	Cabana São Manuel
Vital Marques Dias	Bovinos: Hereford Ovinos: Misto	Campo Bonito
L.dia de Assis Brasil	Bovinos: Devon Ovinos: Idial	Granja Assis Brasil
Vva. Leopoldino R. Ratto	Bovinos: Hereford Ovinos: Corriedale	Candiota
Maurílio de Deus Peraça	Bovinos: Misto Ovinos: Corriedale	Pedregulho
João Ricardo Lucas	Bovinos: Aberdeen Angus Ovinos: Romney	Mirante
Noêmia Fagundes da Rosa	Bovinos: Hereford Ovinos: Corriedale e Merina	Sem denominação

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	160 800	273 360
Eqüinos	15 800	15 800
Muares	100	120
Suínos	6 400	3 840
Ovinos	392 000	109 760
Caprinos	4 200	630

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	200 300	4 089 092,00
Carne verde de suíno	14 472	138 931,00
Carne verde de ovino	164 740	2 049 096,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	58 366	778 192,00
Pele verde de ovino	13 108	82 580,00
Pele sêca de ovino	5 566	66 792,00
Toucinho fresco	18 476	221 712,00
Total Geral	475 028	7 426 395,00

GADO EXPORTADO

DESTINO	Bovinos	Cavalares	Ovinos	% s/total	Total geral	Valor em Cr$
Bagé	4 682	—	711	27,35	5 393	17 428 111,00
Pelotas	4 805	1	2 403	36,61	7 219	19 426 250,00
Rio Grande	1 507	—	405	9,70	1 912	6 056 653,00
Cangussu	—	—	1 616	8,19	1 616	581 760,00
Pôrto Alegre	227	—	—	1,15	227	711 361,00
Erval	370	—	6	1,91	376	906 660,00
Arroio Grande	—	—	2 700	13,69	2 700	972 000,00
São Lourenço	100	— 14	—	0,58	114	456 000,00
Santa Maria	113	—	—	0,57	113	353 351,00
Montenegro	—	—	50	0,25	50	18 000,00
TOTAIS	*11 814*	*15*	*7 891*	*100,00*	*19 720*	—
Preço médio Cr$	23 727	1 500	*360*	—	—	—

Valor: bovinos — Cr$ 44 046 886,00; cavalares — Cr$ 22 500,00; ovinos — Cr$ 2 840 760,00; total geral: ... Cr$ 46 910 146,00.

Avicultura — A raça predominante é a carijó, sendo que a criação, no município, está avaliada em .... Cr$ 1 079 800,00.

Apicultura — Os principais apicultores são: Gregório Camacho e Jovelino Martins. O valor total da produção, em 1956, foi de Cr$ 30 240,00.

Agricultura — A agricultura ocupa o segundo plano nas atividades da comuna. Seus destacados produtos são: o trigo e o milho. Os maiores centros consumidores são: Pelotas, Bagé e Rio Grande. Principais agricultores:

Nome	*Área cultivada (ha)*	*Produtos cultivados*
Domingos M. Carúcio	360	Trigo
Domingos M. Carúcio	75	Milho
Izidro Burck	120	Trigo
Silvino Barbosa	16	Trigo
Silvano Freitas Dias	12	Trigo
Leandro Gentil Peraça	16	Trigo
Leandro Gentil Peraça	18	Aveia
Leandro Gentil Peraça	6	Milho

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	1 543	10 797
Milho	750	2 625
Linho	298	1 785
Aveia	278	1 225

Valor total da produção: Cr$ 18 663 410,00.

Indústria — Pinheiro Machado conta com 22 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 35 operários. O valor dessa produção, em 1955, foi de Cr$ 9 624 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação

Pedra das Torrinhas

à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 91,8%; ind. da madeira, 0,4%; transf. de produtos minerais, 3,6%; couros e produtos similares, 1,5%; ind. de mobiliário, 1,6%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede municipal: Secos e molhados — 15; Fazendas — 13; Casa de Móveis — 1.

O município mantém transações comerciais com Pelotas, Bagé e outras cidades do Estado.

Na cidade estão em funcionamento 2 agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Piratini: rodov. (47 km); Erval: rodov. (83 km); Bagé: rodov. (88 km), ou misto: a) rodov. (34 km) até Pedras Altas; b) ferrov. (86 km); Pelotas: rodov. (132 km) ou misto: a) rodov. (34 km) até Pedras Altas; e b) ferrov. (141,5 km); Caçapava do Sul: rodov. (229 km) via Bagé—Lavras do Sul; Capital Estadual: rodov. até Pelotas (149 km). Daí a Capital, ver "Pelotas". Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, ver "Pôrto Alegre".

ASPECTOS URBANOS — A cidade dispõe de luz elétrica, sendo adotado o sistema termelétrico, inaugurado em 1918.

MELHORAMENTOS URBANOS

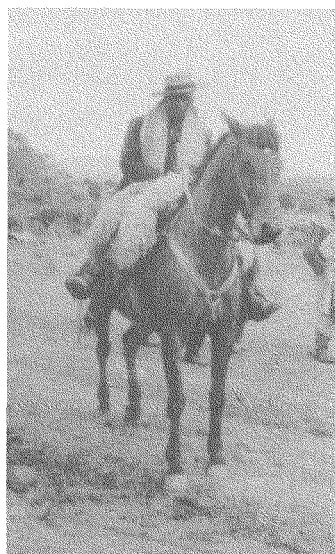
Logradouros públicos	18
Ruas	15
Avenida	1
Travessas	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	1 056 m²
Macadame	66 950 m²
Terra melhorada	30 300 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	11
Parcialmente pavimentados	2
Parc. calçado c/paralelepípedos	1
Ajardinado	1
Arborizado	1

Tipos característicos do município

Outro tipo característico do município

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	543
Zona urbana	463
Zona suburbana	80

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	538
2 pavimentos	5

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	452
Residências e outros fins	54
Exclusivamente a outros fins	37

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	16
N.º de ligações elétricas domiciliares	361
N.º de focos p/iluminação pública	249

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	110 000 kWh
Consumo p/iluminação pública	21 600 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	23 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	38
Taxa mensal p/comércio e indústria	Cr$ 233,20
Taxa mensal p/rep. públicas	Cr$ 166,60

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência postal-telegráfica na sede e 1 agência postal no distrito de Pedras Altas.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede municipal os seguintes hotéis: Hotel da Luz, com a diária de Cr$ 280,00 para casal e Cr$ 140,00 para solteiro, e Hotel Garibaldi, com diárias idênticas.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

Automóveis	130
Ônibus	2
Camionetas	41
Motociclos	7
Total	180

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	20
Camionetas	4
Tratores	13
Total	37

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	180
Carros de quatro rodas	69
Bicicletas	18
Total	267

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	464
Carroças de quatro rodas	860
Outros	2 347
T o t a l	3 671

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 65% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 43%. Em 1955 havia 29 unidades de ensino fundamental comum com 1 218 alunos matriculados. Há no município uma escola de comércio.

Outros aspectos culturais — Funcionam no município 5 sociedades recreativas, 3 sociedades desportivas, 1 biblioteca pública, com cêrca de 1 000 volumes, 2 bibliotecas particulares com, aproximadamente, 26 000 volumes e 1 cinema, com a capacidade de 600 lugares.

PRADOS E CANCHAS RETAS — A carreira em cancha reta constitui a única diversão do homem da zona rural, oferecendo interessante espetáculo pela variedade de trajes "campeiros" com que se apresentam. Valor das apostas: As carreiras realizadas no município foram corridas pelo valor aproximado de Cr$ 60 000,00, atingindo as apostas (por fora) a soma aproximada de Cr$ 275 000,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Há 1 hospital com 32 leitos. Em 1955, foram internados 295 enfermos, sendo 91 homens, 123 mulheres e 81 crianças. Há 1 aparelho de raios X diagnóstico, 1 sala de operações, 1 sala de partos, 1 sala de esterilização e 1 laboratório. Exercem a profissão 4 médicos, 2 dentistas e 1 farmacêutico.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — 1 estabelecimento da Legião Brasileira de Assistência e 1 Asilo.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — 1 veterinário.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 3 advogados.

ENGENHEIRO RESIDENTE — 1 engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância, com 1 juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Passeata de cavaleiros gaúchos, em seus trajes característicos, realizada por ocasião da data nacional brasileira. Comemoração do "20 de Setembro", Revolução Farroupilha, com bailes tradicionalistas, passeata, etc.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950........	485	2 614	1 106	307	1 244
1951........	851	2 403	987	301	1 133
1952........	708	2 993	1 544	479	1 489
1953........	914	2 622	2 065	524	1 495
1954........	1 371	3 070	2 035	692	2 970
1955........	1 516	5 701	2 472	1 029	2 607
1956........	1 945	7 643	4 528	1 446	3 758

PIRATINI — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está situado na chamada zona das serras do sudoeste e pertenceu, primeiramente, ao do Rio Grande, sendo seus primitivos povoadores os açorianos. Por ordem da rainha D. Maria I, o govêrno permutou com José Antônio Alves três léguas de campo que êste possuía, por concessão régia, nas pontas do rio Piratini, por extensão igual na coxilha de São Sebastião. As três léguas referidas foram divididas em 48 datas de igual tamanho, e, em nome de S.M. Fidelíssima e por ordem do vice-rei do Brasil, concedidas, em 6 de julho de 1789, a 48 casais açorianos, com a condição de ali residirem e trabalharem.

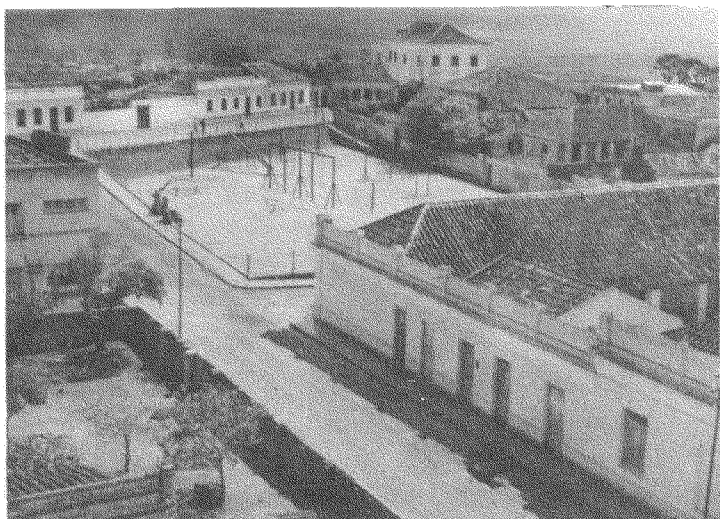
Os primeiros habitantes de Piratini estabeleceram-se no lugar onde hoje está a sede do município e fundaram aí uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição de Piratini. O terreno da citada capela foi doado por Antônio José Vieira Guimarães. Por Alvará de D. João, Príncipe Regente, datado de 3 de abril de 1810, foi elevado à categoria de freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Piratini, pertencente à vila de São Pedro do Rio Grande. O primeiro Vigário foi o Padre Jacintho José Pinto Moreira que em 17 de abril de 1810, chegou à freguesia.

Criada a vila, em 15 de abril de 1830, foi instalada em 7 de junho de 1832, pelo ouvidor, Conselheiro Antônio Rodrigues Fernandes Braga.

A primeira Câmara estava integrada dos seguintes Senhores: Vicente Lucas de Oliveira, Manoel Rodrigues Barbosa, Manoel Gomes Guimarães, Ubaldo Pinto Bandeira, Ramão Garcia de Vasconcelos, Manoel José da Silva Santos Velleda e José Pereira da Silva Carório, secretariada por Antônio Belarmino Ribeiro.

Sòmente após o advento da República, foi eleito o primeiro intendente municipal, Sr. José Pedroso de Oliveira, que tomou posse do cargo em 1892.

Por ocasião da revolução Farroupilha, acontecimentos notáveis desenrolaram-se no município. Em 8 de outubro de 1835, ocuparam a vila os farroupilhas. Logo a seguir, em 5 de novembro de 1836, a Câmara Municipal adere à República e sob a presidência de Vicente Lucas de Oliveira declara-se a Província em "Estado livre, constitucional e independente, com a denominação de Estado Rio-grandense,

Vista parcial aérea da cidade

Outra vista parcial da cidade

podendo ligar-se por laços de federação àquelas Províncias do Brasil que adotassem o mesmo sistema de govêrno e se quisessem federar a êste Estado". Em 6 de novembro de 1836, organizou-se o 1.º govêrno da novel República, assim constituído: Presidente — gen. Bento Gonçalves da Silva, que, estando recolhido às prisões da Regência, é substituído interinamente por José Gomes de Vasconcelos Jardim. Vice-Presidente eleitos: Antônio Paulo da Fontoura, José Mariano de Matos e Inácio José de Oliveira Guimarães. Vasconcelos Jardim formou o ministério com os seguintes membros: Interior e Fazenda — Domingos José de Almeida; Marinha e Guerra — major José Mariano de Mattos; Justiça e Estrangeiros — José Pinheiro de Ulhoa Cintra. Em 10 de novembro de 1836 Piratini é escolhida capital da novel República.

Elevada à categoria de cidade em 6 de março de 1836, com a denominação de Muito Leal e Patriótica, usou destas prerrogativas até 1.º de março de 1845, data da pacificação. Em 1845, por Ato do Govêrno Imperial voltou à categoria de vila. Na revolução de 1923, em 24 de abril, o general rebelde José Antônio Neto ocupa a vila. Em 4 de julho dêsse mesmo ano, um contingente de suas fôrças, sob o comando do capitão João F. Fabres, trava combate com o tenente-coronel Juvêncio Maximiliano de Lemos, no 2.º distrito.

BIBLIOGRAFIA — Alfredo R. da Costa — *O Rio Grande do Sul*.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTOS ILUSTRES — *Manoel Lucas de Lima* — Nasceu a 21 de janeiro de 1815, em Piratini, e morreu a 23 de abril de 1883, em sua cidade natal.

Aos 20 anos, já integrava as fileiras dos Farrapos. Tomou parte no combate de Ponche Verde, onde foi ferido.

Promovido sucessivamente até o pôsto de capitão, neste pôsto foi reconhecido pelo govêrno do império, consoante as condições estabelecidas pelo tratado de paz.

Foi promovido a major fiscal do 7.º Corpo de Cavalaria, a 9 de agôsto de 1847. Serviu na fronteira Sul durante algum tempo. Em 1851, tomou parte na campanha contra o ditador Rosas, fazendo-se merecedor da medalha de ouro. Em 1855, atingia o pôsto de tenente-coronel interino. Organizou o corpo da guarnição de Jaguarão e Bagé Comandou o 6.º Corpo de Cavalaria da 3.ª divisão, em 1857. Em 26 de novembro dêsse mesmo ano, foi promovido a tenente-coronel.

Em 1858, era condecorado e, pouco depois, recebia a promoção de coronel comandante superior.

De 1864 a 1867, combateu na guerra do Paraguai, de onde, enfêrmo, recolheu-se à Pátria.

Exercia o comando superior das comarcas de Piratini e Cangussu, quando o govêrno lhe conferiu as honras de general-de-brigada, em 1880.

Joaquim Vieira da Cunha — Nasceu a 3 de março de 1837, no município de Piratini, e morreu a 10 de julho de 1903, na mesma cidade.

Sobrinho e afilhado do Padre João Vieira da Cunha, êste o levou consigo para Portugal, matriculando-o na Universidade de Coimbra. Bacharelou-se em Direito, em 1827.

Concluídos seus estudos acadêmicos, viajou pela França, Espanha e Inglaterra. Regressando ao Brasil, percorreu diversas províncias do país e fixou-se, por fim, em Pelotas, onde se dedicou à magistratura.

Era juiz do "forum", quando foi nomeado vice-Presidente da província, cargo que exerceu em diversos períodos.

Foi enviado para o Rio de Janeiro, devido às relações de amizade com Bento Gonçalves e o general Netto, quando estourou a revolução de 35. Teria sido assasinado pelos seus desafetos, na sua volta ao Rio Grande do Sul, se não lhe fôsse dado refúgio pelo almirante Grenfeld, seu compadre e amigo.

Terminada a guerra civil, foi eleito à Câmara Temporária e à Assembléia Provincial, durante muitos anos, e incluído, duas vêzes, na lista tríplice para senador, pelo Partido Liberal a que sempre pertenceu e onde recebeu as maiores demonstrações de aprêço.

Apesar de ter herdado de seus pais uma considerável fortuna, acabou os seus dias na pobreza.

Prefeitura Municipal

Vista de uma lavoura de milho

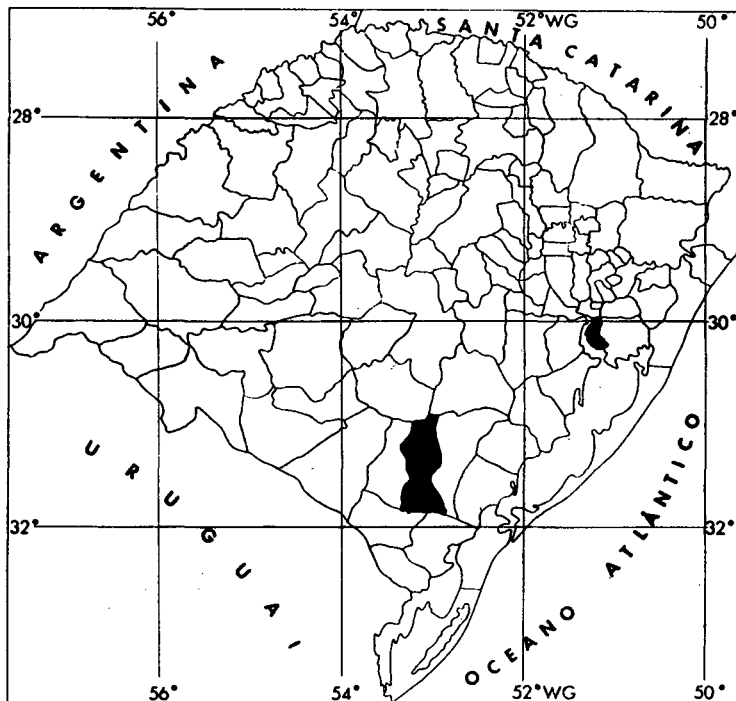
Luiz Alves Pereira — Nasceu em 1836 no município de Piratini e aí morreu a 19 de dezembro de 1907. Fêz a campanha de 1864, no pôsto de capitão, na brigada do general Souza Neto. Foi ajudante-de-ordens de todos os comandantes-em-chefe no Paraguai. Nessas funções, ao lado de Osório, penetrou no território guarani pelo Passo da Pátria. Com o general Polidoro, serviu naquele cargo, durante seu comando e, do mesmo modo, com Caxias e o conde d'Eu. Ao terminar a guerra, foi promovido a coronel e, em 1890, a brigadeiro, em atenção aos seus serviços no Paraguai. Era dotado de muita argúcia militar e de extraordinária atividade.

POPULAÇÃO — Conta o município de Piratini 22 810 habitantes, localizando-se 1 330 na sede e 21 480 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 6,72 habitantes por quilômetro quadrado; 0,48% sôbre a população total do Estado; área: 3 393 km².

Aglomerado urbano — Cidade de Piratini.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Piratini........	419	1	141	122	11	297

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 31° 26' 54" de latitude Sul e 53° 06' 09" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.S.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 240 km. Altitude: 345 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Vista de outro trecho da cidade

Acidentes geográficos — Rios: Camaquã, Piratini e Santa Maria; Arroios Olaria, Barracão, Maio, Salso e Piratini Menor. O único rio piscoso é o Camaquã, cujas variedades são: dourado, traíra, jundiá, piava e pintado. A pesca não é explorada com expressão econômica para o município. Elevações: Coxilhas Santo Antônio, Algodão e Mercedes; Cerros do Sandi, Alegre e Ubaldo. O ponto mais elevado do município é o cêrro do Ubaldo, com 450 m. A sede municipal está situada junto ao arroio Piratini Menor.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais: O município possui cassiterita, turmalina negra schol, caulim, manganês, mica, hematita e ferro. Vegetais: angico, cedro, guajuvira e pinho. Área das matas naturais: 4 587 ha. Área das matas reflorestadas 66 ha.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima: 21,3°C; mínima: 10,4°C; compensada: 15°C. Chuvas: precipitação anual de 1 315 milímetros. Geadas: ocorrem nos meses de abril a setembro.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Caçapava do Sul e Encruzilhada do Sul; ao sul: Erval e Arroio Grande; a leste: Cangussu; a oeste: Pinheiro Machado.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A atividade econômica que caracteriza o município é a criação de bovinos e ovinos, estando os rebanhos localizados principalmente no 2.°, 3.° e 4.° subdistritos, predominando, no entanto, no 2.° e 3.° a criação de ovinos.

PRINCIPAIS RAÇAS

Bovinos	*Ovinos*	*Eqüinos*	*Suínos*
Devon	Merina	Crioula	Macau
Charolesa	Corriedale		
Hereford	Romney e outras		
Holandesa			

Com referência ao rebanho suíno, não há no município pròpriamente uma seleção de raças, havendo pequeno rebanho destinado quase que exclusivamente para consumo próprio.

Principais criadores — Francisco Pedroso de Souza, Zacarias dos Santos Rosa, Alfredo Nunes Tarouco, Florisbelo Alves Pereira, Antônio Rodrigues Barbosa, Álvaro Fiorame Barbosa, José Diogo Dias, Álvaro Tarouco Dias, Antônio Veriano Barbosa, Florisbelo Cândido Farias, José Alves Pereira, Ferminia Fiorame Barbosa, Nadir Fiorame Barbosa.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.° de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	108 800	184 960
Eqüinos	19 300	19 300
Muares	300	360
Suínos	11 800	7 080
Ovinos	250 000	70 000
Caprinos	1 300	195

Pastagens predominantes: capim-forquilha, trevo e grama comum.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	54 480	744 144,00
Carne verde de suíno	4 198	43 659,00
Carne verde de ovino	17 570	207 453,00
Carne verde de boi, vaca e vitelo	5 486	32 916,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	30 428	419 866,00
Pele sêca de ovino	942	35 325,00
Toucinho fresco	4 867	70 085,00
Total	117 971	1 553 448,00

Agricultura — Atualmente, face à iniciativa governamental, providenciando no escoamento da produção da última safra de trigo, a mecanização da lavoura está adquirindo um ligeiro impulso, sendo já regular o número de tratores e máquinas agrícolas adquiridos pelos agricultores.

Principais proprietários — Dr. Inácio Soares Amaral, Alvim Ernest August Westermann, Bruno Dietrich, Edmundo Tarouco de Oliveira, Hélio Souza Silveira, Samuel Silva Cia. Ltda., Atilio Gotuzo, Zeferino Lobato Ortiz, Roque Soares Amaral, Frederico Kerstner Filho, Otacilio Ortiz dos Santos, Dr. Darcy Xavier, João Neitzke.

Os produtos cultivados predominantes são: trigo, milho, arroz, linho, feijão, batata-inglêsa, fumo. Suas áreas de cultura estão estimadas, respectivamente (1956) em 7 800 hectares, 3 700 ha, 750 ha, 250 ha, 240 ha, 180 ha e 110 ha. Ao lado da pecuária, a agricultura se coloca em segundo plano, como fator principal da economia municipal — mormente o trigo —, não sendo poucos os fazendeiros que estão trocando a pecuária pela cultura do referido cereal. A produção agrícola é consumida quase em sua totalidade no próprio município, com exceção do trigo que é vendido para a cidade de Pelotas e outras comunas do Rio Grande do Sul.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	3 500	22 750
Milho	5 400	12 600
Batata-inglêsa	2 760	6 900
Batata-doce	1 350	4 050

Valor total da produção: Cr$ 53 344 750,00.

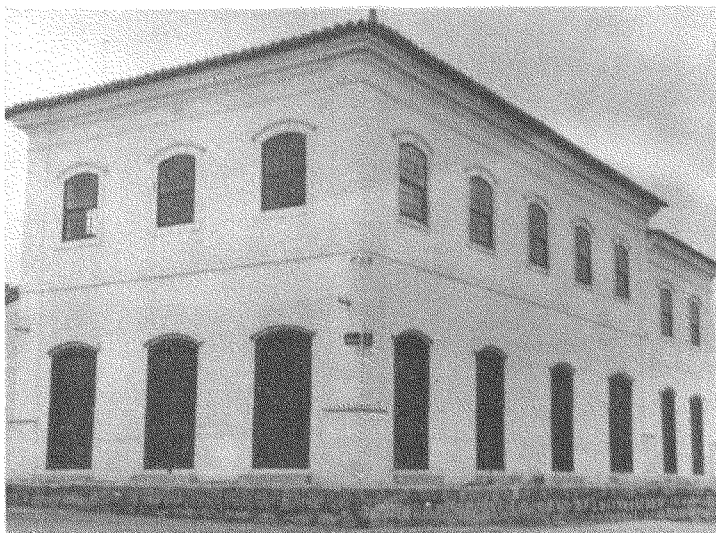
Indústria — Piratini conta com 18 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 40 operários, com um volume de produção, em 1955, de Cr$ 5 591 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: indústrias alimentares, 84,7%; transformação de produtos minerais, 9,1%; couros e produtos similares, 0,4%; indústrias químicas e farmacêuticas, 0,3%; indústria de mobiliário, 3,2%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede municipal:

de móveis e madeiras	1
rádios, refrigeradores, etc.	1
secos e molhados	4
fazendas e miudezas	1
secos e molhados e fazendas	6

O município mantém transações comerciais com a cidade de Pelotas, de onde provêm quase tôdas as mercadorias para o comércio local. Funciona ali um escritório do Banco do Rio Grande do Sul.

MEIOS DE TRANSPORTE — Cidades vizinhas: 1. rodov. (46 km); 2. Caçapava do Sul: rodov. (268 km); 3. Encruzilhada do Sul: rodov. (100 km); 4. Cangussu: rodov. (65 quilômetros); 5. Arroio Grande: rodov. (135 km); 6. Erval: rodov. (119 km). Capital Estadual: rodov. (374 km) ou misto: a) rodov. (140 km) até Pelotas e b) Aéreo (230 quilômetros) ou lacustre (196 km). Capital Federal — Via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, vide

Obelisco de granito, com a efígie em bronze, de Bento Gonçalves

Ministério da Guerra da República Farroupilha

"Pôrto Alegre", ou misto: rodov. (140 km) até Pelotas e b) lacustre (50 km) ou rodov. (52 km) até Rio Grande. Daí até a Capital Federal, ver Rio Grande.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica, mantida pela Prefeitura Municipal, sendo adotado o sistema termelétrico, inaugurado em 1926.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros Públicos (total)	19
Ruas	11
Avenidas	2
Beco	1
Travessas	2
Praças	3

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Terra melhorada	60 200 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	19
Arborizado	1
Arborizados e ajardinados simultâneamente	3

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	204
Zona urbana	183
Zona suburbana	21

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	192
2 pavimentos	12

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	156
Residenciais e outros fins	32
Exclusivamente a outros fins	16

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	19
N.° de ligações elétricas domiciliares	169
N.° de focos p/iluminação pública	68

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	70 880 kWh
Consumo p/iluminação pública	12 108 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Existe apenas 1 telefone, na Prefeitura Municipal, ligado ao centro telefônico de Pinheiro Machado.

SERVIÇO POSTAL TELEGRÁFICO

1 Agência na sede municipal.

HOTÉIS E PENSÕES — Há os seguintes: Hotel São Vicente, diária para casal Cr$ 180,00, para solteiro Cr$ 90,00; Hotel Santo Antônio, diária para casal Cr$ 180,00; para solteiro Cr$ 90,00; Pensão Gaúcha, diária para casal ...... Cr$ 140,00, para solteiro Cr$ 70,00; Pensão Alvarino Alves, diária para casal Cr$ 140,00, para solteiro Cr$ 70,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

Automóveis	60
Camionetas	18
Motociclo	1
Total	79

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	19
Tratores	10
Total	29

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	65
Bicicletas	15
Total	80

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	7
Carroças de quatro rodas	210
Outros	133
Total	350

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 40% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 24%. Em 1955 havia 57 unidades de ensino fundamental comum com 1 742 alunos. Conta o município com uma escola normal.

Outros aspectos culturais — Funcionam duas sociedades recreativas e uma desportiva; 1 tipografia; 1 cinema em construção, porém já em funcionamento, com capacidade para 200 pessoas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — O município não possui prado. As disputas dêsse gênero são efetuadas em canchas retas existentes. Não há criadores de cavalos de corridas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Um hospital, com 27 leitos, e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 195 enfermos, sendo 126 homens e 69 mulheres. Há um aparelho de raios X diagnóstico, 1 sala de operações e 1 sala de esterilização. Exercem a profissão 2 médicos e 1 dentista.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Uma associação de Beneficência Mutuária e 1 Asilo para mendigos e crianças órfãs.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — 1 veterinário e 1 agrônomo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 5 advogados.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia e B. M. do Estado (Polícia Rural Montada).

FESTEJOS POPULARES — Há o Centro de Tradições Gaúchas "20 de Setembro", entidade que ainda se encontra em organização. Todavia, todos os anos, no dia em que se comemora a data magna farroupilha — 20 de setembro — promove festas tradicionais, que constam de desfile da cavalaria do Centro, churrasco de confraternização, "ginetadas" e baile a traje gaúcho. Processões tradicionais: de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, a de "Corpus Christi" e a da Sexta-Feira Santa. A primeira é realizada transportando em andor ornamentado a imagem da padroeira, e, a última, a imagem do Senhor Morto, através das ruas da cidade. Na procissão de "Corpus Christi", são armados altares em três casas familiares, onde, durante o trajeto, é depositado o "Santíssimo Sacramento" e dada a bênção com êle.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — O município muito embora tenha tido parte relevante na República Farroupilha, sendo inclusive capital da mesma, não possui nenhum prédio ou monumento histórico, tombado pelo Serviço de Patrimônio Histórico Nacional. Existem na localidade, hoje pertencentes ao Govêrno Estadual, os prédios onde funcionaram o Palácio do Govêrno Farroupilha e o Ministério da Guerra (já reformado), estando em organização, nesse último, o Museu Farroupilha. Também se encontra o prédio onde residiu o herói José Garibaldi, edifício já reformado, pertencente à Prefeitura Municipal. Na Praça da República Rio-grandense, acha-se um obelisco de granito, artìsticamente trabalhdo, com a efígie em bronze do chefe do Govêrno Republicano Farroupilha — Bento Gonçalves da Silva — em homenagem aos heróis de 35. Além dêsses, é digna de ser mencionada a igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, construída, segundo uns, em 1789, segundo outros, 1812, com suas tôrres de mais de trinta metros de altura e suas paredes de pedras com quase dois metros de espessura.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	308	1 501	698	121	895
1951	197	1 824	829	134	882
1952	199	2 617	1 036	142	925
1953	263	2 544	1 518	390	1 593
1954	347	3 096	1 529	351	2 017
1955	608	3 623	1 946	771	2 323
1956	980	5 492	2 937	1 391	2 937

PÔRTO ALEGRE — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Pôrto Alegre nasceu e cresceu com o Rio Grande do Sul. Sua existência histórica está intimamente vinculada às vicissitudes da conquista e da ocupação territorial do Rio Grande.

Ao iniciar-se o século XVIII, estando já povoado o Destêrro (atual Florianópolis), já fundada por paulistas intrépidos a famosa freguesia da Laguna, e estabelecida à foz do Prata a Colônia do Sacramento, o Rio Grande do Sul permanecia, entretanto, campo aberto dos jesuítas espanhóis dos Sete Povos e de seus índios aldeados. Os bandeirantes paulistas que os molestaram durante o século XVII não tinham deixado estabelecimento fixo.

Entre a Laguna e a Colônia, extenso litoral marítimo, arenoso e baixo, batido pelos ventos fortes do leste, e sem angras nem ancoradouros, repelia os conquistadores portuguêses.

Todavia, pela necessidade de criar ligações terrestres entre aquêles dois estabelecimentos, e para dar caça aos rebanhos de gado alçado das Estâncias missioneiras, os lagunistas começaram a incursionar para o sul, à região que chamavam "Continente do Rio Grande", estabelecendo caminhos de tropa e currais.

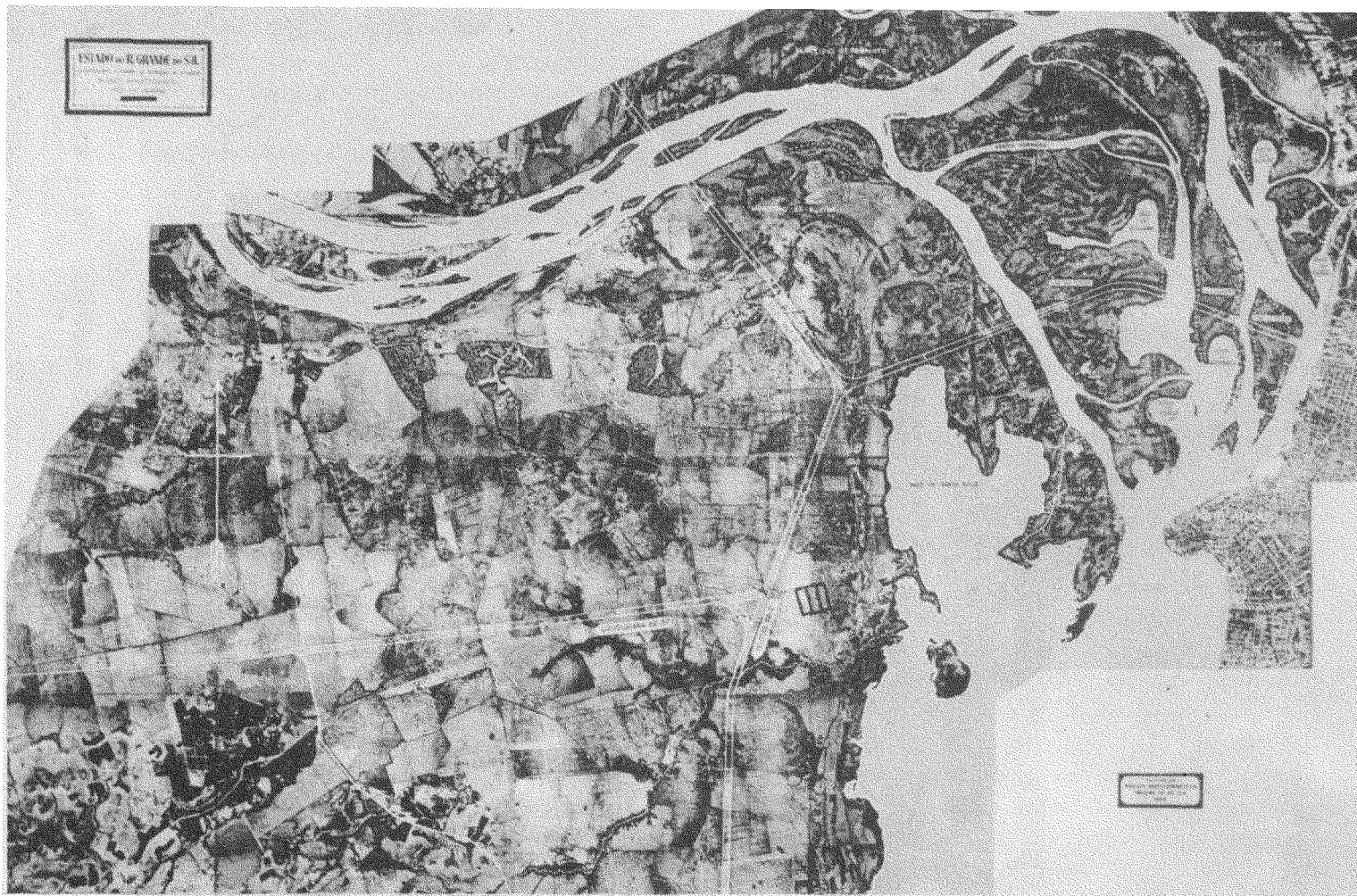
De 1732 em diante, pode-se dizer que essa ocupação começa a revelar-se definitiva. Os campos do litoral presenciam não só incursões efêmeras e o trânsito acelerado de tropas de gado, mas a instalação deliberada de grandes famílias, com seus gados e pertences, que em seguida se tornam sesmeiras, através de doação real.

Cinco anos após aquela data, finalmente, a primeira expedição oficial de conquista, comandada por Silva Paes, lança os padrões portuguêses na barra do Rio Grande, fundando o Forte de Jesus, Maria e José.

Três sesmarias: São José, Senhora de Sant'Ana e São Gonçalo cobriam a área do atual município de Pôrto Alegre.

A 1.ª, concedida a 30 de março de 1736 a Sebastião Francisco Chaves, situava-se entre o arroio Jacareí que a dividia da de Senhora de Sant'Ana e o da Cavalhada, tendo o Guaíba a oeste e os morros do Boqueirão e Mato Grosso a leste. Compreende os arrabaldes do Menino Deus, Glória, Terezópolis, Partenon e Cristal.

A 2.ª, concedida a 5 de novembro de 1740 e confirmada por Carta Régia a 7 de dezembro de 1744, estendia-se do rio Gravataí (que a separava da estância de Francisco Pinto Bandeira) ao arroio Jacareí da confrontação da sesmaria anterior, tendo também o Guaíba a oeste e as terras de Francisco Xavier de Azambuja a leste. Compreende os arrabaldes do Caminho do Meio, Petrópolis, Bom Jesus, São João, Passo da Areia, Navegantes, Independência, Mont Serrat e a parte central da cidade. Era a sesmaria possuída por Jerônimo de Ornelas de Menezes e Vasconcelos.

A 3.ª, finalmente, cujo proprietário, Dionísio Rodrigues Mendes, parece, nunca promoveu a expedição do título competente, abrangia desde o arroio da Cavalhada até a margem direita do arroio Guabiroba ou Salso, desde as suas nascentes nas Abertas do Morro; o Guaíba a oeste e as terras do Florêncio Braz Lopes, a leste, fechavam sua área.

Fotografia de um mosaico, controlado da ponte em construção sôbre o rio Guaíba

Compreende os arrabaldes Tristeza, Pedra Redonda, Vila Nova e Belém Velho com tôdas as suas recentes praias balneárias.

Em 19 de novembro de 1752, chegaram ao pôrto da fazenda de Jerônimo de Ornelas 60 paulistas pertencentes à tropa do coronel Cristóvão Pereira de Abreu, mobilizado para os trabalhos da demarcação de limites determinados pelo Tratado de Madri (1750).

Êsse fato é de fundamental importância, pois marca a origem de agrupamento urbano da capital sul-rio-grandense. Até esta data existia ali uma propriedade privada: uma estância de criar animais, como tantas outras no Rio Grande... A partir de então, torna-se terreno de utilidade pública.

Aí se instalam êsses paulistas com a missão oficial de construir barco para o transporte daquele pôrto às Missões, dentro do plano de Gomes Freire de Andrada, representante português nos trabalhos demarcatórios — de substituir os povoadores espanhóis das Aldeias da costa do Uruguai por portuguêses. Os *casais de número,* como designam os documentos oficiais, foram se arranchando, a pincípio anàrquicamente, por seu caráter provisório, em casas de palha. Aos poucos, porém, toma forma de arraial definitivo, em face da radicação de seus moradores, impedidos pela campanha chamada Guerra Guaranítica (1754-1756). Os casais não puderam ser levados a seu destino: Missões. Foram ficando escalonados ao longo de tôda a rota original: Rio Grande, Pôrto Alegre (PORTO DOS CASAES), Santo Amaro, Rio Pardo...

Não é errado dizer-se que êsses casais de açorianos fundaram Pôrto Alegre. Realmente, sua chegada é que assinala o início de um povoamento regular e estável, conquanto o abandono a que foram relegados pelo Govêrno Português tenha comprometido durante largo tempo o sucesso e a estabilidade da jovem colônia.

O drama vivido por êsses casais, cujo número andava em tôrno de 60, foi o mesmo que mais tarde haveriam de viver alemães e italianos na encosta da Serra, enfrentando e vencendo a natureza, a duras penas, desprotegidos e abandonados.

Embora se lhes houvessem prometido datas de terras demarcadas, ferramentas e animais, para comêço de trabalho, nada disso foi cumprido. Permaneceram os açorianos nas terras de Jerônimo de Ornelas (mais tarde de Inácio Francisco que as comprou), sôbre a margem do rio, lutando sòzinhos contra a fome, a morte e a incerteza do destino.

Onze anos após seu desembarque, o abandono seria minorado em parte. A invasão espanhola de Zeballos, forçando a transferência do Govêrno da Capitania, de Rio Grande para Viamão, aproximou do Pôrto dos Casais — assim o chamavam então — os funcionários e militares coloniais, o que assegurou ao povoado um relativo incremento.

Mas sòmente em 1772, pelas determinações incisivas do Governador José Marcelino de Figueiredo, é que a jovem aldeia adquire as condições necessárias para um progresso regular. Desapropria-se nesse ano a sesmaria então pertencente a Inácio Francisco, e distribuem-se as datas de terra entre os colonos ilhéus. O Govêrno cumpre suas obrigações contratuais, embora com 20 anos de atraso. Lança-se a pedra fundamental de uma igreja, que seria mais tarde a velha Catedral da Praça da Matriz, e no ano seguinte muda-se o orago de São Francisco Xavier para Nossa Senhora da Madre de Deus.

Surge aí, em 1773, *o nome de Pôrto Alegre:* Nossa Senhora da Madre de Deus de Pôrto Alegre foi o nome da nova freguesia.

A despeito de tudo, a povoação crescera e José Marcelino, prevendo-lhe as enormes possibilidades de futuro progresso, delibera transferir para ela a sede de seu govêrno. Em 24-VII-1773, comunica haver deixado Viamão e se estabelece na nova freguesia, e na mesma praça que os governos sucessivos da Colônia, do Império e da República jamais abandonaram.

Os vereadores de Viamão, malgrado acompanharem a mudança do govêrno, são forçados a abandonar Viamão.

Nesse tempo, por determinação de José Marcelino, instalou-se a primeira olaria de telhas em Pôrto Alegre. Até então, tôdas as casas eram cobertas de palha e, para a construção da Casa de Govêrno, foi necessário trazer telhas de Laguna.

Dedicados à cultura do trigo, os açorianos prosperavam, favorecidos pela amenidade do clima e fertilidade da terra.

Em 1780, ao assumir o govêrno, o coronel Sebastião Xavier Veiga Cabral relatava: "a freguesia de Pôrto Alegre consta de mais de mil e quinhentas pessoas, e no seu distrito semearam-se êste ano quatrocentos e sessenta e três alqueires de trigo". A produção do cereal-rei atingira tal nível em certos anos, que a Câmara houve por bem determinar a baixa do preço do pão.

Pelo fim do século, a prosperidade dos habitantes já lhes permitia o luxo de terem escravos, do que são prova as determinações da Câmara, em 1798, mandando "fazer uma marca F para marcar os escravos em quilombo e assim mais um tronco para o capitão-do-mato segurar os escravos que forem apanhados em quilombo, para a êles se fazer a execução que a lei determina antes de entrar na cadeia".

A paz reinava então sôbre o Rio Grande. E seus administradores podiam assim voltar suas vistas para os problemas imediatos da população. Nesse ano de 1798, a Câmara autorizou o "mestre régio Capitão Vitorino Pereira Coelho a ensinar gramática latina pelo meio e modo mais fácil que êle entendesse". Não terá sido provàvelmente Vitorino o primeiro professor da vila, mas foi certamente o primeiro mestre-escola oficial.

Ao raiar o século XIX, a minúscula vila de ranchos de palha, que surgira na extremidade da graciosa península ondulada, estendera-se mais para o interior, projetando ruas, no rumo oeste-leste, ladeirentas e tortuosas, cruzadas por outras tantas vielas; e essas ruas e becos já seriam por certo tão numerosos, que o povo começou a dar-lhes nome, a fim de identificá-los melhor. Diz um cronista ter sido por volta do ano de 1800 que as primeiras vias públicas receberam, atrabiliária e pitorescamente, suas primeiras designações.

Na atual Rua Uruguai ergueu-se um teatrinho, a que os freqüentadores deviam conduzir suas cadeiras, nos dias de espetáculo.

E em homenagem ao Governador Paulo da Silva Gama, seu principal protetor e animador, inscreveu-se no pano-de-bôca esta quadra, que, embora de pé quebrado e mau

gôsto, revela o alto orgulho da população em face dos progressos que presenciava:

"Magnifico teatro se levanta,
Que em gratos peitos instrução derrama,
Tão alto benefício só se deve
Ao muito ilustre e preclaro Gama".

Como documento valioso da situação de Pôrto Alegre e da Capitania, nesse período, existe o notável "Almanaque da vila de Pôrto Alegre", escrito em 1808, pelo comerciante Manuel Antônio de Magalhães. Dedicando seu trabalho ao Príncipe Regente D. João, dirige-lhe inúmeras queixas e pedidos, expondo-lhe o estado econômico da Capitania, os danos da extorsiva exação tributária, a deficiência da ação administrativa, judiciária e religiosa.

Quanto a esta última, que sèriamente o preocupava, Magalhães encarecia a necessidade de uma câmara eclesiástica com vigário capitular ou geral, "para organizar e pôr em boa ordem muita cousa tendente à boa disciplina da igreja, que por esta falta se acha cheia de abusos e em bastante relaxação".

Pôrto de escoamento da produção das povoações litorâneas de Santo Antônio da Patrulha, Conceição do Arroio (atual Osório), Gravataí, Viamão, Rio Pardo, Santo Amaro, Taquari, Triunfo e Cachoeira, Pôrto Alegre adquiriu uma importância comercial considerável. Em seu "Almanaque", Manuel A. Magalhães refere-se à existência de 57 comerciantes na vila, cujos nomes cita. Os sobrenomes são em absoluta maioria portuguêses, mas aparece um francês e dois supostamente irlandeses (Dionysio Macartt Irlandês e Miguel Fortuna Irlandês).

Informava então que a freguesia de Pôrto Alegre ascendia já a 1 200 fogos (domicílios) e seis mil almas. E deixara de ser uma aldeia de lavradores, para tornar-se um vilarejo de comerciantes.

A enorme dispersão demográfica da população -grandense acarretava, nessa época, graves problemas para qualquer ação judicial, seja no executar a lei, seja no reclamar-lhe a execução. Achando-se as magistraturas centralizadas em Pôrto Alegre, era quase impossível para um morador distante o servir-se da rabulesca e emperrada justiça colonial.

Em face disso, já pelo ano de 1804, se solicitava ao Rei a divisão da capitania em Municípios, com a ereção de vilas e criação das respectivas magistraturas. E atendendo à sugestão do governador Paula da Gama, em 27 de abril de 1809, D. João resolveu estabelecer a primeira divisão territorial- administrativa do Rio Grande do Sul, partindo-o em 4 municípios, que foram Pôrto Alegre (a capital), São Pedro do Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. Pôrto Alegre abrangia as paróquias de Nossa Senhora da Madre de Deus, Nossa Senhora da Conceição de Viamão, Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia (atual Gravataí) e Bom Jesus do Triunfo.

Ano e pouco mais tarde, a 3 de dezembro de 1810, em reunião pública, como era costume, instalou-se a vila, erguendo-se o respectivo pelourinho, símbolo da soberania municipal.

O auto então lavrado, e que existe no Arquivo Municipal, assim reza:

"Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e dez annos, aos onze dias do mes de Dezembro do dito anno, nesta nova villa de Nossa Senhora Madre de Deus de Pôrto Alegre, Capitania de São Pedro do Sul onde foi vindo o Doutor Ouvidor Geral, e Corrigidor de Comarca Antônio Monteiro da Rocha, em consequencia da Provisão supra registrada, de sete de Outubro de mil oito centos e nove; e sendo ahi por elle Ministro forão convocadas todas as pessoas da Nobreza, e Povo, e estando todos presentes se levantou o Pilourinho, em que estavão todas as insignias da Jurisdição Real. A cujo acto se alternavão por tres vezes as palavras = Viva o Principe Regente Nosso Senhor = Elevantando assim com esta solenidade o dito Pilourinho ouve o mesmo Ministro por formada esta Villa, e mandou fazer este auto em que assignou com a Nobreza, e Povo, desta Villa. E eu Guilherme Ferreira Abreu Escrivão da Ouvedoria e Correição da Comarca que o escrevi e assignei".

Seguiu-se a êsse fato um novo período de guerras no Prata, que naturalmente afetou o normal desenvolvimento da vila. Mas, por outro lado, a crescente importância que a Capitania assumia ante os olhos da Côrte fêz com que para cá fôssem designados governadores de alta estirpe, que favoreceram a urbanização e o progresso da jovem Capital.

D. Diogo de Souza abriu o "Caminho Novo" ao longo do estuário, cuja designação os pósteros mudaram para Rua Voluntários da Pátria, mas que o espírito conservador da cidade ainda respeita, passado quase um século e meio.

A D. Diogo de Sousa seguiu-se na governança o Marquês de Alegrete, da nobre estirpe dos Telles da Silva e dos Marqueses de Penalva. Sucedeu-lhe, em 1818, o Conde da Figueira, também figura de primeira plana da aristocracia portuguêsa. É natural que isso contribuísse para civilizar os hábitos dos pôrto-alegrenses e urbanizá-los.

Quando o botânico e viajante francês Saint-Hilaire chegou a Pôrto Alegre, em junho de 1820, encontrou uma vila desenvolvida e movimentada, com grande número de edifícios de dois andares.

E conquanto se impressionasse com a espantosa sujeira das ruas, a vila em seu conjunto causou-lhe agradável impressão, e achou na sociedade que freqüentou modos distintos e polidos.

Observador arguto, Saint-Hilaire deixou-nos um quadro perfeito da Pôrto Alegre de 1820, dos agitados tempos em que o Conde da Figueira enfrentava os gaúchos de Artigas nas planícies da Cisplatina.

Diz êle: "As casas de Pôrto Alegre são cobertas de telhas, caiadas na frente, construídas em tijolo sôbre alicerces de pedras; são bem conservadas. A maior parte possui sacada. São bem maiores que as das outras cidades do interior do Brasil e um grande número delas possui um andar além do térreo, e algumas têm mesmo dois".

"A rua da Praia, que é a única comercial, é extremamente movimentada. Nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros carregando volumes diversos. É dotada de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de diversas profissões".

E mais adiante escreve algo que, para quem conhece Pôrto Alegre, é sumamente curioso:

Vista aérea da Praça 15 de Novembro, em pleno centro da Capital Gaúcha

"Fora da cidade, sôbre um dos pontos mais altos da colina onde ela se desenvolve, iniciou-se a construção de um Hospital, cujas proporções são tamanhas que talvez não seja terminado tão cedo. Mas sua posição foi escolhida com rara felicidade, ficando perfeitamente arejado, bastante distanciado da cidade para evitar contágio e ao mesmo tempo próximo quanto às facilidades de suprimento médico e farmacêutico".

É difícil acreditar que tal hospital seja a Santa Casa de Misericórdia, hoje quase no coração da cidade.

Como em quase todo o Brasil, também em Pôrto Alegre os anos próximos à Independência foram de grande efervescência política.

Após recebida a notícia da revolução portuguêsa e da instauração do regime constitucional, tropa e povo amotinaram-se nas ruas pôrto-alegrenses, exigindo em altos brados o juramento imediato da Constituição. Governava então a Capitania uma Junta que substituía interinamente o governador Conde da Figueira. A existência da pacata vila provinciana foi extraordinàriamente agitada naquela madrugada de 26 de abril de 1821, quando um batalhão de infantaria e artilharia, armado e municiado, chamou à sua presença o govêrno interino, na Praça da Matriz, ali mesmo fazendo-o jurar, em companhia da Câmara e do Clero, a nova Carta Constitucional.

A 22 de fevereiro de 1822, em seguimento ao que se efetuou em tôdas as sedes de Capitania, elegeu-se uma nova Junta governativa, em substituição à anteriormente existente. Essa Junta, com exclusão apenas do brigadeiro João Carlos Saldanha, que, fiel à monarquia portuguêsa, demitiu-se por ocasião do movimento da Independência, governou tranqüilamente até 8 de março de 1824, quando foi substituída pelo primeiro Presidente da Província, José Feliciano Fernandes Pinheiro.

Desde o período em que o viajante Saint-Hilaire a fotografou admiràvelmente com suas descrições, até a trágica fase da Revolução Farroupilha, Pôrto Alegre progrediu em ritmo acelerado, crescendo de importância no quadro geral da Província e da Nação.

Em 14 de novembro de 1822, por Decreto de D. Pedro I, foi elevada à categoria de cidade, "com todos os foros e prerrogativas das outras cidades do Império".

Em meados de 1824, chegaram à nova cidade os primeiros imigrantes alemães da província, destinados à colô-

nia de São Leopoldo. Êsse fato apresenta uma considerável importância para a história de Pôrto Alegre, porquanto tôda a sua vida econômica posterior foi estreitamente vinculada ao trabalho empreendedor dêsses colonos. Tôda a vasta produção industrial e agrícola da região colonizada teve e tem, até hoje, Pôrto Alegre como pôrto de escoadouro.

Em 1826, iniciada a Guerra Cisplatina, a cidade receberia a visita do Imperador D. Pedro I.

Em 1827, surgiu o primeiro órgão da imprensa o "Diário de Pôrto Alegre", órgão do govêrno provincial, que nesse ano começa a circular, assinala o início da fecunda atividade jornalística que caracterizou sempre a vida de Pôrto Alegre. Êsse "Diário", segundo opina Aurélio Pôrto, seria impresso com o prelo e material da Tipografia Imperial do Exército, trazida pelas tropas do Marquês de Barbacena, em operações na Guerra Cisplatina. Surgindo em época de extraordinária agitação política, quando a província fervilhava de descontentes com a atuação militar de Caldeira Brant e contra a orientação reacionária e lusitanófila do primeiro Imperador, o "Diário" serviu de porta-voz ao espírito despótico do brigadeiro Salvador José Maciel, Presidente da província, e acarretou sérias questões e atritos políticos.

Sucedendo ao "Diário de Pôrto Alegre", que deixou de circular, surgiu o "Constitucional Rio-Grandense" — jornal político e literário, conforme se intitulava. Seu primeiro número data de 5 de julho de 1828. Era impresso nas mesmas oficinas, chamadas então de "Tipografia Rio-Grandense".

Êsses jornais, como se pode calcular, eram pequenas fôlhas mal impressas, de tiragem irregular quanto à periodicidade, e paupérrimas de notícias ou de crônicas.

Os acontecimentos políticos que se seguiram à abdicação de D. Pedro I trouxeram a Pôrto Alegre uma efervescência partidária, até então desconhecida, e que assinalou vivamente os pródromos da Grande Revolução de 1835-1845.

Dividida a população entre Caramurus e Farroupilhas, as dissenções adquiriram por vêzes um cunho de violência, e fizeram proliferar farta imprensa verrineira e desaforada, de que são exemplos a "Idade de Ouro", "Idade de Pau", "O Inflexível", "O Mestre Barbeiro", "O Eco Pôrto-Alegrense", "O Recopilador Liberal", "O Continentista", "O Vigilante", "A Sentinela da Liberdade", etc.

Paralelamente a êsse florescimento do jornalismo, outras atividades culturais tomaram vulto.

Em 1834, surgiu o 2.º teatro da cidade, o D. Pedro II, que funcionou durante muito tempo na Rua de Bragança, só desaparecendo uns 30 anos mais tarde, quando já funcionava o majestoso São Pedro.

Durante a Revolução Farroupilha, que abalou a província do Rio Grande durante um decênio, Pôrto Alegre sofreu consideràvelmente em seu movimento comercial e em seu progresso social. Não só em virtude dos prejuízos ocasionados às atividades produtoras em tôda a vasta região rural subsidiária da capital, como também em virtude dos choques militares de que foi cenário e do engajamento de sua mocidade nas tropas dos dois lados.

A Revolução começou em Pôrto Alegre. A 20 de setembro de 1835, Bento Gonçalves, Onofre Pires e Gomes Jardim invadem a cidade pela Ponte da Azenha, e, sem encontrar resistência, declaram deposto o Presidente da Província, Fernandes Braga, empossando no cargo o Dr. Marciano Ribeiro. Até 15 de junho do ano seguinte, os revolucionários ficaram de posse da capital. Nessa data, Marques de Souza, o futuro Conde de Pôrto Alegre, que se encontrava prêso no "Presiganga", um velho navio ancorado no cais da cidade, consegue subornar os carcereiros, e, com o auxílio de colonos de São Leopoldo e elementos conservadores da capital, dominou a cidade, aprisionando o Presidente Marciano Ribeiro e outros próceres da Revolução.

Daí por diante, inúmeros foram os assédios feitos à cidade, por vários chefes revolucionários, sem que no entanto alcançassem sucesso. Até o final da luta, nunca mais a capital rio-grandense voltou a ser tomada. Sitiada, por terra e por água viu-se a cidade a braços com tremenda carência de gêneros alimentícios. Narra o cronista Coruja que "o café e o mate, em muitas casas eram adoçados com rapadura e o pão branco com manteiga substituído por pão de milho sem ela". Tendo em vista essas ocorrências e a galharda resistência dos defensores imperiais, o Govêrno Imperial agraciou a cidade com o título de "mui leal e valerosa", que até hoje é muito lembrado e citado.

Já 5 dias após a reação dos imperiais, Bento Gonçalves acercou-se da cidade e intimou-a a render-se. E decorrida uma semana e meia de escaramuças, empreendeu violento ataque, que após 3 horas de intensa luta, foi rechaçado.

A 16 de julho, novo combate se verifica no Campo da Azenha, com nova vitória dos imperiais. A 20 do mesmo mês, os farroupilhas atacam pelo lado dos moinhos de vento, aproximando-se muito da cidade. Foram, porém, repelidos. O cêrco continuou, entretanto, por vários dias, até a chegada de reforços terrestres dos imperiais. Posteriormente, com a destruição das fortificações farroupilhas do Itapuã, que vedavam a entrada do Guaíba, a cidade pôde ser abastecida livremente.

Levantando o sítio, Bento Gonçalves, todavia, rondou a cidade com suas tropas até os fins do mês de setembro, sem obter grandes frutos.

A 25 de junho de 1837, Antônio de Souza Netto tornou a atacar violentamente a capital, sendo porém repelido. Os combates, entretanto, repetiram-se várias vêzes, atemorizando a população e trazendo em constante cuidado as tropas legalistas. Usando a tática das guerrilhas, e evitando grandes choques decisivos, os farrapos afastaram-se da cidade no início do ano seguinte, quando o Presidente da Província tentou dar-lhes combate para romper definitivamente o cêrco. Mas em maio de 1838, assediavam de novo a capital, donde só se afastaram em fins de 1840, com pequenas interrupções.

O cronista Nicolau Dreys, autor da "Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul", e que estêve em Pôrto Alegre durante a fase inicial da Revolução, deixou-nos um interessante quadro da situação da cidade naquela época, suas paisagens, os hábitos de seus habitantes, dizendo em certo trecho: "A cidade de Pôrto Alegre era abastecida de todos os misteres da vida, e mesmo das superfluidades desejadas pelo luxo que segue a riqueza, e que distingue as classes avantajadas da cidade. O comercio tem introduzido ali as fazendas do melhor gosto, e, como

Vista aérea parcial da cidade

o luxo local não é de profusão e disperdício, mas antes de delicadeza e de criterio, essas fazendas, sendo escolhidas e modernas, achão facil extração. Em quanto aos comestiveis, nos tempos ordinarios, nos tempos de paz, a cidade recebe das chacaras circunvisinhas todas as qualidades de fructas, de hortaliças, e de verdura que produz a vegetação indigena, ou que brotão das sementes exoticas, que as mãos do sabio cultivador souberão naturalisar n'hum solo estrangeiro". E mais adiante: "Se Pôrto-Alegre tem alguma cousa que desejar, será talvez maior abundancia de agua potavel; pois a que se acha no morro corre de hum chafariz unico aberto no vertente occidental, quasi no meio da cidade". Do Caminho Novo, hoje a movimentada Rua Voluntários da Pátria, do alto comércio atacadista, Dreys dá-nos uma notícia bem curiosa: era uma alameda de árvores frondosas e povoada de "ricas chacaras, de jardins apparatosos, abundantes de flores, e de fructos, cujos aromas misturados na athmosphera suavisão o olfato, e despertão o apetite". Sôbre a Rua dos Andradas, a mais central da cidade, e ainda hoje guardando o apelido primitivo de Rua da Praia, diz o excelente cronista: "A rua mais extensa, e a mais importante, em respeito ao comercio e a população é a da Praia, que se prolonga em torno do morro à O., à borda da lagoa; nesta rua, formosa por casas geralmente altas, de estylo elegante e moderno, quasi todas habitadas por negociantes, he que parece se ter concentrado o negocio, deixando às outras classes da sociedade as ruas abertas sobre os planos superiores".

A cidade, que herdou dos amargos dias da Revolução o título de "mui leal e valerosa", conferido por Lei imperial de 1841, concluída a paz, ingressou num período de ascensão e prosperidade, acompanhando o paralelo reerguimento da Província. As colônias alemãs próximas retornando ao ritmo de trabalho anterior, favoreciam naturalmente o desenvolvimento comercial e industrial do escoadouro de sua produção. A cidade cresceu em extensão e movimento. Os sobrados, que são na paisagem urbana do Brasil um símbolo de prosperidade e fidalguia, começaram a pontilhar as ruas da cidade.

Em 1848, a Câmara Municipal estabeleceu a obrigatoriedade do calçamento dos passeios fronteiros às casas das ruas centrais. Nesse mesmo ano, foi iniciado o calçamento do leito das ruas, sendo que os primeiros logradouros beneficiados com a medida, foram as Ruas de Bragança (hoje Marechal Floriano), da Praia (atual Andradas) e a Praça do Paraíso (15 de Novembro).

Já antes, por volta de 1842, o crescimento da cidade fizera com que a Câmara providenciasse a colocação de placas indicativas dos nomes das ruas, que receberam assim o seu primeiro batismo oficial. Êsses Primitivos nomes, tão pitorescos na sua Ingenuidade provinciana, apesar das sucessivas alterações oficiais, em boa parte ainda vivem na memória dos pôrto-alegrenses e são usados mesmo na linguagem de cada dia. Rua da Ponte, Praça da Alfândega, Rua da Igreja, Rua da Praia, Caminho Novo, Praça da Matriz, Rua do Arvoredo, Rua do Rosário, são nomes que ficaram tão sòlidamente gravados na tradição da cidade, que a frieza dos decretos municipais não pôde, em um século fazer desaparecer. Outros, talvez mais pitorescos e curiosos, se perderam varridos pelo próprio progresso material e social da cidade: Beco do Poço, Beco dos Pecados Mortais, Rua da Ópera, Beco dos Marinheiros, Beco do Barriga...

Como marco preciso dessa fase de prosperidade e segurança, que se seguiu à Revolução, iniciou-se a construção do Teatro São Pedro, no ano de 1850. Inaugurado oito anos mais tarde, foi, e ainda é, o centro de convergência da elite social da cidade. Quando o Conde D'Eu conheceu Pôrto Alegre, em 1865, achou o teatro de tamanho despropositado para a pequenez da Capital. Isso pode dar-nos idéia do orgulho e veneração com que o cercavam os pôrto-alegrenses.

Vista parcial de Pôrto Alegre em tôda a imponência do seu modernismo

Após a Revolução, a instrução pública ganhou impulso. Até aquela fase, apenas haviam funcionando um pequeno número de classes isoladas de ensino primário e algumas cadeiras de ensino secundário, ministradas por escasso número de professôres autodidatas. Por Lei de 1846, o Govêrno Provincial resolveu criar um liceu oficial de instrução secundária, denominado D. Afonso. Como era costume generalizado nas obras oficiais, a construção do respectivo prédio arrastou-se por mais de 20 anos, só vindo a instalar-se nêle as aulas, em 1872. Êsse edifício, situado à esquina da Rua de Bragança com a da Igreja, foi sucessivamente utilizado para Liceu, Escola Normal e, ùltimamente, Repartição de Polícia, até o incêndio que o destruiu completamente em 1950.

Dois acontecimentos da década de 1850-60 no campo econômico merecem especial relêvo: em 18 de novembro de 1857, foi criada a Praça do Comércio, entidade de classe dos comerciantes, e antecessora da atual Associação Comercial de Pôrto Alegre; no mesmo ano, constituiu-se o Banco da Província do Rio Grande do Sul, por iniciativa do Govêrno Provincial e de particulares, que foi a primeira instituição de crédito organizada no Rio Grande do Sul.

Decorrera pouco mais de cem anos, desde que os primeiros açorianos se haviam fixado às margens da colina que o Guaíba envolve. Fôra um esfôrço hercúleo para tão pouco tempo.

Mas um novo elemento étnico viera somar suas fôrças ao luso-brasileiro, no progresso econômico e social da cidade. À medida que a colonização alemã crescia nas vizinhanças da Capital, esta se tornava, cada vez mais, o eixo comercial da atividade dos colonos e um campo aberto à expansão de seus trabalhos.

Em 1858, os alemães e teuto-brasileiros já eram suficientemente numerosos para formar uma sociedade de Beneficência Mútua — a "Deutscher Hilfsverein" e três anos mais tarde já lançavam a pedra fundamental de um templo luterano.

Um expressivo símbolo do progresso material da cidade nesse período é a construção do grande sobrado de 4 pavimentos na Praça 15 de Novembro, e que o povo pitorescamente denominou de "Malakoff", em homenagem à tomada da tôrre dêsse nome, na baía de Sebastopol, durante a Guerra da Criméia. Conta um cronista que aquêle célebre conflito apaixonava então o público pôrto-alegrense, que acompanhava um a um os respectivos lances. Daí o curioso nome, conservado largo tempo, até sua demolição em 1957.

Criado que fôra o primeiro bispado rio-grandense, por Bula papal de 1848, cinco anos depois tomava posse em Pôrto Alegre o primeiro bispo gaúcho, D. Feliciano José Rodrigues Prates.

A Capital compreendia então as paróquias de Nossa Senhora da Madre de Deus, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Rosário, e mais a freguesia de Nossa Senhora de Belém (Belém Velho), além de inúmeras capelas, como as do Menino-Deus, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Livramento das Pedras Brancas.

O catolicismo, nessa metade de século, era profundamente arraigado na população pôrto-alegrense, embora não deixasse de ter aquêles mesmos característicos gerais do catolicismo brasileiro, que Gilberto Freyre tão bem define. Religião mais de devoção supersticiosa ("catolicismo santeiro" é a expressão de Gilberto), de ostentação e de divertimento, que de recolhimento e sublimação mística. Muita procissão, muita festa com prendas e jogos de rua, muita intriga de sacristia, mas de insignificante papel como fôrça normativa para a vida dos fiéis.

Na fisionomia religiosa da cidade, cumpre não esquecer os numerosos e variados cultos negros.

Pôrto Alegre, nessa época, era repleta de pretos. Basta considerar que, já no fim do século, quando o tráfico cessara há 40 anos e a mestiçagem agira amplamente, foram recenseados ainda, para uma população total de 42 mil almas, mais de 5 300 pretos e 6 900 pardos.

Aquiles Pôrto Alegre, grande cronista da cidade, nos descreve em uma de suas crônicas os célebres "batuques" de então: "Havia pontos da cidade onde, aos domingos, o "batuque" era infalível. O beco do Poço (onde hoje é a Avenida Borges ! ! !), o do Jacques e a rua da Floresta eram sítios de eleição para o "batuque". Nos dias de "folia", já de longe se ouvia a melopéia monótona do canto africano e o som cavo de seu originalíssimo tambor". E ainda adiante: "Havia também os "batuques" ao ar livre. Nestes tomava parte quem queria, e creio que havia um "maioral" encarregado de recolher os vinténs para a cachaça. Um dos mais populares era o do Campo do Bonfim, em frente à capelinha então em construção".

O período de 1860 a 70, malgrado os seis anos de guerra que o assinalaram, não foi estéril para a Capital da Província. Considerando-se o pesado sacrifício material e humano que as lutas contra Aguirre e contra López impuseram ao Rio Grande do Sul, é de estranhar mesmo que Pôrto Alegre não tivesse estagnado seu desenvolvimento nessa fase.

Nos primeiros anos do decênio, que foram de paz e sossêgo público, registram-se alguns melhoramentos urbanos de vulto, e, nos últimos, um respeitável florescimento cultural.

Em 1861, a Lei provincial n.º 466, de 2 de abril, homologou contrato com a "Companhia Hidráulica Pôrto-Alegrense", para fornecimento de água à população, mediante instalação de encanamentos, com torneiras para uso particular, e construção de chafarizes públicos.

Em 1864, deu-se início à edificação do Grande Mercado da Praça 15, aberto ao público 5 anos após. Antes disso, as quitandas funcionavam num prédio de proporções reduzidas, mandado erguer pelo Presidente Saturnino Oliveira, em 1842, na Rua de Bragança.

Também em 1864 surgiu o primeiro sistema de transporte coletivo sôbre trilhos. O cidadão Estácio Bittencourt contratou a construção de uma linha que, partindo da Várzea, nas imediações de onde hoje fica a Faculdade de Economia da U.R.G.S., alcançava a Azenha e a Estrada do Laboratório, subindo-a até os fundos da Capela do Menino-Deus. Êsses primitivos bondes, que começaram a trafegar em 1.º de novembro de 1864, — pequenas gaiolas desconjuntadas, de dois pavimentos, puxadas por burros magros, — foram pitorescamente apelidados pelo povo de "Maxambombas".

Vista parcial do "Parque Farroupilha"

Dados os prejuízos que suportou, não foi possível ao empresário manter os serviços por muito tempo.

Em 1867 surgiu o primeiro jornal ilustrado da cidade, "O Sentinela do Sul". Essa imprensa ilustrada, de sentido crítico e humorístico, com farta matéria charadística e anedotário ao gôsto da época, que foram a diversão dos conversadores de esquina e das rodas familiares, na 2.ª metade do século, assinala lisonjeiramente a história da imprensa pôrto-alegrense.

"O Sentinela do Sul" foi o primeiro. Muitos outros se seguiram a êle, espirituosos, mordazes, virulentos intrigantes, mas fotografando fielmente a vida da cidade nas suas mais particulares intimidades.

A imprensa séria foi enriquecida também pelo aparecimento de "Reforma", órgão do Partido Liberal, que durou até os primeiros anos da República, e onde pontificaram alguns dos maiores vultos do jornalismo da Província.

É dessa época, do mesmo ano de "Reforma", 1868, o "Parthenon Literário", associação de jovens homens de letras, que enriqueceram a literatura provinciana e fizeram o Rio Grande aparecer pela primeira vez na vida intelectual do Brasil. Sua Revista, hoje raríssima, é um repositório de valiosos trabalhos, inclusive pesquisas metódicas sôbre assuntos de folclore e linguagem regional.

Em 1865, o Imperador e o Conde D'Eu passaram por Pôrto Alegre, rumo ao teatro da Guerra em Uruguaiana. Com suas exigências refinadas de francês recém-chegado ao Brasil, o Conde, em seu livro "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul", não traçou um quadro muito lisonjeiro da cidade neste período. É claro que não levou em conta a sua tenra idade e a distância em que estava situada, relativamente, dos centros mais adiantados do país:

"A parte mais conspícua é a vasta praça que se estende em frente do palácio e que podia ter um belo aspecto se a desobstruíssem dos montes de entulho que a desfiguram. Ao pé do palácio ergue-se a Catedral, que é muito humilde igreja; em frente ficam um teatro de dimensões desproporcionadas em relação ao outros edifícios, e os alicerces de uma futura Câmara Municipal. Vegetam na praça quatro palmeiras, cujos enfezados ramos parecem gemer de frio, curvados sob a violência do Pampeiro. A maior parte das ruas do Pôrto Alegre são em rampa, como é também aquela praça; mas são largas e bem alinhadas. Há muitas lojas e em quase todas se vê o famoso "poncho", traje tradicional da região, que não é o poncho da infantaria espanhola, nem mesmo o poncho cumprido dos mexicanos. O daqui é simplesmente uma capa de pregas largas, cortada uniformemente em círculo à altura dos joelhos e que não tem outra abertura senão a do centro, por onde se enfia a cabeça".

Informou ter visto pelas ruas inúmeros cavaleiros com êsses ponchos multicores, mas se decepcionou com os cavalos rio-grandenses de que tantos elogios ouvira.

A década de 1870 a 80 foi fértil e próspera para a "mui leal e valerosa", que acelerou a marcha de sua modernização, adquirindo, cada vez mais, os ares de metrópole. Bondes e iluminação a gás foram as conquistas maiores dessa fase. Mas uma série considerável de outros empreendimentos, públicos ou privados, dão ao decênio uma importância especial.

Em 1872, é a Companhia Carris que se instala, em seu casarão acachapado da Várzea, começando a estender linhas para diversos bairros.

Em 1874, depois de um longo interregno, e de uma arrastada construção, inaugura-se o edifício da Câmara Municipal e Tribunal do Júri, na Praça da Matriz. Do mesmo estilo que o Teatro São Pedro, e edificado no mesmo alinhamento, formava com êste um belo conjunto que emoldurava

Vista parcial aérea da cidade

a Praça e constituía quase um símbolo da cidade. Infelizmente, um incêndio o destruiu recentemente, na noite de 19 de novembro de 1949.

Ainda em 1874 é que se inaugurou o sistema de iluminação a gás. Instalou-se o velho Gasômetro da beira do rio, surgiram os pitorescos acendedores de lampeão, que se derramavam à noitinha pela cidade, e a Capital se libertou dos primitivos candeeiros de querosene e azeite.

Também em 1874, é que os pôrto-alegrenses viajaram de trem pela primeira vez. Nesse ano, foi aberto ao tráfego o primeiro trecho da Estrada de Ferro Pôrto Alegre — Novo Hamburgo: da estação do Caminho Novo até São Leopoldo.

É de imaginar que os cidadãos daquele tempo estivessem espantados de um progresso tão acelerado em sua cidade. Além do mais, é preciso considerar que, a par dessas grandes realizações públicas, também o capital privado se desenvolvia, e o comércio e as indústrias ganhavam notável impulso. Prova disso é a organização da primeira Companhia de Seguros, em 1879. A Phenix de Pôrto Alegre, fundada com capitais pôrto-alegrenses, foi a pioneira dêsse ramo de negócios que, em tôda parte, assinala o desenvolvimento industrial capitalista.

No terreno da cultura, registra-se no decênio a fundação da Biblioteca Pública. Criada por Lei de 1871 e regulamentada em 1876, foi certamente um grande passo para a ilustração intelectual dos pôrto-alegrenses.

Em 1881, o naturalista americano Herberte Smith, grande viajante e excelente observador, visitou Pôrto Alegre, deixando gravadas em seu livro "Do Rio de Janeiro a Cuiabá", as ótimas impressões que guardou: "As ruas são todas largas, bem calçadas e notàvelmente limpas. Feriu-nos a atenção o grande número e importância das casas de grosso trato, muitas das quais fariam honra ao Rio de Janeiro ou New York. Têm comércio ativíssimo, em parte devido às colônias agrícolas que mandam seus produtos a Pôrto Alegre trocar por generos europeus".

"As manufaturas são mais importantes aqui do que em qualquer outra cidade brasileira fora do Rio: fabricam-se máquinas, selas, chapéus, mobília, cerveja e grande variedade de outros objetos: quase todas as fábricas têm donos ou operários alemães".

"O mercado é dos mais bem supridos do Brasil, e a reunião de produtos dos trópicos e das zonas temperadas deveras curiosa. Vêem-se filas de peras, uvas e pessegos e cestos de morangos ao lado de bananas, laranjas e ananases; vêem-se bojudas ervilhas, abóboras retorcidas, confundidas com carás, melões, batatas doces e côcos. Centenares de patos e grande variedade de excelente peixe são tirados da lagoa; as colônias dão aipim, feijão, milho e fumo; os campos contribuem com carne de vaca e de carneiro; e há a variedade usual de pequenos gêneros europeus. Várias quitandas vendem cuias lindamente pintadas e esculpidas, para mate, muito usadas na província".

Herbert Smith acentuou a forte impressão que lhe causou, desde o desembarque, a influência alemã sôbre a cidade: "Vapores e navios de vela enfileiravam-se diante de pontes de madeira; botes passavam aqui e ali, ràpidamente, pela água mansa; tudo sob o sol rutilante da manhã, numa atmosfera lavada por tempestades recentes. A cidade está contruída acima e em roda de uma ponte baixa de pedra, no lado setentrional do Guaíba; a água é profunda e os navios carregam diretamente nos trapiches. Desembarcando em um dêstes e insinuando-nos pela turba pitoresca e ruidosa dos cocheiros e carregadores, fomos dar às duas ou três das ruas principais da cidade. Era como uma mistura de Alemanha e Brasil, com alguma cousa também de atividade de uma cidade comercial da América do Norte. A cada canto encontravamos sinais de alemães. Negociantes, nas esquinas, falavam uns com outros no gatural de sua Vaterland. Carregadores alemães levaram nossa bagagem para um hotel e um alemão com sua linda espôsa, também alemã, recebeu-nos como velhos amigos — e não pôs esta recepção na conta".

Êsse período, de que Herbert Smith nos deixou um lisonjeiro quadro, assinalou para Pôrto Alegre um considerável desenvolvimento comercial, industrial e social, que é marcado por vários acontecimentos significativos.

Foi 1881 um ano de grande incremento nas atividades jornalísticas locais. Fôlhas de várias feições, desde jornais ilustrados, de índole humorística e recreativa, até pasquins políticos de ocasião, efêmeros e vulgares, surgiam profundamente nesse ano e nos subseqüentes.

Avivam-se os debates sôbre o Abolicionismo e a República, enchendo de entusiasmo a mocidade pôrto-alegrense.

Em 1884, instalou-se, com capitais rio-grandenses, a Companhia Telefônica, iniciando-se os respectivos serviços. Pôrto Alegre foi das primeiras cidades brasileiras a possuir serviço telefônico.

Também em 1884, inaugurou-se o edifício do Hospital São Pedro, recolhendo-se a êle os alienados até então mantidos na Santa Casa de Misericórdia e na Cadeia Pública.

Enquanto isso, a Estrada de Ferro a Uruguaiana avançava. Iniciada no decênio anterior, a partir da estação de Margem do Taquari (hoje General Câmara), alcançou Santa Maria em 1885 e São Pedro em 1888. A capital ligava-se, assim, com o interior do Estado, facilitando o escoamento da produção, o contato entre as populações e o mais fácil acesso das medidas administrativas.

Ao proclamar-se a República, a cidade adquirira um notável incremento comercial e industrial. Contava então 3 estabelecimentos bancários, 37 armazéns de atacado e 33 de varejo, 10 casas de fazendas por atacado e 56 de varejo, 10 lojas de livros e miudezas. Numerosos eram também os profissionais liberais, existindo 37 médicos, 26 advo-

Vista do pôr do sol no rio Guaíba

gados e 26 construtores. Era realmente assombroso o número de tavernas, se é que tem fundamento a estatística apresentada por Azevedo Lima, em sua "Sinopse Geográfica, Histórica e Estatística de 1890". Registram-se nessa obra 316 tavernas, além de 38 botequins, cafés e restaurantes e 10 quiosques. Verdade é que existiam na cidade 9 fábricas de cerveja e que a influência alemã era ponderável...

A indústria fabril apresentava um acentuado incremento, existindo 7 fábricas de sabão e velas, 1 de sabonetes, 8 de tamancos, 1 de vidros, 5 de fogos de artifício, 1 de escôvas e vassouras, 1 de espartilhos, 2 de licores, 2 de carros, 1 de camisas, 18 de charutos e cigarros, 6 de chapéus, 2 de cadeiras, 3 de águas gasosas, além de 63 olarias.

O Recenseamento Geral de 1890 levantou no município uma população de 52 186 habitantes. A comuna compreendia, então, além dos atuais distritos, ainda o atual território de Guaíba. De 1872 a 90 sua população crescera de 2,8% ao ano, o que indica uma excelente vitalidade demográfica.

A República foi recebida com entusiasmo. Há vários anos se fazia a preparação intensa da mocidade, dentro dos ideais do republicanismo, e "Federação", órgão do Partido Republicano local, tornara-se um dos jornais mais lidos e acatados da província. Com o golpe de 15 de novembro, subiu ao Govêrno o general Câmara, Visconde de Pelotas, que escolheu para seu secretariado o escol dos republicanos rio-grandenses: Júlio de Castilhos, Ramiro Barcelos, Antão de Faria e Barros Cassal.

Êsses primeiros anos, entretanto, foram agitadíssimos, e os governantes se sucederam através de dissenções graves e até mesmo de golpes violentos. Em fevereiro de 1890, o Visconde de Pelotas se demite do govêrno, por haver entrado em choque com os líderes republicanos. No espaço de tempo que vai de 11 de fevereiro de 1890 a 13 de maio, dois Presidentes interinos se sucederam no govêrno do Estado, sem que se assegurasse um poder estável. O segundo dêles, Silva Tavares, governou seis dias, sendo deposto por um golpe da Escola Militar, ao mando do general Carlos Machado Bittencourt. Nomeado por Deodoro, assumiu o govêrno do Estado o general Cândido Costa, que presidiria as eleições federais de 1890 e as estaduais de 1891, para as Assembléias Constituintes.

Em 14 de julho de 1891, Júlio de Castilhos é eleito pela Assembléia o primeiro Presidente Constitucional do Estado. Em novembro do mesmo ano, em virtude de sua atitude de apoio ao golpe de Estado de Deodoro contra o Congresso, foi deposto por uma ala dos republicanos, a mando de Barros Cassal, depois de grandes manifestações populares que empolgaram Pôrto Alegre. Afastados do poder os castilhistas, seguiu-se o famoso "Governicho", que, carente de fôrça e prestígio, caiu sem resistência ante o motim liderado por Castilhos, em 17-VI-1892. Barros Cassal refugiou-se a bordo d canhoneira "Marajó", da Armada Nacional, e de bordo da mesma bombardeou a cidade em 24 de junho. A população nesse dia entrou em pânico e retirou-se em grandes levas para os subúrbios. Não houve vítimas pessoais, mas alguns edifícios ficaram danificados, entre êles o popular Malakoff.

No interior do Estado teve início a longa e sangrenta Revolução Federalista, que de 1892 a 94 dividiu os rio-grandenses e semeou o desassossêgo em todos os lares.

Êsse conflito assinala um período de estagnação na vida de Pôrto Alegre.

Passada a agitação revolucionária, o ritmo de progresso anterior foi retomado e a Capital voltou à sua atividade normal. Em 1895 apareceu o maior órgão da imprensa gaúcha, o "Correio do Povo", sob a direção esclarecida de Caldas Junior. No ano seguinte, fundava-se a Escola de Engenharia, que foi o primeiro Instituto de ensino superior do Rio Grande do Sul. Sem demora surgiriam outros, enriquecendo o patrimônio cultural da cidade e do Estado; a Faculdade de Medicina, fruto do esfôrço de alguns médicos abnegados, surgiu em 1899, e, em 1900, a Escola Livre de Direito, hoje Faculdade de Direito. A função dessas instituições possibilitou à mocidade rio-grandense a habilitar-se em estudos superiores, em sua própria terra, sem necessidade de procurar as Faculdades de São Paulo e Rio de Janeiro, cuja distância tornava o ensino universitário um privilégio de classe.

Em 1898, foi iniciada a construção do Palácio Municipal, concluído 3 anos mais tarde. Foi o primeiro dos grandes edifícios públicos, que a cidade viria a possuir.

Ao ingressar, portanto, no século XX, a capital rio-grandense era um centro populoso e econômicamente desenvolvido, com transportes urbanos (bondes a burro) serviço de abastecimento de água e telefones. Contava com institutos de ensino secundário e superior e possuía imprensa numerosa e variada tanto no conteúdo como na forma. O Recenseamento de 1900 apurou no município a população de 73 274 habitantes.

Chefiava o Executivo Municipal nessa época o Doutor José Montaury Leitão, a cujas iniciativas Pôrto Alegre muito deve. Desde 1897 até 1924, o Intendente Montaury realizou incontáveis obras, no sentido da urbanização da cidade e de sua remodelação.

Em 1904, o município adquiriu a antiga "Hydráulica Guahybense", passando a encarregar-se do abastecimento de água à população de grande trecho da cidade. A melhora dos serviços foi sensível, desaparecendo o regime do "Pinga-pinga", como os pôrto-alegrense denominavam o serviço anteriormente existente.

Em 1906, foi celebrado o contrato para fornecimento de fôrça elétrica para a instalação de bondes a eletricidade, e de iluminação, visando-se assim substituir o antigo sistema de gás. Desde o dia 10 de março de 1907, os pôrto-alegrenses conheceram o bonde elétrico. Muitas precauções cercaram a criação dêsse sistema, visto que se temia a velocidade demasiada dos veículos. Estabeleceu-se, assim, no contrato, a velocidade máxima de 8 km na zona urbana e 20 km na suburbana.

Em 15 de agôsto de 1908 foi inaugurada a usina elétrica, para iluminação pública e domiciliária. Continuaram funcionando, entretanto, os serviços de iluminação a gás, que durante bastante tempo ainda predominaram.

Nessa 1.ª década do século, a vida social tomou impulso, multiplicaram-se as diversões, e, por fôrça da influência estrangeira, começaram a praticar-se os esportes modernos. Duas grandes sociedades bailantes — Esmeralda e Vene-

Parque Farroupilha — Recanto chinês

zianos — dividiam entre si os favores da população da cidade, rivalizando nos préstitos carnavalescos e na escolha de suas rainhas. A vida social deixara de girar em tôrno das famílias, como nos tempos patriarcais, e passava aos salões e às ruas.

Fundavam-se cafés e confeitarias, onde as elegâncias se exibiam e os pôrto-alegrenses discutiam política e vida alheia. Os primeiros cinemas — Apolo e Éden — abriram suas portas nesse decênio.

O Grêmio Foot-Ball Pôrto-Alegrense e o Sport Club Internacional, que até hoje dividem as atrações do público, também nasceram nesse período.

O crescimento da população do município nos 10 primeiros anos do século foi realmente espantoso: 7,7% por ano. Em 1910, o primeiro censo municipal apuraria .... 130 227 habitantes, o que nos leva a concluir, comparando o resultado de 1900, ter ocorrido um notável movimento imigratório para a capital.

Em janeiro de 1912, o município foi territorialmente aumentado. Acrescentou-se-lhe, por Decreto estadual, a área hoje pertencente ao município de Tapes. Em virtude disso, a Municipalidade mandou realizar um novo recenseamento em 1.º de julho do mesmo ano, o qual apurou uma população de 147 149 habitantes. Na zona urbana da cidade a população já superava 103 000 habitantes e na suburbana ultrapassava a 19 000.

Funcionavam então cinco estabelecimentos bancários com elevado giro de capital, 2 294 casas de comércio, 154 fábricas e 149 oficinas. No decênio 1910-1920, iniciou-se a edificação do cais do pôrto, sendo aterrado um vasto trecho de praia, onde novas e importantes ruas comerciais surgiram. O Estado, em próspera situação financeira, levantou o majestoso edifício do Palácio do Govêrno, que é dos mais belos palácios do Brasil.

O período da primeira grande guerra possibilitou um notável desenvolvimento industrial, abrindo caminho para que Pôrto Alegre viesse a tornar-se o grande centro fabril que hoje é.

O 3.º recenseamento municipal, em 1918, levantou 179 053 habitantes no município, sendo na zona urbana 134 000 e na suburbana 25 000.

A cidade crescera ao longo das linhas de bonde, os bairros industriais Navegantes, São João e Floresta se formaram e o centro urbano se viu radicalmente transformado pelo atêrro do cais, a construção dos grandes edifícios da Delegacia Fiscal, do Correio e da Alfândega, pelo ajardinamento das praças e pelo novo calçamento iniciado em 1915.

O período de govêrno de Otávio Rocha, que em 1924 sucedeu a Montaury Leitão na Intendência Municipal, assinalou novas e radicais reformas. Entre elas salientam-se a abertura das Avenidas São Rafael (hoje Otávio Rocha) e Borges de Medeiros, grandes artérias que vieram substiuir acanhados e primitivos becos.

Quando, em 1935, o Rio Grande do Sul comemorou o Centenário Farroupilha, milhares de turistas puderam conhecer a capital rio-grandense, como uma cidade moderna, dispondo de todos os recursos da vida civilizada e com um elevado índice de cultura. Posteriormente, ainda novas e importantes reformas urbanas foram empreendidas pelo govêrno do Prefeito Loureiro da Silva, que rasgou a Avenida Farrapos, elo de ligação entre o centro e arrabaldes distantes, a Avenida 10 de Novembro, escoadouro do tráfego da zona central, além de inúmeras praças em vários recantos da cidade e o ajardinamento do magnífico Parque Farroupilha, que faz honras à capital. De outro lado, a 2.ª guerra mundial assegurou um notável progresso para as indústrias e conseqüentemente a afluência de populações do interior do Estado, que, se por uma parte contribuíram para o enriquecimento da cidade, por outra lhe trouxeram gravís-

simos problemas em matéria de abastecimento e habitações.

Sendo centro e escoadouro natural de uma das mais prósperas e densas regiões do Brasil, e capital política de um Estado possuidor de extraordinária vitalidade produtiva, Pôrto Alegre tem condições de se tornar uma cidade industrial de notável importância no quadro nacional e sul-americano.

II — EVOLUÇÃO POLÍTICA

1 — Formação Administrativa — A Capital do Estado do Rio Grande do Sul originou-se do povoado de Pôrto de São Francisco dos Casais, fundado em 1742, e elevado à atual categoria em 24 de julho de 1773.

O município, criou-o a Ordem Régia de 26 de janeiro ou 23 de agôsto de 1803, recebendo a sua sede predicamento de vila. A nova comuna teve a sua criação pelo Alvará de 23 de agôsto de 1808, ocorrendo-lhe a instalação a 11 de dezembro de 1810. Consoante outros autores, atendendo a solicitação feita em 1804, D. João VI dividiu, a 27 de abril de 1809, o atual Estado em 4 municípios, entre êles Pôrto Alegre, cuja instalação se teria verificado no dia 3 de dezembro de 1810.

Segundo outra fonte, a vila de Pôrto Alegre ter-se-ia tornado capital da capitania em face do Alvará de 16 de dezembro de 1812. Recebeu foros de cidade por fôrça da Carta Imperial ou Carta de Lei, de 14 de novembro de 1822.

O Ato municipal n.º 7, de 1.º de dezembro de 1892, criou o distrito-sede do município de Pôrto Alegre, que, na "Divisão Administrativa, em 1911", aparece subdividido em 11 distritos: 1.º, 2.º e 3.º, formando a Cidade, e os de Glória, Belém Novo, Pedras Brancas, Barra do Ribeiro, Mariana Pimentel, Ilhas Fronteiras, Tapes e Dores de Camaquã.

Segundo os quadros de apuração do Recenseamento Geral de 1.º-IX-1920, o município de que se trata se constituía dos distritos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, Belém Velho, Pedras Brancas, Barra do Ribeiro, Mariana Pimentel, Ilhas e 11.º, compreendendo êste último a zona fluvial.

O Ato municipal n.º 115, de 16 de dezembro de 1927, refere-se também à criação do distrito-sede do município de Pôrto Alegre, que, no quadro de divisão administrativa relativo a 1933, e contido no "Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio", se apresenta com 8 distritos: 1.º, 2.º, 3.º, São João, Glória, Tristeza, Belém Novo e Ilhas Fronteiras.

Conforme o quadro de divisão territorial datado de 31-XII-1936, o município permanece com 8 distritos: Pôrto Alegre, 2.ª Zona, 3.ª Zona, 4.ª Zona, 5.ª Zona, Tristeza, Belém Novo e Ilhas. Entretanto, no datado de 31-XII-1937, e no anexo ao Decreto estadual n.º 7 199, de 31 de março de 1938, figura com 3 distritos apenas: Pôrto Alegre, Belém Novo e Ilhas, notando-se que a sede dêste último, no quadro anexo, não tem categoria de vila.

Na divisão territorial do Estado, vigente no quinquênio 1939-1943, estatuída pelo Decreto estadual n.º 7 643, de 28 de dezembro de 1938, o município de Pôrto Alegre apresenta-se constituído dos seguintes distritos: Pôrto Alegre (compreendendo 6 zonas: a primeira, denominada Pôrto Alegre, as zonas 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª, sem designação, e a 6.ª com o nome de Tristeza) e, ainda, os distritos de Belém Novo e Pintado. Essas alterações, segundo outra fonte, são atribuídas ao supracitado Decreto n.º 7 199.

Já por efeito do Decreto estadual n.º 7 842, de 30 de junho de 1939, que retificou a divisão territorial mencionada no parágrafo precedente, Pôrto Alegre figura com o distrito da sede, dividido nas seguintes zonas: Centro, Aze-

Vista parcial da Avenida Borges de Medeiros

nha, Floresta, São João, Glória e Tristeza; e também com os de Belém Novo e Pintada (ex-Ilhas).

O Decreto-lei estadual n.º 720, de 29 de dezembro de 1944, que fixou a divisão territorial do Estado, a vigorar no quadriênio 1945-1948, manteve para Pôrto Alegre a mesma composição distrital do qüinqüênio anterior, com a alteração única de que as zonas do distrito-sede passaram a constituir, sob denominações idênticas e nesse próprio distrito, igual número de subdistritos.

Atualmente, Pôrto Alegre permanece com a mesma composição distrital.

Reprodução do histórico da "Sinopse Estatística do Município de Pôrto Alegre" I.B.G.E. — 1951 — de autoria de Sérgio da Costa Franco, com modificações do Doutor Paulo Xavier, na parte referente à fundação da capital Gaúcha.

VULTOS ILUSTRES — *Amália Figueroa* — Amália dos Passos Figueroa é natural de Pôrto Alegre. Nasceu a 31 de agôsto de 1845 e faleceu na cidade natal em 24 de setembro de 1878.

Órfã aos 5 anos apenas, teve uma infância de sacrifício e de pobreza. Manteve com o poeta Carlos Ferreira um noivado romântico que se desfez, quando êste se transferiu para São Paulo, a fim de prosseguir seus estudos. Morreu aos 33 anos de idade.

Foi colaboradora da "Revista do Partenon", de Pôrto Alegre. Sua única obra literária é o livro de versos "Crepúsculos", que contém uma nota crítica de Apolinário Pôrto Alegre. Suas poesias "pertencem à categoria das obras visceralmente românticas".

José de Paiva Magalhães Calvet — Nasceu em Pôrto Alegre a 18 de março de 1808. Após seus primeiros estudos em sua terra natal em 1824, transportou-se para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola da Marinha e em 1827, terminado o curso, foi promovido a guarda-marinha.

Abandonando a carreira voltou ao Sul onde, em 1831, obteve por concurso a cadeira de aritmética e geometria passando a lecionar.

Foi eleito em 1832 presidente da Câmara Municipal de Pôrto Alegre e em 1833 membro do conselho geral da Província.

Como jornalista fêz do "Recopilador Liberal" sua Tribuna, defendendo a causa farroupilha, de cujo movimento foi um dos chefes proeminentes. Como tal foi prêso em 1836, por ocasião da Reação em Pôrto Alegre, e encaminhado para o Rio. Em 1839 foi libertado, depois de assinar um têrmo, obrigando-se a não voltar ao Sul durante a Revolução.

Renunciando a suas idéias republicanas atuou como jornalista na "Regeneração" e em outras fôlhas políticas, convertido de todo à monarquia constitucional.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de julho de 1853.

Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt — Nasceu na cidade de Pôrto Alegre, a 3 de janeiro de 1827. Filho de pais pobres, conseguiu com muita dificuldade matricular-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Por morte do seu pai e não tendo quem custeasse seus estudos, empregou-se no "Correio Mercantil" do Rio de Janeiro, como revisor. Já no 3.º ano, e como seus salários eram deficientes, apresentou-se como candidato, no concurso, de Interino do Hospital da Marinha. Conseguindo o 1.º lugar, foi logo nomeado. Em 1852, veio para sua cidade natal, apresentando-se como candidato avulso à Assembléia Provincial. Eleito, começou sua agitada vida política. Chefe do Partido Conservador, em 1868 foi eleito deputado geral Criou a Escola Normal e o curso de Infantaria da Escola Militar.

Condecorado pelo Govêrno Português com a Comenda de Vila Viçosa e por serviços prestados por ocasião da cólera-morbos, foi agraciado pelo govêrno imperial com o Hábito da Rosa.

Faleceu em Pôrto Alegre, a 25 de novembro de 1901.

José de Araújo Ribeiro (Visconde do Rio Grande) — José de Araújo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, nasceu em Pôrto Alegre a 20 de julho de 1800. Depois de uma vida exuberante de atividade como cientista, diplomata e político, findou seus dias, na Capital Federal, a 25 de julho de 1879. Fêz seus estudos superiores na Universidade de Coimbra, onde se formou em Direito Civil. Como diplomata, foi secretário da legação do Brasil em Nápoles e encarregado de negócios nos Estados Unidos da América do Norte. Mais tarde, na qualidade de ministro, representou o Brasil em Londres, Lisboa e Paris. Foi encarregado de iniciar, em Londres, as negociações sôbre a questão de limites da Guiana Inglêsa com o nosso país. Havendo regressado ao Brasil, aqui exerceu as elevadas funções de deputado, senador, conselheiro, presidente das províncias de Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

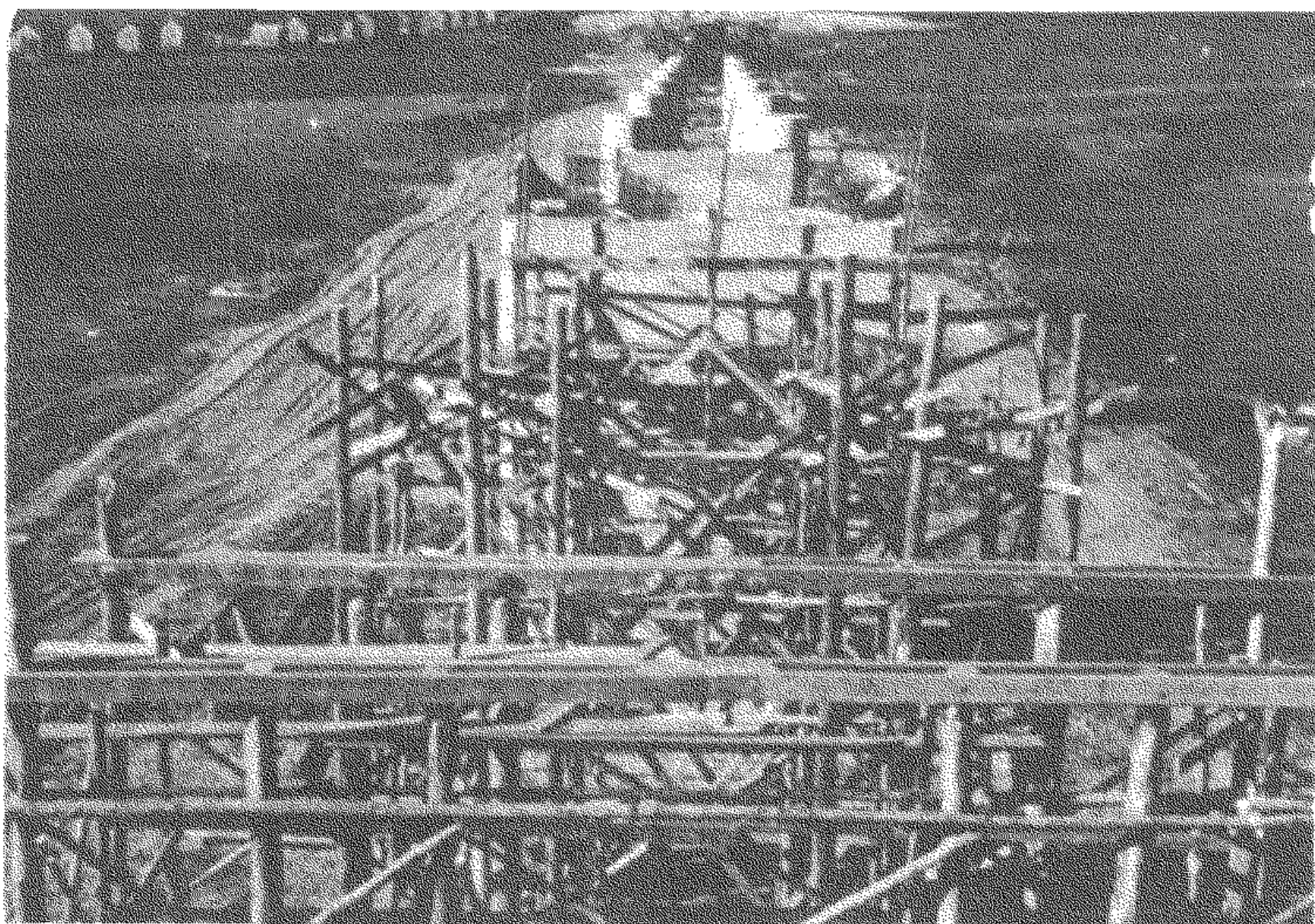
Com o objetivo de divulgar, entre nós, as idéias darwinistas, publicou, em 1875, "O Fim da Criação ou a natureza interpretada pelo senso comum". Deixou ainda "Cartas políticas, dirigidas pelo roceiro Cincinato ao cidadão Fabrício" — 1871. Encontram-se inéditas as seguintes obras de sua autoria: "Breve exposição sôbre o comércio e navegação entre o Brasil e a França", "Regulamento para o corpo diplomático do Brasil", "Qual é o rio Vicente-Pinçon?" e "Parecer a cêrca da Memória do Conselheiro Miguel Maria Lisboa".

José Antônio do Vale Caldre e Fião — Nasceu José Antônio do Vale, na cidade de Pôrto Alegre, aos 22 de agôsto de 1813. Ao nome de família acrescentou, depois, o de Caldre e Fião. Faleceu em São Leopoldo, a 20 de março de 1876.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Médico da Côrte, por algum tempo, regressou ao Sul, onde, em Pôrto Alegre, dedicou-se à campanha em prol da abolição.

Em defesa de suas idéias, já havia fundado no Rio, "O Filantropo", órgão da Sociedade Filantrópica, que dera motivo a muita celeuma e a pesadas críticas. Sua obra literária foi vasta e variada.

Escreveu: "A Divina Pastôra", novela — 1847; "O Corsário", romance — 1851; "Curso de Poesia Brasileira", Rio — 1847; "O Coronel Manuel dos Santos", drama; "O Jardim da Noiva", poesia; "Ramalhete Poético", Rio — 1849.

Foi um dos fundadores do "Partenon Literário" e seu 1.º presidente. "Sua obra de prosador, não só no caso par-

Vista parcial da estrutura de concreto da ponte que ligará, a sêco, Pôrto Alegre—Guaíba

ticular do Rio Grande, senão também no concernente às letras nacionais, tem o mérito de haver ajudado a criar o romance".

Dr. Luiz da Silva Flores Filho — Nasceu em Pôrto Alegre em 1843. Estudou os preparatórios na cidade em que nasceu, seguindo para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina. Em 1864, abandonou os estudos, seguindo para a guerra, contra a República do Uruguai, onde prestou serviço como médico. A êle foram feitas as melhores referências, quando serviu no hospital de sangue, na ocasião em que Paissandu ofereceu heróica resistência; foi condecorado com o Hábito da Rosa.

Assistiu ao sítio de Montevidéu. Tendo nossas tropas entrado em Montevidéu, seguiu Luiz da Silva Flores Filho para o Rio de Janeiro, a fim de concluir o 6.º ano na Academia de Medicina.

Em 1866, voltou ao Rio Grande do Sul, e foi nomeado médico da praticagem da Barra. Pouco depois, seguiu novamente para o Teatro da Guerra, assistindo a tomada de Curusu e ao assalto de Curupaiti. Pelos serviços prestados foi agraciado, também, com o Hábito de Cristo. Abandonou o campo de batalha, ao ser eleito à Assembléia Provincial, pelo partido progressista, começando nesta época a clinicar em Pôrto Alegre.

José Paulino de Azurenha — Grande cronista literário rio-grandense, começou sua carreira no "Jornal do Comércio" e quando Caldas Junior fundou o "Correio do Povo" foi José Paulino de Azurenha, seu grande companheiro de jornada.

Além de revisor, noticiarista e repórter, ainda escrevia com o pseudônimo de "Leo Pardo". Punha todo o seu nervosismo estético ao burilar um soneto ou simplesmente escrever com maestria um escândalo amoroso ou um furto vulgar.

Faleceu, repentinamente, na cidade, que foi também a de seu nascimento.

Felicíssimo Manoel de Azevedo — Nasceu na cidade de Pôrto Alegre a 17 de setembro de 1823. Tomou parte na campanha contra Rosas e de volta da Argentina seguiu para Jaguarão, onde tentou o ramo comercial. Por diversas vêzes prestou concursos para cargos públicos, sendo sempre preterido. Já casado, embarcou para o Rio de Janeiro onde, após prestar exame, tirou a carta de Cirurgião Dentista.

Quando da fundação do "Club Republicano", foi eleito presidente. Colaborou desde a fundação para "A Federação", órgão de seu partido. Escrevia seus artigos com o pseudônimo de "Fiscal Honorário". Sendo o único republicano eleito à Câmara Municipal de Pôrto Alegre, defendeu com ardor a questão do "Plebiscito", ou seja a consulta à Nação sôbre o 3.º reinado.

Já com idade avançada começou a colaborar nas colunas do "Correio do Povo", onde criticava os negócios municipais, com a mesma fôrça, como o fazia antes.

Faleceu aos 82 anos de idade, no dia 2 de julho de 1905.

Francisco Xavier da Cunha — Filho do general português de mesmo nome, e da gaúcha D. Maria Quiteria de Castro e Cunha, nasceu em Pôrto Alegre a 1.º de janeiro de 1855. Estêve na guerra do Paraguai, ao lado do general Osório. Andou por Montevidéu, e na sua volta passou a colaborar no jornal "Reforma", e "Jornal do Comércio". Proclamada a República, foi nomeado Ministro das Relações Exteriores do Govêrno Provisório. Em 2 de setembro de 1891, era condecorado com o cordão da ordem da Coroa da Itália. Representou o Brasil junto à Côrte da Bélgica e em Montevidéu. Aposentado, faleceu a 13 de dezembro de 1913, na Capital da República.

José Araújo Vianna — Nasceu em Pôrto Alegre a 14 de fevereiro de 1872. Desde criança, passava os dias ao piano, deixando entrever uma decidida vocação para a música. Com a ajuda de um professor, começou a educar seus conhecimentos, tornando-se pianista exímio e notável compositor. Aperfeiçoando-se em Milão, compôs números para piano, violino e violoncelo. Sua composição mais célebre é a "Allegro apassionato", para violino. Sua primeira Obra foi: "Carmela", para um ato, apresentada no Teatro São Pedro, em outubro de 1902. Mais tarde compôs: "Rei Galaor". Êstes dois dramas líricos o consagraram entre os afamados escritores de óperas da época. Escreveu a partitura do "Y Juca Pirama", com motivos de Gonçalves Dias. Faleceu no Rio de Janeiro em 2 de novembro de 1916.

Francisco de Sá Brito — Nasceu a 18 de julho de 1808, em Pôrto Alegre. Estudou na Academia de São Paulo; aí matriculou-se e concluiu o curso. A 20 de outubro de 1833 casou-se, em Alegrete, com D. Carlota Cambraia de Sá.

A 17 de fevereiro de 1834, por ocasião da criação da vila de Alegrete, foi nomeado Juiz de Direito interino da antiga Comarca de Missões, que então abrangia o atual município de Alegrete.

Pouco tempo depois (20 dias) foi substituído nesse cargo pelo Dr. Agostinho Loureiro, português de nascimento, mas que adotara nossa nacionalidade. Esta injustificada substituição produziu muito mau efeito no município, há tão pouco tempo organizado e onde o Dr. Sá Brito era estimado, não só pelos laços de família, como por suas qualidades pessoais.

Assim foi que, a 10 de março seguinte, a Câmara Municipal dirigiu-se ao Governador, pedindo, em nome do povo, a conservação do Dr. Sá Brito no cargo.

A proposta desta petição foi apresentada pelo vereador Alexandre de Abreu Vale Machado, dizendo que "se levasse ao conhecimento do govêrno central o bom conceito que tinha merecido o Dr. Francisco de Sá Brito no cargo de Juiz de Direito desta Comarca, o qual pelas virtudes e talentos que o caracterizam, tem se feito digno de estima ainda mesmo daqueles que o não conhecem, por cuja razão a Câmara Municipal suplica a S. M. Imperial a continuação e posse do mesmo emprego em que se acha o dito bacharel".

O govêrno, porém, rejeitando a petição, mandou dar posse imediatamente ao Dr. Agostinho Loureiro.

A Câmara, manifestamente do lado do Dr. Sá Brito, protelou o mais que pôde o ato da posse do novo Juiz, até que êste, sentindo-se incompatibilizado com o povo de Alegrete, foi empossar-se no cargo, perante a Câmara de São Borja, que era então cabeça de Comarca.

O Juiz Loureiro, a 10 de março de 1835, comunicou à Câmara de Alegrete, que se considerava suspeito para julgar as causas dos moradores daquele município, declarando-os seus inimigos e autorizou ao Juiz Municipal de Alegrete a fazer as suas vêzes, o que a Câmara levou ao conhecimento da Assembléia Provincial, que na ocasião estava reunida.

Nesta época o Dr. Sá Brito, que tinha sido eleito deputado provincial, exercia o cargo de secretário da Assembléia, nomeado em abril.

Tendo sido, no ano seguinte, exonerado o Dr. Loureiro, foi o Dr. Sá Brito nomeado para o mesmo cargo, por decreto de 19 de dezembro de 1836, do presidente da província, Dr. José de Araújo Ribeiro, ainda sob o govêrno imperial.

Êste cargo o Dr. Sá Brito exerceu até 24 de janeiro de 1842, quando o deixou por ter sido eleito deputado à Assembléia Constituinte Republicana, na qual serviu como secretário do Estado dos Negócios da Justiça e interinamente dos do Interior e Exterior, cargo que desempenhou até a extinção daquele malogrado govêrno.

A 2 de julho de 1845, foi o Dr. Sá Brito eleito vereador da Câmara Municipal de Alegrete, cargo que exerceu até o fim do quatriênio.

O Dr. Sá Brito escreveu uma judiciosa Memória sôbre a revolução de 1835, publicada no Almanaque do Rio Grande do Sul, de 1904, do Sr. Alfredo F. Rodrigues, e que é julgada o mais importante documento sôbre o assunto.

Francisco de Sá Brito faleceu a 14 de julho de 1875.

Dom Vicente Scherer — Nascido aos 5 de fevereiro de 1903 em Bom Princípio, fêz no Seminário de São Leopoldo, de 1914 a 1924, os estudos ginasiais, colegiais, filosóficos e teológicos até o 2.º ano inclusive, indo em seguida ao Colégio Pio-Latino-americano de Roma, onde foi ordenado sacerdote aos 3 de abril de 1926, e obteve a láurea em Teologia e Direito Canônico. Ocupou o cargo de secretário particular de Dom João Backer, oferecendo-se como primeiro capelão militar na revolução de 1930.

De 1934 a 1936 dirigiu a paróquia de Tapes, depois a de São Geraldo em Pôrto Alegre. Cônego do Cabido Metropolitano, dirigiu "Unitas" a partir de 1940. A pedido de Dom João Becker foi nomeado bispo auxiliar de Pôrto Alegre a 1.º de junho de 1946; por causa do falecimento do Sr. Arcebispo em 15 de junho, adiou-se a sagração.

Na qualidade de Vigário Capitular governou a Arquidiocese até ser confirmado nesse govêrno pela nomeação a Arcebispo, aos 30 de dezembro de 1946. Foi sagrado aos 23 de fevereiro de 1947 pelo Sr. Núncio Apostólico Dom Carlos Chiarlo na matriz de São Geraldo e empossado no mesmo dia. (Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom Frei Henrique de Golland Trindade (OFM) — Nasceu em Pôrto Alegre, aos 27 de maio de 1897; estudou no Ginásio da Conceição de São Leopoldo e depois no Anchieta em Pôrto Alegre, até 1915.

Entrou em 1916 no noviciado da Companhia de Jesus em São Paulo, dedicando-se depois ao magistério no Colégio Catarinense de Florianópolis.

Por motivos meramente espirituais transferiu-se com licença da S. Sé para a Ordem Franciscana, continuando os estudos de Filosofia e Teologia em Curitiba e Petrópolis. Ali se ordenou sacerdote aos 18 de dezembro de 1926. Quatro anos de professor, seis anos de diretor das "Vozes de Petrópolis", três anos de guardião em Guaratinguetá e Ipanema perfazem o seu apostolado na Ordem, até ser, aos 20 de abril de 1941, eleito bispo de Bomfim da Bahia.

Sagrado por Dom Sebastião Leme na Catedral do Rio aos 8 de maio, tomou posse a 15 de agôsto.

Da diocese de Bomfim foi transferido para Botucatu a 15 de agôsto de 1945.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom João Becker — Nasceu aos 24 de fevereiro de 1870 em Wintersbach, município de St. Wendel, Trêveris, Alemanha. Naturalizado brasileiro em virtude da Constituição da República de 1891.

Veio em pequeno para São Vendelino, Caí, RS. Aos 12 de abril de 1888 entrou no Colégio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, passando em 1891 para o Seminário de Pôrto Alegre; foi ordenado por Dom Cláudio a 2 de agôsto de 1896 na capela do Seminário. Dois dias depois recebeu a nomeação de Vigário de Menino Deus, tomando posse da paróquia a 9 de agôsto.

No décimo aniversário do paroquiato, Dom Cláudio nomeou-o Cônego honorário. Por Bula de 3 de maio de 1908, constituído primeiro bispo de Florianópolis, foi sagrado a 13 de setembro na Igreja das Dores e deu entrada em sua diocese a 12 de outubro.

A 8 de dezembro de 1912 iniciou o múnus arquiepiscopal em Pôrto Alegre. Por Breve de 20 de março de 1922 executou Pio XI o que Bento XV em 16 de maio de 1921 tinha prometido, elevando-o a Assistente ao Sólio Pontifício, Prelado Doméstico e à classe dos nobres pelo título de Conde Romano. Faleceu a 15 de junho de 1946.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom Sebastião Dias Laranjeira — Nasceu a 20 de janeiro de 1822 em Ubamonas, na freguesia de Monte Alto, no sertão baiano. Entrou com 18 anos no seminário de São Salvador, sendo ordenado em 1845.

Após 13 anos de paroquiato em Morro de Fogo, foi, em 1857, continuar os estudos do direito canônico na "Sapientia" em Roma, laureando-se em 1859; visitou a Palestina.

Cinco dias antes de receber a láurea em direito, foi nomeado por Bula de 21 de setembro de 1860 bispo de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Pio IX lhe disse: "O nosso Vigário ficou bispo, bravo", e o sagrou a 7 de outubro, sendo até hoje o único bispo brasileiro sagrado pelo papa.

A 6 de fevereiro de 1861 tomou posse por procuração dando entrada solene em Pôrto Alegre no dia de São Pedro do mesmo ano.

Faleceu a 13 de agôsto de 1888.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão — Filho de São Salvador, Bahia, onde nasceu a 21 de fevereiro de 1841. Estudou na Escola Politécnica em Paris; ingressou então na Congregação dos PP. Lazaristas de S. Vicente de Paulo, continuando em Paris os estudos de teologia até o sacerdócio.

Voltando ao Brasil exerceu o magistério em colégios dos PP. Lazaristas, no Seminário de Fortaleza e do Rio de Janeiro.

Eleito bispo de Goiás a 13 de maio de 1881, foi sagrado no Rio a 24 de julho. Leão XIII o transferiu a 26 de junho de 1890 para a sede de Pôrto Alegre, onde tomou posse a 20 de setembro de 1890.

Pio X o distinguiu, a 4 de maio de 1907, com os títulos de Assistente ao Trono Pontifício e Conde Romano, e o promoveu por Bula de 15 de agôsto de 1910 a Arcebispo. Aos 9 de janeiro de 1912 a S. Sé aceitou a sua renúncia ao Arcebispado.

Vivia depois na residência dos PP. Lazaristas no Rio, ocupado no ministério sacerdotal, falecendo aos 27 de maio de 1924.

Seus restos mortais foram inumados na Cripta da Catedral de Pôrto Alegre a 28 de maio de 1934. (Cf. Encicl. Riogr. II, 19 ss). (Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom João Antônio Pimenta — Bispo auxiliar de Dom Cláudio José: 1906-1911.

Nasceu em Capelinha, Arquidiocese de Diamantina MG, a 12 de dezembro de 1859; ordenado sacerdote a 10 de junho de 1883, foi eleito bispo titular de Pentecômia e Coadjutor de Pôrto Alegre a 21 de fevereiro de 1906, sendo sagrado em Barreiras a 20 de maio.

Criada aos 10 de dezembro de 1910 a diocese de Montes Claros, sufragânea de Diamantina, Dom Pimenta foi transferido para lá em 7 de março de 1911, pastoreando aquêle bispado até a sua morte aos 20 de julho de 1943.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Felix da Cunha — Felix Xavier da Cunha nasceu na Capital da Província a 16 de setembro de 1833. Faleceu em sua cidade natal em 21 de fevereiro de 1865.

Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se revelou como poeta da geração de Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa. Depois de formado regressou a Pôrto Alegre.

Aqui, colaborou no "O Guaíba", periódico literário, e dirigiu "O Mercantil".

Eloqüente orador, constituiu-se em um dos baluartes do Partido Liberal, ao lado de Silveira Martins.

Suas poesias foram publicadas pòstumamente, em 1874, e reimpressas em 1933. Escreveu ainda "Vitor", drama em 5 atos, "Uma noite de Vigília", romancete, e "Atenas", ensaio.

Numa crônica de março de 1865, Machado de Assis assim se expressa a seu respeito: "Era um grande lutador Felix da Cunha. Era uma inteligência e uma consciência na acepção mais vasta dêstes dois vocábulos. Jovem ainda, soubera criar um nome que se estendeu desde logo em todo o país, e tornou-se uma das estrêlas da bandeira liberal".

Francisco Antunes Ferreira da Luz — Porto-alegrense de nascimento, veio ao mundo em 9 de setembro de 1853. Faleceu em 1896 no Estado do Rio. Médico, político e poeta, fêz seus estudos superiores no Rio de Janeiro.

Logo formado, transferiu-se para o Estado do Rio, onde passou a clinicar. Havendo abraçado a política, foi eleito deputado à Constituinte Fluminense e, mais tarde, deputado ao Congresso Nacional.

Escreveu um livro de versos intitulado "Harmonias efêmeras", publicado em 1876. Deixou também traduzidos em versos os "Ecos de Rig-Veda", ainda inéditos.

General Francisco Pedro de Abreu (Barão de Jacuí) — Natural de Pôrto Alegre, nasceu no ano de 1811. Faleceu na sua cidade natal, aos 6 de julho de 1891. Em 1836 em plena revolução farroupilha, alistou-se entre as Fôrças Federalistas. Ainda paisano, teve inédita oportunidade de comandar as fôrças que acompanhava, por terem sido postos fora de ação os oficiais do contingente. Nessa função de emergência obteve expressiva vitória sôbre o inimigo, feito êsse que lhe valeu a promoção a tenente. Dotado de excepcionais qualidades militares, veio a ser o oficial legalista que em maior número de combates tomou parte, durante o decênio de lutas.

Por relevantes serviços prestados, recebeu o título de Barão de Jacuí.

Fêz a campanha de 1851. Comandando a 2.ª Divisão, combateu na guerra do Paraguai e assistiu à rendição de Uruguaiana.

Já com idade avançada, recolheu-se à vida privada, em sua terra natal, onde veio a falecer.

Francisco Ferreira de Abreu (Barão de Teresópolis) — Natural de Pôrto Alegre, nasceu Francisco Ferreira de Abreu, a 18 de novembro de 1823. Formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Em seguida, viajou para a Europa, onde, na Academia de Paris, aperfeiçoou-se, durante 3 anos, na ciência médica. "E tal foi o importante papel que aí representou" que seu nome mereceu ser "inscrito no Tableau des savants étrangers".

Foi agraciado pelo govêrno francês com a Cruz da Legião de Honra, como reconhecimento aos seus relevantes serviços prestados à ciência.

Regressando ao Brasil, foi médico particular de Dom Pedro de Alcântara e preceptor das princesas D. Isabel e D. Leopoldina.

Representou o Brasil em vários congressos internacionais de Medicina e Higiene. Presidiu o Congresso Internacional de Genebra, em 1883, em cujas atas foram reproduzidos integralmente os seus valiosos estudos.

Nomeado diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, prestou aí assinalados serviços.

Faleceu na capital francesa, para onde se dirigira, a fim de tratar da saúde, aos 14 de junho de 1885.

Damasceno Vieira — Natural de Pôrto Alegre, João Damasceno Vieira Fernandes nasceu a 6 de maio de 1850 Jornalista, poeta, dramaturgo e historiador, faleceu na cidade de Salvador a 6 de março de 1910. Foi membro do "Partenon Literário", de Pôrto Alegre, revista em que colaborou por muito tempo. Durante quarenta anos, dedicou-se ininterruptamente às atividades literárias. Até à proclamação da República, fôra funcionário do Estado, cargo que abandonou por motivos políticos. Passando ao quadro do funcionalismo da União, prestou serviço na Alfândega de Santos e de Salvador, onde veio a falecer.

"Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do congênere baiano".

"Sua primeira obra foi a novela "História de Amor" — 1876. Em 1878, publicou seu primeiro livro de poesias, "Ensaios Tímidos". Depois, "Auras do Sul" — 1879, "A Musa Moderna" — 1885, "Escrínios" — 1892. Em prosa, publicou "Esboços Literários" — 1883, "Noites de Verão" — 1888, "Através do Rio da Prata" — 1890, "Memórias Históricas Brasileiras".

Para o teatro, produziu "Adelina" — 1880, "Arnaldo" — 1886, "Amália" — 1889, "A Voz de Tiradentes" — 1890, "Os Gaúchos" 1891.

Antônio Eleutério de Camargo — Nasceu em Pôrto Alegre no ano de 1839. Engenheiro militar, jornalista e político, foi eleito deputado à Assembléia Provincial e, em seguida, à Câmara Geral, pelo Rio Grande do Sul. Mais tarde, exerceu os cargos de Conselheiro de Estado e Ministro da Marinha. Juntamente com outros companheiros, fundou "A Reforma", de Pôrto Alegre. Criou a primeira repartição de Estatística na Província. Após a Proclamação da República, abandonou a vida política, dedicando-se às suas atividades de engenheiro, junto ao Exército.

Publicou o "Quadro Estatístico e Geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul" — 1868, além de outros trabalhos de cunho histórico e biográfico.

Antônio de Azevedo Lima — Nasceu em Pôrto Alegre a 21 de janeiro de 1834. Dotado de fina inteligência, êste ativo rio-grandense prestou relevantes serviços a sua cidade de origem, primeiro como procurador da Câmara Municipal (nomeado em 26 de setembro de 1873, cargo em que se aposentou 15 anos depois) e a seguir como vereador da mesma.

Tinha amor nato às coisas do passado pôrto-alegrense. — Em 1872 publicou, com Ignácio de Vasconcelos Ferreira o "Almanack de Pôrto Alegre", primeiro trabalho, no gênero, que surgiu. De igual interêsse é a sua "Synopsia de Pôrto Alegre".

Faleceu em 5 de outubro de 1898 em conseqüência de um insulto cerebral.

Antônio Marques de Sam Payo — Filho da cidade de Pôrto Alegre, nasceu Antônio Marques de Sam Payo a 22 de maio de 1771 (ou 1778). Faleceu no Rio de Janeiro a 18 de fevereiro de 1846.

"Presbítero secular e cônego honorário da Capela Imperial" que era, foi, por suas qualidades excepcionais, distinguido com a Comenda de Cristo. Era, ainda, "Cavaleiro da Rosa" e Oficial da Ordem do Cruzeiro".

Na vida pública, foi representante de Minas Gerais, como suplente do Senador Antônio Gonçalves Gomide, durante a legislatura de 1826-29.

"Escreveu: *Oração em ação de Graças pela feliz chegada de Sua Alteza Real e sua augusta família a esta Côrte do Brasil*, recitada na real Capela do Rio de Janeiro na manhã de 7 de março de 1812 — Impressão Régia — Rio — 1812".

"Traduziu também a obra de Langsdorff, "Memória sôbre o Brasil" — 1882. "O padre Antônio Marques de Sam Payo foi o primeiro rio-grandense autor de livro impresso".

Antônio Álvares Pereira Coruja — Antônio Álvares Pereira é natural de Pôrto Alegre. Nasceu a 31 de agôsto de 1806 e faleceu a 4 de agôsto de 1889 no Rio de Janeiro. Ao sobrenome de família incorporou o apelido "Coruja", que lhe foi dado quando estudante. Em Pôrto Alegre, exerceu o magistério por longos anos. Havendo tomado parte na revolução farroupilha, foi aprisionado e enviado para o Rio. Aí se dedicou ao ensino e foi diretor do Colégio Minerva. Grande parte de suas atividades culturais foi destinada à publicação de obras didáticas. A sua "Gramática Portuguêsa", a "Gramática Latina", a "História do Brasil" e o seu "Tratado de Ortografia" tiveram numerosíssimas edições. É de sua autoria o primeiro vocabulário de gauchismos, "Coleção de vocábulos e Frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul" — 1852. Publicou ainda "Aritmética para meninos" — 1850, "Notas à memória do Tenente-coronel José dos Santos Viegas" — 1860, "Antigualhas e Reminiscências de Pôrto Alegre" — 1881, "Ano Histórico Sul-Riograndense" — 1889, "Memória sôbre a revolução de 20 de setembro" — 1889 e outras obras esparsas.

Zeferino Vieira Rodrigues Filho — Zeferino Vieira Rodrigues Filho nasceu em Pôrto Alegre a 7 de janeiro de 1835. Desde cedo demonstrou decidida vocação pelas letras, tendo colaborado ativamente no periódico "Guayba". Monarquista ferrenho, mesmo após proclamada a República, conservou-se fiel ao trono. Exerceu importantes cargos na Fazenda durante cêrca de trinta anos e ao morrer a 15 de junho de 1910 deixou entre outras obras: "Riachuelo", poema histórico publicado em 1868; "Os Animais palradores", poema satírico datado de 1883; um tomo de "Traduções de Byron e Lamartini", de 1883 e "As Estações", poema publicado em 1891.

Rita Barém de Mello — Nasceu Rita Barém de Mello na cidade de Pôrto Alegre a 30 de abril de 1840. Poetisa de sensibilidade invulgar, é um dos primeiros nomes a fazer parte da história literária do Rio Grande do Sul.

Faleceu na cidade de Rio Grande a 27 de fevereiro de 1868. De uma precocidade fora do comum, aos 15 anos, sem haver feito outros cursos, além do primário, escreveu os seus primeiros versos, publicados em "O Guaíba", sob o pseudônimo de Juriti.

Aos 17 anos, contraiu matrimônio, do qual teve dois filhos que não sobreviveram. As suas primeiras poesias te-

riam sido reunidas num só livro, que traz o título de "Lyra dos 15 anos". Além dêste, escreveu "Sorrisos e Prantos", editado pòstumamente, em 1868, ano de sua morte.

"Os temas de Rita Barém de Mello foram os mais simples — o amor, a maternidade, a morte. Com essas notas principais exprimiu um mundo de emoções perenes". "Foi uma das organizações mais perfeitas e mais elevadas para a poesia. Há nas suas obras um cunho de verdadeiro engenho".

Onofre Pires da Silveira Canto — Nasceu Onofre Pires em Pôrto Alegre a 25 de setembro de 1799.

Vulto de projeção da Revolução Farroupilha da qual foi um dos cabeças, impôs-se desde o início da luta pelos seus grandes dotes militares.

Proclamada a República, foi eleito para a Assembléia Constituinte. Pertencia ao grupo dos que discordaram da orientação de Bento Gonçalves a quem atacou em linguagem violenta. Resultou de sua atitude um duelo com o mesmo a 27 de fevereiro de 1844, do qual saiu gravemente ferido, vindo a falecer em conseqüência dêsses ferimentos, dias depois, a 3 de março.

Múcio Teixeira — Múcio Scévola Lopes Teixeira, nasceu em Pôrto Alegre a 13 de setembro de 1857. Faleceu no Rio de Janeiro a 8 de agôsto de 1928. Estudou no Colégio Riograndense, de Apolinário Pôrto Alegre, e na escola Militar. Muito cedo, começou a versejar. Pertenceu ao grupo do "Partenon Literário". Após haver integrado as fôrças que lutaram contra os "Muckeres", deixou a Escola Militar. Em 1878, passou a residir no Rio, onde se dedicou às atividades jornalísticas. Dois anos mais tarde, nomeado secretário do govêrno do Espírito Santo, segue para Vitória. Aí se demora por poucos anos. Deflagrada a revolução federalista, veio para Pôrto Alegre. Daqui, vai para Salvador, onde funda um jornal e, pouco depois, volta para o Rio. Foi, por algum tempo, vice-cônsul do Brasil na Venezuela.

Suas principais obras como poeta foram: "Vozes Trêmulas" — 1873, "Violetas" — 1875, "Sombras e Clarões" — 1877, "Fausto e Margarida" — 1878, "Contos em Cantos" — 1879, "Cérebro e Coração" — 1880, "Flôres do Pampa" — 1880, "Primas e Vibrações" — 1882, "O Inferno Político" — 1879, "Poesias e Poemas" — 1888, "Celajes" — 1889, "O Girafa" — 1895, "Campo Santo" — 1902, "Leviandades de Climene" — 1906, "Terra Incógnita" — 1916, "Brasas e Cinzas" — 1922.

Escreveu em prosa: "A Revolução do Rio Grande do Sul" — 1893, "Poetas do Brasil" — 1896, "Vida e Obra de Castro Alves" — 1896, "O Imperador Visto de Perto" — 1917, "Os Gaúchos" — 1920.

João Belém — João da Silva Belém, nasceu em Pôrto Alegre, no ano de 1874 e faleceu na cidade de Santa Maria em 1935.

Poeta lírico, historiador, humorista, jornalista e dramaturgo, fundou e dirigiu diversos jornais de Pôrto Alegre e Santa Maria. Foi, em sua vida, um decidido batalhador, em prol do teatro no Rio Grande do Sul. Seus livros apreciáveis refletem-no como um artista e um intelectual no sentido extenso da palavra.

Em 1891, veio a lume o seu primeiro livro de versos, intitulado "Aerólitos", de grande aceitação. Escreveu 14 peças para teatro das quais "Notas Falsas", "O Filho de Momo", "O Peixão", "Satanás em Santa Maria", "Fitas do Centenário', "O Rio Grande Pitoresco" e "Primavera".

Em 1916, uma parte de seus trabalhos foi reunida no volume "Páginas Perdidas". Publicou ainda "Corações Gaúchos" — 1931 e "História do Município de Santa Maria" — 1933.

Hilário Ribeiro de Andrade e Silva — Hilário Ribeiro de Andrade e Silva, nasceu na cidade de Pôrto Alegre, a 1.º de janeiro de 1847. Poeta, dramaturgo e educador, faleceu na Capital Federal, a 1.º de outubro de 1886. Ao concluir seu curso preparatório, em Pôrto Alegre, seguiu para o Rio, onde se matriculou na Faculdade de Medicina. Por motivo de saúde, no entanto, não chegou a completar os estudos superiores.

Voltou para Pôrto Alegre e passou a dedicar-se ao magistério. Lecionou desenho na Escola Normal de Pôrto Alegre. Retornando ao Rio, aí foi professor do Liceu de Artes e Ofício.

Entre as obras que escreveu, destacam-se os dramas "Risos e Lágrimas" e "Aurélia". Deixou publicadas várias obras de cunho didático, por cujos méritos lhe fôra conferida a medalha de prata na Exposição Universal de Paris, em 1886.

João Vespúcio de Abreu e Silva — Nasceu em Pôrto Alegre. Môço pobre, não pôde fazer o curso de medicina, que era seu sonho.

Quando o semanário "Guaíba" foi fundado, João Vespúcio de Abreu e Silva, cooperou com o mesmo. Mais tarde dedicou-se ao magistério, lecionando Geografia e História, na Capital e em Pelotas.

Tempos depois embarcou para o Rio de Janeiro, onde ingressou na imprensa, e trabalhou no "Correio da Tarde".

Por motivo de saúde, voltou para o Sul, quando foi nomeado coletor da arrecadação e fiscalização de rendas provinciais.

Em Bagé deixou o emprêgo, para novamente entrar no magistério público. Foi deputado pelo município de Taquari.

Por decreto de 11 de abril de 1861, foi nomeado administrador do "Correio de Pôrto Alegre". Tomou posse em 2 de maio do mesmo ano. Faleceu a 26 de outubro de 1861.

Carlos Maria da Silva Telles — Nasceu em Pôrto Alegre, a 31 de outubro de 1848. Faleceu a 7 de setembro de 1899. Alistou-se a 23 de junho de 1865, seguindo para a guerra, onde foi ferido, no Passo da Pátria. Já como alferes, tomou parte em diversos combates. Seguindo para o Chaco, entrou nos combates de 18 e 26 de junho de 1868, assistindo à rendição do inimigo a 5 de agôsto. Destacou-se nos assaltos às linhas de "Pikiciri", provando mais uma vez seu valor no assalto às fortificações de "Peribebuhy". Terminada a guerra do Paraguai, voltou ao lar, seguindo para São Leopoldo em 26 de junho de 1874 e daí para Farrabraz, a fim de combater os "Muckers". Tomou parte na campanha de "Canudos".

Voltando à terra natal, coube-lhe o papel mais importante de sua vida de soldado, quando em Bagé, resistiu aos

revolucionários, que queriam se apossar daquele ponto estratégico.

Sebastião Barreto Pereira Pinto — Nasceu em Pôrto Alegre, em 1775. Alistou-se no Regimento de Dragões de Rio Pardo, a 18 de outubro de 1791. Fêz a campanha de 1801. Nas guerras de 1811 e 1812, distinguiu-se no combate de "Itapebuhy".

Desempenhou-se bem de tôdas as comissões arriscadas na campanha de 1816.

À frente de seus homens entrou no combate de "Carumbé" e na batalha de "Catalão". Em março de 1818, invadiu o estado Uruguai, assistindo aos ataques de "Chapecuhy", "Rabão" e "Sanclus". Já no pôsto de coronel, em 1823, reuniu-se às fôrças que sitiavam Montevidéu, sendo mais tarde nomeado comandante da 1.ª divisão. Tomou parte na batalha de "Ituzaingo".

Em 4 de novembro de 1830, foi nomeado para exercer o cargo de Comandante das armas do Rio Grande do Sul.

Mais tarde foi batido nos campos de "Athanagildo" e no combate de "Rio Pardo", a 30 de abril de 1838, onde os adversários dispunham de outros materiais de Guerra.

De volta ao Rio foi nomeado para presidir a província de Minas Gerais, onde ficou evidente sua capacidade administrativa.

Em 1841, faleceu contando 66 anos de idade.

Bibiano Sergio de Macedo Costallat — Nasceu em Pôrto Alegre, a 9 de setembro de 1845. Alistou-se a 25 de setembro de 1863. Tomou parte na guerra do Paraguai. Sua carreira no militarismo foi rápida, por ter sido diversas vêzes promovido por atos de bravura. Tendo o curso de engenheiro militar, já como marechal, pertenceu ao Estado-Maior. Distinguindo-se em concurso, foi nomeado lente da Escola Militar.

Quando Ministro da Guerra, foi um auxiliar importante no govêrno do marechal Floriano Peixoto. Além de ter sido ministro do Supremo Tribunal Militar.

Quando faleceu a 8 de dezembro de 1904, desempenhava as funções de Chefe do Estado-Maior do Exército.

Almirante Antônio Francisco Velho Júnior — Filho de Pôrto Alegre, nasceu a 23 de abril de 1847. Depois de terminados os estudos preparatórios, seguiu para o Rio de Janeiro, onde, a 22 de fevereiro de 1864, matriculou-se na Escola da Marinha.

A 28 de dezembro de 1866, foi destacado para servir na esquadra em operações contra o govêrno do Paraguai.

Tomou parte, nas passagens de Humaitá e Timbó. Foi agraciado com o Hábito de Cristo, pelos relevantes serviços prestados nas passagens de Angustura, quando foi ferido. Desempenhou bem, tôdas as comissões importantes que lhe foram confiadas. Pediu reforma, no pôsto de vice-almirante, sendo reformado com a graduação de almirante.

Faleceu no Rio de Janeiro a 15 de fevereiro de 1915.

Ulysses José da Costa Cabral — Nasceu em Pôrto Alegre, a 24 de setembro de 1855. Aos 12 anos de idade matriculou-se no Colégio Gomes, onde cursou dois anos, indo depois como interno para o Colégio do Padre Massa.

Alistou-se a 4 de março de 1873. A 13 de novembro embarcou para o Rio de Janeiro, matriculando-se, no ano seguinte, na Escola Militar. Como aluno lecionava ainda no Colégio Menezes Vieira, onde mais tarde foi Vice-Diretor. Sendo promovido a alferes, abandonou a carreira militar, para fundar o Ateneu Brasileiro. Voltando a Pôrto Alegre, estabeleceu no campo da Redenção o Ateneu Brasileiro, quando foi nomeado Vice-Reitor do Ginásio Júlio de Castilhos.

Eudoro Berlink — Nasceu em Pôrto Alegre, por volta do ano de 1840. Redigiu por alguns anos o jornal "Riograndense". Apesar de dedicar-se à imprensa, lecionava, para poder manter-se.

Organizou uma Geografia, do Rio Grande, a fim de ajudá-lo no ensino, e ao mesmo tempo para que pudesse tirar alguma vantagem pecuniária.

Foi autor dramático, escreveu "Georgina", que, quando levada em cena, alcançou sucesso completo. Mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro, onde em seguida se destacou como escritor. Passou ali boa parte de sua existência, onde veio falecer.

Senador Florêncio Carlos de Abreu e Silva — Nasceu em Pôrto Alegre, a 20 de outubro de 1839. Após ter feito os estudos preparatórios, seguiu para São Paulo, onde se bacharelou em Direito. Voltando ao Rio Grande foi eleito diversas vêzes à Assembléia Estadual e à Câmara Federal.

Em 1880 foi escolhido como Senador pelo Rio Grande do Sul.

Em abril de 1881, foi convidado para presidir o Estado de São Paulo. Seu govêrno durou pouco tempo, em decorrência de uma enfermidade que o colheu. Num curto espaço de tempo, teve oportunidade de dar provas sobejas de proficiência administrativa. Faleceu em 12 de dezembro de 1881.

Dr. Graciano Alves de Azambuja — Nasceu na cidade de Pôrto Alegre, a 9 de agôsto de 1847. Faleceu ali mesmo, a 7 de julho de 1911.

Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo. Diplomado em Direito, exerceu por alguns tempo o cargo de escrivão dos feitos da Fazenda, cargo que abandonou para dedicar-se a sua profissão liberal. Entregou-se mais tarde ao estudo da botânica, sem ter abandonado de todo a profissão. Foi o primeiro agrônomo rio-grandense a formar-se e por muito tempo sustentou a campanha pacífica em prol do renascimento da agricultura.

Dirigiu e publicou o "Anuário", uma obra vasta referente ao Rio Grande do Sul, na história, na lenda, no folclore, na política, na administração, na agricultura, no comércio, nas letras e na arte...

Manteve correspondência epistolar com sumidades científicas e literárias, da América e da Europa.

Nunca aceitou funções públicas no regime republicano. Fêz parte da Comissão Diretora de Exposição Estadual de 1902 e representou o Brasil na Exposição Colombiana de Chicago, 1893.

Membro da Exposição Brasileira Alemã em Pôrto Alegre, 1881.

Carlos Ferreira — Carlos Augusto Ferreira é filho de Pôrto Alegre, onde nasceu em 24 de outubro de 1844. Tendo falecido a 12 de fevereiro de 1913.

Modesto aprendiz de ourives que era em Pôrto Alegre, transferiu-se para São Paulo. Aí, deu continuidade aos seus estudos e trabalhou no "Correio Paulistano". Depois de 1871, passou a residir no Rio, onde fêz parte do corpo de redatores do "Correio do Brasil". Tempos depois, voltou a São Paulo. Redigiu a "Gazeta de Campinas".

Já na República, nomeado tabelião, renunciou ao cargo, depois de exercê-lo por algum tempo, mudou-se, em seguida, para a cidade de Amparo, onde redigiu o "Diário de Amparo". Escreveu poesias, teatro, contos e romances.

No campo da poesia, publicou "Cânticos Juvenis" — 1867, "Rosas Loucas" — 1868, "Alcíones" — 1870, "Redivivas" — 1881, "Plumas ao Vento" — 1908. São de sua autoria os trabalhos em prosa: "Histórias Cambiantes" — 1874, "A Primeira Culpa", "Feituras e Feições" — 1905. De suas peças que foram representadas no Rio e São Paulo, destacam-se "Arnaldo" — 1865, "Lúcia" — 1868, "Mártires do Coração" — 1868, "A Calúnia" — 1871, "Os Pequenos e os Grandes" — 1872, "A Espôsa" — 1880, "A Pedra de Toque" — 1889.

Marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto — Nasceu em Pôrto Alegre, em princípios do século XIX. Iniciou a carreira militar em 1819. Por serviços relevantes na batalha do Passo do Rosário, foi promovido a capitão, em 20 de fevereiro de 1827. Quando eclodiu a Revolução no Rio Grande, pôs-se ao lado dos legalistas, servindo de 20 de setembro de 1835 a 1.º de março de 1845.

Por merecimento, foi promovido a major em 1838, assumindo o comando do 8.º Batalhão de Caçadores.

No comando da 1.ª Brigada da 1.ª Divisão, fêz a campanha do Uruguai e Buenos Aires. Assistiu ao combate de Toneleros e à batalha de Moron.

Invadiu o Estado Oriental a 27 de março de 1854. Promovido a marechal-de-campo, a 2 de dezembro de 1856, foi comandante das armas da província da Bahia.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 28 de novembro de 1861.

Desembargador Luiz Alves de Oliveira Belo — Filho do marechal-de-campo Wenceslau de Oliveira Belo, nasceu em Pôrto Alegre, aos 21 de abril de 1817. Faleceu em sua terra natal, aos 30 de dezembro de 1865.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia de Direito de São Paulo.

Exerceu as funções de promotor público na província do Rio de Janeiro e em Pôrto Alegre.

Ingressando na vida política, foi eleito deputado à Assembléia Provincial e à Câmara Federal.

Em 1851, em substituição ao marquês de Caxias, assumiu a presidência do Rio Grande do Sul.

Em 1861, já aposentado como desembargador, presidiu a província do Rio de Janeiro, cargo que ocupou até 1863, quando se recolheu à vida privada.

General Rafael Fernandes Lima — Natural de Pôrto Alegre, nasceu no ano de 1837, faleceu no pôsto de general-de-divisão, a 8 de outubro de 1898.

Iniciou sua carreira militar a 5 de março de 1893.

Por ocasião do rompimento das relações com o Estado Oriental, tomou parte nos ataques à Praça Paissandu em dezembro de 1864 e janeiro de 1865. Estêve presente no cêrco da cidade de Montevidéu, onde assistiu à rendição de 19 de fevereiro. Tomou parte, também, nos ataques de "Estero Belaco", "Passo da Pedra", batalha campal de 24 de maio e no combate de 16 e 18 de julho. Foi ferido no combate do "Patrício Ovello", sendo elogiado pelas providências que tomou, independente de ordens superiores, e pelo heroísmo com que se portou nesse combate.

Carlos Augusto Osório Bordini — Nasceu em Pôrto Alegre, a 17 de agôsto de 1847. Estudou no Colégio "Gomes", seguindo para o Rio de Janeiro onde se matriculou na "Escola Central".

Voltando ao Rio Grande do Sul, foi nomeado Diretor das Obras Públicas.

Filiado ao partido Liberal, não ambicionava posições, servia ao partido desinteressadamente.

Faleceu aos 59 anos de idade, no dia 4 de julho de 1906.

Dr. Fausto de Freitas e Castro — Nasceu em Pôrto Alegre, a 12 de abril de 1846. Terminando em Pôrto Alegre os estudos preparatórios, seguiu para São Paulo, onde se matriculou na Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1873. Voltou à terra natal, e dedicou-se à política, filiado ao Partido Conservador.

Foi eleito deputado à Assembléia Provincial em 1875, a que deixou para assumir a Inspetoria da Instrução Pública. Em 1881 foi indicado para a Câmara temporária, mas desistiu em favor de um seu amigo. A 1.º de janeiro de 1887, foi nomeado 1.º vice-presidente do Rio Grande. Faleceu a 4 de dezembro de 1900.

Thomaz Flôres — Nasceu em Pôrto Alegre, a 1.º de janeiro de 1852. Alistou-se aos 14 anos de idade, seguindo logo, como 2.º cadete, para a guerra do Paraguai. Voltando da guerra, já como tenente, matriculou-se na Escola Militar, onde concluiu os cursos de infantaria e cavalaria em 1883.

Promovido a capitão em 7 de abril de 1884, serviu como: assistente do Quartel-General, ajudante-de-ordens do marechal Governador do Estado.

Já como tenente-coronel, seguiu para o Rio, a fim de representar o Rio Grande do Sul, no Congresso Nacional. Foi promovido a coronel por merecimento. Dissolvido o Congresso Nacinal, fêz parte das fôrças revolucionárias, sob o comando do general-de-brigada Manoel Luiz da Rocha Osório.

Combateu os Federalistas, ao lado das fôrças legais.

Seguiu para a Bahia, a fim de combater os fanáticos de "Antônio Conselheiro", sendo morto em combate.

Carlos Thompson Flôres — Nasceu em Pôrto Alegre, onde fêz seus estudos preparatórios. Mais tarde embarcou para São Paulo, bacharelando-se em Direito. De volta ao Rio Grande do Sul, exerceu o cargo de promotor público na capital. Filiou-se ao partido Liberal.

Destacou-se no jornalismo, quando colaborou em "Reforma", órgão do partido.

Nomeado presidente do Estado, fêz um govêrno moderado. Na República, foi desembargador do Tribunal da Relação, cargo êste que exerceu até os últimos dias de vida.

Nos delicados assuntos da Administração do Estado, sua palavra foi sempre acatada.

Gozava do mais elevado conceito entre os políticos da época.

Dr. Sebastião Leão — Nasceu em Pôrto Alegre a 20 de janeiro de 1866.

Figura simpática, distinguiu-se, por sua bondade. Em 1888, formou-se em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro; quando estudante no Rio de Janeiro, preocupava-se, também, com a imprensa. Era revisor da "Gazeta de Notícias", e escrevia correspondências para o jornal sulino "Reforma".

Era, ao mesmo tempo, interno no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio e da clínica de moléstias de crianças da Faculdade.

Defendeu a tese sôbre o estudo "Da intervenção operatória nos traumatismos do cérebro e da medula".

No sul, também colaborou com a "Gazeta Americana", a "Gazeta da Tarde" o "Dia" e o "Correio do Povo", que assinalaram suas qualidades de homens de imprensa.

Foi distinguido com um diploma de mérito, por ter concorrido ao concurso sul-americano, instituído pelo Círculo Médico Argentino com a tese "Contribuição ao estudo clínico da Neurastenia".

Dedicou-se também ao estudo de antropologia criminal, quando era médico-legista da Polícia, em 1896.

Publicou diversos artigos sôbre a história do Rio Grande.

Faleceu em 1903, quando trabalhava com entusiasmo na "História de Pôrto Alegre".

José Antônio Dias da Silva — Nasceu em Pôrto Alegre, a 20 de abril de 1820. Em 15 de junho de 1837, ofereceu-se para tomar parte no movimento que devia libertar a capital do jugo republicano.

Assistiu ao combate do Taquari, a 3 de maio de 1840 e ao de Ponche Verde, a 26 de maio de 1843. Já como capitão, tomou parte nas campanhas do Estado Oriental em 1851, da República Argentina em 1852.

Em 1854, seguiu novamente para Montevidéu.

Em 1864, quando os paraguaios invadiram as colônias dos Dourados e Miranda, Dias da Silva seguiu para o local, sendo atacado pelos invasores, sofrendo grande carga da cavalaria inimiga, na fazenda do Destarracado. Não resistindo ao cêrco, retirou-se para Miranda, continuando a marcha para Aquidaban e em seguida para Santana Paraíba.

Foi agraciado pelo govêrno com o oficialato da Rosa. Faleceu no Rio de Janeiro, a 24 de julho de 1868.

Dr. Francisco Marques da Cunha — Nasceu em Pôrto Alegre, a 8 de junho de 1845. Falecendo a 5 de abril de 1915.

Terminados os preparatórios seguiu para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito.

Interrompendo o curso, embarcou para Pernambuco, onde se matriculou na Academia local, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1873.

Logo depois que voltou ao Rio Grande do Sul, foi nomeado promotor público para a comarca de Taquari, e depois Juiz municipal da mesma localidade. Vindo para Pôrto Alegre, ocupou o lugar de promotor público e por diversas vêzes o de Chefe de Polícia. Em 1887 foi nomeado Juiz de Direito da Câmara de Alegrete. Por último foi nomeado para a Comarca de Alegrete.

Voltando para Pôrto Alegre, dedicou-se à advocacia.

José Antônio Corrêa da Câmara (Visconde de Pelotas) — Natural de Pôrto Alegre. Nasceu José Antônio Corrêa da Câmara a 17 de fevereiro de 1824.

Sentou praça a 16 de setembro de 1839, no 3.º Regimento de Cavalaria.

Campanhas em que tomou parte:

1851-1852: Contra o ditador de Buenos Aires;

1864: Contra o Estado Oriental do Uruguai, apesar de ser da cavalaria, ofereceu-se para tomar parte no sítio de Paissandu, e, por prestar bons serviços, foi elogiado em ordem-do-dia;

1865: Assistiu ao sítio de Uruguaiana;

1866: Na batalha de 24 de maio e nos combates de Curuzu e Curupaiti;

1867: no ataque às posições de Tuyu-Cui;

1868: nos ataques de Passo-Pocio e de Espinilo. Distinguiu-se na batalha de Avaí e no reconhecimento de Lomas Valentinas. Atacou o inimigo no Passo-Tupiuno, assistindo depois à batalha de Campo Grande;

1870: no conflito em Cêrro Corá — 1.º de março — José Antônio Corrêa da Câmara, teve a honra de pôr têrmo à Guerra do Paraguai, onde o ditador Solano Lopes foi ferido e morto, quando perseguido pelas suas tropas. Logo após o término da Guerra foi agraciado com o título de Visconde de Pelotas.

Regressando ao Rio Grande, recebeu convite para exercer o cargo de Ministro da Guerra, que rejeitou.

Em 1880, foi escolhido como Senador pela Província, tendo sido logo depois nomeado Ministro da Guerra.

Por ocasião da queda do Trono, surgindo vitoriosa a República, foi-lhe confiado, pelo marechal Deodoro, o Govêrno do Rio Grande. Faleceu no Rio de Janeiro em 18 de agôsto de 1893.

Conselheiro Candido Batista de Oliveira — Nasceu em Pôrto Alegre, a 15 de fevereiro de 1801. Queria seu pai que êle seguisse a vida religiosa. Foi enviado para o Rio, a fim de estudar no Seminário São José. Reconhecendo logo que não tinha vocação, deixou o seminário, e no ano de 1820 seguiu para Coimbra, onde se matriculou na Escola de Matemática, formando-se em 1824.

Já de volta ao Rio de Janeiro, em 1827, foi nomeado lente da Escola Militar.

Em 1830, representou o Rio Grande do Sul, na Câmara Federal, sendo, a seguir, nomeada para o cargo de Diretor Geral do Tesouro Nacional. Introduziu diversos melhoramentos, entre êles, o serviço especial de estereometria e a sistematização dos pesos e medidas nacionais. Em 1835, alegando doença, deixou o cargo; sendo neste mesmo ano convidado, seguiu para a Europa, como ministro residente, junto à côrte de Sardenha.

Em 1844, fêz parte do ministério presidido pelo Visconde de Caravelas, assumindo a pasta da Marinha.

Em 1850, foi senador pela província do Ceará. Publicou diversos trabalhos de Literatura e Economia, salientando-se o aplaudido "Sistema Financial".

José Bernardino dos Santos — Nasceu em Pôrto Alegre, a 20 de maio de 1845. Literato de valor, foi um dos que, em 18 de junho de 1868, fundou o "Partenon Literário". Funcionário da Tesouraria da Fazenda, nunca deixou de colaborar para os jornais e revistas da época.

Foi José Bernardino dos Santos quem corrigiu e prefaciou "Vozes Trêmulas", livro de versos de autoria de Mucio Teixeira, editado em 1873.

Colaborou também no "Rio-Grandense", órgão do partido conservador.

Escreveu para o teatro algumas peças de valor. Cultivava a Literatura Francesa, quando traduziu muitas poesias de autores célebres.

Faleceu em Caxias do Sul no ano de 1892.

Affonso Marques — Nasceu em Pôrto Alegre, a 19 de setembro de 1847. Cursou o "Liceu D. Affonso", revelando seu privilegiado talento. Concluindo o curso, foi aprender retórica e filosofia, com o Padre Santa Bárbara; devotava verdadeira dedicação por seu mestre, dedicação esta que ia arrastando Affonso Marques à vida serena do Sacerdócio.

Se não fôsse a oposição de alguns amigos, é bem possível que houvesse realizado seus intentos. Depois da morte do seu mestre, dedicou-se ao magistério com fanatismo.

Foi nomeado, em 1870, lente de História, da Escola Normal. Além das qualidade superiores de orador, Affonso Marques era um delicado poeta lírico.

Faleceu a 10 de agôsto de 1872.

General João Pereira Maciel Sobrinho — Natural de Pôrto Alegre, nasceu a 6 de junho de 1847. Faleceu a 18 de maio de 1905. Trabalhava na Alfândega. Em 1865 seguiu para a guerra do Paraguai, voltando depois de cinco anos, já como alferes. Trazia no rosto uma profunda cicatriz, o que atestava o seu valor como soldado.

Formando-se em Engenharia, nunca perdeu seus hábitos modestos. Por seus estudos e por seu trabalho, alcançou na sociedade alta posição.

João Batista da Silva Teles — Nasceu em Pôrto Alegre, a 9 de fevereiro de 1844. Faleceu a 24 de dezembro de 1893. Alistou-se aos 21 anos. Por ocasião da Guerra do Paraguai, obteve promoções por atos de bravura. Terminada a guerra, voltou ao Brasil, já portando as insígnias de capitão, que obteve com apenas 5 anos de serviço. Em 6 de setembro de 1893, voltou às fileiras, já no pôsto de general. Seguindo à frente de seus comandados, para a ilha do Governador, foi ferido na emboscada preparada pelo inimigo, quando fazia reconhecimento do local; se o trajeto que percorriam fôsse menos penoso, talvez seu ferimento não se tivesse agravado, ocasionando a sua morte em dezembro do mesmo ano.

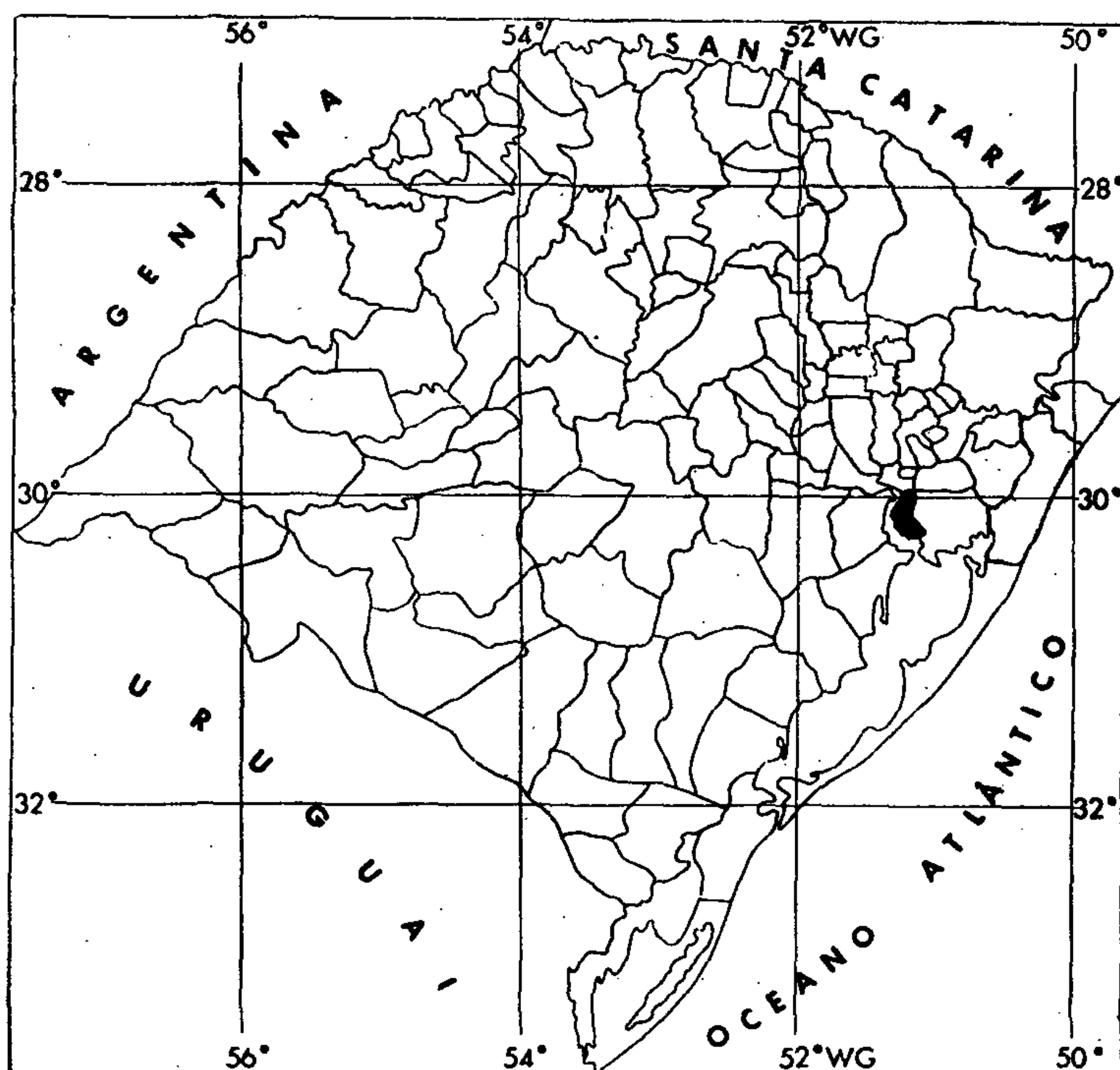
Luiz Manoel Gonçalves de Brito — Nasceu em Pôrto Alegre a 5 de novembro de 1830. Sacerdote, substituiu o Padre Thomé Luiz de Sousa, por morte dêste, no curato da Catedral. Liberal, foi eleito à Assembléia da Província. Retirou-se para a cidade de Cachoeira, quando sentiu-se doente, vindo a falecer a 30 de abril de 1863.

POPULAÇÃO — Conta o município de Pôrto Alegre .... 484 790 habitantes, localizando-se 461 440 na sede e 23 350 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 1 000,79 habitantes por quilômetro quadrado; 10,16% sôbre a população total do Estado; área: 482 km².

Aglomerados urbanos — Cidade de Pôrto Alegre; Vilas: Belém Novo e Pintada (ilha).

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Pôrto Alegre...	14 062	526	5 051	6 298	1 429	7 764

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 01' 53" de latitude Sul e 51° 13' 19" de longitude W.Gr. Altitude: 10 metros.

Posição do Município em relação ao Estado

Acidentes geográficos — O município está situado à margem do estuário do Guaíba, junto à lagoa dos Patos. É um dos menores do Rio Grande do Sul e nêle predominam os morros alongados, cristas e colinas isoladas, de rochas bastante antigas (arqueanas) entre as quais se estendem pequenas planícies de aluvião. A planície de maior destaque é a do rio Gravataí, ao norte do município, onde se nota a sucessão de pequenos terraços, favoráveis ao aproveitamento econômico da região. Principais morros: Santana, Teresópolis, Goulart e da Polícia. As altitudes das colinas e morros variam entre 100 e 300 metros.

As cristas montanhosas chegam até o estuário do Guaíba, daí o aspecto recortado da margem do mesmo, formando barrancas íngremes e pequenas enseadas. A noroeste do município, na região da embocadura do Gravataí e adjacências, a costa é baixa e alagadiça. Neste trecho do Guaíba situa-se uma série de ilhas, inundáveis por ocasião das grandes enchentes; as principais são: da Pólvora, Grande, dos Marinheiros, Graças, Pavão, das Flôres e da Pintada.

A hidrografia é representada por inúmeros arroios que nascem no próprio município, pelo rio Gravataí e pelo estuário do Guaíba, que reúne as águas dos rios Jacuí, Caí, Sinos e Gravataí.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é subtropical. Foram as seguintes as médias das temperaturas ocorridas em 1956: das máximas — 25,1°C; das mínimas — 15,9°C; compensada — 19,8°C. Chuvas: precipitação anual de 1 217 mm. Ocorrência das geadas: meses de julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Canoas e Gravataí; ao sul: rio Guaíba; a leste: Viamão; a oeste: rio Guaíba.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Indústria* — A indústria é a atividade de maior importância econômica da Capital. Apesar de possuir um parque industrial relativamente novo, os progressos observados nos últimos anos, com a grande aplicação de capitais e, conseqüentemente, com a instalação de numerosas fábricas, fazem com que se possa afirmar, sem mêdo de êrro, que a metrópole gaúcha, dentro em breve, atingirá um grande desenvolvimento, colocando-se entre os maiores centros industriais do país.

Em 1954, com 1 127 estabelecimentos, empregando a média mensal de 29 493 operários, sua produção somou a Cr$ 6 336 931 000,00.

Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: alimentares — 25,1%; bebidas — 4,9%; madeiras — 2,2%; transformação de produtos minerais — 2,2%; couros e produtos similares — 0,7%; químicas e farmacêuticas — 7,8%; extrativa de produtos minerais — 0,3%; têxteis — 7,5%; papel e papelão — 0,8%; metalúrgicas — 17,1%; mobiliário — 3,9%; fumo — 4,1%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos — 12%.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	RAMO DE ATIVIDADE
A. J. Renner S.A. — Ind. do Vestuário	Feltros, tecelagem e roupas para homem
A. Mottin & Cia.	Vassouras, escôvas e espanadores
A. F. Brinco & Cia. Ltda.	Café torrado e moído
ACROL — Artefatos Cimento Rossi Ltda.	Mosaicos
Adolpho Zanella & Fabretti	Serralheria
Adubos Orgânicos Ltda.	Adubos
Affonso Contieri & Filhos	Chapéus
Aguado & Falavigna	Serralheria
Albano Wolber S.A. — Ind. e Com.	Velas de cêra
Albarus S.A. — Ind. e Com.	Metalúrgica
Alexandre Thurmann	Tipografia
Alfaiataria Glória Ltda.	Roupas p/homens
Alumínio Royal S.A. —	Artefatos de alumínio
Amadeu Tedesco & Cia.	Calcados em geral
Ambergen S.A. — Ind. do Café	Café torrado e moído
Antônio Brunelli	Pedra britada
Antônio Casarin	Máquinas industriais
Antônio Fortis S.A. — Imp. Com. Ind.	Fundição
Ariel Ruas	Chapas p/marcação, sinetes e placas
Aristeu Rigobello & Cia.	Esquadrias de madeira
Arlindo Otto Wolkart	Móveis de madeira
Armando Martau	Válvulas, etc.
ARMCO — Industrial e Comercial S.A.	Boeiros de ferro
Arno Straatmann S.A. — Ind. Com. Imp.	Caldeiras, prensas, etc.
Arno Vontobel	Doces de frutas, mel, etc.
Arrozeira Brasileira S.A.	Aniagem e sacos — arroz beneficiado
Artefatos de Celulose Ltda.	Quebra-luzes
Artefatos Cimento Pérola Ltda.	Artefatos de cimento
Artefatos Tecidos Realeza S.A.	Roupas para homens
Artefatos Esmaltados Ltda.	Esmaltação de fogões
Arthur Picoral	Bandeiras
Arthur Picoral	Mandolates, etc.
Attílio Benetti SA. — Com. e Ind.	Arroz beneficiado
Augusto Calesani	Instrumentos musicais
Autorubber S.A. — Industrial e Comercial	Artefatos de borracha
Auto Vidros Metal Cromo Ltda.	Cromados para automóvel
Azevedo, Bento S.A.	Sal beneficiado
Balança Santo Antônio Ltda.	Balanças
Brasil Maraschin	Sabão
Brasilux — Artes Decorativas Ltda.	Persianas
Brinquedos Fulgor Ltda.	Brinquedos p/crianças
Brixner S.A. — Ind. Com. de Móveis	Móveis de madeira
Café Economia Doméstica Ltda.	Café torrado e moído
Camisaria Daló Ltda.	Camisaria
Casa dos Carimbos Ltda.	Carimbos, placas, etc.
Café e Confeitaria Mateus	Confeitaria/Padaria
Cerâmica Cordeiros Ltda.	Filtros, talhas, etc.
Camisaria Estrêla do Sul Ltda.	Camisaria
Cartonagem Brasil Ltda.	Caixas de papelão
Casa Aloys Ltda.	Mármore/Granito
Confeitaria Rocco Ltda.	Confeitaria
Construções Mecânicas ARF S.A.	Compressores
Coop. Central Madeireiros do R.G.S. Ltda.	Madeira beneficiada
Casa Publicadora Concórdia S.A.	Impressos em geral
Cauduro Irmão & Cia. Ltda.	Colchões e malas
Cauduro Irmão & Cia. Ltda.	Bolas de couro
Cirei S.A.	Eletrodos, pianos, etc.
Citton & Sokal Ltda.	Serralheria
Cia. Comercial Vidros Brasil — CVB Sul	Lapidação de vidros e massa
Cia. Editôra Rio-grandense	Jornal
Cia. Estadual de Energia Elétrica	Pixe, gás, etc.
Cia. Cigarros Souza Cruz	Cigarros
Cia. Geral de Indústrias	Fogão a lenha
Cia. Cervejaria Brahma	Cervejaria
Cia. Cervejaria Brahma	Ácido Carbônico, gêlo
Cia. Vidros Sul Brasileira	Vidros moldados
Cia. Fiação e Tecidos Pôrto-Alegrense	Fiação e tecelagem
Confecções Reicur Ltda.	Camisaria
Confeitaria Cestaria Ltda.	Confeitaria — Padaria — Massas alimentícias
Confeitaria Cruzeiros Ltda.	Confeitaria — Padaria
Confeitaria Íris Ltda.	Confeitaria
Contrôle de Anúncios Ltda.	Luminosos e Gás-neon
Corticeira Rio *Grandense* Ltda.	Rôlhas *metálicas*, etc.
Criações e Modas Paris Ltda.	Roupas p/senhoras
Coop. Produtores Leite e Derivados Ltda.	Ração p/gado
Cypriano Micheletto S.A.	Caixas de papelão
Cypriano Micheletto S.A.	Parafusos, porcas, etc.
Dal Molin & Cia Ltda.	Farinha de trigo
Damiani Irmãos & Cia.	Massas Alimentícias
Departamento Estadual Abast. Leite	Leite pasteurizado, manteiga, etc.
Dispensário Homeopático José R. Bitenc.	Homeopatia
Doces Schramm Ltda.	Confeitaria
Dohms, Broda & Cia.	Carimbos, placas, etc.
Eduardo Secco S.A. — Comercial Industrial	Adubos
Eliziário G. da Silva	Carroçaria p/ônibus
Eltex S.A. — Tecidos e fitas elásticas	Fios e fitas elásticas
Emprêsa Charrua Ltda.	Água mineral
Emprêsa Gráfica Metrópole S.A.	Impressos em geral
Engenharia Industrial S.A. — Eng. Ind. Com.	Máquinas p/engenharia
Érico Silveira Peixoto	Inseticidas, etc.
Ernestides Lopes & Cia. Ltda.	Caramelos, etc.
Ernesto Neugebauer & Cia.	Chocolates, balas, etc.
Esmaltaria União Ltda.	Fogões à querosene, etc.
Estab. Subsistência da Brigada Militar	Pão, biscoitos, café torrado e moído, massas alimentícias
Estamparia Gaúcha Ltda.	Rôlhas metálicas e latas
Faé & Cia.	Canos de chumbo
Fábrica Balas Giampaoli Ltda.	Balas e caramelos
Fábrica Bombas LEPA Ltda.	Bombas hidráulicas
Fábrica Botões Mavel Ltda.	Botões de madrepérola
Fábrica calçados Nejuco S.A.	Calçados em geral
Fábrica calçados Topázio Ltda.	Calçados para crianças
Fábrica Correias Pôrto Alegrense S.A.	Correias de couro, etc.
Fábrica Limol S.A. — Produtos Químicos	Saponáceos
Fábrica Limol S.A. Produtos Químicos	Sabonetes, etc.
Fábrica Merlin Óleos Vegetais Ltda.	Óleo e torta de linhaça
Fábrica Metalúrgica Berta S.A.	Panelas, marmitas, artigos de ferro fundido
Fábrica Molduras Rex Ltda.	Molduras de madeira
Fábrica Nacional de Tesouras Ltda.	Tesouras, etc.
Fábrica Nelly	Mosquiteiros, etc.
Fábrica Cigarros SUDAN S.A.	Cigarros
Fábrica Ombreiras Sabiá Ltda.	Ombreiras de lã
Fábrica Papelão Pôrto-Alegrense Ltda.	Papelão
Fábrica Pregos Hugo Gerdau S.A.	Pregos
Fábrica Rio Guahyba S.A.	Tecidos e fios de lã
Fábrica Steigleder S.A. —Ind. Téc. Com.	Refrigeradores, etc.
Fábrica Sorvetes Italianos BEM-BOM Ltda.	Sorvetes
Febernatti S.A. — Ind. Com.	Abrigos de alumínio
Fernandes Costa & Cia. Ltda.	Bonés, bandeiras, fardamentos, etc.
Foernges Irmãos	Lentes para óculos
Forjas Taurus S.A. — Ind. Com.	Revólveres, etc.
Frankemberg & Cia. Ltda.	Botões
Febrestos — Lonas p/freios Ltda.	Lonas p/freios
Frederico Volker & Cia. Ltda.	Tecidos de rayon
Fundição Becker Ltda.	Fundição
Fundição Parraga Ltda.	Fundição
G. Nienaber & Cia. Ltda.	Cartonagem
Germano Gundlach S.A.	Tipografia
Giordani & Cia. Ltda.	Caramelos, rapaduras, etc.
Gráfica Oriente Ltda.	Impressos em geral
Guaspari, Generalli & Cia. Ltda.	Móveis de aço
H. Saenger — Laboratório EKA	Produtos farmacêuticos
Hélio Lux Ltda.	Anúncios luminosos
Henrique Boldrini	Móveis de madeira
Henrique Lage — Com. Ind. S.A.	Sal beneficiado
Hécules S.A. — Fábr. Talheres	Talheres
Ibañez & Cia. Ltda.	Joalheria
Importadora Brasileira Ltda.	Montagem de rádios
Ind. Acolchoados Scliar SA.	Acolchoados
Ind. Auto Borrachas S.A.	Correias p/automóveis, etc.
Ind. Baquelite Roos Ltda.	Artigos de baquelite
Ind. Brasileira Embalagens S.A.	Cofres de aço, etc.
Ind. Brinquedos Guaraní Ltda.	Brinquedos para crianças
Ind. Cama Patente L. Líscio S.A.	Camas
Ind. Com. Apolo S.A.	Sabão, velas, etc.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	RAMO DE ATIVIDADE
Ind. Com. Máquinas Cereal Ltda.	Máquinas p/engenhos, etc.
Ind. Componentes Eletrônicos Ltda.	Condensadores
Ind. Gaúcha Produtos Alimentícios S.A. ..	Biscoitos
Ind. Gelosias Einsfeld Ltda.	Gelosias de madeira, etc.
Ind. Ladrilhos Ipiranga Ltda.	Ladrilhos
Ind. Madeira Louro Ltda.	Móveis de madeira, etc.
Ind. Pôrto Alegrense Feltros Ltda.	*Ombreiras*
Ind. Refrigerantes do Sul Ltda.	Refrigerantes
Ind. Rio-grandense Artif. Couro Ltda.	Malas
Ind. Tintas Louçalin Ltda.	Tintas a óleo, etc.
Instituto Pereira Filho	Produtos farmacêuticos
Instituto Riograndense do Arroz	Arroz beneficiado
Irmãos Muradás	Pistões e camisas
Irmãos Soster & Cia.	Olaria
Irmãos Veroneze	Acordões
Israel Mayer Jakobson	Blusas e casacos de couro
Jóias Diefenbach Ltda.	Joalheria
José Weimer Vianna & Cia.	Taças e troféus
Ketzscher & Irmão Ltda.	Malharia
Laboratório Fischer Ltda.	Produtos Farmacêuticos
Laboratório Gayer S.A.	Produtos Farmacêuticos
Laboratório Inkas Ltda.	Produtos Farmacêuticos
Laboratório Regius Ltda.	Produtos Farmacêuticos
Laboratório Sanitas — Drogaria Velgos ..	Produtos Farmacêuticos
Ladrilhos Sant-Art Ltda.	Artefatos de cimento
Leopoldo Geyer S.A.	Joalheria — Óculos e Lentes
Lindau S.A. — Ind. Com.	Ventiladores, etc.
Livraria do Globo S.A.	Artes gráficas
Luiz Moschetti S.A. — Ind. Com. Papel	Sacos de papel, etc.
Malvásio & Cia.	Artigos de lona
Manoel Schames Milmann	Casacos de pele
Manufabril Ind. Roupas Ltda.	Roupas p/crianças
Manufatora Borracha Motoflex Ltda. ...	Peças p/automóveis
Mapla S.A. — Ind. Materiais Plásticos ..	Artigos de matéria plástica
Máquinas Lavandeiras Wallig S.A.	Máquinas de lavar, etc.
Mecânica Urânia Ltda.	Peças p/automóveis
Metal Artes Ltda.	Artigos p/iluminação
Metalúrgica Record	Metalúrgica
Metalúrgica Scavone Ltda.	Máquinas p/café, etc.
Metalúrgica Três Coroas S.A.	Artefatos de alumínio
Metalúrgica Wallig S.A.	Camas, mesas p/hospitais, pregos, etc.
Metalúrgica Wallig S.A.	Fogões em geral, etc.
Moinhos Germani S.A.	Farinha de trigo
Móveis Dariano Ltda.	Móveis de madeira
Navegação Progresso Ltda.	Extração de areia e pedras
Nova Confeitaria Matheus Ltda.	Panificação
Nunes e Filho	Pistões e pinos
Olaria Saguama Ltda.	Tijolos
Olaria Sarandí Ltda.	Telhas e tijolos
Ótica Precisão Ltda.	Lentes
Otto Brutschke S.A. — Cerâmica e Vidros	Cerâmica
Pacheco & Souza	Café torrado e moído
Padaria e Confeitaria Popular Ltda.	*Café torrado e moído*
Panifício Bijú Ltda.	Panificação — Confeitaria
Porcelana Renner S.A.	Xícaras, pratos, etc.
Priori & Cia. Ltda.	Balas, caramelos, etc.
Prod. Cinematográfica Leopoldis Som ...	Filmes
Produtos Alimentícios Adria S. A.	Massas alimentícias
Produtos Alimentícios Quaker S.A.	Produtos alimentícios
Produtos Nove Ervas Ltda.	Chá
Produtos Salasem Ltda.	Inseticidas — Fita isolante
Rafael Guaspari — Tecidos e Conf. S.A.	Roupas p/homens
Raphael Papaléo & Cia. Ltda.	Tijolos refratários, etc.
Refrescos do Brasil S.A.	Bebidas s/álcool
Refrigerantes Crusch do Sul S.A.	Refrigerantes
Refrigerantes Sul Riograndenses S.A. ..	Refrigerantes
Renner Hermann S.A.	Tintas diversas
Renner Hermann S.A.	Latas diversas, Litografia
Rocco R. J. Aloise S.A. — Ind. Com. ..	Artefatos de borracha
Rossi S.A. — Ind. Com.	Brinquedos de ferro
Rossi S.A. — Ind. Com.	Pregos, fogões, camas, etc.
S.A. Artefatos Cimento Renner	Artefatos de cimento
S.A. Carlos Termignoni	Calçados p/homens
S.A. Moinhos Brasileiros — Ind. Com. Agric.	Farinha de trigo
S.A. Moinhos Rio Grandenses	Farinha de trigo
Schapke S.A.	Impressos em geral
Selbach & Cia.	Livros didáticos, etc.
Sial S.A. — Indústria Alimentos	Desidratados
Siderúrgica Riograndense S.A.	Laminação
Soc. Açougues Ltda.	Embutidos
Soc. Artefatos Madre Pérola Ltda.	Botões
Soc. Com. Refrig. Springer Ltda.	Refrigeradores
Soc. Gêneros Alimentícios Ltda.	Moagem de açúcar
Soc. Manufatora R.I.O. Guarany Ltda. ..	Revestimentos
Soc. Materiais Decorativos Ltda.	Persianas de alumínio
Soc. Produtos Tonding Ltda.	Fermentos
Socomatin S.A. — Ind. Com.	Material contra incêndio
Tanhauser S.A.	Camisaria
Teleunião S.A.	Rádios
Titan — Com. Ind. S.A.	Vassouras, escôvas, etc.
Titan — Com. Ind. S.A.	Artefatos de alumínio
Uhr S.A. — Com. Ind.	Bombas hidráulicas, etc.
Vva. Caldas Júnior & Cia Ltda.	Jornais
Volfang Müller	Móveis de madeira
Walter Gerdau S.A. — Com. Ind.	Móveis de madeira
Wilson, Sons Co. Limited	Latas
Wischral & Cia. Ltda.	Produtos alimentícios
Zivi SA. — Cutelaria	Talheres

Em 1955, as principais classes industriais, estavam assim constituídas:

CLASSES INDUSTRIAIS	N.º de estabelecimentos	Média mensal de operários	SALÁRIOS E VENCIMENTOS		Matéras-primas	Valor da produção (1)
			Total	Operários		
Extrativa de prod. miner.	2	109	5 756	4 591	427	14 292
Transf. min. n/metálicos	74	1 320	47 611	35 371	62 535	185 029
Metalúrgica	172	5 987	268 762	215 141	465 361	1 136 360
Mecânica	28	708	33 763	25 942	47 082	166 380
Mat. elétrico e de comunicações	15	697	25 986	18 864	133 938	234 922
Constr. e montagem de material de transporte	25	736	33 305	26 316	53 724	189 424
Madeira	61	499	19 108	14 553	37 040	76 807
Mobiliário	157	1 753	64 437	52 014	126 072	328 243
Papel e papelão	17	503	18 874	13 344	37 979	93 410
Borracha	6	176	8 265	5 450	11 612	36 034
Couros, peles e produtos similares	15	146	6 341	4 542	31 306	48 449
Químicos e farmacêuticos	84	1 188	57 892	33 544	206 118	558 558
Têxtil	16	2 659	98 270	81 519	315 849	591 592
Vestuário, calçados e artigos de tecidos	146	3 769	120 726	96 071	528 319	895 577
Produtos alimentares	146	3 769	164 444	106 388	1 187 365	1 783 427
Bebidas	13	1 173	55 755	34 642	130 113	370 664
Fumo	3	598	23 716	18 640	83 441	351 754
Editorial e gráfica	58	1 615	84 745	54 637	93 480	237 761
Diversas	70	1 132	40 170	32 477	59 042	142 279
Serviços industr. de utilidade pública	2	187	9 387	6 797	8 491	36 543
TOTAL	*1 110*	*28 724*	*1 187 313*	*880 843*	*3 619 294*	*7 477 505*

(1) Inclusive receita dos serviços industriais.

Pecuária — A pecuária não tem significação para a economia municipal.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr 1 000)*
Bovinos	17 300	29 410
Equinos	1 700	1 700
Muares	300	360
Suínos	11 600	6 960
Ovinos	800	224
Caprinos	700	105

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	2 139 597	53 220 196
Charque de bovino	12 166	142 476
Carne verde de suíno	4 958	136 974
Carne verde de ovino	100 953	1 812 571
Carne verde de caprino	220	3 168
Couro verde de boi, vaca e vitelo ..	11 569	100 806
Couro sêco de boi, vaca e vitelo ..	13 181	151 306

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	265 802	3 782 462
Pele sêca de ovino	67	1 675
Pele sêca de caprino	11	220
Pele salgada de ovino	14 952	302 030
Banha não refinada	600	21 000
Toucinho fresco	3 689	127 472
Salsicharia a granel	152 119	4 863 462
Sebo industrial	7 129	114 911
Secundários	230 933	9 648 789
T o t a l	2 957 946	74 429 518

Agricultura — O município não apresenta grandes culturas agrícolas, face às condições de suas terras, como também pela sua reduzida área disponível.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Culturas	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	3 949	15 468
Mandioca	5 700	4 905
Batata-doce	1 800	3 240

Valor total da produção: Cr$ 27 216 950,00.

Horticultura — Cumpre ressaltar que o município é um dos maiores cultivadores de hortaliças do Estado.

Pesca — Embora não constitua uma atividade econômica de grande expressão para o município, a pesca vem sendo praticada em escala sempre crescente em Pôrto Alegre, contando mesmo com uma colônia de pescadores, a Z-5, que congrega cêrca de 450 indivíduos, com mais de 650 embarcações registradas. Pelo quadro abaixo, pode-se observar o incremento que vem tendo a pesca, nestes últimos anos:

Ano	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
1951	130 000	458
1952	110 774	375
1953	470 200	2 181
1954	490 000	2 597

As variedades de peixes mais encontradas são: o bagre, a piava, o dourado, a traíra, o jundiá, o pintado e o linguado.

COMÉRCIO E BANCOS — O comércio da capital gaúcha é dos mais ativos do Estado e conta com inúmeros estabelecimentos que se equivalem aos maiores do país. Vigoroso por seus empreendimentos, cresce acompanhando o ritmo ascensional da cidade, alicerçado numa trajetória de trabalho honesto.

Em todos os setores de atividade comercial, grandes firmas se projetam no cenário da vida econômica do país, dentre as quais se destacam as seguintes:

Lojas Renner — magazine quase sem similar no Brasil, cuja rêde de lojas cobre todo o território gaúcho, ramificando-se ainda pelas principais cidades da federação. Organização das mais modelares, fabrica, na sua maioria, os artigos que põe à venda, notadamente roupas de lã e de linho, calçados, etc. Detalhe interessante é que essa organização, num exemplo edificante de trabalho, cultiva vastas áreas de linho para palha, a fim de suprir as necessidades de suas secções industriais, no que se refere à produção de tecidos de linho, para a confecção de vestuário.

Citam-se ainda: Lojas Guaspari, modelar estabelecimento de modas, masculina e feminina; Casa Krahe, modas femininas, brinquedos, utensílios domésticos, objetos de cerâmica; Casas Tscheadel, Cecília Louro, Sloper, Lyra, Valentim, Samaritana, Carvalho, Sibrama, Lojas Americanas e muitas outras, que dão vida ao comércio local. No ramo de jóias e relógios, destacam-se a Casa Masson, fundada em 1871, que é das mais tradicionais do Rio Grande e é conhecida em todo o país; Joalheria Aristides, Casa Magnus, Joalheria Scarpini e muitas outras. — No ramo de tapêtes e materiais decorativos, a Casa Kluwe é uma das mais importantes do Estado; há, ainda, a Tapeçaria Maria, a Tapeçaria Brodway e várias outras.

Enriquecem ainda o comércio de Pôrto Alegre as seguintes firmas:

Lojas Mesbla — Magazine
Arno Decker S. A. — Material elétrico
Incosul — Magazine
Lojas Rimpo — Magazine
Importadora Americana — Magazine
Hermes Macedo — Magazine
Casa Lohner — Material científico
União de Ferros — Máquinas e material para construção
Eduardo Secco S. A. — Comércio em geral.
H. Theo Möller — Máquinas, materiais elétricos, etc.
Casa Germano Wharlich S. A. — Ferragens, etc.
Cia. Fábio Bastos — Máquinas, etc.

Não se pode aqui, nesta breve síntese, enumerar tôdas as principais firmas, no entanto, as que acima foram indicadas, figuram no rol do alto comércio gaúcho.

Bancos — Agrícola Mercantil — Matriz — 7 de Setembro; do Brasil — Filial; do Comércio e Ind. de Minas Gerais S. A. — Filial — Voluntários da Pátria; do Comércio e Ind. de São Paulo — Filial — José Montauri; de Crédito da Amazônia S. A. — Agência — Voluntários da Pátria; de Crédito Real de Minas Gerais S. A. — Filial — Uruguai; de Crédito Real do Rio Grande do Sul S. A. — Matriz — 7 de Setembro; do Estado de São Paulo S. A. — Filial; Francês e Brasileiro S. A. — Filial — Siqueira de Campos; Francês e Italiano para a América do Sul S. A. — Filial — 7 de Setembro; Hipotecário Agrícola do Estado de Minas Gerais S. A. — Filial — Siqueira de Campos; Hipotecário Lar Brasileiro S.A. — Filial — Avenida Borges de Medeiros; Industrial e Comercial do Sul S. A. — Matriz — 7 de Setembro; Ítalo Belga S. A. — Filial; da Lavoura de Minas Gerais — Filial — Vigário José Inácio; Londres América Sul Limitada — Filial — General Câmara; Mineiro da Produção S. A. — Filial — Voluntários da Pátria; Nacional do Comércio — Matriz — 7 de Setembro; Pôrto Alegrense S. A. — Matriz — General Câmara; da Província do Rio Grande do Sul — Matriz — 7 de Setembro; do Rio Grande do Sul S. A. — Matriz — 7 de Setembro; The First National City Bank of New York — Filial; Ultramarino Brasileiro S. A. — Filial; Caixa Econômica Federal — Praça Senador Florêncio; Central das Caixas Rurais — Siqueira de Campos; de Crédito Cooperativo — 7 de Setembro.

MEIOS DE TRANSPORTE — Cidades vizinhas — Canoas: rodov. (16 km) e ferrov. (14 km); Guaíba: fluvial (12 km); Viamão: rodov. (22 km); Gravataí: rodov. (30 quilômetros); Triunfo: fluv. (65 km). Capital Federal — Ferrov. VFRGS (922 km) até Marcelino Ramos; RVPSC, via Pôrto União, SC, e Ponta Grossa, PR (882 km), até Itararé, SP, EFS (408 km) até São Paulo, SP, e EFCB (499 km); ou rodov. passando por Vacaria (1 634 km) e passando por Marcelino Ramos, rodov. (1 142 km). Outros destinos — (por via aérea) — Alegrete (463 km); Bagé (405 km); Cachoeira do Sul (166 km); Caràzinho (248 km); Cruz Alta (288 km); Jaguarão (360 km); Livramento (554 km); Passo Fundo (230 km); Rio Grande (270 quilômetros); Santa Maria (265 km); Santa Vitória do Palmar (510 km); Santo Ângelo (364 km); São Gabriel (307 km); Uruguaiana (588 km); Salvador, BA (2 598 quilômetros); Vitória, ES (1 751 km); São Paulo, SP (844 quilômetros); Curitiba, PR (625 km); Florianópolis, SC (365 km); Montevidéu, Uruguai (715 km); Nova Iorque, Belém, PA, Buenos Aires, Argentina, Port of Spain, Tri-

nidad, San Juan, América Central, Georgetown, (Guiana Inglêsa), Paramaribo (Guiana Holandesa), Caiena (Guiana Francesa).

ASPECTOS URBANOS — A metrópole gaúcha atravessa, no momento, uma fase dinâmica, em que todos os seus setores de atividade se convulsionam, em busca do objetivo comum, que é a grandeza e a prosperidade da terra farroupilha.

Pôrto Alegre é uma cidade que se expande em tôdas as direções. Inúmeros edifícios crescem, numa vertigem voraz, para ganhar o infinito azul e vir fazer sombra ao casario tôsco das suas ruas.

Muitas são as praças da cidade: Conde de Pôrto Alegre (antiga Praça do Portão) defronte ao antigo quartel do 7.º B.C.; da Matriz, situada à Rua Duque de Caxias, fronteira à Catedral Metropolitana e ao Palácio Piratini (sede do Govêrno do Estado); Senador Florêncio, local onde o povo gaúcho prestou imorredoura homenagem ao extinto Presidente Vargas, mandando gravar no bronze sua "Carta-Testamento"; Júlio de Castilhos no Bairro Independência; General Daltro Filho, na Avenida Borges de Medeiros; Dom Sebastião, na Avenida Independência; Dom Feliciano, na continuação da Rua dos Andradas, defronte ao Hospital São Francisco, e várias outras, em todos o quadrantes da cidade. Há, ainda, o "Largo do Medeiros", na confluência da Rua dos Andradas com a General Câmara: — Quem não o conhece? Rememorá-lo seria recordar a própria História do Rio Grande. Ali os "cientistas" se reúnem e trocam impressões, quando surgem "novas teorias" sôbre as leis da relatividade; "técnicos" de futebol revolucionam com a introdução de novas chaves nos sistemas de jôgo; "turfistas" dão as mais "legítimas barbadas" a quem quiser arriscar um palpitezinho nos Moinhos de Ventos; "generais" inventam "novas armas" atômicas em superaviões a turbo-jato. Assim é o "Largo do Medeiros", entre o Cinema Central e o "Edifício Chaves", ponto de reunião do pôrto-alegrense e local obrigatório onde se trata de todos os assuntos.

Pôrto Alegre é uma cidade cheia de tradições e em cada logradouro passeia a alma do pampa, nas reminiscências da epopéia farrapa.

Conta com inúmeras avenidas: Farrapos, João Pessoa, Bento Gonçalves, Osvaldo Aranha, Alberto Bins, Protásio Alves, Getúlio Vargas e, a mais central de tôdas, a Borges de Medeiros, evocando o nome do "chefe Ximango" — Partido Republicano; a Assis Brasil, reverenciando a memória do Chefe do Partido Maragato, que, no passado, foi uma das legítimas glórias do Rio Grande.

Assim é Pôrto Alegre, cidade moderna, trepidante, onde as chaminés das grandes indústrias cobrem de fumo o azul do firmamento, numa prece de trabalho ordeiro ao Supremo Criador.

Suas ruas mais movimentadas: Rua dos Andradas, principal artéria, ponto comercial da zona central e vaivém incessante de garôtas bonitas da metrópole sulina; Rua Marechal Floriano (antiga Bragança); Vigário José Inácio (antiga Rosário); Doutor Flores; Senhor dos Passos; General Câmara; 7 de Setembro; Voluntários da Pátria; Siqueira de Campos; Riachuelo. Há a Rua da Azenha, onde pràticamente surgiu a cidade de Pôrto Alegre, hoje um dos mais florescentes bairros da cidade.

MELHORAMENTOS URBANOS

Número de logradouros públicos	1 555
Número de ligações elétricas	90 330
Número de aparelhos telefônicos da sede municipal	23 977

EDIFICAÇÕES

Há cêrca de 65 000 prédios, na sede municipal, com elevada predominância de edifícios cujo número de andares varia de 3 a 20.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS

A motor para passageiros	
Automóveis	14 329
Ônibus	579
Camionetas	3 404
Ambulâncias	54
Motociclos	648
Outros veículos	10
Total	19 024
Para transporte de cargas	
Caminhões	3 094
Camionetas	793
Cisternas	55
Tratores	2
Autos-socorro	10
Não especificados	29
Total	3 983
A fôrça animada para passageiros	
Carros de duas rodas	30
Bicicletas	3 342
Total	3 372
Para cargas	
Carroças de duas rodas	795
Carroças de quatro rodas	2
Outros	90
Total	887

HOTÉIS E PENSÕES — Há em Pôrto Alegre cêrca de 50 hotéis e 70 pensões. Principais hotéis: City Hotel — diárias Cr$ 320/500,00 para solteiro e Cr$ 470/700,00 para casal — sem refeições; Carraro — diárias Cr$ 280,00 para solteiro e Cr$ 560/640,00 para casal — com refeições; Lagache — diárias Cr$ 250/270,00 para solteiro e Cr$ 540,00 para casal — com refeições; La Porta — diárias Cr$ 220/170,00 para solteiro e Cr$ 270/370,00 para casal — sem refeições; São Luís — diárias Cr$ 170/215,00 para solteiro e Cr$ 280/380,00 para casal — com refeições; Glória — Cr$ 150/170,00 para solteiro e Cr$ 250,00 para casal — com refeições; Jung — Cr$ 300/340,00 para solteiro e .... Cr$ 600/680,00 para casal — com refeições; Magestic — Cr$ 270,00 para solteiro e Cr$ 540,00 para casal — com refeições; Paz — Cr$ 200/250,00 para solteiro e Cr$ 450,00 para casal — sem refeições; Prêto — Cr$ 330/380,00 para solteiro e Cr$ 650/800,00 para casal — com refeições.

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 85% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar, matriculadas (de 7 a 14 anos), é de 66%. Em 1955 havia 169 unidades escolares de ensino fundamental comum, com 50 123 alunos. Conta a Capital gaúcha com duas Universidades — a Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul — as quais formam um total de 15 escolas superiores e, sem dúvida nenhuma, constituem centros de grande atração cultural do Estado. Entre seus freqüentadores, encontram-se estudantes de quase todos os municípios do interior, bem como de diversos Estados do Brasil. Idêntico fenômeno ocorre com relação a outros cursos, como o técnico, o secundário, o de artes, etc., que, pela qualidade do ensino ministrado, atrai estudantes das mais diversas partes, tanto do Rio Grande do Sul como do Brasil.

A Universidade Federal abrange 10 escolas que, discriminadas pela data de fundação, apresenta-se na seguinte ordem:

1 — Faculdade de Farmácia (1898)
2 — Faculdade de Engenharia (1897)
3 — Faculdade de Medicina (1898)
4 — Faculdade de Odontologia (1899)
5 — Faculdade de Direito (1900)
6 — Instituto de Belas Artes (1908)
7 — Fac. de Ciências Econômicas (1909)
8 — de Agronomia e Veterinária (1910)
9 — de Filosofia, Ciências e Letras (1943)
10 — Faculdade de Arquitetura (1952)

Pelos últimos dados estatísticos, verifica-se que a Universidade Federal possui 633 professôres, 3 287 alunos, com 591 conclusões de curso.

A Pontifícia Universidade Católica conta com cinco Faculdades:

1 — de Ciências Econômicas (1931)
2 — de Filosofia, Ciências e Letras (1939)
3 — de Direito (1947)
4 — de Odontologia (1953)
5 — Escola de Serviço Social

e com 165 professôres, 1 500 alunos e 413 conclusões de curso em 1955.

As duas Universidades dispõem de prédios próprios, tendo suas escolas instaladas em edifícios construídos de acôrdo com as finalidades a que se destinam; além das salas de aula, há gabinetes de ciências físicas, químicas e naturais e centros de pesquisas.

Entre estas instalações, constituem, sem dúvida, ponto alto, na situação cultural, da cidade, as bibliotecas de cada uma das Faculdades. Ricamente providas do que há de mais significativo em matéria de cultura geral ou especializada, representam valioso patrimônio de cultura e excelente contribuição para os que buscam o aperfeiçoamento intelectual.

Ùltimamente as Universidades têm se empenhado na difusão sempre maior das ciências, das artes e das letras, através de cursos de extensão, conferências, palestras, etc., aos quais acorre um grande público para ouvir as maiores autoridades docentes, não só do país como do exterior.

Estabelecimentos de ensino secundário: — Colégios Nossa Senhora do Rosário, Anchieta e Estadual Júlio de Castilhos — médio, ginásio e colégios; Colégios: Nossa Senhora do Bom Conselho, Sevigné, Americano, Nossa Senhora das Dores, Cruzeiro do Sul, Farroupilha, Concórdia e Instituto Pôrto Alegre — ginásio e colégio; Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora da Glória, Instituto de Educação e Ginásio Nossa Senhora dos Navegantes — ginásio e normal; Ginásios D. João Becker, Santa Terezinha, Batista, São Pedro, Estadual Presidente Roosevelt, do Instituto Nossa Senhora das Graças, da Paz, Salgado Filho, Municipal Emílio Mayer, Federal de Aplicação da Faculdade de Filosofia da URGS, Santo Antônio," Santa Inês, S. João Batista, Santa Família, Maria Imaculada, Paula Soares, Israelita Brasileiro, Rainha do Brasil, Prof. Luís Dourado, São Luís, Assunção, do Instituto — Santa Luzia e Estadual 1.º de Maio — ginásio; Escola Normal 1.º de Maio e Ginásio e Escola Normal do Instituto Champagnat — ginásio e normal; Ginásio e Escola Técnica Ruy Barbosa — ginásio, colégio e contador; Instituto Piratini — ginásio.

Outros aspectos culturais — Jornais: Correio do Povo, de Viúva Caldas Jr. & Cia. Lt.da, matutino, fundado em 1895 — 72 000 exemplares; Fôlha da Tarde, de Viúva Caldas Jr. & Cia. Lt.da, vespertino, fundado em 1936 — 40 000 exemplares; Fôlha da Tarde Esportiva, idem, matutino, fundado em 1939, — 25 000 exemplares; Diário de Notícias — de Diários Associados, fundado em 1925, matutino — 40 000 exemplares; A Hora, idem, vespertino; Diário Oficial — Govêrno do Estado — fundado em 1935, vespertino — 3 000 exemplares; Jornal do Dia — Soc. Prop. Esdeva, matutino, fundado em 1947 — 22 000 exemplares; A Tribuna, de Sociedade Anônima — fundado em 1948, matutino — 5 000 exemplares; Estado do Rio Grande da Cia. Editôra Rio-Grandense, fundado em 1929, vespertino — 10 000 exemplares. Semanários: A Nação, Hoje e Jornal do Comércio. — Revistas: do Globo e a Notícia.

RADIOEMISSORAS — Rádio Sociedade Gaúcha S. A., fundada em 1927, prefixos: PRC-2, potência anódica .... (w) 15 000, na antena 5 000, número de pessoas empregadas, 121; PRC-21, potência anódica 150 w, potência na antena 100; PRC-22, potência anódica 1 300, potência na antena 1 000. Rádio Sociedade Farroupilha, fundada em 1935, prefixo PRH-2, potência anódica 70 000, potência na antena 50 000, 244 pessoas empregadas. Rádio Difusora Pôrto Alegrense, prefixo PRF-9, potência anódica 40 000, potência na antena 5 000, 25 pessoas empregadas. Rádio Itaí Lt.da, fundada em 1952, prefixo ZU-33, 83 pessoas empregadas. Rádio Guaíba S.A., inaugurada em 1957, prefixo ZUY-58, potência anódica 13 450 e na antena 10 000, 50 pessoas empregadas.

Bibliotecas:	*Proprietário:*	*N.º de Volumes*
Pública do Estado	Govêrno do Estado	76 060
Literária Científica	Inst. Champagnat	7 510
M. A. Teixeira de Freitas	Departamento Estadual Estatística	4 830
—	3.º B.C. da Brigada Militar	1 151
Nossa Senhora da Conceição	Igreja da Conceição	1 305
—	Sociedade de Agronomia	2 406
—	Congregação Mater Salvatoris	1 167
Dos Professôres	Pão dos Pobres	1 725
—	Tribunal de Justiça	6 286
—	Padres Carmelitas	3 280
—	Faculdade de Medicina	11 752
—	Seminário Concórdia	7 282
—	Inst. Coussirat de Araujo	1 200

Clemente Pinto	Inst. de Educação	2 718
—	Juventude Univ. Católica	1 210
—	Inst. Histórico e Geográfico	7 400
—	Soc. Polonesa e Cultural	1 520
—	Casa de Minas Gerais	1 324
Dr. Vicente Dutra	Petrópole Tenis Clube	1 425
L. Truda e M. Ribas	A.R.I.	3 325
Cel. A. N. Cavalcanti	Centro de Instrução Militar	2 510
—	Inst. Cultural Brasileiro-Norte-Americano	5 385
—	Instituto Pôrto Alegre	3 364
—	Escola de Agronomia e Veterinária	5 888
—	Escola Técnica Parobé	1 350
—	Sindicato dos Empregados no Comércio	2 055
Visconde de Mauá	Clube do Comércio	1 422
São Luís	Colégio Nossa Senhora do Rosário	1 100
São Tarcino	" " " " "	1 193
dos Órfãos	Pão dos Pobres	1 259
—	Colégio Anchieta	20 032
—	Sogipa	1 849
—	Fac. de Ciências Econômicas	1 891
Chaim Whitman	Centro Israelita	2 236
—	Colégio Nossa Senhora do Rosário	2 740
Mariland	Colégio Cruzeiro do Sul	1 450
—	Centro Inativos da Brigada Militar	1 610
Escolar	Colégio Nossa Senhora das Dores	2 300
—	Sociedade Porvir Científico	3 287
—	Faculdade de Direito	17 193
—	Soc. Metodista de Jovens	1 500
—	Soc. de Engenharia do Rio Grande do Sul	2 358
—	Assoc. Cultural Franco-Brasileira	2 262
—	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	4 750
—	Escola de Engenharia	2 304
Getúlio Vargas	Caixa Econômica Federal	5 650
Olavo Bilac	Colégio Farroupilha	2 294
—	D.A.E.R.	1 942
—	Universidade Católica de Pôrto Alegre	20 931
—	Clube Caixeiral	1 500
—	Museu Júlio de Castilhos	10 151
—	Associação dos Professôres Católicos	1 450
—	Associação dos Empregados no Comércio	3 992
São Luís	Escola Nossa Senhora dos Anjos	1 371
—	Prefeitura Municipal	9 091
—	Círculo Soc. Israelita	1 816
—	Secretaria de Agricultura	13 005
—	Secretaria do Govêrno	3 675

HIPÓDROMO — Há no município um hipódromo, no aristocrático bairro Moinhos de Vento. Suas instalações já não se encontram em condições de receber o numeroso público que normalmente freqüenta aquêle recinto. No entanto, acha-se bastante adiantada a construção das novas instalações do Jóquei Clube do Rio Grande do Sul, no bairro do Cristal. O movimento de apostas no ano de 1956 somou Cr$ 395 020 290,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Em 1955, contava Pôrto Alegre com 19 hospitais, totalizando 693 leitos. No mesmo ano foram internados 58 807 enfermos, assim discriminados: 6 805 crianças, 18 697 homens e 33 305 mulheres. Há nos hospitais acima citados 43 aparelhos de raios X diagnóstico, 7 aparelhos de radioterapia, 63 salas de operação, 16 salas de parto, 24 de esterilização, 9 aparelhos de eletrocardiografia, 9 laboratórios, 12 farmácias e 12 gabinetes dentários.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Há em Pôrto Alegre 26 asilos, 21 associações de caridade e 36 sociedades beneficentes. Dentre estas, destacam-se o Asilo de Mendicidade Padre Cacique, Legião Brasileira de Assistência, Lar do Amigo Germano, Instituto Luzia (cegos) e o Orfanato Santo Antônio do Pão dos Pobres.

PROFISSIONAIS RESIDENTES NA SEDE MUNICIPAL — 842 médicos, 395 dentistas e 137 farmacêuticos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 786 advogados residentes.

ENGENHEIROS 795 engenheiros.

PREVENÇÃO SANITÁRIA VEGETAL E ANIMAL — 107 agrônomos e 72 veterinários.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — A comarca de Pôrto Alegre, criada pelo Alvará de 16-12-1812, abrange, consoante os quadros de divisão territorial de 31-12-1936 e 31-12-1937, como também o anexo ao Decreto estadual n.º 7 199, de 31-3-1938, dois têrmos judiciários: o da sede e o de Guaíba. Dá-se o mesmo na divisão territorial do Estado em vigor no qüinqüênio 1939-43, estabelecida pelo Decreto estadual n.º 7 643, de 28-12-938, e confirmada pelo de n.º 7 842, de 30 de junho de 1939.

Em razão do disposto no Decreto-lei estadual número 720, de 29 de dezembro de 1944, a comarca de Pôrto Alegre passou a compreender mais 2 têrmos — Canoas e Gravataí, desanexados, respectivamente, das comarcas de São Leopoldo e Viamão. Conseqüentemente, na divisão territorial estabelecida por êsse decreto, para vigorar no quadriênio 1945-48, a ela se jurisdicionam 4 têrmos: Pôrto Alegre, Canoas, Gravataí e Guaíba. Tal formação judiciária mantém-se atualmente.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — A cidade de Pôrto Alegre está dividida em 9 distritos policiais, em cada um dos quais está instalada uma Delegacia de Polícia. Na capital localizam-se, também, as sedes das 1.ª e 2.ª Regiões Policiais do Estado, que têm jurisdição, respectivamente, nos 1.º, 3.º, 4.º e 9.º e 2.º e 5.º, 6.º, 7.º e 8.º distrito policiais da Cidade. Também as sedes da Chefia e Subchefia de Polícia localizam-se na Capital, e jurisdicionam todo o Estado. O Departamento de Polícia Civil é constituído dos seguintes órgãos:

1 — Chefia
2 — Subchefia
3 — Conselho Superior de Polícia
4 — Divisão de Administração
5 — Divisão de Investigações
6 — Divisão de Ordem Política e Social
7 — Divisão de Trânsito
8 — Divisão da Guarda Civil
9 — Divisão de Radiocomunicações
10 — Escola de Polícia
11 — Instituto de Identificação
12 — Instituto Médico-legal
13 — Instituto de Polícia Técnica

O Departamento de Polícia Civil mantém, diretamente subordinado à Divisão de Investigações, o Serviço de Plantão, que funciona ininterruptamente.

Há também a Brigada Militar do Estado, com vários departamentos tanto na Capital, como no interior do Estado.

PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS — Há na Capital do Estado um Corpo de Bombeiros, perfeitamente aparelhado. Possui:

16 estações (Estado); 75 carros: tanques, jipes, etc.; 3 lanchas; 5 escadas mecânicas (30 m); 2 escadas mecânicas (42 m); 5 carros hidroquímicos; efetivo Pessoal no Estado — 902.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; de Consumo — 10; do Comércio — 3; de Crédito — 6; total de sócios — 16 054; valor dos serviços executados — .... Cr$ 441 326 646,00; valor dos empréstimos — .... Cr$ 211 584 784,00.

SINDICATOS — Há 79 sindicatos no município de Pôrto Alegre.

FESTEJOS POPULARES — A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma das mais populares e que mais empolga a cidade; caracteriza-se por concorrida procissão fluvial, em que tomam parte numerosos barcos de tôda espécie, todos êles repletos de devotos da Virgem. A imagem da Santa é conduzida pelo rio até o cais dos Navegantes; neste bairro os festejos chegam ao seu ponto culminante — há então cultos na igreja, quermesses, diversões ao ar livre, etc. com grande afluência da população que para lá acorre, dos mais distantes bairros. Celebra-se no dia 2 de fevereiro, que é considerado feriado municipal.

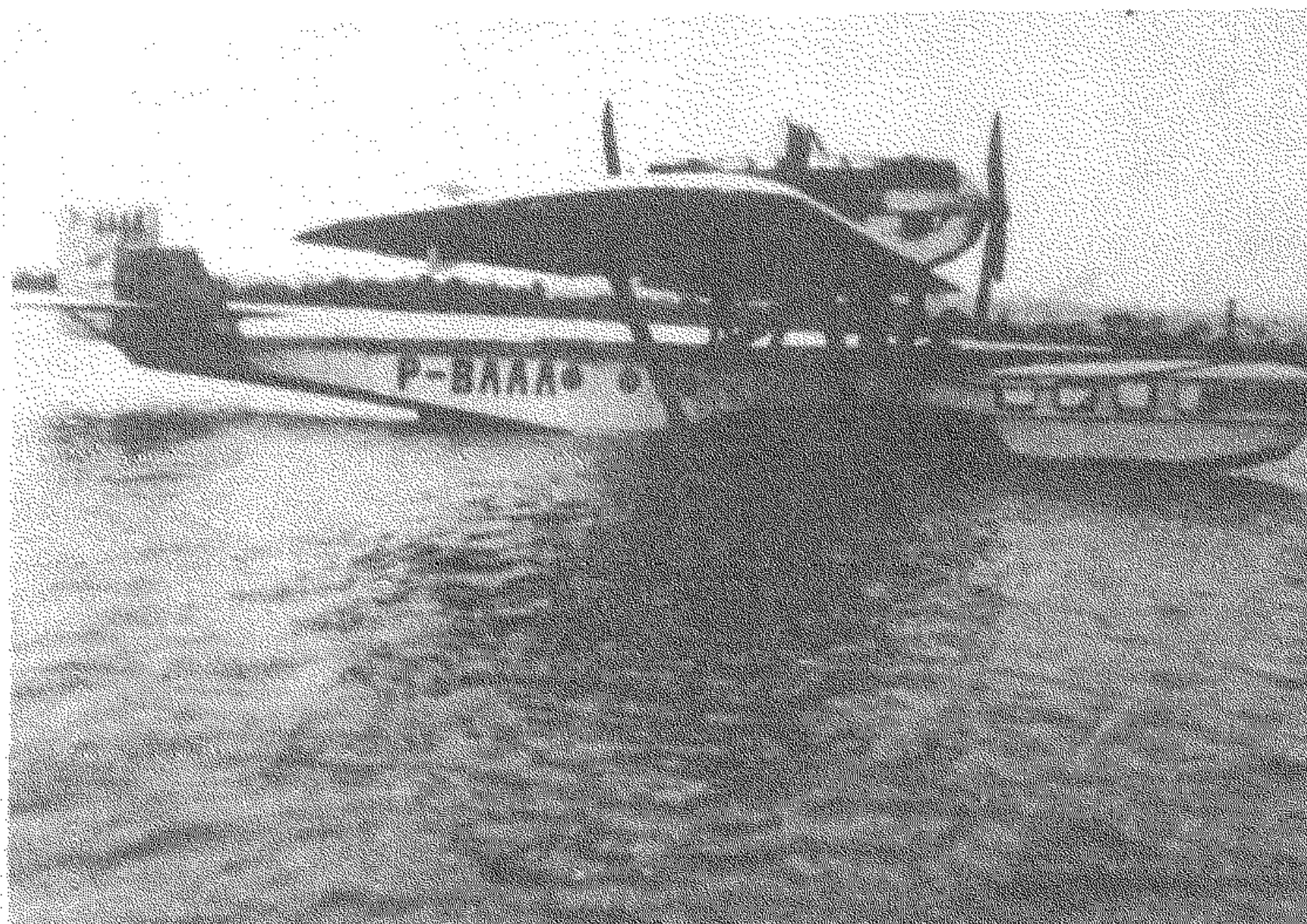
A festa do Divino Espírito Santo é uma devoção que nasceu com a cidade de Pôrto Alegre. Celebra-se três semanas após do dia da Ascensão do Senhor. A festa, pròpriamente dita, é precedida de solene novena, havendo depois das rezas na igreja, os tradicionais festejos ao ar livre, na praça fronteira à capela: queima de fogos de artifício, rifas, quermesses, churrasco, etc.

Além destas festa devemo mencionar a duas grandes procissões: a de "Corpus Christi" e a de Nossa Senhora Madre de Deus, padroeira da cidade. São duas concentrações que congregam os católicos da cidade e nelas tomam parte as associações religiosas de tôdas as paróquias, colégios católicos, seminários, alguns colégios leigos, etc.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Nos subúrbios da cidade está localizado o Aeroporto Salgado Filho que é dotado de duas pistas, uma com perto de 2 000 metros de comprimento, inteiramente cimentada, proporcionando pouso às maiores aeronaves comerciais do mundo. Grande é seu movimento diário, apresentando as médias de 590 passageiros desembarcados, 630 embarcados e 97 em trânsito, com um total, portanto, de 1 317 passageiros. Quanto ao movimento de aparelhos, a média diária é de 44 aviões, das diversas companhias de navegação área que operam em Pôrto Alegre.

Pôrto Alegre mantém contato quase que diário com tôdas as capitais dos Estados brasileiros. A Viação Aérea Rio-grandense — VARIG — está ligada à maioria dos municípios do Estado, bem como a Buenos Aires, Montevidéu e Nova Iorque, cidades estrangeiras que contam com linhas desta emprêsa gaúcha.

RESUMO HISTÓRICO DA VARIG

"No decorrer do ano de 1926 avolumou-se em Pôrto Alegre, e em outras cidades do Rio Grande do Sul, um movimento de opinião favorável à organização de uma emprêsa de transportes aéreos. À frente dessa iniciativa achava-se o Sr. Oto Erust Meyer-Labastille, um observador aeronáutico da I Grande Guerra, que fixara residência no Sul do Brasil, e que foi secundado pelo Sr. Alberto Bins, então Presidente da Associação Comercial de Pôrto Alegre e mais tarde Prefeito da capital gaúcha, o qual conseguiu o apoio necessário dos homens de negócios, do comércio e da indústria, para o novo empreendimento. O Govêrno do Estado, pelo seu Presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros

Hidroavião "Atlântico", primeiro avião da VARIG e da aviação comercial brasileira

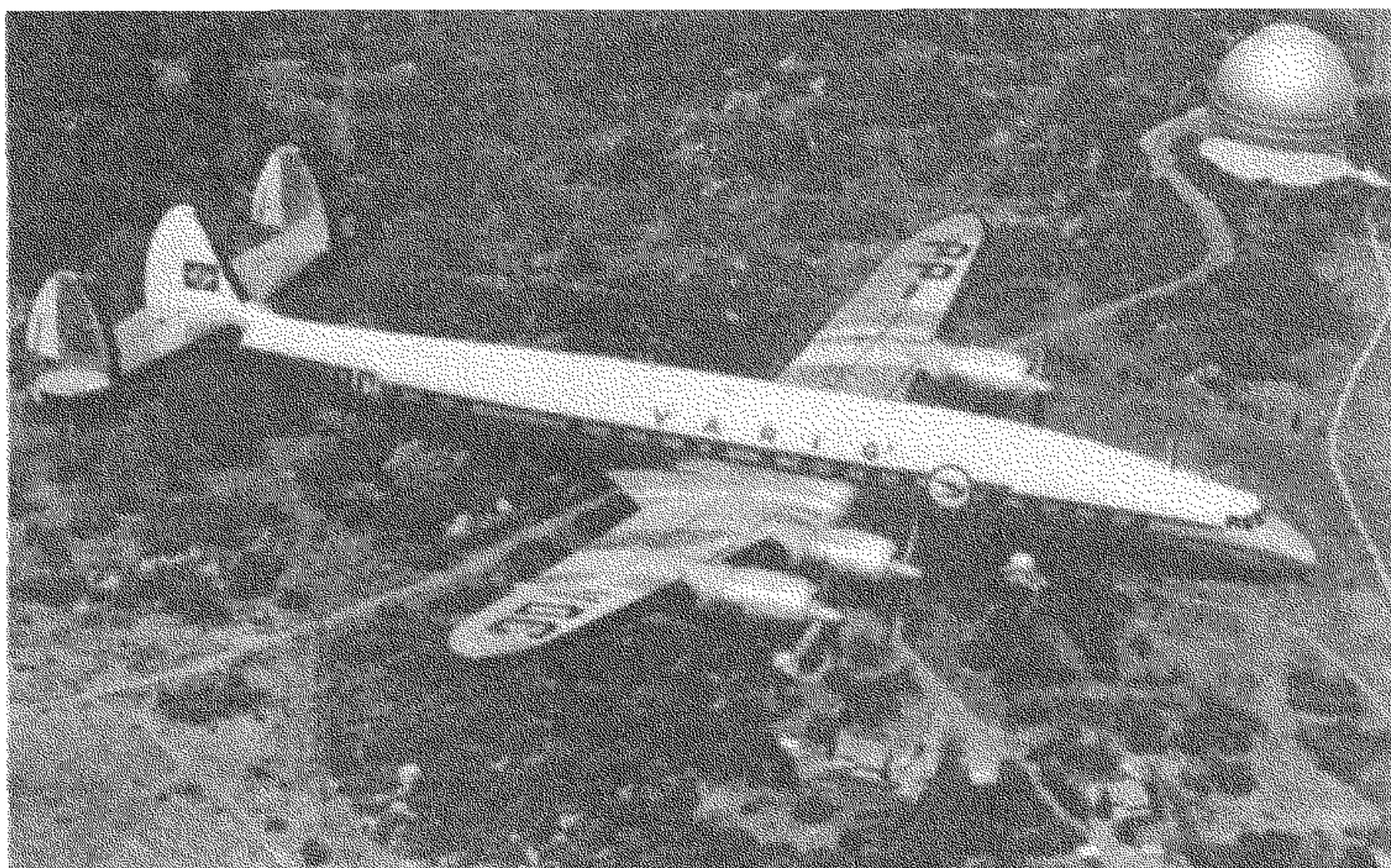
e através da Assembléia de Representantes, deu igualmente amplo estímulo aos planos que se elaboravam.

Tendo atingido um vigoroso impulso a tomada de ações da futura Companhia, realizou-se finalmente a assembléia constitutiva da sociedade, em Pôrto Alegre, a 7 de maio de 1927, sendo fundada a primeira companhia aeronáutica brasileira, a S. A. EMPRÊSA DE VIAÇÃO-AÉREA RIO GRANDENSE, conhecida pela sua sigla VARIG. Tinha ela por fim, conforme rezavam seus estatutos então aprovados: "a) o desenvolvimento da viação aérea mercante e o da instrução e desporto, para o que organizará linhas regulares de tranporte de passageiros, correios e cargas no Estado do Rio Grande do Sul, estendendo posteriormente a sua atividade por onde ainda lhe convier; b) a compra e venda de aviões, de outros materiais aeronáuticos e de acessórios; c) a instrução de aviadores; d) tudo o mais que lhe convier e fôr deliberado pela assembléia geral".

O capital inicial da emprêsa foi de 1 000 contos de réis, dividido em 5 000 ações nominativas de 200 mil réis cada uma, tendo sido subscrito por um total de 550 acionistas, principalmente das cidades de Pôrto Alegre, Pelotas, São Leopoldo, Cachoeira e Novo Hamburgo, tôdas no Rio Grande do Sul.

Já um mês após sua fundação, pelo Decreto federal n.º 17 832, de 10 de junho de 1927, a VARIG recebia permissão oficial para estabelecer tráfego aéreo em território nacional, "sem previlégio de espécie alguma nem ônus para a União".

A VARIG adquiriu em seguida o hidroavião "Atlântico", bimotor para 9 passageiros, da Condor-Syndikat, emprêsa mercantil alemã dedicada à venda de material aeronáutico na área das Caraíbas e América do Sul. O Dornier-Wal "Atlântico", que já realizara diversos vôos de demonstração mesmo antes da constituição da VARIG, foi então inscrito à Fôha 1 do Livro N.º 1 do Registro Aeronáutico Brasileiro, entrando a operar no que foi a primeira linha aérea regular brasileira, a famosa "Linha da Lagoa", ligando Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande por sôbre o rio Guaíba e a Lagoa dos Patos, num percurso de 270 km.

Os primeiros aviões terrestres da Companhia passaram a trafegar em abril de 1932. Eram dois Junkers F-13 para cinco passageiros e um Junkers A-50, seguidos mais tarde por um Messerschmidt, um Dragon Rapid De Havilland, um

Uma das mais modernas aeronaves da linha internacional da VARIG

Fiat e um Junkers JU-52 de 20 lugares. Decolando e aterrissando em rústicos campos de pouso, êsses aviões atiraram-se à conquista de regiões que jamais tinham visto um pássaro metálico. As primeiras cidades escaladas foram as da fronteira com o Uruguai: Bagé, Livramento e Uruguaiana, além de Pelotas e Rio Grande. Sucessivamente Santa Cruz, Cruz Alta, Santa Maria, Tôrres e outros centros urbanos gaúchos foram sendo incluídos nas rotas da VARIG. Já em 1936 o seu transporte de passageiros, correios e cargas era de tal porte, que a VARIG estabelecia a primeira linha aérea diária no Brasil, entre Pôrto Alegre e Pelotas.

Em 1937 foi criada a VAE — VARIG AERO ESPORTE — visando a promover entre os seus filiados o gôsto pelo aeromodelismo e pela aeronáutica, e de maneira especial o vôo em planadores, desenvolvendo assim as vocações aviatórias e preparando os futuros pilotos civis. Tomaram igualmente incremento as instalações técnicas da Companhia, hangares e oficinas. Em 1943 a emprêsa dispunha de aviões mais modernos, os Electra Lockheed, e incentivou com firmeza a instalação de equipamentos de proteção ao vôo, estações de rádio, construção de pistas, etc. Durante a II Grande Guerra, a Manutenção da VARIG estava plenamente capacitada a fazer em suas próprias oficinas o reparo e mesmo a fabricação de certas peças para os motores e estruturas das suas aeronaves.

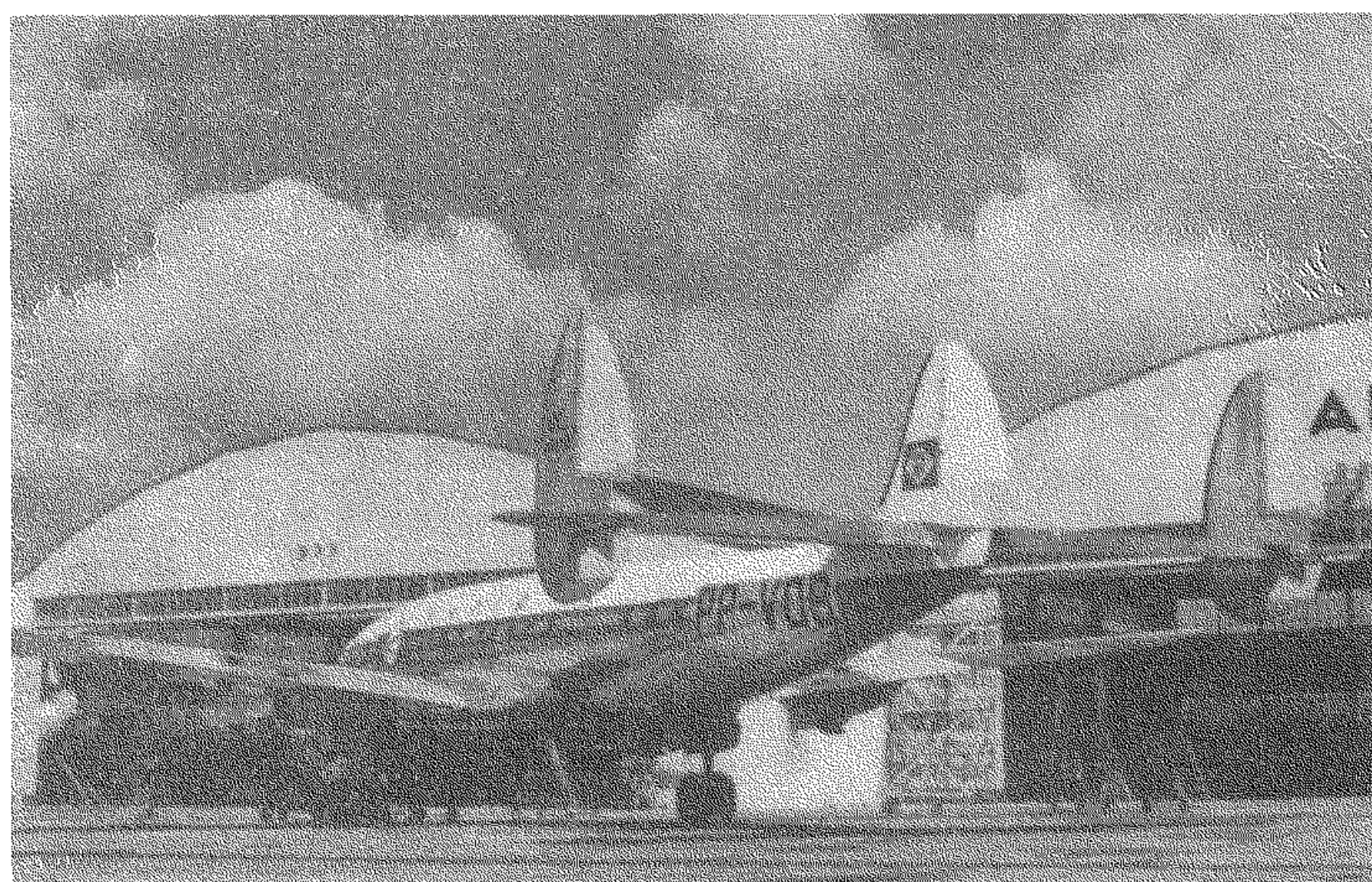
No ano de 1941, foi eleito Diretor-Gerente da VARIG o Sr. Ruben Berta, que trabalhava na Companhia desde os seus primórdios, exercendo sucessivamente as funções de correspondente, despachante, contador, Secretário da Diretoria e Diretor-Suplente. Ainda no âmbito social-administrativo, é de notar a nova estrutura dada à Companhia em dezembro de 1945, por aprovação unânime da sua assembléia geral. Foi instituída então por escritura pública a "Fundação dos Funcionários da VARIG", destinada a "assegurar aos funcionários e suas famílias, de acôrdo com o mérito e o tempo de serviço dos primeiros, o bem-estar e a proteção contra a velhice, invalidez, viuvez e orfandade, completando a atuação e os benefícios da respectiva Caixa de Aposentadoria e Pensões". Essa fundação tem prestado inestimáveis auxílios aos funcionários da Companhia, através dos seus serviços de assistência médica, dentária e hospitalar, do seu armazém de suprimento com mercadorias a preço de custo, com uma caixa de empréstimos para construção da casa própria, com retiros de férias, com restaurantes nos locais de trabalho, etc.

Nessa mesma oportunidade, foi duplicado o capital da VARIG, tornando-se a "Fundação dos Funcionários" proprietária de 50% das ações da Companhia, situação que se manteve, mesmo depois de 1952, quando a VARIG novamente aumentou seu capital, para 30 milhões de cruzeiros. As ações da Companhia distribuem-se hoje da seguinte maneira: 51% pertencem à fundação dos funcionários da VARIG; 34% pertencem a seus funcionários; 5% ao Govêrno do Estado e 10% a particulares fora da emprêsa.

Nos seus quinze primeiros anos de existência, a VARIG serviu apenas ao seu Estado natal, Rio Grande do Sul. Em 1942 é que estabeleceu sua primeira linha para o exterior do Estado, demandando Montevidéu. A partir de 1946, começou a expandir-se para o norte do país atingindo a capital federal, Rio de Janeiro, com escala em Florianópolis, Curitiba e São Paulo. Já então o equipamento de vôo da emprêsa fôra enriquecido com a aquisição de aviões Douglas DC-3 e Custiss-Comando C-46. A VARIG popularizou a seguir o transporte aéreo com os seus aviões denominados "mistos", nos quais a maior concentração de poltronas permitiu o barateamento das passagens.

Em 1950 e 1951, a VARIG passou a servir também o interior dos Estados de Santa Catarina e Paraná, levando o transporte aéreo a zonas ainda pobres de meios de comunicação. Em 1952 estendeu seu raio de ação ao Nordeste brasileiro, servindo os Estados de Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e, três anos depois, mais os Estados de Ceará, Maranhão e Pará. Ainda em 1952, sua linha sul atingia Buenos Aires, servindo assim as duas capitais do Prata. Em 1954, a Companhia modernizava sua frota com cinco aviões "Convair", que, desenvolvendo 480 km horários, permitiram ligações rápidas e diretas entre as grandes capitais do litoral brasileiro e do Prata.

Amplamente estruturada no seu desenvolvimente técnico e comercial, a VARIG inaugurou em julho de 1955 a sua linha internacional entre as 3 Américas, ligando New York ao Rio de Janeiro com escalas em Ciudad Trujillo, República Dominicana, e Belém do Pará e continuando ao sul até Buenos Aires, com escalas em São Paulo, Pôrto Alegre e Montevidéu. Os aviões Super G Constellation, empregados nesta linha, foram escolhidos depois de acurados estudos, tendo em vista a rota a que se destinavam.

Essa linha interamericana iniciou-se com um vôo semanal, logo passou a dois e, atualmente a freqüência é de três vôos por semana, em ambos os sentidos. A VARIG pos-

Um Super-Constellation em frente ao hangar

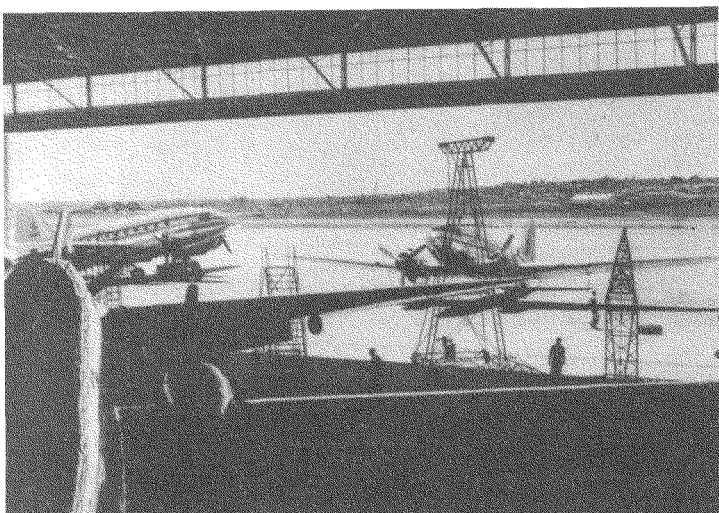
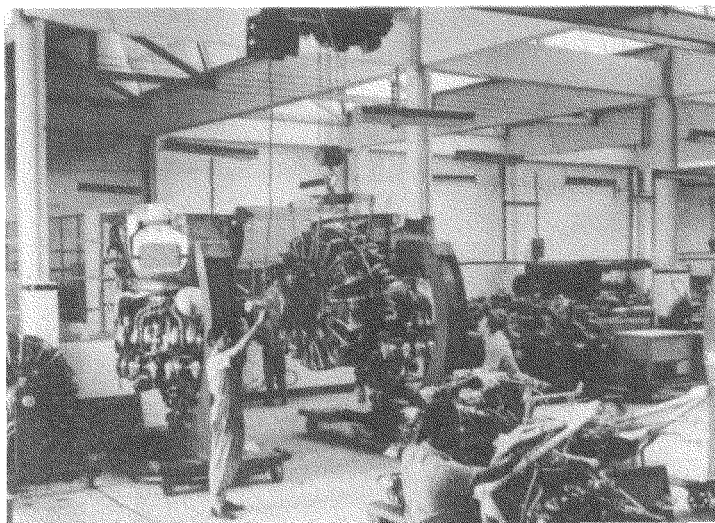
sui, hoje, cinco agências nos Estados Unidos, na cidade de New York, Washington, Boston, Chicago e San Francisco, tendo também um escritório geral europeu na Suíça, em Zurich. Diversos convênios de tráfego mútuo foram estabelecidos com as mais importantes companhias aéreas internacionais. Seus serviços de manutenção foram distinguidos com o certificado de aprovação da Civil Aeronautic Administration (CAA), dos Estados Unidos, ficando assim autorizada oficialmente pelo Govêrno Americano a revisar quaisquer dos seus aviões.

Cumpre ainda lembrar um fato marcante na vida da emprêsa, qual seja a instalação de uma escola própria para a formação de pilotos comerciais e técnicos de aeronáutica. Criada em 1951, com moderno material de ensino e treinamento, a EVAER — Escola VARIG de Aeronáutica — foi a primeira do gênero no país, devidamente reconhecida pelo Ministério da Aeronáutica. Com sede em Pôrto Alegre, conta alojamento próprio para os alunos, os quais, além de terem alimentação e material didático gratuito, recebem ainda um auxílio financeiro mensal. A escola dispõe de 17 aviões de treinamento.

A rêde aérea da Companhia totaliza hoje mais de 30 000 km de rotas. Até fins de 1956, a emprêsa havia efetuado 160 875 vôos, tendo voado 439 560 horas e meia e 108 451 554 quilômetros, ou seja, o equivalente a mais de 282 viagens entre a Terra e a Lua. Transportou a emprêsa até essa data, 2 743 235 passageiros, 35 251 079 quilogramas de bagagem, 1 561 507 quilogramas de correio e 110 880 727 quilogramas de cargas.

Ao completar em 1957 seus 30 anos de serviços aéreos prestados ao povo brasileiro e americano, a VARIG pode sentir-se orgulhosa na sua qualidade de pioneira da aviação comercial no Brasil. Pelo muito que fêz e continua a fazer, com suas asas brasileiras, pelo progresso e pelo bom nome do nosso país, a VARIG é hoje sem dúvida um símbolo da capacidade brasileira de lutar, trabalhar e bem servir.

No momento de publicarmos êstes dados, a VARIG prepara-se para a era do jato, já tendo encomendado quadrireatores norte-americanos para suas linhas internacionais onde já estarão operando em meados de 1960.

PÔRTO — Banhado pelo rio Guaíba, que se abre em belíssimo estuário, a cidade apresenta um pôrto que merece especial referência, não só pela sua extensão como pelas suas

Vista de Super-Constellation da VARIG, no aeroporto Salgado Filho

Vista parcial interna da Seção de Motores da VARIG

instalações. O pôrto antigo tem 1 456 m de cais e 1 547 m de docas; o pôrto de Navegantes, que se ligará ao antigo, tem 2 433 m de cais e 1 188 de docas; o pôrto Marcílio Dias, ainda em construção, apresenta mais ou menos 1 000 metros de cais e 700 de docas. Ao todo somam 8 324 m de cais. É no primeiro dos acima enumerados que ancoram navios de grande calado.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Monumento a Júlio de Castilhos — executado na França, pelo escultor brasileiro Décio Vilares; o pedestal foi feito em Pôrto Alegre, com granito do município, sob a direção do engenheiro da Secretaria de Obras Públicas, Dr. Afonso Hebert. Foi inaugurado em 1914 e a concepção da obra é puramente positivista. Está localizado na Praça Marechal Deodoro.

Estátua do Barão do Rio Branco — iniciativa do Clube Militar de Oficiais da Guarda Nacional, foi erigido com a contribuição espontânea popular. A base é de granito e as placas comemorativas que ali aparecem são homenagens do povo uruguaio.

General Osório — estátua eqüestre, em bronze, obra do escultor Leão Veloso, foi erguida na praça Senador Florêncio, ponto central da cidade.

General Bento Gonçalves — estátua eqüestre, em bronze, modelada e fundida na Alemanha. Obra do escultor gaúcho Antônio Carigi. Tem o pedestal de granito e está colocada no entroncamento das Avenidas João Pessoa e Azenha.

Garibaldi e Anita — Monumento de escultores anônimos das oficinas de Carrara (Itália). É todo de mármore, inclusive o pedestal. Foi oferecido ao Rio Grande do Sul pela Colônia Italiana, por ocasião do 50.º aniversário da colonização italiana, no Estado.

Fonte de Talavera — sôbre um croqui do escultor Fernando Carona, Juan Ruiz de Luna, célebre cerâmica de Falavera de la Reina (Espanha), província de Toledo, executou um desenho técnico definitivo em 1934, de uma fonte pública, conforme encomenda feita pela Comissão da Colônia Espanhola do Rio Grande do Sul. A bacia central da fonte é a maior fabricada em Talavera. Está colocada na Praça Montevidéu e foi inaugurada em 1935.

Fonte Luminosa Farroupilha — Está colocada no Parque Farroupilha. Nas grandes datas é iluminada, apresentando um aspecto maravilhoso, com suas 3 côres, verde,

amarelo e vermelho, côres tradicionais da bandeira rio-grandense.

Túmulo de Pinheiro Machado — é uma verdadeira obra de arte; sua figura esculturada em bronze repousa sôbre um leito de mármore branco; várias figuras simbólicas completam o conjunto que impressiona vivamente.

Monumento do Expedicionário — Foi erguido pelo povo gaúcho, em memória daqueles soldados brasileiros que tombaram em defesa da Pátria, na II Guerra Mundial. Valioso como obra de arte, está localizado no Parque Farroupilha, em forma de Arco Triunfal duplo. A obra mede 17 metros de largura, 12,50 de altura e 3 de espessura.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	628 657	380 438	204 586	97 454	218 062
1951.......	853 602	547 931	219 421	120 866	253 345
1952.......	1 119 743	631 602	307 717	144 475	290 295
1953.......	1 293 977	761 961	361 677	185 034	393 071
1954.......	1 802 515	978 709	428 849	224 419	498 988
1955.......	2 252 156	1 165 140	478 090	285 450	502 053

TRAVESSIA A SÊCO PÔRTO ALEGRE—GUAÍBA

"O Rio Grande do Sul, o Estado mais meridional do Brasil, possui uma extensão territorial de 282 481 km² e uma população de cêrca de 5 milhões de habitantes. É produtor de mais de 70% do trigo nacional e grande exportador de arroz, madeiras, fumo, cebola, soja, feijão, vinho, couros, etc. Paralelamente à diversidade dos produtos agrícolas que são produzidos, existe também uma muito bem desenvolvida pecuária e um promissor surto industrial, especialmente no setor da alimentação e do vestuário.

Seu poder econômico pode ser bem apreciado pelos índices de contribuição ao Impôsto de Renda, para o qual o Rio Grande do Sul colabora com cêrca de 2 bilhões de cruzeiros.

No setor dos transportes, o Estado conta com um serviço eficiente de aviação, bem como dispõe de uma rêde ferroviária com cêrca de 3 800 km e uma utilização de rios e lagoas que asseguram, juntamente com uma rède rodoviária bastante desenvolvida, a circulação das riquezas e dos indivíduos.

Sendo as vias de transporte essenciais à criação, preservação e ao desenvolvimento das atividades produtoras, mister se faz que, no sentido do seu maior rendimento, se lhe aumentem suas velocidades de utilização, mediante obras adequadas e de reprodutividade assegurada.

Objetivando estas condições ideais, no acesso a Pôrto Alegre, foi decidido executar, após demorados estudos, a travessia a sêco dos rios Guaíba, Jacuí e do respectivo delta. É uma obra que garantirá a continuidade e interligação das Rodovias federais BR-2 (Jaguarão—Pelotas—Pôrto Alegre—Caxias—Curitiba—São Paulo—Rio de Janeiro), BR-37 (Uruguaiana—Pôrto Alegre) e BR-59 (Pôrto Alegre—Osório—Tôrres—Curitiba) consideradas de primeira urgência, pelo Decreto-lei n.º 8 463, de 27-12-1945.

A obra em questão compreende uma sucessão de 4 grandes partes, de 1 acesso em vários níveis e de aterros sôbre a ilha fronteira à cidade de Pôrto Alegre, perfazendo êste conjunto de obras a extensão total de 15 km, contados a partir da 1.ª obra de arte e até a bifurcação das estradas BR-2 e BR-37, no município de Guaíba.

No tocante aos aterros, será observada a técnica de execução com bermas laterais de equilíbrio e drenos verticais de areia, nos pontos onde se prevê sejam os recalques do subsolo mais acentuados. Quanto às obras de arte, serão executadas com fundações em estacas e pilares em concreto armado. A superestrutura será em concreto protendido, pelo processo do eng.º Fritz Leonhardt, exceção do vão levadiço de 50 m sôbre o Guaíba, que será uma estrutura metálica suportada por 4 tôrres.

Respeitando os estudos hidráulicos executados sôbre modêlo reduzido, pelos Laboratórios Neypric, a vazão e, conseqüentemente, a extensão das obras de arte, nas quais serão usados vãos padrões de 43 m e de 3x 21 m, serão os relacionados no quadro a seguir, no qual se incluíram, também, dados sôbre as larguras das pistas de rolamento e a altura de mastro de navegação que será permissível, nos diversos rios, quando concluídas as pontes.

	EXTENSÃO (m)	LARGURA DA PISTA DE RODAGEM	ALTURA PERMISSÍVEL PARA A NAVEGAÇÃO
Trevo de acesso a Porto Alegre	1 060	8m em cada ramo	14m c/o vão fechado
Ponte sôbre o Guaíba ..	762	16 m	40m c/o vão fechado
Ponte s/o Furado Grande	344	8 m	6 m
Ponte s/o Saco da Alemoa	777	8 m	6 m
Ponte s/o Jacuí	1 760	8 m	18 m
Extensão total	4 703		

A obra está sendo realizada sob a fiscalização direta do DAER/RS e do DNER, e os aspectos técnicos e financeiros são regidos por um convênio de indenização celebrado pelo órgão rodoviário estadual com o federal.

O custo total do empreendimento está estimado, inclusive os reajustamentos atualmente previsíveis e parte das desapropriações inadiáveis, em cêrca de 450 milhões de cruzeiros. Considerando-se que o início da construção data de 20 de outubro de 1955 e a conclusão estando prevista para abril de 1958, os recursos financeiros oriundos do Orçamento da União serão utilizados em função do seguinte escalonamento das dotações:

Em 1953 .... Cr$ 25.000.000,00 (Dotação concedida e já arrecadada)
Em 1954 .... Cr$ 50.000.000,00 (Idem)
Em 1955 .... Cr$ 50.000.000,00 (Idem)
Em 1956 .... Cr$ 50.000.000,00 (Idem, em fase de arrecadação)
Em 1957 .... Cr$ 100.000.000,00 (Previsão)
Em 1958 .... Cr$ 100.000.000,00 (Previsão)
Em 1959 .... Cr$ 100.000.000,00 (Previsão)

A dotação de 1959 destinar-se-á a atender, principalmente, os encargos com o financiamento a ser obtido para enfrentar as insuficiências de recursos em 1957 e, muito especialmente, em 1958, de vez que a obra deverá ser concluída em abril e as dotações, em geral, são entregues, parceladamente por duodécimos.

PÔRTO LUCENA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Situado sôbre o rio Uruguai, em seu curso alto, o município de Pôrto Lucena, todo êle, tem uma leve inclinação naquele sentido. Seu povoamento tem começo no raiar do século XX, quando um pequeno pôrto é instalado, no local onde hoje se ergue a cidade — seu nome era Pedro Álvares Cabral. Situava-se nas proximidades do rio Comandaí, tributário do Uruguai. Quer o nome fôsse por demais extenso, quer outras influências se fizessem sentir, sua denominação passou a ser Pôrto Lucena, ao que tudo indica tirado do nome de um cidadão chamado Lucena, castelhano que foi um dos primeiros moradores e que faleceu na localidade.

Suas terras faziam parte do município de Santo Ângelo, criado em 1873. Antes, pertencera sucessivamente a Pôrto Alegre, Rio Pardo, Cachoeira do Sul e Cruz Alta.

Criado o distrito de Santa Rosa, em 1876, por desdobramento do primeiro distrito de Santo Ângelo, dêle passou a fazer parte.

Em 1915 é criada a Colônia de Santa Rosa, e imensas levas de elementos germânicos e ítalos, provenientes das antigas colônias dos pioneiros, chegam à nova colônia.

Além de alemães e italianos, vinham também nacionais, de regiões vizinhas, bem como poloneses, russos, e, mais tarde, japonêses.

Tal foi o desenvolvimento da novel colônia que, em 1931, era criado o município de Santa Rosa, quando era interventor no Rio Grande do Sul o Dr. José Antônio Flôres da Cunha, que, pelo Decreto n.º 4 823, de 1.º de julho daquele ano, elevava à categoria de município o território de Santo Ângelo constituído pelas colônias de Santa Rosa, Boa Vista e Guarani.

Constituindo-se êsse município, por Ato municipal número 73, de 30 de julho de 1932 era criado o 6.º distrito de Santa Rosa, com sede em Pôrto Lucena.

Pôrto Lucena já em 1923 contava 38 prédios e 160 habitantes; antes mesmo de constituir-se em distrito já possuía uma agência postal, administrada por particular.

No correr dos anos o distrito prosperava. Uma riqueza fácil de explorar era a das madeiras de lei: cedro, louro, ipê, angico e pau-ferro. A agricultura dedicava-se principalmente ao milho, feijão, fumo e linhaça, vindo mais tarde a cultura da soja.

Em 1940 a população distrital elevava-se a 5 027 habitantes, dos quais 340 na vila.

Na década seguinte, porém, o crescimento é assombroso. Contínuas levas de elementos colonizadores quase duplicam a população distrital e quase quadruplicam a urbana.

Surge então o movimento emancipacionista.

Diversas comissões são organizadas, fazem-se excursões à região colonial, comícios, churrascos, e a idéia de constituir um município toma vulto.

Finalmente, após plebiscito, demonstrado o desejo de desmembramento de Santa Rosa, pela Lei estadual número 2 665, de 6 de agôsto de 1955, é criado o município de Pôrto Lucena, ocorrendo sua instalação a 1.º de janeiro de 1956.

BIBLIOGRAFIA — *Município de Santa Rosa* — Vicente Cardoso. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

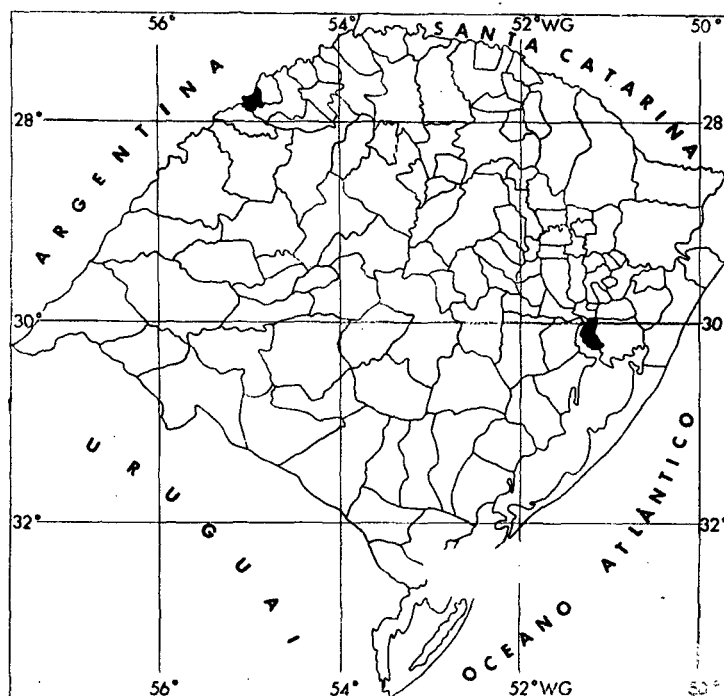
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Pôrto Lucena .... 10 290 habitantes, localizando-se 1 590 na sede e 8 700 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-I-1956); 35,73 habitantes por quilômetro quadrado; 0,22% sôbre a população total do Estado; área: 288 km².

Aglomerado urbano — Cidade de Pôrto Lucena.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Pôrto Lucena..	386	10	60	84	36	302

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27º 51' 04" de latitude Sul e 55º 01' 09" de longitude W.Gr. Distância em linha reta da Capital do Estado: 440 km. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo N.O. Altitude: 96 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rio Uruguai, rio Comandaí, rio Boa Vista, arroio Laranjeira e arroio Lageado Bugre. Cachoeira do Roncador, no rio Uruguai, com aproximadamente 3 metros de queda, rodeada de um magnífico panorama topográfico. Ilha Grande, com 6 quilômetros de comprimento, por 200 metros de largura, sendo habitada e possuindo grande variedade de frutas silvestres. Nessa ilha está situado o marco divisório entre o nosso País e a República Argentina, mandado contruir pela "Comissão de Limites", chefiada pelo Barão do Rio Branco. O território do município é entrecortado de cerros e vales, sendo que o

Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes

mais elevado é o denominado "Boa Vista", com aproximadamente 200 m. Os rios são piscosos, sendo as seguintes as variedade encontradas: traíra, jundiá, voga, dourado, surubi, piracanjuba, piava, pintado e pati. A pesca, entretanto, não é explorada econômicamente para o município. A sede municipal está situada às margens do rio Uruguai, possuindo um pôrto nesse rio.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Há vestígios de chumbo, cobre e grafita, ainda não explorados. Pedras semipreciosas e muita variedade de cristais de rocha. Área das matas naturais: 34,56 km².

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, ocorridas no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 24,1°C; mínima — 14,6°C; compensada — 19,2°C. Chuvas: precipitação anual de 1 946 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: República Argentina; ao sul: Cêrro Largo; a leste: Santa Rosa e Santo Cristo; a oeste: República Argentina.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura é a principal fonte econômica do município e suas lavouras não são, ainda, mecanizadas. Os principais produtos cultivados são: feijão, soja, milho, mandioca, linhaça, fumo, amendoim e trigo. Os centros consumidores dos produtos agrícolas são: Pôrto Alegre, Rio Grande, Pelotas, São Borja, Itaqui e Uruguaiana sendo, ainda, vendidos os produtos do município para os Estados do norte do País.

Avicultura — A produção total do município é calculada em 60 000 aves, não havendo predileção por raças, uma vez que não existem criadores organizados.

Apicultura — A criação de abelhas é generalizada em todo o município; não há, porém, criadores com mais de quarenta colmeias. O valor total da produção é de, aproximadamente, Cr$ 500 000,00.

Pecuária — No meio rural, predomina a agricultura, sob o regime da pequena propriedade rural. A pecuária adquire certa importância econômica apenas na criação de suínos, cuja população atinge 50 000 cabeças, disseminados por todo o território do município, não havendo criadores especializados. As raças predominantes são: duroc-jérsei e macau.

Indústria — Conta o município de Pôrto Lucena com 27 estabelecimentos industriais, tendo média mensal de 45 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 5 651 000,00.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados — 7; casas de móveis — 2.

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Santa Rosa, Santo Ângelo, Pôrto Alegre, Uruguaiana, Itaqui, São Borja, Pelotas, Rio Grande e São Paulo.

Há na sede um escritório do Banco Agrícola Mercantil S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Santo Cristo: rodov. (49 km); Santa Rosa: rodov. (71 km); Cêrro Largo: rodov. (79 km); São Luís Gonzaga: rodov. (96 km); Giruá: rodov. (100 km); Santo Ângelo: rodov. (136 km); Três de Maio: rodov. (106 km); Horizontina: rodov. (122 quilômetros). Capital Estadual: rodov. (705 km); Capital Federal: rodov. (3 051 km).

ASPECTOS URBANOS

Logradouros públicos	28
Ruas	24
Avenida	1
Largos	2
Praça	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há 1 agência na sede.

HOTÉIS — Conta o município com os hotéis Pôrto Lucena e Marilu, cobrando, ambos, diárias de Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 110,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	12
Ônibus	2
Camionetas	3
Total	17

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	18
Tratores	1
Total	19

Outro aspecto da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 25 unidades escolares do ensino fundamental comum, com 1 481 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Há 1 sociedade recreativa e 2 desportivas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 1 hospital de 67 leitos e 1 pôsto de saúde. Exercem a profissão 1 médico e 1 dentista.

FESTEJOS POPULARES — Há festas populares no dia 2 de fevereiro, quando o povo da localidade celebra o dia da sua pdroeira, Nossa Senhora dos Navegantes, com magnífica procissão náutica, com grande afluência de visitantes de outros municípios vizinhos.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Há no município, no lugar denominado "Ilha Grande", localizado nas águas do rio Uruguai, um marco divisório entre Brasil e Argentina, mandado erigir pela "Comissão de Limites", chefiada pelo Barão do Rio Branco.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANO	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1956......	220	2 000	2 335	1 140	2 009

NOTA — Emancipado em 1954.

QUARAÍ — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A 7 de junho de 1494 era assinada em Tordesilhas a convenção que tomaria o nome dessa cidade espanhola. Ali ficara estabelecido que a linha divisória entre os impérios espanhol e português passaria a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde. Mais tarde seria ratificado o tratado pelo Papa Julio II. O documento era impreciso, desde que não era determinada a ilha do arquipélago de onde começaria a contagem, e variava o valor fixado para a légua. O primeiro dos signatários a violar a convenção foi a Espanha, que ocupou o arquipélago das Filipinas, na Malásia, em região cedida a Portugal. Daí por diante o tratado passou a ser letra morta, prevalecendo o domínio de um ou de outro em diversas regiões, de acôrdo com o poder militar no momento e no local.

Assim foi que em 20 de janeiro de 1680, Manoel Lobo fundava a Colônia do Sacramento, hasteando a bandeira lusitana no estuário do Prata. Estava iniciado o ciclo das lutas cisplatinas.

Passando ao largo das reduções jesuíticas, bem como da instalação das Missões Orientais, ambas em território rio-grandense, e sob auspícios da Espanha, bem como de eventuais incursões de bandeirantes, o primeiro estabelecimento português no Rio Grande do Sul tem como data oficial 19 de fevereiro de 1947, com a fundação do presídio de Rio Grande, na barra do mesmo nome, pelo brigadeiro José da Silva Paes.

Rua Prof. José Diehl, principal artéria da cidade

A Colônia do Sacramento e as Missões Orientais eram fonte constante de preocupação para ambos os reinos ibéricos. Sobressaltos, temores, incursões e combates sangrentos se sucediam. Para regularizar e legalizar a situação de suas posses, invocaram o princípio do *uti possidetis,* que triunfa e é consagrado no tratado de 13 de janeiro de 1750, também chamado Tratado de Madrid. A Colônia do Sacramento passaria à Espanha, enquanto que o território das Missões Orientais integrar-se-ia nos domínios de Portugal. A linha divisória iniciava-se em Castilhos Grande, em atual território uruguaio, e, após diversas linhas, seguia pelo Ibicuí até o Uruguai, percorrendo o curso dêste rio.

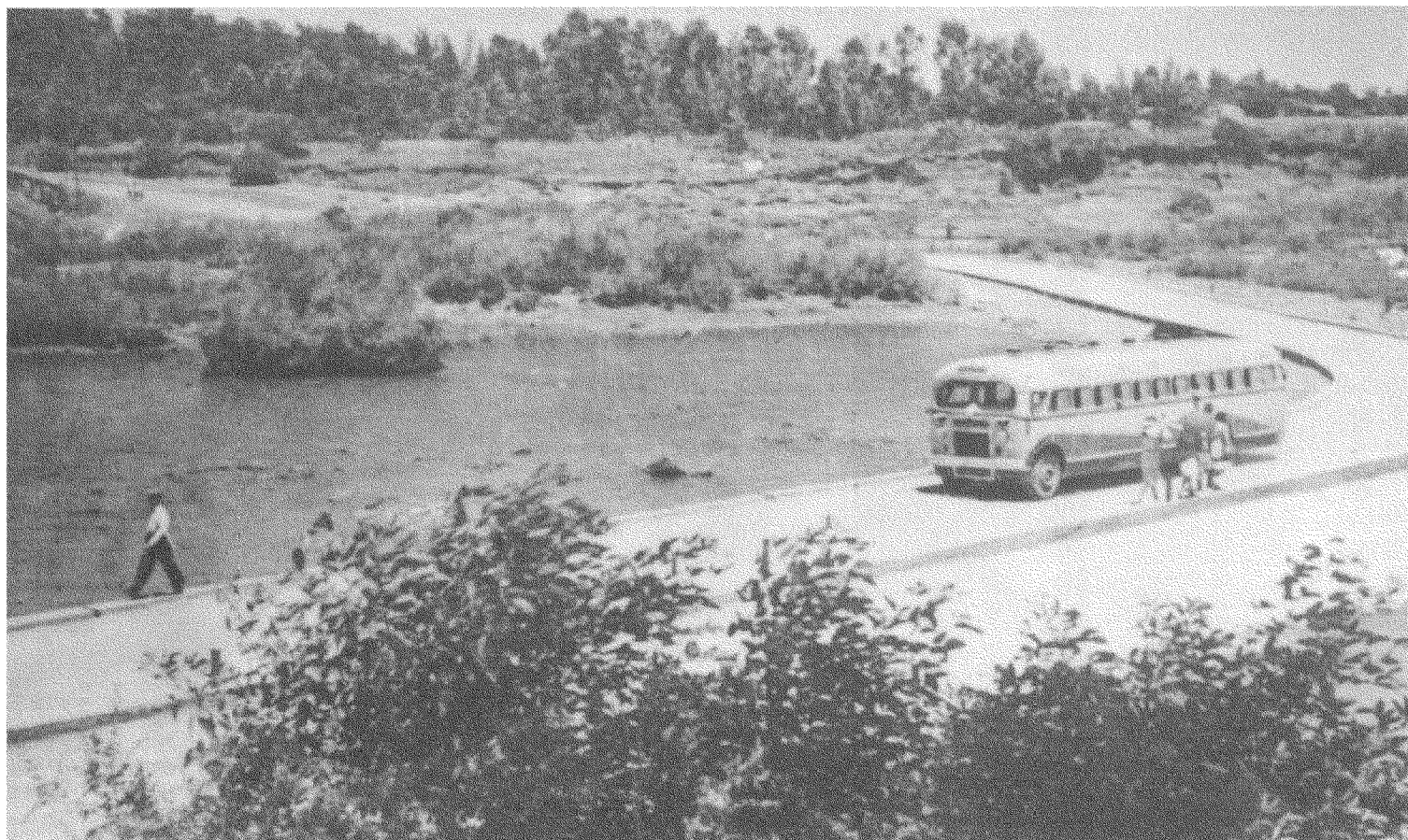
Assim, pelo tratado de 1750, as terras do atual município de Quaraí faziam parte do domínio espanhol.

Fôra seu território inicialmente ocupado pelos índios Jaros, cujo pouso preferido era o cêrro denominado Jarau, em Quaraí. Êsses indígenas, embora combativos e bravios, foram destruídos por seus inimigos, os Charruas, que não se submeteram à catequese e guerrearam os colonizadores. Com a instalação de fazendas e estâncias, a elas se agregaram, mantendo com os europeus atitude amistosa, e chegando mesmo a integrar-se no tipo racial da fronteira. Ambos os grupos indígenas faziam parte de um maior, denominado Guaicurus, e eram nômades, com economia coletante.

Antes mesmo de chegarem grupos de portuguêses ou espanhóis a seu meio, já conheciam e faziam uso do gado bovino. Tal se devia ao fato de o gado ter sido introduzido pelo Padre Cristovão Mendoza, em 1634. Expulsos os Jesuítas e destruídas suas reduções em 1638, por investidas dos bandeirantes, o gado no entanto permaneceu, espalhando-se por vasta área e atingindo terras de Quaraí. Com a chegada do gado, passou êste a ser seu alimento predileto e quase exclusivo.

O espanhol não se estabeleceu naquela região. Em 1763 é invadido o território gaúcho por tropas espanholas, e um largo ciclo de lutas iria instituir-se, durante 13 anos, até a definitiva expulsão do adversário.

A 1.º de outubro de 1777 era assinado outro tratado entre as coroas ibéricas, conhecido por Tratado de Santo Ildefonso.

Por meio dêste, ainda para a Espanha tocaria o atual Quaraí. A demarcação não estava ainda ultimada quando a coroa de Castela declara guerra a Portugal, em 20 de fevereiro de 1801, ao mesmo tempo que determinava aos vice-reis e governadores espanhóis que hostilizassem o Brasil.

Vista da "pranchada", sôbre o rio Quaraí, que liga a cidade com a de Artigas (Uruguai)

Há um rápido período de lutas, nas quais se projetam os vultos de Manoel Pedroso e Borges do Canto, conquistadores das Missões.

Enquanto que na América do Sul ocorrem tais eventos, a Côrte Portuguêsa transfere-se com armas e bagagens para o Brasil. Em 19 de setembro de 1807 fôra o Rio Grande do Sul elevado à categoria de Capitania Geral, mas a instalação só vai ocorrer a 9 de outubro de 1809, com a posse do primeiro Governador e capitão-general, Dom Diogo de Souza, futuro Conde de Rio Pardo.

Vinha êsse brilhante militar com objetivos inelutàvelmente intervencionistas. Fragmentavam-se e emancipavam-se os domínios espanhóis do Prata. São as Guerras Cisplatinas que eclodem. Em 1811 têm início as operações. A casa de Bragança queria alcançar o estuário do Prata, e, quiçá, ultrapassá-lo.

Após um combate às margens do Arapeí, em atual território uruguaio, travado a 22 de novembro de 1811, é obrigado a recuar até o cêrro de Jarau, em terras do município de Quaraí, o major Manoel dos Santos Pedroso. Embora talvez antes já tivesse sido seu solo desbravado, a primeira ação documentada, ocorrida em terras quaraienses, é essa retirada do herói da conquista das Missões.

D. Diogo de Souza, após diversos encontros, acampa às margens do Quaraí durante curto espaço de tempo, regressando a Rio Grande a 13 de julho de 1812.

Artigas era o grande caudilho cisplatino, lutando pela liberdade de seu povo. Em 1816 reacendem-se as lutas. Em junho dêsse ano, o tenente-coronel José de Abreu percorre as margens do Quaraí, visando impedir a junção das tropas de Artigas. A 22 de setembro, na guarda de Santa Ana no atual Quaraí, o comandante uruguaio Gatil, com seus 600 homens derrota o capitão Alexandre Luiz de Queiroz. A 19 de outubro, retira-se, cruzando seu território, o exército de José Antônio Verdum, que fôra derrotado pelo brigadeiro João de Deus Mena Barreto.

Enquanto as lutas vão durar até 1820, com a derrota final de Artigas em Taquarembó, já em 1817 começa o povoamento oficial de Quaraí.

Pode-se dizer que o território de Quaraí pertencia então ao Rio Pardo, êste criado por Provisão de 27 de abril de 1809. A linha do rio Quaraí fôra pràticamente aceita como divisória desde a paz firmada em Badajoz, a 6 de julho de 1801, com o deslocamento para êste rio do limite que até então fôra o Ibicuí. Assim, desde 1801 de certa forma, embora sofrível de reparos, Quaraí pertencia ao Brasil.

O ano de 1817 é aquêle em que é concedida a primeira sesmaria em terras de Quaraí, doada por Carta Régia a Joaquim José de Melo, que será talvez o primeiro morador efetivo do município. Sua sesmaria compreendia a atual cidade, e o documento de cessão já ressalvava que "sendo preciso fundar-se vila, povoação ou freguesia, no distrito, dela largará meia légua em Quadro para fruição pública, livre de pensão alguma em seu benefício". Essa sesmaria de campo media uma légua de frente por três de fundo, abrangendo um total de 13 068 hectares.

Acresce o fato de que o Cabido de Montevidéu a 15 de janeiro de 1819 retificara a linha divisória da Capitania de Montevidéu com a do Rio Grande do Sul, com a cessão da primeira à segunda, do território compreendido entre o Quaraí e o Arapeí, mediante outras compensações.

Hospital de Caridade Municipal

Em 1820 a sesmaria de Joaquim José de Melo passa a João Batista de Castilhos, que então comprara duas sesmarias à margem direita do Quaraí, nelas estabelecendo uma estância de grande desenvolvimento para a época. Data de então a denominação de "Passo do Batista" à passagem que hoje serve de ligação às cidades de Quaraí e Artigas, esta uruguaia.

Após 1817, ano do surgimento do povoado de Nossa Senhora da Conceição de Alegrete, com a conseqüente criação do distrito de Entre Rios, que tinha por limites os rios Quaraí, Ibirapuitã, Ibicuí e Uruguai, dêle faziam parte as terras quaraienses, sempre no município de Rio Pardo, passando ao de Cachoeira com a criação dêste, por Alvará de 26 de abril de 1819.

O tratado de 31 de julho de 1821, que incorporava a Cisplatina ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, iria recuar a fronteira da Capitania do Rio Grande novamente para o Quaraí.

Em 1825 tem início a luta dos uruguaios por sua independência, sob o comando de Lavalleja e Rivera — êste último em 1828 cruza o Quaraí e conquista a zona das Missões, da qual só se retirará após a cessação das hostilidades.

A 27 de agôsto de 1828, firmava-se a Convenção Preliminar de Paz, que criava a República Oriental do Uruguai, novamente o Quaraí servindo de limite.

Em 25 de janeiro de 1831 é criado o município de Alegrete, do qual Quaraí iria constituir o 5.º distrito.

Viria depois o ciclo farroupilha. Em 1835 iniciava-se a grande revolução republicana, e os gaúchos enfrentaram heròicamente as tropas organizadas do Império.

Nesse período conturbado vários combates serão travados em Quaraí.

A 7 de abril de 1844, no Passo da Lagoa, Jacinto Guedes da Luz derrota o major Vasco Alves Pereira, futuro Barão de Santana do Livramento. A 26 de outubro de 1844, o major Antônio Fernandes Lima derrota os farrapos, sob o comando de Bernardino Pinto, tomando-lhes 2 000 cavalos, na costa do Quaraí. A 5 de novembro o coronel João Propício Mena Barreto derrota, no Cati, a Jacinto Guedes, destruindo-lhe as tropas. A 14 de novembro, no passo do Leão, João Propício Mena Barreto, com 1 170 homens inflige nova derrota aos republicanos. A 28 de novembro, Francisco Pedro de Abreu, no Arroio Grande, próximo ao cêrro dos Porongos, à frente de 600 imperiais, derrota uma partida de 100 republicanos, comandada por Joaquim Teixeira Nunes, que foi lanceado pelo então alferes Manduca Rodrigues.

A 29 de dezembro, dá-se o combate do Quaró, chegando as tropas a se digladiarem em território uruguaio. Vasco Alves Pereira surpreende e derrota uma fôrça republicana comandada pelo coronel Bernardino Pinto. Êste foi o último combate da Revolução Farroupilha.

Resta dizer que desde fins de junho em nenhuma outra parte do Rio Grande do Sul se combatia. O último reduto dos farrapos era Quaraí. Nenhuma perspectiva de vitória, a mínima esperança, o menor refôrço poderiam esperar. Contavam apenas com sua coragem e idealismo. Bernardino Pinto, a quem coube comandar o derradeiro batalhão republicano, composto de homens humildes, famintos, mal armados e mal vestidos, mas tenazes e inflexíveis, foi gravemente ferido e aprisionado, sem entregar sua espada, que foi tomada quando seu dono jazia desfalecido. E o mais curioso é que desde 13 de novembro do mesmo ano estava sendo tratada a paz, que culminaria com a proclamação de 28 de fevereiro de 1845, firmada pelo gen. David Canabarro em Poncho Verde, e a de Caxias, a 1.º de março, à margem do rio S. Maria; novos dias de paz gozaria o Rio Grande já integrado na comunhão do Império e, pelo govêrno central, respeitadas suas reivindicações e necessidades.

Em 1852 o govêrno uruguaio determina a fundação da povoação de nome San Eugênio, hoje Artigas, à margem esquerda do Quaraí, frente ao passo do Batista. Quase que simultâneamente as autoridades rio-grandenses determinaram o deslocamento de uma guarnição militar, à margem direita, sob o comando do tenente-coronel Simeão Francisco Pereira. Em 1858, em comissão imperial, visitou a fronteira o coronel José de Vitória Soares de Andrea, o qual, a pedido do comandante Simeão, levantou a planta do terreno e traçou o projeto da nascente povoação de Quaraí. O povoado, realmente, constitui-se e se desenvolve.

O nome do rio e do município parece significar "rio dos Buracos", se bem que não tenha sido feito um estudo satisfatório a respeito: seria então KUÁ — Y, "rio dos buracos"; pode significar ainda "rio das Garças" — QUARA-Y.

A 15 de dezembro de 1859 era criada pela Lei provincial n.º 442 a freguesia de São João Batista de Quaraí.

Por essa época começa a espalhar-se a lenda da "Salamanca do Jarau", que seria mais tarde imortalizada pelo contista Simões Lopes Neto, em uma de suas mais deliciosas criações literárias. O nome de Salamanca era dado a diversas furnas existentes na bacia do Prata, e se referia a uma lenda de origem desconhecida — seria uma furna contendo imensos tesouros sob a guarda de uma princesa moura encantada. Salamanca deriva da cidade do mesmo nome, onde teria existido uma escola moura de alta magia, e de onde teria vindo a princesa.

O fato é que o cêrro do Jarau é o ponto culminante do município de Quaraí, havendo uma espécie de caverna em que, em 1845, se registrou expulsão de vapôres ígneos. O fenômeno não foi ainda suficientemente estudado sob o ponto de vista científico, tendo-se repetido já diversas vêzes essa expulsão de grossos rolos de fumaça. Na época dizia-se que a estrêla de Bento Manoel Ribeiro devia-se a um ajuste do caudilho com a princesa.

A aprovação da planta do povoado pelo Govêrno da Província ocorreu em inícios de 1861, sendo a mesma remetida à Câmara de Alegrete a 16 de agôsto do mesmo ano. O distrito desenvolvia-se a olhos vistos e em 1848 contava com 2 963 habitantes, já em 1872 possuindo 4 450.

Finalmente, pela Lei Provincial n.º 972, de 8 de abril de 1875 era a freguesia de Quaraí elevada à categoria de vila, dando-se a instalação a 16 de outubro do mesmo ano. Sua primeira Câmara Municipal era composta por Severino Antônio da Cunha Pacheco, João Vieira de Macedo, Iquibauri Rodrigues de Almeida, Antônio da Costa Siqueira, Florêncio José Carneiro Monteiro, Domingos Vaz Martins e José Severo, eleitos a 27 de junho de 1875. A 3 de agôsto de 1884 a vila é declarada livre, como fruto da campanha abolicionista chefiada por Florêncio José Monteiro.

A emancipação de Quaraí refletiu-se imediatamente em sua existência — em 1890 sua população já alcançava 8 333 habitantes.

A 26 de março de 1890, por ato do Presidente do Estado, general Júlio Anacleto Falcão da Frota, foi a vila de Quaraí elevada à categoria de cidade, e simultâneamente instituída em cabeça de comarca. A eleição do primeiro Conselho Municipal deu-se a 30 de outubro de 1891, e a posse a 9 de dezembro. Era constituído por Paulino Alves dos Santos, Emílio Adolfo Meyer, J. Romaguerra da Cunha Correa, Joaquim Ribeiro Severo, major Francisco Correa de Mello, Fernando Pereira da Luz e tenente Mathias Fernandes da Luz. O primeiro Intendente foi Francisco Macedo Couto, que renunciou ao mandato logo a seguir, em virtude do movimento revolucionário no Estado.

A explosão no Rio Grande do Sul, em 1893, da chamada Revolução Federalista, foi atingir Quaraí. A 5 de fevereiro, em Bagé, João Nunes da Silva Tavares lança uma proclamação chamando o povo gaúcho a tomar armas contra o governador do Estado, Dr. Júlio de Castilhos. A 19 de fevereiro, Ulisses Reverbel, acompanhado por 200 milicianos, invade o município de Quaraí. Enquanto engrossa suas tropas, desloca-se para diversos locais, sempre oferecendo combate ao legalista. Volta a Quaraí a 31 de março, a fim de repelir a guarnição do coronel Antônio Candido de Melo, Barão de Toropi, que se vê obrigado a recuar para Livramento. A 27 de setembro retorna Ulisses Reverbel com Rafael Cabeda, aprisionando o comandante da praça, coronel Alencastro Carneiro da Fontoura. Essa região ficou de certa forma sob o domínio dos rebeldes até o fim da revolução, ocorrida dois anos mais tarde. A 27 de abril de 1895 acampa em Quaraí o almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, homem de grande renome em nossa marinha, que tomava parte no último capítulo da revolução, sustentando, nessa data, cerrado tiroteio com as fôrças do general Hipólito Ribeiro. Ambos os militares iriam encontrar-se novamente dois meses após, em Livramento, desta vez sendo morto em combate Saldanha da Gama, a mais nobre figura das hostes rebeldes. A paz seria assinada a 23 de agôsto de 1895, em Pelotas, encerrando êsse triste capítulo da vida rio-grandense, que custara a vida a 12 mil homens.

Tomou posse como Intendente, em 21 de setembro de 1895, Dartagnan Tubino, que realizou notável administração.

Iniciando-se o século XX as charqueadas evolvem no sentido saladeiro, sendo de destacar os de São Carlos e Novo Quaraí. É de grande monta o abate de gado bovino, e o município desenvolve sua economia atingindo notável grau de prosperidade.

Em 1907 eram abatidos 86 840 cabeças de gado bovino.

Em 1908 a cidade contava com 487 prédios e 3 019 habitantes.

Chegado o ano de 1923, nova revolução abala o Estado. Desta vez era o choque entre Assis Brasil e Borges de Medeiros, movimento chefiado pelo primeiro contra mais uma reeleição do segundo para Presidente do Rio Grande do Sul. A 1.º de abril os rebeldes ocupam Quaraí. A 14 de julho, os legalistas, sob o comando do Doutor José Antônio Flôres da Cunha, recuperam a localidade. A 18 de setembro é cercada pelos rebeldes, sob o comando de Honório Lemos, sendo defendida por 400 homens. Após violento combate os sitiados são derrotados, atravessando os sobreviventes o rio Quaraí e refugiando-se no Uruguai. Os rebeldes saquearam a cidade, retirando-se à tarde, tendo em seu encalço a coluna legalista de Flôres da Cunha, que chegou ao anoitecer. A 25 de setembro o coronel rebelde, Francisco Cabeda, ocupa a cidade, retirando-se, para retornar a 13 de outubro. Finda a revolução, a cidade poderia refazer-se dos sérios golpes que recebera.

A importância da economia pecuária do município, em especial motivada pelos saladeiros, levou os trilhos ferroviários até a cidade. A 22 de fevereiro de 1911, os trilhos, partindo de Alegrete, chegavam a Severino Ribeiro e João Garcez. A 10 de agôsto de 1924 chega a ferrovia até Mancarrão. Sob a orientação técnica da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, a cidade de Quaraí é ligada, via Alegrete, ao resto do Estado por meio de ferrovias, com a inauguração da estação a 25 de novembro de 1939.

Mas a extinção dos saladeiros daria um golpe profundo na economia do município. Em nossos dias, restos daqueles estabelecimentos modelares e importantes ainda são encontrados, testemunhando uma época de economia viçosa e pujante.

Isto determinou a necesidade de exportar o gado quaraiense para cidades onde existissem frigoríficos e estabelecimentos que industrializássem a carne.

O município teve sempre sua vida e economia condicionadas à pecuária. Em 1913 havia 1 098 proprietários em Quaraí, abrangendo uma área de 317 732 hectares, segundo Octávio Augusto de Faria. Os maiores proprietários eram Carlos A. Corrêa, com 17 008 hectares, Olavo Saldanha, com 10 700, e Olimpio Giudice, com 7 597 hectares. A agricultura ocupava a área de apenas 4 000 hectares, predominando o cultivo de forrageiras. Em 1918 o número de propriedades era de 1 278, e a superfície era de 318 318 hectares. A agricultura limitava-se ainda a 4 000 hectares. Chegado o ano de 1940, a área agrícola elevava-se apenas a 7 254 hectares dos quais apenas 1 354 de cultura permanente, enquanto que as pastagens ocupavam 253 843 hectares. E, o que é importante, o número de estabelecimentos recenseados em 1940 era de apenas 999, ou seja, houve a concentração de propriedades.

A população do município por ocasião daquele censo era de 17 118 habitantes, dos quais 5 504 pessoas dedicadas à atividade agropecuária.

Um fenômeno curioso é que a população decresceu de 1940 a 1950, ou seja, de 17 118 passou a 15 526 habitantes. Tal se deve justamente a essa economia pastoril, que não permite concentração populacional, de modo a ocorrer deslocamento de parte de sua população para outros centros urbanos.

O total de bovinos em 1940 era de 137 796, e o de ovinos, 202 334; êsses valores, para 1950, eram de 156 908 e 363 901, respectivamente, ou seja, um pequeno aumento nos bovinos, e um equivalente de 70% nos ovinos.

Em 1950 a superfície ocupada pela agricultura era 6 156 hectares, tendo aumentado no correr dos últimos anos.

Atualmente nota-se o interêsse da conjunção da agricultura e pecuária em Quaraí, desenvolvendo a primeira ràpidamente, sem prejudicar a segunda.

Quaraí, postada frente a Artigas, tem seu comércio dependente das oscilações das moedas brasileira e uruguaia — na época da alta do Pêso, os uruguaios fazem suas compras em Quaraí; quando, no entanto, cai seu valor, os brasileiros são fregueses das lojas uruguaias, época em que estabiliza e decai o movimento comercial na cidade de Quaraí.

A tendência de Quaraí é, contudo, a de desenvolver-se. Em prazo relativamente curto surgiram plantações de arroz e trigo, que o município exporta. Mostrando-se rendosa a agricultura, isto é, se o escoamento e a colocação da produção forem assegurados, Quaraí em pouco tempo transformará a fisionomia de seus campos, a exemplo do que vem ocorrendo em Bagé, Livramento, Uruguaiana e Alegrete.

BIBLIOGRAFIA — *História do Rio Grande do Sul* — gen. E. F. de Souza Docca. *A Fisionomia do R. G. do Sul* — Padre Balduino Rambo, S.J. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do R. G. do Sul* — Octávio Augusto de Faria. *Censos Econômicos do Rio G. do Sul* — 1940 e 1950 — I.B.G.E. C.N.E. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS. Revista do Museu de Julio de Castilhos. Contos e Lendas do Sul* — Simões Lopes Neto.

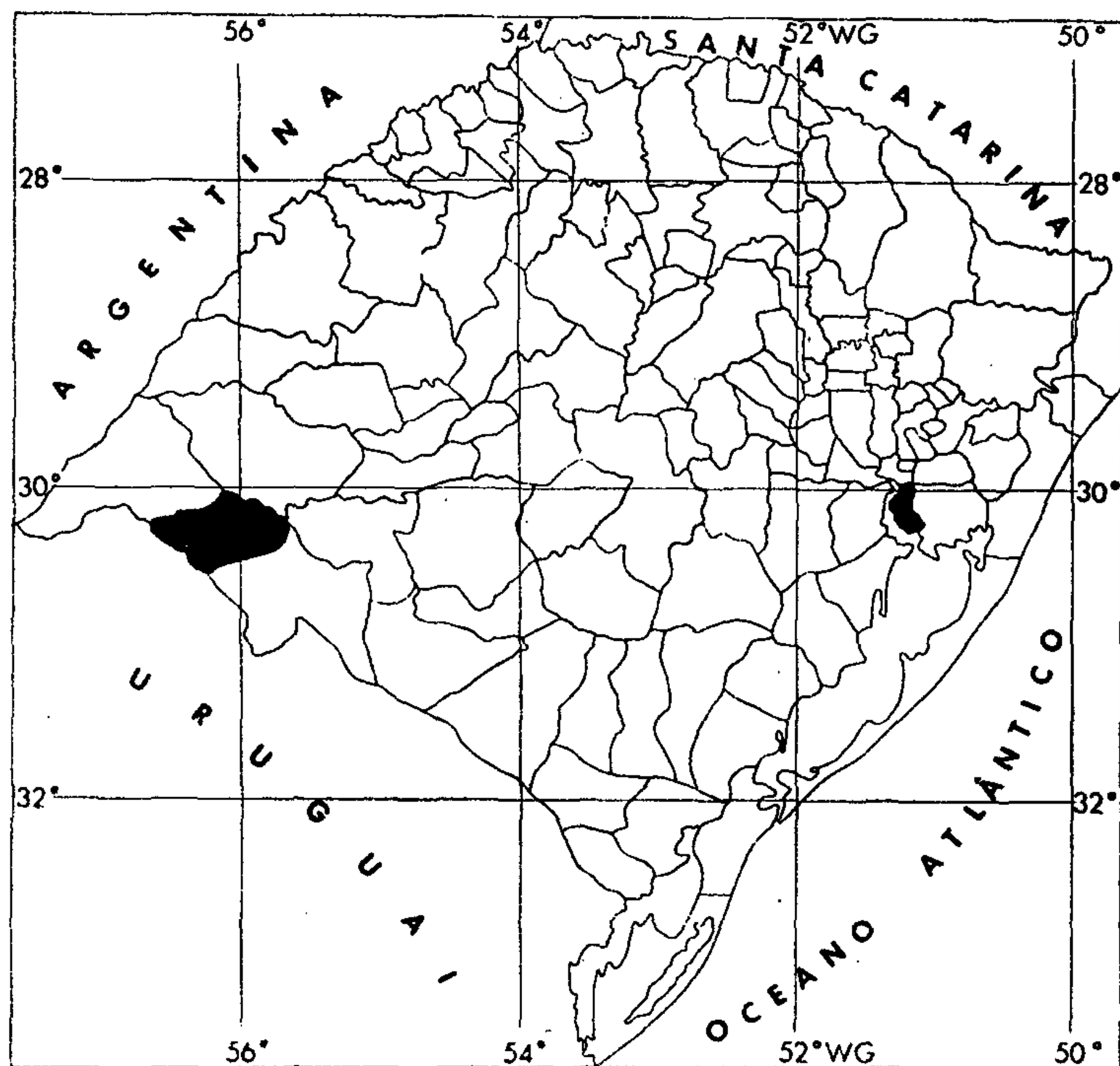
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — O município de Quaraí conta 16 570 habitantes, localizando-se 7 990 na sede e 8 580 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 5,51 habitantes por quilômetro quadrado; 0,35% sôbre a população total do Estado. Área do município: 3 008 quilômetros quadrados.

Aglomerado urbano — Cidade de Quaraí

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Quaraí	227	3	98	82	17	145

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 23' 17" de latitude Sul e 56° 29' 56" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.S.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 506 km. Altitude: 100 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Quaraí, Quaraí-Mirim, Inhanduí, Areal, Pai-Passo, Garupá, Mancarrão. Há próximo à sede municipal a sanga da Divisa que, em época de chuvas, avoluma-se em águas, tornando impossível o tráfego rodoviário da sede municipal para o interior do município, uma vez que não há ponte sôbre a sanga. A sede municipal está situada à margem direita do rio Quaraí, que também é divisa com a República Oriental do Uruguai.

RIQUEZAS MINERAIS — Quartzo, ágata e cristal, inexplorados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes: máxima: 23°C; mínima: 13°C; compensada: 18,4°C. Chuvas: precipitação anual de 1 250 milímetros. Geadas: ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Uruguaiana e Alegrete; ao sul: Livramento e República Oriental do Uruguai; a leste: Alegrete, Rosário do Sul e Livramento; a oeste: República Oriental do Uruguai.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — É a base da economia municipal. Quaraí é tradicionalmente pastoril, tendo seus rebanhos bovinos e ovinos alto índice de seleção, contando ainda com campos de primeira qualidade e regulares aguadas.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	178 400	303 280
Eqüinos	12 700	11 430
Asininos	100	90
Muares	500	550
Suínos	6 000	3 600
Ovinos	525 000	157 500
Caprinos	2 700	405

Raças preferidas — Ovinos: amerinada. Bovinos: hereford e durhan. Suínos: duroc. Muares: espanhol. Cavalares: crioulo, percheron e puro-sangue inglês. Os principais mercados consumidores são: Pôrto Alegre e as demais localidades do Estado onde existem frigoríficos ou estabelecimentos que industrializem carne. Foram exportados para localidades brasileiras: 35 700 bovinos, 1 200 eqüinos, 150 muares e 42 800 ovinos.

PRINCIPAIS CRIADORES	*ESTABELECIMENTOS*	*RAÇAS PREFERIDAS*
João Vieira de Macedo	Estância Azul	Heref. durhan, polled-angus, devon
Thomaz Albornoz	Estância do Cêrro	Heref. durhan, polled-angus
Aldo Pereira Giudice	Estância Jarau	Heref. durhan, polled-angus
Romeu Maciel de Oliveira	Estância Nova	Hereford e polled-hereford
Ricardo Wagner	Estância da Tuna	Polled-heref., durhan, suíça
Cabanha Vasdef	--	Hereford
Danilo Pereira	Estância Novo Jarau	Hereford e polled-hereford
Clarinda Guerra Almeida	Estância Tarumã	Hereford e polled-hereford
Zeferino Prates	Estância da Côrte	Hereford e polled-hereford
Rivadavia da Cunha Corrêa	Estância São Manoel	Hereford, durhan e polled-angus

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne de bovino	295 680	4 817 512
Carne verde de ovino	666 965	7 654 318
Couro sêco de boi, vaca, vitelo	67 348	967 612
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	24 276	439 578
Pele sêca de ovino	49 022	897 103
Total Geral	1 103 991	14 776 123

Agricultura — Com menos expressão do que a pecuária, não deixa de ter importância, para o município. Em geral as lavouras não são mecanizadas.

PRINCIPAIS TRITICULTORES	*Área (ha)*
Adão Paulo de Souza	10
Aldo Peseira Giudice	110
Ricardo Wagner	200
Feliz Guerra Simões	50
Miguel Rivero	30

PRINCIPAIS ORIZICULTORES	
Astrogildo Refati & Irmão	120
Alfredo Ziane	102
Pompeu Felice	51
Albino Zago	51
Carmelino Arreal	50

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	1 517	5 943
Batata-inglêsa	484	2 902
Milho	750	2 500
Trigo	365	2 191

Valor total da produção: Cr$ 17 255 750,00.

Indústria — Não tem grande desenvoltura no município. Em 1955, havia 19 estabelecimentos industriais em funcionamento, mantendo a média mensal de 63 operários, tendo a produção somado em Cr$ 9 048 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: indústrias alimentares: 86,1%; indúst. de bebidas: 1,1%; indústria da madeira: 1,4%; transformação de produtos minerais: 5,4%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados — 75; Ferragens — 3; Fazendas — 7; Casa de móveis — 1; Bazar — 2; Calçados — 2; Rádios, eletrolas, refrigeradores — 2.

O município mantém transações comerciais com diversas localidades dêste e de outros Estados. O comércio local só compra, nada exporta, com exceção do trigo e arroz.

Há 3 agências bancárias na sede municipal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Alegrete: rodov. (119 km); Livramento, rodov. (150 km); Uruguaiana, rodov. (132 km) ferrov. (257,3 km), via Alegrete; Rosário do Sul, rodov. (262 km), via Livramento e ferrov. (272,2 quilômetros), via Alegrete; à Capital do Estado, rodov. (700 quilômetros) ferrov. (735 km); à Capital Federal, via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver "Pôrto Alegre". Distâncias aéreas: Quaraí a Rosário do Sul (200 quilômetros), via Uruguaiana, Alegrete; Quaraí ao Rio de Janeiro (1 806 km), via Livramento, Bagé, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro; Quaraí ao Rio de Janeiro (1 923 km), via Livramento, Bagé, Pôrto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

ASPECTOS URBANOS — A sede do município está situada à margem direita do rio Quaraí, que divide o Brasil com a República Oriental do Uruguai. Faz parte da "Zona da Campanha Gaúcha", sendo tradicionalmente "guasca" por excelência. É dotada de energia termelétrica, cujos serviços foram inaugurados em 1922.

EDIFICAÇÕES

Número total de prédios	1 874
Zona urbana	1 649
Zona suburbana	225
Segundo o número de pavimentos:	
Térreo	1 836
Dois pavimentos	37
Três pavimentos	1
Segundo o fim a que se destina:	
Exclusivamente residenciais	1 616
Residências e outros fins	163
Exclusivamente a outros fins	95

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	15

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Da sede municipal	230.729 kWh
Consumo para iluminação pública	11.112 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o município	4.446 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	150
Taxa mensal cobrada:	
Residências	Cr$ 100,70
Comércio e Indústria	Cr$ 233,20
Profissões liberais	Cr$ 153,70

1 agência na sede municipal.

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência.

HOTÉIS E PENSÕES — Há 2 hotéis e 2 pensões: Hotel Araújo, com diárias de Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro; União Hotel, diárias de Cr$ 220,00 para casal e Cr$ 130,00 para solteiro. Pensão Beult, Cr$ 180,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro; Pensão Santa Terezinha, Cr$ 160,00 para casal e Cr$ 90,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	141
Ônibus	1
Camionetas	20
Total	162

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	30
Camionetas	57
Tratores	10
Não especificados	1
Total	98

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	70
Carros de quatro rodas	12
Bicicletas	12
Total	94

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	12
Carroças de quatro rodas	10
Outros	46
Total	68

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais 67% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar matriculadas é de 50%. Em 1955, havia 25 unidades escolares de ensino fundamental comum com 1 642 alunos. Há 1 ginásio no município.

Outros aspectos culturais — As sociedades recreativas são: Clube Comercial e Clube Caixeiral, ambos possuindo biblioteca, não tendo nenhuma delas mais de 1 000 volumes. Há também 1 biblioteca na Liga Operária, com mais ou menos 500 volumes. Duas livrarias, nenhuma editôra. Uma estação de rádio: Rádio Quaraí Lt.da — Prefixo: ZYU-56 freqüência de 1 560 kc, potência de 100 watts, 1 tôrre irradiante, 2 microfones, 1 discoteca com 600 discos e 10 pessoas empregadas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Jóquei Clube Quaraiense, com pistas retas, para corridas de cavalos. Em geral os animais não são de pura raça. Quase todos os domingos são realizadas "carreiras". O Jóquei Clube foi inaugurado em setembro de 1956, e as apostas, até dezembro de 1956, não ultrapassaram a casa dos Cr$ 100 000,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Em 1955, contava o município com 2 hospitais, totalizando 104 leitos, tendo sido internados 667 enfermos, assim discriminados: 103 crianças, 146 homens e 418 mulheres. Havia nos hospitais: 1 aparelho de raios X diagnóstico, 1 sala de operações, 2 salas de parto, 1 sala de esterilização e 1 farmácia. Exercem profissão no município 6 médicos e 6 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Lar Abrigo Maria de Lourdes P. Horta Barbosa, destinado às crianças desamparadas. Liga Operária e Círculo Operário Quaraiense.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 3 advogados residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; total dos sócios — 69; valor dos serviços executados — .... Cr$ 17 184 176,00.

FESTEJOS POPULARES — Procissão de São João Batista, padroeiro da cidade, que se realiza a 24 de junho.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Dispõe de 1 aeroporto com 2 pistas: 920 x 60 e 800 x 60, ambas com grama natural.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	...	...	1 506	767	2 586
1951	...	...	1 687	378	1 922
1952	...	...	1 987	569	2 023
1953	...	...	2 785	661	2 985
1954	...	...	2 826	792	3 525
1955	...	...	4 665	414	5 985
1956 (*)	5 995	14 184	6 552	1 637	6 200

(*) Orçamento.

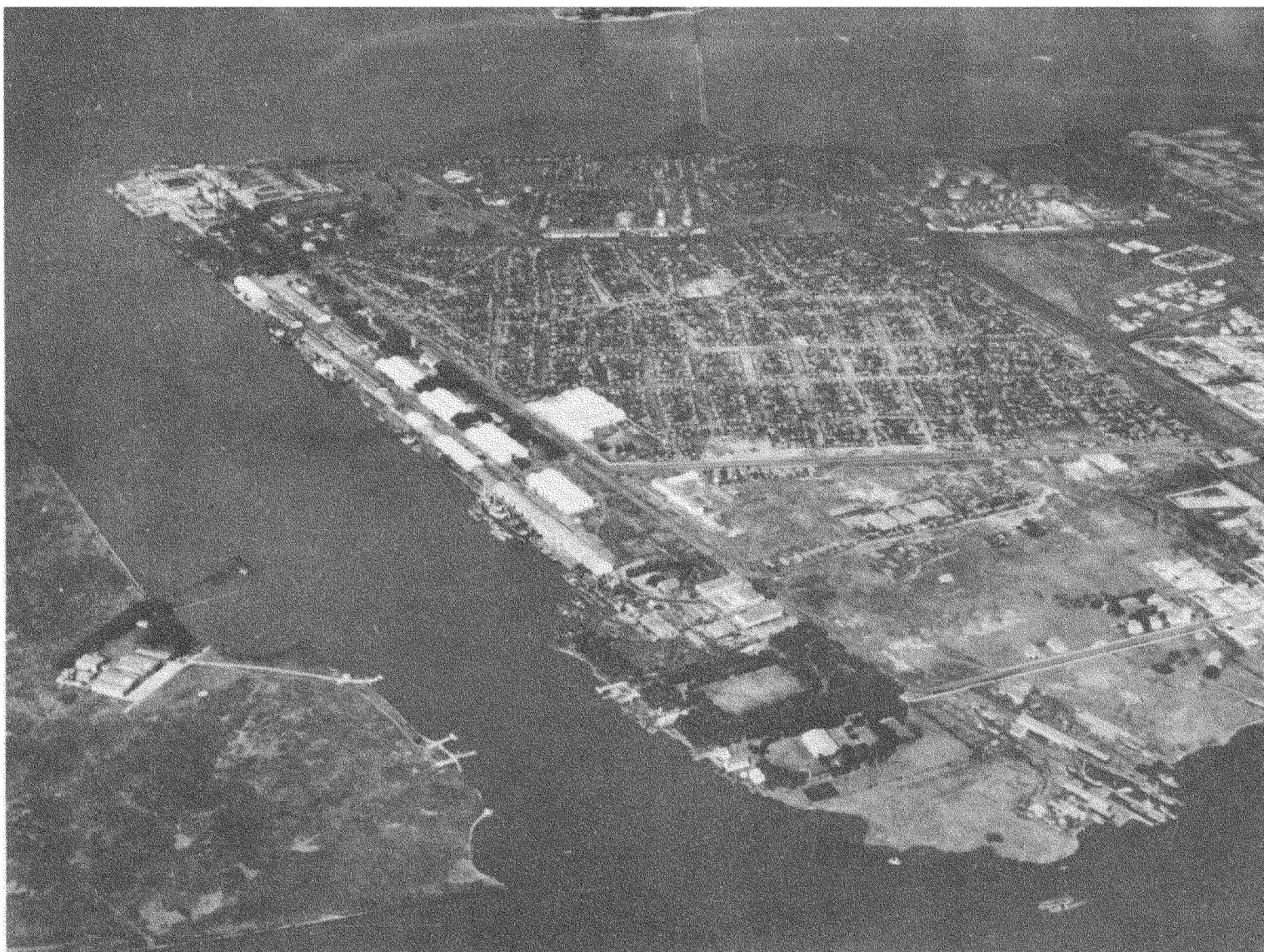
RIO GRANDE — RS

Mapa Municipal na pág. 227 do 10.° Vol.

HISTÓRICO — *Nota inicial* — O histórico do município de Rio Grande deve escandir-se em dimensões não permitidas para outros. Deve ser suficiente e necessàriamente longo para a devida exposição e compreensão das causas, conseqüências e circunstâncias da fundação dos primeiros estabelecimentos portuguêses no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, a presente síntese, além de abranger dados referentes ao município, não pode desligar-se de outros do Estado, que influíram de maneira direta ou indireta naquele.

Na realidade, o município de Rio Grande tem seus primeiros tempos de tal maneira amalgamados com os do Estado, que a história de um confunde-se com a do outro. Assim sendo, a presente síntese, no que tange a sua primeira parte, é também do Rio Grande do Sul em seus primeiros tempos.

Introdução — Diversos são os fatos que fazem de Rio Grande cidade e município de excepcional importância, dentro da história do Rio Grande do Sul.

Rio Grande foi o primeiro estabelecimento oficial dos portuguêses neste Estado, sendo consagrada a data de 19

Vista aérea do Pôrto Novo da cidade

de fevereiro de 1737 como aquela em que a soberania portuguêsa se exerce no meridião do Brasil.

Rio Grande é ainda a primeira vila, por Ordem de 17 de julho de 1745. Em virtude de, anos mais tarde, ser a vila ocupada pelos espanhóis, perde tal categoria, sendo restaurada novamente a 27 de abril de 1809, mesma data em que são criados os outros três mais antigos municípios do Rio Grande do Sul, quais sejam, Rio Pardo, Santo Antônio e Pôrto Alegre.

Durante o estágio de seu primitivo vilamento, foi Rio Grande a capital da nova região que Portugal incorporava; de 1737 a 1763 é sede do govêrno da nova terra conquistada.

Além disto, Rio Grande, mesmo antes de sua fundação, era alvo, havia muito, visado pelos lusitanos; a preparação do 19 de fevereiro foi longamente meditada e ponderada, antes de executada a operação.

No decorrer de revoluções, Rio Grande manteve-se fiel à causa da legalidade, quer em 1835, na Revolução Farroupilha, quer em 1893, na Federalista. Em ambas as lutas civis, o fato de Rio Grande, único sangradouro da Lagoa dos Patos para o Atlântico, ter permanecido ao lado do govêrno central, não só abalou os revolucionários, como tirou-lhes, consecutiva e inelutàvelmente as possibilidades de vitória.

Como único pôrto marítimo do Rio Grande do Sul, é por demais ocioso falar-se na sua participação fundamental dentro da economia do Estado.

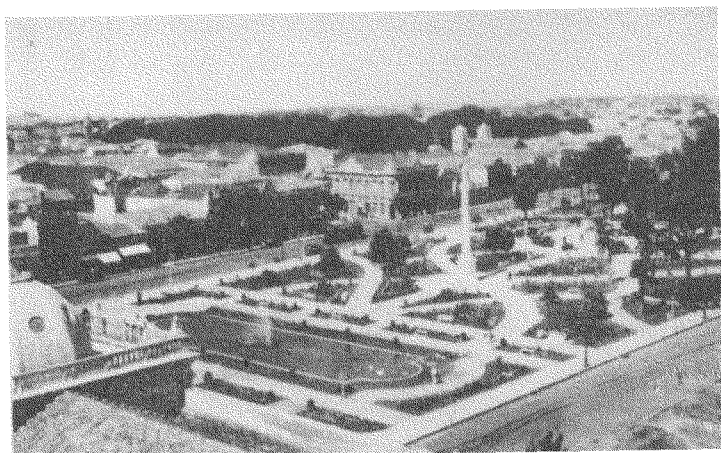
Centro industrial de destaque, importante praça comercial, terceira cidade quanto à população, merece Rio Grande, efetivamente, um lugar à parte na vida do Estado.

Compreendido o município dentro de seus limites atuais, está assentado sôbre solo arenoso, fisiográfica e geològicamente situado no litoral rio-grandense do sul.

Há alguma controvérsia quanto ao problema de quando e por quem Rio Grande teria sido pôsto nos mapas europeus. A atual tendência, adotada pelos autores mais abalizados, é a que se segue:

Descoberto o Brasil em 22 de abril de 1500, já no ano seguinte foi o litoral rio-grandense reconhecido pela expedição portuguêsa, comandada por André Gonçalves. Os únicos documentos escritos, conservados dessa expedição, são duas cartas de Américo Vespúcio, que a integrava.

Menciona o florentino que a viagem, a partir do Cabo de Santo Agostinho, para o sul, fôra sempre feita pela costa, da qual se afastou sòmente à altura dos 32°, ou seja, à da atual cidade de São José do Norte. Nada, porém, do litoral rio-grandense foi incluído em cartas geográficas, naquela oportunidade.

As primeiras denominações toponímicas do Rio Grande do Sul foram dadas por João Lisboa, pilôto de uma ex-

Praça Xavier Ferreira

pedição de 1514. Esta tomou o rumo do estuário do Prata, até alcançar o cabo de Santa Maria. No Livro da Marinharia, foram registrados os seguintes nomes: Angra do Batel, Rio dos Negros, Cabo da Ponta e Baía Apercebida, respectivamente aos 30, 31, 32 e 33 graus de latitude Sul e correspondentes ao litoral do Rio Grande do Sul.

O cabo da Ponta recebeu o nome de seu descobridor, João Lisboa, na carta de 1529, feita por Diogo Ribeiro, cartógrafo português, a serviço da Espanha. A latitude dêsse Cabo da Ponta ou João Lisboa é precisamente a da barra do Rio Grande, que Lisboa avistou de longe, tendo, por isto, a impressão de divisar um cabo.

A denominação de São Pedro, dada a Rio Grande, surgira mais tarde, precisamente em 1534, no mapa de Gaspar Viegas.

Há alguma controvérsia quanto à origem dêste nome.

Tudo indica, porém, que se trate de uma homenagem feita, pelo comandante da caravela Santa Maria, a Pedro Lopes de Souza. Essa caravela fôra destacada por Martim Afonso de Souza, comandante da frota que demandava o Prata, para procurar um bergantim, que desgarrara da expedição, à altura de Santa Catarina. A caravela navegou junto à costa, sendo-lhe determinado penetrar nas enseadas que encontrasse. A entrada mais notável será a de Rio Grande, que recebe o nome de São Pedro, e que Viegas irá registrar a 32 graus de latitude Sul, precisamente a posição astronômica da barra.

Tal ocorria em janeiro de 1532, oportunidade que se pode destacar como sendo a do reconhecimento da barra.

No decorrer dêsse século, raras serão outras viagens de reconhecimento. O litoral rio-grandense apresenta profundidades pouco pronunciadas, sendo muito fácil o encalhe de navios; por outro lado a linha da costa, retilínea, baixa, sem apresentar enseadas nem concavidades, não oferecia abrigo às embarcações.

A penetração no Estado não ocorrerá, por isto, pelo litoral, mas sim pelo interior, e não por portuguêses mas por espanhóis.

Pelo Tratado de Tordesilhas, firmado a 7 de junho de 1494 e que dividia o mundo em dois hemisférios, um espanhol e outro português, ficava o Rio Grande do Sul inteiramente dentro dos limites castelhanos.

Em 1532, no entanto, El-Rei de Portugal revelava a Martim Afonso de Souza seu plano de dividir em capitanias de 50 léguas de costa todo o território espraiado entre Pernambuco e rio da Prata. Efetivamente, tratava-se de uma violação a Tordesilhas, mas essa violação era inevitável e conhecida por ambas as partes, desde que a divisão preconizada era excessivamente artificial. No entanto, por motivos que permanecem pouco esclarecidos, não foi realizada a demarcação abrangendo o Rio Grande do Sul. Tudo indica, contudo, que houvesse temor de que graves atritos iriam surgir.

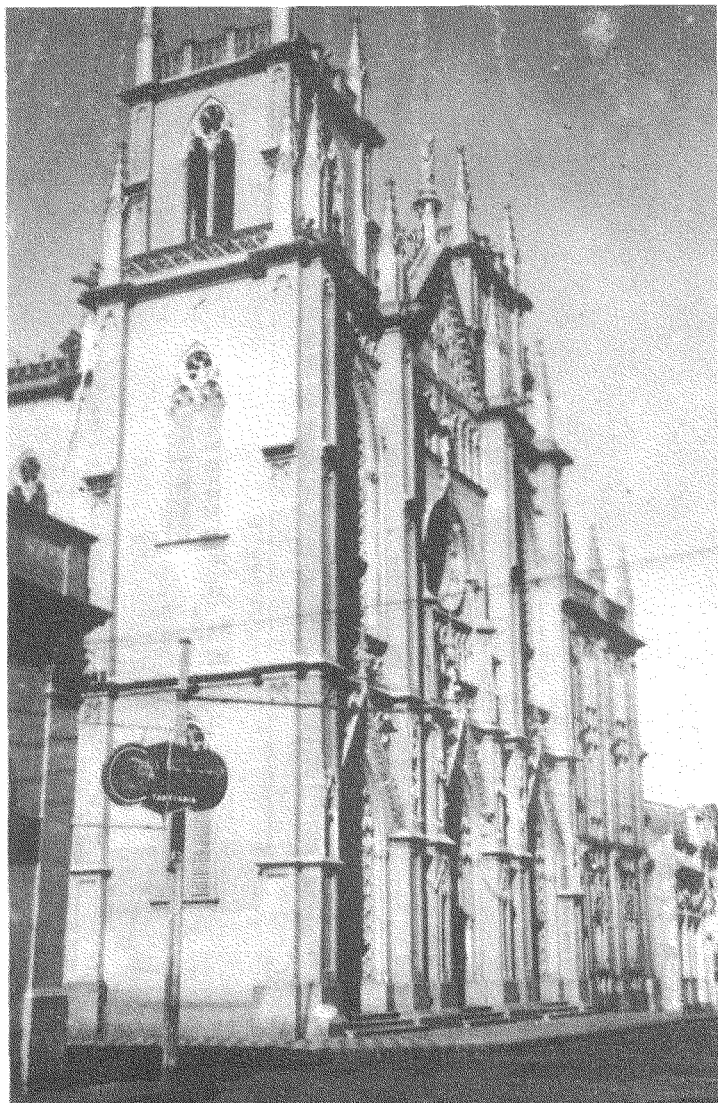
Os espanhóis, por seu lado, não descuravam, e em 1536 eram lançados os primeiros fundamentos de Assunção e Buenos Aires.

Em 1536 os espanhóis apossam-se das Filipinas, no Pacífico. Tal fato não teria maior importância, se não fôsse uma violação da partilha de Tordesilhas, com o alargamento por Espanha de 13 graus além dos 180 que lhe cabiam. Com êste precedente, seria tão freqüente a violação do Tratado, que de certa maneira passaria a ser letra morta.

Em 1573, há a primeira tentativa de penetração, via rio Uruguai. Juan Ortiz de Zárate e Hernandarias, adelantados do rio da Prata, tentam subir o curso do Uruguai, nada conseguindo, em vista da resistência oferecida pelos indígenas.

Ao iniciar-se o século seguinte, em 1618, o governador de Buenos Aires, Diogo de Gôngora, encarrega o Padre Jesuíta, Roque Gonzales de Santa Cruz, de civilizar e incorporar à Coroa de Espanha os índios e terras da margem esquerda do rio Uruguai.

Irá iniciar-se, assim, o primeiro ciclo jesuítico. A 3 de maio de 1626 o Padre Roque funda a Redução de São Nicolau, em terras atualmente pertencentes ao município de São Luís Gonzaga. Roque irá penetrar no interior, e em carta escrita em 15 de novembro de 1627, informa ao padre Nicolau Duran de uma incursão pelo Ibicuí, feita em fins do ano anterior: "De todo êste número de índios, do qual havia tanta fama que eram inumeráveis, serão 5 000 os que pertencem ao rio Ibicuí, mas não morando sôbre o rio, e sim, às faldas de uma cadeia montanhosa que se estende desde 40 léguas da redução dos Reis até o mar, sôbre o rio Mbiaza e alguns outros que correm para lá. Entre êles há um principal que chamam Aix (Jacuí), por onde, me disseram os índios, entravam portuguêses em navios pequenos, deixando os grandes em alto mar, para comerciar com êles, trazendo-lhes muita roupa do mesmo pano de que era a minha, que é fêltro e muitos chapéus, que é como êles chamam-me os sobreros". Com essa carta aparece impor-

Vista parcial da Praça Montevidéu

Igreja Nossa Senhora do Carmo

tante revelação, qual seja a do comércio exercido pelos portuguêses.

Êstes, pelo que se depreende da carta do padre Roque, penetravam pela barra do Rio Grande, deixando os navios no Atlântico, e avançavam não só pela Lagoa dos Patos como pelo Guaíba e Jacuí. Assim, ter-se-ia que o ciclo dos comerciantes portuguêses precede o ciclo das reduções jesuíticas.

Desta forma, para ser tão utilizada, òbviamente, a barra deveria ser bem conhecida.

Retornando aos Jesuítas, exerceram êstes atividade tão intensiva, que no curto espaço de 10 anos irão fundar nada menos de 18 reduções, cobrindo cêrca de um quinto da superfície do Rio Grande do Sul.

Essas reduções tinham como extremo norte proximidades da cidade de Passo Fundo; a leste, o rio Pardo; ao sul, ultrapassavam o Ibicuí, e, finalmente, a oeste, seu limite no Continente era o rio Uruguai. Nelas, dezenas de milhares de indígenas foram obrigados, sendo-lhes ministrados ensinamentos religiosos e leigos e instilados rudimentos de civilização.

Além disto, em 1634 será introduzido o gado bovino no Rio Grande do Sul, por iniciativa do padre Cristóvão Mendoza, em número de aproximadamente 2 000 cabeças. Êsse gado será destinado exclusivamente à reprodução, sem ser feito o abate; visava-se, assim, criar grandes rebanhos.

A existência das reduções, concentrando indígenas anteriormente dispersos pelas matas, atrairá a cobiça dos bandeirantes. A preia do bugre era o único negócio econômicamente razoável para os portuguêses, mercê da distância do Rio Grande do Sul aos centros populacionais de São Paulo.

E em fins de 1636 irá chegar às reduções Antônio Raposo Tavares, destruindo algumas, rechaçando os Jesuítas e aprisionando indígenas. De 1636 a 1638, redução por redução é aniquilada, e dezenas de milhares de indígenas são levados para o norte pelos bandeirantes.

Um fenômeno curioso e importante, que ocorre, é o de o gado bovino ficar sôlto pelo pampa, onde se reproduzirá e dispersará, livre do contato com sêres humanos, ou, eventualmente, sendo abatido para consumo pelos indígenas.

Destruídas as reduções, não havendo mais atrativo para as bandeiras, novamente o Rio Grande do Sul fica terra de ninguém, abandonado aos indígenas restantes. Êstes existiam em três grandes grupos: os guaicurus do sul, os gês tupinizados ou guaranis e os gês. Dêstes, os guaranis ou gês tupinizados foram os mais visados e preados pelos bandeirantes, desde que compusessem a maioria esmagadora da população das reduções, sendo conhecidos, entre outros nomes, predominantemente por tapes ou patos. Os gês, pertencentes à cultura primigênia, estavam alijados ao nordeste e extremo noroeste do Estado, ou seja, às regiões mais inacessíveis. Os do grupo guaicuru do sul, charruas, minuanos, jaros e outros estavam estabelecidos na região da campanha, tendo-se mostrado irredutíveis inimigos dos castelhanos e seus Jesuítas. Em tempo oportuno os portuguêses iriam explorar essa hostilidade, e estabelecer elos de efetiva amizade com os guaicurus e, em especial, com os minuanos.

Enquanto isto, na Europa, continuava a luta surda entre Espanha e Portugal, ambos visando, um a custa do outro, a ampliação de seus impérios coloniais.

Em 1676 a vantagem sorrirá a Portugal, em se tratando de jurisdição do Rio Grande do Sul. A Bula Romani Pontificis, de 16 de novembro dêsse ano, ao tratar do Bispado do Rio de Janeiro, dá-lhe como limite sul o rio da Prata. A Prelazia do Rio de Janeiro estendia-se da Capitania de mesmo nome, inclusive a do Espírito Santo, "usque ad flumem de Plata per oram maritimam et terras intus pro suo Diocesi..."

A 12 de novembro de 1678, D. Manoel Lopo, Governador do Rio de Janeiro, recebe Carta Régia com instru-

Outra vista da Praça Xavier Ferreira

ções de descer ao rio da Prata e fundar na ilha de São Gabriel uma nova colônia, para que "Meus vassalos possam residir nela e nas mais que se fizeram nas terras ermas de Meus domínios". Essas instruções tinham por objeto não só assegurar territórios de perspectivas fabulosas, como, e principalmente, defender o comércio marítimo. Tal se deve ao fato de serem os portuguêses os maiores comerciantes e mais capazes, práticos no estuário do Prata.

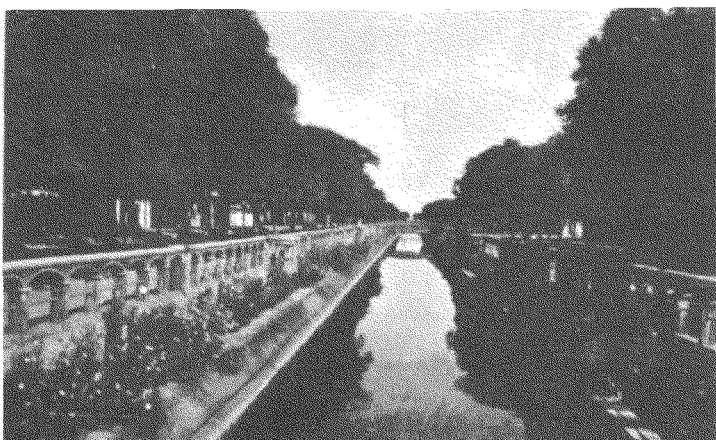
A 1.º de janeiro de 1680, D. Manoel Lobo irá fundar a Colônia do Sacramento. Aliás, quando se dirigia ao local, passando suas embarcações frente a Maldonado, viu exemplares de gado bovino, de surpreendente uniformidade e em enorme quantidade — eram animais descendentes daqueles introduzidos por Mendoza, e que, livres, haviam avançado pela linha do Vacacaí, transposto a coxilha de Santana e avançando em território uruguaio, até atingir a desembocadura do Prata.

Essa fundação de uma colônia em plenos domínios espanhóis não iria ocorrer sem maiores incidentes. A 7 de agôsto do mesmo ano, o governador de Buenos Aires, Dom José Garro, após severa luta, atacará a Colônia do Sacramento, aprisionando D. Manoel Lobo.

A 7 de maio de 1681 será restaurado o domínio lusitano na Colônia, em virtude do Tratado Provisório, assinado em Lisboa. Não seria cumprido de imediato, já que a devolução de fato deu-se mais tarde, em 1683.

Enquanto a pendenga da Colônia continuava oscilante, os jesuítas retornavam ao Rio Grande do Sul, novamente transpondo o rio Uruguai. A primeira redução que reerguem é a de São Nicolau, em 1682. Ao todo fundarão sete estabelecimentos básicos, conhecidos na história pelo nome das Sete Missões Orientais ou Sete Povos das Missões. Só que desta vez limitar-se-iam a dominar área mais reduzida, de modo a estarem os sete povos compreendidos dentro dos limites de três municípios, quais sejam: São Borja, São Luís Gonzaga e Santo Ângelo, aliás, três sedes municipais que têm por origem as missões.

No ano de 1684 vai ocorrer um fenômeno de importância considerável — a fundação de Laguna, situada em território de Santa Catarina. Laguna será o estabelecimento meridional do Brasil, último núcleo populacional, precedendo a Colônia no Prata. Todo o litoral do Rio Grande do Sul permanecia assim um deserto.

Em 1701, novo acontecimento: por meio de um Tratado, o soberano da Espanha cede, em função de seu artigo

Canalete (Rio Grande)

Monumento em homenagem a Marcílio Dias

14, o domínio da margem setentrional do Prata a Portugal. O domínio da Colônia ficava assegurado.

Pelo Tratado de 16 de maio de 1703, contudo, irá Portugal aliar-se à Inglaterra, Áustria e Holanda, contra França e Espanha. Essa luta vai atingir o estuário, e Dom Alonzo Valdez, após seis meses e meio de cêrco, toma a Colônia do Sacramento.

A 6 de fevereiro de 1715 é assinado o Tratado de Utrecht, pela qual a Espanha novamente cede a Portugal o território ao norte do Prata, de modo a retornar o estuário à condição de divisa entre ambos os impérios coloniais americanos.

Já atentava, assim, o soberano português à situação precária dessa Colônia, cuja sorte dependia tão-sòmente dos sucessos europeus, desde que, em luta armada, poucas fôssem suas possibilidades de enfrentar o assédio castelhano.

Sua medida vai ser, então, a de reforçar Laguna, de modo a servir esta de ponto de apoio à Colônia.

Em 1721, D. João, reconhecendo os serviços de Domingos Brito Peixoto, faz-lhe mercê de corpo de capitão -mor de Laguna.

Estavam assim bem assentados dois fortes estabelecimentos portuguêses nas regiões meridionais de sua colônia americana — Laguna e Sacramento. Entre ambos, no entanto, mais de mil quilômetros de costa permaneciam de-

Vista aérea da cidade

sertos. No litoral do Rio Grande do Sul não havia ainda marca de posse.

As possibilidades de dominar tal região, enfrentando todo e qualquer obstáculo, já surgiram aos olhos dos portuguêses.

A 8 de outubro de 1722, por exemplo, há a carta de D. Rodrigo César, enviada a El-Rei. Em seus têrmos, aparecia, de modo inconstestável, a ambição e o sério pensamento de ocupar a região. Dizia a certa altura que o Rei "não devia desprezar negócio de tanta importância, como também não dilatar a resolução de mandar povoar tôda aquela fronteira, de cuja capacidade, pela abundância e fartura, se pode fazer uma das maiores povoações da América". Acrescentava ser interessante dar estímulo e atrair os índios minuanos, não só "por serem muitos e dos de mais firmeza, como que pela oposição que têm dos castelhanos". Salvante o tom messiânico de Rodrigo César, há uma inelutável ciência dos assuntos tratados. Tal se deve a não ser desconhecida essa "fronteira", que separava a Colônia de Laguna — Já em 1703, quando, da luta com Valdez, alguns membros de Sacramento seguiriam a pé de um para outro estabelecimento. Além disto, se os portuguêses conheciam já a hostilidade dos guaranis, tinham conhecimento da inimizade crescente dos minuanos com os castelhanos.

Assim, não é de se estranhar que já no ano seguinte Francisco de Brito Peixoto mande mimos ao maioral dos minuanos, que lhe expressa seus agradecimentos. No mesmo ano, Peixoto, em Laguna, terá oportunidade de comprar 800 reses trazidas do Rio Grande do Sul por preadores espanhóis. Aquela riqueza — o gado — estava esperando apenas quem a fôsse colhêr.

Em 1725 sai de Laguna uma expedição, que ficará famosa com o nome de Frota de João Magalhães. Êste era genro de Francisco Brito Peixoto.

João de Magalhães desce de Laguna com 30 homens, em sua maior parte escravos e homens pardos. Diversos seriam os objetivos dessa expedição, sendo que a imaginação de alguns autores tem sobrecarregado a frota de responsabilidades.

Um dos objetivos, expresso e bastante claro, era o de escolher lugar conveniente, nas margens do Rio Grande; outro, de nesse local, se possível, erigir efetivamente uma povoação.

A respeito dessa expedição, é interessante recorrer-se ao Visconde de São Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro, que informa das preocupações que assoberbavam o capitão-mor de Laguna. Êste prendera, pouco antes, alguns indígenas e, após tratá-los bem, remete-os de volta às reduções de onde procediam, com uma carta na qual intimava os Jesuítas a se absterem não só de erigir reduções, como ainda de devassar o território por seus emissários. "Para estorvar semelhantes introduções furtivas, despachou ainda seu genro João de Magalhães com trinta homens, e com insinuação de os ir deixando estabelecerem-se por aquelas desertas paragens, e também de consertar aliança e amizade com os Minuanos".

Rio Grande era o nome genérico recebido pelas águas que corriam desde o estuário, que é o Guaíba, através da lagoa dos Patos, até a barra de Rio Grande. Depois a Lagoa vai receber êsse nome, não pelo animal, mas por causa de existirem em suas margens índios patos, que eram os mesmos gês tupinizados ou guaranis.

A expedição de João de Magalhães, ao que tudo indica, desceu até proximidades da atual cidade de São José do Norte, ou seja, à margem norte da barra do Rio Grande.

Retorna a frota sem erigir qualquer povoado, mas atendendo os objetivos de reconhecimento e de contato com os minuanos, bem como levando aprisionados 14 indígenas.

Câmara do Comércio

Em 1726, ao que tudo indica, começa a povoar-se o Rio Grande do Sul, em terras dos atuais municípios de Osório e São José do Norte — eram os criadores de gado que se estabeleciam.

Em 1727, é construída uma estrada por Francisco Souza Faria, a qual seria completada e melhorada em 1732, por Cristóvão Pereira de Abreu, o qual, naquele ano, levou 800 cavalgaduras suas para Minas Gerais, tendo-as trazido do Prata.

Em 1730 hão de chegar ao Brasil dois Padres matemáticos, Diogo Soares e Domingos Capassi, com o objetivo de cartear os sertões de Minas, bem como levantar mapas topográficos de várias regiões da colônia portuguêsa, tão imensa e tão pouco conhecida.

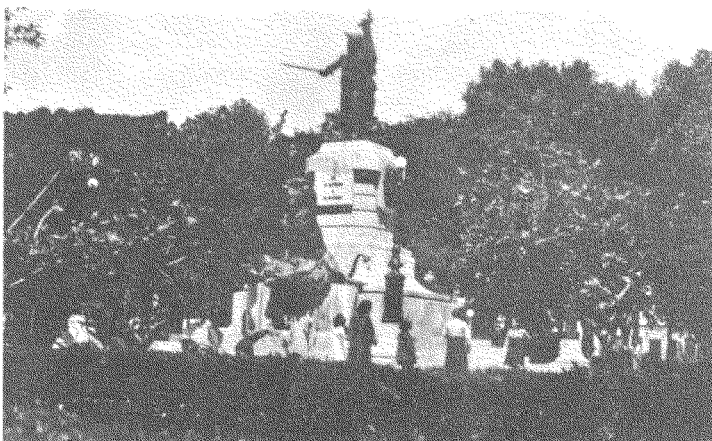
Êsses Padres seguirão rumo à Colônia do Sacramento, onde irão levantar fortificações e fazer plantas dos arredores. A 18 de janeiro de 1731 era enviada carta ao Padre Diogo Soares, lembrando-lhe a conveniência "de desembarcar em Maldonado e Laguna e na bôca do Rio Grande", para fazer observações dêsses lugares. Estava, portanto, aberta uma oportunidade ao estudo científico da barra e de suas margens. Porém, em dezembro dêsse ano, encontram-se no Rio de Janeiro, sem ter explorado o Rio Grande.

Em outubro de 1732 serão concedidas as duas primeiras sesmarias em território gaúcho — ambas no atual município de Osório. A primeira, com três léguas de comprido por uma de largo, estava situada na paragem chamada Couchas, sendo a doação assinada pelo Conde de Sarzedas, a favor de Manoel Gonçalves Ribeiro. A segunda, com iguais dimensões, pelo mesmo doador, contígua à de Manoel Gonçalves Ribeiro, a favor de Francisco Xavier. Ambos sesmeiros, em seus requerimentos, informavam já há anos se encontrarem naquelas paragens, dedicados à criação de gado.

Assim, em fins de 1732, e inícios de 1733, com a concessão de número considerável de sesmarias, inicia-se a ocupação efetiva e oficial do Rio Grande do Sul, por contingentes humanos não muito consideráveis quanto a seu número, mas assim mesmo preenchendo, em parte, o enorme vazio preexistente.

No ano de 1735, D. Miguel Salcedo sitia a Colônia do Sacramento, operação em que permanecerá até 6 de janeiro de 1736 — e embora não claudicasse, um susto mais havia sido raspado pelos portuguêses.

Assim, não é de se estranhar que a 9 de outubro de 1735 José da Silva Pais achasse imprescindível uma demorada averiguação das condições da barra do Rio Grande, dizendo em carta, a um dos padres matemáticos, Capassi, que estava em São Paulo: ". . . e digo a V. Rev.^{ma} quanto nos seria conveniente conservar a entrada do Rio (Grande) naquele rincão onde se acham alguns portuguêses nossos e se ainda

Prefeitura Municipal

Monumento a Bento Gonçalves

pudéssemos passar a mais de lhe arrebatar para nossa parte todos os gados que êles tiverem no Pampa".

Assim, a 5 de janeiro de 1736, em carta ao Conde de Sarzedas, Governador de São Paulo, informava Silva Pais que seguia a lancha que deveria conduzir o Padre Capassi. Acrescentava na carta Silva Pais: "Nunca mais que agora nos são necessárias tôdas as averiguações que se puderem fazer no Rio Grande, e as circunstâncias tôdas do país, porque além de que os castelhanos acaso nos tem roto a guerra por essas partes da Pampa e hão de valer para a subsistência do gentio com que a fazem, se acaso pudermos segurar gados e cavalhadas, passando-os para a parte do Norte, lhe tiraremos um grande socorro, como também nos utilizamos dessas vantagens". Tem-se desta forma uma idéia bastante precisa de todos os preparativos para a fundação de Rio Grande. E, como anteriormente, o gado bovino influía decisivamente nas posições e considerações de ambas as partes.

Nesse ano de 1736 o Conde de Sarzedas, autorizado por Carta régia, declara que a quem quiser vir para o Rio Grande de São Pedro, êle dará as sesmarias que pedir.

No mesmo ano ainda, o padre matemático fará levantamentos na barra, sendo que os mapas permanecem até nossos dias longe dos olhos do público — mas a atividade, as observações e sondagens, bem como as considerações feitas por Capassi devem ter sido exemplares, para, dois anos mais tarde, receberam de Gomes Freire o comentário de que eram "bela e inteligente ordem".

Êsse ano de 1736 é, efetivamente, o ano decisivo.

A 23 de março determina El-Rei, em Carta régia a Luís de Abreu Rêgo, para ficar êste de governador do Rio Grande do Sul, "porque não é menos importante segurar a baía do Rio Grande e campanhas circunvizinhas que igualmente pertencem aos meus domínios".

Fundação — E é então que surge a figura indômita e varonil de Cristóvão Pereira de Abreu, moldada a contento para estabelecer os fundamentos do domínio português na barra do Rio Grande. Sua capacidade fôra demonstrada já de há muito tempo, antes de 1732, ano em que abrira e melhorara a estrada para o norte.

Por que Cristóvão Pereira de Abreu? "Por lhe conhecer agilidade e préstimo com o muito conhecimento do país e gentio, o que não haverá em nenhum dos oficiais pagos desta guarnição", diria um superior.

Com a patente de coronel-de-ordenanças sai Cristóvão Pereira de Abreu de Minas Gerais, onde se encontrava, rumo a Rio Grande, conforme é noticiado por Silva Pais em 27 de fevereiro de 1736. Ao passar por São Paulo, recebe munições e fazendas na importância de 800$000, do Conde de Sarzedas.

Dentre seus objetivos, o principal na verdade era manter aberto o caminho que ligava Colônia a Laguna, enquanto que caprichavam os castelhanos em cortar as comunicações.

O Conde de Sarzedas, em carta ao Governador do Rio, informava "... que esperava a chegada de Cristóvão Pereira, homem de grande valor pelos seus conhecimentos da zona, que devia vir de Minas para mandar dar cabo de algumas pessoas que quisessem ir para a dita diligência do Rio Grande..."

Seguindo para o sul, magnético e decidido, ia constantemente aumentar sua recruta, pôsto trazer o bando de Sarzedas. Êsse edital do Conde de Sarzedas, datado de 20 de maio, oferecia vantagens a todo e qualquer acompanhante de Pereira.

Ao chegar à ilha de Santa Catarina, em princípios de julho de 1736, manda uma carta a Martinho de Pina e Proença, governador de Minas Gerais, onde diz que "a emprêsa de Montevidéu a não tenho por dificultosa, nem o será também obrigar o inimigo a levantar o campo se houver cavalos que montar ou 400 homens que lhe saíssem do Rio Grande".

Marcha, a seguir, para Laguna. Tais eram as vantagens oferecidas aos voluntários e seus familiares, que, ao passar pela vila, leva pràticamente tôda a população. No dizer de um contemporâneo, levou todos os homens capazes, "ficando na Freguesia só alguns velhos". Seu corpo chegou a congregar 160 homens.

Cristóvão Pereira de Abreu chega ao local onde hoje se encontra o pôrto do Rio Grande a 27 de setembro de 1736. Essa data é confirmada por documento que reza: "Diz Cristóvão Pereira de Abreu que chegando neste Pôrto, em 27 de setembro de 1736, com várias ordens de serviço de S.M. passadas pelo Ex.mo Sr. Conde de Sarzedas, Governador e Capitão-Geral da Capitania de São Paulo e do Ex.mo Sr. Gomes Freire de Andrade, mandou povoar e fazer uma chácara da parte do Norte em um capão pouco distante do pôrto". Tal chácara, no futuro, como será visto, ser-lhe-ia confiscada.

Balneário Cassino

Outra vista do Balneário Cassino

Êsse 27 de setembro de 1736 tende de maneira inefugível a ser considerado a data da fundação de Rio Grande. No entanto, a data festejada até hoje continua sendo 19 de fevereiro de 1737, como e por que se verá a seguir.

Mal chega Cristóvão Pereira de Abreu, toma providências oportunas e inteligentes.

"Dividiam-se em quatro companhias de que eram Capitães Francisco Pinto, João de Mendonça, José de Mello e Nuno Álvares Pereira... os quais reconheciam por seu superior o sobredito Cristóvão Pereira e seguiam as vozes do sargento-mor Francisco de Souza".

Além de acampar, começaram a erguer algumas edificações. Cristóvão comprou alguns cavalos domesticados, chegando a reuni-los num total de 1 500. Com êsses animais e com os homens de que dispunha, julgava-se Cristóvão Pereira apto a resistir às fôrças contrárias, e, no momento que chegassem os reforços prometidos, avançar sôbre Montevidéu.

No entanto, começam a surgir algumas dificuldades Não só não chegam os reforços, como os índios missioneiros, dirigidos pelos Jesuítas, promovem hostilidades. Além disto, os missioneiros interrompem o contato com a Colônia do Sacramento.

Nesse meio tempo, José da Silva Pais, brigadeiro, com sua frota tentava defender a Colônia do Sacramento. Esta teve de resistir a um assédio de vinte e dois meses, resistência que encheu de glória seu governador, Antônio Pedro de Vasconcelos.

Além disto, dentro dessa operação, Silva Pais tinha de expulsar os castelhanos da ilha de São Gabriel, ocupar e fortificar Montevidéu, e examinar a posição de Maldonado. Sua ação, contudo, ficou completamente frustrada diante de inesperados e volumosos reforços recebidos pelos castelhanos, tornando impotente e ineficaz o plano de Silva Pais.

Enquanto êste se via às voltas com tais problemas, Cristóvão Pereira de Abreu tomava diversas providências em Rio Grande.

Em ofícios a Gomes Freire de Andrade, em início de 1737, Cristóvão dará uma série de informações altamente preciosas. Comunica que promoveu hostilidades contra os tapes e recebera no pôrto uma embarcação com instruções de Silva Pais. Essas instruções determinavam a Cristóvão fôsse fundada a barra, executado um mapa do canal, um mapa do Rio Grande e um do passo onde Cristóvão se fortificara. Mais que isso, Pereira de Abreu colocara guardas nos locais de acesso e entrincheirara-se, montando quatro peças de artilharia no pôrto. Em suma, Cristóvão Pereira ali estabelecera uma verdadeira cidadela. Várias são as provas de tal fato. "Como garantia da posição levantou Cristóvão Pereira, no ponto escolhido, um pequeno fortim, e o armou com 4 pequenos canhões e estabeleceu dois postos de guarda". A carta de André Coutinho ao mestre-de-campo Côrte Real, escrita a 21 de março de 1737, é também bastante significativa: "A 1.º de fevereiro foi em uma esquadra de sete velas em demanda do Rio Grande de São Pedro, aonde já há meses está um Cristóvão Pereira de Abreu com 160 homens e diz que com 1 500 cavalos e 1 200 vacas para fazer uma povoação coberta com uma Praça na terra da pampa, que fica ao sul do mesmo rio e que será muito útil, se não mentem os srbitreiros e as nossas conjunturas e o permitirem os castelhanos".

Se a isto acrescermos o fato de em outubro de 1731 já haver reconhecido a região do pôrto e em 1733 haver escrito uma carta ao Padre Capassi, orientando-o nos trabalhos que êste viria fazer em 1736, é extremamente elevado o saldo favorável a êsse notável aventureiro, Cristóvão Pereira.

Em seu trabalho inédito, "A Bandeira de Cristóvão Pereira de Abreu", o Doutor Paulo Xavier aborda o assunto com rara felicidade, e, após analisar os fatos com que está relacionada a fundação de Rio Grande, declara: "É, como vimos, Cristóvão o autor da escolha do local para o pôrto e povoação, o primeiro a fortificá-la, e, ainda, o primeiro a povoá-la com tôda a sua tropa".

Outra das tarefas que Gomes Freire dera a Silva Pais, além das referentes a operações no estuário do Prata, era a de ocupar e fortificar o pôrto de Rio Grande de São Pedro.

E, assim, a 19 de fevereiro de 1737 chega a Rio Grande José da Silva Pais, onde havia meses o esperava Cristóvão Pereira de Abreu.

As naus trazidas por Silva Pais, seus duzentos homens, a maior parte Dragões de Minas Gerais, devidamente equipados, a organização exemplar do brigadeiro e, finalmente, a execução de um antigo e desejado plano, feito em têrmos oficiais, dão à data de 19 de fevereiro de 1737 incontestável importância, qual seja a da posse oficial e efetiva de Rio Grande, por Portugal.

A povoação, porém, surgira desde 27 de setembro do ano anterior.

Não há data exata para a fundação do forte Jesus-Maria-José, no pôrto de Rio Grande. Para maior facilidade, considera-se como data de fundação dêsse presídio, como era chamado o forte, o dia 19 de fevereiro, em virtude de nessa data começarem os beneficiamentos às instalações erguidas por Cristóvão Pereira.

Gomes Freire de Andrada reconheceria a capacidade de Pereira, aliás, quando, em carta ao Vice-Rei do Brasil, Conde das Gálvêas, declarava: "Cristóvão Pereira é homem de grande espírito e pôsto que paisano, encontro em êle admiráveis disposições para lhe encarregar o govêrno da Fortaleza do Rio Grande, não só pela atividade, que tem, mas pela grande atração que conserva com os gentios minuanos".

Pereira, contudo, não obterá êsse cargo. Aliás, ao exame dos documentos, mais e mais se vão tornando duvidosos os méritos de Silva Pais como estrategista, se bem que como organizador estivesse à altura da tarefa que lhe foi confiada. Lamentável, contudo, é seu comportamento em relação a Cristóvão Pereira. Se Silva Pais muito deu a Rio Grande, em nenhum momento mostrou o menor reconhecimento ao trabalho de Pereira. Após a insurreição dos Dragões em 1742, retornando a Rio Grande o brigadeiro, instrui que seja demitido Gomes da Silveira da Estância de Bojuru, e, mais ainda, "tomando-se também a estância de Cristóvão Pereira". A história, contudo, tem julgamentos significativos. E, como bem observa Paulo Xavier: "Sob o pretexto de aumentar a dita estância real ,arrebata Silva Pais ao intrépido coronel a sua fazenda; mas a posteridade não ligou seu nome a nenhum acidente geográfico do Rio Grande, enquanto gravou para sempre o do lesado coronel ao rincão que lhe fôra tomado e à ponta que do mesmo se projeta para a lagoa dos Patos, e, mais ainda, o faz lembrado no clarão do farol de seu nome que hoje guia os navegantes".

Excetuadas suas rixas com Cristóvão Pereira, Silva Pais prestou excelentes serviços.

Entre as medidas imediatas de Silva Pais, há o reforçamento das guardas estabelecidas por Pereira e criação de duas novas.

"Para mostrar que era tão soldado quanto católico, sem embaraçarem as operações militares os ofícios divinos, erigiu para os atos da cristandade templo dedicado à Senhora Santana, ministrando nêle os sacramentos, por ordem real, os padres capuchinhos missionários, Frei Francisco da Prússia e Frei Anselmo do Monte Veterano, os quais lançaram a primeira pedra a êsse edifício e exerceram as obrigações paroquiais".

Levantou Silva Pais, nos pontais da barra, "dois madeiros de extrema ordinária grandeza com cataventos nos remates para conhecimento dos rumos..."

Para proteger a retaguarda, que eram possíveis investidas de índios temerários, nas serras de São Miguel ergueu um forte com a mesma invocação.

E assim, "aprovadas tôdas as disposições de Cristóvão Pereira, como se das armas fôsse antigo defensor", tratará também do presídio. Aos poucos ergue-se uma fortaleza regular, com fossos, pontes elevadiças e quartéis, onde eram alojados os milicianos.

Um fato extremamente curioso, em relação à fundação de Rio Grande e, tanto quanto curioso, pouco conhecido, é o da freguesia de São Pedro do Rio Grande do Sul ter sido criada por Provisão de 6 de agôsto de 1736, ou seja, mais de mês antes da chegada de Cristóvão Pereira, e mais de sete meses antes da chegada de Silva Pais. A instalação da Freguesia ocorreria mais tarde, mas fôra criada antes mesmo da posse efetiva da terra.

Largos meses transcorrem, também, sem que as novas instalações recebessem comunicações marítimas, e de Laguna recebiam, por terra, um auxílio parcimonioso, mercê da falta de recursos daquela povoação.

Uma carta que em junho Silva Pais escreve a Gomes Freire fornece elementos dos primeiros contratempos cotidianos: "pobres soldados, que estão todos miseráveis de

Vista do frigorífico Swifft

roupas", "pois não lhes dou mais que um tostão por dia de trabalho, vou os animando a que brevemente teremos farinha, que é pelo que suspiram".

Entre outros aborrecimentos, Silva Pais teve alguns com os capuchinhos, chegados a 6 de abril. Ainda em 1737 começam a promover badernas, em nada atendendo seus paroquianos, esquecendo em absoluto a austeridade de costumes que lhes era exigida pelas vestes que trajavam.

Em virtude do comportamento relapso e nocivo dos sacerdotes, quiçá mais amigos do vinho que dos sacramentos, Silva Pais providenciou a remoção dos mesmos.

Em agôsto de 1737 irá organizar os Dragões do Rio Grande, com núcleo de 37 Dragões de Minas Gerais; êstes estavam destinados originalmente à Colônia do Sacramento, mas terminaram sediados em Rio Grande. Uma Portaria de 9 de dezembro do mesmo ano confirmaria essa situação.

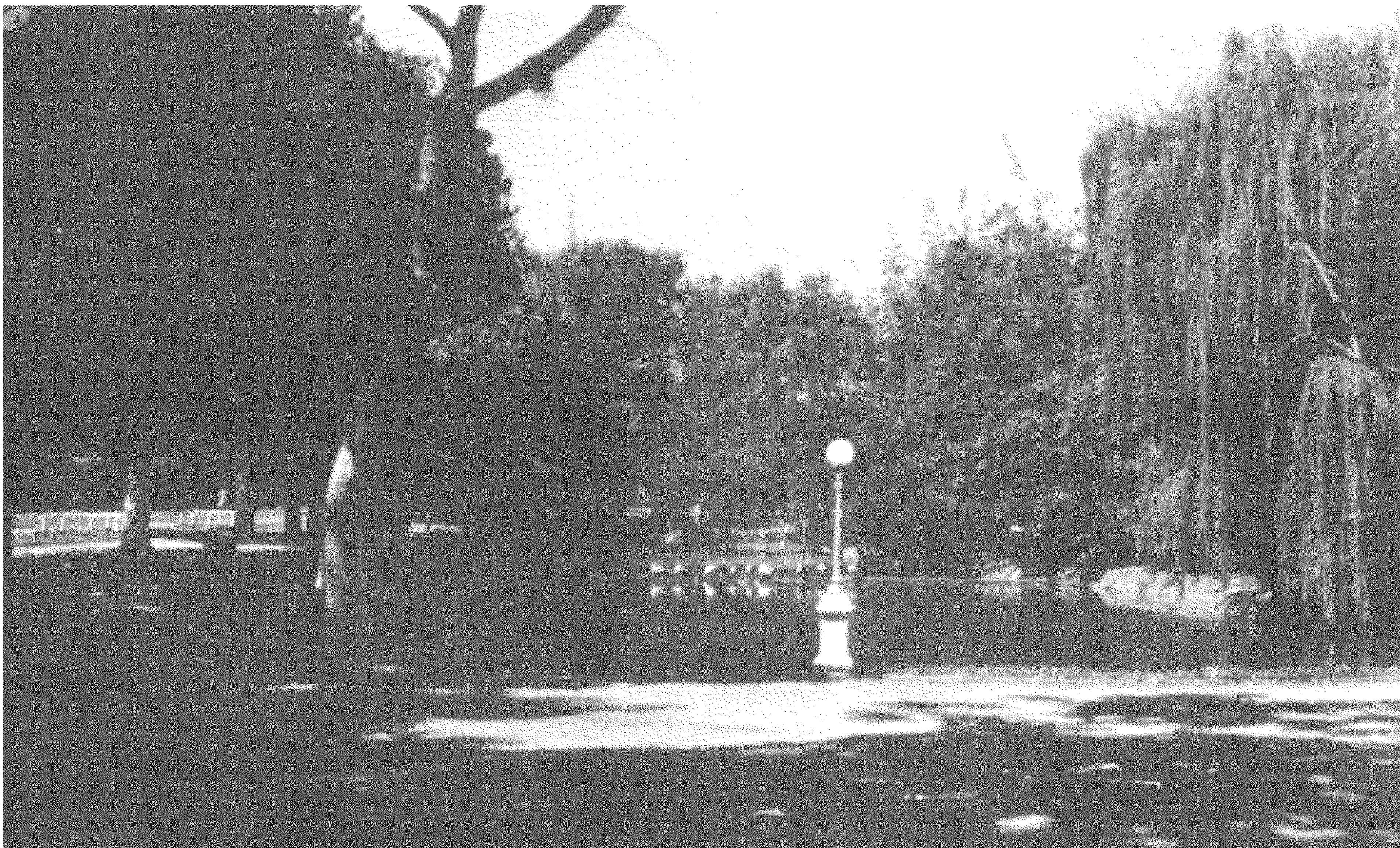
A 1.º de novembro de 1737, entra na barra a sumaca "Santo Antônio e Almas", trazendo os víveres, havia tanto esperados, as armas necessárias, bem como o primeiro contingente de moradores. Eram casais retirantes da Colônia do Sacramento, que se tinham refugiado no Rio de Janeiro, e agora levados a Rio Grande, onde começariam nova vida.

Manoel Francisco da Costa, da Colônia, foi o primeiro que, ainda nesse ano, construiu casa no Estreito, perto da ermida de Santana. Ao todo foram 67 pessoas, entre as quais contavam-se 12 escravos.

O capitão João de Távora, provàvelmente cunhado de Cristóvão Pereira, chega de volta a 4 de dezembro, com vinte homens de Laguna, encarregado de trabalhar nas obras de fortificação da barra.

E a 11 de dezembro de 1737, segue Silva Pais para Laguna, onde irá preparar as fortificações, continuando mais tarde para o Rio de Janeiro, onde a 5 de março de 1738 reassumirá o cargo de governador daquela Capitania.

O segundo administrador do Presídio é o Mestre-de-campo André Ribeiro Coutinho, que ficará no cargo durante três anos.

A 8 de janeiro de 1738 deseja guisamentos e passagens para si e seus escravos o Padre José Carlos da Silva, que vinha substituir os capuchinhos. Talvez tenha levado demasiado a sério essa substituição, pôsto ir o Padre tratar mais de seus próprios interêsses do que das obrigações do sacerdócio. Requer terra para estância, povoa-a de gados e faz largos negócios. Nada há de mais significativo do que uma declaração que mais tarde faria Silva Pais: "Parece

Vista parcial da Praça Tamandaré

infelicidade daquela terra que os eclesiásticos perturbem o sossêgo dela".

É êsse padre que providenciará na instalação da paróquia Jesus-Maria José, embora não esteja determinada a data.

A 3 de maio há o primeiro lançamento dos livros da paróquia: é registrado o óbito de Rosa, filha dos povoadores Antônio Pinto e Isabel de Lima, casal da Colônia. A 16 de junho aparece o primeiro batizado, que é de Albano, filho de Antônio Coelho e Maria do Rosário, casal do Rio de Janeiro. Não há lançamento dos casamentos, mas já nesse ano foram celebrados vários. Assim, nasciam, viviam, amavam, sofriam e morriam os povoadores da nova cidadela portuguêsa.

Nesse ano de 1738 inicia-se o trabalho da terra, com o nascimento da agricultura.

Os primeiros casais haviam recebido machados, enxós, enxadas, verrumas, escalpelos, ferro de arado, compasso, cal, e diversos outros instrumentos, bem como ajuda de custo de 12 mil réis cada um.

Também receberam os outros casais, diversos auxílios, destacando-se a concessão de terras onde trabalhassem e das quais ficassem donos.

Até fins de 1738 eram proprietários de chão para construção de casas na povoação: Luiza Fernandes, viúva; Lucas Fernandes da Costa; Maria Coelho, viúva de Valentim Quaresma; Maria de Assunção, viúva; Antônio de Souza Fernando; Manoel Francisco; João de Caldas; Manoel de Souza; Antônio Coelho; Antônio Francisco; Manoel Moreira Belo, vindo de Minas; Antônio Pinto, da Colônia; Miguel Moreira; Alexandre de Magalhães; Manoel Jorge; Manoel Gonçalves da Costa; Miguel da Costa; Álvaro Pessoa de Carvalho; Jorge de Souza Costa; Gervásio Dias; Manoel da Silva Vargas; Ana da Fonseca, vinda do Rio com 5 filhos; Antônio de Araujo Vilela; João Gonçalves Francês, vindo de Laguna; Inácia da Silva, do Rio de Janeiro; Maria da Encarnação, com seu filho Felipe de Abreu, da Colônia; Ana Maria da Conceição; Francisco de Seixas, espanhol, vindo de Laguna; Antônio Pais Sardinha e Inácia Maria Ramos, do Rio; João Garcia Dutra, da Colônia; Vicente Avogado; Miguel Cardoso Ferreira; Bartolomeu dos Santos; Sebastião do Canto Ribeiro; José da Costa; José da Cruz Cabral; Pedro da Costa Neves, da Bahia; Francisco Manoel de Souza e Távora; Manoel Duarte, de Laguna; Manoel de Jesus; Dionísio do Couto; Francisco Xavier Luís; Alexandre Francisco de Campos.

Êstes, que foram os primeiros a edificar na povoação de Rio Grande, como se pode observar, provinham em grande parte da Colônia, de Laguna e Rio de Janeiro, havendo inclusive um baiano, bem como um espanhol antes residente em Laguna.

Muitos soldados e oficiais vindos com Silva Pais também tinham erguido suas casas, como por exemplo o cirurgião do Presídio, Sebastião Gomes de Carvalho, que alega ser o primeiro morador da localidade. Entre êsses povoadores militares aparecem José da Cunha, sargento; José da Silva Pacheco, cabo baiano; Inácio da Costa, dragão; Estevão Ferreira, dragão; João Carneiro da Fontoura, inferior de dragões; José Mascarenhas Figueiredo, tenente; Francisco Barreto Pereira Pinto, tenente; José da Silva Bittencourt, soldado, e muitos outros.

No ano de 1738 chegam também diversas "marzuelas que vão aí buscar estado e aqui tinham desenvoltas", mandadas do Rio de Janeiro em abril, por Silva Pais. O Vis-

Vista parcial das docas

conde de São Leopoldo consideraria muito importante a participação dessas meretrizes no início do povoamento do Rio Grande do Sul; Aurélio Pôrto, após demoradas pesquisas, encontra apenas dez dessas "marzuelas"; Fagundes, finalmente, tendo em vista o casamento das mesmas, e a legitimação de seus filhos, julga estarem suficientemente redimidas. E, de fato, se inicialmente aparecem no Presídio com filhos naturais, logo são legitimados, por se terem casado e constituído família regular.

Ainda nesse ano de 1738 são concedidos rincões no litoral, destinados à criação de gado. Do município de São José do Norte, por Rio Grande, até o extremo sul do de Santa Vitória do Palmar, nota-se a colcha-de-retalhos das sesmarias, entre cujos proprietários aparecem o capitão José de Melo Tavares e o tenente José Tavares de Melo, no Rincão do Mercador; José Ferreira Chaves e Francisco de Souza e Faria; tenente Antônio Gonçalves Chaves, no capão junto a Francisco Xavier Luís; padre Manoel Henriques, no capão de mato junto à Olaria; Domingos Martins no rincão; João Diniz Álvares, no rincão dos Palmares; Manoel de Souza, no lago de Cuiubá; sargento-mor Francisco de Souza e Faria, no rincão do Albardão; José da Silva Souza, no Torotoma; Antônio Coelho, no rincão do Estreito e Antônio Rodrigues Sardinha, no mesmo rincão; José Carneiro da Fontoura também no rincão; José da Silva Valadares e Lucas Fernandes da Costa, na borda da lagoa Mirim; Domingos Fernandes de Oliveira, no rincão dos Palmares; Antônio de Souza Fernando, no rincão do Carro, junto a João Rodrigues Prates; Gervásio Dias, na Torotama; José dos Santos, junto a Souza e Faria; Cristóvão Pereira de Abreu; Gaspar dos Santos, no capão da bôca da lagoa Mangueira; Francisco Ribeiro Gomes, no rincão dos Palmares; capitão Antônio Gonçalves dos Anjos, na Ilha dos Marinheiros; João Antunes da Porciúncula, no capão; Manoel Jorge, na estância da charqueada Velha; Antônio José de Figuerôa e capitão José da Gama Lobo, a 3 léguas da charqueada, junto à sesmaria de João da Costa Quintão.

André Ribeiro Coutinho mostrava-se à altura da elevada responsabilidade de substituir o incansável Silva Pais.

Recebe paulistas, baianos, mineiros, cariocas, lagunistas de origem paulista e açoriana. Torna mais eficiente a defesa do Rio Grande, melhorando as instalações e ampliando-as. Funda a Estância Real do Bojuru, hoje em terras pertencentes a São José do Norte, que será administrada por Cosme da Silveira, outra importante figura dos primórdios do Rio Grande do Sul. Em 1738 a Estância contará com 1 500 éguas e 2 000 vacas "que já se achavam corridas", e mais 8 000 cabeças de gado bovino. Êsse Cosme da Silveira acompanhara a Frota de João de Magalhães; mais tarde será um dos fundadores de Viamão, bem como o primeiro morador da freguesia de Rio Pardo. Em Rio Grande plantou trigo e com suas vacas produziu o queijo "Bojuru", o primeiro citado por essa época.

Ribeiro Coutinho, com o auxílio e por intermédio de Cristóvão Pereira, consegue que os índios minuanos acampem nas proximidades de São Miguel, a fim de acorrer à defesa dessa fortaleza em caso de necessidade.

No decurso do ano de 1739 vários criadores estabelecem charqueadas e milhares de couros são exportados.

A 25 de janeiro de 1740, a igreja é elevada a matriz.

A 22 de dezembro de 1740, Ribeiro Coutinho abandona a administração da Comandância do Presídio, substituindo-o o comandante do Regimento de Dragões, Diogo Osório Cardoso, que se vai haver com rara infelicidade.

Durante doze anos governaria Diogo Osório, ocorrendo neste período a sublevação do Presídio.

Em 1739 não haviam chegado vestimentas — situação que continuou em 1740, sem que contudo ainda surgissem outros problemas. A árdua vida miliciana, as rondas, o arrebanhamento de gado, os eventuais atritos com o adversário — tudo isto findou por literalmente despir pouco a pouco os milicianos, sendo lamentável sua situação em 1741 e desesperadora ao iniciar-se 1742. Faltava alimentação também: 15 espigas de milho e uma abóbora era o rancho para 15 dias e a farinha faltava inteiramente.

O ser humano, no entanto, é capaz de sofrer até limites pouco explorados, desde que tratado com compreensão. O govêrno de Diogo Osório não só carecia dêste atributo, como ainda, acreditava na solução para problemas de ordem material.

20 meses de sôldo estavam atrasados, e, sem levar em consideração êste fato, não só dos milicianos era exigido, continuamente, serviço dobrado, como também eram brutalmente maltratados por seus superiores.

"Escandalizados também de serem maltratados, com palavras injuriosas, acutilados como sucedeu ao cabo de esquadra José da Costa Vasconcelos, ficando aleijado das mãos, e ao soldado João Vaz da Silva e Antônio Costa Soeiro, ficando também um, de um pé e outro de u'a mão, êstes promovidos pelo alferes Antônio José da Gama Lobo, e afrontados como sucedeu ao soldado Ignácio da Costa, sendo chamado à casa do capitão Tomás Luís Osório, donde a portas fechadas por dois mascarados com sacos de areia e clabrotes foi tão maltratado que o levaram para o hospital". E, assim, no dizer de São Leopoldo, "o desgosto, que na tropa fermentava pela falta de vinte meses de sôldo, do fardamento de três anos, e da penúria de munições de bôca, exacerbou-se um dia com a violência, que por impudicos motivos mandou um dos oficiais praticar em dois soldados, e fêz sua explosão a 5 de janeiro de 1742. — Encabeça essa insurreição o Regimento de Dragões.

Nomearam entre si os oficiais, continuando a fazer regularmente os serviços da praça, e não molestaram nenhum dos chefes, dos quais tinham amargas queixas. Juraram de-

fender o forte e manter a ordem, conservando lealdade a El-Rei.

Diogo Osório Cardoso vê-se obrigado a reconhecer a justiça das pretensões dos milicianos. Consegue na praça algum dinheiro, com o qual paga parte dos atrasados. Propõe a 14 de janeiro à Junta do Govêrno do Rio de Janeiro confirmação ao perdão que dera aos revoltos. Essa anistia vai ser confirmada por Gomes Freire, a 15 de fevereiro de 1742.

Em março chegará a Rio Grande Silva Pais, trazendo em mãos o documento de anistia. Estava debelada a crise.

Assim mesmo Silva Pais permaneceu algum tempo, tomando várias providências no sentido de sanar as conseqüências da insurreição, bem como e principalmente eliminar-lhe as causas.

No ano de 1742 aporta a Rio Grande uma armada inglêsa, que se destinava aos mares do sul. Nessa armada vinham muitos casais, e, como as viagens de então eram demoradas e longas, não é inédito que muitos fôssem os nascimentos durante elas. Vai daí que na igreja Jesus-Maria-José estejam assentados diversos batismos de filhos de inglêses.

Em janeiro de 1744 naufraga a nau francesa "Duc de Chartres", na praia da Xarqueada, sendo os sobreviventes levados a Rio Grande, onde chegam a 28 do mesmo mês e ano. O povoado viveu dias muito agitados, pela novidade da coisa.

Primeiro vilamento — O Conselho Ultramarino era um dos mais eficientes órgãos da administração portuguêsa, ao qual cabiam atribuições de larga envergadura e imenso espectro. Por sua decisão, em 3 de maio de 1745 é criada a vila de Rio Grande. Já havia algum tempo era pensado o assunto, porém a opinião de Gomes Freire, em contrário, retardou a iniciativa.

A elevação do povoado de Rio Grande à categoria de vila do Rio Grande de São Pedro é de notável importância à vida do Rio Grande do Sul — não pelo fato de representar o início do municipalismo no Estado, como por mostrar de maneira inequívoca a alta consideração que as paragens do Rio Grande mereciam no mais técnico e capaz órgão português.

A 11 de junho de 1745 é homologada pelo Rei a resolução do Conselho Ultramarino.

Essa deliberação é comunicada ao Vice-Rei do Brasil. O Conde de Bobadela, que ocupava êsse alto pôsto na ocasião, dá ordem ao Ouvidor de Paranaguá para instalar a vila de São Pedro. Por diversas razões, não se pôde desincumbir da missão naquela oportunidade.

Em meados de 1749 dá-se a elevação a matriz.

Administrando o Presídio ainda Diogo Osório Cardoso, em fins de 1749 chegam os primeiros casais açorianos ao Rio Grande do Sul, e, òbviamente, ao povoado principal, então o Presídio.

Tal ocorria após ter o soberano português anuído às representações dos habitantes das ilhas dos Açôres e Madeira, as quais estavam com uma densidade populacional que inquietava seus naturais. O soberano decreta então sejam transportados ao Brasil, e em especial ao sul, até quatro mil casais, à custa da real fazenda. Deveriam professar a religião católica e concordar em estabelecer-se na Ilha de Santa Catarina e no Continente de São Pedro.

Vista do pôrto velho

O transporte é arrematado por Feliciano Velho de Oldemberg, que se irá desincumbir da tarefa a contento.

Aos imigrantes, uma série de vantagens seria conferida. Receberia cada casal as armas e instrumentos indispensáveis ao trabalho; dois alqueires de semente, duas vacas, uma égua, e, no primeiro ano, farinha. Um quarto de légua em quadra também seria destinado a cada casal, para principiar sua cultura. Minuciosos, precisos e inteligentes, os regulamentos e instruções sôbre a matéria são em demasia extensos para uma transcrição integral.

O fato é que, havendo a deliberação sido emitida em 1747, em 1749 chegavam a Rio Grande os primeiros casais, embora em número reduzido, conforme pode ser constatado pelo exame dos livros de batismo, onde consta o assento de um ou outro filho dos casais.

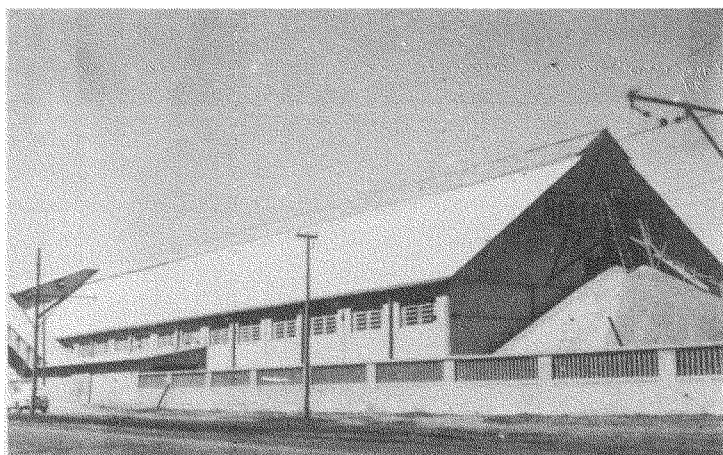
Em 1750 a situação de entrada permanece como no ano anterior — chegam sempre, mas em número pouco considerável.

Em 1751 ocorrerá o vilamento oficial, ou seja, a instalação da vila. O Conde da Bobadela dá instruções ao Ouvidor da Ilha de Santa Catarina para instalar a vila. Êste, que era Manoel de Faria, ao chegar à localidade, encontra o entusiasmo da população diante da execução do determinado havia mais de 6 anos.

E, a 16 de dezembro de 1751 é instalada a vila de Rio Grande de São Pedro, primeira vila e município de todo o Rio Grande do Sul.

Em 1752, a partir de janeiro, começam a registrar-se batizados de filhos de açorianos, em grande escala. São batizados nesse ano 25 filhos de ilhéus; no seguinte, 40; em 1754, 82; em 1755, 87; em 1756, 124, e assim por diante.

Também em 1752 será substituído Diogo Osório pelo tenente-coronel Pascoal Azevedo, o qual fôra nomeado comandante do Presídio por Carta Régia de 28 de junho. A 4 de outubro de 1752, ainda, falece o coronel Diogo Osório Cardoso, nas proximidades de Chuí. Diogo Osório não foi um administrador com qualquer mérito digno de menção, excetuadas sua boa vontade e honestidade; sua irremediável mediocridade, contudo, condenou-o a um plano bastante secundário.

Em 1752 chega a Rio Grande Gomes Freire de Andrada, de modo a torná-lo um ano prenhe de acontecimentos importantes.

Vista do prédio da indústria de adubos

Gomes Freire de Andrada vinha na qualidade de comissário por parte de Portugal na demarcação dos limites das colônias ibéricas na América.

Tratava-se da execução do Tratado de Madrid, firmado naquela cidade a 13 de janeiro de 1750. Tal tratado significava a renúncia de ambas as partes às pretensões constantes nos Tratados de Tordesilhas, Lisboa, Utrecht e na escritura de Saragoça, os quais, em princípio, baseavam-se no primeiro, ou seja, na divisão do globo em duas zonas, uma portuguêsa, outra espanhola.

Pelo Tratado de Madrid, em especial pelos artigos 13 e 14, enquanto Portugal cedia a Espanha a Colônia do Sacramento, outros estabelecimentos e a navegação no Rio da Prata, Espanha cedia a Portugal o território no qual estavam estabelecidas as Missões Orientais, e, no artigo 16 ficava determinada a obrigação dos jesuítas e índios missioneiros de abandonar a região dos Sete Povos.

A 17 de janeiro do ano seguinte, 1751, ainda em Madrid, seria ajustada uma última instrução a respeito do assunto, oportunidade na qual eram designados os principais comissários, ou seja, o referido capitão-general do Rio de Janeiro, Gomes Freire e o Marquês de Val de Lírios, Ministro do Conselho das Índias, o primeiro por Portugal e o segundo por Espanha.

A chegada do demarcador a Rio Grande, que ostentava grandes e importantes títulos, mais o fato de uma grande comitiva, oficiais e soldados a acompanharem, trouxe muita vida à vila.

Em outubro de 1752 têm início os trabalhos de demarcação, em territórios atualmente pertencentes ao Uruguai, à altura de Castilhos Grande, lançando-se o primeiro marco. A 6 de janeiro de 1753 era lançado um marco em Maldonado, a cinco léguas do pôrto de mesmo nome.

Após essa iniciativa, retorna Gomes Freire a Rio Grande, com parte de seus acompanhantes, enquanto Val de Lírios faz o mesmo em relação a Buenos Aires. Antes, contudo, tinham determinado seus representantes no lançamento dos outros marcos, até ser atingida a foz do Ibicuí.

Uma surprêsa atingirá a vila de Rio Grande, pouco tempo após. Os trabalhos de demarcação haviam cessado, mercê da hostilidade dos índios missioneiros.

Gomes Freire recebe ainda na vila as notícias completas: nas proximidades de Bagé os demarcadores tinham tido seu trabalho embargado por José Tiarajú, também conhecido por Sepé, que era Alferes Real do Povo de São Miguel. Em nome de seu Padre Superior e do Padre Cura, deu a conhecer aos demarcadores que êstes não tinham qualquer "direito para tirarem-lhes aquelas terras, que Deus e São Miguel lhes tinham dado". Como crescesse o número de índios, foi lavrado um auto e retiraram-se os demarcadores.

A comitiva portuguêsa recolheu-se à Colônia do Sacramento e a Espanhola a Montevidéu.

A 1.º de julho de 1753 na ilha de Martim Garcia, os espanhóis e portuguêses acertarão seus planos de combate contra os missioneiros.

Os indígenas, por seu lado, contìnuamente hostilizavam os estabelecimentos portuguêses, e, ao iniciar-se o ano de 1754 o forte Jesus-Maria-José de Rio Pardo vai ser assaltado duas vêzes. A 29 de abril há um combate violento, no qual os índios tentam tomar o forte. O insucesso impede-lhes as possibilidades de vitória e, numa investida tão temerária quão bem sucedida, Francisco Pinto Bandeira cai sôbre 53 indígenas, aprisionando-os todos, mais Sepé. Êste consegue escapar quase que imediatamente, usando de hábil estratagema. Os indígenas restantes são mandados a Rio Grande, a fim de serem interrogados por Gomes Freire. Vivos chegaram apenas 15, sendo os demais chacinados, ao tentarem amotinar-se no navio que os conduzia a Rio Grande; êsses quinze seriam tratados com humanidade e, mais tarde postos em liberdade.

Nesse ano de 1754 irá Gomes Freire para visitar o forte de Rio Pardo, que já se estava tornando lendário, — parte de Rio Grande a 28 de agôsto. Em Rio Pardo, contudo, ver-se-á a 14 de novembro do mesmo ano, obrigado a firmar um armistício com os indígenas.

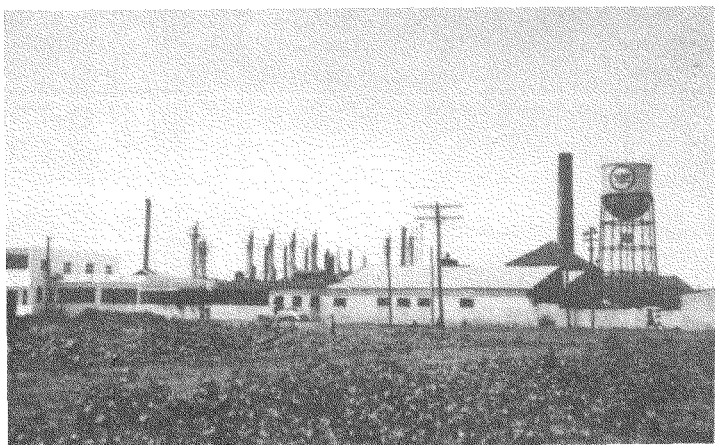
Retorna a Rio Grande, onde passará pràticamente o ano todo de 1755 a preparar uma campanha maior, mais acertada e eficiente contra os indígenas.

Recolhidas a seus quartéis, as tropas gozaram ócio no correr dêsse ano, sendo a monotonia quebrada apenas pela inauguração da nova Igreja. Será abandonada a invocação de Santana, e voltará à primitiva de São Pedro. Tal ocorre a 25 de agôsto de 1755, sob as bênçãos do Bispo do Rio de Janeiro. Essa igreja está em pé até nossos dias, tendo sido tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional.

Em dezembro fica acertada a campanha, entre os espanhóis e portuguêses, a fim de, finalmente, evacuar os Povos das Missões.

A coluna de Gomes Freire parte de Rio Grande nos primeiros dias de 1756, contando com 1 600 combatentes, possuindo 7 peças de bronze de calibre 2, e 3 de calibre 1. Nas nascentes do Rio Negro irá encontrar-se com a castelhana, no dia 16 de janeiro, cuja coluna possuirá 1 700 homens, mais 9 canhões de campanha, sob o comando de D. José Andonaegui, sendo imediato dêste D. Joaquim José Viana.

As tropas conjugadas marcharão imediatamente e a 7 de fevereiro acampam à margem direita da nascente principal do Vacacaí, então chamado Guacacaí.

Na margem oposta é avistado um grupo de indígenas, e ao escurecer é feito um ataque aos mesmos, sob o comando de D. Joaquim José Viana. Ao primeiro choque fogem os indígenas, rodando num buraco de tatu o cacique Sepé;

Poços da refinaria de petróleo

alcança-o Viana e pespega-lhe um tiro de pistola que lhe rouba a vida.

Muito embora êste episódio não seja dos mais impressionantes, nem Sepé seja figura de relêvo especial, uma auréola de glória cerca o velho cacique, a tal ponto de ser chamado por alguns contemporâneos de "primeiro caudilho rio-grandense", o que não deixa de ser um pouco estranho, mercê lutasse contra os portuguêses, formadores efetivos da nacionalidade brasileira.

A 10 de fevereiro é que se trava o combate decisivo. O corregedor Nicolau Languiru, comandante dos indígenas, com 2 500 indígenas, aguardava os aliados. O resultado da ação não deixa de ser extremamente surpreendente, por isso que morreram 1 500 indígenas e 100 dêles ficaram prisioneiros, enquanto que dos aliados apenas 3 morreram e 28 ficaram feridos. O combate, melhor, chacina, é chamado de Caiboaté, ficando o local nas proximidades da atual cidade de São Gabriel.

"Ainda hoje o viandante sensível e bom contempla com horror essas planícies, onde iludidos, bisonhos e desarmados índios foram empenhados por destros conselheiros em desigual combate contra tropas aguerridas e bem petrechadas", comenta o Visconde de São Leopoldo.

Efetivamente, os preparativos bélicos dos aliados haviam-nos habilitado a destruir exércitos de primeira ordem; em lugar dêstes, encontraram indígenas cujas armas em sua maior parte eram lanças e flechas.

Após vencerem essa resistência, que foi a única considerável, as tropas continuaram seu avanço arrasador, demolindo povo por povo das Missões. O general espanhol fica em São João, com seu exército, enquanto que Gomes Freire de Andrada aquartela por dias em Santo Ângelo. Dois meses mais tarde irá a Rio Pardo, de lá retornando a Rio Grande.

Não recebera o território missioneiro.

Em 1759 retorna Gomes Freire ao Rio de Janeiro, após haver passado sete anos no Rio Grande.

A Comandância Militar do Rio Grande, subordinada à Capitania de Santa Catarina, fôra depois transformada em Govêrno Militar diretamente dependente do Rio de Janeiro, em situação semelhante à de capitania de segunda ordem.

Por carta Régia de 9 de setembro de 1760 é o Rio Grande elevado à categoria de Govêrno Independente, desmembrado assim da Capitania do Rio de Janeiro.

O primeiro Governador foi o coronel Inácio Elói de Madureira, que prestou homenagens em 8 de dezembro de 1760, embora que pela vila de Rio Grande tão-sòmente.

Inácio Elói de Madureira foi guindado a êste alto pôsto, em parte devido a ter sido um dos mais eficientes e prestimosos auxiliares de Gomes Freire de Andrade. Seus atritos com o Provedor da Fazenda, contudo, prejudicariam sua administração. Além disto, pouco após sua posse, nuvens pesadas e ameaçadoras surgiriam no horizonte político europeu e a tempestade não tardaria a desabar sôbre a América.

Dominação Espanhola — A 12 de fevereiro de 1761 é assinado o Tratado de El Pardo, que vem anular o Tratado de Madrid. Em outras palavras, a Colônia do Sacramento retornava a Portugal e as Missões à Espanha. Os últimos onze anos haviam assistido ao massacre dos indígenas, à expulsão dos restantes e dos jesuítas — e agora um tratado tornava inútil tôdas aquelas lutas.

A 15 de agôsto de 1761 é assinado um tratado entre França, Espanha e Nápoles, o qual ficou conhecido com o nome de Pacto de Família, pôsto nêle ingressarem apenas representantes da casa de Bourbon. Portugal, embora convidado, não aderiu ao mesmo porque êste visava à destruição do poder marítimo da Inglaterra, país aliado de Portugal.

A 30 de abril de 1762 é Portugal invadido por 57 000 soldados franceses e espanhóis. E, a 15 de julho dêste ano, o governador de Buenos Aires informa ao Conde da Bobadela que as hostilidades se iam iniciar no Sul.

Desde 6 de junho de 1761 estava bloqueada a Colônia — esta será intensivamente bombardeada por Zeballos, o Governador de Buenos Aires, a partir de 5 de outubro de 1762.

A 29 de outubro a guarnição da Colônia capitula, pois seus 900 homens nada mais podiam fazer ante os 4 000 castelhanos que os assediavam.

Em março de 1763 tem início a invasão do Rio Grande do Sul, avançando Zeballos com 6 000 homens, 20 peças de artilharia e 4 morteiros, iniciando as hostilidades sôbre o forte Santa Tereza. Êsse bastião cai a 19 de abril e a 23 de abril o de São Miguel.

Estava iminente o ataque a Rio Grande: Zeballos manda à frente o capitão Molina, com 500 homens.

Desde janeiro instruções da Junta Governativa do Rio de Janeiro determinavam a evacuação da vila de Rio Grande para o norte do canal, onde se deveriam estabelecer as linhas de resistência.

Elói Madureira, contudo, permanecera na vila.

O pânico se estabelece ao tomar a população conhecimento da iminência do ataque. Os últimos retirantes chegam a ser atropelados pela vanguarda espanhola.

A 24 de abril de 1763 o estandarte de Castela tremula na vila de Rio Grande. Elói Madureira perdera-a sem oferecer resistência.

Os retirantes, em parte, fugiram ao Rio de Janeiro e Laguna; outros, para a Capela Grande de Viamão, que serviria como sede do Govêrno até 1773; outros ficariam em terras de São José do Norte, na margem norte do canal.

Não mais Rio Grande seria sede do Govêrno do Rio Grande do Sul.

A 12 de maio de 1763 chega Zebalos a Rio Grande e logo a seguir manda seja ocupada a margem norte do canal.

Sòmente após estar seguramente colocado, Zeballos irá surpreender os leais súditos portuguêses com uma notícia — a paz entre os beligerantes fôra assinada a 10 de fevereiro de 1763, e a comunicação dêsse evento fôra por êle recebida a 8 de maio, ou seja, antes de penetrar o mesmo, triunfalmente, em Rio Grande.

As instruções que Portugal e Espanha tinham acertado eram bastante rigorosas, pôsto ordenassem a suspensão de tôda e qualquer hostilidade.

Zeballos, temerário e arrogante, irá comunicar o fato a Madureira nos seguintes têrmos: "Despues de dehechas las fuerzas portuguesas con el favor de Dios por las armas de mi cargo, y teniendo ya todo pronto para la conquista del terreno septentrional, há llegado a mis manos, con harto pesadumbre de mi pecho, la suspension de armas, y debiendo esta ser tanto de agrado de V.S....".

Oficiais de ambos os lados tiveram que assinar uma convenção, a fim de determinar os limites entre as possessões das partes interessadas.

O documento foi firmado por Antônio Pinto Carneiro, por parte dos portuguêses, e por D. José de Molina, pelos espanhóis, levando a data de 6 de agôsto de 1763.

Acordaram em não praticar atos de hostilidade; o pôrto de Rio Grande ficaria privativo dos domínios de Espanha; todo comércio e tôda embarcação sòmente poderiam passar com autorização do governador espanhol; não seria dado asilo a ladrões de gado, antes sendo entregues presos à parte prejudicada; e, finalmente, uma estância, denominada Tratada, na parte norte do canal, seria o limite entre os dois domínios.

Enquanto as fôrças portuguêsas mostravam-se desarvoradas, e as populações lusitanas fugiam espavoridas, à tôda custa, para longe do invasor, os castelhanos gozavam em Rio Grande sua vitória, e dela faziam grande alarde.

Nada se sabe ao certo da sorte que atingiu os poucos paisanos que ficaram em Rio Grande, ou que em sua fuga foram aprisionados pelos castelhanos. Alguns certamente terão encontrado a morte, enquanto que outros terão sido levados a centros populacionais castelhanos, como o de São Carlos, por exemplo. Nada há de certo quanto ao assunto, contudo. O padre José Carlos, que fizera largos negócios ao tempo de ser vigário de Rio Grande, deserta para os castelhanos quando êstes dominam a vila.

Mais um motivo de amargura, mais uma humilhação sofreram os portuguêses, ao tomar conhecimento de que o Tratado de 10 de fevereiro de 1763, não era cumprido e, em especial, no que se tratava de seu artigo 21. Segundo êste, Espanha comprometia-se a entregar a Portugal a Colônia do Sacramento, as ilhas adjacentes e a vila do Rio Grande. A Colônia, de fato, foi entregue, não porém Rio Grande e as ilhas, sob a alegação de que a Colônia era a "única que legìtimamente pertencia a Portugal antes da guerra".

No ano de 1764 é substituído o governador Madureira pelo coronel José Custódio de Sá e Faria, o qual toma posse a 16 de junho.

Sá e Faria, aguerrido e intrépido, decide reconquistar Rio Grande, embora as instruções recebidas em contrário. Essa ação foi efetuada à revelia do Vice-Rei do Brasil.

José Custódio assina uma ordem de ataque a 28 de maio de 1767, ressalvando as responsabilidades da Côrte Portuguêsa e do Vice-Rei.

Para efetuar êsse ataque, Custódio consumira parte do ano anterior, em preparativos de eficiência discutível. Os castelhanos tomaram conhecimento do perigo e não só se puseram à espreita de qualquer agressão, como protestaram contra ela antecipadamente.

Chuvas abundantes criaram novos e prementes embaraços a Custódio, que, mesmo assim, não desanimava. José Marcelino comandava 520 homens e tinha vindo do forte de São Caetano, na lagoa dos Patos, com 2 saveiros, 2 lanchas e 30 canoas; o mau tempo impediu a junção de 200 dragões a essa tropa. A chuva, além disto, complicou extremamente as ações. Soldados saltaram de seus botes para atoleiros, inutilizando armas e munições, e arriscando serem sorvidos pelo tremedal. A artilharia inimiga funcionou com uma precisão inesperada, e com poder de fogo imprevisto. Às 8 horas da manhã de 29 de maio de 1767, retiram-se os portuguêses, vendo malograda sua tentativa de reconquistar Rio Grande.

Nem por isto Custódio esmoreceria. A 1.º de junho marchavam sôbre os fortes estabelecidos do outro lado da barra, onde atualmente se ergue a cidade de São José do Norte. Os 200 castelhanos que ali estavam estabelecidos, prevendo o insucesso que os aguardava, preferiram retirar-se para o outro lado, servindo-se de um bergantim, após terem destruído as instalações que utilizavam. Assim, a margem esquerda do canal passava aos portuguêses.

Tais fatos refletiram-se imediatamente na Europa, iniciando-se a seguir um dos sutis e complicados jogos diplomáticos de queixas e desculpas. Espanha protesta, Lisboa prova sua inocência, bem como a do Vice-Rei do Brasil. O jôgo foi longo e demorado, sendo que no final tudo ficou como o haviam decidido as armas: Rio Grande com os castelhanos e São José do Norte em mãos lusitanas, servindo de base militar para futuras operações.

Dois anos depois seria substituído o coronel José Custódio de Sá e Faria pelo coronel José Marcelino de Figueiredo, o qual aparecera anteriormente como comandante das fôrças atacantes a Rio Grande e São José do Norte.

A posse ocorre a 23 de abril de 1769, e Marcelino iria mostrar-se homem à altura das dificuldades iminentes.

Alguns anos transcorrem sem maiores eventos — a crise estava latente. Logo após a nomeação de João José de Vertiz Y Salcedo para Governador de Buenos Aires, deflagrarão os conflitos.

Em novembro de 1773, Salcedo transporá o estuário do Prata, cruzará o deserto território entre a Colônia do Sacramento até a fronteira do Rio Pardo, no caminho providenciando na ereção do Forte de Santa Tecla.

Salcedo tinha um plano tão simples quanto grandioso: derrubar os dois bastiões — lusitanos no Rio Grande do Sul — Rio Pardo e Pôrto Alegre — e continuar sua jornada até onde o pudesse.

Nesse ano de 1773 a sede do govêrno passara de Viamão para Pôrto Alegre.

Enquanto Salcedo avança desde Buenos Aires, com 1 400 homens, de Rio Grande, Corrientes e Missões, novos contingentes convergem sôbre Rio Pardo.

A defesa, porém, foi magistralmente preparada por José Marcelino. Deixa 513 homens em São José do Norte, e com os 314 com que contava em Rio Pardo, inicia uma série de operações temerárias.

A primeira, confiada a Rafael Pinto Bandeira, será a de surpreender a coluna procedente das Missões. Eram 600 os castelhanos, que tinham por comandante a D. Antônio Gomes, e apenas 120 os homens com que investiu Pinto Bandeira. O combate leva o nome de "Surprêsa de Santa Bárbara", e teve como resultado a prisão do comandante espanhol, 4 oficiais, 80 soldados, além da apreensão de 1 200 cavalos, 300 muares, 100 bois e copioso material bélico. Êsse 3 de janeiro de 1774 custaria muito caro a Salcedo. Êste ignorava o acontecido com a coluna confiada a Antônio Gomes, e, avançando sôbre o Rio Pardo, sofreria dois encontros, respectivamente a 10 e 14 de janeiro.

No combate do dia 14, travado sôbre o Tabatingaí, a sorte, após pender de um para outro lado, irá sorrir aos portuguêses, entre os quais voltará a brilhar Rafael Pinto Bandeira.

Os castelhanos, contudo, estavam sôbre Rio Pardo, e, por mais heróicos que se mostrassem seus defensores, pouca e frágil era a resistência que poderiam oferecer ante um adversário cujo número era esmagador.

Marcelino aproveita a desesperada situação para deixar saber Salcedo do ocorrido à coluna das Missões, bem como simula receber no forte grande número de soldados bem armados e descansados.

Ante o desconhecido, titubeia Salcedo e sua indecisão o perde, claudicando a 16 de janeiro de 1774, quando comunica a Marcelino que, após ter feito uma simples operação de reconhecimento, via-se obrigado a retornar.

Salcedo, efetivamente, no dia seguinte, 17, retira-se, repontado por uma partida sob o comando de Pinto Bandeira.

A incursão de Salcedo, que desta forma não teve maiores conseqüências, deu azo aos portuguêses a que contassem e declarassem ter chegado o momento de retomar Rio Grande.

Tropas até então concentradas no Rio de Janeiro, descem ao sul, concentrando-se, em fins de 1774, 6 717 homens. Era êste o maior exército de tropas regulares até então concentrado no Brasil, o que serve para dar uma medida da importância atribuída a Rio Grande.

O comando da expedição estava a cargo do tenente-general João Henrique de Böhm, um dos mais hábeis e afamados auxiliares do Conde de Lippe. Comandando a artilharia, vinha o sueco Jacques Funck.

O primeiro objetivo visado foi Santa Tecla.

Para essa emprêsa Böhm designa Rafael Pinto Bandeira, que parte de Rio Pardo nos primeiros dias de janeiro de 1776, pondo o forte em assédio em fins de fevereiro.

Cercado o forte, com uma tenacidade inesperada por parte de Rafael, até então conhecido apenas por sua habilidade e ímpeto, os sitiados capitulam a 26 de março.

A guarnição castelhana foi declarada livre, retirando-se 210 soldados e 8 graduados. No dia seguinte foi o forte arrasado e seus restos incendiados pelos vencedores, valendo tal operação a Rafael Pinto Bandeira a nomeação de coronel-de-legião.

A seguir, é acertado o tão esperado ataque a Rio Grande.

Na margem setentrional da barra, ou seja, em São José, são concentrados grandes contingentes.

A 19 de fevereiro de 1776 chega uma esquadrilha sob o comando de Mac-Dowell, composta por 9 embarcações com 110 peças e 770 homens. A entrada da esquadrilha na barra foi festejada pelos espanhóis com uma sangrenta salva de artilharia, pipocando depois, violentamente a metralha, vinda das baterias e navios — e 3 embarcações, 13 mortos e 26 feridos foi o tributo pago por Mac-Dowell àquela imprudência.

Enquanto essa vitória exaltou o ânimo do inimigo, Böhm simulava indiferença ou mesmo abatimento.

A 31 de março transcorre o aniversário da rainha, Dona Mariana Vitória. O astuto general prepara para essa data grandes festejos, que têm início pela manhã. Os castelhanos, convencidos de que nada tinham a temer, face a euforia e festejos do adversário, afrouxam a resistência.

Böhm preparara para a madrugada que surgiria, o ataque, tão violento quanto imprevisto. Sequer parte do alto comando sabia de seus planos.

Às 3 horas da madrugada do dia 1.º de abril de 1776 inicia-se a operação de reconquista de Rio Grande.

O forte de Santa Bárbara é atacado por 200 homens, o forte da Trindade por quatro companhias, a Ponta da Macega por 150 milicianos — o primeiro assalto é vitorioso nos dois primeiros fortes.

Imediatamente, a esquadra lusa ataca a espanhola, pondo-a em fuga e fazendo de imediato quatro baixas sôbre as oito naus que escapavam.

Os espanhóis concentram-se no forte da Barra, o qual era o mais poderoso. No entanto, mesmo ali, seriam esmagados. Na manhã do dia 2 resolvem escapar. D. José Molina, que os comandava, pede 3 dias para evacuar a vila; o prazo que lhe é concedido é de 3 horas. E, ainda na manhã do dia 2, retiram-se os castelhanos, numa precipitada fuga.

Tinham decorrido 13 anos de dominação espanhola, e finalmente Rio Grande voltava a fazer parte da América Portuguêsa.

Em 2 de abril de 1776 tremula novamente a bandeira portuguêsa em Rio Grande.

Segundo vilamento — O que antes fôra uma vila, apresentava um aspecto desolador — casas ardiam em chamas, cadáveres estavam estirados nas ruas, nos bastiões, na igreja, os despojos lançados nas sargetas.

Enquanto novamente procura reanimar-se a localidade, e refazer seu aspecto de núcleo populacional, são feitas operações militares para garantir a conquista.

A 1.º de outubro de 1777 na Europa seria assinado o Tratado de Santo Ildefonso; mais uma vez eram as fronteiras delimitadas e suas questões regulamentadas.

A povoação, a que se reduzira a vila de Rio Grande, nesse último quartel do século XVIII ficou relegada a situação secundária. Estavam os anos de guerra muito próximos, ainda.

Mesmo assim, há uma tentativa construtiva, qual seja a da agricultura. Em 1780, dado mais antigo de que se dispõe, 1 126 alqueires de trigo são plantados.

Além dêste, outros grãos eram semeados. Em 1787 a produção sobe a 9 614 alqueires, sendo Rio Grande superado apenas por Mostardas e Estreito. O trabalho agrícola apresentava alto rendimento e as perspectivas pareciam ser as melhores.

Muitas têm sido as explicações para o aniquilamento vertical da agricultura açoriana, não só em Rio Grande como em todo o Rio Grande do Sul. Uma seria a de que a ferrugem teria aniquilado as plantações de trigo — mas a ferrugem não poderia ter destruído inteiramente as colheitas, e sim apenas prejudicar em parte a safra. Outra seria o fato de que o govêrno comprava a produção, sem pagá-la, ou seja, levaria simultâneamente o capital e o lucro dos triticultores. Esta tem fundamento maior. A alegação de que a falta de transportes é que destruiu as possibilidades de desenvolvimento da agricultura teria certa dose de verdade, mas não compreenderia ainda a maior parte da verdade.

O fato é que o Rio Grande do Sul não tinha qualquer cidade importante, melhor, não tinha cidade alguma — os centros populacionais eram de proporções mesquinhas. Em outras palavras, não havia centros consumidores em tôda a região. A produção devia então enfrentar um frete elevado, a fim de procurar atingir as regiões mais ao norte. E o frete era de tal maneira elevado que tornava antieconômica a produção. Isto, aliado à ferrugem, à má vontade e à inépcia do govêrno, fizeram para a triticultura uma cova sete palmos funda. A triticultura subsistiu até o primeiro quarto do século XIX.

Inicia-se o século XIX com a conquista das Missões: Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, com 40 homens, expulsam os espanhóis daquelas plagas. Uma imensa região é incluída no mapa do Rio Grande do Sul.

A 30 de janeiro de 1803 é empossado governador o chefe de esquadra Paulo José da Silva Gama. Por Carta Régia de 15 de julho de 1804 é criada a Alfândega em Rio Grande, ocorrendo a instalação a 1.º de outubro do mesmo ano.

A 19 de setembro de 1807, por Decreto Real, o Rio Grande do Sul passava à categoria de Capitania Geral, com a denominação de Capitania de São Pedro, ficando-lhe subordinado o govêrno da Ilha de Santa Catarina.

O primeiro capitão-general foi o Brigadeiro D. Diogo de Souza, mais tarde Conde de Rio Pardo, nomeado pelo mesmo ato que criou a capitania.

Sua posse, contudo, só ocorreria a 9 de outubro de 1809, quando recebe o govêrno de Paulo José da Silva Gama.

Antes de sua posse, foi assinada uma Provisão, em 27 de abril de 1809, dividindo a Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul em quatro municípios, a saber:

1.º — Pôrto Alegre, constituído das paróquias de Nossa Senhora da Madre de Deus, Nossa Senhora da Conceição de Viamão, Bom Jesus do Triunfo e Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia;

2.º — Rio Grande, constituído das paróquias de São Pedro do Rio Grande, Nossa Senhora da Conceição do Estreito e São Luís de França das Mostardas;

3.º — Rio Pardo, constituído das paróquias de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo, Santo Amaro, São José do Taquari e Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira;

4.º — Santo Antônio da Patrulha, constituído das paróquias de Santo Antônio da Patrulha, Nossa Senhora da Conceição do Arroio e Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria.

Em outras palavras, eram criados os quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul — Rio Grande era pela segunda vez elevado a vila, pois seu primeiro vilamento fôra anulado pela invasão e dominação espanhola.

O município de Rio Grande possuía, ao ser criado, os seguintes limites: "Foi constituido de todo o istmo que fica entre a costa do mar, a lagoa dos Patos, desde a Estância da Xarqueada, que foi do capitão Pedro Pereira Maciel, até a povoação do Norte; todo o istmo desde a vila de São Pedro até Santa Tereza, entre a costa do Mar, a lagoa Mirim e seu sangradouro. Da barra do Rio Jaguarão pelas suas vertentes até Bajé, e arroio Piraí pela coxilha que divide as águas do Camaquã até Gabriel Machado, e descendo pela margem direita do mesmo rio a desaguar na lagoa dos Patos pela sua Caixa Setentrional".

O município de Rio Grande abrangia assim uma área de aproximadamente 41 000 quilômetros quadrados, e dentro de seus limites estavam compreendidos os atuais municípios de Arroio Grande, parte de Bagé, Cangussu, Erval, Jaguarão, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, o próprio Rio Grande atual, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte e São Lourenço. Ao ser criado, mais tarde, o de Bagé, êste avançaria em terras primitivamente de Rio Pardo, de modo a caber a Rio Grande, indiretamente, ainda o de Dom Pedrito, que se desmembrou de Bagé com aquelas terras.

Rio Grande, em superfície, era o segundo em tamanho, seguindo imediatamente a Rio Pardo, o qual compreendia 156 000 quilômetros quadrados, ou seja, mais da metade do território gaúcho.

Outra curiosidade a apontar é que do território primitivo de Rio Grande desmembraram-se, como acima foi visto, 13 municípios, dos 118 existentes em 1957; seria o que menor número de municípios iria gerar, seguido por Santo Antônio que originou 15.

A freguesia de São Pedro do Rio Grande, uma das três que compunha o município, tinha os seguintes limites: "Todo o istmo desde a vila de São Pedro até Santa Teresa, entre a costa do Mar, a lagoa Mirim e seu sangradouro. Da barra do rio Jaguarão pelas suas vertentes até Bagé, e arroio Piraí pela coxilha que divide suas águas ao Camaquã até Gabriel Machado, e descendo pela margem direita do mesmo rio, a desaguar na lagoa dos Patos, pela sua Caixa Setentrional".

A instalação do município e vila de Rio Grande ocorreria dois anos após a criação, ou seja, em 1811. A 12 de fevereiro de 1811 seria instalada a vila, ou seja, no mesmo ano em que ocorreria uma campanha militar, intervenção dos exércitos comandados por D. Diogo de Souza, capitão-general do Rio Grande, na Cisplatina.

Interessante é transcrever o Auto do Levantamento do Pelourinho: "Ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e onze anos aos doze dias do mês de fevereiro do dito ano nesta nova vila do Rio Grande de São Pedro do Sul onde foi vindo o Doutor, Ouvidor e Corregedor da Comarca Antônio Monteiro da Rocha em conseqüência da Provisão retro e sendo aí por êle convocadas tôdas as pessoas da Nobreza, e povo, estando todos presentes e se levantando o Pelourinho, aliás e se levantou o Pelourinho, em que estavam tôdas as insignias competentes que denotam a Jurisdição Real a cujo ato se alternarão por três vêzes as palavras "Viva o Príncipe Regente Nosso Senhor", e levantando assim com esta Solenidade o dito Pelourinho houve o Ministro por Formada esta nova Vila, e mandou fazer êste auto, em que assinou com a Nobreza e povo, que a êste ato assisti eu Guilherme Ferreira de Abreu Escrivão da Ouvidoria". (Seguem-se as assinaturas).

Se a população de Rio Grande não aumentava, ou ao menos aumentava mui lentamente, tal se devia ao desencanto produzido pelo fracasso da agricultura, e daí buscassem os colonizadores terras para criar gado. De 1789, época em que decai a triticultura, a 1814, é abundante a concessão de sesmarias; tôda a fronteira do sudoeste rio-grandense é retalhada em troços de três léguas de fundo por uma de largo.

Em 1814, a população de Rio Grande será de 3 590 habitantes, segundo as melhores estimativas: abrange todos os moradores efetivos do município.

Em 1816 é feita a segunda intervenção da Capitania nos negócios da Cisplatina, desta vez sendo objetivo fundamental levar o limite sul do Brasil ao estuário do Prata. Essa luta durará até 22 de janeiro de 1820, quando será definitivamente desbaratado o exército de Artigas, glorioso caudilho uruguaio, e frustrada, por mais algum tempo a independência da Cisplatina.

Embora essas lutas da Cisplatina não se travassem dentro dos limites do atual município de Rio Grande, êste era atingido de modo indireto pelos sucessos militares.

Em 1820 Auguste de Saint-Hilaire passa por Rio Grande. Êsse homem era dotado de notável senso de observação, e seus comentários são dignos de transcrição:

"A cidade estendia-se outrora bem para o lado oeste. As areias encobriam, entretanto, ruas inteiras".

A influência das lutas da Cisplatina é bem retratada, quando informa: "Não resta dúvida de que esta cidade apenas começou a florescer depois da insurreição das Colônias espanholas, datando daí a edificação da maioria das casas mais importantes que ainda hoje se veem". "Mas, depois da guerra, Rio Grande tornou-se o centro dêsse comércio — carne sêca — e por isso um importante pôrto para o Brasil". Em sua obra, Saint-Hilaire observa ainda ser Rio Grande centro comercial, além da carne sêca, de couros, sebo e trigo produzidos na Capitania. Êsse progresso econômico estampava-se com sobrada evidência: "Negociantes ricos os há em quantidade; o mobiliário das casas e a aparência dos homens demonstram geralmente a abastança".

A população da vila orçava pela casa dos 2 000 habitantes, enquanto a Paróquia de Rio Grande alcançava 5 125 pessoas, das quais 1 770 eram escravas.

As moléstias mais comuns são as doenças de peito e da garganta e os reumatismos que provêm das contínuas mudanças de temperatura — os ventos, renovando os ares, tornavam desconhecidas as febres intermitentes, informa ainda o viajante.

Quanto à vida social da vila, também esta mereceu a atenção de Saint-Hilaire: assiste a um Te-Deum, acompanhado por música, e a um baile. "Vários padres, entre os quais o cura da paróquia assistiram ao baile, e um dêles fazia parte da orquestra. Todos estavam de sotaina. O baile teve início poucos instantes após a chegada do Conde. Nunca vi coisa mais monótona. Era quase preciso obrigar os homens a tirar as senhoras para dansar, e, excetuado o Conde ninguém conversava com o elemento feminino".

Por essa época Rio Grande era importante centro exportador, e a Alfândega auferia rendas elevadas. A exportação do trigo era ainda feita em larga escala. De 1805 a 1819 a média de exportação foi superior a 100 000 alqueires anuais, passando de 250 000 em 1813 e 1815.

A vila de Rio Grande, assim, gozava de excelente situação financeira, num verdadeiro surto de prosperidade.

Em 1822 dá-se a Independência do Brasil, acolhida, primeiro com surprêsa, depois com regozijo, na vila.

Com a criação do Reino Unido, as capitanias haviam passado à denominação de Províncias. O primeiro Presidente da Província do Rio Grande do Sul, foi José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo.

Êsse Presidente trará ao Rio Grande do Sul os primeiros imigrantes alemães, que tocarão em Rio Grande em inícios de julho de 1824. Vinham no bergantim Protetor, procedente do Rio de Janeiro, e aquêles 43 sêres humanos eram predestinados a uma radical transformação da fisionomia da Província.

De 1825 a 1828 vai ocorrer mais uma luta na Cisplatina, desta vez culminando com a independência do Uruguai. O município de Rio Grande mantinha ainda seus limites primitivos, sendo assim atingido com a ocupação de Bagé pela vanguarda argentina, a 16 de abril de 1827. Os argentinos penetraram pelo litoral lagunar até as proximidades de Camaquã, de onde retornaram, não sem efetuar depredações e saques, pràticamente devastando tudo que encontraram pela frente.

Terminada a luta, o desenvolvimento das regiões periféricas do município de Rio Grande irá produzir a desagregação dêste, que gerará outros.

No ano de 1830 sofrerá os primeiros desmembramentos.

Por decreto de 7 de dezembro de 1830 é criado o município de São Francisco de Paula, hoje Pelotas; por decreto de 15 de dezembro do mesmo ano, criado o de Piratini. Eram respectivamente o sétimo e oitavo municípios da província, havendo entre os mesmos e os quatro primitivos, os de Cachoeira e de São Luís Leal Bragança, ambos desmembrados de Rio Pardo.

O de Pelotas seria instalado a 7 de abril de 1832, e o de Piratini a 7 de junho do mesmo ano — de Piratini iriam desmembrar-se mais tarde os municípios de Bagé, Pinheiro Machado e Cangussu.

No ano de 1831, por decreto de 25 de outubro, é desmembrado de Rio Grande o município de São José do

Norte, então criado. Em 1832, por decreto de 6 de julho, é criado o de Jaguarão, do qual mais tarde iriam sair Arroio Grande e Erval.

Assim, para dizer, em golpes consecutivos no correr de dois anos, foi Rio Grande despojado de quase todo seu território, restando-lhe muito pouco para ser pulverizado.

Nesse ano de 1832, a 3 de janeiro, surge o jornal "O Noticiador", por iniciativa de Francisco Xavier Ferreira, fundador do jornalismo nessa cidade.

Em 1833 um outro viajante ilustre passará por Rio Grande, desta vez Arsène Isabelle. Na localidade encontrará um teatro que acabava de ser levantado. Além disto, importantes construções erguiam-se, e tudo "à custa dos negociantes da cidade". A população de Rio Grande é calculada em 4 000 habitantes.

E, enquanto a localidade prospera, a Província fermenta seu rancor contra o govêrno central, contra a regência e a monarquia.

As administrações relapsas na Capitania e Província, o desleixo observado no setor burocrático, bem como no financeiro e no militar, faziam propaganda aberta da insurreição. A revolta brotava como que pregada pelos dirigentes centrais.

É nomeado Presidente da Província o gaúcho Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, homem inteligente e moderado. Tal moderação, à primeira vista de encomenda para solucionar a longa crise, iria de fato perdê-lo. O atrito entre diversos grupos regionais se intensifica.

Rio Grande Cidade — E, em meio dessa tempestade submersa, Rio Grande prosperava. A 27 de junho de 1835 a vila de Rio Grande é elevada à categoria de cidade, sendo entusiásticos os festejos.

A fala do Dr. Braga, na Assembléia da Província, em 1835, é desastrosa: denuncia tramas secretas que atentariam à integridade do Brasil. A oposição quase o esmaga nos debates e na agitação que se seguiu e, em sessão secreta, Braga retrata-se.

Já os fatos se precipitavam e, a 20 de setembro, explode a Revolução Farroupilha, que, durante 10 anos, abalaria o Rio Grande do Sul e o Brasil, num sangrento, heróico e doloroso conflito civil.

No clarear do dia 20 de setembro, com a entrada de um piquête revolucionário em Pôrto Alegre o Presidente Fernandes Braga foge da capital, e refugia-se na novel cidade de Rio Grande.

A partir dessa data a 15 de junho seguinte dá-se a dualidade de govêrno no Rio Grande do Sul.

Após a partida do Dr. Braga reúne-se a Câmara e a Assembléia em Pôrto Alegre, e o 4.º Vice-Presidente, Marciano Pereira Ribeiro assume a Presidência da Província, enquanto Braga é Presidente em Rio Grande.

A regência nomeia José de Araujo Ribeiro, que passa por Rio Grande em fins dêsse ano, e a 9 de dezembro de 1835 deveria tomar posse em Pôrto Alegre. Os revolucionários, e dêstes os da ala republicana, dão a entender a Ribeiro que sua posse seria seguida de violências inauditas. Êste, não só por essa ameaça, mas também devido a provocações, algumas mesquinhas, outras ostensivas, retira-se de Pôrto Alegre. Ao passar pela cidade de Rio Grande, será convidado por Bento Manoel Ribeiro e diversos outros militares, a tomar posse perante a respectiva Câmara Municipal. E, de fato, em Rio Grande, a 15 de janeiro de 1836, toma posse o novo Presidente da Província.

Para apoiá-lo foi fundado o jornal "O Liberal Rio-Grandense", considerado pela crítica de então, "um dos mais notáveis da época".

E, comandando as operações desde Rio Grande, Araujo Ribeiro poderá assistir a queda de Pôrto Alegre ante as fôrças imperiais a 15 de junho de 1836, ocasião em que é aprisionado o outro Presidente, Marciano Pereira Ribeiro.

A sede do govêrno volta a ser Pôrto Alegre. Rio Grande, contudo, será um bastião fundamental para as armas imperiais.

Durante a Revolução Farroupilha diversas vêzes os republicanos pensarão em tomar aquela cidade, sem contudo disporem de meios necessários.

Devido a ser Rio Grande legalista, os farrapos deverão levar suas barcaças sôbre a areia, para atingir o Atlântico, porque estava fechada a barra para êles.

No ano de 1840, nos dias 15 e 16 de julho, os republicanos, tendo à frente Bento Gonçalves, tentarão tomar a vila de São José do Norte, num combate excepcionalmente cruento, e mesmo assim não terão sucesso. Seu objetivo, àquela oportunidade, era ter um ponto de apoio para atacar Rio Grande. Resultando desastrosa a ação, desistiram, de vez, de fazerem novos ataques.

A posse da barra pelos imperiais assegurou a êstes garantia da chegada constante de embarcações, trazendo vestimentas, munições e mantimentos — tudo de que careciam os revolucionários. Chegavam também os reforços, batalhões e batalhões que arribavam continuamente.

E os revolucionários, diante disto, mostravam-se impotentes. A posse de Rio Grande não teria dado aos revolucionários a vitória, ao que tudo indica — porém o fim seria consideràvelmente retardado.

Durante os anos da revolução, em que pese a apreensão constante das populações rio-grandenses, a cidade de Rio Grande pôde não só subsistir, como até prosperar, desde que era uma localidade de grande movimento.

Antes de terminar a revolução, terá sido fundada a Associação Comercial de Rio Grande, a 26 de setembro de 1844. Isto indica não só a segurança do comércio local, como seu elevado índice de prosperidade, bem como ainda a consciência dêsses dois elementos por parte da classe comercial. Os principais promotores da fundação, foram Antônio Teixeira Guimarães e Antônio Bonone Martins Viana.

No ano de 1845 tem fim a Revolução Farroupilha.

Nesse mesmo ano, 1845, a 30 de janeiro, surge o semanário "O Riograndense".

No ano seguinte serão criadas duas freguesias no município de Rio Grande: a 6 de maio de 1846 é assinada a lei que cria a freguesia de Nossa Senhora das Necessidades do Povo Novo e a de Nossa Senhora da Conceição do Taim.

A 15 de agôsto, ainda de 1846, é criada a Biblioteca de Rio Grande. Essa biblioteca, que com a de Pôrto Alegre, tem disputado, no correr dos anos, a primazia de possuir maior número de volumes, é efetivamente a que dispõe de documentos mais importantes da vida do Estado.

Alguns anos mais tarde, em 1850, a 3 de fevereiro, é lançada a pedra fundamental do Hospital de Caridade. Novas construções erguiam-se na cidade e a prosperidade se fazia sentir em todos os setores de atividade.

Um único embaraço que surge nessa época é a série de atritos entre oficiais e milicianos, que iriam culminar em choque violento, embora sem conseqüências maiores do que um grande susto à população.

A 10 de janeiro de 1852 é inaugurado o farol de ferro na barra do Rio Grande, de modo a melhor atender às condições de navegação.

A 31 de janeiro de 1856, o coronel de engenheiros, José Gomes Jardim, em relatório ao Ministro de Agricultura, indica uma série de medidas referentes ao que era necessário para melhorar a barra. De fato, era ela um grande problema, desde que navios com calado médio não podiam transpô-la. Tal se deve ao fato de que a bacia do Jacuí exerce um grande trabalho de erosão, e as partículas de terra que carrega são depositadas tanto na lagoa dos Patos, quanto na barra do Rio Grande, e no estuário do Guaíba. Êsse constante trabalho de sedimentação, ao que tudo indica, irá finalmente modificar a fisionomia da Lagoa dos Patos, aterrando-a quase tôda e deixando apenas um sangradouro a cortar enorme pantanal. E, caso seja feita uma ligação direta de Pôrto Alegre com o mar, a situação da cidade de Rio Grande ficará em muito prejudicada, desde que tenderá a decrescer, limitando-se a ser ponto de escoamento dos produtos da fronteira do sudoeste.

O relatório de José Gomes Jardim, no entanto, preocupava-se com problemas imediatos, e não do que poderia ocorrer dentro de três ou quatro séculos. E êsse relatório ficou esquecido nos departamentos ministeriais.

No ano de 1858 funciona a navegação regular, a vapor, na Lagoa dos Patos, fazendo a seguinte linha: Pôrto Alegre—Pelotas—Rio Grande. Essa navegação lagunar melhorou ainda mais a vida da cidade de Rio Grande, por haver um meio rápido e seguro que a ligasse à Capital.

Em 1864, a 5 de fevereiro, chegará a bordo do Guaporé, proveniente do Paraguai, o Marechal Osório, Visconde do Erval. O ilustre militar gaúcho recebeu condigna acolhida em Rio Grande, havendo grandes festas na cidade, em homenagem ao grande cabo-de-guerra.

Pela Lei provincial n.º 601, é feita autorização para contratar a iluminação pública com gás hidrogênio, cabendo a Rio Grande 280 lampiões. Essa lei, assinada a 10 de janeiro de 1867, traria mais um elemento de progresso à cidade.

No ano seguinte, a 15 de janeiro de 1868, é inaugurado o telégrafo na linha Rio Grande—Pelotas, sendo que desde seus primeiros dias o novo meio de comunicação foi largamente empregado.

Em 6 de fevereiro de 1870 é lançada a pedra fundamental do cais do litoral, numa séria tentativa de aumentar a capacidade do pôrto.

A 29 de julho de 1871 é inaugurada a Hidráulica de Rio Grande, trazendo grandes benefícios a sua população.

Em 1872 será feito o último desmembramento de Rio Grande, com a criação de Santa Vitória do Palmar. Era a Lei provincial n.º 808, de 30 de outubro, a que criava o município meridional do Brasil.

No ano de 1876 é fundada a Missão Episcopal da Comunidade Presbiteriana, por um negociante e evangelista chamado Vanorden.

Nesse mesmo ano, visitando os Estados Unidos da América do Norte, conhecendo as obras do Mississipi, o Imperador D. Pedro II convida o engenheiro-auxiliar dessas obras, Elmer Lawrence Corthel, a visitar o Brasil e encarregar-se das obras da barra do Rio Grande. Vê-se, assim, a importância da barra, que mereceu as considerações do Imperador do Brasil.

Em 1878 é feita a demarcação das ruas da chamada cidade nova, em área que fôra cedida pelo govêrno-geral. A cidade de Rio Grande crescia, e nada detinha seu desenvolvimento.

Em 1833 o Ministro da Viação recebe uma proposta preliminar do engenheiro Corthel, o qual se comprometia a abrir a barra no espaço de 5 anos. Corthel, além de suas próprias pesquisas, serviu-se do projeto do engenheiro brasileiro Honório Bicalho, o mais completo estudo sôbre o assunto. Êste projeto, aliás, foi efetivamente o fundamento da proposta feita por Corthel.

Em 1884 é inaugurado o trecho ferroviário Rio Grande—Pelotas—Bagé. Eram as três cidades mais importantes do sul do Estado que passavam a ser ligadas pelo meio de transporte mais eficiente e econômico da época. Assim, o 2 de dezembro de 1884 teve uma grande significação para Rio Grande. Mais tarde, na Revolução de 1893, seria conhecida a importância estratégica dessa ferrovia.

Em 1888 a população do município eleva-se a 20 277 habitantes; dois anos depois subiria a 24 653. O crescimento demográfico de Rio Grande correspondia ao econômico.

Rio Grande na República — A proclamação da República no dia 15 de novembro de 1889, instaurou um novo regime, o qual foi imediatamente aceito. Os elementos do Partido Liberal, dos quais era líder no Estado o Dr. Gaspar Silveira Martins, viram-se abalados com a crise que caracterizou os primeiros tempos da República, desde que tivessem formado a maior parte do último gabinete monárquico.

Na Presidência do Estado sucederam-se administrações instáveis e fracas, que bem refletiam a situação nacional. Primeiro é escolhido o Visconde de Pelotas, veterano militar conservador, quiçá, principalmente, por ser amigo de Deodoro. Três meses depois cede lugar ao general Júlio Anacleto Falcão da Frota, o qual, não dispondo de elementos que permitissem solucionar as dificuldades que encontrava, deixa o cargo para o Dr. Francisco da Silva Tavares. Em maio de 1890 também Tavares abandona o cargo, logo após haver dispersado a tiros uma manifestação de republicanos, sendo substituído, primeiro pelo marechal Carlos Machado Bitencourt, depois, pelo general Cândido Costa, vindo do Rio expressamente para debelar a crise.

Durante mais de um ano será administrador Cândido Costa, abandonando o govêrno em virtude da eleição de Júlio de Castilhos para Presidente do Estado, pela Constituinte de 14 de julho de 1891.

Júlio de Castilhos, velho e combativo republicano, será deposto a 12 de novembro do mesmo ano, sendo substituído por um govêrno provisório denominado "governicho".

O golpe foi uma espécie de represália regional contra a atitude do generalíssimo Deodoro da Fonseca, que, no Rio de Janeiro, dissolvera o Congresso.

Durante o período do governicho, no qual surgiam em primeiro plano os antigos políticos liberais, chega do exílio Gaspar Silveira Martins, em março de 1892.

A 31 de março de 1892 é fundado em Bagé o Partido Federalista, que teve como chefe o Dr. Gaspar Martins. Êsse Partido visava à predominância do poder federal sôbre o estadual, sendo centralizador e unitário, em contraste com o Partido Republicano, que fazia propaganda da autonomia dos Estados.

A 17 de junho de 1892 retoma o poder Júlio de Castilhos; por seu lado, o Visconde de Pelotas, que recebera o poder do governicho o transmite a Silva Tavares em Bagé.

O choque parecia iminente: Júlio de Castilhos nomeia Vitorino Monteiro Vice-Presidente e renuncia ao mandato.

A tôdas estas ocorrências, a cidade de Rio Grande procurava resolver seus próprios problemas, enquanto o Estado se agitava em estertores.

A 21 de março de 1892, Silveira Martins dirige a Silva Tavares um telegrama que ficou famoso: "Chefe Partido aconselho, correligionário peço, rio-grandense suplico — guerra civil não".

E a luta foi adiada.

Mas, feitas novas eleições para Presidente do Estado, é novamente eleito Júlio de Castilhos e sua posse, a 25 de janeiro, era, de certa forma, o início da Revolução Federalista.

A 5 de fevereiro inicia-se a luta armada, com a entrada, vindo dos lados do Uruguai, por Bagé, de Silva Tavares e seus milicianos.

Todo o Estado se incendeia nessa luta, tão cruel e maligna como sem qualquer proveito para o Rio Grande do Sul.

Ambos os lados contavam em suas fileiras celerados ao lado de heróis e idealistas — mas os degolamentos efetuados por facínoras, quer federalistas, quer republicanos, comprometeram a uns e outros.

Rio Grande permaneceu ao lado das fileiras legalistas, isto é, fiel a Júlio de Castilhos.

Os federalistas não eram bisonhos e um de seus maiores militares, Gomercindo Saraiva, acalentava o sonho de tomar posse de Rio Grande.

Em junho de 1893 estava previsto o ataque à cidade: o almirante Eduardo Wandenkolk arma em guerra o navio mercante Júpiter, e se dirige para o pôrto, esperando conjugar seu fogo com o que, de terra, devia lançar Gomercindo.

Êste, porém, caçado pelas tropas de Júlio de Castilhos, manobrava ràpidamente, escapando ao adversário, enquanto o inverno se abatia sôbre o pampa.

E, Wandenkolk, sem poder contar com seu aliado, abandona o plano, não sem antes ter esperado vários dias, e saindo barra afora, abandona o navio em praias catarinenses.

No ano de 1894 Rio Grande sofrerá um ataque de maiores proporções. A frota dos revolucionários prepara a operação, e, para abril, será lançado o ataque.

Quatro eram as embarcações: Urano, Íris, Meteoro e Esperança. Laurentino Pinto contava com 635 soldados, e o general Salgado com 1 300; penetrando nos navios os milicianos, as operações seriam dirigidas de acôrdo com os planos do comandante em chefe da expedição, Custódio de Melo, que seguia no cruzador República, quinta e última nave.

A 6 de abril a esquadra apresenta-se frente à barra, penetrando na mesma, após trocar canhonhaços com uma bateria de terra. Uma parte dos invasores é desembarcada nos arredores da cidade, acossando-a.

A resistência local, embora poderosa, resolve apelar para o coronel Carlos Teles, enviando-lhe pedido de socorro. Carlos Teles, de fama larga e merecida, segue de Bagé para Rio Grande pela ferrovia.

A vanguarda de Teles chega a Rio Grande a 10 de abril esmagando os rebeldes entre a cidade e o mar. O tiroteio é cerrado e violento, e, ao entrar Carlós Teles na cidade, após recalcar os revolucionários, a luta está pràticamente decidida.

A 11 de abril retornam os federalistas aos navios de Custódio de Melo, sendo abandonado o plano de tomar Rio Grande. Custódio levará os milicianos até a praia de Castilhos, no Uruguai, onde os desembarcará.

Se Rio Grande estava a salvo, os legalistas podiam contar com reforços do poder central indefinidamente. A sorte decidia-se a favor dos legalistas. A 23 de agôsto de 1895 será assinada a paz, sem que qualquer das facções pudesse declarar-se satisfeita com os resultados do sangrento conflito.

Voltando o regime legal a todo o Estado, continua a avançar a cidade.

Em janeiro de 1898, é fundada em Rio Grande a Sociedade Missionária da Igreja Episcopal Brasileira, evento de excepcional importância para os que seguem as diretivas traçadas por Lutero.

Ao findar o século XIX, a cidade conta com 4 199 prédios no perímetro urbano. Enquanto a população da sede municipal era de 17 290 pessoas, a de todo o município elevava-se a 29 492.

O século XX traz uma série de benefícios à cidade, com a chegada consecutiva dos grandes e importantes descobrimentos técnicos e científicos.

As modificações na fisionomia da cidade não foram recebidas sem uma certa melancolia, aliada à grande satisfação de progredir. O espírito dos gaúchos sempre se fêz sentir com seu ar de ingenuidade. Assim, para apenas ilustrar o fato, anedotas corriam por todo o Estado, à medida que as modificações se efetuavam. Uma delas, que cobriu tôdas as localidades, recebeu tratamento literário por parte de Mário Quintana, que localiza o evento na fronteira, mas que bem poderia adaptar a Rio Grande. Quintana, que se abeberou no diz-que-diz-que do povo narra que "pelo que me contaram, o primeiro automóvel que apareceu entre aquela brava indiada, êles o mataram a pau, pensando que fôsse um bicho". Se falta veracidade à história, não deixa de ser simbólico o contraste que elementos da economia altamente mecanizada fizeram com a paisagem do pampa.

Em 1905, segundo Lassance Cunha, havia em Rio Grande 1 092 casas comerciais, exportando para a Europa

e América do Norte, e importando dos mesmos. É época em que uma violenta epidemia de varíola atinge a cidade, vitimando várias centenas de pessoas.

A agricultura do município era reduzida, enquanto que na pecuária o rebanho bovino alcançava 80 000 cabeças e o eqüino 15 000.

No ano de 1906, a 14 de abril, o presidente da Nação, Rodrigues Alves, aprova o contrato feito com o engenheiro Elmer Corthel, para melhoramento da barra do Rio Grande e do pôrto da cidade. Isto traz um grande mérito para êsse Presidente, desde que a política regional estava em desacôrdo com a dêle. Rodrigues Alves, inclusive, ao mandar lavrar o contrato, informa ver "antes de tudo o interêsse do Brasil e da República, que tinha naquele Estado a guarda avançada de sua defesa nas fronteiras do Sul."

Corthel firma o contrato a 17 de setembro de 1906. Comprometia-se a construir um pôrto marítimo de primeira ordem na cidade, para o serviço de navegação franca de embarcações de 10 metros de calado; a abertura e manutenção à custa do contratante de um canal marítimo entre o Canal do Norte e as águas profundas do Oceano; a construção e a manutenção de 2 faroletes, na extremidade dos molhes.

O contrato foi transferido de Corthel para a companhia "Port of Rio Grande", com sede em Portland. Esta, passou-o à "Companhie Française du Port de Rio Grande", em 1908. E esta, por sua vez, à companhia "Enterprise Daydé et Pillé, Fourgerelles Fréres et J. Groselier".

Nesse ano de 1908 o jornal "Times", de Londres, previa que o pôrto de Rio Grande tornar-se-ia um dos mais importantes da América do Sul.

É, ainda nesse ano, inaugurada a usina de Energia Elétrica, dando luz e fôrça à cidade.

O que absorvia Rio Grande, contudo, eram os trabalhos do pôrto. O material flutuante empregado nas obras impressionava a todos, por abranger, inclusive, uma draga de sucção de 900 cavalos de fôrça e 850 metros cúbicos de capacidade, o que, na época, era muita coisa.

O volume da dragagem total foi estimado em 8 milhões de metros cúbicos, e as areias dragadas foram arrojadas nos terrenos situados entre o novo pôrto e a cidade.

Ao mesmo tempo em que eram aterrados banhados anteriormente existentes, conquista-se ao mar uma superfície de mais de um milhão e meio de metros quadrados. Desta forma o serviço contribuía de modo eficiente para melhorar as condições sanitárias locais.

Sôbre os areais assim criados foram plantados tamarizes, a fim de que os ventos fortes não os removessem.

O cais do chamado novo pôrto foi iniciado em novembro de 1912, constituído de blocos de 80 toneladas, provido de todos os acessórios e aparelhos necessários.

A exploração do pôrto de Rio Grande estava compreendida numa concessão dada pelo Decreto n.º 5 979, de 18 de abril de 1906, e transferida à "Companhie Française" pelo decreto de 9 de julho de 1908.

"A barra não tem querer", dissera Silveira Martins, e a técnica moderna provava que êle tivera razão.

Em 1912 a população do município era de aproximadamente 45 000 habitantes, dos quais cêrca de 35 000 na cidade, ou seja, com uma população rural extremamente escassa, e uma população urbana de alta concentração.

A cidade era então servida por uma companhia de bondes elétricos, cujas passagens variavam de 200 a 400 réis.

No município havia um total de 7 500 prédios, dos quais 5 700 na cidade.

O maior proprietário do município era então o Conselheiro Francisco Antunes Maciel, com 17 420 hectares, orçados em oitocentos contos de réis.

No ano de 1917 inicia-se a construção do gigantesco estabelecimento da Companhia Swift do Brasil S. A., cujo capital era de três milhões de dólares. Foi instalado um imponente frigorífico na cidade, com capacidade de aproveitar e preparar os subprodutos de 1 000 reses por dia, dando trabalho a cêrca de 1 500 operários. As obras foram concluídas, permitindo matança, a 19 de setembro de 1918, data da inauguração.

Em 1917, ano em que iniciaram os trabalhos da Swift, o Govêrno Federal foi autorizado a antecipar a encampação da companhia que exercia os trabalhos de abertura do canal, e transferir o contrato para o Estado do Rio Grande do Sul.

Em 29 de agôsto de 1918 o "Snark", vapor norueguês, com um calado de 24 pés, tranpôs a barra e entrou no pôrto de Rio Grande. Tinha sido vencida a barra.

Em 1918, ainda, o Estado se tornara cessionário dos contratos da companhia que trabalhava na barra.

A 18 de outubro de 1919 a administração do Estado toma a si as obras do pôrto e da barra.

Em 1919, ao findar o ano, tinham sido abatidas pelo Frigorífico da Swift 72 000 reses. A Companhia contava, então, com edifícios que lhe haviam custado 8 000 contos de réis, e que cobriam 43 000 metros quadrados, dos 27 hectares que possuía.

Em 1920 a população do município era orçada em 50 500 habitantes, calculando-se o número de prédios em 8 000.

Havia, então, cêrca de 53 casas comerciais a varejo, 56 casas de pequeno comércio, fora os imponentes estabelecimentos atacadistas. O número de fábricas importantes excedia a 30, das quais a principal era a Swift, seguida da Companhia União Fabril, de tecelagem, da Fábrica Leal, Santos & Cia., de biscoitos e conservas alimentícias, Anselmi & Schmitd, de cerveja e gasosa, afora outros importantes estabelecimentos.

Em 1922 era fundado o Jóquei Clube do Rio Grande.

Em 1923 explode no Estado a Revolução Assisista, dirigida por Assis Brasil, contra Borges de Medeiros, que vinha de ser reeleito ao cargo de Presidente do Estado. O sangue correu em diversas localidades do Estado, mas em Rio Grande não se travaram combates, visto continuar a cidade sendo um bastião legalista.

Em 1927 era inaugurada a linha aérea Pôrto Alegre —Rio Grande, pela companhia pioneira "Viação Aérea do Rio Grande do Sul (VARIG)".

Em 1930, explodindo a revolução capitaneada pelo Dr. Getúlio Vargas, após breve sobressalto e indecisão, a cidade de Rio Grande entusiasma-se e adere ao movimento.

A década de 1930-40 será de avanço, embora seja a época em que desenvolvimento maior atinge o nordeste do Estado, pelo crescimento industrial e agrícola da chamada colônia italiana, bem como na encosta inferior do planalto, a denominada colônia alemã .

Em 1940 a população do município de Rio Grande será de 60 802 habitantes dos quais 49 337 no distrito-sede, e dêstes, 46 655 na cidade de Rio Grande. Já nesta época a população da cidade de Pelotas era superior à de Rio Grande, passando esta a ser a 3.ª do Estado.

De 6 200 era o número de pessoas empregadas em estabelecimentos industriais, enquanto que o número de pessoas dedicadas a atividades agropecuárias não chegava a 4 000.

Quanto a pessoal empregado na indústria e em capitais aplicados e realizados na mesma, estava Rio Grande em segundo lugar, logo após Pôrto Alegre. Nas atividades comerciais, com 1 090, no comércio de varejo, estava em terceiro, intercalando-se entre Pôrto Alegre e Rio Grande o município de Pelotas.

Nos últimos vinte anos tem continuado de maneira satisfatória o crescimento de Rio Grande, sob todos os pontos de vista. A situação atual pode ser devidamente apreciada nos quadros estatísticos mais adiante.

Rio Grande, "Noiva do Mar", cidade imponente e aprazível, é a porta de entrada do Estado, àqueles que vêm do Atlântico.

Sua população, hospitaleira e amável, está bem à altura das tradições gaúchas — quanto mais não seja por ter sido Rio Grande o núcleo e semente formadora do Estado do Rio Grande do Sul.

SÍNTESE HISTÓRICA — Gildo Willadino.

REVISÃO — Prof. A. Rocha Almeida e Dr. Paulo Xavier.

BIBLIOGRAFIA — *Anais da Província de São Pedro* — José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo. *A Bandeira de Cristóvão Pereira de Abreu* — inédito — Dr. Paulo Xavier. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* — Padre Balduíno Rambo, S.J. *A Formação do Rio Grande do Sul* — Jorge Salis Goulart. *A Frota de João de Magalhães* (*) — Gen. João Borges Fortes. *As primitivas reduções Jesuíticas do Rio Grande do Sul* (*) — Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S.J. *Caderno H* — Mário Quintana, *in* "Correio do Povo". *Bandeiras Paulistas no Rio Grande do Sul* (*) — Aurélio Pôrto. *Casais* — Gen. João Borges Fortes. *Colonização no Rio Grande do Sul* — Maria Fagundes de Souza Docca Pacheco. *Cronologia da História Rio-grandense* — Afonso Guerreiro Lima. *Cronologia da Revolução de 1893* — Arthur Ferreira. *Censos Demográficos de 1940 e 1950* — IBGE-CNE. *Censos Econômicos de 1940 e 1950* — IBGE-CNE. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — Octávio Augusto de Faria. *Emigração e Colonização* — Arsène Isabelle. *História do Rio Grande do Sul* — Gen. E. F. Souza Docca. *História Popular do Rio Grande do Sul* — Alcides Lima. *História do Brasil* — Rocha Pombo. *História da Divisão Administrativa do Rio G. do Sul* — Octávio Augusto de Faria. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo Rodrigues da Costa. *Os açorianos* — Dante de Laytano, in "Enciclopédia Rio-Grandense". *O Continente do Rio Grande* — José Honório Rodrigues. *O Rio Grande do Sul* — Ernesto Antônio Lassance Cunha. *Presídio do Rio Grande de São Pedro* (*) — Aurélio Pôrto. *Rio Grande de São Pedro* — Gen. João Borges Fortes. *Viagem ao Rio Grande do Sul* — Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem ao Rio Grande do Sul* — Arsène Isabelle. *Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul* — Achilles Pôrto Alegre.

(*) Êsses trabalhos encontram-se in "Terra Farroupilha".

VULTOS ILUSTRES — *Coronel José Luiz de Mesquita* — Coronel José Luiz de Mesquita, Guarda Nacional.

Advogado. Foi o primeiro intendente de Rio Grande. Tomou posse em 30 de junho de 1892.

Em 28 de julho seguinte promulgou a Lei Orgânica do Município.

Exerceu o cargo até 6 de outubro de 1893, quando se exonerou.

Nasceu em Rio Grande em 1814 e faleceu na mesma cidade a 22 de julho de 1896.

Alfredo Ferreira Rodrigues — Nasceu na localidade de Povo Novo, município de Rio Grande, em 5 de setembro de 1865. Membro da Academia Rio-grandense de Letras, é considerado como um dos mais notáveis historiadores gaúchos. Foi fundador do "Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul", através do qual, desde 1889 até 1917, publicou excelentes trabalhos de cunho histórico. É autor de um livro de versos intitulado "Poema do lar". Deixou ainda interessantes estudos biográficos, referentes a grandes vultos de nossa pátria, dentre os quais se destacam as biografias do General Osório, de Carlos von Koseritz, de Domingos José de Almeida, de Bento Gonçalves, Lobo da Costa, Barão de Triunfo.

"Conhecedor profundo da alma de sua gente e dos fatos de sua vida, muito contribuiu para o seu estudo em geral, sendo o seu maior lavor na sublimação da grande Revolução Farroupilha. Seus estudos, nesse sentido, foram propícios à justiça e indicaram alguns dos elementos que serviram para que se fixasse definitivamente a fisionomia da Revolução, evidenciando seu acentuado cunho de brasilidade".

Faleceu, em 1942, aos 77 anos de idade.

General José de Abreu (Barão do Cêrro Largo) — Natural de Povo Novo, atualmente município de Rio Grande, nasceu José Abreu, por volta de 1780. Faleceu na célebre batalha de Ituzaingo, em 20 de fevereiro de 1827, quando por um lamentável equívoco, foi recebido como inimigo pelas nossas fôrças, que êle procurava socorrer. Iniciou sua carreira militar, alistando-se no regimento de dragões. Tomou parte em inúmeras campanhas, desde 1801 até 1827, nas quais se destacou por intrepidez e bravura. Desbaratou as fôrças de Sotel, no passo de Japeju e participou dos combates feridos, junto ao Ibicuí, em Ituparaí e em São Borja, contra o caudilho Artigas. Em Arapeí, apesar de contar com fôrças numèricamente inferiores às do inimigo, impôs fragorosa derrota a La Torre e Ar-

tigas. Ao proclamar-se a Independência do Brasil, já no pôsto de general, assumiu o cargo de governador das armas do Rio Grande. Em 1825, à frente de uma forte coluna, penetrou no Estado Oriental e inflige ao inimigo várias derrotas. Em 1827, encontrando as nossas fôrças do rio da Prata a enfrentar sérios contratempos, o general Abreu volta ao cenário da luta. Em São Gabriel organiza um corpo de voluntários com o qual se dirigiu para Ituzaingo, onde encontrou a morte.

Almirante Joaquim Francisco de Abreu — Nasceu na cidade de Rio Grande a 13 de março de 1836. Ingressou na Marinha a 24 de fevereiro de 1851. Nas campanhas do Uruguai e Paraguai, tomou parte nas ações de: Sitio de Paissandu e de Montevidéu; Combate de Riachuelo; Passagem de Mercedes e Cuevas; Reconhecimento e Combate às baterias de Curupaiti e Combate de Angustura.

No pôsto de Comandante da Belmonte, destacou-se no combate de Riachuelo, quando ferido gravemente se achava cercado pelo inimigo, com a Belmonte em chamas e fazendo água, encalha-a como recurso de salvação, para, logo depois de refeitas tôdas as avarias, voltar ao combate. Com a Proclamação da República, foi eleito representante do Rio Grande no Congresso Nacional .

Em 1893 foi promovido a Almirante.

Renunciando a representação que tinha no Congresso, recolheu-se à vida privada, vindo a falecer na cidade onde nascera, no dia 13 de julho de 1895.

Artur Rocha — Nasceu na cidade de Rio Grande a 1.° de janeiro de 1859, vindo a falecer ali, a 26 de julho de 1888. Distinguiu-se como poeta dramaturgo, orador e jornalista. Combateu em prol da causa do abolicionismo com dedicação, só depondo armas, quando viu vitoriosas suas idéias.

Membro do "Partenon Literário" de Pôrto Alegre, colaborou por algum tempo em sua revista, quando se projetou como o mais autêntico precursor da teatrologia gaúcha. Neste gênero deixou-nos: "Deus e a Natureza", sendo êste o seu original mais conhecido. Deixou ainda: "Os Filhos da Viúva", "José", "O Anjo do Sacrifício", "A Filha da Escrava" e o "Filho Bastardo". Escreveu ainda: "Drama", "Lutar é Vencer", e as comédias: "O Distraído", "Por Causa de uma Camélia" e "Não Faças ao Outros...", ainda inéditos.

Foi considerado pela crítica do seu tempo, mestre exímio da dramaturgia.

Antero José Ferreira de Brito (Barão de Tramandaí) — Nasceu Antero José F. de Brito, na então vila do Rio Grande, a 11 de janeiro de 1787. Alistou-se a 22 de novembro de 1808, nas milícias da capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. Nas campanhas de 1811 a 1812 invadiu o Estado Oriental, sob as ordens do marechal-de--campo Manoel Marques de Souza. Em 1818, como encarregado da Guarda de Castilhos, surpreendeu as partidas de La Torre e Pancho, fazendo-os prisioneiros. A 2 de julho de 1823 penetrou na cidade de São Salvador à frente do corpo de exploradores. Exerceu o cargo de Comandante das armas da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em 1836 foi Ministro da Guerra, Secretário e Ministro Interino da Marinha. A 21 de novembro de 1836, foi escolhido para presidir a Província do Rio Grande do Sul, cargo que assumiu em 5 de fevereiro de 1837. Em 13 de julho de 1852 foi agraciado com o título de Barão de Tramandaí. Faleceu no Rio de Janeiro, com quase 70 anos de idade, no dia 5 de fevereiro de 1856.

João Antônio de Oliveira Valporto — Nasceu na cidade de Rio Grande em 1832. Matriculou-se na Escola Militar em 17 de fevereiro de 1847. Após a campanha de 1851, foi promovido a alferes por atos de bravura; contava então 20 anos de idade. Fêz a campanha de 1864. Sendo um dos maiores heróis do ataque de Paissandu, foi promovido a capitão. Após diversas promoções, em agôsto de 1874, com apenas 42 anos de idade, foi promovido a brigadeiro. Foi comandante das Armas em Pernambuco e em sua Província natal. Faleceu João Antônio de Oliveira Valporto na cidade de Pôrto Alegre, a 4 de fevereiro de 1887.

General Antônio de Souza Neto — Nasceu no município de Rio Grande, em Povo Novo, no ano de 1803. Faleceu a 1.° de julho de 1866 em Corrientes. Filho de José de Souza Neto, tomou parte ativa na revolução de 1835, da qual foi um dos mais destacados chefes. Vitorioso em diversos encontros com as fôrças imperiais, proclamou a República Rio-grandense, após o combate do Seival. Ao terminar a revolução, passou a residir no Uruguai.

Tomou parte ativa nas campanhas de 1851 e 1852. Em 1864, comandando a Brigada de Voluntários Rio-grandenses, que êle próprio organizara, prestou relevantes serviços na campanha do Uruguai. Mais tarde seguiu para o Paraguai distinguindo-se como um dos heróis da 1.ª batalha de Tuiuti, em que combateu denodadamente, à frente da Brigada Ligeira. Por seus brilhantes serviços prestados, fôra elevado ao pôsto de brigadeiro honorário do Exército.

Apeles Pôrto Alegre — Nasceu na cidade de Rio Grande, a 24 de outubro de 1850. Estudou humanidades e com apenas 20 anos de idade, foi fundador do Colégio Rio-Grandense, do qual mais tarde assumiu a Direção. Foi também um dos fundadores da Escola Brasileira, destacado estabelecimento, da época, de instrução particular. Em 1890 fundou "Imprensa", primeiro jornal "republicano" que *ali* apareceu. Foi em 1892 apresentado pelo Partido Federalista à deputação federal. Sendo um dos fundadores do "Parthenon Literário", colaborou em todos os números que então saíram, da revista desta associação. Faleceu em julho de 1917.

João de Santa Bárbara — Nasceu na cidade de Rio Grande, no ano de 1800. Dedicou-se à Igreja, seguindo ao mesmo tempo a carreira do Magistério.

Representou o Brasil na côrte de Lisboa. Mais tarde foi eleito deputado, tendo-se distinguido, por seu discurso, contra o celibato dos padres. Esta oração repercutiu em todo o país.

Faleceu aos 68 anos de idade, no dia 5 de julho de 1868.

Taveiro Júnior — Bernardo Taveiro Júnior, filho da cidade de Rio Grande, nasceu a 5 de junho de 1836. Êste autor de delicadas peças dramáticas, morreu na cidade de Pelotas a 19 de setembro de 1892. Concluiu seu curso pre-

paratório em São Paulo, onde deixou de ingressar na Faculdade de Direito, por falta de recursos. Transferiu-se, então, para Pelotas e fêz-se autodidata. Aí, exerceu o magistério por longo tempo, lecionando as cadeiras de Inglês, Português, Latim e História. Abolicionista e republicano ardoroso, faleceu após longa enfermidade.

Escreveu, entre outras obras, "Poesias Americanas" — 1869, "O Anjo da Solidão" — 1869, "Poesias Alemãs" — 1873, "Provincianas" — 1886, "O Entêrro", sôbre a libertação dos escravos — 1888, "Poesias Patrióticas", "Coração e Dever", "O Novo Jogador". Traduziu, do alemão, alguns trabalhos, entre os quais, "Guilherme Tell", em versos.

Dr. Pio Angelo da Silva — Nasceu na cidade de Rio Grande, a 3 de maio de 1818. Em 1835, no movimento revolucionário, alistou-se nas fileiras da revolta. Em 1841, indo para o Rio de Janeiro, matriculou-se na Escola de Medicina, que freqüentou 4 anos, seguindo para Paris a fim de concluir o curso. Em 1855, já de volta à cidade natal, combateu a cólera-morbo, que se alastrava na cidade marítima. Na guerra do Paraguai, foi encarregado da engenharia militar.

Dr. Eduardo Ernesto de Araújo — Nasceu em Rio Grande, a 8 de maio de 1862, falecendo a 2 de janeiro de 1901. Depois de fazer o curso primário em sua terra, embarcou para Portugal, matriculando-se no Colégio de Nossa Senhora da Glória, na cidade de Pôrto. Matriculou-se, mais tarde, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Em 1884, já formado em Ciências Jurídicas Sociais, voltou a sua terra natal, estabelecendo uma banca de advocacia.

Durante o Tempo que estêve em Portugal, colaborou para os jornais e revistas, compondo versos. De espírito travêsso irônico e satírico, escreveu uma enormidade de epigramas, mas nunca os acondicionou em livros, para a posteridade.

Depois de ter exercido o cargo de promotor público e juiz distrital, faleceu na cidade que lhe serviu de berço.

Juvenal Miller — Juvenal Otaviano Miller nasceu na cidade do Rio Grande a 13 de outubro de 1866. Foi ardoroso propugnador do regime republicano.

Como vice-presidente do Estado do Rio Grande do Sul, encontrava-se na Capital Federal, quando aí veio a falecer, em 9 de setembro de 1909, com apenas 43 anos de idade.

Fêz seus estudos na Escola Militar de Pôrto Alegre e na Escola Superior de Guerra. Por ocasião da revolta da Esquadra, foi designado para defender a Barra da invasão dos sublevados. "Em seguida, a seu pedido, marchou com a divisão do Sul, sob o comando do marechal João César Sampaio, para o campo das lutas contra os federalistas".

Juntamente com os doutores João Simplício de Carvalho, Lino Carneiro da Fontoura e João Vespúcio de Abreu e Silva, fundou a Escola de Engenharia de Pôrto Alegre. Em sua vida literária, foi um dos principais redatores da "Denúncia', órgão republicano da Escola Militar. Colaborou ainda na Revista Acadêmica da mesma Escola e, mais tarde, em "Correio do Povo" de Pôrto Alegre, sob o pseudônimo de Dr. Topsius.

Publicou, em 1898, uma novela de propósitos positivistas, intitulada "Professos", que teve grande aceitação, na época.

No govêrno do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, assumiu a função de vice-governador do Estado.

Manoel Marques de Souza (Conde de Pôrto Alegre) — Filho do brigadeiro Manoel Marques de Souza e neto do tenente-general do mesmo nome, nasceu em Rio Grande, aos 13 de junho de 1805. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 18 de julho de 1875.

Contava apenas 13 anos de idade, quando ingressou na vida militar. Tomou parte no sítio de Montevidéu e na batalha do Passo do Rosário, a 20 de fevereiro de 1827.

Comandando a 1.ª Divisão do Exército, derrotou as fôrças do ditador Rosas, em Monte Caseros. Após brilhante feito, subiu ao pôsto de marechal-de-campo e foi agraciado com o título "Barão de Pôrto Alegre". Mais tarde, quando as fôrças paraguaias invadiram nossos territórios, voltou o marechal Marques de Souza e pegar em armas, lutando bravamente contra o inimigo.

Ao terminar a guerra do Paraguai, ingressou na vida política. Exerceu o mandato de Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul e ocupou por algum tempo, as funções de Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra.

Mário de Artagão — Antônio da Costa Correia Leite, conhecido literàriamente, sob o pseudônimo de Mário de Artagão, nasceu na cidade de Rio Grande, em 16 de dezembro de 1866. Transferido para Portugal, onde viveu por mais de 20 anos, aí veio a falecer em 1937.

Poeta por vocação, iniciou sua educação na Alemanha, de onde teve que retornar, antes de concluí-la, por insistência constante de seu progenitor, que queria vê-lo no comércio. Em nosso meio, depois de algumas tentativas para acomodar-se ao desejo do pai, chegou a convencer-se que deveria atender a sua própria inclinação. Abandonou o comércio e abraçou o jornalismo, dedicando-se, ao mesmo tempo, à arte poética.

De sua variada obra literária, destacam-se "Música Sacra", "As Infernais", "Rimas Pagãs" e "Saltério".

Mário de Artagão, segundo expressões de um autor atual, "é uma curiosa figura de rebelde inquieto, monarquista em política, darwinista em ciência".

"A sua poesia exprime bem os vários estágios de uma inteligência fim-de-século; partindo da revolta social, notadamente contra a Igreja, segundo a fórmula apostrofal de Junqueiro".

Apolinário Pôrto Alegre — Apolinário José Gomes Pôrto Alegre é natural da cidade de Rio Grande. Nasceu a 29 de agôsto de 1844. Faleceu na Capital do Estado a 23 de março de 1904. Fêz seus estudos superiores na Faculdade de Direito de São Paulo. Mas, teve que interromper o curso, em decorrência do inesperado falecimento de seu progenitor.

Transferiu-se para Pôrto Alegre, onde se dedicou por longos anos ao magistério particular. Foi fundador do "Colégio Riograndense" e do "Instituto Brasileiro". Educador insigne, contribuiu relevantemente para a formação intelectual e moral de uma geração de gaúchos, muitos dos quais mais tarde, haveriam de tornar-se luminares das letras. Jor-

nalista de primeira linha, redigiu a "Gazeta de Pôrto Alegre", a "Imprensa" e "A Reforma".

Logo que foi proclamada a República, fêz-se aliado de Silveira Martins em oposição à Política de Júlio de Castilhos. Ardoroso defensor que foi da revolução federalista em 1893, viu-se levado a refugiar-se em Santa Catarina e, logo depois, em Montevidéu, por fôrça do desenrolar dos acontecimentos. Recolheu-se, por fim, ao retiro da Casa Branca, nos arredores de Pôrto Alegre, de onde manteve acesa campanha pela imprensa. Morreu em extrema pobreza.

Apolinário Pôrto Alegre, por sua obra tão rica e tão variada, é considerado como uma das mais altas expressões da intelectualidade gaúcha. Membro da primeira Academia Rio-grandense de Letras, no ano de 1901, foi, ainda, o principal organizador do "Partenon Literário".

Como poeta, sob o pseudônimo de "Iriema", publicou "Bromélias", que veio a lume em 1874. Escreveu "Flôres da Morte" — 1904, "Gabila", — 1874, "América", "Lampírios" e "Cantos do Exílio".

Como romancista, foi autor de "Os Palmares" — 1869, "O Vaqueano" — 1872, "Feitiços de uns beijus" — 1873, e "Lulucha" — 1874.

Como dramaturgo e comediógrafo, escreveu "Epidemia Política" — 1882, "Sensitiva" — 1873, "Mulheres" — 1873, "Os Filhos da Desgraça" — 1874, "Benedito" — 1874 e "Ladrões da Honra" — 1875.

Aquiles Pôrto Alegre — Aquiles José Gomes Pôrto Alegre, irmão de Apolinário Pôrto Alegre, nasceu, como êste, na cidade de Rio Grande a 29 de março de 1848. Encerrou os seus dias, em Pôrto Alegre, a 21 de março de 1926. Na Capital do Estado, exerceu as profissões de funcionário público, professor e jornalista. Fêz seus estudos na Escola Militar e prestou serviços, no exterior, na época da guerra do Paraguai. Foi fundador de "O Jornal do Comércio" de Pôrto Alegre, que dirigiu por 19 anos.

Iniciou sua carreira literária como poeta. Publicou, em 1884, dois livros de versos intitulados "Iluminuras" e "Esculturas". Anos mais tarde, publicou "Flôres de Gêlo" e "Val de Lírios".

Foi membro, como sócio fundador, da Academia Rio-grandense de Letras, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

"Sua obra principal, todavia, são as crônicas em que evoca a Pôrto Alegre de sua mocidade e as principais figuras das letras rio-grandenses".

Publicou, ainda, "Contos e Perfis" — 1910, "Fôlhas Caídas" — 1912, "Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul" — 1919, "Através do Passado" — 1922, "História Popular de Pôrto Alegre", edição póstuma, além das numerosíssimas crônicas, ricas de forma e de conteúdo.

Pedro Rodrigues Fernandes Chaves (Barão de Quaraim) — Nasceu na cidade de Rio Grande, a 27 de abril de 1810. Faleceu em Pisa, Itália, a 23 de junho de 1866. Havendo começado seus estudos jurídicos na Universidade de Coimbra, concluiu o curso em São Paulo, onde se bacharelou.

Abraçando a magistratura e a política, foi juiz de Direito Criminal em Pôrto Alegre, Desembargador da Relação de Pernambuco, deputado à Assembléia Provincial e à Câmara Federal e, por fim, senador do Império, a partir de 1853. Exerceu ainda funções diplomáticas em Montevidéu e ocupava o cargo de Ministro Plenipotenciário do Brasil nos Estados Unidos. Em 1841, presidiu a província da Paraíba, onde se notabilizou por sua intolerância partidária.

Em atenção aos seus altos serviços prestados ao país como político, foi agraciado com o título de Barão de Quaraim.

Hipólito José da Costa Pereira — Nasceu no século XVII, na cidade de Rio Grande. Seguiu para Espanha. Junto à côrte portuguêsa em 1792, procurou transferi-la para o Brasil, colocando-a no centro da província de Minas, contrariando muitos interêsses. Em vista disso, receoso, teve que deixar Lisboa, indo encontrar asilo em Londres. Lá chegando tratou logo da Publicação do "Investigador Português" e do "Correio Brasiliense" que eram lidos, não só no Brasil como também em Portugal.

Em todos seus escritos aconselhava abertamente a emancipação do Brasil e o regime monárquico constitucional.

Faleceu em meados de 1822.

Alexandre José Fernandes — Nasceu na cidade de Rio Grande em 24 de julho de 1863. Falecendo seus pais, seguiu para a Baía, onde empregou-se em um escritório, trabalho que deixou para iniciar-se na imprensa. Aos 20 anos publicou seu 1.º livro de versos, intitulado: "Rosas" e a seguir "Violeta", "Magnólias", "Baunilhas", "Coralinas", "Ondulações", "Pergaminhos", "Mater Prussiana", "Epopéa do Gênio" e "Lyrios".

Cultivou também o gênero dramático, escrevendo "O Gondoleiro", "Cristo e Magdalena", "Descoberta do Brasil", "Quebrou o Braço", "Vida Alheia" e outros. "Cecilianas" foi o seu livro de versos mais destacado, que dedicou a sua filha Cecília.

Faleceu a 20 de março de 1907.

Dr. Custódio Vieira de Castro — Nasceu em Rio Grande, a 2 de janeiro de 1846. Depois de completar seus estudos preparatórios, embarcou para a Alemanha. Destacou-se em Medicina na Universidade de Wiceburgo, no Reino da Baviera. Tomou parte, como médico, na guerra franco-prussiana. Terminada a guerra, foi-lhe conferida a medalha comemorativa da campanha. Após ter regressado a sua terra natal, voltou à Europa, em viagem de estudos, tendo visitado Paris, Londres e Viena.

Em 1876, estabeleceu-se definitivamente na cidade de Rio Grande. Quando lhe ofereceram a Vice-Presidência do Rio Grande, não aceitou. Viveu daí em diante sòmente para a sua clínica.

Dom Mário de Miranda Vilas Boas — Nasceu aos 4 de agôsto de 1903, na cidade de Rio Grande. Transferiu-se para o norte do Brasil, onde fêz os estudos eclesiásticos e se ordenou sacerdote aos 6 de dezembro de 1925. A Santa Sé elegeu-o para bispo de Garanhuns a 26 de maio de 1938, sendo sagrado a 30 de outubro dêsse ano. Por bula

de 10 de setembro de 1944 foi promovido a Arcebispo de Belém do Pará, onde tomou posse aos 5 de janeiro de 1945.

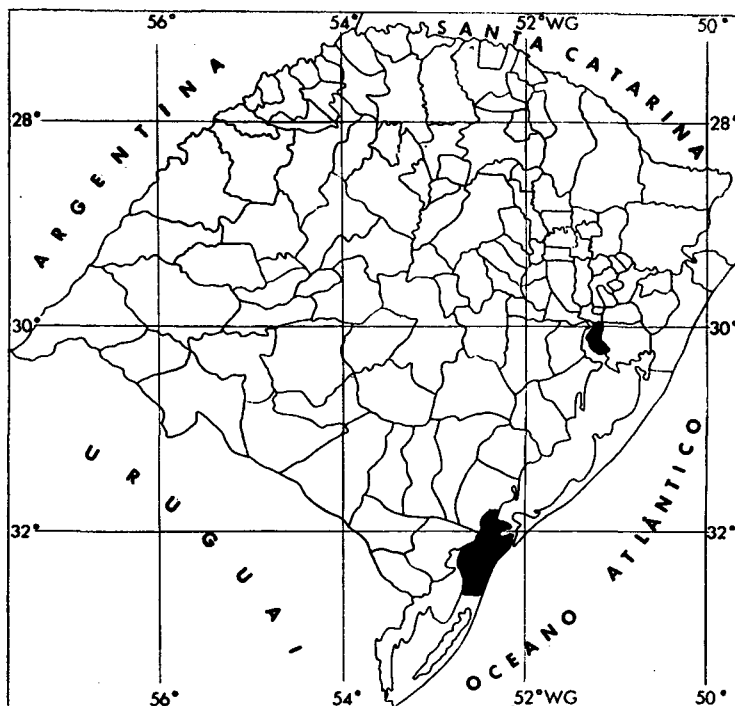
(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

POPULAÇÃO — Conta o município de Rio Grande 88 110 habitantes, localizando-se 71 740 na sede e 16 370 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 33,67 habitantes por quilômetro quadrado; 1,85% sôbre a população total do Estado; área do município: 2 617 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Rio Grande; vilas: Cessino, Povo Novo, Quinta, Taim.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Rio Grande ...	2 788	135	832	1 066	301	1 722

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 32° 01' 40" de latitude Sul e 52° 05' 40" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital: rumo S.S.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 242 km. Altitude 5 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Ilhas: (na lagoa dos Patos) dos Marinheiros, da Pólvora, das Pombas, dos Cavalos, do Leonídio, da Torotama, Mosquitos e Carneiros. No canal de São Gonçalo: do Malandro, Martins Coelho, Grande e Pequena. Conta o município com dois canais navegáveis do Rio Grande e de São Gonçalo. Arroios: Pesqueiro, dos Ferreiros, Belendengue, Tuuna, Gamela, Cortume, Aguirre, Figueira-Torta, Taim, Sanga Nova, Convivência, Baeta, Vieira, Martins, Barrancos. Lagoas (nos limites): Patos e Mirim; e internas: Caiubá, Flôres, Nicola, Verde, Jacaré e do Peixe. A pesca faz-se na lagoa dos Patos e Canal do Rio Grande, Barra e Oceano, sendo o município um dos maiores produtores do Brasil. As principais variedades são: bagre, camarão, corvina, miragaia, pescada, pescadinha, savelha e tainha. A pesca é uma das principais fontes de renda do município. A sede é pôrto marítimo.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. Foram as seguintes as médias de temperaturas ocorridas em 1956: máxima — 22°C; mínima — 16,1°C; compensada — 18,1°C. Chuvas: precipitação anual de 1 006 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho e julho.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Pelotas, São José do Norte e Lagoa dos Patos; ao Sul: Santa Vitória do Palmar; a leste: Oceano Atlântico; a oeste: Pelotas, Arroio Grande e Lagoa Mirim.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Indústria* — É muito expressiva e conta com estabelecimentos poderosos, onde se destacam as indústrias alimentares (conservas de carnes, de peixe e de frutas), bem como outros setores do seu variado parque industrial.

O município lidera no país a refinação de petróleo, através da Cia. Ipiranga, que por seu trabalho pioneiro é digna do aprêço e de todo o apoio, não só do povo gaúcho, como de tôda a nacionalidade.

Em 1954, funcionaram 286 estabelecimentos industriais, ocupando a média mensal de 7 576 operários e sua produção somou Cr$ 1 739 314 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total:

alimentares	42,5
bebidas	0,2
madeiras	1,0
couros e produtos similares	1,1
químicas e farmacêuticas	28,0
têxteis	18,9
metalúrgicas	5,6
mobiliário	0,3
fumo	0,2
vestuário, calçados e artefatos de tecidos	0,4

Em 1955, foi apreciável o aumento verificado no valor da produção industrial, conforme se pode ver no demonstrativo abaixo:

CLASSES INDUSTRIAIS	Estabelecimentos	Média mensal dos operários	SALÁRIOS E VENCIMENTOS PAGOS (Cr$ 1 000)		Matérias-primas	Valor da produção (Cr$ 1000) (1)
			Total	Operários		
Extrativa de produtos minerais..	—	—	—	—	—	—
Extrativa de produtos vegetais...	—	—	—	—	—	—
Transf. de minerais n/metálicos....	9	41	688	574	458	1 609
Metalúrgica	30	537	12 353	10 834	93 260	135 692
Mecânica	—	—	—	—	—	—
Material elétrico e material de comunicações	1	2	78	78	199	457
Construção e montagem de material de transporte	3	53	2 364	1 785	1 009	7 011
Madeira	16	80	2 650	2 509	16 423	25 916
Mobiliário	11	100	2 109	1 843	2 045	5 901
Papel e papelão	1	4	64	46	174	303
Borracha	4	11	190	162	211	683
Couros, peles e produtos similares	2	58	1 610	1 111	6 751	33 940
Química e farmacêutica	26	412	14 975	12 411	362 922	639 143
Têxtil	10	2 581	65 761	59 515	284 955	414 438
Vestuário, calçado e art. de tecidos	11	40	1 313	1 182	4 829	7 818
Produtos alimentares	148	3 293	104 632	74 338	711 540	1108 958
Bebidas	7	19	364	298	570	1 821
Fumo	1	101	2 508	2 025	955	4 533
Editorial e gráfica	13	119	3 223	2 115	5 088	11 099
Diversas	12	26	1 037	925	820	3 381
Serviços industriais de utilidade pública	4	267	12 659	7 957	—	38 242
TOTAL	*309*	*7 744*	*228 578*	*179 708*	*1 492 209*	*2 440 945*

(1) Inclusive receita dos serviços industriais prestados a terceiros.

Relação das principais firmas industriais

Companhia Swift do Brasil S. A.	Pregos de arame
Companhia Swift do Brasil S. A.	Chavetas de arame
Cunha Amaral & Cia. Ltda.	Latas de fôlhas
Ind. Reunidas Leal Santos S. A.	Capsulas metálicas
Ipiranga S. A. Comp. Bras. de Petróleo	Tambores de ferro
Ipiranga S. A. Comp. Bras. de Petróleo	Latas de ferro
Eduardo Elli	Estanhos de recuperação
Frigorífico Anselmi S.A.	Latas de ferro
Manoel José Fernandes Júnior & Cia. Ltda.	Ferro fundido
Fundição Perez Ltda.	Ferro fundido
Wilson Sons & Cia. Ltda.	Latas de fôlhas
Luiz Loréa S. A.	Reparos de embarcações
Abel Silveira Mendes	Tintas e óleos em geral
Companhia Swift do Brasil S. A.	Adubos
Companhia Swift do Brasil S. A.	Sabão
Eduardo Ballester & Filhos Ltda.	Adubos
Fábrica de Óleos Vegetais Luiz Louréa Ltda.	Óleo de linhaça
Ind. Reunidas Leal Santos S. A.	Adubos
Ipiranga S. A. Comp. Bras. de Petróleo	Distilaria de petróleo
Manoel Pereira de Almeida & Cia. Ltda.	Adubos
Companhia Swift do Brasil S. A.	Tecidos de algodão
Soc. Industrial Ltda.	Tecidos de juta
Soc. Industrial Ltda.	Sacos de aniagem juta
Soc. Industrial Ltda.	Passadeiras de juta
Comp. Fiação e Tecelagem Rio Grande	Chales de algodão
Comp. Fiação e Tecelagem Rio Grande	Tecidos de algodão
Comp. Fiação e Tecelagem Rio Grande	Fios de algodão
Comp. União Fabril S. A.	Passadeiras de lã
Comp. União Fabril S. A.	Fios de lã
Comp. União Fabril S. A.	Cobertores de lã
Comp. União Fabril S. A.	Capas impermeáveis de lã
Frigorífico Fazendeiros Reunidos S. A.	Carne verde
F. R. Amaral & Cia. Ltda.	Peixe sêco salgado
Frigorífico Anselmi S. A.	Conservas de peixe
Lúcio Souto	Peixe em conservas
Lúcio Souto	Pêssego em calda
Torquato Pontes S. A.	Peixe sêco
Wigg S. A.	Peixe enlatado
Azevedo Bento & Cia.	Sal moído
Comp. Swift do Brasil S. A.	Banha de porco refinada
Comp. Swift do Brasil S. A.	Extrato de tomate
J. G. Sequeira	Peixe em conservas
Joaquim Oliveira S. A.	Sal moído
Luiz Loréa S. A.	Massas alimentícias
Luiz Loréa S. A.	Peixe sêco salgado
Manoel Pereira de Almeida & Cia. Ltda.	Peixe em conservas
Cunha Amaral & Cia. Ltda.	Peixe salgado sêco
Cunha Amaral & Cia. Ltda.	Ervilha em conservas
Eduardo Ballester & Filhos Ltda.	Conservas de peixe
Eduardo Ballester & Filhos Ltda.	Legumes em conservas
Figueiredo & Cia.	Massa de tomate
Figueiredo & Cia.	Camarão em conservas
Francisco Gallo	Peixe em conservas
Furtado & Lourado Ltda.	Peixe em conservas
Ind. Reunidas Leal Santos S. A.	Peixe escabeche
Ind. Reunidas Leal Santos S. A.	Pêssegos em calda
Ind. Reunidas Leal Santos S. A.	Extrato de tomate
Lucio Santos & Cia. Ltda.	Gasosa de frutas
Cia. Charutos Poock	Charutos
Ind. Reunidas Leal Santos Ltda.	Fôlhas-de-flandres
Cia. Riograndense de Adubos C.R.A.	Hiperfosfatos
Serviço Riograndino de Eletricidade	Energia elétrica
Cia. União Fabril	Energia elétrica
Frigorífico Anselmi S. A.	Adubo
Ind. Brasileira de Peixe Ltda.	Farinha de peixe, óleo, etc.
Ind. Brasileira de Peixe Ltda.	Conservas de peixe, camarão, etc.

Pecuária — É regularmente desenvolvida no município, e seus rebanhos bovinos, ovinos e suínos são bem constituídos sob o ponto de vista zootécnico.

Raças preferidas pelos criadores: Ovinos — corriedale, romney-marsh e cara-negra; Suínos — duroc-jérsei e macau; Bovinos — holandês, hereford, durhan, aberdeen-angus; Eqüinos — crioulo, anglo-árabe.

Em pastagens, predominam as nativas, babosa limão e trevo. No inverno plantam-se regularmente: azevém, aveia, trevo e as eventualmente perenes, cornichão, kikuio e elefante.

Principais criadores

Granja 4 Irmãos S. A.	Miguel de Oliveira Tôrres
Patrício Dias Ferreira	Alberto Corrêa da Fonseca
Felinto da Silveira	Dr. Mariense Rangel Lopes
Augusto Rodrigues Nicola	Miguel Pereira de Sena
Genuino da Silva Ferreira	Floriano Corrêa da Fonseca

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
bovinos	82 100	131 360
eqüinos	13 000	13 000
muares	200	240
suínos	9 500	5 700
ovinos	164 000	44 280
caprinos	400	60

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	5 436 134	100 591 916
Carne frigorificada de bovino	3 076 136	79 758 755
Carne enlatada de bovino	1 256 835	31 967 033
Charque de bovino	385 720	12 580 400
Carne verde de suíno	1 063 020	29 833 143
Carne frigorificada de suíno	1 127 282	20 090 717
Carne salgada de suíno	452 278	11 246 755
Carne defumada de suíno	31 779	1 402 979
Carne enlatada de suíno	1 228 042	54 276 006
Presunto cru	540 879	21 572 152
Presunto salgado	23 426	1 181 870
Presunto defumado	44 551	2 270 861
Presunto cozido	8 221	587 911
Presunto enlatado	119 257	9 062 947
Carne verde de ovino	671 619	12 083 037
Carne frigorificada de ovino	118 922	4 189 752
Couro verde de boi, vaca e vitelo	564	1 942
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	55 288	677 504
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	1 807 269	24 120 371
Pele salgada de nonatus	1 870	26 543
Pele verde de ovino	68 166	1 007 352
Pele sêca de ovino	6 760	123 709
Pele salgada de ovino	37 621	411 927
Banha refinada	2 811 619	88 670 882
Toucinho fresco	26 071	667 418
Toucinho frigorificado	13 936	496 122
Toucinho salgado	742 292	22 068 892
Toucinho defumado	113 937	4 777 302
Salsicharia a granel	826 764	11 483 256
Salsicharia enlatada	2 312 221	84 950 962
Sebo industrial	409 923	7 115 362
Total	24 818 402	640 295 798
Secundários	4 092 212	61 333 213
Total geral	28 910 614	701 629 011

Avicultura — O total de aves do município está estimado em 25 000, valendo Cr$ 750 000,00. O mercado avícola é abastecido com aves de outros municípios.

Agricultura — É a atividade menos desenvolvida, no município de Rio Grande. A orizicultura ocupa papel saliente, seguindo-se-lhe a cultura de cebolas.

Principais orizicultores	*Área cultivada*	
Agropecuária São Gonçalo Ltda.	Dist. Povo Novo	350
Alfredo Weymar	Dist. Taim	200
Arrozeira Santa Lúcia Ltda.	Dist. Capão Sêco	640
Irmãos Tôrres Ltda.	Dist. Taim	690
José Alvares de Souza Soares Sobrinho	Dist. Povo Novo	350
Rubens Emil Corrêa	Dist. Taim	140
Maximiliano Revoult Lopes	Dist. Quinta	350
Schuch, Decker & Cia. Ltda.	Dist. Taim	630
Taim Arroz Ltda.	Dist. Taim	2 960
Wilmar Siqueira Brisolara	Dist. Povo Novo	350
Viúva Pedro Osório S. A.	Taim	700

Centros consumidores: Norte, Centro e Sul do país.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS-1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	18 706	73.266
Cebola	12 390	44.604
Uva	1 000	6.000
Ervilho	892	4.458

Valor total da produção: Cr$ 131 649 950,00.

COMÉRCIO E BANCOS — Na sede municipal funcionam 610 armazéns de secos e molhados; 10 casas de ferragens; 52 casas de fazendas; 44 armarinhos; 15 casas de móveis, casas que vendem rádios — 19; 16 casas que vendem eletrolas; 12 casas que vendem refrigeradores; 17 casas de acessórios para automóveis, bicicletas e motociclos; 13 casas de artigos para homens e senhoras; 17 bazares; 20 lojas de calçados; 16 joalherias; 21 casas de material para construção; 10 casas de material elétrico. O município mantém transações com todos os municípios do Estado e todos os Estados do Sul, Centro e Norte do País.

Existem 6 filiais bancárias na sede e uma Agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Rio Grande liga-se aos municípios de: Pelotas, ferrov. (52 km), rodov. (54 km), lacustre (50 km) e aéreo (40 km); São José do Norte, lacustre (3 km); Santa Vitória do Palmar, rodov. (274 quilômetros), lacustre (390 km), aéreo (270 km); Arroio Grande, rodov. (155 km); Capital Estadual, rodov. (367 quilômetros), lacustre (246 km), aéreo (270 km) e ferrov. (946 km); Capital Federal, marít. (1 614 km), via Pôrto Alegre (rodov., lacustre, aéreo e ferrov.) já descrito. Daí ao Distrito Federal, veja-se Pôrto Alegre — via Santa Maria, ferrov. (603 km).

ASPECTOS URBANOS — Rio Grande é um dos mais movimentados portos de mar do país e a terceira cidade do Estado. Debruçando-se à beira do Atlântico é cognominada de "Noiva do Mar". A cidade é servida por luz elétrica pelo sistema termelétrico inaugurado em 1908.

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	15 140
Zona urbana	9 716
Zona Suburbana	5 424

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	14 445
2 pavimentos	671
3 pavimentos	19
4 pavimentos	2
5 pavimentos	2
De mais de 5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	12.650
Residências e outros fins	2 002
Esclusivamente a outros fins	488

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	249
Ruas	249
Avenidas	13
Travessas	6
Outros	28

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	37
Parcialmente pavimentados	53
Totalmente calçados c/paralelepípedos	28
Parcialmente calçados c/paralelepípedos	21
Totalmente calçados c/pedras irregulares	11
Parcialmente calçados c/pedras irregulares	8
Ajardinados	3
Arborizados	39
Arborizados e ajardinados simultâneamente	29

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	166
Número de ligações elétricas domiciliares	15 348
Número de focos para iluminação pública	1 776

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	33 693 717 kWh
Da sede municipal	33 674 526 kWh
Consumo para iluminação pública	877 240 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o município	18 924 810 kW

ESGOTOS SANITÁRIOS

Total de logradouros servidos	87
Parcialmente servidos	18
Totalmente servidos	69

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos	70
Parcialmente servidos	25
Bebedouros ou bicas públicas	21
Consumo anual de água (m^3)	4 745 000

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	1 290
Agências telefônicas na sede e distritos de Cassino, Quinta e Povo Novo	3

TAXAS TELEFÔNICAS COBRADAS

Comércio e Indústria	Cr$ 340,00
Residências	Cr$ 150,00
Profissões liberais	Cr$ 245,00
Repartições públicas	Cr$ 170,00

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município 6 agências.

HOTÉIS E PENSÕES

Grande Hotel, de Anália Coutinho	170,00	340,00
Paris Hotel, de Colussi & Saenger Ltda.	220,00	440,00
Hotel Swift, da Cia. Swift do Brasil S. A.	225,00	450,00
Hotel Portugal, de J. Sequeira, Irmão & Cia.	120,00	240,00
Hotel São José, de Orivaldo Carassai da Silva	150,00	300,00
Hotel Vitória, de Manoel Fernandes Ramos	130,00	260,00
Hotel Coimbra, de José Marques Henriques (sem pensão)	65,00	130,00
Pensão S. Antônio, de Marcelino Mathias Vieira (sem pensão)	75,00	150,00
Pensão Gaúcha, de Marcelino M. Vieira (sem pensão)	30,00	60,00
Hospedaria dos Viajantes, de Frank Arnaud (sem pensão)	30,00	60,00

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	1 574
Ônibus	20
Camionetas	161
Ambulâncias	6
Motociclos	149
Outros veículos	1
Total	1 911

Para transporte de cargas

Caminhões	469
Camionetas	84
Fechados para transporte de mercadorias	9
Cisternas	5
Tratores	28
Reboques	—
Autos-socorro	3
Não especificados	25
Total	623

Veículos a fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	45
Carros de quatro rodas	—
Bicicletas	3 809
Total	3 854

Para cargas

Carroças de duas rodas	977
Carroças de quatro rodas	85
Outros	157
Total	1 219

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 75% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças, em idade escolar, matriculadas é de 61%. Em 1955 havia 90 unidades escolares do ensino fundamental comum com 9 871 alunos. Conta o município com uma escola de Engenharia Industrial, 4 unidades de ensino ginasial, 2 de ensino colegial, 9 de ensino comercial e 12 de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Em 1956 contava o município 3 jornais diários: um matutino e dois vespertinos; 2 semanários. Sociedades recreativas, 51. Sociedade desportivas, 76. Bibliotecas com mais de 1 000 volumes, de caráter geral, 9 com um total de 12 500 volumes. Públicas: geral — uma com 121 158 volumes; infantil — uma com 2 214 volumes. Tipografias, 10. Livrarias, 2. Editôras, 5. Estações de rádio há duas: 1.ª) — Sociedade Rádio Cultura Rio-grandina Ltda. — prefixo ZYC-3, freqüência de 820 quilociclos, potência em "watts": anódica, 320; e na antena, 250. Tôrre irradiante, uma. Palco auditório, com capacidade para 136 pessoas. 11 microfones, uma discoteca com 10 742 discos e 36 pessoas empregadas. 2.ª) — Sociedade Emissoras Minuano Ltda. — Prefixo ZIU-23, freqüência de 1 570 quilociclos, potência, em "watts": anódica, 100 e na antena, 100; tôrre irradiante, uma; palco auditório, com capacidade para 400 pessoas e discoteca com 16 102 discos. Há 42 pessoas empregadas. Doze Cine-Teatros, com capacidade para 9 033 pessoas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Na sede municipal há o Jóquei Clube de Rio Grande, fundado em 1922. Possui magnífico pavilhão de cimento armado, e confortáveis acomodações. Em 1956 houve 59 reuniões com 431 páreos realizados. Foram distribuídos Cr$ 3 815 000,00 em prêmios, somando o movimento de apostas Cr$ 24 000 000,00. Estão matriculados 230 animais entre os quais 30 estrangeiros. Há, no município, um criador de cavalos da raça anglo-árabe, Sr. Carlos da Cunha Amaral. Canchas retas: Há cêrca de 9 canchas retas nos distritos, com média anual de 4 corridas e movimento de apostas de .... Cr$ 1 800 000,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Havia em 1955, no município, 3 hospitais, com 572 leitos, tendo sido internados 9 814 enfermos dos quais 2 503 crianças, 233 homens e 4 974 mulheres. Contavam-se nos citados hospitais 3 aparelhos de raios-X diagnóstico, 2 de radioterapia, 11 salas de operação, 5 de parto e 4 de esterilização. Duas entidades possuem aparelhos de eletrocardiografia, e duas contam laboratório e farmácia. Exercem profissão no município 48 médicos e 37 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Existem os seguintes: estabelecimentos assistenciais, dois (L.B.A. e S.E.S.I.); beneficentes mutuários, 16; asilos e recolhimentos, 8; associações de caridade, 3.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 48 advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Há 27 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — É comarca de 3.ª entrância com 3 juízes.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia, com subdelegacias nos distritos.

PROTEÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS — Uma guarnição do Corpo de Bombeiros, regularmente aparelhada.

COOPERATIVAS — de Consumo — 6; total de sócios — 4 720; valor dos serviços executados — .... Cr$ 33 174 010,00.

SINDICATOS — Sindicato dos Ajudantes de Despachantes Aduaneiros; Sind. Conferentes e Consertadores Carga e Descarga do Pôrto; Sindicato dos Contabilistas; Sindicato dos Corretores de Navios do Estado do R.G. Sul; Sindicato dos Despachantes Aduaneiros; Sindicato dos Empregados no Comércio; Sindicato dos Empr. no Comércio Hoteleiro e Similares; Sind. dos Empr. em Estabelecimentos Bancários; Sind. dos Estivadores e Trabs. em Carvão Mineral; Sind. Ind. de Doces e Conservas Alimentícias; Sind. Maquinistas e Motoristas da Marinha Mercante; Sindicato dos Médicos; Sindicato dos Oficiais Gráficos; Sindicato dos Trabs. na Ind. de Fiação e Tecelagem; Sindicato dos Pescadores; Sindicato dos Práticos Arrais e Mestres da Navegação Lacustre do Rio Grande do Sul; Sindicato Empr. Navegação Fluvial e Lacustre; Sindicato Trabs. Ind. Carnes e Deriv., Torref. Moagem Café, Doces, Massas Alimentícias; Sindicato dos Trabs. na Ind. da Construção Civil e do Mobiliário; Sindicato dos Trabs. na Indústria do Fumo; Sindicato Trabs. Ind. Metal., Mecânica e Material Elétrico; Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios; Sindicato dos Lojistas do Comércio; Sindicato dos Trabs. na Ind. de Laticínios e Derivados.

FESTEJOS POPULARES — Festas juninas, restritas a bailes e festividades escolares. Há o Centro de Tradições "Mate Amargo", com magnífica sede, mantendo projeção no Estado. Realizou, em 1956, o 2.º Congresso Tradicionalista do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Monsenhor Eurico M. Magalhães, as procissões tradicionais são: do Encontro — lembra o encontro de Jesus com sua Mãe, no Caminho do Calvário; do Senhor Morto, na sexta-feira santa; a do Senhor Ressuscitado no domingo da ressurreição; a de São Pedro, padroeiro da cidade, no dia 29 de junho. É tradicionalmente observada, a 2 de fevereiro, a de Nossa Senhora dos Navegantes, incorporando-se os acompanhantes de Rio Grande à procissão originada em São José do Norte, município fronteiro e que faz o seu maior percurso em águas rio-grandinas.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — O Aeroporto Municipal de Rio Grande possui 3 pistas, respectivamente com 800 x 100, 1 200 x 45 e 600 x 45. Pavimentação de cinza e cabeceira da pista, de concreto. Ótimo prédio de material para atender aos passageiros.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Matriz de São Pedro, tombada pelo Serviço de Patrimônio Histórico Nacional, benta sob a invocação de São Pedro, que passou a ser o novo orago da vila, em 25 de agôsto de 1755, pelo Bispo do Rio de Janeiro. Estátua à Liberdade, na Praça Xavier Ferreira, inaugurada em 15-12-1889; estátua a Bento Gonçalves, sôbre seus restos mortais, à Praça Tamandaré, obra do escultor Português Teixeira Lopes, inaugurada em 20-9-1909; estátua a Rio Branco, à Praça 7 de Setembro, inaugurada em 10-2-1925; estátua a Marcílio Dias, à Praça da Bandeira, inaugurada em 19-11-1940; estátua a Silva Paes, fundador, à Praça Xavier Ferreira, inaugurada em 1939; estátua à Mãe, na Praça Xavier Ferreira, inaugurada em 19-3-50; herma a Giuseppi Marconi, Largo do Bom Fim, inaugurada em 18-12-38; herma a Carlos Gomes, Largo Alcides Lima, inaugurada em 1-1-14; herma a Dom Bosco, Liceu Salesiano Leão XIII, inaugurada em 1916; herma a Júlio de Castilhos, inaugurada em .... 15-11-1918; herma a Carlos Guilherme Rheigantz na Sociedade Mutualidade, inaugurada em 14-4-921; herma a José Artigas, à Praça Montevidéu, inaugurada em ...... 25-8-1937; herma a Oswaldo Cruz, Saguão da Santa Casa, inaugurada em data ignorada; herma a Ruy Barbosa, à Praça Rui Barbosa, inaugurada em 16-6-1942; herma ao Rev.do Dr. Lucien Lee Kusolvino, na Igreja do Salvador, inaugurada em 15-4-1934; herma a José Brochado da Rocha, Largo da Estação Central, inaugurada em 9-9-1945; herma a França Pinto, à Praça Tamandaré, inaugurada em 1946; herma a Paulo Angelo Pernigotti, na Cia. Tecelagem Rio Grande, inaugurada em 1946; herma a Luiz Loréa, à Rua Marechal Floriano, inaugurada em 1950; herma ao Presidente Getúlio Vargas, à Praça Xavier Ferreira, inaugurada em 19-4-1955. Nicho com herma do General Osório, à Rua General Osório, Quartel-General, inaugurada em 1894. Placa comemorativa ao nascimento do Conde de Pôrto Alegre, frente à casa em que nasceu, à Rua General Bacelar, inaugurada em 18-7-1926. Placa comemorativa ao nascimento do Almirante Tamandaré, no local em que nasceu, à Rua Francisco Marques, inaugurada em .... 24-6-1935. Placa comemorativa da Sede da primeira Câmara da Vila, 1.º Govêrno da Cap. São Pedro do Sul, à Rua General Bacelar, esq. Pinto Lima, inaugurada em .... 23-2-1937. Placa comemorativa ao centenário da Fundação da cidade, no Saguão da Prefeitura Municipal, inaugurada em 28-6-1935. Placa à navegação japonêsa, no Pôrto Novo, Armazém A-3, inaugurada em 1941. Placa comemorativa ao 1.º Congresso Eucarístico Municipal, na Matriz de São Pedro, inaugurada em 29-11-940. Obelisco a José H. Rodo, à Praça Barão de São José do Norte, inaugurado em 25-8-1937. Obelisco da Colônia Portuguêsa, à Avenida Portugal, inaugurado em 27-6-1935. Obelisco da Colônia Sírio-Libanesa, à Praça Montevidéu, inaugurado em .... 28-6-1935. Obelisco ao Obreiro Desconhecido, Largo do Bom Fim, inaugurado em 24-2-1937.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — A praia balneária do Cassino, no distrito de igual nome, é tradicional estação de repouso da zona sul do Estado. É muito concorrida de dezembro a março. Os dois braços de pedra que avançam pelo Oceano Atlântico e constituem os molhes da barra, é a atração dos amadores da pesca, na praia do Cassino, onde se realizam Campeonatos Estaduais de pesca, com afluência de pessoas de localidades distantes, inclusive do Uruguai e Argentina.

Na cidade, o monumento a Bento Gonçalves da Silva, na Praça Tamandaré, onde repousam os restos do herói de 35, de autoria do escultor português Teixeira Lopes, e o

monumento a Silva Pais, grupo simbólico, à Praça Xavier Ferreira, atraem os visitantes.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	203 967	105 697	35 690	7 390	56 413
1951	266 670	120 119	42 351	8 285	70 435
1952	312 952	147 074	52 099	9 124	77 932
1953	484 086	168 489	80 453	11 283	126 857
1954	559 668	192 194	99 683	13 637	139 584
1955	497 412	232 896	101 716	22 115	116 606
1956	364 846	371 137	125 036	25 265	152 036

RIO PARDO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O município de Rio Pardo, criado simultâneamente com os de Pôrto Alegre, Rio Grande e Santo Antônio, é, ao lado dêstes, o mais antigo do Rio Grande do Sul.

Em função não sòmente de sua imensa extensão territorial, à época em que foi instalado, mas também devido a sua fundamental importância nos acontecimentos militares que asseguraram ao Estado seus limites atuais, bem como ao pugilo de imponentes figuras ilustres nêle nascido, Rio Pardo tem participação decisiva na história rio-grandense.

O município está situado na região fisiográfica denominada Depressão Central. É cortado transversalmente pelo rio Jacuí, que corre no sentido oeste-leste. A zona do norte, com seus barrancos erguidos sôbre o Jacuí, estende-se em coxilhas que vão lindar com as matas do planalto. A zona do sul, apresenta largas várzeas ao longo do Jacuí, que, à medida que se aproximam do escudo rio-grandense, dão lugar a coxilhas que subirão a serra de sudeste.

Primitivamente foi habitado por índios tapes, gês guaranizados, dóceis e ordeiros. Eram exímios agricultores: plantavam mandioca e milho em clareiras abertas a expensas de grandes derrubadas, praticadas sem contar com outros instrumentos que os de pedra.

É possível que os tapes tenham entrado em contato com europeus nos fins do século XVI, e início do XVII, que seriam os comerciantes portuguêses. Êstes entravam em pequenas embarcações pela Barra do Rio Grande, fazendo permutas com os índios das margens da lagoa dos Patos, do rio Guaíba e curso inferior do Jacuí.

Vista parcial do centro da cidade

Igreja-Matriz de Nossa Senhora do Rosário

O primeiro contato efetivamente civilizador deve-se, porém, aos Jesuítas. Êstes penetraram no Rio Grande do Sul em 1626, ano em que o padre Roque Gonzales funda a redução de São Nicolau. Vastas eram as possibilidades que tinham a sua frente os membros da Companhia de Jesus, conquistando terras e almas para Deus e para a Coroa de Espanha. Penetrando pela margem oriental do rio Uruguai, pouco a pouco foram estabelecendo uma teia de reduções. À margem direita do rio Pardo criaram três. A primeira, fundada em 1632, ficava situada próxima à divisória dos municípios de Rio Pardo, Santa Cruz do Sul e Candelária, provàvelmente em território dêste último, e levou o nome de Jesus-Maria. A segunda, mais ao norte, situava-se no atual município de Soledade, próximo à sua divisória com Santa Cruz do Sul: tomou o nome de São Joaquim, e foi fundada em 1633.

Os tapes eram dóceis e ordeiros, e com uma facilidade espantosa abandonavam a vida selvagem, sob a ação dos missioneiros. É assim que o povo provincial dos Jesuítas, padre D. Diego de Boroa, teve a agradável surprêsa de ser procurado por Caraichure, morubichaba de algumas centenas de tapes, e dêle ouviu sentido apêlo de que fôsse fundada uma redução em suas terras.

Vista noturna do centro da cidade

A 19 de dezembro de 1634 era então fundada a redução de São Cristóvão, pelo padre Agostinho Contreras. Imediatamente Caraichure pediu para ser batizado, e assim o foi, tomando o nome de Antônio. O padre surpreendeu-se ao encontrar os índios rezando diversas preces que conheciam de cor, e que repetiam diàriamente, antes mesmo de terem entrado em contato direto com os missionários. Não só os tapes não ouviam as intrigas dos feiticeiros, como lhes davam verdadeira caça, aplicando-lhes generosas sovas, antes de entregá-los ao padre Contreras. Traziam os doentes à redução, de modo a êstes não morrerem sem receber os sacramentos. Em pouco tempo êsse núcleo civilizador contava 2 300 moradores, "todos batizados, todos praticando com fervor a religião, vivendo vida de costumes muito puros, não mais conhecendo o roubo, nem a embriaguês, nem os ódios, nem a luxúria."

Dezoito reduções estavam cravadas no Rio Grande do Sul, abrangendo cêrca de um quinto de sua superfície. Interessante é notar que tôdas estariam dentro dos limites de Rio Pardo, quando de sua criação. Em seu território atual, apenas estava São Cristóvão. Esta, a exemplo do sucedido às demais, recebeu em 1634 um lote de cem cabeças de gado bovino, por iniciativa do padre Cristóvão Mendoza.

Uma tormenta iria desabar, destruindo o sonho dos missionários. Mais terrível que as sêcas, as pragas, as epidemias, as feras, os indígenas hostis, sôbre as reduções, se abateria a fúria e cobiça dos bandeirantes.

O primeiro e mais famoso é o notável Antônio Raposo Tavares. Na primeira semana de 1636 parte de São Paulo, com 120 paulistas e 1 000 tupis. A 2 de dezembro do mesmo ano arrasa a redução de Jesus-Maria, aprisionando grande quantidade de indígenas. A 25 de dezembro, após cinco horas de combate, toma São Cristóvão, aprisionando também nesta os tapes que não lograram escapar.

O objetivo da incursão de Raposo Tavares, em nossos dias, parece mesquinho e cruel. Vinha prear índios, para vendê-los como escravos. O padre Rambo, num cálculo talvez exagerado, estima em 100 000 os nativos levados pelas diversas bandeiras. De qualquer forma, milhares, dezenas de milhares de índios foram arrastados de suas terras, para ir trabalhar, sob látego, em distantes rincões. Por outro lado, considerados sob a perspectiva histórica, essa destruição de centros civilizadores, êsses terríveis morticínios, essa caça de gado humano, essa atividade avassaladora, acabou por, dois anos após, expulsar os Jesuítas do Rio Grande do Sul, impedindo uma fixação efetiva de missionários espanhóis no Estado, e, assim, permitindo sua integração no domínio da coroa portuguêsa.

O tempo e as intempéries destruíram os restos da redução saqueada. Raposo retornou a São Paulo rico em prêsas e vitoriosos; outros bandeirantes sulcaram caminhos inóspitos em 1737 e 1738, fazendo recuar os Jesuítas.

E, durante quase um século, as terras de Rio Pardo perderam contato com europeus.

O reconhecimento e a tomada de posse estavam condicionados a acontecimentos ocorridos remotamente.

Em 1680 é fundada a Colônia do Sacramento, por D. Manoel Lobo, no estuário do Prata, frente a Buenos Aires. Esta iniciativa de Portugal criaria um manancial de futuros atritos entre as colônias espanholas e o Brasil. Em 1682 retornam os Jesuítas ao Rio Grande do Sul, limi-

Edifício do Fôro, no centro, e da Prefeitura Municipal, à direita, onde se acha instalada a Agência Municipal de Estatística

tando porém as Missões aos territórios hoje compreendidos pelos municípios de São Borja, São Luís Gonzaga e Santo Ângelo.

A Colônia ficava isolada do resto das possessões portuguêsas — o estabelecimento mais próximo era a vila de Laguna. Por outro lado as Missões constituíam uma cunha que a qualquer momento poderia avançar até o Atlântico.

Uma das mais remotas referências, por parte de portuguêses, à região, encontra-se na "Noticia prática da costa e povoação do mar do Sul", por Manoel Gonçalves de Aguiar.

Êste viajou a Laguna, em fins de 1714, e retornou em inícios de 1715. Informa que lhe narraram referentemente à existência de ouro em território rio-grandense, ter uma bandeira de Francisco Dias Velho e do capitão-general-mor Domingos Brito Peixoto penetrado no Rio Grande até a serra chamada Botucaraíba, onde foi aprisionado um indígena. Frente a Jesuítas e índios armados, regressaram com tal presteza que fizeram em 6 o trajeto que lhes custaria 15 dias.

Essa bandeira passou, face aos dados prestados na notícia, por Rio Pardo.

Francisco de Brito Peixoto, capitão-mor de Laguna, conforme estudos do gen. Borges Fortes, teria vindo ao Rio Grande do Sul, em 1715. Trazia por objetivo localizar jazidas de metais e pedras preciosas, bem como pontos que servissem para futuro povoamento. A escolha de locais, que apresentassem alto grau de segurança contra incursões dos indígenas missioneiros, ou contra invasão espanhola, desde que o latente conflito estivesse prestes a eclodir, talvez fôsse o motivo principal de sua incursão.

Brito Peixoto teria subido pelo Jacuí até o Passo do São Lourenço. Regressando, encontrou um vasto rincão de campos e matos, que apresentava a sua frente, sôbre a barra do Rio Pardo no Jacuí, forte elevação da cixilha, de onde se divisava muito longe para o sul. O local era fortemente defendido pelos rios que o circundavam, e pelos matos que existiam nas extensas várzeas; ao norte, sua defesa era garantida pela encosta inferior do planalto.

O rio ganhou o nome de Pardo em virtude da côr das águas e da escuridão do sítio. O local teria sido escolhido para depois nêle se formar um ponto de concentração de fôrças militares, e mais tarde Brito Peixoto dar-lhe-ia o nome de Rincão d'El-Rei, ou rincão Reservado para Serventia da Nação.

Era necessário e inadiável ao govêrno português romper o isolamento em que se encontrava a Colônia do Sacramento. Além disto, já em março de 1736 ordenava El-Rei a posse do Rio Grande do Sul, "porque não é menos importante segurar a baía de Rio Grande e campanhas circunvizinhas que igualmente pertencem a meus domínios.""

A 19 de fevereiro de 1737 é oficialmente fundado o presídio Jesus-Maria-José, na barra de Rio Grande, por José da Silva Pais. Com isto tem início o povoamento em escala significativa do Estado meridional do Brasil.

De Rio Grande, daquela fortaleza humilde e despretenciosa, irradiam-se os portuguêses para diversos pontos do Rio Grande do Sul, ocupando efetivamente aquelas terras, que a Coroa de Portugal reclamava para si.

Não é possível precisar-se a data em que se tenha estabelecido o primeiro morador de Rio Pardo. Fora de dúvida, foi Cosme da Silveira Ávila, um dos membros da famosa frota de João Magahães, que reconhecera os territórios que vão de Laguna até o estreito de Rio Grande. Cosme da Silveira andou em diversas regiões, desde os campos de Viamão até Rio Grande.

Na declaração e descrição de bens deixados por Cosme à sua viúva, Rita Josefa da Silveira, encontramos em seu testamento, feito na Rua Velha, em 1763, que ""o terreno da Fazenda Boa Esperança havia sido adquirido no Juízo dos Ausentes da Comarca", que era então Laguna, a cuja jurisdição pertenciam as terras de Rio Grande.

Em 1739 cessam as notícias de Cosme da Silveira, até então administrador da Fazenda Real do Bojuru no Presídio do Rio Grande; vão reaparecer na fundação da capela de Viamão, em 1774, e, mais tarde, quando fôr fornecedor de mantimentos ao destacamento e ao Forte de Rio Pardo, cêrca de 1753. No período de 1739 a 1753 deve ter Cosme da Silveira se radicado em terras do atual município de Rio Pardo. Mais tarde suas propriedades foram recuperadas pela Fazenda Real, transferindo-se para Cachoeira.

A ocupação efetiva e o surgimento de um núcleo populacional estavam condicionados aos problemas criados pela Colônia e pelas Missões.

A 13 de janeiro de 1750 era assinado um tratado em Madrid, sendo a 17 de janeiro de 1751 firmado o Suplemento ao mesmo. O artigo 13 do Tratado de Madrid rezava: "Sua Majestade Fidelíssima em seu nome, e de seus Herdeiros e sucessores, cede para sempre à Coroa de Espanha a Colônia do Sacramento e todo seu território adjacente a ela na margem setentrional do Rio da Prata..." O artigo 14 traçava o limite entre as possessões espanholas e portuguêsas, servindo de divisória a linha que partia dos Montes Castilhos Grandes (em território uruguaio), atingindo depois as nascentes do rio Ibicuí, seguindo até a foz dêste, subindo a seguir o curso do rio Urugai. Desta forma as Missões Orientais passariam a Portugal. E o artigo 16 dizia: "Dos povos ou aldeias, que cede Sua Majestade Católica (Coroa de Espanha) na margem oriental do Rio Uruguai, sairão os missionários com seus móveis e efeitos..."

Os Comissários de Demarcação seriam, por parte de Portugal, o capitão-general do Rio de aneiro, Gomes Freire de Andrade, e, por parte de Espanha, o Masquês de Val de Lírios, Ministro do Conselho das Índias. Sob instruções de ambos, iam trabalhar as comissões demarcadoras, que encontrariam grandes e quase insuperáveis dificuldades.

Desejando Gomes Freire "achar caminho fácil ao progresso das Missões", bem como estabelecer um pôsto de defesa, a fim de impedir o avanço dos tapes sôbre os Campos de Viamão, em 1752 subiu o Guaíba e o Jacuí um punhado de exploradores, seguido pelo furriel-de-dragões Francisco Manoel de Távora, com alguns paulistas. E "chegaram ao Rio Pardo que entra no Guaiba (Jacuí) coisa de 30 léguas acima da Barra, e dito Rio Pardo descortinaram um pouco de mato que facilitou um passo até então desconhecido ou pouco viado".

Em 1754 Gomes Freire mandou "fazer um armazém para o recebimento dos mantimentos das tropas que para ali houvessem de fazer sua marcha; recomendando ao mesmo tempo se fortificassem e pusessem as coisas em estado de defesa".

A primeiro de março de 1754 chegam as ordens para marcar o local. "Para esta diligência foi nomeado João Gomes de Mello, engenheiro, o Alferes de Infantaria José da Silva Mattos, e ordem ao Tenente de Dragões Francisco Pinto Bandeira, que se achava em Viamão".

A Francisco Pinto Bandeira, que já se encontrava anteriormente no local, cabia a tarefa de proteger os construtores do forte contra eventuais incursões dos índios tapes, dentro da esfera cultural e administrativa dos Jesuítas, que se opunham tenazmente à entrega das Missões aos portuguêses. Contava o tenente com 60 aventureiros paulistas para essa tarefa.

A situação agravava-se com a notícia da oposição oferecida à comissão demarcadora por parte do índio Sepé que no atual município de Bagé obrigou a comissão a regressar.

O Forte Jesus-Maria-José erguer-se-ia aos poucos: ficava assim segura "a passagem ou trânsito das tropas, dos povoadores, os gados, e cavalos de que nos poderíamos servir".

Mas já a primeiro de fevereiro de 1754 um paulista cruza o rio, encontrando primeiro um índio tape, logo a seguir, outro, êste a cavalo e armado de lança. Retornou cèleremente o miliciano, sendo o fato comunicado às autoridades superiores.

Na madrugada de 23 de fevereiro "foram os nossos atacados por um grande número de índios que segundo se julgou passavam de 1 000 e persuadidos talvez a que nos apanhassem descuidados", durando a luta até as nove horas da manhã. Retiraram-se os tapes deixando 28 mortos, e enterrando em sua retirada outros 60 que faleceram devido aos ferimentos. Os nossos ficaram senhores de campo "por não faltarem troféus à vitória, que ao depois nos poderiam duvidar, e dos Portuguêses morreu tão sòmente um Paulista, ficando feridos o Tenente de Dragões (Francisco Pinto Bandeira) de uma flecha em um braço, um cabo-de-esquadra de infantaria passado por ambas as nádegas com uma bala, e mais dois paulistas de flecha". "Afirmam os oficiais que aquela Legião de Tapes vinha comandada por um Padre da Companhia".

Vista aérea da antiga Escola Militar, atual Ginásio N.ª S.ª Auxiliadora

Busto das Professôras Zamira e Ana Aurora do Amaral Lisboa

Pinto Bandeira expediu aviso para Rio Grande, pedindo socorro diante da iminência de um segundo ataque. Gomes Freire faz seguir ao forte o tenente-coronel Tomás Luís Osório, à frente de um contingente. A fortificação foi melhorada e as trincheiras cavadas em posições mais favoráveis.

A 2 de maio o forte é acometido pelos indígenas, chefiados por Sepé Tiaraju, bem como por dois jesuítas. Vinham com quatro peças de artilharia, canhões feitos de taquaras, cobertas de couro cru, e atarracados com arcos de ferro; armados com lanças e flechas, armas de fogo, fundas e porretes. Os tiros de artilharia não lograram grande efeito, porém ajudavam a manutenção do cêrco, bem como eventualmente poderiam causar grandes estragos. Francisco Pinto Bandeira avança com granadeiros e dragões, aprisionando 53 indígenas, entre os quais o próprio Sepé. É então que o dirigente dos índios missioneiros demonstra

Busto do Barão do Triunfo

sua notável habilidade e astúcia: oferece-se para ir buscar, junto a Pinto Bandeira e outros, a prêsa, que consistia na boiada e cavalhada aprisionada por suas tropas, mas "tanto que chegou à parte conveniente meteu pernas ao cavalo, e, à borda de um mato, apeando-se com tôda a diligência, tirou o pelego e cabeçada ao cavalo, e se meteu ao mato sem que alguns tiros que lhe atiraram o ofendessem".

Remetidos os demais prisioneiros ao Rio Grande, lá chegaram apenas 14, visto os demais serem mortos em combate com a escolta que os conduzia, quando navegavam na lagoa dos Patos. Êstes 14 foram postos em liberdade por Gomes Freire, e mandados conduzir a suas paragens.

Em tudo isto pode observar-se o conjunto de tremendas dificuldades com que se defrontava a Comissão Demarcadora. Os indígenas e os Jesuítas estavam dispostos a lutar até o limite de suas fôrças contra a entrega de seus territórios aos portuguêses. Por seu lado, os espanhóis não mostravam especial interêsse em desalojar os missioneiros.

Gomes Freire de Andrade, a 28 de julho de 1754, transporta-se a Rio Pardo. Em sua jornada sofreu ataques dos indígenas. Informado o comandante português de que os espanhóis não cumpriam as determinações de campanha, ameaçado pelos tapes, Gomes Freire viu-se obrigado a firmar um armistício com seus adversários. Êste foi datado de 14 de novembro de 1754, ficando estabelecido que tôda a região ao norte do Jacuí, desde sua nascente principal, o Vacacaí, seria domínio português; o sul, indígena. Seria tratado como inimigo aquêle que passasse êstes limites. Ficava ressalvado, contudo, o direito de os portuguêses continuarem sua campanha tão logo o chefe das tropas castelhanas resolvesse reencetar as operações.

No ano de 1754 instala-se em Rio Pardo o Regimento de Dragões. Nos últimos dias do mesmo ano são levados açorianos à presença de Gomes Freire. Êstes eram destinados às Missões: em virtude do insucesso das operações previstas, Freire indica o capitão do Regimento de Dragões, Francisco Barreto Pereira Pinto, para instalá-los nas proximidades da povoação. Assim, foram os açorianos acampar entre os arroios do Couto e Diogo Trilha. Entre os nomes dos casais da Rua Velha, que era a linha de colonização, temos os de Domingos Pereira Henrique, Ignácio Rodrigues Pais, Pascoal da Silveira, Manoel Goularte, José da Silveira, José Gonçalves de Souza, Manoel de Azevedo, Francisco Antônio de Menezes, Mateus Pereira, Inácio de Morais, Manoel Azevedo Filho e Manoel Vicente Rodrigues, que deu nome ao arroio Vicente Português. Êstes nomes foram fielmente guardados em virtude da ação de despejo contra êles movida por Joaquim Severo Fialho, em 1782, que herdara aquêles territórios.

Muitos dos militares sediados no Forte iam recebendo sesmarias, tornando-se desta maneira Rio Pardo um centro de povoamento e posse de terras.

Em 1755 é criada a Capela de São Francisco.

No ano de 1756 as fôrças espanholas e portuguêsas iniciaram a grande campanha que aniquilaria as Missões, nela tomando parte os Dragões de Rio Pardo, com atuação notável na Batalha de Caiboaté, travada a 10 de fevereiro de 1756.

Em 1759 é fundada e construída a nova capela, dedicada a Santo Ângelo. O povodo crescia, desenvolvia-se a olhos vistos.

A 15 de agôsto de 1761 é firmado na Europa o chamado Pacto de Família, em decorrência do qual Espanha e Portugal entravam em luta. A 30 de abril de 1762 espanhóis e franceses invadem Portugal. A 15 de julho dêste ano, D. Pedro Zeballos, Governador de Buenos Aires, toma as primeiras iniciativas no sentido de ocupar o Rio Grande, dominando antes a Colônia do Sacramento. A 29 de outubro de 1762 cai sob o poder de Zeballos a Colônia, enquanto o coronel Tomás Luís Osório deixava Rio Pardo, acompanhado de 100 dragões, seguindo para Santa Tereza, forte que entregaria sem luta a 19 de abril de 1763.

Êsse ano de 1763 foi cruel para os portuguêses: a investida de Zeballos destruiu bastião por bastião lusitano, sendo que a 12 de maio a vila de Rio Grande capitularia.

A única vitória creditada aos lusos foi a conquistada por Francisco Pinto Bandeira, que com poucos dragões e alguns aventureiros paulistas chegados a Rio Pardo, infligiria uma derrota aos espanhóis, a 1.º de janeiro de 1763. Pinto Bandeira atacou os comandados de D. Antônio Catani em Monte Grande, sôbre o Jacuí, fazendo diversos prisioneiros e realizando copioso saque, consistindo em seis canhões, armas diversas, nove barris de pólvora, 9 000 cabeças de gado bovino e 5 000 de cavalares.

9 — 24 946

Enquanto o resto do Rio Grande via épocas terríveis, Rio Pardo continuava a crescer. A 11 de janeiro de 1766, o bispo D. Frei Antônio do Destêrro passa provisão a frei Valério do Sacramento, para a Capela de São Nicolau do Rio Pardo, com o fito de converter os índios.

No Livro da Câmara de Viamão, na Relação dos Proprietários de Gado no Continente de São Pedro que registram a fogo seus animais, vamos encontrar os seguintes inscritos no ano de 1767, a partir de 25 de fevereiro, data de abertura do Livro: Francisco Martins, Bernardo Gonçalves, Manoel Vicente, José Duarte, Manoel do Couto, Inácio Alves, Antônio Rodrigues, Antônio Vicente Nunes, José Homem, Manoel Pereira, e outros trinta e três, todos êles de Rio Pardo.

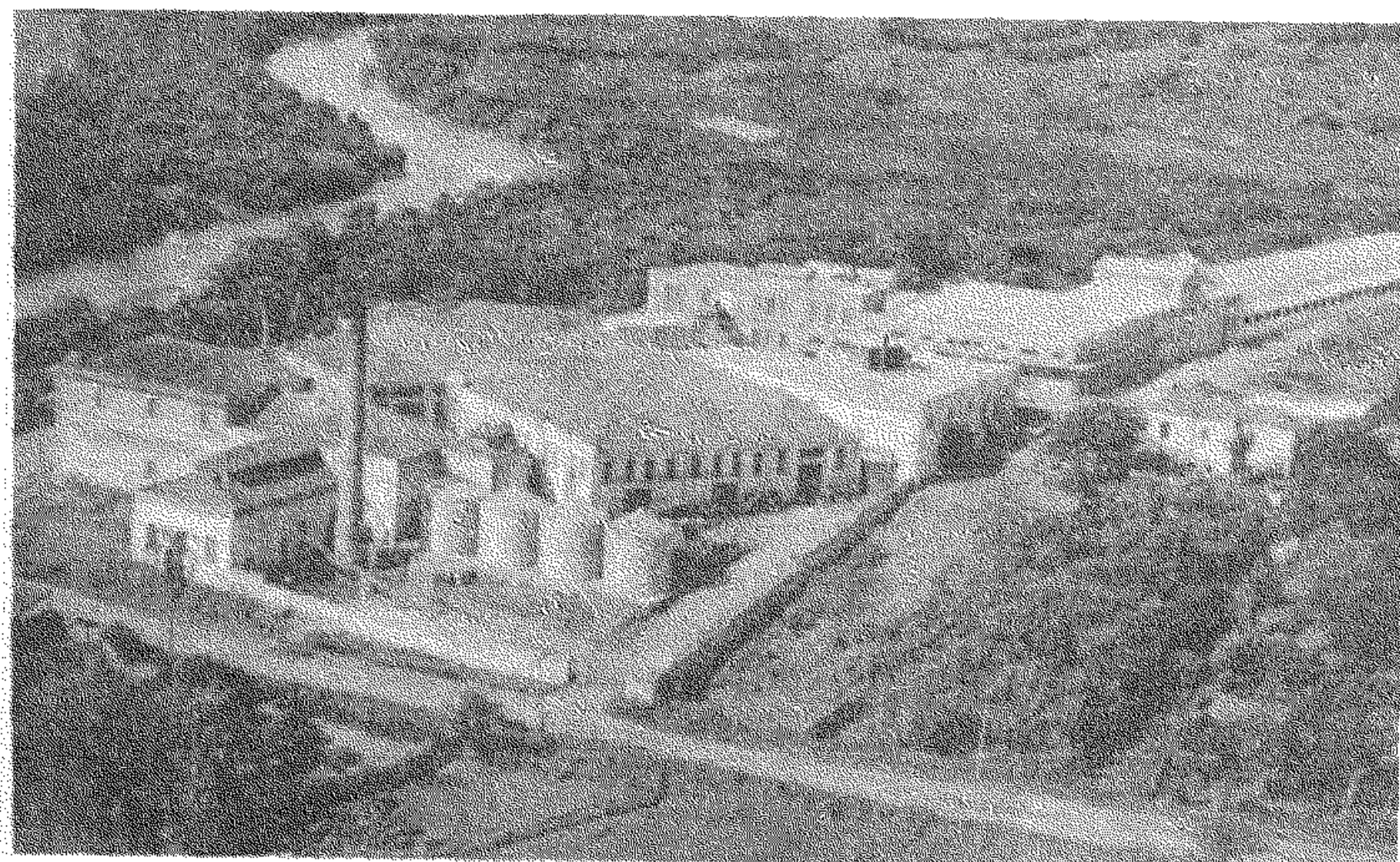
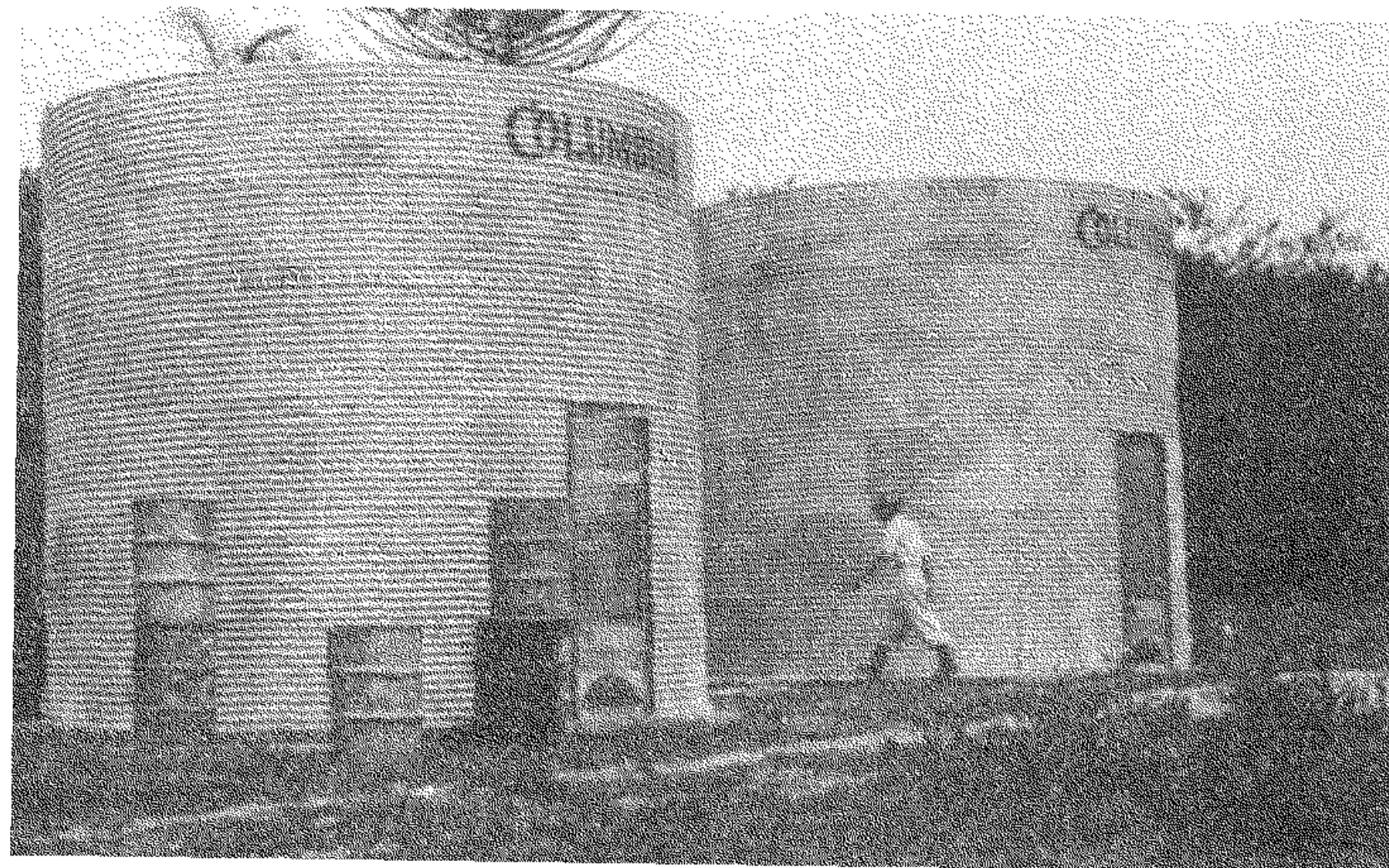
A 8 de maio de 1769 é provida a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo, sendo a quarta do Rio Grande do Sul.

A 18 de janeiro de 1771 é criada a comarca eclesiástica de Nossa Senhora do Rio Pardo, incluindo Santo Amaro, São Nicolau do Jacuí, sendo vigário o padre Manoel da Costa Mata.

Enquanto ocorriam êsses sucessos, o general D. João José de Vertiz y Salcedo cruza a deserta campanha entre a Colônia do Sacramento até a fronteira do Rio Pardo; era novembro de 1753 e Salcedo comandava 5 000 homens. A tropa tôda com que contavam os portuguêses pouco excedia a 400 homens. Em seu avanço, constrói Salcedo o forte de Santa Tecla, para resguardar-lhe a retaguarda.

É a ocasião em que iniciará sua brilhante carreira militar Rafael Pinto Bandeira, filho de Francisco Pinto Bandeira. Enquanto que Francisco teve em Rio Pardo seu apogeu, Rafael lá iniciou sua trajetória de glórias.

José Marcelino, governador do Rio Grande de São Pedro dirigia as operações defensivas desde Rio Pardo.

Uma partida despachada contra o adversário, dirigiu-se contra a segunda coluna invasora, de 600 homens, que vinha das Missões sob o comando de D. Antônio Gomes. Rafael Pinto Bandeira dirigia a partida, comandando 120 homens; Rafael atacou na madrugada de 3 de janeiro de 1774, encontrando o adversário sôbre o rio Vacacaí, desbaratando os castelhanos por completo, aprisionando o comandante, um capitão, um tenente, um alferes e oitenta soldados, levando troféus que compreendiam 1 200 cavalos, 300 muares, 100 bois, bem como as instruções escritas de Salcedo a Gomes.

Vista aérea do Engenho de Beneficiamento de Arroz, da Cooperativa Agrícola Rio Pardo Ltda.

Silos para armazenagem e conservação do trigo

Salcedo, sem saber desta derrota, baseado no forte apoio que a retaguarda lhe oferecia, rumava para Rio Pardo.

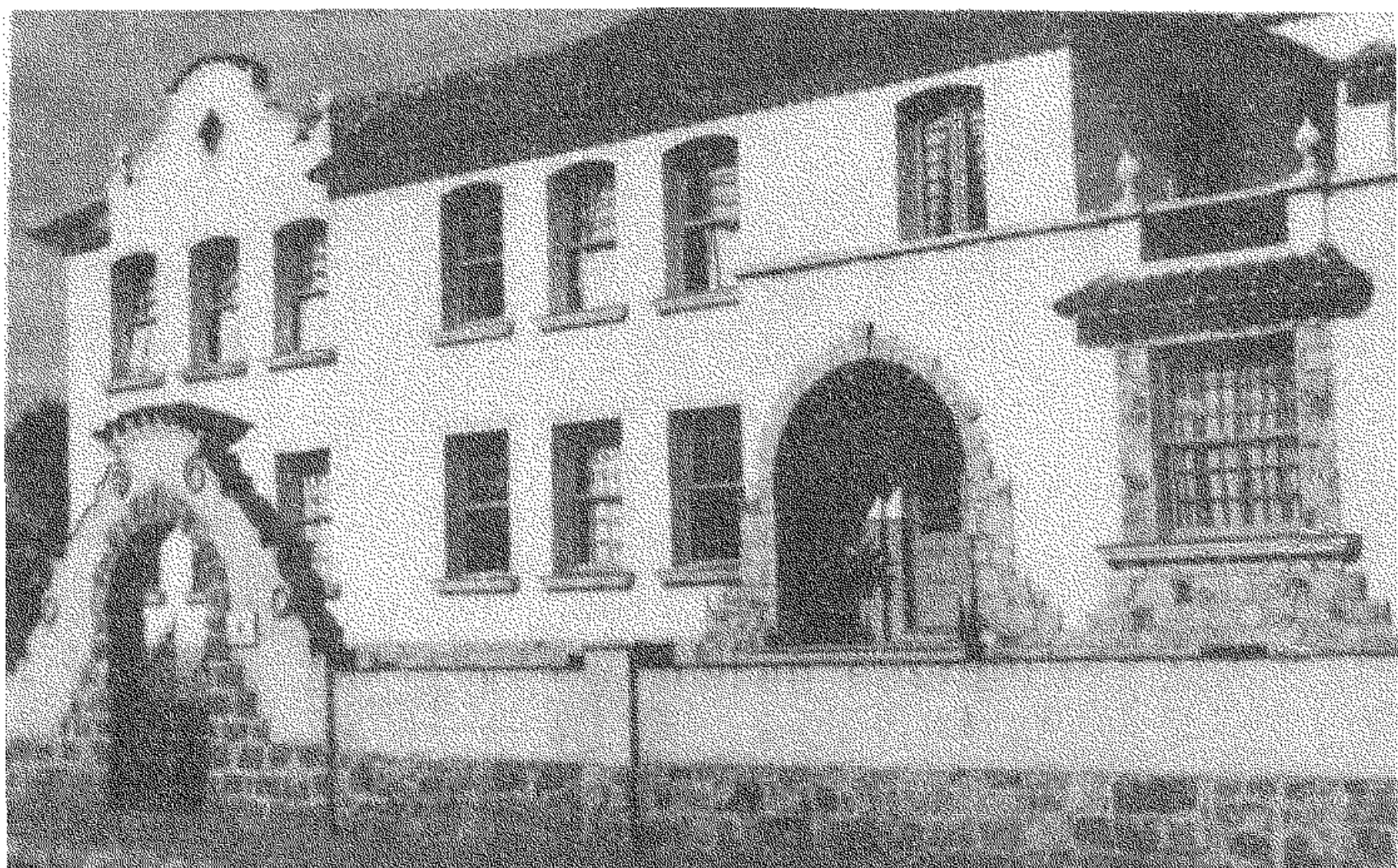
A 5 de janeiro, no passo de Pequeri, Salcedo foi recebido a bala por um contingente de 30 homens comandados pelo capitão Pedroso Leite, que a seguir retirou-se para Rio Pardo.

A 14 de janeiro trava-se o combate de Tabatingaí. Sob o comando do capitão José Carneiro da Fontoura, seguiam seus subordinados imediatos e 200 dragões; 440 eram os soldados dirigidos pelo coronel Bruno de abala. Quando a luta parecia favorável aos castelhanos, Rafael Pinto Bandeira, com uma audaz estratégia, desbarata o inimigo. Rafael recuou sob os espanhóis até um pantanal, onde êstes se atolaram; pela retaguarda chegam os outros três capitães dos portuguêses, esmagando o inimigo entre dois fogos.

O general Salcedo, enfurecido ante êste revés, marcha com sua coluna sôbre o forte, dispondo sua artilharia para o bombardeio, e intima a guarnição da praça, com a pena de serem o comandante e a guarnição tratados como salteadores, caso não se entregassem.

José Marcelino age com assombrosa astúcia. Responde que o assunto só poderia ser resolvido pelo governador do Continente, prestes a chegar. Algumas horas depois eram dadas salvas no forte, com um simples morteiro, dois falconetes e duas peças de ferro, mas com tal presteza que parecia o troar de muitas mais peças — a seguir é embandeirada a fortaleza, ao som de clarins e do rufo dos tambores. Simulava-se assim a chegada de um grande refôrço.

Na manhã seguinte Marcelino oficia ao general espanhol, oferecendo-lhe cortezes cumprimentos e pondo-se à sua disposição naquilo que se fizesse necessário.

Salcedo, sabedor do desbaratamento da tropa missioneira de Antônio Gomes, impressionado com a derrota do Tabatingaí, apavorado com a chegada de invisíveis e inesperados reforços, responde a José Marcelino nos seguintes têrmos: "Senhor. Tendo sido obrigado a continuar no meu propósito de reconhecer a situação das províncias do meu comando, conto já partir dêste quartel. E aproveitando esta ocasião terei o prazer em poder realizar tudo quanto possa ser-vos útil". Tal se dava a 16 de janeiro de 1774. A 17 Marcelino expressa seu prazer de ver o inimigo retornar a sua capital. "Nesta mesma noite levantou o campo, porém com tal precipitação e desordem, que mais parecia fuga".

Fachada da Escola Normal Regional "Ernesto Alves"

O governador Marcelino limitou-se a fazer sair Pinto Bandeira com um tenente e oitenta homens, seguindo de longe Salcedo até o rio Camaquã.

As tropas convergentes sôbre Rio Pardo tinham atingido o número de 3 000 soldados, enquanto que a guarnição dêste não passava de 298 milicianos.

O nome de "Tranqueira Invicta" era merecido para Rio Pardo.

Nesse ano de 1774 a população do Continente era de 17 923, sendo que em Rio Pardo havia 2 377 habitantes.

Aos poucos foram expulsos os espanhóis do Rio Grande do Sul. Dois tratados, um de 1777, o de Santo Ildefonso, e um de 1778, procurariam estabelecer a paz.

Nesse curto intervalo de lutas, José Marcelino distribui sesmaria aos que mais serviços houvessem prestado à causa portuguêsa, não só aos oficiais dos Dragões, como os inferiores e soldados, de modo a povoar essa região ao sul e oeste do Jacuí, estabelecendo-se estâncias de criação. Entre outros, temos os nomes de Alexandre Luís de Queiroz Vasconcelos, capitão Francisco Martins, sargento-mor José de Castro Morais, Alferes João Nunes de Miranda, capitão de Albuquerque, tenentes José Gomes do Pôrto, Francisco José de Magalhães, os soldados João Pires Coutinho Botafogo, Bento Barbosa Siqueira, José Carneiro da Fontoura, Cipriano Cardoso, Raimundo da Silveira Santos, tenentes Luís Escobar, João Batista de Carvalho, Ricardo José Carneiro da Fontoura, os alferes Antônio Araujo, Agostinho de Borba, Bernardo Antunes e Manoel dos Santos, troncos de tradicionais famílias rio-grandenses, entre muitos outros.

A 20 de fevereiro de 1801 eclodiria na Europa nova liça, desta vez condicionada às aventuras napoleônicas, lavrando a hostilidade entre os países ibéricos. O tenente-coronel Patrício José Correia da Câmara, que prestou quase 50 anos de serviço ao Regimento dos Dragões, coordenado então o movimento militar, tentaria a conquista das Missões.

Manoel dos Santos Pedroso, cabo miliciano e fazendeiro, e José Borges do Canto, desertor do Regimento, auxiliados por quatro tenentes e quarenta homens, iniciam a conquista daquelas dezenas de quilômetros quadrados.

Após ser dominada a guarda de São Martinho, por ação de Pedroso, a luta acelera-se, e, a 13 de agôsto, dez dias após a queda de São Martinho, cai São Miguel, antiga Capital das Missões.

A 18 de dezembro de 1801, concluía-se êste episódio, com a assinatura da paz, e conseqüente ampliação do Rio Grande do Sul para os limites que possui atualmente.

O grau de prosperidade atingido pelo Rio Grande do Sul, sua importância econômica e estratégica, a inabalável lealdade dos súditos portuguêses aqui residentes — inúmeros foram os fatôres que lhe dariam o direito de ser elevado a Capitania. O Decreto de 19 de setembro de 1807 cria a Capitania Geral de São Pedro — a posse do primeiro Governador e capitão-general, D. Diogo de Souza, ocorrerá a 9 de outubro de 1809.

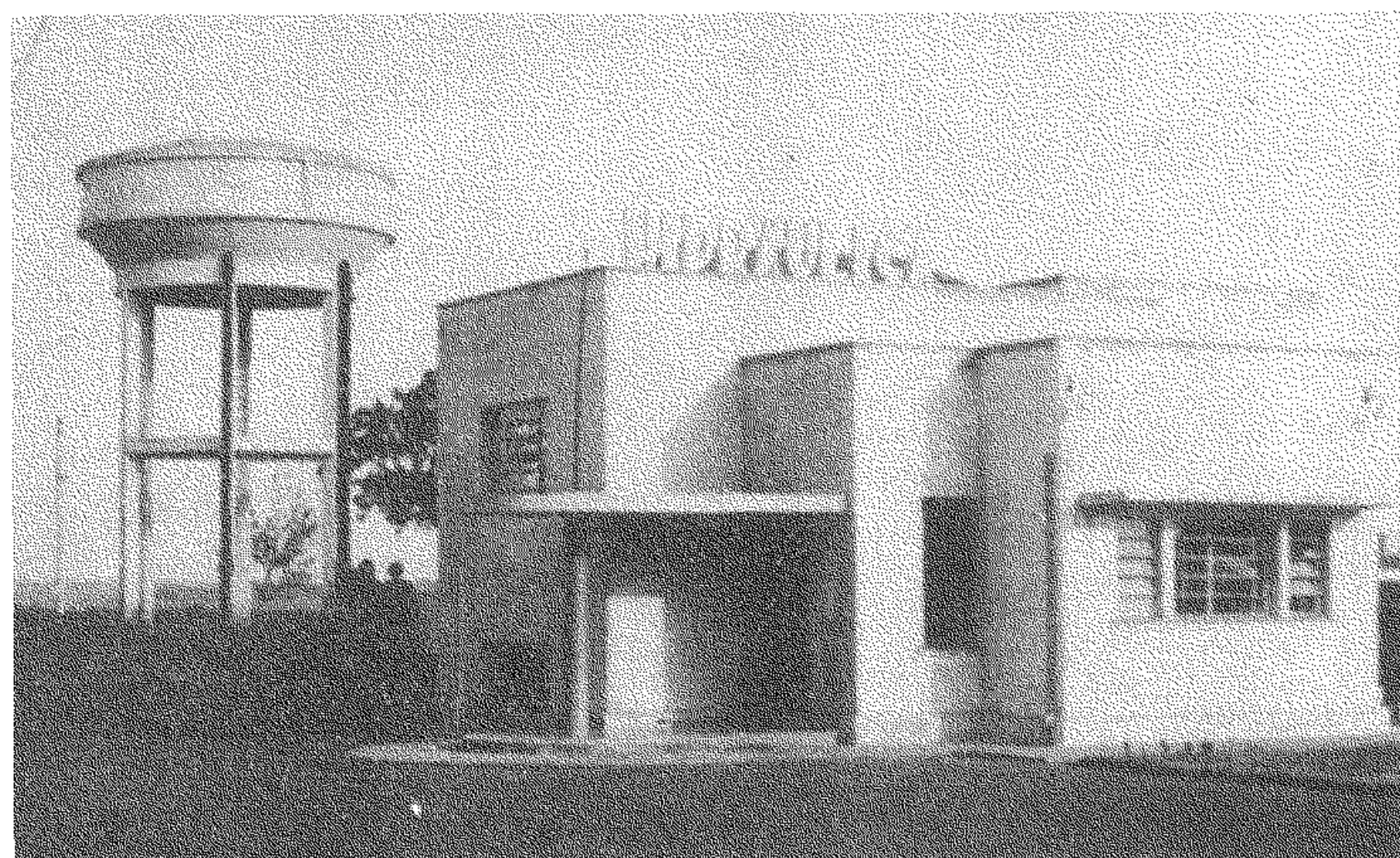
O Alvará de 27 de abril de 1809 criará quatro municípios, que abrangerão todo o território atual do Rio Grande do Sul: Rio Grande, Pôrto Alegre, Santo Antônio e Rio Pardo.

O município de Rio Pardo era imenso. Compreendia uma área de 156 803 quilômetros quadrados, ou seja, mais da metade do território rio-grandense. Por desmembramentos diretos ou indiretos veio gerar 59 dos 118 municípios existentes atualmente no Estado. Além dêstes, por cessão eventual de territórios a municípios desmembrados de Pôrto Alegre e Rio Grande, faziam parte de seu território primitivo mais 10 municípios, no todo ou em parte.

Seu limite, ao norte, ia desde a barra do rio Ligeiro, pelo Pelotas ou Uruguai, até a barra do Peperi-Guassu. A oeste, desde essa barra, pelo Uruguai, até a barra do rio Arapeí, atualmente rio pertencente à República Oriental do Uruguai. Ao sul, pelo Arapeí até sua nascente na coxilha de Santana, e daí ao arroio Poncho Verde, seguindo por êste até o rio Santa Maria, e pelo arroio Piraí pela coxilha que divide as águas ao Camaquã, e pelo Camaquã até receber as águas do arroio Sutil. A leste, pelo Sutil até suas nascentes na serra do Erval, e daí rumo direto até encontrar a barra do arroio do Condeí no Guaíba; por êste, seguindo as águas até Taquari, pelo qual sobe até receber o arroio Santa Cruz, pelo qual sobe até suas nascentes, e pelo planalto pelo rio Ligeiro, até sua foz no Uruguai ou Pelotas.

Compreendia a vila além da freguesia de Nossa Senhora do Rio Pardo, com tôdas suas capelas e matrizes, a de nossa Senhora da Cachoeira, as freguesias de Santo Amaro e São José do Taquari, igualmente com suas capelas filiais.

O ato de instalação do município deu-se a 20 de maio de 1811.

Foi assinado o ato pelo Ouvidor Corregedor da Comarca, Dr. Antônio Monteiro da Rocha, e seu Escrivão, Guilherme Ferreira de Abreu, seguindo-se 42 assinaturas.

Hidráulica Municipal

Tomaram posse como Juízes Ordinários o capitão Caetano Coelho Leal e Antônio José de Carvalho Guimarães. Procurador da Câmara, Manoel Luís da Cunha; Juiz de Órfãos, Capitão Manoel de Silva Paranhos; Tesoureiro da Câmara, Francisco Silveira Gomes; Tesoureiro dos Órfãos, Policarpo José Soares Lima. Na mesma data, 20 de maio, assumiram os vereadores da primeira Câmara Municipal: eram êles Antônio José de Carvalho Guimarães, José Antônio de Souza, Manoel Antônio Pereira Guimarães, José Velosso Rabello, e Manoel Luís da Cunha.

A 1.º de setembro de 1812 é criada a Agência de Correio na vila.

Em 1814 a população da Capitania era de 70 656 almas, estando 10 445 em Rio Pardo, 8 255 em Cachoeira, e 7 951 nas Missões, ou seja, 26 651 pessoas em terras de Rio Pardo.

A 13 de outubro de 1817 era criado o município de São Luís Leal Bragança; por Alvará de 26 de abril de 1819, criado o de Cachoeira, ambos desmembrados de Rio Pardo — com êstes, perderia Rio Pardo a maior parte de suas terras. Basta dizer que os desmembramentos e subdesmembramentos, a partir de São Luís Leal Bragança e Cachoeira, iriam constituir 55 dos atuais municípios gaúchos.

De Rio Pardo a colonização deslocava-se para a margem do rio Uruguai, para oeste e para o sul, localizando-se nos campos de Bagé, Alegrete, D. Pedrito, São Gabriel e outros.

Desde sua chegada, os colonos açorianos haviam se dedicado à agricultura; em 1787, a produção de trigo em terras rio-grandenses fôra de 4 936 alqueires em Rio Pardo, 2 378 no Passo do Couto, 2 195 em Cachoeira e Jacuí, 2 321 em Encruzilhada. Apesar dessa abundante produção que elevava ao mesmo tempo o capital e o lucro dos triticultores, a agricultura foi abandonada.

Inicia-se então o ciclo da pecuária intensiva — de 1789 a 1814 há cinco volumes de registros de sesmarias para criação de gado, sendo que só para 1814 seria aberto novo livro.

Desta forma, a população irradiava-se de Rio Pardo, e a formação de núcleos populacionais em diversos pontos levou o govêrno a amputar grandes extensões do município, tirando-lhe, assim, a oportunidade de desenvolver-se a contento.

Assim mesmo Rio Pardo prosperava, e, em 1820, o trigo e o couro eram os principais gêneros de exportação local. Nesse ano, a 25 de outubro, seria nomeado professor de

Praia dos Ingàzeiros

Outro aspecto da praia dos Ingàzeiros

primeiras letras Joaquim Tomás de Bem Salinas, iniciando-se o ensino público na localidade. A 4 de novembro o cirurgião Francisco Frutuoso Gonçalves era nomeado professor de latim.

A Independência do Brasil foi aplaudida e festejada na vila, a ponto de "abusos de liberdade" serem cometidos. Os bens dos portuguêses sofreram efetivo seqüestro.

A lei de 1.º de outubro de 1828 reformou as câmaras municipais existentes no Brasil, e a de Rio Pardo também reformou sua constituição, ficando assim composta: Antônio Simões Pires, José Joaquim de Andrade Neves, Joaquim Pedro Salgado, João Paiva Monteiro, Antônio Simões Pereira, Manoel Guedes Luís.

Em 1834, depois de 80 anos de permanência na heróica cidade, o Regimento de Dragões transfere-se para Bagé.

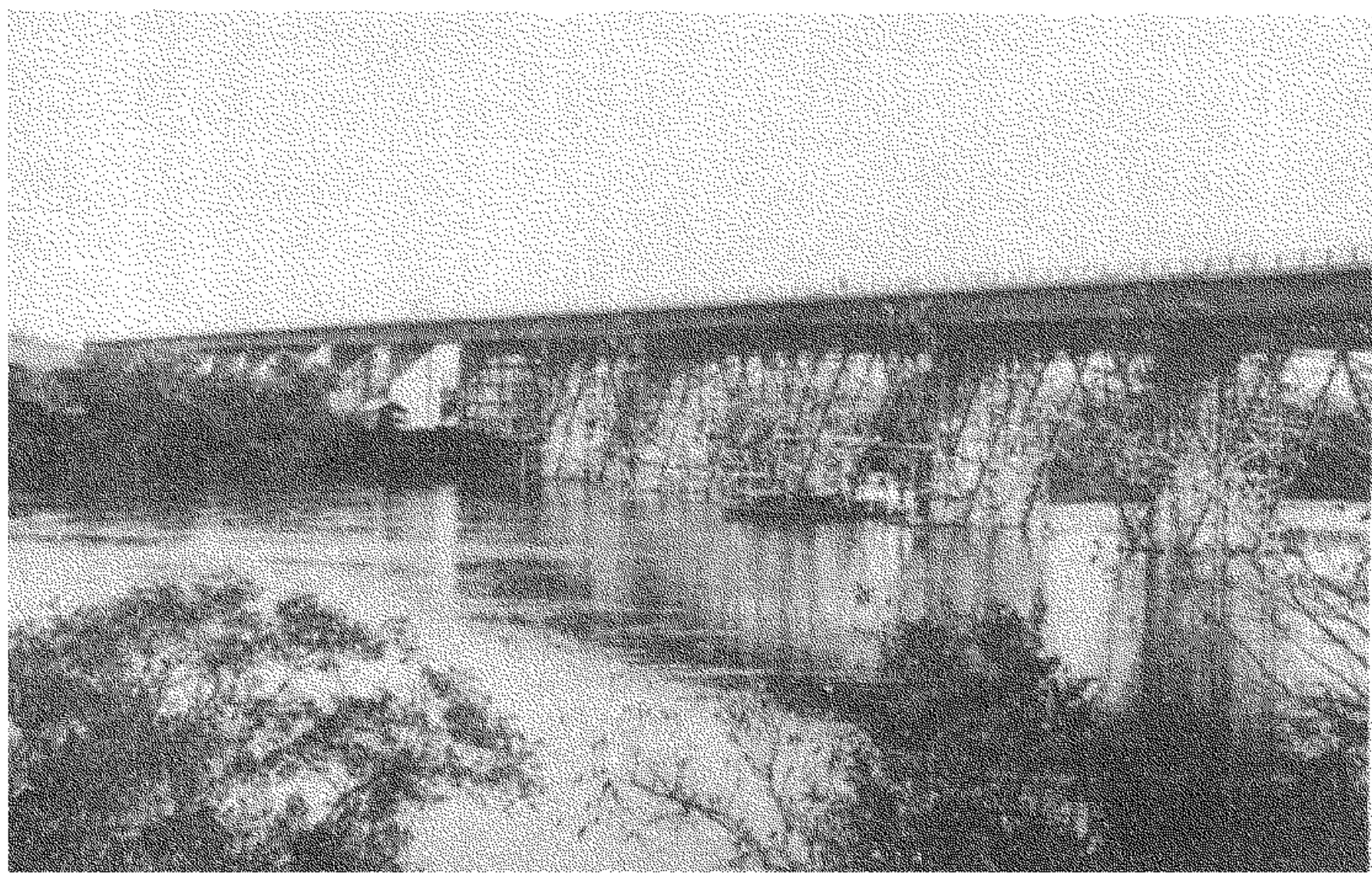
Com o correr dos anos, diversos motivos açulavam as divergências entre o Govêrno Imperial e os rio-grandenses.

A 19 de setembro de 1835 dava-se um tiroteio em Pôrto Alegre, na ponte de Azenha; a 20, entravam os revoltosos triunfalmente na capital da Província sob o comando de José Gomes de Vasconcelos Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto. Estava iniciada a Revolução Farroupilha. Rio Pardo não deixaria de nela tomar parte.

A 11 de setembro de 1836 dá-se o combate do Couto, no Passo de mesmo nome: Antônio Joaquim da Silva, conhecido por "Menino Diabo", português de nascimento, à frente de 270 farrapos, sofre um sério revés ante 300 legalistas comandados por Antônio de Medeiros Costa, tenente-coronel do Império.

A 10 de janeiro de 1837 trava-se o combate de Rio Pardo; Agostinho de Melo, à frente dos revolucionários, derrota o major José Joaquim de Andrade Neves, futuro Barão do Triunfo, o qual, embora contando com 250 homens, vê-se obrigado a ceder a praça aos farroupilhas.

A 13 de fevereiro dá-se a retomada de Rio Pardo pelos legalistas; o major Gabriel Gomes Lisboa desaloja Agostinho Melo.

A 30 de abril de 1838 ocorre a maior vitória dos farrapos, em novo combate de Rio Pardo. Antônio de Souza Neto, Bento Manoel Ribeiro, João Antônio da Silveira e David Canabarro, pugilo dos melhores dirigentes insurretos, comandando 2 500 homens, apresentam-se frente à praça, ocupada pelo marechal-de-campo Sebastião Barreto Pereira Pinto, que tinha por imediatos os brigadeiros Francisco Xa-

Ponte sôbre o rio Jacuí (em fase de conclusão)

vier da Cunha e Bonifácio Isás Calderon. Os farroupilhas obtêm extraordinário êxito na emprêsa, resultando daí tremendo prestígio para suas armas. Sebastião Barreto foi por tal derrota submetido a Conselho de Guerra pelo Govêrno Imperial, sendo absolvido porque só "cedeu na maior e última extremidade". Uma cruz de grés na estrada para Santa Cruz do Sul recorda o grande feito.

Depois Rio Pardo voltará ao domínio dos legalistas, mantendo-se nesta situação até o fim da revolução. Muitos de seus filhos continuariam até então militando em uma ou outra facção.

Cessada essa grande luta civil, seria o Rio Grande do Sul visitado pelo Imperador do Brasil, Sr. D. Pedro II, que chegou a 1.º de janeiro de 1846, sendo, com sua espôsa, hóspede da família do tenente-coronel Manoel Pedroso de Albuquerque. D. Pedro ficou cinco dias em Rio Pardo, seguindo depois para a fronteira, de onde retornaria a 31 de janeiro; D. Tereza Cristina, no entanto, ficara em Rio Pardo até voltarem os monarcas a Pôrto Alegre.

Foram dias alegres e festivos vividos pela vila do Rio Pardo.

A 31 de março de 1846 era elevada à categoria de cidade, fato que refletia não só a visita imperial, como o progresso da localidade.

Em 1847 o govêrno provincial pela Lei n.º 111 cria a Colônia de Santa Cruz, que será ocupada por imigrantes alemães em fins de 1849. Nesse ano de 1849, pela Lei provincial n.º 178, de 19 de julho, constituir-se-ia o município de Encruzilhada, desmembrado de Rio Pardo.

Embora sofresse êsses contínuos desmembramentos, que lhe desviavam não só valiosos elementos econômicos como populacionais, Rio Pardo contava em 1859 com 9 984 habitantes.

No ano de 1865 novamente recebe a cidade a visita de D. Pedro II, que seguia para Uruguaiana, com o fito de assistir à rendição de tropas paraguaias.

Pouco depois ocorrera uma epidemia de cólera, ceifando muitas vidas no município, que já tinha a lamentar muitos mortos na guerra contra o govêrno do Paraguai.

Pela Lei provincial n.º 1 079, de 31 de março de 1877, é desmembrado de Rio Pardo o município de Santa Cruz, pujante núcleo de colonização alemã.

Com essa perda sucessiva de ricos territórios, de vigorosa economia, perde aos poucos Rio Pardo também sua autonomia financeira, passando a depender das verbas aprovadas pela Assembléia Provincial.

Em 1883, contudo, é inaugurada a ferrovia que vai da Margem do Taquari a Cachoeira, passando por Rio Pardo; em 1885 é inaugurada a ferrovia Pôrto Alegre—Santa Maria, continuação e ampliação daquela, de modo a ser beneficiado o município, com as facilidades criadas para o escoamento de sua produção.

Em 1890 a população de Rio Pardo é orçada em 21 320 habitantes. subindo para 22 478 em 1900.

Ao iniciar-se o século XX a agricultura se desenvolve; em especial há o fomento da orizicultura e da produção do fumo. A pecuária, por seu lado, recebe tratamento mais racional, com o aprimoramento das raças.

Em 1910 a população do município já supera 26 000 habitantes, e a pecuária goza de notável aprimoramento; há 110 000 cabeças de gado bovino, e, conquanto o maior estabelecimento alcançasse 11 179 hectares, a média dos 146 principais estabelecimentos era de 1 000 hectares. O comércio era próspero, com animadoras perspectivas.

Em 1911 a cidade contava 485 prédios e 3 063 habitantes.

Chegado o ano de 1918, a população pecuária no município apresentava número ainda mais elevado, a agricultura desenvolvia-se a contento, exportando o município milho, arroz, feijão, trigo, cevada e outros produtos.

Em 1925, porém, por fôrça do Decreto n.º 3 493, de 7 de julho, mais um desmembramento sofreria Rio Pardo, desta vez para dar lugar ao município de Candelária.

Inicia-se um período de estagnação, que durará cêrca de vinte anos, de 1925 a 1945. Além dos sucessivos desmembramentos, são apontados por Biaggio Tarantino os seguintes motivos dêste interregno: baixos preços pagos pelo arroz, principal cultura municipal, desestimulando e fazendo retroagir sua produção; fraca produção das demais culturas agrícolas; fraqueza do comércio; inexistência de indústrias econômicamente significativas; aluguéis baixos, e arrecadação municipal insignificante.

Rio Pardo, que até então se constituíra num dos mais importantes municípios gaúchos, marca passo, decai, enquanto que diversos outros, principalmente nas zonas de colonização italiana e alemã atingem níveis de assombrosa prosperidade.

Mas, em 1945, e, mais pronunciadamente, de 1947 a nossos dias, o município traça uma curva ascendente em

Recanto do Museu Barão de Santo Ângelo, onde se vê a mobília que pertenceu à primeira Câmara Municipal (1811)

suas atividades econômicas e culturais, reconquistando, lenta mas seguramente, sua posição na vida do Estado.

Dá-se a alta do preço do arroz, intensifica-se a produção, são instalados engenhos de beneficiamento. Os rebanhos são aprimorados, e em 1950 temos 113 381 cabeças de gado bovino de boa qualidade.

Conjugam-se as iniciativas governamentais e particulares no sentido de executar melhoramentos. Surge o movimento cooperativista, sendo criadas diversas sociedades. As ruas da cidade são calçadas, a água é canalizada. As estradas municipais e estaduais, ampliadas e melhoradas. A cultura do trigo torna-se intensiva e extensiva. Estabelecimentos culturais e educacionais são criados. A construção da ponte sôbre o rio Jacuí; do pôsto sôbre o mesmo rio; o frigorífico da Cooperativa Pastoril de Rio Pardo Ltda.; a drenagem do Jacuí — em suma, uma série de modificações altera a fisionomia municipal.

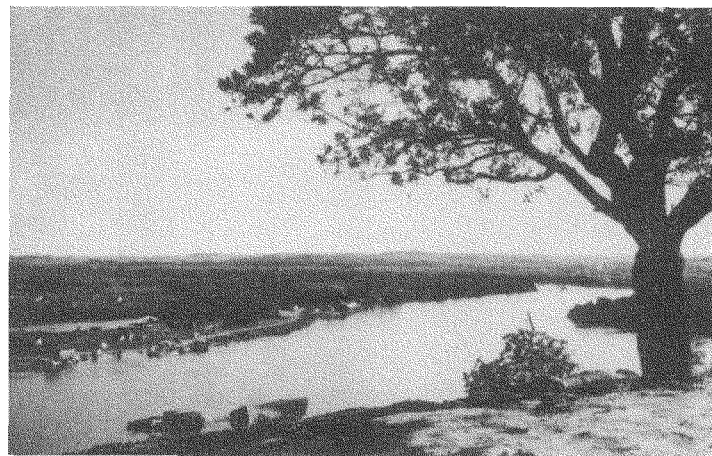
E, assim, Rio Pardo, a "Tranqueira Invicta do Rio Grande do Sul", volta a ocupar posição proeminente entre os municípios gaúchos.

BIBLIOGRAFIA — *Rio Pardo* — Desembargador Solon Macedônia Soares. *Almanaque de Rio Pardo* — Dr. Dante de Laytano. *Os Dragões de Rio Pardo* — General de Paranhos Antunes. *Anais da Província de São Pedro* — José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria. *Terra Farroupilha* — Estudos de Aurélio Pôrto e Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S.J. *Enciclopédia Rio-Grandense* — Dr. Klaus Becker. *Pesquisas de* Biagio Tarantino, Diretor da Biblioteca e Museu Municipal "Barão de Santo Ângelo", Rio Pardo. *História do Rio Grande do Sul* — Gen. E. F. de Souza Docca.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTOS ILUSTRES — *João Propício Mena Barreto* (Barão de São Gabriel) — Nascera aos 10 de abril de 1809, no município de Rio Pardo. Filho do marechal João de Deus Mena Barreto, faleceu em São Gabriel, aos 9 de fevereiro de 1867. Foi, no seu tempo, um dos generais mais ilustres do Exército brasileiro.

Com apenas 12 anos de idade, sentou praça como 1.° cadete no Regimento de Dragões da vila de Rio Pardo. Transferido para o 2.° Corpo de Cavalaria, aí permaneceu até 1832, quando, a pedido, deu baixa do serviço militar.

Vista de uma lavoura de trigo, principal fonte de riqueza municipal

Vista da foz do rio Pardo e trecho do rio Jacuí

Estabeleceu-se em São Gabriel onde passou a dedicar-se à vida de campo.

Ao estourar, porém, a revolução farroupilha, decidiu voltar às fileiras do Exército, e, ao lado da legalidade, combateu valorosamente, durante os 10 anos de campanha.

Em 1851, seguiu para a República Argentina, onde ajudou a derrotar a tirania de Rosas.

Em 1864, como comandante-em-chefe do Exército, invadiu o Estado Oriental do Uruguai.

A 20 de fevereiro de 1865, apesar de enfêrmo, tomou parte no ataque de Paisandu. Participou, mais tarde, do ataque e tomada de Montevidéu. Terminadas as campanhas da Argentina e do Paraguai, já com o pôsto de marechal, João Propício Mena Barreto regressou para São Gabriel, onde veio a falecer.

Em atenção aos serviços prestados, o govêrno imperial o condecorou com o baronato de São Gabriel.

Desembargador Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão — Nasceu em Rio Pardo a 17 de janeiro de 1809. Fêz os estudos preparatórios no Rio de Janeiro, seguindo para São Paulo, onde se matriculou na Escola de Direito, formando-se em 1834. Voltando ao Rio Grande do Sul, estabeleceu sua banca de advocacia.

Foi Ministro da Fazenda, da Justiça e da Guerra.

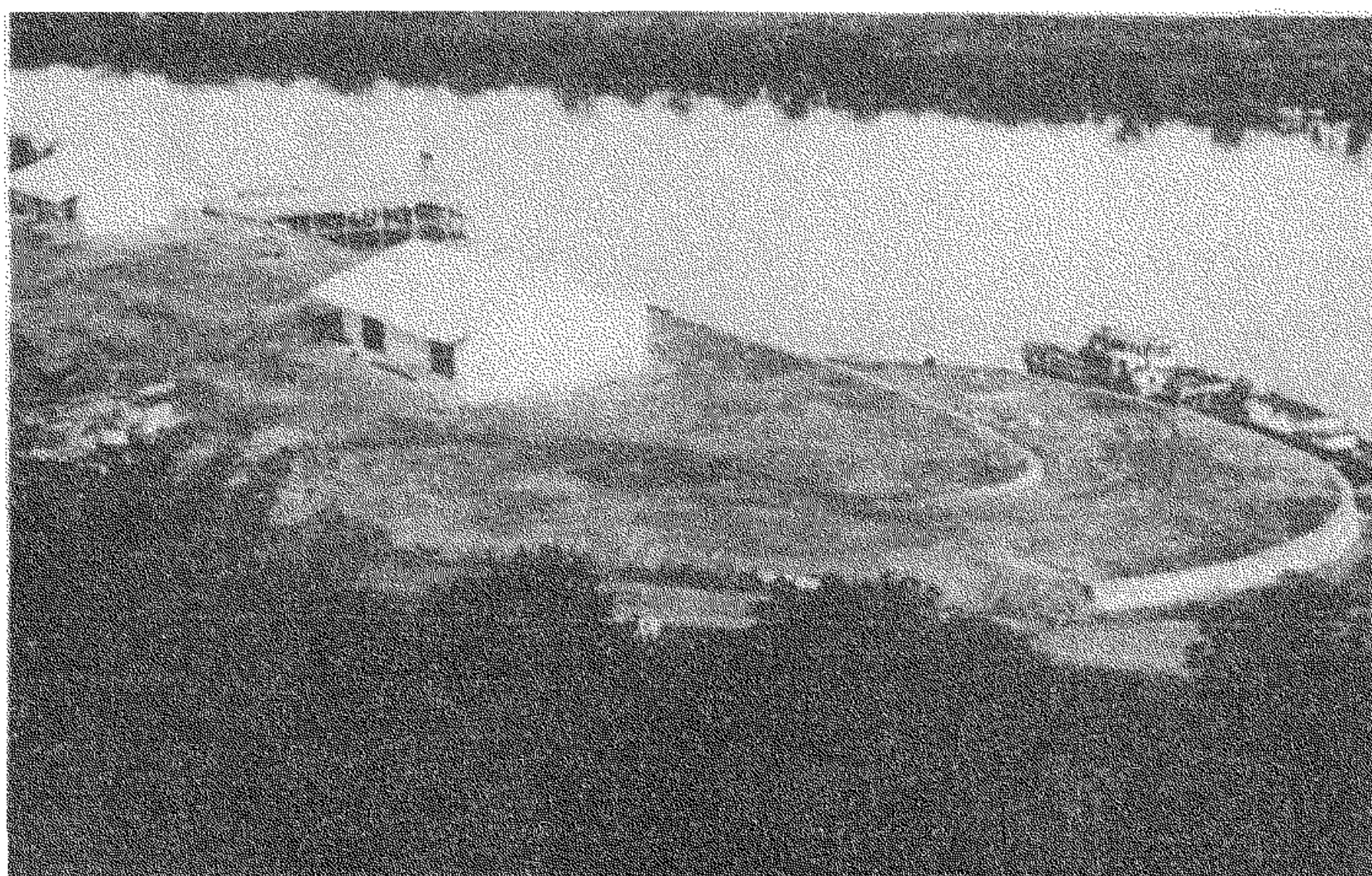
Exerceu a promotoria Pública, durante 14 anos. Foi deputado à Assembléia Provincial por diversas vêzes. Nomeado Juiz de Direito da Comarca de Guarapuava, no Paraná, completou o quatriênio de juizado, tendo exercido também, algumas vêzes, o cargo de chefe de Polícia em Curitiba.

Voltando ao Rio Grande, foi Juiz de Direito em Santo Antônio de Patrulha e em Rio Pardo.

Aposentando-se em 1880, já no cargo de desembargador, fixou residência em Pôrto Alegre, onde faleceu a 23 de dezembro de 1888.

Manoel Velloso Paranhos Pederneiras — Nasceu em Rio Pardo, na fazenda das Pederneiras, de onde se originou seu sobrenome. Fêz os estudos preparatórios no Colégio D. Pedro II, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina.

Em 1864, quando criaram a Escola Militar, na província, foi nomeado regente da cadeira de Francês.

Colaborou com a redação de "Ordem", órgão do Partido Conservador.

Armazéns e Cais do Pôrto novo, obras que estão em conclusão à margem esquerda do rio Jacuí

Foi eleito deputado à Assembléia Provincial. Seguindo mais tarde para o Rio de Janeiro, colocou-se na redação do "Jornal do Comércio" onde se distinguiu em todos os assuntos com inigualável competência.

Dedicou tôda sua juventude ao órgão carioca, vindo a falecer com idade avançada.

General José Joaquim de Andrade Neves — Filho do Barão de Triunfo, nasceu em Rio Pardo, em 1842. Alistou-se em um corpo de cavalaria no dia 23 de setembro de 1857. Era aluno da Escola Militar, quando veio a guerra do Brasil contra o partido "Blanco", que subjugava o Estado Oriental e todos os Brasileiros que ali se achavam.

Tomou parte no ataque da cidade de Paisandu. Em 1865, assistiu à rendição de Uruguaiana. Assistiu também aos combates de Curuzu, Curupaiti e Tuiuqué.

Serviu sob as ordens de seu pai, nos ataques de Passo-Pocu e Espinilho.

Distinguiu-se na Batalha de Avaí e no reconhecimento de Lomas Valentinas. De volta das campanhas, filiou-se ao Partido Liberal, quando foi eleito deputado à Assembléia Provincial.

Já doente e em idade avançada, retraiu-se ao lar, vindo a falecer.

Bento Correia da Câmara — Filho do 1.º Visconde de Pelotas, nasceu Bento Correia da Câmara em Rio Pardo, a 26 de julho de 1786 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de abril de 1851.

Ingressou no Regimento de dragões, em 1.º de março de 1795.

Já como capitão, e servindo no regimento em que ingressara, fêz a campanha de 1811 e 1812, seguindo para a fronteira do Rio Grande em 1816 a fim de repelir as fôrças de José Artigas. Bento Correia da Câmara tem seu nome ligado ao combate de Santa Maria, de Araicuá, de Catalão, de Tapevi, de Hibicuí, de Cunhaperu, das Palomas, do Passo de S. Borja, de Itaquatiá, de Santana e de Taquarembó. Entre todos, distinguiu-se mais em Taquarembó, onde decidiu a vitória tão disputada. Quando ferido em Taquarembó, foi preciso que o marquês de Alegrete fizesse valer sua autoridade de comandante-em-chefe, a fim de fazê-lo abandonar o campo de lutas e recolher-se ao Hospital de sangue.

Por ocasião do sítio à cidade de Pôrto Alegre, o herói de Taquarembó, já com 56 anos, apresentou-se, ainda, para defender as trincheiras.

Ernesto Alves de Oliveira — Filho de Manoel Alves de Oliveira e de Dona Raphaela Azambuja de Oliveira, nasceu em Rio Pardo, em abril de 1862, falecendo em 1891.

Após terminados seus estudos preparatórios, seguiu para São Paulo, matriculou-se na Academia de Direito, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1883. Voltando ao Rio Grande, foi um grande adepto da causa Republicana.

Com a proclamação da República, o partido o elegeu à Constituinte. Foi nomeado, também, para o cargo, de Inspetor Geral da Instrução Pública, interessando-se muito por êste ramo de Administração.

Antônio Martins da Cruz Jobim (Barão de Cambaí) — Nasceu em Rio Pardo, a 20 de novembro de 1809. Tinha inclinação, desde criança, para a atividade comercial.

Embarcou para o Rio de Janeiro, onde praticou, no ramo.

Tendo prestado ótimos serviços à legalidade, durante a revolução de 1835, foi agraciado com o hábito imperial da Ordem da Rosa, com a Comenda da Ordem de Cristo e ainda com o título de Barão, em 1859.

Por ocasião da campanha contra o Paraguai, fêz duas grandes ofertas para as despesas de guerra.

Em S. Gabriel, onde residiu por muitos anos, foi um grande benfeitor da Santa Casa de Misericórdia, sempre auxiliando as emprêsas nobres que socorriam os pobres.

Coronel Antônio de Mello e Albuquerque — Nasceu a 4 de dezembro de 1803, em Rio Pardo. Alistou-se como cadete no regimento em que servira seu pai. Distinguiu-se na Batalha do Rosário, e quando seu regimento já estava destroçado, salvou seu comandante na garupa. Aborrecido da carreira que seguia, retirou-se à vida privada. Quando eclodiu a revolução de 1835, apresentou-se, com 200 homens armados à sua custa, sendo nomeado comandante de uma brigada.

Perseguiu os Farrapos em 1839 e 1840, por Lages e Curitiba, encontrando-os em Curitibanos, saindo vitoriosos da luta.

Terminada a revolução foi eleito à Assembléia Provincial. Faleceu a 17 de março de 1868.

José Martins da Cruz Jobim — Médico e político, nasceu José Martins da Cruz Jobim na cidade de Rio Pardo, a 2 de fevereiro de 1802. Faleceu na Capital Federal, aos 25 de agôsto de 1878. Após concluir seus primeiros estudos, no Rio de Janeiro, seguiu para Paris, onde se matriculou na Academia de Medicina.

Regressando ao Brasil, foi nomeado por José Bonifácio médico do Paço. Durante 21 anos, foi diretor da Escola do Rio de Janeiro, onde lecionou a cadeira de Medicina Legal.

Em 1848, ingressou na vida política. Foi representante do Rio Grande do Sul na Câmara Federal. Mais tarde, seu nome foi escolhido pela Coroa para ocupar a cadeira do senado pelo Estado do Espírito Santo.

Amigo particular que era do Imperador Pedro II, por diversas vêzes, viajou à Europa como delegado pessoal de Sua Majestade. Desapareceu aos 76 anos de idade.

José Joaquim de Andrade Neves (Barão do Triunfo) — Filho da cidade de Rio Pardo, nasceu aos 22 de janeiro

de 1807. Ferido gravemente, durante a guerra do Paraguai, faleceu em Assunção, aos 6 de janeiro de 1869. Aos 19 anos ingressou na vida militar.

Tendo início a revolução Farroupilha, incorporou-se às hostes monarquistas. Entre outros assinalados combates, participou do da ilha de Fanfa, que resultou no aprisionamento de Bento Gonçalves. Em 1851, comandando um corpo de voluntários, toma parte na campanha contra o ditador Rosas. Mais tarde, à frente da 3.ª Brigada de Cavalaria, marcha para a República Oriental, distinguindo-se como um dos mais destemidos chefes militares, no sítio de Montevidéu.

Em 1867, já com o pôsto de general, conquista com o seu desassombro sucessivas vitórias contra as fôrças de Lopez. Tendo participado de um grande número de combates em sua vida de campanha, jamais experimentou um revés.

Foi um dos chefes militares mais temidos pelo inimigo. Ao atacar uma trincheira no Potrero Marmoré, recebeu grave ferimento, em conseqüência do qual faleceu.

Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena — Nasceu em Rio Pardo em 1804. Alistou-se como cadete em 1819, tomando parte nas lutas do Prata até 1828.

Demitiu-se do exército em 1832, já como tenente.

Orador por excelência, culto e de temerária bravura, pregava as idéias liberais, por isso que a revolução Farroupilha teve nêle um de seus sustentáculos.

Faleceu em combate em 18 de julho de 1836, em Pôrto Alegre.

Antônio Vicente da Fontoura — Nasceu Antônio Vicente da Fontoura em Rio Pardo a 12 de junho de 1807.

Foi um dos promotores da Revolução Farroupilha marchando à frente de 20 guardas Nacionais sôbre Rio Pardo, onde alcançou triunfo.

Em 1841 assumiu a pasta da Fazenda acumulando mais tarde êste cargo com o de Ministro da Guerra.

Durante os últimos e agitados anos da República Riograndense foi um paladino da pacificação sendo considerado herói do feito que foi celebrado a 1.º de março de 1845, em Ponche Verde.

Foi de uma austera honradez tendo sempre uma censura para as fraquezas. Sua vida é um catecismo de belos ensinamentos. Faleceu a 20 de outubro de 1860 em conseqüência de ferimentos recebidos a 8 de setembro do mesmo ano, quando se procedia em Cachoeira do Sul a eleição Municipal de Vereadôres.

Manuel de Araújo Pôrto Alegre (Barão de Santo Ângelo) — Manuel de Araújo Pôrto Alegre, Visconde de Santo Ângelo, nasceu na cidade de Rio Pardo a 29 de novembro de 1806.

Na qualidade de cônsul brasileiro em Lisboa, aí faleceu em 29 de dezembro de 1879. Em Pôrto Alegre, fêz o seu curso de humanidades. Aos 20 anos de idade, embarca para o Rio e aí ingressa na Academia de Belas Artes. Três anos mais tarde, quando da 1.ª exposição pública de Belas Artes, no Rio, são premiados trabalhos seus de pintura e desenho arquitetônico.

Prosseguiu em seus estudos, cursando Filosofia, Anatomia e Fisiologia. Por haver pintado um artístico retrato do Imperador Pedro I e da família real, ganha a simpatia da côrte. Parte para a Europa e aperfeiçoa, em Paris, os seus conhecimentos e a sua arte da Pintura.

Na Capital francesa, juntamente com Magalhães e Gonçalves Dias, publica a revista "Niterói", que teve duração efêmera. Ao rebentar a revolução farroupilha, a pedido de sua progenitora, volta para o Brasil, estabelecendo-se no Rio. Aí, exerceu as funções de professor do Colégio Pedro II e da Escola Militar.

A convite do Imperador Pedro II, fêz-se diretor da Academia de Belas Artes. Mais tarde, havendo ingressado na carreira diplomática, retorna à Europa, como cônsul em Dresda, depois em Lisboa.

A partir de 1844, "a sua atividade literária suplanta a do artista plástico" e tornou-se um dos pródromos do romantismo brasileiro. Tomou parte ativa na fundação da Ópera Nacional e participou também da diretoria do Conservatório Dramático Brasileiro.

Sob o pseudônimo de Tibúrcio do Amarante, escreveu: "Excertos das Memórias e Viagens do Coronel Bonifácio do Amarante" — 1852. Suas obras principais são: "Angélica e Firmino" — 1845, "A Estátua Amazônica", "Brasilianas" — 1863, "Colombo" — 1866, "Os Voluntários da Pátria" — 1877, "O Prestígio da Lei" — 1859, "A Restauração de Pernambuco", "A Noite de São João", "Os Judas e Os Lobisomens", "A Escrava e o Rei dos Mendigos".

Manuel Correia da Câmara — Rio-pardense de nascimento, o Conselheiro Antônio Manuel Correia da Câmara, nasceu em 24 de setembro de 1783. Faleceu em Pôrto Alegre a 30 de junho de 1848. Aos 16 anos, foi mandado pelos seus pais para o Rio, onde, no Colégio São José, fêz seus estudos.

Como voluntário, serviu o exército lusitano no Oriente e em Portugal. Quando da invasão de Portugal pelas fôrças de Napoleão, deixou a carreira militar. Viajou por diversos países da América, Europa e Ásia.

Em prol da causa de nossa independência, recebeu de José Bonifácio incumbências importantíssimas, "que desempenhou com rigor e lealdade ao Brasil". Durante a revolução farroupilha, aliou-se aos rebeldes e foi embaixador da República de Piratini no Paraguai. A pedido de Caxias, organizou a Repartição de Estatística da Província, em 1845.

Além de poesias de estilo clássico, escreveu Correia da Câmara, em 8 fascículos, a "Correspondência Turca Interceptada a um Emissário Secreto da Sublime Porta, residente na Côrte do Rio de Janeiro" — 1822 e "Resposta do Pontífice aos Carbonários e Manifesto da Praia Grande". Deixou também os primorosos "Ensaios Estatísticos", publicados, em 1851, em "O Mercantil" desta Capital.

Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena — Nasceu em Rio Pardo a 23 de novembro de 1809 e como seus irmãos, destacou-se por sua atuação na revolução farroupilha.

Pregou as idéias liberais pela imprensa defendendo-as mais tarde, com armas na mão, nas lutas que se seguiram.

Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena fêz parte da Assembléia Constituinte em 1842 e a seguir exerceu diversos cargos públicos e o de promotor durante longo tempo.

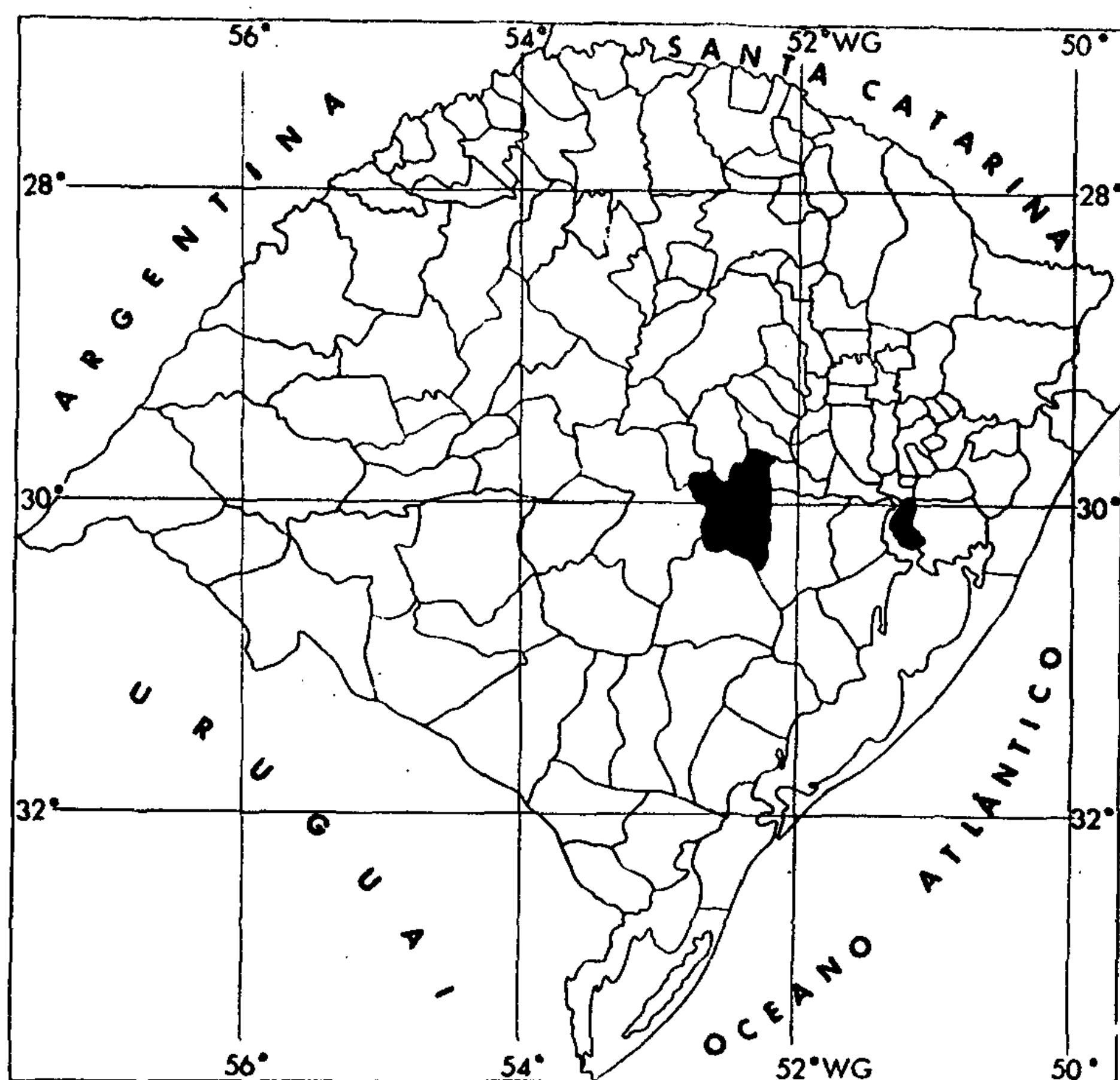
Exerceu o magistério público e atuou também como Advogado. Faleceu a 13 de junho de 1893.

POPULAÇÃO — Conta o município de Rio Pardo 43 120 habitantes, localizando-se 9 810 na sede e 33 310 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 13,77 habitantes por quilômetro quadrado; 0,90% sôbre a população total do Estado; área: 3 132 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Rio Pardo; vilas: Bexiga, Capivarita, Passo do Sobrado e Rincão del Rei.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Rio Pardo.....	887	29	308	344	91	543

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 59' 20" de latitude Sul e 52° 23' 19" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo: W.N.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 111 km. Altitude: 53 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município de Rio Pardo é cortado no sentido de oeste-leste pelo rio Jacuí, curso dágua que foi e é uma artéria de desenvolvimento e de progresso do município, já que é navegável durante maior parte do ano, excetuando-se nos períodos de grande estiagem; no sentido norte-sul é cortado pelo rio Pardo, raramente navegável, só na época das cheias de inverno. A pesca não tem expressão econômica para o município, dado que êstes rios são pouco piscosos.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Principais minerais existentes no município e que estão sendo explorados: pedra calcária; caulim, feldspato — para a cerâmica de louças, etc.; quartzo — para a cerâmica de louças finas; mica; amianto; argila refratária; e óxido de ferro — na indústria de tintas em pó. Além dos acima descritos possui ainda o carvão-de-pedra, não explorado. Área das matas naturais: 45 km². Área das matas reflorestadas: 130 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas no ano de 1956 foram as seguintes: máxima — 24,4°C; mínima — 14,4°C; compensada — 19,0°C. Chuvas: precipitação anual de 1 062 mm. Geadas: ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Santa Cruz, Candelária e Venâncio Aires; ao sul: Encruzilhada do Sul; a leste: General Câmara e São Jerônimo; a oeste: Encruzilhada do Sul e Cachoeira do Sul.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura de Rio Pardo é bem expressiva. A mecanização de suas lavouras atinge 90%. Os principais produtos agrícolas cultivados são: trigo, arroz, milho, fumo, feijão, mandioca, batata-inglêsa e batata-doce. Os excedentes da produção são exportados para as praças de Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Cruz do Sul.

PRINCIPAIS TRITICULTORES

Tacito Franco
Ademar Salim e Ponciano Rodrigues
Remo Quadros Ferreira
Orestes Ribeiro Newlands
Luiz Francisco Newlands
João Carvalho de Aragão
Alfredo Teixeira da Silva
Wolmar Franco
Guilherme Hildebrand
Reinaldo Umann
Pedro José Froelich
Lauro Alves da Silveira
José Soeiro de Souza
Ciriaco de Souza Py
Reinaldo Manica

PRINCIPAIS ORIZICULTORES

Arno Pohl
Célio Miguel
Lindolfo Hermes
Paulo Varreira
Salvador Oslito Rocha
Gersey Lima
João Herzog
Pedro Rocha
Léo Wunderlich
Laudelino Pôrto
Telmo Aita
Ciriaco de Souza Py
Augusto Pereira Filho
Francisco Aires dos Anjos
João Antonio Rocha
Antonio Zambarda
Oswaldo Oliveira
Romulo Pereira Rêgo
Paulo Kern
Onorino Rocha
Mansueto Marcolla
Mario Lima
Jorge Pelegrini
Carlos Mayer
Reinaldo Roesch
Valentim Macedo
Francisco Souza

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	36 815	144 194
Trigo	5 500	44 000
Fumo	1 343	16 117
Milho	2 444	3 666

Valor total da produção: Cr$ 218 867 740,00.

Avicultura — No município de Rio Pardo não existem avicultores organizados; a criação de aves é feita pelos processos antigos, mais para consumo próprio do que como fonte de renda. No entanto, estão sendo introduzidos no município as melhores raças da espécie, tais como: new-hampshire, rhode island, white-american, leghorn e lisle-sussex. A população avícola do município, incluindo patos, marrecos, gansos, perus e galinhas, está estimada em 30 000 aves, sendo as galinhas 85% dêste total.

Apicultura — A apicultura, no município, já teve uma época de exploração racional, sendo que nêle residiu e deixou muitos descendentes um dos maiores apicultores de seu tempo, que foi o Sr. Frederico Augusto Hanemann, introdutor do sistema das "colmeias gigantes". O local onde se encontrava instalada a sua propriedade tem hoje a denominação de Abelina e dista 6 quilômetros da sede. Embora a apicultura na atualidade não esteja sendo desenvolvida intensivamente, ainda, assim, sua produção, em 1956, atingiu um total de 23 000 quilogramas de mel, num valor aproximado, de Cr$ 230 000,00 .

Pecuária — A pecuária é ainda a principal atividade do município. Os rebanhos são selecionados e os campos dotados de boas pastagens, o que muito contribui para o progresso das atividades pastoris da comuna.

PRINCIPAIS CRIADORES

Nome do criador	*e propriedade*	*Raça bovina*	*Raça ovina*
Arlindo e Armando Cardoso	Pederneiras	Devon	Corriedale
Suc. Oscar Pôrto Newlands	Estância da Quinta	—	Ideal
Lauro Alvaro da Silveira	N.ª S.ª da Conceição	Devon	Corriedale
Floriano Franco Ferreira	Fazenda do Fundo	Devon	—
Carlos Alberto de Souza	São Pedro	Hereford	Corriedale
Dr. Antero Lisboa	—	Holandês	—
Lucas Rodembusch	Francisquinho	Durhan	—
Zeferino de Almeida Reis	—	Devon e durhan	Corried. e romney
João Herzog	Santo Antônio	Devon e holand.	Merino
Carlos Simões Pires	Santa Maria	Polled angus	—
Oscar Borba	Onça e Gado do Mato	Devon	—
Ciriaco de Souza Py	Fazenda da Sége	Hereford e hol.	Romney e corried.
José Saldanha Ferreira	Espinilho	Hereford e dev.	Romney
Felipe Noronha	São Bernardo	Devon	Merino
Dr. Homero Lopes de Almeida	São José	Polled-angus	Corriedale

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	122 800	208 760
Eqüinos	14 600	14 600
Suínos	41 000	24 600
Ovinos	60 000	16 800
Caprinos	2 500	375

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	306 140	5 383 040
Carne verde de suíno	46 868	885 805
Carne verde de ovino	60 306	1 169 936
Carne verde de caprino	1 430	27 742
Couro sêco de boi, vaca, vitelo	76 131	756 848
Couro verde de boi, vaca, vitelo	18 930	119 259
Pele sêca de ovino	3 174	42 214
Pele sêca de caprino	72	720
Toucinho fresco	55 862	1 061 378
Total geral	568 913	9 446 942

Indústria — Rio Pardo conta com 133 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 644 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 229 326 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: indústrias alimentares — 80,8%; indústria de bebidas — 0,1%; indústria da madeira — 0,9%; transformação de produtos minerais — 12,6%; couros e produtos similares — 0,8%; indústrias químicas e farmacêuticas — 0,7%; extrat. de produtos minerais — 2,1%; indústrias metalúrgicas — 1,1%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos — 0,1%.

Principais Indústrias	*Ramos de atividade*
Lauro Álvares	Pedra calcária
Ildefonso Borges	Pedra calcária
Rui da Costa Gomes	Cal virgem
Ponciano Luiz Rodrigues	Cal virgem
Sucessão Carlos Magno Borges	Cal virgem
Gomercindo de Assis	Cal virgem
Antônio Rosa	Cal virgem
Oscar Burgi & Cia. Ltda.	Cal virgem
José João de Assis	Cal virgem
Muller Braga & Cia. Ltda.	Arroz beneficiado
Engenho Rio Pardo Ltda.	Arroz beneficiado
Lindolfo Hermes	Arroz beneficiado
Cooperativa Agrícola Ijuí	Arroz beneficiado
Almerindo Silva	Arroz beneficiado
Cooperativa Agrícola Rio Pardo Ltda.	Arroz beneficiado
Hipólito Zakowicz	Arroz beneficiado
Santafé & Cia. Ltda.	Arroz beneficiado

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Fazendas e confecções	12
Secos e molhados	102
Móveis de madeira	3
Calçados	2
Ferragens	5
Artigos de bazar	2
Produtos veterinários	1
Material elétrico	2

Há na sede municipal 4 agências bancárias que são: Banco do Brasil S. A.; Banco da Província do Rio Grande do Sul S. A.; Banco Nacional do Comércio S. A.; e Banco do Rio Grande do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Cachoeira do Sul, ferrov. (67 km), rodov. (68 km); Candelária, rodov. via Santa Cruz do Sul (75 km) misto: a) ferrov. até Santa Cruz do Sul (35 km) e b) rodov. (40 km); Santa Cruz do Sul, ferrov. (35 km) ou rodoviário (35 km); Venâncio Aires, rodov. (68 m) ou misto: a) ferrov. até Santa Cruz do Sul (35 km) e rodov. (33 km); General Câmara, ferrov. (80 km) ou fluvial (204 km). Cumpre notar que por via fluvial não é feito transporte de passageiros, só por via férrea é que é realizado tal transporte. São Jerônimo, rodov. (116 km) ou fuvial (198 km) sendo que o transporte de passageiros é feito só por via rodoviária; Encruzilhada do Sul, rodov. (75 km); à Capital Estadual, ferrov. (161 km), rodov. (132 km) ou fluvial (270 km), por via fluvial não é feito transporte de passageiros; à Capital Federal, via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre ou ferrov. (714 km) até Marcelino Ramos. Daí ao Distrito Federal, veja-se Marcelino Ramos.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de energia elétrica por uma usina termelétrica, cuja potência em volts é — para iluminação — de 220 volts, e para Energia (fôrça) 220-380 volts. Tal serviço foi inaugurado em 1910. A cidade de Rio Pardo, por sua tradição histórica, é um símbolo do Rio Grande do Sul, em cujas ruas e avenidas vagueia a alma do pampa. Terra de tantos filhos ilustres, foi um dos 4 municípios "mater" em que o Rio Grande se dividiu para crescer ainda mais na sinfonia civilizadora e progressista do presente. Cabedal imenso encontrariam os poe-

as para tecerem um hino de louvor e de exaltação aos tanos heróis da terra rio-pardense.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos total	112
Ruas	74
Avenidas	13
Travessas	13
Praças	11
Largos	1

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	45.356 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente calçados com paralelepípedos	5
Parcialmente calçados com pedra irregular	1
Arborizados parcialmente	2
Arborizados e ajardinados simultâneamente	5

EDIFICAÇÕES

Número de prédios total	2 795
Zona urbana	1 703
Zona suburbana	1 092

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS:

Térreo	2 742
Dois pavimentos	52
Três pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	2 052
Residências e outros fins	266
Exclusivamente a outros fins	477

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	40
Número de ligações elétricas domiciliares	1 460
Número de focos para iluminação pública	600

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	1 164 735 kWh
Da sede municipal	1 020 735 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	25
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	18
Consumo anual de água	158 578 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	90

Taxa mensal cobrada:

Residências	Cr$ 100,00
Comércio e Indústria	Cr$ 233,00

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência postal-telegráfica e 1 sòmente postal na sede; mais 3 agências postais em distritos.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede municipal 4 hotéis: Sul Hotel, com diárias de Cr$ 360,00 para casal e ...... Cr$ 180,00 para solteiro e Hotel Centenário, União e Bar-Hotel, com diárias de Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	161
Ônibus	11
Camionetas	22
Motociclos	5
Total	199

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	159
Camionetas	102
Tratores	160
Total	421

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	151
Bicicletas	87
Total	238

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	49
Carroças de quatro rodas	1 136
Outros	55
Total	1 240

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 55% da população presente, de 10 anos e mais, sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 51%. Em 1955, havia 98 unidades escolares de ensino fundamental comum com 5 386 alunos. Há no município um ginásio, 1 escola normal e 1 conservatório de música.

Outros aspectos culturais — Circula 1 jornal semanário "A Fôlha., recentemente lançado; 10 associações culturais e desportivas; 1 biblioteca pública, de caráter geral, com um total de 3 373 volumes. Conta o município com uma estação de rádio com as seguintes características: prefixo ZYU-35, freqüência 1 550 kc; potência anódica 400 w, potência na antena 100 w; 1 tôrre irradiante; palco-auditório com capacidade para 110 pessoas; 2 microfones. A discoteca possui 2 129 discos. Desenvolvem atividades na referida estação 10 pessoas. Há 2 cinemas, sendo um no centro da cidade e outro no arrabalde de Ramiz Galvão. O do centro é denominado Coliseu Rio-pardense, com capacidade para 593 pessoas, e o do arrabalde de Ramiz Galvão chama-se Cine-Teatro Guarani, com capacidade para 200 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 1 hospital, mantendo 80 leitos. Em 1955, foram internados 2 222 enfermos, sendo 814 homens, 936 mulheres e 472 crianças. Há 1 aparelho de Raios-X diagnóstico, 2 salas de operação, 1 sala de parto, 1 sala de esterilização, 1 farmácia e 1 gabinete dentário. Exercem a profissão 7 médicos, 6 dentistas e 7 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Encontram-se instalados e em pleno funcionamento os seguintes estabelecimentos de assistência social: Instituto Educacional de Menores; Creche da Associação de Damas de Caridade; Casa da Criança

do Instituto Medianeira de Rio Pardo, e Asilo dos Velhos São Vicente da Conferência de São Vicente de Paula.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL — 1 veterinário e 1 agrônomo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 8 advogados.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 2; de Consumo — 2; de Comércio — 1; total dos sócios — 952; valor dos serviços executados — Cr$ 138 622 266,00.

FESTEJOS POPULARES — Nossa Senhora dos Navegantes em 2 de fevereiro que, quando permitem as águas do rio Jacuí, é realizada imponente procissão fluvial. Nossa Senhora do Rosário, a festa que desperta maior interêsse e atrai maior número de participantes, realizada no dia 7 de outubro.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — No município há um campo de pouso do Aeroclube de Rio Pardo, com as seguintes dimensões: 1 860 metros de comprimento por 72 metros de largura.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — São os seguintes existentes na sede municipal: Monumento ao Barão do Triunfo, na Praça Dr. Pedro Borba; Mausoléu do Barão de Santo Ângelo, no cemitério da cidade; Bustos das professôras Ana Aurora e Zamira do Amaral Lisboa, na Praça Barão de Santo Ângelo; Cruz Votiva ao Soldado de 1835 — Barro Vermelho.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 890	5 358	4 387	1 725	3 728
1951	2 148	8 129	4 444	1 672	5 883
1952	2 885	7 978	4 612	2 090	5 166
1953	4 102	12 422	6 134	2 357	8 858
1954	6 616	15 189	7 516	2 785	10 462
1955	7 147	18 441	8 242	3 647	9 081
1956	9 615	28 602	14 581	3 990	14 516

LEI N.º 105, DE 18 DE MAIO DE 1954

Adota e define o Símbolo do Município de Rio Pardo

Faustino Teixeira de Oliveira, Prefeito Municipal de Rio Pardo:

Faço saber, em cumprimento ao disposto no art. 49, item II, da Lei Orgânica, que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono, a seguinte Lei:

Art. 1.º. Fica adotado como símbolo dêste Município: "Um escudo de três faixas — na 1.ª, em campo azul, um lado de Fortaleza, que relembra a Fortaleza JESUS, MARIA, JOSÉ, erguida à margem esquerda do Rio Jacuí, origem da cidade; na 2.ª, em campo vermelho, côr heráldica do Exército, um dragão estilizado, representando o Regimento dos Dragões do Rio Pardo, 1.ª tropa de linha do Rio Grande do Sul, e que ali aquartelou cêrca de oitenta (80) anos; na 3.ª, em campo de ouro, a sigla "AVE MARIA" e um rosário, homenagem à Nossa Senhora do Rosário, Padroeira da cidade. Sobreposta, uma coroa mural de prata, de cinco (5) tôrres, e, na parte inferior, em letras de ouro, sôbre um listel de vermelho, o lema "TRANQUEIRA INVICTA".

Art. 2.º. Êste símbolo será usado como timbre nos papéis, documentos oficiais e correspondências do Município.

Art. 3.º. Esta Lei, revogadas as disposições em contrário, entrará em vigor na data de sua publicação.

Gabinete do Prefeito Municipal de Rio Pardo, 18 de maio de 1954.

Faustino Teixeira de Oliveira
Prefeito

Registre-se e publique-se
Floriano Ferreira
Secretário

ROCA SALES — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

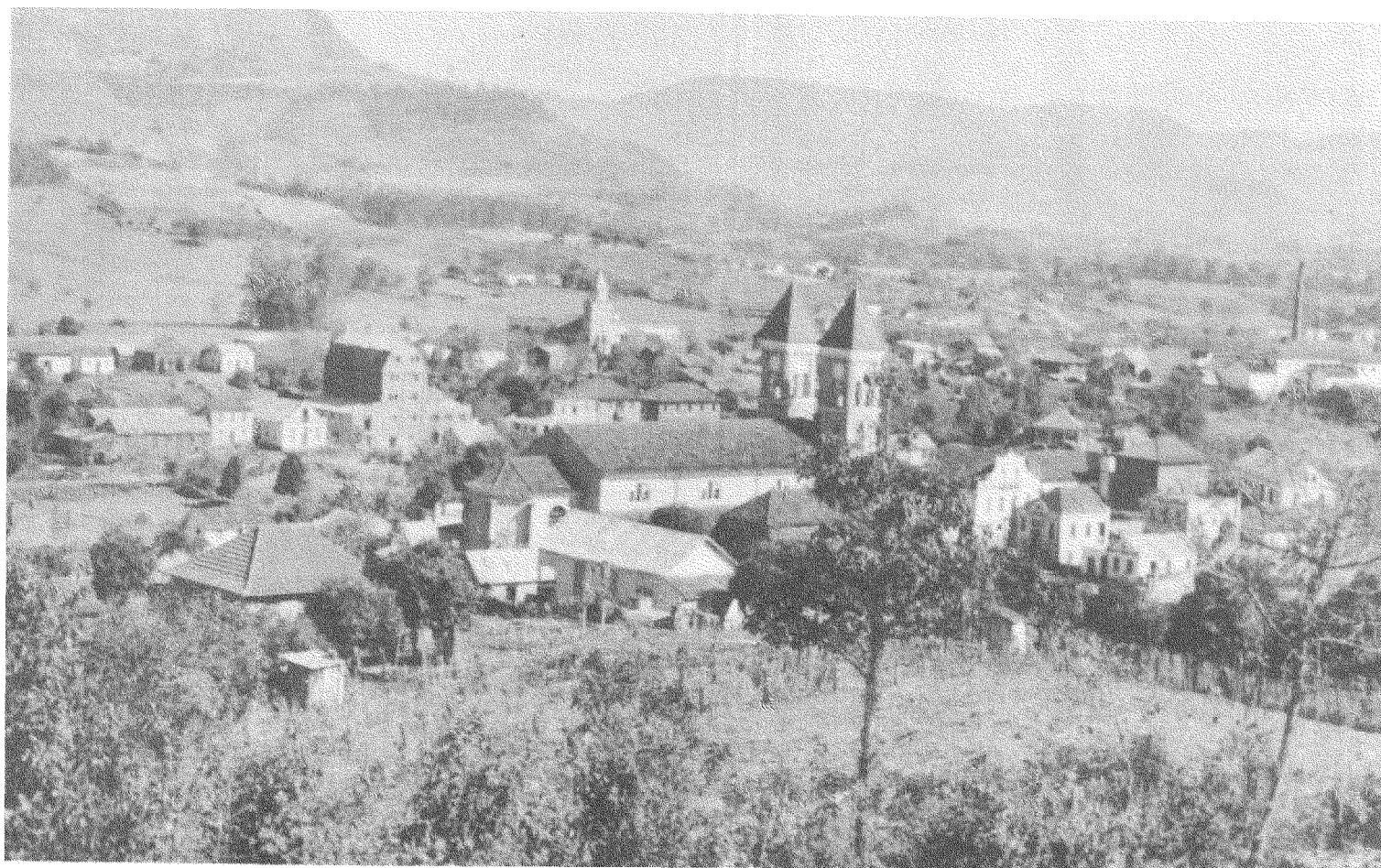
HISTÓRICO — O mais velho município do Alto Taquari é Estrêla, do qual foram desmembrados Lajeado, Arroio do Meio, e, finalmente, Roca Sales.

Foi no ano de 1835 que teve início a colonização do Alto Taquari, com a fixação de Antônio Israel Ribeiro nas imediações de Bom Retiro. Entre 1855 e 1860 foram fundadas, em fazendas já existentes, as colônias de Estrêla e Teutônia, predominando na primeira elementos brasileiros, e na segunda, alemães. Através da Lei provincial n.º 1 044, de 20 de maio de 1876, era criado o município de Estrêla.

O núcleo de Conventos Vermelhos foi fundado em 27 de maio de 1881, situado à margem do Taquari, à barra dos Conventos Vermelhos, distando 33 quilômetros da vila de Estrêla. Os primeiros moradores foram Cesário Piccinini, Cândido Giongo, Emílio Rotta, Sílvio Piccinini e José Brock. Anteriormente pertenceram as terras onde foi fundado Conventos Vermelhos à família Santos Pinto.

Por ato do intendente de Estrêla, Pércio de Oliveira Freitas, seria criado o Distrito de Conventos Vermelhos, em 18 de maio de 1898. O distrito passou a contar com 23 600 hectares, dos quais 15 735 constituíam o antigo núcleo.

Em 1900, já na administração de Ferreira de Brito, o povo de Estrêla substituiu o nome do distrito de Conventos Vermelhos por Roca Sales. Tal se deveu à maneira

Vista parcial da Rua General Osório

Vista parcial da cidade

cordial com que fôra recebido o Presidente do Brasil, então o Dr. Manuel Ferrás de Campos Sales, pelo da República Argentina, general Júlio Roca. O distrito possuía então 3 758 habitantes, e era o 3.º de Estrêla.

Constituiu-se em curato, criado sob o orago de São José, em 5 de janeiro de 1909, sendo primeiro cura o padre João Carlos Rech, contando com a matriz e capelas de Santo Izidoro do Campinho, Nossa Senhora do Caravágio, São João do Marquês do Erval, Nossa Senhora do Rosário do Arroio Augusto, Nossa Senhora da Ajuda do Arroio Augusto. Além disto, possuía dois templos evangélicos.

Em 1913 o povoado de Roca Sales contava com 8 ruas, 1 praça, 80 prédios e 480 habitantes. Possuía, além da Igreja de São José e de um templo luterano, uma subintendência, cartório, agência de correio e pôsto telefônico. A população distrital era então de 6 000 habitantes.

Em 1922, o povoado teria 90 prédios, alguns de boa construção, 2 hotéis, 4 casas comerciais, 2 barbearias, 2 ferrarias, 1 fábrica de carruagens, 2 dentistas e quase 500 habitantes. A subintendência, a cargo do diligente coronel Napoleão Maioli Primo, estava instalada em magnífico prédio. Em todo o distrito havia 800 prédios.

A produção distrital era de 40:000$000, sendo grande sua atividade agrícola. Forte produtor de banha, exportava-a para a sede municipal.

Em 13 de setembro de 1924 foi Roca Sales elevado à categoria de freguesia.

Com o correr dos anos o povoado desenvolveu-se notàvelmente.

Em 1940 a população do distrito era de 8 407 habitantes, dos quais, 927, na vila.

Inicia-se o movimento emancipacionista. Diversas companhias entusiasmam os habitantes do distrito.

Finalmente, após plebiscito, seria Roca Sales elevado à categoria de município, desmembrando-se de Estrêla pela Lei estadual n.º 2 551, de 18 de dezembro de 1954.

A instalação deu-se a 28 de fevereiro de 1955, sendo primeiro Prefeito Irineu d'Anuncio Rotta, e Vice-Prefeito Lothar Brentano.

A primeira Câmara Municipal foi constituída por Alberto Schmitz, Sylvio Orlandini, Theobaldo Grabin, João José Thums, Brenno Gausmann, Aquilino Wirtti e Ângelo Colombo Filho.

Constituído por descendentes de portuguêses, alemães e italianos, Roca Sales é um próspero e promissor município, em que pêse o fato de ser um dos mais recentes do Estado.

BIBLIOGRAFIA — *O Alto Taquari* — João Oliveira Belo. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio G. do Sul* — O. Augusto de Faria. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

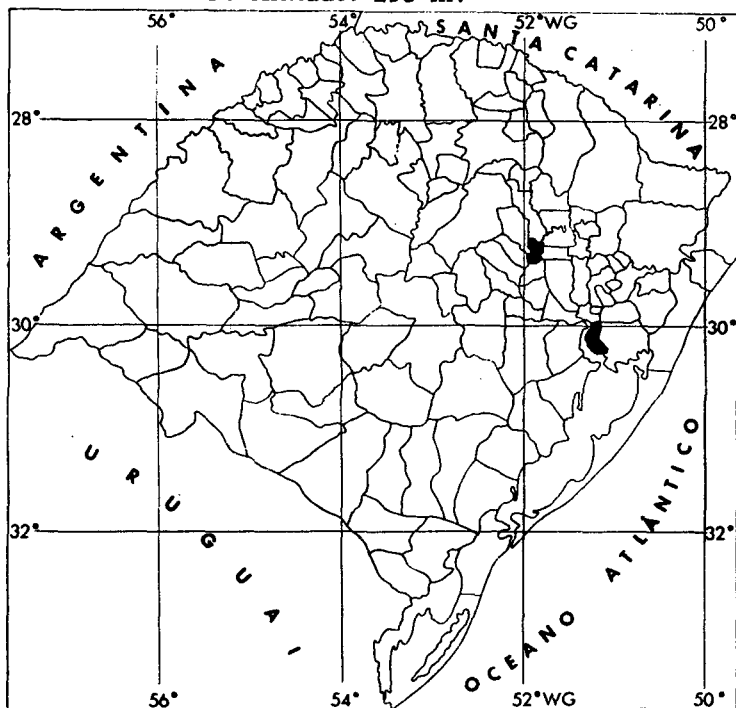
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Roca Sales 15 940 habitantes, localizando-se, 1 300 na sede e 14 640 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 59,48 habitantes por quilômetro quadrado; 0,33% sôbre a população total do Estado; área: 268 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Roca Sales.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Roca Sales.....	461	5	125	88	18	373

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 17' 10" de latitude Sul e 51° 51' 52" de longitude W.Gr. Distância em linha reta da Capital do Estado: 103 km. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo N.O. Altitude: 295 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município está situado na Encosta Inferior do Nordeste. Rios: Taquari, que limita o município com Guaporé até a confluência com o rio Guaporé; limita com Encantado até a confluência com o arroio Lexuim; limita com o município de Arroio do Meio até receber as águas do Arroio da Sêca. Arroios: da Sêca, que limita em tôda a extensão, com o município de Estrêla. Os limites com Bento Gonçalves e Garibaldi são demarcados por travessões coloniais. Apesar de a pesca não ter expressão econômica para o município, encontram-se, no rio Taquari, em abundância, as seguintes variedades de peixes: pintado, jundiá, dourado, piava e grumatã. A sede municipal está situada à margem esquerda do rio Taquari, não possuindo, entretanto, pôrto fluvial.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é ameno. As médias das temperaturas, no ano de 1956 foram as seguintes: máxima — 23,0°C; mínima — 13,0°C; compensada — 17,9°C. Chuvas: precipitação anual de 1 380 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Guaporé; ao sul: Estrêla; a leste: Garibaldi; a oeste: Encantado e Arroio do Meio.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura se constitui na maior fonte de riqueza do município. Entre os agricultores, destacam-se os Srs. Herbert e Eugênio Lang com lavouras mecanizadas, onde cultivam trigo, milho, mandioca e feijão-soja. O principal centro consumidor dos produtos agrícolas do município é a Capital do Estado.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Batata-inglêsa	2 040	7 140
Trigo	720	4 680
Mandioca	4 000	2 800
Alfafa	810	1 620

Valor total da produção: Cr$ 108 317 000,00.

Avicultura — Existe apenas um criador organizado no município, que é o Sr. Rosalino Grandi. O valor total da criação do município é de Cr$ 2 100 000,00.

Pecuária — A pecuária é bastante desenvolvida no município, merecendo destaque a população suína, cuja raça preferida é a duroc. O gado suíno é vendido em grande quantidade para os municípios de Encantado, Arroio do Meio e Lajeado e é destinado à industrialização pelos frigoríficos da região.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.° de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	10 500	16 800
Eqüinos	2 100	2 100
Muares	200	240
Suínos	12 200	7 320
Ovinos	500	140
Caprinos	100	13

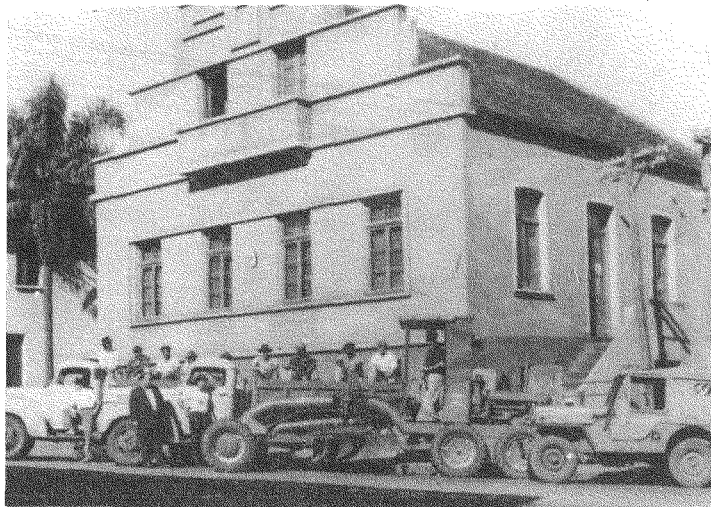
Indústria — Conta o município de Roca Sales 55 estabelecimentos industriais com a média mensal de 301 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 147 721 000,00.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	1
Ferragens	1
Casas de móveis	1
Fazendas	3
Rádios, eletrolas e refrigeradores	3

O município mantém transações comerciais com São Paulo, Blumenau (SC), Pôrto Alegre e Caxias do Sul.

Há na sede municipal 1 escritório do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Encantado: rodov. (6 km); Arroio do Meio: rodov. (18 km); Lajeado:

Prefeitura Municipal

rodov. (27 km); Estrêla: rodov. (32 km); Garibaldi: rodov (48 m); Bento Gonçalves: rodov. (58 km); Guaporé: rodov. (71 km). Capital Estadual: rodov. (200 km) ou misto: a) rodov. (27 km) até Estrêla e b) aéreo (120 km). Capital Federal: — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, ver "Pôrto Alegre".

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica pelo sistema termelétrimco, desde sua fundação, em 1.º-3-1955.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	14
Ruas	14

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Cascalho	25 000m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	5
Parcialmente pavimentados	7

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	14
N.º de ligações elétricas domiciliares	352
N.º de focos p/iluminação pública	80

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

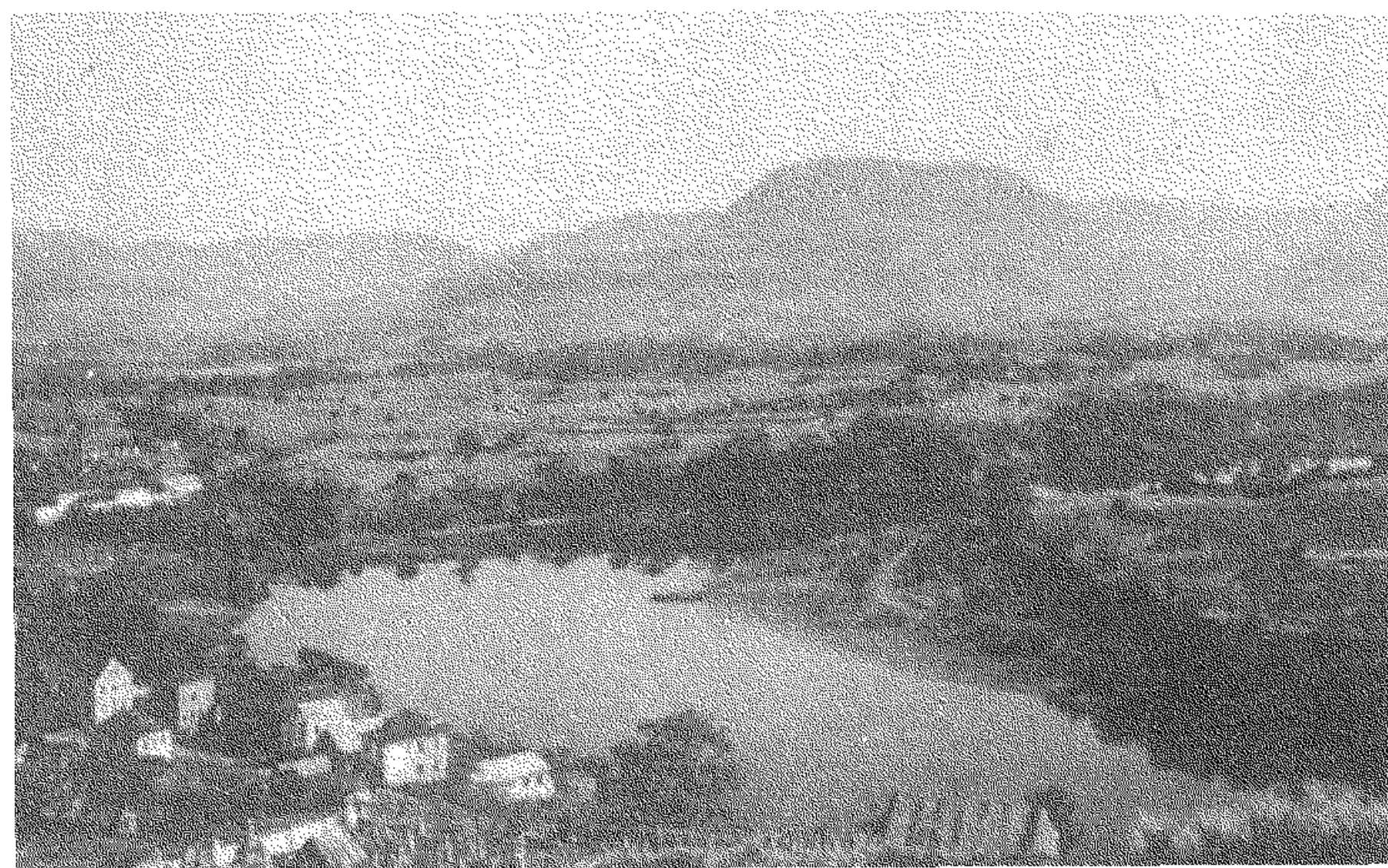
Total do município	423 800 kWh
Da sede municipal	156 000 kWh
Consumo p/iluminação pública	3 800 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo munic.	264 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	44
Taxa mensal p/residências	Cr$ 50,00
Para comércio e indústria	Cr$ 120,00

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência postal-telegráfica na sede.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede: Hotel Central, Hotel União e Pensão Machado, cujas diárias são, respectivamente, de Cr$ 110,00, Cr$ 90,00 e Cr$ 100,00 por pessoa.

Transporte de veículos sôbre o rio Taquari

Vista de um trecho do rio Taquari

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	36
Ônibus	2
Camionetas	4
Motociclos	17
Total	59

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	30
Fechados para transporte de mercadorias	1
Tratores	2
Total	33

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA P/PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	16
Bicicletas	169
Total	185

PARA CARGAS

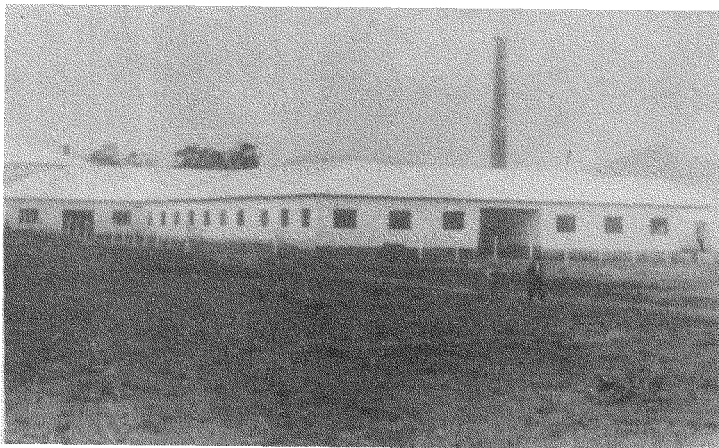
Carroças de quatro rodas	7
Total	7

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 31 unidades escolares de ensino fundamental comum, com 1 307 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Uma sociedade recreativa, 1 clube de futebol, 9 grupos de bolão, 1 tipografia e livraria, 2 sociedades de cantores; um cinema com capacidade para 200 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, que mantêm 127 leitos, e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 1 731 enfermos, sendo 428 homens, 512 mulheres e 791 crianças. Há 2 aparelhos de raios-X diagnóstico, 5 salas de operação, 1 sala de partos, 2 de esterilização, 1 laboratório e 2 farmácias. Exercem a profissão, 3 médicos e 2 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Sociedade Beneficente Roque Gonzales.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Município novo, é jurisdicionado pela comarca de Estrêla.

Vista do Curtume e Fábrica de Sabão, existentes no município

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Crédito — 1; total de sócios — 405; valor dos empréstimos — Cr$ 1 739 255,00.

FESTEJOS POPULARES — São José é o padroeiro da Paróquia e sua festa comemora-se no 3.º domingo após a Páscoa. São observados os seguintes dias santificados: Santo Antônio, em 13 de junho; São João, em 24 de junho; 15 de agôsto, Assunção de Nossa Senhora; 31 de outubro em comemoração à Reforma da Igreja Católica e 8 de dezembro, Nossa Senhora da Conceição.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1956.......	—	997	2 505	1 179	2 317

ROLANTE — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Em grutas existentes no atual município de Rolante foram encontradas ossadas humanas, bem como utensílios de barro cozido, e ferramentas de pedra. Pelos vestígios deixados, devem ter sido numerosos os indígenas que povoaram seu território antes da chegada dos portuguêses. É difícil precisar qual o grupo a que pertenciam, mas, de tôda forma, receberam poderoso influxo dos tupis-guaranis, sendo provável constituíssem uma ponta avançada dos caáguas ou dos carijós, os primeiros do planalto e os segundos do litoral.

Após a fundação do presídio do Rio Grande, em 1737, foi aberta uma estrada, que, partindo de Viamão, subia o arroio Rolante, passando pelo Pelotas junto à confluência com o rio dos Touros.

Essa estrada concretizava o sonho de Cristóvão Pereira, que tinha três objetivos: assegurar a soberania portuguêsa na região, afastar eventuais grupos de guaranis missioneiros e obter via de transporte para o gado bovino e eqüino preado nas amplas panícies do sul. Essa foi a rota seguida por dezenas de milhares de cabeças de animais, rumo a São Paulo. A fim de prestar-se ao gado a assistência necessária, às margens da estrada formavam-se estabelecimentos, que exigiam o trabalho de apenas poucos residentes.

Deve-se a isso o povoamento primitivo do município de Rolante, se bem que não haja restado qualquer daqueles rudimentares mas eficientes pousos. Com a cessação do uso da estrada, os estabelecimentos deixaram de ter razão de ser e foram abandonados. Com a criação do município de Santo Antonio da Patrulha, por provisão de 27 de abril de 1809, as terras de Rolante dêle faziam parte.

O nome de Rolante proveio do fato de o arroio, que serve de divisa atualmente entre êsse município e o de Santo Antônio, ser impetuoso e violento no período de suas cheias, levando tudo de roldão.

O arroio servia para transporte das madeiras de lei do planalto, que, em balsas, eram levadas até o rio dos Sinos, de que é tributário, e daí até Pôrto Alegre.

Pela década de 1860 foram concedidas sesmarias, que originaram as fazendas Nunes, Gomes e Torquato.

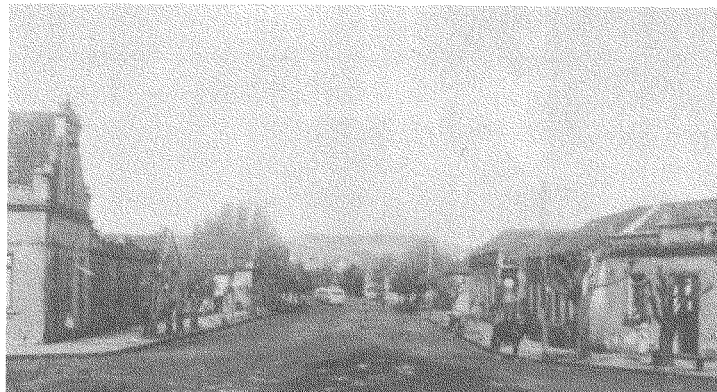
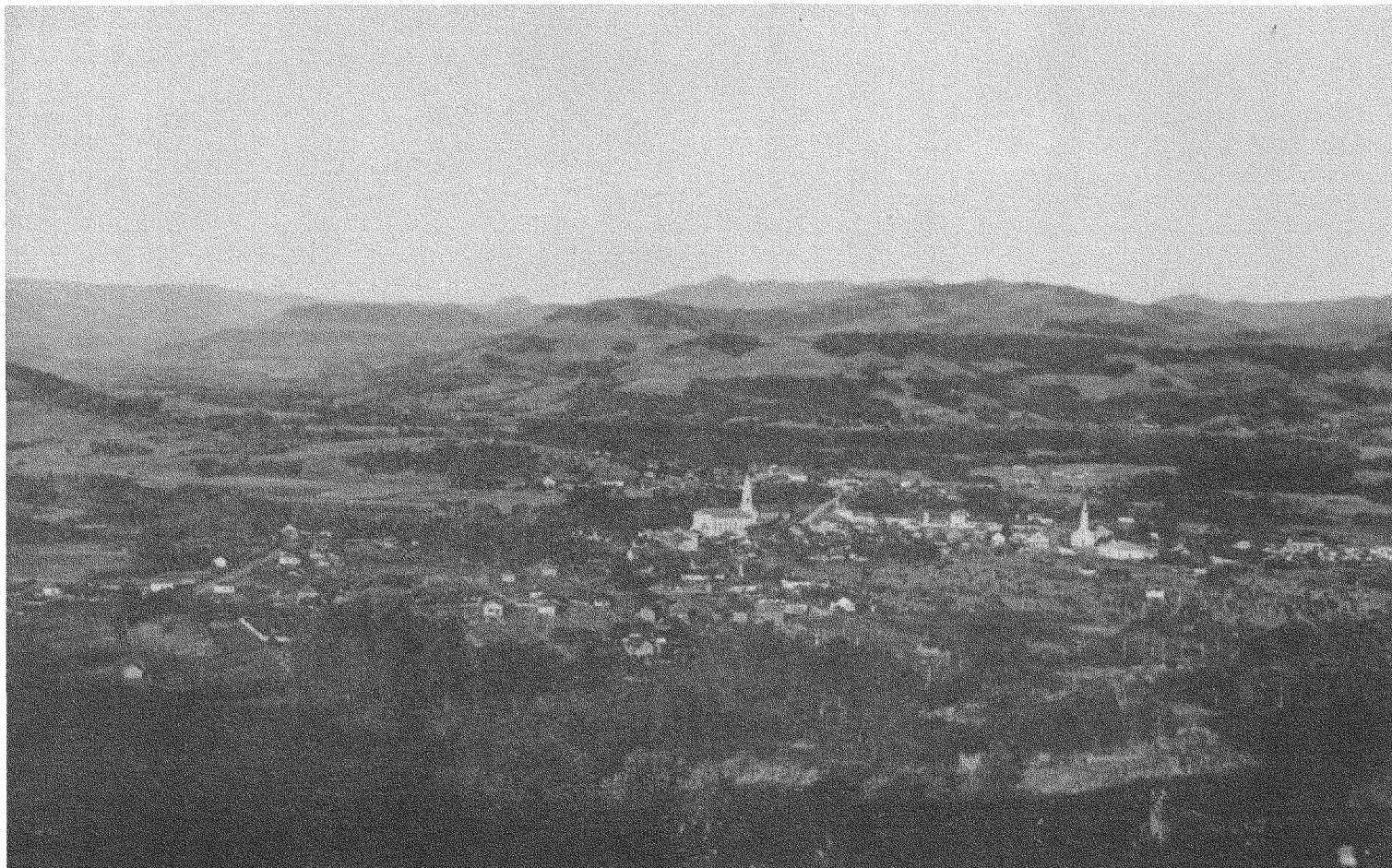
Anos após a chegada de alemães, dada em 1824, alguns de seus descendentes procuraram novas regiões para se estabelecer, sendo Rolante uma destas.

Desde 1880 grandes grupos de elementos teutos, provenientes de São Leopoldo, Taquara e Caí, fixaram-se nos arredores da atual cidade. Em 1885 foi construída a primeira capela católica da localidade, exatamente onde hoje se encontra o prédio do Salão Paroquial Cristo-Rei. Inicialmente apenas de 6 em 6 meses era visitada a capela por sacerdote, sendo até hoje lembrada pelos moradores mais antigos a sábia atuação do Vigário Coordenador, hoje Bispo de Santa Maria, D. Antonio Reis.

Em 1888 era criada oficialmente pelo Govêrno do Estado a colônia de Rolante, para elementos germânicos.

Ràpidamente se alterava a fisionomia do povoado, que crescia e progredia à medida que novas levas humanas chegavam.

A 19 de abril de 1909 era criado o distrito de Rolante, sendo o 6.º de Santo Antônio. Êsse início do século XX trouxe radicais transformações ao desenvolvimento do distrito. Em primeiro lugar, a construção da estrada de ferro até Taquara, deslocou o comércio do povoado com o município; pouco mais tarde, uma rodovia ligando Rolante a Taquara, incentivava êsse novo contato econômico. Em virtude da facilidade de comunicações, Rolante passou a fazer parte da Paróquia do Senhor dos Passos, daquela cidade.

Por essa época dá-se o surgimento de novos núcleos coloniais: italianos fixam-se em Boa Esperança, Chuvisqueiro, Morro Grande e Riozinho; húngaros, em Canta Ga-

Vista parcial da Avenida Borges de Medeiros

Vista panorâmica da cidade

lo; poloneses, em Baixa Grande; suecos, na Linha 5 de Novembro. A maior parte dos imigrantes era católica, daí a decisão do Arcebispo de Pôrto Alegre de instituir um curato em Rolante. Em 1915 dá-se a elevação a curato, sendo primeiro Cura o Padre Dr. José Nahler. Êsse homem não foi apenas um dedicado e ativo servo de Deus e conselheiro espiritual; exerceu funções de médico, sem cobrar honorários, e até pagando os medicamentos aos menos favorecidos.

Tratou logo da construção de uma pequena capela de madeira. A 22 de novembro de 1922 era criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição; a 25 de fevereiro de 1923 tomavam posse na Paróquia os Padres Missionários da Sagrada Família, à frente dos quais o padre Jorge Aneken, primeiro superior provincial da Zona Sul do País.

O padre Jorge Aneken integrou-se na vida da localidade, fundando a Caixa União Popular, a 28 de outubro de 1923. Entre 1924 e 1926 vieram 30 famílias, num total de 251 pessoas de Oldemburgo, Alemanha, sob a orientação do padre Jorge.

Em 1930, o mesmo sacerdote reúne os agricultores e é construído um edifício para escola e moradia de freiras, sendo o prédio doado à Congregação das Irmãs de Notre Dame, que até hoje é o estabelecimento com maior número de matrículas. Até então, um dos poucos a exercer tarefas docentes fôra Fernando Jacobs, que ensinava em alemão, seu idioma natal.

Data dessa época o movimento emancipacionista, que teve como dirigente e principal batalhador o coronel João Augusto Linck. Sucederam-se comissões que erguiam essa reivindicação, sem no entanto ser atendidas.

Um dos motivos pelos quais se batiam os rolantenses pela emancipação era a falta de recursos financeiros de Santo Antônio para atender sua vasta superfície; sendo Rolante distrito de alta concentração populacional, esperava melhores cuidados que os recebidos; por outro lado, o município de Santo Antônio tinha que atender não só sua sede própria como os demais distritos.

Chegando o ano de 1954 a campanha atingiria seus objetivos e, pela Lei estadual n.º 2 527, de 15 de dezembro, era criado o município de Rolante. A posse do primeiro Prefeito, Hugo Zimmer, deu-se na data de inauguração do município — 28 de fevereiro de 1955. A primeira Câmara Municipal ficou assim constituída Presidente, Abel Pretto, vereadores, Oscar Alcinto Ritter, Rodolfo Emílio Marmitt, Balduino Finger, Willy Wasem, Benjamin Konrath e Helmuth Flesch.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Colonização do R. G. do Sul* — Maria F. de Souza Docca Pacheco.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

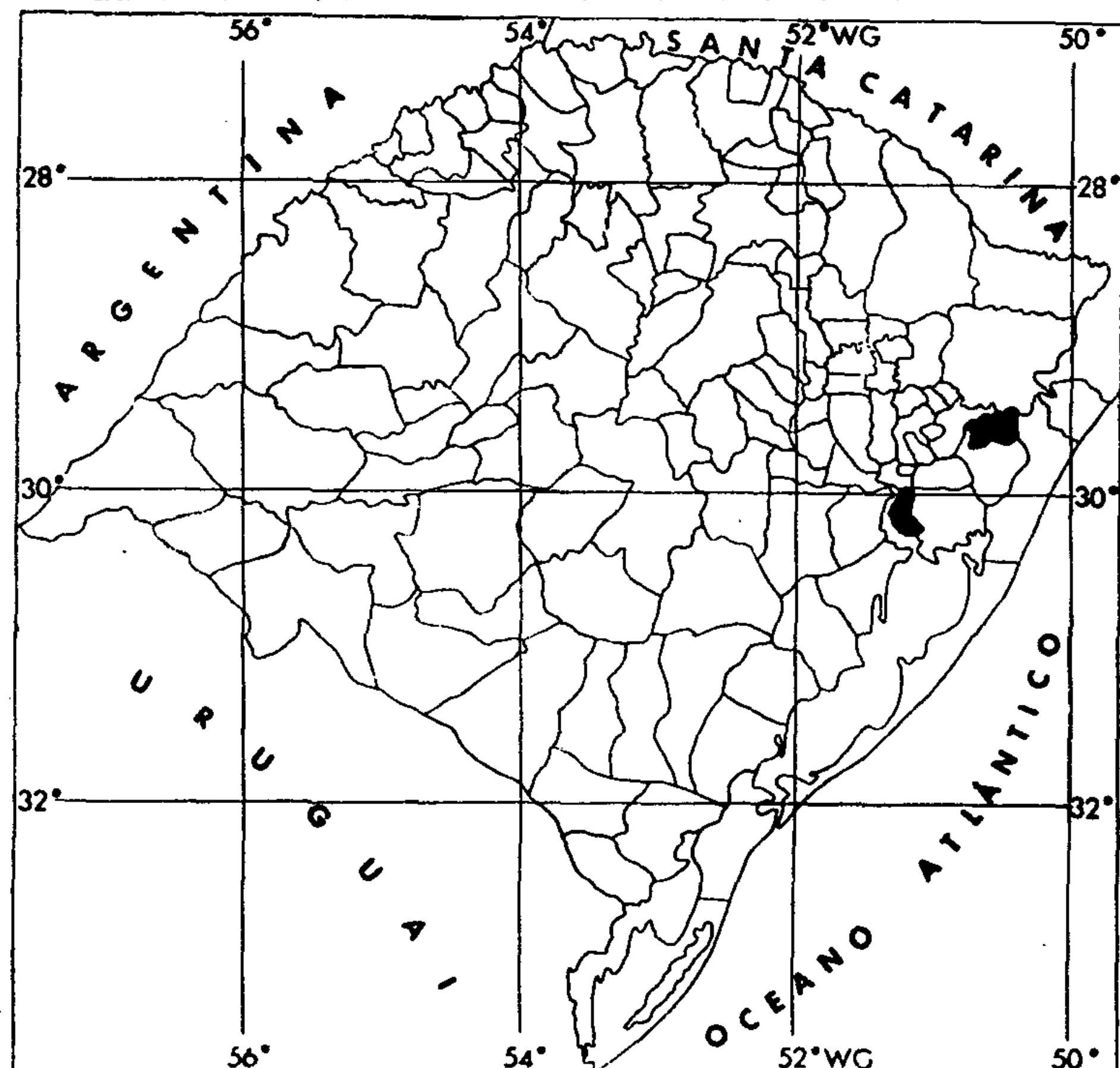
POPULAÇÃO — Conta o município de Rolante 19 070 habitantes, localizando-se 1 610 na sede e 17 460 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 36,05 habitantes por quilômetro quadrado; 0,40% sôbre a população total do Estado; área: 529 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Rolante; vila de Riozinho.

10 — 24 946

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Rolante........	486	--	126	90	17	396

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 39' 46" de latitude Sul e 50° 34' 50" de longitude W.Gr. Distância em linha reta da Capital do Estado: 74 km. Rumo: N.E. Altitude: 26 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rolante está situado na Encosta Inferior Nordeste do Planalto do Rio Grande. Rios: da Ilha, que serve de limite com o município de Taquara, desde a sua nascente até o Arroio Cataventos; Rolante, que limita o município com o de Santo Antônio e divide os distritos de Rolante e Riozinho. Arroios: Açouta Cavalo, que serve de limite com o município de Taquara; Cantagalo, que serve de limite com Santo Antônio. O limite do município de Rolante com o de Osório, conforme faz referência a lei, é pelo dorso do contraforte principal do Planalto do Rio Grande, desde o arroio Maquiné até a localidade de Pedra Branca. Os morros de Cantagalo e Redondo estão na divisa do município com o de Santo Antônio. Cascatas: Chuvisqueiro, no lugar do mesmo nome, no distrito de Riozinho. Morros: Grande, com 650 m de altitude, próximo à cidade; da Graciema e Nova Trípoli, com 800 m de altitude, no distrito de Riozinho. Os rios são pouco piscosos, sendo a pesca sòmente praticada por esporte. Há nêles jundiás, lambaris, traíras e carpas. Nenhum dos rios é navegável.

RIQUEZAS VEGETAIS — Madeiras. Área das matas naturais — 120 km²; área das matas reflorestadas — 8 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 23,1°C; mínima — 13,6°C; compensada — 18,6°C. Chuvas: precipitação anual de 1 531 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — O município de Rolante tem por limites: ao norte — Taquara e São Francisco de Paula; ao sul: Santo Antônio; a leste: Osório; e a oeste: Taquara.

Igreja-Matriz de Nossa Senhora da Conceição

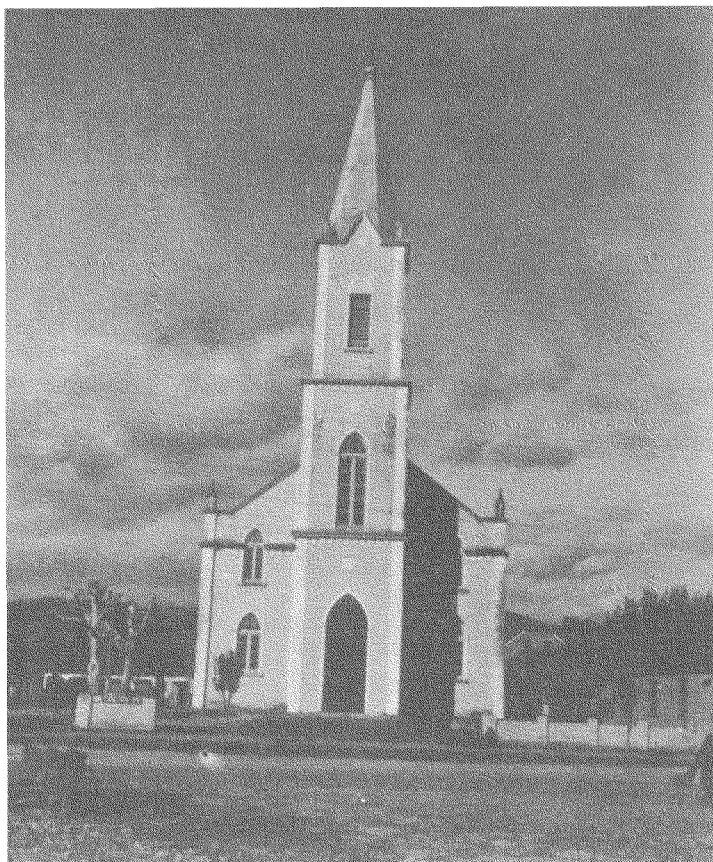
ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura é fator predominante na economia do município e suas lavouras não são mecanizadas. Os produtos principais são, entre outros: feijão, milho, fumo e uva. Centros consumidores: Pôrto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Cana	66 500	9.975
Mandioca	15 000	6.750
Fumo	450	6.300
Arroz	1 170	5.265

Valor total da produção: Cr$ 87 458 800,00.

Avicultura — Embora o município não conte com criadores organizados, a avicultura é muito difundida, tendo a sua produção, em 1956, atingido um total de 40 000 aves, valendo Cr$ 1 600 000,00.

Pecuária — Há um considerável rebanho leiteiro no município. Foi organizada uma cooperativa de produtores, a qual exporta o leite para Pôrto Alegre. Teve em 1956, primeiro ano de funcionamento, um volume total de .... 3 500 000 litros, aproximadamente, num valor de ..... Cr$ 15 750 000,00.

Templo Protestante, pertencente ao Sínodo Rio-grandense

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	7 500	12.000
Eqüinos	2 400	2.400
Muares	800	960
Suínos	16 500	9.900
Ovinos	500	135
Caprinos	200	26

Indústria — Conta o município de Rolante com 131 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 284 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 38 888 000,00.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS

V.ª Guerino Pandolfo & Cia.	Ferramentas agrícolas
Albino Pandolfo & Cia.	Ferramentas agrícolas
Beloni & Cia. Ltda.	Ferramentas agrícolas
Ind. de Couros & Cerâmica Ltda.	Couros curtidos
Agro Moageira S. A.	Farinha de trigo
Emprêsa Viti-vinícola Boa Esperança	Vinho tinto
Coop. Viti-Vinícola Riozinho Ltda.	Vinho e vinagre

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede: secos e molhados, ferragens e fazendas — 7; casas de móveis — 2; casas de rádios e eletrolas — 1. O município mantém transações comerciais com Taquara, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Pôrto Alegre.

Há no município um correspondente do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Rolante liga-se aos municípios de: Santo Antônio, rodov. (30 km); Taquara, rodov. (25 km); São Francisco de Paula, rodov. (27 km); Osório, rodov. (60 km), via Santo Antônio. Capital estadual: rodov. (100 km) ou misto: rodov. até Taquara (25 km) e daí ferrov. (89 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida deficientemente por luz elétrica, que falta totalmente nos períodos de sêca. Dentro em breve, no entanto, será sanada esta deficiência, já que se encontram em fase final as instalações da Comissão Estadual de Energia Elétrica.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	11
Ruas	5
Avenidas	2
Becos	4

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma agência na sede e outra na vila de Riozinho.

HOTÉIS E PENSÕES — Conta o município com o Hotel Familiar e uma pensão com capacidade para 20 hóspedes. As diárias são de Cr$ 100,00 por pessoa.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	15
Ônibus	2
Camionetas	1
Ambulâncias	—
Motociclos	10
Total	28

Para transporte de cargas

Caminhões	36
Camionetas	4
Tratores	1
Total	41

Veículos a fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	37
Bicicletas	159
Total	196

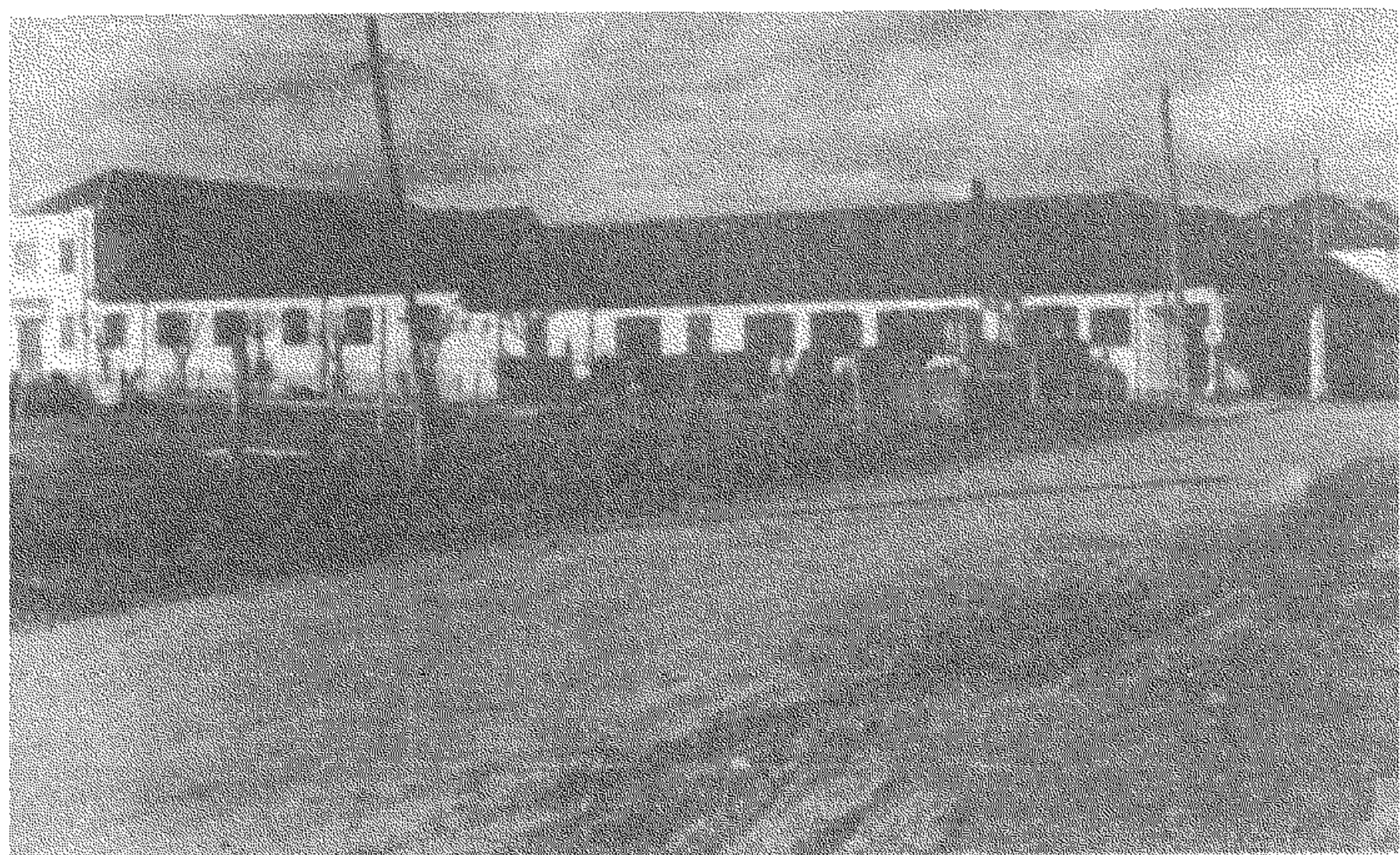
Para cargas

Carroças de duas rodas	15
Carroças de quatro rodas	280
Total	295

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 38 unidades do ensino fundamental comum, com 2 030 alunos matriculados, e uma escola de comércio.

Outros aspectos culturais — Há uma sociedade recreativa e duas bibliotecas, sendo estas particulares e com, aproximadamente, 250 volumes cada.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Há sòmente uma cancha reta, com 520 m de comprimento e onde são realizadas uma ou duas carreiras por ano.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, com um total de 44 leitos. Em 1955, foram in-

Hospital Madre de Deus

ternados 1 340 enfermos, sendo 468 homens, 540 mulheres e 332 crianças. Há 2 salas de operação, 2 salas de parto, 2 salas de esterilização e uma entidade possui farmácia. Exercem a profissão 2 médicos e 4 dentistas.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Município novo, é ainda jurisdicionado pela comarca de Santo Antônio.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 3; de Comércio — 1; de Crédito — 1; total de sócios — 3 068; valor dos serviços executados — Cr$ 12 177 956,00; valor dos empréstimos — Cr$ 10 286 845,00.

FESTEJOS POPULARES — Há no município uma festa tradicional realizada a 25 de julho, "Dia do Colono", pelos descendentes de imigrantes alemães. Há nesse dia torneios de futebol e de bolão, corridas rústicas e representações teatrais em alemão e português alusivas à data. Festas religiosas: 8 de dezembro, festa da padroeira da Paróquia; em junho, a festa do Sagrado Coração de Jesus. Há procissões depois de missa festiva; ao meio dia, churrasco, galinhas e à tarde leilão e outras diversões populares. O lucro é em benefício da igreja.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1955.......	—	720	1 866	806	1 340

ROSÁRIO DO SUL — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está situado na *zona fisiográfica Campanha*.

Seu território pertenceu ao do município de Rio Pardo, conforme Alvará de 27 de abril de 1809, foi incorporado ao de Cachoeira, e, doze anos depois, em face do Decreto governamental de 25 de outubro de 1831, que elevou a Capela Curada de Nossa Senhora da Conceição de Alegrete à categoria de vila, foi desintegrado do município de Cachoeira e passou à jurisdição dessa nova comuna, com a denominação de Distrito de Caverá. A 15 de dezembro de 1859, a Lei provincial n.º 442 criou a freguesia do Passo do Rosário. Com a promulgação da Lei n.º 458, foi derrogada a de n.º 442, transferindo a freguesia de Nossa Senhora do Rosário para a margem direita do Passo de Saicã, lugar onde foi construída uma pequena capela sob a invocação de São Pedro de Alcântara.

Em 25 de novembro de 1867, por fôrça da Lei provincial n.º 645, foi a sede da freguesia criada por Lei de 15 de dezembro de 1859, com a invocação de Nossa Senhora do Rosário, restabelecida no Passo do Rosário, com as mesmas divisas civis e eclesiásticas do 3.º distrito de Alegrete.

Contribui de maneira decisiva para a fixação de freguesia no Passo do Rosário a visita pastoral que o virtuoso bispo D. Sebastião Dias Laranjeiras fêz à região em 1864, assim como para posterior emancipação municipal.

Em 1861 começaram a aparecer casas residenciais no Passo do Rosário, tendo sido emancipado o município a 19 de abril de 1876, conforme Lei provincial n.º 1 020.

O Conselho Municipal de Rosário do Sul teve como primeiro presidente Amaro Gomes Souto, sendo conselheiros Teófilo do Prado Fagundes, Antônio Ignácio da Silva, Augusto Fernandes Franco e Luiz Pacheco Prates.

A sede da atual comuna está edificada sôbre uma área de terras, reservadas à comodidade pública a 6 de agôsto de 1814, conforme têrmo de concessão de sesmaria do Passo do Rosário, feita em benefício de José Machado de Souza, pela Capitania de São Pedro, em nome de S.A. o Príncipe Regente. Os primeiros povoadores da região foram: coronel Manoel José Soares, tenente-coronel João Gualberto da Costa Lerina, major João de Souza Brasil, Maximiliano Germano do Monte, Manuel Estácio da Costa, João Patrício de Azambuja, Felizardo Pereira de Souza, José Antônio de Araujo, Francisco Geraldo Osório, José da Veiga, Luiz da Silva Figueiredo, Manoel Ferraz, Feliciano Antônio Alves, Melibeu Soares de Souza, Pedro Rocha, João Cardoso da Silva, Eduardo José de Farias, Damásio Alves, Desidério Antônio da Silva, Fidelis Pais de Freitas, Antônio José Ramos, Manoel Maria da Silva, José Rodrigues de Vasconcelos Filho. Os estrangeiros foram os seguintes: Henrique Franzen, José Civeri, Candido Nanó, Eugênio Manó, Martins Bazeau, Carlos Delmond, Domingos Havan, Emílio Thadeu e João Ventura.

Por Lei provincial n.º 442, de 15 de dezembro de 1859, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. A Lei n.º 458, de 4 de dezembro de 1860, transferiu para o Passo do Rosário a freguesia, sendo instalada a Paróquia.

Foi nestes rincões instalado o quartel-general das fôrças imperiais, comandadas pelo tenente-general Joaquim Xavier Curado, que se preparavam para enfrentar as hostes de Artigas. No território de Rosário do Sul, se travou a célebre batalha do Passo do Rosário. Ela teve início, ao amanhecer do dia 20 de fevereiro de 1827, estando a vanguarda das fôrças brasileiras constituída pelos guerrilheiros do Barão do Cêrro Largo, junto ao riozinho de Ituzaingo ou Itambé, afluente do rio Santa Maria, e com as tropas da 1.ª Divisão de infantaria, sob o comando do brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto.

O general-brigadeiro D. Carlos Maria de Alvear, comandante das tropas argentinas, dispôs suas fôrças de ma-

Vista aérea da cidade (ângulo direito margeando o rio Santa Maria)

neira tal, que obrigou o Marquês de Barbacena, comandante das fôrças brasileiras, a aceitar a batalha numa situação defensiva.

Os brasileiros contavam com 6 230 soldados e 12 peças de artilharia, num total de 6 630 combatentes, incluindo os 400 dos serviços, escoltas e outros empregados. Estas fôrças deveriam enfrentar um inimigo superior em efetivo e iniciativa.

Os imperiais desdobraram-se em dois núcleos: na direita, 1.ª Divisão, comandada pelo marechal-de-campo Gustavo Henrique Brown, com 2 710 homens; na esquerda, pela 2.ª Divisão, sob o comando do brigadeiro João Crisóstomo Calado, com 2 150 soldados.

Entre ambas as divisões colocou-se a artilharia com 12 peças ao comando do coronel Tomé Joaquim Fernandes Madeira, entre cujos subordinados se encontrava o então 2.º tenente Emílio Luiz Mallet, que brilhou nesta batalha, tornando-se mais tarde "Patrono da Artilharia" de nosso Exército.

Neste célebre combate morreu o marechal-de-campo José de Abreu, Barão do Cêrro Largo, comandante de um contingente de cêrca de 560 voluntários paisanos montados que vieram cooperar na luta contra os platinos, elevando-se, assim, o efetivo do Exército do Sul.

José de Abreu, Barão do Cêrro Largo, com seus voluntários, tentou, em vão, fazer frente a Lavalleja, pois, atacado de flanco, não conseguiu conter seus comandados. O herói rio-grandense foi atirado de roldão sôbre o quadrado da infantaria de Calado. Vendo o perigo iminente em que se achavam seus homens, não hesitou em mandar fazer fogo sôbre amigos e inimigos que se aproximavam no entrevêro. Os argentinos foram repelidos, mas haviam tombado, por balas brasileiras, José de Abreu e muitos de seus soldados. Recentemente o Govêrno da República acaba de prestar expressiva homenagem ao grande herói, dando o nome de Regimento José de Abreu, ao 6.º de cavalaria, sediado em Alegrete.

A situação começava a tornar-se crítica para as fôrças imperiais esperando-se a todo momento, como medida salvadora, a intervenção da Brigada de Bento Manoel Ribeiro, cuja participação da batalha poderia decidir vitoriosamente para nossas bandeiras. Êste comandante, com seus 1 300 homens, não quis ou não pôde tomar parte no combate que se travava.

O Marquês de Barbacena, a essa altura da luta, já tinha pôsto em ação tôdas as fôrças, após quase seis horas de fogo, sob um calor abrasador e a fumaça do campo que queimava.

Pelas 14 horas o comandante chefe das fôrças brasileiras ordenou a retirada de todo o exército, a qual foi feita com ordem e sem atropelos.

No 5.º Regimento de Cavalaria no qual combatia, como alferes, Manuel Luís Osório, — o depois legendário Marquês de Herval —, cobriu eficazmente a retirada da Divisão Calado.

O bravo rio-grandense coronel Bento Gonçalves, com seus guerrilheiros gaúchos, enfrentava heròicamente todo o esquadrão inimigo que ameaçasse as colunas imperiais.

O Exército do Sul continuou sua marcha para, a 27 de fevereiro, acampar em São Sepé, alcançando, em 3 de março, as cercanias de Cachoeira do Sul. Nesta célebre batalha não houve vencedores nem vencidos pois as fôrças imperiais do Marquês de Barbacena, se retiraram do campo de batalha, sem que fôssem perseguidas.

As fôrças argentinas estavam orçadas em 8 130 soldados, com 16 canhões, além dos elementos de escolta, serviços, empregados e mesmo "soldaderas", mulheres indiáticas que acompanhavam a tropa.

Quanto às baixas brasileiras, são informativos os dados fornecidos por Barão de Rio Branco em suas "Efemérides Brasileiras": 200 mortos, 150 prisioneiros ou feridos deixados no campo, 91 feridos que acompanharam o Exército, e 800 dispersos e extraviados, num total de 1 300 homens. Destas baixas: 13 mortos, 17 feridos e 4 prisioneiros, eram oficiais. Foram mortos e feridos 83 legionários alemães.

Quanto às baixas argentinas foram: cêrca de 397 homens, dos quais 158 mortos, 232 feridos e 7 dispersos.

Esta batalha teve inicialmente o nome de Ituzaingo, e os mesmos relatórios oficiais do Marquês de Barbacena chamavam-na com esta denominação. Sòmente, tempos depois foi que no Brasil começaram a denominá-la de PASSO DO ROSÁRIO. Quem saiu vitoriosa desta batalha foi inegàvelmente, a pátria de Dr. José Gervásio Artigas, que obteve sua independência, sem a ameaça dominadora da Argentina, tornando-se uma das nações mais amigas do Brasil.

Durante a revolução farroupilha diversos encontros guerreiros efetuaram-se em seu território.

Em 17 de março de 1836, o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, da facção legalista, à frente de 700 soldados, derrota no Passo do Rosário, à margem esquerda do rio Santa Maria, 800 farrapos, a mando do coronel José Afonso de Almeida Côrte Real. Êste revolucionário é aprisionado juntamente com 100 homens de suas fôrças, morrendo nessa batalha 30 rebeldes. José Afonso de Almeida Côrte Real foi mandado prêso para a Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, de onde fugiu, a nado, na madrugada de 11 de março de 1837. Em 12 de junho de 1841, no chamado Passo de São Borja do Santa Maria, o brigadeiro Antônio Correa Seara derrota um contingente das fôrças farroupilhas.

Vista aérea do ângulo esquerdo da cidade, margeando a Estrada de Ferro

Em 19 de fevereiro de 1843, os generais Antônio de Souza Neto e David Canabarro fazem junção no Passo do Rosário, para articular futuras operações de guerra.

Em 15 de setembro de 1884 a vila é declarada livre, fruto em parte da campanha do clube abolicionista, do qual era presidente Amaro Gomes Souto.

Em 22 de janeiro de 1885, de Rosário do Sul segue para a localidade de Saicã, a fim de assistir às manobras militares o marechal-do-exército Conde D'Eu, Comandante Geral da Artilharia.

O primeiro intendente nomeado para o município foi Augusto Fernandes Franco, que governou de 1890 a 1893. O primeiro intendente eleito foi Elias Lopes Izaguirre, que administrou o município de 1896 a 1901.

No segundo reinado, em 1865, chegou a Rosário o Senhor D. Pedro II, e sua comitiva, da qual faziam parte seus dois genros, a caminho de Uruguaiana, cercado pelo exército paraguaio do coronel Antônio de la Cruz Estigarríbia. Nesta ocasião ali assinou vários decretos de grande utilidade para a vida nacional.

Rosário do Sul, por êste acontecimento relevante para a vida da localidade, começa a progredir. Em 1872 contava 5 073 habitantes; em 1890, 9 431. Durante a revolução de 1893, em 5 de fevereiro de 1894, nas proximidades da cidade de Rosário, fôrça revolucionária do gen. Silva Tavares dividiu-se em três colunas: o coronel Marcelino Pina tomou a direção de São Gabriel; Rafael Cabeda, David Martins e Ulisses Reverbel seguiram para o passo de S. Borja, no rio Santa Maria; e Silva Tavares marchou com suas fôrças pelo caminho de D. Pedrito, emigrando logo para a República do Uruguai.

Em 27 de outubro de 1894, o coronel Bento Xavier atacou a vila de Rosário, sendo repelido pelas fôrças ali estacionadas.

Em 1900 contava Rosário do Sul com uma população de 9 054 almas que se elevava em 1913 a 15 764.

Por ocasião da revolução de 1923 várias batalhas travaram-se em seu território. Em 29 de março, o capitão rebelde Teodoro de Paiva Menezes ocupa, com suas tropas, a sede do município.

Em 27 de outubro, nos Olhos d'Água, o general José Antônio Flores da Cunha e o caudilho uruguaio León Idos Barrios, à frente de 300 homens, pertencentes às fôrças legais, atacam as tropas de Honório Lemes, da facção rebelde, que tem como auxiliares os coronéis João Batista Luzardo e Mário Alves Garcia.

Os revolucionários foram mais bem sucedidos, por isso que, além de mortos e feridos, os legais perderam Barrios, que foi aprisionado, quase tendo o mesmo fim o próprio general Flôres da Cunha. Na tarde dêsse dia Honório Lemes transpõe o rio Ibicuí da Armada e deixa no passo 200 homens, a mando do coronel Mário Alves Garcia, que foi atacado pelo gen. Flôres da Cunha. Êste atravessa o rio a montante e procura cercar as fôrças rebeldes, que abandonam o passo precipitadamente. Desistindo da perseguição, o general Flôres dirige-se a Livramento, com suas fôrças, e os rebeldes, encaminharam parte de seus soldados para Porteirinha e Caverá e outra parte para Rosário do Sul.

Em 27 de outubro, o Ministro da Guerra, Marechal graduado Fernando Setembrino de Carvalho, que veio para pacificar o Estado, chega à Fazenda Nacional de Saicã. A revolução está no fim, assinando-se logo a seguir a cessação de hostilidades e a paz.

Em Santa Rita, no município de Livramento, Honório Lemes descansa da longa jornada. Em 19 de dezembro, o coronel Teodoro Menezes dissolve completamente suas fôrças, que guarneciam a vila.

Em 20 de dezembro, Honório Lemes dissolve sua divisão e o coronel Mário Alves Garcia regressa a Santiago, com a mesma finalidade.

Existe uma lenda, nessa região, a respeito da Serra de Caverá.

Conta-se que, há muitos séculos, vagava numerosa tribo de índios charruas, chefiada pelo indômito guerreiro Camaco, espôso da bela índia Ponain. Esta tribo percorria também as campinas da Banda Oriental, e em certa tarde de primavera, acampou entre a Serra do Caverá e um banhado existente nas proximidades. Neste meio tempo, avistaram ao longe um bando de cervos, destacando-se entre êles um belo espécime, de pêlo fulvo e brilho metálico. Pensou logo o valente Camaco em abater o cervo para enriquecer de peles a amada de seu coração. E ao raiar da madrugada seguinte, a despeito dos insistentes pedidos de Ponain, que previu a tragédia, e que asseverava que o "Cervo Bará" era o próprio diabo disfarçado. Mas o Cacique não cedeu e, montando em seu corcel Cabaiú, acometeu o cervo, que era realmente o demônio dissimulado. Levantou-se, na ocasião da perseguição, uma cerração bastante densa, nela ficando, completamente envolvido o infeliz Camaco. Desaparecido o nevoeiro, os integrantes de sua tribo bem como a bela índia Ponain procuraram, infrutìferamente, o destemido Cacique, que tinha desaparecido, no cimo da montanha, arrastado pelo cervo de pêlo fulvo.

Ponain encontrou, depois de muito procurar, um profundo rastro da montaria de Camaco na entrada de um antro misterioso, que os índios denominaram "Gruta Fatal". Os charruas afastaram-se do lugar, e Ponain chorou copiosamente, durante dias, o desaparecimento de seu amado, que a furna guardara para sempre...

Depois da revolução de 1923, até nossos dias, um progresso bastante acentuado chegou ao município, sendo, atualmente, a principal fonte de riqueza da comuna os rebanhos bovinos e eqüinos, e na agricultura o cultivo de arroz e batata-doce, em grande escala.

BIBLIOGRAFIA — *Breve Corografia Política e Física de Rosário do Sul* — Clemente Duarte. *A História do Rio Grande do Sul* — E. F. de Souza Docca. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul* — Octávio Augusto de Faria.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

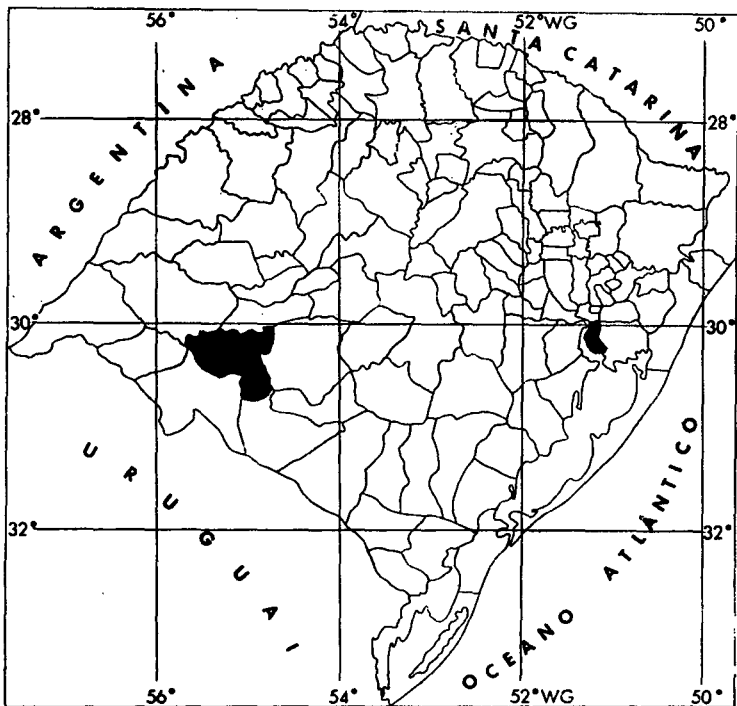
POPULAÇÃO — Conta o município de Rosário do Sul 30 800 habitantes, localizando-se 13 510 na sede e 17 290 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 6,9 habitantes por quilômetro quadrado; 0,65% sôbre a po-

pulação total do Estado; área do município: 4 466 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Rosário do Sul.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Rosário do Sul	1 431	19	186	256	70	1 175

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 15' 27" de latitude Sul e 54° 57' 57" de longitude W.Gr. Posição relativa à Capital do Estado: rumo W.S.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 356 km. Altitude: 130 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município de Rosário do Sul é banhado pelos seguintes rios: Santa Maria, Ibicuí e Ibirapuitã. Arroios: Saicã, Caverá, Divisa e Vacaquá. Todos êstes cursos de água são piscosos, existindo diversas qualidades de peixe, a saber: traíra, dourado, pintado, piava, grumatã e jundiá. A pesca não tem expressão econômica para o município. Cachoeira: existe pequena queda de água denominada Caixão, no rio Ibicuí da Armada, ignorando-se o seu potencial. No município está localizada a maior parte da coxilha de Santana, mais conhecida pelo nome de Serra do Caverá, na direção de sul a norte, cortando os subdistritos de Caverá e São Carlos; seu ponto mais alto é o cêrro do Veado, com 420 metros de altitude. Rosário do Sul, está localizada à margem esquerda do rio Santa Maria.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. No ano de 1956 foram as seguintes as médias das temperaturas: máxima — 22,2°C; mínima — 13,6°C; compensada — 18,7°C. Chuvas: precipitação anual de 1 240 mm. Geadas: ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Alegre e Cacequi; ao sul: Livramento e Dom Pedrito; a leste: São Ga briel; a oeste: Alegrete e Quaraí.

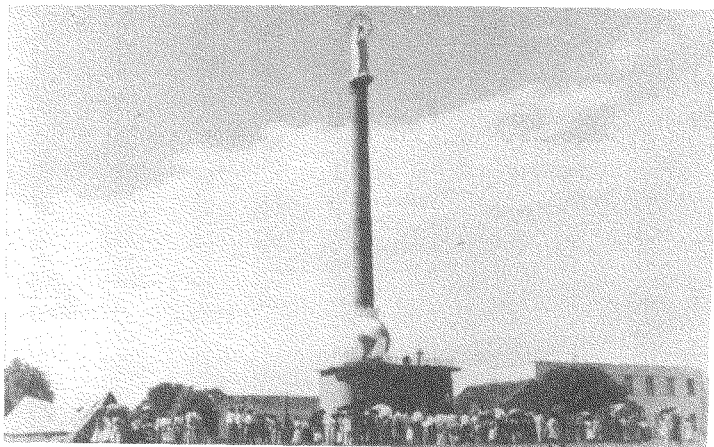
ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — Sendo grandemente desenvolvida, a pecuária rosariense é o alicerce da economia municipal.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	204 600	347 820
Eqüinos	18 100	16 290
Asininos	200	180
Muares	400	440
Suínos	2 000	1 200
Ovinos	290 000	87 000
Caprinos	4 300	645

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 850 259	29 737 227
Carne frigorificada de bovino	4 294 772	74 414 354
Carne enlatada de bovino	1 239 308	39 939 170
Charque de bovino	2 528 619	110 702 984
Carne verde de suíno	24 290	291 480
Carne frigorificada de suíno	1 442	38 907
Carne verde de ovino	195 975	2 667 440
Carne frigorificada de ovino	66 902	808 600
Carne verde de caprino	9 000	115 200
Couro sêco de boi, vaca, vitelo	177 820	2 247 640
Couro salgado de boi, vaca, vitelo	1 662 393	23 272 237
Pele salgada de nonato	2 401	33 310
Pele sêca de ovino	13 271	371 588
Pele sêca de caprino	450	6 750
Pele salgada de ovino	9 686	194 223
Banha não refinada	3 455	92 940
Toucinho fresco	26 505	678 528
Sebo comestível	7 716	87 052
Sebo industrial	418 680	6 489 540
Total	12 632 944	292 189 170
Secundários	3 309 612	46 214 507
Total geral	15 942 556	338 403 677

Os criadores fazem cruzamento entre animais das seguintes raças: Bovinos: devon, durhan, hereford, polled-angus, jérsei, charolês e polled-hereford. Ovinos: merino australiano, rambonillet, rommey-marsh e corriedale.

Monumento em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, ao lado do Ginásio Estadual do Município

Principais criadores	Raças	Nome do estabelecimento
Mário Ortiz de Vasconcelos	Durhan	Santa Otilia
João Alves Osorio	Polled-hereford	Santa Leonida
Rafael Barcellos Gonçalves	Devon	Guará
Claudio P. de Andrade	Durhan	São Leandro
Asdrubal Campos	Hereford	Umbu
Bernardo Domingues	Hereford	Santa Ambrosina
Rubenn Silveira de Vasconcellos	Polled-angus	Santa Terezinha
Ney S. de Vasconcelos	Polled-angus	Santa Augusta
Artidor da Cruz Ortis	Cruzamentos	Jiriquá
Rodolfo Móglia & Cia.	Hereford	Firmesa
Ramão Acosta Carbonell	Durhan	Cruz de Pedra

Agricultura — A agricultura está tomando grande incremento no município. A triticultura mecanizada, principalmente, faz prever novos rumos à economia do próspero Rosário do Sul.

PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Culturas	Produção (t)	Valor (Cr$ 1 000)
Arroz	8 662	33 927
Batata-doce	11 200	28 000
Milho	6 240	16 640
Trigo	2 400	15 600

Valor total da produção: Cr$ 120 100 350,00.

PRINCIPAIS AGRICULTORES

Cultivo de Arroz	Área (ha)
Mário Ortiz de Vasconcellos	500
Luiz José Bolson	250
Antenor Rocha	300
Pedro Walle	200
Eudoxio Arigony	180
Jerson Guimelli	150
Artur Moreira	300
Waldemar Garche	300

Cultivo do milho:	Área (ha)
C. N. de Saicã	1 000
Mário Ortiz de Vasconcellos	300
Luiz José Bolson	170
Potiguara Itá Martins	70

Indústria — Funcionaram, em 1955, 42 estabelecimentos industriais no município, ocupando a média de 802 operários mensalmente. A produção somou Cr$ 428 982 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: indústrias alimentares: 81,1%; indústria da madeira: 0,3%; transf. de produtos minerais: 0,1%; couros e produtos similares: 5,5%; indústrias químicas e farmacêuticas: 10,6%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos: 0,4%.

Principais indústrias	Ramo de atividade
Cia. Swift do Brasil S. A.	Sacos de algodão e aniagem
Alcino Rodrigues de Lima	Carne de bovino
Cia. Swift do Brasil S. A.	Charque e conservas
Cia. Swift do Brasil S. A.	Conservas de frutas
Mario Vasconcellos & Cia. Ltda.	Arroz em casca
Fábrica de Conservas Aratoja Ltda.	Conservas de frutas, legumes
Lima & Berriel	Carne verde de bovino

COMÉRCIO E BANCOS — Principais estabelecimentos comerciais na sede municipal:

Secos e molhados	140
Madeiras	4
Ferragens	20
Fazendas	23
Armarinho	1
Móveis	4
Rádios e Material elétrico	5

Conta o município com 4 agências bancárias a saber: Banco do Brasil S. A., Banco Nacional do Comércio S. A., Banco da Província do Rio Grande do Sul S. A. e Banco do Rio Grande do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Cacequi, rodov. (50 km), ferrov. (59 km); Livramento, rodov. (115 km), ferrov. (108 km); Dom Pedrito, rodov. (118 km), ferrov. (283 km); São Gabriel, rodov. (60 km), ferrov. (136 km), aéreo (30 km); Alegrete, rodov. (118 km) ferrov. (157 quilômetros); Quaraí, ferrov. (232 km); à Capital Estadual, ferrov. (514 km) aéreo (337 km); à Capital Federal, via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz, tendo sido a usina termelétrica inaugurada em 1914.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	41
Ruas	38
Avenidas	1
Becos	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	1.800 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçados com paralelepípedos	1
Totalmente calçados com pedra irregular	1
Parcialmente calçados com pedra irregular	4

EDIFICAÇÕES

Número total de prédios	2 793
Zona urbana	1 022
Zona suburbana	1 771
Segundo o número de pavimentos:	
Térreo	2 751
Dois pavimentos	42
Segundo o fim a que se destina:	
Exclusivamente residenciais	2 468
Residências e outros fins	298
Exclusivamente a outros fins	27

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	41
Número de ligações elétricas domiciliares	1 565
Número de focos para iluminação pública	160

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	3 009 000 kWh
Consumo para iluminação pública	302 508 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o município	1 940 707 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros parcialmente servidos pela rêde	24
Bebedouros ou bicas públicas	3
Consumo anual de água	313 900 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Taxa anual cobrada: total	Cr$ 530,00
1 agência telefônica.	

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há na sede municipal 1 agência.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município 4 hotéis e 1 pensão: Hotel 15 de Novembro e Brasil, com diárias de Cr$ 240,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro; Hotel Rio Branco, Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro; Hotel Swift, com diária de Cr$ 300,00 para casal (apartamento) e Cr$ 120,00 para solteiro. Pensão do Comércio, Cr$ 180,00 para casal e Cr$ 90,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	160
Ônibus	2
Camionetas	34
Ambulâncias	1
Motociclos	1
Total	198

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	87
Camionetas	29
Fechados para transporte de mercadorias	3
Tratores	65
Reboques	8
Não especificados	2
Total	194

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	41
Bicicletas	92
Total	133

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	119
Outros	950
Total	1 069

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 60% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 59%. Em 1955, havia 56 unidades escolares de ensino fundamental comum com 3 227 alunos. Existe no município 1 ginásio.

Outros aspectos culturais — Contam-se no município as seguintes entidades: 1 biblioteca pública e de caráter geral, possuindo 2 500 volumes, acha-se em fase de organização; 3 sociedades desportivas; 3 sociedades recreativas; 2 associações culturais; 1 tipografia; 1 livraria e 1 estação de rádio — Sociedade Rádio Marajá Ltda., com as seguintes características: prefixo ZYU-2, freqüência de 1 550 kc, potência de 100 w na antena, 1 tôrre irradiante, 3 microfones, discoteca com 1 277 discos e 7 pessoas empregadas. Há também o Cine-Teatro Fênix, com capacidade para 800 pessoas, funcionando diàriamente.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Há ùnicamente 1 cancha reta de corridas na sede municipal. Atualmente está sendo ocupada para as reuniões do Jóquei Clube de Rosário do Sul, entidade recentemente fundada no município com a finalidade de desenvolver o esporte e controlar o movimento esportivo da comuna. Estima-se em mais de Cr$ 2 000 000,00 o movimento de apostas em 1956.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 1 hospital, com 116 leitos. Foram internados em 1956, 962 enfermos sendo: 119 crianças, 233 homens e 610 mulheres. Há no mesmo 2 salas de operações, 1 sala de partos, 1 de esterilização e 1 farmácia. Há também na sede um Pôsto de Saúde do D.E.S. Exercem a profissão no município 8 médicos, 7 dentistas e 3 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Para prestar assistência à população há 3 entidades: Sociedade Operária Beneficente, Associação das Damas de Caridade e Núcleo Municipal da Legião da Boa Vontade.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 8 advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 2 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia. Polícia Rural Montada (B.M.E.).

COOPERATIVAS — de Produção — 1; de Consumo — 1; total dos sócios — 1 091; valor dos serviços executados — Cr$ 6 506 182,00.

SINDICATOS — dos Trabs. na Indústria de Alimentação.

FESTEJOS POPULARES — Há em Rosário do Sul um Centro de Tradições Gaúchas, ainda em fase de organização, mas que, revivendo tradições, já tem proporcionado diversões populares. Festas religiosas — Em 27 de maio, Divino Espírito Santo; em 27 de outubro, Nossa Senhora do Rosário.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há um campo de pouso no município, medindo sua pista 1 400 x 1 100 metros, de propriedade do Aeroclube de Rosário do Sul, sendo atualmente ocupado para pouso de aviões da Emprêsa Varig S. A.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Existem no município 2 monumentos, um de caráter histórico em homenagem à memória do Gal. Abreu, morto na

Batalha do Passo do Rosário, e outro religioso em homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	1 713	6 498	3 156	1 007	3 694
1951.......	1 934	8 339	4 192	991	4 070
1952.......	3 050	8 874	5 223	1 145	4 613
1953.......	3 378	10 326	5 836	1 764	6 892
1954.......	5 814	16 209	9 980	2 505	8 204
1955.......	8 637	26 363	8 145	2 925	11 220
1956.......	9 367	22 954	10 400	2 761	9 667

SANANDUVA — RS

Mapa Municipal no 13.° Vol.

HISTÓRICO — Matas vigorosas, indicando um solo viçoso e produtivo, cobriam as terras de Sananduva, em pleno Planalto Rio-grandense.

Permaneceu inexplorada, até inícios do século XX, tôda a região entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha — em nossos dias diz o padre Balduino Rambo: "Tôda aquela paisagem ferve de roças, estradas, povoações, tudo debaixo do signo característico da cultura da madeira"

Até 1900, o único estabelecimento a funcionar em suas terras era a "Fazenda São João", para criação de gado bovino, que, no entanto, já estava decadente.

Por aquelas regiões internou-se em 1901 Florentino Bacchi, proveniente da Fazenda Souza, de Ana Rech, Caxias do Sul, carregando consigo sua família e pertences, usando do único meio de transporte prático para aquêles sertões — o lombo de burro.

Em 1903, chegavam a Sananduva as famílias Luiz Passarin, Ângelo Menon e Primo Menon, vindos de Antônio Prado, formando assim o primeiro núcleo populacional no atual município.

A fertilidade do solo atraía a seguir levas crescentes e consideráveis de filhos de imigrantes, em sua maior parte de italianos, quer porque as primitivas colônias estivessem por demais parceladas, quer porque os novos terrenos fôssem menos acidentados que os do vale do Rio das Antas.

Foi Florentino Bacchi que instalou a primeira casa comercial no nascente povoado, usando seus animais de carga para transportar de Lagoa Vermelha e Sananduva os gêneros e mercadorias indispensáveis aos pioneiros.

O nome de Sananduva precedeu aos colonos, originário de árvore existente no município, assim denominada pelos indígenas, não sendo possível determinar seu significado.

Os colonos iam trabalhando, derrubando as matas, plantando milho e outros cereais, montando estabelecimentos comerciais e industriais. Em 1913, porém, não passava de um distrito, núcleo colonial, povoado e curato do município de Lagoa Vermelha, contando com a igreja de São João Batista.

Dez anos mais tarde seria o principal núcleo colonial e maior povoação do município de Lagoa Vermelha, sendo sua população quase igual à da vila de Lagoa Vermelha, ambas com cêrca de mil habitantes.

A chamada colônia de Sananduva, 4.° distrito, contava perto de cinco mil habitantes que cultivavam 50 mil hecta-

Vista panorâmica da antiga cidade, onde predominam as construções de madeira

res, produzindo anualmente cinco mil toneladas de milho, quatro mil de trigo, e três mil toneladas de alfafa.

Havia 220 estabelecimentos comerciais e industriais espalhados por vasta área. Enquanto a agricultura se desenvolvia admiràvelmente, já a população do belo povoado aspirava à elevação a vila. E essa reivindicação tinha fundamento no fato de Sananduva ser dos mais importantes centros industriais e comerciais da zona colonial.

Se em 1923 o espírito era êste, em 1934, quando a situação do então distrito era ideal para a municipalização, as tentativas neste sentido foram frustradas. Prejudicados em seus justos interêsses, os sananduvenses sofreram um natural abatimento, que se refletiu de maneira negativa no desenvolvimento da vila.

Mas a dinâmica progressista do distrito não podia ser entravada por apenas um revés, e chegado o ano de 1953 a idéia emancipacionista revelou tal fôrça, que o movimento organizado pelos sananduvenses sairia vitorioso.

Realmente, a 15 de dezembro de 1954, pela Lei estadual n.º 2 521, era criado o município de Sananduva, dando-se a instalação a 28 de fevereiro de 1955.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — *Alfredo R.* da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* — Padre Balduino Rambo, S.J.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

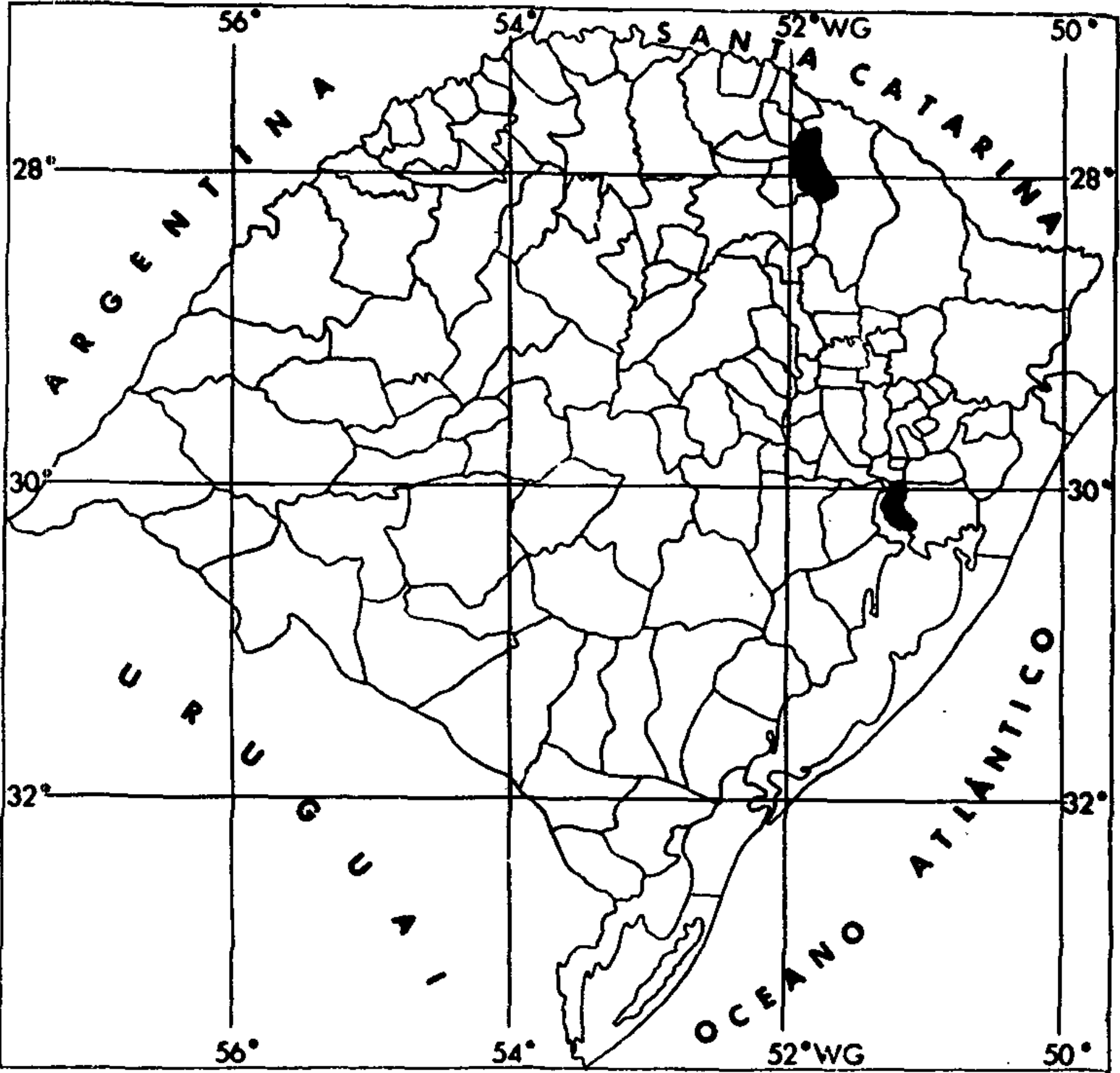
POPULAÇÃO — Conta o município de Sananduva 26 360 habitantes, localizando-se, na sede, 2 370 e, na zona rural, 23 990 (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 23,22 habitantes por quilômetro qudrado; 0,55% sôbre a população total do Estado; área: 1 135 km².

Vista parcial da cidade

Aglomerados urbanos — Cidade de Sananduva; vilas: Ibiaçá, São João da Urtiga e Vitória.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Sananduva.....	846	8	177	162	58	684

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27° 56' 52" de latitude Sul e 51° 53' 46" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo N.O.; distância em linha reta da Capital do Estado: 237 km. Altitude: 595 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município está situado no Planalto Nordeste do Rio Grande. Rios: Apuaê, que limita o município com o de Tapejara, desde a confluência do *arroio Nicofé, até a confluência do arroio Pecorá; daí, até* a confluência do arroio Pirassucê, serve de limite com o município de Getúlio Vargas; daí em diante, serve de limite com o município de Gaurama. Inhandava, desde o travessão que liga a nascente do lajeado Israel a êsse rio, até a confluência do arroio Cambará, serve de limite com o município de Lagoa Vermelha. Guabiroba, Nossa Senhora do Bom Conselho, que servem de limite entre os distritos de Sananduva e São João da Ortiga. Araçá, Paiol Velho, do Corvo, Passo Ruim, que servem de limite entre os distritos de Sananduva e Ibiaçá. Nicofé, que limita o município com o de Passo Fundo. Sangas: da Capela, da Cadeia, que limitam com o município de Lagoa Vermelha. A pesca, no município, é praticada apenas como esporte, sendo encontradas, nos rios Inhandava, Apauê e Passo Ruim as seguintes variedades: traíra, jundiá, carpa, acará, lambari, piava, dourado, joaninha, cascudo, roncador, surubi, tambicu e saicanga.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — A principal riqueza natural do município é o pinho que de há longos anos vem sendo explorado como uma das maiores expressões econômicas da comuna. Há vestígios de uma jazida de grafite, ainda inexplorada. Área das matas naturais: 250 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é ameno. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 23,0°C; mínima — 11,1°C; compensada — 14,9°C. Chuvas: precipitação anual de 1 096 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

Vista parcial da Rua Dom Carlos, principal artéria da cidade

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Marcelino Ramos; ao sul: Lagoa Vermelha e Passo Fundo; a leste: Lagoa Vermelha; a oeste: Gaurama, Getúlio Vargas e Tapejara.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura se constitui na maior expressão econômica do município; a cultura predominante é a do trigo, seguindo-se, em ordem decrescente, a da batata-inglêsa, alfafa e batata-doce. Existem várias lavouras mecanizadas no município, podendo-se destacar entre as de maior vulto, as seguintes: Granja Princesa, de Armando Broch, com 500 ha de terras cultivadas; Granja de Américo Camozzato, com 300 ha; Granja Piloni, com 300 ha; Granja Três Coxilhas, dos Irmãos Leite, com 250 ha; Granja Sananduva, com 225 ha; Granja Boa Vista, de Luiz Navarini & Irmão; Granja do Gambá, de Peruzzo & Zanchi; Granja de Hermínio Raymundi; Granja São Carlos, de Francisco Mazzutti; Granja de Romeu dos Santos, tôdas com 200 ha; Granja Santa Branca, de Domingos Donida F.º; Pimentel; Maito, tôdas com 150 hectares e São Pedro, de Ângelo Chieppo, com 70 ha cultivados.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*(Valor Cr$ 1 000)*
Trigo	23 200	162 400
Batata-inglêsa	1 062	4 266
Alfafa	1 710	2 565
Batata-doce	885	1 770

Valor total da produção: Cr$ 172 716 645,00.

O principal centro consumidor dos produtos agrícolas do município é Pôrto Alegre.

Avicultura — A criação de aves está bastante desenvolvida em Sananduva. O número de cabeças (estimativa) em dezembro de 1956, era de 200 000, no valor de .... Cr$ 10 000 000,00. Os agricultores começam a interessar-se por aves de raça, tais como Leghorn, Rhode Island, New-hampshire e outras, totalmente desconhecidas até há poucos anos. Não há criadores organizados.

Apicultura — A produção de mel provém de reduzido número de colmeias espalhadas por tôdas as pequenas propriedades do município, não havendo apicultores a destacar. A produção é bastante reduzida e, em 1956, não chegou a atingir Cr$ 20 000,00.

Pecuária — Sananduva não é um município pecuarista; a sua criação de rebanhos limita-se às necessidades do mercado local. Existem, no rebanho bovino, poucos exemplares de raça, tais como holandesa, hereford, devon e indu-brasil. A maioria do rebanho suíno é da raça nacional macau. Quanto aos cavalares e ovinos, são de raça comum.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	25 600	43 520
Eqüinos	2 800	2 800
Muares	2 400	2 880
Suínos	69 800	41 880
Ovinos	500	140
Caprinos	1 100	165

O tipo comum de capim rasteiro e a barba-de-bode servem de alimento ao gado, nos campos de pastagem natural. Nas pequenas propriedades agrícolas, existem pastagens artificiais de capim rasteiro, comumente denominado "grama".

Indústria — Conta o município de Sananduva com 106 estabelecimentos industriais, mantendo a média mensal de 343 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 80 926 000,00.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Irmãos Iochpe	Madeira serrada
Irmãos Piovesan	Madeira serrada
Joaquim Reichmann	Madeira serrada
Juarez & José Dias Ltda.	Madeira serrada
Marin & Berti	Madeira serrada
Ricardo Durigon & Cia.	Madeira serrada
Ind. Madeireira Sananduva Ltda.	Madeira serrada
Industrial São João	Madeira serrada
Serraria Sta. Catarina, de Carli & de Lorenzi	Madeira serrada
Coop. Sananduvense de Produtos Suínos Ltda.	Produtos suínos
Graciano Camozzato & Cia.	Farinha de trigo

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	8
Fazendas e ferragens	5
Rádios, refrigeradores, etc.	2

Cidades com as quais o município mantém transações comerciais: Pôrto Alegre, São Paulo, Caxias do Sul, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Getúlio Vargas e Erechim.

Vista panorâmica de outro ângulo da cidade

Conta o município com 2 escritórios bancários: um do Banco do Rio Grande do Sul S. A. e outro do Banco Agrícola Mercantil S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Lagoa Vermelha: rodov. (50 km); Marcelino Ramos: rodov. (79 km); Gaurama: rodov. (85 km); Marcelino Vargas: rodov. (50 quilômetros); Tapejara: rodov. (38 km); Passo Fundo: rodov. via Tapejara (104 km). Capital Estadual: rodov. (375 km), via Vacaria — Estr. Federal e 342 km via Veranópolis — Estrada Estadual. Aéreas: — rodov., via Erechim (98 km) e dessa cidade a Pôrto Alegre (287 km). Capital Federal: via rodov. até Erechim, ou Pôrto Alegre, já descritas, e dessas cidades até a Capital Federal, via aérea (1 132 km, com escalas, e 1 217 km direto).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica fornecida pela Usina Hidrelétrica do Forquilha, de propriedade da Comissão Estadual de Energia Elétrica do R. Grande do Sul (C.E.E.E.). A C.E.E.E. encampou o Serviço de Fornecimento de Energia Elétrica em 1951. Sananduva dispunha de luz elétrica há mais de 20 anos. O serviço de iluminação pública da rêde é quase nulo, pois sòmente três logradouros estão parcialmente iluminados e os demais permanecem às escuras. A Usina do Forquilha, que é localizada no vizinho município de Marcelino Ramos com a produção inicial de 1 500 kWh, destina uma parcela de 230 kWh para a cidade de Sananduva.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	17
Ruas	3
Praças	1
Travessas	10
Outros	3

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	12 000 m²
Terra melhorada	92 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	16
Parcialmente	1
Parcialmente calç. c/paralelepípedos	1
Totalm. c/terra melhorada	16

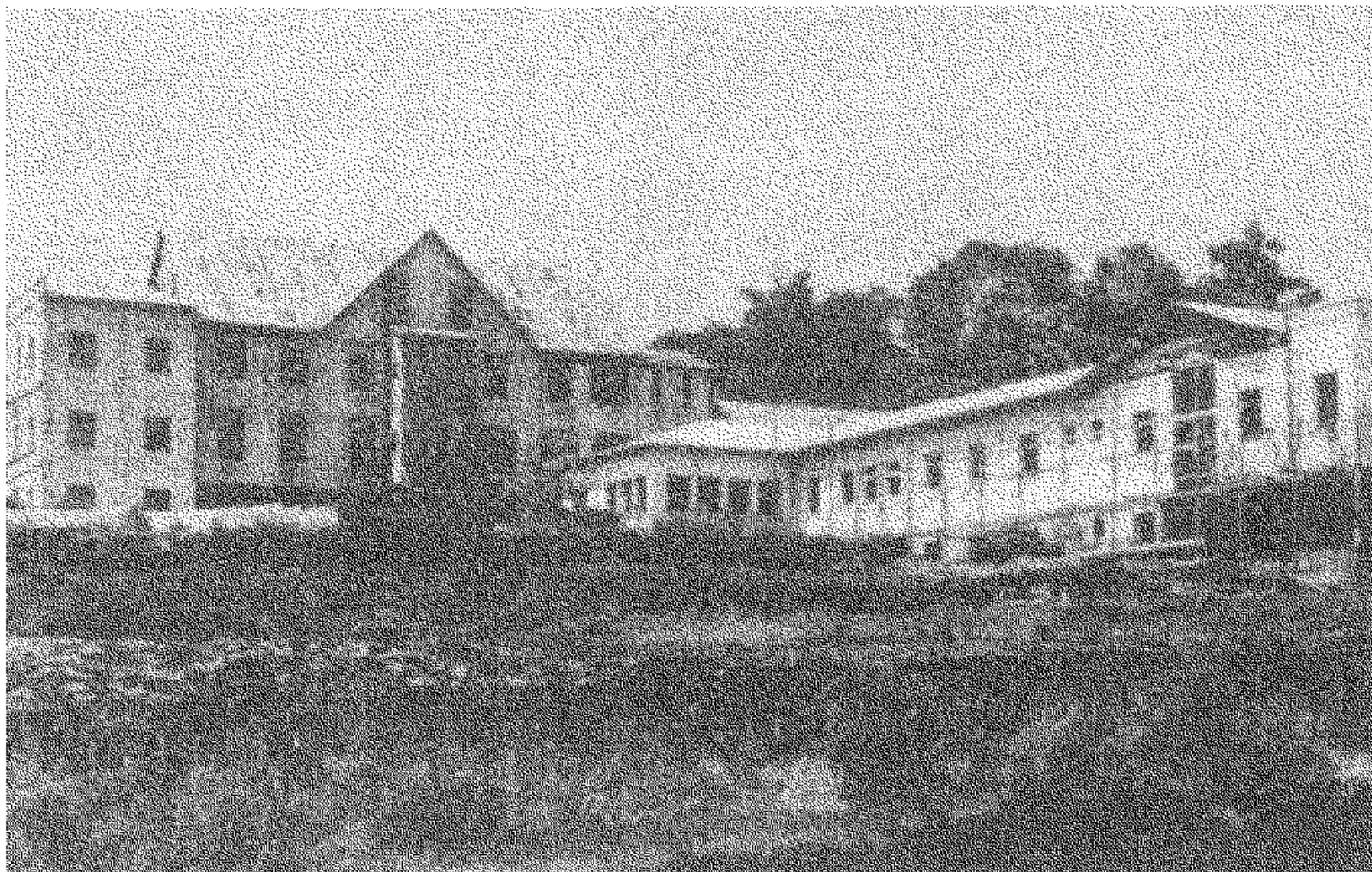
RÊDE ELÉTRICA

N.º de ligações elétricas domiciliares	395
N.º de focos para iluminação pública	15

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo para iluminação pública	11 880 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo munic.	243 000 kWh

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência postal na sede.

HOTÉIS — Brasil e Familiar, ambos com diárias de .... Cr$ 190,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro.

Hospital São João, ao lado, em fase de conclusão, o novo hospital

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	52
Ônibus	2
Motociclos	3
Total	57

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	123
Camionetas	14
Tratores	34
Reboques	38
Total	209

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	20
Bicicletas	90
Total	110

PARA CARGAS

Carroças de quatro rodas	1 800
Total	1 800

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 54 unidades escolares do ensino fundamental comum com 2 794 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Conta o município com uma sociedade recreativa, duas desportivas e um cinema, com capacidade de 300 lugares.

ASPECTOS SANITÁRIOS — O município dispõe de 3 hospitais, com um total de 66 leitos. Em 1955, foram internados 1 683 enfermos, sendo 512 homens, 740 mulheres e 431 crianças. Há 1 aparelho de raios-X diagnóstico, 3 salas de operação, 1 sala de parto, 3 de esterilização, 1 laboratório e 3 farmácias. Exercem a profissão 4 médicos e 7 dentistas.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Município novo, é jurisdicionado pela comarca de Lagoa Vermelha.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; total de sócios — 460; valor dos serviços executados — Cr$ 32 204 119,00.

FESTEJOS POPULARES — Em relação a festas religiosas, realizam-se duas: A de São João Batista, padroeiro da cidade, a 24 de junho de cada ano. Como a época é imprópria, por ser estação hibernal, os festejos externos não são muito movimentados, o que dá lugar à celebração de uma pomposa festa no penúltimo domingo do mês de setembro de cada ano, em louvor à Virgem da Salete. Um fato a que a crença popular atribui características de verdadeiro milagre deu lugar à construção de um oratório, pequeno e tôsco. Mais tarde, a devoção do povo fêz erguer uma hermida de alvenaria e bem mais espaçosa no alto da colina onde se diz ter ocorrido o fato milagroso, e para onde os fiéis se dirigem em procissão, num percurso de quase três quilômetros, levando a imagem da Santa em andor especialmente enfeitado.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1956......	—	2 291	2 889	1 299	2 362

NOTA — Emancipado em 1954.

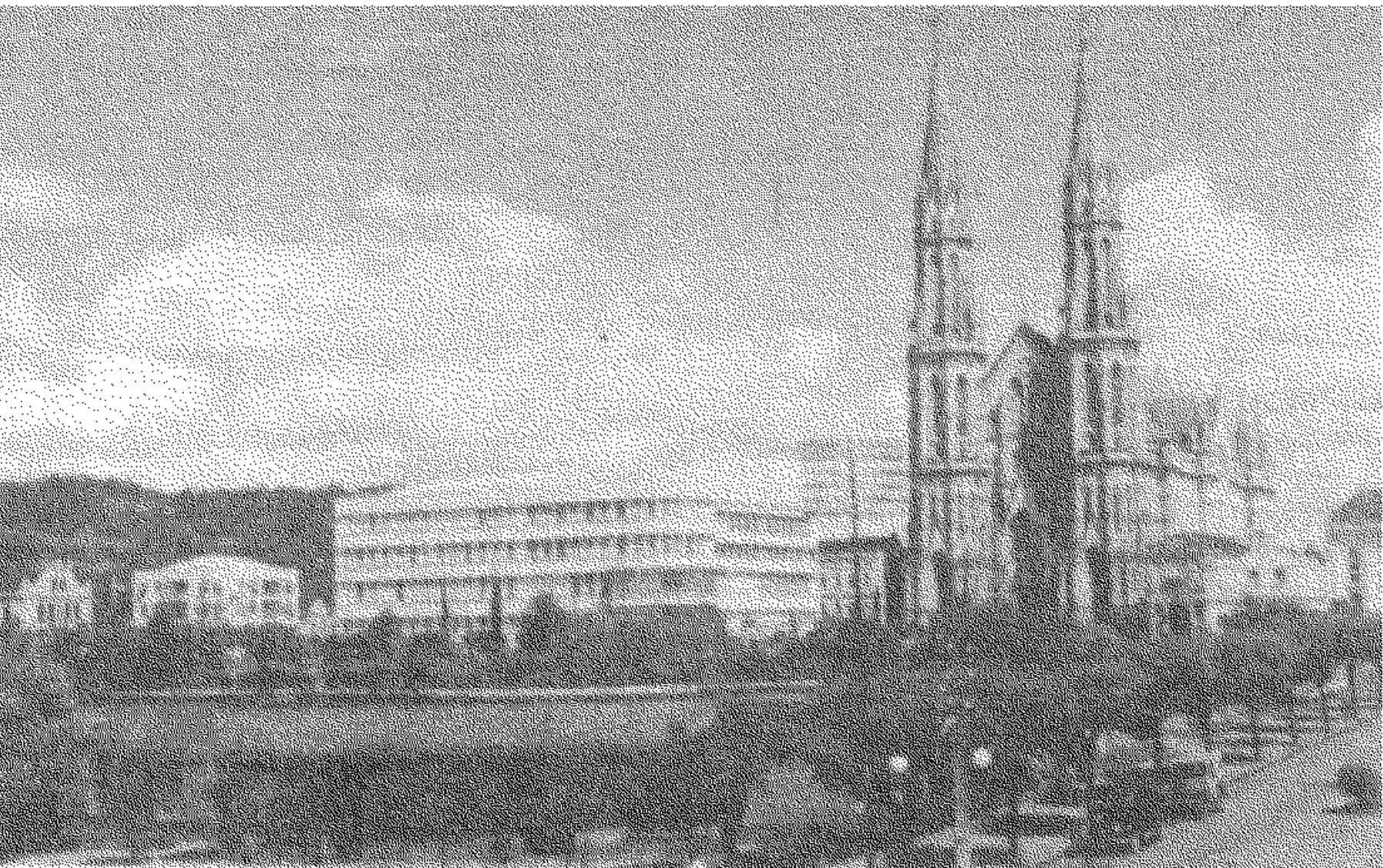
SANTA CRUZ DO SUL — RS

Mapa Municipal no 13.° Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na Zona da Colônia Baixa. Pertencia ao do município de Rio Pardo, tendo começado a colonizar-se no fim do ano de 1849, com a chegada de 5 famílias alemãs.

O município foi criado pela Lei provincial n.° 1 079, de 31 de março de 1877, e instalado em 29 de agôsto de 1878.

Na época do estabelecimento da colônia de Santa Cruz, era Presidente da Província o Barão de Caçapava, tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa. A fundação da colônia teve origem no desejo da Câmara de Rio Pardo de obter comunicação com os campos de Cima da Serra, para atrair o comércio daquela zona.

Em 1847, o govêrno da província concedeu sesmaria a João Faria da Rosa e outros. No rincão de Santo Antônio, atual Picada ou Linha Santa Cruz, em 1849, o engenheiro Vasconcelos, auxiliado por João G. Werlang demarcaram os lotes destinados aos colonizadores, sendo o primeiro diretor daqueles lotes Evaristo Alves de Oliveira.

Igreja-Matriz de Santa Cruz do Sul

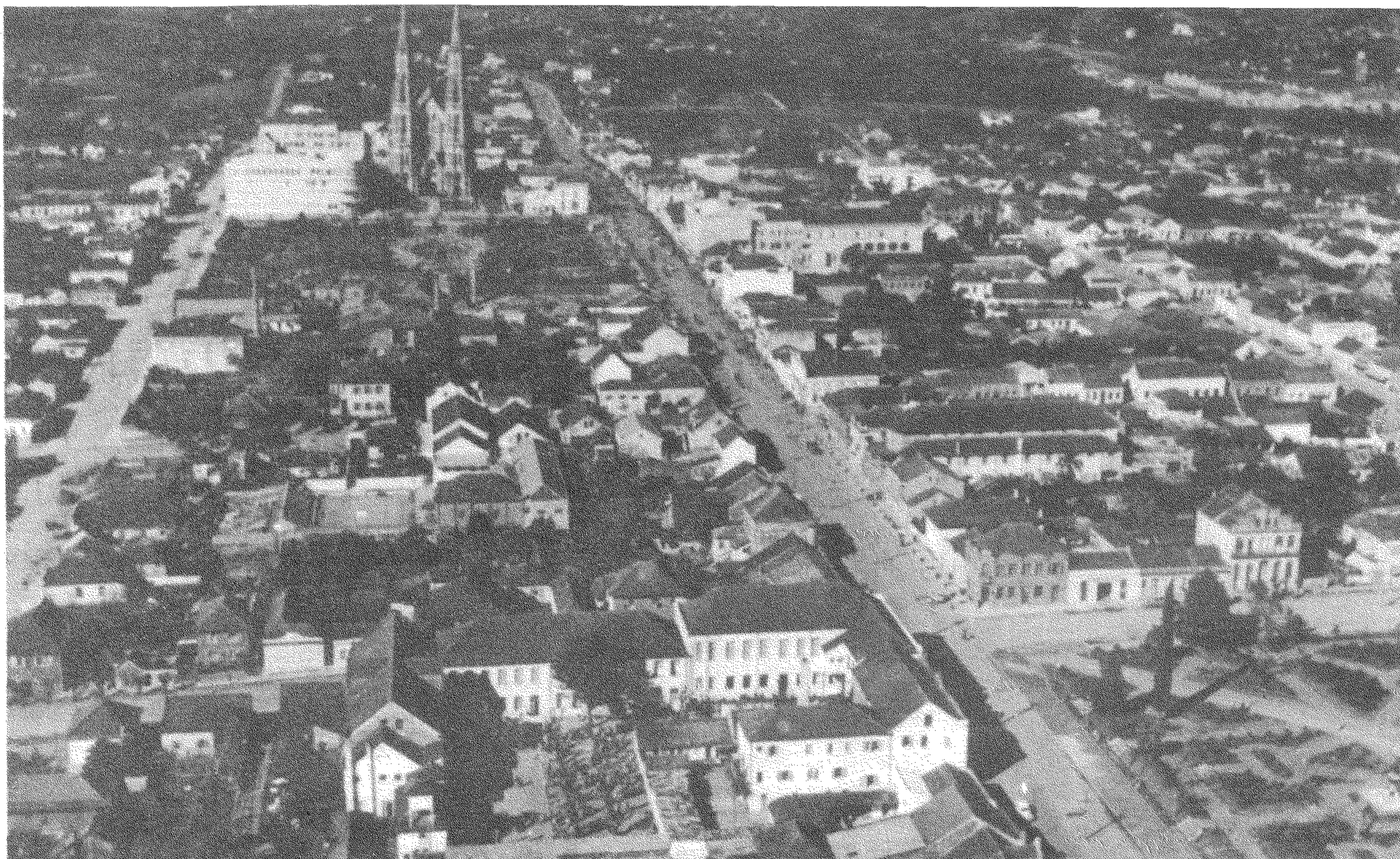
Vista aérea da cidade

A 19 de dezembro de 1849 foram distribuídos lotes aos seguintes colonos, que estavam localizados na picada ou Linha Santa Cruz: Augusto Wutke, Frederico Tietze, Augusto Mandler, Gottlieb Pohl, Augusto Raffler e Augusto Anold, todos solteiros, exceto Wutke e provenientes da Província da Silesia e do Rheno. Foram êsses, pois, os fundadores da colônias de Santa Cruz.

Em 1850 vieram para a colônia mais os seguintes elementos: Daniel e Cristóvão Bender, Jacob e Mathias Haar, Pedro Thees, Adão Reis, Guilherme Schmidt, Guilherme Hasch, Carlos Schmidt, João Pedro Schneider, Henrique Heinckelmann, Nicolau Jost, Steger, Klaubsch, Jacob Heberts e João Beckenkamp, servindo êste último de intérprete, função que foi, mais tarde, desempenhada por Frederico Bruck. O diretor da incipiente colônia morava no lote n.° 18, em companhia do já mencionado Jacob Haar, pai de Cristovão Haar.

Em 1851 vieram para a região mais os seguintes: Kliemann, José Hensel, Família Hilbig e muitos outros. Logo a seguir chegaram Christovão Schuck, morador de Rincão d'El-Rei, e outro de nome Mueller, que mais tarde montou um moinho na Picada do Rio Pardinho, conhecida depois por Picada Nova, em oposição à Picada Velha (linha Santa Cruz), por ser esta a primeira traçada na colônia. A Picada Nova foi aberta pelo segundo diretor da então colônia, João Martinho Buff, pelos anos de 1851 e 1852.

As habitações dos primeiros moradores consistiam em choupanas ou ranchos, cobertos com fôlhas de Jerivá. Cultivavam êles mandioca, milho, feijão, batata, etc. A cultura do fumo, incipiente naquela época, já prometia considerável desenvolvimento, que viria constituir a principal fonte de riqueza da Comuna e cujas sementes vieram de Havana (Cuba).

Da sesmaria de João Antônio Faria da Rosa, pertencente ao comendador Antônio Martins da Cruz Jobim, foram desapropriadas 1 968 750 braças quadradas, que custaram ao govêrno a importância de Cr$ 4 473,85. Estas terras foram desapropriadas pela Assembléia Provincial, por Lei de 25 de novembro de 1852. Foi encarregado da medição das terras que constituiriam a futura ci-

Vista aérea da cidade, aparecendo parcialmente as Ruas Marechal Deodoro e Marechal Floriano

dade de Santa Cruz do Sul o capitão-tenente Francisco Cândido de Castro Menezes.

O comércio até 1860 era muito limitado, devido às dificuldades de transporte na época.

Os primeiros colonos que se estabeleceram na sede foram: Lucas Antônio Espíndola, José Leite Maciel, Paulo da Cunha, Francisco Gonçalves da Rosa e José Cândido de Oliveira. O primeiro que edificou uma casa no lugar da povoação foi Guilherme Lewis, no terreno número 1, da quadra H, que lhe fôra concedido em 1855.

Nesse ano de 1855 mandou o govêrno da Província chamar concorrência pública para a edificação de uma capela católica na sede do novo núcleo colonial. Quando foi a povoação elevada à categoria de freguesia era Vigário o padre Manoel José da Conceição Braga, que ali serviu até o ano de 1862. Santa Cruz foi elevada à categoria de freguesia em 8 de janeiro de 1859, pela Lei 432.

Naqueles recuados tempos serviram na paróquia como vigários e coadjutores os seguintes religiosos: 6 de julho de 1862 — padre Manoel José da Conceição Braga; 9 de julho de 1863 — padre José Stuer (data da conclusão da *igreja-matriz*); *11 de março de 1870* — padre Augusto Lohmann; 22 de dezembro de 1873 — padre Guilherme Feldhaus; 22 de dezembro de 1877 — padre Augusto Lohmann (pela segunda vez); 6 de março de 1887 — padre José Antônio Simonn; 22 de junho de 1890 — padre Francisco Suzena — 1.º de janeiro de 1907 — padre Fernando Bollo. Com exceção do padre Braga, os demais pertenciam à Companhia de Jesus.

Em 1864 foi criada na povoação uma Agência do Correio Geral, sendo nomeado agente Francisco de Abreu Vale Machado. Até êste tempo havia um estafeta estipendiado pelos cofres provinciais, que fazia o transporte de correspondência entre Rio Pardo e a colônia, a princípio duas vêzes por mês, depois todos os sábados.

A partir de 1860 o govêrno provincial entrou a metodizar os serviços de colonização, dispensando-lhes maiores cuidados e atenções. Depois dessa data foi recebido novo contingente imigratório. Eram provenientes da Alemanha, podendo destacar-se Dartin, Isac de Mayer, os Wathey, Halmenschlager, Geiler, Farsen Wildms, que recebiam subsídios na importância de Cr$ 0,40 por dia, durante dois meses, pagos pelo Sr. Guilherme Lewis, além de lugar para se alojarem.

Pelo ano de 1866 era demarcada na colônia uma nova povoação, que foi denominada Vila Tereza.

A 2 de novembro de 1872, foi, pelo Vigário, padre Augusto Lohmann, lançada a bênção ao cemitério católico, cujo primeiro administrador foi Bernardo Stein.

Com o correr dos anos foi tal o desenvolvimento da colônia que o Govêrno reconheceu a justiça de conceder-lhe autonomia. Em 1878 foi instalada a Câmara de Vereadores, pelo presidente da Câmara de Rio Pardo, Joaquim Alges de Souza, lavrando a respectiva ata seu Secretário Virgílio Pereira Monteiro.

A primeira sessão ordinária da novel Câmara foi realizada sob a presidência do vereador Carlos Trein Filho, compondo-se dos seguintes edis: Pedro Werlang, Jorge Júlio Eichenberg, José Simões Lopes, Joaquim José de Brito, Germano Hentzchke e Roberto Jaeger.

Durante a Guerra contra o Govêrno do Paraguai, vários colonos alistaram-se nas fôrças brasileiras, para lutar

contra Solano Lopes. Destacam-se Pedro Werlang, que marchou para a frente de luta, como 1.º sargento do 6.º Corpo Provisório de Guardas Nacionais de Rio Pardo e que já tomara parte na Campanha do Uruguai. Tão importantes serviços prestou êle nessas duas campanhas de 1864-1865, que obteve, por atos de bravura, as medalhas de Campanha do Uruguai, de Mérito Geral da Campanha do Paraguai e a Comenda da Ordem da Rosa, esta por decreto de setembro de 1870, que lhe conferia também as honras de Capitão do Exército Imperial.

Serviram durante a referida Guerra, Guilherme e João Werlang, os irmãos Henrique e Roberto Schuster, Henrique Kroth, Serafim e Tristão Schmidt, Gemenhardt, que foi promovido a oficial, Carlos Schott, Jacob Kiehl, Mueller, Wustrov, Jacob, Meile, Bauermann, Ellis Arthur Silveira, João Vasco Silveira, José Sisenando Coelho da Silva e outros.

Em 1639 a bandeira de Raposo Tavares ocupa a redução de São Cristóvão, à margem do rio Pardo, a qual foi fundada pelos padres jesuítas em 1634, e, posteriormente, abandonada. Em 25 de dezembro de 1639 os padres jesuítas reuniram um grande número de neófitos e voltaram à redução, travando violento combate com Raposo Tavares, sendo os religiosos derrotados, depois de 5 horas de luta. Na oportunidade, os vencidos aproveitaram-se da noite, para uma retirada estratégica, até o Alto Jacuí, onde esperavam fortificar-se. Mas os governadores de Buenos Aires e Paraguai negaram qualquer auxílio, obrigando-os, em vista disto, a refugiar-se na Argentina.

Em 1910, as comunidades evangélicas alemãs ou luteranas do Rio Grande do Sul únem-se, formando o Sínodo Rio-grandense.

Nos dias que correm, a economia do município fundamenta-se, principalmente, sôbre o tabaco, seu plantio e industrialização. Contava o município, em 1956, com uma produção industrial avaliada, aproximadamente, em 1 bilhão de cruzeiros.

Velha aspiração do povo de Santa Cruz era a instalação ali de um corpo de tropa do Exército, o que foi atendido com a criação do III Batalhão do Regimento Gomes Carneiro, mais tarde transformado em 8.º Regimento de Infantaria, trazendo grandes progressos ao município.

É uma das comunas de maior progresso industrial do Estado do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA — *A História do Rio Grande do Sul* — Souza Docca.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTOS ILUSTRES — *Germano Hasslocher* — Nasceu na cidade de Santa Cruz do Sul, a 10 de julho de 1862 e faleceu em Milão, em outubro de 1911.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, em suas polêmicas, punha em jôgo tôdas as suas faculdades de espírito: a gravidade, a ironia e por fim o sarcasmo. Com estas qualidades não podia deixar de ser panfletário. Nesse gênero escreveu o célebre "A verdade sôbre a revolução", e uma crítica sôbre o "Federalismo Revolucionário de 1893".

Foi no Congresso Nacional, representante do Partido Republicano Rio-grandense. Muito volúvel, mudava de partidos, idéias e doutrinas, mas nunca abandonando os grandes princípios.

Vila Trombudo, vista típica da região colonial

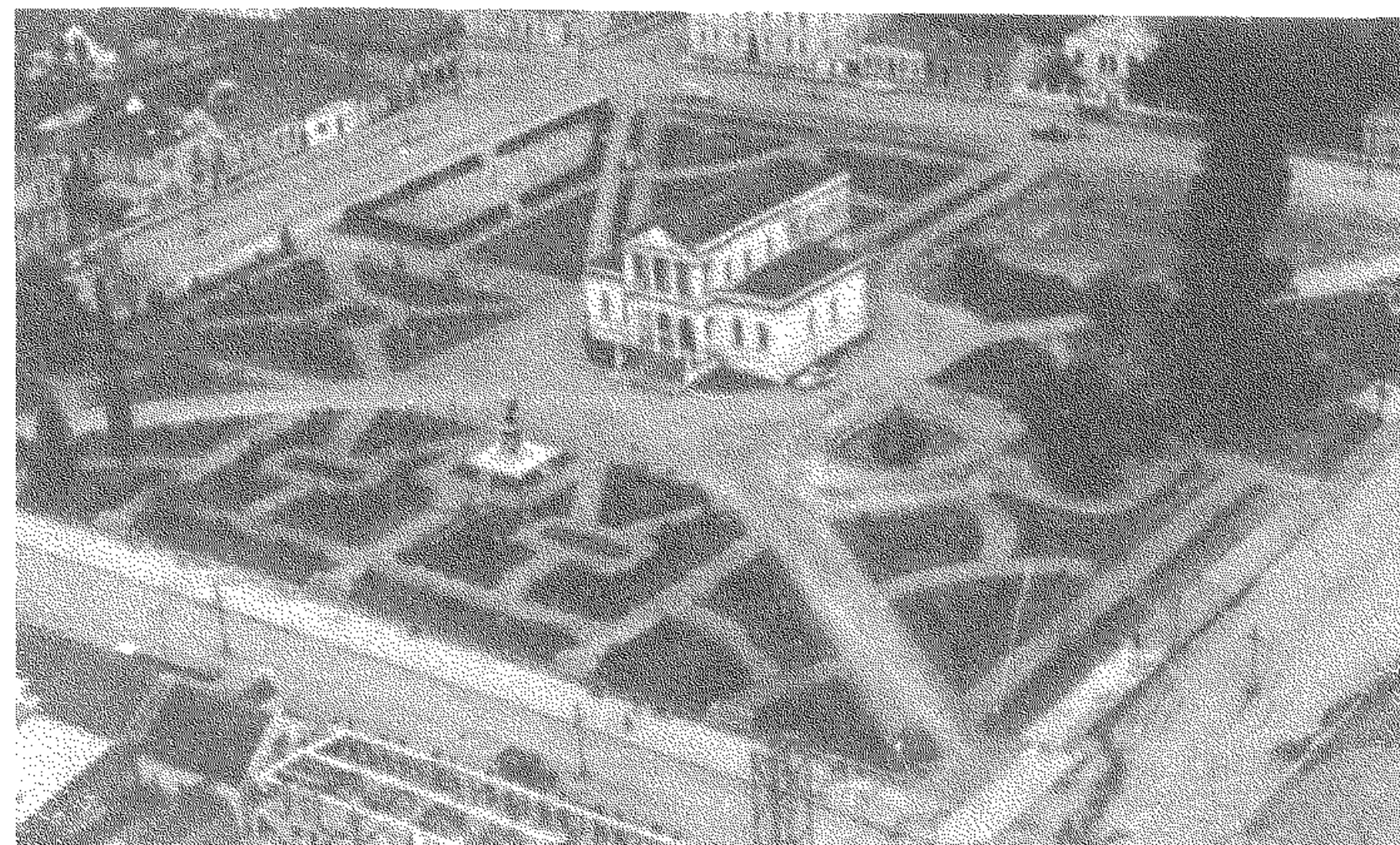
De bom coração, ocultava-se para fazer o bem, e nunca deixava passar a oportunidade para suas "charges" e blagues.

Faleceu quando se achava em viagem de recreio na Itália.

Dom Guilherme Mueller — Nascido a 28 de junho de 1876 na linha Serro Alegre, município de Santa Cruz do Sul, estudou no Seminário de Pôrto Alegre de 1890 a 1900, sendo ordenado por Dom Cláudio aos 8 de julho de 1900. Vigário de Candelária até 1917, de Sobradinho até 1926. Por duas vêzes dirigiu a diocese de Santa Maria, na qualidade de Vigário Capitular.

Eleito Bispo de Barra do Piraí, Estado do Rio, foi sagrado aos 22 de agôsto de 1926 na matriz de Santa Cruz, e entrou como primeiro bispo naquela diocese, desmembrada aos 4 de dezembro de 1922 da de Niterói. Faleceu aos 11-XII-1935. (Dados conseguidos pelo padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom Antônio Reis — Nasceu aos 28 de outubro de 1885 na paróquia de Santa Cruz. Algum tempo depois de seu nascimento a família se transferiu para Venâncio Aires.

Fêz todos os estudos no Seminário de Pôrto Alegre, sendo ordenado aos 30 de novembro de 1910. Dedicou-se à cura das almas como Coadjutor e Vigário de Santo Antônio da Patrulha em 1911-1912, de Gravataí, em 1913, de Canoas, em 1914, de Menino Deus, até 1917, novamente de Canoas, em 920, e finalmente de Nossa Senhora da Conceição em Pôrto Alegre, 1921-1931.

Vista aérea da Praça da Bandeira, destacando-se, ao centro a Prefeitura Municipal

11 — 24 946

Igreja Evangélica Municipal

De 1917 a 1919 ocupara o cargo de Capelão do Instituto Pão dos Pobres e do Colégio de Nossa Senhora do Rosário. Cônego do Cabido desde 1916, foi nomeado bispo de Santa Maria aos 31 de julho de 1931 e sagrado por Dom João Becker na nova Cripta da Catedral a 31 de dezembro. Sua posse efetuou-se em 3 de janeiro de 1932. (Dados conseguidos pelo padre Frederico Laufer, S.J.)

Padre João B. Sehnem, S.J. — O Padre João B. Sehnem, da ordem dos Jesuítas, nasceu em Santa Cruz do Sul, a 20 de novembro de 1908.

Fêz seus estudos no antigo Seminário Provincial de São Leopoldo. Ingressou na Companhia de Jesus aos 28 de fevereiro de 1928. Ordenou-se sacerdote em 7 de dezembro de 1941, em São Leopoldo.

Especializou-se em assuntos de agricultura, criação e alimentação humana nos 12 anos que trabalhou no Colégio Máximo de Cristo Rei, em São Leopoldo, onde transformou aquela propriedade em granja-modêlo.

Percorre hoje em viagens contínuas o Sul do país, orientando os ruralistas e agricultores a pedido das autoridades civis e eclesiásticas.

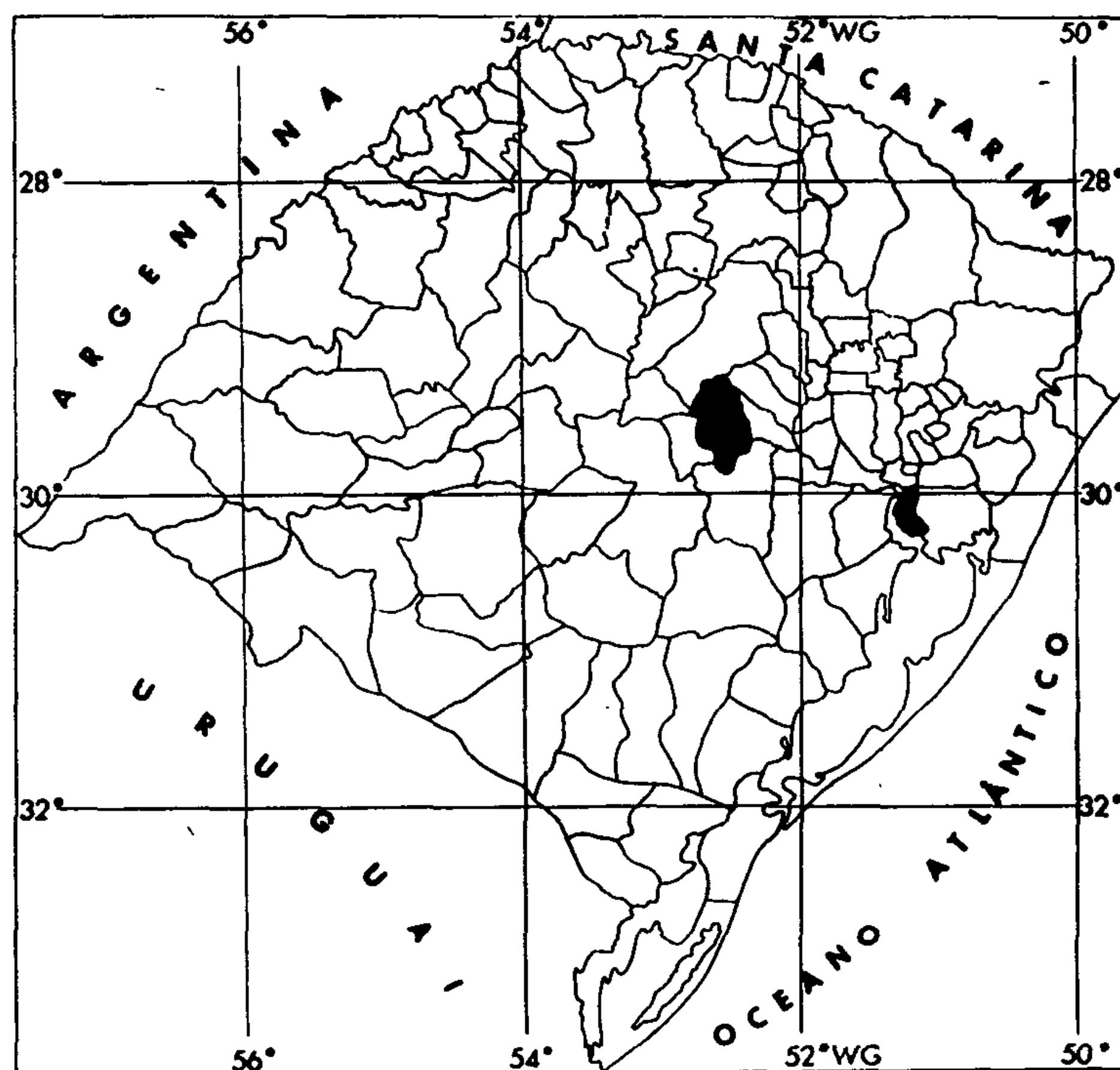
É autor do livro: "Conservação e Melhoramento do Solo", 1955 — obra que teve a melhor aceitação; e do recentíssimo "Noções de Nutrição", 1957 — em que orienta o povo a alimentar-se racionalmente.

POPULAÇÃO — Conta o município de Santa Cruz do Sul 77 880 habitantes, localizando-se 15 900 na sede e .... 61 980 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para .... 1.º-1-1956); 38,29 habitantes por quilômetro quadrado; 1,63% sôbre a população total do Estado; área: 2 034 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Santa Cruz do Sul; vilas: Erveiras, Monte Alverne, Serafim Schmidt, Sinimbu, Teresa, Trombudo.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santa Cruz do Sul..........	2 462	65	619	655	169	1 807

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 43' 05" de latitude Sul e 52° 55' 45" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 116 km. Altitude: 70 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Pardinho, Taquari, Castelhano e Rio Pardo. Os rios são pouco piscosos; as variedades encontradas são: pintados, traíras, etc. O ponto mais alto é o cêrro Dois Irmãos, com 680 metros de altura; o território do município é, em geral, acidentado. A cidade de Santa Cruz está situada num plano entre dois cerros.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. A média das temperaturas, ocorridas em 1956, foi a seguinte: máxima, 24,0°C; mínima, 14,0°C; compensada, 19,3°C. Chuvas: precipitação anual de 1 539 milímetros. Geadas: ocorrem nos meses de julho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Soledade; ao sul: Rio Pardo; a leste: Venâncio Aires e Rio Pardo e a oeste: Candelária.

Vista parcial da Praça Getúlio Vargas

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Indústria* — O município de Santa Cruz do Sul encontra na indústria o verdadeiro baluarte de sua economia. Já em 1955 com seus 514 estabelecimentos industriais em funcionamento, sua produção montou em Cr$ 832 415 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: ind. alimentares, 18,2%; ind. de bebidas, 0,9%; ind. da madeira, 2,2%; transf. de produtos minerais, 1,4%; couros e produtos similares 0,2%; ind. químicas e farmacêuticas, 1,9%; indústrias têxteis, 0,2%; ind. metalúrgicas, 1,8%; ind. de mobiliário, 0,3%; ind. do fumo, 63,9%; vestuário calçados e artefatos de tecidos, 0,5%. Convém seja observada a parcela referente à indústria do fumo. Em 1955, o aumento do valor da produção foi apreciável, sôbre o ano anterior. Com o demonstrativo abaixo, se poderá ter uma idéia da importância dos diversos setores industriais em atividade, bem como da próspera indústria do fumo em Santa Cruz do Sul, cognominada de "Capital do Fumo".

Fornos para fumo de estufa. Existem cêrca de 3.000 em todo o município

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Em milhares de cruzeiros

CLASSES INDUSTRIAIS	N.º de estabelecimentos	Média mensal dos operários	SALÁRIOS E VENCIMENTOS		Matérias-primas	Valor da produção
			Total	Operários		
Extrat. prod. minerais	5	10	168	168	313	719
Transf. minerais n/metálicos	62	224	5 268	4 268	2 287	13 143
Metalúrgica	15	111	3 438	2 726	11 782	19 781
Mecânica	7	122	3 984	2 948	4 521	11 632
Const. mont. mat. transp.	1	17	566	466	336	2 213
Madeira	72	143	3 082	2 791	14 889	24 034
Mobiliário	8	33	826	796	2 313	3 790
Borracha	2	234	6 046	7 074	12 467	29 308
Couros, peles e produtos similares	7	12	309	249	756	4 506
Química e farmacêutica	9	27	1 287	556	5 661	18 225
Têxtil	1	11	385	295	525	1 420
Vest., calç. e art. tecidos	0	54	1 385	1 165	2 412	5 432
Produtos alimentares	259	630	12 843	10 189	127 595	187 407
Bebidas	30	67	2 079	1 179	3 100	9 245
Fumo	16	1 347	54 502	29 909	366 846	537 806
Editorial e gráfica	8	119	4 355	3 351	10 392	21 459
Diversas	4	29	870	606	1 548	12 800
Serv. indust. util. pública	5	69	1 687	1 147	124	9 661
TOTAL	*520*	*3 259*	*103 080*	*69 882*	*567 867*	*912 581*

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Arno Koppe	Curtume
S. Kappel & Cia.	Artefatos de metal
Rodolfo Bins & Filha Ltda.	Máquina para olaria
Schreiner & Cia. Ltda.	Máquinas industriais
Ind. Agro-Metalúrgica KNAK Ltda.	Máquinas p/agricultura
Hopp & Cia.	Madeira beneficiada
Kempel & Cia. Ltda.	Tábuas
Ind. de Óleos Vegetais Schutz Irmãos Ltda.	Óleo de linhaça
Ireno Schwaderer So Hnle	Malhas de lã e linha
Coop. Pastoril de Rio Pardo Ltda.	Carne verde
Goldebeck & Beottcher	Farinha de trigo
Bauhadt Irmãos	Banha

Plantação de fumo no interior do município

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Polar S. A. Ind. e Com. e Agricultura ..	Manteiga e queijo
Kliemann & Cia.	Fumo beneficiado
Exportadora Henig S. A.	Fumo em fôlha
Edmundo & Cia. Ltda.	Fumo em fôlha e benef.
Fábrica de Charutos Único Ltda.	Charutos
Cia. de Cigarros Souza Cruz	Fumo em fôlha enfard.
Cia. de Fumos Santa Cruz S. A.	Cigarros e fumo desfiado
Fábrica de Cigarros Sudan S. A.	Fumo beneficiado
Ind. de Tabacos Sta. Cruz Ltda.	Fumo beneficiado
Tabaco Tatsch S. A.	Fumo em fôlha
União Sul Brasileira de Cooperativas ...	Tabaco estufa benef.
Kannemberg & Cia. Ltda.	Fuma em fôlha esteriliz.
Cia. de Cigarros Sinimbu	Fumos
Cia. de Cigarros Sta. Cruz S. A.	Acondic. p/cigarros
Hoppe & Cia.	Madeira serrada

Agricultura — As lavouras do município são relativamente prósperas e o fumo ocupa o primeiro lugar em volume físico e em valor. O município de Santa Cruz do Sul, dedica-se preponderantemente à cultura de 2 tipos de fumos: "Amarelinho Gaúcho" e "Virgínia", indicados para fabricação de cigarros. A cultura do fumo é uma das que muito "empobrecem" a terra, exigindo um tratamento adequado. No entanto, no município, há equipes de técnicos especializados, mantidos por organizações privadas, que percorrem as colônias no sentido de orientar os agricultores a tirar maior proveito do solo, quer por meio da adubação verde ou química, quer na seleção das sementes, secagem do fumo, etc.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1956

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Fumo	11 180	67 077
Milho	6 270	15 675
Arroz	3 475	13 611
Batata-doce	3 500	7 000

Valor total da produção: Cr$ 127 857 650,00.

Pecuária — É pouco desenvolvida a pecuária do município, pois a quase inexistência de campos não comporta a criação em maior escala.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	41 400	66 240
Eqüinos	14 000	14 000
Muares	5 500	6 600
Suínos	67 100	40 260
Ovinos	3 300	891
Caprinos	1 300	169

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 678 101	26 977 386
Carne verde de suíno	347 661	5 207 349
Carne salgada de suíno	116 024	2 985 120
Carne defumada de suíno	310	7 130
Presunto defumado	1 511	47 644
Carne verde de ovino	23 547	375 564
Carne verde de caprino	1 810	21 720
Couro sêco de boi, vaca e vitelo ..	17 600	197 200
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	225 418	1 810 021
Couro salgado de suíno	94 177	1 719 462
Pele verde de ovino	1 082	4 646
Pele sêca de ovino	913	13 695
Pele sêca de caprino	91	1 365
Banha não refinada	378 816	9 681 965
Banha refinada	1 223 713	40 081 113
Toucinho fresco	396 338	8 487 579
Toucinho salgado	1 930	28 950
Toucinho defumado	9	315
Salsicharia a granel	467 384	11 260 237
Sebo industrial	7 712	136 728
T o t a l	4 984 147	109 045 189
Secundários	225 228	3 242 487
T o t a l G e r a l	5 209 375	112 287 676

COMÉRCIO E BANCOS — O comércio do município é bastante desenvolvido, existindo 620 firmas. Registram-se 240 firmas comerciais na sede:

Ferragens — 5; artigos sanitários — 6; fazendas — 36; miudezas — 16; casas de móveis — 6; secos e molhados — 96; rádios — 12; outros — 53; eletrolas — 4; refrigeradores — 6.

As principais cidades com as quais o município mantém relações comerciais são: Rio Pardo, Venâncio Aires, Candelária, Soledade, Sobradinho, Pôrto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

Funcionam em Santa Cruz do Sul 10 casas bancárias e 1 Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Rio Pardo: rodov. (36 km) ferrov. (33 km); Candelária: rodov. (40 quilômetros); Venâncio Aires: rodov. (31 km). Pôrto Alegre, via Venâncio Aires: (207 km); Pôrto Alegre: rodov., via Rio Pardo (165 km); Pôrto Alegre: ferrov. via Rio Pardo (191 km); Pôrto Alegre, linha aérea (125 km) sòmente aeroclube. Rio de Janeiro, ferroviário, via Rio Par-

Magnífico flagrante noturno do chafariz da Praça Getúlio Vargas, aparecendo em destaque o Ginásio Santa Cruz

do, daí ao DF, ver" Rio Pardo"; Rio de Janeiro, aéreo e navegação via Pôrto Alegre, daí ao DF, veja-se "Pôrto Alegre".

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica, sistema termelétrico, inaugurado em 1912.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	56
Ruas e travessas	51
Avenidas	2
Praças	3

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	20
Parcialmente pavimentados	36
Totalmente calçados com paralelepípedos	6
Parcialmente calçados com pedras irregulares	5
Arborizados	2
Arb. e ajardinados simultâneamente	3

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	3 245
Zona urbana	1 029
Zona suburbana	2 216

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	3 096
2 pavimentos	138
3 pavimentos	9
4 pavimentos	2

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 944
Residências e outros fins	965
Exclusivamente a outros fins	336

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	56
N.º de ligações elétricas domiciliares	4 720
N.º de focos para iluminação pública	920

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	4 080 000 kWh
Da sede municipal	4 042 276 kWh
Consumo p/ilum. pública	46 000 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	2 439 734 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente serv. pela rêde	39
Logradouros parcialmente serv. pela rêde	12
Bebedouros ou bicas públicas	4
Consumo anual de água	275 000 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	320
Taxa mensal cobrada:	
Residências	Cr$ 120,00
Comércio e indústria	Cr$ 275,60

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência na sede e 3 agências postais no interior do município.

HOTÉIS — Há na sede municipal os seguintes hotéis: Santa Cruz, Avenida, do Comércio, Gaúcho, Mauá, Brasil,

Central, Rancho Grande e Kussler, com diárias variando, para casal, entre Cr$ 200,00 e 280,00 e, para solteiro, entre Cr$ 100,00 e 140,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

Automóveis	511
Ônibus	42
Camionetes	180
Motociclos	45
T o t a l	778
PARA TRANSPORTE DE CARGAS	
Caminhões	201
Camionetas	169
Fechados p/ transporte de mercadorias	8
Cisternas	3
Tratores	7
Reboques	18
Não especificados	2
T o t a l	408
VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS	
Carros de duas rodas	115
Carros de quatro rodas	273
Bicicletas	703
T o t a l	1 091
P A R A C A R G A S	
Carroças de duas rodas	101
Carroças de quatro rodas	602
Outros	218
T o t a l	921

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 75% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar matriculadas é de 58%. Em 1955 havia 154 unidades escolares de ensino fundamental comum com 9 097 alunos matriculados. Existem no município 4 ginásios, 3 unidades de ensino pedagógico, 3 de ensino comercial.

Outros aspectos culturais — 2 jornais: Gazeta do Sul e Voz do Progresso; 68 sociedades recreativas, 113 sociedades desportivas, 3 bibliotecas com acima de 1 000 volumes, cada uma, de caráter geral; 4 tipografias, 3 litografias e 3 livrarias. Rádio Santa Cruz — prefixo ZYE-8; data da 1.ª emissão: 7-4-1946; freqüência: 1 510 kc, potência anódica 400 w, na antena 100 w, fone 1, auditório com capacidade de 45 lugares; 4 microfones e 8 pessoas empregadas. Há no município o Cinema Apolo, com 1 040 lugares e o cinema do Auditório S. Luiz, com capacidade para 800 pessoas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Existem algumas canchas retas no interior do município; não há criadores de cavalos para corridas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 18 médicos, 2 farmacêuticos e 24 dentistas. Em 1955, contava a população de Santa Cruz do Sul com 7 hospitais, com 542 leitos, tendo sido internados 7 364 enfermos, assim discriminados: 1 329 crianças, 2 395 homens e 3 640 mulheres. Instalações existentes nos hospitais: 5 aparelhos de raios-X diagnóstico, 14 salas de operação, 4 salas de parto, 7 de esterilização. Uma das entidades possui farmácia e outra possui laboratório.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Um Pôsto de Saúde n.º 51 e uma creche: Casa da Criança.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 6 advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 2 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância com 1 juiz.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 6; de Consumo — 3; de Crédito — 2; total de sócios — 4 091; valor dos serviços executados — Cr$ 12 095 243,00; valor dos empréstimos — Cr$ 7 160 902,00.

SINDICATOS — Sind. da Indústria do Fumo; Sind. Trabs. na Ind. Artef. de Borracha; Sind. dos Trabs. na Ind. do Fumo; Sind. dos Trabs. na Ind. Metalúrgica Mecânica e Material Elétrico; Sind. dos Contabilistas.

FESTEJOS POPULARES — A procissão de "Corpus Christi".

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há um campo de pouso do Aeroclube local inaugurado em 1940.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Monumento Histórico comemorativo à Independência, de granito e bronze, altura 6,50 m. Monumento Histórico comemorativo ao centenário da colonização alemã, em Rio Pardinho. Obelisco, granito, altura 3,50 m. Igreja católica, sede, estilo gótico, sendo a mais alta da América. Duas tôrres, 82 metros. Igreja católica, estilo gótico, em Sinimbu. Prefeitura Municipal, localizada no centro da Praça da Bandeira, estilo romano.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	28 151	20 357	9 750	3 942	10 360
1951	37 196	31 208	11 291	4 165	15 373
1952	57 496	35 204	13 815	4 894	15 165
1953	97 323	41 714	16 133	5 283	23 084
1954	144 098	51 181	18 053	6 277	15 520
1955	203 463	66 759	15 763	7 964	17 611
1956 (*)	97 921	38 850	11 032	4 767	7 700

(*) Arrecadação no 1.º semestre do ano.

SANTA MARIA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na chamada Zona Fisiográfica da Depressão Central.

O Tratado Preliminar de Restituições Recíprocas foi concluído em 1.º de outubro de 1777, entre Portugal e Espanha, cuja finalidade era demarcar os limites entre os domínios de Espanha e o Sul do Brasil. Devido, no entanto, às dificuldades de comunicações e por entendimentos entre os Vice-Reis de Buenos Aires e do Brasil, o tratado só teve começo em 1784, um ano depois de feitas as nomeações do pessoal para essa árdua emprêsa. O brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, nomeado Primeiro Comissário da Demarcação, era, na época, Governador do Continente de São Pedro do Rio Grande. Em janeiro de 1784 foi iniciado o trabalho da Demarcação de Limites, tendo o Governador citado, sido substituído pelo coronel Rafael Pinto Bandeira. A Comissão estava assim constituída: 2.º Comissário — coronel Francisco João Róscio. Engenheiros: Capitão Alexandre Eloy Porteli e Francisco das Chagas Santos. Astrônomos: Dr. José de Saldanha e capitão Joaquim Felix da Fonseca Manso. Médico: Cirurgião João Manoel de Abreu. Comissário Assistente da Tesouraria: Manoel José da Silva Menezes. Comissário Pagador — Sebastião Pereira Barbosa. Capelão — padre João Ferreira Roiz. Secretário — capitão-de-dragões José Ignácio da Silva. Artífices — 2 carpinteiros, 1 ferreiro e 1 canteiro. Acompanhavam a Comissão Técnica 15 praças do Regimento de Dragões, 15 do Regimento de Cavalaria Ligeira e os oficiais: cap. Francisco Alves de Oliveira, ten. Vasco Pinto Bandeira, ten. Bernardo Antônio Pinto, alferes Carlos dos Santos Barreto e alferes Jerônimo Gomes.

Os demarcadores de ambas as Nações não se entendiam, cada comissário interpretava o tratado de acôrdo com os interêsses de seu país. O representante da Espanha era o 1.º Comissário D. José Varela. Queixas e mais queixas de ambos os comissários iam ecoar tanto no vice-reinado do Brasil como no de Buenos Aires. Os trabalhos da demarcação arrastaram-se de 1784 a 1797, época em que foram sùbitamente interrompidos.

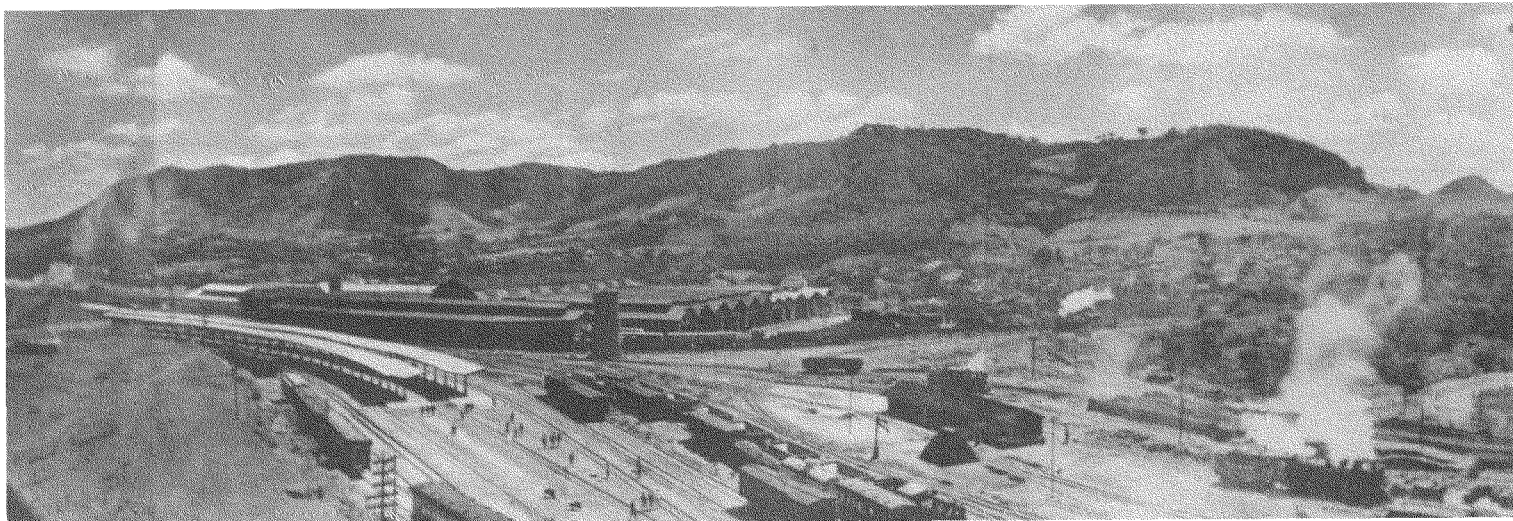
O Dr. José Saldanha, astrônomo da Comissão Demarcadora de Limites, instituída em conformidade com o célebre Tratado Preliminar das Restituições Recíprocas, foi o primeiro que deu um testemunho escrito sôbre a região onde atualmente está localizada a cidade de Santa Maria. Em 1787, passou pela primeira vez em terras santa-marienses a Comissão Mista (espanhola e portuguêsa) encarregada dos trabalhos demarcatórios dos domínios de Espanha e Portugal no Sul da América.

Do acampamento geral localizado nas proximidades da Bôca do Monte, a Expedição demandou o forte espanhol de Santa Tecla, onde se bipartiu, constituindo uma das partes a 2.ª Subdivisão Demarcadora, da qual assumiu a direção o 2.º Comissário, coronel Francisco João Róscio. Em 1797 a Partida da 2.ª Subdivisão Demarcadora no território das Missões Orientais procura traçar a Linha Divisória de que era objeto o célebre tratado Preliminar assinado em 1777.

O 1.º Comissário Brigadeiro Sebastião Xavier da Câmara, já havia se retirado da Comissão de Demarcação, reassumindo seu alto pôsto em Pôrto Alegre.

A discórdia permanente que existia entre os Comissários português e espanhol, chegou, afinal, ao auge, resultando da desavença a fundação, de modo indireto, de Santa Maria. Dos ofícios a seguir transcritos pode-se verificar o sucedido:

"Ilm.º Sr. Coronel Francisco João Roscio".

"Acabo de receber a parte que V.S. me dá de que o Comissário espanhol D. Diogo de Albear resolveu retirar-se com a partida de seu comando de Santo Angelo para São Luiz de Missões. Assim determino que a Partida Portuguêsa, de que V.S. é Comissário, a fará pôr imediatamente em marcha até que, descendo a Serra de São Martinho do Monte Grande e chegando a nossa primeira guarda avançada denominada do Arroio dos Ferreiros, possa a tropa e a referida partida acampar ou arranchar-se junto a qualquer Estância ou Estabelecimento que para o dito fim parecer mais apropriado dentro da distância de duas até três léguas. Para tudo isso requererá V.S. e exigirá do tenente coronel comandante desta Fronteira todo o auxílio necessário assim de gente como de carruagens, cavalos etc., podendo V.S., ao depois da Partida, estar a sal-

Vista do Parque da Viação Férrea

Vista parcial da Avenida Rio Branco

vo dentro dos nossos decididos limites, participar a seu concorrente pelo mesmo modo que êle praticou com V.S.

Pôrto Alegre, 7 de junho de 1797.
Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara
Governador"

O outro ofício era dirigido ao Vice-Rei Conde de Rezende.

"O coronel Francisco João Róscio, que se resolveu vir representar-me pessoalmente as necessidades que padecia a Partida da 2a. Sub-divisão de seu cargo, acaba de participar-me de Rio Pardo que o comissário espanhol concorrente do dito coronel sem proceder nem solicitar acordo o convênio, dêste se retirou repentinamente com a Partida de seu comando do povo de Santo Angelo para o de São Luiz debaixo de frivolos e afetados pretextos, esperando que a Partida Portuguêsa o seguisse e se internasse com êle pelos domínios de Espanha sem ser para fins de demarcação, antes com sinistros intentos, assás perceptiveis na conjectura presente. A isto acudi, dirigindo ao referido coronel o ofício que tenho a honra de remeter por cópia a V.Ex.ª, no qual verá V.Ex.ª as providências que dei para evitar o abandono e risco em que, do contrário, ficaria a Partida Portuguêsa, não hesitando em determinar a sua mudança e conservação, até ordem de V.Ex.ª, para a mais imediata guarda avançada que confronta com o território espanhol.

Pôrto Alegre, 9 de junho de 1797
Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara
Governador":

Depois de treze anos e meio de lutas ingentes, de desconfianças mútuas, longe da civilização, desbravando matas virgens a Comissão Mista Demarcadora de Limites da América Meridional dissolveu-se, sem formalidades, não terminando a grande obra, quando pouco faltava para isso.

A Partida da 2.ª Subdivisão se achava em Santo Ângelo, sob o comando do coronel Francisco João Róscio, quando recebeu ordens do Governador para retroceder até o arroio dos Ferreiros, onde escolheria um local para se instalar.

O local preferido foi a colina onde hoje assenta a cidade de Santa Maria.

Em 1797 chegou a expedição à referida colina, surgindo, então, a povoação de Santa Maria, a que mais tarde foi acrescido Bôca do Monte.

Neste sítio deveria permanecer por muito tempo a 2.ª Subdivisão, a fim de concluir os trabalhos de gabinete relativos à demarcação. Foram levantados quartéis, depósitos de material e ranchos, morada para oficiais e para demais membros da expedição. No local começaram a estabelecer-se os estancieiros das redondezas, índios, atraídos por fatôres de ordem econômica e social. Foi, também, levantada uma capela, em obediência ao espírito religioso dos moradores.

A grande extensão de terra onde está situado o local da atual cidade de Santa Maria pertencia à sesmaria do tenente Jerônimo de Almeida, que a cedeu ao padre Ambrósio José de Freitas. O engenheiro da demarcação, coronel Francisco das Chagas Santos, organizou um mapa da região, no qual está demarcada a área da estância do padre Ambrósio, junto do local onde estêve situado o Acampamento, em que hoje fica situada a sede do município de Santa Maria.

O reverendo Euzébio de Magalhães Rangel e Silva era o responsável pelos serviços religiosos da zona, possuindo a capela, então levantada, um altar portátil, trazido pela expedição demarcadora. A capela não era de Santa Maria, e sim do Acampamento, pois ao retirar-se a Comissão Demarcadora, a Capela foi desarmada, afastando-se, também, o capelão Euzébio de Magalhães.

Desde a fixação da Partida da 2.ª Subdivisão Demarcadora de Limites em Santa Maria, ali começaram a surgir casais, descendentes de açorianos e alguns açorianos natos, procedentes de Curitiba, Paranaguá, Castro e outras localidades.

A Partida da Subdivisão Demarcadora permaneceu trabalhando, nesse local, de novembro de 1797 a fins de setembro de 1801. Destacando-se o demarcador engenheiro coronel Francisco das Chagas Santos, que elaborou o mapa da região santa-mariense. O astrônomo da Partida, sargento-mor Joaquim Felix da Fonseca Manso, por sua afabilidade, contribuiu para a fixação de muitos imigrantes na incipiente povoação.

Em fins de setembro de 1801, o Comissário, coronel Francisco João Róscio, recebeu do Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral Camara um ofício no qual ordenava a dissolução da Comissão Demarcadora de Limites.

Rua Dr. Bozano

Em outubro de 1801 rumou para Pôrto Alegre a caravana, trazendo todo o material da partida, abandonando, assim, o povoado que haviam fundado.

A partir daí, Santa Maria deixou de ser um acampamento da 2.ª Subdivisão Demarcadora de Limites para ser um povoado, no sentido exato do têrmo.

Continuou a crescer com o influxo de novos habitantes, provindos das redondezas e das mais longínquas regiões.

Na localidade, as artérias públicas de mais movimento tomaram os seguintes nomes: Rua Pacífica, atual Dr. Bozano; e Rua São Paulo. Estavam localizados nela os quartéis, moradia para oficiais, escritórios. Assim que a Partida da Demarcação retirou-se para Pôrto Alegre, foi dado a ela o nome de Rua do Acampamento para perpetuar a memória daqueles que, em última análise, foram os fundadores de Santa Maria.

De 1801 a 1803 recebeu Santa Maria cinqüenta famílias guaranis, que vieram das Missões Orientais e ali levantaram seus ranchos. O terreno que ocuparam foi denominado: a Aldeia.

Santa Maria fazia parte integrante de Cachoeira do Sul. Em 1810, com aproximadamente 800 almas, pretendiam seus habitantes a substituição do oratório por uma capela curada, para serem melhor atendidos os serviços religiosos.

Por determinação da lei canônica a capela curada não poderia ser fundada sem ter um patrimônio. Em virtude disso, vários estancieiros fizeram doações de terras numa extensão de meia légua de sesmaria. Resolvido o impasse do patrimônio foi instituída a Capela, por Portaria de 28 de julho de 1810, sendo, entretanto, emancipada da freguesia de Cachoeira sòmente a 27 de julho de 1812.

Entre os fundadores do povoado salientaram-se, por seu trabalho fecundo em prol do progresso do mesmo: capitão Manoel Carneiro da Silva e Fontoura, Manoel dos Santos Pedroso, Antônio da Costa Pavão, Bento Gonçalves Chaves e o sargento-mor Manoel da Rocha e Souza.

Em 21 de janeiro de 1814, chegou a Santa Maria o primeiro cura, o reverendo Antônio José Lopes, português, que abriu o Tombamento da Capela, nela registrou, na fôlha primeira, a Provisão respectiva do Visitador Geral das Igrejas do Continente do Rio Grande. O primeiro batizado registrado no Livro de Batismos da Capela de Santa Maria deu-se em 25 de janeiro de 1814.

Bastante incremento tomou o povoado com a chegada em 1828, do 28.º Batalhão de Estrangeiros, composto de alemães, sendo êsse o primeiro contato que teve o povo santa-mariense com o elemento germânico. O acontecimento foi assinalado com o casamento do soldado Felipe Walmarath, daquela corporação, com Leonor Dolly. Ao casar dito soldado apresentou a licença do comandante do 28.º Batalhão, coronel Alexandre Max Greger. Ao ser dissolvida a tropa alemã a serviço do Brasil, poucos integrantes da corporação voltaram à Alemanha.

Em 1831 Santa Maria contava 3 100 habitantes, existindo na sede do curato 160 casas de moradia e, mais ou menos, 1 200 habitantes.

Finalmente, pela Lei provincial n.º 6, de 17 de novembro de 1837, foi o povoado elevado à categoria de Freguesia, passando a denominar-se Freguesia de Santa Maria da Bôca do Monte.

Outro aspecto da Avenida Rio Branco

Em 22 de agôsto de 1838, por ato do Ministro da Fazenda e Interior da efêmera República de Piratini, foi criada a primeira escolar pública santa-mariense. A cátedra foi provida pelo professor João da Maia Braga, que prestou exame de suficiência, perante a banca composta dos professôres Rodrigo Alves Ribeiro e Antônio Borges, de Cachoeira.

Durante a revolução farroupilha, em 7 de setembro de 1836, na chamada Cêrca de Pedra, cabeceiras do Ibicuí-Mirim, David Canabarro derrota o Capitão legalista Albernaz.

Em 11 de novembro de 1840, as fôrças imperiais comandadas pelo Barão de Caxias, estiveram estacionadas em Arroio do Sé, Pau-Fincado e Ramada, travando combate com fôrças dos farrapos, no lugar denominado Porteirinha.

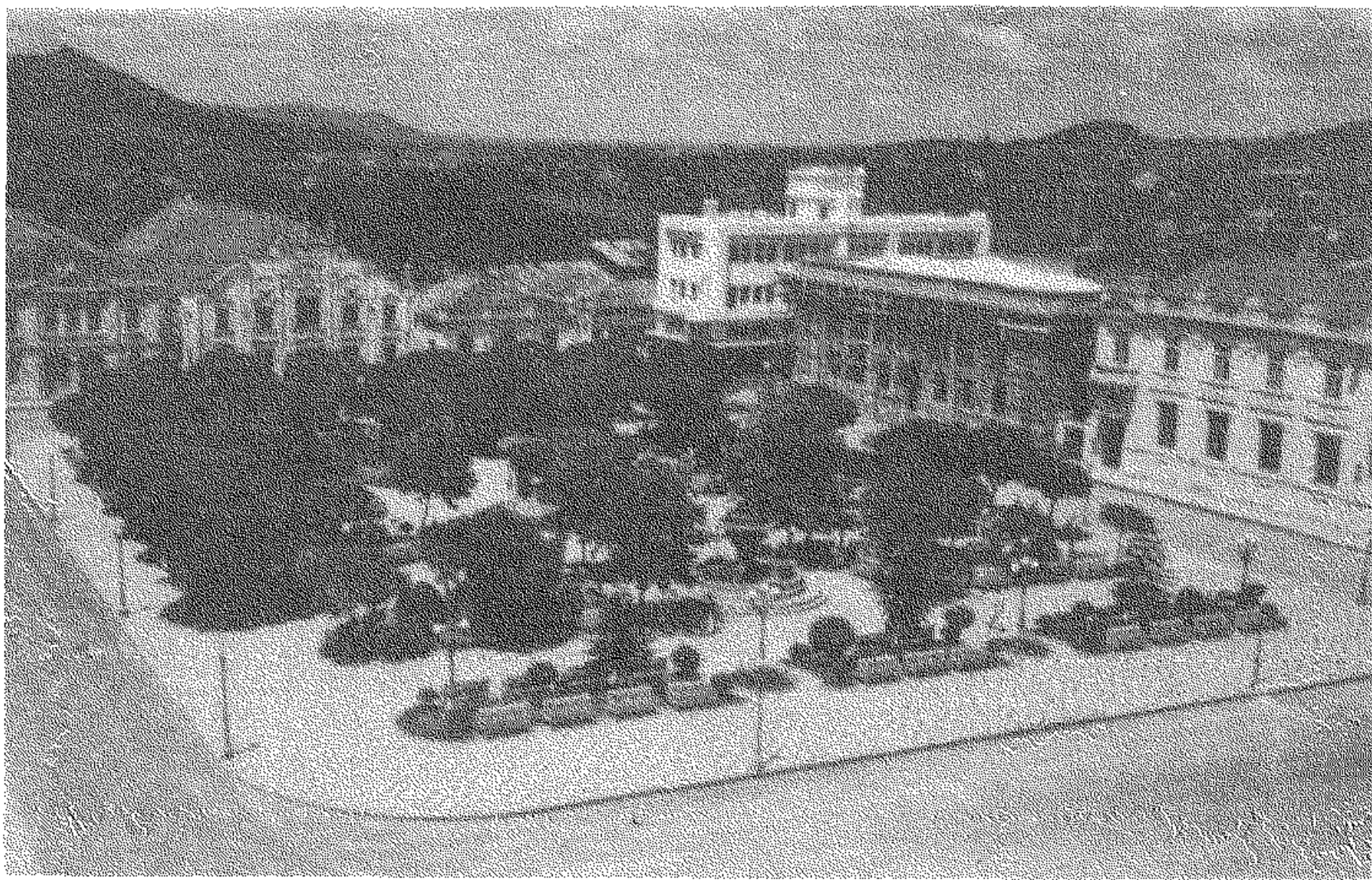
Com o término da grande revolução os soldados voltam aos lares. Os campos começam a ser povoados, as terras são lavradas, o comércio intensifica-se, voltando, como conseqüência, o progresso ao povoado.

Por Lei provincial n.º 400, de 16 de dezembro de 1857, a Freguesia de Santa Maria da Bôca do Monte foi elevada à categoria de vila, sendo em 17 de maio de 1858 instalado o novo município.

Na guerra contra o govêrno do Paraguai, o tenente-coronel João Niderauer Sobrinho, comandante do 7.º Corpo Provisório de Cavalaria, depois de ter tomado parte ativa em diversas batalhas foi morto no combate de Avaí, quando percorria, já vitorioso, o campo de luta.

Por Lei provincial n.º 1 013, de 6 de abril de 1876, a vila Santa Maria é elevada à categoria de cidade. Em maio a Câmara reúne-se para consignar em ata o honroso acontecimento, designando o dia 7 do citado mês para que se realizassem, na cidade, festejos populares em regozijo ao notável acontecimento.

Por Lei n.º 1 147, de 7 de maio de 1878, foi criada a comarca de Santa Maria. A grande notícia só chegou ao conhecimento da Câmara em outubro, e, em sessão de 10 do referido mês, deliberou a casa convidar a população da cidade para comemorar o fato, recepcionando, então, o primeiro juiz de direito de Santa Maria, nomeado por decreto de 9 de setembro, Dr. James de Oliveira Franco e Souza.

A nona e última Câmara Municipal, no regime monárquico foi de 1887 a 1889. Em 7 de janeiro de 1887 reuniu-

Vista aérea de um jardim público

-se pela última vez a velha Câmara Municipal a fim de empossar os eleitos para o quadriênio 1887-1890. Os vereadores escolhidos foram: João Daudt, José Ferreira Camboim Filho, Pedro Weinmann, João Pedro Lenz, João Fernandes Niderauer, Frederico Drayer, Francisco de Oliveira Flores e José Adolfo Pithan. No dia seguinte, na primeira sessão da Câmara, foi escolhido presidente José Ferreira Camboim Filho e vice o major Pedro Weinmann.

Em 18 de novembro de 1889, a Câmara Municipal recebeu o seguinte telegrama assinado pelo Visconde de Pelotas: "Como Governador político neste Estado, comunico-lhes por decreto de 15 foi proclamada, como forma de govêrno da Nação, a República Federativa, constituindo as antigas províncias os Estados Unidos do Brasil. Pedro de Alcantara, Imperador deposto, partiu ontem Europa com a família, fornecendo-lhe Govêrno Provisório cinco mil contos para ocorrer despesas e mais oitocentos, até que sôbre êste ponto se pronuncie a Assembléia Constituinte. Conto sua leal coadjuvação (Assinado) Visconde de Pelotas".

Em 19 de novembro reunia-se a Câmara em sessão extraordinária para deliberar sôbre êsse grande acontecimento. Exposto o fim da convocação, foi lido o telegrama do Governador político do Estado. Pedindo a palavra, o vereador José Daudt propôs que fôsse aceita a nova forma de govêrno, o que foi aprovado por unanimidade, passando-se, então, o seguinte telegrama:

> "Ex.mo Sr. Visconde Pelotas. Porto Alegre"
>
> "Camara Municipal ciente telegrama de ontem em que comunica proclamação república federativa Nação Brasileira por Decreto Govêrno Provisório, em sessão deliberou aceitar forma governo estabelecida conforme comunicação e disposta cumprir suas ordens como governador político do Estado Riograndense, isto com tôda a lealdade (assinados) Pedro Weinmann, João Fernandes Niderauer, João Daudt, João Pedro Lenz, Francisco José das Chagas, Adolfo Pithan".

Em 26 de dezembro a Câmara ainda administrava os negócios do município, sendo nessa data extinta, ocupando então a direção dos negócios municipais uma comissão composta dos seguintes cidadãos: coronel Francisco de Abreu Vale Machado, Dr. Pantaleão José Pinto e Henrique Druck.

Em 1.º de setembro de 1892 foi nomeado primeiro intendente municipal o coronel Francisco de Abreu Vale Machado.

Durante a revolução de 1893, cuja finalidade era afastar da Presidência do Estado o Dr. Júlio de Castilhos, acontecimentos de vulto se desenrolaram no município.

Em 8 de março de 1894, entrou em Santa Maria uma fôrça rebelde sob o comando de Marcelino Pina de Albuquerque. A cidade estava guarnecida por um Corpo Provisório comandado pelo major Tito Pedro Escobar e um esquadrão de gaúchos sob o comando do ten.-c.el Ernesto Beck. Depois de um intenso tiroteio, provocado por ambas as facções digladiantes, os rebeldes assaltaram a cidade, tomando-a, enquanto que as fôrças governistas recuavam rumo à Serra. Êsses foram os acontecimentos mais importantes dessa revolução, em Santa Maria.

Durante a revolução de 1923, ficou novamente o Rio Grande convulsionado, por motivo da reeleição do Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros para a mais alta investidura do Estado. Alegavam seus opositores que não havia o presidente eleito alcançado os três quartos do eleitorado, conforme exigência da lei.

Na madrugada de 3 de novembro, o chefete revolucionário Clarestino Bento, resolveu, à frente de 150 homens, atacar o quartel da Brigada Militar, ocupado, na ocasião, por pequeno contingente do 5.º Corpo Auxiliar. No quartel encontravam-se os capitães Raul Soveral e Carlos Batista Druck, os tenentes João Candido do Amaral, Felisberto Mena Barreto e 19 praças de pré. As fôrças revolucionárias, depois de violento tiroteio, não conseguiram tomar o quartel, sofrendo baixas de 4 mortos e 7 feridos. A guarnição atacada não sofreu perda humana. Êsse sangue vertido em frente ao quartel da Brigada Militar foi o último derramado na revolução de 1923, pois o Tratado de Pedras Altas pôs-lhe ponto final com grande regozijo para a população do Estado.

Em 16 de novembro de 1926 voltou Santa Maria a convulsionar-se pelo levante de parte do 5.º Regimento de Artilharia Montada e do 7.º Regimento de Infantaria. Às 5 horas da madrugada daquele dia foi a população do município acordada por disparos de canhão, fazendo estremecer os edifícios. Os revoltosos estavam sob o comando dos tenentes Alcides e Nelson Gonçalves Etchegoyen e Heitor Lobato Vale. Atacaram o 1.º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar e já contavam aproximadamente com 700 homens em armas. A fôrça da Brigada Militar saiu para a rua, fazendo uma linha de atiradores que ia da Estação da Viação Férrea, abrangendo a Avenida Rio Branco, Rua do Acampamento, até o quartel da fôrça defensora da cidade. A luta durou todo o dia 16, entrando pela noite adentro, até o dia seguinte às 3 da madrugada. A partir daí amainou a fuzilaria pondo-se as fôrças revoltosas em retirada. Houve nesse encontro diversos feridos e mortos. Essa data ficou conhecida em Santa Maria como "Dia do Bombardeio".

Em 3 de outubro de 1930, volta a convulsionar-se o Estado, tendo sido prêso pelo major Jorge Pelegrino Castiglione, fiscal do 1.º Regimento da Brigada Militar, tenente

Rua Venâncio Aires

Bernardino Silva e o Delegado de Polícia, coronel Valeciano Coelho, o comandante da guarnição federal, general Fernando Medeiros. Nesta época a população viveu momentos de grande expectativa, prevendo uma reação armada por parte dos comandados fiéis ao general prisioneiro. Mas tal não aconteceu porque à 1 hora da madrugada, o 7.º Regimento aderia ao movimento revolucionário, e às 9 da manhã, no dia 4, também o 5.º Regimento de Artilharia Montada.

Santa Maria, após atravessar heròicamente os períodos revolucionários que assolaram o Estado, entrou em fase de grande desenvolvimento de todos os ramos de atividade, podendo-se considerar, nos dias presentes, como um dos municípios mais progressistas do Rio Grande do Sul, a par de ser um ponto de convergência das linhas férreas da Serra, da Fronteira e de Pôrto Alegre, da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. É desconhecida a origem do nome do município. Segundo o Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, o topônimo "Santa Maria", teria advindo de um antigo pôsto de índios denominado, segundo o proceder tão a gôsto dos padres jesuítas, de Guarda de Santa Maria, propriedade de estâncias missioneiras das cercanias.

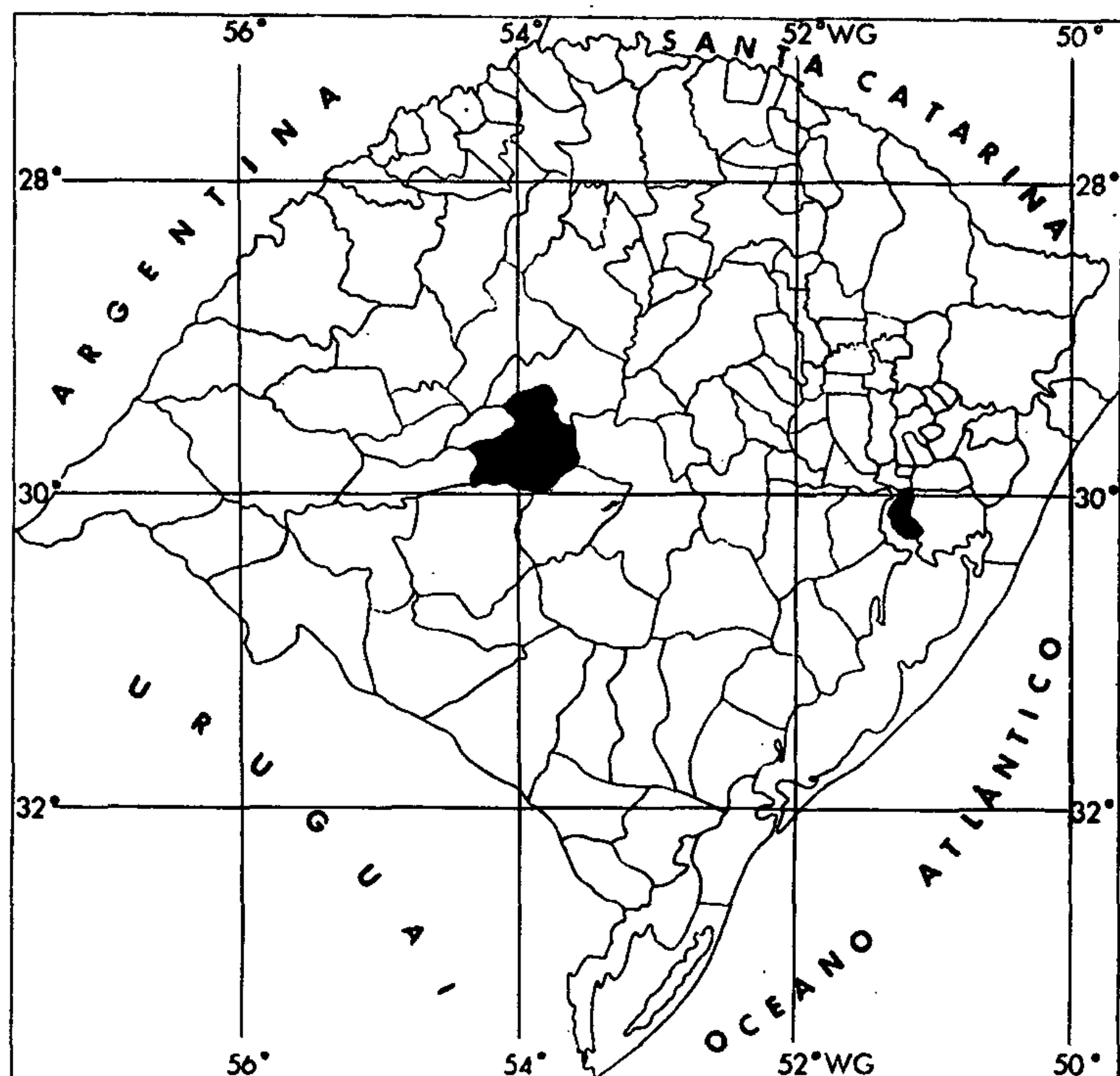
BIBLIOGRAFIA — *História do Município de Santa Maria* — 1797-1933 de J. Belém.

POPULAÇÃO — Conta o município de Santa Maria 93 860 habitantes, localizando-se 51 290 na sede e 42 570 na zona rural (Estimativa do D.E.É. para 1.º-1-1956); 27,11 habitantes por quilômetro quadrado; 1,97% sôbre a população total do Estado. Área: 3 462 km².

Aglomerados urbanos — A cidade de Santa Maria; vilas: Arroio do Só, Bôca do Monte, Camobi, Dilermando de Aguiar, Itaara, São Martinho e Silveira Martins.

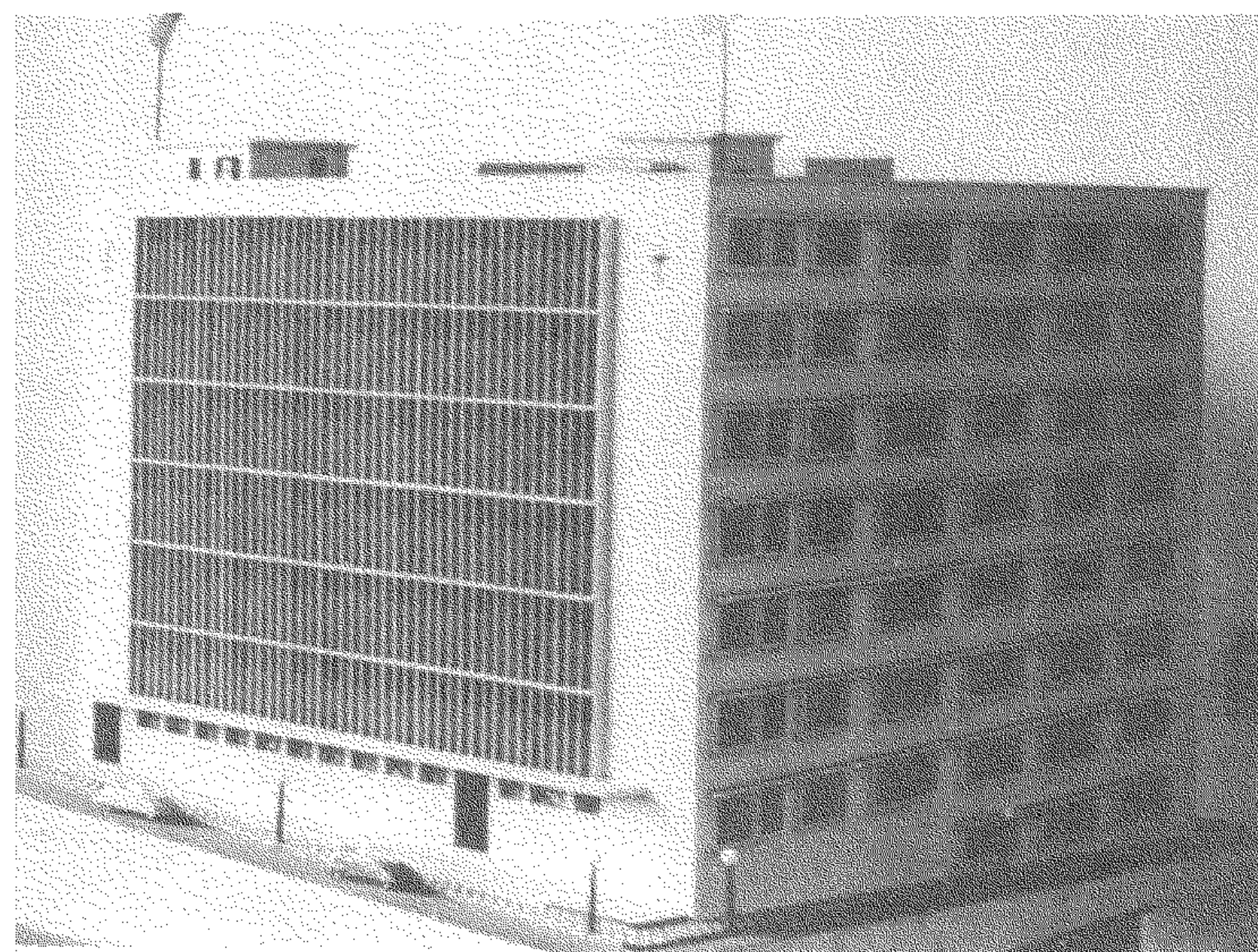
Aspectos Demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santa Maria...	3 068	106	886	1 058	299	2 010

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 41' 25" de latitude Sul e 53° 48' 42" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado, rumo W.N.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 252 km. Altitude: 153 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Principais cursos de água: Vacacaí-mirim, Ibicuí. Não são muito piscosos. Peixes mais encontrados: pintado, traíra, jundiá. O município é atravessado pela Borda do Planalto, que leva ali a denominação de Serra de São Martinho. (Montes principais: cêrro de Santo Antão). Existe um extenso banhado no município, com a denominação de Santa Catarina. A pesca não tem expressão econômica.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. A média das temperaturas ocorridas em 1956, foi a seguinte: máxima — 26,5°C; mínima — 14,1°C; compensada — 19,2°C. Chuvas: precipitação anual de 1 417,0 mm. Geadas: ocorrem nos meses de maio a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Júlio de Castilhos; ao sul: São Gabriel e São Sapé; a leste: Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul; a oeste: Cacequi e São Pedro do Sul.

Maqueta do edifício das faculdades de Medicina e Farmácia (em fase de construção).

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Indústria* — É o ramo de atividade mais desenvolvido do município, pois em 1955, seus 202 estabelecimentos industriais ocuparam em média 1 213 operários mensalmente, tendo a produção totalizado Cr$ 157 129 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: indústrias alimentares, 69,8%; indústria de bebidas, 25%; indústrias da madeira, 0,9%; transf. produtos minerais, 5,5%; couros e produtos similares, 0,7%; indústrias químicas e farmacêuticas, 4,2%; indústrias metalúricas, 0,4%; mobiliário, 2,2%; fumo,... 1,5%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 3,8%.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Walter Doeller	Cal virgem
Luiz Colpo & Irmão	Trilhadeira
Maunaier & Irmãos	Gelatina industrial
Fulgêncio Blaya Perez & Filhos	Farinha de trigo
Moinho do Centro S. A.	Farinha de trigo
Moinho São Caetano	Farinha de trigo
Cooperativa Rural Santamariense Ltda.	Carne verde
Irmãos Krauspenhaurr	Arroz beneficiado
A. Tonetto & Cia.	Arroz beneficiado
Pozzobon Zampieri & Cia	Arroz beneficiado
Irmãos Revisan & Cia Ltda	Arroz beneficiado

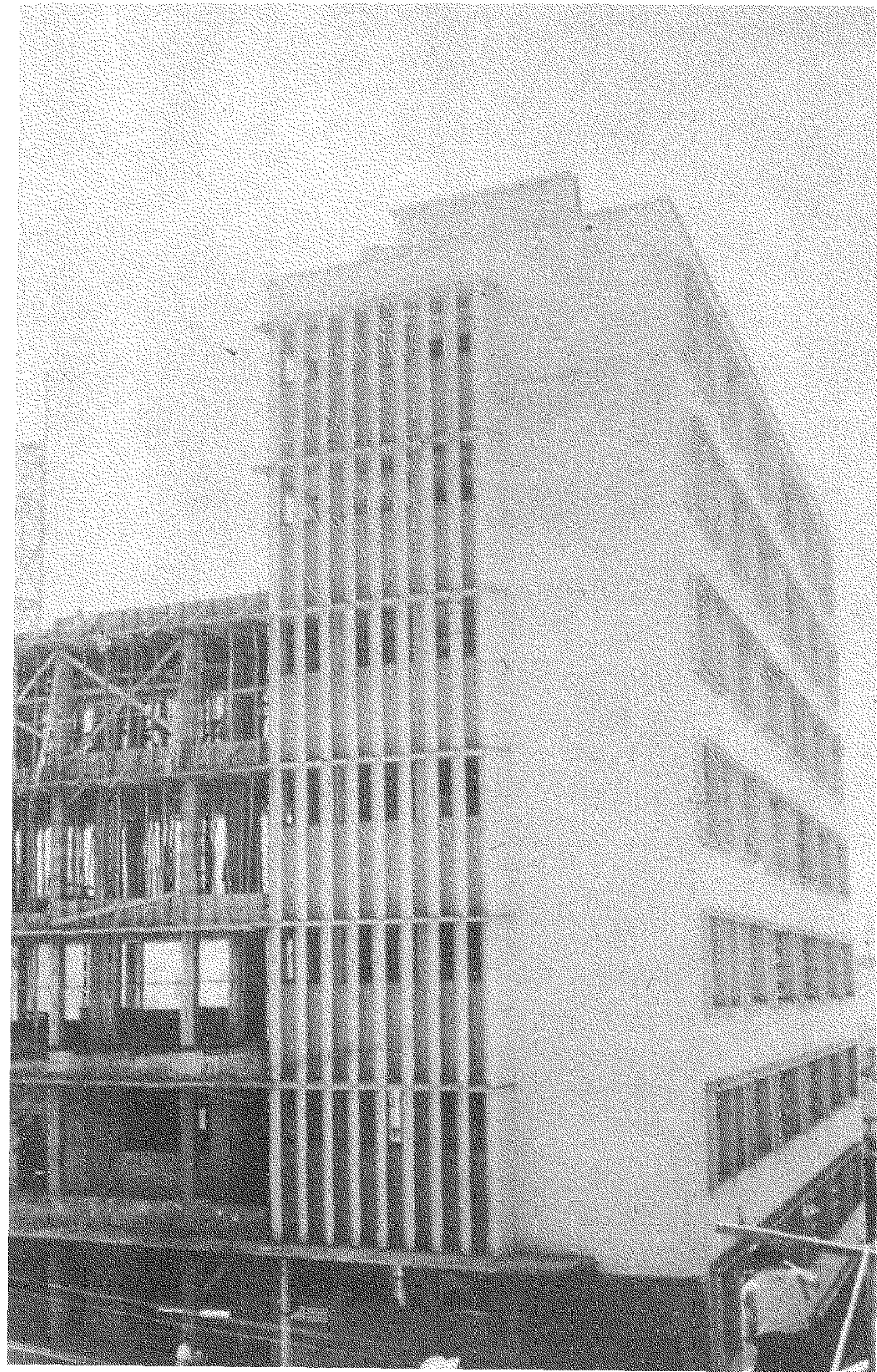
Pecuária — É bastante próspera, sob o ponto de vista econômico, a pecuária santa-mariense. Os rebanhos bovinos e suínos são os maiores do município.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	132 800	225 760
Eqüinos	15 800	15 800
Muares	400	480
Suínos	53 200	31 920
Ovinos	25 000	7 000
Caprinos	400	60

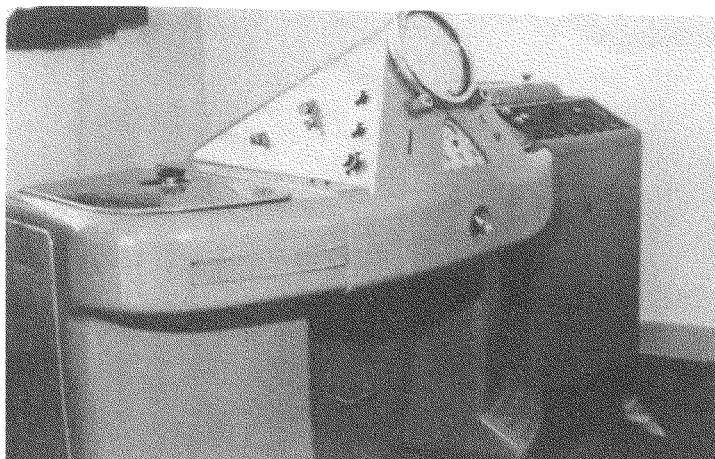
Raças preferidas — Bovinos: charolês, zebu e crioulo. Ovinos: merino e mestiço. Suínos, Muares e Cavalares: mestiços. Tipo de pastagem: grama forquilha.

Principais criadores	*Nome das fazendas*
Lady Kurtz de Oliveira	Pedras Negras (Charolês)
Dr. Francisco Alves Pereira	do Sobrado
Cacildo Penna Xavier	Tronqueiras
Dr. Walter Jobim	Filipinhos
Nelson Correia de Barros	Paraíso
Otacilio Rocha	Mestiço
Frederico Moreira	Mestiço
Fernando Azevedo	Mestiço
Frederico Guilherme Klumb	Mestiço
Pacifico de Assis Berndt	Mestiço
Justino da Rocha	Mestiço
Adroaldo Franco	Mestiço
Propicio Silveira de Freitas	Mestiço
Manoel Penna Xavier	Mestiço
José João Silveira Peixoto	Mestiço

São criadores de bovinos: o primeiro da lista cria principalmente gado charolês. Os restantes, criam várias raças mestiças. Mercados: Santa Maria compra gado dos municípios de Caçapava do Sul, São Sepé, São Pedro do Sul e General Vargas e vende para o Paraná.

Vista da ala já construída do edifício das faculdades de Medicina e Farmácia.

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	3 034 333	50 268 695
Charque de bovino	23 973	647 051
Carne verde de suíno	107 340	1 022 169
Carne defumada de suíno	620	13 820
Charque de suíno	246	5 540
Presunto cru	49	1 600
Presunto cozido	781	31 907
Carne verde de ovino	27 322	153 003
Couro verde de boi, vaca, vitelo	206 715	1 921 440
Couro sêco de boi, vaca, vitelo	87 501	909 950
Couro salgado de boi, vaca, vitelo	204 424	2 049 896
Pele sêca de ovino	1 438	28 760
Banha não refinada	700	20 300
Banha refinada	23 416	857 033
Toucinho fresco	124 062	2 282 741
Toucinho salgado	3 834	112 791
Salsicharia a granel	182 578	5 081 066
Sebo industrial	45 475	702 858
Total	4 074 807	66 110 620
Secundários	95 052	1 126 960
Total geral	4 169 859	67 237 580

Agricultura — Com igual significado econômico, agricultura e pecuária formam o binômio que bem caracteriza a fôrça que faz progredir o município: a agropecuária. O trigo

Microscópio eletrônico das faculdades de Medicina e Farmácia

e o arroz possuem lavouras mecanizadas, as demais são trabalhadas por processos primitivos.

Principais triticultores	*Área (ha)*
Abrahão Steinbruck & Paulo Barbosa	650
Carlos Rodrigues & Erminio Rodrigues	250
Helio Brenner	300
Abrahão Steinbruck	230
Guido Marino Mazzardi	207
Domingos Crosseti & Nelson Barros	200
Adonaldo Barbosa	150

O principal plantador de arroz, em 1956, foi Rodolfo Balki, com 85 ha; os demais plantadores não se salientam, nem pela mecanização, nem pela área plantada. A agricultura é de primordial importância na economia municipal. Os principais centros consumidores da produção agrícola do município são: a sede municipal, Pôrto Alegre e Estados do Paraná, São Paulo e a Capital Federal.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	12 600	81 900
Batata-inglêsa	11 484	33 495
Arroz	3 223	12 622
Milho	12 600	11 969

Valor total da produção: Cr$ 159 766 210,00.

Avicultura — Valor da criação Cr$ 3 900 000,00 cêrca de 80 000 aves.

COMÉRCIO — Principais comerciantes da sede municipal:

Peças e Acessórios de automóveis	12
Mercados públicos	2
Bares	205
Calçados	15
Bazares	10
Farmácias	22
Outros	96

O município mantém transações comerciais com Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande, São Paulo e Rio de Janeiro (DF).

BANCOS — Há na sede municipal 6 agências bancárias e 1 agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Cacequi, ferrov. (113 km); Cachoeira do Sul, ferroviário (114 km), rodov. (134 km), aéreo (92 km); Júlio de Castilhos, ferrov. (73 quilômetros) rodov. (62 km); São Gabriel, ferrov. (190 quilômetros), rodov. (150 km), aéreo (90 km); São Pedro do Sul, ferrov. (55 km), rodov. (46 km); São Sepé, rodov. (62 km); à Capital Estadual, ferrov. (388 km), rodov. (315 km), aéreo (265 km); à Capital Federal, ferrov. (534 km) até Marcelino Ramos. Daí até o Distrito Federal, veja-se Marcelino Ramos; rodov. (315 km) até Pôrto Alegre. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre, aéreo (265 km) até Pôrto Alegre, já descrito. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre. Outros itinerários por via aérea: Alegrete (195 quilômetros).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz. O sistema adotado é o termelétrico, inaugurado em 1897.

Santa Maria é o mais importante entroncamento ferroviário do Estado, além de ser uma das mais movimentadas cidades do interior gaúcho. Suas artérias são asfaltadas, o que lhe dá o aspecto de grande cidade. De vida estudantil movimentada, conta com Faculdades de Farmácia, Medicina e Filosofia, quando alunos de vários pontos do Estado e mesmo de outras unidades da Federação disputam as suas vagas. Seus logradouros dispõem de feérica iluminação elétrica, abastecimento de água e esgotos sanitários.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos total	270
Ruas	206
Avenidas	10
Becos e travessas	46
Outros	8

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	275 762 m²
Asfalto	167 365 m²
Paralelepípedos	600 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	31
Parcialmente pavimentados	55
Parcialmente calçados com paralelepípedos	1
Totalmente calçados com pedras irregulares	2
Parcialmente calçados com pedras irregulares	62
Totalmente asfaltados	6
Parcialmente asfaltados	15
Ajardinados	3
Arborizados	15
Arborizados e ajardinados simultâneamente	5

EDIFICAÇÕES

Número de prédios total	9 480
Zona urbana	5 156
Zona suburbana	4 324

Segundo o número de pavimentos:

Térreo	8 767
Dois pavimentos	586
Três pavimentos	104
Quatro pavimentos	13
Cinco pavimentos	4
De + de cinco pavimentos	6

Segundo o fim a que se destina:

Exclusivamente residenciais	8 049
Residências e outros fins	938
Exclusivamente a outros fins	493

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	270
Número de ligações elétricas domiciliares	7 868
Número de focos para iluminação pública	841

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	4 380 000 kWh
Da sede municipal	4 353 250 kWh
Consumo para iluminação pública	360 311 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o munic.	757 000 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	66
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	12
Consumo anual de água	2 380 000 m³

ESGÔTO

Parcialmente	50

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	1 200

Há 2 agências telefônicas e tôda a cidade é servida pela rêde (zonas urbana e suburbana). No interior do município: Arroio Grande, Camobi, Pinhal, Bôca do Monte, Arroio do Só, Silveira Martins, Dilermando de Aguiar e São Martinho.

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede municipal os seguintes hotéis: Hotel Piraju, Imperial, Novo Hotel Jantzen, Hotel Brenner, Hotel Sulbra, Rio Hotel, Hotel Tupi, Avenida Hotel, Hotel Gaúcho, Hotel Mauá Hotel Kröeff Hotel Sete de Setembro, Hotel Primavera, Hotel Internacional, Glória Hotel, Ideal, Hamburgo, Riograndense, Rosário, Ipiranga e Hotel do Comércio, cujas diárias oscilam de Cr$ 180/280,00 para casal e Cr$ 90/150,00 para solteiro. Pensões: Santa Maria, Depra, Rio, São Francisco, Medianeira, Yung, Familiar, Santo Antônio, Rio-grandense, Vargas, Sant'Ana e Pensionato Santa Terezinha, cujas diárias variam entre .... Cr$ 200/240,00 para casal e Cr$ 100/160,00 para solteiro. O pensionato é sòmente para môças.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	727
Ônibus	56
Camionetas	302
Ambulâncias	2
Motociclos	48
Outros veículos	1
Total	1 136

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	381
Camionetas	15
Fechados para transporte de mercadorias	6
Cisternas	2
Tratores	47
Não especificados	4
Total	455

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	165
Bicicletas	320
Total	485

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	570
Carroças de quatro rodas	200
Outros	518
Total	1 288

ASPECTOS SOCIAIS — Santa Maria, como a maioria das cidades gaúchas, conta com inúmeras sociedades recreativas de escol, onde se pode sentir um clima de respeito que permite a realização de festas em ambiente fraternal e acolhedor, que marcam a reunião da elite santa-mariense. Caixeiral e Comercial são as duas maiores entidades recreativas da cidade, e suas noitadas, em que o "charme" e a beleza da mulher local se aliam ao luxo no trajar, enchem de graça e encanto os salões das tradicionais sociedades.

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 72% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 73%. Em 1955, havia 184 unidades escolares de ensino fundamental comum com 14 239 alunos. Conta o município com 5 estabelecimentos de ensino superior, 5 unidades de ensino ginasial, 4 de ensino colegial, 3 de ensino pedagógico, 2 de comercial, 3 de industrial, 1 de sacerdotal e 6 de artístico.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — Circulam 2 jornais, 1 revista, 1 mensário, 1 almanaque; contam-se 25 sociedades recreativas, 18 sociedades desportivas, 6 bibliotecas (de caráter geral) com 30 506 volumes; 4 tipografias, 5 livrarias, 3 editôras e 2 estações de rádio; Rádio Imembuí Sociedade Anônima — prefixo ZYI-2, freqüência 970 kc, potência 1 500 watts, 1 tôrre irradiante, palco-auditório com capacidade para 210 pessoas, 5 microfones, discoteca com 6 920 discos, e 25 pessoas empregadas. Rádio Santamariense Lt.da, prefixo ZYU-37, freqüência 630 kc, potência 250 watts, 1 tôrre irradiante, palco-auditório com capacidade para 83 pessoas, 8 microfones, discoteca com 3 460 discos, e 17 pessoas empregadas. Há também 2 cinemas com 2 650 lugares.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Existe o Jóquei Clube de Santa Maria, que possui o prado nos arredores da cidade, com instalações apropriadas para corridas de cavalos. Não há, no município, criadores de cavalos de raça. Valor das apostas em 1956: Cr$ 24 097 014,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Em 1955, registrava-se a existência de 4 hospitais, totalizando 340 leitos, tendo sido internados 6 754 enfermos, sendo: 1 378 crianças, 1 794

homens, 3 582 mulheres. Há nos hospitais: 6 aparelhos de Raios-X diagnóstico, 2 aparelhos de radioterapia, 11 salas de operação, 4 salas de parto, 5 salas de esterilização, 2 laboratórios, 3 farmácias e 1 gabinete dentário. Em 1956 o número total de leitos foi elevado para 540. Há 1 Pôsto de Saúde e 10 ambulatórios. Exercem a profissão, no município, 41 dentistas (21 são formados e os outros, práticos licenciados), 72 médicos e 16 farmacêuticos (dos quais 11 diplomados).

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — 20 mutuários, 18 de caridade e 9 asilos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 32 advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 6 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 4.ª entrância com 2 Juízes de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia; 1 Del. Reg. de Polícia; B. Militar do Estado.

PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS — 1 guarnição do Corpo de Bombeiros, regularmente aparelhada.

COOPERATIVAS — De produção — 2; de consumo — 3; de crédito — 1; total dos sócios — 21 934; valor dos serviços executados — Cr$ 428 846 232,00; valor dos empréstimos — Cr$ 3 219 100,00.

SINDICATOS — Sind. dos Empr. em Estabelecimentos Bancários; Sind. dos Empregados no Comércio; Sind. dos Empr. Comércio Hoteleiro e Similares; Sind. dos Empr. Vendedores e Viajantes do Comércio; Sind. dos Operários Gráficos; Sind. dos Marceneiros e Trab. em móveis de madeira; Sind. dos Contabilistas; Sind. dos Trabs. na Indústria do Vestuário; Sind. dos Trabs. na Indústria de Alimentação; Sind. do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios.

FESTEJOS POPULARES — Os principais festejos populares são o carnaval e as festas religiosas, realizadas, tradicionalmente, em determinados dias do ano. Procissões tradicionais no município; a procissão de "Corpus Christi", a romaria local ao Santuário de Nossa Senhora Medianeira, a Romaria Estadual ao dito Santuário e a procissão de Santo Antão Abade. Essas procissões são organizadas e realizadas de acôrdo com a prática tradicional no país. As imagens são levadas em andores, à frente da procissão. Durante o percurso, efetuado em andar lento e compassado, são entoados cânticos sacros e rezadas orações e responsos. A Romaria local ao Santuário de Nossa Senhora Medianeira, recai, todos os anos, no último domingo de maio, com exceção daqueles em que é realizada a Romaria Estadual, na data de 9 de novembro. A procissão de Santo Antão Abade, tem periodicidade anual e é realizada nos dias 8 e 17 de janeiro. Nessa procissão é feita a subida e descida do Cêrro de Santo Antão, de 280 metros de altitude, em cujo cimo foi construída a capela. Centros de Tradições e seus Tipos Tradicionais —: Há na cidade o "Centro de Tradições Gaúchas Poncho Verde", que realiza bailes com trajes característicos e músicas folclóricas do Rio Grande do Sul. Realiza também passeatas a cavalo em datas históricas nacionais e estaduais. As músicas e trajes usados em festividades dêsse Centro de Tradições são características do gaúcho sul-rio-grandense.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há no município a Base Aérea de Camobi, que serve de aeroporto para a cidade, o único do interior do Estado, que possui uma pista de concreto. A descrição e metragem da pista e outras instalações da Base, por serem do interêsse da segurança nacional, não são fornecidos por sua administração.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	7 833	15 733	7 209	2 897	7 707
1951	9 904	21 897	8 809	3 242	10 822
1952	14 131	27 947	9 177	3 557	11 569
1953	18 599	33 662	16 699	4 778	18 316
1954	27 421	39 849	14 133	5 903	22 306
1955	38 042	61 619	21 661	8 424	21 323
1956	...	...	25 200	12 562	25 200

VULTOS ILUSTRES — *João Cezimbra Jacques* — João Cezimbra Jacques nasceu em Santa Maria a 13 de novembro de 1849. Oficial do Exército e fervoroso tradicionalista, morreu na Capital do país em 1922. Fundou um centro Gaúcho em Santa Maria e o "Grêmio Gaúcho" de Pôrto Alegre, com a finalidade de zelar pelo tradicionalismo do Rio Grande. Fêz-se livre-pensador e abraçou a política positiva de Augusto Comte.

Publicou a monografia "Frases e Vocábulos do Abanenga-guarani". Escreveu ainda "Ensaios sôbre os costumes do Rio Grande do Sul" — 1833, "Assuntos do Rio Grande do Sul" — 1912, "Meditações" — 1907 e "O Direito na Sociologia" — 1917.

Como tradicionalista, Cezimbra Jacques "não pretendeu rever o passado através dos seus sucessos culminantes da história guerreira ou política".

"Sensível à alma popular, no que ela tem de mais permanente — usanças, costumes, folguedos, técnica de trabalho — Cezimbra os relatou com agudo senso documental e indisfarçável ternura".

Dom Miguel de Lima Valverde — Nasceu a 29 de setembro de 1872 em Santo Amaro, Bahia; feitos os estudos no Seminário de São Salvador, ordenou-se a 30 de março de 1895, sendo professor no mesmo Seminário até 1898.

A 19 de março de 1906 foi nomeado Cônego e a 28 de fevereiro de 1908, Vigário-Geral daquela Arquidiocese.

Foi redator do jornal "Cidade de São Salvador", deputado estadual e presidente da Câmara dos Deputados da Bahia.

Eleito primeiro Bispo de Santa Maria a 6 de fevereiro de 1911, sagrou-se a 15 de outubro e tomou posse a 7 de janeiro de 1912.

Deixou Santa Maria a 28 de maio de 1922, por ter sido promovido a Arcebispo de Olinda-Recife em 10 de fevereiro de 1922.

Administrou aquela Arquidiocese até falecer aos 7 de maio de 1951.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

Dom Áttico Eusébio da Rocha — Nasceu em Inhambupe, Bahia, a 6 de novembro de 1882. Entretanto em 1895 no Seminário Menor da Bahia teve por diretor espiritual e professor o Padre Miguel de Lima Valverde.

Tendo cursado todos os estudos naquele Seminário, recebeu o Presbiterato em 27 de agôsto de 1905, ocupando em seguida o cargo de Pároco em Castro Alves, Cachoeira e Conquista.

Era Cônego honorário desde 1915, sub-secretário do Arcebispo e Vigário da freguesia de Nazaré, quando o Consistório de 27 de outubro de 1922 o elegeu Bispo de Santa Maria.

Sagrado na Catedral da Bahia pelo Arcebispo Primaz, a 15 de abril de 1923, tomou posse em Santa Maria a 27 de maio.

Aos 17 de dezembro de 1928 foi transferido para a sede de Cafelândia, São Paulo, e, a 16 de dezembro de 1935, para o arcebispado de Curitiba, onde faleceu em 11 de abril de 1950.

(Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S.J.)

SANTA ROSA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A região onde está assentado o município de Santa Rosa foi tardiamente incorporada ao Rio Grande do Sul. Habitada por índios do grupo tape, gês guaranizados, em 1626 sofreu a influência de jesuítas espanhóis, que fundaram um cordão de reduções dos bandeirantes paulistas, de 1636 a 1638. Retornaram os jesuítas em 1682, quando fundam os Sete Povos das Missões Orientais. De 1752 a 1757 tropas espanholas e portuguêsas lutarão no sentido de expulsar os jesuítas do território à margem esquerda do Uruguai, em cumprimento do Tratado de Madrid, assinado a 13 de janeiro de 1750, por representantes dos dois países ibéricos, pelo qual a Colônia do Sacramento era trocada pelas Missões Orientais.

Os espanhóis ficaram dominando a região até 1801, ano em que Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto investem contra os castelhanos, contando tão-sòmente com 40 milicianos. A partir de então, o Estado meridional do Brasil teve asseguradas suas fronteiras atuais.

A Província das Missões passou sucessivamente pelos têrmos de Pôrto Alegre, Rio Pardo, Cruz Alta e Santo Ângelo.

Por Lei provincial n.º 835, de 22 de março de 1873, era criado o município de Santo Ângelo. Dividia-se então Santo Ângelo em quatro distritos; em 1876 o primeiro, Santo Ângelo, era desdobrado em dois com êsse nome e o outro com o de Santa Rosa.

Em 1880 Santo Ângelo perdia a área do seu 5.º distrito, São Luís Gonzaga, que se constituiu em município autônomo.

O segundo distrito, Santa Rosa, não tinha características de importância demográfica ou econômica até 1915, ano em que é criada uma Colônia com mesmo nome. Vinham elementos alemães e italianos, provenientes das chamadas Colônias Velhas, em conseqüência das necessidades de desdobramento das famílias e procura de terras novas e ricas para a agricultura.

Obedecendo a um plano governamental prèviamente estabelecido, o povoamento também fôra previsto, sendo

Vista parcial da cidade

criada a sede provisória, denominada "14 de Julho", que é hoje a cidade e sede do município de Santa Rosa. Quase metade dos povoadores era de origem germânica, seguindo-se em importância os elementos italianos, nacionais e polacos. Os nacionais eram caboclos entrosados e moradores das imediações e municípios vizinhos, que acorreram ao florescente núcleo "14 de Julho."

O povoado, edificado, a título provisório, na bacia compreendida pelos arroios Pessegueiro e Pessegueirinho, cresceu ràpidamente.

A agricultura ocupou vastas regiões até então virgens, e a assombrosa fertilidade do solo permitiu inusitadas colheitas.

Já em 30 de junho de 1919 o povoado contava 58 casas de madeira; 2 engenhos de serra a vapor e 2 a fôrça hidráulica; 2 olarias; 2 hotéis; 1 cinema — o templo católico estava em construção. A energia elétrica era produzida por uma pequena usina particular, e a população de "14 de Julho" somava 415 habitantes.

Com o tempo, foram chegando elementos de outras procedências, como russos e japonêses.

Surge o movimento emancipacionista. As colônias de Santa Rosa, Boa Vista e Guarani pedem para se constituírem em municípios. A população abrangida dentro dêsses territórios era de 35 000 habitantes; o comércio e indústria eram pujantes.

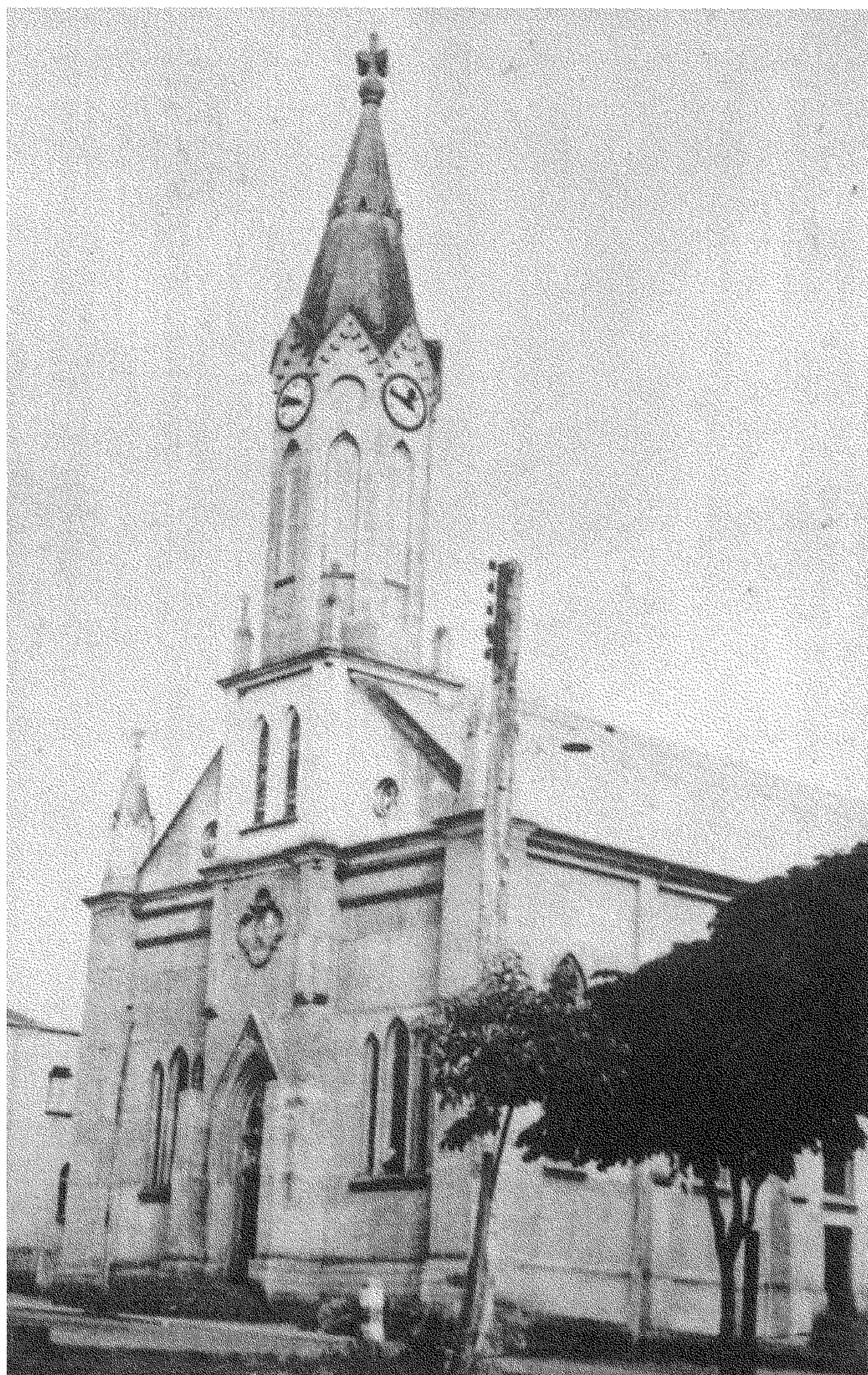
Pelo Decreto estadual n.º 4 823, de 1.º de julho de 1931 ficava criado o município de Santa Rosa, com sede em 14 de Julho, que também passou a denominar-se Santa Rosa.

O novo município prosperou ràpidamente.

No mesmo ano da criação, foram oficializadas as agências postais da cidade, Campina e Pôrto Lucena, até então dirigidas por particulares; 15 escolas estaduais e 30 municipais de Santo Ângelo passaram ao novo município.

Instalado a 9 de agôsto de 1931, foi investido das funções de Prefeito o Dr. Artur Ambros, então Chefe da Comissão de Terras e Colonização local.

A 12 de maio de 1940 Santa Rosa era ligada a Santo Ângelo, pela ferrovia, obra a cargo de Dahme, Conceição & Cia.

Pelo Censo de 1940, a população municipal era de 84 528 habitantes, dos quais 14 421 no distrito-sede. Com mais de 10 000 habitantes apareciam os distritos de Horizonte, Santo Cristo e Três de Maio, e, com mais de 5 000, o de Pôrto Lucena.

Avenida Santa Rosa

Igreja-Matriz Municipal

O município de Santa Rosa seria despojado de mais de metade da sua superfície pelo desmembramento dêsses quatro distritos, sendo que, em 1954, se emanciparam, constituindo-se em municípios: Horizontina e Três de Maio, e, em 1955, Pôrto Lucena e Santo Cristo.

Mesmo assim, Santa Rosa é município próspero, de considerável importância na economia do Rio Grande do Sul.

Gerador de municípios, exemplo de devotado trabalho agrícola, comercial e industrial, está atualmente atravessando fase de notável progresso.

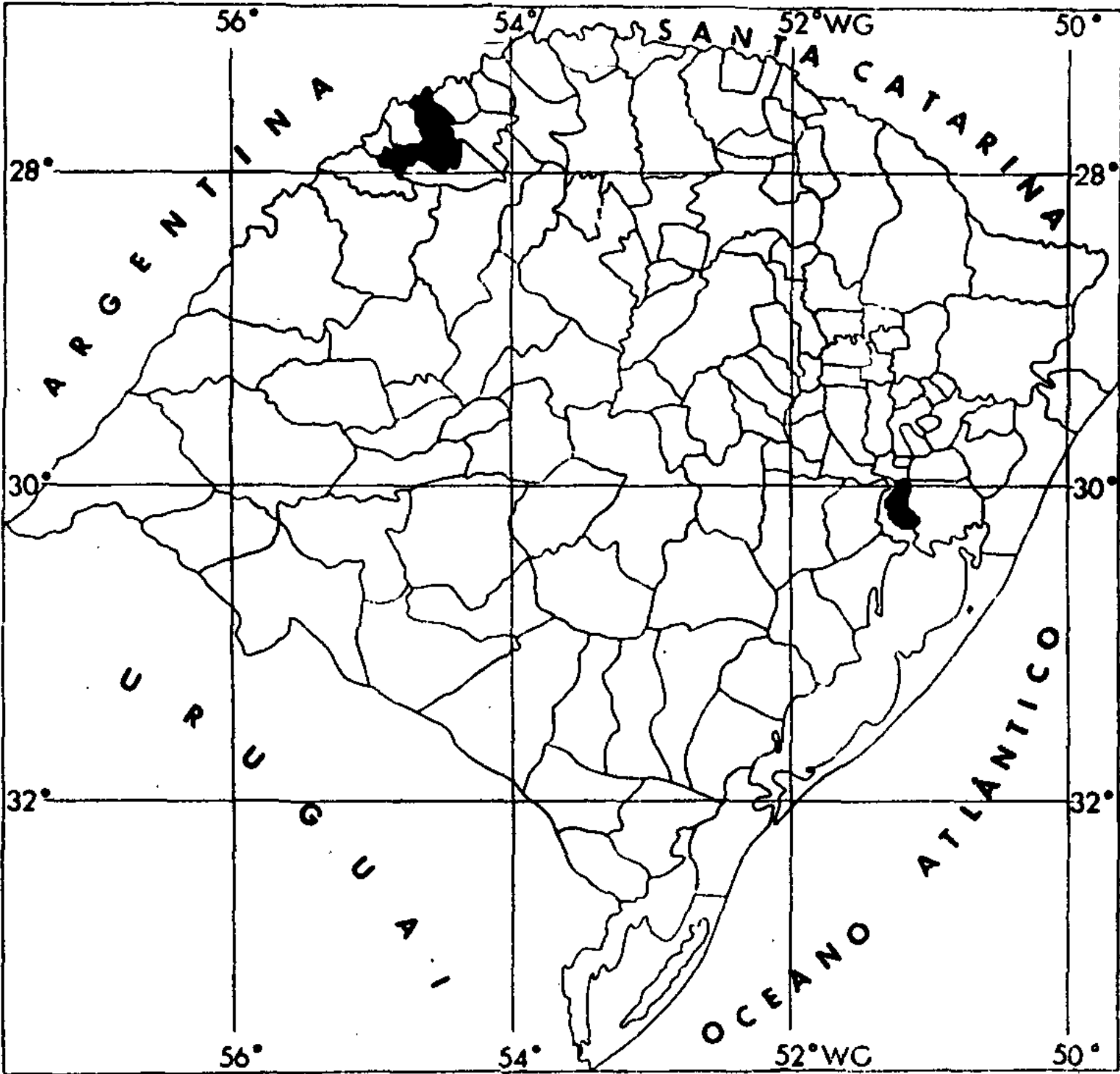
BIBLIOGRAFIA — *Município de Santa Rosa* — Vicente Cardoso. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

POPULAÇÃO — Conta o município de Santa Rosa 52 260 habitantes, localizando-se 7 220 na sede e 45 040 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 34,89 habitantes por quilômetro quadrado; 1,10% sôbre a população total do Estado; área: 1 498 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Santa Rosa; vilas: Campina, Cândido Godói, Cruzeiro, Cinqüentenário, Pôrto Mauá, Sete de Setembro, Tucunduva e Tuparendi.

Aspectos demográficos — 1956:

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santa Rosa....	2 252	25	502	342	97	1 910

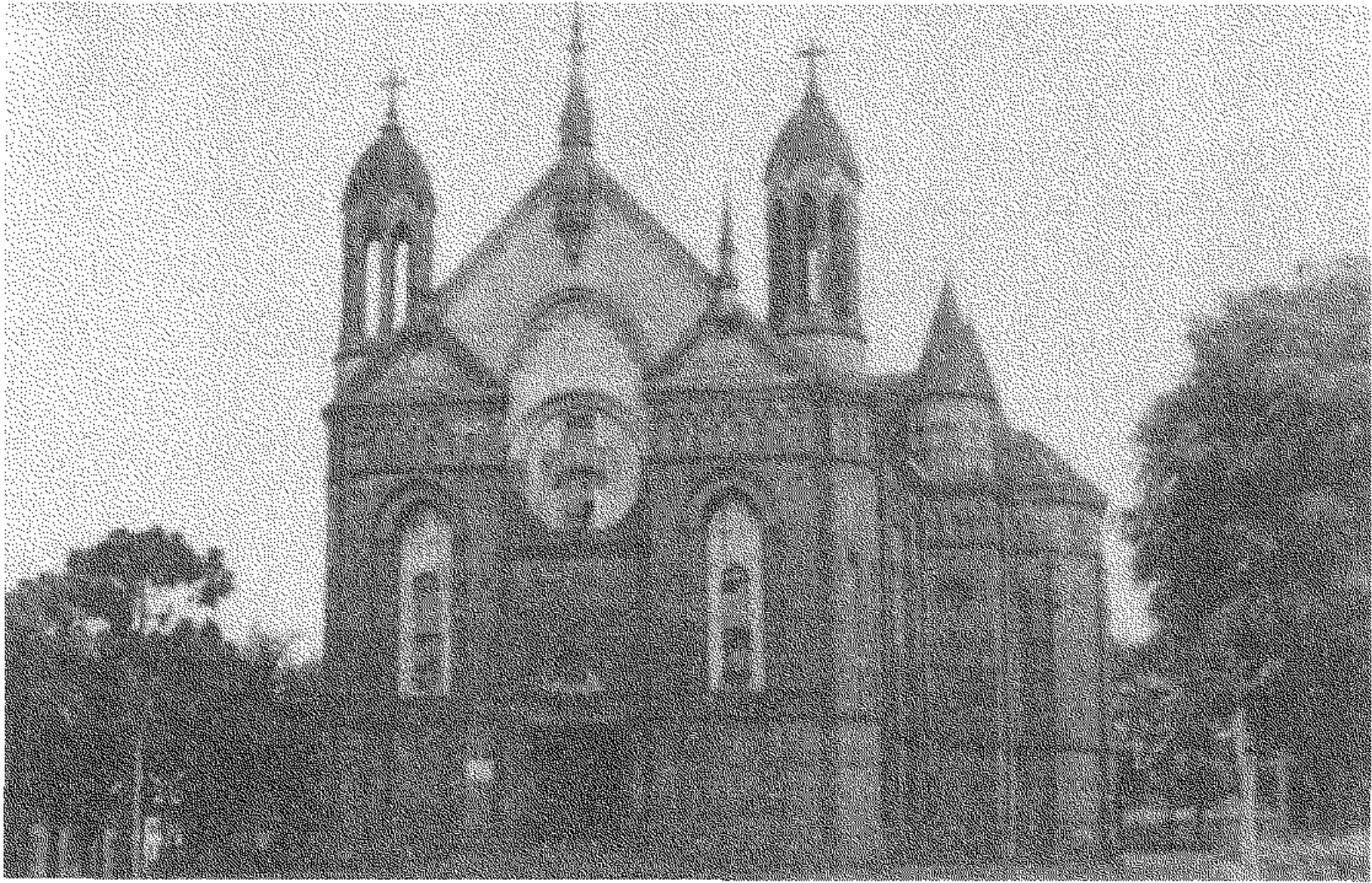
ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27° 50' de latitude Sul e 54° 20' de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.N.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 399 km. Altitude: 360 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Uruguai, Santa Rosa e Santo Cristo. Quedas de água: uma no rio Santa Rosa e outra no rio Santo Cristo. Os rios são pouco piscosos, não sendo explorada a pesca devido ao pequeno porte das espécies.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais: Cobre. Vegetais: angico, grápia, louro, ipê, cedro, tarumã, guajuvira, etc., Área das matas naturais: 187 229 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 20,9°C; mínima — 13,0°C; compensada — 18,8°C. Chuvas: precipitação anual de 2 160 mm. Geadas: ocorrem nos meses de maio a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: República Argentina; ao sul: São Luís Gonzaga; a leste: Três Passos, Giruá e Horizontina; a oeste: Santo Cristo, Pôrto Lucena e Cêrro Largo.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — A pecuária é a expressão máxima da economia do município. É de se salientar o rebanho de suínos que, em 1956, atingiu um

Igreja-Matriz de Nossa Senhora da Conceição

total de, aproximadamente, 700 000 cabeças. Quanto às raças, todo o gado criado no município é do tipo comum.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	81 900	139 230
Eqüinos	19 400	17 460
Muares	1 000	1 100
Suínos	605 500	423 850
Ovinos	6 300	1 695
Caprinos	100	15

Pastagens predominantes: grama comum.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Carne verde de bovino	1 988 830	31 392 370
Carne verde de suíno	628 280	10 604 704
Carne salgada de suíno	204 490	5 149 030
Carne defumada de suíno	7 568	191 585
Carne verde de ovino	627	5 016
Carne verde de caprino	20	160
Couro verde de boi, vaca, vitelo	37 520	206 360
Couro sêco de boi, vaca, vitelo	57 450	586 030
Couro salgado de boi, vaca, vitelo	177 990	1 256 930
Couro salgado de suíno	71 077	1 181 398
Pele sêca de ovino	33	495
Pele sêca de caprino	1	12
Banha refinada	704 952	21 648 282
Toucinho fresco	429 505	9 212 381
Salsicharia a granel	254 072	7 708 005
Sebo industrial	1 201	17 190
Total	4 563 616	89 159 948
Secundários	134 566	841 203
Total geral	4 698 182	90 001 151

Agricultura — As lavouras são cultivadas por processos ainda muito rudimentares. No entanto, de uns tempos a esta parte, a sua mecanização toma incremento com resultados altamente compensadores. A agricultura está situada em segundo plano na economia do município. Os principais centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

Prefeitura Municipal

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Milho	58 050	145 125
Soja	59 784	119 568
Mandioca	182 200	90 800
Fumo	3 716	28 733

Valor total da produção: Cr$ 505 888 350,00.

Indústria — Santa Rosa conta com 543 estabelecimentos industriais, mantendo a média mensal de 1 446 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 174 628 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: Indústrias alimentares, 53,7%; Indústria de bebidas, 3,4%; Indústria da madeira, 15,4%; Transf. de produtos minerais, 9,7%; couros e produtos similares, 1,7%; Indústrias Químicas e Farmacêuticas, 6,9%; Indústrias metalúrgicas, 0,2%; Indústria de mobiliário, 1,0%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 1,3%.

Cultura do Trigo

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Fábrica de Moinhos Santa Rosa Ltda.	Trilhadeiras
Vva. Ferner & Cia. Ltda.	Óleos vegetais
Mattiazzi Seger & Cia. Ltda.	Amido
Irmãos Meyer Ltda.	Manteiga
Albino Schadech & Cia. Ltda.	Farinha de trigo
Goetens & Cia. Ltda.	Fábrica de gaitas

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	113
Ferragens	2
Fazendas	10
Armarinhos	5
Calçados	3
Rádios e refrigeradores	2
Móveis	2

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Pôrto Alegre, São Paulo, Caxias do Sul, São Leopoldo, Rio Grande, Pelotas, Ijuí e Santo Ângelo.

Conta o município com 4 agências bancárias, 1 correspondente do Banco Nacional do Comércio e 1 agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Santo Ângelo, rodov. (65 km), ferrov. (74 km); Giruá, rodov. (29 km), ferrov. (29 km); Três de Maio, rodov. (35 km); Horizontina, rodov. (51 km); Santo Cristo, rodov. (22 km); Pôrto Lucena, rodov. (71 km); Cêrro Largo, rodov. (65 km);

Vista panorâmica da Cascata do Rio Santo Cristo

São Luís Gonzaga, via Cêrro Largo (110 km); à Capital Estadual, rodov. (634 km), ferrov. (733 km); à Capital Federal, rodov. (2 080 km), ferrov. via Cruz Alta, daí, veja-se "Cruz Alta".

ASPECTOS URBANOS — A cidade de Santa Rosa tem 26 anos de vida, como sede municipal e o povoamento da atual comuna teve origem em 1916, quando se iniciou a colonização, da mata virgem então existente. Possui iluminação elétrica, rêde telefônica, correios e telégrafos. O número de logradouros e ruas servidas pela rêde elétrica é de 65, todos na extensão total.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos total	65
Ruas	52
Avenidas	7
Travessas	3
Praças	3

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	200 000 m^2

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente calçados com pedras irregulares	7
Parcialmente calçados com pedras irregulares	19
Parcialmente arborizados	6
Arborizados e ajardinados simultâneamente	5

EDIFICAÇÕES

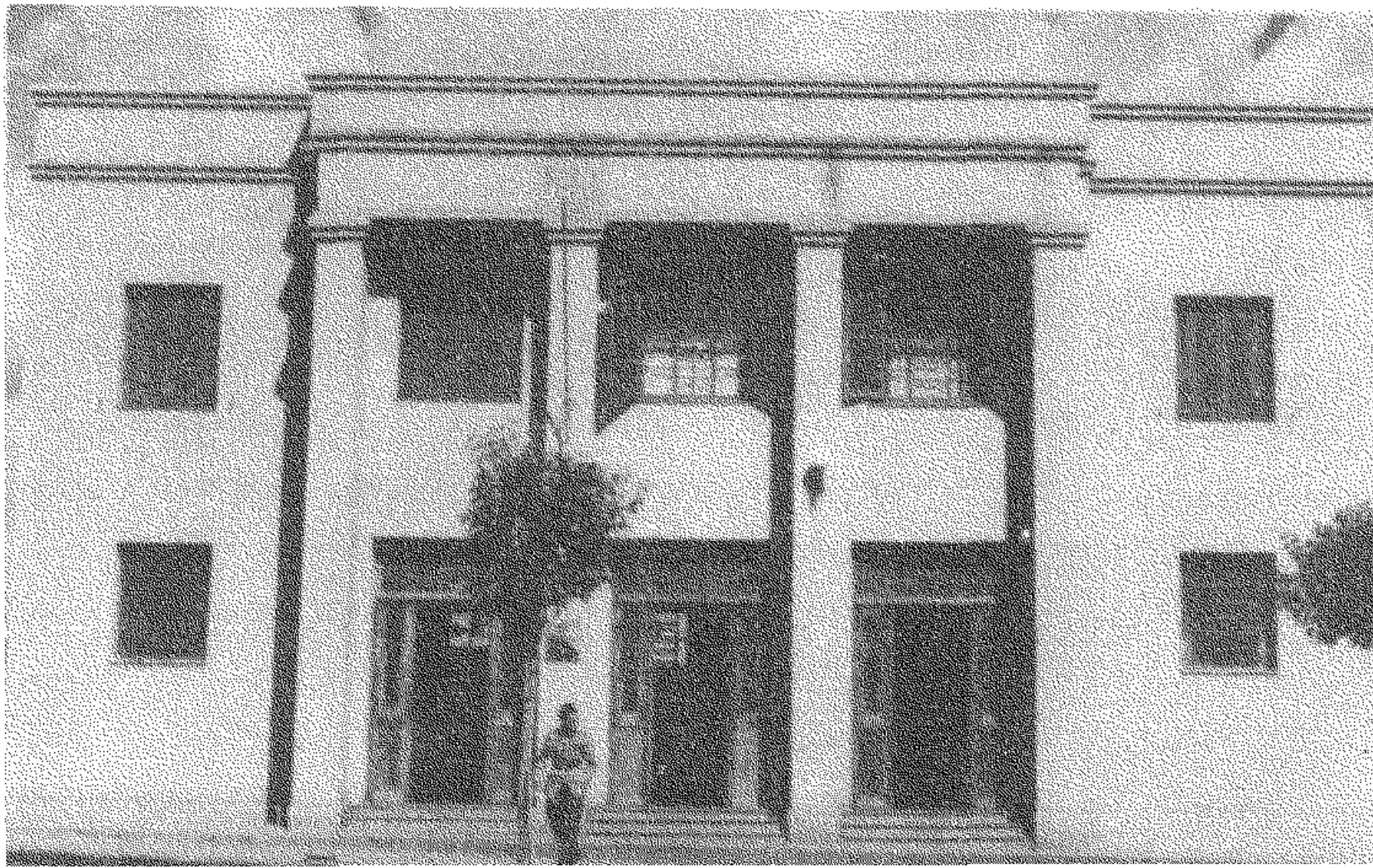
Número total de prédios	1 398
Zona urbana	1 134
Zona suburbana	264

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 346
Dois pavimentos	52

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 103
Residenciais e outros fins	179
Exclusivamente a outros fins	116

Hospital São Vicente de Paula

Agência dos Correios e Telégrafos

RÊDE TELEFÔNICA

Taxa mensal cobrada:

Residências	Cr$ 108,00
Comércio e Indústria	Cr$ 190,00

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 1 agência postal-telegráfica na sede; agências postais nos distritos de Cruzeiro, Campina, Tucunduva e Tuparendi. Postos do Correio nos distritos de Pôrto Mauá, Cinqüentenário e Cândido Godói.

HOTÉIS — Há 5 hotéis na sede municipal: Hotel Santa Rosa e Hotel Boa Vista, com diárias de Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 110,00 para solteiro; Hotel Avenida, Cr$ 210,00 para casal e Cr$ 125,00 para solteiro; Hotel Brasil, ... Cr$ 180,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro e Real Hotel Ltda., Cr$ 250,00 para casal e Cr$ 140,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	220
Ônibus	25
Camionetas	69
Motociclos	14
Total	328

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	253
Tratores	15
Reboques	1
Total	269

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	5
Carros de quatro rodas	2
Bicicletas	41
Total	48

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 74% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar é de 61%. Em 1955, havia 177 unidades escolares do ensino fundamental comum com 11 096 alunos matriculados (o município perdeu território com a nova divisão administrativa do Estado, desmembramento dos municípios de Horizontina, Pôrto Lucena, Santo Cristo e Três de Maio). Conta o município com 2 ginásios, duas unidades de ensino pedagógico e 3 de ensino comercial.

Outros aspectos culturais — Um jornal bissemanário; 10 sociedades recreativas; 7 sociedades desportivas; duas bibliotecas, sendo uma de caráter geral com 1 417 volumes e outra estudantil, com 1 263 volumes; 2 tipografias e 2 livrarias. Uma emissora radiofônica, com as seguintes características: prefixo ZYZ-2, freqüência 1 550 kc potência 100 watts na antena; 1 palco-auditório com 50 lugares, 4 microfones; discoteca de 3 939 discos; 10 pessoas empregadas; 1 cinema com capacidade para 650 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 6 hospitais com um total de 325 leitos, 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 7 095 enfermos, sendo 1 963 homens, 3 003 mulheres e 2 129 crianças. Há 8 aparelhos de raios-X diagnóstico; 1 aparêlho de radioterapia; 9 salas de operação; 5 salas de parto; 6 salas de esterilização, 3 laboratórios e 5 farmácias. Exercem a profissão 11 médicos e 6 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Associação das Damas de Caridade e Legião Brasileira de Assistência.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL — 1 veterinário.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 7 advogados.

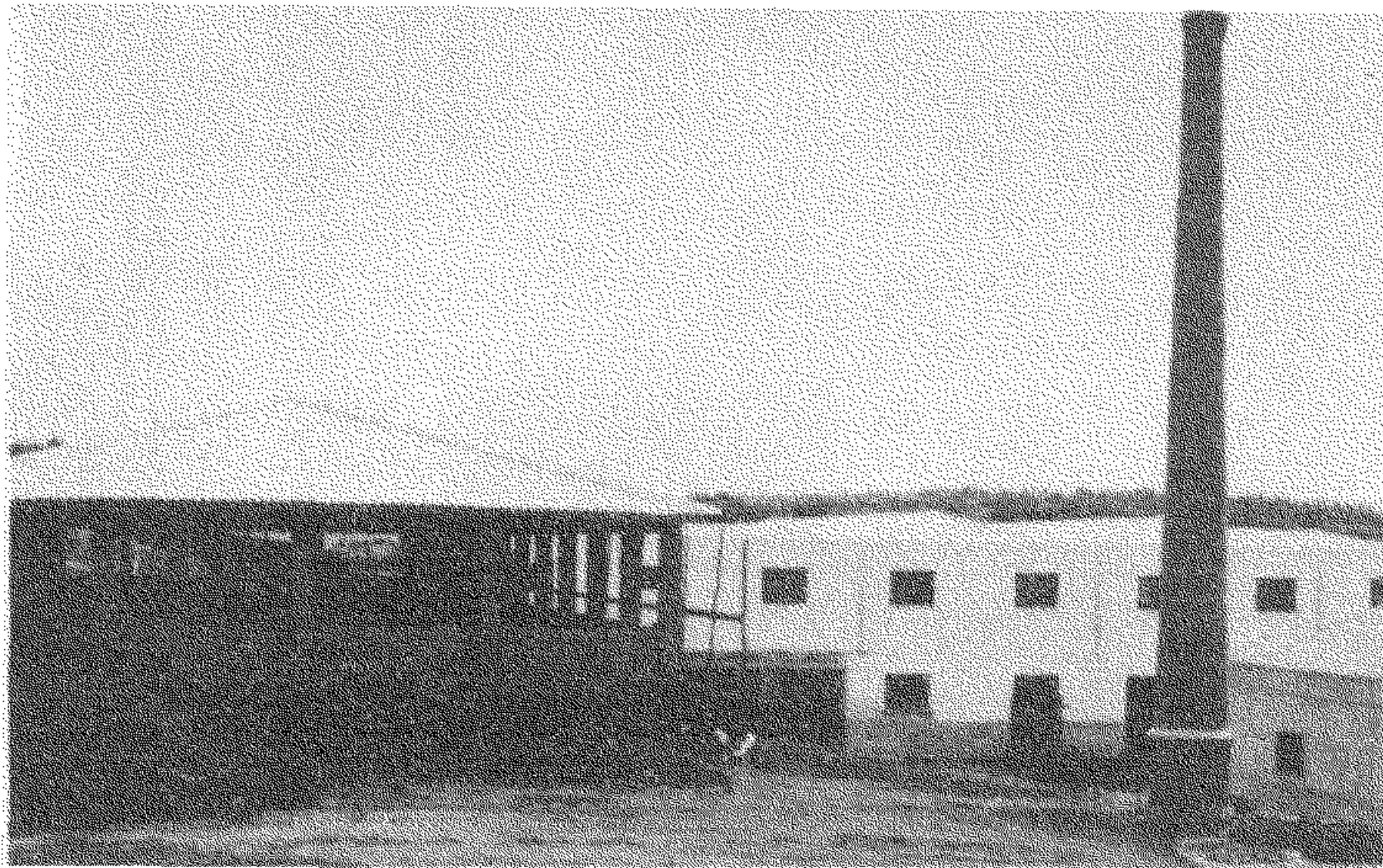
ENGENHEIROS RESIDENTES — 3 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância, com 2 Juízes de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; de Consumo — 1; de Comércio — 1; de Crédito — 1; total dos sócios — 748; valor dos serviços executados — Cr$ 2 097 000,00; valor dos empréstimos — Cr$ 200 375,00.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há em Santa Rosa, desde o ano de 1940, um campo de pouso que até 1950 foi visitado regularmente por aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN). Em 1950, a construção foi interditada para o serviço, tendo sido feitos estudos de duas modernas pistas para o serviço de aviação comercial. As obras do

Estação Rodoviária

Frigorífico Santarosense S.A. (em fase de conclusão)

aeroporto local estão quase concluídas e em breve será inaugurado. As pistas terão respectivamente 1 500 e 1 200 metros de comprimento por 140 metros de largura total, sendo de 60 metros as faixas principais.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Monumento a Cristóvão Colombo, inaugurado no ano de 1925; monumento a José Bonifácio, inaugurado no ano de 1922 e monumento ao Expedicionário Brasileiro, inaugurado no ano de 1948.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	2 933	9 408	5 974	3 861	6 358
1951.......	3 859	14 129	7 206	4 304	6 773
1952.......	6 378	16 704	8 798	5 510	8 097
9153.......	9 904	23 085	10 586	6 543	11 308
1954.......	11 078	28 560	11 672	7 088	12 052
1955.......	17 085	33 102	11 603	6 912	15 436
1956.......	24 624	40 550	16 734	8 784	17 831

SANTA VITÓRIA DO PALMAR — RS

Mapa Municipal na pág. 229 do 10.° Vol.

HISTÓRICO — O território do município está situado na Zona Fisiográfica da Costa.

Os primitivos habitantes da região foram os índios charruas que, antes da chegada dos espanhóis, ocupavam, no Novo-Mundo, uma vasta extensão de terra compreendida entre o rio Uruguai e o Oceano Atlântico.

As tribos charruas, povoando com suas barracas de couro de animais silvestres os "Campos Neutrais", viviam, ainda, em período neolítico. Êsses primitivos moradores das planícies santa-vitorienses vieram da Banda Oriental.

Em 1531, Martim Afonso de Souza naufragou nas costas do Rio Grande, perto de um arroio, perdendo a nau capitânea e 7 homens. Alguns historiadores julgam ser êste arroio o Chuí. Deixou Martim Afonso de Souza uma caravela com 30 homens, comandada por Pedro Lopes de Souza, para reconhecimento das margens daquele arroio, bem como para "assentar padrões e tomar posse em nome da coroa portuguêsa".

As lutas travadas entre portuguêses e espanhóis pela conquista da Colônia de Sacramento, fundada, por Dom Manuel Lobo, em 1680, fizeram com que os europeus atravessassem, pela primeira vez, o solo santa-vitoriense.

A 19 de fevereiro de 1737, o sargento-mor José da Silva Paes, cumprindo ordens de Gomes Freire de Andrade, capitão-general do Rio de Janeiro, penetrou na barra do Rio Grande. Silva Paes, após ocupar, para a coroa portuguêsa, a mencionada região, levantou, de imediato, fortificações que garantissem o domínio das novas terras conquistadas. Construiu-se, no atual território de Rio Grande, o forte *Jesus, Maria e José* e se iniciaram as obras do de Santana. Silva Paes mandou cavar trincheiras nas margens do arroio Taim e nas da lagoa Mangueira. Seguindo para o sul, ocupou todo o território, até o arroio São Miguel, onde construiu um forte que recebeu o nome de São Miguel, em Santa Vitória do Palmar.

A expedição de Silva Paes dividiu-se em duas partes: uma seguiu pela lagoa Mirim, numa falua, enquanto a outra marchava por terra, inclusive o comandante. Desta forma, o primeiro conquistador português que palmilhou o solo santa-vitoriense, pràticamente, também, determinou sua fronteira.

Com a finalidade de ser encontrada uma solução capaz de pôr têrmo às discórdias entre Portugal e Espanha, no continente americano, foi redigido, a 13 de janeiro de 1750, o Tratado de Madrid. Foi no decurso de apreensões e lutas cruentas que os portuguêses e brasileiros penetraram e se estabeleceram na hinterlândia rio-grandense. No tratado de Madrid foi estabelecido o princípio do "uti possidetis", que seria o mais lógico para solucionar questões surgidas entre Portugal e Espanha. Êste princípio triunfou graças aos esforços diplomático do insigne brasileiro Alexandre de Gusmão.

O Tratado de Madrid foi o primeiro em que se demarcaram por meio de balizas naturais, os limites da terra rio-grandense, ao norte, ao sul e a oeste. Foi abandonada, de comum acôrdo, por ambas as partes contratantes, a linha astronômica imaginada em Tordesilhas, pela indicação de acidentes geográficos reais, como o álveo dos rios e cumeadas das serras.

Por êste Tratado ficava fazendo parte do Rio Grande do Sul quase a metade da República Oriental do Uruguai. A Espanha estava de acôrdo, mas Carvajal Y Lencaster, abusando da confiança de Silva Teles, que assinou, sem ler, o tratado, deslocou a linha divisória para o Ibicuí e fêz outras alterações, que não estavam de acôrdo com o que tinha sido estipulado.

A côrte portuguêsa indignou-se e o escândalo foi grande, mas tudo ficou acomodado, com a intervenção da rainha espanhola que era irmã do rei de Portugal. Os limites não foram mudados, mas as outras alterações foram reparadas no Suplemento ao Tratado, de 17 de janeiro de 1751, regulando as instruções aos comissários demarcadores e nos artigos em separado do citado tratado.

Foi nomeado o capitão-general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadela, comissário português, e o marquês Val de Lírios, comissário espanhol. O comissário português partiu do Rio Grande a 29 de junho de 1752, indo acampar na guarda do Chuí. Daí partiu para Castilhos Grande, onde seria o ponto de conferências e de partida dos comissários, sendo colocado, neste lu-

Prefeitura Municipal

gar, o primeiro marco de fronteira, no dia 12 de outubro. O 2.º e o 3.º marcos foram assentados, respectivamente, na Índia Morta (ou Índios Mortos) e na serra dos Reis, mais tarde Carapé.

Não havendo Portugal aderido ao Pacto de Família firmado pelos Bourbons contra a Inglaterra, foi, em virtude disso, hostilizado pela Espanha, na Europa e na América. Pedro de Cebalos, Governador de Buenos Aires, sitiou a Colônia de Sacramento, em outubro de 1762, e a submeteu. Inutilizado pelo Exército espanhol o forte de Santa Tereza — em que consistia o maior obstáculo — os invasores levaram tudo de vencida, apoderando-se do forte de São Miguel, no dia 23 de abril de 1763, e da vila do Rio Grande, a 12 de maio. A guerra em conseqüência do Pacto de Família terminou pelo tratado assinado em Paris, em 1.º de fevereiro de 1763. Foi, então, a Colônia restituída ao domínio lusitano, tendo, entretanto, o general espanhol, contra o contratado, permanecido na vila de Rio Grande, que, sòmente, tempos depois, foi reconquistada.

Com aproximação das duas potências, foi, então, assinado o Tratado de Santo Ildefonso. Em seu preâmbulo estava declarado que êle era preliminar e serviria de base e fundamento ao Tratado Definitivo de Limites. O Tratado de Santo Ildefonso ficou sem efeito, pelos motivos seguintes: era provisório e, realizado o que nêle se estipulava, serviria isso de base a um definitivo. As demarcações não estavam concluídas em 1801, interrompidas pela guerra. Nesse ano de 1801 os rio-grandenses conquistaram o território das Missões Orientais do Uruguai.

O Cabido de Montevidéu, em 15 de janeiro de 1819, propôs a retificação da linha divisória da Capitania de Montevidéu com a do Rio Grande do Sul, com a cessão do território compreendido entre o Quaraí e o Arapeí, mediante as seguintes concessões: remissão das importâncias abonadas pelo tenente-general Lecor, para atender a necessidades públicas. Conclusão das obras do farol da ilha das Flôres. Foi aceita a proposta pelo Brasil. Os demarcadores dos novos limites foram, por parte do Rio Grande do Sul, o coronel de engenheiros João Batista Alves Pôrto e pelo Cabido de Montevidéu, Prudencio Murguiondo.

O Estado de Montevidéu, em virtude do artigo 2.º do tratado de 21 de julho de 1821, foi incorporado ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sob o nome de Estado Cisplatino, ficando os limites do Rio Grande do Sul no rio Quaraim.

Na Convenção Preliminar da Paz, de 27 de agôsto de 1828, criadora da República Oriental, não se estipularam os limites da nova República. Como fôsse ela formada pelo território da Província Cisplatina, subentendido ficava que seus limites seriam os mesmos com que fôra incorporada em 1821 à comunhão do Império.

Pelo Tratado de 12 de outubro de 1851, foram confirmados os limites da República Oriental do Uruguai traçados pelo Tratado de Incorporação de 1821. Durante a Revolução Farroupilha, o coronel Joaquim Teixeira Nunes, em 14 de dezembro de 1839, à frente de 400 fárrapos, derrota igual efetivo a mando do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, que morreu afogado, no Passo de Santa Vitória, no rio Pelotas, juntamente com 30 companheiros.

Pelo Tratado de 15 de maio de 1852, foram alterados em parte os limites da nova República. Em 22 de maio de 1852, o govêrno uruguaio nomeou seu representante o coronel José Maria Rey para a demarcação a ser feita. O demarcador brasileiro foi o tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa, Barão de Caçapava.

Durante os estudos de demarcação de limites, na fronteira extremo sul do Brasil, veio a Santa Vitória do Palmar o Barão de Caçapava, que demarcou o local para se fundar a povoação, projeto cuja realização era sonho do tenente-coronel Manoel Corrêa Mirapalheta, fato êste verificado em 19 de dezembro de 1855.

Antes de ser fundada a povoação, já o mesmo tenente-general Soares de Andrea, como governador da Província, havia sancionado a Lei n.º 176, da Assembléia Provincial, em 19 de julho de 1849, pela qual se criava a capela com a invocação de Santo Antônio do Palmar de Lemos, na costa do mesmo nome, no distrito de Taim, município do Rio Grande. Antes da denominação defintiva — Santa Vitória do Palmar — a povoação era conhecida por "Andrea", nome daquele ilustre chefe militar que fôra um dos seus fundadores e um dos espíritos mais esclarecidos do seu tempo.

O local escolhido e demarcado estava, em parte, na sesmaria de Antônio Carvalho Pôrto, que dera os necessários terrenos junto ao palmar que tomou o apelido de seu primeiro dono, José de Lemos. O têrmo de criação mostra que o nome primitivo foi Andrea sendo Santa Vitória o da padroeira.

A povoação foi criada no distrito de Taim, no lugar denominado Coxilha do Palmar de Lemos. A ata da fundação do povoado está assinada pelos seguintes senhores: Manoel Corrêa de Mirapalheta, Jacintho Dias de Oliveira, Antônio Rodrigues Corrêa, Antônio Thomaz Corrêa Vianna, Manoel José Pereira, Bernardo Rodrigues Corrêa, José Florêncio do Amaral, Marinho Corrêa Mirapalheta, Manoel Jacintho Dias, Joaquim Gomes de Campos, Norberto de Souza Leite.

A 6 de outubro de 1858 o presidente da Província, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, criou o segundo distrito de Taim, constituído pela Capela de Santa Vitória do Chuí, e a 6 de dezembro do mesmo ano foi sancionada a Lei número 417, dando foros de freguesia, com a mesma invocação, à capela de Santa Vitória.

Os limites para a freguesia foram determinados por Ato n.º 50, de 7 de fevereiro de 1859.

Pela Lei provincial, n.º 808, de 30 de outubro de 1872, sancionada pelo Presidente, Bacharel José Fernandes da Costa Pereira Júnior, foi elevada à categoria de vila a povoação de Santa Vitória, bem como criadas as funções de primeiro tabelião e escrivão do público, judicial e notas e órgãos, contador e partidores do juízo.

A instalação da vila efetuou-se em 7 de setembro de 1874. Estando presentes ao ato as seguintes pessoas: Joaquim Guilherme Martins de Freitas, presidente da Câmara Municipal de Rio Grande, fazendo as vêzes de secretário, e os vereadores: Raymundo Rodrigues Vasques, Manoel de Oliveira, José Florêncio do Amaral, Antônio Bernardo de Mendonça, Manoel Joaquim de Oliveira, Inácio de Oliveira Rodrigues e Jacintho Dias de Oliveira. Nessa mesma ocasião os vereadores acima citados prestaram juramento firmando têrmo de posse.

A primeira sessão ordinária da Câmara realizou-se no referido dia 7 de setembro, havendo logo depois da posse o "Te Deum" em ação de graça pela instalação da vila. Foram, ainda, eleitos, por unanimidade, na mesma ocasião: secretário — Gil Braz Manoel Pinto; procurador, José Maria da Rosa; fiscal, José Soares de Azambuja; guarda, Manoel Caetano da Costa.

Pela Lei n.º 1 736, de 24 de dezembro de 1893, um contingente de fôrças revolucionárias entra em Santa Vitória do Palmar e, no mesmo dia, outro ocupa a vila de Estrêla, ambas desguarnecidas.

Nesta revolução, ocasionada pelo choque entre os partidários de Júlio de Castilhos e de Gaspar da Silveira Martins, era legada a Santa Vitória uma herança de ódios e vinganças mais pessoais do que políticas, conforme aconteceu em outras regiões do Rio Grande.

Do lado republicano salientavam-se os Alves e os Centuriões. No lado federalista, Gomercindo Saraiva, que, partindo de sua estância no "Curral de Arroios", se tornaria, mais tarde, uma das figuras máximas do movimento revolucionário de 1893.

Após a Proclamação da República, excluída a "fase castilhista", Santa Vitória entrou num ambiente de paz e respeito à pessoa humana, devendo-se isto ao espírito justiceiro e equilibrado dos responsáveis pela administração e política da Comuna.

O primeiro juiz de direito foi Francisco de Paula Araújo e Silva, sendo primeiro juiz municipal, José Pope da Silva Lopes e promotor Aristides Epaminondas de Arruda. A criação da Comarca deu-se por Lei provincial n.º 1 144, de 7 de maio de 1878.

O primeiro intendente municipal foi Augusto Álvaro de Carvalho, que governou o município de 1891 a 1896. A primeira Câmara estava integrada pelos seguintes membros: José Florêncio do Amaral — presidente; Raymundo Rodrigues Vasques, Antônio Bernardes de Mendonça, Manoel Mendes de Oliveira, Ignácio de Oliveira Rodrigues, Jacintho Dias de Oliveira, Manoel Joaquim de Oliveira.

Após a revolução de 1893, um surto de progresso passou por Santa Vitória do Palmar, como se pode verificar dos dados registrados no "Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul", de Octavio Augusto de Farias. O número de prédios construídos era: em 1898, de 434; em 1900, de 502; 1905, de 585; 1911, de 598.

Alfredo R. da Costa, na sua publicação "O Rio Grande do Sul" registra a população, em 1900, de 8 970 habitantes. A população calculada em 1918 era de 12 000 habitantes. O número de prédios atinge em 1918 a 2 000, dos quais 700 na zona urbana.

Está o município situado no extremo meridional do Brasil. Em 1940, a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, identificou e determinou as coordenadas do ponto extremo sul do Brasil. Fica distanciado da Barra do Chuí, no fundo de ampla curva que faz o arroio, curva que se avista de cima das barrancas que circundam o marco número 1 da bôca do Chuí. O local é conhecido dos moradores sob a denominação de "Volta da Baleia".

Além do farol do Chuí — importante ponto fixo da região — junto ao arroio Chuí existem 2 marcos, o de Bôca e o do Passo Geral.

"A tradição local considera o marco da bôca do Chuí como um marco de limites, fantasiando, em conseqüência, linhas de fronteiras que, passando por êle, deixariam em território uruguaio as ruínas do pequeno quartel brasileiro, situado sôbre a barranca da margem esquerda do arroio. A fronteira, no entanto, sempre foi o próprio arroio Chuí".

Hoje, sua principal fonte de riqueza provém dos rebanhos ovinos e bovinos, e, na agricultura, do cultivo do arroz e do milho.

BIBLIOGRAFIA — *Monografia de Santa Vitória do Palmar* (I.B.G.E.). *A História do Rio Grande do Sul* — E.F. de Souza Docca. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

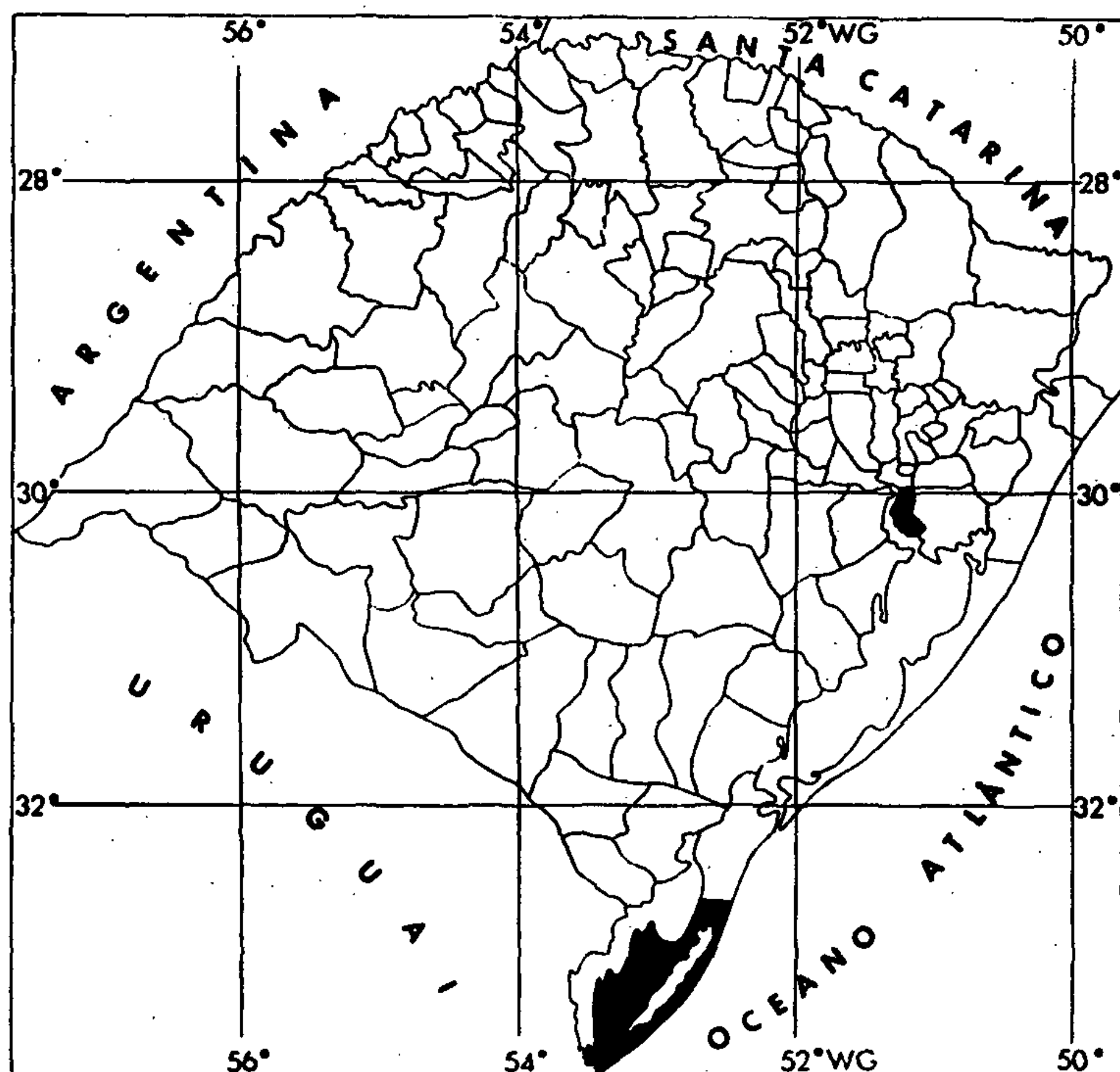
POPULAÇÃO — Conta o município de Santa Vitória do Palmar 16 570 habitantes, localizando-se 6 620 na sede e 9 950 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para ...... 1.º-1-1956); 3,47 habitantes por quilômetro quadrado; 0,35% sôbre a população total do Estado. Área 4 774 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Santa Vitória do Palmar; vila Chuí.

Aspectos demográficos — 1956:

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santa Vitória do Palmar..	347	5	105	148	42	199

Casa Rural (Associação Rural)

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 33° 31' 14" de latitude Sul e 53° 21' 47" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo S.S.W. Distância em linha reta da Capital do Estado: 469 km. Altitude 5 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Os principais acidentes geográficos do município são: lagoas — Mirim e Mangueira; arroio — Chuí, que assinala o ponto mais meridional do Brasil, identificado em 1940 pela Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, no fundo de ampla curva que faz o arroio, avistada de cima dos barrancos que circundam o marco número 1, da bôca do Chuí. O local é conhecido pelos moradores sob a denominação de "Volta da Baleia".

RIQUEZAS MINERAIS — São de autoria do Sr. R. O. Salvani, publicadas na "Pindorama Sulina", as considerações abaixo: "Para completar esta sintética, porém completa nota de geologia, indicamos, também, na carta, um ponto característico que individualiza suposta existência de uma *jazida de areia monazítica e gauconita com depósito de nafta.* Tal asserção é confirmada na existência, na referida localidade, de uma zona relativamente pequena, porém suficientemente individualizada, na qual há vegetação estéril, clorítica e xatofiláceas — e que exala um odor característico de óleos essenciais, tipo Petrolina, de marcada intensidade olfática, no período dos grandes calores e após uma chuva abundante, que não é — entende-se bem o odor azônico clássico que se determina durante e após fenômenos meteorológicos comuns. Não queremos, como técnicos, afirmar coisas nas quais não se verificou nada de científico, seja do lado da perfuração explorativa, seja das pesquisas físico-químicas e mineralógica da zona em foco, mas permitam-nos como profanos em tal campo, mas observadores minuciosos de tudo aquilo que é e que poderia se afirmar que um técnico especialista na questão, como o engenheiro italiano Targa, residente em Garibaldi (zona colonial italiana) há dezenas de anos, está procurando, sob forma legal, registrar e inscrever oficialmente no ofício geral de *mina* e *descoberta do Estado*, esta particularidade geológica e característica dêste município e que, portanto, não é sem fundamentada razão, o escrúpulo que nos leva à assinalização objetiva de tal zona, com a esperança idealística talvez, mas nem por isso menos lógica e justa — de ver amanhã efetuarem-se sondagens explorativas, para se poder com razão e direito afirmar ou negar a nossa assinalação". Como se pode ver do que acima ficou exposto, há indícios de petróleo e areias monazíticas, no município de Santa Vitória do Palmar. Tal fato, no entanto, só poderá ser negado ou afirmado através de pesquisas técnicas no próprio local.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias de temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes: máxima — 22,6°C; mínima — 12,9°C; compensada — 16,7°C. Chuvas: precipitação anual de 1 227 mm. Geadas: ocorrem nos meses de junho e julho.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Rio Grande; ao sul: República Oriental do Uruguai; a leste: Oceano Atlântico; a oeste: Lagoa Mirim.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — A pecuária é de grande importância para a economia do município, visto ser êste eminentemente pastoril.

Principais criadores: Dr. Mario Rossumano Anselmi, Dr. Rolando Rotta, Dr. Osmarino de Oliveira Terra, Orestes Patella, Alberto Donato Talayer, Dr. José Lopes Arnoni Filho, Julião Terra, Leivas Leite, Dr. Amaranto Paiva Coutinho, Lilo Arriada, Ruthe Rossumano, Dr. Analio Rodrigues Rotta, Roque Marasco, Antonio Rotta.

Importação e exportação: o município importa gado ovino e bovino, para criação, da República Oriental do Uruguai. Raças preferidas: bovinos — hereford, durhan e polled-angus; ovinos — merino, ideal e corriedale.

Tipo de pastagem: grama tapête e pastagens naturais. Mercados consumidores: Rio Grande e Pelotas.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	126 700	202 720
Eqüinos	17 900	17 900
Suínos	7 000	4 200
Ovinos	662 500	212 000

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	548 130	9 323 532
Carne verde de suíno	8 074	77 510
Carne verde de ovino	321 445	4 473 286
Couro verde de boi, vaca, vitelo	51 412	976 828
Couro sêco de boi, vaca, vitelo	63 501	1 013 022
Pele verde de ovino	24 916	323 908
Pele sêca de ovino	11 017	209 323
Toucinho fresco	11 377	163 829
T o t a l	1 039 872	16 561 238

Grupo Escolar Manoel Vicente do Amaral

Agricultura — A agricultura é bem menos significativa para a economia municipal, do qe a pecuária. A orizicultura é a principal atividade e o excelente da produção é vendido para os municípios de Pelotas e Rio Grande.

Principais orizicultores: Moacir L. Loréa, Souza & Fetter, Florindo Torres, Rubim Silveira.

PRINCIPAIS PRODUTOS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	7 200	28 200
Milho	3 000	10 000
Batata-inglêsa	1 165	5 454

Valor total da produção: Cr$ 43 654 210,00.

Indústria — Em 1955, funcionaram 14 estabelecimentos industrias, ocupando a média mensal de 42 operários; sua produção somou Cr$ 3 729 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: indústrias alimentares, 74,7%; indústria de bebidas, 1,7%; transformação de produtos minerais, 3,4%; couros e produtos similares, 6,2%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 1,8%.

COMÉRCIO E BANCOS — Estabelecimentos comerciais na sede municipal:

Secos e molhados	30
Ferragens	2
Fazendas e Armarinhos	10
Casas de móveis	2

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Prôto Alegre, Pelotas, São Paulo e Rio Grande.

Há na sede municipal 4 agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Rio Grande, rodov. (275 km); Jaguarão, lacustre (145 km), aéreo (110 quilômetros); à Capital do Estado, lacustre (463 km), aéreo (450 km) ou misto: a) rodov. (275 km) até Rio Grande e b) aéreo (260 km) ou lacustre (237 km); à Capital Federal, via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, via Pôrto Alegre, ou misto: a) rodov. (275 km) até Rio Grande e b) marítimo (1 614 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica, possuindo uma usina termelétrica inaugurada em 1908 e situa-se a 6 quilômetros da Lagoa Mirim, sendo pôrto lacustre.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	35
Ruas	27
Avenida	1
Travessas	7

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	11 000 m²
Concreto	11 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentado	1
Parcialmente pavimentados	5
Arborizado	1
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

EDIFICAÇÕES

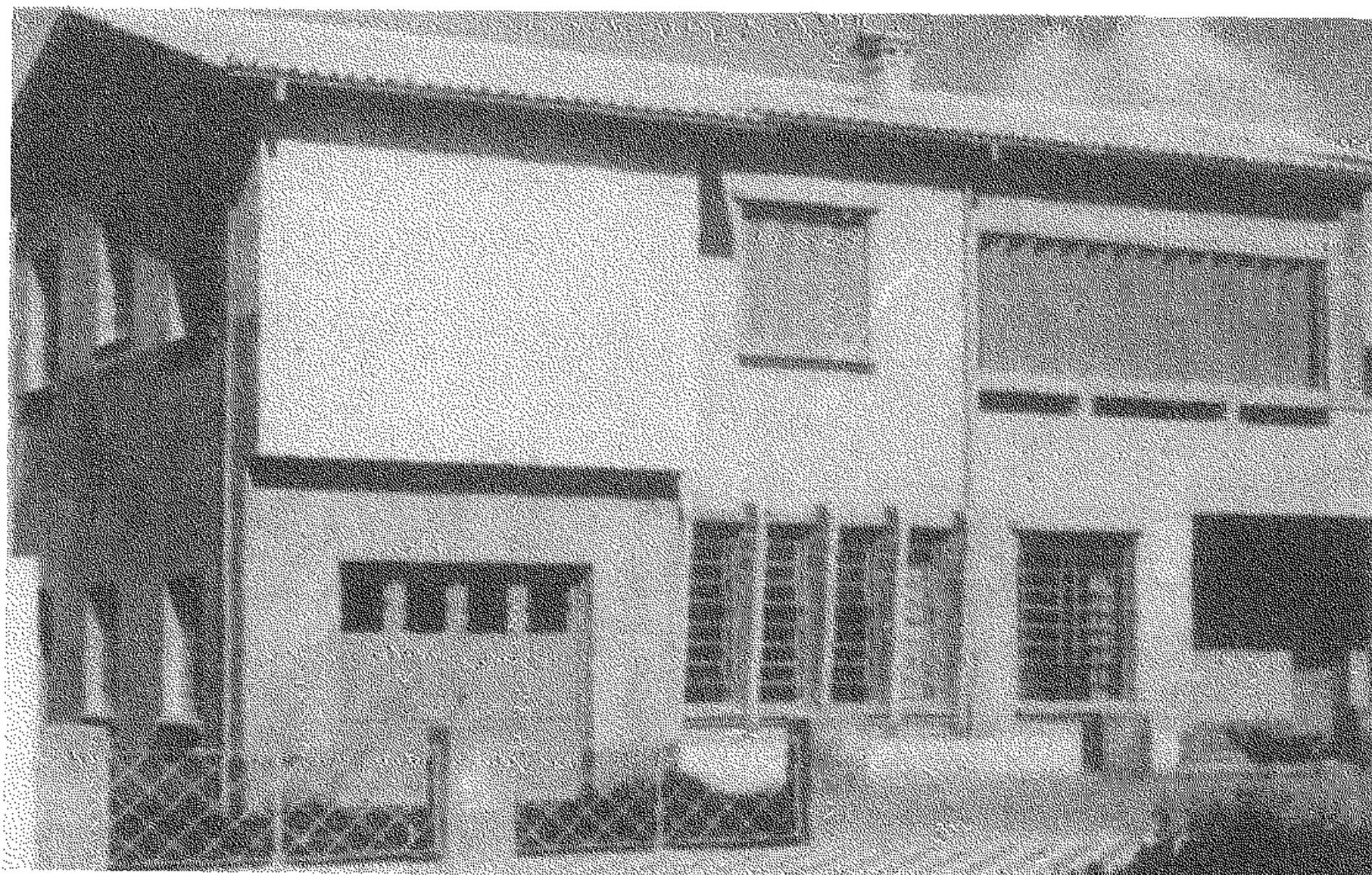
Número total de prédios	1 822
Zona urbana	1 341
Zona suburbana	481
Segundo o número de pavimentos:	
Térreo	1 808
Dois pavimentos	14
Segundo o fim a que se destina:	
Exclusivamente residenciais	1 649
Residências e outros fins	146
Exclusivamente a outros fins	27

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	34
Número de ligações elétricas domiciliares	820
Número de focos para iluminação pública	300

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Da sede municipal	80 000 kWh
Consumo para iluminação pública	22 000 kWh

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — 2 agências do Departamento dos Correios e Telégrafos.

Inspetoria Veterinária

HOTÉIS — Há na sede sòmente um hotel com as seguintes diárias: Cr$ 340,00 para casal e Cr$ 180,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	293
Ônibus	6
Camionetas	5
Motociclos	8
Total	312

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	56
Camionetas	19
Fechados para transporte de mercadorias	3
Tratores	50
Reboques	10
Total	138

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	989
Bicicletas	139
Total	1 128

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	1 176
Carroças de quatro rodas	10
Outros	5
Total	1 191

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 64% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas, é de 45%. Em 1955 havia 37 unidades escolares de ensino fundamental comum com 1 853 alunos matriculados. O município conta com um ginásio.

Outros aspectos culturais — Circulam no município 2 jornais semanários; contam-se 3 clubes recreativos, 4 clubes de futebol, 3 tipografias, 1 livraria e 2 bibliotecas de caráter geral com um total de 1 400 volumes. Foram iniciados os trabalhos de instalação de estação de rádio, para breve inauguração. Existem 2 cinemas, sendo um na sede, com capacidade para 740 pessoas, e um na vila do Chuí, para 335 lugares.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Há na cidade uma cancha reta onde são realizadas corridas de cavalo. Trata-se de uma cancha muito bem organizada com boas instalações. Principais criadores de cavalos de raça: Orestes Patella, José Nestor Silva, Arnaldo Donato, Analio Rodrigues Rotta e José Francisco Pereira. Durante o ano de 1956, realizaram-se 28 corridas, com um movimento total de apostas no valor de Cr$ 1 349 240,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão, no município, 7 médicos e 5 dentistas. Em 1955 dispunham os moradores de 1 hospital, com 92 leitos, tendo sido internados 1 146 enfermos, assim discriminados: 369 crianças, 223 homens e 554 mulheres. Possuía o hospital 2 salas de operação, 1 sala de parto, 1 de esterilização, 1 laboratório e 1 farmácia. Um Pôsto de Saúde.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — 1 Asilo e 1 creche.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 8 advogados residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de consumo — 1; de comércio — 1; total de sócios — 436; valor dos serviços executados — Cr$ 46 849 271,00.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há no município 1 campo de pouso com 3 pistas de grama com a seguinte metragem: uma de 900 x 60 metros, outra com 870 x 80 e a terceira com 800 x 80 metros.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Obelisco comemorativo do Centenário Farroupilha; Marco do Cinqüentenário da cidade; Monumento ao Expedicionário.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	962	3 436	2 102	717	2 325
1951	1 196	5 688	2 219	812	3 050
1952	1 526	4 709	2 396	713	2 867
1953	2 356	6 704	4 004	1 562	4 210
1954	3 937	10 175	3 950	1 580	4 372
1955	4 459	12 945	4 875	2 948	6 209
1956	6 638	19 476	7 553	2 876	6 631

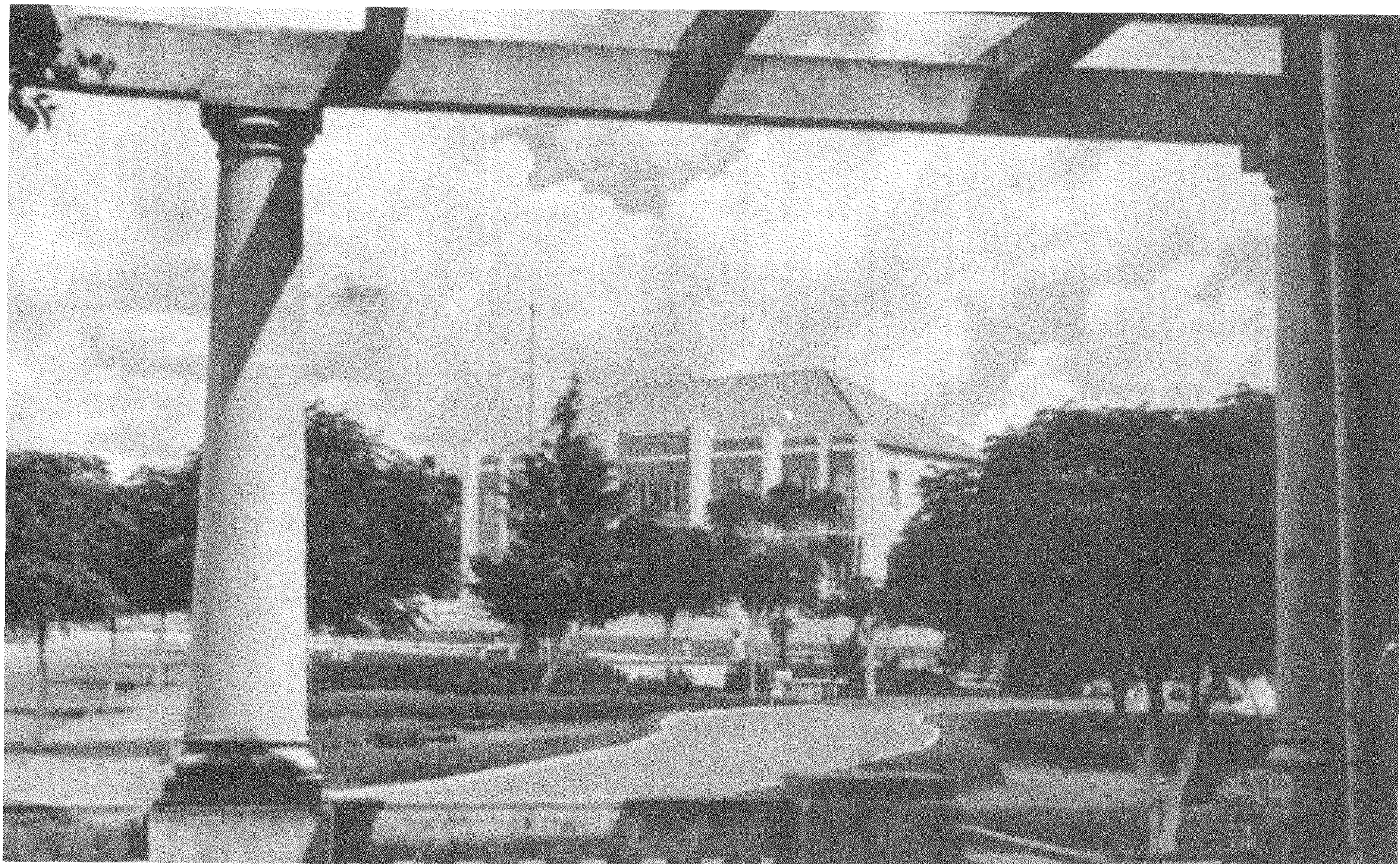
SANTIAGO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na chamada Zona das Missões.

Com quase 500 metros de altitude, na latitude de .... 30º 29' 30", longitude de 10º 49' 36", situa-se a cidade de Santiago num cruzamento de estradas. Estas, ao tempo das sete reduções missioneiras, procurando um declive de descida menos áspera na Serra de São Xavier para a região da Campanha, encontraram a chapada do Boqueirão, ladeada a variáveis distâncias, de arroios, de escarpas e serranias — El Boquerón de Las Sierras.

Da elevação em que assenta, partem as duas mais remotas nascentes do Curussu e do Itu, separadas as respec-

Vista parcial da Avenida Getúlio Vargas

Praça Franklin Frota

tivas fontes iniciais por espaço não maior de três quilômetros. É justamente aí que começa o Boqueirão, a coxilha sêca que se prolonga até as terras arenosas e baixas de São Francisco de Assis, já no vale do Jaguari-Grande.

De modo que as tricentenárias estradas jesuíticas, chegadas à altura dêste divisor de águas, confluíam na estrada-tronco do Boqueirão até atingir o Passo Novo, no Ibicuí. Vadeando-o, aquela atividade evangelizadora e pastoril das Reduções encontrava as numerosas estâncias de incontáveis rebanhos de que se abasteciam os Sete Povos. Era natural que esta encruzilhada no deserto, esquina de caminhos, ângulo obrigatório dos itinerários, aonde arribavam as tropas fronteiriças, marchando daí para destinos divergentes, se fôsse assinalando como uma sede provisória de pouso, um ponto de referência, um local de primários recursos e ajuda, de que foram réplicas as "invernadas" portuguêsas ao longo da costa atlântica, nas viajadas tropeiras do Sacramento para Laguna, para Sorocaba e para as Minas.

Datam daí, talvez, os primitivos ranchos de campeiros meio nômades, postados num sítio propício de trabalho eventual, de vaqueanos, de changadores, prontos a se engajarem nas guerrilhas, nos pastoreios e nas rondas, ou na faina coureadora das vacarias. Ao contrário do que em tantos lugares sucedeu ali não ficou nenhum nome guarani. Coube êste privilégio ao pioneiro Santiago, de desconhecidas origens (sacramentano, paulista ou viamonte?) que acampou e se fixou na ponta de um capão a duas léguas do local. Hospitaleiro, galpões abertos na rota dos andantes, pastagens franqueadas ao reponte das tropas, deu o nome ao lugar — Boqueirão do Santiago.

Don Frutuoso Rivera, em 1828, invadindo as missões pelo Mariano Pinto no Ibicuí, fêz galopar uma vanguarda para "El Boquerón de Las Sierras", onde sabia acampar forte contingente de observação. Senhor dêste ponto-chave, teria livres como os teve, os caminhos de Leste — para Santo Antônio do Curral das Tunas, para Santo Inácio, para Cruz Alta, para Passo Fundo. Porque, elevação culminante, encruzilhada dominadora de rumos, constituía, por certo, êste entroncamento um estratégico objetivo militar de real valor para aquelas guerras de cavalaria...

Com a dominação portuguêsa as longas caravanas de carrêtas entre os Sete Povos e o Rio Pardo, nos primeiros tempos, evitando a impraticabilidade da Serra de São Martinho e as planuras alagadiças do Rincão da Cruz, desfilavam pela estrada jesuítica do Boqueirão até São Francisco de Assis a oeste, de onde infletiam para o sul.

Em 1834, o celebrado escritor e, mais tarde, cônsul francês, Arsène Isabelle, valendo-se de um dêsses comboios partido de São Borja, aqui chegou na noite de 13 de fevereiro. Diz o escritor: "Na noite de 13 de fevereiro chegamos a uma região de Cima da Serra, Boqueirão de Santiago a mais ou menos 13 léguas do rio Iguariaçá. Três chácaras ou estâncias à entrada de um vale arborizado, onde corria um límpido regato (a nascente do Itu) e alguns animais que pastavam nas planícies onduladas formavam uma paisagem animada. E aí ficamos quatro dias para consertar os eixos quebrados". Essas chácaras e estâncias deveriam situar-se a oeste da atual estrada São Borja—cidade de Jaguari, porque a leste estendiam-se os vastos latifúndios de Inácio Gomes dos Santos, cujo rodeio mais distante da es-

Igreja-Matriz Municipal

tância coroava o tôpo da coxilha onde hoje está a praça principal da cidade.

Como era usual nas concessões de terras, as sesmarias tinham por limite, muitas vêzes, um largo trecho de estrada geral.

A êsse tempo, e o foi até 1858, era apenas o distrito de São Xavier do município de São Borja. Depois dessa data, o distrito ficou pertencente ao município de Itaqui, com a mesma denominação.

O historiador Hemetério Velloso da Silveira, passando por essas paragens em 1856, fêz parte da comissão de moradores incumbida de ir à estância do velho Gomes pedir-lhe a cessão da coxilha de seu rodeio para a ereção da capela e o traçado da vila. Deferida a petição e executado o plano de urbanizar regularmente a paragem, fundava-se assim extra-oficial e cristãmente sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição — Povinho do Boqueirão de Santiago. O mesmo Velloso aqui passando outra vez em 1865, encontrou um núcleo de quarenta casas.

O primeiro intendente municipal de Santiago foi o coronel Jerônimo Fernandes de Oliveira. A câmara municipal estava integrada pelos seguintes vereadores: Joaquim Ilha da Fontoura, Albino Garcia da Rosa, Joaquim Ramos e Manoel Soares de Athaydes.

Em 1856, foi erigida a primeira capela, sendo elevado à categoria de freguesia em 26 de dezembro de 1886. Durante a revolução de 1893, travou-se em Santiago a batalha do Carovi. A Divisão Norte foi informada de que Gumercindo Saraiva tinha passado, com forte contingente, entre os municípios de Cruz Alta e Santo Ângelo, e saiu-lhe em perseguição. As fôrças dêste caudilho tinham sido engrossadas pelas da Brigada Missioneira. A 10 de agôsto de 1894, logo à junção das tropas federalistas, travou-se, próximo ao capão do Carovi, cruenta escaramuça, entre as fôrças comandadas pelos coronéis Fabrício Pillar e Bento Pôrto, da facção legalista, e as de Dinarte Dorneles e Aparício Saraiva, da revolucionária.

Esperava-se para o dia seguinte uma grande batalha. Os efetivos dos revolucionários elevavam-se a 4 000 homens. A Divisão do Norte achava-se acrescida da tropa do coronel Manoel do Nascimento Vargas e de dois regimentos da Brigada Militar.

Gumercindo Saraiva, ao fazer um reconhecimento no campo de batalha, foi ferido mortalmente por uma descarga. Com êsse fato houve um desânimo completo na coluna federalista.

Dinarte Dorneles, com a Brigada Missioneira, seguiu rumo à fronteira Argentina. Mas, antes de se homiziar na vizinha república, teve que lutar, na localidade de Laranjeira, contra a Divisão do Norte, sob o comando do general Pinheiro Machado. Morreu, neste combate, o coronel Fabrício Saraiva, que muito se tinha destacado, por sua bravura, nessa revolução.

Aparício Saraiva retirou-se para o sul, perseguido pelo general Lima. Atacou Cruz Alta, tomando uma parte da cidade, sem contudo apoderar-se dela, devido à enérgica resistência oposta pelo coronel José Gabriel.

Seguiu, então, o caudilho, ao Alto Uruguai, lutando com a vanguarda da Divisão na localidade de Campo Novo, emigrando logo a seguir para a República Argentina, com os restante das tropas que estiveram sob o comando do famoso Gumercindo Saraiva, cujos restos mortais foram inumados no cemitério de Santo Antônio, nesse município.

Durante a revolução de 1923 travaram-se vários combates em seu solo.

Em 23 de junho a vila de Santiago do Boqueirão é inteiramente ocupada por um pequeno grupo rebelde, sob o comando de Tamaris Machado.

Em 17 de julho, as fôrças rebeldes, sob o comando do capitão Mário Alves Garcia, cercavam a vila, defendida pelo coronel legalista Lucas de Araújo Oliveira, não conseguindo tomá-la.

Em 4 de outubro, o coronel Mário Alves Garcia, da facção rebelde, ocupa a vila, depois de ter sido abandonada pelas fôrças legalistas.

Em 6 de outubro de 1923, o chefe rebelde Honório Lemes penetra na vila. Em 9 de outubro, o general Flôres da Cunha aproxima-se da sede municipal, com sua tropa governista.

O município de Santiago foi emancipado pela Lei provincial n.º 1 427, de 4 de janeiro de 1884, e instalado em 25 de agôsto de 1884.

A principal fonte de riqueza do município assenta na criação de gado bovino e ovino, seguida da cultura do trigo e milho.

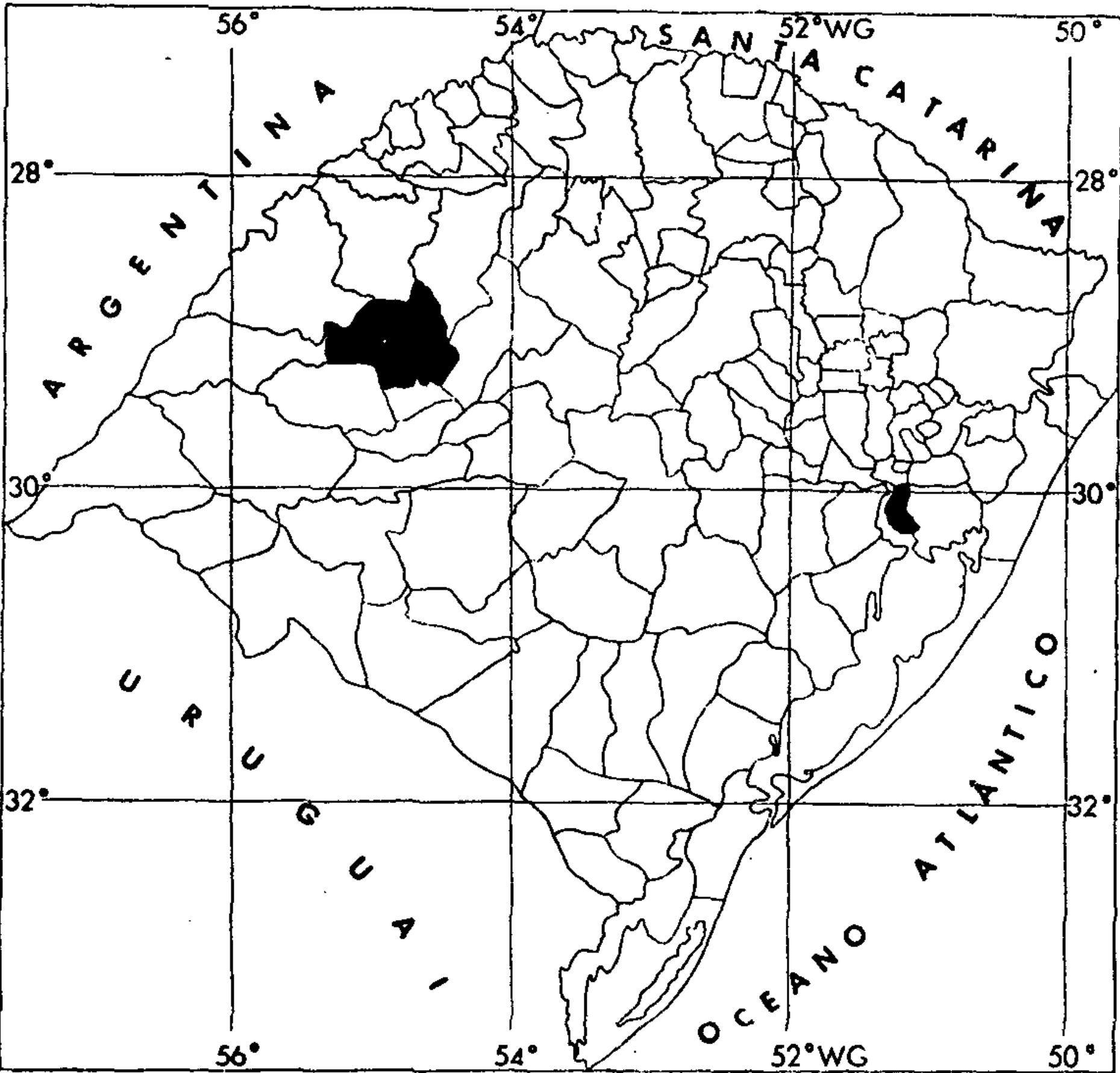
BIBLIOGRAFIA — Dr. Aureliano de Figueiredo Pinto (Artigo). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*.

POPULAÇÃO — Conta o município de Santiago 34 830 habitantes, localizando-se 10 990 na sede e 23 840 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 8,72 habitantes por quilômetro quadrado; 0,73% sôbre a população total do Estado; área: 3 993 quilômetros quadrados.

Aglomerados rbanos — A cidade de Santigo. Vilas de: Ernesto Alves e Florida.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santiago.......	911	27	261	272	81	639

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29.º 11' de latitude Sul e 54º 53' 10" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.N.W. Distância da Capital do Estado 366 km em linha reta. Altitude: 439 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município é banhado pelos rios Itu, Icamaquan, Itacurubi e Jaguarizinho, todos tributários da bacia do Uruguai; é atravessado na sua parte sul-oeste, pela ramificação da Coxilha Grande, denominada serra de São Xavier ou Iguariaçá, tendo como ponto culminante o cêrro Chato com cêrca de 800 metros de altitude. No município existem: a cachoeira do Pilão D'água, com um potencial de 400 H.P., situada no arroio São Lucas, e a Queda do Segrêdo no rio Jaguari, cujo potencial é estimado em cêrca de 2 000 H.P. Os rios da comuna são relativamente piscosos onde se notam as seguintes variedades de peixes: dourado, traíra, bagre, grumatã e acidentalmente, piracanjuba. A pesca não é explorada comercialmente.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes: máxima — 23ºC; mínima — 13,6ºC; compensada — 19,1ºC. Precipitação anual das chuvas: 1 208 mm. Geadas: ocorrem nos meses de abril e maio. O clima é temperado.

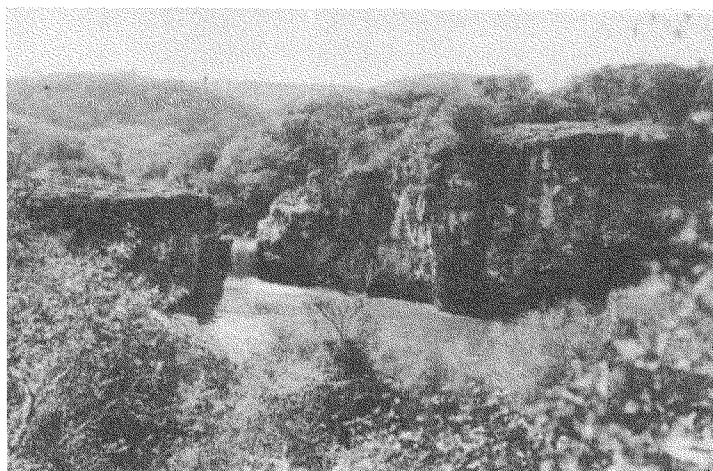
LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: São Luís Gonzaga; ao sul: São Francisco de Assis e Jaguari; a leste: Santo Ângelo e Tupanciretã e a oeste: Itaqui e São Borja.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — Bastante desenvolvida, possuindo bons rebanhos bovinos e ovinos. Santiago caracteriza-se pela atividade pastoril.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	192 800	327 760
Eqüinos	23 100	20 790
Asininos	400	360
Muares	1 300	1 430
Suínos	25 000	17 500
Ovinos	130 000	37 700
Caprinos	5 700	855

As raças preferidas são: Bovinos — zebu, charolesa, polled-angus, jérsei e holandesa. Ovinos — cruza merino, corriedale e rambouliet. Suínos — mestiçagem de duroc jérsei e carunchinho. Muares — espanhola. Cavalares — crioula, árabe e inglêsa. Quanto aos tipos de pastagem, predomina no município a natural, existindo, entretanto, pequenos redutos de pastagens *artificiais*. As pastagens naturais são constituídas normalmente de grama comum, grama

Monumento da Padroeira de Santiago, N.ª S.ª Imaculada Conceição

Vista da queda do Pilão d'Água

forquilha, flexilha e grandes manchas de campos finos com trevo na zona noroeste do município. Os principais mercados consumidores dos produtos pecuários da comuna, são: Pôrto Alegre, Rio Grande, Novo Hamburgo, Livramento, São Leopoldo. Tratando-se de município essencialmente pastoril, na pecuária reside sua maior fonte econômico-financeira. Os principais criadores do município são: da raça indiana, Sylvio Ferreira Aquino (Fazenda da Árvore); das raças européias, Otaviano Pereira dos Santos, (Fazenda da Figueira); Amália Pereira do Nascimento (Fazenda Boa Vista) e outros em menor escala.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	875 920	13 996 008,00
Carne verde de ovino	91 960	1 103 520,00
Carne verde de caprino	6 450	51 600,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	159 851	1 707 736,00
Pele sêca de ovino	4 840	77 440,00
Pele sêca de caprino	323	4 522,00
Toucinho fresco	76 415	1 513 017,00
Total	1 292 669	19 376 763,00

Agricultura — É regularmente desenvolvida, tendo maior destaque a triticultura. Em 1955, as maiores produções foram:

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	3 840	26 880
Milho	3 264	8 704
Batata-doce	1 840	3 680
Mandioca	1 440	2 880

Valor da produção: Cr$ 52 677 750,00.

Em 1956, devido ao aumento das áreas cultivadas, iniciou-se a mecanização da lavoura, com maior intensidade.

Principais agricultores		*Área cultivada*
Alexandre Hugo G. Monteiro	Linho	250
Batista Bnonotto Sobrinho	Trigo	200
Oswaldo Khun	Trigo	300
Rubem Machado Lang	Trigo	180
Sadi Gomes de Brum	Trigo	175
Sadi Pereira da Costa	Trigo	300

E outros com menor área.

Os principais produtos cultivados são: arroz, feijão, linho, mandioca e trigo, todos consumidos no próprio município, exceção feita para a parte do trigo e a produção de linho que são vendidas a firmas da Capital do Estado.

Indústria — Em 1955 contava Santiago com 47 estabelecimentos, ocupando em média 133 operários mensalmente, somando a produção total em Cr$ 13 089 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: ind. alimentares, 57,9%; de bebidas, 6,2%; da madeira, 12,9%; transformação de produtos minerais, 4,2%; couros e produtos similares, 2,2%; mobiliário, 4,9%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 4,9%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	58
Ferragens	2
Armarinho	5
Casa de móveis	3
Casas que vendem rádio	4
Casas que vendem eletrolas	2
Casas que vendem refrigeradores	2

As cidades com as quais o município mantém relações mercantis são: Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Rosário do Sul, Livramento, Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Santo Ângelo, Santa Rosa e Ijuí.

Há no município uma agência do Banco do Brasil S. A.; uma do Banco do Rio Grande do Sul S. A. e outra do Banco Nacional do Comércio S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se às cidades vizinhas de Jaguari: rodov. (57 km), ferrov. (62 km); São Francisco de Assis: rodov. (66 km). São Luís Gonzaga: misto: rodoviário (132 km), ferrov. (116 km); São Borja: misto: rodov. (160 km) ferrov. (159 km); Tupanciretã: rodov. (168 km); Santo Ângelo: rodov. (226 km); Itaqui: rodov. (235 km); Capital Estadual — misto rodov. (585 km) ferrov. (572 km); Capital Federal — Via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — Santiago é servida de energia elétrica e pertence à zona missioneira do Rio Grande do Sul.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	46
Ruas	43
Avenidas	2
Travessa	1

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Cascalho	81 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Arborizado	1
Simultâneamente arborizados e ajardinados	2

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	2 034
Zona urbana	1 449
Zona suburbana	585

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 997
2 pavimentos	35
3 pavimentos	1
5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 741
Residenciais e outros fins	238
Exclusivamente a outros fins	55

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	40
N.º de ligações domiciliares	1 203
N.º de focos p/iluminação pública	203

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo p/iluminação pública	1 800 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	47 494 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	86
Taxa mensal cobrada	Cr$ 130,00
Agência telefônica	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município uma agência postal-telegráfica.

HOTÉIS E PENSÕES — São os seguintes os principais hotéis e pensões do município: Urca Hotel, diária para casal Cr$ 360,00, para solteiro Cr$ 160,00. Hotel Vera, diária para casal Cr$ 250,00 para solteiro Cr$ 120,00. Hotel Viero, diária para casal Cr$ 300,00 para solteiro .... Cr$ 160,00. Hotel Bonotto, diária para casal Cr$ 250,00 para solteiro Cr$ 120,00, Pensão Martinussi, diária para casal Cr$ 180,00, para solteiro Cr$ 90,00. Pensão Sem Nome, diária para casal Cr$ 180,00, para solteiro Cr$ 90,00. Pensão Carovi, diária para casal Cr$ 180,00 para solteiro Cr$ 90,00. Pensão Blanco, diária para casal .... Cr$ 180,00 para solteiro, Cr$ 90,00. Pensão Zamperetti, diária para casal Cr$ 180,00 para solteiro Cr$ 90,00. Pensão sem nome, diária para casal Cr$ 180,00, para solteiro .... Cr$ 90,00. Pensão sem nome, diária para casal Cr$ 180,00, para solteiro Cr$ 90,00. Pensão Familiar, diária para casal Cr$ 180,00 para solteiro Cr$ 90,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	194
Ônibus	12
Camionetas	42
Ambulância	1
Motociclos	2
Total	251

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	114
Camionetas	10
Tratores	21
Reboques	3
Não especificado	1
Total	149

Moinho Santiaguense S.A.

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	141
Bicicletas	14
Total	155

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	248
Carroças de quatro rodas	93
Outros	173
Total	514

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 60% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 50%. Em 1955 havia 86 unidades escolares do ensino fundamental comum com 4 671 alunos. Na sede do município funcionam dois ginásios.

Outros aspectos culturais — Dois jornais semanários estão em funcionamento: "O Popular" e a "Coxilha". As sociedades recreativas existentes no município são: Clube União Santiaguense; Clube 7 de Setembro e Círculo Militar; as desportivas: Riachuelo Clube, Juventude Futebol Clube, Grêmio Esportivo Santiaguense e Ferroviário Elite Futebol Clube. Há quatro bibliotecas no município, sendo três de caráter geral e uma estudantil, a primeira com 986 volumes e a segunda com 878 volumes. Contam-se 2 tipografias e 2 livrarias.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município: 7 médicos e 5 dentistas. Há um hospital com 87 leitos, tendo sido internados, em 1955, 918 enfermos, assim discriminados: 188 crianças, 226 homens e 504 mulheres. Conta o hospital com 1 aparelho de raios-X diagnóstico, 1 de radioterapía, 2 salas de operação, 1 de parto, 2 de esterilização, 1 laboratório e 1 farmácia.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Sociedade Beneficente Santa Izabel — auxílio a maternidade, infância e indigentes.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 7 advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 1 engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância com um Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Consumo — 1; do Comércio — 1; total de sócios — 390; valor dos serviços executados — Cr$ 4 990 367,00.

FESTEJOS POPULARES — 24 de junho, São João; 20 de setembro, data Farroupilha, comemorada com desfile de gaúchos, churrasco e bailes gauchescos. Religiosos: 8 de setembro, procissão da padroeira da cidade, Imaculada Conceição. Procissão do Senhor Morto.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Acham-se concluídas as obras do aeroporto da cidade, dependendo de ser inaugurado oficialmente; sua pista é de 1 800 x 60 m.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Um monumento artístico erigido em 1954 em honra da Imaculada Conceição, situado no centro da Praça Dr. Moisés Viana, em puro estilo jônico, medindo 20 metros de altura. Existe, também, uma gruta natural dedicada a Nossa Senhora de Fátima, para onde, uma vez por ano, o povo aflui em romaria. A gruta que fica bem perto da sede, está localizada no distrito de Ernesto Alves, em escavação natural, numa rocha viva, com capacidade para abrigar 600 pessoas.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	987	3 914	2 041	884	2 035
1951.......	1 195	4 993	2 606	823	2 195
1952.......	1 527	5 342	2 025	755	2 060
1953.......	1 893	7 297	2 955	920	3 390
1954.......	2 533	8 533	4 380	1 202	6 190
1955.......	3 064	11 896	7 215	2 000	9 372
1956.......	5 439	15 804	6 948	2 090	8 524

SANTO ÂNGELO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — 1.º Período: *Fundação* — Em 12 de agôsto de 1706, foi fundado o Povoado de Santo Ângelo, entre os rios Ijuí-grande e Ijuìzinho, com 737 famílias, compostas de 2 879 almas, sendo seu fundador o Padre Diogo de Hase, nascido em Antuérpia a 6 de janeiro de 1647 e falecido na Redução de Santa Ana em 25 de maio de 1725. É um nome quase que ignorado da gente de Santo Ângelo.

No ano de 1707, foi o povoado mudado para o local em que ora se ergue a linda cidade de Santo Ângelo. O motivo da mudança prendeu-se à impropriedade do lugar, situado entre dois rios caudalosos.

No ano da fundação foram batizadas 3 crianças; em 1707, 181; em 1708, 223; em 1709, 188 e em 1710, 78.

Era Santo Ângelo grande produtor de erva-mate: o maior exportador, chegando a produção a atingir 5 000 arrôbas, no que superou a todos os outros povos. Era também o maior produtor de algodão, num total de 4 000 arrôbas.

Quanto à pecuária, só tinha em seus campos 2 000 vacas, 100 cavalos e 1 000 ovelhas.

A sua população, nascimentos, óbitos, casamentos e batizados, tanto quanto nos foi possível colhêr aqui e ali, eram os seguintes:

Em 1707: 2 879 almas; 737 famílias; 38 nascimentos; 50 óbitos de adultos e 93 de crianças; 37 casamentos e 181 batizados.

Em 1708: 3 074 almas; 740 famílias; 75 nascimentos; 37 óbitos de adultos e 101 de crianças; 11 casamentos e 223 batizados.

Em 1711: 3 088 almas; 632 famílias; 373 nascimentos; 39 óbitos de adultos e 70 de crianças; 131 casamentos e 482 batizados.

Em 1714: 2 899 almas; 683 famílias; 47 nascimentos; 77 óbitos de adultos e 130 de crianças; 198 casamentos e 264 batizados.

Em 1716: 3 194 almas; 765 famílias; 233 nascimentos; 48 óbitos de adultos e 90 de crianças; 150 casamentos e 371 batizados.

Em 1719: 3 470 almas; 881 famílias; 130 nascimentos; 25 óbitos de adultos e 55 de crianças; 46 casamentos e 210 batizados.

1720: 3 592 almas; 911 famílias; 61 nascimentos; 66 óbitos de adultos e 119 de crianças; 273 casamentos e 246 batizados.

Em 1724: 4 052 almas; 924 famílias. Em 1729: 4 745 almas; 938 famílias. Em 1732: 5 085 almas; 1 272 famílias. Em 1735: 4 557 almas; 945 famílias. Em 1740: 5 228 almas; 1 268 famílias. Em 1745: 4 818 almas; 1 099 famílias. Em 1749: 4 838 almas; 1 122 famílias. Em 1753: 5 417 almas; 1 180 famílias; Em 1757: 3 368 almas; 351 famílias. Em 1762: 3 863 almas; 445 famílias. Em 1766: 2 710 almas; 658 famílias. Em 1768: 2 820 almas; e 710 famílias.

Em recente obra, publicada pelo professor José Hansel, por ocasião dos festejos comemorativos do 250.º ano da fundação de Santo Ângelo, encontramos a notícia da primeira visita pastoral feita no ano de 1718, por D. Pedro Fajardo, bispo de Buenos Aires. Era Cura naquele ano o Padre Diego Claret, e a visita durou de 2 a 6 de agôsto, sendo crismadas 2 698 pessoas, das quais 1 328 do sexo masculino e 1 370, do feminino.

Trabalharam em Santo Ângelo, como refere o mesmo professor, o Padre Gregório Haffe que em 1739 se achava na Redução de São Nicolau, vivendo ainda em 1753 e sendo digno de nota na vida dêste missionário o fato de ficar privado durante algum tempo de suas faculdades mentais, por ter sido envenenado por um feiticeiro.

Em 1744, era Cura o Padre José Martin, auxiliado pelo Padre João Batista Marquesetti.

Prefeitura Municipal

Vista parcial da cidade, tomada do alto do Palácio do Comércio

Teve o povo de Santo Ângelo, por ocasião do Tratado de Madrid, celebrado em 13 de janeiro de 1750, como Curas os padres Bartolomeu Pisa e José Garcia, e quando da expulsão dos Jesuítas, o Padre João Batista Gilde.

Estiveram também ali, em razão de seus cargos, os padres Bernardo Nussdorfer, Manuel Vargas, José Cardiel e Lourenço Balda.

Expulsos os Jesuítas, a administração das Reduções passou, em agôsto de 1768, ao Governador, tenente-general D. Francisco de Paula Bucareli Y Orsua, tendo Santo Ângelo como administrador João Berón e como Curas Frei I. Martin e Frei João Espinosa.

Nesse ano, o administrador geral espanhol recebeu dos Jesuítas os povos, sendo a população pecuária existente em Santo Ângelo de 3 685 vacuns, 436 cavalares, 138 muares e 408 ovinos.

Após a expulsão dos Jesuítas, os povos decaíram do seu esplendor, motivada essa decadência pelo mau trato que os administradores davam aos índios.

Era D. José de Aragón, espanhol, o administrador comandante de Santo Ângelo e capitão-corregedor o índio Miguel Guirabé. O cabido era composto do tenente-corregedor Jerônimo Cachu, do procurador-mor Vicente Jumei, do corregedor-capitão Miguel Guirabé, do alcaide Inácio Parangari e do secretário José Guarapé.

Dêste período resta-nos apenas a tradição histórica concretizada nas ruínas da majestosa catedral de São Miguel e o que existe no Museu ali localizado, onde se encontra o que foi possível arrecadar de imagens, pedras lavradas, etc. de todos os sete povos.

2.° Período: no 2.° Período, Santo Ângelo pertence à denominada Província de Missões, que fôra anexada a Pôrto Alegre, após a consolidação da conquista das Missões; fazendo parte, depois, do município de Rio Pardo em 1809; de Cachoeira, em 1822 e do de Cruz Alta, em 1834.

Por Lei provincial n.° 355 de 14 de janeiro de 1857, conforme dados colhidos pelo professor Hansel, na Cúria Metropolitana de Pôrto Alegre, foi criada a Paróquia de Santo Ângelo, tendo sido o território respectivo desmembrado da paróquia do Espírito Santo de Cruz Alta. E por Ato n.° 79, de 7 de fevereiro de 1860, declarado que os limites verdadeiros são os do Ato n.° 5, de 30 de maio de 1857, a saber: os distritos de Santo Ângelo, São Miguel e Santa Tecla.

Pela Lei n.° 1 287, de 4 de maio de 1881, foi elevada à categoria de capela curada a povoação de São Miguel, sita no município de Santo Ângelo e pela Lei provincial n.° 1 246 de 4 de janeiro de 1884, criada a paróquia de São Miguel.

Aspecto da futura Catedral (em construção)

Diz o referido professor Hansel que, a respeito da provisão de vigários, falta um livro na Cúria de Pôrto Alegre e não foi possível colhêr outros dados.

Como se constituiu a Paróquia, transcreve-se o que o dito professor relata, reproduzindo Hemetério Veloso da Silveira, historiador que publicou magnífica obra sôbre as Missões Orientais do Uruguai:

"Por Lei Provincial de 14 de janeiro de 1857, foi criada uma freguezia no distrito de Santo Ângelo, pertencente ao Município de Cruz Alta, sem que, em parte alguma, houvesse uma igreja ou começo de povoação.

Em 1859 combinaram Antônio Manuel de Oliveira e o Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado, então vereador da Câmara de Cruz Alta, aproveitar o local da antiga Redução para sede da paróquia.

O mato que crescera, mal permitia avistar de longe, por entre as frondes das árvores, a parte superior do frontispício do antigo templo.

Em março dêsse ano aí passáramos e não conseguimos observar as ruínas, tão espêsso era o mato e tantos também os espinhos.

Meses depois o cidadão Antonio Manuel e alguns amigos seus conseguiram abrir um largo caminho e pôr a descoberto tôdas as ruinas.

Sôbre êsses escombros começou a nova povoação, aproveitando a planta da antiga Redução.

Na praça, ao lado leste, foi construida a casa que deveria ser a residência do pároco, com uma sala e altar destinados à celebração da missa e atos paroquiais. Essa casa era de propriedade do mencionado Antonio Manuel. A seu exemplo outros cidadãos foram-se apossando dos terrenos e construindo casas para si.

Não passavam de seis ou oito as habitações, ligeiramente construidas, quando foi conseguida a nomeação do Padre Manuel da Silva Guimarães Araxá, um poeta satírico e mordaz".

3.º Período: o terceiro período nasce com a Lei provincial n.º 835, de 22 de março de 1873, que elevou Santo Ângelo à categoria de município, sendo instalado em 31 de dezembro de 1874.

A administração passa a ser exercida por uma Câmara de membros eleitos. Do Relatório apresentado em 1929 pelo Intendente Dr. Ulisses Rodrigues, ao Conselho Municipal, eis o seguinte histórico sôbre a administração municipal:

"Ao tempo da emancipação política de Santo Ângelo, a administração dos negócios públicos era exercida pelas Câmaras, eleitas para um período determinado. Assim foi que, feita a instalação deste Município, pelo cidadão Henrique Uflacker, presidente da Câmara de Cruz Alta, foi no mesmo ato investida na posse da administração pública a sua primeira Câmara que era composta dos cidadãos João Cardoso de Aguiar, João Ernesto Kruel, Jaquim da Silva Lourega, Felisberto da Silveira Marques, Serafim Cardoso Duarte de Medeiros, João Francisco de Almeida e Damaso Ribeiro Nardes.

Infere-se dos documentos oficiais existentes no arquivo que o mandato desta corporação terminaria em princípios de 1877, devendo ser empossada a segunda Câmara, eleita em 1.º de outubro de 1876. Tal, porém, não aconteceu, continuando aquela no exercício da administração municipal, baseada no Acordão do Tribunal da Relação de Pôrto Alegre, de 6 de junho de 1877, que confirmou, em gráu de recurso ex-ofício, a decisão do Juiz de Direito, Dr. Albino Pinheiro de Siqueira, anulando os trabalhos da qualificação das juntas paroquial e municipal, que serviram para se proceder à eleição da segunda Câmara.

Julgando-se esbulhados nos seus direitos, os novos vereadores dirigiram, em data de 10 de março de 1878, um ofício à Câmara em que solicitavam providências para serem empossados nos seus cargos, e sendo o mesmo indeferido, sob a alegação da nulidade acima referida, o major Joaquim Gomes Pinheiro Machado promoveu uma reunião dos vereadores suplentes José Manuel Vieira, Alfredo Pinheiro Machado, José Manuel do Nascimento e Bernardo José Rodrigues, sob a presidência do vereador efetivo Felisberto da Silveira Marques e à revelia dos restantes, que se realizou no dia 18 de março do dito ano e na qual foi deliberado convocar os vereadores eleitos para compare-

cerem no dia seguinte, a fim de prestarem juramento e lhes ser deferida a posse da administração, o que foi feito, sendo presentes os Cidadãos Joaquim Gomes Pinheiro Machado, Vasco Rodrigues Reginaldo, Joaquim Gonçalves da Costa Melo, Francisco do Prado e Bernardo José Rodrigues. Deixaram de comparecer os cidadãos Jorge Henrique Cassel e Jacob Beck, também vereadores eleitos."

Não obstante a nulidade declarada da eleição, esta segunda Câmara teve os seus atos aprovados pelo Govêrno da Província e estêve à frente da administração até 7 de janeiro de 1881, quando prestaram juramento e tomaram posse os vereadores eleitos: Dr. Venâncio Aires, Bernardo José Rodrigues, Henrique Uflacker, Jacob Beck, Vicente José Rodrigues, Jorge Henrique Cassel e Francisco do Prado.

Em 7 de janeiro de 1883, deu-se a renovação do mandato administrativo, prestando juramento os novos vereadores, tenente-coronel João Antonio Rodrigues, Cristiano Kruel Sobrinho, Germano Hoffmeister e João Demetrio Machado, e continuando os vereadores Dr. Venancio Aires, Bernardo José Rodrigues e Jorge Henrique Cassel, que foram reeleitos.

Com exceção do Dr. Venancio Aires que a morte surpreendeu em outubro de 1885, presidiu esta corporação aos destinos da administração até 7 de janeiro de 1887, em que prestaram juramento e tomaram posse os vereadores tenente-coronel José Antonio Rodrigues, Ernesto Kruel, Bento Gonçalves Xavier de Azambuja, João Biermann, João Henrique Dam, Mateus Beck e João Demetri Machado. Êste último, tendo sido nomeado promotor público da comarca, resignou o cargo nos primeiros dias depois da posse, sendo substituído pelo vereador suplente Vicente José Rodrigues.

Foi esta a última Câmara Municipal, dissolvida após a Proclamação da República, por ato do Govêrno do Estado, de 24 de fevereiro de 1890, sendo nomeados os cidadãos Dr. Franscisco de Souza Ribeiro Dantas Filho, coronel João Antonio Rodrigues e major Ernesto Kruel para, em comissão, administrarem o município, sob a denominação de Junta Municipal, que entrou em exercício no dia 21 de março do mesmo ano.

Em 7 de janeiro de 1891 procedeu-se à eleição do presidente e vice-presidente da Intendência, recaindo a votação nos cidadãos Ernesto Kruel e Frederico Beck, para presidente e vice, respectivamente, fazendo parte como membro da Junta o cidadão João Biermann.

Em 19 de fevereiro de 1892 prestaram compromisso e assumiram a administração municipal os cidadãos nomeados pelo Presidente do Estado, capitão Mateus Beck, João da Silva Monteiro e Vicente José Rodrigues, sendo que o primeiro foi substituído por Jorge Henrique Cassel, em 27 do referido mês e ano. Esta comissão administratrou o município sòmente até 14 de julho do mesmo ano, em que tomou posse da administração o Conselho Municipal eleito em 6 de novembro de 1891, o qual nessa mesma sessão designou os cidadãos coronel Firmino de Paula e Silva e tenente-coronel Ernesto Kruel para administrarem provisòriamente, na sua ausência, os interêsses do município. Era o primeiro Conselho Municipal composto dos cidadãos coronel Firmino de Paula e Silva, Teodorico José Corrêa, Ernesto Kruel, Belarmino Côrtes Taborda, João Biermann, Antônio de Oliveira Pinto e Frederico Beck.

Tendo sido nomeado por ato do Govêrno do Estado, de 27 de agôsto de 1892, intendente do município o coronel Firmino de Paula e Silva e ocorrendo o falecimento do Conselheiro Ernesto Kruel e a renúncia de Belarmino Côrtes Taborda e Frederico Beck, teve que se proceder a eleição para preenchimento das vagas, o que se realizou em 10 de outubro de 1894, sendo eleitos os cidadãos Braulio Oliveira, José de Oliveira e Cristiano Kruel Sobrinho.

Terminado o período de agitação revolucionária de 1894, e empossado na administração pública o primeiro intendente municipal tenente-coronel Vidal Rolim de Moura, eleito em 3 de julho de 1896, para o quatriênio a findar-se em 1900, entrou o município num largo período de normalidade administrativa.

A receita arrecadada em 1878 foi de 6 a 7 contos de réis. Não foi possível a pesquisa no período de 1879 a 1896, ou seja, no decurso de 17 anos.

Verifica-se na lei orçamentária para o exercício de 1896, a determinação da arrecadação de 4:454$200, e que foi realizada com o superavit de Rs. 17:833$944.

A partir de 1897, teve o município de Santo Ângelo os seguintes orçamentos: exercício de 1898 — Rs. 23:354$160 e o saldo de Rs. 17:833$944; total: Rs. 41:188$104.

Exército de 1899 — Rs. 22:484$157 e mais o saldo de Rs. 22:662$093; total: Rs. 45:146$250.

4.º Período: inicia-se o 4.º período com a administração do coronel Braulio Oliveira, eleito em 3 de julho de 1900, para o quatriênio a findar em 1904. Na mesma data foram eleitos membros do Conselho Municipal os cidadãos cônego Franscisco Rositti de Morano, João Henrique Dam, João da Silva Monteiro, Pacífico Corrêa Dorneles, Antero José de Bitencourt, Bernardino do Nascimento e Silva e Jorge Zimermann, sendo nomeado em 7 de janeiro de 1901, vice-intendente o tenente-coronel João Antônio Pinto.

Exerceu a presidência dêste Conselho o cônego Rositti e a vice-presidência o cidadão João Henrique Dam.

Recebera o coronel Braulio o Município com a vila tomada de Inhapindá (unha-de-gato), com a sua praça principal feita potreiro, sem arborização e sem iluminação de espécie alguma, com suas ruas cobertas de guanchuma e cruzadas de valetas e com uma edificação em abandono e decadência. O comércio estava asfixiado por falta de vias de comunicação. A indústria principal, que era a pastoril, dos 1.º, 2.º e 5.º distritos, vivia à míngua, tendo pela frente o eterno fantasma das enchentes a entravar-lhe o trânsito, constituindo a passagem no rio Ijuí-Grande o terror dos tropeiros.

Congregou o Intendente todos os seus esforços para que a indústria pastoril daqueles distritos pudesse gozar de franca liberdade, tendo caminhos desimpedidos para Tupanciretã e Fronteira. Impunha-se, para isso, a construção de uma grande ponte sôbre o rio Ijuí-Grande e para tal fim foi o coronel Braulio a Pôrto Alegre entender-se com o Presidente Dr. Borges de Medeiros, a quem expôs a situação angustiosa dos criadores que não podendo invernar seus gados, por causa da péssima qualidade de seus campos, viam sem interêsse perecer o gado, por falta dessa ponte. Propôs, na ocasião, encarregar-se da extração da madeira e au-

xiliar na direção dos serviços... e o Govêrno mandou construir a ponte que hoje lá está, oferecendo trânsito livre.

Existiam no vasto município apenas 6 pontes e essas em iminente estado de ruínas, e, ao terminar seu quatriênio, contavam-se 26 pontes e 27 pontilhões, feitos com grande economia para o erário público. Os exagerados preços dos produtos coloniais impostos pelos colonos vizinhos, sobrecarregados de pesados fretes, deram margem a que se cogitasse da fundação de uma colônia próxima à vila, que viesse emancipar a população dessa dependência. Entendeu-se o coronel Braulio com o Presidente do Estado, obtendo terras ao preço de 300$000 o lote colonial, pagável em cinco anos, e fundou a Colônia Municipal que se tornou o celeiro da vila e veio a servir de estímulo à iniciativa particular, que brindou o município com mais dois núcleos: Buriti e Vitória.

Recebera o município com a renda de Rs. 24:000$000 e o entregou com a de 70:000$000 e com 800 quilômetros de estradas.

Pugnara pela construção do telégrafo, não hesitando em propor entrar o município com a metade dos postes, proposta que foi aceita pela Comissão.

A receita no quatriênio de 1900 a 1904 foi de ...... 109:212$731.

Reeleito o coronel Braulio Oliveira para o quatriênio seguinte, nomeou novamente o tenente-coronel João Antônio Pinto vice-intendente.

Na mesma ocasião foi eleito o Conselho Municipal, assim composto: cônego Francisco Rositti de Morano, capitão João da Silva Monteiro, Júlio Albrecht, Valerio Ribeiro Nardes, João Carlos Licht, Manuel Agostinho Schorn e Pedro Solano Corrêa Dorneles.

Durante êste quatriênio, continuou o Intendente reeleito a executar o seu programa administrativo, cuidando do que mais necessitava o município. A receita elevou-se a Rs. 144:070$275.

Novamente reeleito o coronel Braulio Oliveira para o período de 1908 a 1912, continuou o tenente-coronel João Antônio Pinto como vice-intendente e como conselheiros municipais os seguintes cidadãos: (eleitos) cônego Francisco Rositti de Morano, João Carlos Lich, Valerio Ribeiro Nardes, major Zeferino Midon Ferreira, Tomaz Borges Fortes Filho, João Luiz de Queiroz e Bernardino do Nascimento e Silva.

Neste quatriênio destaca-se a inauguração da grande ponte sôbre o rio Ijuí-grande, ato realizado com tôda a solenidade a 13 de março de 1909, ao qual estiveram presentes o Dr. Farias Santos, (representante do Govêrno do Estado), Drs. Augusto Pestana e Ildefonso Fontoura, coronel Antônio Soares de Barros, (intendente de Ijuí) major Raimundo Nunes Pereira (intendente de São Luís), o Comandante da Guarnição Federal e seus oficiais, e mais de 1 000 pessoas.

Montou a Rs. 186:746$316 a arrecadação no quatriênio.

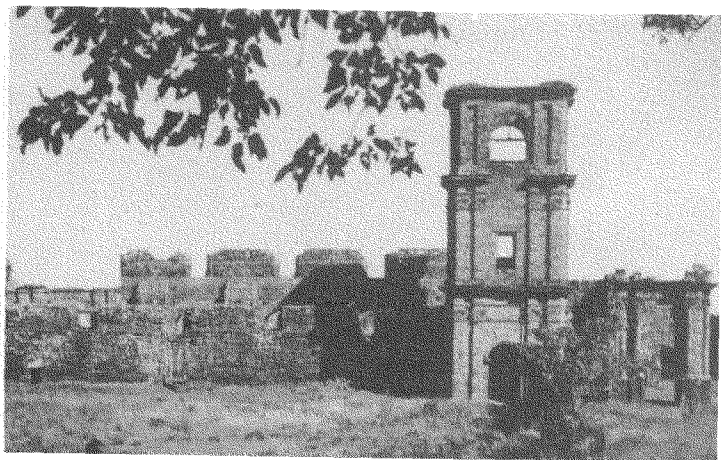
Para a gestão de 1912 a 1916, é de novo reeleito o coronel Braulio. Foi neste período que teve desenvolvimento a construção da Estrada de Ferro, que viria desentravar o progresso do município, e para cujo desiderato tudo envidou o Intendente, inclusive doando dormentes e o terreno para a respectiva estação.

Vista parcial da Rua Marquês de Herval

Efetivamente, quando foram iniciados os trabalhos da Estrada de Ferro de Cruz Alta à barra do Ijuí, cujo projeto fôra patrocinado pelo Senador Pinheiro Machado, voltaram-se para o município as atenções de industrialistas. Apesar da lentidão do avanço da estrada, devido aos créditos insignificantes votados, o município começou a progredir francamente, desenvolvendo-se a colonização e as indústrias. Havendo chegado a ponta dos trilhos à barragem do rio Ijuí, em meados de 1912, era de se esperar que, pelo fim de 1913, já atingisse, se não fôra a lamentável desídia do Govêrno Federal em deixar a Comissão de Construção sem crédito algum, durante o exercício de 1913.

Não obstante, graças à tenacidade da referida Comissão, chefiada pelo coronel Pantoja Rodrigues, do 3.º Batalhão de Engenharia, todo o movimento de terra foi atacado até à plataforma da estação na vila. E a Comissão teria continuado o serviço de avançamento, se ao chegar à barranca do rio Santo Antônio, não houvesse a falta de trilhos, os quais a Comissão não lograra adquirir por falta absoluta de numerário.

A colonização teve grande surto, com a fundação da Colônia Municipal. Contava em 1913 com 52 quilômetros de estradas de rodagem em franco trânsito e com saídas para a vila, Colônia Guarani, São Luís e São João, dispondo de barca no rio Ijuí e ligada à sede do município por linha telefônica. Nesse ano a população atingia 500 habitantes, distribuídos em 100 famílias, e a produção totalizava 1 100 sacos de trigo, 6 415 de milho, 500 de feijão, 2 000 arrôbas de fumo em fôlha, 150 rolos de fumo em corda e 10 000 litros de vinho. — Outros núcleos coloniais prosperavam, como a Colônia Buriti, fundada pelo agrimensor Frode Johansen; Colônia São João que, como a Buriti, é ligada à Colônia Municipal; Colônia Vitória, fundada pela firma Kruel e Hoffmeister, povoada por 50 famílias alemãs; Colônia Entre-Ijuís, povoada por 125 famílias, em geral brasileiras, fértil no cultivo da alfafa; Colônia Timbaúva, povoada por 61 famílias brasileiras; Colônia Pontão povoada por 140 famílias; Colônia Guarani, com 9 420 habitantes; Colônia Santa Rosa, fundada em 1914 pelo Govêrno do Estado; Colônio Boa Vista, fundada em 1912, pela Companhia Colonizadora Rio-grandense; Colônia Santo Antônio, fundada em 1914.

No setor da Instrução Pública, 10 eram as escolas em 1913, elevadas a mais de 18 em 1914.

Vista parcial das ruínas da Igreja de São Miguel

É ainda no quatriênio concluída a linha telefônica da vila à divisa com o município de Ijuí, na extensão de 71 quilômetros, custando Rs. 6:014$730, de cuja soma a Intendência despendeu Rs. 3:904$730, sendo o restante a expensas de particulares.

Em 14 de maio de 1915 é inaugurada a primeira estação da Estrada de Ferro no município, lugar denominado Rio Branco, hoje Catuípe, distando 27 quilômetros da sede municipal. Aí ficaram paralisados os trabalhos, dada a situação financeira da União, paralisação lamentável pela inutilização de grandes aterros já prontos para receber os trilhos.

Os orçamentos do quatriênio montaram a .... Rs. 273:359$205.

Ao findar o quatriênio de 1912 a 1916, não se havendo procedido à eleição, pelo fato de não ter sido reformada a lei eleitoral municipal, assumiu a administração o major Frederico Beck, subintendente do 1.º distrito, exercendo-a de 3 de outubro de 1916 a 4 de dezembro do mesmo ano, sendo substituído pelo cidadão Alvaro Silveira, nomeado intendente provisório pelo Govêrno do Estado em 22 de novembro de 1916 e empossado em 4 de dezembro. Em 24 de setembro de 1917, foi o mesmo provisório eleito intendente e a 16 de março de 1918, licenciado por tempo indeterminado, substituindo-o o vice-intendente, major Joaquim Rolim de Moura, que exerceu a administração desde março de 1918 a 3 de outubro de 1920.

Voltou o coronel Braulio Oliveira a dirigir os negócios do município, por eleição que se realizou no dia 3 de agôsto de 1920, sendo empossado a 3 de outubro.

Após 14 anos do início da construção da Estrada de Ferro, foi, finalmente inaugurada na cidade de Santo Ângelo, em 15 de outubro de 1921.

No quatriênio de 1920 a 1924, a vida econômica do município já vinha embaraçada por movimentos de masorca, desde o princípio da gestão, tendo rebentado a revolução que tudo paralisou.

Logo que irrompeu o movimento revolucionário, em Passo Fundo, nos primeiros dias de janeiro, determinou o Govêrno do Estado a criação de uma brigada na região, cuja organização e comando foi confiado ao general Firmino Paula, que apesar dos seus 78 anos de idade, sentia ainda o entusiasmo sempre môço de sua inabalável convicção republicana.

Contribuiu o município com um corpo de cinco esquadrões, que tomou a numeração de 4.º, para formar a brigada denominada 1.ª Brigada Provisória do Norte. Três esquadrões dêsse corpo ficaram no município e dois em Passo Fundo, sede da Brigada.

Entretanto, antes da organização dessa fôrça e em seguida ao movimento sedicioso, irrompido em Passo Fundo, que desde logo se alastrou pelo município de Palmeira, houve também em Santo Ângelo um princípio de organização de grupos sediciosos chefiados pelo tenente-coronel Frutuoso Pinheiro Machado que, aproveitando-se de elementos que o acompanhavam em São Luís e aqui permaneciam no município fazendo causa comum com federalistas e a dissidência local, lançou na onda revolucionária Juca Raimundo, Pedro Arão e José Neto, que se tornaram chefes de grupos, reunindo o primeiro seus vizinhos residentes no Entre-Ijuís, se lhe incorporando algum pessoal do município de Ijuí, com os quais organizou um grupo de 60 homens, conservando-se na serra de Entre-Ijuís; o segundo reuniu um grupo de 20 e poucos homens, no 6.º distrito e seguiu para Palmeira, incorporando-se às fôrças de Leonel Rocha, até as vésperas do armistício, data em que, já incorporado às fôrças de Serafim Assis, invadiu Santo Ângelo, fazendo junção com o grupo de Juca Raimundo; o terceiro também reuniu 20 homens, mais ou menos, no 3.º distrito, sendo, porém, desde logo batido e prêso com mais sete companheiros, ficando seu grupo desbaratado.

O grupo de Juca Raimundo permaneceu durante todo o movimento sedicioso internado nos matos de Entre-Ijuís, donde fêz várias sortidas, umas em emboscadas a destacamentos das fôrças legais e outras para atacar o povoado de Rio Branco, contra o qual levou dois ataques, sendo um nos últimos dias de maio e outro na madrugada de 26 de agôsto. No primeiro ataque foi repelido por um piquête de oito homens, composto de praças do 4.º corpo, auxiliado por civis republicanos, sendo os atacantes postos em completa debandada após pequeno tiroteio, e o segundo, apesar de serem colhidos de surprêsa os sete homens do mesmo corpo, que constituíam a guarnição daquele povoado, não foi melhor sucedido, porquanto o cerrado tiroteio que por espaço de meia hora se estabeleceu entre os assaltantes em número de 60 e o pequeno núcleo de defensores da legalidade, resultou terem aquêles 3 mortos e 11 feridos, alguns gravemente.

Auxiliando o destacamento, tomaram parte na defesa do povoado alguns civis, entre os quais Turibio Luciano de Souza, Valério Rolim, João Laurindo Diniz e João Alves da Silva, que foi ferido, bem como 4 soldados do contingente.

Êste mesmo grupo, aproveitando a ausência do corpo provisório, entrou na vila de Santo Ângelo, no dia 15 de outubro, oferecendo à população um triste e ridículo espetáculo. É, porém, de justiça registrar que não praticaram depredações. Depois de percorrer as ruas aparatosamente, num total de 32 homens, retirou-se para os lados de Santa Bárbara, onde, dias depois, foi batido pelas fôrças do 4.º corpo, embrenhando-se de novo, nos matos de Entre-Ijuís. Nesse encontro teve o grupo sedicioso 5 mortos e alguns feridos.

Foi também o município várias vêzes invadido pelo grupo de Carlos Cardoso que operava em Campo Novo, município de Palmeira. Era êsse grupo composto quase que exclusivamente de indivíduos desclassificados; entregava-se ao bandoleirismo e ao saque naquela zona e fêz algumas incursões no município, com o fim de assaltar casas comerciais e fazer arrebanhadas de gado nas fazendas próximas da divisa.

Uma das suas investidas foi por São Jacob, saqueando dessa feita uma casa comercial da linha 9 do município de Ijuí, e as fazendas de Izidro Kurtz e de Carlos Chiapetta, em Santo Ângelo.

Tendo pedido exoneração do comando do 4.º Corpo o tenente-coronel Joaquim Rolim de Moura, foi substituído pelo tenente-coronel Joaquim Antônio Rodrigues. Poucos dias depois de haver assumido o comando do corpo, foi novamente invadido o município pelo grupo de Cardoso, que tomou posição em Inhacorá, 7.º distrito do município, daí mandando 100 homens saquear duas casas comerciais de Otto Scholz e Miguel Torgenski, situadas na entrada da picada que vai à sede 3 de Maio, e outro grupo arrebanhou gado na fazenda de Carlos Chiapetta.

Sabedor do ocorrido, o tenente-coronel Joaquim Rodrigues seguiu incontinenti, com a fôrça de que dispunha, tendo em marcha se incorporado o tenente-coronel Martim Leonardo, de Ijuí, major Salvador Corrêa, João Malaquias da Costa e outros do 2.º distrito do município, formando um piquête de 30 homens, batendo inesperadamente um piquête de bandoleiros, matando 5 e tomando 150 cabeças de gado arrebanhado por ocasião de transporem o arroio Buricá. Avançando as fôrças legais para o interior de Inhacorá, bateram os bandoleiros que ali se achavam, perseguindo-os tenazmente e pondo-os em debandada a rumo de Campo Novo. Continuando a perseguição, foram alcançados no segundo dia, na picada que de Campo Novo vai a São Jacob, na qual haviam tomado posição de emboscada, a fim de surpreender os legais. Aí, porém, foram desbaratados, deixando diversos oficiais mortos e feridos, inclusive o chefe Cardoso.

Nos primeiros dias de outubro, a coluna revolucionária de Honório Lemos, que havia ocupado a cidade de São Luís e ali impôsto pesada contribuição de guerra, pressentindo a aproximação da Brigada de Oeste, comandada pelo general Flores da Cunha, retirou-se apressadamente daquela cidade a rumo de São Miguel, com intenção de se dirigir para a vila de Santo Ângelo, conforme se depreendeu de um telegrama que foi publicado então e em que aquêle chefe revolucionário dizia que no dia 20 do referido mês pretendia ter ali uma conferência com o Ministro da Guerra.

Antes, porém, de alcançar a divisa do município, já a Brigada Flores da Cunha entrara em contato com a coluna rebelde, iniciando em São Lourenço a tenaz perseguição que se tornou memorável. — Com receio de ser esmagado contra os rios Ijuìzinho e Ijuí-Grande, se tentasse dirigir-se para Santo Ângelo, Honório Lemos teve de melhor aviso rumar para o sul em demanda dos cerros de Caverá.

Após o primeiro encontro, em São Lourenço, a coluna de Honório, tenazmente perseguida, a ponto de não ter tempo para se alimentar, tomou a direção de Carajàzinho e São João Mirim, seguindo pelo Rincão dos Pires para o município de Júlio de Castilhos.

Nas vésperas do armistício foi o município invadido por uma fôrça sediciosa de 500 homens, mais ou menos, ao mando de Serafim de Moura Assis, a qual depois de tentar atacar a vila e a sede 14 de Julho, da Colônia Santa Rosa, retirou-se para o município de Palmeira.

Na retirada dividiu-se a fôrça rebelde em três grupos, seguindo um, comandado pelo dito Serafim, rumo a Palmeira; outro, chefiado por Abílio Machado, tomou a direção da Colônia Guarani, com destino ao município de São Luís, e outro, obedecendo às ordens de Pedro Arão e Wenceslau Pereira, passou pelo Rincão dos Mendes, onde se lhe reuniu o grupo de Juca Raimundo.

Desde manhã, as sentinelas estavam à vista da vila, numa coxilha próxima.

Como tivesse corrido a notícia de que os sediciosos haviam danificado a linha férrea com o fim de impedir a passagem de um trem que era esperado com o 2.º Corpo da Brigada do Norte e mais dois esquadrões do 4.º Corpo, o comandante Joaquim Rodrigues fêz sair um piquête de exploração até ao lugar onde se dizia que tinham sido levantados os trilhos.

Logo que êste piquête se pôs em marcha em direção à ponte de Santa Bárbara, as sentinelas inimigas abandonaram os seus postos, vendo-se pouco depois, além daquele arroio, uma fôrça de 100 homens, mais ou menos, que atingiu o cimo de uma coxilha e ali se conservou enquanto o piquête das fôrças legais não regressou da sua missão.

Era intenção do comandante da praça não perseguir os sediciosos, se êstes se mantivessem em atitude de respeito à vida e à propriedade dos cidadãos republicanos; porém, como nessa noite tivessem assaltado a casa do cidadão Emílio Klever, levando dali tudo que tinha alguma utilidade, inclusive roupas de senhoras e crianças, além de arrebanharem todos os seus gados, o comandante Joaquim Rodrigues fêz sair em perseguição, no dia 6, dois esquadrões das suas fôrças, que sòmente ao cair da tarde conseguiram entrar em contato com o inimigo, na invernada de Ernesto Kruel, fazendo-o internar-se nos matos do Ijuí, após algum tempo de tiroteio.

É de registrar-se a vinda da Brigada do Norte, quando se deu o sítio pelas fôrças de Serafim de Assis.

Avisado o general Firmino de Paula, que então se achava licenciado e o tenente-coronel Teodoro Silveira, comandante interino, ambos tomaram providências, enviando fôrças, que chegaram, com o Estado-Maior, no dia 6 de novembro. A fôrça sitiante, porém, com a aproximação das fôrças legais, retirou-se.

O município despendeu com a manutenção da ordem a quantia de Rs. 31:194$500 e a de Rs. 3:429$600 pela verba eventual.

Outro assunto de relevância no quatriênio, foi a solução do problema de iluminação elétrica.

Foi aberta concorrência pública para o seu fornecimento, apresentando-se um único concorrente, o Dr. Alexandre Martins da Rosa, cuja proposta, submetida à homologação do Govêrno do Estado, foi aprovada, com pequena modificação.

Tendo o Dr. Alexandre Rosa constituído uma sociedade para a exploração de energia e luz, esta contratou com a emprêsa de Ijuí o fornecimento. Entretanto, como o município concedera privilégio de exploração, para usina instalada dentro do município, disse o Intendente de então que oporia embargos, logo que a emprêsa tratasse de trazer a corrente elétrica de Ijuí, salvo se fôsse reformado o contrato, em condições vantajosas para o município.

O orçamento no quatriênio montou a .... Rs. 1.006:261$835.

Em 3 de agôsto de 1924 é eleito intendente o Doutor Carlos Kruel, vice-intendente o Capitão Damaso Gomes de Castro.

Ao assumir a administração do município o Dr. Carlos Kruel, em 3 de outubro de 1924, teve que lutar contra o movimento subversivo que explodiu a 29 do mesmo mês, com a revolta do batalhão Ferroviário aqui aquartelado, ao qual se agregou logo o elemento "assisista" do município.

Os rebeldes permaneceram na vila até o dia 7 de novembro, quando se retiraram para São Luís, tendo feito grande número de requisições.

Contingentes de rebeldes ficaram acampados no 3.º distrito, onde causaram danos no gado; outros cruzaram os 3.º, 4.º e 8.º distritos, tendo também ali feito arrebanhadas.

Afinal, em fins de dezembro, com a movimentação das fôrças estacionadas em Tupanciretã, os sediciosos concentrados em São Luís empreenderam a fuga através dêste município e do de Ijuí, onde a 30 atacaram no Passo da Conceição um esquadrão do 11.º Corpo Auxiliar, perecendo o seu comandante Dr. Júlio Rafael de Aragão Bozano.

Para cortar a retirada dos rebeldes, seguiu desta vila o destacamento composto de uma bateria de artilharia, sob o comando geral do tenente-coronel Emílio Lúcio Esteves.

O destacamento encontrou-se com os rebeldes no dia 4 de janeiro, no lugar denominado "Ramada", município de Palmeira, travando-se violento combate que durou o dia inteiro.

Nesse encontro destacaram-se pela eficiência do fogo o 2.º regimento e o 18.º pela atuação oportuna, porém ao 26.º Corpo Auxiliar coube a glória de suportar com a maior galhardia o impetuoso ataque da pesada coluna rebelde.

Durante a ação foi ferido gravemente o comandante do 26.º, tenente-coronel Joaquim Antônio Rodrigues, assumindo imediatamente o comando o major Raul Oliveira.

Vencidos os rebeldes e atirados para além do Uruguai, regressou o 26.º a esta vila, onde ficou destacado.

Um dos esquadrões dêste Corpo fôra destacado para 3 de Maio e o 27.º Corpo Auxiliar, comandado pelo tenente-coronel Virgílio Manuel Pinto ficara aquartelado em 14 de Julho, tendo dois esquadrões destacados na fronteira.

Tais corpos, integrados por elementos santoangelenses, faziam parte do subsetor, comandado pelo tenente-coronel João de Deus Canabarro Cunha.

Afinal, voltou o Estado ao regime da paz, pois tudo levava a crer que, com a derrota dos rebeldes, a 8 de outubro, no Passo da Conceição do Ibicuí da Armada, pelo general Flores da Cunha, o movimento revolucionário não teria mais elementos para recomeçar.

Felizmente a atmosfera de confiança que se notava pela volta do Estado à normalidade após a revolta de 1924 a 25, apesar das constantes ameaças de elementos subversivos homiziados na República Argentina, à margem do Uruguai, permitiu que a administração cumprisse com bastante regularidade a Lei Orçamentária de 1926, obtendo um excesso de receita superior a 70 contos de réis sôbre a orçada, embora considerável a dívida ativa.

Um importante melhoramento, com que o intendente Dr. Carlos Kruel dotou o município, foi a construção do palacete da Intendência, onde vieram a funcionar tôdas as repartições públicas federais, estaduais e municipais.

Das maiores preocupações do Dr. Carlos Kruel foi a instrução pública. Existiam 113 escolas com a população escolar de 4 639, elevando-se no fim do seu quatriênio a 154 escolas com 7 669 alunos.

O orçamento no quatriênio subiu a Rs. 2.540:018$134.

Substituiu ao Dr. Carlos Kruel na administração do município o Dr. Ulisses Rodrigues, eleito em 3 de agôsto de 1928 e empossado a 3 de outubro do mesmo ano, conjuntamente com o tenente-coronel Joaquim Antônio Rodrigues, vice-intendente e o seguinte Conselho Municipal: Frederico Ortmann, Frederico Jorge Legmann, Antônio Backs, Guilherme Carlson, Dr. José Olavo Machado, Dr. Teodomiro Luciano de Souza e Frederico Schenepfleitner.

Três foram os problemas que preocuparam o intendente: viação, instrução e policiamento, os quais desde logo tratou de resolver. Cogitou, com empenho, de trazer um engenheiro e teve a felicidade de encontrar o Dr. José Carlos Medaglia, môço competente, trabalhador e de honestidade inatacável, que foi o braço direito da sua administração e que deu o maior impulso ao progresso da comuna.

A população da sede do município crescia e o trânsito, por conseguinte, aumentava.

O pó e a lama do barro vermelho tornaram-se insuportáveis. Tornou-se, por isso, uma necessidade inadiável o calçamento das ruas. Pôs o intendente mãos à obra, e as principais ruas foram asfaltadas, sendo Santo Ângelo das primeiras localidades do Estado a receber pavimentação asfáltica.

As ruas foram ainda arborizadas com cinamomos, o que lhe veio dar a denominação de "Cidade dos Cinamomos".

As pontes, pontilhões e estradas de maior necessidade foram construídas.

Acontecimentos de relevância ocorreram: perda de grande território para a constituição do município de Tupanciretã e de Santa Rosa, e a revolução de 1930. Longo seria detalhar tais fatos.

Para a municipalização de Tupanciretã contribuiu o município com a quase totalidade de um grande distrito, e, para a de Santa Rosa com a área de 4 290 quilômetros quadrados, correspondente aos 6.º, 7.º, 9.º e 10.º distritos.

A instrução pública foi dos problemas, com desvêlo, cuidados: 154 estabelecimentos de ensino, com 7 669 alunos, eram os existentes ao findar o quatriênio anterior. No fim da gestão administrativa do Dr. Ulisses Rodrigues (de .... 3-10-1928 a 26-6-1935), como intendente e depois como Prefeito nomeado, eram em número de 102 os estabelecimentos, com a matrícula de 4 686 alunos, o que sobressai, em virtude do desmembramento de cinco extensos e populosos distritos de zona colonial para a formação dos municípios acima citados.

Ainda outro melhoramento que assinala esta administração é o serviço de água e esgotos, no que foi Santo Ângelo das primeiras cidades dêle dotadas.

Apesar da área desfalcada do município, a receita, nos sete anos decorridos, elevou-se a Rs. 5.121:356$630.

Tendo sido nomeado o Dr. Ulisses Rodrigues para o cargo de Ministro do Tribunal de Contas do Estado, substituiu-o o Sr. Cícero Jaime Trindade, funcionário da Secretaria da Fazenda, a 26 de julho de 1935, sendo depois, em 25 de setembro do mesmo ano, nomeado prefeito o coronel Raul Oliveira que a 26 de dezembro do referido ano era eleito para o aludido cargo.

Prosseguiu o coronel Raul no programa administrativo traçado pelo Dr. Ulisses, havendo sido em sua gestão ultimados os serviços de águas e esgotos e aquisição da emprêsa de fôrça e luz, já negociada pelo Dr. Ulisses com o seu concessionário tenente-coronel Joaquim Rolim de Moura que, por sua vez, adquirira da sociedade organizada pelo Dr. Alexandre Martins da Rosa.

Cuidou da viação, conservando e construindo outras estradas, assim como da ampliação do calçamento das ruas; concluiu as pontes sôbre os rios Passo Fundo e Santa Rosa e mandou construir a ponte sôbre o Giruàzinho, além de pontilhões e bueiros na vasta extensão de estradas que cortam o município.

Não menores cuidados dispensou à instrução pública, mantendo Santo Ângelo no nível conquistado neste setor da administração.

Três anos estêve o coronel Raul à testa dos negócios municipais, atingindo o orçamento Rs. 4.293:875$000.

Substituído o general Flores da Cunha na Interventoria do Estado, foi nomeado Prefeito em comissão o Senhor José Cezimbra Machado que, após um ano de exercício, teve o Sr. Policarpo Gay como substituto.

A lei orçamentária decretada pelo prefeito Machado, para o exercício de 1939, foi de Rs. 2.069:130$000.

A gestão do prefeito Policarpo Gay prolongou-se de 20 de março de 1939 a 8 de setembro de 1944, atingindo os orçamentos Rs. 9.769:000$000.

Em substituigão ao Sr. Policarpo Gay foi nomeado o Dr. Totilas Carvalho que assumiu a Prefeitura em 8 de setembro de 1944. Estêve na administração, como Prefeito substituto o Dr. Franscisco Bordini Lisboa, de 20 de outubro de 1944 a 7 de dezembro do mesmo ano, reassumindo nesta data o Dr. Totilas Carvalho.

Por fôrça do Decreto-lei 8 177, estêve à frente do govêrno municipal o Juiz de Direito Dr. Livio da Fonseca Prates, de 18 de novembro de 1945 a 6 de dezembro do mesmo ano, reassumindo, nesta última data o Dr. Totilas Carvalho, cujo mandato terminou em 30 de novembro de 1947.

As leis orçamentárias promulgadas pelo Dr. Totilas Carvalho, durante a sua gestão, de três anos, atingiram .... Rs. 8.600:000$000.

No anc de 1947, a 30 de novembro, é empossado o Prefeito eleito tenente Pio Muller da Fontoura, que não terminou o quatriênio por haver renunciado, a fim de concorrer, como candidato do P.S.D., às eleições para deputado à Assembléia Legislativa do Estado. O seu quatriênio foi concluído pelo vice-prefeito, Sr. José Carlos Kist, que assumiu a 14 de dezembro de 1950.

Nesse quatriênio as leis orçamentárias subiram a .... Rs. 25.658:000$000.

Para o seguinte período quatrienal foi eleito o Senhor Odão Felipe Pippi, empossado em 31 de dezembro de 1951, administrando o município até 31 de dezembro de 1955.

Os orçamentos dêsse quatriênio elevaram-se a ...... Cr$ 37 095 000,00.

Finalmente, no quatriênio atual, cujo término se verificará em 1959, encontra-se na direção dos negócios municipais o Sr. José Carlos Kist, como Prefeito eleito.

São os seguintes os orçamentos: Para 1956: ...... Cr$ 15 000 000,00. Para 1957: Cr$ 29 700 000,00.

Santo Ângelo é hoje uma das mais lindas e prósperas cidades do Rio Grande do Sul.

Situada no alto de uma colina e circundada pelas águas dos arroios Itaquaranchim e São João e a 2 quilômetros pelo caudaloso rio Ijuí-Grande, com edificações modernas, ruas asfaltadas, servida de água e esgôto e luz elétrica, com um comércio forte e sólido, será em breve sede de bispado, cuja catedral reproduz em seu frontispício a fachada do majestoso tempo jesuítico de São Miguel. Na cidade está sediada a guarnição federal com duas unidades motomecanizadas.

Síntese histórica de autoria do Dr. Ulisses Rodrigues.

VULTOS ILUSTRES — *General Firmino de Paula* — General Firmino de Paula, nascido em Santo Ângelo, foi o seu primeiro Prefeito. Chefe político, deputado estadual, Subchefe de Polícia. Fêz a revolução de 1893, comandando uma brigada e depois a de 1923, desempenhando a mesma função.

Homem de grande energia e de honestidade exemplar na coisa pública. Pertencia ao Partido Republicano.

Coronel Braulio Oliveira — Republicano de propaganda. Tomou parte na revolução de 1893, como major-assistente da Brigada Legalista, comandada pelo general Firmino de Paula e, depois, como comandante do corpo.

Foi deputado estadual e chefe do Partido Republicano da sua terra natal.

Dr. Ulisses Rodrigues — Nascido a 27 de outubro de 1882. Em 1928 foi eleito Intendente do município de Santo Ângelo e, em 1929, serviu como Secretário do Congresso das Municipalidades, realizado em Pôrto Alegre. Nomeado Prefeito do seu município em 1930, no ano de 1935 é investido na elevada função de Ministro do Tribunal de Contas do Estado, cargo em que se aposentou em 1938. Estêve em exercício no mandato de deputado à Assembléia Legislativa do Estado, para a qual foi eleito. No terreno da instrução, vem prestando relevantes serviços. Professor de Português na hoje Escola Normal Beata Tereza Verzeri, na qual lecionou essa disciplina desde 1943; em 1946, no Ginásio Santo Ângelo e de 1952 até o presente no Ginásio Sepé Tiaraju, do qual é Diretor, havendo sido ainda nos anos de 1953 e 1954 presidente do Diretório Municipal da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. É sócio biógrafo, fundador e benemérito do Clube Gaúcho Santo Angelense, sócio honorário do Clube Comercial, sócio fundador do Rotary Club e sócio benemérito da Asso-

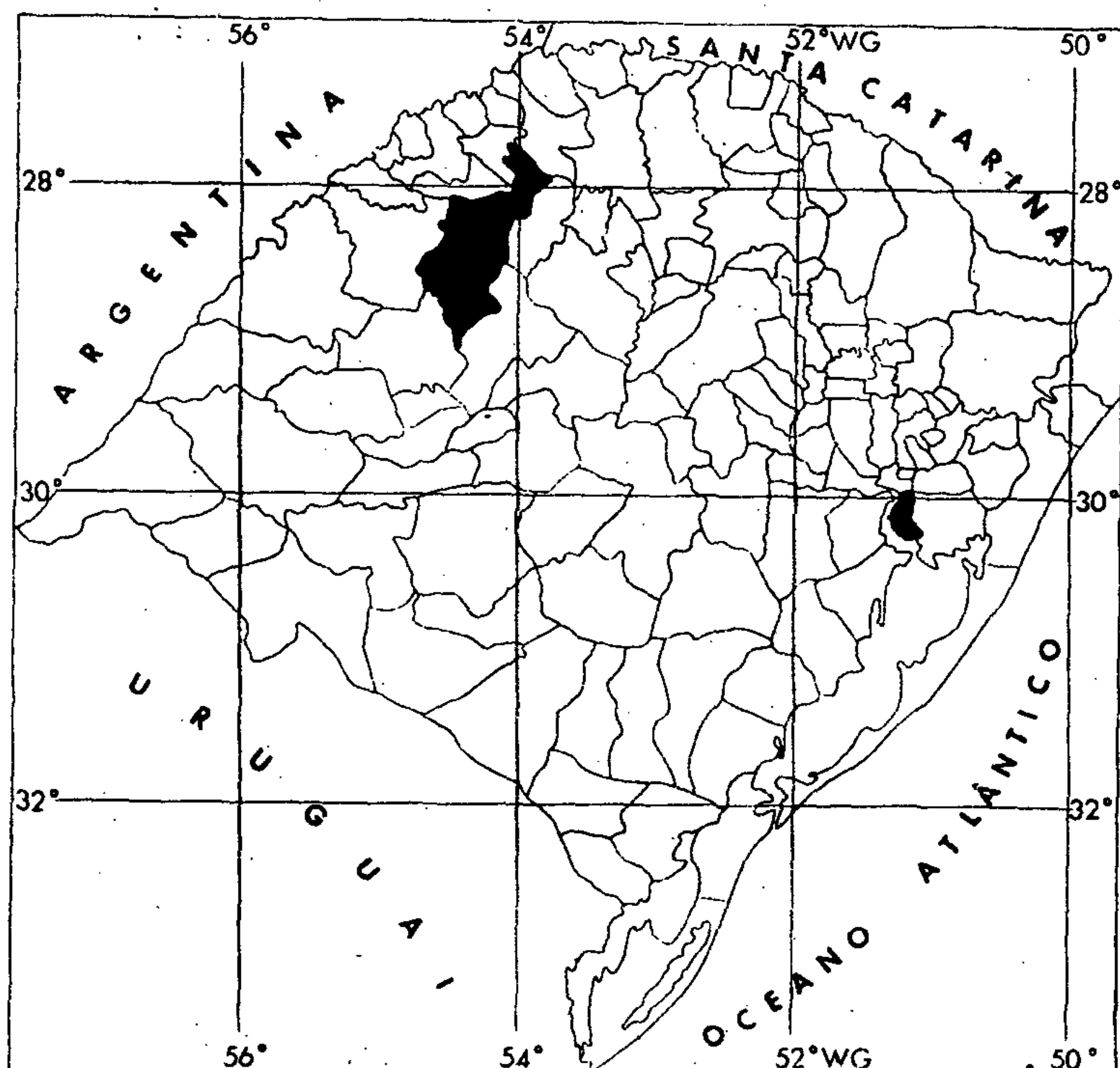
ciação Hospitalar de Caridade Santo Ângelo, da qual foi o seu primeiro provedor.

POPULAÇÃO — Conta o município de Santo Ângelo .... 72 140 habitantes, localizando-se 16 180 na sede e 55 960 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 16,95 habitantes por quilômetro quadrado; 1,51% sôbre a população total do Estado. Área: 4 255 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Santo Ângelo; vilas: Alegria, Catuípe, Chiapetta, Coimbra, Entre Ijuís, Eugênio Castro, Inhacorá, São Miguel das Missões, Sete de Setembro e Buriti.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santo Ângelo	1 954	7	589	448	97	1 506

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 18' 14" de latitude Sul e 54° 15' 52" de longitude W. Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 351 km. Altitude: 306 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Os acidentes geográficos do município não apresentam particularidades especiais sendo sua topografia plana ao sul e acidentada ao norte e nordeste. Rios: Inhacorá — nasce na Fazenda das Brancas, no local denominado "Vale do Cunha", corre na direção geral S.E.-N.O. Serve de limite entre o município e o de Três Passos, depois com o município de Santa Rosa, no qual penetra e vai lançar-se no rio Uruguai. Sua maior profundidade dentro do município é de 4 metros e sua largura máxima é de 40 m, com um leito pedregoso, não é navegável. Tem 160 km de extensão, sendo 40 km dentro do município. Buricá — nasce na Fazenda das Brancas, aproximadamente a 6 km das nascentes do rio Inhacorá. Corre mais ou menos paralelo a êste, no qual vai lançar-se, depois de ter atravessado o distrito de Inhacorá, com um percurso de 78 km. A largura mais freqüente é de 10 a 18 metros. Passo Fundo — nasce no local denominado Fazenda Velha, correndo na direção S.E.-N.O.; serve de limite entre o distrito de Independência e Inhacorá e lança-se no rio Buricá. Tem 12 km de extensão e 3 metros de profundidade. Mede 20 metros de largura na foz e 10 a 12 m é sua largura mais freqüente. Santo Rosa — nasce no lugar denominado Boa Vista, no distrito de Catuípe, correndo na direção S.E.-N.O.; penetra nos municípios de Giruá e Três de Maio e vai lançar-se no rio Uruguai. Sua largura máxima no município é de 10 m e a mais freqüente de 8 metros; a profundidade máxima é de 4,5 m. Leito pedregoso. Tem um percurso de 30 km dentro do município e é muito correntoso. Seus afluentes na margem direita: lajeado dos Machados; na margem esquerda: lajeado Bonito, lajeado da Divisa, arroios Cascavel e Varejão. O rio não é navegável. Comandaí — nasce no distrito de Santo Ângelo, local denominado "Olhos D'Água" e corre para oeste; faz limite entre o município e o de Giruá, penetra em São Luís Gonzaga, indo lançar-se no rio Uruguai. Tem um percurso de 31 km dentro do município e sua largura varia de 3 a 10 m, numa profundidade freqüente de 2 a 3,5 metros. Ijuí-Grande — nasce no município de Palmeiras, atravessa o município de Ijuí (com o de Santo Ângelo) recebendo vários afluentes. Ao ganhar as águas do lajeado Pulador, limite do município de Ijuí com o de Santo Ângelo, penetra no município, o qual atravessa na direção geral E.O. Tem um percurso, dentro do município, de 108 km. Com um leito muito pedregoso e com fortes desníveis; não é navegável. Ijuìzinho — nasce no município de Tupanciretã, local denominado São Bernardo, entre Cadeado e Vila Jóia. Recebe o arroio Iguassu e penetra no município na direção E.O. e, após 38 km de percurso, lança-se no rio Ijuí-Grande. Largura média de 30 m. Leito pedregoso; não é navegável. Piratini — nasce no local denominado Santa Tecla, mais ou menos sôbre a linha de limite entre o município de Tupanciretã e o de Santo Ângelo, atravessando o município de São Luís Gonzaga; penetra no município de São Borja, por onde corre até lançar-se no rio Uruguai. Tem dentro do município um percurso aproximado de 140 km. A profundidade máxima no município é de 20 m. Leito pedregoso, argiloso e arenoso em algumas partes. Em virtude de fortes desníveis não é navegável. Inhacapetum — nasce no município de Tupanciretã, penetra no de Santo Ângelo, no local denominado Boa Vista ao sul de Santa Tereza. Serve de limite entre o município (pelo distrito de Coimbra), com os municípios de Santiago e São Luís Gonzaga. Tem no município um percurso de 66 km; a profundidade máxima no município é de 8 m. A largura máxima é de 120 m e a mais freqüente é de 50 a 60 m. Leito pedregoso e arenoso e margens de mato e campo. Não é navegável. Corre na direção geral N.S. Arroios: Buriti — nasce no lugar denominado Umbu, em Loural, toma a direção oeste, correndo depois na direção geral N.S.; serve de limite entre a colônia Municipal e o distrito de Buriti e lança-se no rio Ijuí, no

local denominado Ressaca do Buriti; tem um percurso de 15 km e sua largura máxima é de 20 m e a mais freqüente varia entre 2 a 2,5 m. Santo Antônio — nasce no local denominado "Boa Vista", atravessa o distrito de Catuípe e lança-se no rio Ijuí. Tem 28 km de extensão, 2 m de profundidade e 5 m de largura, não sendo navegável. Santa Tereza — nasce no local denominado Santa Tereza, atravessa o distrito de Catuípe na direção geral N.S.; tem uma extensão de 32 km e lança-se no rio Ijuí. Não é navegável. Cascata do Inhacorá — situada no rio Inhacorá, tem 6 m de altura. Cascata do Buricá — situada no rio Buricá, a 10 km da barra do rio Passo Fundo, com 8 m de altura. Cascata do Ijuìzinho — situada no rio Ijuìzinho, com 6 m de altura, é calculada sua fôrça em mais de .... 3 000 H. P. Está sendo aproveitada pelo plano de eletrificação da Comissão Estadual de Energia Elétrica. Queda de Inhacapetum — com 6 m de altura. Nenhum rio do município apresenta piscosidade de caráter econômico.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais — Fontes de água mineral, no distrito de Buriti, em exploração; na vila Catuípe, inexplorada; no povoado Santa Tereza, inexplorada; nas proximidades da sede municipal, inexploradas. Há no município muitas pedreiras e quantidade considerável de areias, às margens dos rios. Vegetais — Abundantes ervais nos distritos de Inhacorá, Chiapetta e Catuípe, assim como quantidade considerável de madeiras de lei, em quase todos os distritos do município. Área das matas naturais: 300 km². Área das matas reflorestadas: 200 hectares.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 24,4°C; mínima — 12,9°C; compensada — 18,6°C. Chuvas: precipitação anual de 1 147 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Três Passos, Giruá e Três Passos; ao sul: Santiago e Tupanciretã; a leste: Ijuí e Tupanciretã; a oeste: São Luís Gonzaga.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — Nos últimos dois anos a mecanização das lavouras toma impulso, mormente a triticultura, que se expande auspiciosamente, de molde a se tornar um dos esteios econômicos da comuna. Afora isso, muitos outros produtos da lavoura do município, tornam-no policultor, com apreciável renda para a comunidade. Os principais triticultores são os seguintes:

Nome	*Local*	*Área*
Aparício Gonçalves de Melo	Olhos D'Água	100
Apolinário Dorneles de Morais	Atafona	70
Clovis Apolo Mitri e outros	Lajeado das Pombas	60
Ely Renner Prestes	Santa Bárbara	70
Euclides Ribas de Aguiar	Rincão dos Mendes	100
Fernando Machado	Restinga Sêca	250
Francisco Esperoto Sb.º e outros	Comandaí	370
Frederico Ricardo Feuerharmel	Santa Bárbara	200
Garibalde Machado, Unirio e Alvaro Lemos	Santa Bárbara	300
João Alberto Machado e outros	Restinga Sêca	260
Léo Fett	Atafona	260
Leopoldino Moreira Pedroso	Atafona	120
Adão Felipe Pippi	Santa Bárbara	125
Pompilho Pereira de Mello	Comandaí	250
Valério Emílio Ribas	Rincão dos Mendes	100

DISTRITO DE CATUÍPE

Abílio Ivo Sandri	150 ha
Abilio Sandri e Domingos Boldrini	300 ha
Alceu Krug Ferreira	...
Alfredo Arno Andres	220 ha
Alfredo Jeffe	150 ha
Carlos Calisto Sartori e outros	200 ha
Conrado Rudolfo Rugoski	300 ha
Constantino Boniati	100 ha
Eugênio Eigele e outros	70 ha
Francisco Bastiani e outros	50 ha
Garibalde Machado e Léo Fett	350 ha
Genésio Corrêa da Mota	200 ha
Giocondo Marchesan	60 ha
Henrique Bergoli	65 ha
João Colla e outros	100 ha
Jorge Meneses e outros	300 ha
José Tonetto e outros	120 ha
Máximo Bernardi	100 ha
Miguel Holsbach	80 ha
Pedro Geist Friedrich	90 ha
Plácido Isido Basso	100 ha
Reinaldo Otto Beck	150 ha
Valério Viana Nardes e outros	90 ha
Walter Osório Gewher	150 ha

DISTRITO DE INHACORÁ

Balduino Keller e outros	120 ha
Bratz Lt.da	200 ha

DISTRITO DE ENTRE-IJUÍS

Alexandre Batista dos Santos	130 ha
Ângelo Pisolotto	90 ha
José Garibalde Toniasso e outros	170 ha
Rodolfo Lopes	72 ha
Ugeri & Cia Lt.da	200 ha

DISTRITO DE COIMBRA

Otaviano Antunes de Almeida	100 ha

DISTRITO DE SÃO MIGUEL

Alfredo Panichi	160 ha
Fazenda São João Mirim Lt.da	400 ha
Luiz Loureiro Kruel	130 ha
Waldemar Miron	45 ha

A agricultura tem relevante importância na economia do município. Os principais centros consumidores da produção agrícola do município, são os seguintes: Pôrto Alegre, Rio Grande, São Paulo, várias praças do Norte e Nordeste do País, bem como diversas praças da fronteira, como São Borja, Itaqui, Uruguaiana, etc. Santo Ângelo exporta soja para: Estados Unidos, Inglaterra, Japão e Alemanha.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	7 750	54 250
Linho	4 800	31 200
Milho	10 320	23 220
Feijão	2 676	12 488

Valor total da produção: Cr$ 165 748 200,00.

Avicultura — Estima-se em 110 000 cabeças o total de aves, num valor de Cr$ 4 404 000,00.

Pecuária — De um modo geral, os rebanhos locais não contam com seleção de raças aprimoradas, predominando a criação "crioula", oriunda da cruza de raças, cujas origens se perdem no decorrer dos tempos. No entanto, alguns fazendeiros criam as raças: bovinos: zebu, holandês, devon e charolês; suínos: duroc-jérsei, hampshire e macau.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$1 000)*
Bovinos	154 300	262 310
Eqüinos	34 700	31 230
Muares	1 400	1 540
Suínos	74 100	51 870
Ovinos	35 000	9 800
Caprinos	100	15

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 561 130	28 744 834
Carne verde de suíno	258 009	4 000 616
Carne frigorificada de suíno	269 613	8 007 493
Carne salgada de suíno	88 182	1 907 795
Carne defumada de suíno	1 660	70 393
Carne verde de ovino	122 214	1 547 860
Carne verde de caprino	340	3 264
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	65 353	666 521
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	169 890	1 223 208
Couro salgado de suíno	63 588	1 139 269
Pele sêca de ovino	6 392	182 173
Pele sêca de caprino	17	340
Pele salgada de ovino	55	196
Banha refinada	608 492	20 249 773
Toucinho fresco	328 352	7 180 945
Toucinho salgado	29 060	1 003 424
Salsicharia a granel	3 129	82 017
Salsicharia enlatada	107 528	2 515 169
Total	3 683 004	78 525 290
Secundários	268 153	2 810 519
Total Geral	3 951 157	81 335 809

Indústria — Santo Ângelo conta com 337 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 1 308 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 273 422 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 45,9%; ind. de bebidas, 2,3%; ind. da madeira, 5,6%; transf. de produtos minerais 2,4%; couros e produtos similares 7,8%; ind. químicas e farmacêuticas, 1,2%; extrat. de produtos minerais, 0,2%; ind. metalúrgicas, 0,5%; ind. de mobiliário, 3,5%; ind. do fumo, 24,8%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 2,3%.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
João Bazzo & Cia. Lt.da	Couro curtido
Siedemberg S. A.	Formicidas
S. A. Moinhos Brasileiros Ind. e Com.	Farinha de trigo
Regional Lt.da	Erva-mate
Frig. Nacionais Sul Brasileiros S. A.	Banha
Henrique Moeller Filho	Farinha de trigo
Ind. Palmeirense de Mate Lt.da	Erva-mate

COMÉRCIO E BANCOS — O comércio do município é considerado um dos mais movimentados da região e, também, do interior do Estado. Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	119
Lojas de tecidos	32
Rádios, eletrolas e refriger.	8
Móveis	12
Automóveis, caminhões e peças	3
Peças para automóveis	6
Tratores, máquinas e implementos agrícolas	6

As transações comerciais da praça podem ser assim arroladas: No Estado: Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Cruz Alta, Ijuí, Santa Rosa, Três de Maio e todos os municípios da região, bem como Santiago, São Borja, São Luís, Itaqui, Uruguaiana e vários municípios da fronteira. Em outros Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Estados do Norte e Nordeste. No exterior: Alemanha, Polônia, Inglaterra, Estados Unidos, Itália e Suécia.

Os bancos estabelecidos com agência na cidade são em número de 6: Banco do Brasil, Banco Agrícola Mercantil, Banco Nacional do Comércio, Banco Industrial e Comercial do Sul, Banco do Rio Grande do Sul e Banco da Província. Existe, ainda, uma filial da Caixa Econômica Federal e uma Cooperativa de Crédito (Caixa Rural União Popular).

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Giruá: rodov. (36 km), ferrov. (45,5 km); Três de Maio: rodov. (69 quilômetros); Três Passos: rodov. (125 km); Ijuí (56 km); Tupanciretã: rodov. (130 km), ferrov. (172 km); Santiago: rodov. (218 km) ou misto: a) rodov. até São Luís Gonzaga (88 km) e b) ferrov. de São Luís Gonzaga até Santiago (116 km); São Luís Gonzaga: rodov. (88 km); Cêrro Largo: rodov. (96 km). Capital Estadual: aéreo (364 quilômetros) ferrov. (604,7 km) rodov. (567 km). Capital Federal: a) aéreo (via Pôrto Alegre) já descrito, daí por diante, veja-se Pôrto Alegre, b) misto (ferrov. ou rodov.) até Pôrto Alegre, já descrito, daí por diante, ver Pôrto Alegre (aéreo ou marítimo) e c) ferrov. (482 km) até Marcelino Ramos; daí por diante, ver Marcelino Ramos.

ASPECTOS URBANOS — A cidade está situada em local alto e dos mais planos da região, não tem elevações ou depressões bruscas, como acontece com a maioria das cidades vizinhas, localizadas na chamada região colonial. As ruas são largas e planas, oferecendo ampla visão ao transeunte. As construções, de um modo geral, obedecem a modernos estilos arquitetônicos, com os seus edifícios de porte médio, na parte central, de um ou dois andares e, casas térreas, na zona suburbana, onde predomina a arquitetura funcional. Pràticamente não há edifícios antigos, pois o índice de construções, acompanhando o progresso da cidade, começou a se desenvolver de 1932, sendo intensificado de 1940 a esta parte. A cidade dispõe de energia elétrica inaugurada em 1951.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	86
Ruas	69
Avenidas	7
Travessas	7
Praças	3

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Macadame	260 m²
Asfalto	90 100 m²
Pedras irregulares	178 200 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	6
Parcialmente pavimentados	23
Totalmente calçados com pedras irregulares	3
Parcialmente calçados com pedras irregulares	12
Totalmente macadamizado	1
Totalmente asfaltados	2
Parcialmente asfaltados	11
Arborizados parcialmente	13
Arborizados e ajardinados simultâneamente	3

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	3 702
Zona urbana	2 468
Zona suburbana	1 234

SEGUNDO O N.º DE PAVIMENTOS

Térreo	3 498
2 pavimentos	190
3 pavimentos	13
4 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	3 104
Residências e outros fins	417
Exclusivamente a outros fins	181

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	39
N.º de ligações elétricas domiciliares	3 565
N.º de focos para iluminação pública	535

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total da sede municipal	4 500 000 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	2
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	33
Bebedouros ou bicas públicas	4
Consumo anual de água	730 000 m³

ESGÔTO

Logradouros totalmente servidos	2
Logradouros parcialmente servidos	18

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	206
Taxa mensal cobr. p/residências	Cr$ 121,90
Taxa mensal p/comércio e ind.	Cr$ 275,60
Profissões liberais	Cr$ 196,10
Repartições públicas	Cr$ 137,80

SERVIÇO POSTAL TELEGRÁFICO — Há 1 agência na sede e 1 no distrito de Catuípe.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede municipal os seguintes hotéis e pensões: Brasil, Marabá, Ideal, Maerkli, Comércio, Avenida, Novo Hotel, Vitória, Central Pensão Gaúcha, Pensão Familiar e Pensão Restaurante Vitória, com diárias que variam de Cr$ 100,00 a 160,00 por pessoa.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

Automóveis	365
Ônibus	29
Camionetas	177
Ambulâncias	22
Total	593

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	370
Camionetas	15
Cisternas	1
Reboques	1
Não especificados	2
Total	389

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	106
Carros de quatro rodas	62
Bicicletas	244
Total	412

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	280
Carroças de quatro rodas	1 390
Outros	150
Total	1 820

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 62% da população presente, de 10 anos e mais, sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar, matriculadas, é de 61%. Em 1955 havia 252 unidades escolares, com 13 088 alunos. Conta o município com 3 ginásios, uma escola normal, 1 escola técnica de comércio, 1 unidade de ensino sacerdotal e 4 de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Há no município 2 jornais bis-semanários, uma biblioteca pública municipal, com 5 800 volumes, de caráter geral e duas bibliotecas pertencentes a estabelecimentos de ensino, ambas de caráter geral, cada uma com 1 200 volumes. São em número de 9 as associações e clubes recreativos; 2 entidades recreativo-esportivas e 11 entidades esportivas; 4 tipografias e 2 livrarias. No município há 2 cinemas, estando atualmente em construção o edifício para mais um, moderno, a ser instalado na cidade.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Prado para corrida de cavalos, não há no município, já que as "carreiras", esporte tradicional dos pampas, são realizadas em "canchas retas", geralmente de dois trilhos. Em geral uma carreira é "atada" por paradas que variam de Cr$ 2 000,00 até .... Cr$ 10 000,00 mas ficam os disputantes obrigados a apostar importâncias iguais ou até o triplo da "parada", logo que os cavalos entrem na cancha.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Há no município 6 hospitais, com um total de 328 leitos, e um Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 5 113 enfermos, sendo 1 406 homens, 2 586 mulheres e 1 121 crianças. Há 5 aparelhos de raios-X

diagnóstico, 1 aparelho de radioterapia, 9 salas de operação, 7 salas de parto, 6 salas de esterilização; 1 entidade possui eletrocardiografia; 4 laboratórios e três farmácias. Exercem a profissão 20 médicos, 20 dentistas e 10 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Há 2 associações de beneficência mutuária, 1 da Legião Brasileira de Assistência, 2 casas para menores abandonados, 1 associação hospitalar de caridade e 1 associação de caridade para distribuição de gêneros e socorro aos pobres.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — Há 2 veterinários e 5 agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 16 advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Há 6 engenheiros no município.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 3.ª entrância, com 2 juízes.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; de Consumo — 2; de Comércio — 1; de Crédito — 1; total de sócios — 1 450; valor dos serviços executados — .... Cr$ 3 090 907,00; valor dos empréstimos — .... Cr$ 5 275 750,00.

SINDICATO — dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação.

FESTEJOS POPULARES — As festas populares que se realizam no município são as seguintes: Dia 20 de setembro, quando é comemorada a data Farroupilha, com festas populares constantes de trovas, danças típicas, números folclóricos, etc., promovidas pelo Centro de Tradições Gaúchas "20 de Setembro". Também a 22 de março, data do aniversário da emancipação política do município, realizam-se torneios esportivos e palestras alusivas à efeméride. As procissões tradicionais são: Corpo de Deus, Senhor Morto e do Divino.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — O aeroporto local, dista 4 km do centro da cidade e é constituído de duas pistas, uma de 60 m x 1 200 m e outra de 100 x x 1 800 m, ambas gramadas. Conta com telefone e iluminação elétrica nas suas dependências e nas pistas para aterrissagem e decolagem noturnas. A Companhia de Aviação Comercial VARIG mantém no aeroporto uma estação de rádio. Atualmente está em construção um novo aeroporto com melhores condições técnicas, em local mais afastado da cidade.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Ruínas do Templo Jesuíta (de São Miguel) situadas na vila São Miguel. Igreja-Matriz do Anjo da Guarda, em construção (futura Catedral), cópia fiel do antigo templo de São Miguel. Herma José Bonifácio, em comemoração ao 1.º Centenário da Independência do Brasil. Pira da Pátria. Placa em homenagem aos Expedicionários da 2.ª Grande Guerra.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — Ruínas de São Miguel (templo construído pelos Jesuítas ao tempo das reduções).

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	3 646	11 520	5 966	2 509	13 820
1951.......	4 086	16 682	7 991	2 977	15 974
1952.......	6 254	20 396	7 373	3 135	18 909
1953.......	9 604	25 151	15 715	3 859	32 583
1954.......	10 887	31 325	9 403	4 013	34 591
1955.......	17 560	40 405	14 139	5 749	43 982
1956.......	28 499	59 750	17 986	8 172	70 315

SANTO ANTÔNIO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Vários fatos dão ao município de Santo Antônio elevada importância no estudo da história do Rio Grande do Sul. Um dêles é o de, por Provisão de 27 de abril de 1809, serem criados os quatro primeiros municípios do Estado, a saber: Rio Grande, Pôrto Alegre, Rio Pardo e Santo Antônio. Sendo um dos municípios originais, dêle, por desmembramentos diretos ou indiretos, saíram 15 dos atuais 118 municípios gaúchos.

Seu território atual lembra a figura de um triângulo eqüilátero, com um dos lados a correr no sentido dos paralelos, um dos vértices ao sul, de modo a seguir a altura a linha dos meridianos. Na época de sua criação, no entanto, em vez dos 1 246 quilômetros quadrados, que compõem sua superfície atual, possuía 34 184 quilômetros quadrados. Dêsse extenso território sairiam os municípios de Vacaria, Osório, Taquara, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, Tôrres, Veranópolis, Antônio Prado, Nova Prata, Bom Jesus, Rolante, Sananduva, Canela e Gramado, direta ou indiretamente.

Muitos dos eventos fundamentais à compreensão da vida municipal pertencem hoje à história dos municípios dêle desmembrados.

Em "Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul", Aquiles Pôrto Alegre irá observar: "Só Santo Antônio da Patrulha é que pode disputar a prioridade na fundação de seu povoado, visto já em 1725 ter sido erigida ali uma capela com a invocação do mesmo padroeiro, quando só em 1737 é que o Brigadeiro Silva Pais aportou ao Rio Grande, para fundar o Presídio militar". Na "História Popular do Rio Grande do Sul", de Alcides Lima, encontra-se um "Mapa das Igrejas", aparecendo a de Santo Antônio com a data de 1725.

Provàvelmente ambos historiadores terão incorrido num equívoco. Em 1725 ocorre a vinda, para as terras do Rio Grande do Sul, da expedição que ficou conhecida com o nome de "Frota de João Magalhães", cujo chefe partiu de Laguna, em Santa Catarina, em outubro daquele ano chegando à atual cidade de São José do Norte, em frente ao Rio Grande, em princípios de novembro seguinte.

João de Magalhães era genro do capitão-mor de Laguna, Francisco de Brito Peixoto, e, contando com apenas 30 companheiros, penetrou em terras pouco exploradas,

atendendo a diversos objetivos, entre os quais ver as possibilidades de fundar grandes povoações, bem como de conseguir a aliança dos índios minuanos, que eram hostis à influência espanhola.

João de Magalhães cruzou o território do futuro município de Santo Antônio, sem contudo documentar qualquer empreendimento de razoável importância, como seria, por exemplo, a fundação de uma capela.

Nos anos que se seguem alguns moradores de Laguna vão atingir o litoral rio-grandense, e estabelecer-se em terras dos atuais municípios de Tôrres e Osório, que pertenceram primitivamente a Santo Antônio, bem como em São João do Norte, que pertenceu ao município de Rio Grande.

A primeira sesmaria concedida é a de Manoel Gonçalves Ribeiro, que recebe do Conde de Sarzedas três léguas de terra em comprido por uma de largura, na paragem chamada Conchas, nos campos de Tramandaí, atual município de Osório. Foi assinada a concessão a 25 de outubro de 1732. Seguem-se então diversas concessões de sesmaria, e assim se vai povoando o Rio Grande de São Pedro.

Os interêsses de Portugal são por demais conhecidos, em relação a esta parte que se veio incorporar ao Brasil. Desde 1680 erguia-se no estuário da Prata, em frente a Buenos Aires, a Colônia do Sacramento, onde tremulava a bandeira dos Braganças. Desde 1682, contudo, os jesuítas haviam retornado à margem esquerda do rio Uruguai, levantando os Sete Povos das Missões Orientais.

As Missões constituíam perigosa cunha, que a qualquer momento se poderia deslocar até o litoral, separando a Colônia de todo e qualquer outro estabelecimento português, desde que o mais meridional era ainda, depois da Colônia, Laguna.

Além disto, nos campos gaúchos viviam milhares de cabeças de gado bovino, sem marca e sem dono, o que se deveu ao fato de, em 1632, ter sido o gado introduzido pelo jesuíta Cristóvão Mendoza, e, em 1638, serem os membros da Companhia de Jesus expulsos, arrasadas as reduções, escravizados os índios catequizados, por ação de bandeirantes paulistas. Com isto, o gado bovino ficou sôlto, espalhando-se, reproduzindo-se, invadindo enormes áreas, de modo a ter chegado ao Prata e ao litoral gaúcho por volta de 1680, ano em que é fundada a Colônia, e dois anos antes do retôrno dos jesuítas.

Uma inestimável riqueza aguardava assim os futuros sesmeiros e moradores dos pampas.

Uma idéia da quantidade do gado será dada pelo fato de tôdas as regalias haver merecido Cristóvão Pereira de Abreu, na ocasião em que abriu uma estrada que servisse para conduzir os animais ao norte. De 1731 a 1732 empenha-se nesse diligente labor, abrindo a famosa estrada que partia de Viamão, cruzava o município de Santo Antônio, subia o arroio Rolante, transpunha o rio das Antas no Passo do Matemático, e passava o rio Pelotas próximo à confluência com o dos Touros, penetrando, a seguir, em território catarinense.

Essa estrada teve enorme movimento, e ao longo dela surgiam pousos, bem como registros.

Se bem que em suas linhas gerais não sofresse modificações, em determinados locais a estrada desviava-se alguns quilômetros para um ou outro lado, sempre em busca de traçado mais fácil.

Parte da chamada "cidade alta", vendo-se ao fundo plantações de cana-de-açúcar

Será nessa década de 1730 criado um Registro no local hoje denominado Guarda Velha, situado a aproximadamente 10 quilômetros da atual sede municipal de Santo Antônio. Ali os tropeiros tinham que pagar as taxas previstas, e ainda submeter-se à verificação aduaneira. É possível que ali se tivesse erguido uma capela, como reza a tradição. Daí o ser conhecido o local com o nome de Santo Antônio da Guarda Velha. O patrono do município, desde suas origens, foi sempre Santo Antônio.

Cêrca de 1740, descobrirão os Dragões, milicianos sediados no registro, que estava iniciada uma fase que se tornaria endêmica no Rio Grande do Sul o contrabando funcionava eficientemente. Os tropeiros haviam aberto uma picada, escapando assim ao fisco.

Para essa picada foi destacada uma patrulha, a fim de apreender o contrabando — o local tornou-se conhecido por Santo Antônio da Patrulha, e mais tarde se tornaria sede do município.

Em 1737, a 19 de fevereiro, fôra fundado oficialmente o primeiro estabelecimento português — o Forte Jesus-Maria-José, na barra do Rio Grande. Levas consideráveis de portuguêses, lagunistas, paulistas, cariocas, baianos e outros, afluíam à nova região integrada dentro das fronteiras da América Portuguêsa.

Cêrca de 1740, para o local de Santo Antônio da Patrulha mudaram-se alguns casais, entre êles os que tinham por chefe José Dutra, Francisco Rodrigues Dutra, Manoel dos Santos Cunha, Antônio de Souza, João Rodrigues Silveira, Ângelo da Fonseca Velho, Gabriel Pereira da Silva, Antônio Teixeira Nunes, Manoel Antônio Machado, Antônio Severino, Mateus Marques, Manoel Alves Pais, João Teixeira Brasil, José Antônio de Seixas, Amaro Teixeira, Salvador da Luz, Manoel José Aires e outros.

Três problemas de ordem histórica estão integrados a essa relação de primitivos moradores de Santo Antônio. Octávio Augusto de Faria informa serem casais açorianos, opinião esta que é compartilhada por José Maciel Júnior. Se açorianos, pôsto os mesmos só terem começado a vir em quantidades significativas ao Rio Grande a partir de 1749, ou a fundação do povoado data de época posterior a 1749, ou foram êsses casais precedidos por outros. A terceira opção seria a de os casais não serem açorianos e, então, tanto Faria como Maciel ter-se-iam enganado.

Vista da Escola Normal Santa Teresinha, Igreja-Matriz de Santo Antônio e, mais ao fundo, a Casa Canônica

Uma solução seria a aventada por Fagundes; a de os casais serem açorianos e terem chegado efetivamente cêrca de 1740, tendo antes morado em Laguna, de onde teriam emigrado para Santo Antônio.

O povoado incipiente será fortemente reforçado por considerável contingente populacional em 1763. Nesse ano o Rio Grande do Sul é invadido por tropas castelhanas, que se apossaram da vila de Rio Grande — de lá fugindo seus habitantes, e se refugiando alguns em Laguna, outros no Rio de Janeiro, outros ainda fundando a cidade de São José do Norte, dirigindo-se os restantes a Pôrto Alegre, Viamão e Santo Antônio.

Será no fim do século XVIII a capela elevada à categoria de freguesia. Por Provisão de 20 de outubro de 1795 era criada a décima segunda freguesia do Rio Grande do Sul: Santo Antônio da Patrulha.

Coincide essa época com a decadência da agricultura. O açoriano, recebendo pequenas extensões de terra, explorava-as intensivamente. Plantava trigo, milho, feijão, cevada, alpiste, aveia. A falta não só de incremento à agricultura, como a compra sem pagamentos das colheitas, por parte do govêrno, arruinou os agricultores. No dizer de um historiador, simultâneamente perdia-se o capital e o lucro.

Há então uma tentativa no sentido de desenvolver a pecuária, se bem que dos produtos agrícolas continuassem a ser cultivados a mandioca e a cana-de-açúcar.

Em 1809, sendo o Rio Grande do Sul Capitania Geral, criavam-se os quatro primeiros municípios: Rio Grande, Pôrto Alegre, Rio Pardo e Santo Antônio.

O município de Santo Antônio tinha por limite norte o rio Pelotas, até encontrar o rio Ligeiro, separando-se assim do município de Lajes, em Santa Catarina. A oeste limitava com o município de Rio Pardo, pelo Ligeiro e Mato Castelhano, pelo rio Carreiro até sua barra no rio das Antas, e por êste até encontrar a barra do rio São Marcos, pelo qual começa a dividir com o município de Pôrto Alegre, até suas nascentes, daí pelo planalto até encontrar o rio da Ilha, por êste pelo rio dos Sinos e seu arroio Grande da Guarda, por linhas sêcas até encontrar o arroio Miraguaia e por êste até sua foz no rio Gravataí, e, por êste, banhado de Chicolomã, linhas sêcas e rio Capivari até sua barra na lagoa dos Palmares. Ao sul, com o município de Rio Grande, pela estância da charqueada que foi do capitão Pedro Pereira Maciel; a leste, o município de Laguna, pelo rio Mampituba desde sua nascente até sua barra no Oceano, e por esta até encontrar a linha divisória com o município de Rio Grande.

O município foi criado por Provisão de 27 de abril de 1809.

A instalação ocorreu a 3 de abril de 1811. A primeira Câmara Municipal era composta pelos vereadores Bernardo Domingos de Oliveira, José Maria de Magalhães, Luciano da Silva Custódio, Manoel Antônio Gomes, João de Oliveira Lima, Francisco Fernandes Sobreiro. A freguesia de Santo Antônio da Patrulha havia logrado foros de vila.

A antiga capela, erguida antes de 1740, foi elevada a capela curada em 3 de agôsto de 1760. Tornou-se independente da capela de Viamão apenas por Provisão de 13 de março de 1762, quando é nomeado o padre Francisco Rodrigues Prates para exercer o ofício de Capelão Curado. A Provisão de 8 de outubro de 1763 elevou a capela à classe de paróquia encomendada, sendo administrada pelo padre Francisco Coelho Braga a 14 do mesmo mês e ano. Em 1795 é elevada à categoria de freguesia. Em 1809, a município; instalando-se em 1811.

Em 1814 contará o município com 3 103 habitantes, quantidade considerável, para a época. Cêrca de quinhentas casas erguiam-se dentro de seus limites.

No entanto, alguns anos mais tarde, o Rio Grande do Sul teria sua estrutura abalada verticalmente, com o eclodir da Revolução Farroupilha. Tal ocorre em 1835, indo durar até 1845.

Outros fatos ocorridos em Santo Antônio da Patrulha, desde a instalação, até a Revolução, são os que se seguem.

A 14 de janeiro de 1820, é assinada a Resolução Provincial que cria a 1.ª Escola Pública. A 19 de fevereiro de 1824, é nomeado Domingos Pereira Lisboa professor de primeiras letras, o mesmo ocorrendo com José Barbosa Teles a 16 de julho do mesmo ano.

A 5 de novembro de 1826 chega a Tôrres, então pertencente a Santo Antônio, o Imperador Constitucional do Brasil, D. Pedro I. A seguir, dirige-se a Santo Antônio, onde é recepcionado pela Câmara. Pernoita em Santo Antônio na casa de Francisco Xavier da Luz, Presidente da Câmara Municipal. No dia seguinte, dirige-se a Pôrto Alegre. Vinha D. Pedro observar de perto as operações de guerra no Rio Grande do Sul, desde que o Brasil estava em luta com as Províncias Unidas do Rio da Prata.

Justamente os insucessos das armas brasileiras nessa guerra, que culminaria com a independência da Província Cisplatina com o nome de República Oriental do Uruguai, fermentaria a revolta dos rio-grandenses contra diversas medidas do trono brasileiro, explodindo em 20 de setembro de 1835 a revolução.

Felizmente o município não foi atingido durante período muito extenso, ficando na maior parte do período revolucionário sob o domínio imperial.

Em 6 de janeiro de 1837 trava-se o único combate de importância dentro de seus atuais limites. Agostinho Melo, chefe revolucionário, derrota uma fôrça legalista comandada pelo tenente-coronel Antônio Manuel de Azambuja. Na vila, fêz propaganda republicana Paulo Pereira da Silva Alano, sargento de milícias em Santo Antônio e vereador da Câmara Municipal.

Escola Normal Santa Teresinha

Em fins de 1837 e inícios de 1838 entram as fôrças revolucionárias na vila, fazendo estragos na Casa da Câmara, cadeia, prédios públicos e particulares, inclusive prendendo alguns legalistas. Em abril do ano de 1838 seria avaliado em 800$000 o prejuízo sofrido só pela Casa da Câmara. Depois, afora eventuais tropelias nos distritos, Santo Antônio atravessou incólume a luta civil.

Finda a Revolução de 1845, continuaria o município sua evolução natural.

Em 1850 perde Santo Antônio enorme região que iria constituir o município de Vacaria; em 1875, Osório, então com o nome de município de Conceição do Arroio, iria também emancipar-se, desmembrando-se de Santo Antônio. Perdendo Vacaria, que, por desmembramentos diretos e indiretos iria gerar 7 municípios, perdia sua região norte; perdendo Osório, do qual mais tarde desmembrar-se-ia Tôrres, perderia sua região leste, bem como contato com o Oceano.

Em 1878 é São Francisco de Paula, e em 1886, Taquara, que se desmembram de Santo Antônio. Êsses desmembramentos sucessivos prejudicaram notadamente o município, no decorrer da segunda metade do século XIX.

Em 20 de novembro de 1889 era comunicada à Câmara Municipal a queda da Monarquia, com a Proclamação da República. A Câmara se solidariza com o novo regime, retirando o retrato do Imperador deposto, D. Pedro II.

José da Silveira Nunes, Gustavo Kindell e Jacob Felipe Adam, sob a presidência do primeiro, organizam-se como administração provisória do município, com as mesmas atribuições da Câmara.

Agitando-se mais tarde o Estado, deposto o Presidente Júlio de Castilhos por uma Junta Governativa, no município instala-se nova junta diretiva, composta por Antônio Vieira de Macedo, Rodrigo de Garcia e do coronel Vicente Gomes, sendo presidida por êste último.

Em 17 de julho de 1894, já novamente na Presidência do Estado Júlio de Castilhos, ocorre a intervenção no município, penetrando na vila o coronel José Maciel, que depõe a junta, assumindo o poder e permanecendo como Intendente até 1916.

Desde 1893 lavrava no Estado a Revolução Federalista, e duraria até 1895. Afora a deposição da Junta, simpática aos revolucionários, e excetuados alguns eventuais incidentes, naturais em períodos de luta civil, apenas um episódio armado ocorreu no município.

Jacob Felipe Adam, republicano convicto, membro da primeira junta municipal, fiel a Júlio de Castilhos, residia em Miraguaia, sede do distrito do mesmo nome em Santo Antônio. Jacob Adam, aparentado com Ricardo Adam, contava com apenas 20 homens, quando, no dia 18 de janeiro de 1895 é atacado por um grupo numeroso de rebeldes acaudilhados por Demétrio Ramos. Jacob Adam resistiu com invulgar heroísmo, sendo finalmente massacrado por seus adversários.

Em 1900 a população municipal era de 20 584 habitantes. Em 1913, elevara-se a 26 785. A agricultura, nessa época, começava a desenvolver-se, sofrendo grandes embaraços devido à falta de meios de transporte. Produzia em grande quantidade a cana-de-açúcar, sendo importante a exportação de aguardente, melaço e rapaduras. Ao todo, havia no município 20 000 bovinos, 5 000 ovinos e 30 000 suínos.

Ainda nesse ano de 1913, possuía a cidade 220 prédios e 1 300 habitantes, ou seja, nela residiam apenas 5% da população municipal.

Em 1917 é concluída a estrada para Osório, município vizinho.

Em 1918 a agricultura assumira maior importância na vida municipal. Alguns inconvenientes sempre ocorriam, como por exemplo o de a colônia e povoado de Rolante exportarem sua produção para Taquara, em virtude de ser mais fácil a comunicação com aquêle município.

A 9 de maio de 1922 é inaugurada a Usina Elétrica Municipal.

Em 1923 vai novamente ensangüentar-se o Rio Grande do Sul em luta civil. Essa irá também atingir Santo Antônio.

A 21 de abril de 1923 o coronel rebelde, Francisco Marinho e Luís de Saraiva Gomes, atacam o lugar, sendo contudo repelidos pelo coronel legalista, Paulo de Morais. A 18 de maio Luís de Saraiva Gomes obtém pequena vitória próximo à Lagoa dos Barros. A 17 e a 27 de setembro, em Passinhos, Barro Prêto, Capão da Caturrita e Pedreira, tem Gomes que enfrentar os 200 comandados do capitão Pedro Vaz. A 1.º de outubro, inicia-se a luta que durará nove dias, entre Saraiva Gomes e o major Manoel Gonçalves Cardoso, junto à Lagoa dos Barros, nos lugares denominados Pedreira, Casa da Praia e Ronda. Não obtendo vitórias significativas, não dominando a vila, não destruindo as fôrças legais, pode-se dizer que foram redondamente frustrados os revolucionários em Santo Antônio.

Voltou a paz ao município.

E, novamente, merece a agricultura atenções especiais, ao mesmo tempo que surge e se desenvolve notàvelmente a indústria, condicionada à transformação e beneficiamento de produtos alimentares e bebidas.

Chegou mesmo um momento em que Santo Antônio se situava logo após Pôrto Alegre, no número de estabelecimentos industriais, isto é, superava Caxias, Novo Hamburgo e Rio Grande, cidades conhecidas por sua industrialização. Por outro lado, contudo, o valor da produção era muito inferior à daqueles municípios, desde que não poderia mesmo haver competição entre os mesmos e Santo Antônio. Com a perda de Rolante, que se constituiu em município em 1954, perde também Santo Antônio essa posição.

14 — 24 946

Agrícola e industrial, o município continua a progredir. Uma idéia do que seja a vida rural, com a pequena indústria doméstica, pode ser dada pelo fato de ser a população de Santo Antônio, em 1.º de janeiro de 1956, da casa dos 52 000 habitantes, dos quais apenas 3 000 na cidade, ou seja, pouco mais de 6%.

População cordial e hospitaleira, gente trabalhadora e altiva, Santo Antônio, município antigo, é um belo exemplo do que seja a vida no Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA — *Aspectos de Santo Antônio, in "O Patrulhense"*, — José Maciel Junior. *Reminiscências de Santo Antônio, in "O Patrulhense"* — José Maciel Junior. *Extrato das Atas da Comarca de Santo Antônio da Patrulha* — José Maciel Junior. *Santo Antônio da Guarda Velha ou da Patrulha* — José Maciel Junior. *Revolução de 1923* — Celso Schröder. *Cronologia da Revolução de 1893* — Artur Ferreira. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do R.G.S.* — O. Augusto de Faria. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *Histórico da Divisão Administrativa do R.G.S.* — O. Augusto de Faria. *Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul* — Aquiles Pôrto Alegre. *História Popular do Rio Grande do Sul* — Alcides Lima. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* — Padre Balduino Rambo, S.J. *Bom Jesus em sua História* — Ricardo Luís Frizzo. *A frota de João de Magalhães* — General Borges Fortes. *As Primitivas Reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul* — Padre Luís Gonzaga Jaeger, S.J.

VULTO ILUSTRE — *Dr. Antônio Ângelo Christiano Fioravante* — Nasceu no início do século passado, em Santo Antônio da Patrulha.

Bacharelou-se na Faculdade de São Paulo.

Vindo para Pôrto Alegre, abriu uma banca de advocacia.

Exerceu o cargo de Administrador da mesa de rendas.

Pertencia ao Partido Liberal.

Faleceu em fevereiro de 1870, já passando dos 60 anos.

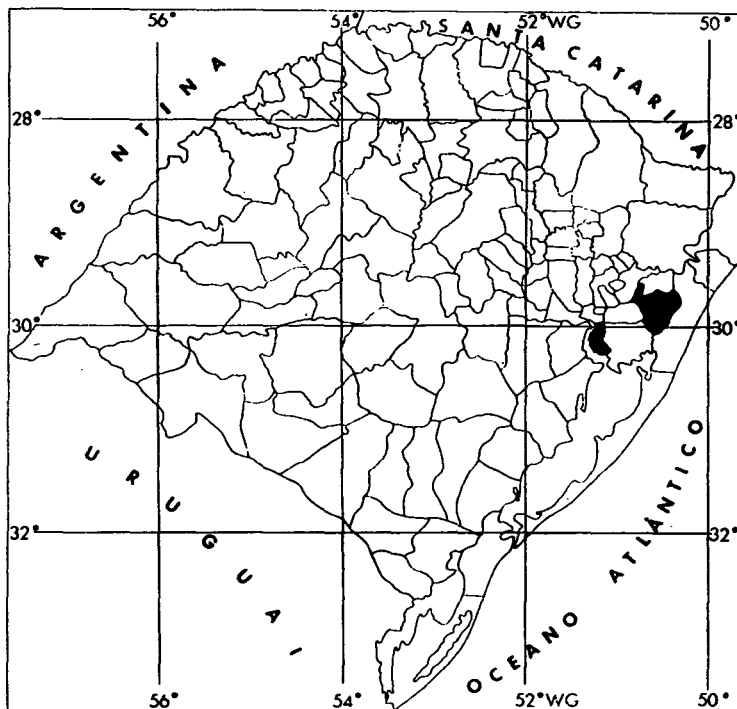
POPULAÇÃO — Conta o município de Santo Antônio 52 280 habitantes, localizando-se 2 940 na sede e 49 340 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 41,96 habitantes por quilômetro quadrado; 1,1% sôbre a população total do Estado; área: 1 246 quilômetros quadrados.

Hospital de Caridade Santo Antônio

Aglomerados urbanos — A cidade de Santo Antônio; vilas: Caraá, Entrepelado, Miraguaia, Pinheirinho.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santo Antonio	815	—	296	197	29	618

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal, 29° 49' 17" de latitude Sul e 50° 28' 09" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo E.N.E. Distância em linha reta da Capital do Estado: 70 km. Altitude: 57 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Banham o município os seguintes rios: dos Sinos, Rolante, Capivari, Chicolomã e Caraá. Possui alguns arroios. Conta também com boa parte da lagoa dos Barros, cujo centro faz a divisa com o município de Osório. O município é percorrido em sua parte norte pelo Planalto do Rio Grande. Conta os seguintes cerros: Cantagallo, Bocó, Agudo, Canastra, Caraá e Morro Grande. Os rios não são muito piscosos, existindo apenas as espécies mais comuns da água doce, como a traíra, jundiá, grumatã e dourado. A pesca não tem nenhuma expressão econômica para o município. As duas últimas variedades, só em determinadas épocas são encontradas.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima é temperado. Médias das temperaturas ocorridas em 1956: máxima — 23°C; mínima — 14,9°C; compensada — 19,4°C. Precipitação anual das chuvas: 1 147 mm. Geadas: ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Rolante; ao sul: Viamão e Osório; a leste: Osório; e a oeste: Gravataí e Taquara.

Fonte Pública de Santo Antônio (construída em 1847)

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — Fonte principal do enriquecimento do município. O arroz, a cana, o feijão e a batata-inglêsa, são as culturas mais difundidas em Santo Antônio.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Produtos	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	14 300	56 723
Cana	276 500	41 475
Feijão	6 600	39 380
Batata-inglêsa	9 678	35 486

Valor total da produção: Cr$ 269 240 640,00.

Com atividade fundamental à economia do município, no setor agrícola, e mesmo com ressonância na região, pode-se destacar a cultura do arroz, cuja produção na safra de 1956, atingiu a quantia de 470 000 sacos, aproximadamente, em uma área plantada de 5 800 ha. Segue-se o plantio da cana-de-açúcar, cuja produção foi de cêrca de 300 000 toneladas, numa área de 13 500 ha. Pode-se enumerar ainda o cultivo de feijão, milho, mandioca, batatas, alfafa e trigo. Quase todos êstes produtos, sendo transformados no município, mais ainda contribuem para a sua riqueza. Haja vista o arroz, beneficiado por grandes engenhos e exportado para outros centros consumidores do país. Por outro lado, tôda a cana-de-açúcar é transformada no próprio local de plantio, através de inúmeros estabelecimentos que fabricam, principalmente, a aguardente, o açúcar de bangüê, a rapadura, etc.

Principais agricultores	*Área cultivada (ha)*
Adão Ferreira Borba	209
Ademar Ferreira Lima	49
Albrecht Bühler	52
Angelino Dias Santana	139
Antônio Barth da Rocha	175
Antônio Cardeal de Souza	61
Antônio Pereira dos Santos	110
Antônio Peres da Silva	26
Aristides Marques Peixoto & Mario Marques Peixoto	279
Arlindo Meregalli	61
Artêmio Camargo e Outros	348
Assis de Assis	26
Astrogildo Peixoto da Silveira	120
Brazilino Pereira dos Santos	59
Dalberto Caetano de Medeiros	30
Dalmo Fonseca	52
Eduardo Ferrugem Maciel	70
Ernesto Barth da Rocha e outro	61
Felisberto Luiz de Oliveira	70
Francelino Pereira dos Santos	96
Francisco Kalata	61
Gilberto Soares	35
Jaques Barcelos Filho	92
João Delfim de Oliveira	52
João Silveira de Castilhos	37
Jorge van Saltiel	26
José da Cunha Gil	52
José Ferrugem Maciel	47
José Pereira dos Santos	52
Juvenil Pereira dos Santos	92
Lealsino José de Oliveira	52
Leonel Barcelos	122
Luiz Figueira da Silva	78
Manoel Ferreira da Costa	80
Nelson Gomes	57
Osório, Lopes & Cia. Ltda.	383
Othelo Maciel da Rosa	70
Rubem Carlos da Silva	105
Tertuliano Ramos de Oliveira	26
Theobaldo Delfim de Oliveira	37
Tolentino Pereira dos Santos	26
Urin Ferreira de Castilhos	52
Vitor Vila Verde F°	70
Wilson Gomes Gil	70

Os principais centros consumidores dos produtos agrílas do município, são: Pôrto Alegre, São Paulo, Curitiba e outros, além dos municípios vizinhos.

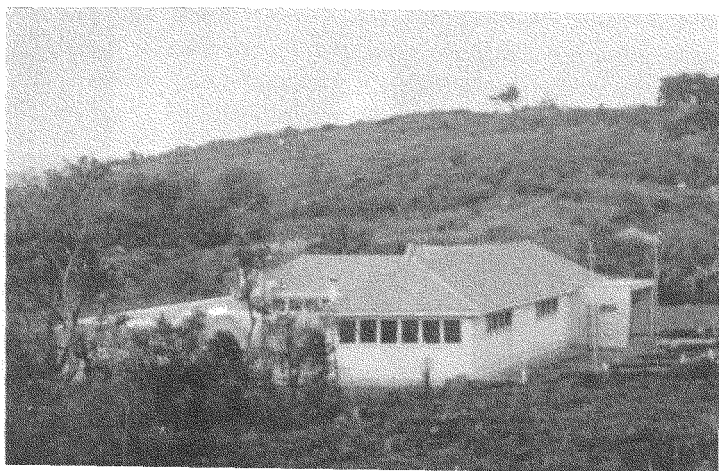
Avicultura — O único criador organizado é o eng.°-agr. Manoel Vaz Costa, proprietário da granja "Alfa". Raça: New-Hampshire, cujo valor da criação atinge a importância de Cr$ 200 000,00.

Apicultura — Os principais criadores do município são: Adão Gomes, localizado em Tapumes, e Francelino De Carli, localizado em Morro Grande. O valor da produção total do município atinge cêrca de Cr$ 60 000,00.

Pecuária — É um dos fatôres de relevância econômica para o município. No entanto, o enorme incentivo que vem tendo ùltimamente a orizicultura faz com que se preveja o decréscimo dos rebanhos.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.° de cabeças*	*Valor (Cr$1 000)*
Bovinos	26 500	42 400
Eqüinos	5 700	5 700
Muares	800	960
Suínos	17 700	10 620
Ovinos	4 200	1 176
Caprinos	200	26

Indústria — Em 1955, Santo Antônio, com seus 623 estabelecimentos industriais, em plena atividade, ocupou a média de 1 807 operários, mensalmente, tendo sua produção somado Cr$ 181 701 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: ind. alimentares, 76,2%; de bebidas, 2,6%; madeiras, 2,3%; transformação de produtos minerais, 2,1%; couros e produtos similares, 1,3%; químicas e farmacêuticas, 1,2%; metalúrgicas, 1,1%; mobiliário, 0,2%; vestuário calçados e artefatos de tecidos, 5,4%.

Presídio Municipal (construído pelo Govêrno Estadual e inaugurado em 1956)

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 182 100	24 748 820,00
Carne verde de suíno	48 752	819 526,00
Carne verde de ovino	21 147	253 764,00
Carne verde de caprino	60	720,00
Couro verde de boi, voca e vitelo	59 670	441 558,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	40 176	449 951,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	53 380	384 336,00
Pele sêca de ovino	1 113	16 695,00
Pele sêca de caprino	3	45,00
Toucinho fresco	62 560	1 299 820,00

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	21
Ferragens	1
Fazendas	7
Rádios e material elétrico	2
Refrigeradores	2
Material de construção	1
Bazares	1
Calçados	1

As principais cidades com as quais o município mantém transações comerciais são: Pôrto Alegre e Osório.

Há no município 3 agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Osório: rodov. (30 km); Rolante: rodov. (32 km); Taquara: rodov. (60 quilômetros); Gravataí: rodov. (50 km); Viamão: rodov. (69 km). Capital Estadual: rodov. (80 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja-se "Pôrto Alegre".

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica pelo sistema termelétrico, inaugurado em 1954 pela C.E.E.E., com usina localizada no município de Osório. Existe no município de Santo Antônio uma pequena usina, sòmente utilizada em casos de emergência. A cidade não dispõe de esgotos sanitários.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	32
Ruas	26
Avenidas	2
Travessas	4

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Asfalto	8 000 m²
Pedras irregulares	20 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	2
Parcialmente pavimentados	10
Parcialmente calçados com pedra irregular	10
Ajardinados	1
Arborizados	8
Simultâneamente ajardinados e arborizados	3

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros parcialmente servidos pela rêde	11
Bebedouros ou bicas públicas	6
Consumo anual de água	50 000 m³

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há 1 agência postal-telegráfica, no município.

HOTÉIS E PENSÕES — Principais hotéis e pensões da sede municipal: Hotel Boas Vindas, diária para casal .... Cr$ 260,00, para solteiro Cr$ 140,00; Hotel Bela Vista, diária Cr$ 240,00 para casal e Cr$ 130,00 para solteiro; Hotel Santa Teresinha, diária para casal Cr$ 240,00, para solteiro Cr$ 130,00; Hotel Familiar, diária para casal Cr$ 240,00, para solteiro Cr$ 130,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	161
Ônibus	14
Camionetas	24
Ambulâncias	—
Motociclos	10
Total	209

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	124
Camionetas	28
Tratores	100
Total	252

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	40
Bicicletas	140
Total	180

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	35
Carroças de quatro rodas	75
Outros	783
Total	893

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 46% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 60%. Em 1955 havia 105 unidades escolares do en-

sino fundamental comum com 6 655 alunos, (O município perdeu território com o desmembramento do atual Rolante). Há no município uma unidade de ensino ginasial e 1 de ensino pedagógico.

Outros aspectos culturais — É editado ali "O Patrulhense", quinzenário, de natureza noticiosa. Acha-se fora de circulação temporàriamente. Existem 5 sociedades recreativas e 8 desportivas, devidamente organizadas. Possui o município 1 biblioteca de caráter geral, com aproximadamente 2 700 volumes, pertencendo à Escola Normal Santa Teresinha. Estações de Rádio: Rádio Sulina Santo Antônio Limitada. Prefixo: ZYU-45. Freqüência: 1 590 kc. Potência: anódica 150 watts; na antena 100 watts. Tôrre irradiante: 1. Possui um palco-auditório com capacidade para 150 pessoas. 1 microfone. Discoteca com 1 300 discos; tendo 5 pessoas empregadas. Cinemas: Cine-Teatro Luz, com capacidade para 400 pessoas e Cine Patrulhense, com 300 lugares.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Organizado, só existe o Jóquei Clube Patrulhense, que possui uma cancha reta para corridas de cavalo. Não existem criadores de cavalos de raça no município.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 4 médicos e 4 dentistas. Em 1955, contava o município com um hospital, totalizando 25 leitos, tendo sido internados 666 enfermos, assim discriminados: 90 crianças, 206 homens e 370 mulheres. O hospital contava com 1 aparelho de raios-X diagnóstico, 1 sala de operações, 1 sala de partos, 1 de esterilização e 1 farmácia. Existe também 1 Pôsto de Higiene, do Departamento Estadual de Saúde.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Sociedade Assistencial Pio X, distribui gêneros alimentícios aos necessitados.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 4 advogados residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 2; total de sócios — 453; valor dos serviços executados — Cr$ 54 680 620,00.

FESTEJOS POPULARES — São os seguintes os festejos populares tradicionais do município: Festa em honra a Santo Antônio, padroeiro do município, realizada a 13 de junho de cada ano. Festa em louvor ao Divino Espírito Santo, no 50.º dia após a Páscoa. Em ambas são organizadas procissões que percorrem as principais ruas da cidade. Em diversas igrejas católicas do interior do município também se fazem festas de mesmo estilo, sem entretanto, apresentarem as características citadinas tradicionais.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Existem os seguintes: Obelisco em homenagem ao Professor, localizado na Av. Borges de Medeiros, inaugurado em ...... 15-10-42. Pira da Pátria, também localizado na Avenida Borges de Medeiros, bem defronte à Prefeitura Municipal. É considerada como monumento artístico e histórico a "Fonte de Santo Antônio" localizada na cidade. Trata-se de uma vertente de água potável, que serve a população circunvizinha, ao redor da qual, foram construídos artísticos muros de pedra e que datam do ano de 1847.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 700	4 334	2 210	1 260	2 327
1951	1 800	5 762	3 217	1 407	3 286
1952	3 096	7 625	3 688	1 683	3 428
1953	4 044	11 291	4 908	2 142	5 760
1954	5 357	13 103	4 943	2 148	5 803
1955	6 190	16 772	5 263	2 030	5 676
1956	8 368	21 259	7 418	2 680	6 961

SANTO CRISTO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Os primeiros lampejos da aurora da história de Santo Cristo raiaram em princípios dêste século, quando o Dr. Horst Hoffmann adquiriu do Govêrno do Estado a gleba rural que compreendia o território de Santo Cristo, cabendo-lhe a adoção das providências iniciais com vistas à colonização. Dita gleba rural denominava-se Colônia Boa Vista, tinha Santo Cristo por sede, pertencia ao município de Santo Ângelo e compunha-se de 1 222 lotes rurais, com a área unitária de 25 hectares, incluídas a sede de Santo Cristo e a de Nova Boa Vista.

A colonização pròpriamente dita teve início em 1910, ano em que a Companhia Colonizadora Rio-Grandense, sediada em Pôrto Alegre, que adquirira do Dr. Horst Hoffmann a gleba em referência, incrementou a medição das terras.

Foi primeiro chefe da colonização o eng.º Carlos Culmey, perecido tràgicamente, aproximadamente há um decênio, em águas do rio Uruguai, quem procedeu, pessoalmente à medição.

Os primeiros adquirentes que se radicaram na novel colônia, em junho de 1911, foram as famílias Cliemann, Stuelp, Hilbig, Klein, Etges e Schaedler, sendo um lote de 25 hectares vendido pelo preço de Rs. 450$000 a vista e Rs. 500$000 a prestações, com juros de 6% ao ano. Os primeiros habitantes de Santo Cristo foram o Sr. João Kuhn, (Kuhnhannes) e um tal velho Lenz.

A primeira missa em Santo Cristo foi celebrada a 25 de março de 1913, pelo Revmo. Pe. Max von Lassberg, jesuíta. Dentre os Vigários que passaram por Santo Cristo, destaca-se o Padre Adolfo Gallas, empossado à testa da paróquia, que com zêlo, dedicação e carinho especiais, dirigiu a coletividade católica santo-cristense até que, a 19 de agôsto de 1956, a morte, prematuramente, ceifou aquela vida preciosa. Atualmente, a paróquia é dirigida pelo Padre Eduardo Ruchaber, sendo êste o 4.º vigário efetivo do município.

Santo Cristo tanto como Alecrim integravam o território do 5.º distrito de Santo Ângelo, denominado de Laranjeira. Em 1924, passaram a formar o 10.º distrito do mesmo município, com sede em Santo Cristo. Com a emancipação de Santa Rosa, em 10 de agôsto de 1931, Santo Cristo

tornou-se seu 4.º distrito. Em 1950, o território foi fracionado, dando nascimento ao distrito de Alecrim que seria o 10.º de Santa Rosa.

Vendo-se relegados ao esquecimento e desamparo do poder público, em flagrante contraste com sua riqueza econômica, a capacidade de produção e os justos anseios reivindicatórios de progresso de sua população, Santo Cristo e Alecrim compenetraram-se e sentiram a necessidade de sua autonomia político-administrativa. A idéia emancipacionista veio a lume num discurso de saudação ao Governador do Estado, general Ernesto Dornelles, presente à "Festa do Milho" em Santa Rosa, em 25 de julho de 1953, discurso que foi proferido em nome da Câmara Municipal de Santa Rosa, pelo vereador Jacob Sandri, representante de Santo Cristo naquele Legislativo. Apenas lançada a idéia, que encontrou eco e receptividade ímpares no seio da população emancipada, o movimento criou vulto, funcionando a todo vapor. A Comissão Pró-Emancipação de Santo Cristo, ficou assim constituída: Presidente de Honra, Padre Adolfo Gallas; presidente, Jacob Sandri; Vice-Presidente, Dr. Severino Ronchi; 2.º Vice-Presidente, Hemetério F. de Wallau; 1.º Secretário, Alfredo Ost; 2.º Secretário, José Paulino Stein; 1.º Tesoureiro, João Fridolino Mueller e 2.º Tesoureiro, Leopoldo Ost.

Ingentes e numerosos foram os obstáculos que aquela benemérita Comissão teve que superar, pois uma oposição ferrenha a seus intentos partiu da Administração do município-mãe, ciosa de não perder os distritos, de onde partiam vantagens financeiras de grandes proporções para seus cofres.

No plebiscito realizado nos dois distritos, houve o seguinte resultado: 1 487 votos a 43, a favor da emancipação. E, pela Lei n.º 2 602, de 28 de janeiro de 1955, assinada pelo então Governador do Estado, general Ernesto Dornelles, foi emancipado Santo Cristo, sendo solenemente instalado em 1.º de janeiro de 1956, quando tomou posse o primeiro Prefeito eleito, Sr. Jacob Sandri.

O povo santo-cristense teve nas pessoas dos Senhores Cláudio Wilibaldo Loeblein, Stefan Warpechowski, Afonso Wagner, Henrique Otto Drögemöller, Carlos Frederico Huber, Paulo Banderó e João Luiz Meurer, seus primeiros representantes no Legislativo Municipal, tendo o vereador Stefan Warpechowski sido o primeiro Presidente da Câmara.

No município de Santo Cristo, a exemplo do sucedido aos demais municípios da zona fisiográfica denominada de Noroeste, afluíram, notadamente a partir de 1930, elementos procedentes das antigas colônias italianas e alemãs. Tal se deve ao excessivo minifúndio nas primitivas regiões de colonização, não mais capaz de absorver os descendentes dos antigos colonos, razão pela qual procuravam locais ainda inexplorados para se instalar.

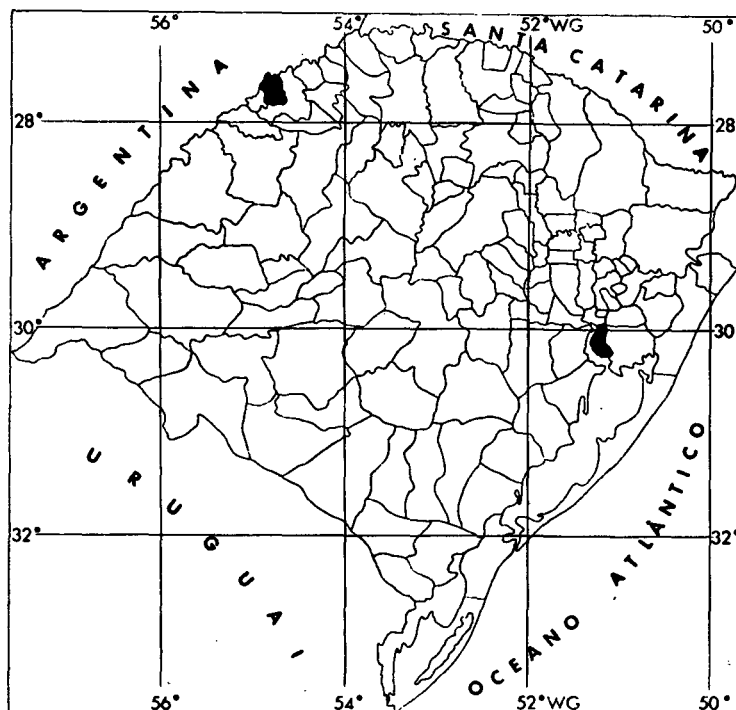
BIBLIOGRAFIA — Jornal "A Serra", de Santa Rosa — Rio Grande do Sul.

POPULAÇÃO — Conta o município de Santo Cristo .... 26 700 habitantes, localizando-se 820 na sede e 25 880 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 38,25 habitantes por quilômetro quadrado; 0,56% sôbre a população total do Estado; área: 698 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Santo Cristo e vila de Alecrim.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Santo Cristo...	1 138	10	212	157	44	981

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — A sede municipal está situada na posição geográfica de 27° 49' 40" de latitude Sul e 54° 40' 50" de longitude W.Gr. Distância em linha reta, da Capital do Estado: 416 km. Rumo N.O. Altitude 210 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município está situado no alto Uruguai. Rios: Uruguai que limita o município e o Estado com a República Argentina. Santo Cristo, que o limita em tôda extensão, com o município de Santa Rosa. Amandaú, que também o limita com o município de Santa Rosa. Lajeado Bugre, afluente do rio Uruguai. Lajeado Ouro e lajeado Vidote, afluente do rio Santo Cristo, servem de limite entre os distritos de Alecrim e Santo Cristo.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais: cobre. Vegetais: angico, grápia, louro, ipê, tarumã, guajuvira, pau-ferro, etc. Área das matas naturais: 138 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 25,9°C; mínima — 14,4°C; compensada — 19,5°C. Chuvas: precipitação anual de 2 110 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: República Argentina; ao sul: Santa Rosa; a leste: Santa Rosa e a oeste: Pôrto Lucena.

Igreja-Matriz de Santo Cristo

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — As lavouras são trabalhadas por processos ainda rudimentares. Os principais produtos cultivados são: soja, milho, fumo, trigo, mandioca, linhaça e batata-inglêsa, abrangendo uma área de 20 200 hectares. Os centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

Avicultura — É pouco desenvolvida a criação de aves no município, sendo esta destinada apenas ao uso dos próprios criadores.

Apicultura — A criação de abelhas não tem expressão econômica; há, entretanto, alguns colonos que as cultivam para uso próprio.

Pecuária — A criação de bovinos é destinada principalmente ao trabalho, sendo preferido o gado de raça jérsei para a produção de leite. As raças de suínos preferidas são: duroc, jérsei e macau. De um modo geral, todo agricultor é criador de suínos. Principais criadores do município: Leopoldo Angst, José Diel, Leonardo Dillman, Carlos Frederico Hubner e Oscar Francisco Schneider.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$1 000)*
Bovinos	5 000	8 500
Eqüinos	2 000	1 800
Muares	200	220
Suínos	15 000	10 500
Ovinos	200	54

Indústria — Conta o município de Santo Cristo com 54 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 71 operários. O valor da produção industrial em 1955, foi de Cr$ 16 350 000,00.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	7
Casas de móveis	1
Casas de rádios	2
Fazendas	1

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Santa Rosa, Santo Ângelo, Ijuí, Pôrto Alegre, Montenegro, Caxias do Sul, Guaporé, Pelotas e Rio Grande.

Conta com uma agência do Banco Agrícola Mercantil S. A. e uma Caixa Rural União Popular de Boa Vista.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Santa Rosa: rodov. (22 km); Pôrto Lucena: rodov. (49 km); Giruá: rodov. (51 km); Cêrro Largo: rodov. (87 km); São Luís Gonzaga: rodov. (129 m); Santo Ângelo: rodov. (87 km); Três de Maio: rodov. (57 km); Horizontina: rodov. (73 quilômetros). Dista da Capital do Estado rodov. (656 km), e da Capital Federal rodov. (3 002 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade de Santo Cristo tem, apenas, como sede de município, dois anos de existência, tendo sido fundada a colônia no ano de 1912. Conta com iluminação elétrica.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos total	12
Ruas	12

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	16 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	1
Parcialmente	3
Pedras irregulares	1
Parcialmente	3

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	12

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município 1 Agência Postal-telegráfica na sede e outra no distrito de Alecrim.

HOTÉIS E PENSÕES — Há dois hotéis no município cujas diárias são de Cr$ 80,00 para solteiro e Cr$ 160,00 para casal.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	27
Ônibus	3
Camionetas	10
Total	40

PARA TRANSPORTE DE CARGA

Caminhões	76
Tratores	2
Total	78

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 41 unidades do ensino fundamental comum com 2 862 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — 1 sociedade recreativa e um cinema com 200 lugares.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, mantendo um total de 69 leitos. Em 1955, foram internados 2 161 enfermos, sendo 595 homens, 616 mulheres e 950 crianças. Há 1 aparelho de raios-X diagnóstico, 3 salas de operação, 1 sala de esterilização, 1 laboratório e 2 farmácias. Exercem a profissão 1 médico e 2 dentistas.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Município novo, é jurisdicionado pela comarca de Santa Rosa.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Crédito — 1; total de sócios — 694; valor dos empréstimos — Cr$ 4 321 996,00.

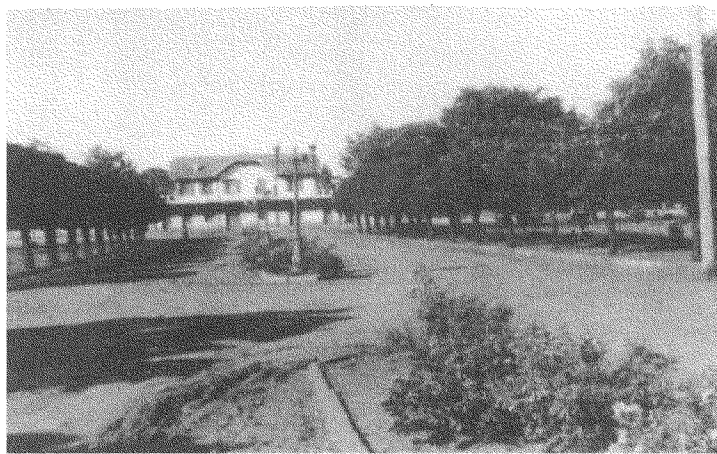
FESTEJOS POPULARES — Festa comemorativa à emancipação do município, em 28 de janeiro e Dia do Colono, em 25 de julho.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1956	600	1 940	4 029	1 958	2 608

SÃO BORJA — RS

Mapa Municipal no 13.° Vol.

HISTÓRICO — A região do atual município de São Borja era povoada pelos indígenas do grupo tape-guarani, que se deixaram catequizar com relativa facilidade. Sua fundação remonta a 1682. Nessa data, os jesuítas retornam para as Missões Orientais, de onde tinham sido expulsos em 1639 pelos bandeirantes paulistas. É assim São Francisco de Borja o primeiro povo a ser fundado pelos padres, nesta segunda fase, sendo, portanto, o mais antigo dos chamados Sete Povos das Missões. Situado cêrca de 5 quilômetros do rio Uruguai, foi constituído desde o início com 1 952 índios que vieram de São Tomé, na Argentina, aos quais se acrescentaram os povoadores, também índios, das estâncias situadas entre o Icamaquã e o Butuí. A êstes se somaram, ainda, os Guenoas, a princípio infensos à catequese, mas posteriormente convertidos e que vêm a formar o aldeamento de Jesus Maria dos Guenoas, obra do Padre Francisco Garcia, que o incorpora a São Borja, do qual também é o primeiro Cura.

Avenida General Vargas, aparecendo ao fundo a estação da Viação Férrea

Em 1690 conta já com 2 396 almas. Ao Padre Garcia sucede o Padre Tomás Bruno, irlandês de nascimento. Êste Jesuíta, que além da obra evangelizadora, era um mestre na estatuária, ensinou tal arte ao gentio. Dentro de pouco tempo surgiram os primeiros guaranis escultores. Em 1708 concluía-se o templo.

Os índios selvagens, entretanto, assediavam constantemente a Doutrina, pondo em perigo tôda a obra de cristianização da Companhia de Jesus. Nesse último ano, o Padre Jerônimo Herrán resolve enfrentar a situação, ao convocar os catecúmenos para porem um paradeiro àqueles contínuos ataques. O combate travou-se a 14 de fevereiro, no qual 2 000 guaranis cristãos, tendo o referido sacerdote no comando, atacam o reduto dos selvagens, desbaratando-os completamente. Estava afastada a ameaça dêste lado.

A instrução militar fazia parte integrante da vida comunitária do povo de São Borja. Dela se encarregava um Irmão leigo, no caso, o Irmão José Brazanelli, que revelou dotes militares e artísticos, pois, além da instrução militar que lhe estava confiada, era um exímio escultor e arquiteto.

Foi Cura da Doutrina o Padre José Guinet e Companheiro o Padre Jacob Tankuntsen. Ali residiu também, durante muito tempo, o Padre Salvador de Rojas, que foi Vice-Superior dos Sete Povos.

Eis alguns dados sôbre a Doutrina de São Francisco de Borja. De 1690 a 1707, registraram-se 1 264 batismos. A população atinge o máximo em 1732, época de apogeu dos Povos — 3 679 almas. Quanto à pecuária, acusa em 1768 as seguintes cifras: 11 922 vacuns, 1 630 eqüinos, 166 muares e 13 245 lanares.

Após 1732 entra a Doutrina a declinar cada vez mais depressa, por vários motivos, já assinalados (no histórico do município de São Luís Gonzaga). Expulsos os Jesuítas, para cá vieram, como administrador Antônio Ávila e como Cura, dois franciscanos.

Em virtude da insubordinação dos índios ao cumprimento do Tratado de Madrid, que mandava se entregassem as Missões Orientais a Portugal, insubordinação que chegou à revolta aberta, foram acusados os inacianos de ser os instigadores da revolta. Determinou a Côrte de Madrid que se instaurasse o competente inquérito para apuração dos fatos. Dêle foi encarregado Diogo de Salas, que começou o processo em 1756, o qual se prolongou por cêrca de três

Igreja-Matriz de São Borja

anos. Os depoimentos foram quase todos favoráveis aos padres. Por isso, Ceballos, Governador de Buenos Aires, oficiava ao Ministro da Côrte madrilena, Ricardo Wall — hostil à Companhia de Jesus —, dizendo que, após o término do inquérito, êle podia concluir que não só os Jesuítas não se opuseram à aplicação do aludido tratado, como tudo fizeram no sentido de convencer os catecúmenos de que acatassem as decisões do Govêrno de Sua Majestade Católica. Ceballos — de sentimentos fortemente antilusitanos e simpático à obra dos loiolanos — foi acusado de tudo ter feito para inocentá-los. Seja, como fôr, a importância daquele processo foi superada pelos acontecimentos posteriores, que anularam o Tratado em aprêço, em 1761, o que significava a volta das Missões à coroa espanhola.

A demarcação e outros sucessos que lhe seguiram deixaram tôda a zona das Missões em uma situação anárquica. Em tais circunstâncias, os próprios ameríndios, tão submissos aos Jesuítas, até então súditos fiéis de Castela e inimigos dos portuguêses, teriam tomado a iniciativa de se reconciliarem com êstes, na esperança de melhor suserania. A ser verdade tal versão, os índios catequizados e alfabetizados teriam procurado o brigadeiro Veiga Cabral a fim de oferecerem submissão ao monarca português. Veiga Cabral teria incumbido ao coronel Patrício Correia de Câmara, comandante da guarnição e fronteira de Rio Pardo, tomar as medidas necessárias para integrar as Missões no império de Sua Majestade Fidelíssima.

De qualquer maneira, rompidas as hostilidades entre Portugal e Espanha em 1801, o desertor do Regimento de Dragões, José Borges do Canto, o estancieiro Manuel dos Santos Pedroso e o furriel Gabriel Ribeiro de Almeida, à testa de umas poucas dezenas de voluntários luso-brasileiros, e sem contarem com maior auxílio, incorporavam ao reino de Portugal tôda a extensa região que, na época, se chamava Missões. O último, que falava o guarani, ia explicando aos índios, nos terrenos conquistados, que a finalidade da guerra não era contra êles, mas sim contra os castelhanos. Assim, muitos iam aderindo àquele punhado de bravos. Do desprestígio dos espanhóis entre a população indígena, fala com eloqüência o fato de que, após as conquistas de São Miguel, São João e São Lourenço, marchava Santos Pedroso sôbre São Borja, quando seus habitantes se revoltaram, prenderam o administrador castelhano e enviaram uma delegação a Pedroso. Esta, que trazia o Administrador amarrado, se apresentou, declarando que a população de São Borja desejava sua incorporação a Portugal. Pedroso entrou em seguida no povoado que, não obstante, foi atacado na mesma noite, mas sem resultado. Era de 1 300 ameríndios a população da outrora próspera Doutrina de São Francisco de Borja, população que iria reduzir-se a 180 em 1827.

Incorporada a Portugal a extensa região, que abrangia quase a metade do atual Estado do Rio Grande do Sul, foi designado um Comandante Geral das Missões — função que seria exercida por um oficial superior do Exército — com podêres discricionários para resolver tôdas as questões, inclusive as de alçada civil, cabendo, porém, recurso para o Governador da Capitania. Foi durante a Comandância que se fizeram as concessões de sesmarias nas terras recém-conquistadas.

Relação dos concessionários, na área de São Borja: José Borges do Canto, João do Cabo Farias, José Gomes Centurião, José Joaquim Barbosa, Antônio Lopes Pacheco, José Joaquim Domingues, Adriano São Tiago, José da Silva Ávila, Francisco Fernandes, Joaquim Ferreira Machado, Januário Barbosa, Manuel Gomes Leite de Sigueira, Floriano Machado Fagundes, José Marques dos Santos, José Pereira da Silva, Serafim Inácio dos Santos, Francisco Marques Pereira, Constantino da Silva Brum, Flaubia Antunes, Margarida Itabuji, Justo Ferreira de Morais, Francisco de Paula Monteiro, Vasco dos Santos Robalo, Joaquim Luís Viegas, Inácio Carvalho Ramos, Gaspar Ferreira Guimarães, Joaquim de Almeida Bueno, Pedro Nolasco de Faria, Manuel Marcelino Ribeiro, Francisco Joaquim de Borba, Plácido Gonçalves, Francisco Manuel Penteado, José Maria da Gama Lobo d'Eça, Manuel Elias Ferreira Pinto, Francisco José Pires, José Antunes de Siqueira, Valeriano Ferreira de Morais, Elias José e Ricardo Antunes, Antônio José de Fraga, Manuel da Silva Pereira do Lago, Antônio Pereira de Lara, Amândio Antônio de Faria, Luís Guedes de Morais Sarmento, Maria Eufrásia Guaambuí, Antônio Prudente da Fonseca, Basílio Garcia da Rosa, Clemente Antônio Vieira, Joaquim Ferreira Braga, Florisbela dos Santos Lima, João Garcia da Rosa, Fernando Gurambi, Custódio Gonçalves Lopes, Joaquim dos Santos Loureiro, Fabiano Pires de Almeida, Ângelo Vieira de Oliveira, Feliciano Flôr Goulart, José Antunes Pinto, Francisco Paim Coelho de Sousa, Floriano José Machado, José Dutra de Lemos, João Alves Coelho, José da Trindade, João Machado de Almeida, Francisco Correia Leal Famoso, Hipólito José Pereira, Luís Tavares Freire, Mariano José Pinto, César Augusto Centeno, Francisco Chagas Santos, Marcelino Lopes Falcão, Domingos José da Silveira, Antônio Luís dos Santos Assis, Marcos Cristino Fioravante. A êstes se podem acrescentar João Luís do Nascimento, João Xavier Pedroso e Jacinto de Moura, que figuram entre os primeiros compradores de terras.

Os primeiros comandantes gerais exerceram suas funções em S. Miguel (município de Santo Ângelo), S. Nicolau e São Luís (município de São Luís Gonzaga), até que a nomeação recaiu no coronel Francisco Chagas Santos que, de acôrdo com seus predecessores imediatos, continuou a ter São Luís Gonzaga como sede da Comandância. Sua decisão, em 1810, de mudar a sede para São Borja teve extraordinária importância para o município, porque São Borja

passou a ser a capital de tôdas as Missões Orientais. Até então o Continente de São Pedro só tinha quatro municípios — Rio Grande, Pôrto Alegre, Rio Pardo e Santo Antônio. A conquista daquelas vastas áreas de terras impunha a criação de um novo município que delas se ocupasse e, o que era mais importante na época, fôsse sede de uma guarnição militar que resguardasse as novas fronteiras. Dêste modo, em 1817, criava-se o município de São Luís da Leal Bragança, cuja sede deveria ser o Povo de São Luís Gonzaga. O fato, porém, de que êste lugar se achasse em declínio, desde a transferência da Comandância, fêz com que a instalação do novo município fôsse sendo adiada indefinidamente. Só em 1834 é que foi instalado São Luís da Leal Bragança — não no Povo de São Luís, mas no de São Borja.

São Borja foi teatro de muitos combates na Campanha de 1816 (contra os uruguaios). Aqui nascera Andrés Artigas, índio civilizado, cujo nome primitivo era André Taquari e que era filho adotivo de José Artigas, o fundador da nacionalidade uruguaia. A 21 de setembro daquele ano, Andresito, como era chamado, à frente de 2 000 índios e duas peças de artilharia, cerca São Borja que é defendida por 220 homens e 10 canhões a mando do brigadeiro Francisco Chagas Santos. Depois de vários dias de sítio, em que os defensores resistiram bravamente, chegam auxílios. Tratava-se de 693 homens comandados pelo tenente-coronel José de Abreu, que fôra avisado do cêrco por um guarda que conseguira em uma noite escura burlar a vigilância do inimigo. A 3 de outubro, Abreu enfrenta Artigas, derrotando-o. No dia seguinte, êste sofre outra derrota. Desta feita, uns 700 orientais são batidos pela coluna de 230 soldados do cap. Paula Prestes, junto à barra do Butuí. Depois dêste combate, Andresito foi obrigado a bandear-se com sua tropa para o outro lado do Uruguai. Aí se refez, aumentando seus efetivos e arrebanhando cavalhada, com a intenção de voltar novamente ao Rio Grande do Sul. Em face disso, o Governador da Capitania, o Marquês de Alegrete, ordenou a Chagas Santos que invadisse as Missões Ocidentais, saqueasse tôdas as reduções e de lá trouxesse tudo o que havia de valioso, inclusive objetos religiosos. O Comandante Geral das Missões cumpriu à risca esta ordem. Desta maneira, foram destruídas, em território argentino, os Povos da Cruz, Japeju ou Santos Reis, Mártires do Japão, São José, Santa Maria Maior, São Tomé e São Xavier. A destruição destas reduções resultou contraproducente, porque irritou os índios, que acudiram, pressurosos, ao novo chamamento de seu irmão Andrés Artigas. Êste forma um exército de mais de 1 000 homens. Antecipando-se a um novo ataque, Chagas transpõe o Uruguai e marcha sôbre São Carlos, onde se aquartelara o inimigo. Consegue aproximar-se da igreja, convertida em depósito de munição e nela atear fogo. Segue-se pavorosa explosão na qual pereceram mais de 200 índios e alguns brasileiros. Logo após, a Redução foi destruída. Artigas, que pôde escapar, regressa no ano seguinte (1819) comandando mais de 2 000 homens e ocupa São Nicolau. Chagas vai-lhe ao encontro, mas enfrenta tal resistência que é obrigado a retirar-se para a estância da Palmeira, a 36 km de São Borja. Andresito, cujo plano era fazer junção com as tropas de seu pai José Artigas, deixa uma guarda em São Nicolau e se adentra no

Casas residenciais da Vila Militar

território rio-grandense. Mas, a 6 de junho é surpreendido pela fôrça do coronel José de Abreu, o futuro Barão de Cêrro Largo, que vinha com reforços de Alegrete. Êste derrota-o, infligindo-lhe 430 baixas, prendendo o imediato, tenente-coronel Pedro Sánchez e ferindo o próprio Artigas. Pouco tempo depois, Artigas era prêso no passo de Santo Isidro, município de São Luís Gonzaga, e um ano mais tarde, seu pai, derrotado e desgostoso, se refugiava no Paraguai.

Derrotados os uruguaios e formado o novel Império do Brasil, a Banda Oriental foi-lhe então anexada com o nome de Província Cisplatina, com o que não se conformou a República Argentina, que também a cobiçava. Daí a guerra entre as duas nações. Frutuoso Rivera, caudilho uruguaio e companheiro de José Artigas, com êle se desaveio e passou a lutar ao lado dos brasileiros, opondo-se desta forma às pretensões argentinas. A maior parte da luta se desenvolvia no sul da Província, para onde afluiu o grosso das tropas brasileiras, quando, inesperadamente, Rivera se bandeia para os argentinos e invade as Missões através do rio Uruguai. Encontrando-as quase desguarnecidas, encaminha-se para São Borja. O comandante-geral era o coronel Joaquim Antônio de Alencastro, o da guarnição, o tenente-coronel José Fontoura Palmeiro e o Administrador-Geral, o major Manuel da Silva Pereira do Lago. Essas autoridades, ou por indecisão, ou porque achavam a resistência inútil, decidiram retirar-se para leste sem oferecer resistência. Dono da situação, Rivera entregou-se ao saque sistemático das relíquias religiosas das Missões, ao mesmo tempo que obrigava a população indígena a acompanhá-lo até a Banda Oriental. Calcula-se em 60 000 o número de cabeças de gado de que se apossou. Quanto aos objetos das igrejas, levou quase tudo que havia em carrêtas arrebatadas aos estancieiros.

Conforme foi dito anteriormente, a instalação de São Luís da Leal Bragança só se deu em 1834. A 21 de abril dêsse mesmo ano, tomava posse a primeira Câmara de Vereadores, composta dos cidadãos João José da Fontoura Palmeiro, presidente, Francisco Borges do Canto, Luís Antônio de Azevedo, Manuel dos Santos Loureiro, Manuel José da Silva Pereira, Fabiano Pires de Almeida e Antônio Caetano de Araújo.

No decênio farroupilha, durante o qual a vila estêve quase sempre em poder dos republicanos, travaram-se alguns combates no município. A 13 de abril de 1839, os farrapos obtêm a primeira vitória, quando os homens do

Vista parcial da Rua Aparício Mariense

José Gomes Portinho desbaratam a coluna a mando de Xará. A segunda foi a 21 de dezembro do ano seguinte, em São José; comandavam os vencedores Jacinto Guedes da Luz e os vencidos, o coronel José dos Santos Loureiro. Em 1843, porém, vira a sorte das armas. Em Santa Rosa, perto do Butuí, os legalistas, chefiados pelo coronel Demétrio Ribeiro e pelo major Antônio Fernandes Lima, destroçaram a fôrça de 500 homens, a mando de João Antônio e Onofre Pires, tendo êstes, 235 baixas, entre mortos, prisioneiros e feridos. Em plena refrega, a 22 de junho de 1836, criava-se a alfândega, transferida em 1849 para Uruguaiana.

Vila desde 1834, só em 2 de maio de 1846 era criada a freguesia de São Francisco de Borja. A 22 de outubro de 1850 passava à sede de comarca. A uns três quilômetros da vila pròpriamente dita, surgia, na margem do Uruguai, uma povoação denominada Passo de São Borja. Em 1859, uma emprêsa de navegação, subvencionada pelo Govêrno Provincial, fazia a linha regular entre Tapevi, na República Oriental, e São Borja. Fazia 64 viagens por ano, transportando em média 701 passageiros e 1 000 toneladas de carga.

Deflagrada a guerra entre o Paraguai de um lado, e o Brasil, Argentina e Uruguai, de outro, em maio de 1865, o general paraguaio Venceslaú Robles fustigava a província argentina de Corrientes, onde se formara um govêrno separatista, sob a égide do Paraguai. Simultâneamente se organizara outra divisão paraguaia, comandada pelo coronel Antônio Estigarribia, com a finalidade de ocupar o território missioneiro da Argentina e, posteriormente, invadir o Rio Grande do Sul. Ainda nesse mês a primeira fôrça inimiga tentava atravessar o passo do Proença, no Uruguai. A guarda brasileira, entretanto, resistiu até a chegada dos socorros — um contingente a mando do major Sousa Doca. Retiraram-se, então, os paraguaios. O coronel Fernandes Lima, que comandava vários corpos encarregados da defesa da fronteira, teve notícias de que o inimigo regressava à pátria, perseguido pelo nosso aliado argentino, coronel Paiva, notícia confirmada pelo próprio Paiva. Em vista disso, parte daquela brigada foi licenciada, acampando o coronel Fernandes Lima no Passo das Pedras, donde podia acudir, tanto a São Borja como a Itaqui. Para grande surprêsa dos são-borjenses, no dia 10 de junho, pela manhã, foram avistados no outro lado do rio, no povoado de Formigueiro, grandes contingentes de tropas paraguaias, prontas para cruzar o Uruguai. Na emergência, o major Rodrigues Ramos, comandando cento e poucos homens que constituíam a guarnição local, adianta-se para o Passo de São Borja, na barranca do rio, disposto a impedi-los de ocupar a cidade. Em meio a tremendo vozerio, os paraguaios tentam o desembarque, sendo repelidos na primeira investida. Voltam e conseguem desembarcar em vários pontos do rio. Os defensores estavam na iminência de serem envolvidos, quando acorre providencialmente o corpo provisório, chefiado pelo ten.-cel. Tristão de Araújo Nóbrega e major Sousa Doca, a quem tinham chegado as notícias da invasão. Procurando conter o inimigo e recuando lentamente, menos de quatrocentos brasileiros ainda lutavam desesperadamente a uma hora da tarde, quando lhes vem em socorro o 1.º Batalhão de Voluntários da Pátria, sob a chefia do coronel João de Deus Mena Barreto, salvando, pelo menos temporàriamente, a situação. Diante da inesperada resistência, o inimigo recua e resolve adiar o assalto final. Isto deu tempo a que a população são-borjense pudesse evacuar a vila, em ordem. Só dois dias depois os paraguaios entraram em São Borja, já inteiramente deserta, onde a soldadesca se entregou ao saque. A resistência foi heróica e temerária, pois que a proporção era de um brasileiro para 5 paraguaios; nela se distinguiram, além dos chefes militares, o guarda Leocádio Francisco das Chagas, o furriel Luís Antônio de Vargas, que perpetraram notáveis atos de bravura. Depois de uma semana em São Borja, Estigarribia tomou o rumo de Itaqui. Três dias após chegava ali o seu comandado cap. López, com grande acavalhada, onde permaneceu até o dia 23, quando seguiu para o sul. Calcula-se mais ou menos em 3 500 o efetivo da divisão de Estigarribia que invadiu o município.

O movimento abolicionista teve seu principal centro de propaganda no Clube Abolicionista local, cujo presidente, o Dr. Venceslau Escobar, a 7 de setembro de 1884, declarava extinta a escravidão, na vila.

A propaganda republicana teve em Francisco Gonçalves Miranda um de seus pioneiros e um de seus ardorosos defensores. Assim é que a 7 de abril de 1881 o referido Miranda fundava o Clube Republicano do Passo de São Borja, cuja denominação era a daquela data, possìvelmente numa alusão àquele 7 de abril, em que D. Pedro I foi obrigado a abdicar. A 30 de outubro, o clube foi reorganizado sôbre bases mais amplas. O Presidente eleito, como justa homenagem, foi o mesmo Francisco Gonçalves Miranda que, junto com seus companheiros, passou a uma intensa campanha de proselitismo.

A 31 de outubro de 1887, um dos mais eminentes republicanos das Missões — Aparício Mariense da Silva — apresentava na Câmara Municipal uma moção, segundo a qual o povo brasileiro, na hipótese da morte do Imperador, deveria manifestar-se, através de um "referendum", se queria ou não um Terceiro Reinado. Nela, Mariense pedia que "a Camara representasse à Assembléia Legislativa Provincial sôbre a indispensável necessidade de se dirigir à Assembléia Geral para que, dado o fato lamentável do falecimento de Sua Majestade, o Imperador, se consultasse a Nação, por meio de um plebiscito, se convinha a sucessão no trono brasileiro de uma senhora obsecada por sua educação jesuítica e casada com um príncipe estrangeiro". A proposta, depois de muitas discussões, foi aprovada. Apoia-

ram-na as Câmaras de São Luís Gonzaga, Santa Isabel, São Francisco de Assis e Dores de Camaquã. Tanto os vereadores de São Borja como os das Câmaras solidárias foram suspensos e processados pelo Presidente da Província, Joaquim Jacinto de Mendonça, sendo, no entanto, absolvidos. A Moção Mariense, como ficou conhecida, teve grande repercussão no Rio Grande do Sul e também no País.

A vila inaugurava em 1856 a primeira escola pública, com a freqüência de 100 alunos, a cargo de Felisberto Batista da Costa. Em 1881 começava a funcionar o telégrafo. A 12 de dezembro de 1887 era, por fim, elevada à categoria de cidade. No fim daquele século operava entre São Borja e outros portos ribeirinhos a Cia. Ferro Carril Argentino do Leste, com sede na Argentina. Possuía 4 vapôres, 4 chatas e 1 rebocador. A 9 de fevereiro de 1913 era pôsto em trânsito o trecho ferroviário para Itaqui, serviço explorado pela companhia inglêsa "Brazil Great Southern". Em julho de 1916, a cidade era dotada com iluminação elétrica.

A evolução demográfica do município apresenta os seguintes dados: 1848 — 6 322 habitantes; 1858 — 6 728 habitantes; 1872 — 11 778 habitantes; 1890 — 15 958 habitantes; 1900 — 17 244 habitantes; 1912 — 25 276 habitantes.

Devido às pastagens naturais, São Borja tem na pecuária a principal riqueza (à qual se viria acrescentar, posteriormente, a grande lavoura). A população bovina, predominantemente de raças européias, acusava para 1914 — 200 128 cabeças; 1915 — 213 903; 1916 — 221 927. Em 1911, a industrialização dessa riqueza recebeu forte impulso com a instalação do saladeiro Alto Uruguai, formado com capitais uruguaios e situado em São Mateus, sôbre o rio Uruguai, três léguas acima da sede municipal. O gado abatido para charque que, em 1911, registrava 12 999 cabeças, subiu a 44 026 em 1917, para descer a 1 130 em 1918. A ovinocultura, também desenvolvida, apresenta a seguinte evolução: 1914 — 74 111 cabeças; 1919 — .... 75 839. No que toca aos eqüinos, as cifras apontam em 1914 — 31 442; em 1919 — 31 734.

Em 1923, os oposicionistas, com Assis Brasil à frente, levantavam-se em armas, contra o quinto período consecutivo de Govêrno de Borges de Medeiros. A 15 de junho a cidade é ocupada pelos assisistas, chefiados pelo coronel João da Costa, que se retira, para enfrentar no dia 21 o coronel Raimundo Gomes Neto, no Passo Novo, rio Icamaquã. Entrementes, o coronel rebelde, Aníbal Padão, que aqui organizara um contingente revolucionário dirigia-se ao Povinho (Santiago), quando soube que 300 legalistas, comandados pelo coronel Dioclécio Dorneles da Mota, se encaminhavam para São Borja.

Aguardando auxílio, Aníbal Padão, apesar de ter só 40 homens, decide enfrentá-los no capão Mandiju, junto ao arroio Itacorobi. No entanto, pagou caro sua temeridade, pois foi derrotado e morto em combate. Os insurgentes de vários pontos se reúnem no município, dispostos a impedir que as fôrças inimigas de São Borja e São Luís façam junção. Com êste fim ocupam diversos passos e pontes de caráter estratégico, como a ponte do Itu, no passo da Porteirinha; passo de São José, no Icamaquã; ponte do Iguariaçá. Quando tentaram, porém, apossar-se da ponte do Passo Novo, no Icamaquã, ela já estava em poder dos legalistas do coronel Protásio Vargas. Êste a abandona no dia 9 de outubro, sendo então ocupada pela fôrça do tenente-coronel Dinarte Dorneles. No dia seguinte, os revoltosos do coronel Mario Alves Garcia derrotam em Santa Ana, perto de Itaroquém, o corpo provisório de São Luís Gonzaga, comandado pelo coronel Raimundo Gomes Neto, que é perseguido até a ponte do Urucutaí. Êste foi o último combate de importância no município durante o movimento de 1923.

Quando da revolução de 1924, a cidade estêve alguns dias em poder dos rebeldes.

A 3 de janeiro de 1938 inaugurava-se a estrada de ferro para a cidade de Santiago.

BIBLIOGRAFIA — Alfredo R. da Costa — *O Rio Grande do Sul*. Sousa Docca — *História do Rio Grande do Sul*. Hemetério Veloso da Silveira — *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*. Otávio Augusto de Faria — *Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Osório Tuiuty de Oliveira Freitas — *A Invasão de São Borja*. Celso Schröder — *A Revolução Rio-grandense de 1923* — Rev. do I.H.G. do Rio Grande do Sul.

VULTOS ILUSTRES — *Dr. Getúlio Dorneles Vargas* — Getúlio Dorneles Vargas nasceu em 1883, na cidade de São Borja, Rio Grande do Sul, onde fêz seus estudos primários. Alistou-se, mais tarde, nas fileiras do Exército, desligando-se posteriormente, para cursar a histórica Escola Militar de Rio Pardo onde permaneceu pelo espaço de dois anos. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, bacharelando-se em 1907. Sua carreira pública teve início muito cedo pois já em 1909 era eleito Deputado Estadual, afastando-se em 1913 das lides políticas, para retornar na legislatura seguinte, em 1917. Em 1923, eleito Deputado Federal, foi escolhido para liderar a bancada do Rio Grande do Sul, na Câmara. Em 1926 desempenhou o cargo de Ministro da Fazenda, abandonando-o para assumir, em 1928, o Govêrno do seu Estado Natal. Por indicação da Aliança Liberal, coligação das oposições, candidatou-se, em 1928, para Presidente da República, tendo sido derrotado pelo candidato do Govêrno.

O Rio Grande do Sul, em 3 de outubro de 1930, desfraldou a bandeira da Revolução, causa chefiada por Getúlio Vargas. A revolução teve curta duração, pois, iniciada a 3 de outubro, a 24 terminava, durando exatamente vinte e um dias. Em face disso, consolidou-se o prestígio de Getúlio Vargas, graças às suas qualidades de político hábil. Em 3 de novembro de 1930, assumia êle o Govêrno do Brasil, com podêres discricionários. Realizadas as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, instalou-se esta em novembro de 1933, quando foi promulgada, a 16 de julho de 1934, a nova Constituição Federal que o designava Presidente da Nação Brasileira no quatriênio 1934-1938. Foi neste período de sua administração que deu à Legislação Trabalhista um grande impulso. Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937, com o apoio das classes armadas, às vésperas das eleições presidenciais, desfere um Golpe de Estado e se mantém no poder, dissolvendo o Congresso e os Partidos Políticos. Novamente volta o país a um regime autoritário, pela outorga da Carta Constitucional de 10 de novembro. Nesse período de seu Govêrno, inicia-se a

instalação da Usina de Volta Redonda e o reaparelhamento das Fôrças Armadas. Em 1942, declarou guerra aos países nazi-fascistas, ordenando fôsse equipado um Corpo Expedicionário que, sob o comando do Marechal Mascarenhas de Morais, nos campos de batalha da velha Itália cobriu-se de glórias. Vitoriosas as Nações Unidas, Getúlio Vargas, em 1945, cria Ato Adicional e convoca o eleitorado para o pleito de Presidente da República e do Parlamento Nacional. As Fôrças Armadas depuseram-no do Govêrno em 29 de outubro do mesmo ano, exilando-o para a sua Estância de Itu, no Rio Grande do Sul. Processadas as eleições, em dezembro de 1945, viu-se eleito Senador por São Paulo e Rio Grande do Sul e Deputado por sete Estados da Federação. Eleito Presidente da República no período seguinte, suicidou-se no poder em 1954, ante uma campanha de difamação que sofrera, legando à Nação sua Carta-Testamento. Essa carta é um documento de alto valor histórico que define a altura de sua última reação de estadista.

Manoel dos Santos Loureiro — Mais conhecido, por "Manduca Loureiro", nasceu em São Borja, em fins do século XVIII. Durante a revolução de 35, prestou grandes serviços ao Império. Na carreira das armas, chegou ao pôsto de coronel. A Legião missionária, que agia sob seu comando, estava sempre na vanguarda, a fim de evitar surprêsas do inimigo. Os generais que comandavam o Exército não lutavam, sem primeiro ouvir a palavra do coronel Loureiro. Faleceu a 27 de abril de 1840.

Dr. Timotheo Pereira da Rosa — Nasceu em São Borja em 1834. Cursou o Colégio Hilário Ferrugem, que era o melhor da época. Mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de matricular-se na Escola Militar. Abandonando a farda, depois de um ano, foi para São Paulo, ingressando na Academia de Direito e bacharelando-se em 1859. Voltando à terra natal, foi logo nomeado Juiz Municipal. Abandonou a magistratura para dedicar-se a sua banca de advogado. Ingressou no Partido Liberal e foi eleito Presidente da Câmara de Uruguaiana. Em 1862, candidatou-se a deputado, conseguiu a maioria, sendo convidado para presidir os trabalhos da Casa. Tôdas as vêzes em que foi eleito à Assembléia Provincial, era convidado a presidi-la. Nomeado para presidir o Estado de Alagoas, não aceitou a incumbência. Faleceu a 15 de julho de 1877.

Albino Pereira Pinto — Nasceu em São Borja a 8 de outubro de 1845. Iniciou a carreira do magistério em Santana do Livramento, abandonou-a para dedicar-se à advocacia, dirigindo-se a Pôrto Alegre, onde abriu seu escritório. Dedicou-se à política quando foi eleito deputado provincial, ocupando a cadeira de 1882 a 1889, através de reeleições consecutivas. Cooperava com a "Reforma", órgão do Partido Liberal. Quando eclodiu a Revolução Federalista, defendeu o movimento, em seus artigos, na "Reforma". Embora ficasse muito abalado com a morte de Silveira Martins, não abandonou a causa, fazendo de sua casa o Quartel-General do Federalismo.

José Fernandes de Souza Doca — Nasceu José Fernandes de Souza Doca em São Borja em 1812. Na Revolução Farroupilha, combateu nas fileiras legalistas. Em 1845, ao terminar a luta, já era capitão, por se ter distinguido nos combates. Fêz a campanha de 1851, tendo sido por sua atuação ativa e brilhante promovido a major. Em 10 de junho de 1865, na defesa de São Borja, foi um dos heróis, destacando-se em Botuí. Tomou parte na tomada de Curuzu, no assalto de Curupaiti e em Pericuê.

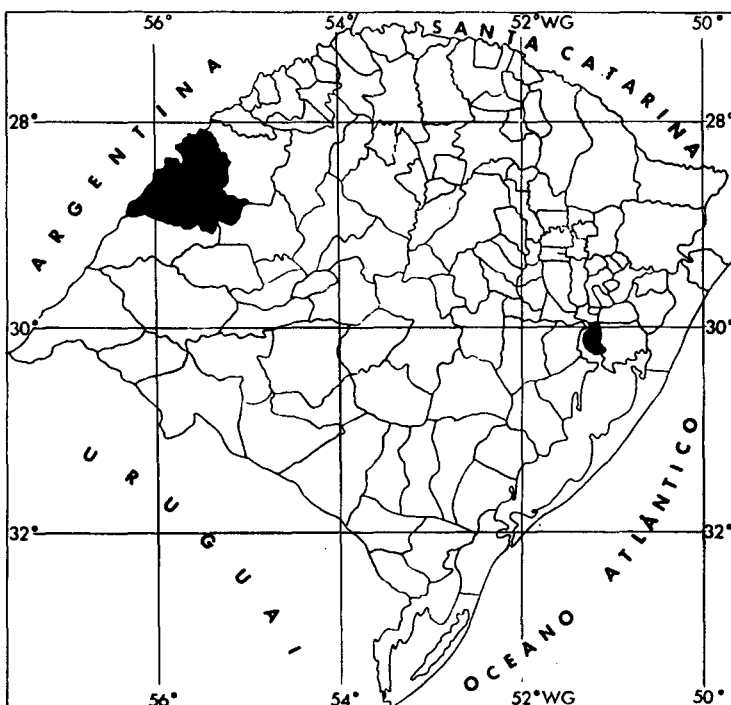
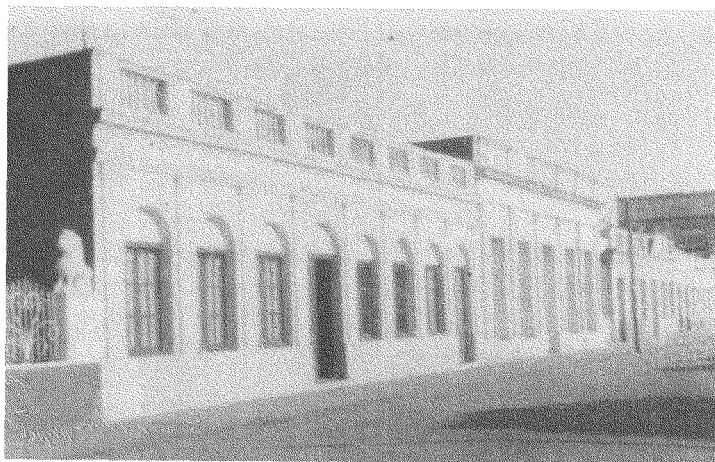
Na tomada do forte de Estabelecimento, foi louvado pelo Marquês de Caxias, pela perícia e valor com que à frente de seu regimento escalou êsse forte. Na batalha de Avaí, comandou a 8.ª Brigada de Cavalaria da Divisão Andrade Neves, dando a famosa carga que destroçou o exército paraguaio. Ao falecer, a 12 de outubro de 1893, possuía as condecorações do "Cruzeiro", da "Rosa" e a "Medalha da Campanha do Paraguai", com o passador n.º 5.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Borja 41 960 habitantes, localizando-se 13 110 na sede e 28 850 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); densidade demográfica: 5,92 habitantes por quilômetro quadrado; representa a população 0,88% do total do Estado; área: 7 090 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Borja e vila de Garruchos.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Borja.....	701	12	237	260	58	441

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 39' 44" de latitude Sul e 56° 00' 15" de longitude W.Gr. Posição relativamente a capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da capital do Estado: 477 km. Altitude: 99 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Em primeiro plano, prédio onde nasceu o extinto presidente Vargas, situado na Praça 15 de Novembro

Acidentes geográficos — Rios: Uruguai, na fronteira com a República Argentina; Icamaquã, afluente do Rio Uruguai e que banha todo o município; rio Iguariaçá e rio Itacurubi, sendo todos êles piscosos. Serra: a do Iguariaçá.

RIQUEZAS NATURAIS E VEGETAIS — Minerais: Pedras de granito, inexploradas. Vegetais: madeira de lei, bastante explorada. Área das matas naturais: 179 km². Área das matas reflorestadas 20 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima: 25°C; mínima: 13,3°C; compensada: 19°C. Precipitação anual das chuvas: 1 231 milímetros. Geadas: ocorrem nos meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte e oeste: República Argentina e São Luís Gonzaga; ao sul: Itaqui; a leste: Santiago e São Luís Gonzaga.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A pecuária é fator predominante na economia do município e seus rebanhos compõem-se de raças selecionadas. As raças preferidas pelos fazendeiros locais são as seguintes: Ovinos: merinos e rosadas. Suínos: duroc e macau. Bovinos: zebu, polled-angus, hereford, charolês, jérsei e holandês. Muares: burro-espanhol. Cavalos: inglês, percherom e crioulo. Os principais mercados consumidores são: Rosário do Sul, Júlio de Castilhos, Livramento, Pôrto Alegre, Rio Grande e Tupanciretã.

PRINCIPAIS CRIADORES

Nomes	*Estabelecimentos*
Serafim Dornelles Vargas	— Estância Itaroquém
Alvimar Garces Cabeleira	— Fazenda São João
João B. M. Goulart	— Faz. Rancho Grande
Ivan M. Goulart	— Faz. Iguariaçá
Manoel do S. Rodrigues	—
José Mariano da Rocha	— Est. São Rafael
Protásio Dornelles Vargas	— Faz. Santos Reis
Décio Escobar	— Faz. Santa Rosa
Ildefonso Escobar Dornelles	— Faz. Santo André
Bonifácio Ramos da Silva	— Faz. Santa Clara
Alziro Oliveira Antunes	— Faz. São João
José Fabrício Filho	— Faz. do Barreiro
Ciro Ferreira Aquino	— Faz. do Angico
Sílvio Ferreira Aquino	— Faz. São Lucas

Raças preferidas: Hereford, charolês, poled-angus, zebu.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	377 400	641 580
Eqüinos	37 000	33 300
Muares	3 200	3 520
Suínos	4 800	3 360
Ovinos	255 000	73 950
Caprinos	3 000	450

Pastagens predominantes: flechilha, trévo e capim-limão.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 060 920	16 466 310,00
Carne verde de suíno	2 706	28 142,00
Carne verde de ovino	108 205	1 038 768,00
Carne verde de boi, vaca e vitelo	121 272	606 360,00
Carne verde de boi, vaca e vitelo	93 354	952 171,00
Pele sêca de ovino	5 695	153 765,00
Toucinho fresco	3 813	48 806,00
Total	1 395 965	19 294 322,00

Avicultura — Estima-se a população avícola do município em 79 000 galináceos, 3 000 patos, marrecos e gansos e 800 perus, valendo aproximadamente Cr$ 5 618 000,00.

Apicultura — Avalia-se a produção de mel do município em 15 000 quilogramas, valendo Cr$ 150 000,00; 3 000 quilogramas de cêra de abelha, valendo Cr$ 84 000,00.

Agricultura — A agricultura é de grande significação econômica para São Borja, havendo inúmeras lavouras mecanizadas, cujas culturas desenvolvem-se paulatinamente; destacam-se as do trigo e do arroz.

PRINCIPAIS AGRICULTORES — 1955

Nome	*Culturas*
Augusto Rey	Linho e trigo
Ramiro Moreno	Arroz
Ivan Marques Goulart	Linho, arroz e trigo
Irmãos Tôrres	Arroz
Beraldo Dornelles	Linho e trigo
Modesto Rey Dornelles	Linho e trigo
Omar Mesquita Vargas	Linho e trigo
Florêncio D. Jaques	Linho
Vicente Baptista	Linho e trigo
Evangelista Aquino da Costa	Linho e trigo
Ubaldo Sorrilha da Costa	Linho e trigo
Bonifácio Ramos da Silva	Linho e trigo
Geraldino Paz	Linho e trigo

Os centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Rio de Janeiro, Pôrto Alegre, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio Grande, Pelotas e municípios vizinhos.

PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Culturas	*Produção*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	15 359	60 155
Linho	7 200	51 840
Trigo	3 080	21 560
Milho	2 250	5 812

Valor total da produção: Cr$ 150 945 760,00.

Indústria — São Borja conta com 40 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 202 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 77 640 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 90,9%; ind. de bebidas, 0,2%; ind. da madeira, 4,0%; transformação de produtos minerais, 2,4%; couros e produtos similares, 0,9%; ind. químicas e farmacêuticas, 0,2%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,3%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Ferragens	5
Fazendas	25
Móveis	3
Rádios, eletricidade e refrigeradores	3
Secos e molhados	327

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande, São Paulo, Rio de Janeiro e municípios vizinhos. Conta o município com 3 agências bancárias e uma Agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: São Luís Gonzaga: rodov. (131 km), ferrov. (276 km) e aéreo (100 quilômetros); Santiago: rodov. (174 km), ferrov. (160 km); Itaqui: rodov. (181 km), ferrov. (124 km) e aéreo (80 quilômetros). Capital Estadual — ferrov. (690 km) e aéreo (com escala em Santa Maria), com escala em São Luís Gonzaga e Santo Ângelo, 531 km e com escala em Itaqui e Santa Maria (617 km). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre, ferrov. até Marcelino Ramos (861 km). Daí ao DF, veja Marcelino Ramos. Aéreo, via Pôrto Alegre (1 718 km).

ASPECTOS URBANOS — São Borja, localizada à margem direita do rio Uruguai, é uma das mais importantes cidades da zona missioneira do Rio Grande do Sul. Terra natal do Presidente Getúlio Vargas, onde estão sepultados seus restos mortais, trasladados da Capital da República, quando do seu trágico desaparecimento, em 24 de agôsto de 1954. É igualmente filho de São Borja o Dr. João Goulart (Jango), Vice-Presidente da República.

A cidade ainda conserva traços bem acentuados da influência jesuítica, mormente nas construções antigas onde se destaca sobremaneira a igreja Matriz da localidade. A sede municipal é servida por luz elétrica, possuindo uma usina termelétrica equipada com 2 conjuntos dísel com fôrça total de 1 500 H.P.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	84
Ruas	76
Avenidas	3
Praças	5

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	23 760 m²
Cascalho	17 424 m²
Asfalto	83 952 m²
Terra melhorada	118 800 m²
Pedra irregular	38 016 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçados com paralelepípedos	7
Parcialmente calçados com pedra irregular	7
Totalmente asfaltados	3
Parcialmente asfaltados	5
Ajardinados	1
Totalmente arborizados	1
Parcialmente arborizados	2
Arborizados e ajardinados simultâneamente	2

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	2 675
Zona urbana	1 333
Zona suburbana	1 342

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	2 623
2 pavimentos	48
3 pavimentos	2
4 pavimentos	2

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	2 358
Residenciais e a outros fins	250
Exclusivamente a outros fins	67

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	71
Número de ligações elétricas domiciliares	1 899
Número de focos para iluminação pública	306

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	1 578 140 kWh
Consumo para iluminação pública	375 646 kWh
Cons. para fôrça motriz em todo o município	526 202 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros parcialmente servidos pela rêde	31
Consumo anual de água	345 870m³

RÊDE ELÉTRICA

Aparelhos em uso na sede municipal	140
Taxa mensal cobrada (residências)	Cr$ 100,70
Comércio e Indústria	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há uma agência Postal-telegráfica, na sede municipal.

HOTÉIS E PENSÕES — Citam-se os seguintes estabelecimentos no município: Hotel Rio (diária de Cr$ 140,00 — solteiro e 270,00 — casal); Hotel Brasil (diária 140,00 — solteiro e Cr$ 270,00 — casal); Hotel Silva (diária .... Cr$ 130,00 — solteiro e 250,00 — casal); Hotel Bom Jesus (diária Cr$ 130,00 — solteiro e 250,00 — casal); Hotel Imperial (diária Cr$ 110,00 — solteiro, Cr$ 210,00 —

casal); Pensão Popular (diária de Cr$ 100,00 — solteiro e Cr$ 180,00 — casal); Pensão Fiorelo (diária de ...... Cr$ 120,00 — solteiro e Cr$ 220,00 — casal); Pensão Familiar (diária de Cr$ 100,00 — solteiro e Cr$ 190,00 — casal).

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	239
Ônibus	6
Camionetas	92
Ambulâncias	1
Motociclos	8
Total	346

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	98
Camionetas	24
Fechados para transporte de mercadorias	1
Tratores	250
Não especificados	1
Total	374

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	40
Carros de quatro rodas	6
Bicicletas	250
Total	296

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	130
Carroças de quatro rodas	380
Outros	50
Total	560

INSTRUÇÃO E CULTURA — Das pessoas presentes, de 10 anos e mais, 55% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 33%. Em 1955, havia 61 unidades escolares de ensino primário fundamental comum com 3 391 alunos matriculados. Existem no município 3 unidades de ensino ginasial, uma de ensino pedagógico e uma de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Dois órgãos semanários: "Jornal de São Borja" e "Jornal Uruguay"; 4 sociedades recreativas e 3 sociedades desportivas, uma estação radiofônica: Prefixo ZYF-2 Rádio Fronteira do Sul S. A. Freqüência de 580 kc, potência em watts: 250, e mais uma tôrre irradiante, 1 palco-auditório com capacidade para 50 pessoas, 3 microfones, discoteca com 2 000 discos e 13 pessoas empregadas. São três os cinemas existentes: Cine Variedades, com capacidade para 480 pessoas; Cine-Teatro Municipal, com 380 lugares e cine Vitória com 200.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Existe uma cancha reta de propriedade do Jóquei Clube, com 750 metros de comprimento e com espaço para cinco cavalos, dotada de pavilhão de alvenaria, dispondo de bar e churrascaria, cocheiras e alojamento para jóqueis.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 1 hospital, provido de 76 leitos, 1 Pôsto de Saúde e 1 Pôsto da S.A.M.D.U. Em 1955 foram internados 1 050 enfermos, sendo 408 homens, 590 mulheres e 52 crianças. Há 1 aparelho de raio X diagnóstico, uma sala de operações, duas salas de partos, uma sala de esterilização e uma farmácia. Exercem a profissão 7 médicos e 5 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Asilo São Vicente de Paula, Conferência Vicentina e Hospital dos Pobres.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 14 advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 1 profissional, apenas.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª Entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; de Consumo — 1; do Comércio — 1; total de sócios — 369; valor dos serviços executados — Cr$ 47 528 772,00.

FESTEJOS POPULARES — Festa de São Francisco de Borja, em 10 de outubro, com missa e procissão após as novenas; festa de Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro, com missa e procissão após o período das novenas; festa do Espírito Santo, nas mesmas condições das anteriores, porém sem data fixa; festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em 2 de fevereiro, com novenas e missa.

AEROPORTO — Aeroporto do aeroclube — é utilizado pelos aviões de carreira da VARIG e também pelos da F.A.B.; possui biruta e sinalização para serviço noturno, não tendo hangar. Atualmente a pista é de 800 m de comprimento por 60 de largura em forma de T.

Campos de pouso	*Comprimento x largura*
Campo de pouso — Santos Reis	800 x 70
Campo de pouso — Umbu	500 x 70
Campo de pouso — Iguariaçá	400 x 50
Campo de pouso — Garruchos	400 x 60
Campo de pouso — São Vicente	500 x 60
Campo de pouso — 13 de Janeiro ..	400 x 50
Campo de pouso — Itacurubi	400 x 60
Campo de pouso — Rosário	400 x 60

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	...	...	...	...	...
1951	...	...	3 125	3 022	3 224
1952	2 689	...	3 832	3 311	4 102
1953	2 912	...	12 308	7 353	12 308
1954	4 296	12 396	12 546	5 412	12 500
1955	5 183	18 480	7 945	6 969	8 122
1956	5 991	23 293	11 907	10 891	10 573

SÃO FRANCISCO DE ASSIS — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Foi em terras do atual município de São Francisco de Assis que em 1627 o Padre Roque Gonzales plantou a terceira Redução Jesuítica em solo rio-grandense, que tomou o nome de Candelária do Ibicuí. Tal Redução, no entanto, não vingou, tendo sido abandonada definitivamente em 1638, ano em que os Jesuítas, pressionados por contínuas investidas dos bandeirantes paulistas, deixam o Rio Grande do Sul, refugiando-se no atual território de Misiones, na República Argentina.

Durante mais de um século não conhecerá morador português ou espanhol, sendo que a notícia seguinte é a de que, na época da conquista das Missões Orientais, em 1801, era seu solo habitado pela Guarda de São Francisco de Assis. Tal é contido na "Memória do Príncipe Regente de Portugal", escrita por Gabriel Ribeiro de Almeida.

Os habitantes primitivos foram os índios tapes, por muitos julgados guaranis, mas na verdade sendo aborígines do grupo Gê, que sofreram fortes influxos culturais dos tupis-guaranis, de forma a com êstes se confundirem. Tendo os Jesuítas retornado ao Rio Grande do Sul em 1682, foram novamente expulsos, desta vez por fôrças portuguêsas e espanholas, na campanha de 1756. A região atualmente ocupada pelo município de São Francisco de Assis não foi pròpriamente ecumênica, em virtude dos constantes conflitos entre as possessões espanholas e portuguêsas, até o ano de 1801.

Embora uma lenda conte que o indivíduo de alcunha "Côco" tenha lançado os fundamentos da capela em 1819, em cumprimento da promessa de erguer sete capelas em chão gaúcho, é um pouco mais remota a origem de São Francisco de Assis. A capela parece ter sido fundada em 1810, sendo benta em 1812, ao concluir-se a edificação. Até aí fazia parte do município de Rio Pardo, criado por Provisão de 27 de abril de 1809, ocupando pouco mais de metade do território de São Pedro do Rio Grande. Dom Diogo de Souza, primeiro Governador e capitão-general da Capitania de São Pedro, concedeu em 1814 a sesmaria das sobras de Itajuru, conhecida também com o nome de Sesmaria de Itajuru, com cláusula de que era reservada meia légua em quadra para eventual e futura povoação. Tal era o desenvolvimento do povoado incipiente, que em 1824 era a capela de São Vicente desanexada da de São Miguel e anexada à de São Francisco de Assis.

O município de São Luís Leal Bragança, criado em 13 de outubro de 1817, só iria ser instalado em 25 de maio de 1834, com o nome de São Borja. Constituindo-se então o município de São Borja, São Francisco de Assis passou a constituir seus 3.º e 4.º distritos. A 17 de fevereiro de 1857, por fôrça de lei, São Francisco de Assis é elevado à categoria de freguesia, sendo a 59.ª do Rio Grande do Sul.

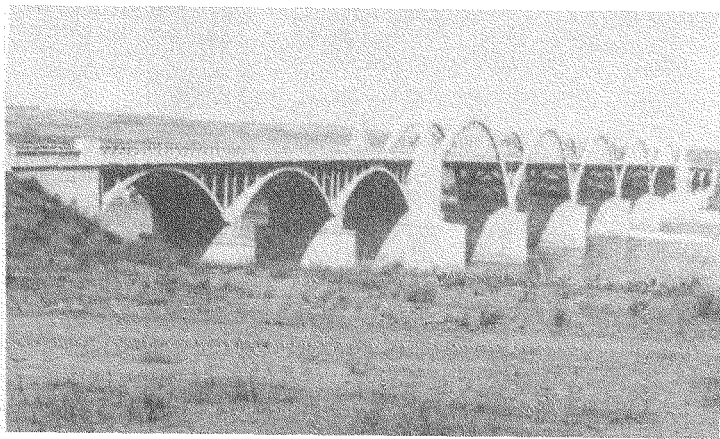
O povoado ia desenvolvendo-se longitudinalmente, entre a ponte e o cemitério. Sua superfície cobria-se de casas, e o movimento comercial já era apreciável, quando, em 1876, foi o povoado de São Vicente elevado à categoria de vila. Do novo município passou a fazer parte a freguesia de São Francisco de Assis, no ano de 1882. A Lei provincial n.º 1 427, de 4 de janeiro de 1884, iria atender aos

Prefeitura Municipal

reclamos da população de São Francisco de Assis, com a elevação do povoado à vila, e com a constituição do município com o mesmo nome, e integrado pelos territórios que anteriormente tinham sido o 3.º e 4.º distritos de São Borja. Nova fase, então, seria dada à localidade. A instalação ocorreu a 7 de janeiro de 1884, presidida pelo Presidente da Câmara Municipal de São Vicente, Lauro Domingos Prates. Sua primeira Câmara de Vereadores foi constituída por Antônio Pinheiro Rocha, Antônio José Machado de Oliveira, Elisário Antônio Fagundes, Fernando Witt, Martinho Cáceres, João Batista de Oliveira Pilar e Bento Riopardense de Oliveira. Um fato curioso sucedido com a Câmara de São Francisco de Assis foi sua adesão à campanha deflagrada pela de São Borja, contra o terceiro reinado, isto a 14 de fevereiro de 1888. Aliás, o movimento republicano municipal assumira inicialmente a forma de luta abolicionista: em setembro de 1884, a vila fôra declarada livre, após brilhante campanha dirigida pelo tenente-coronel Antônio Pinheiro da Rocha. Tal ocorrera, como se vê, oito meses após o vilamento. Em 1888 deu-se o famoso pronunciamento, em virtude do qual os vereadores que constituíam a Câmara — Marcelino de Oliveira, Pinheiro Rocha, João Sobrosa, João Pilar e Augusto Leitão — foram levados a julgamento, por crimes de sedição. Contudo, para gáudio da população, foram absolvidos.

O espírito altivo e ousado dos assisenses iria refletir-se em outra tomada de posição, pela mesma Câmara. Ainda em 1888, dirige o órgão municipal uma petição à Assembléia Legislativa do Império, pedindo andamento do projeto de lei de Saldanha Marinho, separando a Igreja do Estado, secularizando os cemitérios e instituindo o casamento civil.

A Proclamação da República foi aplaudida e festejada em São Francisco de Assis, dissolvendo-se a Câmara por proposta espontânea dos vereadores e instalando-se uma junta administrativa, formada por João Sobrosa, Augusto Leitão e Martinho Cáceres. Em 21 de março de 1891 seria a mesma exonerada, sendo nomeados Antônio Rocha, Martinho Cáceres e Francisco Carvalho para essas funções.

A Revolução Federalista de 1893, e que se prolongaria até 1895, viria enlutar o Rio Grande do Sul. em 1894, a 6 de setembro, trava-se em terras assisenses o Combate de Laranjeira, no qual morre o tenente-coronel Fabrício Pilar, bravo militar que comandava o Regimento de Cavalaria da Brigada Militar.

Ponte General Osório, na Vila Manuel Viana, 3.º Distrito, sôbre o rio Ibicuí

Chegado o ano de 1900, a população do município atingiria a casa dos 12 000 habitantes. A atividade econômica predominante era a pecuária, embora a agricultura começasse a surgir.

Em 1923 eclodirá a Revolução Assisista, em virtude do choque entre os Drs. Joaquim Francisco Assis Brasil e Antônio Augusto Borges de Medeiros, êste reeleito para o cargo de Presidente do Estado. A 4 de abril de 1923 é a vila ocupada pelo coronel rebelde Hortêncio Rodrigues. Em setembro Honório Lemos, um dos maiores caudilhos rio-grandenses, atravessa o Ibicuí, sendo sua retaguarda constantemente assediada pelos legais. A 28 de setembro o coronel Hortêncio Rodrigues novamente vai ocupar a vila, tendo de enfrentar Carlos de Oliveira Gomes, legalista, que morreu em combate; a ocupação deu-se após encarniçada luta. A 2 de outubro novamente o solo do município é cruzado por Honório Lemos, que recebe refôrço de 200 rebeldes, sob o comando do coronel Mário Alves Garcia, de 24 anos de idade. Finalmente, cessando no mesmo ano o conflito, São Francisco de Assis pode gozar dias melhores. Em dezembro de 1938 é São Francisco de Assis elevado à categoria de cidade, dando-se a instalação como tal a 1.º de janeiro de 1939.

Cidade aprazível, com população trabalhadora e hospitaleira, São Francisco de Assis é um dos mais simpáticos rincões da terra farroupilha.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria. *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. S.*

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

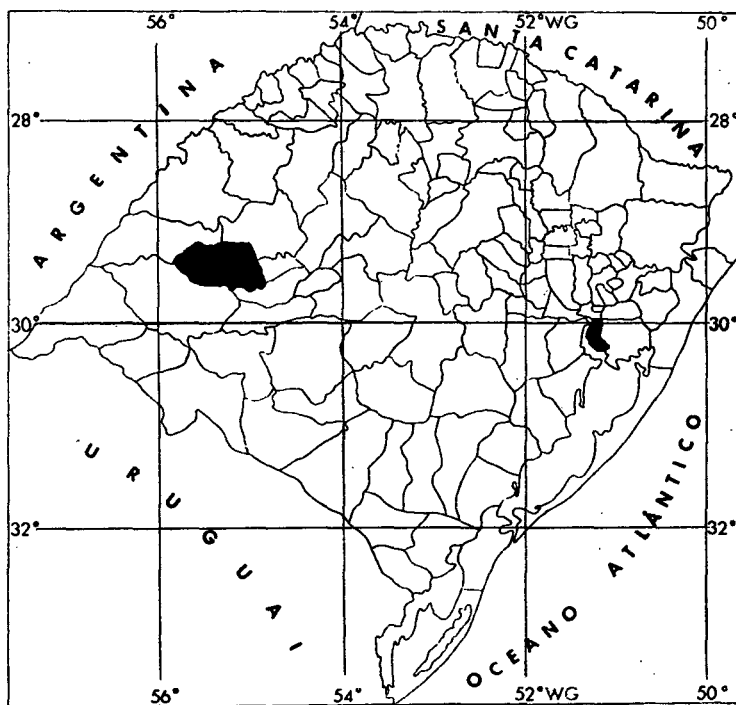
VULTO ILUSTRE — *Antônio José Silveira* — Foi Antônio José Silveira quem doou à Intendência de Vila Rica a primitiva faixa de terra em que nasceu a povoação de Tupanciretã. Nasceu a 23 de maio de 1825 em São Francisco de Assis, filho de Albino J. Silveira e de Ana Silveira. Tinha poucos anos quando sua família se transferiu para Tupanciretã. Com seus irmãos Serafim e Manuel, aos 15 anos de idade, alistou-se no exército revolucionário de 35, sendo gravemente ferido e depois aprisionado em Poncho Verde. Fato curioso é que, embora figura de enorme prestígio, e querido de todos em sua nova terra, era o único propagandista ardoroso da República, sendo durante anos o único eleitor republicano. Casou-se duas vêzes; o primeiro matrimônio foi com a Dona Joaquina Silveira, e o segundo com Dona Constantina Silveira, tendo 5 filhos com a primeira, e 6 com a segunda. Faleceu em Tupanciretã a 26 de julho de 1899, cinco anos após iniciar-se o núcleo que resultaria, mais tarde, na atual cidade.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Francisco de Assis 24 980 habitantes, localizando-se 3 370 na sede e 21 610 na zona rural (Estimativa do Departamento Estadual de Estatística para 1-1-1956). A densidade demográfica é de 6,65 habitantes por quilômetro quadrado; representa a população 0,52% do total do Estado. Área: 3 756 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Francisco de Assis; vilas de Beluno, Manuel Viana e Toroquá.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Francisco de Assis.....	551	15	153	166	52	385

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 33' 01" de latitude Sul e 55° 10' 53" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo W.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 381 km. Altitude 125 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município é servido por uma extensa bacia hidrográfica, sendo de destaque, entre outros rios, os seguintes: Ibicuí — rio importante, tributário do rio Uruguai. Tem suas cabeceiras nas vertentes ocidentais da serra de São Martinho, donde desce a principal vertente com o nome de Ibicuí-Mirim. Corre na direção geral de

S.O., até a confluência do Toropi e daí em diante, na de oeste até a sua confluência com o Uruguai (na margem esquerda); na longa extensão do sinuoso curso de 450 km, recebe as águas de muitos rios e córregos. Banha os municípios de Santa Maria, General Vargas, Rosário do Sul, São Francisco de Assis, Alegrete, Itaqui e Uruguaiana e tem sua barra quase defronte o povoado argentino de Yapejú. Itu — rio afluente da margem direita do rio Ibicuí, serve de limite entre o município de São Francisco de Assis e os de Itaqui e Santiago. Jaguari — rio afluente do Ibicuí. Nasce no município de Santiago, próximo às divisas com o de Júlio de Castilhos, limitando-os, e depois os municípios de São Francisco de Assis e General Vargas, regando o de Jaguari. Conta com 160 km de curso. Arroios — Piquiri (afluente do rio Jaguari), Ituzinho, Caraipasso, Inhandiju, Inhandinuzinho, Inhancundá (que banha a cidade de São Francisco de Assis), Miracatu, Piraju, Santa Rosa, Farinheiro, Lajeado, Taquari, Caraguataí, Taquarizinho, Jaguari-Mirim, Herval e Burucaci. Quedas dágua — cachoeira Santa Cecília, situada na divisa com o município de Itaqui, no rio Itu; e queda do Arroio Piquiri, neste mesmo arroio, na divisa com o município de Santiago. Os rios e arroios mencionados são piscosos em quase sua totalidade. Encontram-se em suas águas as seguintes variedades de peixes: dourados, jundiá, traíra, piava, pintado, surubi, etc. A exploração da pesca não tem para o município qualquer expressão econômica. A topografia local não apresenta acidentes notáveis.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. Médias das temperaturas ocorridas em 1956: máximas: 26°C; mínimas: 11°C; compensada: 18,5°C. Precipitação anual das chuvas: 1 110 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Santiago e Itaqui; ao sul: Alegrete; a leste: General Vargas e Jaguari; a oeste: Itaqui.

Pecuária — É a atividade principal do município. Com boas pastagens nativas, como a grama forquilha, capim-limão, etc., a criação de gado está sendo enormemente incrementada.

Principais criadores	*Espécies*	*Raças preferidas*	*Nome do estabelecimento*
Dr. Velocino Pereira	Bovinos Ovinos	Zebu Corriedale	Fazenda Itaum
Josino Pereira	Bovinos	Zebu	Sem denominação
Inácio Blanco	Bovinos Ovinos	Durhan Merino argent.	Fazenda do Espinilho
Oscar Ferreira da Costa	Bovinos Ovinos	Durhan Merino argent.	Fazenda Santa Tereza
Celina S. da Cunha	Bovinos Cavalares	Zebu e charolês Inglês	Fazenda Piraju
Domingos M. da Cunha	Bovinos Ovinos Cavalares	Zebu e durhan Romney-Marsh Inglês	Fazenda da Barra
Dr. Leo Aragon	Bovinos Ovinos Cavalares	Zebu e charolês Corriedale Crioulo	Fazenda Santa Vitória
Horácio Pereira	Bovinos Ovinos	Zebu e charolês Romney-marsh	Fazenda do Eucalipto
Leonides F. Alves	Bovinos Ovinos	Durhan Merino austral.	Fazenda Santa Rosa
Wladimir M. da Cunha	Bovinos Ovinos Cavalares	Zebu e charolês Ideal Inglês	Fazenda Palermo
Fazendas Reunidas Dr. José M. da Rocha & Filhos Ltda.	Bovinos Ovinos Cavalares	Charolês Corriedale Crioulo	Fazenda Conscrição
Manuel M. da Cunha	Bovinos Ovinos Cavalares	Zebu Corriedale Inglês	Fazenda São José

Raças preferidas pelos fazendeiros locais — Ovinos: romney-marsh, merino-argentino e merino-australiano, ideal e corriedale. Suínos: caruncho, macau-alemão, piau e crioulo. Bovinos: zebu, charolês, durhan, holandês, devon, hereford e jérsei. Muares: espanhol e crioulo. Cavalares: inglês, árabe e crioulo.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

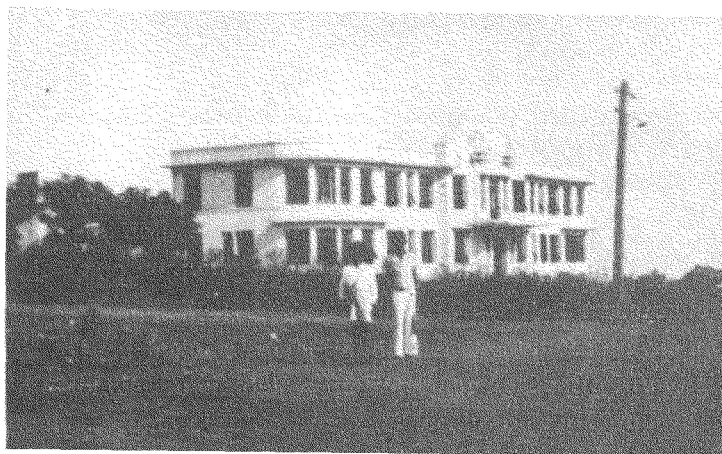
Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	227 900	387 430
Eqüinos	14 800	13 320
Asininos	100	90
Muares	400	440
Suínos	18 500	12 950
Ovinos	85 000	24 650
Caprinos	1 400	210

A venda de gado do município é feita para Rosário do Sul, Jaguari, Alegrete, Santiago e Pôrto Alegre.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	670 910	7 916 480,00
Carne verde de suíno	23 210	185 680,00
Carne verde de ovino	22 515	144 096,00
Carne verde de caprino	850	5 440,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	128 670	1 156 690,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	8 489	33 956,00
Pele sêca de ovino	1 185	11 850,00
Pele sêca de caprino	43	430,00
Toucinho fresco	29 109	349 408,00
Total	884 981	9 803 930,00

Agricultura — Embora o município esteja localizado em zona de caráter nìtidamente pastoril, a agricultura, com o emprêgo de processos mecânicos, com o aproveitamento integral de financiamento, vem tendo, especialmente nos últimos anos, excepcional desenvolvimento, impondo-se como um dos fatôres fundamentais (2.º em importância) na economia da comuna.

Principais agricultores	*Espécie*	*Área cultivada (ha)*
Irmãos Krauspenhauer	Arroz	460
Irmãos Antonine	Arroz	260
Danilo Ames	Trigo	240
Família Benvengnú	Trigo	200
Manoel e Honório Cunha	Arroz	175
Garibaldi Petrarka	Arroz	175
Domingos Cunha	Arroz	260
Roldolfo Gauber	Arroz	270
Gustavo Perfeito	Trigo	100
Domingos Vieira & Filhos	Trigo	100
Sucessão Lançanova	Trigo	100
Secundino Corcini	Trigo	50
Antônio Costenaro	Trigo	50
Francisco Emílio Gabriel	Trigo	50
Antônio Trombini	Trigo	40
Família Moreira Santos	Linho	40
Fidelcino Dorneles	Linho	25
Francisco Salbego	Linho	40
Atanázio B. Magio	Linho	20
Hildebrando do Prado	Linho	20
Irmãos Witt	Milho e Trigo	50
Jarbas Lima Pereira	Milho	17
Álvaro Helvê	Milho	20

Hospital Santo Antônio

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Culturas	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	7 292	28 560
Trigo	2 700	16 200
Milho	4 200	12 600
Linho	672	5 040

Valor total da produção: Cr$ 80 159 550,00.

Avicultura — As criações locais, de um modo geral, restringem-se ao consumo particular de seus proprietários. Nestas pequenas criações de galináceos predominam as seguintes raças: leghorn, plimouth branca, rock-barrada, indiana, new-hampshire, rhodes islan-red e gigante-negra. O valor das criações locais poderá ser estimado em Cr$ 4 300 000,00.

Indústria — Em 1955, contava o município com 61 estabelecimentos, ocupando em média 157 operários por mês. A produção total do município somou Cr$ 30 728 000,00. Contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total: Alimentares, 85,8%; de bebidas, 0,5%; da madeira, 1,5%; transformação de produtos minerais, 6,8%; couros e produtos similares, 0,7%; químicas e farmacêuticas, 1,5%; do vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 1,3%.

COMÉRCIO E BANCOS — Na sede municipal o comércio é constituído, em sua quase totalidade, de armazéns de secos e molhados com varejo de tecidos, ferragens, louças, etc., isto é, são estabelecimentos do tipo empório, onde os consumidores locais adquirem tudo de que necessitam, entretanto, computando sòmente o principal ramo, temos:

Armazéns de secos e molhados	20
Casas de fazendas e armarinho	9
Bares	4
Farmácias	2
Casas de ferragens	2
Livrarias	2
Casa de bebidas	1
Casa de móveis	1
Casa de rádios, eletrolas, refrigeradores e mat. elétrico	1
Joalheria	1
Emprêsa funerária	1

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Pelotas, Pôrto Alegre, Alegrete, Jaguari e Santiago. Há no município duas agências bancárias, uma do Banco do Rio Grande do Sul, S. A. e outra do Banco Nacional do Comércio S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Jaguari: rodov. (47 km); Santiago: rodov. (53 km); General Vargas: rodov. (59 km); Alegrete: rodov. (84 km). Itaqui: rodov. (132 km). Capital do Estado — rodov. (495 km) ou misto: a) rodov. (20 km) até Jacaquá, e b) ferrov., via Santa Maria (165 km), Cachoeira do Sul (280 km), Rio Pardo (346 quilômetros), Barreto (435 km), Pôrto Alegre (507 km por via férrea). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja "Pôrto Alegre".

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica. O sistema adotado é o termelétrico, inaugurado no ano de 1912.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	24
Ruas	20
Avenida	1
Travessa	1
Praças	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	21 600 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente pavimentados	5
Arborizados	4
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	806
Zona urbana	560
Zona suburbana	246

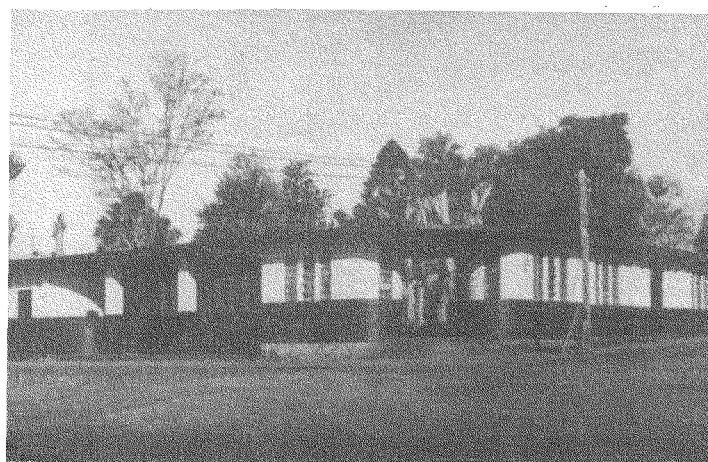
SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	793
2 pavimentos	13

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	704
Residenciais e outros fins	87
Exclusivamente a outros fins	15

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	17
Número de ligações elétricas domiciliares	336
Número de focos para iluminação pública	120

Estação Rodoviária

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total da sede municipal	44 300 kWh
Consumo para iluminação pública	8 500 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o munic.	4 800 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	31
Taxa mensal cobrada	Cr$ 50,00
Número de agências telefônicas no município	1

ZONAS SERVIDAS PELA RÊDE

Perímetro urbano e suburbano da cidade e Estação de Jacaquá, distante 20 km desta cidade, no município de Alegrete, onde há um aparelho da mesma emprêsa.

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma Agência Postal-telegráfica.

HOTÉIS E PENSÕES — Principais hotéis e pensões do município: Novo Hotel, diária — casal: Cr$ 260,00; solteiro: Cr$ 130,00; Hotel Santa Terezinha, diária — casal: Cr$ 200,00; solteiro: Cr$ 100,00; Pensão Siá Mulata, diária — casal: Cr$ 220,00; solteiro: Cr$ 130,00; Pensão Familiar, diária — casal: Cr$ 160,00; solteiro: Cr$ 90,00; Pensão Dulcina, diária — casal: Cr$ 160,00; solteiro: .... Cr$ 90,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	64
Ônibus	5
Camionetas	6
Total	75

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	58
Camionetas	7
Tratores	18
Reboques	8
Total	91

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	58
Bicicletas	18
Total	76

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	15
Carroças de quatro rodas	9
Outros	326
Total	350

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 47% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 41%. Em 1955 havia 51 unidades de ensino fundamental comum com 2 420 alunos matriculados. O município conta com 1 ginásio e uma unidade de ensino artístico.

Vista da Fazenda Carpintaria, à margem do rio Ibicuí

Outros aspectos culturais — Há no município a sociedade recreativa "Clube Assisense", duas livrarias, uma biblioteca de caráter geral, única no município, com aproximadamente 600 volumes, e o Cine Itajuru, com capacidade para 360 pessoas.

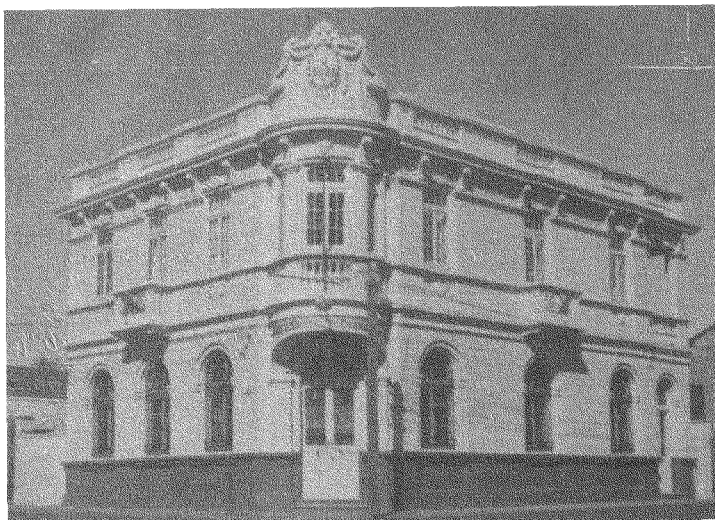
PRADOS E CANCHAS RETAS — Há no município quatro canchas retas, uma nos arredores da cidade e três no interior. Tôdas com pouca atividade, pois atualmente não se realizam mais que dez "carreiras" por ano, com um volume total de apostas que oscila entre Cr$ 80 000,00 e .... Cr$ 100 000,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem a profissão no município 2 médicos, 2 farmacêuticos e 2 dentistas. Em 1955, contava o município com um hospital, com 53 leitos, tendo sido internados 480 enfermos assim discriminados: 175 crianças, 115 homens e 190 mulheres. Conta com um aparelho de raio X diagnóstico, uma sala de operações, uma sala de partos, uma de esterilização e uma farmácia.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Há no município as seguintes instituições assistenciais: Abrigo de Menores São Tomé e Asilo São José de Amparo à Velhice.

PREVENÇÃO SANITÁRIA, ANIMAL E VEGETAL — Dois agrônomos e 1 veterinário.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Quatro advogados residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª Entrância com 1 Juiz de Direito.

Sede da Agência do Banco Nacional do Comércio S.A.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Os festejos populares do município são, em sua quase totalidade, de caráter religioso. Salienta-se entre êstes a "Festa do Padroeiro" da Paróquia, São Francisco de Assis, que se realiza anualmente, em 4 de outubro, constando de quermesses e de procissão com a imagem do Santo. Merece menção a Festa de "Santo Antônio", padroeiro da vila de Toroquá, realizada anualmente, em 13 de junho, naquela sede distrital. As tradições regionalistas são, aqui, revividas pelo centro de tradições gaúchas: "O Negrinho do Pastoreio", que congrega a maioria das figuras de destaque da sociedade local, em bailes e festas campestres usa a indumentária característica, cultuando, através de músicas e danças folclóricas, costumes, tradições e as lendárias e heróicas façanhas gauchescas.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	369	1 374	1 320	392	2 043
1951.......	496	2 207	1 416	443	1 292
1952.......	498	2 234	1 213	458	1 371
1953.......	853	3 339	1 908	565	1 861
1954.......	1 027	3 194	1 857	606	2 140
1955.......	1 233	4 331	3 078	915	2 616
1956 (*)....	1 708	6 482	4 606	1 772	3 820

(*) Orçamento.

SÃO FRANCISCO DE PAULA — RS

Mapa Municipal no 13.° Vol.

HISTÓRICO — Os índios Caaguas tinham suas aldeias na serra Geral, onde hoje se assenta o município de São Francisco de Paula, lindando, assim, com a região de Ibia que abrangia a bacia do Caí e serras do município de Caxias do Sul. Êstes indígenas que parecem ser os últimos representantes do povo autóctone da região, tinham caracteres singulares e podem ser classificados como o tronco originário dos depois chamados Coroados, da região serrana. Os Tupis designavam-nos "Irayti-inhacame", que significava "Cêra na cabeça"; de fato êles faziam largas coroas na cabeça e cobriam-nas com cêra.

O primitivo nome do município era São Francisco de Paula de Cima da Serra. Conta-se que o povoado iniciou-se com o capitão Pedro da Silva Chaves, um dos primitivos povoadores do Rio Grande do Sul. Êle doou uma légua de terras para a criação do povoado de São Francisco de Paula, santo de que era devoto, dando também cinqüenta vacas como patrimônio da igreja, tendo mais tarde iniciado a edificação do templo por sua conta. Quando o capitão Chaves, em 1777, fêz testamento, pediu que fôsse enterrado no altar-mor da capela.

Até 1852, São Francisco de Paula foi capela curada, quando em 30 de novembro passou a ser a 53.ª freguesia da Província de São Pedro, ficando dentro dos limites de Santo Antônio da Patrulha, ao qual já pertencia.

O primeiro páraco de Cima da Serra foi o Padre José da Silva Leal Leme, natural de Itu, SP, e filho do povoador, cap. Pedro da Silva Chaves.

São Francisco de Paula em 1888, com a emancipação de Taquara (naquele tempo Santa Cristina do Pinhal), passou a pertencer ao novo município, situação em que permaneceu até 24 de maio de 1878, data em que, pela Lei provincial n.° 1 152, lhe é também concedida emancipação.

Fato digno de registro é o da heróica resistência dos munícipes, por ocasião da Revolução de 1923 (movimento contra o Presidente do Rio Grande do Sul, Dr. A. A. Borges de Medeiros): a vila é defendida, em maio, pelo legalista, General Firmino Paim Filho, na Fazenda Souza, que é atacada pelo coronel rebelde Belisário Brasil Batista. Em 2 de junho, na Fazenda Muniz, após pelejar com o coronel Belisário, o major Nicoletti Filho bate-se com o rebelde Fidelino Kort, que é morto em combate.

São Francisco de Paula, localizado na região fisiográfica denominada Zona dos Campos de Vacaria, tem um clima que goza de extraordinário renome e sua sede municipal está situada a 912 m acima do nível do mar.

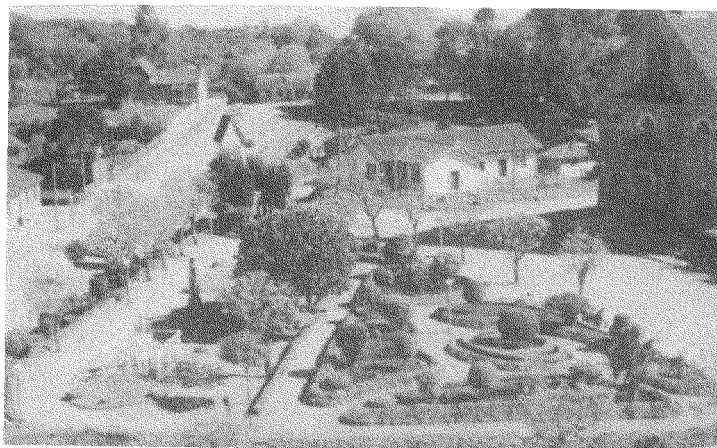
BIBLIOGRAFIA — *Terra Farroupilha* — Aurélio Pôrto.

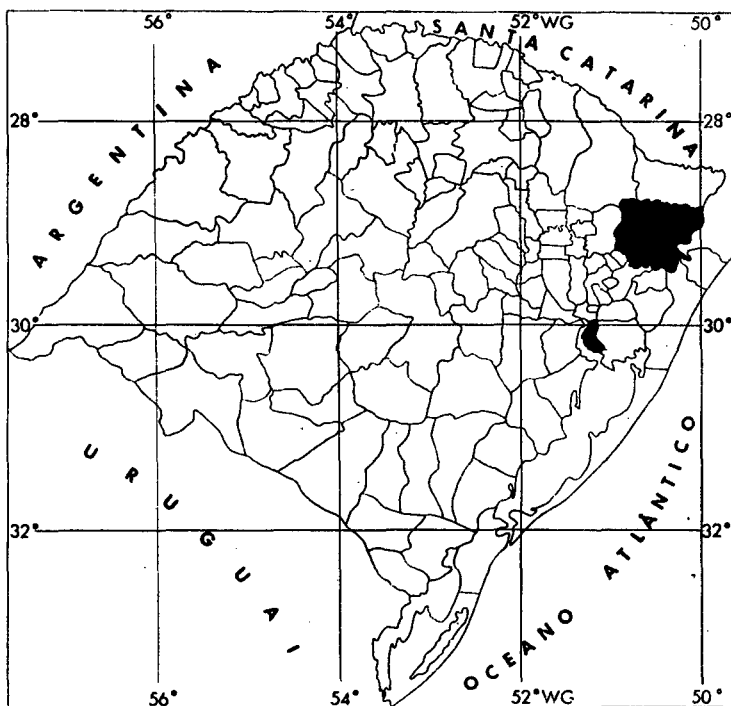
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Francisco de Paula 39 504 habitantes, localizando-se 3 520 na sede e 36 020 na zona rural (Estimativa do Departamento Estadual de Estatística para 1-1-1956). A densidade demográfica é de 7,35 habitantes por quilômetro quadrado; representa a população 0,83% do total do Estado. Área: 5 381 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Francisco de Paula; vilas de Cambará, Cazuza Ferreira, Chapada, Eletra, Jaquirana, Juá, Osvaldo Kroeff, Rincão dos Kroeff e Tainhas.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Francisco de Paula....	1 141	15	332	229	71	912

Praça Bento Gonçalves

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 20' 00" de latitude Sul e 50° 31' 21" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo N.E.; distância em linha reta da capital do Estado: 100 km. Altitude: 912 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Salienta-se, entre os demais, por sua extensão e volume, o rio das Antas, que, nascendo no município de Bom Jesus, forma a divisa entre os dois municípios e, mais adiante, com Vacaria; rio Santa Cruz, com seu elemento, forma três grandes e belas barragens: a do Salto, Blang e a do Passo do Inferno. Na barragem do Santo, as águas do Santa Cruz são divididas, indo uma parte por um túnel de mais de 2 km de comprimento até a a Usina dos Bugres, grande fonte de energia da C.E.E.E.; e a outra parte continua em seu leito, indo formar, mais adiante, a barragem da Usina do Passo do Inferno. Alguns quilômetros mais, forma divisa com Canela. Rio do Pinto, afluente do Santa Cruz; rios Tomé, Camisas e Tainhas, afluentes do rio das Antas, sendo que, neste último, planeja-se nova barragem, na confluência com o rio Bururi. Todos os rios são piscosos, em pequena escala. Variedades encontradas: peixe-rei, jundiá, carpa, etc.

Morros — Os mais proeminentes são: o morro do Chapéu, com 1 050 m, e o morro do Cerrito, com 1 032 metros.

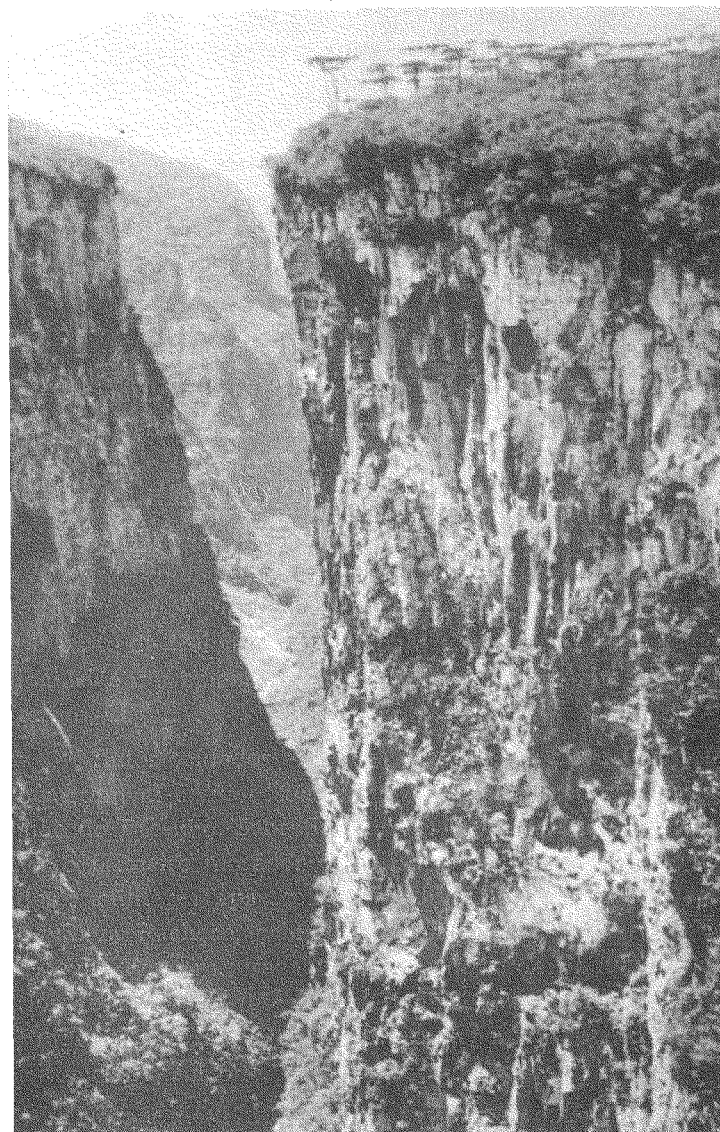
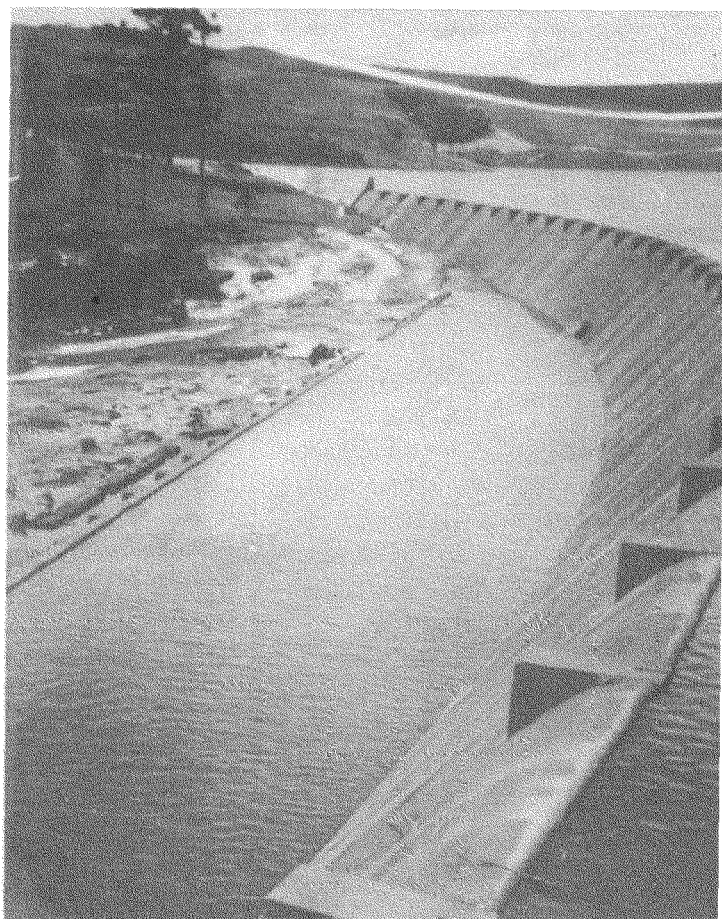
Precipícios — Taimbèzinho, tipo do grande "Canyon" dos Estados Unidos; sua profundidade varia entre 400 m e a largura, variável de mais de 400 m, estendendo-se a uns 4 quilômetros de comprimento, indo desembocar nos aparados da serra, formando vistas panorâmicas de rara beleza.

Fortaleza — Denominação dada a determinado trecho da encosta da serra, no distrito de Cambará, onde o planalto descamba abruptamente 900 m de altitude até, aproximadamente, 10 ou 15 m, numa grande várzea que alcança o mar, perto dos limites com Santa Catarina. Olhando-se da parte baixa, no município de Tôrres ou Sombrio, em Santa Catarina, parece ver-se uma gigantesca fortaleza de rocha, com 900 m de altitude, dominando uma enorme área de campos, dunas, praia e mar.

RIQUEZAS VEGETAIS — O município, como riqueza nativa, possui apenas o pinho e, em escala menor, o cedro, canela-preta, canela-sassafrás, louro, etc. O pinho é explorado na indústria da celulose, estando localizada no interior do município a maior fábrica no gênero, do Estado. Além da celulose, o pinho é grandemente explorado por 80 serrarias, produzindo anualmente, milhares de metros cúbicos de tábuas, sarrafos, etc. Área das matas naturais: 1 500 quilômetros quadrados. Área das matas reflorestadas: 50 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas no ano de 1956 foram as seguintes: máxima: 21,0°C; mínima: 10,7°C; compensada: 14,8°C. Chuvas: precipitação anual de 996 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de maio a setembro.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Bom Jesus e Vacaria; ao sul: Taquara, Rolante e Osório; a leste: Tôrres e Estado de Santa Catarina e a oeste: Caxias do Sul e Canela.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura assume, aos poucos, aspecto de suma importância econômica para o município que, além de se estar tornando um

Vista parcial do Taimbèzinho, zona já desapropriada pelo Estado para a criação do Parque Turístico do Nordeste

Barragem do Salto, no rio Santa Cruz

dos grandes abastecedores da capital do Estado, ainda conta, como consumidores de seus produtos agrícolas, os municípios de Taquara, Gramado, Canela, Osório, Tôrres, Tramandaí, etc. Entre os produtores que possuem maior área de lavoura mecanizada, salientam-se os seguintes:

NOME:	*CULTURAS:*	*ÁREA:*
João Pedro dos Santos	— soja, feijão, milho, batata	— 80 ha
Oscar de Almeida Valin	— batata, trigo, milho, feijão	— 40 ha
Renato Soares	— centeio, batata, soja	— 29 ha
Dinarte Andrade Soares	— centeio, feijão	— 28 ha
Auto João Muratore	— batata, milho, soja, centeio	— 22 ha
Plínio Soares	— aveia	— 12 ha
Pôsto Agropecuário	— batata, centeio	— 12 ha
Eufrásio Araújo	— batata, centeio	— 12 ha
Otávio Alves de Medeiros	— aveia, centeio	— 10 ha
Oscar Teixeira	— centeio	— 10 ha
Osvaldo Gil	— milho	— 10 ha
Luiz Silveira	— batata	— 10 ha
Osvaldo de Souza Pinto	— batata, trigo	— 8 ha
Davenir Peixoto Gomes	— centeio, aveia	— 8 ha
Luiz Rosa	— batata, centeio	— 6 ha
Alfeu Silva	— batata	— 5 ha
Ulisses Valim	— centeio	— 5 ha
José Danei Santos	— milho e batata	— 6 ha

e outros em menor escala.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	1 170	7 137
Milho	2 588	6 901
Alfafa	769	1 847
Botata-inglêsa	226	829

Valor total da produção: Cr$ 19 092 545,00.

Avicultura — Poucos são, pròpriamente, criadores de aves, no município, embora estime-se a população avícola em mais de 120 000 cabeças, num valor de Cr$ 9 600 000,00. Os principais avicultores são: Rubem Mena Barreto Costa, Ubirajara Alves da Silva, Zilá Tedesco, Hero Soares, Granja Capão do Pinto e Dinarte Soares. As raças preferidas são: a comum, new-hampshire, leghorn e rhode.

Apicultura — Os principais apicultores no município são: Augusto Thiele, Maria de Oliveira Pinto, Nelson de Oliveira Pinto, Plínio de Oliveira Pinto e outros. Estima-se a produção média anual de mel em 20 000 kg e 1 000 kg de cêra.

Pecuária — A pecuária, na vida da comuna, é de capital importância. Aproximadamente, 70% da área do município são ocupados pela criação animal com grande rendimento, apresentando inúmeros plantéis com pedigree, seleção bovina e puro por cruza. As raças preferidas são: Bovinos: cruza com zebu, devon, hereford, polled-angus, suíço, charolês, red-polled, normando e jérsei. Suínos: duroc-jérsei, polland-china e macau. Ovinos: romney-march, corriedalle, lincoln, karacul e comum. Muares: comum. Cavalares: crioulo. Entre os criadores, destacam-se os seguintes:

NOME:	*RAÇAS:*	*ESTABELECIMENTOS:*
Emílio de Oliveira Pinto	Devon e suíço	Fazenda do Pinto
Gaspar Assis dos Santos	Devon	Faz. do Pinheiro Alto
Marcolino Borges Pereira	Charolez	Fazenda do Chapéu
Genésio Fogaça Pinto	Hereford	Faz. Espírito Santo
Antenor José da Silva	Polled-angus	Faz. V. de São João
Zeferino O. Teixeira	Hereford	Fazenda São José
Arlindo M. da Silva	Devon	Faz. Capão da Coroa
José Marques Osório	Devon	Fazenda dos Novilhos
Leovegildo Pereira	Devon	Fazenda do Pôsto
Bento Nilo Teixeira	Devon	Faz. Tap. do Corrêa
Afonso da Silva Reis	Normando	Faz. da Guabiroba
Dinarte Santos	Devon	Faz. Rod. das Pedras
Renato Soares	Suíço	Fazenda da Divisa
Elizeu e Adelino Santos	Red-polled	Faz. do Passo Raso
Amador José da Silva	Devon	Faz. dos Morrinhos
Boaventura José Moreira	Hereford	Fazenda L. Grande
Severino Alves Fogaça	Devon	Fazenda Dizimeiro
Luciano J. da Silva Neto	Devon	Fazenda do Cipó
Manoel de O. Gomes	Charolez	Faz. do Tordilha
Angenor Peixoto Gomes	Polled-angus	Fazenda Andadores
Nestor da Silva Teixeira	Devon	Faz. F. Grande
Henrique T. Stumpf	Red-polled	Fazenda Novilhos
Davenir Peixoto Gomes	Polled-angus	Fazenda C. Gomes

Mercados consumidores: Taquara, Pôrto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e tôda zona da praia, como Tôrres, Osório, Santa Catarina, etc. Pôrto Alegre é um dos grandes consumidores de leite e queijo do município.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	164 300	279 310
Eqüinos	14 800	14 800
Muares	8 800	10 560
Suínos	4 200	2 520
Ovinos	34 000	9 520
Caprinos	100	15

Tipos de pastagens: Os tipos de pastagens do município são as gramíneas comuns, de grande rendimento no

verão; no inverno, porém, devido ao frio e geadas, estão sendo utilizadas diversas pastagens artificiais em pequenas áreas; as mais promissoras, entre as gramíneas, são: aveia-perene e capim ren-top e, entre a leguminosas, o cornichão. Também se está desenvolvendo em lavouras a cultura do azevém e bentém, como pastagem de inverno, para o pisoteio, com aproveitamento dos grãos.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	485 460	10 037 060
Carne verde de suíno	19 564	328 608
Carne verde de ovino	13 585	221 008
Carne verde de caprino	940	4 512
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	92 519	1 232 709
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	21 200	233 200
Pele sêca de ovino	715	21 450
Pele sêca de caprino	47	423
Toucinho fresco	25 668	645 420
Total Geral	659 698	12 724 390

Indústria — São Francisco de Paula conta com 105 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 1 353 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 139 530 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 4,0%; ind. da madeira, 72,1%; transformação de produtos minerais, 0,5%; ind. de papel e papelão, 22,6%; ind. de mobiliário, 0,2%.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	*RAMOS DE ATIVIDADE*
Auto João Muratore & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Imperial Madeireira Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Cassiano Ltda.	Madeira serrada
Construtora Caxiense Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Ouro Verde Ltda.	Madeira serrada
José Tomé & Cia.	Madeira serrada
Madeireira Agrícola Ltda.	Madeira serrada
Irmãos Salvador & Cia.	Madeira serrada
Madeireira São João Ltda.	Madeira serrada
Serraria Muniz Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Santo Inácio Ltda.	Madeira serrada
Ângelo Franoi & Filhos	Madeira serrada
Acedino Lucena & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Neselo & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Gil & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Aguiar Valim & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Capão & Cia. Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Retiro Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Ludovico Ltda.	Madeira serrada
Madeireira De Zorzi Ltda.	Madeira serrada
Madeireira São José do Cambará Ltda.	Madeira serrada
Industrial Madeireira Ltda.	Madeira serrada
Engenho Guarani Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Andrade Ltda.	Madeira serrada
Madeireira Taibé Ltda.	Madeira serrada
Cia. de Ind. Gerais, Obras e Terras S.A.	Pasta mecânica
Celulose Cambará Ltda.	Papel

CASAS COMERCIAIS EXISTENTES NA SEDE:

Secos, molhados, fazendas, ferragens, etc.	9
Relojoarias	1
Casas de calçados	2
Padarias	2

O município mantém transações comerciais com Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e, em menor escala, com Taquara, São Leopoldo, Caxias do Sul e Novo Hamburgo.

A sede municipal conta com duas agências bancárias: uma, do Banco Nacional do Comércio S. A. e outra, do Banco da Província do Rio Grande do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Taquara: rodov. (40 km); Bom Jesus: rodov. (149 km); Vacaria: rodov. (219 km); Caxias do Sul: rodov. (124 km); Canela: rodov. (41 km); Santo Antônio: rodov. (97 km); Osório: rodov. (128 km); Tôrres: rodov. (134 km); Araranguá, SC: rodov. (173 km). Pôrto Alegre: rodov. (113,4 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A sede do município é servida por luz elétrica e fôrça, sendo a voltagem primária de 13 200 volts, transformada em 380 para fôrça e 220 volts para iluminação, com 50 ciclos. Esta energia provém da rêde da C.E.E.E., a poucos quilômetros da cidade, onde estão situadas 3 grandes usinas: a dos Bugres, a da Toca e a do Passo do Inferno. A sede municipal conta com energia elétrica desde 1927. São Francisco de Paula pela sua altitude (912 metros) é zona de veraneio, muito procurada, por seu clima privilegiado.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	51
Ruas	45
Avenidas	2
Largos e praças	3
Travessa	1

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	1 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçado com paralelepípedos	1
Arborizado totalmente	1
Arborizados parcialmente	3
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	662
Zona Urbana	361
Zona Suburbana	301

SEGUNDO O N.º DE PAVIMENTOS

Térreo	649
2 pavimentos	13

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	504
Residências e outros fins	60
Exclusivamente a outros fins	98

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	52
Número de ligações elétricas domiciliares	700
Número de focos para iluminação pública	310

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total, do município	32 000 kWh
Da sede municipal	31 000 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	8
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	9
Bica pública	1
Consumo anual de água	17 250 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	34
Taxa mensal cobrada	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há uma agência na sede.

HOTÉIS E PENSÕES — Conta a sede municipal com os seguintes hotéis e pensões: Hotel Bela Vista, Veraneio Hampel, Cisne Branco e Pensões: Fetter, São Cristóvão, Familiar e Santos, com diárias que variam de Cr$ 160,00 a Cr$ 90,00 por pessoa.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

Veículos a motor para passageiros	
Automóveis	94
Ônibus	8
Camionetas	47
Motociclos	3
Total	152
Para transporte de cargas	
Caminhões	97
Tratores	3
Reboques	51
Total	151
Veículos a fôrça animada para passageiros	
Carros de duas rodas	12
Bicicletas	30
Total	42
Para cargas	
Carroças de duas rodas	8
Caroças de quatro rodas	78
Total	86

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 57% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 47%. Em 1955 havia 76 unidades escolares do ensino primário fundamental comum com 3 982 alunos. Há no município 2 ginásios e uma escola normal.

Outros aspectos culturais — Há 1 órgão semanário, 7 sociedades recreativas, 4 sociedades esportivas, uma biblioteca da Sociedade Cruzeiro, com mais de 500 volumes, de caráter geral; uma tipografia e uma livraria.

Grupo do Centro de Tradições Gaúchas Rodeio Serrano, dançando no campo, por ocasião de uma das suas festas tradicionalistas

PRADOS E CANCHAS RETAS — As corridas de cavalos são uma das grandes atrações populares do município; embora suas realizações não sejam periódicas, fazem-se com bastante freqüência. Existem no município mais de 16 canchas retas, atraindo grande número de aficionados e espectadores. Estima-se o montante de apostas, durante o ano, em mais de 2 milhões de cruzeiros. Entre outros, são os seguintes os possuidores de animais de raça: José Asmuz, Bento Teixeira dos Santos, Waldomiro Teixeira dos Santos, Severino Alves Fogaça, Léo de Souza Pinto, Alfredo Alves da Silva, Osvaldo Pires, José Pereira, Adail Santos, Luiz Busquirolli, João Macieiro, Afonso Castilhos, Pedro Fontinel, Orlando Costa Castilhos, Eron Pinto Santos, Hélio Pires, Rubem Ferreira e Alfredinho Alves da Silva.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, com um total de 101 leitos e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram hospitalizados 1 117 enfermos, sendo 378 homens, 515 mulheres e 224 crianças. Há 1 aparelho de raio X diagnóstico, 3 salas de operações, 3 salas de esterilização e uma farmácia. Exercem a profissão 7 médicos e 6 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Associação de Proteção à Maternidade e Infância e Roupeiro do Menino Jesus.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — Há 2 agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Conta com 6 advogados.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Há uma Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Os festejos populares religiosos são os que mais se salientam no município. Citam-se: São João, com novenas, missa solene, procissão e quermesse, e o de São Francisco de Paula, padroeiro do município, com as mesmas festividades. A Associação Rural, em cada qüinqüênio, organiza uma exposição pecuária, onde fazem parte do programa diversas demonstrações da lida do campo, como domas, laçadas, etc. Os municípios de Canela, Taquara, São Francisco de Paula, Gramado e Gravataí fazem rodízio nas exposições. O Centro de Tradições Gaú-

chas coronel Alziro Tôrres Filho é um departamento da A. Rural e foi fundado em 7-5-55, tendo a seguinte diretoria:

Presidente; Patrão	— Lourival Batista dos Santos
1.º Vice-Presidente; 1.º Capataz	— Juvenil Cândido de Souza
2.º Vice-Presidente; 2.º Capataz	— Severino Alves Fogaça
3.º Vice-Presidente; 3.º Capataz	— Nestor da Silva Teixeira
1.º Secretário; 1.º Sota-capataz	— Plínio Andrade Lucena
2.º Secretário; 2.º Sota-capataz	— Agenor Peixoto Gomes
1.º Tesoureiro; 1.º Agregado	— José Oldeon Comin
2.º Tesoureiro; 2.º Agregado	— Cléo Silva
Conselho Fiscal de Vaqueanos	— Suplentes do Conselho de Vaqueanos
Oscar Teixeira	— Ady Gonçalves dos Santos
Homero Antônio dos Reis	— Cláudio Teixeira
Davenir Peixo Gomes	— Duarte Andrade Soares

Suas festas tradicionais são: 2 de abril, aniversário do município; 7 de maio, aniversário do Centro de Tradições Coronel Alziro Tôrres Filho; 7 de Setembro, Dia da Pátria e 20 de setembro, Revolução Farroupilha. Realiza-se anualmente o circuito automobilístico da Encosta da Serra, com o patrocínio do Automóvel Clube do Brasil e dos municípios de São Francisco de Paula, Canela, Novo Hamburgo e Taquara. Entre os patrocinadores do certame, efetua-se um rodízio, tendo São Francisco de Paula sido, em 1957, o município-sede do certame, quando o volante gaúcho Diogo Elwanger venceu o certame.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Atualmente não existe no município aeroporto ou campo de pouso, porém há um projeto e já algumas obras para a construção de um, cuja pista terá o comprimento de 700 metros.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Obelisco com placa de bronze, comemorativo do cinqüentenário do município, e uma herma ao general Bento Gonçalves, na Praça do mesmo nome.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — São Francisco de Paula é um município turístico por excelência, não sòmente pela grandiosidade de suas belezas panorâmicas, como por seu privilegiado clima em altitude de mais de 900 metros. Dentre as inúmeras vistas panorâmicas, destacam-se duas: a da Fortaleza e a do Taimbèzinho.

Fortaleza — Denominação de um trecho da Encosta da Serra, situado no distrito de Cambará, a 900 metros de altitude, ponto dos limites com o Estado de Santa Catarina. O panorama que daí se descortina é verdadeiramente deslumbrante, quando perde-se a visão no imenso mar bravio, até encontrar a linha do horizonte, a dezenas de quilômetros adiante. Penhasco inteiramente de granito, cai abruptamente 900 metros até o município de Tôrres, onde se divisam grandes vargedos, plantações, lagoas, riachos cortando colinas onduladas, até se chegar aos cômoros de areia e à praia. A visão que se descortina dessa elevação é ampla e soberba, vendo-se à esquerda o distrito de Turvo, em Ararанguá, Santa Catarina; na parte da frente, à direita, a cidade de Tôrres e inúmeros vilarejos formam as diversas praias da costa. Fortaleza é um dos locais mais recomendados ao turistas, onde a beleza do espetáculo se alia ao colorido da paisagem.

Taimbèzinho — Segundo a opinião de pessoas conhecedoras, Taimbèzinho é uma cópia do "Grande Canyon" dos Estados Unidos da América. É um espetáculo grandioso e excitante, quando três riachos se juntam para se despencar a 400 metros de profundidade. Esta enorme fenda aberta no planalto, com área de 400 metros de largura, estende-se por 4 quilômetros, até encontrar os contrafortes dos "Aparados da Serra". Taimbèzinho é um espetáculo impressionante. Pelo planalto ondulado, abre-se, de repente, aquela imensa garganta, riquíssima em panoramas de lindas colorações. São do jornalista J. Forster, do "Jornal do Dia", de Pôrto Alegre, as seguintes palavras: "... Emoções as mais desencontradas apossaram-se de mim ao contemplar, em tôda sua majestade, aquêle buraco enorme, qual leito imenso de um pré-histórico rio. Nas suas bordas os pinheiros olham mudos e estáticos para a garganta rochosa, como que desafiando-a a tragá-los na sua voragem avassaladora. Espetáculo de rara beleza são as três quedas do Taimbé. A primeira delas, caindo de uma altura de 200 metros, desprende fulgores doirados em chuvas de prata a cascatear pelo paredão rochoso. As águas, chegando nas bases da rocha, formam fantástico jôgo de luz com os raios solares, ocasionando um arco-íris perene e magnífico. Uma das cataratas traça na montanha veias diversas, que a vão cortando originalmente. O curioso é que essa catarata não se precipita, mas desce coleando pelas curvas pétreas. O cenário natural que aí se descortina é, portanto, de um efeito grandioso".

E mais adiante:

"... Contemplando a beleza esplendorosa do colosso do Taimbé que jaz em letargia adormecido, imbuímo-nos de um respeito como que sobrenatural pela obra grandiosa que o Criador se dignou realizar. Daquele imenso altar da natureza deitamos os nossos corações que, numa muda oração, se elevam ao impíreo infinito ante a portentosidade do cenário. A munificência suprema do Supremo Ente criou êste cintilar de estrêlas e êste perfume de paraíso para deleitarem o coração do homem. E no altar portentoso do impávido Taimbé, eleva-se nossa alma num canto de glória e de amor, de fé e de vitória, como uma hóstia branca de paz, humildemente curvada ao infinito. Na hora solene em que o sol, qual disco brilhante na túnica celeste, baixa no horizonte arrancando fagulhas de prata das cascatas imponentes, lembramo-nos de outro sacrifício. Da imolação que Alguém fêz numa sexta-feira num monte chamado Gólgota, lançando aos céus o seu desesperado "Eli, Eli, lamma sabacthani?" num último alento de angústia. E êste Alguém fêz suntuosidades régias, espalhando-as pelo mundo inteiro. E soltou uma faísca de poder num Rio Grande muito poético. Era o Taimbé. Estava esfaqueada a terra resultando uma ferida magnífica que nunca cicatrizou. Pois o Taimbé é realmente um estilhaço de majestade infinita...

A descida do Taimbèzinho é de emoções indescritíveis; no silêncio majestoso que nos oferece, parece-nos ouvir o pulsar forte dos nossos corações. Depois de muito descermos por entre as escarpas rochosas com belas e exóticas folhagens, onde cada passo é uma emoção vivida, vê-se o improvisado "alpinista" ficar suspenso no abismo por uma corda onde, morosamente, poucos minutos de ansiedade nos separa do chão firme. Naquele fundão não se sabe o que nos domina, se a beleza, a grandiosidade do espetáculo, as emoções da descida ou se tudo junto, pois um sentimento

de mêdo e alegria, encantamento e respeito ao Criador nos põe em êxtase.

Veraneio Hampel — O Veraneio Hampel é um hotel de 1.ª ordem construído especialmente para o veraneio em área de 20 hectares de um belíssimo parque, cheio de recantos pitorescos, entrecortado de riachos e cascatas e uma grande piscina — lago natural. Caracteriza-se êste hotel como lugar indicado para descanso; dista aproximadamente três km da cidade, possuindo todo confôrto tanto para o verão como para o inverno.

Hotel Cisne Branco — Êste hotel é um anexo do grande hotel em construção, Cavalinho Branco, ambos situados à beira de um lago a um km da cidade. Recanto agradabilíssimo e repousante.

Barragens do Blang e do Salto — Encantadoras vistas formam estas barragens feitas pelo homem. A beleza da natureza aliada à moderna arquitetura, panoramas belíssimos e atraentes, prendem a atenção do turista.

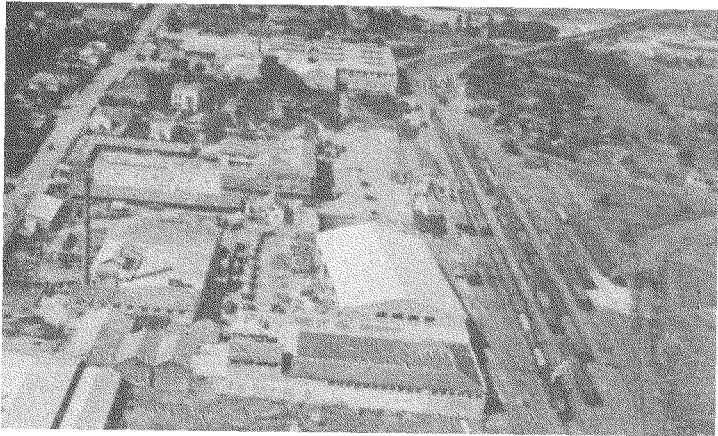
FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	—	—	2 489	1 177	3 706
1951	—	—	2 670	1 306	3 151
1952	—	7 587	3 757	1 319	3 834
1953	—	10 717	7 060	1 618	7 039
1954	—	8 439	4 589	1 866	4 728
1955	2 607	9 319	4 963	2 170	6 444
1956	5 273	12 406	6 903	1 885	6 968

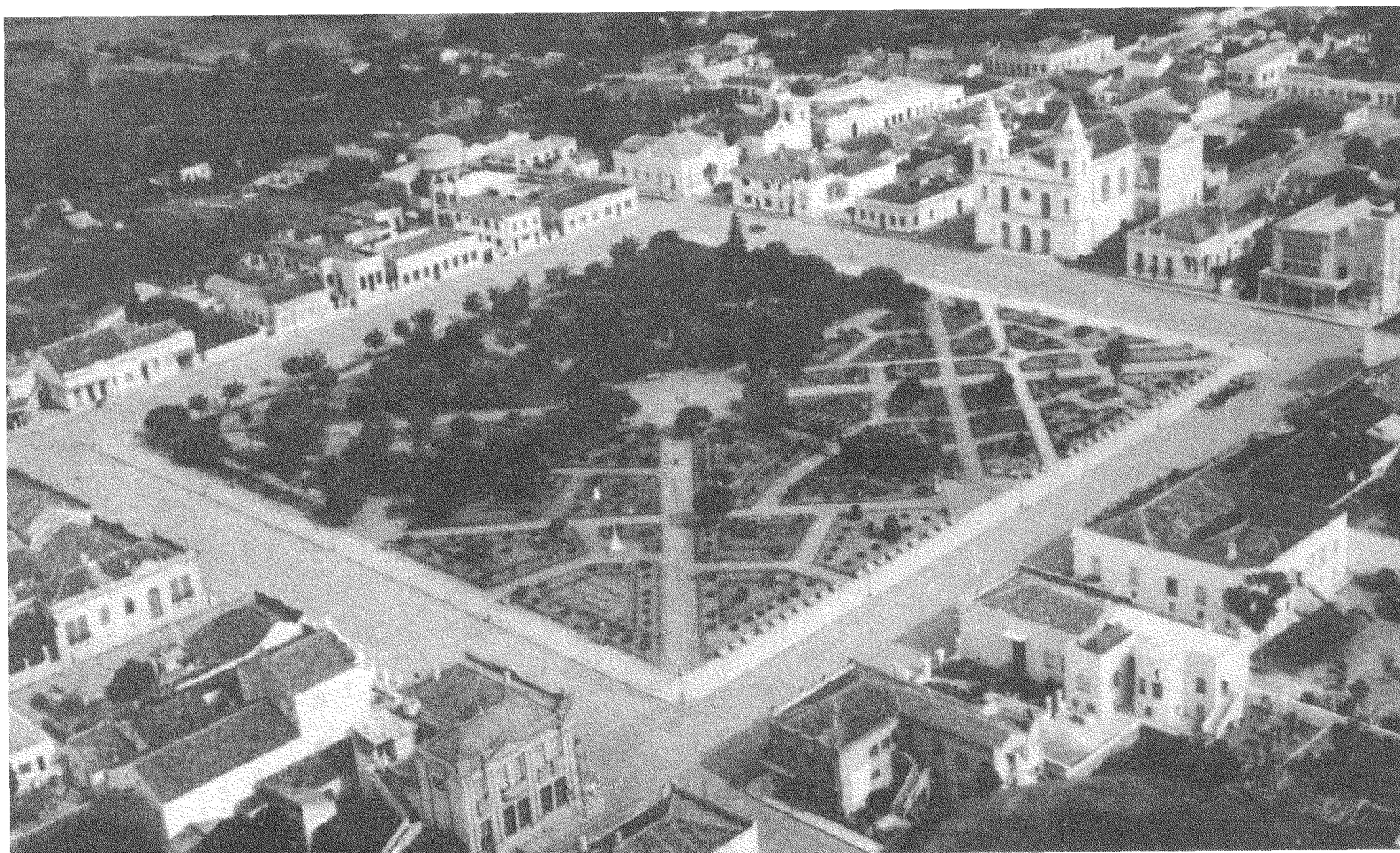
SÃO GABRIEL — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Remontam a 1750 as primeiras estâncias jesuíticas, das Reduções de São Luís, São João e São Lourenço. Pelo tratado de Madrid, assinado naquele ano, o que constituía o território do atual município passou a pertencer a Portugal, pois até então fôra espanhol, servindo o rio Santa Maria de divisa. Após o acôrdo assinado entre as duas Coroas, os demarcadores encarregados de dar-lhe cumprimento tiveram seus passos embargados pelos indígenas. Contra êles organizou-se uma fôrça conjunta, sob o comando de um lado do Governador de B. Aires, José Andonaegui, e do de Montevidéu José Joaquim Viana, e do outro de Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela.

Vista parcial da Praça Dr. Fernando Abott

Vista parcial aérea da cidade

A primeira dispunha de 1 700 homens e 9 canhões de campanha, e a segunda, de 1 600 soldados e 8 canhões. Depois de se concentrarem nas nascentes do rio Negro, daí seguem para as do Ibira-Mirim, campos de Taquarembó e acampam próximo ao Ibaré. Das cabeceiras do Vacacaí, à margem direita, avistando índios no outro lado, Viana, à frente de 800 homens, transpõe o rio e os surpreende ao amanhecer no dia 7 de fevereiro de 1756. Aturdidos, dispersam-se e, na fuga, seu chefe Sepé Tiaraju cai do cavalo, que roda em toca de tatu. Ali é baleado e morto por Viana. Três dias passados, defrontam-se novamente nas coxilhas de Caiboaté. Andonaegui envia um ultimato para se retirarem dentro de uma hora. Pedem, então, 24 horas para se aconselharem com os padres, o que lhes é recusado. Decorrido o prazo, são violentamente bombardeados pela artilharia e, em seguida, postos sob cerrado fogo de fuzilaria, fugindo desordenadamente. Foi uma completa chacina que deixou 1 500 mortos, inclusive o chefe Languiru. De parte dos aliados houve poucas baixas, mas entre os feridos estava o coronel Tomás Luís Osório. Em 1763, em conseqüência do rompimento entre as nações ibéricas, a Espanha retomava a posse da região. Só em 1777, em virtude do Tratado de Santo Ildefonso, voltavam a fixar-se os limites. Em 1784, colocavam-se o 3.º e 4.º marcos castelhanos nas origens do Cacequi e no cêrro de Caiboaté; e os lusos, em um braço do Vacacaí e em frente ao referido cêrro.

Data de 1788 o estabelecimento dos dois primeiros sesmeiros. São êles o paulista José Martins Oliveira e Antônio Monteiro Mansio. De 1789 a 1814 concedem-se sesmarias a: Padre Ambrosio José de Freitas, João de Faria Rosa, Padre José Inácio dos Santos Pereira, José da Cunha Souza, Antônio da Costa Pavão, Caetano de Barcelos Barreto, Manoel Inácio Henriques, Antônio Gomes Torres, Padre João de Almeida Pereira, tenente José Constantino Lobo Botelho, cabo José Maria Correa Vasques, Isidoro Xavier Ramos, Bernardino Henrique Samorim, marechal Alexandre Portelli, Constantino José Pinto, José Rodrigues de Figueiredo, Maria Isabel de Faria, Antônio Pinto da Fontoura, Lucas Fernandes da Costa, José dos Santos Menezes, Domingos Rodrigues Nunes, Jerônimo da Silveira Goulart, Timoteo Lemos do Amaral, tenente Francisco Carneiro de Figueiredo Sarmento, João Nepomuceno de Carvalho Prates, Brígido Tomásio de Sampaio, Baltazar Antônio Pinto, Antônio Alves Trilha, Antônio Francisco Ferreira, João Guilherme Jacques, Maria Álvares Trilha, Manoel Luiz da Cunha, Timóteo José da Cunha, visconde de S. Leopoldo,

Vista aérea da Praça Dr. Fernando Abott, a principal da cidade, destacando-se à direita a Igreja-Matriz Arcanjo Gabriel

José Antônio de Azevedo, José Machado Fagundes de Bittencourt, Maria Madalena da Silva, Plácido Fialho de Mendonça, José da Cruz Albernaz, José Pinto da Fontoura, João de Deus Mena Barreto (visconde de S. Gabriel), José Antônio Fernandes Lima, Pedro Pires, Fortunato Luís Barreto, Francisco Machado da Silveira, José Cardoso.

Em abril de 1801 o naturalista espanhol Félix de Azara fundava, junto ao cêrro de Batovi, uma povoação, destinada à colonização espanhola, com o nome de São Gabriel, em homenagem, supõe-se, ao vice-rei do Prata, Gabriel de Avilés Y del Fierro. Havia ali uma guarda castelhana de 90 homens. Contra esta o coronel Patrício Correa da Câmara, 1.º visconde de Pelotas, mandou avançar uma tropa sob o comando do capitão Antônio Charão, o que levou os espanhóis a uma retirada precipitada. Charão levou, então, a imagem do padroeiro para sua fazenda. Êstes não se conformaram com a perda e, em novembro, o coronel José Inacio de La Quintana, à frente de 700 homens, tenta atravessar o Santa Maria. O capitão Sebastião José de Oliveira, na emergência, distribui seus 400 soldados em todos os passos, ao mesmo tempo que pede reforços ao coronel Câmara, que ocorre logo, frustrando os intentos do inimigo. Mas Quintana não desanima e, em dezembro, volta da fronteira próxima a Jagurão, com 600 homens, aos quais se juntam os 400 do coronel Bernardo Lecoca, e prontos para atacar Batovi. Câmara dispõe ràpidamente suas fôrças: a 31 despacha para o aludido lugar um major com 160 praças; no dia seguinte, êle próprio segue com outros 160 e deixa um destacamento de 150 em São Sebastião. Assinou no entanto a paz, e Batovi não foi atacada.

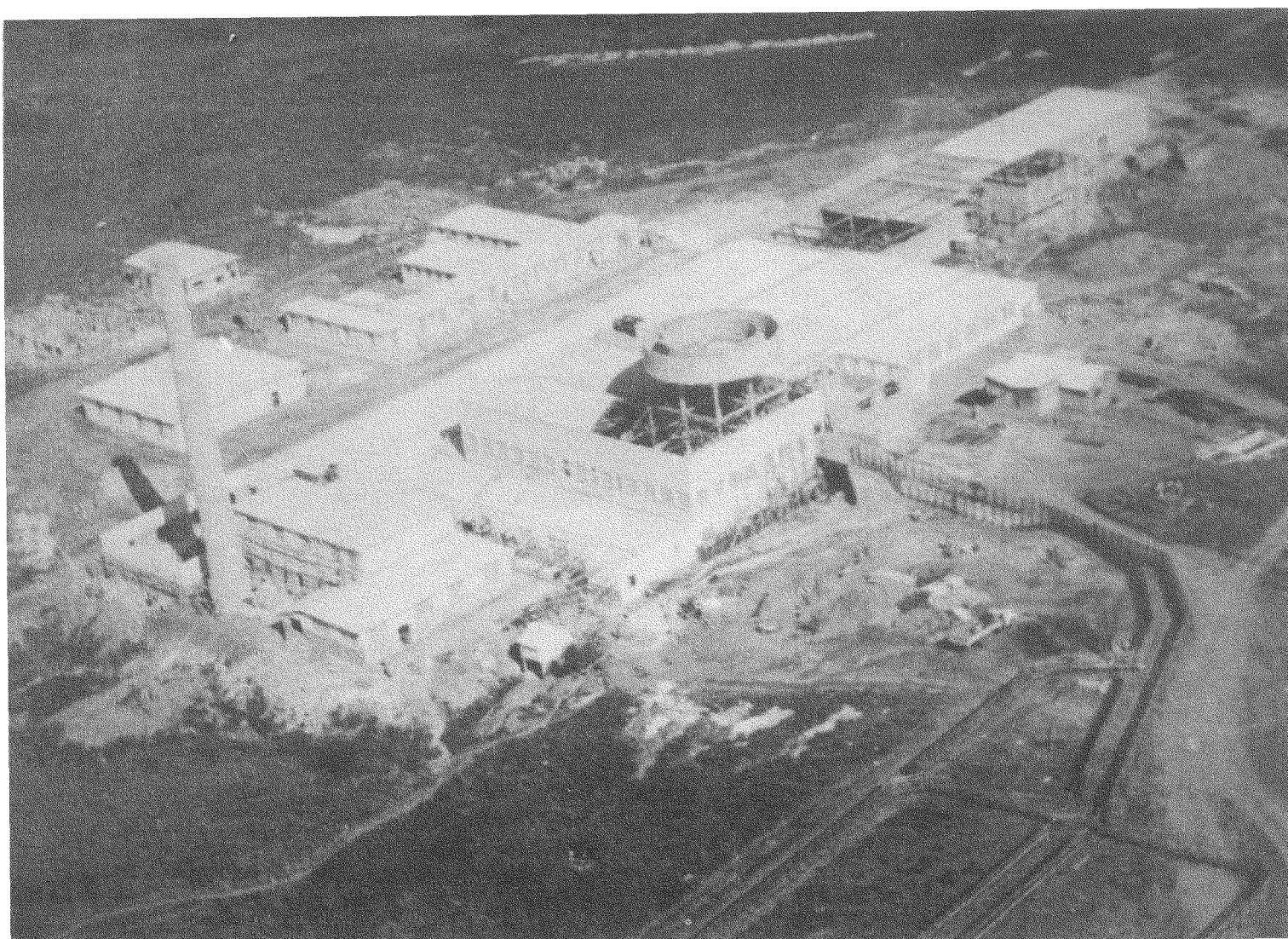
Apesar das refregas de fronteira, a região apresentava algum desenvolvimento. Em 1804 cultivava-se o linho. Em 1809, São Gabriel pertencia a Rio Pardo com o nome de distrito de Vacacaí. Em ofício ao govêrno, o coronel Câmara afirmava existir ouro no rio Vacacaí e comunicava ter dado ordens para prender quem fôsse encontrar bateando. No ano seguinte, sugeria auxílio aos moradores do Batovi para levantar uma capela. A 30 de setembro de 1810 chegava a "Legião de São Paulo," chefiada pelo conde de São João das Duas Barras. A 16 de dezembro de 1813, atendendo a pedido da população que alegava estar a povoação em lugar impróprio, o governador e capitão-general da Capitania, tenente-general D. Diogo de Souza, futuro conde de Rio Pardo, determinou fôsse demarcada meia légua em quadro na sesmaria de Antônio Alves Trilha. A 7 de dezembro do ano subseqüente, Câmara delimitava a área do novo povoado em presença de autoridades e povo reunidos, conservando o nome de São Gabriel. Uma Provisão de 28 de dezembro de 1815 estabelecia capela curada e, em 1826, chegava o 1.º padre, João de Almeida Pereira. Acôrdo sôbre limites assinado em 1819, em Montevidéu, incorporava São Gabriel ao Brasil em caráter definitivo (a essa época fazendo parte do município de Cachoeira).

A 15 de agôsto de 1822 a população de São Gabriel de Batovi dirigia-se ao Governador, solidarizando-se com o Príncipe Regente por ter êste convocado a Assembléia Constituinte. Em 1825, ela é avaliada em 400 habitantes. Neste último ano, em maio, o barão de Cêrro Largo aqui estabelecia seu Quartel-General durante a Guerra das Províncias Unidas. Mal sucedido nas primeiras lutas no Uruguai, retornou, e em 1826 abriu voluntariado, apresentando-se 600 homens. Em fevereiro de 1827 as tropas do general argentino Carlos de Alvear penetram no lugar, entregam-se ao saque e depredações e levam 6 000 cavalos. A

Ponte sôbre o rio Vacacaí, importante curso de água que banha o município

8, o coronel brasileiro Paulo Zufriátegui apresa 7 carretas com munições e ocupa a povoação, deserta desde a aproximação das tropas inimigas. Dois dias depois chega o próprio Alvear. Dia 13, enquanto Barbacena faz junção com Cêrro Largo na coxilha Babaraquá, o tenente Marcelino Ferreira do Amaral com 70 homens surpreende 100 argentinos no Vacacaí, infligindo-lhes 22 baixas. Em socorro dos últimos vem Lavalle à frente de 700 praças. Amaral, então, une-se ao contingente do major Lisboa e, fazendo frente a Lavalle, recua até juntar-se com o resto da brigada de Bento Manoel Ribeiro. Passados três dias, retira-se Lavalle, deixando na localidade uma retaguarda de 40 homens que a abandonam depois de a ela terem ateado fogo. Em seguida chegam as tropas brasileiras a tempo de apagá-lo, tropas sob o comando do barão de Cêrro Largo, marechal Henrique Brown e tenente-coronel Elisário Brito. No dia 17 entra na povoação o marquês de Barbacena com uma fôrça de 5 567 soldados e 12 canhões. Depois de fazer uma proclamação ao povo, retira-se, deixando munições, bagagem e um hospital sob a direção do Dr. Manoel Joaquim de Menezes. Dois dias depois, alcança a retaguarda argentina no Campo dos Salsos. A 25, o coronel argentino Servando Gómez ocupa São Gabriel, apoderando-se de armas, munições e apetrechos. A Gómez junta-se em seguida a fôrça de Alvear. Diante dêste último apresentaram-se o capitão Francisco das Chagas Rocha, o alferes Machado e Jerônimo Rodrigues de Siqueira, propondo-se fundar uma república no Rio Grande do Sul. Mais ou menos em fins de abril retiravam-se os argentinos e entrava no lugarejo Bento Manoel Ribeiro. Com a retirada dos argentinos houve um período de calma que, entretanto, não durou muito. Em 1831, São Gabriel, se incorporava a Caçapava.

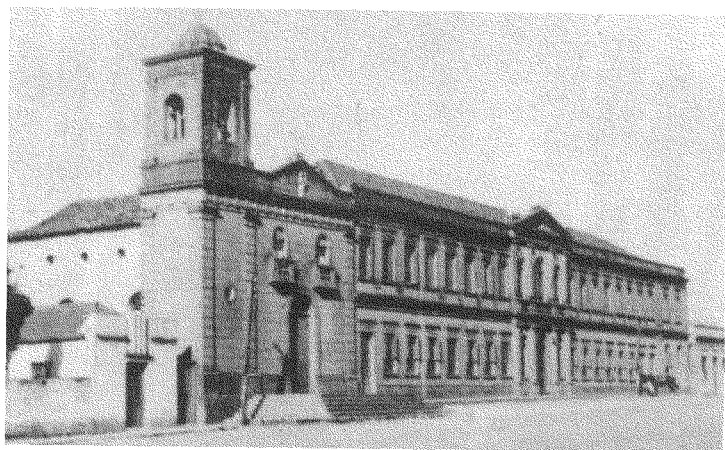
A revolução farroupilha estava à vista. Conspirava-se. Entre os que preparavam o movimento contavam-se o Juiz de Paz Camilo Martins de Menezes, o tenente-coronel João Antônio da Silveira, o coronel Afonso Côrte Real e o tenente Manoel José Casado. No dia mesmo em que explodiu o movimento na província, 20 de setembro de 1835, cercam a guarnição local 300 revolucionários, cujo comandante era o capitão Francisco de Paula Macedo Rangel. A 4 de outubro desfecham o ataque final, obtendo a adesão dos sitiados, exceto Rangel, e mais alguns oficiais, que são presos. À noite, o coronel João Antônio da Silveira ataca os legalistas do marechal-de-campo Sebastião Barreto Pereira Pinto e coronel José Rodrigues Barbosa no Cêrro de Batovi, os quais tinham vindo de Bagé em socorro dos sitiados, dispersando-os. Parte dêles bandeia-se para a revolução. A 30 de dezembro Bento Manoel lança uma proclamação ao povo, anunciando que abandonava a revolução e reconhecia como legítimo o Govêrno do Dr. José Araújo Ribeiro. Entrementes, o coronel Côrte Real ocupa a localidade mas perde-a a 3 de fevereiro de 1836 para Bento Manoel. Volta a ocupá-la, para, pouco depois, retirar-se em direção a Inhatium. Novamente em poder dos rebeldes em 1837, que tinham a comandá-los João Antônio da Silveira. Em plena guerra civil, São Gabriel era elevado à freguesia no dia 22 de dezembro de 1837, na presidência do marechal-de-campo Antônio Elisário de Miranda e Brito. Em janeiro de 1839, José Cipriano, governista, é derrotado junto ao Vacacaí. Em junho, o marechal Barreto sofre um revés diante das fôrças de João Antônio e Bento Manoel, êste novamente ao lado dos Farrapos. Em meados do ano seguinte, a capital farroupilha, Caçapava, cai em poder do Govêrno, decidindo-se, então, sua transferência para São Gabriel, ao mesmo tempo em que o capitão Fileno de Oliveira Santos é derrotado e morto em combate pelas fôrças do coronel Manoel dos Santos Loureiro, no arroio do Salso. Êste marcha em direção ao povoado com 700 homens, nêle não encontrando qualquer fôrça rebelde. Esta série de reveses não desanima os insurretos, pois que a 16 de novembro obtêm uma importante vitória em São Felipe. Comandavam-nos os Generais João Antônio da Silvei-

Prefeitura Municipal

Vista aérea do novo Frigorífico da Cooperativa Rural Gabrielense

ra e Antônio de Sousa Neto e os derrotados estavam sob a chefia do coronel Jorônimo Pereira, que teve a lamentar 80 mortos, 162 prisioneiros e a perda de 1 500 cavalos. Animados por êste feito, obtêm em fevereiro de 1841 novas vitórias: a de Jacinto Guedes da Luz sôbre Joca Cipriano, no Albernaz e outra no Batovi. Em março, Bento Gonçalves decide estabelecer aqui seu Quartel-General. No dia 14 de março assume a Presidência da República até então exercida pelo Vice-Presidente, major José Mariano de Matos. Por essa época chega também o italiano José Garibaldi que se encontra com Francisco Anzani, antigo carbonário e que residia no lugar havia algum tempo. Em junho a sorte volta-se contra os republicanos, que sofrem várias derrotas consecutivas. No passo de São Borja, no Santa Maria, tentam embargar inùtilmente com 900 homens a passagem dos imperialistas. São batidos depois, sucessivamente, perto das Estâncias Boa Vista, na coxilha da Estância do Meio, Inhatium, Batovi (60 baixas) e Pau Fincado. A 28 de outubro, São Gabriel é capturada de surprêsa pelas fôrças do coronel Francisco Pedro de Abreu, futuro barão do Jacuí. A 7 de setembro de 1842, David Canabarro e Jerônimo Pereira se defrontam em Jacaré. A insurreição estava em seu oitavo ano, sem que diminuísse de intensidade. O próprio barão de Caxias, nomeado Presidente da Província e Comandante de Armas, apresenta-se no cenário da luta. Manda construir um forte, conferencia com Bento Gonçalves, exortando-o a que concorde com a pacificação; estabelece em São Gabriel a base de suas operações, a 19 de março. Sai, então, para Livramento e deixa no Trilha uma fôrça de 2 000 homens, a mando do coronel Antônio Pinto de Araújo Correa. Entretanto, a 11 de abril, o rebelde, tenente-coronel Manoel Carvalho de Aragão (Manduca) surpreende a guarnição local de madrugada, prende vários oficiais, entre êles o coronel Araújo Correa, e arrebanha 1 500 reses. Retira-se logo após, perseguido pelos 300 soldados do coronel Juca Ourives, faz junção Caieira, com o tenente-coronel José Gomes Portinho; e ambos derrotam Ourives no campo do Fidélis. Feito isto, incorporam-se à tropa do general João Antônio Silveira, ocupam a localidade e cercam os legalistas no Trilha. Inteirando-se do sucedido, Caxias volta. Ataca Canabarro que evita o combate, ao passo que Silveira abandona a povoação. Caxias, então, demite Correia, manda-o prêso para Pôrto Alegre e o substitui por Bento Manoel Ribeiro.

Em janeiro de 1844 assume o comando da praça o coronel Manuel Marques de Souza, futuro barão, visconde e conde de Pôrto Alegre. A 28 de abril, Manduca Carvalho derrota João Batista perto da povoação e no dia seguinte surpreende e bate 200 imperialistas, comandados pelo coronel José Joaquim de Andrade Neves, futuro barão do Triunfo. Decorridos alguns dias, Manduca e mais 2 homens — ten. Sezefredo Mesquita e soldado Policarpo Carvalho e Silva —, num gesto de temeridade enfrentam e derrotam 30 homens, a mando do ten. Militão do Canto, na Es-

tância Caieira. Em julho, Caxias passa por São Gabriel, dirigindo-se depois a Bagé. Finalmente, a 1.º de março de 1845, o ten. Vicente Fialho comunicava ao comando da guarnição local e ao da tropa acampada além do Vacacaí a assinatura da paz em Poncho Verde. Uma semana após, chegava o barão de Caxias, recebido festivamente pela população, conferenciando na ocasião com Canabarro e retirando-se após 14 dias de permanência na localidade.

A 13 de janeiro de 1846 D. Pedro II visitava a povoação, que contava cêrca de 700 habitantes. A 4 de abril do mesmo ano, era ela elevada à vila pela Lei provincial n.º 8, ainda no Govêrno provincial de Caxias, e a 19 de setembro instalava-se solenemente a primeira Câmara, sob a presidência de Lúcio Jaime de Figueiredo, presidente da de Caçapava. Eram seus primeiros vereadores: João Pereira da Silva Borges, Antônio de Faria Corrêa, Joaquim José da Silva, Jr., João Raimundo da Silva, José Gonçalves Lopes Ferrugem, Joaquim Máximo Lobato Filho e Manoel Silveira Casado. O município fazia parte da comarca de Rio Pardo. Em 1850 aparecia "O Artilheiro", o primeiro jornal do município, manuscrito e dirigido por Pedro Bernardino de Moura. Durante a guerra contra o ditador argentino Juan Manoel de Rosas, Caxias ali concentrou os corpos da Guarda Nacional. Em 1848, o barão de Cambaí criava um estabelecimento bancário, e em fevereiro de 1835, fundava-se a Caixa Econômica com o capital inicial de 230$000, contando já quatro anos mais tarde com um patrimônio de 69:890$778. Em 1875 começava-se a exploração e limpeza do Vacacaí e em 1855 era lançada a pedra fundamental da Santa Casa de Misericórdia. A 15 de dezembro de 1859, São Gabriel era elevada à cidade, durante a presidência do Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão. Dia 12 de junho do ano seguinte, a população assistia, curiosa, à chegada do "Cachoeira", vapor da Companhia Jacuí, que viera de Pôrto Alegre até ali, aproveitando a cheia, fazendo o percurso de ida e volta em 14 dias. Em 1862, começava a circular "O Pharol Gabrielense" e a 14 de março de 1863, era lançada a pedra fundamental da igreja de São Gabriel Arcanjo. Em agôsto de 1865, quando da viagem do Imperador Sr. D. Pedro II ao Rio Grande do Sul, durante a campanha contra o Govêrno do Paraguai, visitou S.M.I. novamente São Gabriel. A 25 de outubro de 1872, constituía-se em comarca, abrangendo Santa Maria e Rosário, e 4 anos mais tarde, perdia parte de seu território para formar o município de São Vicente. Em 1873, fundava-se a loja maçônica Rocha Negra, que desempenharia importante papel na campanha abolicionista. Em 1879 concluía-se a ponte sôbre o banhado de São Gabriel e, nesse mesmo ano, na cidade, o povo assistia, consternado, ao incêndio da Matriz.

Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

A campanha da abolição empolgava o país. São Gabriel não ficou atrás. A 1.º de janeiro de 1872 fundava-se a "Sociedade Aspirantes da Liberdade", cuja Diretoria era composta de Wenceslau de Faria Rosa, Carlos João Bianchi e Serapião José Siqueira. O emancipacionismo teve o apoio imediato da maçonaria, conforme foi dito, dos republicanos e de muitos outros cidadãos, culminando com a declaração de 28 de setembro de 1884, de que o município estava livre de escravos. Salientaram-se na meritória campanha, além dos acima mencionados, os cidadãos Fernando Abbott, Jonatas Abbott, Vitor Barreto de Oliveira, Carlos Cândido Pereira, Bráulio Fernandes Pessoa, José Narciso Antunes e Sebastião Mena Barreto.

A propaganda republicana encontrou franca receptividade no lugar. Em 1881, fundava-se o Clube Republicano e três anos mais tarde, o 1.º jornal do clube, "O Precursor", dirigido por Joaquim Francisco de Assis Brasil, auxiliado por Fernando Abbott, Tito Prates da Silva e Manuel Brandão Jr. Instituído o novo regime, o município passou a ser administrado por uma junta de que faziam parte Camilo Xavier de Melo, Manoel Brandão Júnior e Teodoro Lamatabois. Pouco duraria, no entanto, a paz republicana, perturbada, de um lado, pelas dissenções internas, e de outro, pela revolução iniciada em 1893. A 2 de agôsto de 1890 os comandantes da guarnição local lançaram um manifesto de apoio a Deodoro. A 16 de março de 1891, o Dr. Fernando Abbott assumia o govêrno do Estado e, em novembro, após um pequeno encontro entre tropas do major Galdino Neves da Silva e cap. Artur Lopes da Silva, a guarnição local, ajudada por civis, revoltava-se contra a ditadura de Deodoro, abandonando o seu pôsto o primeiro-intendente Francisco Gonçalves das Chagas e sendo substituído por uma junta encabeçada pelo coronel José Serafim de Castilhos, conhecido por "Juca Tigre". Acusado de subverter a ordem no município, em fevereiro de 1892, era prêso e remetido à capital o Dr. Fernando Abbott. Com a reassunção de Júlio de Castilhos, retomaram o poder os castilhistas locais, apossando-se da cidade a 18 de junho e reintegrando o intendente Chagas. Serafim retira-se, então, para Bagé, onde o gen. Silva Tavares, barão de Itaqui, havia formado um govêrno à parte, em oposição ao de Júlio de Castilhos. Para auxiliar o govêrno do último, organiza Abbott uma fôrça que não chegou a ser utilizada, em virtude de o barão de Itaqui ter desistido de seus objetivos.

A 1.º de julho de 1893, foi descoberta uma conspiração das tropas aqui estacionadas, sendo presos vários oficiais. Os revoltosos, com o coronel Ismael Soares à testa, ocuparam a cidade, retirando-se em face da aproximação da fôrça do coronel Francisco Rodrigues Portugal. Esta sofreu pesada derrota a 27 de agôsto, no Cêrro do Ouro, frente à dos generais Gumercindo Saraiva e Oliveira Salgado. Em novembro, os governistas abandonavam a sede, tendo antes feito explodir o depósito de pólvora. Perto dela, trava-se a 9 um combate em que morre o comandante rebelde major Pomares, que é substituído por Plácido de Castro. Castro faz junção com o tenente-coronel Ribeiro

Monumento ao Expedicionário, localizado na Praça Dr. Fernando Abott

que, então, a ocupa. Mas permanece pouco tempo, porque, 5 dias mais tarde, após escaramuças na ponte do Vacacaí, o coronel João César retoma-a. A 17 de março do ano imediato, volta a cair em poder dos federalistas, comandado pelo gen. Pina de Albuquerque, que expulsa a coluna do major Timóteo Nascimento do Amaral. Com a aproximação do general Hipólito Ribeiro, Pina recua rumo a São Sepé; volta, porém; retoma São Gabriel e logo marcha para Dom Pedrito. Em junho de 1895 trava um último combate, em seus arredores, com o coronel Antônio Mena Barreto.

Volta a normalidade e com ela, o progresso. A 24 de maio de 1896 era inaugurado o trecho ferroviário Cacequi—São Gabriel. Neste ano, há um abate para charque de 11 500 reses. A 8 de outubro de 1900 era posta em tráfego a estrada de ferro para Bagé. No ano seguinte, a arrecadação alcançava 121:834$488. Em 1904, Lima, Propício & Cia. iniciavam a exploração do serviço de telefones, e em 1905, instalava-se a usina elétrica.

A grande riqueza do município era o boi. Para industrializá-lo estabeleciam-se charqueadas. Em 1919, a de Antônio Cândido da Silveira, situada em Azevedo Sodré; em 1911 a de Boaventura F. Pinto; em 1918, a de Serafim Gomes & Irmão; tôdas com o capital de 100:000$000 cada uma. Em 1915, Manuel F. da Silva também se estabelecia, próximo ao Vacacaí. Em 1913, a população bovina elevava-se a 259 634 cabeças; a eqüina, a 11 791; e a ovina a 142 814. Em 1912, operários fundavam a União Artística Beneficente.

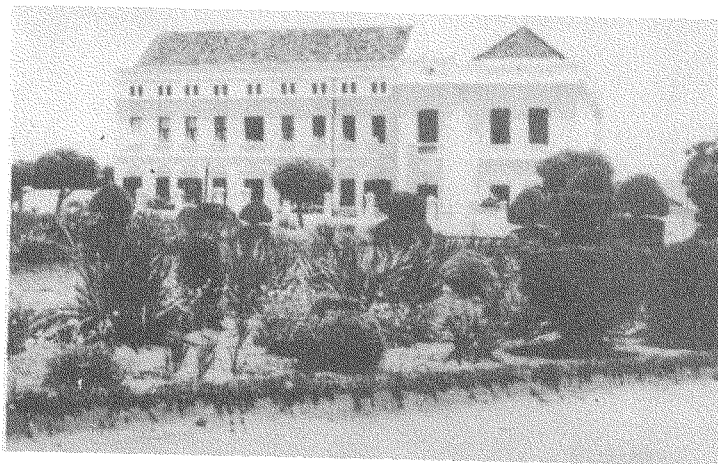
Teve São Gabriel atuação destacada na revolução de 1923. A 20 de abril, os oposicionistas lançam um manifesto, solidarizando-se com o movimento. Quatro dias após, já organizados em armas, encontravam-se no Taquarembó sob a chefia do coronel José Narciso Antunes. A 19 de maio, Honório Lemes invade o município, inutiliza um trecho de estrada de ferro entre Suspiro e Vacacaí e no dia imediato entra na cidade (abandonada prèviamente pelos governistas). Aclamado pela população, cuja maioria simpatizava com o movimento, Honório desfila pelas ruas da cidade. Sabedor de que a diretoria da Cia. Telefônica era adepta fervorosa do Govêrno, manda destruir as instalações. Retira-se, passados 3 dias, para Tiaraju e logo em seguida entra em São Gabriel a coluna legalista de Flores da Cunha. A 19 de setembro, o major rebelde Arnaldo Melo, contando com poucos homens, na expectativa de reforços, ataca a ponte do Vacacaí. Inùtilmente, aliás, porque não conseguiu vencer a resistência dos defensores e nem os esperados reforços apareceram. Registraram-se mais alguns choques sem maior importância no interior do município. A 26 de outubro chegava o Ministro da Guerra, marechal Fernando Setembrino de Carvalho, encarregado da pacificação no Rio Grande do Sul, sendo recebido festivamente. Em novembro, durante o armistício, os chefes rebeldes Honório Lemes, Felipe Portilho, Leonel Rocha, João Rodrigues e Mena Barreto são igualmente recebidos pela população. Em 1907, Fernando Abbott rompia com o Doutor Borges de Medeiros, aceitava sua candidatura ao Govêrno do Estado e, junto com Assis Brasil, lançava as bases do Partido Democrático. A 12 de janeiro de 1924, um congresso das oposições coligadas, representado por todos os municípios, fundava a "Aliança Libertadora". A 13 de agôsto, o município cobria-se de luto com a morte do Dr. Fernando Abbott. Em 1926, a 13 de novembro, revolta-se o 9.º R.C.I., encabeçado por um grupo de sargentos. Tiroteia durante a noite e marcha para Caçapava. Transcorridos 6 dias, revolta-se também o 6.º Grupo de Artilharia a Cavalo, dirigido pelo primeiro-tenente Vicente Mário de Castro e vai juntar-se com a outra unidade rebelde em Caçapava. Juntos aguardam a chegada dos insurretos de Santa Maria, chefiados pelos primeiros-tenentes Nelson e Alcides Gonçalves Etchegoyem, Iguatemy Graciliano Moreira e Heitor Lobato Vale. Incorporados, combatem em Santa Maria; entram no município pelo banhado de Santa Catarina, constituídos em uma unidade denominada "Destacamento Gen. Prestes", sob o comando de Alcides Etchegoyem. Lutam em Santa Bárbara com a coluna de Ilo Bica, transpõem o Vacacaí; juntam-se, após o combate do Seival, no município de Caçapava, com a fôrça do general José Antônio Neto, que viera do Uruguai para comandar os insurretos, formando-se então, as "Fôrças em Operações de Guerra no Centro do Estado do Rio Grande do Sul. Aumentados com os reforços do coronel Julião Barcelos, penetram até 4 léguas da cidade, donde se dirigem para São Sepé. Voltam, atravessam o Salso, passam pelo Cêrro do Ouro, Vacacaí e Jaguari, para defrontar-se a 27 com os legalistas do major Sérvulo de Souza. Depois de algumas escaramuças no dia imediato, no Passo do Vieira, saem para Campo Sêco, e daí rumam para a República Oriental do Uruguai, onde se internam. Em setembro de 1930, fervilham os boatos sôbre um iminente levante armado. Assim transcorreu o mês, até que a 3 de outubro, ao anoitecer, ouviu-se intenso tiroteio. Eram as primeiras manifestações do movimento de 1930. O piquête, encarregado pelo Dr. Camilo Mércio, um dos cabeças da conspiração, de prender o tenente-coronel Leopoldo Rodrigues Almada, comandante do 9.º R.C.I., fracassara. A guarda pessoal do comandante frustrara a tentativa. Os revoltosos conseguiram então, através do cap. Benjamin Gonçalves e ten. Gabriel Mena Barreto, aliciar aquela unidade para o movimento, com exceção de Almada, que foi prêso. Com a adesão do 6.º Grupo de Artilharia a Cavalo, a mando do cap. Geraldo Da Camino, tôda a guarnição local postava-se ao lado do movimento. O povo confraternizava com os soldados, que logo partiriam para a frente de combate. O veterano revolucionário, coronel Clarestino

Bento, organizou o Batalhão Tomás Mércio e o coronel Ismael Ribeiro, a Legião Hipólito Ribeiro.

Vitorioso o movimento, São Gabriel retomava suas atividades normais. Em 1931, registrava-se um abate, para charque, de 30 731 reses, e em 1935, atingia 71 150 cabeças. O município já contava também com outra grande riqueza em pleno desenvolvimento — a orizicultura. Aproveitando as condições naturais, favoráveis a êste cultivo, um número cada vez maior de pessoas plantava arroz, cuja produção em 1940, se elevou a 300 000 sacos.

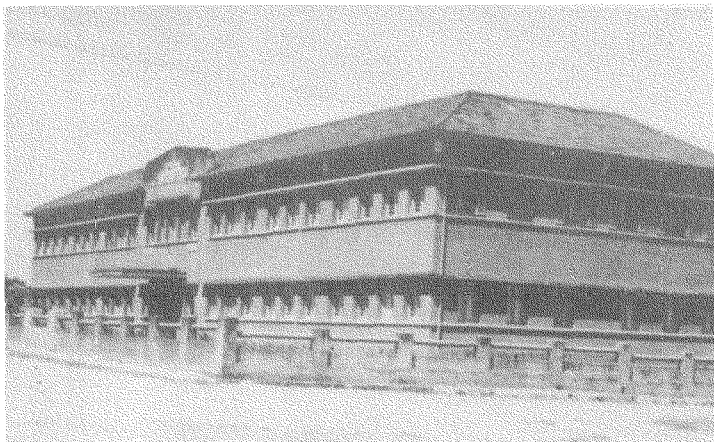
BIBLIOGRAFIA — Celso Schröder — *São Gabriel* — Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — 1.º trimestre 1930. Fortunato Pimentel — *Aspectos Gerais de São Gabriel.*

VULTOS ILUSTRES — *Plácido de Castro* — Nasceu Plácido de Castro no município de São Gabriel aos 9 de dezembro de 1873. Em 1902, agrimensor que era, exercia suas atividades profissionais no Território do Acre. Neste mesmo ano, encarregado para demarcar o seringal "Victoria", na Bolívia, aí foi notificado de que o Govêrno boliviano arrendara tôda a extensão territorial do Acre a um sindicato norte-americano. Na época apesar de reclamadas pela Bolívia aquelas terras inóspitas já vinham sendo desbravadas e povoadas por brasileiros. Por isso, Plácido de Castro não se conformou com a atitude do Govêrno boliviano e decidiu pegar em armas para defender os justos interêsses do Brasil. Em pouco tempo, arregimentou e armou um punhado de bravos seringueiros e à frente de 60 homens ofereceu combate, em Santa Rosa, a 400 bolivianos, sob o comando de Rosendo Rojas. Vencido pela superioridade numérica, Plácido não desanimou. Reuniu nova gente, levantou fortificações e traçou planos. Reiniciada a luta, derrotou as fôrças andinas em Empreza e Pôrto Alonso. Mais tarde, o general Pando, Presidente boliviano, querendo garantir a realização do contrato com a entidade norte-americana, marcha contra Plácido, com a flor de seu exército. Travado o combate, a vitória já acenava para os combatentes brasileiros, quando Plácido recebeu a comunicação sôbre o "modus vivendi" que vinha de ser tratado entre as chancelarias brasileira e boliviana. Em face dessa nota, Plácido levantou acampamento. Não se pode negar que de sua atitude heróica é que resultou o tratado de Petrópolis e a definitiva anexação do Território do Acre ao Brasil. Terminada a campanha, Plácido ocupou interinamente a Prefeitura do Acre, até 1907. Mais tarde, quando se preparava para regressar ao Rio Grande do Sul, foi assassinado.

Marechal Hermes da Fonseca — Filho do General Hermes Ernesto da Fonseca e sobrinho do marechal Deodoro da Fonseca, nasceu Hermes Rodrigues da Fonseca em São Gabriel, aos 12 de maio de 1855. Aos 16 anos, ingressou nas fileiras do exército. Concluiu o curso de Artilharia em 1878. Ao lado do marechal Deodoro, tomou parte ativa no movimento que impôs a proclamação da República. Em 1902 foi condecorado com a medalha de Ouro Militar. Depois de haver exercido, interinamente, o cargo de chefe de Polícia do Rio de Janeiro, comandou a Brigada Policial e dirigiu a Escola Militar de Realengo.

Hospital da Irmandade da Santa Casa de Caridade

Mais tarde, na questão presidencial de Afonso Pena, coube-lhe na qualidade de Ministro de Guerra, a tarefa de reorganizar o Exército. Encontrava-se em viagem pela Europa, quando foi eleito Presidente da República, cargo que exerceu com proficiência e lisura. Faleceu no ano de 1923.

Joaquim Francisco de Assis Brasil — Nasceu a 29 de julho de 1857, na cidade de São Gabriel, e faleceu a 24 de dezembro de 1938, na Granja de Pedras Altas, atualmente município de Pinheiro Machado. Bacharelado em Direito pela Faculdade de São Paulo, exerceu uma atuação de relêvo na vida político-administrativa do país, além de ser autor de uma variada obra literária. Na vida pública, exerceu as funções de deputado provincial, constituinte federal, embaixador, Ministro Plenipotenciário e Presidente do Estado. Entre as numerosas publicações de sua autoria, destacam-se "Chispas" — 1877, "História da República Rio-Grandense" — 1882, "Ditadura, Parlamentarismo e Democracia" — 1886, "Do Govêrno Presidencial na República Brasileira" — 1896, "O Brasil em Guerra" — 1919. Como Plenipotenciário, em 1903, foi encarregado de negociar, ao lado de Rui Barbosa, as bases do Tratado de Limites, junto ao Govêrno da Bolívia. Aposentado em 1912, retornou à vida calma da estância, onde permaneceu por 10 anos. Em 1922, no entanto, reiniciou as atividades políticas. "Em oposição ao Sr. Borges de Medeiros, a Aliança Libertadora lançou a sua candidatura à presidência do Estado". O não reconhecimento da candidatura lançada provocou o célebre movimento revolucionário de 1923, que só terminou com o "Pacto de Pedras Altas", firmado na granja do mesmo nome, com a presença do general Setembrino de Carvalho, representando o Govêrno Federal. Assinalemos aqui o que diz um autor moderno, a respeito da produção histórica de Assis Brasil: ..."a verdade é que a obra de Alcides Lima e Assis Brasil plantou no terreno dos estudos históricos uma orientação inteiramente nova, que impeliu a novos rumos a historiografia vigente, miùdamente episódio-narrativa".

Manuel Joaquim Faria Corrêa — Natural de São Gabriel, nasceu Manuel Joaquim Faria Corrêa a 5 de novembro de 1874. Odontólogo e militar, faleceu na Capital do Estado em 1953. Fêz o seu curso de Odontologia na Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre e cursou também a Escola de Guerra. Distinguiu-se no mundo literário como poeta regionalista. "Parnáside da velha guarda rio-

Ginásio Masculino São Gabriel

-grandense", publicou em 1909, em dois volumes, o livro de versos intitulado "Halos", que teve grande aceitação. Escreveu ainda: "Pátria" e "Armas", peças dramáticas, em versos; "Rumo aos Pagos", poema — 1925. Foi membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Otávio Augusto de Farias — Nasceu em 11 de março de 1881 em São Gabriel e morreu no mesmo município a 3 de fevereiro de 1931. Tirou o curso normal, matriculando-se em seguida na Escola Militar. Em 1908, em colaboração com José Gonçalves de Almeida, publicou o seu "Dicionário Geográfico", que foi premiado com medalha de ouro na Exposição Nacional daquele ano. Escreveu, com perfeito conhecimento de causa, monografias sôbre Taquari, Lageado, Júlio de Castilhos, São Gabriel, Itaqui e Santana do Livramento. Idealizou e foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Era membro da Academia de Ciências e Letras do Rio Grande do Sul e os Institutos Históricos de Minas Gerais e Paraíba o tinham incluído no número de seus sócios correspondentes. Otávio Augusto de Farias foi, além disso, um notável professor de Matemática.

Rodrigo José da Rocha — Nasceu a 5 de abril de 1846 em São Gabriel e teve um fim trágico na catástrofe do Aquidaban, em Jacuecanga. Entrou para a Escola de Marinha em 1862 e concluiu o curso em 1864. Em 1865 seguiu para o Rio da Prata, a fim de tomar parte na guerra contra o Estado do Uruguai. Concluída esta campanha com a paz de 20 de fevereiro de 1865, dirigiu-se para o rio Paraná, integrado na esquadra que ali imortalizou o nome do Brasil. Durante a guerra do Paraguai, entrou diversas vêzes em combate, distinguindo-se sempre pela coragem e sangue frio. Era um oficial de Marinha completo: inteligente, bravo e instruído. Quando o marechal Deodoro da Fonseca, passando por cima da lei, quis dissolver o Congresso Nacional, o contra-almirante Rodrigo José da Rocha protestou contra êsse ato, incorporando-se às fileiras dos revolucionários, onde acabou seus dias.

Antônio Marcado — Político, jornalista e jurista, nasceu Antônio Maria Honovato Marcado em São Gabriel, aos 22 de dezembro de 1853. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se bacharelou em 1884. Havendo abraçado a política, foi ardoroso propagandista da República. Após a queda da Monarquia, veio ocupar relevantes cargos na vida pública, entre os quais o de deputado e senador pelo Estado de São Paulo. Figura proeminente nos meios jurídicos, exerceu a Presidência do Instituto da Ordem dos Advogados, no período de 1933-1934. Colaborou em diversos jornais e revistas da capital paulista. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Radicado há muito na capital bandeirante, aí veio a falecer, aos 19 de dezembro de 1937. "Temperamento reto e leal, a sua atuação foi sempre alicerçada na mais absoluta fidelidade à palavra empenhada, granjeando, por isso, reputação como poucos homens públicos têm tido no Brasil".

João Pedroso de Albuquerque Sobrinho — Nasceu na cidade de São Gabriel em 1860 e morreu no município de Pelotas, em 1917. Foi jornalista, professor e, depois, na República, notário. Fêz parte das Comissões Abolicionistas que, 4 anos antes da Lei Áurea, sob a chefia do Doutor Fernando Abbott, conseguiram extinguir a escravatura em São Gabriel. Nesta cidade, como jornalista, dirigiu a Revista Escolar, em 1883, e os jornais "Zig-Zag" e "Pátria Nova".

Dr. Fernando Abbott — Nasceu na cidade de São Gabriel, em 1857, e morreu a 13 de agôsto de 1924, nesse mesmo município. Jovem ainda, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se diplomou em Medicina. Em 1877, já formado, partiu para o Ceará, com outros médicos, a fim de prestar seus serviços profissionais no combate à sêca. De volta ao Rio Grande do Sul, iniciou sua atividade médica em seu torrão natal. Filiou-se ao liberalismo histórico. Mas, ao esboçar-se o movimento da propaganda republicana, foi um dos primeiros que, desiludidos com os partidos políticos da monarquia, formaram na vanguarda do novo credo. Fundou, em 1880, em São Gabriel, o Clube Republicano. Escritor elegante, jornalista de combate e disseminador de idéias, a Fernando Abbott cabe uma grande parcela de responsabilidade na proclamação da República. Exerceu por duas vêzes a Presidência do Estado. Discordando da política dominante no Rio Grande do Sul, em 1907, cria um novo partido político, levantando uma dissidência dentro da orientação partidária que sempre seguira. Seus correligionários lançam sua candidatura ao Govêrno do Estado. Travada a luta eleitoral, a mais renhida que o Rio Grande do Sul presenciou, e em decorrência da vitória do Dr. Carlos Barbosa, o Partido Democrata que Fernando Abbott organizara desapareceu por algum tempo. Nesse mesmo ano o Govêrno do Estado nomeou um intendente provisório para administrar São Gabriel. Combalido pelo esfôrço despendido, durante longos anos, Fernando Abbott retirou-se à vida privada e dedicou-se à sua profissão de médico.

General Francisco Rodrigues Portugal — Natural de São Gabriel, ao eclodir a guerra do Paraguai, môço ainda, alistou-se num corpo de voluntários e marchou para o cenário da luta, onde se portou com bravura. Em 1864, partiu para São Tomé, República Argentina, incorporado ao 1.º Regimento de Cavalaria. Regressando ao Rio Grande, pouco se demorou em Uruguaiana, pois teve que marchar, novamente, com o 2.º Corpo, sob o comando do seu tio, o general Bento Martins, até a volta do Umbu. Nesta incursão, tomou parte em diversas guerrilhas. Mais tarde, incorporou-se ao 2.º Grupo de Exército organizado pelo general Osório, com o qual combateu até o fim da campanha. Tomou

parte nos combates de Humaitá, São Solano, Vileta, Itororó e em muitos outros. Destacou-se por seu esfôrço de guerra e coragem indômita. Em reconhecimento aos seus valiosos serviços, o Govêrno imperial o distinguiu com a medalha de Mérito Militar.

Marechal J. B. Mascarenhas de Morais — Filho de Lafayete Apolinário de Moraes e Manuela Mascarenhas de Moraes, nasceu a 13 de novembro de 1883 na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul. Fêz o seu curso primário na sua cidade natal e iniciou o secundário em Pôrto Alegre. A 1.º de abril de 1899, contando 15 anos de idade, verificou praça como cadete na Escola Militar de Rio Pardo (RS). Concluindo o curso preparatório naquela Escola, foi mandado em 1902 prosseguir os seus estudos na Escola Militar do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1905, terminou nessa Escola o curso das Três Armas, sendo, por essa ocasião, nomeado alferes-aluno.

Promoções: Foi promovido a segundo-tenente de artilharia em 1907; a primeiro-tenente em 1908; a capitão em 1918; a major, por merecimento, em 1923; a tenente-coronel, por merecimento, em 1928; a coronel, por merecimento, em 1931; a general-de-brigada, por escolha, em 1937; a general-de-divisão, por escolha, em 1942. Em 1946, após a Campanha da Itália, passou para a Reserva com o pôsto de general-de-exército e nesse mesmo ano a Assembléia Nacional Constituinte recebeu-o em sessão solene e concedeu-lhe as honras de marechal (16 de setembro de 1946).

Cursos que possui: Curso das Três Armas; Curso de Estado Maior e Engenharia com o Bacharelato em Matemática e Ciências Físicas; Curso de Aperfeiçoamento, pela Missão Militar Francesa, em que obteve o primeiro lugar; Curso de Revisão de Estado Maior, pela Missão Militar Francesa.

Principais Comissões exercidas: Como tenente, exerceu o cargo de engenheiro da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, de 1910 e 1914

Como capitão, em 1918, foi pôsto à disposição da Embaixada Especial dos Países Baixos e nesse mesmo ano serviu como oficial às ordens do General Gamelin, Chefe da Missão Militar Francesa.

Como major, desempenhou, em 1923 e 1924, o cargo de Fiscal da Escola de Aviação Militar.

Como tenente-coronel, exerceu, em 1929, a Presidência da Comissão de Estudos do Regulamento do Serviço de Campanha para a Artilharia.

Como coronel, desempenhou, de 1932 a 1934, as funções de Chefe de Gabinete do Departamento do Pessoal da Guerra; em 1934 e 1935, as de Diretor de Ensino das Escolas de Armas; de 1935 a 1937 comandou a Escola Militar do Realengo.

Como general-de-brigada, comandou a 9.ª Região Militar (Mato Grosso), em 1937 e 1938; e de 1938 a 1940 comandou a Artilharia Divisionária da 1.ª Região Militar (Rio de Janeiro); de 1940 a 1942 comandou a 7.ª Região Militar (Estados do Nordeste).

Como general-de-divisão comandou em 1943 a 2.ª Região Militar (São Paulo); em dezembro de 1943 foi em missão militar ao Norte da África e à Itália para estudar o teatro de guerra dessas regiões; em 1945 foi em missão ao Peru, como embaixador extraordinário.

O Marechal Mascarenhas de Moraes, nos diversos postos de sua carreira militar, serviu, como oficial de tropa ou em comissão, em quase todos os Estados do Brasil e no Território do Acre, onde quatro anos demarcou a fronteira do Brasil com a Bolívia.

Campanhas: Em 1924 estêve em operações de guerra contra os revolucionários de São Paulo, como Comandante de um Grupo de Artilharia. Em 1944 e 1945 comandou a Fôrça Expedicionária Brasileira (F.E.B.) na Campanha da Itália, da II Guerra Mundial. A Divisão Expedicionária Brasileira, sob o seu Comando, travou duros combates diante de Monte Castello, nos Apeninos, para depois conquistá-lo galhardamente a 21 de fevereiro de 1945. Os expedicionários brasileiros, sob o seu comando, atacam e conquistam brilhantemente, a 6 de março, a posição de Castelnuovo, e a 14 de abril iniciam, com o vitorioso e sangrento combate de Montese, a gloriosa Ofensiva da Primavera, desencadeada pelos Exércitos Aliados na Itália. Prosseguindo na sua marcha para Noroeste, a Divisão Brasileira, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes, ataca e captura a cidade de Zoca, a 22 de abril. Ocupa depois Vignola, inflete para oeste e alcança Colléchio, com um vitorioso combate, que começa a 26 e termina a 27 de abril. Em sério combate, travado a 29 e 30 de abril, os Expedicionários brasileiros, sob o comando do mesmo general, capturam a 148.ª Divisão de Infantaria Alemã e os remanescentes da 90.ª Divisão Blindada e da Divisão Itália, aprisionando dois generais, centenas de oficiais, mais de 14 000 praças e se apossando de avultado material de guerra.

Cessadas as hostilidades, a 2 de maio de 1945, no Teatro de Operações da Itália, com a vitória das armas aliadas, a Fôrça Expedicionária Brasileira, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, inicia em uma grande área do território italiano a fase de ocupação militar, que termina a 20 de junho de 1945, quando começaram os preparativos para seu regresso ao Brasil.

Condecorações: Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar (Brasil); Medalha de Ouro com Passadeira de Platina por contar mais de 40 (quarenta) anos de bons serviços (Brasil); Medalha de Campanha (Brasil); Medalha de Guerra (Brasil); Medalha Barão do Rio Branco (Brasil); Grande Oficial da Legião do Mérito (Estados Unidos); Estrêla de Bronze (Estados Unidos); Grande Oficial da Gran Cruz da Coroa da Itália; Gran Cruz da Ordem Militar do

Ponte e estrada, sendo construída pelo Serviço de Obras e Viação da Prefeitura Municipal

Ayacucho (Peru); Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar (Paraguai); Gran Cruz da Ordem de Cristo com Palma (Portugal); Gran Cruz da Ordem de Leopoldo II (Bélgica); Grande Oficial da Legião de Honra (França); Cruz de Guerra com Palma (França); Grande Oficial da Mais Excelente Ordem do Império Britânico; Cruz de Latrão de 1.ª Classe (Vaticano).

Nos assentamentos militares do Marechal Mascarenhas de Moraes, constam inúmeros elogios, por seus relevantes serviços prestados à Pátria. Em data de 29 de agôsto de 1946, o general Mascarenhas de Moraes, ao ser transferido para a Reserva, assim se despediu do Exército:

"Por uma digna e clara compreensão da minha situação após a guerra, no seio do Exército, afasto-me voluntàriamente de suas fileiras, depois de mais de 47 anos de serviços prestados com a maior dedicação. Faço-o com a consciência de um dever cumprido até o sacrifício, sem reservas nem vacilações. E ao deixar a classe em cujas fileiras vivi e lutei quase meio século, sinto-me satisfeito em declarar que me considero recompensado de todos os trabalhos pela honra e privilégio que me couberam de exercer o comando em Chefe de uma parcela do glorioso Exército Brasileiro na mais renhida e mais decisiva de todas as guerras, em que se tem empenhado a humanidade, em defesa de sua civilização. Para um soldado que sòmente viveu do Exército e para o Exército, ao serviço do Brasil, não pode haver nem maior honra nem maior confôrto".

(Do *Boletim Interno*, n.º 6, de 29-VIII-1946, da Zona Militar do Sul).

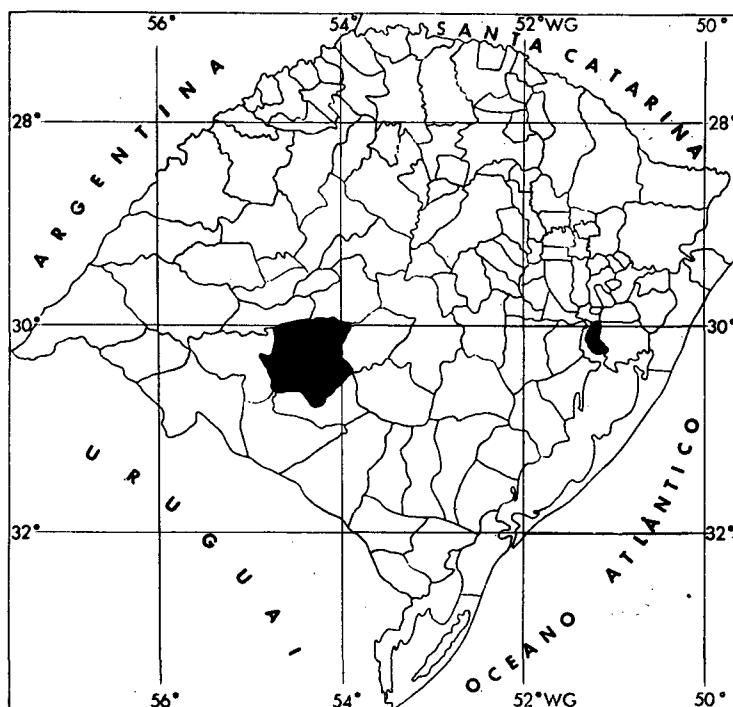
Honras de Marechal do Exército: A Assembléia Nacional Constituinte de 1946 concedeu ao General João Batista Mascarenhas de Moraes as honras de Marechal do Exército, pelo Artigo 34 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Em sessão especial realizada a 16 de setembro de 1946, foi êle recebido pela Assembléia Nacional Constituinte, que o aclamou com a dignidade e as honras dêsse alto pôsto.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Gabriel .... 41 330 habitantes, localizando-se 15 710 habitantes na sede do município e 25 620 na zona rural (Estimativa do Departamento Estadual de Estatística para 1-1-1956). A densidade demográfica é de 6,76 habitantes por quilômetro quadrado; representa a população 0,87% do total do Estado. Área do município: 6 113 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de São Gabriel e vilas de Azevedo Sodré, Suspiro, Tiaraju e Vacacaí.

Aspectos demográficos — 1956:

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Gabriel....	1 001	51	321	481	121	520

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 20' 27" de latitude Sul e 54° 19' 01" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado, rumo: W.S.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 301 km. Altitude: 130 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Possui São Gabriel importante sistema hidrográfico, pertencente às duas bacias do Estado. A cidade acha-se situada sôbre uma elevação próxima ao rio Vacacaí, que é o rio mais importante do município. Para salientarmos a extensão do Vacacaí, basta que se afirme que o rio Jacuí, o maior do Estado, é navegável da barra do Vacacaí para baixo. O Vacacaí nasce no cêrro Baberaquá, próximo ao cêrro de Batovi. Seu curso é extenso, e, além de banhar o território gabrielense, contorna majestosamente a sede municipal, onde ameaça em suas grandes cheias vasta área suburbana, na zona leste da cidade. O rio Vacacaí é piscoso, encontrando-se as seguintes variedades de peixes: dourado, salmão, traíra, jundiá e pintado, não tendo no entanto a pesca expressão econômica para o município. O Vacacaí recebe vários afluentes, entre êstes o rio Ibiajutura, Igá, Cambaìzinho e Canas, o primeiro fazendo a divisa do município com o de São Sepé. Pelo volume podemos, ainda, mencionar, como principais elementos da bacia hidrográfica gabrielense, os rios Santa Maria, Cacequi e Pirajacã. Quanto às variedades de peixes existentes nos demais rios acima descritos é a mesma existente no rio Vacacaí. O rio Santa Maria serve de divisa entre o município e o de Rosário do Sul. Quanto ao rio Pirajacã, também serve de divisa entre o município e o de Lavras do Sul. O rio Cacequi serve de divisa entre o município e o de Cacequi. Conta o município com vários cerros, dos quais o cêrro do Batovi é o mais importante, por ser um dos pontos mais elevados do município, seguindo-se os cerros de Baberaquá, de Cuenca, Verde, da Palma, Três Cerros, Chapeado, das Caveiras, do Canto Galo, Guarani, do Suspiro, Cerrito do Ouro e do Tabuleiro.

RIQUEZAS MINERAIS — O município de São Gabriel, geològicamente considerado, possui grande importância. Os territórios banhados pelos rios Vacacaí e Santa Maria

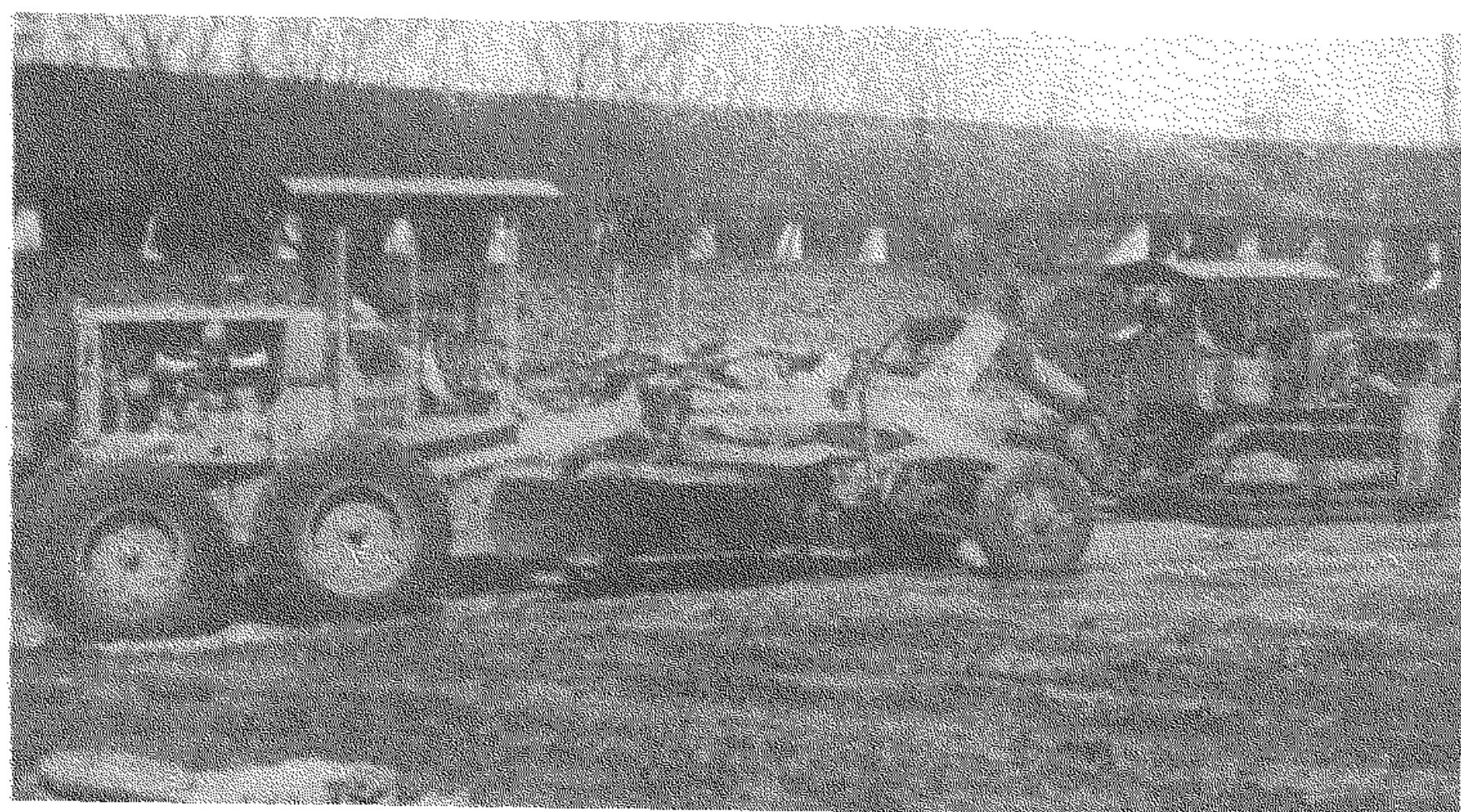
Ponte construída pelo Serviço de Obras e Viação da Prefeitura Municipal

são cobertos de uma formação composta de argila xistosa, calcário e grés, e tôda a fralda meridional das serras basálticas é ocupada por uma grés em formação terciária, freqüentemente interrompido, ora coberta, ora não de basalto. Já foram feitas pesquisas de xisto betuminoso no distrito de Tiaraju, na Estância Santa Cruz, serviços êsses executados por intermédio da Divisão do Fomento da Produção Mineral, tendo como chefe dos serviços o Dr. Emílio Alves Teixeira. São Gabriel possui ainda pedreiras de mármores, branco, prêto, cinza, vermelho, rosa e azul. É interessante salientar que na Exposição de Sevilha o mostruário de minerais de São Gabriel obteve o primeiro lugar, vencendo assim a notável exibição mineira.

(Dados do livro "Aspectos Gerais de São Gabriel", de Fortunato Pimentel").

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas no ano de 1956 foram as seguintes: máximas: 23,6°C; mínimas: 14°C; compensada: 19°C. Precipitação anual das chuvas: 931 mm. Geadas: ocorrem nos meses de maio a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Cacequi e Santa Maria; ao sul: Lavras do Sul; a leste: São Sepé e a oeste: Rosário do Sul.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A pecuária no município é de relevante expressão econômica e São Gabriel é um dos municípios mais típicos do Rio Grande, cujos rebanhos, tanto ovinos como bovinos, destacam-se pela esmerada seleção de raças, que os tornaram famosos em todo país.

Trabalho de construção de estrada, executado pelo Serviço de Obras e Viação da Prefeitura Municipal

Principais estabel. pecuários	*Nome do proprietário*	*Raças preferidas*
Estâncias Inhatium, Santo Onofre, São João e Giruá	Adel Bento Pereira	Hereford, devon
Estância Bela União	Rubem Rodrigues da Cunha	Devon
Estância do Céu, Batovi e Santa Adelaide	Raul Southal	Hereford e polled Angus
Estância Pôsto Queimado	Viúva Carlota C. Gonçalves	Durhan
Estância do Cêrro do Ouro	Baltazar T. da Silveira	Hereford e durhan
Estância Boqueirão	Ilo Bicca	Hereford e durhan
Estância do Galpão	Ataliba R. das Chagas	Hereford e durhan
Estância Santa Cecília	Dr. Clarindo V. da Fonseca	Hereford
Estância Tarumã	João de Deus Coelho Leal	Devon e durhan
Estância Mascarenhas	Dr. Domingos S. Mascarenhas	Hereford
Estância Tepujá	Dr. Décio Assis Brasil	Devon
Estância Santa Eulália e Bolse	Olímpio Estrazulas	Hereford
Estância São Manoel	João Otacílio Macedo	Hereford
Estância Santa Cruz	Fernando O. Gonçalves	Durhan
Estância Santa Rita	Suc. Alfredo B. Pereira	Polled-angus
Estância Tiaraju	Antônio José Assis Brasil	Devon
Estância Santa Teresinha	Hugo Rodrigues da Cunha	Devon
Estância São Marcos	Manoel Kluwe	Hereford
Estância da Boa Fé	Manoel Luiz Bragança	Devon e hereford
Cabanha Santa Olinda	Aníbal da Lima Machado	Hereford
Estância Santa Amália	Fernando Vieira Macedo	Hereford
Estância da Saudade	Rodolfo Machado	Hereford
Estância São Pedro	Lafaiete Almeida	Durhan
Estância São Francisco	Aníbal Vale Macedo	Hereford
Estância Velha	Dr. Jomar Valle	Devon
Estância Santa Fé	Gen. O. Menna Barreto	Hereford
Estância da Barra	Dr. Odone Marsiaj	Hereford
Estância Guarany	Oscar Henrique Chagas	Hereford

Pastagens existentes: nos campos do município predominam as pastagens de grama fina e grossa. Exportação: no ano próximo findo, conforme informação obtida junto ao Pôsto Fiscal, foi o seguinte o movimento:

Rosário do Sul	5 044	bovinos
Bagé	4 770	"
Pelotas	3 788	"
Taquara	2 021	"
Pôrto Alegre	1 248	"
Rio Grande	720	"
Quaraí	400	"
Dom Pedrito	392	"
Itaqui	9	"
Total	18 392	

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	340 800	579 360
Eqüinos	26 200	23 580
Muares	700	770
Suínos	13 800	8 280
Ovinos	460 000	138 000
Caprinos	1 500	225

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

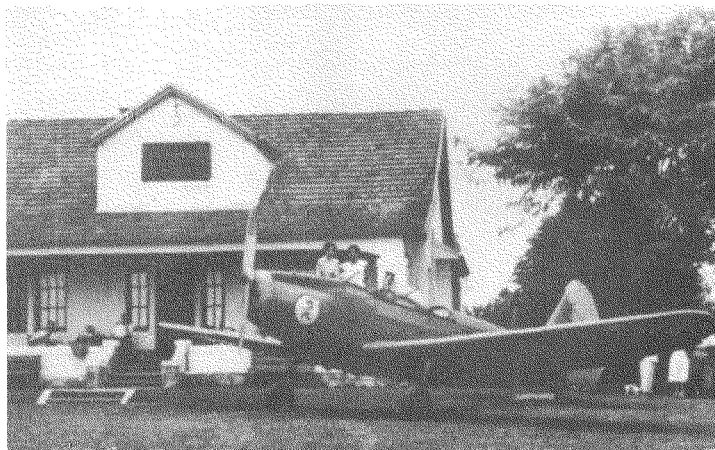
Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	898 860	14 004 992,00
Charque de bovino	1 326 000	52 892 626,00
Carne verde de suíno	6 372	66 269,00
Carne verde de ovino	169 386	1 514 538,00
Carne verde de caprino	750	4 200,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	135 651	1 846 061,00
Couro salgado de boi, vaca, e vitelo	477 487	6 830 748,00
Pele verde de ovino	15 945	159 450,00
Pele sêca de ovino	7 124	113 984,00
Pele sêca de caprino	38	418,00
Toucinho fresco	3 534	84 816,00
Sebo comercial	5 598	85 545,00
Sebo industrial	505 718	7 273 206,00
Secundários	409 742	1 896 842,00
Total	3 962 205	86 773 695,00

Agricultura — É intenso o ritmo atual da agricultura gabrielense. A triticultura e a orizicultura, dentro de poucos anos, prevê-se, suplantarão a pecuária que, atualmente, lidera as atividades lucrativas do município.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	28 836	201 852
Arroz	13 511	52 920
Milho	900	2 250
Aveia	695	2 085

Conta a lavoura do município, atualmente, com área cultivada de mais de 38 000 hectares e, com referência à mecanização, há aproximadamente 550 tratores e mais de 150 automotrizes, para plantio e colheita dos diferentes produtos agrícolas, destacando-se como principais e de real significação para a economia do município o cultivo do trigo e do arroz, o primeiro com área na última safra de 30 000 hectares, com produção de 720 000 sacos, e o arroz com área de 5 000 hectares, com produção aproximada de 250 000 sacos. Como acima foi dito, os únicos produtos de real significação para a economia municipal são o trigo e o arroz, que são exportados, o primeiro para os moinhos nacionais e, o segundo, depois de beneficiado, para os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro.

Principais triticultores — 1956	*Área cultivada*
Hélio Rodrigues da Cunha	609 ha
Rolino Leonardo Vieira	522 ha
Dr. Paulo Jobim de Moraes	522 ha
Adelino Montagner	450 ha
Fernando Lima Machado	420 ha
Telmo Borba Menezes	418 ha
Dr. Juraci Cunha Gonçalves	383 ha
Rafael de Barros	383 ha
Aníbal de Lima Machado	370 ha
Oscar Henrique Chagas	348 ha
Antônio Siqueira Campos Gonçalves	348 ha
Cia. de Mecanização e Assist. Técnica Agropecuária	348 ha
Gentil Leck	313 ha
Camilo Tanger e Raphael Vanhever	313 ha
Fernando Vieira de Macedo	313 ha
Uwe Hispach	300 ha
Cândida Franco Brenner	281 ha
Carlos Benedito Franco	281 ha
José Adail Teixeira	278 ha
Toloredo Cavalheiro Cunha	278 ha
Fábio Henrique Franzen Azambuja	268 ha
Fábio Henrique F. Azambuja e Dr. Pedro Ferraz Neto	261 ha
Fernando Oliveira Gonçalves e Sérgio S. Gonçalves	261 ha
Fernando Neto Machado	261 ha
Carlota Cunha Gonçalves	261 ha
Bernardo F. Barbosa e Dario Gonçalves Chagas	261 ha
Francisco Costa Machado	261 ha
José Franco	261 ha
Dr. Pery Cunha Gonçalves	261 ha
Artur Bettega e Leonardo Barros	226 ha
Armindo José Aita	226 ha
Hugo Rodrigues da Cunha	217 ha

Prédio principal da Estância Guarani

Principais orizicultores — 1956 —	*Área cultivadas*
Dr. Odone Marsiaj	130 quadras (132 x 132 m)
Adelino Montagner	110 quadras
Pedro Lima	100 quadras
Miguel Nahra	90 quadras
Dr. Manoel Jacinto Camará Fagundes	70 quadras
Waldemar Hoenisch	60 quadras
Pacífico Souto	60 quadras
José Souto	60 quadras
Rodolfo Machado	50 quadras
Anibal de Lima Machado	50 quadras
Heitor Souto	50 quadras
Oscar Chagas	50 quadras

Avicultura — Não há no município aviários organizados, estimando-se o número de aves em: 1 250 perus; 1 520 patos, marrecos e gansos; 25 200 galinhas; 20 630 galos, frangas e frangos.

Apicultura — Também não tem grande desenvolvimento no município, estimando-se a produção em: mel, 14 000 quilogramas; cêra 1 020 quilogramas.

Indústria — Em 1955, funcionaram 48 estabelecimentos industriais, ocupando mensalmente a média de 636 operários, tendo a produção somado: Cr$ 182 678 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: ind. alimentares (com acentuada predominância da ind. de conservas de carnes e similares) 86,7%; da bebida, 0,1%; transf. de produtos minerais, 0,8%; Couros e prod. similares, 3,1%; Químicas e farmacêuticas, 5,4%; Extração de prod. minerais, 1,7%; Metalúrgicas, 0,1%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Armazéns de secos e molhados	259
Lojas de tecidos e armarinhos	20
Venda de adubos	1
Casas funerárias	2
Depósito de cal	1
Barraca de frutos do país (couros, lã crina, etc.)	3
Outros	203

O município mantém transações comerciais com Pôrto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bagé, Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Cachoeira do Sul, Bento Gonçalves, Cacequi, Caràzinho, Cruz Alta, Dom Pedrito, Encantado, Erechim, Garibaldi, Ijuí, Jaguari, Livramento, Novo

Hamburgo, Panambi, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Rosa, Santo Ângelo, São Leopoldo, São Luís Gonzaga, São Pedro do Sul, Sobradinho e Uruguaiana. Há no município as seguintes agências bancárias: Agência do Banco do Brasil S. A., filial do Banco da Província do Rio Grande do Sul, filial do Banco do Rio Grande, filial do Banco Nacional do Comércio S. A. e Agência da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Dom Pedrito: rodov. (141 km), ferrov. (148 km); Cacequi: rodov. (97 quilômetros), ferrov. (77 km); Rosário do Sul: rodov. (83 quilômetros), ferrov. (136 km); São Sepé: rodov. (111 quilômetros); Santa Maria: rodov. (148 km), ferrov. (190 quilômetros); Lavras do Sul: rodov. (56 km), misto ferrov. até Ibaré (58 km) e rodov. de Ibaré a Lavras do Sul (46 quilômetros). Capital do Estado — rodov. (396 km), via Cachoeira do Sul—Rio Pardo—Pôrto Alegre, ferrov. (533 quilômetros) via Santa Maria — Cachoeira do Sul — Rio Pardo — Pôrto Alegre, aéreo (307 km). Capital Federal — via Pôrto Alegre já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre, ou misto: a) rodov. (117 km) até Pelotas, e b) lacustre (50 km), Rio Grande, e c) marítima (1 614 km).

ASPECTOS URBANOS — A sede municipal é servida de energia elétrica, fornecida por usina dísel. A iluminação elétrica nesta cidade teve início em 1905, verificando-se ampliações e reformas nos anos de 1939 e 1948, e finalmente a atual foi instalada em 30 de outubro de 1953, com um grupo de três motores dísel, com capacidade de 930 cavalos-vapor.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	68
Ruas	37
Avenidas	8
Becos	2
Travessas	10
Praças	6
Outros	5

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	96 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	4
Parcialmente pavimentados	14
Totalmente calçados com pedras irregulares	4
Parcialmente calçados com pedras irregulares	14
Arborizados	5
Arborizados e ajardinados simultâneamente	3

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	3 750
Zona urbana	1 783
Zona suburbana	1 967

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	3 699
2 pavimentos	49
3 pavimentos	2

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	3 177
Residenciais e a outros fins	371
Exclusivamente a outros fins	202

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	40
Número de focos para iluminação pública	800

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	1 980 000 kWh
Consumo para iluminação pública	1 081 000 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o município	365 210 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	18
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	3
Bebedouros ou bicas públicas	4
Consumo anual de água	511 428 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	265
Taxa mensal cobrada nas residências	121,90
Idem no comércio e indústria	275,60
Agência telefônica	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma agência Postal-telegráfica.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis e pensões: Praça Hotel, diária, sem refeições — casal Cr$ 160,00; solteiro Cr$ 90,00. Hotel Rio Branco, com refeições — casal Cr$ 300,00; solteiro Cr$ 150,00. Hotel Brasil, diária com refeições — casal Cr$ 260,00; solteiro .... Cr$ 130,00. Hotel Avenida, diária — casal Cr$ 200,00; solteiro Cr$ 110,00. Hotel Cortiana, diária — casal .... Cr$ 220,00; solteiro Cr$ 120,00. Pensão Santa Terezinha, diária — casal Cr$ 250,00; solteiro Cr$ 150,00. Pensão Brasil, diária — casal Cr$ 200,00; solteiro Cr$ 100,00. Pensão Lopes, diária — casal Cr$ 200,00; solteiro Cr$ 110,00. Pensão Fronteira, diária — casal Cr$ 180,00; solteiro .... Cr$ 100,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	300
Ônibus	9
Camionetas	10
Ambulâncias	1
Motociclos	7
Total	327

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	181
Camionetas	108
Tratores	360
Não especificados	2
Total	651

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	225
Carros de quatro rodas	—
Bicicletas	190
Total	415

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	278
Carroças de quatro rodas	20
Outros	470
Total	768

INSTRUÇÃO E CULTURA — Das pessoas presentes de 10 anos e mais, 57% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 40%. Em 1955 havia 67 unidades escolares do ensino primário fundamental comum com 4 372 alunos matriculados. Existem no município 3 unidades de ensino ginasial, uma escola normal, uma unidade de ensino comercial e 3 de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Periódicos "O Imparcial", com tiragem diária, "Fôlha da Terra", com tiragem semanal; Sociedades recreativas: Clube Comercial, Clube União Caixeiral Gabrielense, União Recreativa Guarani, Brasil Tênis Clube, Clube Recreativo Floresta Aurora, Sociedade Recreativa 15 de Novembro, Clube Recreativo Brasil, Clube Recreativo 7 de Setembro. Sociedades Desportivas: Esporte Clube Cruzeiro, Grêmio Esportivo Gabrielense, Grêmio Esportivo Minuano, Gráfico Futebol Clube, Ginásio São Gabriel, Liga Gabrielense de Futebol, Liga Atlética Gabrielense, Associação Desportiva Granada, Olímpico Atlético Clube, Dois de Ouro Atlético Clube, Vacacaí Futebol Clube, Olaria Futebol Clube, Esporte Clube Sul Brasil, Tiaraju Futebol Clube, Esporte Clube Atenas. Existem o município 5 bibliotecas de caráter geral e 3 de caráter estudantil, contando a primeira 7 753 volumes, e a segunda 5 200 volumes. Tipografias: uma da Livraria União Ltda., Tipografia "O Imparcial" e a da "Fôlha da Terra"; Livraria União Ltda. Estação de Rádio: Prefixo ZYO-2 Rádio São Gabriel, freqüência 580 kc. Potência 250 watts, uma tôrre irradiante, 1 palco auditório, com capacidade para 60 pessoas, 5 microfones, discoteca com 2 790 discos, e 8 pessoas empregadas. Cinemas: Cine-Teatro Vitória, com 1 020 lugares, e Cine-Teatro Harmonia, com 800 lugares.

PRADOS E CANCHAS RETAS — O município conta com 7 canchas retas, a saber: Em Santa Margarida, nos subúrbios da sede, em Catuçaba, em Suspiro, em Cêrro do Ouro, em Tiaraju, em Pôsto Branco e em Azevedo Sodré.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Em 1955, contava o município com 1 hospital, com 174 leitos, tendo sido internados 2 121 enfermos, assim discriminados: 346 crianças, 626 homens e 1 149 mulheres. O hospital possuía 1 aparelho de raio X diagnóstico, 3 salas de operações, duas de partos, uma de esterilização e uma farmácia. Conta com 1 Pôsto de Saúde. Exercem profissão, no município, 13 médicos, 8 dentistas e 8 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Sociedade União Artística Beneficente, Sociedade União Gabrielense Proletária Beneficente, Asilo São João (de amparo à velhice), Patronato Agrícola e Profissional de São Gabriel, Instituto São Gabriel (asilo de meninas órfãs e desamparadas), Sociedade Gabrelense de Auxílio aos Necessitados, Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de São Gabriel, Associação das Damas da Caridade e Conferência de São Vicente de Paula.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Nove advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Quatro engenheiros residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 3.ª entrância com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia e Destacamento da Polícia Rural Montada.

COOPERATIVAS:

de Consumo	4
de Produção	5
de Comércio	1
Total de sócios	1 400
Valor dos serviços executados	Cr$ 148 461 188,00

SINDICATOS — Sind. dos Empregados no Comércio; Sind. dos Trabalhadores na Ind. de Alimentação; Sind. dos Trabalhadores na Ind. da Construção e do Mobiliário.

FESTEJOS POPULARES — Anualmente é realizada a Procissão do Arcanjo Gabriel, padroeiro da cidade, na data de 18 de novembro. Também anualmente é realizada no município, nos dias 29, 30 e 31 de outubro, sob os auspícios da Associação Rural Gabrielense, a feira agropecuária.

AEROPORTO — O aeroporto municipal dista da sede 7 quilômeros, dispõe de hangar, abrigo para passageiros, 3 pistas com as seguintes dimensões: 1 400 x 100 m — .... 900 x 100 m — 600 x 100 m —, sendo o piso de argila. O mesmo é utilizado pelo aeroclube local e pelas emprêsas Varig e Savag, que mantêm linhas regulares no município.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Há no município os seguintes monumentos: ao Expedicionário, marco comemorativo do Centenário do Muicípio, busto do Dr. Celestino Cavalheiro e busto do coronel Francisco Hermenegildo da Silva.

FINANÇAS PÚBLICAS

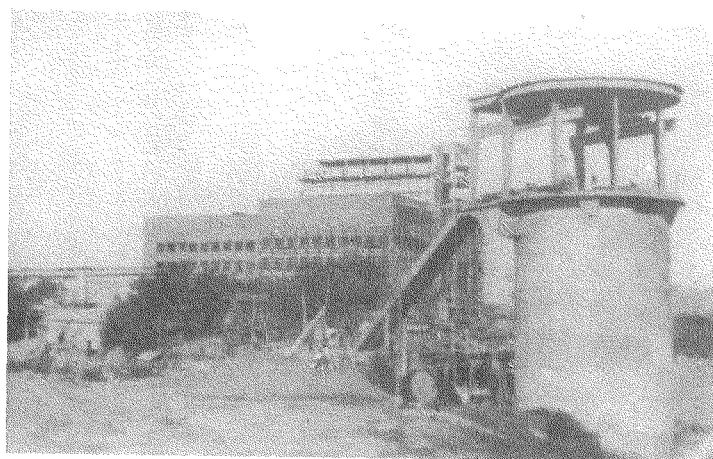
ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	3 101	6 831	3 970	1 262	4 148
1951	3 761	9 464	3 969	1 195	4 370
1952	4 725	13 203	4 186	1 720	5 530
1953	7 323	18 886	6 378	2 616	12 875
1954	11 497	19 612	7 736	2 769	10 694
1955	12 632	22 105	12 849	4 002	12 172
1956	15 346	39 911	14 602	6 303	14 602

SÃO JERÔNIMO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está situado na zona chamada depressão central. Os terrenos pertencem à formação carbonífera do período triássico, cuja superfície é bastante irregular, havendo muitos cerros entremeados de longos vales. O município dispõe de bom sistema hidrográfico. O caudaloso rio Jacuí banha seu território, rico em jazidas de carvão-de-pedra, ferro e outros minerais.

O Passo do Novo Triunfo, atual São Jerônimo, passou a pertencer à freguesia nova do Senhor Bom Jesus do Triunfo, que foi instalada em 1747. Tinha suas terras encravadas (por pertencer ao Nosso Senhor Bom Jesus do Triunfo) na sesmaria da Piedade, doada a Manoel Gonçalves Meireles e sua mulher, em 1752, pelo Governador Geral das Capitanias, capitão Gomes Freire de Andrade. Desprendida do município materno — Triunfo —, crescia, pois em 15 de junho de 1848, pela Lei n.º 139, lhe eram adjudicados os 3.º, 4.º e 5.º distritos de Triunfo e mais, por outra Lei, a de número 147, de 22 de novembro do mesmo ano, ainda lhe foi incorporado o 2.º distrito da freguesia de Santo Amaro. Pela Lei n.º 221, de 22 de novembro de 1851, foi elevada à categoria de freguesia e paróquia. Sendo, posteriormente, elevada à categoria de vila, por Lei provincial de 3 de setembro de 1860 e, finalmente, instalada a vila, em 30 de setembro de 1861, no dia do seu Padroeiro — São Jerônimo —, por entre festas e regozijos públicos. Antônio José Ferreira Santarém foi seu primeiro vereador — Presidente interino. A primeira eleição para constituição da Câmara de Vereadores foi realizada em 7 de setembro de 1861, na Igreja, sendo presidida pelo Juiz de Paz, Ricardo Bernardo Job e lavrada a respectiva ata pelo escrivão Manoel Feliciano de Menezes Sobrinho. A sessão de apuração foi presidida pelo Juiz de Paz, Cândido Teixeira de Oliveira, sendo eleito: Antônio José Ferreira Santarém, Manoel dos Santos Cardoso de Menezes, Francisco Almeida Prates, Joaquim Alves Xavier, Antônio Barbosa da Silva, Esperidião Saraiva da Fonseca, José Francisco da Cunha, José Francisco de Carvalho, José Luiz da Silva, João Carlos Moré, Inocêncio Antônio Barbosa Leal. Pela Lei n.º 821, de 30 de outubro de 1872, o município de São Jerônimo ficou dividido em 3 distritos. Em 1875, pela Lei n.º 978, de 19 de abril de 1875, a comuna ficou dividida em 5 distritos. Com a proclamação da república foi nomeado, em 1891, intendente provisório do município o cidadão Antônio Cândido Coutinho, e em 20 de agôsto de 1892 eleito e empossado no mesmo cargo o que fôra nomeado intendente provisório. A 20 de agôsto de 1892, foi, também, decretada e promulgada a Lei Orgânica do Município. Em 1898, o vice-Intendente, Francisco Antônio de Souza Franco, assume o Govêrno do município. A seguir, pela ordem, foram intendentes municipais os seguintes cidadãos: em 1900, maj. Francisco Antônio de Souza Franco, sendo substituído, por motivo de morte, pelo vice-Intendente Vasco Francisco de Oliveira. Em 1904, o coronel Antônio Soares de Carvalho, resignando o cargo em 1907, sendo, então, substituído pelo vice-Intendente Miguel Pereira Barcelos. Em 1908, João Rodrigues de Carvalho, que foi posteriormente eleito para intendente, até o ano de 1924, quando, devido ao Tratado de Pedras Altas, que pôs fim à revolução de 1923, foi substituído pelo Dr. José Maria de Carvalho. Em 1928, voltou à intendência o coronel João Rodrigues de Carvalho, que estêve à frente dos destinos da comuna até 1932. Neste ano, devido à revolução constitucionalista, cujo centro da revolta estava em São Paulo e com ramificações no Rio Grande do Sul, foi exonerado do cargo, sendo nomeado para seu lugar o Dr. José Maria de Carvalho que se conservou na função, até princípios de 1936, sendo substituído pelo subprefeito do 1.º distrito e Presidente da Câmara Legislativa. Em 23 de outubro de 1937, foi eleito o Dr. Carlos Alfredo Simch, por sufrágio indireto, pelos vereadores integrantes da Câmara Municipal.

O território do município de São Jerônimo caracteriza-se por extensas jazidas de carvão-de-pedra. Segundo a tradição e fontes dignas de fé, a descoberta do carvão nas terras do hoje município de São Jerônimo deu-se lá pelo ano de 1795 e é atribuída a um soldado português, ferreiro de profissão e cujo nome ficou ignorado. O citado soldado colheu o material necessário, levando para Rio Pardo, onde fêz experiências, com bons resultados. As conclusões dos experimentos foram mostradas ao Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, que era, naquela época, a mais alta autoridade na cidade. O material provinha da zona do Curral Alto, que, nesta época, pertencia a Rio Pardo. O descobrimento do carvão-de-pedra é atribuído, também, a Joaquim José da Fonseca Souza e Pinto pelo ano de 1807. Sabe-se ainda que, na época do Govêrno de D. Diogo de Souza na capitania, encaminharam-se ao Rio de Janeiro 10 arrôbas do minério e que, depois das experiências feitas, fôra julgado bom. A remessa dêste minério, em 1809, deve-se ao Sr. Antônio Xavier de Azambuja, proprietário de terras nas proximidades do Curral Alto, cujo estudo se fêz sob o patrocínio do Príncipe Regente. Em 1825, o naturalista Frederico Sellow examinou as jazidas do Curral Alto e as do Cêrro do Roque, fornecendo bons atestados. Entre 1826 e 1827, um tal de Freitas descobriu carvão nas proximidades do Fachinal, no sopé da serra do Erval. Em 1839 o Presidente da Província, conselheiro Saturnino de Souza Oliveira, autorizou o engenheiro Mabilde estudar o carvão do Curral Alto, cujo laudo pericial declarava sem aplicação imediata o combustível mineral. Em 1841 foi experimentado num navio o carvão da região; o comandante, Chefe John Pascoal Greenfel, opinou pela não utilização dêste minério. Em 1846 o então conde de Caxias, Presidente Provincial,

Usina Termelétrica Municipal (em fase de construção)

ordenou novas experiências com o carvão da região, tarefa executada pelos Engenheiros Feliciano Nepomuceno Prates, Comendador José Maria Pereira de Campos, Engenheiro Felipe de Norman, que declararam utilizável o carvão. Em 1847, o 2.º-tenente José Carlos Carvalho fêz o reconhecimento de uma mina de carvão, por ordem do conselheiro Antônio Manoel Correia da Câmara, encarregado da estatística da província. Em 1848 por determinação do Govêrno de S.M., foi incumbido o capitão-engenheiro Inocêncio Veloso de Pederneiras, para que estudasse, novamente, o carvão do Curral Alto, concluindo êle pela boa qualidade do carvão-de-pedra. Em 1849 o Govêrno designou o eng.º Augusto de Vasconcelos de Almeida Pereira Cabral para o pesquisar o carvão do município. Em 1853 o mineiro inglês James Johnson redescobriu o produto em "Dois Passos", no Fachinal, sopé da serra do Erval e ali perfurou a terra para a extração.

Em 1854 o Presidente da Província, conselheiro Dom João Lins Vieira C. de Sinimbu mandou fazer estudos sôbre a navegabilidade do Arroio dos Ratos desde a foz até o Passo do Feliciano, para facilitar o transporte do carvão. O polonês Floriano Zarowski foi quem realizou êstes estudos. Tendo sido coroadas de êxito as pesquisas do carvão, resolveu o Govêrno Imperial Brasileiro conceder a James Johnson e Inácio José Ferreira de Moura o privilégio para a exploração e lavra das Minas do Arroio dos Ratos, nos terrenos onde, hoje, estão localizadas as grandes emprêsas de mineração da região. James Johnson, para execução da tarefa, resolveu viajar até a Inglaterra, conseguindo capital e mineiros profissionais. Regressou a São Jerônimo, trazendo, em sua companhia, doze famílias inglêsas mineiras, que aqui se radicaram, deixando numerosa descendência. As famílias migrantes eram os Johnson, Webster, Bearsdwarth. Entre os seus descendentes citam-se: general-de-brigada João Ferreira Johnson, major Mário Johnson Rocha, além de outros comerciantes e industrialistas.

No ano de 1872, D. Pedro II concede à "Imperial Brazilian Coleries Co. Ltd." autorização para funcionar, aprovando a transferência àquela emprêsa do privilégio de James Johnson e Moura. A exploração do carvão, no município, entra, a partir daí, na fase efetiva da exploração. Para isso, a "Brazilian Coleries Co., em 1873 construiu uma via férrea das Minas do Arroio dos Ratos à vila de São Jerônimo. Mais tarde, poderosa firma comercial de Pôrto Alegre arrematou o acervo da emprêsa fundada pelo mineiro J. Johnson. A firma arrematante denominava-se Holzweissig & Cia., que deu grande impulso às minas de carvão. Na direção da mina estêve o ilustre Dr. Eugenio Dahne, sendo, posteriormente, confiada a Otto Spalding, passando pela direção outros diretores não menos ilustres. Eclodindo a primeira guerra européia, as minas sofreram grande impulso, pois a falta de carvão estrangeiro obrigava a queima do novo combustível fóssil. Em 1936 as emprêsas fizeram um consórcio comercial sob a denominação de "CADEM" — para a exploração dêste minério. São Jerônimo, pelo trabalho de seus filhos, situa-se, na atualidade, entre os municípios de grande importância econômica do Estado.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Monografia de São Jerônimo* — Dr. Alfredo Simch.

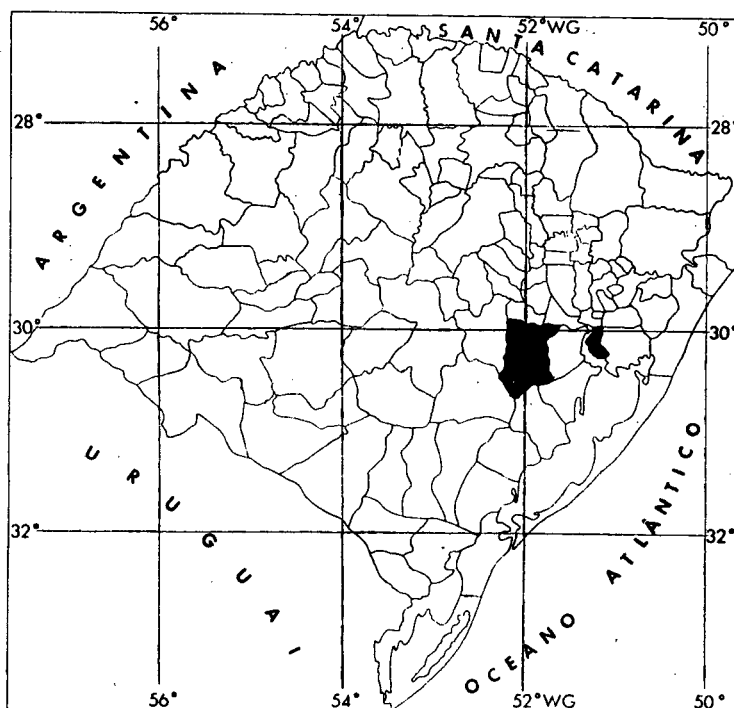
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Jerônimo .... 56 600 habitantes, localizando-se, 3 750 na sede e 52 850 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica é de 17,45 habitantes por quilômetro quadrado. A população de São Jerônimo corresponde a 1,19% sôbre a do Estado. Área: 3 243 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Jerônimo; vilas: Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo e Butiá.

Aspectos demográficos —

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Jerônimo..	1 830	40	451	467	157	1 263

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 57' 30" de latitude Sul e 51° 40' 21" de longitude W.G. Posição relativa à capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da capital do Estado: 49 km. Altitude: 30 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rio Jacuí, que banha o lado norte do município, separando-o dos de General Câmara e Triunfo; arroio dos Ratos, sendo o mais importante, no interior, pelo seu volume d'água. Recebe como afluente o arroio dos Cachorros e como confluente o Ibacuru ou Grande, que serve de divisa entre êste município e o de Guaíba. É no arroio Ibacuru que estão situadas diversas cachoeiras ou quedas d'água aproveitadas. A usina hidrelétrica que fornece energia para a vila Barão do Triunfo é de uma das quedas d'água do Ibacuru. Entre as quedas d'água dêste arroio há uma que, apesar de inexplorada, tem capacidade para 300 H.P. ou 200 kW; arroio Francisquinho, banhando

Desfile de gaúchos na Rua Ramirez Barcelos

dois terços do lado oeste do município; corre quase em linha reta, separando São Jerônimo do município de Rio Pardo, e a 1 quilômetro, antes de se lançar no rio Jacuí, faz uma curva caprichosa, correndo cêrca de 4 quilômetros paralelo a êste. Há ainda outros arroios menos importantes: do Conde, Porteirinha, Galego e Capivaras; inúmeras sangas, braços menores, completam a bacia hidrográfica do município. As principais lagoas são: lagoa das Crianças, entre os arroios Francisquinho e Conde, comunica-se com o rio Jacuí por meio de um canal natural. É notável pela piscosidade; lagoa do Jacaré, como o nome indica, possui grande quantidade dêsses répteis, possuindo também várias espécies de peixes. Essas lagoas são próximas do rio Jacuí; êste é muito piscoso, as variedades de peixes encontradas são os tipos fluviais de escama e couro. Nesse rio, nas lagoas e nos arroios do interior, são encontrados, pela ordem decrescente em tamanho: dourado, piava, grumatã, traíra, pintado, jundiá, cascudo, lambari, cará, joaninha tambicu e peixe-rei. Periòdicamente sobem o Jacuí grandes cardumes de bagres e tainhas (época da desova), ocasião em que são largamente pescados. A pesca, apesar de ser feita em pequena escala, representa uma economia para o município; indivíduos há que vivem exclusivamente dêsse meio.

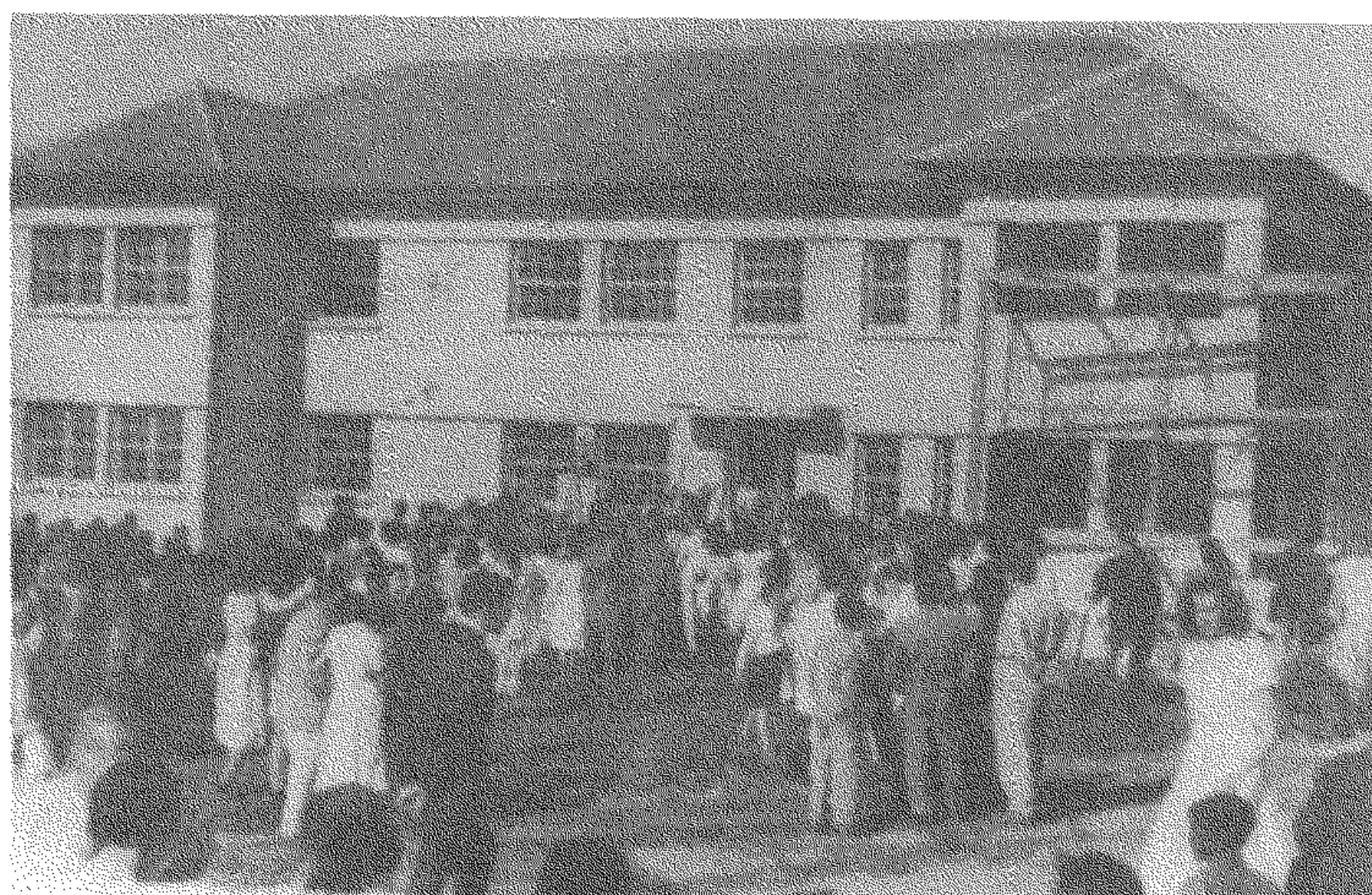
Serras — A serra situada no município é a do Herval. Mostra uma feição descontínua com faixas onduladas que se elevam em coxilhas e campos altos em direção sudoeste até o cêrro do Azambuja, cuja altitude é de 445 metros sôbre o nível do mar (ponto culminante do município). A serra Herval, surgindo do município de Guaíba, dirige-se para o sul depois de tomar o rumo leste-oeste, torcendo-se e deixando isolados vários vértices, tais como os cerros do Elias, 295 m, do Roque, 293 m, do Rapouso, 270 m, Negro, 240 metros; são os mais notáveis pela sua altitude. Destacam-se, ainda, os cerros do Clemente, Potreiro, Abreus e Redondo, êste último notável, porque em seu subsolo assenta-se um forte veio de excelente ferro especular e um belo minério de titânio-rutilo. A sede municipal está situada à margem direita do rio Jacuí, em frente à confluência dêsse rio com o Taquari. Os limites urbanos distam apenas 50 m de uma bela praia.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — O município possui muitas riquezas minerais. Basta acentuar que cêrca de 1/3 da sua área está sôbre uma grande bacia carbonífera (terrenos permo-carboníferos). Dessas riquezas, atualmente só está sendo explorado o carvão mineral. Minas do Butiá, Minas do Arroio dos Ratos, Minas do Leão e um moderno poço, com a profundidade de 300 metros, aberto no povoado de Charqueadas. Há grande variedade de minerais não explorados — excelente minério de ferro, hematita-vermelha, puro minério de ferro magnético (magnetita), oligisto terroso e titânio-rutilo; granitos de variegadas côres (escura, cinza e rosa) que, quando polidos, são de uma real beleza, próprios para decorações e obras de arte. Há também a hornblenda-chisto, caulim varvídico, ocres de diversas côres; jazidas de calcários de ótima qualidade, para o fabrico da cal, cimento e carboneto ou carbureto de cálcio; grande quantidade de ágatas, micas e chistos variegados com nódulos de sílex. A riqueza vegetal, digna de menção, é o butiá, de que fabricam grande quantidade de crina vegetal. Área das matas naturais: 1 100 hectares. Área das matas reflorestadas: 1 500 hectares.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas no ano de 1956 foram as seguintes: máxima: 23,8°C; mínima: 14,0°C; compensada: 18,9°C. Chuvas: precipitação anual de 1 155 milímetros. Geadas: ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: General Câmara e Triunfo; ao sul: Tapes e Camaquã; a leste: Guaíba e a oeste: Rio Pardo e Encruzilhada do Sul.

ASPECTOS ECONÔMICOS — O desenvolvimento mecânico das lavouras se tem feito sentir de maneira notável. A plantação do trigo e do arroz é cada vez mais intensiva. Em 1956, foram plantados cêrca de 7 000 hectares de trigo e, no corrente ano, já se tem uma previsão para o plantio de 15 000 hectares dessa gramínea. Os produtos mais cultivados são o trigo, o arroz, o milho, a mandioca, os feijões preto, comum e soja. Os principais proprietários são:

Nome	*Área plantada*
Miguel Mendes Pereira	500 ha
Domingos Ribas Neto	300 ha
Carlos Altres Pereira	300 ha
Amaro Lago	350 ha
Heron R. Carvalho	220 ha
Rui Carvalho Silveira	200 ha
João Pinôs	170 ha
João L. Baldino Filho (Dr.)	170 ha
Aparício Miranda	100 ha

Hospital de Caridade São Jerônimo, no dia de sua inauguração

A agricultura muito se tem desenvolvido de 1952 para cá. A valorização dos produtos agrícolas, os financiamentos bancários e o interêsse do Govêrno são os fatôres preponderantes para êsse desenvolvimento. A agricultura tem grande significação para o município. Embora as suas terras não se classifiquem como férteis, com a adição de corretivos, adubação química e orgânica, as safras têm sido compensadoras. Os principais centros consumidores são: o próprio município, Pôrto Alegre e Guaíba.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	10 555	49 606
Mandioca	38 000	24 800
Milho	6 720	16 800
Trigo	2 250	15 750

Valor total da produção: Cr$ 125 014 050,00.

Avicultura — Não há avicultores organizados no município. As aves são cruzas de diversas raças. O valor da criação é de Cr$ 3 500 000,00.

Apicultura — A produção de mel e cêra no município, em 1956, atingiu o valor de Cr$ 450 000,00.

Pecuária — A pecuária desempenha um papel relevante na economia do município, havendo comércio intensivo de gado, com vários outros municípios. Durante o ano de 1956, foram importados 10 500 bovinos dos municípios de Rio Pardo e Camaquã, e exportados 18 000 suínos, para Montenegro e Pôrto Alegre; 800 eqüinos e 20 muares para os municípios de Pôrto Alegre, Montenegro e Canoas. As raças bovinas preferidas pelos fazendeiros do município são: zebu, hereford, duran e devon; para o gado leiteiro, predominam a holandesa e jérsei. Suínos: duroc, jérsei, caruncho e piau. Os cavalares são de raça crioula. Ouvinos: romney e corriedale.

PRINCIPAIS CRIADORES

Nome	*Estabelecimento*
Aníbal e Ernesto di Primo Beck	Fazenda do Amparo
Coronel Severino Lessa	Fazenda do Coqueiro
Túlio Gonçalves Dornelles	Estância do Meio
Armando Peterlongo	Fazenda Curral Alto
José Corrêa da Silva (Dr.)	Faz. Santa Terezinha
Viúva Josefina Py Sarmento	Fazenda do Leão
Miguel Pereira de Almeida	Faz. São Jerônimo
Imanuel Falaki	Faz. Cêrro Chato
Barcelos Rodrigues	Faz. Rodrigão
Assis Brasil de Almeida Leite	Faz. Boa Vista
Salustiano Pereira Alves	Faz. Cêrro do Vento
Arlindo Antônio Almeida	Faz. Coxilha das Pedras
Rui Fonseca	Faz. do Conde

Arthur Júlio Renner, Willy Jeckins, Leopoldo Azevedo Bastian e Niellon Rassier.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	53 500	90 950
Eqüinos	11 600	11 600
Muares	700	840
Suínos	19 000	11 400
Ovinos	50 000	14 000
Caprinos	1 300	195

Os tipos de pastagens existentes são os campos naturais, em que predomina o capim-forquilha.

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	2 008 540	29 901 720
Carne verde de suíno	42 272	498 810
Carne verde de ovino	27 189	309 955
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	31 529	327 862
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	235 600	2 238 200
Pele sêca de ovino	1 431	51 516
Toucinho fresco	53 382	1 024 934
Total Geral	2 399 943	34 352 997

Indústria — São Jerônimo conta com 140 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 4 984 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 374 543 000,00 e a contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 6,5%; ind. de bebidas, 0,3%; ind. da madeira, 0,6%; transformação de produtos minerais, 0,5%; couros e produtos similares, 2,0%; extrat. de produtos minerais, 89,3%; ind. de mobiliário, 0,2%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,1%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	22
Rádios, refrigeradores, eletrolas e material elétrico	1
Fazendas e armarinho	6
Móveis	1
Confecções em geral	1

O município mantém transações comerciais com as cidades de Pôrto Alegre, Pelotas, Montenegro, Canoas, Taquari, Camaquã, Triunfo e General Câmara. Há, na sede municipal, duas agências bancárias e uma agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Triunfo: fluvial (1 km); General Câmara: fluvial (6 km); Rio Pardo: fluvial (198 km); Encruzilhada do Sul: rodov. (132 km); Camaquã: rodov. (176 m); Tapes: rodov. (136 km); Guaíba: rodov. (56 km). Capital do estado: rodov. (66 km), fluvial (72 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre.

Prefeitura Municipal

Vista parcial da cidade

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica permanente; o sistema adotado é o termelétrico, inaugurado em 1954.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	24
Ruas	18
Avenida	1
Travessas	2
Praças	2
Outro	1

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente calçado com paralelepípedos	1
Ajardinados	2
Arborizados	2
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	904
Zona urbana	719
Zona suburbana	185

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	895
2 pavimentos	7
3 pavimentos	1
5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	833
Residenciais e outros fins	58
Exclusivamente a outros fins	13

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	24
N.º de ligações elétricas domiciliares	715
N.º de focos para iluminação pública	153

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total da sede municipal	511 830 kWh
Consumo para iluminação pública	50 000 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o munic.	2 397 495 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	24
Bebedouros ou bicas públicas	2
Consumo anual de água	91 250 m³

ESGÔTO

Logradouro servido totalmente	1
Logradouro servido parcialmente	1

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	89
Taxa mensal para residências	Cr$ 100,70
Para comércio e indústria	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma agência na sede municipal.

HOTÉIS E PENSÕES — São os seguintes os existentes na sede: Grande Hotel, com diárias de Cr$ 260,00 para casal e Cr$ 130,00 para solteiro; Hotel São Jerônimo, ... Cr$ 240,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro; Bar Restaurante Ponto Chic, Cr$ 240,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro, e Pensão Familiar, cujas diárias são de .... Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	176
Ônibus	20
Camionetas	9
Ambulância	1
Motociclos	8
Total	214

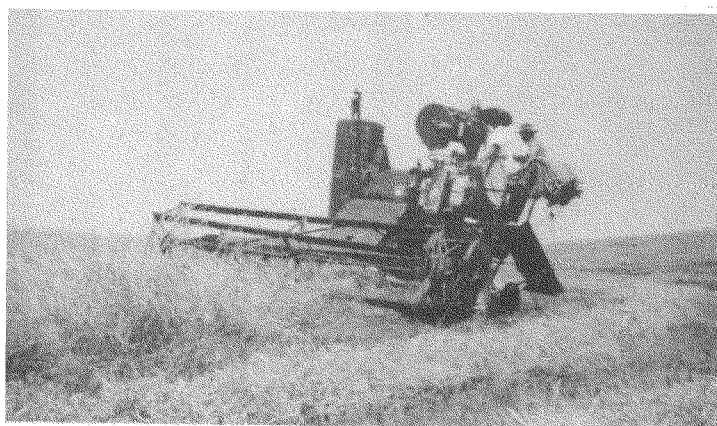
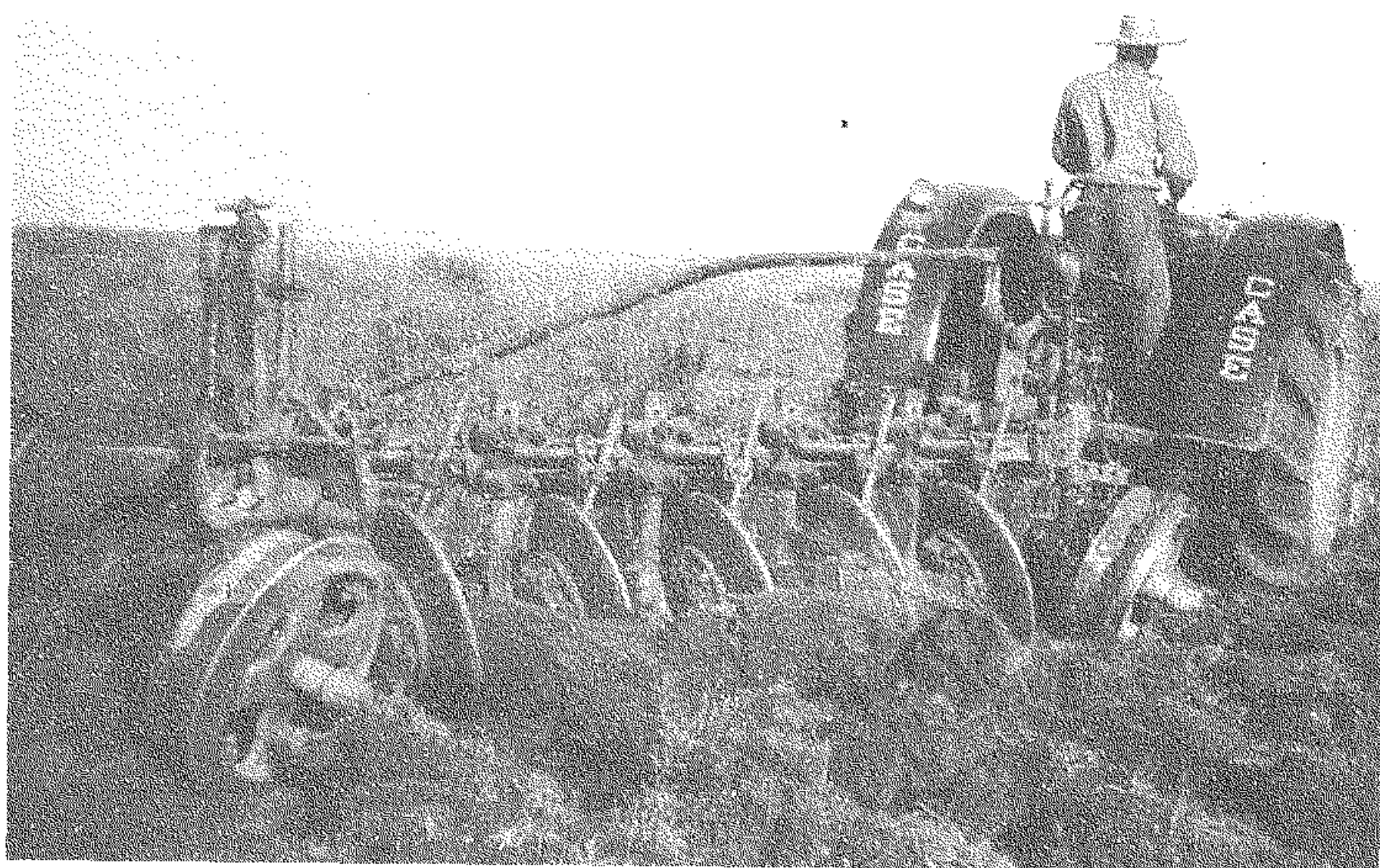
PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	68
Camionetas	44
Fechados para transporte de mercadorias	3
Tratores	36
Não especificado	1
Total	152

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	68
Bicicletas	487
Total	555

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	415
Carroças de quatro rodas	1 050
Outros	30
Total	1 495

Ceifadeira automotriz colhendo trigo nas lavouras da Fazenda do Sr. Joaquim Saraiva

Trator "Case 500", com arado de 5 discos cavando a terra

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente, de 10 anos e mais, 53% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é 49%. Em 1955, havia 78 unidades escolares do ensino fundamental comum, com 6 238 alunos. O município conta ainda com um ginásio, duas unidades de ensino industrial e uma de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Há no município 2 órgãos quinzenários, 10 sociedades recreativas, 9 sociedades desportivas, 3 tipografias e duas livrarias. Uma estação radiofônica, com as seguintes características: prefixo ZYY-3 — 1 580 quilociclos — 100 watts, 1 tôrre irradiante, 1 microfone, 854 discos e emprega 4 pessoas. O município conta com 6 cine-teatros, com capacidade para 2 600 pessoas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Há diversas canchas retas no município, geralmente constituídas de 2 trilhos, com bretes para a largada. A metragem dessas canchas varia entre 450 e 600 metros. O valor das apostas, em 1956, atingiu Cr$ 1 200 000,00. Os principais criadores de cavalos são os Senhores Assis Brasil de Almeida Leite, Arlindo Antônio Almeida, Hélio Johnsen, Miguel Pereira de Almeida, Coronel João R. de Carvalho e Willy Jockins; êstes cidadãos criam ùnicamente cavalos crioulos.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, totalizando 152 leitos, e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram hospitalizados 1 662 enfermos, sendo 552 homens, 918 mulheres e 192 crianças. Há 2 aparelhos de raio X diagnóstico, 2 de radioterapia, duas salas de operações, duas de partos, duas de esterilização e uma farmácia. Exercem a profissão 9 médicos e 10 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Duas associações de caridade.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — Há 1 veterinário e 1 agrônomo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Dez advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Em número de 14.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância com 2 juízes.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Consumo — 2; total de sócios — 2 764; valor dos serviços executados — Cr$ 35 327 317,00.

SINDICATO — dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão.

FESTEJOS POPULARES — Carnaval, que ùltimamente tem crescido de animação; festas gauchescas promovidas pelo Centro de Tradições Gaúchas, geralmente realizadas em junho, além das tradicionais procissões, realizadas pela igreja católica da localidade.

MONUMENTO ARTÍSTICO E HISTÓRICO — Busto do Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros e obelisco a Bento Gonçalves.

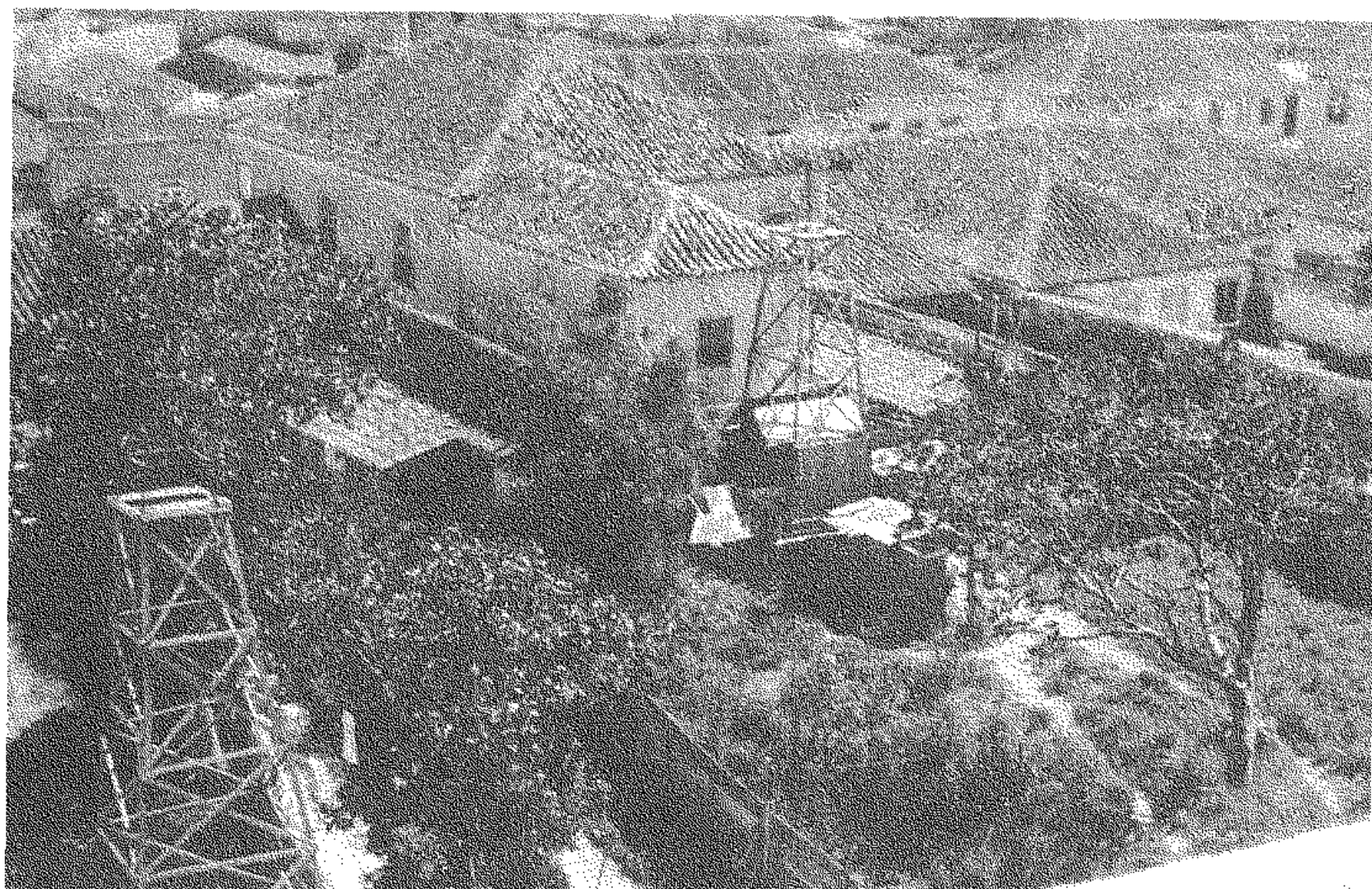
FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 325	4 098	1 838	716	2 359
1951	1 516	5 612	2 673	798	2 259
1952	1 708	5 672	2 883	864	2 789
1953	2 660	7 316	4 309	1 494	3 916
1954	3 005	8 903	3 561	1 510	4 046
1955	4 163	11 995	3 988	1 663	4 640
1956	5 087	17 373	5 602	1 959	6 086

SÃO JOSÉ DO NORTE — RS

Mapa Municipal na pág. 225 do 10.º Vol.

HISTÓRICO — O município de São José do Norte é uma longa península, com uma extensão de aproximadamente 200 quilômetros e uma largura média não superior a 20 quilômetros. É uma faixa arenosa, semi-árida, batida pelos ventos e pelo mar. Em sua maior dimensão corre de nordeste para sudoeste, sendo limitado ao norte pelo município de Osório, a leste pelo oceano Atlântico, a oeste pela lagoa dos Patos e em seu extremo sudoeste separado pelo canal do Rio Grande do município de mesmo nome. Sua formação geológica data do quaternário, sendo semelhante à da restinga de Marambaia, com a qual apresenta diversas semelhanças.

A história dêste município é bastante recuada; na divisa com Osório, no local denominado Charqueada, Cristóvão Pereira de Abreu, desbravador e criador de estradas, ter-se-ia estabelecido entre 1720 e 1725. Êsse território ficaria depois devoluto, e seria solicitado em 1739 ao Comandante do Rio Grande que não o concedeu, conforme Dante de Laytano em "Introdução ao Estudo do Presídio das Tôrres e sua Evolução Histórica". Em "O Presídio de Rio Grande de São Pedro", Aurélio Pôrto diz que em 1736 Cristóvão Pereira de Abreu estêve acampado em Charqueada, junto ao Quintão, à espera de que do Rio de Janeiro armas e recrutas viessem reforçar suas poucas tropas, que tinham como elevado e importante objetivo preparar a fundação do Presídio de Rio Grande, fato consumado oficialmente em 19 de fevereiro de 1737. Não esclarece Pôrto se antes já em Charqueada acampara Pereira de Abreu. Êsse curioso problema talvez seja resolvido pelo próprio Aurélio Pôrto no mesmo trabalho, ao informar que até 1719 há do-

Vista parcial da cidade, tomada do alto da tôrre da Igreja-Matriz

cumentos datados que se referem a Cristóvão Pereira, residindo no Rio de Janeiro, e de 1722 a 1731 na Colônia do Sacramento.

Outro, que não Cristóvão Pereira, será o primeiro desbravador històricamente comprovado das terras de São José do Norte. Será êste, então, João de Magalhães, acompanhado de sua famosa frota de 30 homens. João de Magalhães, genro de Francisco Brito Peixoto, capitão-mor de Laguna, com êsse reduzido pugilo de homens em fins de outubro de 1725 saiu da vila de Laguna, chegando às terras rio-grandenses em princípios de novembro do mesmo ano. Com essa frota iniciou-se efetivamente a ocupação das terras gaúchas. João de Magalhães cruzou o território de São José do Norte de ponta a ponta, trilhou seus duzentos quilômetros de extensão, e, segundo Fonseca Galvão, próximo ao local onde atualmente se ergue a cidade de São José do Norte, "em um pôrto fronteiro à praia que dá entrada e saída para campos cercados de lagoas e do rio Merim", acampou Magalhães. Por aí encontrou certo "General David", que incumbiu seus comandados de juntarem gados e os entregarem a Magalhães, a quem coube remeter a Laguna, por conta da Fazenda Real. Tal David em verdade era o tenente David Marques Pereira que verificou haverem as instruções do Governador de São Paulo sido cumpridas por João de Magalhães, e, ao mesmo tempo, fornece documentação inelutável do desbravamento e ocupação por parte de portuguêses das terras dêste município.

Em 1732 foram fundadas as primeiras estâncias em São José, no ano que marca a efetiva ocupação lusa do território rio-grandense. Nesse mesmo ano, Francisco de Brito Peixoto vai requerer a 20 de agôsto, assinando o documento em Laguna, de onde era ainda capitão-mor, larga sesmaria. Eis uma parte do documento: "Se queira dignar me fazer mercê dar-me êsses campos e terras que começam de um rio, que chamam Tramandaí, da parte do norte, correndo o caminho do sudoeste da parte de dentro até o Rio Grande, deixando o campo que corre ao longo dêste, como repartição ao dito campo; que peço a Vossa Majestade para mim e minhas famílias, ao longo da praia que vai acabar no mesmo Rio Grande de São Pedro, e justamente me anima a fazê-lo uma carta com que Vossa Majestade mandará o que fôr servido". Caso fôsse atendida essa petição, tôda a costa marítima do município de São José do Norte teria sido cedida pelo monarca de Portugal a Francisco Brito Peixoto. Não o foi, contudo. A 10 de novembro de 1734, era feita informação a respeito da petição, na Câmara de Laguna, atendendo a pedido do capitão-general de São Paulo. Nessa informação encontramos: "Exmo. Sr. Sôbre o informe que V. Ex.ª nos pede de ter sido ou não o capitão-mor desta vila Francisco de Brito Peixoto que abriu caminho desta vila para o Rio Grande de São Pedro e do Rio Grande para a nova Colônia, certificamos a V.Ex.ª ser verdade e sem dúvida alguma que além dêle dito capitão-mor e seu pai Capitão Domingos de Brito Peixoto terem sido os povoadores desta vila da Laguna à custa de suas fazendas sem adjutório da Fazenda Real e despesa alguma ser verdade ter sido o dito capitão-mor o que descobriu e facilitou o caminho e campos desta vila para o Rio Grande de São Pedro e do Rio Grande para a nova Colônia como acima dizemos por ordem que teve do Exmo.º Sr. Francisco de Távora, Governador e capitão-general que foi desta comarca por assim lhe ordenar Sua Majestade a quem Deus guarde e que tudo fêz o dito capitão-mor a sua custa sem querer aceitar ajuda de custo que lhe mandava assistir o dito senhor por ordem de sua Majestade que Deus guarde e hoje se acha facilitados os ditos caminhos que em qualquer tempo se vai e vem por êles trazem gado e cavalgaduras a mais de sete ou oito anos de que se tem feito dos gados muita carniça de que tem ido muitas embarcações carregadas para a vila de Santos e Rio de Janeiro e há coisa de dois anos e meio pouco mais ou menos que tem ido bastantes cavalgaduras para a vila de Curitiba adonde se pagam os direitos de Sua Majestade. Também nos pede V.Ex.ª informemos a distância que irá de Tramandaí até o Rio Grande sendo pela costa do mar grosso fazem ter pouco mais ou menos trinta léguas porém não é esta a distância que pede o capitão-mor desta vila, só sim nos constar ter pedido a S. Majde. uns campos da praia para dentro sendo estes distintos dos mais campos que se segue para o Rio Grande como também lhe falta a comunicação para os campos de dentro para o Viamão por se dividirem com dois rios, um chamado Capivara Vermelha e o outro Montiorio e estes dois rios desaguam no Rio Grande e entre estes dois ficam os campos que pede o Capitão-mor que de comprido serão dez léguas pouco mais ou menos e de largo em partes terá meia légua e assim se vai seguindo em partes mais em partes menos esta é a verdadeira informação que podemos dar a V.Ex. passa o referido na verdade em fé do que passamos a presente certidão debaixo de juramento de nossos cargos passada em Câmara nesta vila da Laguna a 10 de novembro de 1834 e eu João da Silva Pinto, escrivão eleito por falta do da Câmara nesta vila, o escrevi".

Mas, antes mesmo desta declaração da vila de Laguna, que procurava retificar a petição de Brito Peixoto, já a 3 de julho de 1734 vinha a informação contrária a suas pretensões, informando que já estavam as regiões pedidas povoadas com "27 fazendas assim de éguas como de vacas". Eram as invernadas. A era da estância a abrir-se.

Cristóvão Pereira de Abreu passaria por essa zona em 1736, ao dirigir-se para Rio Grande, a fim de preparar a fundação do Presídio Jesus-Maria-José, que seria oficialmente erguido a 19 de fevereiro de 1737, por Silva Pais. No território do atual município de São José do Norte, ao findar o século XVIII, três importantes núcleos populacionais

erguiam-se: o de São José, o de Estreito e o de Mostardas. O de São José tem início em 1763. Ocorreu o evento da maneira mais imprevisível, por isso que não estava nas cogitações dos portuguêses e brasileiros radicados no Rio Grande de São Pedro.

Em 1761 é assinado o chamado Pacto de Família, em conseqüência do qual Portugal, a êle não aderindo, sofreu as iras de Espanha. Abrindo-se a luta entre ambos os países ibéricos, viria refletir-se na América. Zeballos, Governador e capitão-general das Províncias do Rio da Prata, investiu, primeiro contra a Colônia do Sacramento, depois contra os diversos baluartes portuguêses que se erguiam entre a Colônia e Rio Grande, sempre com sucesso. Rio Grande é ocupada em 24 de abril de 1763. Como diz o Visconde de São Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro, "com triunfal aparato entrou na Vila o general a 12 de maio", continuando, "anelava mais que tudo Zeballos, e anelaram sempre os espanhóis, que o estreito passo das Tôrres fôsse o fêcho de seus meridionais domínios; chegando porém os avisos da Côrte para a suspensão das armas, assim mesmo passou tropas para o lado do Norte, avançou uma légua pelo país, e comunicou então o armistício ao Governador Inácio Elói em um arrogante ofício, do qual muitos conservaram cópia".

A 6 de agôsto do mesmo ano era assinada uma convenção, pela qual o pôrto de Rio Grande se tornaria privativo do domínio de Espanha, fechado ao comércio com qualquer outra nação. Com isto, os habitantes da vila de Rio Grande, que em sua maior parte haviam fugido antes da chegada do invasor, fixaram nova residência no Rio de Janeiro, em Laguna, em Viamão, Pôrto Alegre, e, uma parte considerável, em São José do Norte. Evidentemente, não se fixaram na atual cidade, mas em terras do município. Tudo indica que anteriormente surgira no ponto em que mais tarde se ergueria a vila, um pequeno núcleo populacional. Nesse meio tempo, os vassalos espanhóis infringiam, de maneira mais ou menos acintosa, os têrmos dos sucessivos acôrdo entre os países ibéricos. A reconquista do Rio Grande vai ser resolvida, então, à revelia do vice-Rei do Brasil. Após uma primeira incursão malograda, de José Marcelino sôbre o forte de São Caetano, será empreendida outra, desta vez visando São José do Norte. A 1.º de junho de 1767 é feita uma violenta arrancada sôbre São José, que é abandonado pela guarnição castelhana, que se recolhe à vila de São Pedro de Rio Grande. Desta maneira, sendo ocupado militarmente São José do Norte, a margem esquerda do canal do Rio Grande passava à bandeira e soberania portuguêsa. O governador de Buenos Aires, que era então Francisco de Paula Bucarelli y Ursua, protestou enèrgicamente contra a ação de José Marcelino, que tirara de Castela uma rica e importante prêsa e base militar. A Côrte de Madrid pede explicações à de Portugal. Esta fàcilmente fêz provas de sua inocência, em virtude de que o coronel Custódio, que dera instruções para o ataque, assinara documentos pelos quais arcava com a absoluta e exclusiva responsabilidade pela incursão, ressalvando inteiramente as responsabilidades da Côrte Portuguêsa e do Vice-Rei do Brasil. Emissários foram mandados a Madrid e Buenos Aires apresentar as devidas desculpas pelo evento — São José do Norte, porém, continuaria bastião português, e mais tarde serviria de ponto de apoio para a expulsão dos espanhóis de território gaúcho.

Em 7 de janeiro de 1765, por Alvará dessa data, fôra criada a capela de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, com sede num povoado de mesmo nome, situado mais ao norte do de São José. No povoado de Mostardas, situado ainda mais ao norte, por Provisão de 18 de janeiro de 1773 seria criada a oitava freguesia do Rio Grande do Sul — São Luís de Mostardas. Êste núcleo havia sido fundado por paulistas e portuguêses.

Prepara-se o exército postado no Rio Grande do Sul para expulsar os espanhóis. Em 1776, em fevereiro, chegam reforços em São José do Norte. MacDowell chega a 19 dêsse mês com 9 embarcações, 110 peças e 770 homens. Embora um combate realizado à barra favorecesse aos espanhóis, em linhas gerais, a situação dêstes periclitava. A 1.º de abril coordenam-se as tropas e um ataque terrível é desfechado. A 2 estaria libertada a vila de Rio Grande. Nos anos seguintes, os açorianos que chegavam ao Rio Grande do Sul e que se localizavam nos povoados de Mostardas e Estreito trabalharam diligentemente. Basta dizer que em matéria da quantidade de trigo plantado, em 1780, logo após Rio Grande, Estreito e Mostardas apareciam, respectivamente, com 996 e 995 alqueires. E a produção de trigo em 1787 foi de 15 848 para Estreito e 14 126 para Mostardas. E eram, assim, os dois principais centros produtores de trigo do Rio Grande do Sul. Na época a agricultura tomava inusitado impulso, de modo a comprometer a estrutura econômica que repousava na pecuária. Os açorianos, encontrando aqui terras aproveitáveis, e em largas extensões, foram de uma dedicação a tôda prova. Não contavam no entanto com a atitude do Govêrno, que era a de comprar o trigo sem pagá-lo, de modo a inevitàvelmente arruinar todo e qualquer agricultor. Assim, decai a triticultura, sendo acelerada sua ruína pela ferrugem que se abateu sôbre o cereal.

Em 1809 eram criados os quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, sendo um dêles Rio Grande, ao qual pertenciam as terras do atual município de São José. Em 12 de abril de 1820, por Carta régia, era criada a décima nona freguesia do Rio Grande do Sul — a de Nossa Senhora da Conceição do Norte. Por Decreto de 25 de outubro de 1831 seriam o povoado e a freguesia de São José do Norte elevados à categoria de vila e município. A instalação ocorreria a 15 de agôsto de 1832. Segundo documentos dessa época, obtêm-se alguns dados importantes para a vida do município. Em 1763 teria o Vigário da vila de Rio Grande, fugindo à invasão espanhola, passado ao norte da barra, que então se chamava Arraial de São José do Norte. Acompanhado de diversas famílias, alojou-se no local denominado Estreito, distante do pôrto seis léguas. A capela do Estreito serviu de matriz até 1812, "e porque os Povos concorreram em grande número para o Pôrto do Norte, onde se havia edificado a Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, até ao ponto de não ficarem juntos no local do Estreito mais de onze moradores ali permanentes; foi por isto mudada a Matriz para o norte (atual cidade) por Provisão do Exm.º Sr. Bispo Diocesano, capelão-mor Caetano de Souza Coutinho, ficando rebaixada em capela filial curada a dita Igreja do Estreito..." Assim tem-se dados a

respeito do deslocamento da freguesia e população do Estreito para São José do Norte. O novo município, desmembrado do de Rio Grande, foi o nono a ser criado no Rio Grande do Sul, e abrangia, além da Freguesia de São José, a de São Luís de França de Mostardas, e a de Nossa Senhora da Conceição do Estreito. Não tardaria a explodir a Revolução Farroupilha, abalando tôda a vida do Rio Grande do Sul. Insurgindo-se contra um govêrno local, em realidade a insurreição era contra o Império, e a República do Piratini teria contra si tropas de todos os quadrantes da Pátria. Vinte de setembro, data da entrada triunfal dos Farroupilhas em Pôrto Alegre, assinala, no ano de 1835, o início da revolução. A 22 de abril do ano seguinte, travar-se-ia o Combate de Mostardas, no município de São José do Norte. Francisco Pinto Bandeira comandava as tropas legais, enquanto que Onofre Pires da Silveira Canto dirigia os revolucionários. Os farroupilhas contavam com 350 homens, contra os 400 legalistas, e mesmo assim lograram esplêndida vitória, chegando a aprisionar o comandante adversário. Francisco Pinto Bandeira foi fuzilado por seus adversários. A 16 de julho de 1840 travar-se-ia importante combate de São José do Norte. Estava, desde pouco, restabelecido o cêrco da cidade de Pôrto Alegre, sendo assim restringidas as atividades das tropas legalistas. Os comandos farroupilhas estavam porém paralisados. A posse da cidade de Rio Grande era fundamental para a República do Piratini. Bento Gonçalves em pessoa, auxiliado por Domingos Crescêncio, Joaquim Teixeira Nunes e José Garibaldi, marcha contra Rio Grande. O ataque, no entanto, teria de ser iniciado em São José, ocorrendo, então, o importante evento militar. Formavam o forte contingente farroupilha 1 200 homens; penetram na vila de São José, animados pelo comando de Bento Gonçalves. A vila estava ocupada por 600 homens sob o comando do coronel Antônio Soares de Paiva, que resistiu com invulgar heroísmo. E, numa surprêsa para ambas as partes, após nove horas de formidável luta, Paiva consegue repelir os invasores. A perda dos imperiais foi de 72 mortos, 87 feridos e 84 prisioneiros, ou seja, quase metade de suas fôrças; a perda dos farroupilhas, 181 mortos, 150 feridos e 18 prisioneiros. Êste revés, no entender de Souza Docca, assinala o declínio das vitórias republicanas. No dia 20 de julho, quatro dias após o combate, Bento Gonçalves, angustiado, vendo grande número de seus soldados agonizarem por falta de medicamentos, oficia ao coronel Soares de Paiva, a fim de conseguir os indispensáveis recursos. O chefe legalista atende ao apêlo. Bento Gonçalves, conforme Salis Goulart, "com lágrimas nos olhos, soltou todos os prisioneiros que havia feito no memorável assalto, infelizmente malogrado, àquela praça, dizendo-lhes: "Ide dizer a vosso comandante como sabem os rio-grandenses agradecer um favor que se lhes presta". A 9 de janeiro de 1841, o major José Mariano de Matos derrota uma coluna republicana em Mostardas. Pelo Decreto imperial n.º 91, de 25 de outubro de 1841, foi condecorada com o título de "mui heróica vila de São José do Norte", em virtude do memorável combate do ano anterior. Finda a Revolução, o município poderia aspirar a melhores dias, gozando-os depois. O Decreto número 2 082, de 16 de janeiro de 1852, extingue a Alfândega em São José, que fôra criada por Decreto de 17 de novembro de 1834, sendo substituída por Mesa de Rendas. Pela Lei provincial n.º 53, de 25 de maio de 1846, foi de novo criada a Paróquia do Estreito, que de per si formou um distrito do têrmo do município, tendo sua sede na antiga povoação do Estreito, sendo, porém, dela transferida para a Povoação de Bojuru no ano de 1881. A alterosa igreja Matriz de Nossa Senhora dos Navegantes foi construída em 1850, com material vindo de Portugal em veleiros e transportados pelos mesmos para a vila, via Rio de Janeiro. A inauguração ocorreu a 2 de fevereiro de 1855, sendo sua primeira missa celebrada pelo padre Pedro Córdoba. A 1.º de janeiro de 1881 é inaugurada a linha telegráfica no município. Em 1890 a população do município é de 8 317 habitantes.

Iniciando-se no Brasil a fase republicana, a 6 de agôsto de 1892 era empossado o primeiro Intendente de São José, João Landell. Eram membros do Conselho Municipal Francisco José Pereira, Francisco Lavira Monteiro, José Caetano Amaral e Severino Gonçalves da Silva. De 1893 a 1895 o Estado é abalado pela Revolução Federalista, escapando porém à sanha dos combatentes o município de São José. Ao iniciar-se o século XX a pecuária era ainda o fundamento da economia do município — basta dizer que os 80 000 bovinos existentes em 1912 eram a principal fonte de riquezas. Já então exportava grande quantidade de cebola, alho e melancia, sendo que aos poucos os primeiros produtos agrícolas assumiram invulgar importância na economia de São José. No mesmo ano de 1912, a população municipal era de 11 000 habitantes, enquanto que a vila contava 900 moradores e 200 prédios. Em 1920, com uma população de aproximadamente 15 mil almas, o município contava com 3 000 agricultores aproximadamente. A pecuária mantinha ainda importante situação, com 120 000 cabeças de gado bovino. Nesse ano de 1920, a vila de São José contava 280 prédios e 1 100 habitantes. Os principais edifícios eram a Intendência Municipal, a Igreja Matriz e um templo protestante. Funcionava a Loja Maçônica São José, fundada em 1860; o Clube Sócrates, fundado em 6 de fevereiro de 1881, contava grande número de sócios. Com o correr dos anos continuaram a desenvolver-se o município e a cidade. Aos poucos, a agricultura conseguiu assumir posição invejável, de maneira a São José do Norte passar a ser o município brasileiro de maior produção de cebolas.

Apresentando belas paisagens naturais, com uma população integrada nas melhores e mais velhas e caras tradições gaúchas, São José do Norte é um município de importância considerável na vida do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA — *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — Octávio Augusto de Faria. *Fisionomia do Rio Grande do Sul* — Padre Balduíno Rambo, S.J. *O Presídio de Rio Grande de São Pedro* — Aurélio Pôrto. *Introdução ao Estudo do Presídio das Tôrres* — Dante de Laytano. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Os açorianos* — Dante de Laytano. *A Frota de João Magalhães* — General J. Borges Fortes. *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *A Formação do Rio Grande do Sul* — Jorge Salis Goulart. *Anais da Província de São Pedro* — J. F. Fernandes Pi-

nheiro, Visconde de São Leopoldo. *História da Divisão Administrativa do Rio Grande do Sul* — Octávio Augusto de Faria.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTOS ILUSTRES — *Enéas Galvão* — Filho do visconde de Maracaju, nasceu em São José do Norte a 20 de março de 1863. Faleceu em Teresópolis no ano de 1917. Fêz seus estudos superiores na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou. Exerceu a magistratura no Estado do Rio e, em seguida, na capital Federal. Escreveu um único livro de versos, intitulado "Miragens", com uma carta de Machado de Assis — 1885, que falava alto de suas grandes qualidades de poeta. Publicou alguns trabalhos jurídicos e históricos, dentre os quais se destaca "Juízes e Tribunais no Período Colonial".

Joaquim Marques Lisboa (Marquês de Tamandaré) — natural de São José do Norte, nasceu a 13 de dezembro de 1807. Faleceu a 21 de março de 1897. Com apenas 13 anos, ingressou no voluntariado da Marinha. Tomou parte na campanha que mantivemos contra os argentinos, durante a qual, tendo sido feito prisioneiro, conseguiu escapar. Destacou-se como homem do mar, ao salvar a galera inglêsa "Ocean Monarch", que se incediara, e ao socorrer a nau portuguêsa "Vasco da Gama", sob o perigo iminente de um desastroso temporal. Em 1851, na guerra contra Rosas, distinguiu-se por bravura e perícia na célebre "Passagem do Tonelero". Mais tarde, quando da campanha da República Oriental, foi um dos principais heróis do sítio de Salto. Agraciado com os títulos de: Barão, Visconde, Conde e Marquês de Tamandaré, em homenagem à memória de seu irmão, major Manoel Marques Lisboa, morto heròicamente em Pernambuco, no assalto à Fortaleza de Tamandaré, lutando em favor de nossa independência.

Delfina Benigna da Cunha — Natural do município de São José do Norte, Delfina Benigna da Cunha, a Cega, é autora do primeiro livro de versos publicado entre os gaúchos. Nasceu a 17 de junho de 1791 e faleceu, na capital Federal, aos 13 de abril de 1857. Com apenas um ano e 8 meses de idade, vítima de uma enfermidade que grassava na região, foi privada da visão. Dotada de admirável pendor para a poesia, após haver recebido os primeiros rudimentos de instrução, começou a produzir versos. Ainda jovem, ficou órfã de pai e mãe. Seguiu, então, para o Rio, onde se apresentou ao Imperador D. Pedro I, que lhe concedeu uma pensão. Publicou: "Poesias Oferecidas às Senhoras Rio-grandenses". Rio — 1838; "Coleção de Várias Poesias", Rio — 1846. Suas poesias refletem sempre a expressão da "melancolia e da tristeza".

"Nos vossos olhos acha os meus, que a sorte,
Tão desumana, me roubou na infância.
Porém que digo, ó sumo Deus, perdoa,
Privando-me da vista, ó Deus, quem sabe
Se me isentaste de terríveis males
Que a vida me tornassem mais pesada?"

Marcílio Dias — Nasceu Marcílio Dias em São José do Norte, no ano de 1844.

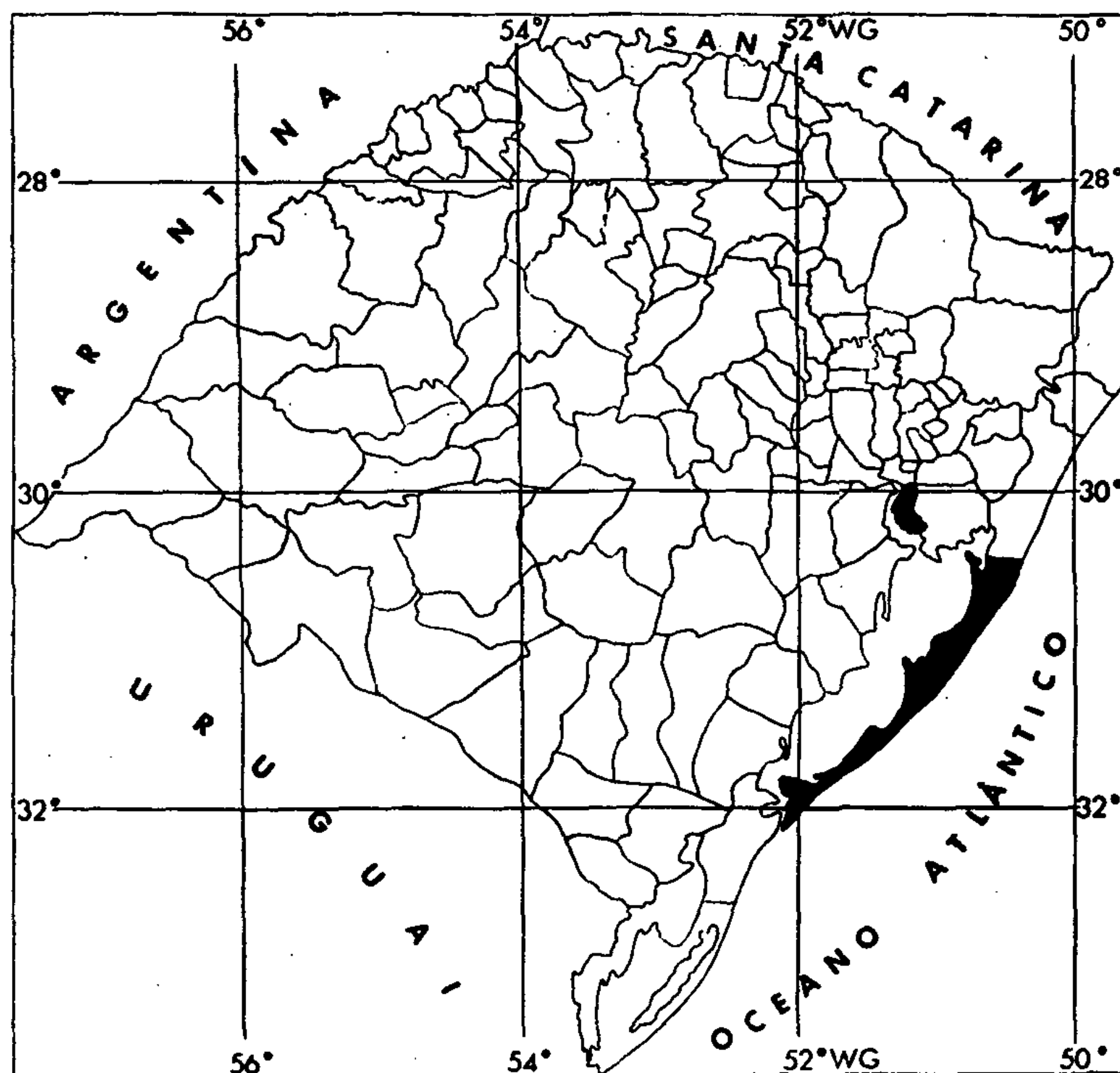
Marinheiro intrépido, deu provas de valor no sítio de Paisandu, indo hastear a bandeira brasileira na tôrre da igreja. Distinguiu-se sobremaneira na Batalha do Riachuelo, numa luta tremenda — "o feito naval mais importante da América do Sul". Nesta batalha perdeu a vida — 1865. Vários navios da nossa marinha têm tomado o seu nome glorioso e no Museu Naval do Rio de Janeiro há um retrato de Marcílio Dias, pintado por Décio Vilares.

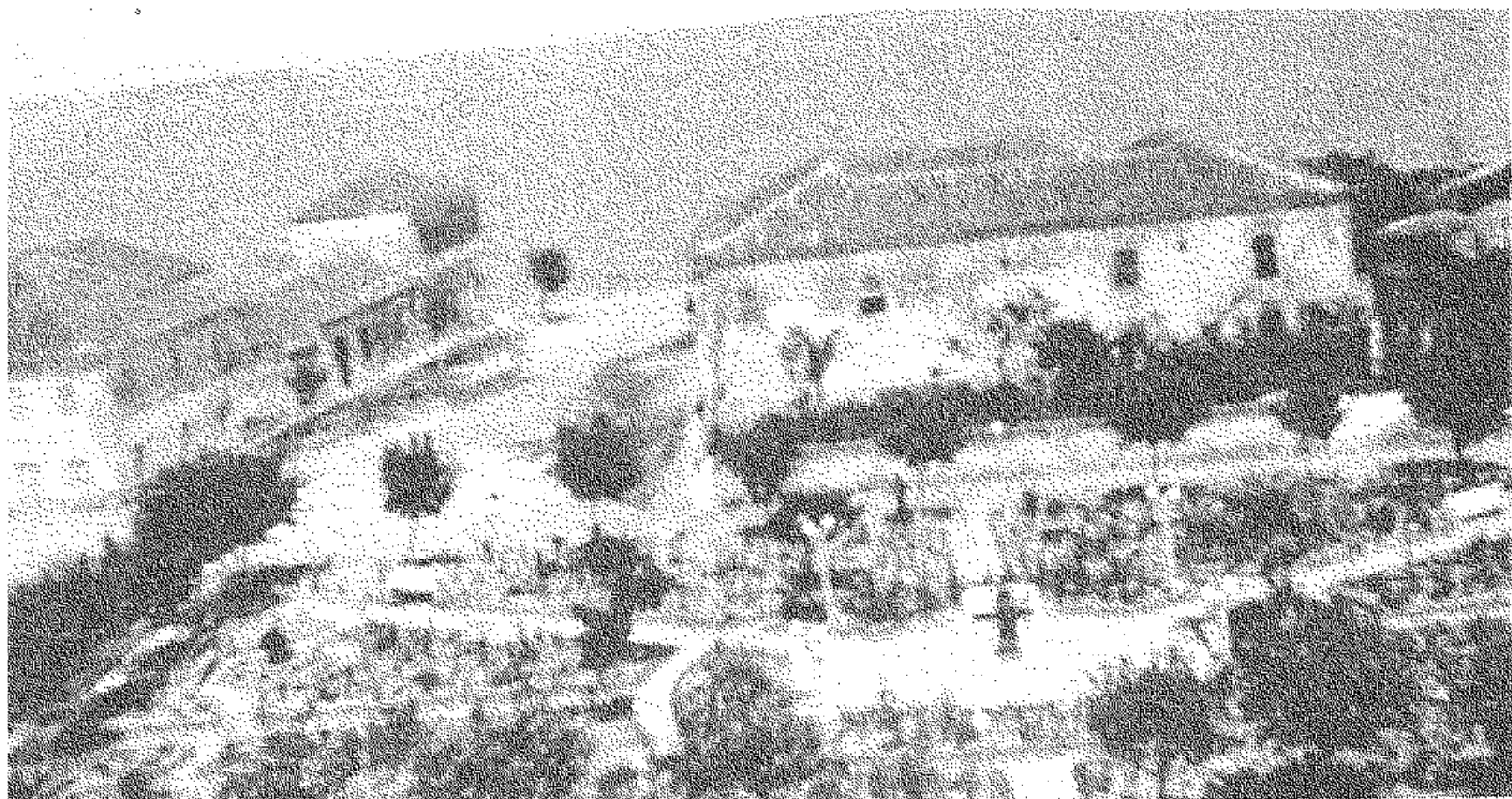
POPULAÇÃO — Conta o município de São José do Norte 24 760 habitantes, localizando-se 2 060 na sede e 22 700 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica é de 6,29 habitantes por quilômetro quadrado. Representa sua população 0,52% do total do Estado. Área: 3 934 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São José do Norte. Vilas: Bojuru, Estreito, Mostardas e Tavares.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São José do Norte.......	646	24	163	195	86	451

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 32° 00' 50" de latitude Sul e 52° 05' 35" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo: S.S.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 227 km. Altitude: 2 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Lagoas: do Peixe. Lagos — São Simão, da Reserva, de Mostardas, Sangradouro, Rincão dos Veados, dos Gautérios, dos Barros, da Tapera, Xarqueada e Queimada. A sede está localizada à margem da Lagoa dos

Vista parcial do lado sul da cidade

Patos nas adjacências da Barra, que a liga ao oceano Atlântico. É pôrto lacustre.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máximas: 24,9°C; mínimas: 12,8°C; compensada: 77,8°C. Precipitação anual das chuvas: 1 209 milímetros. Ocorrências das geadas: nos meses de maio a julho.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: lagoa dos Patos; ao sul: oceano Atlântico; a leste oceano Atlântico e a oeste: lagoa dos Patos.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — É a atividade predominante do município, sendo êle o principal produtor de cebolas do país. A orizicultura é bem desenvolvida.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Cebola	33 240	132 960
Arroz	17 294	67 736
Milho	1 800	7 650
Feijão	144	1 104

Valor total da produção: Cr$ 210 391 200,00.

Os principais agricultores são: Luís Chaves Martins; Djalma Raup Velho, Manoel Cardoso Vieira, Dr. Edgardo Pereira Velho e Dr. Arno Raup Terra.

Pecuária — Embora em plano bastante inferior ao da agricultura, a pecuária do município é bastante significativa, destacando-se sobremodo a ovinocultura. O valor de seus rebanhos ultrapassou a casa dos Cr$ 160 000 000,00, no ano de 1955. Raças preferidas pelos fazendeiros locais: Ovinos — romney marsh e merino. Suínos — macau. Bovinos — devon e hereford. Muares e Cavalares: crioula.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	79 800	127 680
Eqüinos	10 700	10 700
Muares	100	120
Suínos	3 900	2 340
Ovinos	100 000	28 000
Caprinos	100	15

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	214 540	3 592 404,00
Carne verde de suíno	10 368	125 280,00
Carne verde de ovino	15 943	168 381,00
Carne verde de caprino	10	104,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	36 192	474 304,00
Pele sêca de ovino	842	15 998,00
Pele sêca de caprino	1	15,00
Toucinho fresco	14 198	239 828,00
Total	292 094	4 616 314,00

Avicultura — Não há avicultores organizados no município. Existem nas propriedades rurais criadores de galináceos, em pequena monta, destinados ao consumo próprio. Raças predominantes: rhode, leghorn e new-hampshire. Valor da criação: Cr$ 1 513 000,00.

Indústria — É pouco desenvolvida a indústria do município. Em 1955, funcionaram 8 estabelecimentos industriais na comuna, ocupando a média mensal de 57 operários. A produção total somou: Cr$ 10 034 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: ind. alimentares, 99,5%; da bebida 0,5%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	6
Armarinhos	2
Casa de rádios, etc.	1
Bar	1
Cafés	2
Mercadinhos	5

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Rio Grande, Pôrto Alegre, Osório, Santo Antônio, e ainda com os principais centros do país, como: Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Há na sede municipal uma filial bancária, pertencente ao Banco Nacional do Comércio S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Rio Grande: lacustre (3 km); Osório: rodov. (48 km). Capital Estadual — lacustre (249 km) ou misto: a) lacustre (3 km) até Rio Grande, b) rodov. (367 km) ou aéreo (370 km). Capital Federal — Via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja Pôrto Alegre, ou misto: a) lacustre (3 quilômetros) até Rio Grande, e b) marítimo (1 614 km) ou aéreo (1 487 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de energia elétrica, pelo sistema misto. A usina elétrica da sede foi inaugurada no ano de 1927.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	21
Ruas	20
Largo	1

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	10
Parcialmente pavimentados	7
Parcialmente calçados com pedras irregulares	1
Totalmente calçados com paralelepípedos	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	441
Zona urbana	363
Zona suburbana	78

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	427
2 pavimentos	14

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	344
Residenciais e outros fins	20
Exclusivamente a outros fins	77

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	13
Número de ligações elétricas domiciliares	340
Número de focos para iluminação pública	171

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	110 857 kWh
Da sede municipal	91 160 kWh
Consumo para iluminação pública	42 000 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros servidos pela rêde	9
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	3
Bebedouros ou bicas públicas	4
Consumo anual de água	10 800 000 m^3

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelho em uso na sede municipal	1
Agência telefônica	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Três agências.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis: Hotel Amaral, diárias de Cr$ 90,00 para solteiro e Cr$ 160,00 para casal; Hotel Beira Mar, Cr$ 80,00 para solteiro e Cr$ 140,00 para casal; Hotel Glória, Cr$ 90,00 para solteiro e Cr$ 160,00 para casal; Hotel São José, Cr$ 80,00 para solteiro e Cr$ 140,00 para casal.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	64
Ônibus	5
Total	69

Para transporte de cargas

Caminhões	88
Tratores	26
Reboques	2
Total	116

À fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	98
Bicicletas	15
Total	113

Para cargas

Carroças de duas rodas	246
Outros	20
Total	266

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente, de 10 anos e mais, 44% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 38%. Em 1955, havia 46 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 1 680 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Há no município um órgão semanário, fundado em 1917, circulando ininterruptamente, e 3 entidades desportivas, 2 cinemas: Cine Independência, com capacidade para 400 pessoas e Cine Caritatos, com 300 lugares.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exerce a profissão no município 1 médico. Contava, em 1955, São José do Norte com 1 hospital com 42 leitos, tendo sido internados 625 enfermos assim discriminados: 130 crianças, 255 homens e 240 mulheres. Conta o hospital com uma sala de operações, uma de partos e uma de esterilização.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Um advogado residente.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Um engenheiro residente.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância a ser instalada, jurisdicionada à comarca de Rio Grande.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Festas religiosas: Nossa Senhora dos Navegantes, São José, padroeiro do município, Nossa Senhora de Fátima, São João, São Pedro e São Paulo, Assunção de Nossa Senhora, São Judas Tadeu e Natal.

CAMPOS DE POUSO — Há no município dois campos de pouso, de emergência, a saber: 1 pertencente a particular, localizado em Capão do Meio (Bojuru), distante 55 km da sede, medindo 440 x 200 metros, com pista de grama comum; 1 pertencente ao Govêrno Municipal, localizado em Mostardas, distante 120 km da sede, medindo 500 x 200 metros, com pista de grama comum.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)			DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal — Total	
1950	...	2 320	1 567	1 236
1951	...	2 268	2 548	2 213
1952	...	2 700	2 085	1 891
1953	...	3 153	3 729	2 783
1954	...	4 867	3 450	2 695
1955	...	6 074	4 730	3 607
1956	(*) 1 003	5 681	5 408	4 736

(*) Orçamento. A Coletoria foi instalada em 1956.

SÃO LEOPOLDO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Navegador, o português necessitava, continuamente, de renovar a cordoalha das embarcações. Não limitava sua lida em sulcar os mares; no século XVII e XVIII, as naves lusas mantinham um vigoroso comércio de cabotagem em sua colônia americana. Em 1783, em Canguçu, hoje município de Pelotas, estabeleceu o Govêrno a 1.ª Feitoria Real Linho Cânhamo, destinada a fornecer as indispensáveis fibras aos navios. O sucesso do empreendimento era discutível — e Rafael Pinto Bandeira que, além de militar heróico e inteligente, era profundo conhecedor da Província, levou o inspetor Antônio José Machado às terras do Faxinal do Coirita, às margens do rio dos Sinos. Local de "terreno enxuto e fértil", onde "uma pequena porção de sementes lançadas sôbre terra cultivada produziu outra qualidade de arbusto, melhor e mais elevado do que o que se tem plantado e colhido nas matas virgens do Canguçu". O relatório do inspetor convenceu o vice-rei do Brasil, Luiz de Vasconcellos e Souza, a ordenar a transferência da Feitoria Real Linho Cânhamo para o Faxinal do Coirita, em carta de 6 de agôsto de 1788.

O documento mostra o uso efetivo do largo poder que tinham os vice-Reis, em têrmos de benevolente prepotência. Considera o vice-Rei que além das fibras deviam criar-se animais, e comenta e ordena o seguinte: "como o Faxinal do Coirita não tem campos para se por em prática êsse segundo objeto, seriam muito próprios os que existem em suas imediações e que foram do falecido José Leite de Oliveira ainda que atualmente se acham ocupados por alguns moradores", e "conclui ùltimamente que os ditos campos que foram do falecido José Leite de Oliveira são indispensáveis para a creação dos animais". O Governador da Província "deve mandar desocupar tanto os campos do Norte do rio (rio dos Sinos), onde se acham situados e talvez intrusos Luiz Leite de Oliveira, e herdeiros do falecido padre Bastos — Francisco Rodrigues Duarte, Antônio da Silva Barros e Euzébio José Machado — como os terrenos do Faxinal do Coirita onde existem talvez com os títulos fantásticos Antônio da Silva Barreto, José Antônio de Quadros, Salvador Moreira e Antônio de Gomes Macedo — e em uns e em outros mandará estabelecer a Real Feitoria Linho Cânhamo".

Fazendo justiça ao vice-Rei, devemos incluir que ordenava compensação aos expropriados, desde que tivessem títulos legítimos de suas propriedades e, neste caso, concessão de outras sesmarias. Feito o processo e inventário de títulos e bens, verificou-se que a primeira família que chegara ao local — a dois quilômetros da atual cidade — fôra a de Antônio de Araújo Villela, que lá se refugiara em 1763, fugindo da invasão espanhola que se processara ao sul, comandada por Pedro Zeballos. Êsse ano — 1763 — é, portanto, a data mais recuada de que se tem notícias da efetiva ocupação e colonização do São Leopoldo de hoje.

Embora no município, Sapucaia nunca foi núcleo de desenvolvimento urbano. Situada a alguns quilômetros ao sul da futura cidade, a Fazenda de Sapucaia foi um dos primeiros estabelecimentos feitos no Rio Grande do Sul; seu proprietário, Antônio de Souza Fernando, em 1737, ano da fundação do Presídio do Rio Grande, para lá transportou-se com mulher e filhos, vivendo e criando gado em sua estância. Pela mesma época, o tenente Francisco Pinto Bandeira, pai de Rafael Pinto Bandeira, apossou-se da faixa lindeira, que se estendia do rio Gravataí ao dos Sinos. Com isto, recuamos ainda mais na data do povoamento primitivo de São Leopoldo.

Os primeiros moradores dedicaram-se à pecuária. Ao morrer, Villela deixou, entre outras cousas, mil e cem reses vacuns, avaliadas em Rs. 880$000 (oitocentos e oitenta mil réis).

A justiça do Governador da Província foi um tanto discutível. Euzébio José Machado (citado na carta do vice-Rei), genro de Araújo Villela, herdeiro da metade do campestre do Coirita, foi expulso como intruso e portador de falso título. Estabeleceu-se a feitoria em 1788 mesmo, e por ação do Govêrno foram construídas: casa-grande, senzala e armazéns de provisão. Os negros foram trazidos de Canguçu. Foram feitas concessões, em sua maior parte a açorianos, trazidos especialmente para êsse fim. De 1801 a 1815, a administração coube ao Padre Antônio Gonçalves Cruz, indivíduo de notável tino comercial e bom organizador — mas tão mau era para os escravos, que por êles foi assassinado em 1815. Sucedeu-o José M. A. Frota, "que trazia privilégio de roubar tudo" e apenas não destruiu de todo a feitoria já que "não chegou o tempo, por causa de sua morte prematura". Em 1820, é nomeado administrador José Tomaz Lima, homem de larga capacidade, futuro comendador. Encontrou a feitoria em péssimas condições, sem provisões ou vestuário. Figura ainda hoje discutida, teve grandes méritos e graves incorreções. Sem dúvida, impediu a desagregação da Feitoria, e tomou uma série de medidas hábeis e produtivas. Por outro lado, não parece haver tido senso suficiente para uma fiel obediência às leis. Quando foi prevista a vinda de imigrantes, foi feita a demarcação de 160 lotes — José Tomaz Lima desdobrou-os em 296, depois em 909 e, finalmente, em 1 038. Ocioso dizer que houve por bem incluir terrenos circunvizinhos, de direito e de fato pertencentes a outrem — e um problema de ordem legal foi levantado pelos legítimos proprietários das regiões invadidas, durando o litígio até a República. Nunca foram indenizados os proprietários espoliados. Surge a esta altura uma interrogação do porquê da vinda de alemães. A idéia vinha de longe. Em 1725, o Conselho Ultramarinho aconselhara, além de se trazerem açorianos, conseguir "casais estrangeiros, sendo alemães e italianos". A Feitoria estava em declínio completo. As sementes trazidas não eram adequadas ao solo; os escravos, famintos e despidos, pouco produziam; arrematando, a má escolha de inspetores, incapazes e desonestos, impedia qualquer possibilidade de sucesso. Em 31 de março de 1824, o desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro, Presidente da Província do Rio Grande do Sul, mais tarde Visconde de São Leopoldo, recebeu do Govêrno Imperial uma Portaria, em que lhe era comunicada a resolução de fundar uma colônia de alemães nas terras da Feitoria Linho Cânhamo.

Em fevereiro de 1824, zarpara de Hamburgo o transporte "Wilhemine", trazendo os primeiros imigrantes alemães. A 22 de abril ancorou no Rio de Janeiro, indo re-

ceber os pioneiros o Imperador D. Pedro I, e sua augusta consorte D. Leopoldina, a qual lhes deu as boas vindas em sua própria língua alemã e os agasalhou maternalmente. Vindos para o sul, receberam calorosa acolhida em Pôrto Alegre, ocasião em que foi dada à Feitoria o nome de "Colônia Alemã", e, sete dias depois, em 25 de julho de 1824, chegavam à Feitoria. A 6 de novembro já desembarcava o segundo lote de colonos. Há uma dúvida ainda não esclarecida, em virtude da carência de documentos, se foi de 38, 45 ou 46 o número de colonos do primeiro lote — o último dado parece ser o autêntico. O segundo lote contava 81, entre os quais dois médicos — Carlos Godofredo von Ende e João Daniel Hillebrand. Em 22 de setembro de 1824, o Imperador D. Pedro I dá o nome à freguesia de "Colônia Alemã de São Leopoldo", em homenagem a Sua Majestade Imperial D. Leopoldina.

O primeiro choque entre as duas etnias — açoriana e alemã — partiu do Govêrno da Província, que hesitava entre transferir as famílias portuguêsas, ou permitir sua permanência. Finalmente, implora ao Imperador "a favor dêsses 48 miseráveis indivíduos" a oportunidade de também serem contemplados na partilha da região.

São Leopoldo, em sua nova fase, é o resultado da mescla dêsses dois grupos de pioneiros. Ao chegar, o colono alemão encontrou alguns milhares de vacuns, o que lhe permitiria, em futuro imediato, o encetamento da indústria do couro. Não foram fáceis os primeiros anos para os alemães. O Govêrno mandara que lhes entregassem subsídios previstos por lei, mas pessoas sem escrúpulos, pagando em víveres, o faziam a seu arbítrio, surgindo dolorosos dias de incerteza e fome. Medida oportuna é a nomeação do tenente-general Bento Corrêia da Câmara, com um pequeno destacamento, para administrar a colônia e atrair negociantes e mercadores ao local. O objetivo dos colonos era limitado e preciso — a conquista de um pequeno domínio, onde se fixasse definitivamente, ganhando sua subsistência com a honesta labuta cotidiana. Enquanto nos pampas o latifúndio produzia baixo rendimento, à margem do rio dos Sinos as pequenas propriedades germânicas produziam um lucro satisfatório. Em 1829, Luiz Rau estabelece o primeiro curtume, e, seguindo seu exemplo, outros sete colonos dedicam-se à indústria do couro. Em 1830, já 182 prédios estavam em pé. Seus proprietários, por local do nascimento, eram 92 alemães, 86 brasileiros, 3 italianos e 1 francês. A população era de 1 300 pessoas, aproximadamente. Tomaz Lima, nesse ano, inspetor na colônia, faz um apêlo ao Govêrno no sentido de que fôssem pagos os subsídios, atrasados em dez meses. A incúria governamental emperrava o progresso. A situação estabilizava-se pouco depois. Em 1835, era administrador o Doutor Hillebrand, já citado. Em 1826, fôra êle o organizador de um esquadrão de voluntários quando da invasão de Alvear à Província. Explodindo a Revolução Farroupilha, Caxias o nomeia coronel, e Hillebrand passa a comandar os colonos na resistência legalista. Sua posição era compreensível — trazido por um Govêrno, defendia-o. Durante largo tempo, foram os colonos hostilizados pelos revolucionários que, acampados nas proximidades de Lomba Grande, faziam incursões predatórias.

A 1.º de abril de 1846, serenados os ânimos e embainhadas as espadas, pela Lei provincial n.º 4, foi a freguesia elevada à categoria de vila, mercê do progresso de suas lavouras e indústrias.

No mesmo ano, pelo "muito zêlo, honradez e discreção", com que se conduzira como administrador e coronel legalista, Hillebrand era agraciado com a comenda da Ordem de Cristo, bem como a comenda da Ordem da Rosa.

Contava a vila 14 000 habitantes e duas paróquias.

Em 1857, passa por São Leopoldo Roberto Avé-Lallemant, viajante que deixou um livro "Viagem ao Sul do Brasil". Vê "em tôda parte os romances de costumes de Auerbach, as gravuras de madeira de Richter" — encontra-se numa cidade alemã: diferentes, apenas os hábitos de mesa, e as culturas agrícolas, — então milho, mandioca e feijão. A floresta virgem está a poucos passos da vila, o povo é generoso e hospitaleiro. Pagam-se a ração do animal, o vinho ou a cerveja — nunca porém a refeição do viajante; êste é hóspede, e onde vá, sempre encontrará uma mesa para alimentá-lo. Não há roubos, nem desordens.

No que se refere às escolas e ao aprendizado da língua do País, não lhes dando o Govêrno escolas públicas até os derradeiros anos de Império, êles próprios se defenderam, construindo ao lado da capela uma aula primária para alfabetizar seus filhos. À falta de mestres que soubessem suficientemente o português, o ensino era ministrado na língua dos colonos até que no Govêrno do Dr. Borges de Medeiros o ensino da língua nacional se foi generalizando, sendo gratificados os professôres particulares que ensinassem o português, medida que agradou e produziu ótimos resultados. Mas também é verdade que a maioria dos colonos germânicos, ao menos até os alvôres do século XX, pouco se interessou pela língua do País, que naquele ambiente de isolamento cultural não lhe fazia falta, como ainda pela indiferença do homem do campo em aprender outro idioma. Entretanto, grande era a satisfação dos pais, vendo seus filhos regressarem dos colégios secunários e do serviço militar falando já a língua do País, que êles mesmos, não por espírito de oposição e sim por descaso do Govêrno, nunca haviam tido oportunidade de aprender. Nas cidades, como Pôrto Alegre e São Leopoldo, os alemães já na primeira geração se integraram pelo caldeamento das duas raças.

Quanto ao malsinado "isolamento" da Colônia Alemã, escreve Aurélio Pôrto:

> "Culpa nos cabe, e grande, dêsse isolamento secular, que os alheou, pelas dificuldades da língua, da nossa gente. Atiramo-los à mata impérvia, sem meios de comunicação, sem intercâmbios de qualquer espécie intelectual e moral, e mandamos que trabalhassem, exigindo-lhe sòmente fôsse um ótimo agricultor. E, depois, quisemos à fôrça impor preceitos patrióticos, que sòmente um largo trabalho de fraternidade e amor poderia semear em suas almas. Mesmo assim, em tôdas as nossas horas de agitações, em tôdas as fases do nosso idealismo cívico, o alemão, ou já as primeiras gerações rio-grandenses, dêle oriundas, integrando-se às palpitações dos nossos sentimentos cívicos, jamais deixaram de prestar, como vimos, o seu concurso, quer nas pugnas sangrentas, quer no embate das idéias" ("O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul", pág. 223).

São Leopoldo continava a progredir.

A 12 de abril de 1864, pela Lei n.º 563, era elevada à categoria de cidade. Tinha, então, bem mais de 240 estabelecimentos industriais, produzindo vinagre, charutos, farinhas, artigos de ferraria, ourivesaria e cerâmica — e anualmente fabricava 20 000 lombilhos e seus pertences. Em 1867 visitou a cidade D. Pedro II, que ficou encantado com seu progresso e importância. Em 1874 foi posta em tráfego a ferrovia que atualmente liga São Leopoldo a Pôrto Alegre. No mesmo ano, deu-se o episódio dos Muckers, episódio comparável, respeitadas as particularidades, ao de Canudos — mas como se deu no local que hoje é município de Sapiranga, desmembrado de São Leopoldo em 1954, cabe a História àquele.

O progresso, com a ferrovia, incentivou-se. Em 1877 já remetia pelos vagões 5 mil toneladas de mercadorias. E, assim, vivendo com seus costumes, festividades e trabalho, prosperava.

Em 1888 foi fundado o Clube Republicano, por pessoas que já se haviam destacado na luta emancipacionista. Integrava-se, pouco a pouco, a cidade dentro da dinâmica política e social do país. Integrava-se, porque antes tinha suas atividades limitadas à labuta diária, sem preocupações de ordem mais ampla.

A bem da verdade, seja dito que na Guerra dos Farrapos, poucos alemães abraçaram a causa farroupilha, e isso por um sentimento de gratidão para com o Imperador que lhes dera terras e uma nova pátria. Por isso, uma fôrça sob o comando de Chico Pedro se bateu bravamente pela legalidade. O tão falado "perigo alemão" jamais existiu no Rio Grande do Sul, porquanto os alemães e seus filhos lutaram sempre ombro a ombro ao lado dos brasileiros na batalha do Passo do Rosário (os denodados "Lanceiros"), na guerra do Paraguai, com um contingente de cêrca de 400 homens, e até nas duas conflagrações européias. Por estranho que pareça, numerosos descendentes de teutos foram brigar corajosamente contra a própria Alemanha de Guilherme II e Adolfo Hitler. Após longa gestação, fruto do trabalho de refugiados, açorianos e alemães, São Leopoldo é hoje um dos mais importantes centros industriais do Rio Grande do Sul, enquadrado dentro da cultura e economia nacional.

BIBLIOGRAFIA — *Anais do 1.º Congresso de História e Geografia de São Leopoldo* — Livraria do Globo. *Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Os Muckers* — P. Ambrósio Schupp S.J. *Colônia de São Leopoldo* — Desembargador Solon Macedônia. *Viagem ao Sul do Brasil* — Roberto Avé-Lallemant. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul* — Aurélio Pôrto.

VULTOS ILUSTRES — *João Daniel Hillebrand* (1800-1880) — Nascido a 11 de maio de 1800 em Hamburgo. Aos quinze anos de idade, como estudante de medicina, tomou parte ativa na Batalha de Waterloo, sendo condecorado por sua ação. Formado médico pela Universidade de Goetingen, em 1823, no ano seguinte embarcava para o Brasil, fazendo parte da segunda leva de imigrantes, que chegou a São Leopoldo a 6 de novembro de 1824. Em sua nova terra, logo a amou e se lhe dedicou. Já em 1826 recrutou tropas que serviram na defesa do território gaúcho, invadido pelos caudilhos vizinhos e na batalha do Passo do Rosário o destacamento alemão portou-se com rara bravura. Na guerra civil que eclodiu entre Farrapos e Govêrno Imperial, Hillebrand foi nomeado coronel, por Caxias, e prestou relevantes serviços às fôrças legalistas, recebendo por sua atuação duas comendas, em 1846: a da Ordem da Rosa e a da Ordem de Cristo, bem como o título de cidadão brasileiro. Em 1854 era nomeado Diretor Geral das Colônias da Província. Em 1855, quando de uma terrível epidemia de cólera, enfrentou a peste, como único médico que ficara em São Leopoldo, e tal foi sua ação, que poucas mortes lá se registraram. Morreu a 9 de julho de 1880, após longa e dolorosa doença. No seu necrológio era dito — "Sim, morreu pobre, o bravo e glorioso coronel. É nisto que consiste o seu valor, a coroa de louros cingida à pálida fronte pelos seus concidadãos agradecidos".

Professor Emílio Meyer (1856-1939) — Henrique Emílio Meyer, nascido em Lomba Grande, então 3.º distrito de São Leopoldo, em 14-II-1856, era filho do mestre-escola Henrique Meyer e D. Ernestina Meyer. Foi um dos mais notáveis, eficientes e dedicados professôres do Rio Grande do Sul. Em diversos estabelecimentos foi um dos mais capacitados docentes. Na Escola Complementar, foi Diretor em 1913, de 1918 a 1920 e de 1925 a 1927. Na Escola Normal acumulou os cargos de catedrático de matemática e professor das três classes do curso complementar. Seu coração generoso procurava ocultar-se atrás de uma impenetrável carranca aparentemente irascível; era no entanto o mais brando e compreensivo dos professôres. Sua competência didática granjeou-lhe fama extraordinária. Jamais usou o magistério para obter regalias — em 1927 o Presidente Borges de Medeiros e seu Secretário Protásio Alves quiseram dar-lhe aposentadoria com vencimentos integrais, bem como uma gratificação suplementar, mas o mestre recusou, permanecendo mais cinco anos em lides magisteriais. Em 1932 aposentou-se, mas continuou a lecionar alunos particulares. Em 15 de outubro de 1938, Dia do Professor, seus antigos alunos prestaram-lhe uma homenagem, inaugurando seu busto no Instituto de Educação — não podendo comparecer, por estar gravemente adoentado, seus ex-discípulos foram à sua casa, numa comovente romaria. Em 20 de junho de 1939 falecia. O Govêrno, numa deferência especial, velou-lhe a câmara mortuária e realizou seu entêrro em caráter de atividade oficial. Hoje, numa homenagem póstuma, seu nome foi legado à vila de Palmares, a numerosas escolas municipais e estaduais, ao Ginásio Noturno Municipal de Pôrto Alegre, bem como a avenidas e ruas.

Dr. João Fialho Dutra (1862-1939) — Nasceu na Fazenda Fialho, divisa de Gravataí e São Leopoldo, em 29 de março de 1862. Estudou em diversos estabelecimentos de ensino, indo tirar curso superior na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nessa época desenvolveu larga atividade republicana, ao mesmo tempo em que era excelente aluno. Sua tese de doutorando correu o país, tornando-o famoso. Gesto notável foi pedir como presente de formatura, a seu pai, a alforria de dois escravos da família, o que lhe foi concedido. Durante dez anos foi médico — depois dedicou-se aos campos, que mais o atraíam — pecuária e História Natural. As laranjas de umbigo de sua granja foram elogiadas até na capital da República. Suas amostras pe-

cuárias receberam prêmios na Exposição de São Luís, nos Estados Unidos. Suas colaborações em História Natural foram citadas universalmente por vultos como Lindman, Malme e Schlechter. E era todo o tempo generoso e amigo. Um acérrimo adversário seu, gravemente ferido, recebeu sua assistência, salvando-se. Na crise de 1918, quando a espanhola grassava no Estado, estando acamados os outros médicos, dirigiu os hospitais de emergência, e durante três dias e três noites trabalhou sem cessar, sendo, finalmente, apanhado pela moléstia. Organizou, mais tarde, a mais completa coleção gaúcha em botânica, o famoso Herbário da Flora Rio-Grandense, com 1 644 plantas. Morreu em 20 de março de 1939, deixando incompletas diversas obras, às quais se dedicara por diversos anos.

Padre Pedro Schneider S.J. (1866-1931) — Foi o terceiro gaúcho a ingressar na Companhia de Jesus, o que fêz em 1881. Estudioso e dedicado, publicou, entre outras obras, o "Livro de Exercícios para aprender os elementos da Gramática Portuguêsa", que em 1945 tinha atingido 11 edições, com 70 mil exemplares. Em 1897 foi ordenado sacerdote; em 1900 fazia os quatro votos e integrava-se definitivamente na Ordem Jesuíta. Em 1905 viajou pela Europa, colhendo dados para suas pesquisas filológicas. Publica, ao voltar, "O elemento trágico no Episódio de Inês de Castro". Ganhou larga fama como catequista, eminente orador sacro que era, fascinando mesmo os menos devotos. Em 11 de abril de 1931 comemorou seu jubileu de ouro na Companhia de Jesus, sendo o primeiro brasileiro a ter tal sorte, na Ordem rediviva no Brasil. Meses após — em 17 de junho de 1931 — falecia.

Lindolfo Collor (1890-1942) — Neto de imigrantes, teve uma vida dinâmica e incansável. Em 1909 publicou um livro de poemas: "Poema dos Matizes" — obra que lhe valeu pesadas críticas nos meios literários. Em 1914 casou com D. Ermínia de Souza e Silva, passando a lua de mel na Europa. Retornando, foi diretor da "Tribuna", no Rio de Janeiro, órgão de propriedade de seu sogro. Em 1919 volta ao sul, formado em Altos Estudos Sociais, Jurídicos e Econômicos, colaborando em "A Federação". Em 5 de julho de 1920 tornou-se sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Duas vêzes foi eleito para a Câmara Federal. Em 1928 foi membro destacado da Delegação Brasileira à VI Conferência Pan-Americana. Com ímpeto e arrôjo, formou na primeira linha dos revolucionários de 1930, e em 27 de novembro de 1930 ocupava o cargo de Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, permanecendo nessas funções quatorze meses, quando demitiu-se por divergir do Govêrno. Em 1932 estava à frente do movimento constitucionalista, e durante meses percorreu as campanhas, tendo por travesseiro a sela e por escritório o lombo do cavalo. Por não estar de acôrdo com o Govêrno, então instalado no Brasil (1937), exilou-se em Portugal, onde permaneceu até 1941, quando publicou duas obras: — "Europa 1939" e "Sinais dos Tempos". Em face de sua intensa vida política, seu organismo viu-se sèriamente abalado, tendo falecido na Capital da República em 21 de setembro de 1942.

Clodomir Viana Moog (1906) — Nascido a 28 de outubro de 1906, em São Leopoldo, é advogado, escritor e ensaísta de mérito notáveis, membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou "Um Rio Imita o Reno", onde denuncia o problema social criado pelo isolamento das colônias alemãs em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Seu ensaio "Eça de Queiroz e o Século XIX" é considerado o melhor no gênero. Além dêste, conta com "Heróis da Decadência" e "Novas Cartas Persas". Seu último trabalho "Pioneiros e Bandeirantes", alcançou grande êxito, se bem que as teses esposadas pelo autor sejam ainda discutidas, nos meios históricos e sociológicos.

Teodomiro Pôrto da Fonseca — Foi um dos mais perspicazes e inteligentes administradores de São Leopoldo. Sua obra atingiu tal porte que, em certa medida, abriu rumos novos, inesperados e grandemente proveitosos para o município.

Prefeito em 1928, em 1930 era revolucionário. Acalmada a luta, atirou-se dedicadamente à tarefa de melhorar o município. Inicialmente, conseguiu fôsse ligado seu município com o de Pôrto Alegre, por meio de uma estrada modêlo, pavimentada a cimento. Logo após, comprou uma pedreira de área superficial atingindo 180 mil metros quadrados; concluiu a usina hidrelétrica da Toca; inaugurou o Hospital Centenário. Assim, com matéria-prima barata, para construções e estradas, com energia elétrica suficiente, ligada à capital por uma rodovia exemplar, São Leopoldo pôde entrar febrilmente em uma nova era de industrialização intensiva, multiplicando sua produção e constituindo-se num dos grandes parques fabris do Estado.

João Correia Ferreira da Silva — Foi um grande animador do progresso dessa terra, inclusive prestando, já de longa data, relevantes serviços à comunidade. Em sua gestão administrativa, na vida pública, teve a seu crédito eméritas realizações, entre as quais podemos destacar a construção de diversos ramais ferroviários. Ligou Novo Hamburgo a Taquara, Taquara a Canela; Rio dos Sinos a Barreto; Montenegro a Barão; Couto a Santa Cruz; São Pedro a Jaguari. Em ramais do telégrafo estadual, ligou Pôrto Alegre a São Leopoldo, Caxias, Alfredo Chaves, Caí, Montenegro e outras localidades. Construiu diversas pontes — Feliz, Joaneta, Feitoria, Picada Verão, entre as principais. Na sede de São Leopoldo, para benefício da população, teve diversas criações importantes. A Hidráulica de São Leopoldo, por exemplo, inaugurada definitivamente em dezembro de 1926, tinha sua rêde de distribuição tôda ela feita com tubos de aço, isolados com asfalto, numa extensão de 17 quilômetros; a capacidade era de dois milhões de litros por dia. A Usina da Toca permitiu o desenvolvimento da indústria local, que tinha assim satisfeitas suas necessidades de fôrça; o Cais de São Leopoldo ia ativar o comércio fluvial, ampliando assim o escoamento da produção. O Hospital Centenário, de instalações exemplares para a época, também foi inaugurado na gestão Ferreira da Silva. Sua vida cheia de dedicação para o bem público foi cortada pela fatalidade, nos últimos dias de sua gestão, em 1928, quando eram ultimados novos empreendimentos.

Padre Luiz Gonzaga Jaeger — Jesuíta, nascido em 10 de julho de 1889, em Ivoti (ex-Bom Jardim), município de São Leopoldo. Aluno do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo e do Seminário Menor

de Pareci Novo, filiou-se à Companhia de Jesus em Portugal aos 27 de fevereiro de 1909. Prêso na revolução carbonária de 1910, foi expulso de Portugal após 27 dias de calabouço, indo continuar sua carreira na Holanda (Exaten e Valkenburg). Com a saúde abalada, seguiu em 1912 para Bogotá, onde concluiu o triênio de Filosofia. Regressando à Pátria em 1919, iniciou o quadriênio de Teologia no Seminário Central de São Leopoldo, onde D. João Becker o ordenou sacerdote em 1.º de agôsto de 1922. Concluída sua formação científica e ascética, foi destacado para o Colégio Anchieta, em Pôrto Alegre, como professor e escritor. Dirigiu a revista juvenil "O Eco" (25 anos), a "Fôlha Catequética" (15 anos), "Notícias da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus" (14 anos) e fundou com 13 colegas Jesuítas, em 1956, o Instituto Anchietano de Pesquisas, assumindo a direção do Anuário do mesmo.

Pesquisas. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e sócio correspondente do de Santa Catarina e Paraná, especializou-se na História Pátria, particularmente na do Rio Grande do Sul. Colaborou em diversas publicações nacionais. Obras principais de sua lavra: "Epítome de Instrução Moral e Cívica" (1928 e 1930); "O Primeiro Civilizador do Rio Grande do Sul" (1934); "Noni y Mani", em espanhol (1924); "As Primitivas Reduções Jesuíticas do Rio Grande do Sul" (1936); "A Família Guarani Cristianizada" (1937); "O Clero na Emancipação Política do Brasil" (1937); "A Descoberta do Lugar do Martírio, de Roque Gonzáles de S. Cruz e Afonso Rodriguez" (1933); "Os Heróis de Caaró e Pirapó" (1940), com nova edição em 1952; "Os Três Mártires Rio-Grandenses"; "Die Deligen Roque González de S. Cruz, Alfons Rodriguez und Joh. del Castillo" (1935); "As Invasões Bandeirantes no Rio Grande do Sul" (1635-1641, seg. ed. 1939); "Nosso Neopenitente e Neocomungante" (1949); "O Herói do Ibia, Cristovão de Mondoza" (1943); "História da Introdução do Gado no Rio Grande do Sul" (1943); "O Clero na Epopéia Farroupilha" (1945); "São Leopoldo no seu Primeiro Centenário" (Jaeger — Neis), (1947); "Padre Manuel da Nóbrega, S.J. 4.º Centenário da sua vinda ao Brasil", "em 29 de março de 1549"; "José de Anchieta, 4.º Centenário da sua vinda ao Brasil", "em 13 de julho de 1553"; "Lindolfo Collor" (folheto, duas edições); "As Missões Orientais do Uruguai", por Aurélio Pôrto, segunda edição revista e melhorada pelo Padre Luiz Gonzaga Jaeger, 2 vols. (1954). "A Companhia de Jesus rediviva no Rio Grande do Sul e Santa Catarina", 2 volumes em preparo.

O Padre Luiz Gonzaga Jaeger prestou valiosa colaboração à parte histórica da presente Enciclopédia.

BIBLIOGRAFIA — *Filhos Ilustres de São Leopoldo* — Padre Luiz Gonzága Jaeger S.J. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul* — Aurélio Pôrto. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul* — Achylles Pôrto Alegre. *História do Rio Grande do Sul* — E. F. de Souza Docca.

P. João Baptista Reus S.J. — João Baptista nasceu no dia 10-7-1868, em Pottenstein, na Arquidiocese de Bamberg, Baviera. Seus pais, João e Ana Margareta Hengl Reus, deram-lhe primorosa educação religiosa. Teve 10 irmãos. Uma irmã sua abraçou o estado religioso. Ensinado por sua mãe, revelou-se João Baptista, desde menino, fervoroso devoto da Mãe de Deus e do Menino Jesus. Em 1889 fêz a sua primeira comunhão. Dedicou-se aos estudos e prestou serviço militar. Dotado de têmpera decidida e de coração puro, entrou no Seminário de Bamberg, sendo ordenado sacerdote em 30-7-1893. Saindo vencedor dos obstáculos opostos à sua vocação religiosa, filiou-se à Companhia de Jesus em 16 de outubro de 1894, movido pelo ardente desejo de se tornar santo. Fêz os votos perpétuos em .... 18-10-1896. Seguindo o divino Mestre na prática das virtudes, aperfeiçoou-se nos estudos de filosofia e teologia. Em 15-9-1900 veio para o Brasil. Dedicou 11 anos de labor apostólico à cidade do Rio Grande. Em 1912 encontramos o P. Reus no Colégio Anchieta, de Pôrto Alegre, onde recebeu insignes graças místicas. Em 1913 foi nomeado pároco de São Leopoldo. Desde 2-2-914 até a sua santa morte dedicou-se à formação do clero como diretor espiritual, professor e lente de liturgia. Até 1923, foi ainda capelão do Colégio de S. José das Irmãs Franciscanas, de S. Leopoldo. P. Reus foi apóstolo da pena. É autor da obra "Curso de Liturgia" (508 págs., 3.ª ed. 1952), de diversos livros de reza e de numerosos artigos. Muito se empenhou pela Beatificação dos Três Mártires Rio-grandenses. Sempre unido com Deus nos seus trabalhos e sofrimentos, rezava muito pela salvação das almas.

Sua Autobiografia e seu Diário, escritos em obediência a ordem superior, registram extraordinárias graças místicas, numerosas visões e êxtases de cuja genuinidade julgará a Autoridade da Santa Igreja. Já em 7-9-912 foram-lhe impressos os estigmas invisíveis, muito dolorosos. P. Reus não procurava essas graças, nem se julgava digno delas. Porém, correspondia a elas com a máxima fidelidade. Em 8-1-916 fêz o voto de escolher sempre o mais perfeito, o que cumpriu com zêlo heróico até a mõrte. Vivia em união sensível e contínua com Deus, abrasado de intensíssimo amor. Foi ardente devoto e apóstolo do S. Coração de Jesus, do Imaculado Coração de Maria e do SS. Sacramento. Seu lema era: "Amar e sofrer!" e a sua jaculatória predileta: "Jesus, Maria, José". Praticou durante longos decênios austera penitência. Queria ser "Vítima de amor". Humilde, puro, mortificado e recolhido, foi modelar na vida interior como a dizer-nos: "O dinamismo apostólico meramente externo nada vale sem intensa vida interior". Já com 79 anos de vida, suspirava pela união definitiva com seu Deus. Recebera estupendas promessas da liberalidade divina, sendo uma que seria canonizado. Em 4-4-947, Sexta-Feira Santa, é sacramentado. Há melhora. Em .... 10-6-947 celebra a sua última Missa. Sofre muito de asma. Visitas e visões celeste o confortam. No dia 21-7-1947, às 16 horas, expira santamente... Seu corpo descansa no cemitério dos Jesuítas, em São Leopoldo. Mais de 20 000 graças publicadas atestam sua poderosa intercessão junto do trono de Deus. Seu túmulo tornou-se alvo de contínuas romarias. Assinala-se que 1 580 000 folhetos-novenas (contam-se juntas as novas edições no prelo) e ainda mais de 300 000 em outras línguas já foram publicados a pedido dos

inúmeros devotos do P. Reus. Em vista destas circunstâncias foram dados os passos preliminares para introduzir a Causa de sua Beatificação. O Exmo. Sr. Dom Vicente Scherer, DD. Arcebispo Metropolitano de Pôrto Alegre, nomeou o Tribunal Eclesiástico para o Processo Diocesano de Beatificação e Canonização do Servo de Deus, P. João B. Reus. Êsse Processo foi iniciado a 25 de junho de 1953, estando quase terminado.

Dos Escritos do Padre Reus: "Com o auxílio da vossa graça todo-poderosa quero trabalhar para santificar-me por Vós. As vossas grandes graças, que me prodigalizastes a mim, indigna criatura, não me tornam santo, mas sejam um contínuo estímulo a morrer eu para mim, a fim de viver para Vós! Vítima do vosso Amor! (Diário 4-2-1924)

"Antes o coração se rasgue em mil pedaços do que admitir qualquer violação da obediência!" — "Antes quisera morrer do que escrever alguma coisa (no Diário) que eu não tivesse percebido!" (Diário 1943)

"Não fui enganado nas esperanças que pusera na Companhia de Jesus. Não sòmente achei o que tinha almejado, mas muito, muito mais e até muitas coisas, nas quais nem me teria atrevido a pensar. Por isso, a minha felicidade de agora (1934) é tão grande como a daquela vez em que fui admitido sob a bandeira do nosso Rei Divino" (Diário).

"Durante a primeira oração, depois da consagração, vi a SS. Trindade e, na frente dela, a Mãe de Deus, espalhando rosas, símbolo das graças que Ela, Rainha do Rosário, nos alcança, especialmente aos sacerdotes (Diário, ... 7-10-1943).

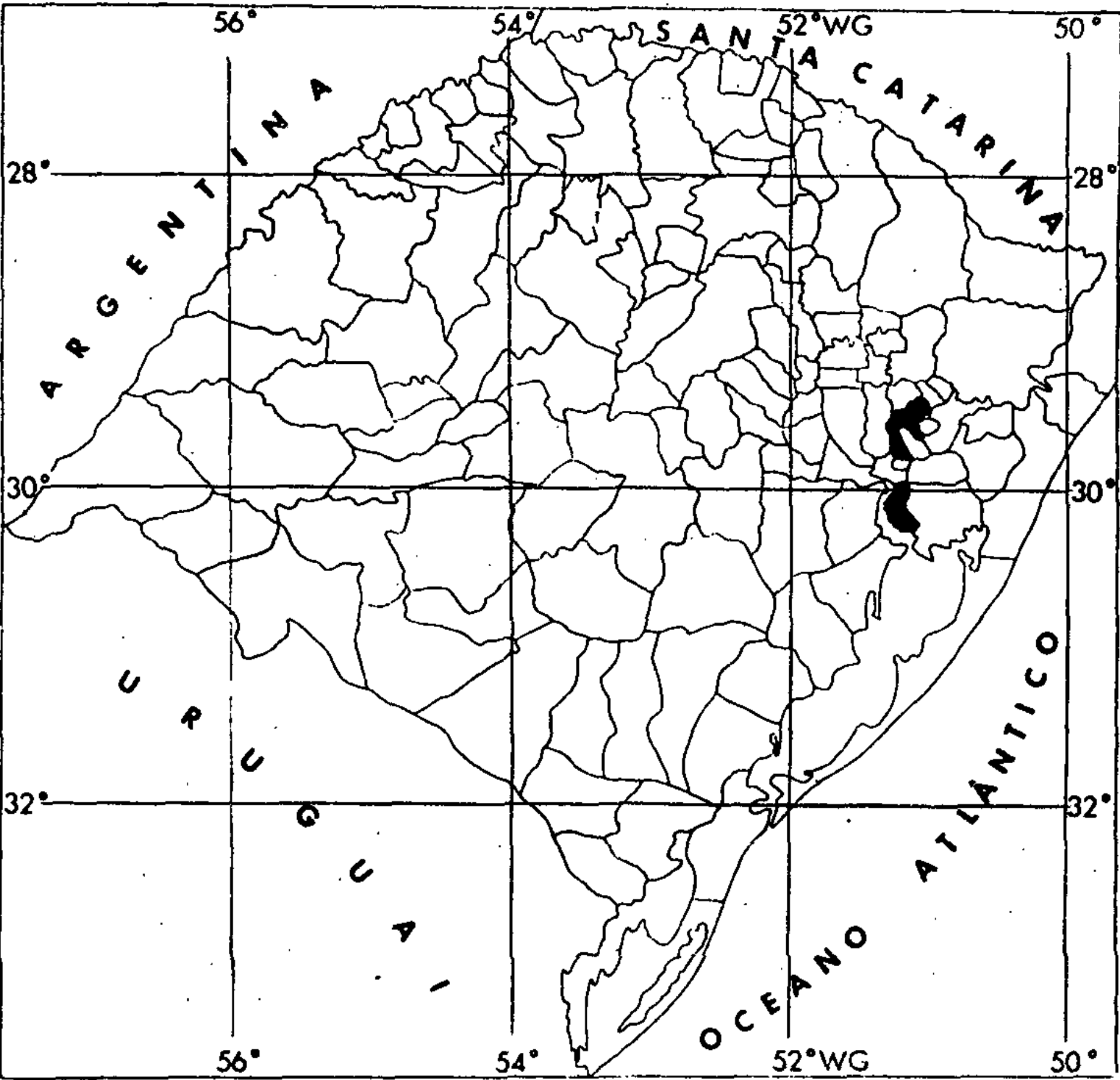
"Vi brotar do meu coração um lírio e a SS. Trindade a descer para dentro dêle... Onde florescem os lírios, floresce o amor de Deus e a caridade. E são os sacerdotes, aos quais está confiado o jardim de lírios da Igreja. Para isso é necessário que êles mesmos sejam lírios... (Diário, abril 1943)"

POPULAÇÃO — Conta o município de São Leopoldo com 81 980 habitantes, localizando-se 21 470 na sede e 60 570 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica corresponde a 74,12 habitantes por quilômetro quadrado. A população municipal representa 1,81% da total do Estado. Área: 750 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Leopoldo. Vilas: Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Ivoti, Morro Reuter, Santa Maria do Erval, Sapucaia, Joaneta e Araríca.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Leopoldo..	2 692	82	732	799	251	1 893

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 46' 10" de latitude Sul e 51° 13' 54" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo N.N.E.; distância em linha reta: 27 km; altitude: 26 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios principais: dos Sinos, Cadeia e Feitoria; morros: Bugres, Dois Irmãos, Sapucaia e Morro Reuter; quedas d'água: Santa Maria e Picada 48, ambas aproveitadas pela Comissão Estadual de Energia Elétrica, além de outras de menor volume de água.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Nova Petrópolis e Gramado; ao sul: Esteio e Gravataí; a leste: Taquara, Sapiranga e Novo Hamburgo; a oeste: Caí e Canoas.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes: máximas: 23,6°C; mínimas: 15°C; compensada: 19°C. Chuvas: precipitação anual de 1 800 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

ASPECTOS ECONÔMICOS — São Leopoldo é um município altamente industrializado. Vários são os ramos da indústria local que se destacam por sua produção de grande significação na economia do município e do Estado. Pelo vulto da sua produção e número de estabelecimentos, a preparação do couro (curtumes), fabricação de artefatos de couro (malas, cintos, pastas etc.) e fabricação de calçados de todos os tipos têm papel de larga expressão no volume total das exportações do município; êsses produtos são levados aos mais longínquos mercados nacionais e mesmo do estrangeiro, graças ao seu impecável acabamento e alto índice técnico. A indústria de couros do município é uma das maiores do Estado, existindo importantes estabelecimentos dêsse gênero, disseminados por todo seu território. Há, ainda, no variado parque industrial leopoldense, classes expressivas, tais como: fábrica de borracha para aviões, indústria mecânica, indústria metalúrgica (com importante fábrica de armas e munições, uma das maiores da América do Sul, fábrica de fogareiros de pressão, fábrica

de artefatos de alumínio, fábrica de correntes, indústria têxtil, indústria da alimentação (com atafonas, moinhos, engenhos de arroz, etc.), fábrica de pentes, além de um número considerável de outras atividades. Cêrca de 9 000 operários, altamente especializados, dedicam suas atividades à indústria local. Dentre os vários e significativos empreendimentos industriais, destacam-se os seguintes:

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Bier & Cia.	Preparação de couros e peles
Curtume Uruguaio Brasileiro	Preparação de couros e peles
Leuck & Mattos	Preparação de couros e peles
Bender & Schuck S. A.	Preparação de couros e peles
Kern & Mattos	Preparação de couros e peles
Vacchi S. A.	Preparação de couros e peles
Curtumes Pinheiros	Preparação de couros e peles
Borbonito S. A.	Artefatos de borracha
Fabo S. A.	Artefatos de borracha
Indústria de Borracha Bins	Artefatos de borracha
Amadeo Rossi S. A.	Indústria metalúrgica
Fábrica Gasol Ltda.	Indústria metalúrgica
Carlos Augusto Mayer S. A.	Metalurgia do alumínio
Ostermayer & Cia.	Artefatos de couro
Schaeffer, Ruschel & Cia. Ltda.	Artefatos de couro
F. G. Schmidt	Fábrica de calçados
Hausohild & Cia.	Fábrica de calçados
Willy Korndoerfer & Cia.	Fábrica de calçados
Indústria de Calçados Vitória Ltda.	Fábrica de calçados
Stransburger & Cia. Ltda.	Fábrica de calçados
Manufatora de Calçados Herbert Thurmann	Fábrica de calçados
Vetter & Cia. Ltda.	Fábrica de calçados
Haas & Ribeiro	Fábrica de calçados
Scharten & Cia.	Fábrica de calçados
Reichert & Cia.	Fábrica de calçados
Lansul	Indústria têxtil
CIBEA — Companhia Industrial Brasileira de Extratos de Acácia	Indústria química
Indústria de papel e papelão Justo S. A.	Papel e papelão
Peles e Pelegos Ltda.	Pelegos e xergões
Cordoaria São Leopoldo Ltda.	Cordas e cordões
C. Feldens & Cia. Ltda.	Cordas e cordões
Pedro A. Scherer	Mosaicos
A. Steigleder & Cia. Ltda.	Olarias e refratários
Blos Krumenauer & Cia.	Olarias e refratários
Hugo Scherer & Irmão	Olarias e refratários
Blos Fleck & Cia.	Olarias e refratários
E. Daudt & Irmãos	Olarias e refratários
Urbano Blos & Cia. Ltda.	Louças e manilhas
Hallam Vier & Cia. Ltda.	Louças e manilhas
Álvaro Santos	Louças e manilhas

Digno de menção é que o surto industrial, partindo do centro para a periferia, alcançou os distritos mais distantes da sede municipal, quando as fábricas de todos os ramos se foram multiplicando e pondo em relêvo a capacidade de trabalho e de organização dos leopoldenses, na sua grande maioria descendentes dos pioneiros alemães que aportaram em Feitoria, em 1824.

Ratificando o que acima ficou dito, surge o distrito de Campo Bom, com mais de 50 fábricas de calçados, constituindo-se num dos mais industrializados de todos os municípios do Brasil. A seguir, salienta-se o distrito de Estância Velha, por sua indústria especializada em curtume e preparação de couros e peles, o que lhe valeu o cognome de "capital dos curtumes". O distrito de Sapucaia destaca-se por sua produção têxtil, assim como por outras indústrias expressivas. Nos distritos de Ivoti e Dois Irmãos, predomina a indústria agrícola e rural e os demais distritos, sem acompanhar o alto índice de industrialização dos acima citados, também contam com estabelecimentos fabris de real significação econômica. Eminentemente agrícola é apenas o distrito de Santa Maria do Erval.

Conta o município com 678 estabelecimentos industriais com a média mensal de 10 534 operários, estimando-se a produção total em Cr$ 1 625 126 000,00. Foi a seguinte a contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Indústrias Alimentares 3,5%; Bebidas 0,3%; Madeiras 1,5%; Transf. de produtos minerais 9,8%; Couros e produtos similares 17,9%; Químicas e farmacêuticas 4,4%; Têxteis 15,7%; papel e papelão 2,5%; Metalúrgicas 9,4%; Mobiliário 0,5%; Vestuários, calçados e artefatos de tecidos 22,7%.

Agricultura — A principal atividade de São Leopoldo é a industrial, no entanto, a agricultura desempenha papel bem significativo no abastecimento do Rio Grande do Sul, principalmente dos municípios limítrofes. Os principais produtos agrícolas cultivados são:

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Batata-inglêsa	21 253	103 784
Feijão	1 566	8 352
Milho	5 700	19 000
Arroz	1 848	7 300

A produção agrícola total em 1955 foi avaliada em Cr$ 152 214 230,00.

ESPÉCIE	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR (Cr$)
Bananas	Cacho	75 000	2 250 000,00
Bergamotas	Cento	38 000	950 000,00
Caquis	»	55 000	1 375 000,00
Laranjas	»	48 000	1 200 000,00
Maçãs	»	4 000	160 000,00
Peras	»	40 000	1 400 000,00
Pêssegos	»	6 300	378 000,00
Uvas	kg	68 000	170 000,00
TOTAL			*7 883 000,00*

Para o escoamento da produção agrícola a comuna conta com uma boa rêde de estradas de rodagem, mantidas pelo Município, Estado e União. O minifúndio — pequena propriedade — é o sistema predominante na colônia. Os métodos de produção agrícola são rudimentares, com predominância muito acentuada do trabalho manual. Não há lavouras mecanizadas, afora alguns tratores empregados para diversas finalidades nas propriedades agrícolas.

PROPRIEDADES AGRÍCOLAS

Até 10 hectares	2 700
De mais de 10 até 50 hectares	2 200
De mais de 50 até 100 hectares	150
De mais de 100 até 500 hectares	30
De mais de 500 até 1 000 hectares	1

ASPECTOS DA PECUÁRIA — A pecuária é subdesenvolvida. O gado bovino existente constitui-se de vacas para a produção leiteira e bois de canga (trabalho) de propriedade dos colonos.

POPULAÇÃO PECUÁRIA

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	14 000	22 400
Eqüinos	5 100	5 100
Muares	1 500	1 800
Suínos	15 000	9 000
Ovinos	300	84
Caprinos	300	39

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	2 481 877	51 684 669
Charque de bovino	10 300	297 600
Carne verde de suíno	176 587	4 138 812
Carne verde de ovino	38	304
Carne verde de caprino	10	80
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	11 509	135 317
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	312 880	3 428 666
Couro salgado de suíno	8 819	154 469
Pele sêca de ovino	2	30
Pele sêca de caprino	1	15
Banha não refinada	75 100	2 397 160
Banha refinada	17 725	531 750
Toucinho fresco	239 768	5 736 304
Salsicharia a granel	131 864	4 054 648
Sebo comestível	467	7 000
Sebo industrial	2 640	48 174
Total	3 469 587	72 614 998
Secundários	5 878	92 035
Total Geral	3 475 465	72 707 033

Avicultura — Quantidade de patos, marrecos e gansos: 3 500 no valor de Cr$ 190 000,00. Galináceos — método intensivo de criação, sem apuro de raças, havendo no município aproximadamente 130 000, com uma produção anual de cêrca de 160 000 dúzias de ovos, valendo .... Cr$ 2 400 000,00.

MEIOS DE TRANSPORTE — São Leopoldo liga-se a: Esteio: rodov. (12 km), ferrov. (13 km); Canoas: rodov. (18 km), ferrov. (19 km); Novo Hamburgo: rodov. (10 quilômetros, estrada velha e 9 km pela BR-2), ferrov. (9 quilômetros); Sapiranga: rodov. (31 km), ferrov. (29 km); Taquara: rodov. (63 km), ferrov. (55 km); Nova Petrópolis: rodov. (63 km); Caí: rodov. (33 km); Gravataí: rodov. (24 km); Capital do Estado: rodov. (pela estadual 36 km e pela BR-2 33 km), ferrov. V.F.R.G.S. (33 km), ou fluvial (102 km). Capital Federal: rodov. via Vacaria, Curitiba e São Paulo, BR-2 (1 732 km) ou ferrov., rodov. e aéreo via Pôrto Alegre, já descrito.

COMÉRCIO E BANCOS — Na sede municipal há seis agências bancárias, uma filial da Caixa Econômica Federal, onze estabelecimentos atacadistas e 520 varejistas. O município transaciona com as praças de Rio e São Paulo, mantendo comércio ativo com a capital do Estado, municípios limítrofes e com a grande maioria dos mercados do norte, centro e sul do país, bem como com alguns países da América do Sul e do Norte. Sua praça é constituída de firmas tradicionais que, ano após ano, vêm emprestando o máximo do seu esfôrço para o engrandecimento da terra leopoldense. Seria ocioso destacar nomes, tal a personalidade do comerciante da terra "capilé", onde se destaca sua dedicação ao trabalho e sua honestidade nunca desmentida, herança maior dos "pioneiros" que desbravaram estas plagas, guardadas com zêlo pelos seus pósteros.

PRAÇA DE SÃO LEOPOLDO, SEGUNDO SEUS RAMOS

Atividades	*N.º de estabelecimentos*	*Observações*
Secos e molhados	210	Só na sede municipal
Farmácias	20	em todo o município
Louças e ferragens	15	em todo o município
Tecidos (lojas de)	30	em todo o município
Livrarias	8	só na sede municipal
Padarias	17	em todo o município
Lojas de calçados	10	só na sede municipal
Outras	220	em todo o município

Há, ainda, 325 estabelecimentos de prestação de serviços: bares, barbearias, cafés, etc.

MOVIMENTO BANCÁRIO (1955)

	Depósitos	*Aplicações*
Banco do Brasil	11 404 475,60	71 430 747,30
Outros estabelecimen-bancários	123 023 234,30	168 661 423,30
Total	134 427 709,90	240 092 170,60

Cobrança da praça	*N.º de títulos*	*Valor*
Banco do Brasil	1 891	25 885 752,10
Outros estabelecimentos	12 955	58 313 044,40
Total (menos Caixa Econômica)	14 846	84 198 796,50

ASPECTOS URBANOS — A cidade conta 185 logradouros, na sua totalidade calçados com paralelepípedos e pedras irregulares. Apresenta aspecto bonito de cidade moderna, situada à margem do rio dos Sinos, com ruas retas e sem acidentes topográficos. Em 1956, havia 15 logradouros calçados com paralelepípedos, com área de 51 723 metros quadrados, representando 6,38% da área calçada; 6 logradouros pavimentados com asfalto, com 25 330 metros quadrados, ou seja 3,12% da pavimentação; 2 logradouros pavimentados a concreto, com 21 200 metros quadrados, ou 2,61% da pavimentação; 29 logradouros calçados com pedras irregulares, com 161 721 metros quadrados, ou 19,96% e mais 550 000 metros quadrados de outras pavimentações e melhorias, ou 67,93% do total geral. Na cidade encontramos ruas e avenidas amplas, salientando-se das demais a Avenida Independência, arborizada em tôda sua extensão, com passeios amplos de mosaicos e calçadas de pedras regulares. Dispõe de abastecimento de água potável e rêde de esgotos, que crescem à medida que a cidade se expande. Duas usinas hidrelétricas (Santa Maria e Picada 48) e uma usina dísel abastecem-na de luz e fôrça, recebendo, ainda, energia elétrica da usina de Canastra, sediada no município de Canela.

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	5 623
Zona urbana	2 968
Zona suburbana	2 655

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	5 390
2 pavimentos	213
3 pavimentos	18
4 pavimentos	2

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	4 828
Residenciais e outros fins	445
Exclusivamente a outros fins	350

HOTÉIS E PENSÕES — Na sede municipal há oito hotéis e uma pensão. As diárias mais comuns são de Cr$ 120,00 e Cr$ 150,00 para solteiro e Cr$ 240-280,00 para casal.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	1 281
Ônibus	66
Camionetas	323
Ambulâncias	4
Motociclos	47
Outro veículo	1
Total	1 722

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	399
Camionetas	190
Tratores	12
Não especificados	3
Total	604

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	110
Carros de quatro rodas	30
Bicicletas	2 250
Total	2 390

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	23
Carroças de quatro rodas	195
Outros	206
Total	424

INSTRUÇÃO E CULTURA — São Leopoldo pode ser considerado como um dos mais importantes centros culturais do País, onde está sediado o Colégio Máximo Cristo Rei e onde funcionou, sob a orientação dos Padres Jesuítas, até fins de 1956, o Seminário Maior, com cursos de Filosofia e Teologia para a formação de sacerdotes católicos. Há, ainda, um curso Pré-Teológico, mantido pelo Sínodo Rio-grandense, que prepara pastôres para o culto evangélico. Vale dizer que os cursos acima são freqüentados por seminaristas e alunos de quase todo o Brasil e de muitos países da América do Sul. Da população presente de 10 anos e mais, 80% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) matriculadas é de 78%. Em 1955 havia 96 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 8 616 alunos matriculados. (O município perdeu território com a nova divisão administrativa do Estado.) Existem na comuna um estabelecimento de ensino superior, 4 unidades de ensino ginasial, 1 de colegial, duas de ensino sacerdotal, uma de ensino pedagógico, 3 de ensino comercial, uma de ensino industrial, duas de ensino agrícola e 7 de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Na sede municipal, em vista de sua proximidade com a capital do Estado, não existem jornais ou outros periódicos. Distando apenas 36 quilômetros de Pôrto Alegre e ligada a essa cidade por ótimas rodovias asfaltadas, além da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com serviços regulares de trens e carros motores, os jornais diários da capital, tanto matutinos como vespertinos, chegam a São Leopoldo cêrca de 40 minutos após rodarem as rotativas. Há, no entanto, mantido pela Prefeitura Municipal, um quinzenário, um Boletim da Associação de Comércio e Indústria, uma Revista da Associação Comercial (ambos de edição mensal), uma fôlha dominical, de caráter doutrinário-religioso, mantido pelo Sínodo Rio-grandense, entidade que congrega o culto evangélico-luterano no Estado, assim como também diversas publicações estudantis de caráter eminentemente escolar. Existem três Bibliotecas realmente importantes na sede municipal: Biblioteca do Colégio Cristo Rei (para formação de sacerdotes católicos), de uso privativo dos seminaristas, com 30 000 volumes; Biblioteca do Sínodo Rio-grandense (culto evangélico-luterano, com cêrca de 4 322 volumes e, finalmente, a Biblioteca Pública Olavo Bilac, de caráter geral, com mais de 3 550 volumes. Há, ainda, outras bibliotecas, bem mais modestas, pertencentes, respectivamente, à Sociedade Ginástica (1 000 volumes) e Sociedade Orpheus (1 000 volumes) ambas entidades recreativas, assim como três outras bibliotecas de menor expressão, cujo número de volumes se aproxima de 500. Presta serviço valioso ao município a estação transmissora ZYS-5, Rádio São Leopoldo, transmitindo em 1 530 quilociclos, faixa de 196,7 metros, com 100 watts de antena. Conta com dois modernos cine-teatros localizados na Rua Independência: Cine Brasil e Cine Independência, tendo êste último aparelhagem moderna para exibição de filmes em cinemascópio. Na vila Scharlau, subúrbio da cidade, há um cine-teatro de construção moderna e tècnicamente aparelhado. A vida social da cidade está representada por três entidades: Sociedade Orpheus, tradicional agremiação recreativa que congrega a fina flor da sociedade leopoldense há muitas gerações, cujos bailes e festas por ela patrocinados contam com o comparecimento de grande número de pessoas residentes na localidade e municípios vizinhos; o Clube Recreativo Juvenil, austera entidade que, reunindo a elite social "capilé", é famosa por seus bailes de gala, cadenciados por excelentes orquestras; Sociedade Ginástica, entidade eminentemente social-desportiva, a par de intensa vida recreativa que desenvolve, é por demais conhecida do mundo social e desportivo do Rio Grande, graças às inúmeras competições esportivas em que tomou parte, com atuações destacadas. Povo de descendência germânica, em sua grande maioria, o leopoldense não se descura do preparo físico, havendo na cidade muitas organizações esportivas e de cultura física, como atestado eloqüente do valor de uma raça forte que surge no Estado mais meridional do Brasil. Em pleno funcionamento, há várias entidades de futebol, destacando-se das demais o Clube Esportivo Aimoré (índios leopoldenses), integran-

tes da divisão de honra da capital; Clubes Náuticos Iguaçu e Humaitá, com departamentos de natação, regatas, volibol e basquetebol, tendo suas instalações sociais às margens do tradicional rio dos Sinos (que banha a cidade de São Leopoldo), assim como muitas outras sociedades de menor porte.

ASPECTOS SANITÁRIOS — No município não grassou nenhuma doença de caráter epidêmico. Como meio de combate e prevenção das moléstias, há na sede municipal um Pôsto de Saúde. Conta a cidade de São Leopoldo com modelares estabelecimentos hospitalares (Hospital Centenário, mantido pelo Govêrno municipal e destinado à clínica geral e Sanatório Santa Elisabeth, para doenças nervosas e mentais), assim como 16 outros hospitais em todo o município, com um total de mais de 300 leitos, além de cinco ambulatórios do SESI. Há, ainda, três laboratórios de análises, 24 médicos residentes, 28 dentistas, 39 enfermeiros e 11 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — À maternidade, em construção. À infância: Pôsto de Higiene, creche católica, Pôsto de Puericultura e aprendizado agrícola. A órfãos e desvalidos: Aprendizado agrícola. À velhice desamparada: Asilo da Velhice.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Doze advogados.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Delegacia de Polícia, Presídio Municipal, Polícia Federal de Estradas, Corpo de Bombeiros e Serviço de Trânsito.

COOPERATIVAS

Cooperativas — de consumo	6
Crédito	2
Total de sócios	3 570
Valor dos serviços executados	Cr$ 23 934 561
Valor dos empréstimos	Cr$ 5 766 213

SINDICATOS — Sindicato do Comércio Varejista; Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Papel, Papelão e Cortiça; Sindicato dos Trabalhadores Metal., Mec. e em Material Elétrico; Sindicato dos Prof. Trabs. na Indústria de Artefatos de Couro; Sindicato dos Empregados no Comércio; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos de Borracha.

PROFISSIONAIS ATIVOS — Há 11 engenheiros (só na cidade); dois veterinários na cidade e dois no interior.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — Há aspectos naturais de extraordinária beleza, como a visão da Picada São Paulo, o vale do Rio Cadeia, observado por quem viaja pela estrada federal de São Leopoldo a Caxias do Sul, na altura de Morro Reuter e pouco além, que despertam a admiração de todos, rivalizando em panorama com os vales suíços; a visão de Dois Irmãos, à noite, vindo de Morro Reuter; tôda a estrada chamada de Mato Comprido, e que liga Morro Reuter com Santa Maria do Herval, até Boa Vista do Herval, apresenta paisagens verdadeiramente alpinas. Tal é a beleza da paisagem leopoldense que, na vila de Morro Reuter, o Govêrno do Estado construiu um mirador para turistas, apresentando todo o confôrto. De seu belvedere aprecia-se uma vista realmente inesquecível. A paisagem que se descortina de São Leopoldo a Caxias do Sul, seja através de rodovia ou ferrovia, é realmente deslumbrante. Em Santa Maria do Herval há, ainda, a queda d'água de Santa Maria, visitada por turistas que apreciam as belezas panorâmicas de tôda essa zona. Êstes locais são procurados por pessoas que procedem tanto de localidades próximas, como distantes, até mesmo de outros Estados, do Uruguai e da Argentina, sendo muito numerosos os provenientes dêsses países amigos.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca criada em 29 de março de 1875, abrangendo o território de seu município e mais o de Esteio.

FESTEJOS POPULARES — São festas tradicionais neste município os chamados *Kerbs*. O *Kerb* é uma festividade oriunda da Europa e caracteriza-se pela comemoração que, numa localidade, se faz em homenagem ao santo padroeiro do lugar. Dura, geralmente, três dias, abrangendo sempre um domingo. Nestes três dias, em geral, cessam tôdas as atividades da localidade, havendo grande afluência de visitantes de outras localidades, visitas de parentes, de conhecidos, de amigos, que são festivamente recepcionados pelos anfitriões que lhes oferecem o doce característico: a "cuca". Há uma procissão que marca o início do *Kerb*, tendo êste seu ponto alto nos salões de festa onde se dança ininterruptamente durante todo o período da festividade. Em algumas zonas, costuma-se ainda realizar o que se chama *Nach-kerb*, isto é, após o *Kerb*, que se verifica no sábado e domingo subseqüente ao do *Kerb*. É uma festividade comum a tôdas as localidades de origem germânica. Neste município os *Kerbs* mais populares são os de São Miguel, no distrito de Dois Irmãos, o de São Pedro Apóstolo, no distrito de Ivoti, e o que se realiza nessa cidade, geralmente no mês de setembro, pela Sociedade Orpheus. Além desta festividade, há, de caráter profano, o carnaval, na época própria, que tem a colaboração da Prefeitura Municipal. Outras festividades que contam também com a colaboração da Prefeitura são a Páscoa e o Natal, além das sempre imponentes comemorações do Dia do Colono — que têm seu ponto alto no dia 25 de julho. Verifica-se ainda a festividade chamada do Divino (Pentencostes) e da festa de Nossa Senhora do Rosário, a festa de Pentencostes, a Páscoa dos Operários, a Páscoa dos Militares e as notáveis procissões do Corpo de Deus e a procissão do Senhor Morto; tôdas estas de caráter religioso.

MONUMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS — Prédio histórico é o em que se hospedaram os primeiros imigrantes alemães, em 1824, na localidade de Feitoria Velha, e que tem êste nome, situado a poucos quilômetros desta cidade, em seus subúrbios, e que é considerado monumento histórico. Outros monumentos, notáveis por sua beleza, construção ou por seu significado, são o Monumento ao Colono Alemão, o Obelisco em homenagem à F.E.B., o busto do Duque de Caxias, a primeira ponte sôbre o rio

dos Sinos, construída há 80 anos, o marco comemorativo da primeira rodovia intermunicipal e os dois chafarizes do Bairro Rio Branco.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)	TOTAL DA ARRECADAÇÃO NO MUNICÍPIO - TÔDAS AS ÓRBITAS (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal			
			Total	Tributária		
1950......	26 995	21 802	13 651	6 055	14 177	78 969
1951......	38 348	46 141	14 897	7 072	16 913	97 536
1952......	52 315	46 697	17 467	7 857	17 727	130 915
1953......	63 183	49 534	21 107	10 282	24 896	163 921
1954......	92 087	67 462	26 337	11 870	27 466	220 197
1955......	134 659	69 882	29 928	11 064	30 799	299 466
1956 (1)...	—	—	33 000	10 452	33 000	—

(1) Orçamento.

A Exatoria Estadual, face ao arrecadado até o mês de julho, dia 31, de 1956, presume que a arrecadação até o fim do ano ultrapasse a casa dos cem milhões de cruzeiros. Há, neste município, duas coletorias federais: em São Leopoldo (1.ª) e Campo Bom (2.ª) e dois postos arrecadadores estaduais: a Exatoria Estadual sediada em São Leopoldo e o pôsto arrecadador de Campo Bom. Em Sapiranga, quando integrante do município de São Leopoldo, também havia uma Exatoria Estadual.

Dados fornecidos pela Associação Comercial, estando incluído Coletorias, Exatorias, Prefeitura, Correios e Telégrafos, Delegacia de Polícia, Instituto de Aposentadoria dos Industriários, dos Comerciários, dos Bancários, dos Transportes e das Caixas de Previdência.

SÃO LOURENÇO DO SUL — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A história do município de São Lourenço do Sul recua ao ano de 1786, quando da doação por El-Rei de Portugal, em Carta régia ao açoriano capitão-de-dragões José Cardoso de Gusmão, de uma sesmaria de terras. Mais tarde, com a vinda do primeiro Governador e Capitão-General da Capitania do Rio Grande de São Pedro, D. Diogo de Souza, José Cardoso de Gusmão receberia outra. Entre 1807 e 1811, ocorre a venda de partes de suas propriedades, as Fazendas São João e Santa Isabel, que ocupara antes mesmo da doação, segundo tudo indica. Vendeu terras a João Francisco Vieira Braga, e mais tarde também passaram a morar e possuir propriedades no município de São Lorenço José Cardoso de Gusmão, Lourenço da Silva Crespo, José Lourenço da Costa Santos, Manoel Bernardino Porciúncula, e as famílias Prates, Oliveira Guimarães, Santos Abreu e Antiquera. Houve tal compressão entre os herdeiros dos primitivos donos, que até hoje no fôro local arrasta-se um processo de demarcação.

A primeira capela erguida no atual município foi fundada em 1830, e reconstruída em 1848, com a denominação de Nossa Senhora do Boqueirão, na atual vila de Boqueirão, do distrito do mesmo nome. Com a criação do município de Pelotas, por Decreto imperial de 15 de dezembro de 1830, dêle passou a fazer parte São Lourenço, desmembrando-se assim do município de Rio Grande, ao qual pertencera desde o vilamento dêste, em 27 de abril de 1809. Enquanto procuravam os residentes no local criar melhores condições de vida para si e sucessores, eclode a Revolução Farroupilha, que se prolongaria de 1835 a 1845. A 23 de junho de 1842, no Boqueirão, Manoel Lucas de Oliveira derrota as fôrças legalistas comandadas por Francisco Pedro de Abreu, alcunhado Chico Pedro e futuro barão de Jacuí. Em 30 de dezembro de 1856 é fundada a Colônia de São Lourenço, compreendendo terras situadas na serra dos Tapes. O fundador da Colônia foi Jacob Rheingantz, natural de Sponheim, na Prússia Renana, onde nascera a 9 de agôsto de 1817. Ao lado de Rheingantz aparece o nome de José Antônio de Oliveira, brasileiro, que financiou a viagem do primeiro à Europa, a fim de angariar imigrantes para a colônia; além disto adiantou dinheiro aos primeiros colonos para que se estabelecessem em São Lourenço, e comprou as terras necessárias à colonização, além das já adquiridas por Rheingantz, do Govêrno Imperial. Os primeiros colonos que aportaram a São Lourenço foram Wilhelm Schaefer, Gottlib Heling, Johann Ziebell, Andreas Haase, Johanna Lange, Henrich Tellmann, Philipp Neutzling, Peter Neutzling, Peter Dietrich, Johan Link, Johan Dietrich, Peter Rickes, Ignaz Dilly, Wilhelm Wulff, Christian Bhorer, Carl Jörg, e diversos outros, que chegaram à colônia em 18 de janeiro de 1858.

Vista da Procissão dos Navegantes, quando, na Lagoa dos Patos, entrava no Arroio São Lourenço

A paróquia de Boqueirão foi transferida para o pôrto de São Lourenço por Lei provincial n.º 470, de 22 de novembro de 1861. Mais tarde, pela Lei n.º 909, de 20 de abril de 1874, seria transferida para a povoação de São Lourenço. A Lei de 29 de abril de 1876 criaria oficialmente a paróquia de São Lourenço. A Lei provincial n.º 1 459, de 26 de abril de 1884, desanexa São Lourenço de Pelotas, criando o município e elevando o povoado à vila, tendo ocorrido sua instalação a 11 de fevereiro de 1886. A Lei provincial n.º 1 831, de 28 de junho de 1889, extinguiria a vila de São Lourenço, sendo seu território anexado ao município de São João da Reserva, então criado. Pelo Decreto número 881, de 15 de fevereiro de 1890, é transferida a sede do município para São Lourenço, ficando esta freguesia elevada nova e definitivamente à categoria de vila. O primeiro intendente foi o coronel José Antônio de Oliveira Guimarães, que tomou posse a 18 de outubro de 1892. A população da cidade, em 1920, era de cêrca de 4 000 habi-

Igreja-Matriz São Lourenço, na Rua Júlio de Castilhos

tantes; o terreno onde se assenta fazia parte das propriedades de José Antônio de Oliveira Guimarães, que destinara um oitavo de légua para a fundação de um povoado, o que foi efetivado, como vimos, por Rheingantz e pelo próprio Oliveira Guimarães.

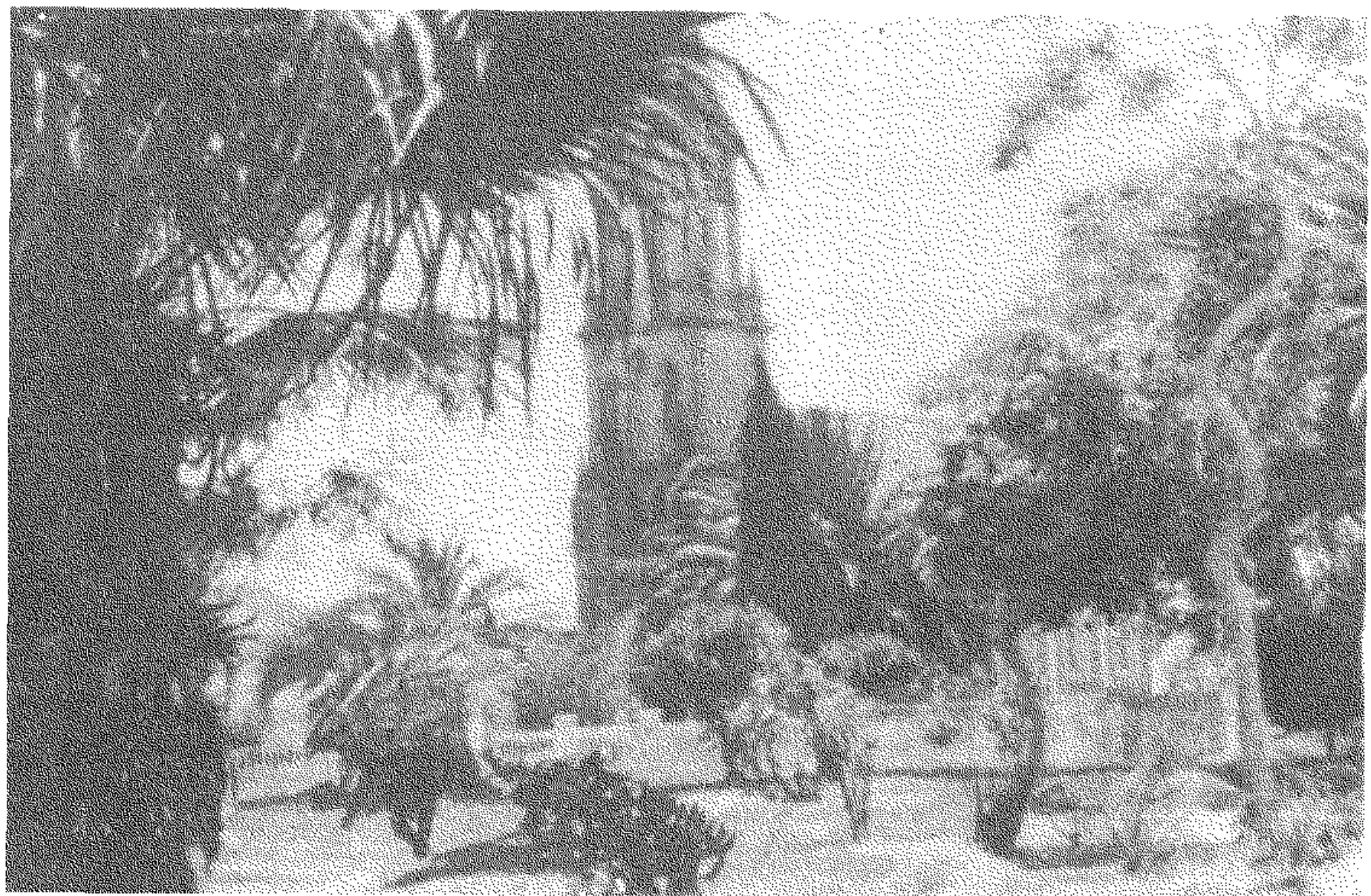
A revolução de 1923, dirigida pelo Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil contra o então Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, atingiria São Lourenço. A 18 de julho de 1923 o tenente rebelde Ulpiano Paniágua derrota o legalista Costa Leite e ocupa a vila, que é retomada pelos governistas à noite. A 3 de novembro Ulpiano ocupa novamente a vila, só abandonando quando cessadas as hostilidades, ainda no mesmo ano. Seguiram-se dias de paz, não perturbados até hoje, podendo São Lourenço do Sul continuar em sua senda de progresso.

Santa Casa de Misericórdia de São Lourenço do Sul, na Rua Almirante de Abreu

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

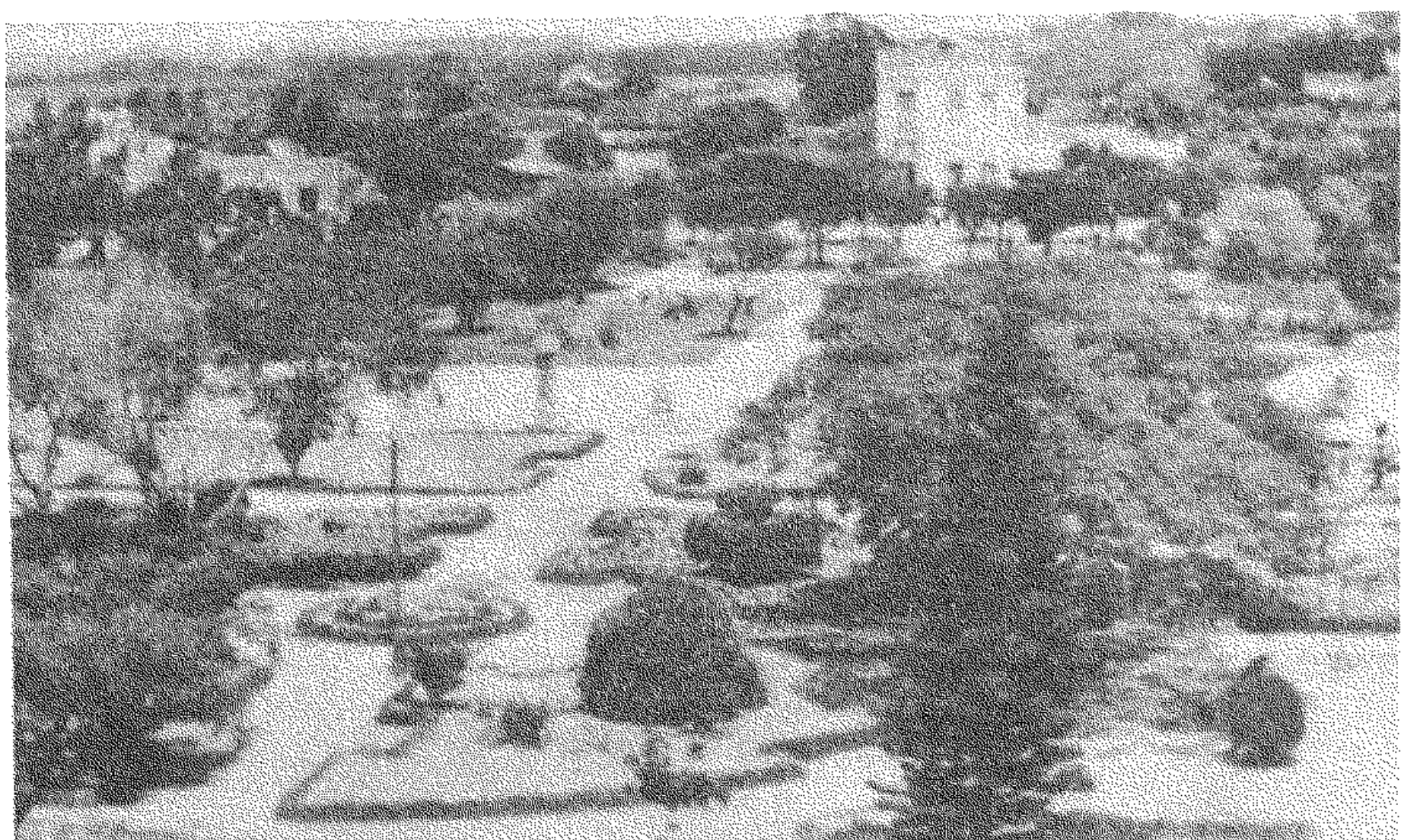
VULTOS ILUSTRES — *Coronel José Antônio de Oliveira Guimarães* — São Lourenço muito deve a Guimarães, que na qualidade de grande fazendeiro, proprietário da Fazenda São Lourenço, nas margens do Arroio do mesmo nome, foi considerado um dos grandes baluartes da fundação da vila de São Lourenço, doando um oitavo de légua na margem esquerda do Arroio, em 1850 mais ou menos. Em 1856 financiou Jacob Rheingantz, que viajou à Europa em busca de imigrantes para fundar a colônia. Doou terras e recursos para a fundação da primeira capela da vila de São Lourenço, e foi o segundo Intendente Municipal no período de 9 de fevereiro de 1892 a 4 de dezembro de 1893.

Fôro — sito na Rua Senador Pinheiro Machado, esquina com Av. Marechal Floriano

Igreja Protestante Evangélica, situada na Praça Rio Branco

João Batista Scholl — Nascido em 8 de dezembro de 1842 na Rhenania, Alemanha e falecido a 30 de julho de 1935, em São Lourenço. Salientou-se na colonização. Com a morte de Jacob Rheingantz em 1877, a família do mesmo, que residia na cidade, não se adaptou ao ambiente da colônia, motivo por que a Viúva D. Maria Carolina Rheingantz procurou João Batista Scholl, então comerciante na cidade de Pelotas, e insistiu com o mesmo para que comprasse a colônia e continuasse a obra de Rheingantz. Scholl atendeu ao apêlo da Viúva D. Maria, e passou a ser o continuador da grande obra. Comprou a colônia em 1.º de agôsto de 1898 e procurou por todos os meios e modos

Vista parcial da Rua Júlio de Castilhos

continuar a obra do seu antecessor, abrindo novas picadas, fundando escolas, igrejas, sociedades recreativas e culturais, entre elas a primeira da Colônia, a Sociedade Picada Pinheiros, da qual foi o seu primeiro Presidente. Scholl, na grande trajetória, em que estêve a testa dos destinos da colônia, pelo seu esfôrço e dedicação, foi considerado um dos grandes patriotas da época.

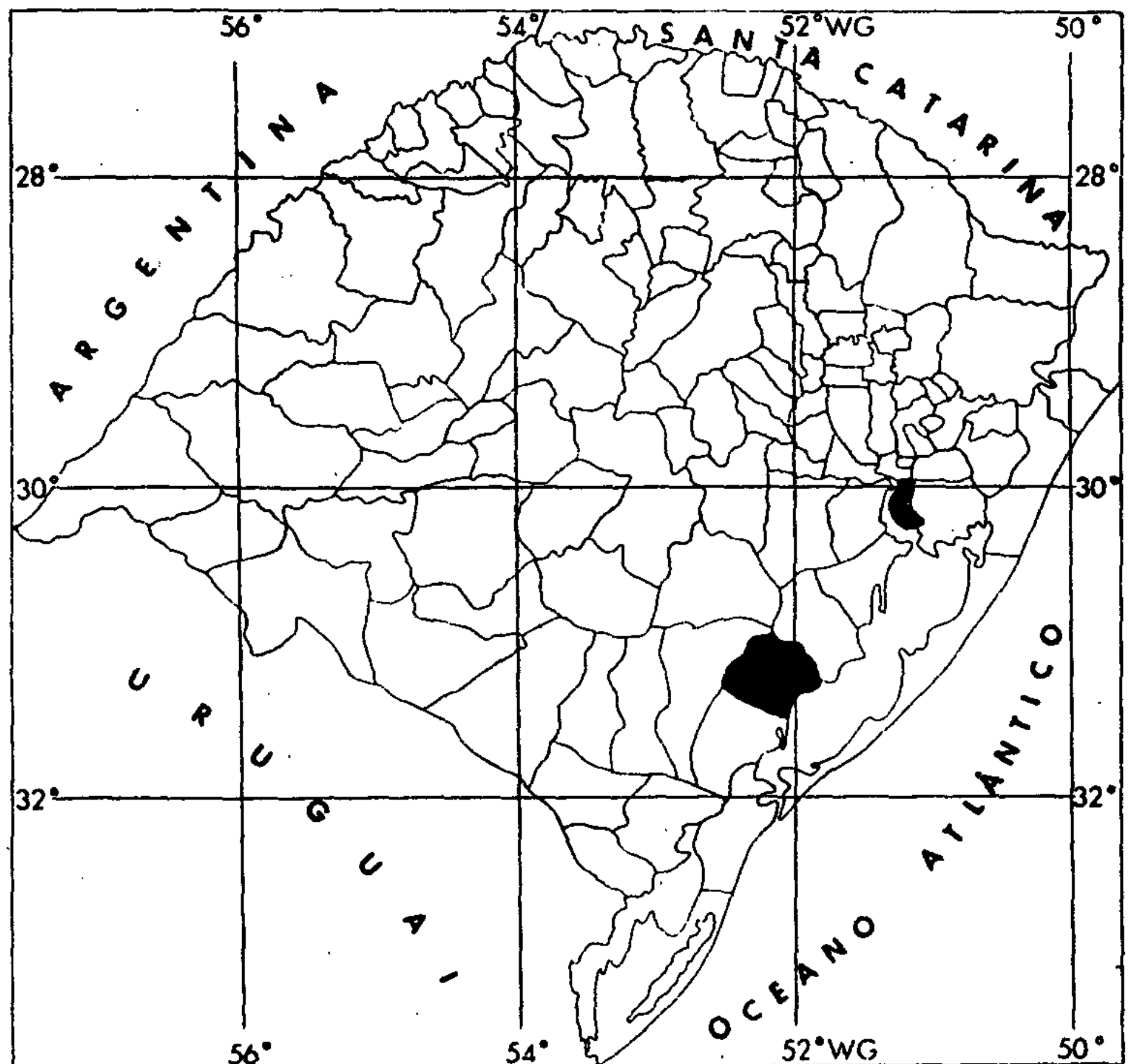
Jacob Rheingantz — Jacob Rheingantz, o fundador da Colônia de São Lourenço, nasceu a 9 de agôsto de 1817, em Sponhein, na Renânia, Alemanha. Chegou ao Brasil em 1840 mais ou menos, viajando, dos Estados Unidos, no Rio-Grandense, navio êsse que a firma Guilherme Ziegenbein adquiriu nos Estados Unidos, para fazer cabotagem entre os portos das cidades de Pelotas e Rio Grande. Pouco depois de sua chegada ao Rio Grande, transferiu-se para Pelotas, onde assumiu a representação da firma comercial Guilherme Ziegenbein. Em 9 de julho de 1848, casou-se com Dona Maria Carolina, filha adotiva de Guilherme Ziegenbein, tornando-se sócio da firma que representava. Rheingantz, desde sua chegada ao Brasil, tinha planos de colonização, daí o amadurecimento de suas idéias. Com o auxílio financeiro do lourenciano coronel José Antônio de Oliveira Guimarães, comprou em 30 de dezembro de 1856, do Govêrno Imperial, 8 léguas quadradas de terras devolutas pelo preço de meio real a braça quadrada, com o compromisso de dentro de cinco (5) anos dividi-las em lotes de cem (100) braças de frente por mil (1 000) de fundos (220 m x 2 200 m) e de estabelecer nessa terra 1 440 colonos de origem alemã, suíça ou belga. Rheingantz foi à Europa e pelo navio holandês "Thee Vrieden" trouxe a primeira leva de imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul em meados de janeiro de 1858, e a 18 do mesmo mês tomaram posse das terras, ficando essa data (18 de janeiro de 1858) como a da fundação da Colônia de São Lourenço. Faleceu em Hamburgo, na Alemanha, onde se achava em visita aos seus filhos estudantes, em 15 de julho de 1877.

Praça Barão do Rio Branco

POPULAÇÃO — Conta o município de São Lourenço do Sul 35 530 habitantes, localizando-se 5 350 na sede e .... 30 180 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-56). A densidade demográfica era de 15,45 habitantes por quilômetro quadrado. A população corresponde a 0,75% da total do Estado. Área: 2 299 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Lourenço do Sul e vila de Boqueirão.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Lourenço do Sul.....	1 051	9	226	257	67	794

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 31° 23' 20" de latitude Sul e 52° 04' 51" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo: S.S.W.; distância em linha reta da capital do Estado: 27 km. Altitude: 26 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rio Camaquã que limita o município com o de Camaquã, cuja barra na lagoa dos Patos forma um arquipélago, sendo as maiores ilhas: Santo Antônio, Vianês, Quebra Mastro e outras. Grande parte de lenha e arroz que o município consome e exporta provém daquelas ilhas. O outro é o arroio São Lourenço que desemboca na lagoa dos Patos e serve de pôrto de acesso a esta cidade. Os rios, pràticamente, não são piscosos, ainda

que o município, que limita a leste com a lagoa dos Patos, explore a pesca em grande escala, possuindo uma Colônia de Pescadores organizada. O município tem dois arroios que, pela sua grande extensão e volume de água, tornam-se importantes. Um dêles é o Arroio Grande que limita o município, ao sul, com o de Pelotas e o outro, o Evaristo que percorre o interior da comuna. O monte mais alto encontrado nesta região situa-se entre as cabeceiras dos arroios

Avenida Coronel Pedro Osório vista parcialmente

Inhuquira e Maenduava, na divisa com Cangussu e próximo a Boa Vista; mede 300 metros de altitude. Outras referências: A sede do município está situada à margem esquerda do Arroio São Lourenço, que desemboca na lagoa dos Patos e é navegável numa extensão de 3 000 metros, mais ou menos.

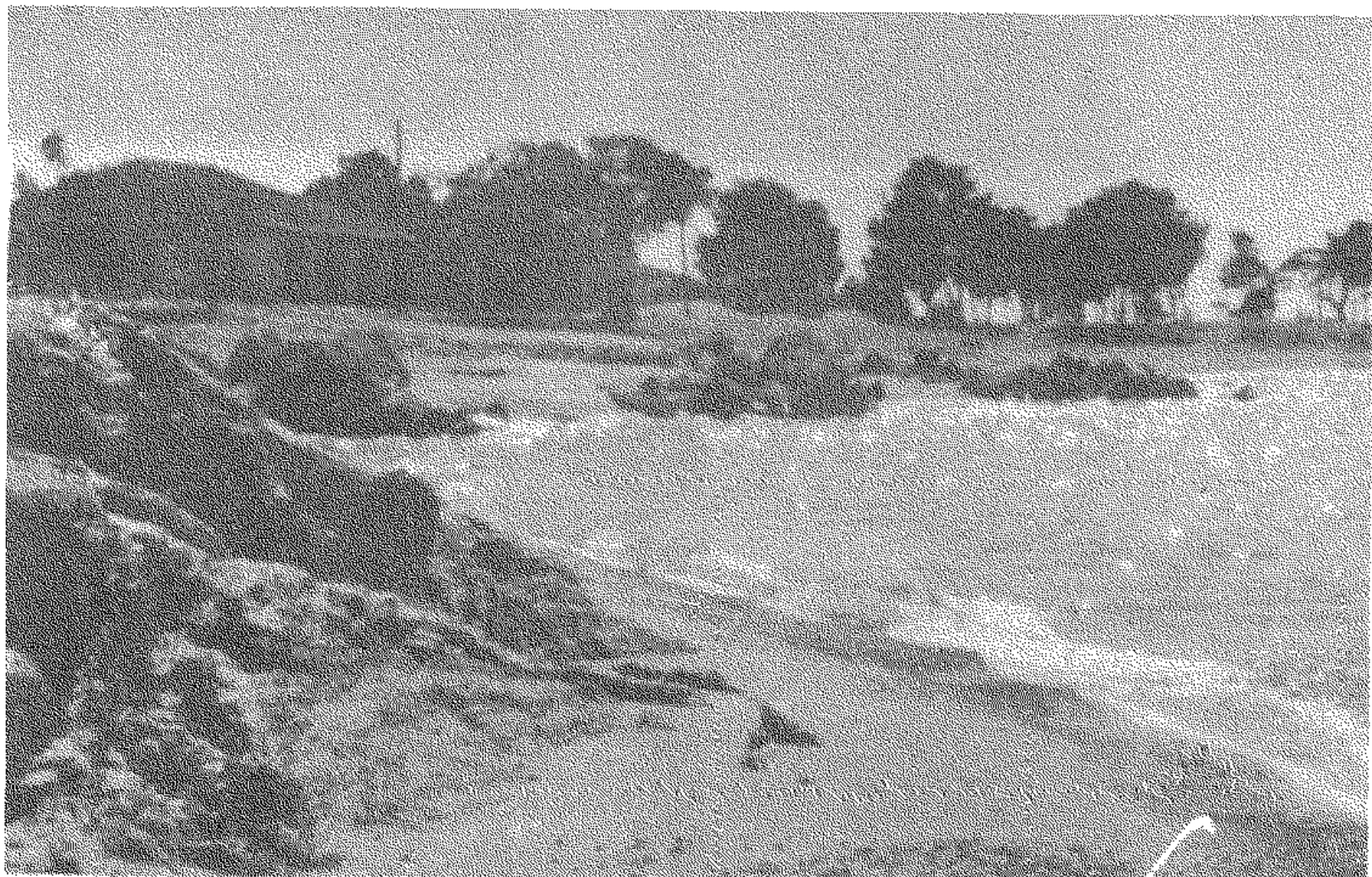
RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Pedras para construção. Madeira. Área das matas naturais: 14 362 hectares. Área das matas reflorestadas: 1 500 hectares.

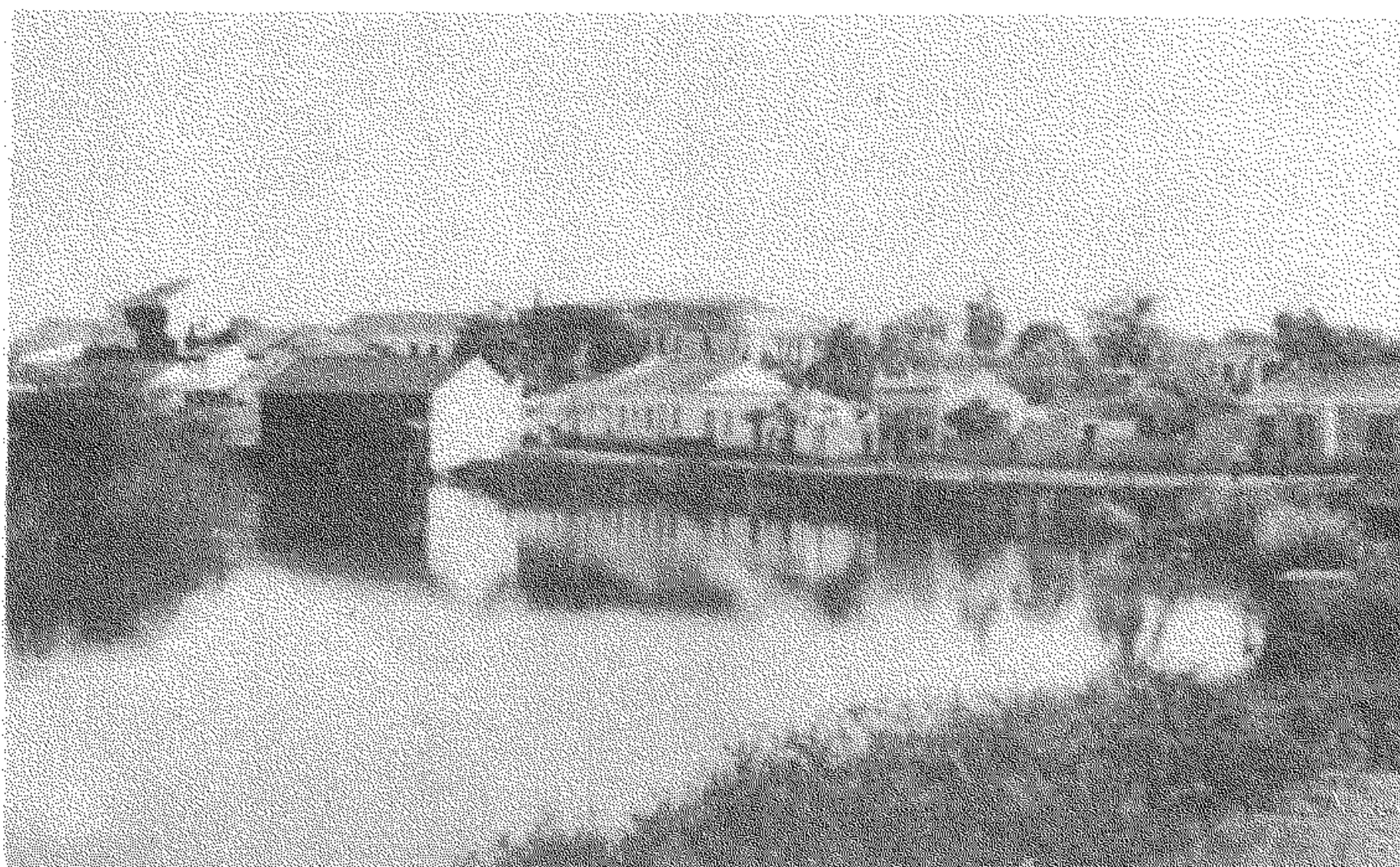
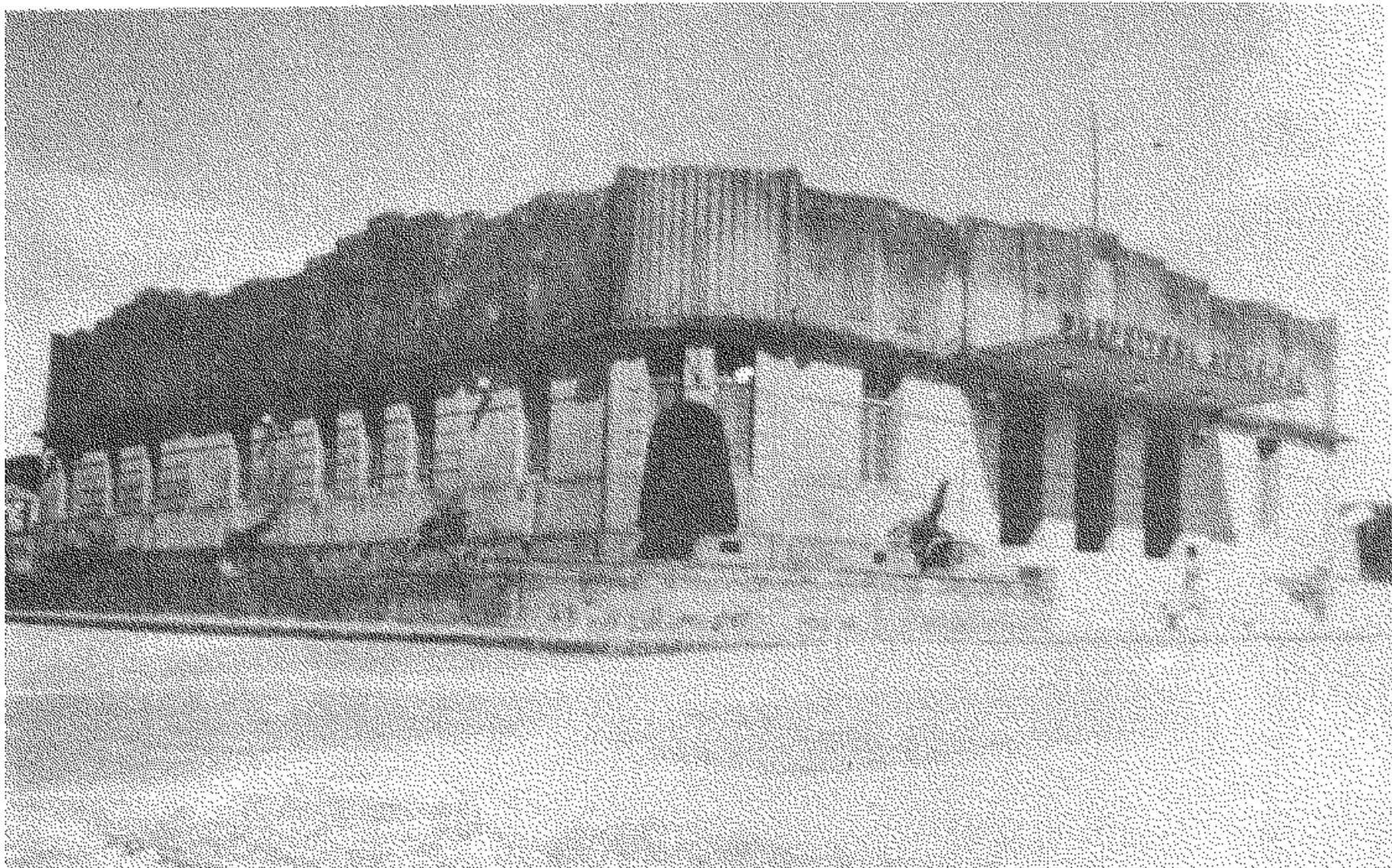
ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máximas: 24,0°C; mínimas: 11,2°C;

Vista do Balneário local, aparecendo ainda parte da Praça Carlos Othon Knüppen

compensada: 17,1°C. Precipitação anual das chuvas: .... 1 269,0 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Cangussu e Camaquã; ao sul: Pelotas e lagoa dos Patos; a leste: Camaquã e lagoa dos Patos e a oeste: Cangussu.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura, pelo seu desenvolvimento e extensão, situa-se em primeiro plano, na base econômica do município. As lavouras são regularmente mecanizadas; seguem-se os principais proprietários:

Vista pitoresca da praia local

NOME	*PRODUTOS CULTIVADOS*	*ÁREA ha*
Alfredo Borne	Arroz e milho	400
Ferreira Borne	Arroz	350
Jorge Kraft & Cia. Ltda.	Arroz	350
Nestor Jardim	Arroz	350
Suc. Afonso Tejada	Arroz	350
Candoca Ricardo	Arroz	350
João Thofern, Dr.	Arroz	200
Mário Divino Vargas	Arroz	200
Teodoro Henrique Schuch	Arroz	200
Raul Ayres Crespo	Arroz	250
Juvenal Barbosa da Cunha	Arroz	180
Raul Vieira Bento	Arroz, milho feijão	150
Bueno & Filhos Ltda.	Arroz	150
Antônio Curi	Arroz e trigo	120
Ferreira Mutti & Cia. Ltda.	Arroz	100
Antônio C. S. Ferreira	Arroz e trigo	100
Mário Edgar Soares	Arroz	100
Nilo Waldemar Lessa	Arroz	80
Rodolfo Carlos H. Schuch	Trigo e batatas	62
Entância Schild Ltda.	Trigo	50
Hilmar Hax	Trigo	60
Morães, Ribeiro & Cia. Ltda.	Arroz	200
Hilário Bueno de Oliveira	Arroz	50
Arthur Moreira	Arroz	40
Lourenciana Arroz Ltda.	Trigo	50
Hellwig & Cia.	Trigo	40
Aquilles Urtiga	Trigo	40
João Souza Coelho	Trigo	50
Silvio Vieira	Trigo	50
Otávio Germana Helwig	Batatas	40
Ary Carneiro da Rosa	Arroz e trigo	50

Vista do arroio São Lourenço

Prefeitura Municipal

Os principais centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Pelotas, Rio Grande, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	27 115	106 201
Batata-inglêsa	20 700	42 780
Milho	11 400	38 000
Batata-doce	19 000	17 100

Valor total da produção: Cr$ 243 845 050,00.

Avicultura — O município, apesar de não ter criadores organizados, é grande produtor de galinhas, cujas raças são: rhode, plimouth, gigante negra e sussex. Produz também, em regular quantidade, patos, marrecos e gansos. Há cêrca de 300 000 aves no município, valendo aproximadamente Cr$ 2 100 000,00.

Apicultura — Embora não contando com apicultores organizados, o município teve em 1956 sua produção de mel e cêra estimada em Cr$ 246 000,00.

Pecuária — A pecuária situa-se em segundo plano na economia local. Uma grande parte da produção é consumida no município. Os bovinos adquiridos provêm dos municípios de Cangussu e Camaquã, sendo vendidos em regular quantidade para Pelotas e Rio Grande. As principais raças criadas são: Bovinos — hereford, devon e zebu; Ovinos — romney e corriedale; Suínos — duroc-jérsei e macau; Eqüinos — árabe, inglêsa e crioula; Muares — crioula.

Ginásio Municipal, mantido pelo município, com auxílio do Estado

PRINCIPAIS CRIADORES	*NOME DO ESTABELECIMENTO*
João Luiz Bueno	Fazenda São João
Teodoro Henrique Schuch	Fazenda Divisa
Alfredo Born	Fazenda Pontal
Walter Thofern	Fazenda Sítio Margarida
João Barbosa da Cunha	Fazenda Arroio Grande
Mário Divino Vargas	Fazenda Carah
Antônio C. S. Ferreira	Fazenda Santo Antônio
Dora Kraft	Fazenda Santa Izabel
Ary Carneiro da Rosa	Fazenda Div. Arroio Grande
Augusto Ribeiro	Fazenda Santo Antônio
Boaventura C. Crespo	Fazenda Sapato
Estância Schild Ltda.	Fazenda Arroio Grande
João Sales Crespo	Fazenda da Figueira
Josué Crisante Soares	Fazenda da Figueira
João Soares Serpa	Fazenda Rincão do Escuro
Solidônio Serpa Filho	Granja Pontal
Erideu Soares	Granja Pontal
Darcy da Rosa	Fazenda Capão do Caverá
João Agripino Crespo	Fazenda Jacaré
Pio Soares Ferreira, Dr.	Fazenda Santa Izabel
Pedro Júlio Centeno	Passo do Evaristo
Raul da Silva Crespo	Fazenda Umbu
Walter Schuch	Banhado Grande
Clínio Soares Ferreira	Fazenda Pontal
Uliss Carneiro da Rosa	Fazenda Divisa

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	60 500	102 850
Eqüinos	13 500	13 500
Muares	100	120
Suínos	52 400	31 440
Ovinos	37 000	10 730
Caprinos	800	120

As pastagens existentes no município são naturais, sendo compostas de grama-forquilha e pastagens grossas.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	548 360	10 040 588,00
Carne verde de suíno	36 502	669 088,00
Carne salgada de suíno	1 900	26 600,00
Charque de suíno	4 516	57 432,00
Carne verde de ovino	13 167	105 336,00
Carne verde de caprino	240	1 920,00
Couro verde de boi, vaca e vitelo	73 332	417 992,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	23 823	328 757,00
Pele sêca de ovino	693	12 474,00
Pele sêca de caprino	12	180,00
Banha não refinada	13 076	364 130,00
Toucinho fresco	58 120	1 319 519,00
Toucinho salgado	5 470	144 760,00
Salsicharia a granel	14 178	367 118,00
Secundários	7 405	69 707,00
Total	800 794	13 925 601,00

Indústria — São Lourenço do Sul conta 175 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 433 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 134 201 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: Indústrias alimentares, 92,1%; Ind. da bebida, 0,6%; Ind. da madeira, 1,5%; Transf. de produtos minerais, 0,8%;

Couros e produtos similares, 1,3%; Ind. químicas e farmacêuticas, 2,8%; Vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,5%.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	*RAMO DE ATIVIDADE*
Willy Braecker	Curtume
Ind. Rio-grandense de Óleos	Óleo de linhaça
Timm & Cia. Ltda.	Peixe Salgado
Lorenzianarroz Ltda.	Arroz beneficiado
Sony Corrêa	Arroz beneficiado
Moraes Ribeiro & Cia. Ltda.	Arroz beneficiado
Kraft Ferreira & Cia. Ltda.	Arroz beneficiado
Kath & Cia. Ltda.	Arroz beneficiado
Ind. de Conservas Winke Ltda.	Conservas de peixe
Coop. Rizícola Lourenciana do Sul	Arroz beneficiado
Irmãos Ávila Ltda.	Arroz beneficiado

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	18
Ferragens e fazendas	1
Armarinhos	3
Móveis	1
Rádios, eletrolas e refrigeradores	6

O município mantém transações comerciais com as cidades de Pelotas, Rio Grande e Pôrto Alegre. Há duas agências bancárias: uma do Banco do Brasil S. A. e outra do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Pelotas — rodov. (68 km); Cangussu — rodov. (74 km); Camaquã — rodov. (89 km); Capital do Estado — rodov. (226 km), ou misto: a) rodov. (68 km) até Pelotas, e b) lacustre (196 km) ou aéreo (230 km). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita, daí ao Distrito Federal, veja Pôrto Alegre, ou misto: a) rodov. (122 km) até Rio Grande, e b) marítimo (1 614 km) ou aéreo (1 487 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de energia elétrica, pelo sistema termelétrico, inaugurado em 1914.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	41
Ruas	22
Avenidas	12
Travessas	2
Praças	5

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçados com paralelepípedos	3
Totalmente calçados com pedras irregulares	7
Totalmente ajardinados	2
Parcialmente ajardinados	2
Totalmente arborizados	4
Parcialmente arborizados	2
Arborizados e ajardinados simultâneamente	3

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	1 204
Zona urbana	1 163
Zona suburbana	41

O primeiro prédio residencial do município. Pertenceu às famílias Abreu e Guimarães

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 172
2 pavimentos	30
3 pavimentos	2

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	856
Residenciais e outros fins	112
Exclusivamente a outros fins	236

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	31
Número de ligações elétricas domiciliares	700
Número de focos para iluminação pública	250

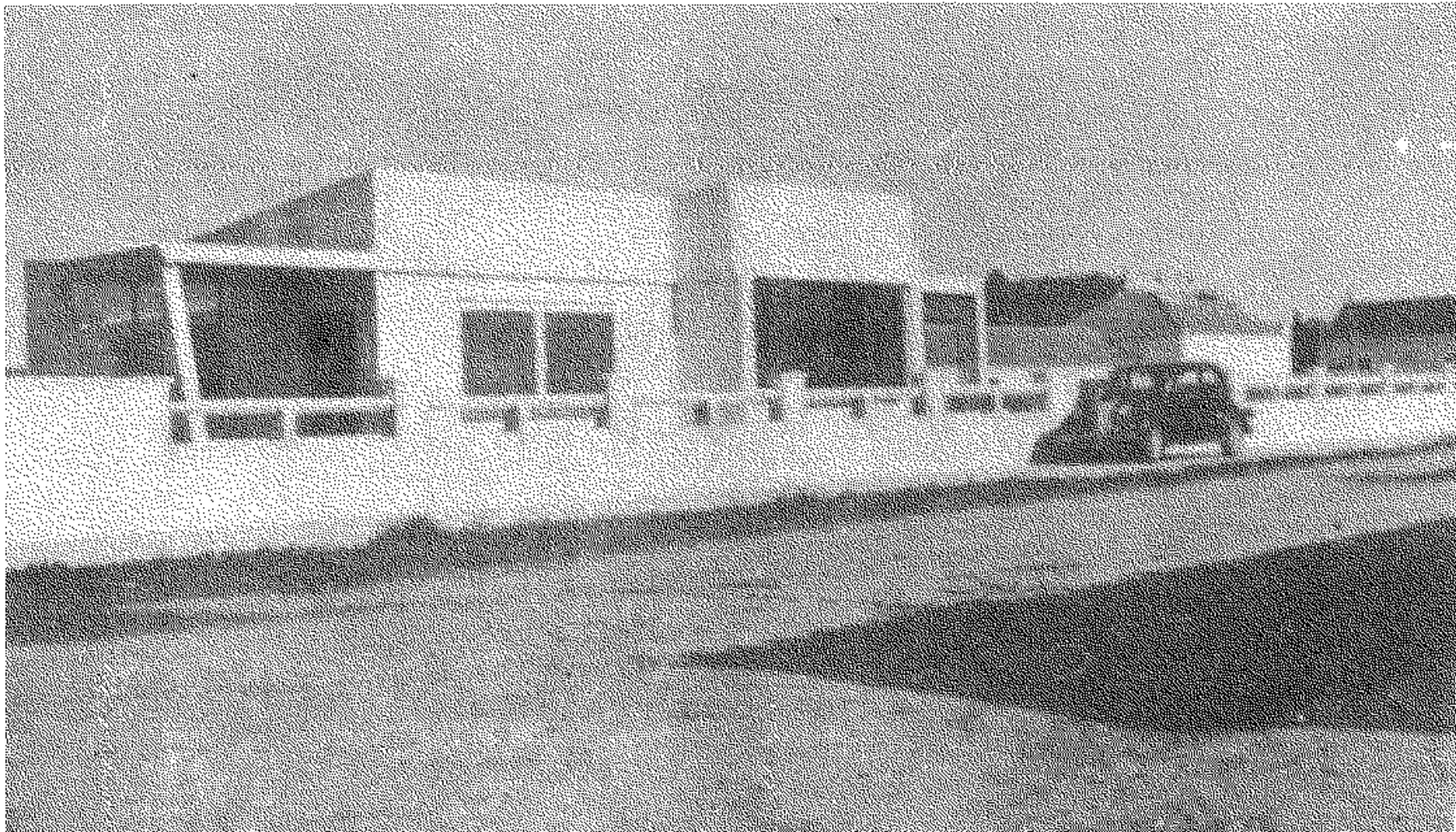
PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	300 534 kWh
Da sede municipal	295 134 kWh
Consumo p/iluminação pública	24 774 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	31 416 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	100
Taxa mensal cobrada — residências	Cr$ 100,50
Comércio e Indústrias	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma agência postal-telegráfica na sede e duas postais.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis e pensões: Hotel do Comércio, Hotel Avenida, Hotel Gaúcho, Nova Pensão Familiar e Pensão Dois Irmãos, sendo as diárias de Cr$ 120,00 a Cr$ 270,00 para casal e de Cr$ 60,00 a Cr$ 135,00 para solteiro.

Capitania dos Portos, na Rua Barão do Triunfo

Grupo Escolar Cruzeiro do Sul, situado na Rua 15 de Novembro

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros	
Automóveis	253
Ônibus	9
Camionetas	9
Motociclos	5
Total	276
Para transporte de cargas	
Caminhões	151
Camionetas	116
Cisternas	4
Tratores	63
Total	334
A fôrça animada para passageiros	
Carros de duas rodas	74
Bicicletas	72
Total	146
Para cargas	
Carroças de duas rodas	13
Carroças de quatro rodas	2 422
Outros	24
Total	2 459

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 68% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 53%. Em 1955, havia 65 unidades escolares do ensino primário fundamental comum, com 2 811 alunos matriculados. O município conta com 1 ginásio e uma unidade de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Há no município 1 semanário, 19 sociedades recreativas, 8 culturais, uma biblioteca de caráter geral (municipal), com 3 128 volumes, duas livrarias, uma editôra, uma estação de rádio, prefixo: ZYU-41, freqüência de 930 kc, potência de 250 watts, uma tôrre irradiante, potência de 250 watts na antena; 2 microfones, uma discoteca com 1 010 discos; emprega 14 pessoas. Um Cine-Teatro com capacidade para 550 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, totalizando 58 leitos, e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 1 443 enfermos, sendo 413 homens, 735 mulheres e 295 crianças. Há 1 aparelho de raio X diagnóstico, duas salas de operações, uma de partos, duas de esterilização e uma farmácia. Exercem a profissão 7 médicos e 9 dentistas.

PREVENÇÃO SANITÁRIA VEGETAL — Seis agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Quatro advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Um engenheiro residente.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª Entrância com 1 Juiz de Direito.

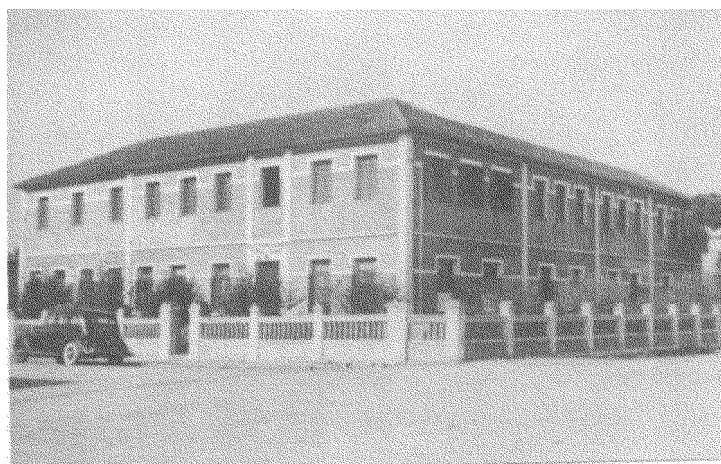
ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVA

de Produção	1
Total de sócios	69
Valor dos serviços executados	Cr$ 13 839 755,00

FESTEJOS POPULARES — O dia 20 de setembro, "Dia dos Farrapos", no Centro de Tradições Gaúchas Sepé Tiaraju é comemorado galhardamente: passeatas a cavalo, com gaúchos tìpicamente trajados, danças e cantos folclóricos do Rio Grande. As outras festas populares mais importantes são: as religiosas, nas seguintes datas: 2 de fevereiro — festa e procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, 10 de agôsto — festa com procissão de São Lourenço, Padroeiro da Cidade, e festa do Divino Espírito Santo.

CAMPO DE POUSO — Possui atualmente o município um campo de emergência, para pouso de pequenos aviões de treinamento, com pista de 600 x 400 metros.

MONUMENTO ARTÍSTICO E HISTÓRICO — Há no local denominado Picada do Moinho um monumento que é uma justa homenagem do povo lourenciano ao fundador da colônia, Jacob Rheingantz. O monumento é constituído de um obelisco com uma placa, contendo dizeres alusivos à biografia do homenageado.

Colégio N. S.ª Estrêla do Mar, mantido pela Congregação das Irmãs de Notre Dame

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — Conta o município com uma atraente praia balneária na lagoa dos Patos, onde está situada a Praça Dr. Carlos Othon Knüppen, ricamente embelezada pela sua arborização e ajardinamento, que tem sido objeto da visitação de grande número de turistas.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 345	3 356	2 333	941	2 877
1951	1 093	4 612	2 444	982	2 133
1952	1 503	5 277	3 638	1 426	3 306
1953	2 631	9 324	4 585	1 780	4 374
1954	3 647	9 693	4 561	2 154	4 969
1955	4 974	14 146	6 051	2 460	7 478
1956	5 441	18 752	9 721	3 772	11 503

SÃO LUÍS GONZAGA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Os primitivos habitantes da região, que constitui hoje o município de São Luís Gonzaga, eram os ameríndios do grupo Tape-Guarani, dóceis por temperamento e por isso mesmo mais suscetíveis de serem convertidos ao Cristianismo. Não obstante, revelaram dotes guerreiros, quando convocados para a defesa das suas terras e da coroa espanhola, como se verá mais adiante. A localização do território na fronteira com a Argentina e a índole pouco agressiva do selvagem da região favoreceram imenso o trabalho dos Padres da Companhia de Jesus. Assim é que, em 1626, a 3 de maio, o Jesuíta paraguaio Roque Gonzalez de Santa Crus transpunha o rio Uruguai e fundava a "redução" de São Nicolau, cêrca de duas léguas acima da foz do Piratini, afluente daquele rio. O têrmo redução significava "reduzir-se a povoado", ou melhor, aldear-se. Evidentemente, para que tal povoado cristão pudesse fundar-se, era preciso encontrar já ambiente favorável. Desta tarefa encarregara-se o cacique Nenguiru, que aliciava vários morubixabas da margem oriental do Uruguai. Conforme é sabido, a cristianização do gentio nas terras subordinadas à Espanha começara muito antes, e aqui não era mais que o prosseguimento daquela missão. São Nicolau é, assim, a mais antiga redução jesuítica do Rio Grande do Sul. Os Jesuítas portuguêses já haviam percorrido o litoral do território continentino, desde os albores do século, mas sem fixarem residência em nenhum lugar, devido à hostilidade dos bandeirantes, que ali apareciam para cativar carijós. Ao ser criada, São Nicolau possuía 280 famílias. A prosperidade rápida permitiu que em pouco tempo chegasse a ter 5 000 almas. Uma das características dos ameríndios era sua total imprevidência. Daí o fato de logo de início ter havido muita fome. Acostumado a alimentar-se com a caça e a pesca, não se sujeitavam fàcilmente ao trabalho da lavoura. Pouco a pouco, porém, se foram habituando à vida regular da redução. O seu primeiro cura foi o Padre Miguel de Ampuero. Vieram depois os Padres Afonso de Aragona, Adriano Crespo, Vicente Badia e Silvério Pastor, permanecendo, no entanto, só êste último. À São Nicolau do Piratini suceder-se-iam várias outras. A 2 de fevereiro de 1672, o Padre Roque Gonzalez fundava, ao norte do Piratini, a redução de Nossa Senhora da Candelária, que ficou a cargo do Padre Pedro Romero e, posteriormente do Padre Manuel Bertot. Desenvolveu-se ligeiro, chegando em seguida aos 7 000 habitantes. A 15 de agôsto de 1628 fundava, junto com o Padre Juan Del Castilho, Assunção, à margem direita do Ijuí, perto do salto do Pirapó; e, finalmente, a 1.º de novembro, em companhia do Padre Afonso Rodrigues, a redução de Todos os Santos do Caaró, tendo por orago os 3 mártires do Japão: S. Paulo Miki, S. João de Goto e S. Diogo Chisai.

Entretanto, irritado com a pregação evangélica dos Jesuítas, o pagé-mor Nheçu do Pirapó e outros conspiravam para assassiná-los e destruir-lhes a obra de catequese. A oportunidade surgiu quando o Padre Roque González levava a têrmo os trabalhos da capela. Antes de erguer o campanário, que era um pau de 17 metros, o Padre, inclinado, amarrava a corda ao badalo do sino, quando o índio Maranguá desfere-lhe no crânio violento golpe de itaiçá (clave de pedra), prostrando-o mortalmente. Acode o Padre Afonso Rodríguez, que também é morto em seguida por outros amotinados. Feito isto, saqueiam a capelinha, queimam-na, jogam o cadáver do Padre Roque no fogo, arrancam-lhe o coração, crivam-no de flechas e o atiram ao fogo (um coração encerrado em uma urna, atualmente em Buenos Aires, é objeto de veneração por parte dos fiéis, que o consideram como o próprio coração do mártir). Mas, a trama continuava. Mortos os Padres González e Rodríguez, os conspiradores vão até Assunção do Pirapó. Lá chegados, lançam-se de inopino sôbre o Padre Juan del Castilho, ferem-no e o amarram com cipó e, assim, o arrastam até junto à margem do Ijuí. A seguir, atacam São Nicolau, que é defendida pelos recém-conversos, dirigidos pelos Padres Afonso de Aragona e Francisco Clavijo. Conseguem incendiar a igreja, mas encontram tenaz resistência, e recuam. Entrementes, a notícia da conspirata chegava a outras aldeias. Em Nossa Senhora da Candelária, os catecúmenos encolerizados querem castigar os assassinos, a todo custo; mas o Padre Romero consegue dissuadi-los, pedindo-lhes, porém, que tragam apenas o corpo do Padre Roque, o que fazem após a derrota dos sublevados. Logo depois, esta redução sofre o ataque dos sediciosos, que fracassa graças à energia do Padre Romero, que chega a prender os principais assassinos dos Padres Roque e Afonso. Para enfrentar a situação, os Padres convocam os caciques cristãos.

Capela do Caaró, construída no local em que foram martirizados pelos índios os Padres Jesuítas Roque González, Afonso Rodrigues e João de Castilhos

Porta da Capital da Redução de São Nicolau, a mais antiga dos Povos das Sete Missões

Nicolau Nenguiru, com 200 índios, apresenta-se aos Padres Diogo de Alfaro e Tomás de Ureña. O cacique dirige-se para Pirapó, onde se encontrava o chefe da revolta, Nheçu. Faz junção com o refôrço de 7 castelhanos, vindos da outra margem do Uruguai, a mando do capitão português Manuel Cabral de Alpoim. Vão, em seguida, ao encontro das fôrças de Nheçu, inflingindo-lhes uma derrota completa e prendendo os cabeças do movimento.

Ia a obra da Sociedade de Jesus em franco desenvolvimento, quando surge à vista um terrível inimigo: o bandeirante paulista. Tendo já incursionado em outras zonas do leste, apresentava-se êle agora nas reduções do Ijuí e Piratini. Em começos de 1683, a bandeira de Francisco Bueno, naquela altura comandada pelo irmão mais môço, capitão Jerônimo Bueno e pelo capitão André Fernandes, investe contra as reduções de S. Carlos, Todos os Santos, Candelária e São Nicolau. Nesta há um sangrento combate em que os catecúmenos são totalmente derrotados. Destruída Candelária, aí constroem uma paliçada os bandeirantes de Francisco Paiva e João Pedroso, onde recolhem os índios preados. A invasão bandeirante nas Missões Orientais levou o Bispo de Buenos Aires a excomungar os sertanistas lusitanos. Tal decisão é comunicada ao Padre Alfaro que, juntamente com a Padre Romero, vão, a 25 de fevereiro de 1639, levá-la ao conhecimento dos bandeirantes, entrincheirados na paliçada. Alfaro, em voz alta, os intima a deixar o território, sob pena de excomunhão. Paiva e Pedroso não só ignoram a excomunhão como ridicularizam as intimações que lhes tinham sido enviadas, sendo então formalmente excomungados. Os Padres José Doménech, Luis Ernot e Francisco Jiménez voltam à presença dêles para comunicar-lhes novamente a pena, ao que retrucam alguns que apelariam. Uma terceira proclamação de excomunhão encontra o fortim vazio — os portuguêses se haviam retirado, levando consigo 2 000 índios cativos.

Com a chegada de várias bandeiras, tais como as de Raposo Tavares, André Fernandes, Fernão Dias Pais, Jerônimo Pedroso de Barros e outras, foram os aldeamentos jesuíticos recuando para oeste, até à região ribeirinha do médio Uruguai; e, finalmente, transpondo êste rio, refugiaram-se em territórios da Coroa espanhola (1639). Aí depararam os Padres com uma barreira intransponível — o apêgo do gentio à terra. Apesar de tôda a ascendência que exerciam, o tape recusava-se a emigrar. E o resultado foi que os remanescentes se expuseram ao grave risco de cair no cativeiro bandeirante. Desta maneira, encerrava-se o primeiro ciclo da civilização jesuítica no Rio Grande do Sul. Nesta fase, sacerdotes como os Padres Roque González, Marcial de Lorenzana, José Cataldino, Simão Masseta, Antônio Ruíz de Montoya, Pedro Romero, Francisco Díaz Taño, estudam a funde a língua do amerígena, deixando-nos várias obras de saber lingüístico, preciosas ainda hoje. Nesta fase incipiente, não houve pròpriamente uma pecuária desenvolvida — embora já se tenham introduzido, isoladamente, as primeiras reses, como se verá a seguir — mas uma rudimentar lavoura de subsistência.

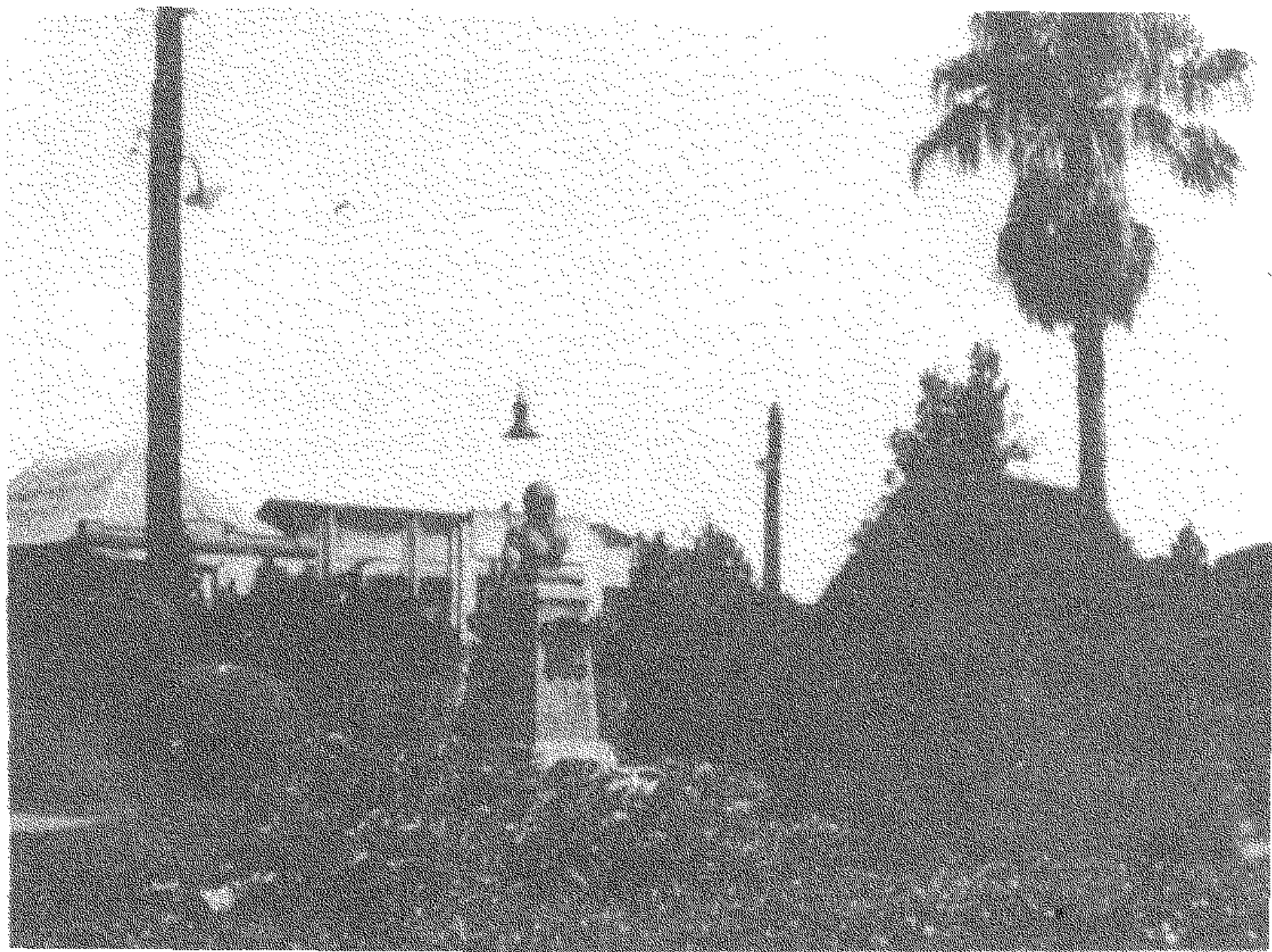
Assinala 1630 a época mais recuada da chegada de gado ao Rio Grande do Sul. Trata-se de caprinos e lanares, introduzidos, na verdade, em pequena quantidade. Trouxe-os o Padre Vicente de Badia de Buenos Aires, por incumbência do infatigável Padre Romero. Sua intenção era, entre as demais, obter matéria-prima para fiação. Três anos mais tarde entram algumas poucas vacas de leite e bois de carrêta. Estas reses não se destinavam ainda à reprodução. Mas cabe ao ano de 1634 a introdução do gado com a finalidade precípua de criação. Fê-lo o Padre Cristóvão de Mendoza, por ordem Superior do Padre Romero. Calcula-se em 1 500 cabeças os bovinos trazidos por êle de Corrientes. Juntos vieram também algumas dezenas de éguas e uns poucos garanhães, que ficam em São Nicolau; e mais ovelhas e porcos na redução de S. Miguel. Recomendações da Ordem mandam que êsse gado distribua-se equitativamente entre tôdas as reduções, cabendo cêrca de 99 reses para cada uma; e que se proíba ao catecúmeno abater as vacas antes de uma conveniente multiplicação. Dois anos depois de o Padre Cristóvão de Mendoza ter trazido a primeira tropa, já se avaliava em 5 000 o número de cabeças existentes nas Missões do leste. Encontrando boas pastagens e em extensão considerável, o gado reproduziu-se ràpidamente, espalhando-se por todo o território rio-grandense. A introdução do gado modificou radicalmente os hábitos de vida do guarani. Apreciando imenso a carne de vaca, êle abandona seu antigo costume de prover à própria subsistência através da caça e da pesca. Por outro lado, revela-se exímio cavaleiro, montando de um lado do animal, de maneira a ficar oculto e, assim, poder surpreender o inimigo (guaicurus). Passa a servir-se também da terrível boleadeira. Em 1644, época em que as reduções estão transformadas em taperas, o Provincial, Padre João Batista Ferrufino, manda transportar mais alguns milhares para as Missões, sempre com a recomendação de permitir-se ao gado reproduzir livremente. Por aí se vê que o índio recorria muito freqüentemente à matança dos animais, denominados chimarrões, isto é, selvagens, dirigindo-se, com êsse fim, às vacarias, locais onde se concentravam grandes manadas. Depoimentos da época avaliam em 15 000 as reses da região missioneira. Que gado era êsse que o Padre Cristóvão de Mendoza trouxera para o lado de cá do Uruguai? Descendia do gado vicentino, isto é, do gado introduzido em São Vicente por Martim Afonso de Souza, aí por volta de 1533. Dêste vicentino foram transportadas algumas reses para o Paraguai, onde se multiplicaram, e um século depois era introduzido pelos Jesuítas no Rio Grande

do Sul. Era bom de corte, mas de pouco leite; ossudo e de chifres compridos. Quanto ao eqüino, que daria origem ao cavalo crioulo-gaúcho, proveio da Argentina, e não era outro senão o árabe-andaluz, importado da Espanha.

Forçados a abandonar as Missões Orientais, nem por isto os inacianos se deram por vencidos. Voltaram à obra de catequese no Rio Grande do Sul meio século depois, que, diante das investidas bandeirantes (1635-1641), passou a ser a sua preocupação principal. Considerem-se, por exemplo, as recomendações do Padre Ferrufino, sôbre a utilização do gado que, aliás, se reproduzia sem entraves. Além do mais, o impreciso Tratado de Tordesilhas não tinha mais vigência e as terras continuavam contestadas. Já em 1657 o Governador do Paraguai, D. João Blásquez de Valverde concedia uma estância na região do Ijuí aos índios subordinados ao cacique D. Tomás Potira. Nela o Padre Gallego cultiva os primeiros pés de cana-de-açúcar. É a época em que se estabelecem as grandes fazendas jesuíticas. A de São Miguel, v.g., tinha 40 x 20 léguas e chegou a ter duzentas mil reses. Por essa época, plantam-se os primeiros ervais. É que, viciados em tomar a infusão de erva-mate, os guaranis dispunham-se a longas caminhadas para consegui-la, com grande prejuízo da obra religiosa. As mudas foram trazidas das regiões em que a planta medrava naturalmente e transplantadas para locais próximo dos povoados. Depoimento do brigadeiro Veiga Cabral, que visitou a região em 1789, relata a existência de extensos ervais, cultivados com muita ordem.

A 2 de fevereiro de 1687, fundava-se novamente São Nicolau, com cêrca de 3 000 indígenas, provenientes da planície argentina. Muitos dêles regressavam. Traziam os apetrechos que puderam e trataram logo de recuperar as taperas. Dedicam-se, então, à lavoura e às artes. Depois de um ano de intenso trabalho de recuperação, abateu-se sôbre o povoado um furacão que o destruiu, ao qual se seguiu uma chuva de granizo de tamanho descomunal, que dizimou grande parte do gado. A má sorte parecia persegui-los, pois que, no ano seguinte, um incêndio, partindo de uma casa de palha, destruía a igreja, a casa do cura e a maior parte do lugarejo. Passadas, porém, essas adversidades, a novel "doutrina" — como, então, se passaram a chamar as reduções — entrou a prosperar. Instalaram-se olarias e carpintarias, demarcaram-se as ruas, refizeram-se as casas. O templo parece ter sido majestoso, a julgar pelo testemunho do Padre Antônio Sepp, de cujo altar diz ter custado mil pesos e no qual se empenharam os mais hábeis escultores. Era decorado com muitas imagens, possuía altar de talha e dois retábulos. Não se sabe com exatidão quem teria sido o fundador de São Nicolau, nesta etapa; o certo, porém, é que foi o Padre Anselmo de La Mata que construiu a igreja. São Nicolau torna-se o mais populoso e o que tem os maiores rebanhos de gado. Em 1732, a população atinge 7 751 almas. No período que vai de 1 690 a 1 707, batizaram-se 2 054 pessoas. Em 1768 contava 20 376 vacuns; 1 031 cavalares; 195 muares e 18 471 ovinos. No fim do século XVIII, durante uma epidemia de varíola, êste povo foi o mais atingido, havendo grande mortandade. No mesmo ano de 1687, o Padre Miguel Fernández criava o "povo" de São Luís Gonzaga, com índios da redução de Conceição (margem direita do Uruguai). Daqui saíram 2 500 gentios que se estabeleceram à margem do Chimbocu, afluente do Piratini, próximo à atual cidade. Descendiam dos das reduções do Tape, S. Joaquim e Santa Teresa. Em 1707 possuía 3 997 habitantes; durante o ano realizaram-se 77 casamentos e foram feitos 263 batismos. De 1690 a 1707 fizeram-se 1 341 batismos. Em 1732, São Luís Gonzaga se eleva a 6 182 habitantes. Em 1762 as estâncias da doutrina dispunham de 7 579 bovinos, 838 eqüinos, 174 muares e 1 966 lanares. Ao Padre Fernández sucederam os Padres Francisco de Avendaño e Francisco Medrano, todos naturais de Assunção e grandes conhecedores do idioma guarani. Em 1690 era fundado, pelo Padre espanhol Bernardo de La Vega, São Lourenço Mártir, com 3 512 ameríndios, vindos de Santa Maria, também na Argentina. Situava-se entre o Ijuí e o Piratini, próximo ao Uruguàzinho, a meia distância entre São Luís Gonzaga e São Miguel Arcanjo. Testemunhas da época dão como muito desenvolvida a agricultura da doutrina, em cujos misteres preponderavam as mulheres, dedicando-se os homens à construção de casas e templos. As principais culturas eram as do milho, mandioca e grãos. Dados da Companhia de Jesus dão para o ano de 1707 — 4 519 habitantes, 283 batismos e 96 casamentos. No período 1690-1707, foram à pia batismal 1 218 catecúmenos; em 1732 a população sobe a 6 513 almas. No que se refere à pecuária, São Lourenço Mártir registrava 4 824 cabeças de gado vacum; 441 cavalos; 67 muares e 1 056 ovelhas. Teve, como curas, além do mencionado Bernardo de La Vega, os padres Francisco Xavier Limp, Miguel Fernández, que viera de São Luís Gonzaga, Paulo Cano e João Maria Pompeyo, êstes últimos espanhóis. Com a fundação dêstes povoados e mais os de São Francisco de Borja (município de São Borja), São Miguel Arcanjo, São João Batista e Santo Ângelo (município de Santo Ângelo), estavam criados os chamados "Sete Povos das Missões", que assinalam a idade de ouro da sociedade jesuítica plantada na América.

Evidentemente, o objetivo central dos sacerdotes era a conversão do gentio e a êste objetivo tudo estava subordinado. Êles tiveram de tratar com material humano que se caracterizava pela ingenuidade, indolência e imprevidência. Foi considerando tudo isso que organizaram um tipo de sociedade, que só encontra alguma semelhança nas primitivas comunidades cristãs. A autoridade civil era exercida pelo Cabildo, composto de 1 Corregedor, 2 Alcaides-mo-

Parte da Rua Venâncio Aires, em que aparecem o edifício da Prefeitura Municipal e a Igreja-Matriz em construção

Praça da Matriz, vendo-se ao centro a herma do Senador Pinheiro Machado

res, 1 Tenente-Corregedor, 1 Alferes Real, 4 Regedores, 1 Aguazil-mor, 1 Alcaide da Irmandade, Procurador e Escrivão. Êsse Cabildo era eleito anualmente, efetuando-se a eleição no dia primeiro do ano. A posse, presidida pelo Padre, era solene, realizava-se junto à igreja, e, durante o cerimonial, de posse de cada eleito, fazia-se ouvir a banda de música. Na realidade, porém, a alma e cabeça de tudo era o Padre Cura e o Padre "Companheiro". As demais dignidades eram de efeito festivo. Encontrando, em rudimentos, um princípio de nobreza hereditária, que eram os caciques, trataram de desenvolvê-lo. Premiavam os caciques que se distinguissem na defesa da religião — na paz ou na guerra — com o título de "Dom" e com a nomeação de Chefes de Grupos de Famílias. Êstes chefes constituíam a casta superior. Seguiam-se-lhes os denominados *oficiais* mecânicos, que também eram considerados classe superior — ferreiros, carpinteiros, etc... Cada classe tinha o seu alcaide, sendo que o das mulheres eram os anciães. Nas escolas, cujos professôres eram índios com o mínimo de conhecimentos necessários e com natural vocação para o ensino, aprendia-se leitura, rudimentos de aritmética, música e danças religiosas. As artes sacras, juntamente com o espetáculo dos templos, magnìficamente adornados, eram a melhor maneira de penetrar-lhes o espírito primitivo e pouco inclinado à religiosidade. Daí a importância que tiveram na catequese. As línguas ensinadas eram rudimentos do espanhol, latim e guarani, êste sistematizado em gramática e dicionário, pelos Padres. Os ameríndios tinham elevado talento imitativo em tôdas as artes, mas eram incapazes de criar. Revelaram-se excelentes copistas, a ponto de não se distinguir entre o texto original e a reprodução. Tocavam impecàvelmente violino, órgão e outros instrumentos. As bandas compunham-se de 30 a 40 figuras, divididas em violinos, chirimias (uma espécie de oboé), violão, harpa, clarim e órgão. A maior parte da terra pertencia à comunidade; constituía o Tupambaé (*tupã* = Deus; *mbaé* = = coisa ou propriedade), no qual todos eram obrigados a trabalhar, inclusive os caciques. Ao lado do tupambaé havia a lavoura individual — o ambabaé (*mbá* = índio, *mbaé* = = coisa). Às terras comunais pertenciam as estâncias de gado e os ervais, e nelas o trabalho era compulsório aos sábados e segundas-feiras, durante seis meses. Da colheita do tupambaé, uma parte era distribuída como semente, aos que tinham tido más colheitas, outra, era dividida entre os incapazes de se sustentarem; e outra parte, ainda, era reservada para os viajeiros e hóspedes. O restante se repartia entre os membros da comunidade. De algodão colhido, uma parcela se destinava ao vestuário da população; a outra era trocada, em Buenos Aires e Santa Fé, por panos, ferramentas e adornos para as igrejas. Conforme se disse, os guaranis eram indolentes e imprevidentes. Só trabalhavam sob a ameaça do chicote. As rações de cereais eram-lhes fornecidas aos poucos, todos os dias, porque, do contrário, por-se-iam a comer enquanto tivessem alimento e não trabalhariam mais. Além disso, só assistiam regularmente aos ofícios religiosos enquanto bem alimentados. Se não tinham o que comer, saíam a perambular à procura de alimento. Os Jesuítas procuravam, pois, lhes incutir hábitos de trabalho desde os 7 anos. A base da alimentação era a mandioca, da qual faziam pão. Cultivavam ainda: milho, batata, legumes e grãos, os quais, junto com a carne de vaca, constituíam sua dieta habitual. Além dos agricultores, havia, como se viu, os *oficiais* mecânicos, que formavam uma casta superior. O número de ofícios era grande: sapateiros, tecelões, pintores, escultores, chapeleiros, alfaiates, ferreiros, fundidores, etc. O vestuário consistia em camisa, colête, ceroulas, calções e poncho. Detestavam o uso do calçado, do qual só se serviam em momentos solenes. A comunidade era regida por um código, denominado Regulamento Geral das Doutrinas, que prescrevia os direitos e os deveres de seus membros. A quem o violasse se cominavam penas, que iam de três meses de reclusão, com grilhetas e açoites, até prisão perpétua para os casos de homicídio. Os caciques, corregedores e alcaides tinham imunidades, só podendo ser presos por ordem do Superior. A assistência religiosa era exercida em cada povo por dois Padres — o Cura e o Companheiro. Havia-os das seguintes nacionalidades: espanhóis, argentinos, paraguaios, alemães, austríacos, boêmios, húngaros e italianos.

O ano de 1732 marca o apogeu dos Sete Povos. Sua população se aproximava de 30 000 habitantes e suas estâncias chegaram a abrigar um milhão ou mais de cabeças de gado; fundia-se o ferro e o bronze (pela 1.ª vez na América). Os templos — que podemos avaliar pelas ruínas e esculturas, existentes ainda hoje — eram magníficos. Mas havia os compromissos com a coroa espanhola... Uma série de convocações para a defesa de Montevidéu, atacada pelos minuanos sublevados; hostilidades da Colônia do Sacramento; guerra dos "Comuneros", no Paraguai (2 000 conscritos); a pacificação do Paraguai (6 000 convocados), e epidemias — fazem diminuir a população para 21 106 em 1740. Passadas essas refregas, retornam à vida normal. Mas em 1750 era assinado o Tratado de Madri, que fixava os limites entre Castela e Portugal. De acôrdo com o referido tratado, as terras a leste do rio Uruguai — onde estavam os Sete Povos — ficariam pertencendo a Portugal. Era um golpe mortal na obra da Sociedade de Jesus. Em novembro de 1752 chegava o Padre Luís de Altamirano, encarregado de executar a transmigração dos Sete Povos para as terras de Espanha, em cumprimento a uma das cláusulas do acôrdo. Os loiolanos representaram ao Padre Comissário a impossibilidade da transmigração, dado o apêgo invencível do guarani a seu torrão natal e às regiões

desertas para onde deveriam emigrar. Mas Altamirano conseguiu persuadir os curas de São Luís Gonzaga e São Lourenço Mártir a fazer a mudança. Conforme o combinado, o povo de São Luís iria para um lugar próximo da lagoa Iberá e o de São Lourenço voltaria para Santa Maria, ambos lugares em território argentino. De qualquer maneira, tentaram os Jesuítas uma transmigração em massa; mas, como da primeira vez, encontraram no índio uma obstinada resistência em abandonar a terra. A população dirige ainda um último apêlo ao Governador de Buenos Aires, através de um ofício, no qual invocam a sua fidelidade ao rei de Espanha, dizendo que sempre que êste os convocou para a luta, êles atenderam prontamente. Como queria agora, os privar de morar na terra que era dêles e onde sempre viveram? Concluíam advertindo que iriam à luta, se preciso fôsse. Êste apêlo foi inútil, pois que, em 1753, desconfiando de alguma barganha, revoltam-se e não mais atendem aos pedidos de moderação dos padres. Dá-se em 1756 a chacina de Caiboaté (município de São Gabriel), em que 1 500 índios missioneiros são trucidados. Já em franca rebelião constroem paliçadas; têm uma série de escaramuças com os demarcadores; chegam a organizar uma fôrça de 4 000 homens; lutam desesperadamente, mas são vencidos pelo exército luso-hispânico. Na retirada incendeiam casas e igrejas. Mais ou menos por essa época, começaram a surgir fábulas em tôrno do Império Teocrático Guarani, lendário reino dirigido espiritualmente pelos Jesuítas e que teria como Rei Nicolau Nenguiru, de uma dinastia de caciques.

A 3 de setembro de 1759, Pombal expulsava os Jesuítas do reino e das colônias portuguêsas. Outro tanto fazia a Espanha em 1767. Os Povos foram os últimos a executar essa decisão. São Luís ainda protestou, embora inùtilmente. Pô-la em prática Francisco Bucareli, Governador de Buenos Aires, que os acusou de terem explorado os índios, fazendo-os trabalhar para a Ordem. Bucareli dividiu as Missões em duas partes — a Ocidental e a Oriental —, escolhendo para Administrador Geral desta D. Francisco Bruno de Zavala. Nomearam-se, então, para cada Povo, um administrador e dois Curas. Para São Nicolau foram dominicanos; para São Luís Gonzaga, franciscanos; e para São Lourenço, mercedários. Êstes frades, seja porque não souberam conquistar a confiança do gentio, seja porque não lhe conheciam a psicologia, nem a língua, perderam o comando espiritual da família guarani, exercido com tanta plenitude pela Companhia de Jesus. O resultado foi a perda da disciplina, a decadência dos costumes, a volta de velhos vícios, acrescidos agora aos do branco: indolência, embriaguês, prostituição, desordens... Some-se a tudo isto ainda os conflitos de jurisdição entre clérigos e administradores. Assustado, tenta o Govêrno de Buenos Aires uma reforma na administração, que, no entanto, se mostra ineficaz (observe-se que as desinteligências entre os reinos ibéricos haviam anulado o Tratado de 1750). Os índios começavam a dispersar-se, rumo às estâncias e aos matos...

Em 1801, Borges do Canto e Santos Pedroso, num golpe de audácia, incorporavam, definitivamente as Missões Orientais ao reino de Portugal. Findava, assim, a experiência sócio-religiosa da Companhia de Jesus, que durara quase dois séculos.

Conquistada para a Coroa lusitana a extensa região denominada Missões Orientais, tratou-se de criar uma autoridade para as administrar e defender. Foi instituída a Comandância Geral das Missões, a cargo de um oficial do exército, com amplos podêres, inclusive para a concessão de sesmaria. Essa Comandância, que foi exercida inicialmente em São Miguel (município de Santo Ângelo) e São Nicolau, passou depois para São Luís Gonzaga, naquela época capital das Missões e o "Povo" mais populoso e bem edificado. Os seis primeiros Comandantes-Gerais foram: o sargento-mor José de Castro Morais, o coronel José Saldanha (duas vêzes), o coronel Joaquim Félix da Fonseca Manso, o tenente-coronel João de Deus Mena Barreto e o coronel Tomás Costa. O sétimo Comandante, que teve destacada atuação nas guerras de fronteira, foi o coronel Francisco Chagas Santos (mais tarde marechal) que em 1810, mudou a sede para São Borja. Isto foi um rude golpe para o desenvolvimento de São Luís. Com efeito, havendo em tôda a Capitania apenas quatro municípios, decidiu a Côrte do Rio de Janeiro criar o município de São Luís da Leal Bragança, com sede no Povo de São Luís Gonzaga e cuja jurisdição compreenderia todo o território recém-conquistado. Mas, transferida a Comandância para São Borja, São Luís definhava ràpidamente. De sorte que o novo município só foi instalado dezessete anos depois, não mais em São Luís, mas sim em São Borja.

Na Campanha de 1816, em que o caudilho guarani Andrés Artigas fustigou o território das Missões, deu-se o primeiro reencontro no município a 20 de junho de 1818, quando o furriel Antônio Pinto da Silva consegue resistir, no passo de Santa Maria, durante 8 horas, a 132 correntinos de Artigas, que se afastam ao aproximar-se a fôrça do brigadeiro Chagas Santos. Em março de 1819, Artigas, à frente de 2 000 homens, transpõe o Uruguai e ocupa São Nicolau. A 9 de maio, Chagas tenta retomar o povoado, mas é repelido. Morre aí o tenente-coronel Diogo Arouche de Morais Lara, autor da "Memória da Campanha de 1816". Andresito deixa lá uma coluna e retira-se com o grosso da tropa a fim de encontrar-se com a de seu chefe e pai adotivo, José Artigas. Fracassando neste objetivo, recua; peleja com a fôrça do coronel José de Abreu; e entra novamente em São Nicolau. Ante a aproximação do Governador da Capitania, Conde da Figueira que, à testa de vários corpos, totalizando 5 000 homens, tomara o rumo daquele lugarejo, Artigas trata logo de fugir para a outra banda do rio Uruguai. Mas quando tenta atravessá-lo, no passo de Santo Isidro, é aprisionado pelo sargento Joaquim Antônio de Santiago, a 24 de junho. Foi remetido, prêso, para a fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, onde faleceu pouco depois. Encerrava-se desta maneira a campanha militar de Andrés Artigas, um dos maiores caudilhos guaranis.

Conforme fizera noutros lugares, aqui também Frutuoso Rivera se entregou ao saque e tropelias, roubando as relíquias do templo e levando prisioneira grande parte da população indígena. O antigo Povo de São Luís Gonzaga, outrora tão próspero, se despovoara quase completamente. Algumas poucas dezenas de índios catequizados ainda moravam em miseráveis ranchos. (Hemetério Veloso, que visitou as ruínas da igreja em 1855, diz que media êste templo 30 metros de frente por 50 de fundo. O colégio dos

Jesuítas manteve-se de pé até depois de 1930, servindo inclusive para quartel da unidade do Exército. Era o edifício mais antigo do Estado e foi demolido algum tempo depois.) Um dos primeiros povoadores brancos do lugar foi Fidêncio José de Sousa, que adquiriu, perto da povoação, três léguas de campo e foi administrador da redução durante muitos anos.

No segundo quartel do século XIX, o naturalista francês *Aimé Bompland* — companheiro de Humboldt, em sua viagem à América e, posteriormente, Intendente dos Domínios da Imperatriz Josefina — estabelecia-se aqui, próximo ao rio Piratini. Em 1834 ainda lá se encontrava, segundo depoimento de Arsène Isabelle.

A revolução dos Farrapos — guerra fratricida — teve, no entanto, para São Luís, alguma compensação. É que, em conseqüência do movimento, em 1835, algumas famílias resolveram abandonar São Borja e estabelecer-se em São Luís, onde obtiveram terras. Aqui vieram morar: Agostinho de Sousa Loureiro, Venâncio José Pereira, Pedro José Moreira, Bento Antunes de Freitas, José Rodrigues de Miranda, Antônio Silveira d'Ávila, Antônio José de Carvalho, Silvano Ribeiro da Costa, Antônio José Vaz, Joaquim Mendes Ipanema, Querino Antônio de Melo, Francisco Alves do Amaral, João Francisco Proença, João da Silva Ilha, tenente Pedro Jairi, Frei Felisberto dos Anjos, José Amaro do Prado, Miguel Jaguari, Francisco Alves de Camargo Morais. A êstes se acrescentaram o major João José de Melo, capitão Antônio Inácio Teixeira e Frutuoso Borges da Fontoura. Durante aquela revolução registraram-se também alguns combates na região. A 18 de agôsto de 1837 é aprisionado quando saía de um baile o general farroupilha João Manuel de Lima e Silva, por uma partida a mando do capitão Roque Faustino, de origem guarani, que o assassinou perto do passo do Piratini. Posteriormente, Roque caiu prisioneiro e foi fuzilado. A 20 de abril de 1839, José Gomes Portinho derrota os legalistas, comandados por Simãozinho, no passo de Santa Maria. Três dias mais tarde, os mesmos contendores se defrontam, sofrendo Simãozinho outra derrota. No dia 24, os farrapos, comandados pelo tenente-coronel Manuel Coelho de Sousa obtêm mais uma vitória em São Nicolau.

O Rincão dos Povos, como então se chamavam os Povos de São Luís Gonzaga, São Lourenço e São Nicolau, foi incorporado, em 1854, ao município de Cruz Alta. Na ocasião foram criados o Distrito de Paz e Subdelegacia de São Luís Gonzaga, recaindo a nomeação no Senhor João Lopes Lencina que, de São Borja, se mudou para cá. A escolha foi muito feliz, porquanto Lencina era um homem dinâmico. A população, quase tôda analfabeta, a êle recorria para resolver questões e dúvidas. Sua espôsa, Francisca Lencina, abriu a primeira escola pública. Por essa época, se mudava de Cruz Alta para São Luís o prestigioso político Antônio Gomes Pinheiro Machado (pai do senador Pinheiro Machado) que, comprando 9 léguas de campo, trouxe consigo família, escravos e gado. Seguiram-se-lhe o general José Gomes Portinho, coronel Sezefredo Gomes de Mesquita e Querino Silveira Marques.

Voltando a fazer parte de São Borja em 1857, dois anos depois, a 8 de janeiro, Lei provincial criava a freguesia de São Luis Gonzaga, sendo o primeiro Vigário o Padre João Câncio Veríssimo dos Anjos. Em 1873 passava a pertencer ao município de Santo Ângelo. Entretanto, embora o Rincão se povoasse na zona rural, o mesmo não se poderia dizer do povoado que, em 1870, tinha apenas 130 habitantes, na sua maioria descendentes dos índios catequizados. Finalmente, a 3 de junho de 1880, a Lei provincial n.º 1 238 criava o município de São Luís Gonzaga. A 7 de janeiro seguinte, instalava-se solenemente a vila, com a posse dos vereadores eleitos. O primeiro Presidente da Câmara foi Deolindo Vieira Marques, substituído pouco tempo depois por Antônio Pinto Ribas. Os demais membros eram: José dos Santos Paiva, José Gomes Sertório Portinho, Carlos Holsbach, Felisberto Caldeira da Fontoura e Eloí Jacinto Pereira.

A campanha abolicionista teve em Francelino Pereira Bastos a principal figura, pois que, a 14 de setembro de 1884, êle já podia declarar que a vila estava livre de escravos. Dez dias depois, a alforria se estendia a São Nicolau e, em dezembro, a todo o município.

Proclamada a República, foi nomeado intendente provisório Ponciano de Matos Pereira, substituído, sucessivamente, por João Mozart Uflacker e José Adolfo Pithan. O primeiro intendente eleito foi o general Salvador Aires Pinheiro Machado. Em 1891 fundava-se a colônia Guarani com elementos de origem polaca; e, em 1902, a colônia Cêrro Azul (atual Cêrro Largo) com colonos de origem germânica, procedentes das velhas colônias (vales dos rios Caí, dos Sinos e Taquari) e da própria Alemanha. A vila de São Luís Gonzaga passou à cabeça de comarca, tendo como têrmo Santiago. A 12 de março de 1902, pelo Decreto estadual n.º 477, era elevada à cidade. Passados dois anos, inaugurava-se o telégrafo para Santo Ângelo. Em 1910, o Govêrno Federal criava o Aprendizado Agrícola, curso prático de agricultura, de cinco anos, cuja instalação se efetuou no ano subseqüente. Começara a construção da estrada de ferro para Santiago, que no entanto, estêve interrompida por muitos anos. Em 1923 a oposição se levantava em armas, sob a chefia civil de Assis Brasil, contra a continuação de Borges de Medeiros na Presidência do Estado. A 17 de setembro, na bôca da picada de Santa Maria, perto de São Nicolau, o coronel revolucionário Abílio Machado defronta-se com a fôrça do coronel Irineu Queiroz. A 5 de outubro o coronel assisista Mário Alves Garcia invade o município, transpondo o Icamaquã no passo das Turmas, para logo acampar no campo de Teófilo Pereira. No dia 7, os rebeldes do coronel Otaviano Fernandes desbaratam uma fôrça inimiga no passo da Ponte, sendo esta perseguida até o arroio Chimbocu. A 13, a cidade cai nas mãos do general Honório Lemes, um dos principais cabeças militares da revolta, que, entretanto, se retira e faz junção com a tropa do coronel Virgílio Viana em Santo Inácio. Decorridos três dias, a brigada do coronel Mário Alves Garcia, depois de ter queimado a ponte do Piratini, junta-se com as fôrças do coronel João Batista Luzardo. Enfrentam, no Rincão de Santa Ana e arroio Santa Bárbara, os legalistas do coronel Nepomuceno Saraiva, que são derrotados. Deflagrada a revolução de 1924, a guarnição local do Exército solidarizou-se com o movimento. Fôrças revolucionárias, vindas de Santo Ângelo, São Borja, Uruguaiana, Alegrete, etc. estabeleceram seu Quartel-General em São Luís, de outubro a de-

zembro, sob o comando do capitão Luís Carlos Prestes. Com elementos civis e militares constituiu-se, então, a "Coluna Prestes" — que deixou a cidade a 24 de dezembro — e que se tornaria famosa pelas façanhas militares, nos sertões do País. Quando em 1930, a Aliança Liberal, incorformada com o resultado das eleições para a Presidência da República, decidiu derrubar pelas armas o Govêrno de Washington Luís, São Luís Gonzaga tornou-se um centro de conspiração, pois o chefe militar do movimento, tenente-coronel Góis Monteiro, comandava o regimento de cavalaria aqui sediado. Emissários de tôdas as partes iam e vinham para conferenciar com êle. Quando estourou a revolução, Góis Monteiro já se encontrava em Pôrto Alegre, mas a guarnição local aderiu prontamente à insurreição.

A evolução demográfica do município apresenta os seguintes aspectos: 1890 — 13 719 habitantes; 1900 — .... 15 190; 1918 — 26 200. A sede tinha, em 1914 — 2 400 habitantes e 400 prédios; 1920 — 3 000; 1930 — 4 000. O município tem na pecuária e na lavoura sua principal riqueza. Na zona colonial, a par de uma produção agrícola bastante diversificada, existe a pequena indústria e criação de suínos (60 000 em 1920). Na região pastoril, dados de 1920 acusavam 150 000 bovinos, 20 000 eqüinos e 30 000 ovinos. A 1.º de junho de 1943, punha-se em tráfego o ramal ferroviário Santiago—São Luís, uma das velhas reivindicações dos são-luisenses, ramal que, posteriormente, se estenderia a Cêrro Largo. Em 1954, separaram-se de São Luís Gonzaga, formando o município de Cêrro Largo, os distritos de Cêrro Largo, Pôrto Xavier e Roque González.

BIBLIOGRAFIA — Alfredo R. da Costa — *O Rio Grande do Sul*. Hemetério Veloso da Silveira — *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios.* Aurélio Pôrto — *História das Missões Orientais do Uruguai.* Sousa Docca — *História do Rio Grande do Sul.* Monsenhor Estanislau Wolski — *Poliantéia Missioneira*. Celso Schröder — *A Revolução Rio-grandense de 1923* — Rev. I.H.G. do Rio Grande do Sul.

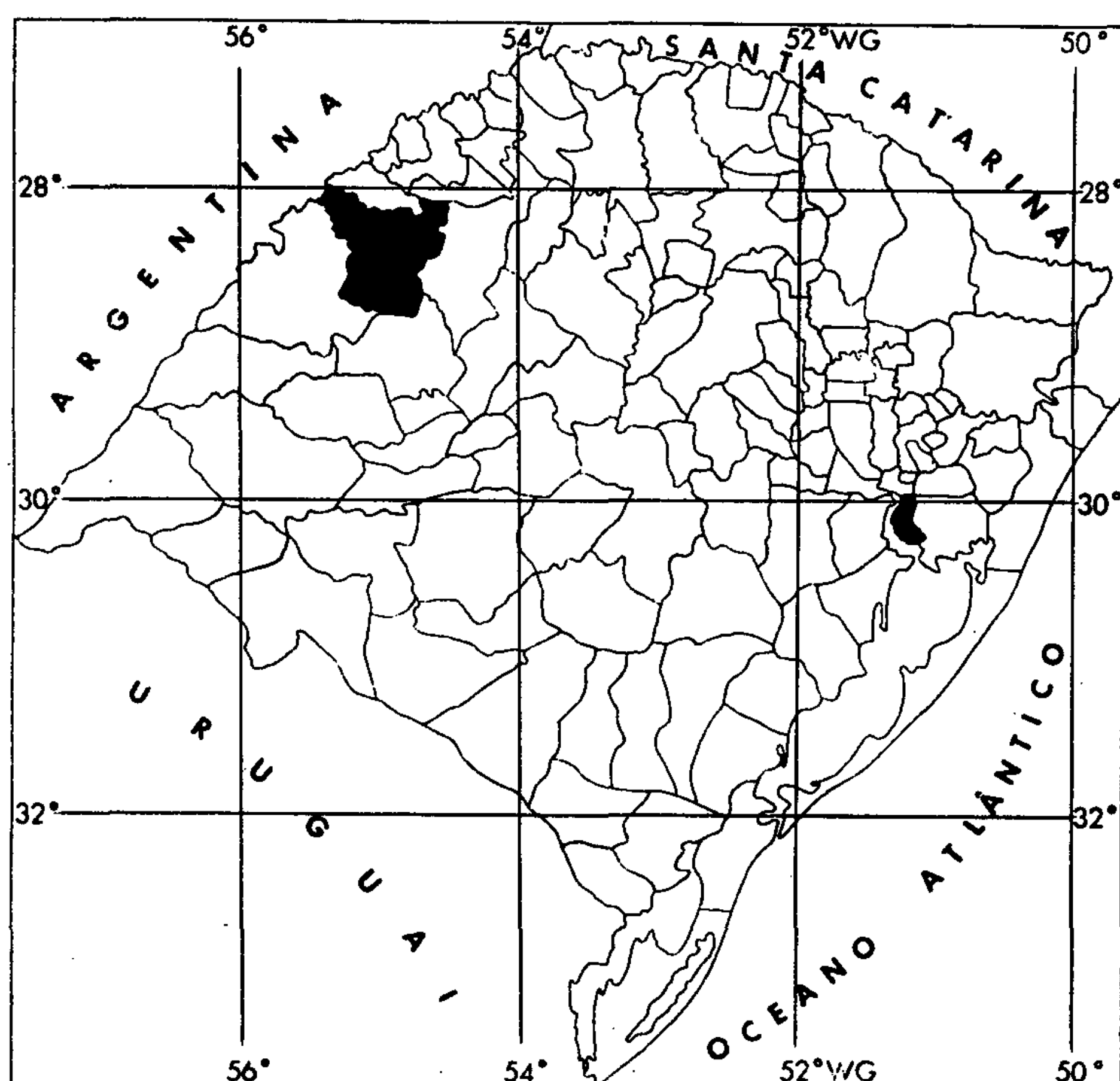
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Luiz Gonzaga 51 220 habitantes, localizando-se 9 510 na sede e 41 710 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 8,21 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna correspondia a 1,07% da total do Estado. Área: 4 727 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Luís Gonzaga; vilas: Bossoroca, Caibaté, Guarani das Missões, Pirapó, Rolador, São Lourenço das Missões e São Nicolau.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Luís Gonzaga........	1 323	18	339	323	45	1 000

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 23' 53" de latitude Sul e 54° 58' 18" de longitude W.Gr. Posição relativa à Capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da capital do Estado: 403 km. Altitude: 260 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Reveste-se de grande importância para o município o salto do Pirapó, no rio Ijuí, onde se encontra instalada a usina hidrelétrica que abastece os municípios de Cêrro Largo e São Luís Gonzaga. Rios — Ijuí, Piratini, Comandaí, Icamaquã, Uruguai, Piraju, Guaracapá, Ximbocu e Uruquá. São encontradas as seguintes variedades de peixes, embora em pequena escala: traíra, piava, dourado, piracanjuba, bagre, pintado e surubi. A pesca não tem expressão econômica para o município.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais — Pedras, areia para construções e a argila para o fabrico de tijolos e telhas. Vegetais — A extração e beneficiamento de madeiras para construções, dormentes para estradas de ferro, etc. Área das matas naturais: 700 quilômetros quadrados. Área das matas reflorestadas: 200 hectares.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima: 27,4°; mínima: 14,9°; compensada: 20,3°. Precipitação anual das chuvas: 1 603,0 milímetro. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Cêrro Largo; ao sul: Santiago e São Borja; a leste: Santo Ângelo e a oeste: São Borja e República Argentina.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — A pecuária é a principal fonte de renda do município, onde a suinocultura ocupa destacado lugar. As raças preferidas pelos fazendeiros são as seguintes: Ovinos — cara-negra, romney e merina. Suínos — duroc e jérsei. Não são importados suínos para êste município, enquanto a exportação é feita anualmente para Rio Grande, Ijuí e Arroio do Meio, tornando-se uma valiosa contribuição para a economia local. Bovinos — zebu, polled angus, polled hereford, normanda, cha-

rolês, enquanto que, nas pequenas propriedades agrícolas da zona colonial, preferem, além da zebu, devon, holandesa e duran. *O gado bovino procede quase todo êle do município*, exceto reprodutores que são adquiridos em São Borja, Uruguaiana, Santiago, sendo que o maior centro consumidor ou recebedor de gado do município é Canoas. Muares — São poucos os fazendeiros que se dedicam à criação de muares, por isso não existe raça distinta. Cavalares — Todos os fazendeiros, no município, criam cavalos para o serviço da fazenda, sendo crioula a raça preferida. Apenas o Dr. Francisco Leite Veloso se dedica à criação da raça inglêsa.

Principais criadores	*Nome do estabelecimento*
Marcos Fabricio da Silva	Fazenda Banheiro
Dinarte Vieira Martins	Fazenda Carovi
Avelino do Amaral Cardinal	Fazenda Casa Branca
Adjalma Alves do Amaral,	Fazenda Piratini
Ramão Fabricio da Silva	Fazenda da Lagoa
Alfredo Marques dos Santos	Fazenda Santa Rita
Jaime Tarrago	Fazenda Florida
Octaviano Pereira dos Santos	Fazenda do Biguá
Macedo Beltrão do Nascimento	Fazenda Figueira
Jacinto Martins da Rocha	
Aristides Nascimento e Silva	
José Fabricio da Silva	
Bernardino Fabricio da Silva	
Floriano Estevão Dutra	
Albino de Souza Antunes	
Inacêncio Vieira	
Leonel da Silva Morais	
José Candido Dutra	
João dos Santos Moura	
Adjalma Siqueira	
Constantino Parede de Moura	
Luiz Vieira Marques	
Fontoura Vieira Marques	
Armando Morais	
Alcebiades Nogueira Prates	
Brasil Guaraní das Missões	
Doné Jaques Ouriques	
Felixberto Antunes de Souza	
Floriano Moreira	
Fredolino Sommer	
João Batista Fabricio	
Lauro Natividade de Moura	
Manuel Gonçalves do Nascimento	
Marcirio Braga	
Modesto Caetano Sobrinho	
Outubrino Gonçalves dos Santos	
Octavio Batista do Nascimento	
Olmiro Vieira de Araujo	
Atlio Santiago Garcia	
Pedro Lucas Torres	
Virgilio Espirito Santo	
João Silva	
João Silveira Marques	
Waldomiro Pereira Bastos	
Floriano Gonçalves de Oliveira Peixoto.	

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	173 500	294 950
Eqüinos	26 400	23 760
Muares	400	440
Suínos	73 000	51 100
Ovinos	50 000	14 500
Caprinos	700	105

Parte da Avenida Senador Pinheiro Machado

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 536 170	29 918 200,00
Carne verde de suíno	415 380	5 634 119,00
Carne verde de ovino	265 324	3 203 183,00
Carne verde de caprino	3 160	17 696,00
Couro verde de boi, vaca e vitelo	207 964	1 455 748,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	56 800	579 300,00
Couro salgado de suíno	12 978	223 236,00
Pele sêca de ovino	9 807	199 082,00
Pele sêca de caprino	158	2 370,00
Pele salgada de ovino	9 745	136 430,00
Banha refinada	75 228	2 332 068,00
Toucinho fresco	491 381	11 327 121,00
Salsicharia a granel	75 079	2 702 844,00
Sebo industrial	10 135	202 696,00
Secundários	40 623	148 484,00
Total	3 209 932	58 082 577,00

Avicultura — No município não existem criadores organizados; a criação está estimada em 180 000 cabeças, sendo as raças preferidas a leghorn, rhode island e plimouth. Valor da produção avícola: Cr$ 1 080 000,00.

Agricultura — No município, a totalidade das lavouras, ainda utiliza métodos rudimentares. Contam-se no entanto duas completamente mecanizadas e 14 parcialmente. A agricultura situa-se em segundo plano na economia do município.

Principais agricultores	*Produtos*	*Área cultivada (ha)*
Orestes Alves do Amaral	Alfafa e trigo	650
Henrique Romberger	Trigo	300
Baltazar Loureiro	Trigo e arroz	155
V.ª Amalia Nascimento	Trigo e milho	200
Luiz Sandri	Trigo	100
Ivo Vieira Marques	Arroz e linho	160
Floriano Gonçalves dos Santos	Alfafa e trigo	110
Leonardo Zborowski	Trigo e linho	130
Ciro Jaques Ouriques	Trigo e linho	60
Jaime Tarragô	Linho, milho e soja	150
João Rezende Sobrinho	Linho, trigo e soja	150
Balduino Luft	Soja e milho	80
Elvidio Jaques	Linho e milho	130
Leonidas Machado da Silva	Linho	400
Leoclides Escobar da Silva	Linho	200

A cultura do trigo intensifica-se em todo o município e tende a ser uma das maiores fontes de renda.

Trecho da Rua São José

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Culturas	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Soja	15 792	50 008
Milho	11 906	27 780
Alfafa	19 324	23 189
Feijão	5 700	22 230

Valor total da produção: Cr$ 203 511 230,00.

Indústria — São Luís Gonzaga conta 152 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 358 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 48 472 000,00. Contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total: Indústrias alimentares, 54,4%; Ind. da bebida, 6,9%; Ind. da madeira, 14,9%; transformação de produtos minerais, 3,6%; Couros e produtos similares, 2,1%; Ind. químicas e farmacêuticas, 3,3%; Ind. do Mobiliário, 0,7%; Vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,3%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	190
Fazendas e armarinhos	32
Rádios, eletrolas, refrigeradores	4

O município mantém transações comerciais com as seguintes cidades: Pôrto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Na sede municipal há 3 agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: São Borja: rodov. (130 km); Cêrro Largo: rodov. (50 km); Santo Ângelo: rodov. (88 km); Santiago: rodov. (132 km) e via férrea (115 km); Giruá: rodov. (110 km). Capital do Estado — via férrea (690 km), rodov. (694 km), via aérea (418 km). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, mista veja Pôrto Alegre, via férrea veja Santa Maria.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de energia elétrica, sendo hidrelétrico o sistema adotado. A usina foi inaugurada em 15 de julho de 1930.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	81
Ruas	78
Avenida	1
Praças	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	12 936 m²
Pedras irregulares	5 544 m²
Terra melhorada	299 792 m²
Cascalho	35 102 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente pavimentados	6
Parcialmente calçados com paralelepípedos	4
Parcialmente calçados com pedras irregulares	2
Arborizado (totalmente)	1
Arborizado (parcialmente)	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios (total)	1 785
Zona urbana	718
Zona suburbana	1 067

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 735
2 pavimentos	50

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 538
Residenciais e outros fins	145
Exclusivamente a outros fins	102

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	37
N.º de ligações elétricas domiciliares	1 097
N.º de focos para iluminação pública	301

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	1 606 840 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros parcialmente servidos pela rêde	21

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Duas agências postais-telegráficas na sede e 5 agências postais no interior.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis e pensões: Pálace Hotel; Grande Hotel; Pensão Avenida; Pensão Camponesa; Pensão Santo Antônio; Pensão Santa Teresinha; Pensão de Luís Catelan e Pensão São Francisco, cujas diárias variam de Cr$ 150,00 a Cr$ 250,00 para casal e Cr$ 80,00 a Cr$ 140,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	148
Ônibus	7
Camionetas	118
Motociclos	2
Total	275

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	113
Camionetas	19
Fechados para transporte de mercadorias	2
Tratores	116
Não especificados	2
Total	252

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	460
Bicicletas	146
Total	606

SÃO PEDRO DO SUL — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Os territórios que atualmente constituem o município de São Pedro do Sul, muito embora os Tratados de Madrid e Santo Ildefonso, assinados respectivamente em 1750 e 1777, declarassem pertenceram a Portugal, na realidade estiveram sob domínio castelhano durante largo tempo. Em 1801, Manoel dos Santos Pedroso expulsara os espanhóis do acantonamento de São Martinho, contando com apenas 20 milicianos. Unindo-se com José Borges do Canto e Ribeiro de Almeida, varreram das Missões Orientais os súditos e tropas de Espanha, integrando essa região ao Rio Grande português. Em recompensa aos valiosos serviços prestados por Manoel dos Santos Pedroso, foi-lhe concedida a Estância de São Pedro, situada na parte meridional do atual município.

Criado o município de Rio Pardo pela Provisão de 27 de abril de 1809, abrangia o mesmo pouco mais da metade do Rio Grande do Sul, incluído o atual município de São Pedro. Criado o de Cachoeira, em 1819, passou a fazer parte do mesmo. Pedroso passou a residir na estância que lhe fôra doada, e para lá atraiu alguns colonizadores, vendendo-a em 1815 a Manoel Antônio Teixeira, paraense, que deixou larga descendência. Continuaram a afluir moradores, e várias sesmarias foram concedidas, entre as quais têm-se as de Antônio Dias Gonçalves, José Ferreira Canabarro, Luís Gonçalves Chagas, Plácido Martins Alves, Francisco de Souza Leal, Joaquim José Pereira, Manoel Martins Morais e outros. Êstes dedicaram-se à pecuária, ficando a agricultura relegada a situação tal que só era plantado o necessário para o sustento. O projeto de Lei número 15, da Assembléia Provincial de São Pedro do Rio Grande, previa a criação de uma capela no Rincão de São Pedro, como era conhecido o local pertencente à freguesia de Santa Maria da Bôca do Monte.

O povoado incipiente que deveria ser regalado com uma capela conhecera de perto as agruras da Revolução Farroupilha, que abalou e enlutou os lares gaúchos de 1835 a 1845; a 4 de março de 1843, o coronel Jacinto Pereira, comandando 500 homens, derrotou o revolucionário José Gomes Portinho, que contava com 300 homens. Em 1865, Crescêncio José Pereira e sua espôsa doam à futura freguesia de São Pedro uma fração de terra no valor de .... 330$000, para a construção de um templo, que provàvelmente foi construído na atual Praça da Bandeira. A partir de 1875, ali penetram colonos alemães, aos quais o Govêrno Provincial vai conceder lotes de 484 mil metros quadrados, mediante pagamento. Êsses terrenos devolutos ficavam na parte coberta de florestas. Jorge Maurer e Luís Gonçalves Chagas, que já possuíam grandes extensões de terras, venderam também lotes aos colonos que chegavam. A notícia da fertilidade dos solos de São Pedro atraiu ainda novas levas, algumas provenientes das primitivas colônias alemãs, situadas na encosta inferior do Planalto Rio-grandense. A 1.º de junho de 1882, pela Lei provincial n.º 1 392, é criada a freguesia de São Pedro, sendo a 89.ª da Província. Constituiu-se então em distrito do município de Santa Maria, ao qual pertencia desde a criação do mesmo, em 1857. Iniciado o século XX, o distrito desenvolver-se-ia ràpidamente, contando em 1913 com 8 864 habitantes e 1 080 prédios. Além da igreja Matriz, possuía 4 capelas filiais. Uma subintendência, uma agência de Correio, um centro telefônico, um cartório estavam instalados no povoado, que possuía 150 prédios, a maior parte iluminados com luz elétrica, e 900 habitantes.

A revolução de 1923, dirigida pelo Dr. J. F. de Assis Brasil contra o Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, irá atingir São Pedro. A 21 de outubro dêsse ano o coronel rebelde Teodoro de Paiva Menezes ocupa o povoado, pela madrugada. Acorre, então, o tenente-coronel Amadeu Massot, de Dilermando de Aguiar, onde se encontrava, e dá combate a Menezes a três quilômetros da sede distrital. Nesse meio tempo surge Honório Lemos, fogoso caudilho rebelde, que transpõe o passo da Lenheira no Ibicuí, e com o qual tenta unir-se Menezes. A manobra é percebida por Massot, que procura impedir a junção, combatendo Menezes. Honório inùtilmente tenta cercar o adversário, terminando o combate sem vencedor. A 22 de outubro Honório vai ter uma escaramuça com o coronel Claudino Nunes Pereira, na Estância de Rita Chagas. Após êsses eventos, São Pedro recuperará a paz. Pelo Decreto estadual n.º 3 624, de 22 de março de 1926, irá São Pedro constituir-se município autônomo, desmembrando-se de Santa Maria. A instalação ocorre a 25 de março do mesmo ano. O primeiro intendente municipal foi o Doutor João Francisco Viola. Procedida a eleição foi escolhido intendente municipal o Dr. Antônio Luiz Müller, constituindo o Conselho Municipal os seguintes nomes: Lindolfo Agne, Dilermando da Costa, Rodolfo Trein, Pedro Seeger, João Maria Dias de Menezes, Jorge Lampert, Valério Henrique da Paiva, Lúcio Lampert e João Francisco Viola. Pelo Decreto-lei estadual n.º 720, de 29 de dezembro de 1944, o município passou a denominar-se São Pedro do Sul.

BIBLIOGRAFIA — *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — Artigo de Celso Schröder. Monografia n.º 126 — I.B.G.E.-C.N.E.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTO ILUSTRE — *Alberto Correia Leite* — Irmão do poeta Mário de Artagão, nasceu Alberto Correia Leite em São Pedro do Sul, a 4 de setembro de 1871. Môço ainda, faleceu em Pôrto Alegre a 2 de fevereiro de 1898. No fim do século passado, foi um dos poetas mais festejados do Rio Grande do Sul. De sua intensa atividade literária, deixou apenas um livro de versos publicado, sob o título de "Sarças", no qual usou o pseudônimo de "Quasímodo". Diante da reação pouco confortadora da crítica, no que respeitava à moral do livro, resolveu retirá-lo da circulação. Colaborou na imprensa desta Capital e aqui exerceu também atividade comercial.

"Fim de um processo cultural, de uma era histórica ainda presente em muitos traços da vida brasileira, o estilo 1900 teve em Alberto Correia Leite, na Pôrto Alegre que amanhecia para o industrialismo, o seu tipo por acaso mais simbólico. O gracioso de suas estrofes, compostas segundo as regras da galanteria dominante nos fins do século passado, além de nos trazer a ressonância daquela época, fala-nos

SÃO PEDRO DO SUL — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Os territórios que atualmente constituem o município de São Pedro do Sul, muito embora os Tratados de Madrid e Santo Ildefonso, assinados respectivamente em 1750 e 1777, declarassem pertenceram a Portugal, na realidade estiveram sob domínio castelhano durante largo tempo. Em 1801, Manoel dos Santos Pedroso expulsara os espanhóis do acantonamento de São Martinho, contando com apenas 20 milicianos. Unindo-se com José Borges do Canto e Ribeiro de Almeida, varreram das Missões Orientais os súditos e tropas de Espanha, integrando essa região ao Rio Grande português. Em recompensa aos valiosos serviços prestados por Manoel dos Santos Pedroso, foi-lhe concedida a Estância de São Pedro, situada na parte meridional do atual município.

Criado o município de Rio Pardo pela Provisão de 27 de abril de 1809, abrangia o mesmo pouco mais da metade do Rio Grande do Sul, incluído o atual município de São Pedro. Criado o de Cachoeira, em 1819, passou a fazer parte do mesmo. Pedroso passou a residir na estância que lhe fôra doada, e para lá atraiu alguns colonizadores, vendendo-a em 1815 a Manoel Antônio Teixeira, paraense, que deixou larga descendência. Continuaram a afluir moradores, e várias sesmarias foram concedidas, entre as quais têm-se as de Antônio Dias Gonçalves, José Ferreira Canabarro, Luís Gonçalves Chagas, Plácido Martins Alves, Francisco de Souza Leal, Joaquim José Pereira, Manoel Martins Morais e outros. Êstes dedicaram-se à pecuária, ficando a agricultura relegada a situação tal que só era plantado o necessário para o sustento. O projeto de Lei número 15, da Assembléia Provincial de São Pedro do Rio Grande, previa a criação de uma capela no Rincão de São Pedro, como era conhecido o local pertencente à freguesia de Santa Maria da Bôca do Monte.

O povoado incipiente que deveria ser regalado com uma capela conhecera de perto as agruras da Revolução Farroupilha, que abalou e enlutou os lares gaúchos de 1835 a 1845; a 4 de março de 1843, o coronel Jacinto Pereira, comandando 500 homens, derrotou o revolucionário José Gomes Portinho, que contava com 300 homens. Em 1865, Crescêncio José Pereira e sua espôsa doam à futura freguesia de São Pedro uma fração de terra no valor de .... 330$000, para a construção de um templo, que provàvelmente foi construído na atual Praça da Bandeira. A partir de 1875, ali penetram colonos alemães, aos quais o Govêrno Provincial vai conceder lotes de 484 mil metros quadrados, mediante pagamento. Êsses terrenos devolutos ficavam na parte coberta de florestas. Jorge Maurer e Luís Gonçalves Chagas, que já possuíam grandes extensões de terras, venderam também lotes aos colonos que chegavam. A notícia da fertilidade dos solos de São Pedro atraiu ainda novas levas, algumas provenientes das primitivas colônias alemãs, situadas na encosta inferior do Planalto Rio-grandense. A 1.º de junho de 1882, pela Lei provincial n.º 1 392, é criada a freguesia de São Pedro, sendo a 89.ª da Província. Constituiu-se então em distrito do município de Santa Maria, ao qual pertencia desde a criação do mesmo, em 1857. Iniciado o século XX, o distrito desenvolver-se-ia ràpidamente, contando em 1913 com 8 864 habitantes e 1 080 prédios. Além da igreja Matriz, possuía 4 capelas filiais. Uma subintendência, uma agência de Correio, um centro telefônico, um cartório estavam instalados no povoado, que possuía 150 prédios, a maior parte iluminados com luz elétrica, e 900 habitantes.

A revolução de 1923, dirigida pelo Dr. J. F. de Assis Brasil contra o Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, irá atingir São Pedro. A 21 de outubro dêsse ano o coronel rebelde Teodoro de Paiva Menezes ocupa o povoado, pela madrugada. Acorre, então, o tenente-coronel Amadeu Massot, de Dilermando de Aguiar, onde se encontrava, e dá combate a Menezes a três quilômetros da sede distrital. Nesse meio tempo surge Honório Lemos, fogoso caudilho rebelde, que transpõe o passo da Lenheira no Ibicuí, e com o qual tenta unir-se Menezes. A manobra é percebida por Massot, que procura impedir a junção, combatendo Menezes. Honório inùtilmente tenta cercar o adversário, terminando o combate sem vencedor. A 22 de outubro Honório vai ter uma escaramuça com o coronel Claudino Nunes Pereira, na Estância de Rita Chagas. Após êsses eventos, São Pedro recuperará a paz. Pelo Decreto estadual n.º 3 624, de 22 de março de 1926, irá São Pedro constituir-se município autônomo, desmembrando-se de Santa Maria. A instalação ocorre a 25 de março do mesmo ano. O primeiro intendente municipal foi o Doutor João Francisco Viola. Procedida a eleição foi escolhido intendente municipal o Dr. Antônio Luiz Müller, constituindo o Conselho Municipal os seguintes nomes: Lindolfo Agne, Dilermando da Costa, Rodolfo Trein, Pedro Seeger, João Maria Dias de Menezes, Jorge Lampert, Valério Henrique da Paiva, Lúcio Lampert e João Francisco Viola. Pelo Decreto-lei estadual n.º 720, de 29 de dezembro de 1944, o município passou a denominar-se São Pedro do Sul.

BIBLIOGRAFIA — *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — Artigo de Celso Schröder. Monografia n.º 126 — I.B.G.E.-C.N.E.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTO ILUSTRE — *Alberto Correia Leite* — Irmão do poeta Mário de Artagão, nasceu Alberto Correia Leite em São Pedro do Sul, a 4 de setembro de 1871. Môço ainda, faleceu em Pôrto Alegre a 2 de fevereiro de 1898. No fim do século passado, foi um dos poetas mais festejados do Rio Grande do Sul. De sua intensa atividade literária, deixou apenas um livro de versos publicado, sob o título de "Sarças", no qual usou o pseudônimo de "Quasímodo". Diante da reação pouco confortadora da crítica, no que respeitava à moral do livro, resolveu retirá-lo da circulação. Colaborou na imprensa desta Capital e aqui exerceu também atividade comercial.

"Fim de um processo cultural, de uma era histórica ainda presente em muitos traços da vida brasileira, o estilo 1900 teve em Alberto Correia Leite, na Pôrto Alegre que amanhecia para o industrialismo, o seu tipo por acaso mais simbólico. O gracioso de suas estrofes, compostas segundo as regras da galanteria dominante nos fins do século passado, além de nos trazer a ressonância daquela época, fala-nos

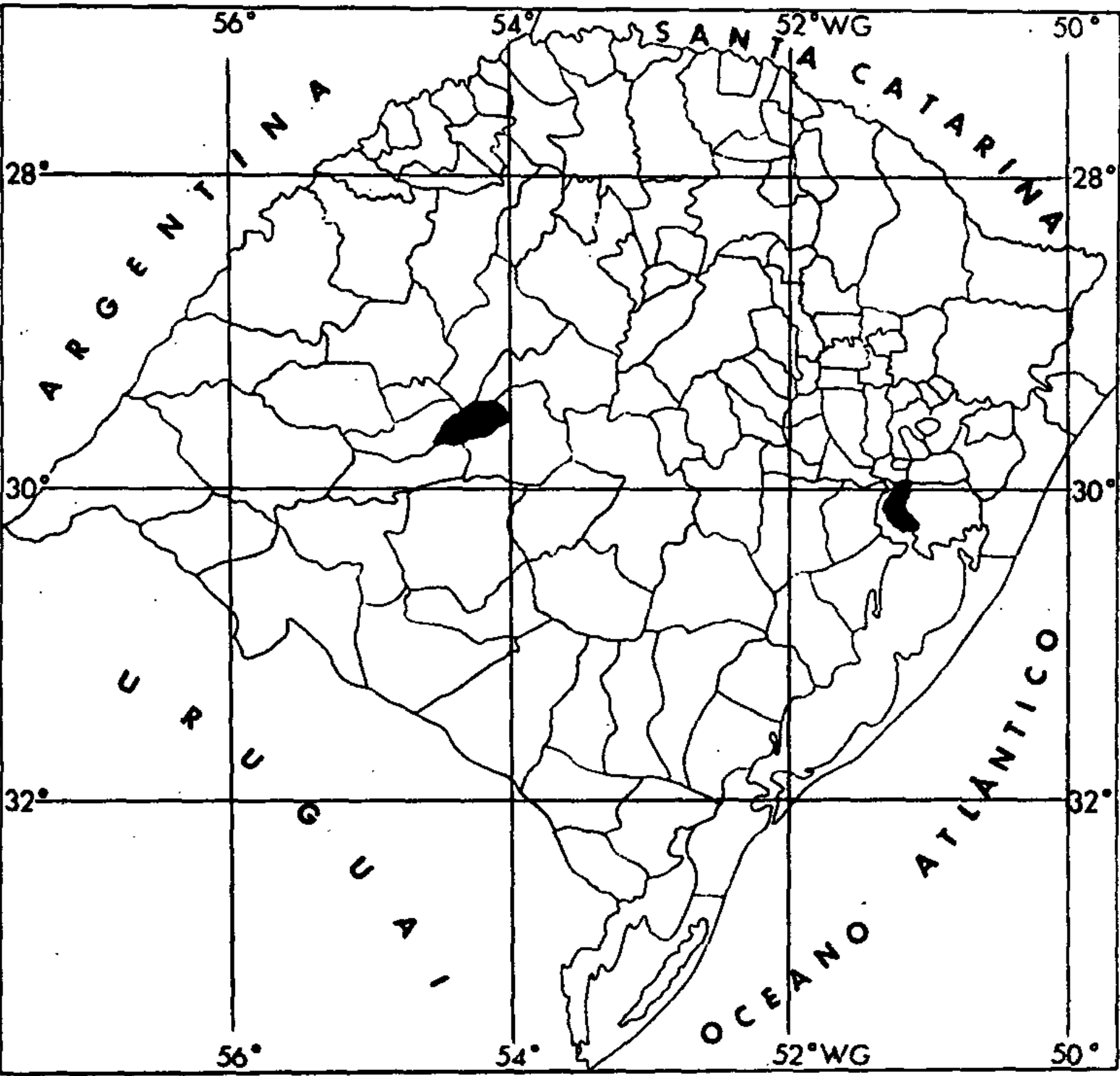
ainda daquela "derivante parnasiana que se fêz adôrno dos salões elegantes".

POPULAÇÃO — Conta o município de São Pedro do Sul 16 280 habitantes, localizando-se 3 200 na sede e 13 080 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 18,44 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna corresponde a 0,34% da total do Estado. Área: 883 quilômetros quadrados.

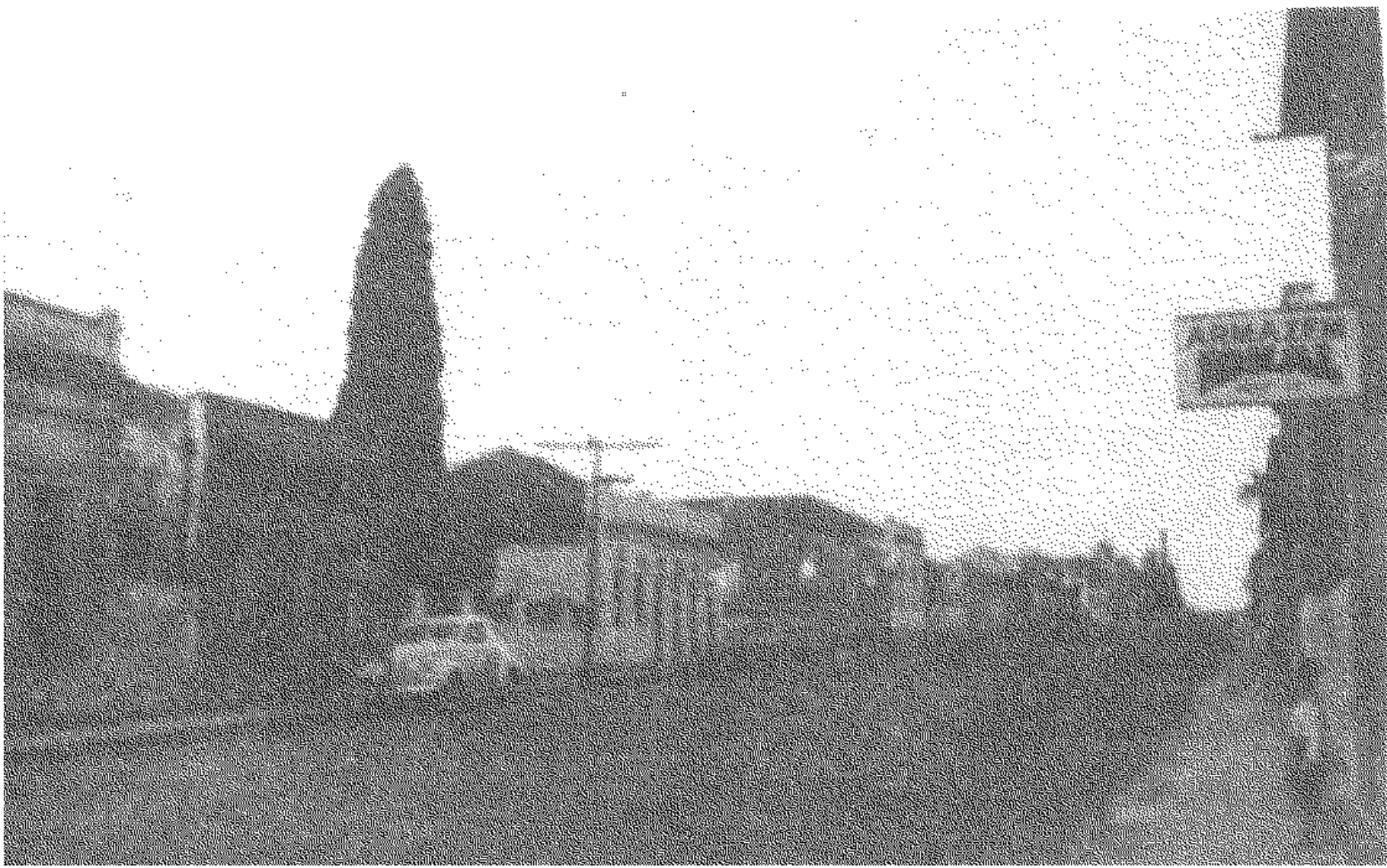
Aglomerados urbanos — Cidade de São Pedro do Sul.

Aspectos demográficos —

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Pedro do Sul..........	516	9	113	143	40	373

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 37' 04" de latitude Sul e 54° 10' 44" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da capital do Estado: 297 km. Altitude: 150 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Dois rios importantes banham o município: o Toropi e o Ibicuí, porém nenhum dêles é piscoso, mesmo porque suas águas são incertas, secando todos os anos, durante o verão, devido a extração das mesmas para a irrigação dos arrozais. Área das matas naturais: 50 quilômetros quadrados. Área das matas reflorestadas: 10 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 24,0°; mínima — 14,1°; compensada — 18,9°. Chuvas: precipitação pluviométrica anual de 1 320 mm. Geadas: ocorrem nos meses de junho, julho e agôsto.

Vista parcial da Rua Ildefonso Pinto

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Tupanciretã e Júlio de Castilhos; ao sul: Santa Maria e Cacequi; a leste: Santa Maria e a oeste: General Vargas.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A pecuária situa-se em primeiro plano na economia do município. As raças preferidas pelos criadores são a holandesa e a zebu, sendo quase todo o gado vendido para Pôrto Alegre e Santa Maria. Os principais criadores do município são: Crescêncio Flôres de Freitas, Sílvio Silveira da Costa, Fernando Álvares Soares, Alfredo de Oliveira César, Ester Chagas, Léa Saldanha César, Arthur Drews, Primo Pozzobon, Guilherme Einloft, Evaldo Rodhe, Santo Antônio Dotto e Carlos Rosauro.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.° de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	25 000	42 500
Eqüinos	5 700	5 700
Muares	100	120
Suínos	33 300	19 980
Ovinos	3 500	980
Caprinos	300	45

As pastagens são naturais, havendo alguns criadores que cultivam grama-quiqúio.

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	125 140	1 875 590
Carne verde de suíno	10 868	169 590
Carne verde de ovino	570	4 104
Carne verde de caprino	30	216
Couro verde de boi, vaca e vitelo ..	12 120	84 840
Couro sêco de boi, vaca e vitelo ...	14 376	149 510
Couro salgado de boi, vaca e vitelo .	5 000	50 000
Couro salgado de suíno	800	80 000
Pele sêca de ovino	30	420
Pele sêca de caprino	2	28
Banha não refinada	8 000	24 000
Toucinho fresco	9 734	220 088
Salsicharia a granel	15 600	468 000
Sebo comestível	2 000	30 000
Total	204 270	3 156 386
Secundários	2 320	23 200
Total geral	206 590	3 179 586

Agricultura — Os principais agricultores, cujas lavouras são mecanizadas, são os seguintes: Alfredo César, Wilibaldo Schmidt, Argeu César, Guilherme Einloft, Arnoldo Maurer, Santo Antônio Dotto, Ernesto Kerst, Evaldo Rodhe, Fernando Álvares Soares e Luis Salla. Os produtos agrícolas do município, são exportados para Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	3 361	13 165
Milho	5 734	11 468
Feijão	744	5 952
Alfafa	2 110	2 954

Valor total da produção: Cr$ 45 428 180,00.

Indústria — São Pedro do Sul conta 84 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 339 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 45 086 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: Ind. alimentares, 66,7%; Ind. de bebidas, 3,2%; Ind. da madeira, 2,7%; Transf. de produtos minerais, 6,2%; Couros e produtos similares, 4,0%; Ind. de mobiliário, 0,1%; Vestuário. calçados e artefatos de tecidos, 11,9%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Casas de secos e molhados	9
Casas de fazendas	7
Casas de roupas feitas	2
Casa de móveis	1
Livraria	1
Jóias e relógios	1

Há no município uma agência do Banco Nacional do Comércio S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: General Vargas: rodov. (60 km) ou misto: a) ferrov. (33 km) V.F.R.G.S. até Jaguari, e b) rodov. (25 km); Tupanciretã: ferrov. V.F.R.G.S. (154 km) ou rodov. (136 km); Júlio de Castilhos: ferrov. V.F.R.G.S. (128 km) ou rodov., via Santa Maria (108 km); Santa Maria: ferrov. (55 km) ou rodov. (46 km); Cacequi: ferrov. V.F.R.G.S. (80 km) ou rodov. (96 km) passando por General Vargas, de onde dista 34 km. Capital do Estado: ferrov. V.F.R.G.S. (44 km) ou rodov. (516 km) ou misto: a) ferrov. V.F.R.G.S. (55 quilômetros) ou rodov. (46 km) até Santa Maria, e b) aéreo (265 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por uma usina termelétrica, fundada em 1908. Entretanto, graças à municipalidade, está sendo construída uma usina hidrelétrica, que abastecerá a comuna.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	9

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	14 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçados com pedras irregulares	9
Ajardinado	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	600
Zona urbana	426
Zona suburbana	174

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	571
2 pavimentos	29

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	482
Residenciais e outros fins	105
Exclusivamente a outros fins	13

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	16
Número de focos para iluminação pública	200

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total da sede municipal	140 000 kWh
Consumo para iluminação pública	60 000 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	60 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede munipal	32

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há na sede uma agência.

HOTÉIS E PENSÕES — Conta a sede municipal com o Hotel Cordoni (casa de cômodos com restaurante e bar), Pensão Farroupilha, de Ricardo Hurz, Pensão Familiar, de Rodolfo Polenz, Pensão Familiar, de Hermínio Campagnolli e Pensão São Pedro, de Henrique Pregardier.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	53
Ônibus	2
Camionetas	23
Motociclos	13
Total	91

Para transporte de cargas

Caminhões	44
Camionetas	26
Tratores	6
Total	76

Veículos a fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	77
Bicicletas	25
Total	102

Para cargas

Carroças de duas rodas	70
Carroças de quatro rodas	430
Outros	380
Total	880

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente, de 10 anos e mais, 68% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 48%. Em 1955 havia 35 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 1 639 alunos. Conta, ainda, o município, com 1 ginásio e uma unidade de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Um quinzenário; 6 bibliotecas de caráter geral, com 2 500 volumes catalogados, duas tipografias e uma livraria; um cinema com capacidade para 300 pessoas e, em construção, um moderníssimo cine-teatro que comportará 1 000 espectadores, cujas obras estarão concluídas ainda no corrente ano.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 1 hospital, com 40 leitos e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram hospitalizados 825 enfermos, sendo 300 homens, 390 mulheres e 135 crianças. Há 1 aparelho de raio X diagnóstico, duas salas de operações, uma sala de partos, uma de esterilização e uma farmácia. Exercem a profissão 3 médicos e 3 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Há uma Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância.

PREVENÇÃO SANITÁRIA VEGETAL — Um agrônomo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Um advogado.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância, com 1 juiz.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — São realizados, em 29 de julho, as festas religiosas em homenagem ao padroeiro da Matriz local.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Há uma igreja construída no tôpo do cêrro da Ermida, que diz a tradição ter sido erguida por uma autoridade sacerdotal que, há mais de 100 anos, fugia dos índios da região.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	558	1 354	824	204	702
1951.......	785	2 124	1 078	335	959
1952.......	977	2 385	1 394	357	1 017
1953.......	1 414	3 508	1 619	417	1 143
1954.......	2 061	3 967	1 737	422	1 614
1955.......	1 883	5 175	2 219	531	2 499
1956.......	3 022	7 938	2 170	597	2 170

SÃO SEPÉ — RS

Mapa Municipal no 13.° Vol.

HISTÓRICO — Uma estância de índios catequizados pelos Jesuítas — a Fazenda São João, existente em 1750 — é o primeiro estabelecimento no território do atual município. E a primeira sesmaria foi a concedida a José Carneiro da Silva Fontoura, em 1780, no lugar denominado Durasnal de São Rafael. Silva Fontoura, que veio com seus pais, era natural de Minas Gerais, e deixou numerosa descendência. Seguiram-se-lhe as sesmarias de Santos Martins, ten. Luiz Pinheiro da Silva, Hipólito Dias de Sousa, João Pinheiro, José Anchieta Furtado de Mendonça, Raimundo da Silveira Santos, Joaquim Rodrigues Florence, Antônio Adolfo Charão, Inácio Rodrigues da Silva, Mateus Simões Pires, Antônio Gonçalves Dias, Antônio Gonçalves Borges, Gaspar e José Joaquim Lucena, Manoel e José dos Santos Cardoso, Mariano José Teixeira, Luiz Machado Teixeira, Jerônimo Rodrigues da Rosa, José Joaquim de Bittencourt e José Mendes. No princípio do século XIX, tôdas as áreas de terra já estavam distribuídas. A população já era grande e o território, subordinado inicialmente a Rio Pardo, passava a fazer parte de Cachoeira, em 1820, com o nome de distrito de São Rafael.

Paralelamente ao povoamento, continuava a guerra de fronteira. A 3 de janeiro de 1774, o grande caudilho rio-grandense Rafael Pinto Bandeira, vindo de Rio Pardo, surpreende pela madrugada D. Antônio Gómez com 600 homens na coxilha de São Rafael, próxima ao Santa Bárbara, derrotando-o fragorosamente e aprisionando o próprio Gómez, juntamente com outros chefes e 80 soldados, além de se apoderar de abundante despôjo de guerra. Em 1801, o Governador da Capitania, Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral, ordenava ao coronel Patrício Corrêa da Câmara, comandante da Fronteira de Rio Pardo, que organizasse na região um corpo para guarnecer a fronteira. Foi assim constituída a Companhia de Auxiliares do distrito de São Rafael, sob o comando do capitão Joaquim Severo Fialho de Mendonça, a qual teve papel saliente na campanha daquele ano.

Em 1827, existia um povoado denominado Formigueiro, que ali era, na época, o núcleo populacional mais forte. Nêle se instalaram lavradores com pequenas chácaras. Êstes pequenos proprietários eram constituídos, em sua maioria, de agricultores pobres que abandonaram as estâncias e soldados que deram baixa, aos quais vieram acrescentar-se artífices, tais como ferreiros, carpinteiros etc. Dos moradores do Formigueiro é que partiu a iniciativa, com o carpinteiro Francisco Antônio de Vargas à testa, de erigirem uma capela, dedicada a Nossa Senhora das Mercês, próximo ao passo do rio São Sepé. A 22 de fevereiro de 1825, Vargas, após considerações em que demonstrava seu espírito religioso, requeria ao Vigário-Geral a necessária licença, que lhe foi concedida. Entretanto, o lugar escolhido ficava situado na sesmaria de Joaquim Carlos de Bragança Fraga. Êste e mais outros fazendeiros protestaram junto às autoridades, alegando terem Vargas e outros "chacreiros perturbadores do sucego público... a título de numa falça devoçam... assim como muitos vadios sem estebelidade e fazella despòticamente no centro das Estâncias dos suplicantes". Conseguiram, assim, a anulação da licença. Vargas

Praça Nossa Senhora das Mercês, destacando-se ao fundo a Igreja-Matriz

e os outros moradores, ignorando a anulação, dirigem-se a 26 de janeiro de 1830 ao Guarda-mor, comandante José Ilidoro de Figueiredo, participando-lhe que o Vigário-Geral havia concedido a licença e convidando-o para a cerimônia. Com efeito, a 15 de fevereiro de 1830, encaminharam-se para o local indicado, trazendo a cruz em uma carrêta. Para grande surprêsa sua, Ilidoro opõe-se e lhes comunica não poderem êles colocar a cruz em terreno alheio. Vargas exibe a Provisão ao que Ilidoro contesta com o argumento de que ela não preenche todos os requisitos e de que deviam aguardar a decisão das autoridades. Com isto não se conformam Vargas e os outros, surgindo daí uma discussão, na qual um terceiro, Salvador Caetano, intervém, a bradar em altas vozes, que uma cruz êle tinha o direito de levantá-la onde quisesse. Em vista do que achou ser uma insubordinação, Ilidoro ordena aos alferes Manoel Joaquim Tôrres que prenda aquêles dois homens. Retrucam os outros que, se os dois fôssem presos, então todos êles estavam presos. Logo após saem em direção ao local e, em meio a manifestações de júbilo, plantam a cruz. Êste episódio foi causa do "Auto da Assuada" em que Vargas era o principal acusado, conseguindo, porém, responder ao processo em liberdade, em virtude de "carta de seguro" fornecida pelo Imperador. Quatro anos mais tarde, o processo era arquivado com o melancólico despacho de que "He constante ter fallecido o agreçor".

O sonho de Vargas seria uma realidade alguns anos depois, graças sobretudo aos "Plácidos" — Plácido Nunes de Melo, o Chiquiti, e Plácido Gonçalves Dias. O primeiro foi o animador da idéia e conseguiu persuadir o segundo, poderoso fazendeiro, a que comprasse uma área de terra de Florisbelo Carlos Bragança França, herdeiro de Joaquim Carlos, no mesmo lugar onde se tinha levantado o cruzeiro. Fêz-se, então, novo requerimento. Sobreveio a guerra dos Farrapos e a questão ficou em suspenso. Por fim, a 6 de junho de 1846, criava-se a capela que tinha como orago Nossa Senhora da Conceição, por ter sido em seu dia que Plácido Gonçalves comprara a terra a Bragança França. A 7 de dezembro de 1850 era elevado à freguesia, sendo o 1.º padre o espanhol Isidoro González. Supõe-se que nesta data é que passou a chamar-se São Sepé, derivado do rio do mesmo nome. Sua origem deve-se a Sepé Tiaraju, o alferes Real das Reduções — cacique catequizado, notável pela bravura e capacidade militar, considerado o maior caudilho amerígena do Rio Grande do Sul.

Acredita-se que Sepé seja corruptela de José, nome dado pelos Jesuítas ao ser batizado, conservando, porém, o apelido Tiaraju.

Em 1858, a população era de 2 118 habitantes. Finalmente, a Lei provincial número 1 029, de 29 de abril de 1876, no govêrno de Alencar Araripe, criava o município de São Sepé, cuja sede tinha a denominação de Vila de Nossa Senhora da Conceição de São Sepé. Apesar de ter sido criado sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, a primitiva padroeira do lugar — Nossa Senhora das Mercês — acabou por impor-se e é hoje a padroeira de São Sepé. Realizadas as eleições, a 15 de março de 1877, o Presidente da Câmara de Caçapava, Pedro Antônio de Medeiros, dava posse à primeira Câmara, composta de Vicente de Paula Simões Pires, Presidente, Mateus José Ferreira de Farias, José Rodrigues Ferreira, Evaristo Alves da Fontoura Riquinho, Feliciano Machado da Silva Santos e Marços Gonçalves dos Santos. Em 1876, chegavam os primeiros colonos alemães a Formigueiro. Dada a riqueza aurífera do município, em 1884 os franceses Aimable Jovin,

João Gasin e José Raymundo requeriam ao Imperador fôsse-lhes concedido o privilégio de explorar ouro. Cinco anos mais tarde, alguns inglêses pleiteavam a mesma concessão.

São Sepé não ficou alheio ao movimento abolicionista. Fundara-se o Clube Abolicionista, dirigido por Maria do Carmo Saldanha de Macedo, Josefa Mercedes Nunes da Fontoura e Rita de Cássia Correia. Depois de intensa propaganda, o Clube podia anunciar, em setembro de 1884, que o município estava pràticamente livre de escravos. Com a República, a comuna teve um período de governos interinos, até a eleição do primeiro intendente, Emídio Jaume de Figueiredo. Em 1890 a população se elevava a 7 744 habitantes. No ano seguinte, abria-se a estrada de rodagem para Estiva. Chegavam os primeiros italianos a Formigueiro em 1910. A principal riqueza, a pastoril, apresentava as seguintes cifras em 1913: bovinos, 150 000; ovinos, 30 000; eqüinos, 8 500. Em Formigueiro a população se dedicava a outras atividades como a apicultura, sendo famoso o mel da região; e a orizicultura, de futuro promissor.

O trabalho pacífico dos sepeenses foi interrompido pelo levante armado de 1923. A 9 de julho, o rebelde major João Simões Pires ccupa a vila para perdê-la, decorridos alguns dias, para o coronel Baltazar Guarani de Bem e Canto A 7 do mês seguinte, volta a cair em poder dos assisistas, a mando do major João Cândido de Brites, aos quais se junta o destacamento do capitão Pio Barreto, que vem de Lavras. Em seguida, separam-se, indo Brites para Cêra de Pedra e Pio para Formigueiro. Entrementes, chega a Boqueirão a "Brigada de São Gabriel". A 23, o coronel legalista Claudino Nunes Pereira toma a vila, sendo acossado, dois dias depois, pelo general Estácio Azambuja. Entra setembro com vários recontros. A 6, no passo da Juliana, no São Sepé, Estácio, auxiliado pelo coronel Coroliano Alves de Oliveira Castro e tenente-coronel Clarestino Bento da Silva, combate novamente com o coronel Claudino, batalha de resultados equilibrados, porquanto os governistas conquistaram terreno mas tiveram mais baixa. O general Estácio usava a tática de movimento. Depois de escaramuças com o major Júlio Rafael Aragão Bozano no Formigueiro, enfrenta os capitães Adelino e Carlos Nogueira da Gama, nos passos de Bossoroca e São João. Luta, na ponte do São Sepé, e, em seguida, peleja com o tenente-coronel Baltazar na própria vila; defronta-se outra vez com o coronel Claudino, no Formigueiro e, por fim, tiroteia com Baltazar em Cêra de Pedra. Dia 4 de outubro, o insurreto João Castelhano volta a ocupar a vila.

Transcorridos apenas 2 anos da referida revolta, estourava outra, de duração muito breve. A das fôrças de Santa Maria e São Gabriel, chefiadas pelo tenente Alcides Gonçalves Etchegoyen e outros oficiais do Exército. Durante a insurreição, a vila foi ocupada duas vêzes. A primeira, a 21 de novembro de 1926, pelo próprio Etchegoyen. A segunda, a 24, auxiliados pela fôrça do coronel Julião Barcelos.

BIBLIOGRAFIA — Paulo Xavier — *A fundação de São Sepé* — Correio do Povo, de 9-6-1956; Aurélio Pôrto — *R. I. H. G. do R. G. S.* — I trimestre de 1930; *Centenário da fundação de São Sepé* — Escola Tipográfica dos Palotinos — Vale Vêneto. Otávio Augusto de Faria — *Dicionário Geográfico e Histórico do Rio Grande do Sul*.

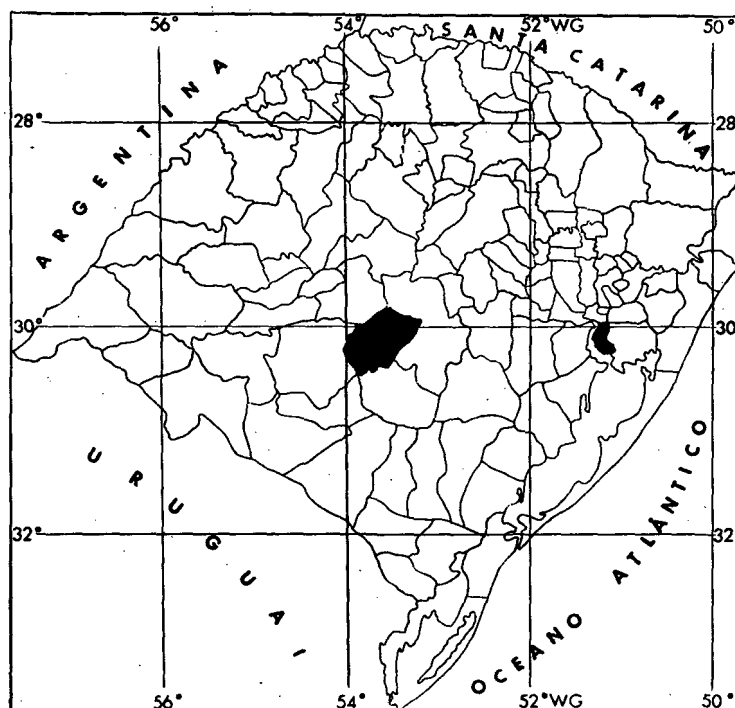
VULTO ILUSTRE — *Clemenciano Barnasque* — Nasceu Clemenciano Barnasque no lugar denominado Ipê, terceiro subdistrito de São Sepé. Iniciou seus estudos secundários na extinta Escola Militar de Rio Pardo, concluindo-os no Rio de Janeiro, onde cursou a Faculdade de Medicina, até o segundo ano. De regresso ao sul, ocupou-se com as letras e jornalismo, onde por várias vêzes testemunhou o valor de sua viva e palpitante intelectualidade. Escreveu, além de inúmeros artigos pela imprensa gaúcha, as seguintes obras: "Mancha Pampeana" — "No Pago" — "O Rio Grande na História e na Legenda" e "Efemérides Rio-grandenses". Inteligência brilhante, foi sem dúvida Clemenciano Barnasque um dos expoentes da literatura gaúcha, projetando-se como poeta, historiador, jornalista, prosador e orador fluente. Faleceu aos 50 anos de idade, na capital do Estado, em 22 de dezembro de 1941.

POPULAÇÃO — Conta o município de São Sepé com 28 230 habitantes, localizando-se 2 980 na sede e 25 250 na zona rural (estimativa do D. E. E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 8,94 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna corresponde a 0,59% do total do Estado. Área: 3 157 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de São Sepé. Vilas: Formigueiro e Block.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
São Sepé......	619	7	228	140	28	479

Aspectos geográficos — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 08' 20" de latitude Sul e 53° 41' 51" de longitude W. Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo: W. S. W. Distância em linha reta da capital do Estado: 227 quilômetros. Altitude: 175 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — O rio Vacacaí, tributário do rio Jacuí, nasce no município de São Gabriel, e corre na direção nordeste, entre os territórios dos municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e São Sepé. Seu leito é arenoso e em suas águas são fartamente encontradas as seguintes variedades de peixes: traíra, dourado, jundiá e pintado. Arroio São Sepé, nasce nas proximidades da "Coxilha do Amaricá", no Acampamento Velho; corre em direção norte, cortando ao meio o território municipal, desaguando no rio Vacacaí, logo abaixo do lugar denominado Passo das Tunas. Arroio encachoeirado nos seus primeiros 20 quilômetros de percurso, apresenta diversas quedas aproveitáveis para a produção de eneria elétrica, sendo a mais notável a Queda da Pulquéria que, pela sua localização, oferece considerável potencial para a instalação de uma usina hidrelétrica. Arroio Santa Bárbara ou Acamgupá, nasce na encosta da serra de Caçapava e corre na direção norte, indo desembocar no rio Vacacaí, logo acima da barra dêsse rio com o Jacuí. O arroio Santa Bárbara serve de divisa dos municípios de Caçapava do Sul — São Sepé, Cachoeira do Sul — São Sepé. Em suas águas são encontradas diversas variedades de peixes, destacando-se as seguintes: piava e dourado.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Diversas são as riquezas naturais do município. Dentre as de maior importância, quer pelo seu valor econômico, quer pela sua utilidade, destacam-se as seguintes: *ouro* — na região denominada Cerrito do Ouro, êste metal é encontrado em veios situados a diversas profundidades do subsolo. Há cêrca de 30 anos havia na região companhias organizadas que se dedicavam a sua exploração, porém, à medida que a produção foi rareando e ficando antieconômica, essas companhias foram abandonando, gradativamente, a mineração e a região. Entretanto a exploração do ouro ainda constitui fonte de renda certa, de muitas famílias, que o extraem, sob a forma de garimpo, dos leitos do arroio São Sepé e seus afluentes. *Carvão* — embora inexplorada, sabe-se, hoje, que a bacia carbonífera do município de São Sepé é extensa e poderá em futuro não muito remoto ser explorada com grande proveito econômico para o Rio Grande do Sul. Segundo as pesquisas, que no momento estão sendo efetuadas, essa bacia estende-se por uma vasta região que compreende os territórios dos subdistritos de Jazidas, Cerrito do Ouro e Mata Grande. *Ferro* — minério fartamente encontrado em várias localidades do município e de qualidade superior (teor 64,9), ainda inexplorado. *Amianto* — no lugar denominado Cêrro da Cria, no quarto subdistrito do município, foi encontrada grande reserva dêsse mineral. Levado a exame de laboratório, foi constatado tratar-se de amianto do tipo "fibra longa", de qualidade igual e mesmo superior aos similares canadenses. *Grafita* — mineral encontrado em diversos locais da região onde está situado o quarto subdistrito. Ainda não está sendo explorado. *Cobre* — segundo pesquisas efetuadas por geólogos, no lugar denominado Rincão do Coqueiro, segundo subdistrito do município, existem fortes indícios da existência de uma grande jazida de cobre. *Talco* — no lugar denominado Cêrro da Cria, no quarto subdistrito, foram encontrados vestígios da existência, naquele local, de uma jazida de talco. *Pedra calcária* — na região denominada Vila Nova, no quarto subdistrito, existem grandes jazidas de pedras calcárias, que estão regularmente exploradas por diversas firmas locais.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, ocorridas no ano de 1956, foram as seguintes: máximas, 25,4°C; mínimas, 14,9°C compensada, 19,9°C. Precipitação anual das chuvas: 1 210 mm. Ocorrências das geadas: nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte, Santa Maria e Cachoeira do Sul; ao sul, Caçapava; a leste, Cachoeira do Sul e a oeste, São Gabriel.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — Encontra-se em fase de grande prosperidade, sendo um dos esteios da economia do município. A triticultura e a orizicultura, dentro de breves anos, suplantarão a atividade pecuária no município. As lavouras de trigo são totalmente mecanizadas e as de arroz parcialmente.

Principais triticultores	*Área cultivada*
Acil Gomercindo Cassol	340
Ari Alves Leão	360
Aderbal Spilimberg	350
Aquilino Zemolin	130
Altair Ilha Machado	120
Albano Luezim	204
Adroaldo Caceres Mallett	190
Adair Vieira	103
Adelino Fontelli	160
Alcides A. Teixeira	170
Argeu Spencer	420
Bento Lejo	110
Belizário Leão	140
Belarmino Antônio Capelari	180
Carlos Francisco Rodrigues	350
Carlos Frederico Moritz	640
Dirceu Almeida	140
Enio de Souza Picada	150
Epaminondas Cunha	172
Emilio Giuliani	102
Francisco Turmann	460
Francisco Costa	218
Francisco Souza Picada	120
Frantz & Borge	950
Getúlio Fernandes Paim	204
Gaspar Caceres Malett	240
Getulio Brum	220
Gonçalves & Homerich	204
Francisco Felix Gonçalves	410
Homero Correia Brum	400
Hermes Gressler	170
Isaias Evangelho Machado	132
José Lisboa Neto	700
Julio Fontoura Santos	102
José Pedro Couto	110
José Luiz Leão, V.ª	150
José Felix Leão	110
João Batista Santos	105
João Radünz	1 000
João Nepomuceno Teixeira	340
João Emilio Teixeira	212
João Vicente da Silveira	170
João Pires Alves	102
João Francisco Maciel	357
José Pires Alves	400
Jasson & Cia.	160
Lauro Souto	155
Mario Lopes de Carvalho	120

Principais triticultores	*Área cultivada*
Nicolau Socolovicz	200
Norival Porto	140
Ovidio Coradine	110
V.ª Ana Pires Lorentz	350
Picada & Gazem	230
Zeferino Lima Paulo	340
Wilson Freitas Teixeira	187

A produção do arroz no município de São Sepé ocupa lugar de destaque na produção estadual. O cultivo é feito nas lavouras maiores por maquinaria agrícola, sendo que sòmente o corte de arroz é feito manualmente.

Principais orizicultores	*Área cultivada*
Antão Freitas Faria	115
Alfredo Carlos Rietz	140
Geraldo Bernardo Regler	110
Germano Block	100
Helmuth Augusto Finck	100
Noé Cunha Alves	170
Olderni Genito Kurtz	150
Orlando Rohd	105
Arno Kruger	200

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Culturas	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	21 000	147 000
Arroz	21 526	84 309
Milho	2 400	4 800
Linho	560	3 640

Valor total da produção: Cr$ 245 590 340,00.

Pecuária — Ocupa o primeiro plano no município. Em 1955, o rebanho estava assim constituído:

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	129 000	219 300
Eqüinos	13 400	13 400
Muares	200	240
Suínos	9 300	5 580
Ovinos	124 000	33 600

As pastagens são: grama-forquilha, flexilha e trevo.

Parte do gado bovino é vendida para Santa Maria, Bagé, Rosário, Pôrto Alegre, Cachoeira.

Principais criadores	*Nome do estabelecimento*	*Raças preferidas*
Antônio Pires	Estância Boqueirão	Zebu e duran
Antônio Curto	Estância Jazidas	Zebu
Suc. de Aracy Alves	Estância Sossêgo	Devon, duran, zebu
Argemiro Melo	Estância Sossêgo	Holandês, zebu, devon
Artur Pedro da Silva	Estância ——	Zebu, duran e devon
Suc. Ataide Pereira da Rosa	——	Devon, duran, holand.
Ataliba Brum	——	Devon
Aurelino Barreto Martins	——	Cruza devon, zebu
Bento Barreto Martins	——	Cruza devon, zebu
Bento Luiz da Silva Santos	——	Cruza devon, zebu
Brandina Loureiro Gomes	——	Cruza devon, zebu
Calisto Simões Pires	——	Cruza devon, zebu
Claudino R. de Freitas	Estância Palmas	Cruza zebu-crioulo
Camerino Corrêa	——	Cruza devon, zebu
Carlos Pires Brenner	——	Cruza devon, zebu
Carlos Albino Scherer	Lajeado Grande	Cruza devon, zebu
Carlos Darci Lorentz	Estância Sítio	Cruza devon, zebu
Carlos Reinstein	——	Holandês, zebu
Carolina Scherer	Alto da Cruz	Cruza devon, zebu
Cezário Alves Teixeira	Tupanci	Devon
Cicero Pires Brenner	São Veríssimo	Devon, holandês, zebu
Custodio F. Simões Pires	——	Cruza duran, devon
Darci Freitas Faria	Sítio	Devon
Dinarte Alves Machado	——	Cruza zebu, crioulo
Elpidio Martins da Silva	——	Cruza zebu, crioulo
Ernestina Brum Pereira	Ipê	Cruza zebu, crioulo
Esipio B. Martins	——	Cruza zebu, crioulo
Favorino da Costa Machado	C. de Pedra	Cruza zebu, devon
Felipe Simões Pires	Estância São João	Cruza zebu, devon
Felix Simões Pires	Estância Bojuru	Cruza zebu, devon
Fernando Brum	Tupanci	Cruza devon, zebu
Floriano Rhode	——	Cruza zebu, devon
Francisco F. Gonçalves	——	Cruza zebu, devon
Francisco Lima Corrêa	——	Cruza zebu, devon
Francisco S. Pires	Estância Assis Brasil	Devon
Frederico R. Magalhães	Jacu	Cruza devon, zebu
Frida Lang	——	Cruza devon, zebu
Garibaldi Souto	——	Cruza devon, zebu
Gastão Brum	——	Cruza devon, zebu
Gentil Scherer	Estância Velha	Cruza devon, zebu
Genuino Vargas	——	Cruza devon, zebu
Germano Dickow	——	Cruza devon, zebu
Glicério Alves	——	Cruza devon, zebu
Gomercindo Lorentz	——	Cruza devon, zebu
Guilherm & Scherer	Mangueira de Pedra	Cruza devon, zebu
Herman Block	Verde	Cruza devon, zebu
Idalécio da Costa Martins	——	Cruza devon, zebu
Inocêncio Borges Pires	——	Cruza devon, zebu
Ivo Pio Brum	——	Cruza zebu, crioulo
Jacinto Machado da Silveira Suc.		Cruza zebu, crioulo
João Antonio S. Pires Suc.	Estância da Aroueira	Cruza zebu, crioulo
João Batista Simões Pires	Estância São Matheus	Cruza zebu, crioulo
João Marques Luiz Suc.	——	Cruza zebu, crioulo
João Pires Gavazz	——	Cruza zebu, crioulo
João de Deus da Silva	Estância Coqueiro	Cruza zebu crioulo
José Luiz Barreto	——	Cruza devon
José Mervilo da Silva	——	Cruza zebu, crioulo
José Vicente da Silveira	——	Cruza duran, devon
José Joaquim Magalhães	Estância Vila Nova	Cruza devon, zebu
Júlio Vicente da Silveira	Estância Vila Nova	Cruza devon, zebu
Lauro Luchsinger Bulcão	Estância ——	Cruza devon, zebu
Lauro Saldanha Souto	—	Cruza devon, zebu
Lucrécio Freitas Faria	Estância Santana	Cruza devon, zebu
Luiz Rodrigues Evangelho	—	Cruza devon, zebu
Manoel Virissimo S. Pires	Estância Boqueirão	Cruza devon, zebu
Maria B. Mota Santos	—	Cruza devon, zebu
Nelson Paim Ilha	—	Cruza zebu crioulo
Odilon Pires Brenner	Estância Santo Antonio	Cruza zebu crioulo
Pedro Carvalho Pedroso	—	Cruza devon e holand.
Quintino L. de Freitas	—	Cruza zebu crioulo
Rafael Simões Pires	Estância Murundu	Cruza zebu crioulo
Reinoldo Block	—	Cruza zebu crioulo
Romeu Saldanha Souto	Estância Cêrca de Pedra	Cruza zebu crioulo
Severiano Pires Franco	Estância Picada	Zebu
Venâncio R. Machado	Estância Alto da Cruz	Cruza zebu e crioulo
Vicente Borges Pires	—	Cruza zebu e crioulo

Ovinos — O rebanho ovino do município de São Sepé era de cento e vinte e quatro mil cabeças, em 31 de dezembro de 1956. As principais raças criadas são: merino, romney march.

Principais criadores de eqüinos	*Raça*
Feliz Simões Pires	Crioula e anglo-árabe
Odilon Pires Brenner	Crioula
Pedro Pedroso	Crioula
Vicente Simões Pires	Crioula
Virissimo Simões Pires	Crioula
Suc. de João Marques Luiz	Crioula
Carlos Brenner	Crioula
Calixto Simões Pires	Crioula
Frederico Magalhães	Crioula
Glicério Alves	Árabe e inglês
Suc. de Jacinto Machado	Crioula e anglo-árabe
Cezário Teixeira	Crioula e anglo-árabe
Genuino Vargas	Crioula
Quintino Lopes	Crioula e anglo-árabe
Afonso Pires da Mota	Crioula e anglo-árabe
Francisco Simões Pires	Crioula e anglo-árabe
João Batista S. Pires	Crioula

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	322 640	4 517 728
Carne verde de suíno	18 458	206 730
Carne verde de ovino	44 080	533 368
Couro verde de boi, vaca e vitelo	22 546	124 003
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	70 120	729 248
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	5 712	38 842
Pele sêca de ovino	2 320	32 480
Toucinho fresco	26 009	403 148
Total geral	511 885	6 585 539

Indústrias — Em 1955, São Sepé contava 75 estabelecimentos, ocupando a média mensal de 259 operários, tendo a produção somado Cr$ 91 572 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total:

Alimentares	90,6
Bebidas	0,5
Madeiras	3,5
Transf. de produtos minerais	4,2
Couros e produtos similares	0,1
Químicas e farmac.	0,2
Extrativa de prod. minerais.	0,1
Mobiliário	0,1

Comércio

Com. e ind. de arroz	3
Tec. e ferragens	3
Mater. elétrico	1
Secos e molhados	12
Calçados	1
Arreios	1

BANCOS E CASAS BANCÁRIAS — Existem na sede municipal, sòmente, dois estabelecimentos bancários que são: Agência do Banco do Rio Grande do Sul e o correspondente do Banco do Brasil, Tranquilo Gregório Cassol.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Santa Maria: rodovia (63 quilômetros); 2. Caçapava do Sul: rodovia (45 quilômetros); 3. São Gabriel: rodovia (113 quilômetros); 4. Cachoeira do Sul: rodovia (84 quilômetros); 5. Lavras do Sul: comunicação rodoviária por Caçapava do Sul, já descrito. Dista da capital do Estado: rodovia (300 quilômetros) ou misto: a) rodovia (63 quilômetros), via Santa Maria, e b) ferrovia (320 quilômetros), aéreo (265 quilômetros). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica. O sistema adotado é o dísel, inaugurado em 1929.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	21
Ruas	17
Avenida	1
Praças	3

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Ajardinado	1
Arborizados	2

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	21
Número de ligações elétricas domiciliares	719
Número de focos para iluminação pública	150

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo para iluminação pública	250 000 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o munic.	600 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Prefeitura Municipal	1
Cia. Telefônica Nacional	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO

Agência	1

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	106
Ônibus	4
Camionetas	59
Motociclos	4
Total	173

PARA TRANSPORTE DE CARGA

Caminhões	109
Tratores	200
Total	309

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	120
Bicicletas	40
Total	160

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	311
Carroças de quatro rodas	170
Outros	320
Total	801

HOTÉIS E PENSÕES — Há dois hotéis no município: Hotel Ideal e Hotel do Comércio, com as diárias de Cr$ 200,00, para casais, e Cr$ 100,00 para solteiros, e mais três pensões familiares, cujas diárias oscilam entre Cr$ 160,00 e Cr$ 180,00 para casais, e Cr$ 80,00 e Cr$ 90,00 para solteiros.

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 55% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar matriculadas (de 7 a 14 anos) é de 41%. Em 1955 havia 84 unidades escolares de ensino fundamental comum, com 2 996 alunos. Há, no município, um ginásio.

Outros aspectos culturais — Na cidade existem dois semanários: "A Notícia" e "A Palavra"; duas tipografias e três livrarias; três bibliotecas de caráter geral, totalizando 2 100 volumes.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 4 dentistas e 3 médicos. Em 1955, funcionavam 2 hospitais com 54 leitos, tendo sido hospitalizados 664 enfermos, assim discriminados: 89 crianças, 181 homens e 394 mulheres. Os 2 hospitais contavam com 1 aparelho de raio X diagnóstico, 1 aparelho de radioterapia, 3 salas de operações e uma farmácia.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Quatro advogados residentes.

Formação judiciária — É comarca de primeira entrância com um juiz.

Organização policial — Uma Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Religiosos — Divino Espírito Santo, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Rosário. Procissões: Nosso Senhor Morto e Corpus Christi. Além dos festejos acima citados, o "Centro de Tradições Índio Sepé", entidade fundada para reviver as tradições e feitos do Rio Grande do Sul antigo, realiza festas de caráter regionalista, onde são reproduzidos e rememorados acontecimentos e personagens locais do século passado.

MONUMENTO ARTÍSTICO E HISTÓRICO — Em homenagem aos fundadores da cidade (Francisco Antônio de Vargas e seus companheiros), a população sepeense mandou erigir na Praça das Mercês, em 1930, um obelisco, todo executado em mármore e granito pelo escultor Alois Friedrich.

FINANÇAS PÚBLICAS:

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	423	778	664	256	702
1951.......	591	1 178	776	299	787
1952.......	674	1 165	921	329	853
1953.......	792	1 352	1 318	445	2 050
1954.......	1 007	2 162	1 239	495	2 105
1955.......	1 190	2 033	1 612	779	2 677
1956.......	1 384	2 973	1 810	965	1 810

SAPIRANGA — RS

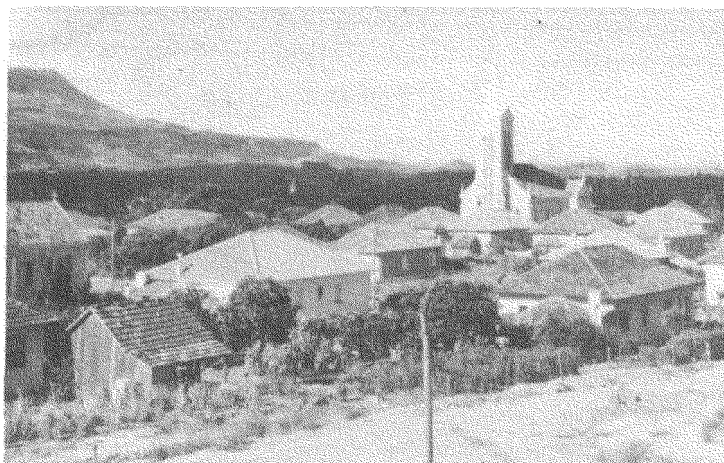
Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A 25 de julho de 1824 chegavam os primeiros colonos alemães à Feitoria Linho Cânhamo, que depois tornar-se-ia sede da Colônia de São Leopoldo. Pertencia então tôda essa região ao município de Pôrto Alegre, o qual fôra criado por Provisão de 27 de abril de 1809. O núcleo primitivo lentamente se foi dispersando, ocupando uma área relativamente considerável. Pelo Decreto provincial n.º 4, de 1.º de abril de 1846, era criado o município de São Leopoldo, o qual abrangia as terras do atual município de Sapiranga. Algumas famílias proprietárias de terras começaram a vender parcelas das mesmas, franqueando-as aos colonos. Em Sapiranga tal sucedeu com a família Leão, que seria proprietária de terras, segundo o Padre Balduíno Rambo. Outra versão diz que um cidadão de nome Leão, lá por 1830, foi para a localidade, designado Capataz-Geral. De tôda forma, localizando-se ali um núcleo colonial, tomou o nome de Fazenda Leão, ou Leonerhof.

Foi em 1850 que começou o povoaemnto efetivo de seu solo, com o estabelecimento dos primeiros colonos. A 1.º de julho dêsse ano havia em Sapiranga e seus arredores 398 habitantes, dos quais 265 evangélicos. Já havia sido erguida uma escola evangélica que contava com 31 alunos matriculados, e organizada a Comunidade Evangélica local. A 9 de fevereiro de 1851, pelo pastor Doutor Otto Roch é inaugurada a primeira igreja, sendo que até então os cultos eram celebrados em residências particulares. Era o prédio uma construção rústica, como tôdas as construções locais na época. Dez anos depois o prédio religioso era já exíguo para que nêle coubessem os fiéis, sendo então construído um maior. Entre diversos moradores de Sapiranga, em

Equipamento da Prefeitura e prédio a ser demolido para construção do Palácio Municipal

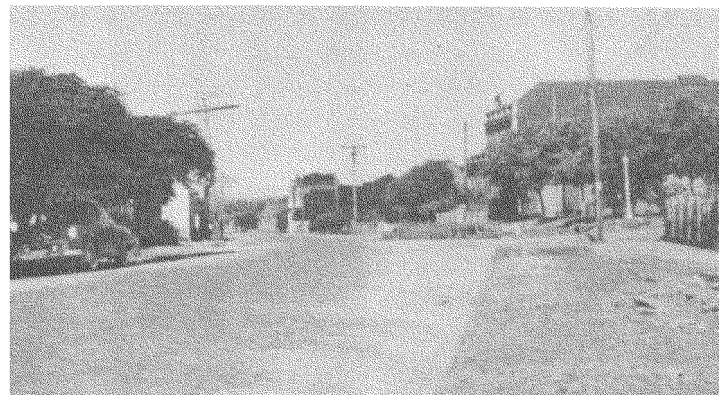
1870, contavam-se os seguintes: João Jacob Barth, Jacob Feltes, Germano Siebell, João Schardong, Jacob Schmidt, Jacob Kraemer, Henrique Schmitd, Felipe Kley, João Gustavo Hinckel, Teodoro Klipel, Guilherme Schneider, Henrique Scherer, Jacob Kley, Salomão Fleck, João Hoffmeister, Carlos Schmitt, Jacob Hoffmeister, João Kraemer, José Kraemer, Adão Kauerm, João Saenger, Libório Wingert, Pedro Becker, João Schmitt e Frederico Otto Kunz. Os primeiros moradores da Estrada do Rio dos Sinos, hoje Rua Passo da Cruz, foram Jacob Hoffmeister, Jacob Volz, Frederico Jacobus Rodolfo Weber. Os primeiros moradores do povoado Amaral Ribeiro, anteriormente chamado Ratzemberg, foram os membros da família Kautzmann, da família Lehn e o professor Weiss. Mas o que tornou Sapiranga um município cuja história é importante e fundamental no estudo da vida e desenvolvimento do Rio Grande do Sul é o episódio dos Muckers, considerado por Klaus Becker como "o único acontecimento obscuro relacionado com a imigração alemã no Rio Grande do Sul". A respeito do mesmo foi publicado o livro "Os Muckers", pelo padre Ambrósio Schupp, lançado em 1900; pesquisas originais de Leopoldo Petry publicadas ùltimamente em diversos órgãos de imprensa; "O episódio dos Muckers", de Klaus Becker, publicado na Enciclopédia Rio-grandense; diversos moradores do município, interessados no assunto, também apresentam seus pontos de vista. Falta, todavia, um estudo de suficiente fôlego, a fim de que seja definitivamente esclarecido o assunto.

Um dos personagens do episódio, João Jorge Klein, natural do Hunsrück, Alemanha, estudara para professor primário, tendo feito também estudos teológicos. Em 1846 emigrou para a América do Norte, junto com o barbeiro Georg Jacob Fuchs. Ambos vieram para o Brasil antes de 1855, ano em que João Jorge Klein casa com Catarina Mentz, em Hamburgo Velho, no dia 13 de abril. Esta Catarina Mentz era irmã mais velha de Jacobina, outra das figuras centrais do episódio. A família Mentz adquirira terras na Fazenda do Leão. Em 9 de setembro de 1859, a comunidade evangélica da Picada 48 elege o professor Klein seu pastor. O terceiro tipo fundamental à compreensão dos acontecimentos é João Jorge Maurer, nascido a 28 de fevereiro de 1840 na Linha São José do Hortência. Casou-se com Jacobina Mentz, a 26 de maio de 1866 em Hamburgo Velho. O casal transfere-se para Sapiranga em 1867. Jacobina, nascida em junho de 1842, em Hamburgo Velho, desde os seis anos sofria de um mal incurável para

Vista parcial da cidade, destacando-se ao fundo a Igreja-Matriz

a época. Caía sem sentidos, em transe, balbuciando palavras e frases bastante incompreensíveis. Maurer explorou a doença da espôsa, alardeando a capacidade de a mesma aliviar doenças, por inspiração divina. Além disto, Maurer organizava reuniões onde era lida e interpretada a Bíblia por Jacobina. Uma verdadeira romaria de crentes dirige-se à casa dos Maurer, verdadeiras procissões ao morro do Ferrabraz. Católicos, protestantes e mesmo increús, com a esperança nos corações, iam procurar solução de seus problemas físicos e religiosos, junto a Jacobina e João Jorge Maurer. Em 1868 surge a primeira crítica violenta, quando um pastor evangélico lança inventiva contra os santarrões. Pregando em alemão, a palavra santarrão era substituída por "mucker", iniciando-se assim o nome que seria dado aos acontecimentos futuros. Quanto ao procedimento de Jacobina e João Jorge, é discutível tôda posição. Talvez, como crêem muitos, fôssem realmente farsantes; talvez, gradativamente cressem no que diziam; quiçá, porém, a doença de Jacobina de tal modo a transtornasse que ela realmente viesse a acreditar no que dizia e mesmo seu espôso efetivamente fôsse seu primeiro crente. Desde 1871 inicia-se uma campanha progressiva contra os já chamados Muckers. Os discípulos da nova crença defendiam-na ardorosamente; os fiéis dos credos protestante e católico atacavam-na com violência inusitada. Em represália às chacotas e ofensas, a partir de 1873 os Muckers afastam-se das comunidades a que até então pertenciam, e retirando as crianças das escolas para evitar contaminação com os increús.

Lugarejo pequeno, fermentou a disputa religiosa lentamente. Em maio de 1873, por iniciativa de Felipe Sehn, 47 moradores da zona alertaram as autoridades policiais de São Leopoldo para as reuniões efetuadas em casa de Maurer. Uma das advertências era a de que ali havia pólvora e armas. Maurer é intimado a comparecer à delegacia de São Leopoldo. Não comparece. O delegado, Lúcio Schreiner, dirige-se ao Ferrabraz, prende todos os que encontra, procede a rigorosa busca na casa, nada encontrando de suspeito ou incriminador. Maurer e Jacobina, esta em estado de inconsciência, são levados à sede do município, onde seriam interrogados. Jacobina em transe até a noite, sendo acordada apenas pelos cânticos de seus fiéis. Interrogada, fala das reuniões, informa ser livre a entrada dos fiéis, e mostra grande convicção em sua crença. Maurer também é interrogado, sendo seu depoimento bastante ingênuo, sem qualquer tortuosidade mística ou cultural. A 21 de maio de 1873 são encaminhados Jorge Maurer e Jacobina a Pôrto Alegre, e mais seis companheiros; êle para a Polícia, ela para a Santa Casa. A 13 de junho são soltos, por verificar o Presidente da Província que são infundados os temores do distrito. Por outro lado, conforme Leopoldo Petry, os membros da seita estariam sofrendo coação por parte da polícia leopoldense. Um funcionário perseguiria a cunhada de Jorge Maurer; a êste o delegado teria pedido emprestado dinheiro; e, finalmente, que os chefes políticos de São Leopoldo queriam o apoio dos Muckers para as eleições de 1872. Em tudo isto haveria sempre a recusa e desaprovação de Jorge Maurer. O subdelegado de Sapiranga, diversas e repetidas vêzes, controlou as pessoas que se dirigiam à casa de Maurer, ali efetuando buscas.

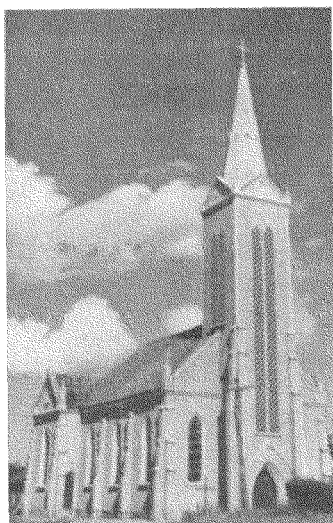
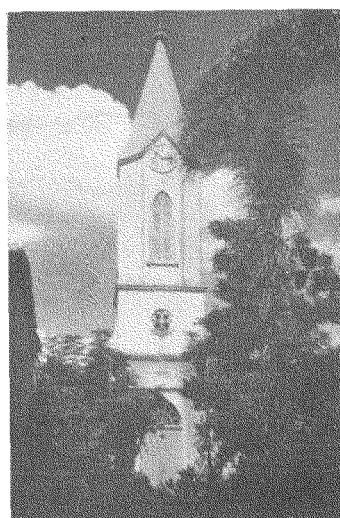
Em outubro de 1873, ocorrem dois fatos que auxiliariam o acirramento dos ânimos. Jacob Kraemer, inimigo acérrimo dos Muckers, sai de casa e não volta. É encontrado morto, perto da estrada. Tudo indica que foi morte acidental. No mesmo mês, o sogro do subdelegado Spinder, Pedro Hirt, que sofria de melancolia e freqüentava a casa de Maurer, não obstante os avisos de seu genro, recebe visita de Maurer, e, no dia seguinte, é encontrado morto. Enforcara-se. Com êsses fatos, os rumores contra os Muckers aumentaram extraordinàriamente. Várias são as posições que se podem tomar. Ou os Muckers realmente tinham relação com os eventos, ou não a tinham. Caso não a tivessem, os boatos poderiam ser levantados pelo povo, por increús, por católicos ou protestantes, ou por interêsses políticos. Em novembro de 1873, após um atentado contra o inspetor de quarteirão João Lehn, ocorrido no dia 22, o delegado Lúcio Schreiner aprisiona 33 Muckers, incriminando-os pelo fato. Evidentemente não seriam tantos os envolvidos num simples atentado. Acirra-se a inimizade entre os Muckers e a sociedade que os cercava. Interessante notar-se como o ódio contra os Muckers durou muito tempo. Souza Docca dirá: "Êsses Muckers, agora mais do que nunca, se manifestaram agressivos e perigosos; passaram da ameaça ao crime, formaram uma espécie de cidadela nos arredores da casa dos Maurer e aí se concentraram para a luta armada". Isto referente ao período conseqüente à volta dos Maurer de Pôrto Alegre. A respeito do mesmo ponto, diria Aurélio Pôrto: "Processado, mas absolvido, permitiu, erradamente, a autoridade competente que o casal voltasse aos antigos penates".

Deve-se isso ao fato de até então a única narrativa coerente que era conhecida ser a do padre Schupp.

Vista parcial da Avenida João Corrêa

Outro aspecto parcial da cidade

A 10 de dezembro de 1873, os Muckers dirigem uma representação ao Imperador, contra os atentados que sofriam por parte não só de alguns moradores das colônias, como do próprio subdelegado e inspetores de quarteirão do distrito. Aí aparecem várias queixas — a das prisões, a de vandalismos, de espancamentos, insultos, vergonhas e desfeitas. O Ministro da Justiça remete o memorial ao Presidente da Província, êste ao Chefe de Polícia, e êste ao Delegado de Polícia de São Leopoldo. Que informações poder-se-iam esperar, pôsto fôsse o informante o incriminado? Schreiner estava sendo substituído por seu suplente, Guilherme Haertel, que a 26 de janeiro de 1874 informa que nenhuma participação tivera a polícia local nos fatos relatados. Além disto nenhum vexame ou arbitrariedade teriam sofrido os Muckers. Além disto, acusava-os do assasínio de Lehn, dizendo que o povo se exacerbara contra os membros da seita, e daí o delegado prender os mesmos para evitar que sofressem violências por parte dos exaltados. Finalmente, a 11 de março de 1874, é dado um despacho pelo qual nada havia a deferir no memorial dos Muckers, pelo Ministro da Justiça. A 30 de abril de 1874, ao escurecer, na casa do alfaiate Klos, é assassinado a tiro o menor Jorge Haubert. Na fuga o assassino deixa, além do morto, dois feridos e um agonizante. O próprio Chefe de Polícia dirige-se a São Leopoldo, para investigar o caso, sem contudo descobrir o autor do crime. Retorna a 11 de maio a Pôrto Alegre. As suspeitas caíram sôbre Jorge Robinson, padrinho da vítima, apesar de ser Robinson um dos Muckers. Na noite de 14 de junho é incendiada a casa de Martim Kassel, perecendo no incêndio sua espôsa e os quatro filhos. Salvou-se apenas o enteado, Nicolau Lied, ferido a bala quando fugia por uma janela. Desta vez as suspeitas que recaem sôbre os Muckers são tremendamente pesadas. Razões para desejar o mal de Martim Kassel havia de sobra. Êste fôra adepto do casal, depois desiludira-se com a seita, tornando-se, ainda, ativo propagandista contra os Muckers e pondo a cru as falhas daquela crença. Atraiu a inimizade e o ódio dos sectários, sendo por êles ameaçado. Dirigiu-se, inclusive, para São Leopoldo, a fim de pedir proteção contra os Muckers — e em sua ausência é cometido o hediondo crime. Com isto estão os sectários comprometidos até a medula. De fato, desde o primeiro contato hostil com a sociedade que os cercava, haviam-se tornado celerados, ou, oprimidos pelo meio, reagiam violentamente.

Inegável é que começava sua ação violenta.

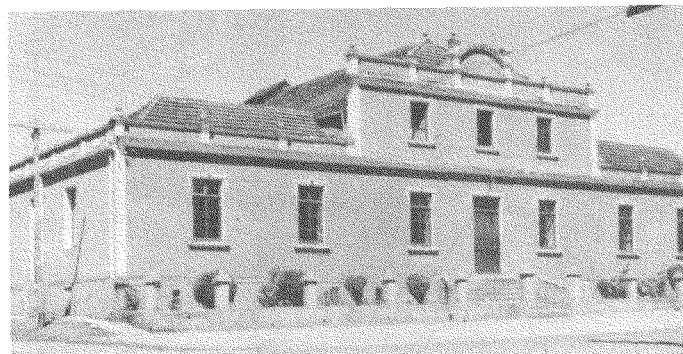
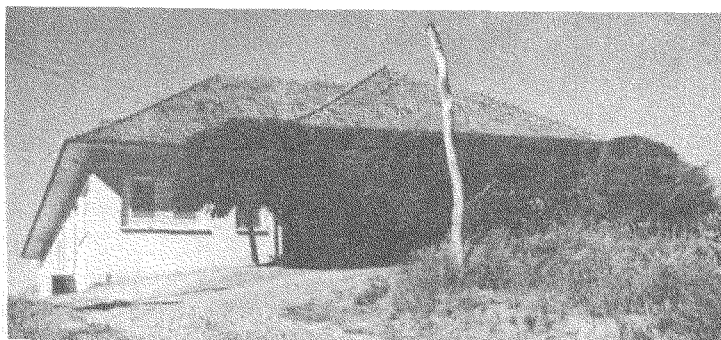
A 21 de junho é prêso um dos Muckers, o ferreiro Einsfeld. No dia 24, pela manhã, uma escolta cerca a casa de Jacob Mentz, a fim de aprisionar Robinson, suspeito da morte do menor Jorge Haubert. Mal é arrombada a porta, um soldado mete a cabeça pela abertura e é baleado. O misterioso assassino consegue escapar no meio da confusão que se segue. As suspeitas que recaíam sôbre Jorge Robinson avolumam-se, tomando aspecto de certeza. O 25 de junho de 1874 marcava o transcurso do meio século desde a chegada dos imigrantes alemães, quando diversos episódios sangrentos, inclusive assassínios, marcam tràgicamente a passagem da data, bem como a decisão de os Muckers resolverem a bala e a fogo os problemas surgidos. Casas são incendiadas, crianças morrem, diversas vítimas são feitas. Alguns títulos de capítulos do livro do padre Schupp podem dar alguma idéia do que foi aquela data: "A noite da *carnificina*", "Os foragidos", "Entre o ferro e o fogo", "Aventura de Felipe Kley", "Assassinato de Jacob Schmidt", "Felipe Sehn em Apuros", "Morte de Kray, "Mais Sangue" — parecem títulos de romances de mau gôsto, mas servem para indicar os estragos feitos pelos Muckers. A essa altura deviam estar completamente alucinados. Nada podiam esperar das autoridades, confiavam apenas nas próprias fôrças e, superestimando-as, desafiavam o mundo. "A

Igreja-Matriz

Igreja Evangélica

orgia de sangue nas picadas" é outro nome de capítulo. A essa altura ficou evidente que a intenção dos sectários era a de se tornarem donos da colônia. Sapiranga deveria ser dêles. Estavam bem municiados e acreditavam na causa dêles. Os colonos armam-se, realizam incursões de represália, sem contudo chegarem ao reduto do adversário. De certa forma, começaram o isolamento do mesmo. Em vista de serem escassos os recursos existentes em São Leopoldo, o Presidente da Província manda equipar 100 praças do 12.º Batalhão de Infantaria, seguindo com as mesmas para a sede do município. De 26 para 27 de junho seguem cavalos e bagagens, bem como 2 canhões de aço fundido. O coronel Genuíno Olímpio de Sampaio, herói das campanhas do Uruguai e Paraguai, comanda a fôrça. A 28 de junho marcha o coronel para Sapiranga, comandando infantaria, cavalaria e artilharia. O Império do Brasil estava de guerra com os Muckers. Estavam bem preparados os insurretos.

São preparados em dois pelotões 130 homens do Império. Seguem por dois caminhos, e mais adiante se reencontram, numa clareira, frente ao reduto dos Muckers. E nessa noite de 28 de junho trava-se o primeiro combate. Bem entrincheirados, os paisanos enfrentavam milicianos que se espalhavam num campo aberto. Em vão tentaram os soldados avançar — descargas sucessivas fizeram estragos pesados, obrigando ao toque de retirar. O balanço da luta foi sobejamente favorável aos Muckers. Os imperiais contavam com 4 mortos e 35 feridos; os rebeldes, 1 morto e 5 feridos. Isso foi o toque de retirar para os colonos de Sapiranga que não pertenciam à seita. A fama de Jacobina e de Jacob era imensa. Retirando-se Genuíno de Sapiranga para Campo Bom, os Muckers tornavam-se de fato donos da localidade. Genuíno pede 600 praças e 4 bôcas de fogo. O Presidente dirige-se ao Govêrno Imperial. O Ministro da Guerra despacha favoràvelmente a petição. Diversos corpos espalhados pela Província são mandados a Sapiranga. O Império estava levando a sério sua luta contra os rebeldes. A 6 de julho chegam 2 canhões. A 12, são requisitadas ao Govêrno central 6 bôcas de fogo. Infelizmente para os legalistas, as peças de artilharia, uma vez postas à prova, mostraram-se imprestáveis. A 14 de julho, chegavam a São Leopoldo o Presidente da Província, Dr. João Pedro Carvalho de Morais; o Comandante das Armas, marechal-de-campo Vitorino José Carneiro Matoso, Barão de São Borja; e o Chefe de Polícia, acompanhados de alguns funcionários, formando conselho. Ao coronel Genuíno é confirmado o comando: o ataque decisivo é marcado para 18 de julho, mas uma chuva torrencial obriga-o a adiar o combate. A 19 de julho o dia amanhece sêco.

Seria nessa data travado importante encontro.

A casa de Maurer é cercada, além do 12.º batalhão de infantaria, por uma ala do 3.º de infantaria, que estava presente, bem como uma bateria de artilharia, um corpo de cavalaria e 300 voluntários paisanos, devidamente armados. Às nove horas inicia-se o combate. Na cidadela, homens e mulheres, rapazes e meninas empunhavam armas — era o sacrifício e heroísmo enorme que só os fanáticos podem apresentar. Finalmente incendeia-se o reduto. Enquanto os milicianos arrombam a porta, vários Muckers logram escapar, entre os quais seus dirigentes. Oito mulheres e oito homens haviam dado a vida por uma crença incoerente; cinco soldados haviam morrido e 31 estavam feridos com certa gravidade. A notícia da vitória espalhava-se ràpidamente. Mas Maurer e Jacobina não eram encontrados — a vitória perdia seu sabor. Os prisioneiros diziam apenas que aquêles estavam a salvo. Genuíno considerava finda a campanha. À noite dormiam calmamente os vitoriosos. Pela madrugada do dia 20, os Muckers fazem uma temerária investida contra o acampamento — coisa que só pessoas que confiam na proteção divina poderiam fazer. Militarmente seria uma temeridade essa investida de um pequeno contingente atacando um acampamento militar, horas após ter sido desbaratado. Os milicianos, assustados pelo imprevisto, dão tiros a êsmo. De repente percebem que essa atitude só servia para indicar sua posição aos adversários. Ao que parece, era apenas um reduzido punhado de Muckers que tiroteava, o que logo cessou. Uma das primeiras balas, contudo, acertara na perna de Genuíno Olímpio Sampaio, ex-combatente legalista na Revolução Farroupilha, da Revolução Praieira de Pernambuco, da Guerra contra Rosas, de 21 pelejas na Campanha contra o Govêrno do Paraguai, brilhante militar e coronel por atos de bravura. A bala cortou-lhe uma artéria e, rápida e inexoràvelmente, a morte se abateu sôbre o bravo militar.

"A 21 de julho em Pôrto Alegre, um interminável cortejo fúnebre, como talvez jamais se vira na capital da Província, atravessava suas ruas. O Presidente da Província, o Comandante das Armas, os Presidentes da Assembléia Provincial e o da Câmara Municipal carregaram a mão um caixão coberto de veludo, ricamente agaloado e coberto com a bandeira brazonada do Império. Era o ataúde do bravo e valoroso Comandante da primeira expedição à cidade dos

Sociedade de Ginástica e Campo

Hospital Municipal

Muckers. Imediatamente atrás do féretro, o 2.º Bispo do Rio Grande do Sul, D. Sebastião Dias Laranjeiras, que no cemitério entoou o "De Profundis", seguido dos Comandantes de Corpo do Exército, do corpo docente da Escola de Guerra, do funcionalismo, do alto comércio e de grande massa popular". Assim o descreve um de nossos historiadores e professôres universitários, tratando do assunto. Substitui Genuíno o coronel Augusto César da Silva, que comandava o 3.º de Infantaria. A 21 de julho, data do entêrro de seu antecessor, César da Silva, com 50 homens, ataca o adversário e é repelido. A 25 de julho um grupo de colonos tenta uma expedição contra os Muckers, sofrendo também pesado revés. A vitória havia sorrido três vêzes aos insurretos e apenas uma aos defensores da ordem. É nomeado o capitão Francisco Clementino de San-Tiago Dantas, professor da Escola de Guerra do Rio Grande do Sul, para salvar "o prestígio de sua classe sèriamente comprometido e enxovalhada sua farda", no dizer de Schupp.

Quinhentos homens estão a sua disposição.

A 2 de agôsto trava-se o último e decisivo encontro.

A investida é rápida, segura e violenta. As balas ceifam certeiramente os Muckers. De repente San-Tiago Dantas é ferido, acertado nas costelas e no quadril — mas o ataque continua. E, um a um vão sendo aniquilados os Muckers. Dezessete revoltosos, todos os que se encontravam nas choupanas, haviam sido aniquilados. Dos milicianos, um só morrera, feridos dois oficiais, doze soldados e treze paisanos.

Um processo moroso instaurou-se contra os Muckers presos no decorrer de tôda a luta. Compareceram ao júri a 17 de fevereiro de 1876, em São Leopoldo 23 prisioneiros. A pena mais grave, 23 anos e 4 meses de prisão, atingiu sete dos réus. Um foi condenado a 14 anos de prisão; oito, a 7 anos; e dos 21 Muckers efetivamente julgados, apenas cinco foram absolvidos.

O episódio sangrento que transtornou a vida de Sapiranga já pertencia ao passado — novos dias iriam surgir.

Já se tinham passado, desde a chegada dos Maurer a Sapiranga, 9 anos e desde a morte de Jacobina, 2 anos. Um dos atingidos pela pena máxima foi José Klein, que chamara para suas vizinhanças o casal.

Novos dias viveria Sapiranga.

Em 1880, seria construída a casa paroquial e também parte da atual Escola Duque de Caxias. Em 1890 é adquirido o primeiro sino para a Igreja e em 1912 vai ser construída a tôrre da Igreja, sendo então adquiridos mais dois sinos. Era a vida prosaica que voltava à localidade.

Sapiranga é elevada à categoria de distrito de São Leopoldo pelo Ato Intendencial n.º 154, de 28 de março de 1890. Sua vida continuou numa calma e progressiva prosperidade até 1933, quando um grupo de jovens vai criar a primeira fábrica de calçados, e mais tarde erguida a metalúrgica de Jacob Biehl & Filho.

A população foi crescendo gradativamente.

Em 1948 tem início o movimento emancipacionista, visando criar um novo município, desmembrando Sapiranga de São Leopoldo. Em 1953, após uma intensa campanha, na qual foram visitados todos os quadrantes da região que poderia emancipar-se, churrascos e discursos são feitos intensivamente; panfletos bilingües — português e alemão — lançados em todos os lugares; tem lugar um plebiscito, no qual se impõe a soberana vontade popular, almejando efetivamente a emancipação. O plebiscito teve lugar a 20 de dezembro de 1953, sendo a proporção de votos de quase 5 por 1 a favor da emancipação. Pela Lei estadual número 2 529, de 15 de dezembro de 1954, foi criado o município de Sapiranga, ocorrendo a instalação a 28 de fevereiro de 1955.

O primeiro Prefeito Municipal de Sapiranga foi Edwin Kuwer, compondo-se a primeira Câmara Municipal dos vereadores Manoel Baillet Candemil, Adolfo Evaldo Lindenmeyer, Anita Wingert, Arthur Petry, Bertholdo Hauser, Armindo Schwarz e Leopoldo Sefrin.

O município de Sapiranga, palco de um dos episódios mais patéticos e inconseqüentes da vida rio-grandense, é hoje uma comuna que prospera ràpidamente, lugar aprazível, enfim, perfeitamente refeito de fatos que aos poucos vão caindo no esquecimento de sua população.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul* — Aurélio Pôrto. *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *Os Muckers* — Padre Ambrósio Schupp, S.J. *O Episódio dos Muckers* — Klaus Becker. *Os Muckers* — Leopoldo Petry, artigos no "Correio do Povo".

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

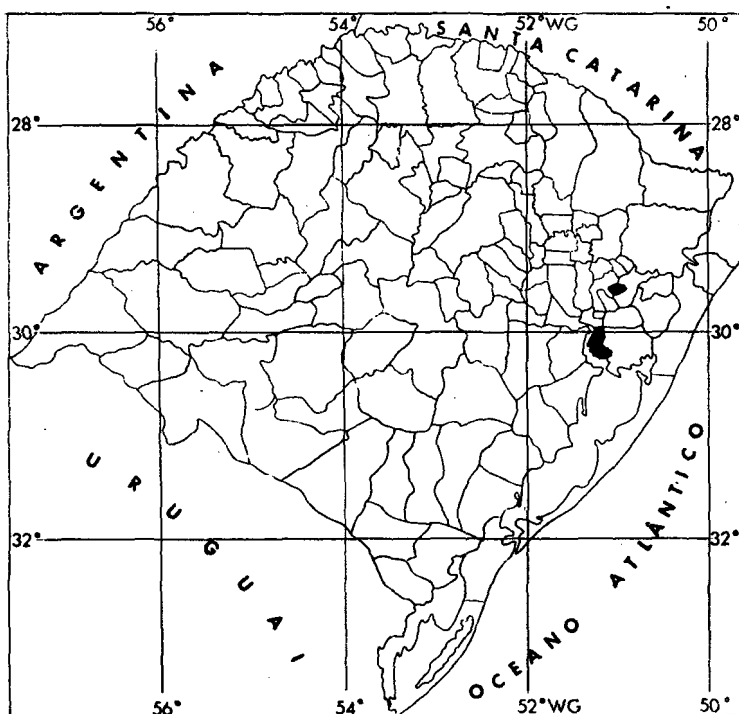
POPULAÇÃO — Conta o município de Sapiranga com 8 730 habitantes, localizando-se 2 810 na sede e 5 920 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 38,12 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna correspondia a 0,18% da total do Estado. Área: 229 quilômetros quadrados.

Igreja Evangélica São Mateus

Aglomerados urbanos — Cidade de Sapiranga e vilas: Araricá, Campo Vicente e Picada Hartz.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Sapiranga......	297	7	85	92	21	205

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 38' 22" de latitude Sul e 51° 59' 35" de longitude W.Gr. Posição relativamente à capital do Estado: rumo N.E.; distância em linha reta da capital do Estado: 49 km. Altitude: 32 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Está situado o município na encosta inferior nordeste do planalto do Rio Grande do Sul. Rios: dos Sinos, que limita o município com o de Novo Hamburgo até a confluência do Arroio Butiá. Arroios: Feitoria, que limita Sapiranga com São Leopoldo. Funil e Água Branca, cujas nascentes servem de referência às linhas que fazem divisa com o município de Taquara; Jetica — serve de limite em tôda sua extensão com Taquara; Travessão São José, linha Dois Irmãos, linha Quatro Colônias, linha do Campo, fazem divisa com São Leopoldo desde o arroio Feitoria até o rio dos Sinos. O Travessão Margener liga o arroio Feitoria, passando pelo arroio Jetica, até o ponto no banhado, que liga a linha reta ao arroio Funil. Morro Ferrabraz, situado no centro do município, é ponto de referência na linha que divide os distritos de Sapiranga e Araricá.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima: 24°; mínima: 15°; compensada: 19,1°. Chuvas: precipitação anual de 1 061 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Novo Hamburgo; ao sul: São Leopoldo; a leste: Taquara; a oeste: Novo Hamburgo.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura representa importante papel na economia do município. São os seguintes os proprietários de lavouras mecanizadas: Reynaldo R. Klein & Irmãos Lt.da, Bertholdo Koetz, Oscar Müeller, Mário Jost, Anoldo Schoenardie, Alfredo Rech e Granja Suelly.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Batata-inglêsa	1 440	4 800
Cana	12 000	3 000
Mandioca	1 380	828
Arroz	126	504

As áreas das lavouras, no município, oscilam de 15 a 80 hectares, predominando as de 25 hectares. A produção agrícola no município, em 1956, atingiu um valor de .... Cr$ 90 000 000,00.

Avicultura — Não há criadores organizados no município. De um modo geral todos os colonos possuem um pequeno aviário, estimando-se em 50 000 o número de aves existentes na comuna.

Pecuária — Tem a pecuária relevante importância na economia do município, embora não existam criadores em larga escala.

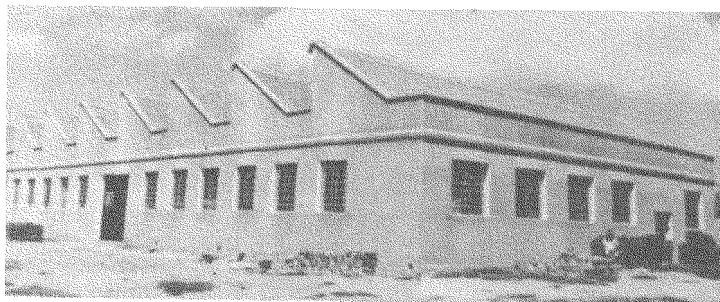
Raças preferidas — Bovinos: zebu e holandesa; suínos: duroc e crioula.

Principais criadores — Werne Berg, Bertholdo Koetz, Avelino Ritzel, Erwino Berg, Otto Müller, Loga Hattge, Affonso Koetz e Romualdo Sienger.

Mercados consumidores — Pôrto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo e Taquara.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	2 000	4 000
Eqüinos	800	800
Muares	600	600
Suínos	3 000	1 500
Ovinos	300	90
Caprinos	100	30

Indústria — Conta o município de Sapiranga 167 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 1 554 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de ....

Metalúrgica Ferrabraz, um dos principais estabelecimentos industriais do município

Cr$ 187 419 000,00. Sapiranga é grande produtor de calçados, o que muito contribuiu para o seu desmembramento do município de São Leopoldo.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	*RAMO DE ATIVIDADE*
Schier, Krupp & Cia. Ltda.	Máquinas de plantar
Schier Kuwer & Cia. Ltda.	Fechaduras e fechos
Loth, Schoenardie & Cia. Ltda.	Dobradiças e ferro
Ind. de Calçados Glory Ltda.	Calçados para senhoras
Ind. de Calçados Paquetá Ltda.	Calçados para senhoras
Calçados Laureti Ltda.	Calçados para senhoras
Klipel & Cia. Ltda.	Calçados para senhoras
Calçados Rovena Ltda.	Calçados para senhoras
Trevo Ind. de Calçados Ltda.	Calçados para crianças
Reichert Schmitt & Cia. Ltda.	Calçados para senhoras
Henrich Weiss & Cia.	Calçados
Oliveira & Cia. Ltda.	Calçados para senhoras

COMÉRCIO E BANCOS — São em número de 4 os estabelecimentos bancários existentes no município: Banco Agrícola Mercantil, Banco Industrial e Comercial do Sul Sociedade Anônima, Banco Nacional do Comércio e Banco do Rio Grande do Sul.

Casas comerciais existentes na sede:

Peças para autos, rádios, etc.	1
Bazares com brinquedos	2
De calçados	2
De fazendas e armarinhos	7
Fazendas, ferragens, secos e molhados	1
Ferragens, secos e molhados	20
Ferragens com material elétrico	2
Material elétrico	3
Material para construção	3
Móveis	1
Secos e molhados	4

O município mantém transações comerciais com Taquara, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a Novo Hamburgo: rodov. (18 km), ferrov. (20 km); São Leopoldo: rodov. (30 km), ferrov. (29 km); Taquara: rodov. (30 km), ferrov. (27 km). Capital Estadual: rodov. (66 km), ferrov. (62 quilômetros); Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja Pôrto Alegre — a) rodov. (117 km) até Pelotas, b) lacustre (50 km) até Rio Grande e c) marit. (1 614 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica, desde 1929. Atualmente o sistema é hidrelétrico, explorado pela Comissão Estadual de Energia Elétrica.

MELHORAMENTOS URBANOS

Número total de logradouros públicos	97
Ruas	80
Avenidas	5
Praças	12

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	10 020 m²
Macadame	1 500 m²
Cascalho	2 000 m²
Terra melhorada	15 000 m²
Pedras irregulares	2 047 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentado	1
Parcialmente pavimentados	8
Totalmente calçado com paralelepípedos	1
Parcialmente calçados com paralelepípedos	2
Parcialmente calçados com pedras irregulares	2
Ajardinado totalmente	1
Parcialmente arborizados	6
Arborizados e ajardinados simultâneamente	3

RÊDE ELÉTRICA

Número de ligações domiciliares	1 414
Número de focos para iluminação pública	280

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	83 946 kWh
Consumo para iluminação pública	3 550 kWh
Consumo para fôrça motriz	38 426 kWh

RÊDE DE ESGÔTO

Número de logradouros servidos	32
Totalmente	18
Parcialmente	14

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	55
Taxa mensal cobrada	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO

Agência na sede	1

HOTÉIS — Há no município um hotel, o Sapiranga, cobrando as seguintes diárias: Cr$ 200,00 para casal — .... Cr$ 100,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	4
Ônibus	5
Camionetas	7
Motociclos	10
Total	26

Para transporte de cargas

Caminhões	19
Camioneta	1
Tratores	3
Reboque	1
Total	24

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	10

Para cargas

Carroças de duas rodas	12
Carroças de quatro rodas	35
Total	47

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 27 unidades de ensino primário fundamental comum, com 1 254 alunos matriculados, e um ginásio.

Outros aspectos culturais — Circula no município um órgão mensal, o "Ferrabraz"; 8 sociedades recreativas, 4 sociedades desportivas, uma biblioteca de caráter geral, com 1 700 volumes; uma tipografia. Há um cinema — Cine Central — com capacidade para 506 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com dois hospitais, totalizando 30 leitos, e um Pôsto de Saúde. Em 1955, foram hospitalizados 894 enfermos, sendo 279 homens, 469 mulheres e 146 crianças. Há 3 salas de operações, duas de parto, duas de esterilização, 1 laboratório e duas farmácias. Exercem a profissão 5 médicos e 4 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Serviço Social da Indústria e Sociedade Hospitalar Beneficente Sapiranguense.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Um engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Município novo, é jurisdicionado pela comarca de São Leopoldo.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVA

De consumo	1
Total de sócios	204
Valor dos serviços executados	1 502 879

FESTEJOS POPULARES — Os Kerbs são tradicionais no município. Realizam-se as festividades anualmente, três semanas após a Páscoa. Há no município um Centro de Tradições Gaúchas, que realiza bailes típicos e festas campestres.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1955.......	15 914	14 795	4 161	1 259	3 841
1956.......	24 528	16 279	12 437	2 227	10 505

SARANDI — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O município de Sarandi constituiu-se em 1939, por fôrça da Lei estadual número 7 840, de 27 de junho. Pertenceu antes disto aos municípios de Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Cruz Alta e Passo Fundo, sucessivamente. O município de Rio Pardo, um dos quatro primeiros do Rio Grande do Sul, foi criado por Provisão de 27 de abril de 1809. Em 1819 é criado o de Cachoeira, desmembrado de Rio Pardo. Em 1834, desanexando-se de Cachoeira, é criado o município de Cruz Alta. Em tôdas essas oportunidades, o território que futuramente se constituiria no município de Sarandi acompanhou os desmembramentos. Em 1857 era criado o município de Passo Fundo, do qual Sarandi fazia parte até sua emancipação. Nesta segunda metade do século XIX, estabelecem-se em terras de Sarandi diversos criadores de gado, sendo a agricultura relegada a segundo plano. Não surgiu em seu solo qualquer núcleo populacional de importância considerável e o único de que se guarda ao menos o nome é o de Nonoai. Em abril de 1894, incendiado o Rio Grande do Sul com a Revolução Federalista, a Divisão do Norte marcha para Nonoai, com o fim de impedir que por aquela estrada retornasse ao Estado o coronel Gumercindo Saraiva, um dos maiores chefes das hostes revolucionárias. No dia 4 de maio a Divisão cruza o rio Uruguai, a fim de encontrar Gumercindo. Em 1914, tudo o que se dizia de Sarandi era que constituía um "arroio afluente do passo Fundo e lugar no município de Passo Fundo". Em 1918 constitui-se a companhia colonizadora particular, Gomes & Schering, alterada para Gomes, Schering & Sturm, e, ainda no mesmo ano, era a razão social alterada para Armínio da Silva & Cia. Neste momento era a firma composta por Armínio da Silva, Jacinto Gomes, Ivo Ferreira, João Tesser, Paulo Dal Oglio, Ignácio Giordani, Miguel Ortolan e o padre Eugênio Miticheski. Essa companhia assumiria a iniciativa de criar e povoar a colônia de Sarandi. A 3 de março de 1919 chegam os primeiros moradores da atual cidade, entre os quais aparecem Alessio Castelli, Francisco Cenci, João Cenci, João Piccini, entre vários outros.

No ano seguinte é erguida a capela no povoado incipiente.

Em 1923 foi o atual município de Sarandi atingido pela Revolução liberadora, dirigida contra o Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros. A 4 de fevereiro o general rebelde Mena Barreto ataca em Nonoai, Honório Pedro Linhares, que é morto. A 23 de fevereiro entra em Nonoai o coronel legalista Claudino Nunes Pereira. Em 29 de dezembro de 1927 a capela de Sarandi é elevada à categoria de paróquia, sendo então seu responsável o Padre Henrique Preti. Na década seguinte é tão rápido o crescimento local, que, finalmente, se impôs a criação de um novo município. Assim, pela Lei estadual de 27 de junho de 1939, é criado o município de Sarandi, ocorrendo a instalação a 1.º de janeiro de 1940. Ao desmembrar-se de Passo Fundo, dêste levava os 4.º, 9.º, 12.º distritos e maior parte do 6.º

O primeiro prefeito da novel comuna foi Tomaz Tompson Flores.

No Censo Geral de 1940, a população de Sarandi era de 39 195 habitantes, dos quais 11 918 tendo como atividade principal a agricultura, pecuária e silvicultura. Entre 7 000 domicílios, apenas 480 localizavam-se no quadro urbano, 130 no suburbano e os 6 390 restantes no quadro rural. Ao todo, havia 3 203 estabelecimentos agropecuários, ocupando 159 090 hectares. No Censo de 1950, a população do município havia subido a 55 645 habitantes. Afora o crescimento vegetativo, dirigiram-se a Sarandi, na década compreendida entre os dois recenseamentos, elementos provenientes das chamadas "Colônias Velhas", ou seja, dos primitivos núcleos de colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul. Tal migração foi devida ao excessivo parcelamento das propriedades agrárias, obrigando os descendentes dos primitivos colonos a procurarem regiões igualmente férteis, mas não tão densamente povoadas. O município de Sarandi continua em crescimento, desenvolvendo-se a olhos vistos com uma saudável estrutura econômica, que repousa, fundamentalmente, no modo inteligente com que seus filhos combinam a atividade agropecuária com a industrial e comercial.

20 — 24 946

BIBLIOGRAFIA — *O Município de Passo Fundo Através do Tempo* — Francisco Antonino Xavier e Oliveira; *Colonização no Rio Grande do Sul* — Maria Fagundes de Souza Docca Pacheco; *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria; *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

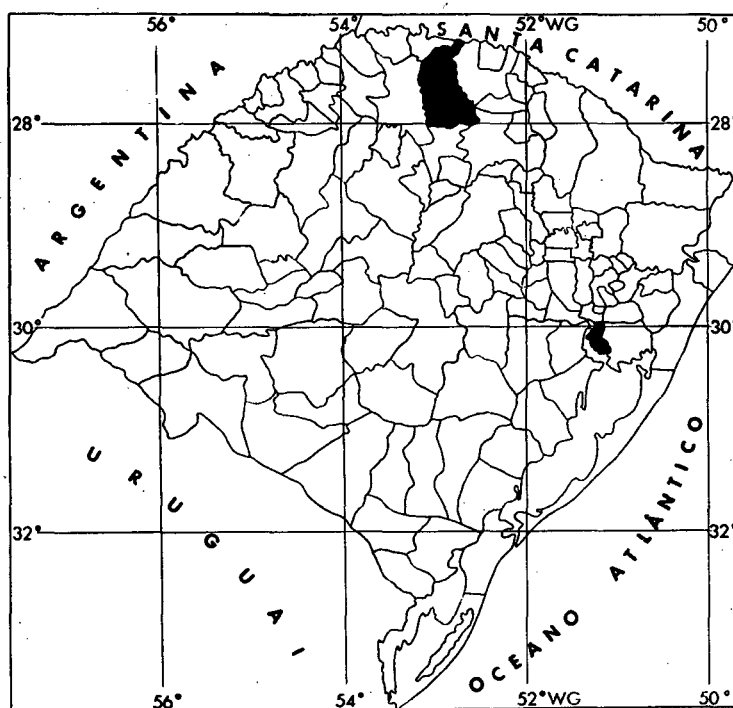
FONTES — Publicações do C. N. G.; Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Sarandi 63 240 habitantes, localizando-se 3 560 na sede e 59 680 na zona rural (estimativa do D. E. E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 18,22 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna correspondia a 1,33% da total do Estado. Área: 3 471 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Sarandi e as vilas de Baitaca, Constantina, Nonoai, Ronda Alta, Rondinha e Trindade.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Sarandi........	1 774	12	446	244	76	1 530

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas na sede: 27° 53' 50" de latitude Sul e 52° 50' 43" de longitude W. Gr. Posição relativa à capital do Estado, rumo: N. N. W. Distância em linha reta da capital do Estado: 285 quilômetros. Altitude: 480 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: do Uruguai, da Várzea, Passo Fundo, Baitaca, Lajeado Grande, Caturetê, Sarandi e Turvo, todos são tributários do rio Uruguai. Os rios do município são piscosos; as variedades principais de peixes são: traíra, piava, dourado, grumatã e outros. Não é explorada a pesca como expressão econômica. *Cachoeiras*: no rio da Várzea e uma no rio Passo Fundo. *Quedas d'água*: uma no lajeado Lôbo, distrito de Trindade, com 80 metros de altura e uma no lajeado Tigre, no distrito de Nonoai, com a mesma altura. *Serras*: do Lôbo, do Baitaca e Sarandi. *Vales*: do Uruguai, Várzea e Baitaca. A sede municipal está situada à margem do rio Caturetê, afluente do rio da Várzea.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas, 20,6°C; das mínimas, 14,0°C; compensada, 17,7°C. Precipitação anual das chuvas: 1 766 mm. Ocorrência das geadas: meses de maio a setembro.

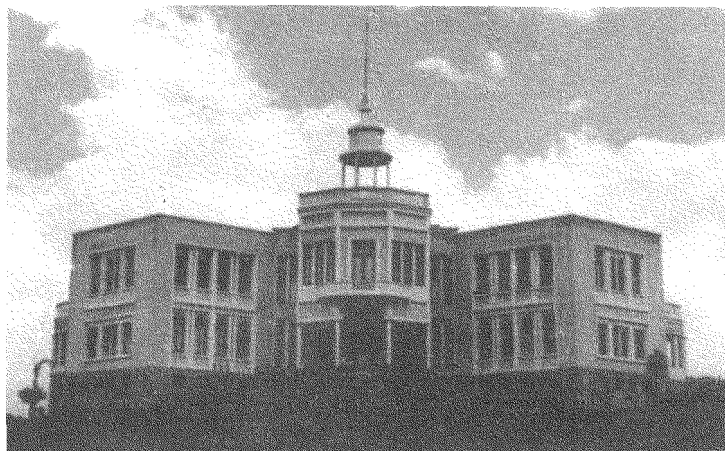
LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte, Iraí e Santa Catarina; ao sul, Caràzinho e Passo Fundo; a leste, Erechim e a oeste, Palmeira das Missões.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — São altamente desenvolvidas as lavouras do município, com vastas áreas cultivadas, por métodos modernos, havendo grande número de proprietários de máquinas e implementos agrícolas. O município tem no cultivo do trigo uma das suas expressões econômicas de maior significado, cujas lavouras adotam os métodos mais racionais de produção.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	34 300	226 380
Milho	47 592	103 116
Mandioca	15 125	7 420
Feijão	2 416	7 368

Valor total da produção: Cr$ 362 430 630,00.

PRINCIPAIS TRITICULTORES	*ÁREA CULTIVADA (ha)*
Oswaldo Senger	261
Fetzer & Cia.	684
Bratz Irmãos & Cia. Ltda.	375
Carlos Ribeiro	548
Ben-Hur Cardoso	250
Domingos Basso	348
B. Laxem & Cia.	391
Marchioro & Loss	635
Ismar Annoni	903
Bolivar Annoni	500
Giuseppe Cocozza S.A.	670
João Graziotin & Cia.	240
Madeireira Arvoredo Ltda.	540
Granja Santa Teresinha Ltda.	522
Emprêsa Agrícola Arvoredo	260
Artur Wairich	245
Madeireira Carazinhense Ltda.	800
Hermínio Tissiani & Cia.	500
Afonso A. Kreling	300
Rafael Dassi & Jorge Berthier	160
Alberto Berthier de Almeida	80
Granja Agrícola Boa Vista Ltda.	390
Júlio Carlos Hentchel	80
Granja Nossa Senhora Medianeira	230
Agropecuária Zancanaro	300
Granja Santo Antônio	150
Acácio Gomes & Cia.	360
José Adão Alves	219
Ramalho Piva	300
Augusto Makfa	450
Gotardo Antonini	145
Fiorelo Pierdona e outros	150

Prefeitura Municipal

Os principais centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Passo Fundo e Pôrto Alegre.

Pecuária — A suinocultura é de grande significação econômica para o município, cujo rebanho é de mais de 200 000 cabeças. A população bovina é menos expressiva, em face das pastagens do município não serem apropriadas à criação. Principais criadores de bovinos: Ernesto José Annoni, Manoel Dias, Antônio Portela, Artur Wairhich, Adalberto Vieira, Napoleão Portela, Ítalo Benvegnu e Dorvalino Souza. Raça preferida: zebu. Principais criadores de suínos: Pedro Zanetti, Aurélio Tissiani, José Manfro, Rodolfo Rech, Carlos Maccari e Raimundo Armando Manfro; raças preferidas: poland-china, piau, macau, durok e berkshire. Pastagem predominante no município: barba-de-bode. A importação de suínos verifica-se dos municípios de: Ijuí, Palmeira das Missões e Santo Ângelo. E a exportação para os municípios de: Passo Fundo, Marau, Encantado e Erechim.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	33 400	53 440
Eqüinos	13 700	12 330
Muares	1 900	2 090
Suínos	201 300	120 910
Ovinos	9 000	2 430
Caprinos	300	45

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	295 060	4 509 056,00
Carne verde de suíno	64 372	617 971,00
Carne salgada de suíno	627 959	15 521 742,00
Carne verde de ovino	18 725	321 160,00
Carne verde de caprino	330	2 640,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	28 403	340 836,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	30 308	265 208,00
Couro salgado de suíno	87 782	1 764 485,00
Pele sêca de ovino	455	6 825,00
Pele sêca de caprino	17	221,00
Pele salgada de ovino	2 520	20 916,00
Banha não refinada	970 388	34 351 735,00
Toucinho fresco	90 706	1 306 166,00
Toucinho salgado	218 108	7 031 450,00
Salsicharia a granel	75 518	2 744 827,00
Sebo industrial	300	4 900,00
Secundários	116 390	1 720 102,00
Total	2 627 341	70 530 240,00

Avicultura — Valor estimado da criação: Cr$ 5 000 000,00 (cêrca de 80 000 aves).

Apicultura — Os principais apicultores são: Otto Krents e Anito Petry. O valor total da produção em 1956 foi de Cr$ 150 000,00.

Indústria — Em 1955, com 218 estabelecimentos industriais, que ocuparam a média mensal de 544 operários, a produção somou Cr$ 121 622 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Indústrias alimentares: 72,1%; Indústria da bebida: 2,5%; Da madeira: 18,0%; Transformação de produtos minerais: 0,9%; Couros e produtos similares, 0,8%; Extrat. de prod. minerais: 0,8 por cento; Metalúrgicas: 0,8 por cento; Mobiliário, 0,5 por cento; Do vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 0,7%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	8
Fazendas	12
Casa de móveis	1
Casas de rádios, eletrolas, refrigeradores, etc.	2

As principais cidades com que o município mantém transações comerciais são: Pôrto Alegre, Passo Fundo e São Paulo. O município é servido por duas agências bancárias: Banco do Rio Grande do Sul S. A. e Banco Industrial do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Palmeira das Missões: rodov. (48 quilômetros); Iraí: rodov. (168 quilômetros); Erechim: rodov. (107 quilômetros) ou misto: a) rodov. (48 quilômetros) até Caràzinho, e b) ferrov. V. F. R. G. S. (160 quilômetros); Passo Fundo: rodov. (87 quilômetros) ou rodov. via Caràzinho (98 quilômetros); Caràzinho: rodov. (48 quilômetros); Xapecó SC: rodov. (114 quilômetros). Capital do Estado: rodov. via Passo Fundo (465 quilômetros) ou rodov. via Soledade (480 quilômetros) ou misto: a) rodov. (48 quilômetros) até Caràzinho e b) ferrov. V. F. R. G. S. (609 quilômetros) ou aéreo (248 quilômetros). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, via Pôrto Alegre ou misto: a) rodov. (48 quilômetros) até Caràzinho e b) ferrov. V. F. R. G. S. (233 quilômetros) até Marcelino Ramos. Daí ao Distrito Federal, veja Marcelino Ramos.

Ginásio Municipal

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de energia elétrica, fornecida por duas usinas hidrelétricas, inauguradas em 1932 e 1949.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	22
Ruas	18
Avenidas	2
Praças	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	36 000 m²
Terra melhorada	169 800 m²
Outros	21 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente pavimentados	3
Parcialmente calçados com pedras irregulares	3
Arborizados e ajardinados simultâneamente	4

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	537
Zona urbana	418
Zona suburbana	119

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

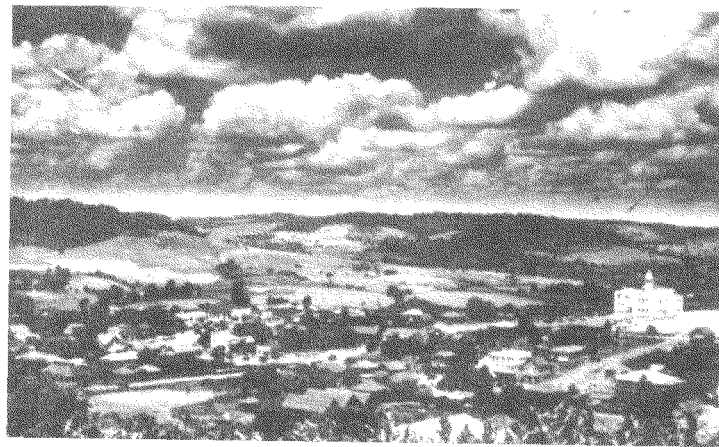
Térreo	499
2 pavimentos	37
3 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	409
Residenciais e outros fins	86
Exclusivamente a outros fins	42

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	20
Número de ligações elétricas domiciliares	580
Número de focos para iluminação pública	180

Igreja-Matriz N. S.ª de Lourdes

Vista parcial aérea da cidade

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	760 000 kWh
Da sede municipal	522 045 kWh
Consumo para iluminação pública	40 200 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	327 735 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	3
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	2
Bebedouros ou bicas públicas	36
Consumo anual de água	73 000 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	26
Agência Telefônica	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município duas agências postais-telegráficas.

HOTÉIS E PENSÕES — São os seguintes os hotéis do município: Hotel Femiliar, Hotel Sarandi, Hotel dos Viajantes e Hotel Avenida, sendo a diária de Cr$ 180,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	136
Ônibus	8
Camionetas	7
Motociclos	2
Total	153

Para transportes de cargas

Caminhões	161
Camionetas	28
Tratores	18
Reboques	6
Total	213

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	18
Carros de quatro rodas	43
Bicicletas	17
Total	78

Para cargas

Carroças de duas rodas	10
Carorças de quatro rodas	4 150
Total	4 160

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente, de 10 anos e mais, 55 por cento sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 50%. Em 1955 havia 176 unidades escolares do ensino primário fundamental comum, com 8 797 alunos matriculados. Existem no município 1 ginásio e uma escola normal.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — Há no município 7 sociedades recreativas e desportivas; uma biblioteca de caráter geral, com 454 volumes. Rádio Sulina Sarandi — prefixo XYU-36, freqüência 1 600 kc. Potência anódica 120 watts, uma tôrre irradiante; potência da antena, 72 watts, 1 palco auditório, com capacidade para 120 pessoas, 2 microfones, uma discoteca com 3 500 discos, tendo 11 pessoas empregadas; 1 cinema, com capacidade para 700 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem a profissão no município 3 médicos e 3 dentistas. Em 1955, contava Sarandi com 5 hospitais, totalizando 114 leitos, tendo sido internados 2 672 enfermos, assim discriminados: 1 111 crianças, 631 homens e 930 mulheres. Nos hospitais contam-se 6 salas de operações, uma de partos, 5 de esterilização e 4 farmácias.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Sete advogados residentes.

Formação judiciária — Comarca de primeira entrância, com um Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — De Produção — 2; de Consumo — 1. Total de sócios — 281. Valor dos serviços executados — Cr$ 2 058 339,00.

FESTEJOS POPULARES — Comemora-se em 11 de fevereiro a festa em honra a Nossa Senhora de Lourdes, e em 13 de junho em honra a Santo Antônio, antecedidas de novenas e quermesses, que culminam com tradicionais procissões. Nessas festas realizam-se diversões, como seja, jogos de víspora e tômbola, roda da sorte, leilões, rifas e mais uma série de brincadeiras entre os assistentes. Também se realizam as seguintes procissões em datas móveis: dos Ramos, do Senhor Morto e de Corpo de Cristo.

AEROPORTO — Possui o município um aeroporto em fase de conclusão, com uma pista de 1 200 metros, sendo o solo ensaibrado, distando da cidade 7 quilômetros.

FINANÇAS PÚBLICAS —

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	1 210	2 610	2 803	1 475	4 363
1951.......	1 479	3 570	2 481	1 529	3 523
1952.......	1 620	4 982	3 505	1 688	4 349
1953.......	2 105	6 928	4 820	2 716	5 070
1954.......	2 452	8 968	5 253	3 132	5 978
1955.......	3 479	12 522	8 031	4 641	9 507
1956.......	4 800	16 637	10 475	4 745	10 241

SOBRADINHO — RS

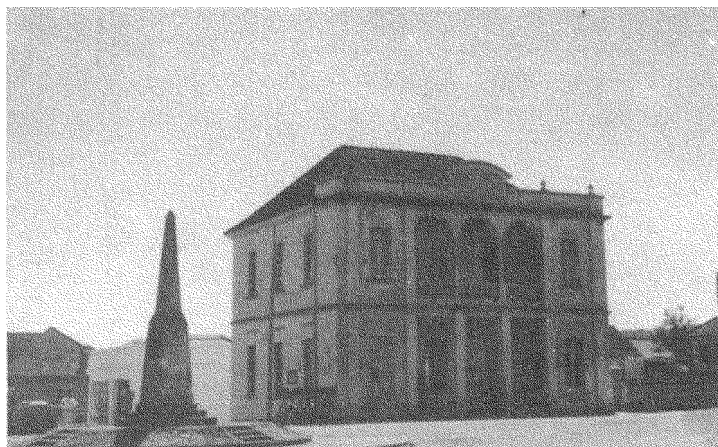
Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O município de Sobradinho pertenceu orignàriamente ao de Rio Pardo, criado por Provisão de 27 de abril de 1809, juntamente com Rio Grande, Pôrto Alegre e Santo Antônio. Fêz parte, sucessivamente, acompanhando-os em seus desmembramentos, dos municípios de Cachoeira do Sul, Cruz Alta, Passo Fundo e Soledade, emancipando-se e dêste último se desmembrando em 1927. A história dêste município é bem recente, bastando dizer que apenas no ano de 1901 seria criada a colônia de Sobradinho, com imigrantes alemães, por iniciativa do Govêrno estadual, em terras do município de Soledade. Na edição de 1914, do "Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul", de Octávio Augusto de Faria, uma das obras mais completas a respeito do Estado, encontramos o seguinte: "Sobradinho — Colônia, arroio e distrito do município de Soledade", e nada mais.

Mas o quarto distrito de Soledade cresceria vertiginosamente nos anos seguintes. Várias levas de imigrantes chegam ao povoado, em sua maior parte de origem germânica, não faltando porém os de origem itálica. Mesmo dos antigos núcleos, chamados "Colônias Velhas", chegam alguns descendentes dos primiitvos imigrantes, em procura da fertilidade do solo e das riquezas latentes em Sobradinho. As matas ainda eram virgens, o pinho abundante, e as madeiras estavam à espera de uma exploração sistemática e enérgica. As terras, naturalmente irrigadas, nada deixavam a desejar. Estabelecimentos comerciais surgiram e se desenvolveram, entre os quais os de João Appel, Arlindo Saldanha, Jacob Khun, Benevenuto Borges, Vargas & Cia., e Jorge Schmitt. A criação bovina era reduzida, mas a pecuária se constituiu em fonte de riqueza em função do gado porcino, criado em quantidade apreciável.

Chegado o ano de 1920, Alfredo R. da Costa poderia dizer, referindo-se a Soledade: "A agricultura é regularmente desenvolvida, nos segundo, quarto, sexto, sétimo e nono distritos, principalmente o 4.º (Sobradinho), que é todo colonizado." Efetivamente, o distrito contava com diversos núcleos coloniais, avultando em importância, além do de Sobradinho, os de São Paulo e Itapuca. Eram plantados trigo, feijão, milho, batatas, aveia e arroz — mas o produto que trazia maior riqueza, por ser exportado em quantidades consideráveis, era o fumo. Outra fonte de rendas era a banha, decorrência natural da criação de porcos. Os povoados de Barracão e Tigre, ambos na colônia de Sobradinho, contavam com mais de 50 prédios cada um, no ano de 1921. Possuíam vários engenhos, serrarias, fábricas — a indústria surgia assim vigorosamente. Era uma conseqüência inevitável da dinâmica do distrito o movimento emancipacionista. E êste surge, vigoroso e bem coordenado. Pelo Decreto estadual número 3 924, de 3 de dezembro de 1927, foi criado o município de Sobradinho, desmembrado de Soledade.

A instalação teria lugar a 19 de dezembro de 1929.

Com vida autônoma, Sobradinho continuou em sua senda de progresso. Com sólida economia, baseada fundamentalmente na agricultura, pôde cuidar da industrialização progressiva, sem enfrentar maiores contratempos. Em 1930 é

Prefeitura Municipal

inaugurada a usina termelétrica, fornecendo luz e fôrça para o município. Fenômeno curioso é o fato de que após ser agrícola, comercial e industrial, passou também a possuir uma pecuária de importância relativamente considerável. Embora já contasse com gado suíno, iniciou a criação de gado bovino, a fim de poder atender suas necessidades em matéria de laticínios. Com a inauguração da usina, multiplicam-se os estabelecimentos industriais, passando parte considerável da população a trabalhar nesse setor. Em 1935 seria inaugurado um monumento comemorativo ao Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha. No ano de 1944 inaugurava-se a Hidráulica Municipal, atendendo a importante necessidade dos munícipes.

Assim, contando com pouco mais de meio século de história e três escassas décadas de emancipação administrativa, é o município de Sobradinho bem um exemplo do trabalho construtivo e enaltecedor do imigrante alemão e de seus descendentes em nossa terra.

BIBLIOGRAFIA — *Colonização no Rio Grande do Sul* — Maria Fagundes de Souza Docca Pacheco; *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria; *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

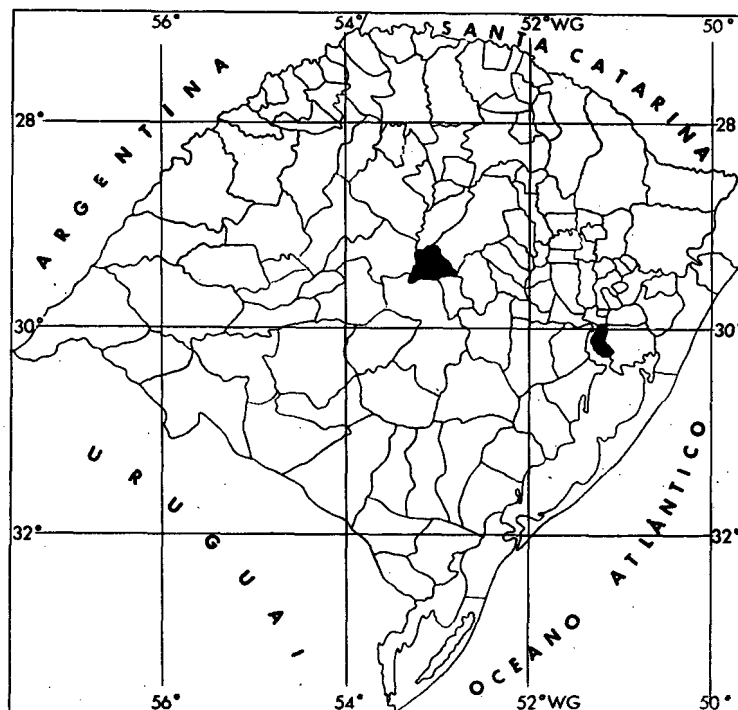
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Sobradinho 36 580 habitantes, localizando-se 2 530 na sede e 34 050 na zona rural (estimativa do D. E. E. para 1-1-56). A densidade demográfica era de 24,48 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna correspondia a 0,77% do total do Estado. Área: 1 494 quilômetros quadrados.

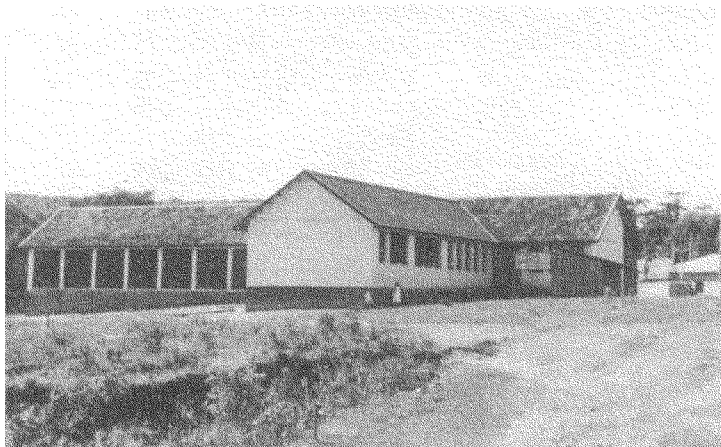
Aglomerados urbanos — Cidade de Sobradinho e vilas de Arroio do Tigre, Ibarama, Itaúba e Segrêdo.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASA-MENTOS	ÓBITOS		CRESCI-MENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Sobradinho....	1 222	50	268	345	126	877

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 26' 00" de latitude Sul e 53° 12' 00" de longitude W. Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo W. N.W.; distância em linha reta da capital do Estado: 201 quilômetros. Altitude: 440 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — Os principais cursos d'água do município são: *Rios*: — Jacuí, Jacuìzinho e Pardo; *Arroios* — Bonito, Botucaraí (nascentes), Caçador, Cariginho, Caruaba, Condutor, Corupá, Churi, Jaquirana, Passa Sete, Sobradinho e do Tigre; *Lageados* — Águas Santas, Anta Brava, Abel, dos Alemães, Arraia, Araçá, Baiana, Bonito, Brejo, Barrinha, Bisca, Cobra Brava, Cereja, Dourados, Espinilho, Figueira, Gringo, da Gringa, Inferno, Lagoão, Lago, Lambedor, Limeira, Louca, Muquen, Maracanã, Niriguá, Negros, Pitingal, Pinhal, Quinca, Roseiras, Segrêdo, Santo, Silveira, Tamanduá, Turvo, Travessão, Umbu e outros de menor importância. Os únicos rios piscosos são o Jacuí e o Jacuìzinho; no Jacuí, encontram-se dourado, facão, pintado, piava, grumatã, traíra, etc.; nos arroios Cariginho e Jaquirana encontram-se jundiá, carpa e outros peixes de menor porte. A pesca não é explorada para fins comerciais ou industriais. No arroio Jaquirana há uma queda d'água com, aproximadamente, 10 metros de altura. Segundo a divisão regional do Estado, Sobradinho está localizado na Zona da Encosta Inferior do Nordeste. A cidade de So-

Edifício onde funciona o Ginásio Pio X

Grupo Escolar Lindolfo Silva

bradinho é banhada pelo arroio Cariginho, que a cerca pelo sul, oeste e noroeste.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais: Desconhecidas. Vegetais: Madeira de lei e, principalmente, a de pinho.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, em graus centígrados, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 22,6; mínima — 14,4; compensada — 19,6. Chuvas: precipitação anual de 1 590,00 mm. Geadas — meses de abril e maio.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Soledade e Espumoso; ao sul: Candelária e Cachoeria do Sul; a leste: Candelária e Soledade; a oeste: Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — As atividades agrícolas são de capital importância para Sobradinho e representam papel de destaque nas finanças do município, dada a sua condição de produtor agrícola por excelência. Devido ao solo íngreme e acidentado, o desenvolvimento mecânico da lavoura é quase nulo. No entanto, notam-se algumas lavouras mecanizadas ou que foram lavradas com trator; no distrito de Sobradinho: 20 hectares de propriedade de Eugênio Redin e outras lavouras de menos importância; no distrito de Segrêdo a de Sérgio Lazzari, com aproximadamente 100 hectares; no distrito de Arroio do Tigre, há as lavouras dos Srs. Arthur A. Dalhke, José Kohler, Lindolfo Rekowsky, Alfredo Schacht que somam aproximadamente 200 hectares. Em tôdas elas, os principais produtos cultivados são o trigo e o milho. Os centros consumidores são: Santa Cruz do Sul e Cachoeira do Sul. O centro consumidor do fumo em fôlha, do qual o município é grande produtor, é Santa Cruz do Sul, e o intermediário de trigo é Cachoeira do Sul.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	14 400	100 800
Fumo	5 850	42 900
Milho	7 260	21 780
Cevada	3 240	14 580

Valor total da produção: Cr$ 207 290 050,00.

Avicultura — No município não existem criadores organizados. Todos os agricultores possuem suas criações, não com fins comerciais, mas para consumo próprio. A estimativa de cabeças existentes em 31 de dezembro de 1956 é a seguinte: patos, marrecos e gansos — 2 000 aves; perus — 100; galinhas — 10 000; galos, frangos e frangas — 12 900 aves, perfazendo um total de 25 000, estimado em Cr$ 1 700 000,00.

Apicultura — Não existem apicultores. A produção estimada em 1956 foi de 8 000 toneladas de mel a Cr$ 20,00 o quilograma, e aproximadamente 1 000 quilogramas de cêra a Cr$ 50,00 o quilograma.

Pecuária — A pecuária situa-se em segundo lugar na economia do município, salientando-se o rebanho suíno. Não existem criadores organizados ou que se dediquem a uma raça especificada. Em geral, o colono ou agricultor possui sua pequena criação de bovinos, suínos e cavalares. Alguns dos principais criadores de bovinos e também cavalares são: Adolfo Karnopp, João Emílio Batista, João Batista da Silva, viúva João Costa, Pedro Silvana, José Kohler, Carlos Ensslin, e as principais raças são: holandesa, jérsei e zebu. Alguns dos principais criadores de suínos são: Tolotti & Cremonese, Pedro Rech, Baldoino Brixner, Henrique de Freitas Lima Filho; alguns criam, entre outras raças: durock-jérsei, macau. O único gado saído do município é o suíno, sendo que, em 1956, foram vendidas 1 500 cabeças aproximadamente, para Santa Cruz do Sul.

POPULAÇÃO PECUÁRIA

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	16 900	27 040
Eqüinos	8 400	8 400
Muares	700	840
Suínos	28 000	16 800
Ovinos	2 700	756
Caprinos	500	65

As pastagens são naturais, predominando a grama comum.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

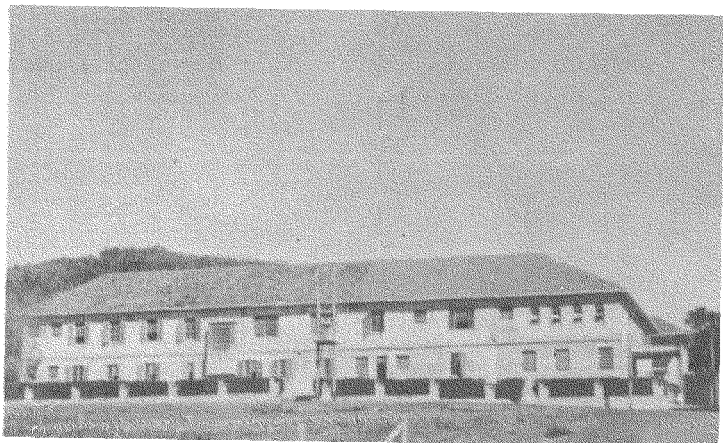
Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	248 520	4 610 608
Carne verde de suíno	328 184	4 857 360
Carne verde de ovino	2 404	39 352
Carne verde de caprino	160	3 200
Couro verde de boi, vaca e vitelo	10 710	69 615
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	14 400	194 700
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	7 816	103 953
Pele sêca de ovino	118	2 124
Pelo sêca de caprino	8	120
Pele salgada de ovino	27	405
Toucinho fresco	493 000	9 860 000
Total	1 105 347	19 741 437

Indústria — Sobradinho conta com 703 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 2 879 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de .... Cr$ 46 959 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: Indústrias alimentares, 42,4%; Indústria de bebidas, 2,6%; Indústria da madeira, 7,5 por cento; Transformação de pro-

Casa de Saúde Dr. Sebastiany

dutos minerais, 3,5 por cento; Couros e produtos similares, 2,5%; Indústrias metalúrgicas, 2,4%; Indústria de mobiliário, 0,6 por cento; Indústria do fumo, 33,4 por cento; Vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 3,3%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede do município: Secos e molhados — 12; ferragens — 1; fazendas e armarinhos — 8; móveis — 3; rádios, eletrolas e refrigeradores — 3. Sobradinho mantém transações comerciais com Santa Cruz do Sul, Cachoeira do Sul e Pôrto Alegre. Existem no município 3 estabelecimentos bancários e Caixa Rural União Popular de Sobradinho. Os estabelecimentos bancários são: Agência do Banco do Rio Grande do Sul S.A.; Escritório do Banco Agrícola Mercantil S. A. e Escritório do Banco Comercial e Industrial do Sul S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Sobradinho liga-se aos municípios de: Cachoeira do Sul, rodov. (100 quilômetros); Candelária, rodov. (52 quilômetros), via Cachoeira do Sul (78 quilômetros); Santa Cruz do Sul, via Candelária (84 quilômetros); Soledade, rodov. (110 quilômetros), via Espumoso, rodov. (140 quilômetros); Espumoso, rodov. (129 quilômetros); Júlio de Castilhos, rodov. (83 quilômetros). Capital do Estado: rodov. (32 quilômetros), passando os municípios de Cachoeira do Sul (distrito de Cêrro Branco), Candelária, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Taquari, Montenegro, São Leopoldo e Canoas. Linha reta: 185 quilômetros (posição calculada pelas coordenadas geográficas), Cachoeira do Sul: ferrov. (227 quilômetros); Santa Cruz do Sul: ferrov. (191 quilômetros); Cachoeira do Sul: aéreo (166 quilômetros). Capital Federal — via Pôrto Alegre,

Casa de Saúde Dr. Homero Lima Menezes

já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja Pôrto Alegre ou misto. Júlio de Castilhos: rodov. (83 quilômetros), daí a Marcelino Ramos, ferrov. (461 quilômetros) e de Marcelino Ramos à Capital Federal, veja Marcelino Ramos.

ASPECTOS URBANOS — A sede municipal é servida por luz elétrica, sendo o sistema adotado o termelétrico, inaugurado em 1930.

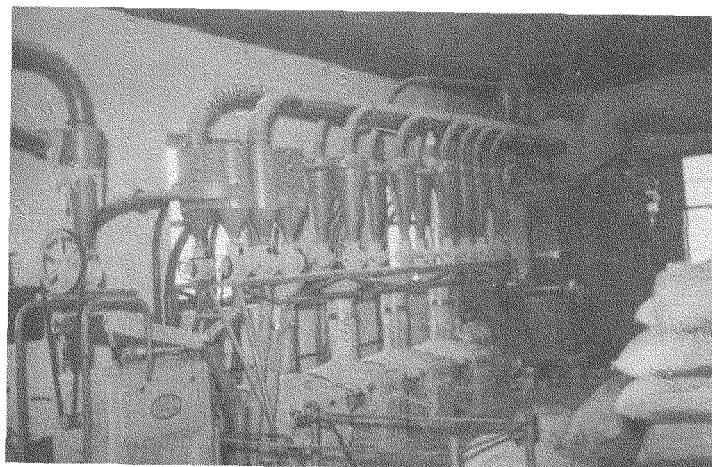
EDIFICAÇÕES

Número de prédios	437
Zona urbana	319
Zona suburbana	118

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	416
2 pavimentos	20
3 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	324
Residenciais e outros fins	81
Exclusivamente a outros fins	32

Vista interna do Moinho Suferense Ltda.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	51
Ruas	44
Avenidas	5
Travessas	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Terra melhorada	120 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Ajardinado	1
Arborizado	1

RÊDE ELÉTRICA

Número de ligações domiciliares	500
Logradouros totalmente servidos pela rêde elétrica	10
Logradouros parcialmente servidos pela rêde elétrica	20
Número de focos para iluminação pública	50

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros parcialmente servidos	26
Logradouros totalmente servidos	4
Consumo anual de água	55 000 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	57

Vista parcial de uma das ruas centrais da cidade

Serviço Postal-Telegráfico — Existe uma agência na sede do município.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município 2 hotéis e uma pensão: Hotel dos Viajantes e Hotel Sobradinho, cujas diárias são: Cr$ 220,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro; e Pensão Menegassi, cujas diárias são: Cr$ 180,00 para casal e Cr$ 90,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	85
Ônibus	18
Camionetas	72
Motociclos	3
Total	178

Para transporte de cargas

Caminhões	111
Camionetas	11
Tratores	23
Reboques	11
Total	156

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	58
Bicicletas	5
Total	63

PARA CARGAS

Carroças de quatro rodas	3 000
Carroças de duas rodas	250
Total	3 250

INSTRUÇÃO E CULTURA — Das pessoas presentes de 10 anos e mais, 53% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar matriculadas é de 52%. Em 1955 havia 93 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 4 371 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — São editados no município 2 órgãos de imprensa, ambos de periodicidade quinzenal e 4 páginas. Um chama-se "A Crítica" e o outro, "Voz de Sobradinho", ambos com noticiário municipal. Existem na comuna 51 sociedades, sendo 36 recreativo-culturais e 15 desportivas. Na cidade de Sobradinho há uma livraria e uma tipografia. Existe um bem montado serviço de alto-falantes, intitulado "Voz do Povo". Sua finalidade é informativa, cultural e educativa. Há na cidade apenas o cinema Guarani, com aparelhos de projeção de 35 mm; funciona 4 vêzes por semana. Lotação de 480 pessoas, assim discriminados: 380 cadeiras e 100 lugares na galeria. Em 1956, houve 202 espetáculos cinematográficos com aproximadamente 36 500 espectadores.

Prados e canchas retas — Existem 3 canchas retas: uma com sociedade registrada, que é a Sociedade Gramadense de Hipismo, com sua cancha denominada Hipódromo Gramadense; Sociedade Hípica Superense, com a cancha do Mundstock, e a Sociedade Gaúcha de Hipismo, com sua cancha localizada na Taipinha. Estas últimas estão ainda em fase de organização. No município, em 1956, realizaram-se cêrca de 20 carreiras, com um valor de apostas na importância aproximada de Cr$ 500 000,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 6 hospitais, num total de 242 leitos, e um pôsto de saúde. Em 1955, foram hospitalizados 5 170 enfermos, sendo 1 613 homens, 1 817 mulheres e 1 740 crianças. Há 3 aparelhos de raios X diagnóstico, 10 salas de operações, 4 salas de partos, 7 salas de esterilização, 2 laboratórios e 3 farmácias. Exercem a profissão 9 médicos e 4 dentistas.

Proteção e assistência — Sociedade de Assistência Social de Sobradinho.

Prevenção sanitária animal e vegetal — um agrônomo.

Assistência judiciária — Dois advogados.

Formação judiciária — Comarca de primeira entrância, com um Juiz.

Organização policial — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS —

Cooperativas de comércio	2
Crédito	1
Total de sócios	975
Valor dos serviços executados	Cr$ 10 033 221,00
Valor dos empréstimos	Cr$ 648 450,00

FESTEJOS POPULARES — Existem no município dois centros de tradições gaúchas, denominados "Galpão da Estância C.T.G." e "3 de Dezembro C.T.G., da Serrinha Velha, no distrito de Segrêdo. Ambos realizam festividades no dia 20 de setembro, dia Farroupilha. Festas religio-

Vista parcial da cidade

sas na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes — cidade de Sobradinho: 6 de janeiro, festas dos Reis Magos; 2 de fevereiro, Padroeira da Paróquia; 24 de junho, festa de São João Batista; 29 de junho, festa de São Pedro e São Paulo.

CAMPOS DE POUSO — No município de Sobradinho existe um campo de pouso, com as dimensões de 700 x 40 metros, sendo piso de terra melhorada. O campo de pouso é de propriedade particular e fica localizado cêrca de 4 quilômetros da cidade, pertencente ao Aeroclube de Sobradinho.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — 1.º Centenário da Revolução Farroupilha — Inaugurado em 1935; Centenário da Colonização Italiana — Inaugurado em 1925; Centenário da Independência do Brasil — Inaugurado em 1922; Dia do Colono — Inaugurado em 1950; Placa de Bronze — Hidráulica Municipal — Inaugurado em 1944; Gruta Nossa Senhora de Lourdes — Vila Ibarama; Gruta Nossa Senhora de Lourdes — Serrinha, distrito de Segrêdo.

Pira de Fogo Simbólico, na cidade de Sobradinho, vilas de Ibarama, Arroio do Tigre, Segrêdo e Itaúba, tôdas inauguradas em 1944.

FINANÇAS PÚBLICAS —

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 167 805	2 026 814	1 733 545	1 093 783	1 947 154
1951	1 475 672	2 820 029	1 779 298	1 182 439	1 842 152
1952	1 333 029	3 417 858	2 152 677	1 266 315	2 042 272
1953	1 571 844	3 755 400	3 347 674	1 763 858	2 848 247
1954	1 821 479	4 528 933	3 298 192	1 668 148	3 945 599
1955	2 460 459	6 741 456	4 338 361	2 360 276	4 071 177
1956	3 583 318	10 184 119	5 844 485	2 477 712	6 570 978

SOLEDADE — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O município de Soledade fêz parte sucessivamente dos de Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Cruz Alta e Passo Fundo; dêste, desmembrou-se em 1875, constituindo-se autônomamente. Por outro lado, de Soledade desanexaram-se os de Sobradinho em 1927 e o de Espumoso, em 1954. Situado no planalto rio-grandense, suas terras foram desbravadas já pelos Jesuítas espanhóis, que no período compreendido entre 1626 e 1638 estenderam um largo cordão de reduções em terras gaúchas. Em fins de 1633, o Padre Romero funda a redução de São Joaquim, em território de Soledade, próximo às divisas com Santa Cruz do Sul. Mais de 600 famílias lá habitariam, sob a direção do Padre Jiménez. A investida de Raposo Tavares, em fins de 1636, acaba de vez com essa florescente redução. Expulsos os Jesuítas pelas terríveis investidas dos bandeirantes paulistas, dos quais o mais notável foi Raposo Tavares, novamente o gentio daquela zona ficou entregue à própria sorte. Retornando os Jesuítas em 1682, não manteriam estabelecimento em terras de Solèdade ou a leste dessas. Expulsos os Jesuítas pela segunda e derradeira vez, após a conjugação de tropas espanholas e portuguêsas que insistiram em levar a têrmo o Tratado de Madrid, de 1750, sob

Gauchada de "Pala" e laço nos "teutos", em plena zona central da cidade

a bandeira castelhana ficariam as Missões Orientais, e, entre estas e a região de hegemonia e posse portuguêsa, ficaria uma zona neutra, onde era difícil e perigoso viver. Apenas após a conquista das Missões, levada a efeito por Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, essa parte do planalto seria ocupada.

Em 1827 colonizadores lusos desbravariam a região de Passo Fundo.

No período que medeia entre essa data e o início da Revolução Farroupilha, chegaram os primeiros povoadores e moradores efetivos de Soledade. O distrito de Botucaraí, depois capela de Soledade, teve por primeiros habitantes de origem lusitana Antônio Rodrigues Chaves, Antônio José Landim, Anastácio José Bernardes, Florentino José Soares, Fabrício José das Neves, Atanagildo Rodrigues da Silva, Feliciano de Araújo, Antônio de Melo Bravo e outros. Nesse Rincão de Botucaraí, povoaram-se as Fazendas de Antônio Bento Pereira, general Felipe Nery de Oliveira, Anacleto Rodrigues de Albuquerque, Manoel da Silva Portela, José Sebastião Apiaí, João de Freitas Noronha, Antônio José Nunes, José Carvalho de Miranda, Eduardo Borges, Generoso Bicudo, Joaquim Fragata e outros. Era a posse da terra e dos grandes campos de criação que se fazia intensivamente. Seu recente povoamento, bem como a ausência de núcleos populacionais importantes por aquelas bandas pouparam a região do conflito farroupilha. Assim, na trágica década de 1835 a 1845, o único acontecimento militar que ocorre é o rápido e eventual acampamento no Rincão do Botucaraí por parte de uma fôrça de cavalaria revolucionária, sob o comando de José Alves Valença, em 1839. Cessada a luta, imediatamente o povoado pediria uma capela, que seria criada em maio de 1846. A elevação à freguesia não deveria tardar — Por Lei de 14 de janeiro de 1857 seria criada a freguesia de Nossa Senhora da Soledade do Passo Fundo, sendo a 55.ª da província. Nessa época eram alistados 960 votantes. A população aumentava, acusando em 1872 o número de 9 156 habitantes. Pela Lei provincial n.º 962, de 29 de março de 1875, seria criado o município e vila de Soledade, ocorrendo a instalação a 9 de setembro do mesmo ano, sendo seu território desmembrado de Passo Fundo. Por Lei de 14 de julho de 1880, seria constituída em comarca, ocorrendo a instalação a 26 de janeiro de 1883, sendo que mais tarde voltaria a ser têrmo de Passo Fundo. A nova vila imediatamente entrou na senda do progresso, e iniciado o movimento abolicionista, seria

Igreja-Matriz Municipal

criado o Clube Abolicionista Soledadense, dirigido por Melquisedeck Matusalém Cardoso, Antônio Rodrigues Batista e Bento Basílio da Rocha. A vila seria declarada livre, em virtude dessa campanha, a 28 de setembro de 1884. Vinda a República, sua proclamação seria festejada na vila, assim que chegassem as notícias da metrópole. Assim como não sofrera a Revolução Farroupilha, também da Revolução Federalista, que enlutou o Rio Grande do Sul e de 1893 a 1895, não viu Soledade ações bélicas, e, bem mais tarde, a Revolução de 1923 igualmente não mancharia de sangue as terras dêsse município.

Pôde, portanto, desenvolver-se a contento, com o correr dos anos.

Recebeu, ainda, no século passado, em sua volta, elementos migrantes, quer vindos do Velho Continente, quer vindos dos velhos núcleos coloniais no próprio Rio Grande do Sul. Se com isto sua agricultura recebeu notável incremento, tal lhe custaria a perda de vastas áreas, que, desmembrando-se, constituir-se-iam em município. Assim ocorre com Sobradinho, em 1927, o mesmo com Espumoso, em 1954.

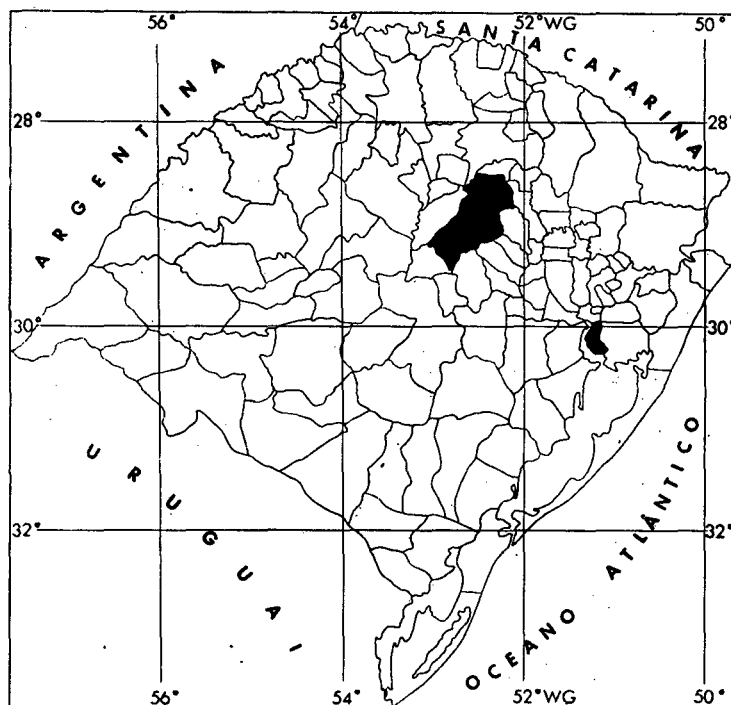
BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria. *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca. *As Primitivas Reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul* — Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S.J.

POPULAÇÃO — Conta o município de Soledade 83 170 habitantes, localizando-se 4 900 na sede e 78 270 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 30,23 habitantes por quilômetro quadrado. A população da comuna correspondia a 1,74% da total do Estado. Área: 2 751 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Soledade e vilas de Barros Cassal, Camargo, Fontoura Xavier, Ibirapuitã, Lagoão, Maurício Cardoso, Mormaço, São José do Erval e Tunas.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Soledade.......	1 821	3	468	336	88	1 485

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29º 03' 14" de latitude Sul e 51º 26' 00" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo W.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 170 km. Altitude: 720 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Jacuí e Fão. Ambos são piscosos, com as seguintes variedades de peixes: dourado, traíra, pintado, jundiá, etc. A pesca, entretanto, não é explorada econômicamente para o município. No rio Fão existe a queda do Queirós, aproveitada pelo município para a produção de energia elétrica. Soledade fica situado no planalto médio, não se destacando elevações notáveis.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Minerais: pedras semipreciosas. Vegetais: pinho e madeiras de lei. Área das matas naturais: 390 km². Área das matas reflorestadas: 60 quilômetros quadrados.

Parte central da cidade, num dia intensamente frio, coberta de neve

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas em graus centígrados, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima — 21,6°; mínima — 15,0°; compensada — 18,0°. Chuvas: precipitação pluviométrica anual de 1 364 mm. Geadas: nos meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Não-me-Toque, Passo Fundo e Marau; ao sul: Sobradinho, Santa Cruz e Lajeado; a leste: Guaporé, Encantado e Arroio do Meio; a oeste: Espumoso e Sobradinho.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A agricultura é de suma importância para a economia local, correspondendo a 50%. Entre os municípios consumidores dos produtos, soledadenses, destacam-se Pôrto Alegre, Passo Fundo, Caràzinho, Encantado e Venâncio Aires.

PRINCIPAIS AGRICULTORES — 1955

TRIGO:

NOME	*ÁREA PLANTADA*
Omar Miguel Borges Vera	300 ha
Ely dos Santos Borges, Dr.	220 ha
Reinaldo Heckmann	120 ha
Batezini, Fanti & Roveda	200 ha
Bortoncelo & Tombini	150 ha
Willibaldo Koenig	150 ha
Wilibaldo Gehlen	150 ha
Honorato Almeida	50 ha
Granja Independência Ltda.	300 ha

MILHO:

Omar Miguel Borges Vera	40 ha
Honorato Almeida	15 ha
Alberto Pancote	50 ha
Reinoldo Gomes Lampert	30 ha
Bortoncelo & Tombini	30 ha
Augusto Formagini	25 ha
Alcides Lima da Luz	25 ha
Giacomo Gambato	25 ha
Reinaldo Heckmann	25 ha

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	29 400	191 100
Milho	37 270	80 751
Mandioca	9 600	5 580
Linho	610	3 660

Valor total da produção: Cr$ 298 599 670,00.

Avicultura — Não existem avicultores organizados. As raças preferidas são: leghorn, plimouth, rhode e indiana. Há no município cêrca de 80 000 galináceos, valendo .... Cr$ 4 800 000,00 aproximadamente.

Apicultura — São poucos os apicultores no município, que criam em grande escala, destacando-se, entretanto, os seguintes: Eurípedes Dala Costa e Darcy Cordeiro, ambos residentes na sede. Valor da produção, em 1956: Mel — .... Cr$ 504 000,00. Cêra — Cr$ 84 000,00.

Pecuária — Ocupa o segundo pôsto como fonte de renda da comuna. As raças preferidas, com referência a ovinos, são: romney e lincoln. Suínos: duroc e caruncho. Bovinos: devon, hereford e charolês. Muares: cruza de comum com espanhol. Eqüinos: anglo-árabe e crioulo. Centros consumidores: Passo Fundo, Guaporé, Encantado, Arroio do Meio, Santa Cruz do Sul, Sobradinho e outros.

Principais criadores — Bovinos: Lauro Brum, Alcebíades Brum, Mário Brum, Ari Batista, Gentil Batista, Ercílio Almeida Wedy, Alfeu Alves Wedy, Osório da Silva Borges, Ernesto Batista, Jocelim Borges de Queirós e Lauro Borges. Suínos: Honorato Almeida. Eqüinos: Frutuoso de Melo Brum, Euzébio dos Santos Ortiz, Ernesto Batista, Adão Felix de Freitas, Jocelim Borges de Queirós, Laydes Silveira Borges, Vigilato Lima, Osório da Silva Borges, Vivaldino Borges e Reinaldo Heckmann. Muares: Aquiles Camargo, César dos Santos Ortiz, Cleto Rodrigues Cardoso, Jocelim Borges de Queirós e Lauro Borges.

Pastagens predominantes no município: capim-forquilha, capim-flexilha e outros.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	101 100	161 760
Eqüinos	12 000	10 800
Muares	700	770
Suínos	19 600	13 720
Ovinos	28 000	7 840
Caprinos	2 900	435

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 032 700	13 682 664
Carne verde de suínos	45 568	546 816
Carne verde de ovino	18 791	210 459
Carne verde de caprino	2 440	21 472
Couro verde de boi, vaca e vitelo	7 436	34 949
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	90 991	1 168 872
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	74 434	461 491
Pele sêca de ovino	989	9 890
Pele sêca de caprino	122	756
Toucinho fresco	47 864	765 824
Total geral	1 321 335	16 903 193

Indústria — Soledade conta 308 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 972 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 77 961 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: Ind. alimentares, 45,9%; Ind. de bebidas, 0,6%; Ind. da madeira, 38,4%; Transf. de produtos minerais, 1,4%; Couros e produtos similares,

Vista parcial de uma das artérias centrais

0,1%; Ind. de papel e papelão, 1,1%; Ind. de mobiliário, 0,1%; Ind. do fumo, 4,3%; Vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 5,1%.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	*RAMO DE ATIVIDADE*
Signor & Cia. Ltda.	Tábuas de pinho
Madeireira Bozzetto Ltda.	Tábuas de pinho
G. A. Loticci & Cia.	Tábuas de pinho
Guerra Bavaresco & Cia. Ltda.	Tábuas de pinho
Palharini & Cia.	Tábuas de pinho
Irmãos Francisco & Cia.	Tábuas de pinho
Borges Martins & Cia.	Tábuas de pinho
Reinoldo Gehlen & Cia. Ltda.	Tábuas de pinho
Baú Giongo & Cia. Ltda.	Pasta mecânica
Ind. de Calçados Horla Ltda.	Calçados de senhoras
Moinho Soledadense S.A.	Farinha de trigo
Dol Santo & Cia. Ltda.	Acordeões

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	81
Fazendas	11
Ferragens	3
Armarinhos	1
Móveis	2
Rádios, eletrolas, etc.	3

Cidades com que o município mantém transações comerciais: Pôrto Alegre, Passo Fundo, Caràzinho, Santa Cruz do Sul, Estrêla, Lajeado, Cachoeira do Sul e São Paulo (SP). Conta o município com duas agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Passo Fundo: rodov. (90 km); Marau: rodov. (105 km); Guaporé: rodov. (60 km); Encantado: rodov. (105 km); Arroio do Meio: rodov. (132 km); Lajeado: rodov. (140 km); Santa Cruz do Sul: rodov. (171 km); Sobradinho: rodov. (75 km); Espumoso: rodov. (42 km); Tapera: rodov. (99 km); Não-Me-Toque: rodov. (77 km). Capital do Estado: rodov. (324 km) ou misto: a) rodov. (90 km) até Passo Fundo, e b) aéreo (230 km) ou ferrov. V.F.R.G.S. (744 quilômetros). Capital Federal: misto: a) rodov. (90 km) até Passo Fundo, e b) aéreo (1 447 km) até o DF ou ferrov. V.F.R.G.S. (179 km) até Marcelino Ramos. Rêde de Viação Paraná—Santa Catarina, via Pôrto União, SC e Ponta Grossa PR (882 km) até Itararé, SP, Estrada de Ferro Sorocabana (408 km) até São Paulo, SP e Estrada de Ferro Central do Brasil (499 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade de Soledade é servida de luz elétrica, pelo sistema hidrelétrico, inaugurado no ano de 1929.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	27
Ruas	20
Avenidas	2
Travessas	2
Largos e praças	3

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	49 170 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçados com paralelepípedos	6
Ajardinado totalmente	1
Arborizado parcialmente	1
Arborizado e ajardinado simultâneamente	2

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	847
Zona urbana	572
Zona suburbana	275

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	820
2 pavimentos	25
4 pavimentos	1
5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	501
Residenciais e outros fins	144
Exclusivamente a outros fins	202

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	20
Número de ligações domiciliares	804
Número de focos para iluminação pública	220

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo para iluminação pública	79 200 kWh
Consumo p/fôrça mortiz em todo o município	204 286 kWh

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município uma agência postal-telegráfica (na sede) e duas agências postais no interior.

Agência dos Correios e Telégrafos

HOTÉIS E PENSÕES — Na sede municipal, há os seguintes hotéis: Brasil, Central, Ipiranga, e Colnaghi, todos com diárias de Cr$ 240,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro; Pensão Familiar, diárias para casal, Cr$ 200,00; para solteiro, Cr$ 100,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	201
Ônibus	19
Camionetas	36
Motociclos	3
Total	259

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	195
Camionetas	3
Tratores	35
Reboques	10
Total	243

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	52
Bicicletas	17
Total	69

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	410
Carroças de quatro rodas	300
Outros	53
Total	763

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 42% sabem ler e escrever e a quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 40%. Em 1955 havia 165 unidades escolares do ensino primário fundamental comum, com 7 873 alunos (o município perdeu parte de seu território com a nova divisão administrativa do Estado). Existem na comuna 1 ginásio, uma escola normal e uma escola de comércio.

Outros aspectos culturais — Há 4 sociedades recreativas, uma desportiva, uma biblioteca de caráter geral, pertencente à Prefeitura Municipal, com cêrca de 800 volumes; duas tipografias, uma livraria; uma estação de rádio, com as seguintes características: Prefixo ZYU-30 — Rádio Cristal, freqüência 1 560 kc — potência: 100 watts, uma tôrre irradiante, 1 auditório, com a capacidade para 300 pessoas, 2 microfones, 1 747 discos na discoteca, empregando 20 pessoas. Um cinema, com a capacidade para 550 espectadores.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 2 hospitais, totalizando 85 leitos. Em 1955, foram hospitalizados 1 525 enfermos, sendo 426 homens, 607 mulheres e 492 crianças. Há 1 aparelho de raio X diagnóstico, 3 salas de operações, uma sala de partos, duas salas de esterilização e uma farmácia. Exercem a profissão 4 médicos, 4 dentistas e 4 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Duas Associações de Beneficência Mutuária.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — Um veterinário e 2 agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Há 7 advogados residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância, com 2 juízes.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS

Produção	1
Consumo	1
Total de sócios	148
Valor dos serviços executados Cr$	48 836

FESTEJOS POPULARES — Procissão e festa de São Sebastião, realizadas em 20 de janeiro, dia do Santo Padroeiro, seguida de churrascos e bailes.

CAMPO DE POUSO — Há um, para aviões de pequeno porte, situado nas vizinhanças da cidade, com 800 x 400 metros.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	958	3 881	2 397	1 146	2 786
1951	1 333	6 803	2 997	1 226	3 116
1952	1 839	7 122	3 273	1 473	3 155
1953	2 141	8 954	6 068	1 813	5 734
1954	3 284	11 413	5 525	1 842	5 826
1955	4 914	15 915	6 064	1 967	6 445
1956	7 666	18 191	8 701	2 190	8 987

TAPERA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Iniciou-se em 1827 o povoamento do território de Passo Fundo. As crescentes levas de novos moradores permitiram a criação, por Lei provincial n.º 340, de 28 de janeiro de 1857, do município de Passo Fundo, que se instalaria a 7 de agôsto do mesmo ano, desmembrando-se de Cruz Alta, o qual, por sua vez, fôra desmembrado de Cachoeira do Sul em 1834, e êste, de Rio Pardo, em 1819.

Rio Pardo foi um dos quatro primeiros municípios rio-grandenses, criados simultâneamente por Provisão de 27 de abril de 1809.

Cresceu ràpidamente a população de Passo Fundo, com o correr dos anos, ao mesmo tempo que lhe era anexado o distrito de Nonoai, chegando a ter a superfície de 10 400 quilômetros quadrados.

Vista parcial da cidade

No fim do século XIX surgiria a Colônia do Alto Jacuí, e mais precisamente no ano de 1891, o povoado de Tapera, no distrito de Caràzinho, pertencente a Passo Fundo.

Os primeiros habitantes de Tapera vieram dos municípios de Caí, Santa Cruz do Sul, Garibaldi e outros, ou seja, dos primeiros municípios surgidos com a chegada de imigrantes alemães e italianos. A crescente partilha das terras dêsses núcleos iniciais de imigração obrigou os descendentes dos desbravadores a procurar novas regiões.

Tapera tinha uma riqueza à espera de exploração fácil e que exigia pouco trabalho e nenhum capital: os imensos pinhais existentes em seu território.

Tapera significa habitação ou aldeia abandonada. Significa também casa abandonada ou estabelecimento rural em ruínas e sem moradores. Consta que seria a segunda a origem do nome do atual município, desde que havia um velho prédio que era utilizado como abrigo dos viajantes. Perguntando-se onde iria pernoitar um viajante por aquelas paragens, a resposta geralmente era a de que ia para a tapera. O nome ficou assim ligado ao local.

A primeira capela foi erguida em 1902, atendida pelo padre Pedro Wumer, de Passo Fundo, com a invocação de Nossa Senhora do **Rosário**.

Chegado o ano de 1920, Tapera já se constituía na sede do oitavo distrito de Passo Fundo, ainda denominado Coronel Gervásio. O povoado contava 54 casas e possuía uma população de cêrca de 300 habitantes. No povoado, a maior parte era de origem itálica, enquanto que na zona agrícola, desde que essa lide superara à extração da madeira de pinho, predominava o elemento de origem teuta.

O povoado tinha sua capela com a invocação de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, casas comerciais, e seu orgulho era o hotel de José Sarturi, um dos mais antigos moradores do local. O distrito estava dividido em várias linhas coloniais, e contava com sete secções. Compreendia ainda os povoados de Barra do Colorado, com 15 casas, Lagoa dos Três Cantos, com 25 casas, Gerisa e São José.

Enquanto crescia a riqueza do distrito, iria formar-se o município de Caràzinho, dando-se a instalação a 22 de fevereiro do mesmo ano.

Tapera acompanhou Caràzinho nesse desmembramento, constituindo-se em distrito seu. O curtume Mombelli & Cia. Ltda. incrementou o desenvolvimento local, dando emprêgo a muitas pessoas, ao mesmo tempo que o comércio se ativava e novas indústrias iam surgindo.

Tapera foi elevado à categoria de freguesia a 1.º de novembro de 1932, sendo primeiro Vigário o padre frei Benedito Ronchi, O.F.M.

Com o correr dos anos, de tal forma cresceram o distrito e povoado, e foi tão incrementada a agricultura, que logo teve início um movimento emancipacionista. A produção de trigo e milho constituía alicerce da economia local.

Após plebiscito, demonstrada a vontade dos moradores do local de constituírem-se em nova comuna, a Lei estadual n.º 2 552, de 18 de dezembro de 1954, criaria o município de Tapera.

A instalação deu-se a 28 de fevereiro de 1955, sendo primeiro Prefeito Dionésio Lotário Chassot e Vice-Prefeito Alberto Hilário Heinrich. A primeira Câmara de Vereadores foi constituída por Hugo José Germann, Hercílio L. Steffens, João M. Batistela, Libório Kuhn, Hermes Crestani, Varonil Costa e Adolfo Werlang.

Embora de superfície pequena, sendo um dos menores municípios do Estado, possui Tapera notáveis perspectivas de desenvolvimento econômico e cultural.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico* — O. Augusto de Faria. *O Município de Passo Fundo* — Francisco Xavier e Oliveira.

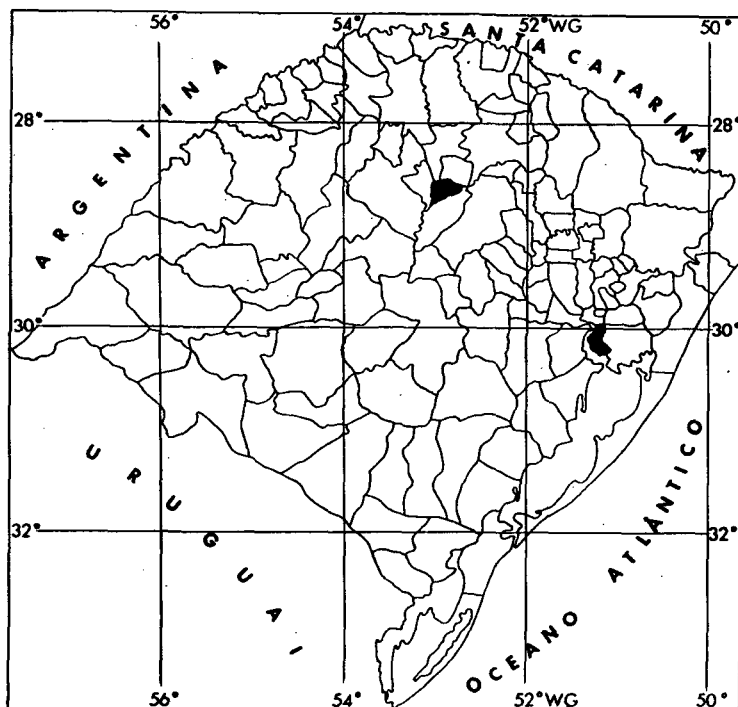
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Tapera 11 000 habitantes, localizando-se 1 750 na sede e 9 250 na zona rural, segundo estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956; a densidade demográfica é de 21,65 habitantes por quilômetro quadrado; 0,23% sôbre a população total do Estado. Área: 508 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Tapera e vila Solbach.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Tapera.......	450	2	115	61	15	389

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 34' 48" de latitude Sul e 53° 53' de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo N.O.; distância em linha reta da Capital do Estado: 228 km. Altitude: 350 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município está situado no Planalto Médio. Rio: Jacuí, que faz a divisa com o município de Espumoso; Arroios: Ibirubá, que limita o município com o de Ibirubá; Ojeriza, afluente do da Glória, servindo de limite com o município de Não-Me-Toque; Catuçaba e Das Coroas, que limitam Tapera com Não-Me-Toque. Puitã, limitando o município, em parte, com o de Caràzinho e dividindo os distritos de Tapera e Solbach, confluindo no rio Jacuí. Passo do Padre, Fuão e Sanga Fuá, servindo de limite com Caràzinho.

RIQUEZAS VEGETAIS — Madeira e erva-mate. Área das matas naturais: 80 000 metros quadrados. Área das matas reflorestadas: 20 000 metros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é ameno. As médias das temperaturas, em grau centígrado, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas — 23,9; das mínimas — 13,8; compensada — 19,0. Chuvas: precipitação anual de 1 056 mm. Geadas: meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Caràzinho e Não-Me-Toque; ao sul: Espumoso; a leste: Soledade; a oeste: Ibirubá.

ASPECTOS ECONÔMICOS — É a agricultura a principal fonte de riqueza do município e o trigo, o principal produto cultivado. Entre os agricultores, destacam-se os seguintes: Ernesto Petry, Jacob Bonato, Severo Werner, Carlos Köller. Os centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Pôrto Alegre, Caràzinho e Pôrto Mariante.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	2 700	18 900
Batata-inglêsa	1 164	3 880
Arroz	858	3 146
Cebola	105	630

Valor da produção: Cr$ 87 596 500,00.

Pecuária — A população bovina do município é de pequena monta, fato justificável por se tratar de um município eminentemente agrícola. A suinocultura é de relativa importância para a comuna, onde há um rebanho apreciável.

PRODUÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécies	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	8 400	13 440
Eqüinos	1 800	1 620
Muares	500	550
Suínos	45 200	31 640
Ovinos	500	135
Caprinos	100	15

Indústria — Conta o município de Tapera com 111 estabelecimentos industriais, mantendo a média mensal de 367 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de: Cr$ 56 809 000,00.

PRINCIPAIS INDÚSTRIAS	*RAMO DE ATIVIDADE*
Bratz Irmãos Ltda.	Tábuas serradas
Helmuth Otto Kuhm	Tábuas serradas
Alberto Zinzer & Cia.	Tábuas serradas
Mombelli & Cia.	Couros curtidos

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	5
Casa de rádios	1

Há no município 2 escritórios bancários.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Espumoso: rodov. (12 km); Não-Me-Toque: rodov. (21 km); Caràzinho: rodov. (43 km); Cruz Alta: rodov. (87 km). Capital Estadual: rodov. (339 km), aéreo (248 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre: aéreo (248 km). Daí ao DF (1 217 km).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é dotada de energia elétrica. Município novo, emancipado em 1954, ainda carece de certos melhoramentos urbanos.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	14
Ruas	8
Avenida	1
Travessas	5

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	5
Número de ligações domiciliares	320
Número de focos para iluminação pública	2 530

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	413 000 kWh
Da sede municipal	302 000 kWh
Consumo para iluminação pública	22 200 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	245 000 kWh

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há 2 agências no município.

HOTÉIS — Dos Viajantes e Central, com diárias, respectivamente, de Cr$ 200,00 para casal — Cr$ 120,00 para solteiro e Cr$ 190,00 para casal — Cr$ 100,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	66
Camionetas	21
Total	87

Para transportes de cargas

Caminhões	91
Camionetas	19
Tratores	50
Reboques	4
Total	164

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	173
Carros de quatro rodas	99
Bicicletas	140
Total	412

Para cargas

Carroças de duas rodas	65

INSTRUÇÃO E CULTURA — Em 1955 havia 26 unidades escolares do ensino fundamental comum, com 1 391 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Há 3 sociedades recreativas, 3 sociedades esportivas, 1 livraria, 1 tipografia e 1 cinema, com a capacidade de 200 lugares.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município 3 hospitais, com um total de 148 leitos. Em 1955, foram hospitalizados 2 142 enfermos, sendo 568 homens, 863 mulheres e 711 crianças. Há 2 aparelhos de raios X diagnóstico, 4 salas de operação, 3 de parto, 4 de esterilização, 2 farmácias e 1 entidade possui eletrocardiografia.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Jurisdicionado pela comarca de Caràzinho.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Há 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVA — de Crédito — 1; total de sócios — 481; valor dos empréstimos — Cr$ 720 969,00.

FESTEJOS POPULARES — Todos os anos, a 8 de maio, é realizada a festa de Santa Epopéia, que reúne o povo de todo o município e de municípios vizinhos.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Em comemoração ao cinqüentenário da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul, os agricultores de Tapera mandaram erigir uma estátua de Dante Alighieri, o poeta máximo da renascença italiana. Durante a II guerra mundial foi êle retirado de seu pedestal e recolhido a Subdelegacia. Terminada a guerra, foi reposto em seu primitivo lugar.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1955	—	—	1 885	825	634
1956	—	6 557	2 500	867	2 500

Emancipado em 1954.

TAPES — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O atual município de Tapes foi, durante muito tempo, denominado Dores de Camaquã. A mais antiga referência histórica que se tem sôbre a ocupação efetiva de suas terras data do ano de 1817, quando D. João VI, o Rei de Portugal, Brasil e Algarves, doou a sesmaria de Nossa Senhora do Carmo a Manoel José Alencastro, o qual parece ter sido o primeiro morador do local. Já não mais existia a tribo dos aracanes, que anteriormente, à época da penetração portuguêsa no Rio Grande do Sul, andara por aquelas bandas. Êsses aracanes, em número de 20 000, constituíam um grupo fragmentado dos tapes, gês guaranizados que ocupavam mais da metade do território gaúcho.

Após a morte de Alencastro, seus sucessores venderam a sesmaria ao guarda-mor José de Oliveira Guimarães, e

Danças tradicionais gaúchas, por ocasião dos festejos populares de 20 de setembro

êste, por sua vez, a transmitiu ao major de milícias Patrício Vieira Rodrigues.

Em 1831 pertencia o território ao município de Triunfo. Áulico da Côrte de D. Pedro I, Imperador do Brasil, desfrutava Patrício Vieira Rodrigues notável prestígio, que não só o consagrou chefe político local, à medida que surgiam novos moradores, como obteve a mercê do Decreto provincial de 29 de agôsto de 1833, que cria a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Camaquã, em terreno doado por Patrício junto à sua propriedade. Constitui-se, desta forma, essa fazenda Nossa Senhora do Carmo, o núcleo do município de Tapes.

Já em 1832 Patrício Vieira Rodrigues instalara à margem da Lagoa dos Patos, junto à foz de um arroio, uma charqueada para exploração intensiva da indústria saladeril, pôsto contasse, só êle, em suas terras, mais de 10 000 cabeças de gado bovino.

A charqueada dispunha de embarcação própria, servindo para escoar a produção, que era, via de regra, exportada para os portos de Pelotas e Rio Grande. Em tôrno dêsse estabelecimento foram se erguendo choupanas, ranchos de palha de butiá, casas de moradia para alojar os escravos e auxiliares graduados que trabalhavam no local, marco inicial da futura cidade.

Eclode em 1835 a Revolução Farroupilha, nascida dos mais puros ideais da gente rio-grandense, mas que durante dez anos viria dizimar lares e destruir propriedades e riquezas dos gaúchos.

Vieira Rodrigues foi convidado a fazer parte do movimento: quer tivesse laços de amizade com o então Presidente da Província, Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, quer se julgasse ligado ao Govêrno Imperial, o fato é que não se integrou nas hostes republicanas.

Preferiu exilar-se voluntàriamente para a República Oriental do Uruguai. Soube que sua fazenda fôra saqueada e morto seu capataz pelas fôrças republicanas que obedeciam à suprema chefia de Bento Gonçalves da Silva. Regressou em 1840, já casado com dama de estirpe castelhana, dona Brígida Calderón. Retoma suas atividades, tudo fazendo para reerguer seu depredado estabelecimento.

A 15 de abril de 1846, a paróquia de Dores do Camaquã é anexada ao município de Pôrto Alegre, recuperando sua autonomia sòmente em 16 de dezembro de 1857, pela Lei provincial n.º 402, quando foi o povoado elevado à categoria de vila e sede de município. Era ainda à incansável atividade de Patrício Vieira Rodrigues que se devia a criação do município de Dores do Camaquã. Falecido êste, cêrca de 1860 seria desvilado Dores de Camaquã, novamente anexado a Pôrto Alegre. Seu progresso, no entanto, levou o Govêrno a novamente recriar o município, dando-se tal por Lei de 9 de agôsto de 1875.

Em 1911, no govêrno de Carlos Barbosa Gonçalves, foi novamente desvilado, constituindo-se no 11.º distrito de Pôrto Alegre. Para tal alegou-se que seus recursos financeiros eram pequenos, tornando-se incapazes de prover as necessidades mínimas da comuna.

Data então uma memorável campanha objetivando o restabelecimento de sua autonomia, desta vez transferindo-se a sede para o vigoroso e importante pôrto de Tapes; no entanto, o Govêrno, pelo Decreto n.º 1 993, de 25 de junho de 1913, reinstalou o município, porém tendo como sede ainda a vila de Dores do Camaquã.

Em 1923 o município vai ser atingido pela revolução assisista, dirigida contra o Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, que fôra mais uma vez reeleito. A 15 de abril dêsse ano, José Antônio Neto, chefe revolucionário, ocupa a vila; a 20 do mesmo mês, o rebelde Manoel Batista Gomes, junto à vila, enfrenta fôrças governamentais. A 25 de maio de 1923, o coronel João Nunes de Campos toma a vila.

Cessada a luta, volta-se a população de Dores de Camaquã novamente à campanha de transferência da sede municipal para Tapes.

Finalmente, na administração do Intendente coronel Adiles de Araujo Peixoto, em memorável reunião extraordinária do Conselho Municipal, a 9 de maio de 1928, é votada e aprovada a transferência, sendo promulgada pelo chefe do executivo municipal.

Interposto recurso, junto ao Govêrno do Estado, contra os atos do Poder Municipal, foi afinal confirmada a mudança da sede para Tapes, por decreto de 6 de janeiro de 1929, do Presidente do Estado, Dr. Getulio Dorneles Vargas.

Estavam assim atendidas as reivindicações locais, e o município de Tapes poderia enveredar pelo caminho de notável e surpreendente progresso.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria.

Vista parcial da zona central da cidade

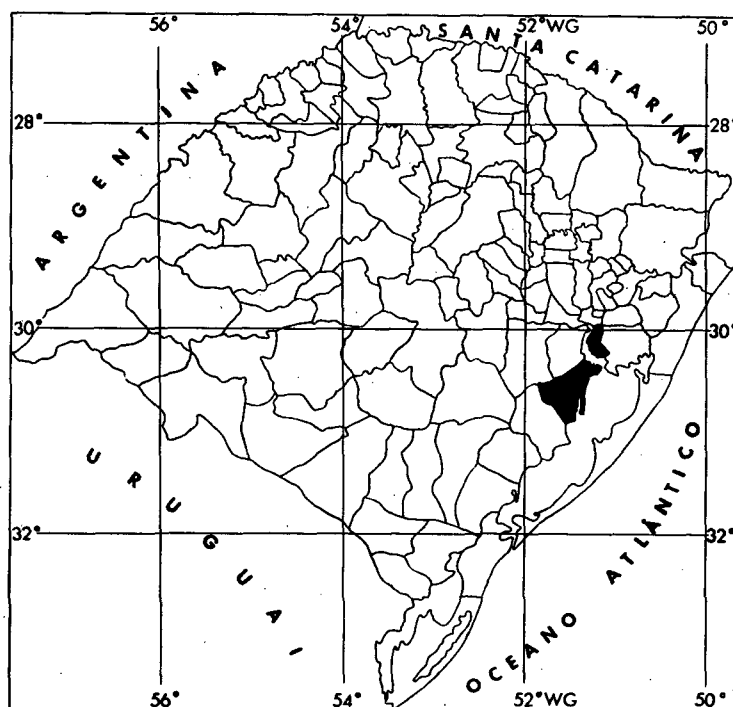
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Tapes 25 270 habitantes, localizando-se 3 500 na sede e 21 770 na zona rural, conforme estimativa do D.E.E. para 1-1-1956; densidade demográfica de 14,07 habitantes por quilômetro quadrado; 0,53% sôbre a população total do Estado. Área: 1 796 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Tapes; vilas: Cêrro Grande e Vasconcelos.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Tapes........	496	16	166	181	70	315

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 50' de latitude Sul e 51° 35' de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado: rumo S.S.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 76 km. Altitude: 5 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Lagoa dos Patos, havendo em suas águas, em determinadas épocas do ano (desova), bagre em boa quantidade, além de outras variedades; estas, porém, em número mais reduzido, como: traíra, grumatã, jundiá, etc. Todavia, a pesca não chega a ter expressão econômica para o município. A sede municipal está situada às margens da Lagoa dos Patos. É pôrto lacustre.

RIQUEZA VEGETAL — A única riqueza vegetal existente e explorada é a crina vegetal, constituindo-se o município num dos maiores produtores do país.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. Em graus centígrados, as médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas: 24,9; das mínimas: 12,8; compensada: 17,9. Precipitação anual das chuvas: 1 255 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Guaíba e São Jerônimo; ao sul: Camaquã e Lagoa dos Patos; a leste: Lagoa dos Patos; a oeste: Camaquã.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — Na lavoura do arroz, está a base econômica do município. Nos principais estabelecimentos, o trabalho é mecanizado (tratores, ceifadeiras, etc.) Principais proprietários:

Nome	*Área cultivada*	*Produto*
Ataliba Gomes Garcia	498 ha	Arroz
Arrozeira Brasileira S. A.	383 ha	Arroz
Antenor Evangelista Tavares	265 ha	Arroz
Arno Corrêa de Almeida	235 ha	Arroz
Arthur Richter	192 ha	Arroz
Joaquim F. Quadros	100 ha	Arroz
Joaquim Silveira de Avila	221 ha	Arroz
José Safronino Evangelista	174 ha	Arroz
Nelson Evangelista,	100 ha	Arroz
Otacílio Lopes Meireles	174 ha	Arroz
Veigas Pinzon	247 ha	Arroz
Nilson Camargo	125 ha	Trigo
Hermes Rödel	25 ha	Trigo
Silvio Alfonsin	18 ha	Trigo

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	35 673	139 719
Milho	630	1 627
Batata-inglêsa	420	1 470
Trigo	328	1 214

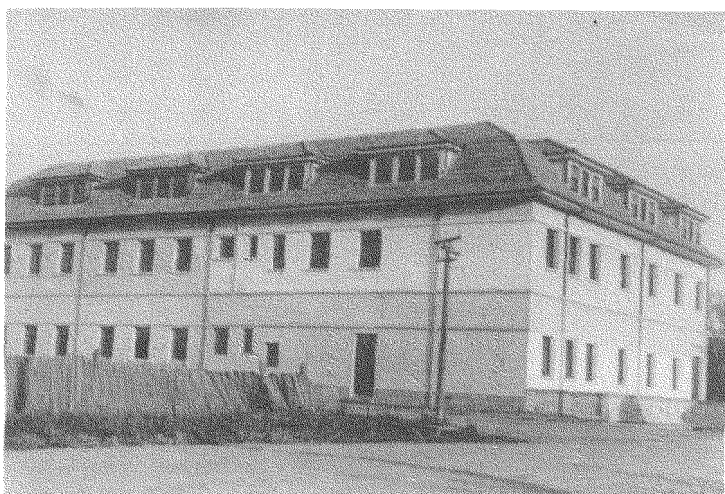
Valor total da produção: Cr$ 147 362 950,00.

Pecuária — Não existem plantéis de raças puras, no setor da pecuária. Predominam os reprodutores hereford, zebu, durhan, devon e holandês, com referência ao gado vacum, e a raça crioula, na eqüina.

Principais criadores	*Nome do estabelecimento*
Arrozeira Brasileira S. A.	Capão da Môça
Mercantilarroz S. A.	Fazenda S. Antônio
Cibils S. A.	Fazenda La Cornelha
Ismael Chaves Barcelos	Fazenda Barba Negre
Antenor Evangelista Tavares	Fazenda Boa Vista
José Loureiro da Silva	Fazenda Capão Alto
José Safronino Evangelista	Fazenda São Pedro

Exportação para: Pôrto Alegre, Guaíba, Rio Grande e Pelotas. Importação de Pelotas. Atualmente está se desenvolvendo a criação de gado leiteiro no município, cujo produto, o leite, é adquirido pelo DEAL, de Pôrto Alegre, que diàriamente vem recolhê-lo na comuna. A exportação sobe a mais de 2 000 litros diários, havendo perspectivas de aumento.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1956

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	31 200	53 040
Eqüinos	4 100	4 100
Muares	200	240
Suínos	5 100	3 060
Ovinos	9 000	2 520
Caprinos	100	15

Prédio do Ginásio N. S.ª do Carmo, dirigido pelas Irmãs Bernardinas

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1956

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	291 700	5 335 618,00
Carne verde de suíno	17 900	367 938,00
Carne verde de ovino	2 318	27 816,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	15 492	213 830,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	28 893	193 584,00
Pele sêca de ovino	122	976,00
Toucinho fresco	21 235	419 260,00
T o t a l	377 660	6 559 022,00

Indústria — Tapes conta com 52 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 332 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de CrS 221 907 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: indústrias alimentares, 98,3%; ind. da bebida, 0,1%; ind. da madeira 0,2%; transformação de produtos minerais, 0,2%.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
V.ª Idalino Heller	Extração crina vegetal
Mercantilarroz S. A.	Crina vegetal
Ismael Chaves Barcelos	Crina vegetal
Oswaldo H. Gutheil	Crina vegetal
Homero Rangel Cappel	Crina vegetal
Cibils S. S. Agric. Ind. Comercial	Arroz descascado
Engenho São Miguel Ltda.	Arroz descascado
Agric. Ind. e Mercantil Tapesarroz Ltda.	Arroz descascado
Ismael Chaves Barcelos	Arroz beneficiado
Barbosa Coutinho & Cia. Ltda.	Arroz beneficiado

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	25
Fazendas, miudezas	5
Mercadorias em geral	1
Fazendas miudezas, móveis, etc.	2
Confecções e calçados	2
Rádios e refrigeradores, eletrolas	1
Relojoarias	1
Automóveis, tratores, etc.	1

O município mantém relações comerciais com Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Há, no município, 1 agência do Banco do Brasil S. A. e 1 do Banco do Rio Grande do Sul.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a Guaíba: rodov. (77 km); São Jerônimo: até Guaíba, rodov. (77 km) daí fluvial (84 km); Camaquã: rodov. (60 km). Capital Estadual — rodov. até Guaíba (77 m). Daí a Pôrto Alegre, fluvial (12 km). Capital Federal — Via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja-se Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica, sistema termelétrico, inaugurado em 1930.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	24
Ruas	15
Avenidas	7
Praças	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	12 000 m²
Terra melhorada	223 400 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Arborizados	3
Arborizados e ajardinados simultâneamente	1

E D I F I C A Ç Õ E S

Número de prédios (total)	743
Zona urbana	648
Zona suburbana	95

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	703
2 pavimentos	37
3 pavimentos	3

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	575
Residenciais e outros fins	69
Exclusivamente a outros fins	99

R Ê D E E L É T R I C A

Logradouros servidos pela rêde	19
N.º de ligações elétricas domiciliares	570
N.º de focos p/ iluminação pública	140

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	836 675 kWh
Consumo para iluminação pública	25 550 kWh
Consumo /fôrça motriz em todo o município	7 847 kWh

Aspecto do recinto da Câmara Municipal

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros servidos pela rêde	5
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	10
Bebedouros ou bicas públicas	2
Consumo anual de água	96 725 m³

E S G Ô T O

N.º de logradouros parcialmente servidos	7

R Ê D E T E L E F Ô N I C A

Aparelhos em uso na sede municipal	34
Taxa mensal cobrada	Cr$ 233,20

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — O município é servido por 2 agências postais-telegráficas.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município dois hotéis: Hotel Moderno, diária para casal, Cr$ 240,00 para solteiro, Cr$ 120,00; Hotel do Comércio, diária para casal, ... Cr$ 240,00; para solteiro, Cr$ 120,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	123
Ônibus	9
Camionetas	44
Motociclos	1
T o t a l	177

Para transporte de carga

Caminhões	97
Tratores	104
T o t a l	201

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	78
Carros de quatro rodas	655
Bicicletas	43
T o t a l	776

Para cargas

Carroças de quatro rodas	465
Outros	80
T o t a l	545

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 56% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 38%. Em 1955 havia 58 unidades escolares do ensino fundamental comum com 2 747 alunos matriculados. O município conta ainda com 1 ginásio.

Outros aspectos culturais — Há, no município, 2 sociedades recreativas, 1 clube de futebol, 1 sociedade de bolão e 1 Rotary Club.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Não é um esporte grandemente desenvolvido. Entretanto, existem 6 canchas retas no município, assim localizadas: 1 na sede municipal; 1 na sede distrital de Vasconcelos; 1 em Coxilha Grande, distrito de Vasconcelos; 1 denominada Cancha do Chimarrão, distrito de Vasconcelos; 1 em Araçá, distrito de Vasconcelos e 1 em Garambéu, distrito de Cêrro Grande. O movimento de apostas foi calculado em CrS 800 000,00, sendo de Cr$ 500 000,00 só na sede municipal. Foram realizadas, durante o ano de 1956, 95 carreiras m/m. Podem ser arrolados 3 principais criadores de cavalos de raça, que são: Euclides Flores Batista, Armando Petry e Mercantilarroz Sociedade Anônima, todos criando raça inglêsa.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município de Tapes 2 hospitais com um total de 32 leitos, e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 988 enfermos, sendo 253 homens, 441 mulheres e 294 crianças. Há 1 aparelho de raios X diagnóstico, 2 salas de operação, 2 salas de parto, 2 de esterilização e 1 farmácia. Exercem a profissão 6 médicos e 5 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Legião Brasileira de Assistência.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 2 advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Há no município 1 engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Realiza-se, anualmente, no dia 16 de julho, a festa em louvor de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do município, com procissão, diversões populares, bandas de música, etc., no dia 2 de fevereiro, ocorre, também, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, com procissão marítima e festejos populares. Além das festas religiosas, já estão se tornando tradicionais os festejos do dia 20 de setembro, data farroupilha, com baile típico à gaúcha, domas, provas de campeiradas, desfile de cavalaria, trovas e demais tradições gaúchas.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 102	3 495	1 384	558	1 318
1951	1 026	3 034	1 665	568	1 942
1952	1 611	4 549	2 301	681	2 142
1953	2 555	7 283	2 884	844	2 339
1954	4 431	9 169	3 411	1 176	4 549
1955	4 918	12 703	3 936	1 545	5 712
1956	6 733	14 209	7 071	2 895	6 920

TAPEJARA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Os primeiros habitantes do atual município de Tapejara foram os membros da família Teixeira, que nêle se radicaram na segunda metade do século XIX, época em que grande era a procura das terras do município de Passo Fundo, criado por Lei provincial n.º 340, de 28 de janeiro de 1857. Essa região, chamada de Passo Fundo, começou a ser desbravada em 1827, seguindo-se um intenso povoamento dessas enormes áreas até então desertas. Aberto o tráfego ferroviário em 8 de fevereiro de 1898, passado o deprimente período da Revolução Federalista, que

atingiu Passo Fundo, no período 1893-1895, seria ainda mais rápido o adensamento populacional. Surgem assim importantes centros coloniais, um dos quais foi a Sede Teixeira. Fazia parte do terceiro distrito de Passo Fundo, denominado Coxilha. Iniciado o século XX, elementos de origem alemã e italiana, provenientes dos núcleos iniciais de colonização ítalo-germânica, não mais capazes de absorver aquela população que crescia assustadoramente, dirigem-se à Sede Teixeira, onde encontram o pinho, riqueza fácil de explorar. Uma estrada rodoviária de terra socada, ligando Sede Teixeira a Coxilha, permitia um razoável movimento comercial. Lentamente teve início a agricultura, com trigo, milho, feijão, arroz e cevada. Também a criação de suínos teve lugar, com a conseqüente industrialização de produtos porcinos. Com o tempo, a agricultura tornou-se a atividade predominante, sendo melhoradas as estradas distritais.

Passando mais tarde à categoria de distrito, na década de 1940, Sede Teixeira tomaria a denominação de Tapejara. No Censo de 1950 apresenta a vila de Tapejara 1 453 moradores. Ocorre, por essa época, um movimento emancipacionista, sendo de suas figuras mais dinâmicas o padre Daniel Damin, que desde anos anteriores levantara essa reivindicação de Tapejara. A realização de um plebiscito, nos moldes previstos por lei, mostrou a firme intenção dos tapejarenses de se constituírem município autônomo. Foi criado o município por Lei estadual n.º 2 667, de 9 de agôsto de 1955. A novel comuna constituiu-se, além de Tapejara, do distrito de Água Santa, ambos desmembrados de Passo Fundo, e do de Charrua, desmembrado do município de Getúlio Vargas. Foi escolhido como patrono de Tapejara o Padre Daniel Damin, em agradecimento a sua decisiva atuação pela emancipação. Contando com estabelecimentos industriais, como o Frigorífico São Paulo, de beneficiamento de arroz, de moagem de trigo, e alguns outros, Tapejara é uma das promissoras unidades do planalto rio-grandense. Município dos mais recentes, instalado a 1.º de janeiro de 1956, é cedo ainda para prever-se seu futuro. Tudo indica, porém, que brilhante senda lhe está reservada, em função do dinamismo e dedicação de sua gente.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

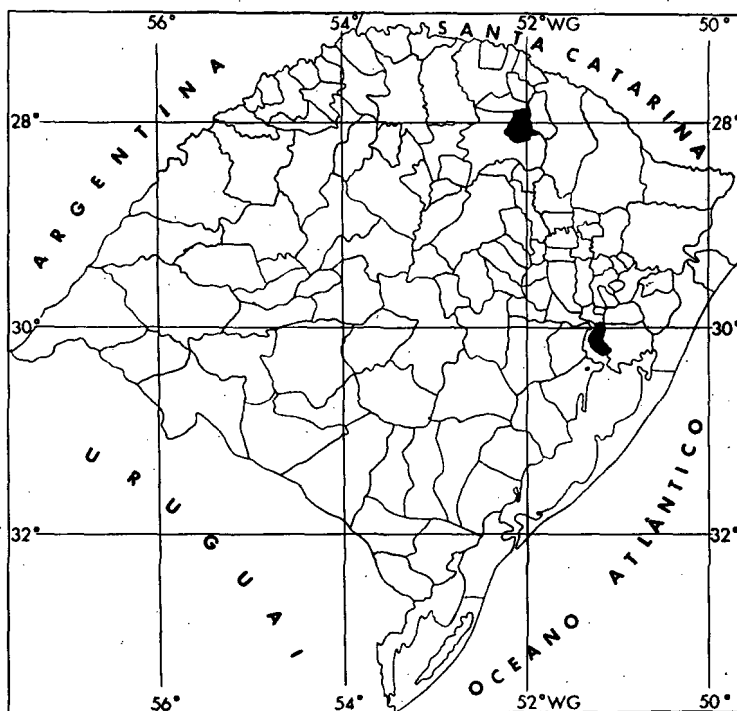
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Tapejara 23 080 habitantes, localizando-se 1 770 na sede e 21 310 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 22,47 habitantes por quilômetro quadrado, representando a população 0,48% da total do Estado. Área: 1 027 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Tapejara e vilas de Água Santa e Charrua.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Tapejara.......	719	9	153	115	43	604

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 10' 38" de latitude Sul e 52° 02' 17" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo N.O.; distância em linha reta da capital do Estado: 231,5 km. Altitude: 795 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município está situado no Planalto Médio. Rios: Pirassucê, que limita o município com o de Passo Fundo em tôda a sua extensão e com o de Getúlio Vargas; Apuaê, limitando o município com o de Sananduva e, em parte, com o de Passo Fundo. Santo Antônio, afluente do Apuaê. Arroios: das Pedras e São Roque, que servem de limite com o município de Getúlio Vargas; Fogaça, afluente do Apuaê, que também é limite com Getúlio Vargas; Tapejara e seu afluente Abaticaru, que limitam os distritos de Tapejara e Charrua; Coreado, afluente do Apuaê, que também serve de limite entre os distritos de Charrua e Tapejara. Passo da Pedra, afluente do Tapejara e Cuitê, todos servindo de limite entre os distritos de Tapejara e Água Santa. Tapejara em parte, Caraguatá em tôda sua extensão e Machado em tôda sua extensão servem de limite com Passo Fundo. Serras: do Macuco, da Paca, do Ouriço, Pecabo e Santa Cecília.

RIQUEZAS VEGETAIS — Área das matas naturais: 226 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: máxima: 21,1°; mínima: 14°; compensada: 18,6°. Chuvas: precipitação anual de 1 587 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de junho a setembro.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Getúlio Vargas; ao sul: Passo Fundo; a leste: Sananduva; a oeste: Passo Fundo.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — A pecuária é fator preponderante na economia do município, merecendo

destaque a criação de suínos, cuja produção é consumida, parte, pelos frigoríficos locais e outra parte, pelos estabelecimentos congêneres dos municípios limítrofes. A criação bovina é utilizada para abastecer a comunidade de carne fresca.

Raças preferidas: bovinos: holandês e crioula e charolês; suínos: duroc e caruncho.

As pastagens são constituídas de grama e capim-forquilha, sendo os principais criadores: Dalzotto Guidini & Cia. e Lourenço José Dall'Olivo.

Avicultura — Há, no município, aproximadamente 80 000 aves, estimando-se em Cr$ 4 000 000,00 o seu valor. Raças predominantes: leghorn e carijó.

Agricultura — O interêsse pela agricultura, no município, está se acentuando cada vez mais, em virtude da assistência oferecida pelo Govêrno e mesmo pelas vantagens que esta oferece sôbre a pecuária. Os centros consumidores dos produtos agrícolas do município são Pôrto Alegre e Passo Fundo.

PRINCIPAIS AGRICULTORES

Nome	*Culturas*	*Área (ha)*
Elias Ruas Amantino	Trigo e milho	230
Victor Rocha Cheleder	Trigo, milho e feijão	160
Guilherme Lângaro	Trigo	70
Victório & Luiz Dorini	Trigo e milho	70
João Dorini & Cia.	Trigo e milho	53

Valor da produção agrícola em 1955: .... Cr$ 98 000 000,00.

Indústria — Há no município 88 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 244 operários. O valor da produção industrial em 1955 foi de Cr$ 69 896 000,00.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Ughini, Irmãos & Cia.	Farinha de trigo
Frigorífico São Paulo Ltda.	Banha de porco
Moinho Vera Cruz Ltda.	Farinha de trigo

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	10
Ferragens	1
Fazendas e armarinhos	4
Móveis	1
Rádios e materiais elétricos	1

O município mantém transações comerciais com Passo Fundo, Pôrto Alegre e São Paulo. Há na sede municipal uma sucursal do Banco Industrial e Comercial do Sul S.A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Tapejara liga-se a: Sananduva: rodov. (38 km); Getúlio Vargas: rodov. (54 km); Passo Fundo: rodov. (62 km); Lagoa Vermelha: rodov. (80 km); Marau: rodov. (93 km); Erechim: rodov. (97 quilômetros) ou misto — a) rodov. (54 km) até Getúlio Vargas e b) ferrov. V.F.R.G.S. (49 km). Capital do Estado: rodov. (375 km) ou misto — a) rodov. (62 km) até Passo Fundo e b) ferrov. V.F.R.G.S. (744 km) ou aéreo (230 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre, ou misto: a) rodov. (62 km) até Passo Fundo e b) ferrov. V.F.R.G.S. (179 quilômetros) até Marcelino Ramos. Daí ao DF, veja Marcelino Ramos.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica, pelo sistema termelétrico, inaugurado em 1945.

MELHORAMENTOS URBANOS

Número total de logradouros públicos	8
Ruas	6
Avenidas	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	3 300 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente pavimentado	1
Parcialmente calçado com paralelepípedos	1

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	8
Número de ligações domiciliares	379
Número de focos para iluminação pública	28

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Da sede municipal	272 529 kWh
Consumo para iluminação pública	9 400 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o município	145 682 kWh

SERVIÇO POSTAL TELEGRÁFICO

Agência Postal-telegráfica	1
Subagências	2

Vista parcial da cidade

HOTÉIS E PENSÕES — Hotel Aurora e Pensão Familiar, cujas diárias são, respectivamente, de: Cr$ 150,00 e ..., Cr$ 100,00 para casal e Cr$ 80,00 e Cr$ 150,00 para solteiro.

INSTRUÇÃO E CULTURA — Há no município 59 unidades de ensino primário fundamental comum, com 2 213 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Há uma sociedade recreativa, duas desportivas, uma tipografia e uma livraria. Conta o município com 1 cinema, o Tamoio, com capacidade para 240 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Há no distrito-sede um hospital, com 20 leitos. Exercem a profissão 2 médicos, 4 dentistas e 2 farmacêuticos.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Um engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Município novo, é jurisdicionado pela comarca de Passo Fundo.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

SINDICATO — de produção — 1; total de sócios — 137; valor dos serviços executados — Cr$ 525 000,00.

FESTEJOS POPULARES — Anualmente realizam-se festas, já tradicionais, tôdas de âmbito religioso: em 21 de novembro — Nossa Senhora da Saúde, padroeira do município; em 6 de janeiro, festa de São Cristóvão, com procissão de automóveis e caminhões ornamentados; em 26 de julho, festa de Santa Ana.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1956.......	—	10 000	2 556	693	2 556

NOTA — Município instalado em 1955.

TAQUARA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município localiza-se na chamada Zona da Colônia Baixa. Sua topografia é tôda acidentada e constituída de terras de matas, estas providas de excelentes madeiras de lei, brancas, sendo o pinho em maior quantidade. Seu território pertencia ao de Santo Antônio. Não são conhecidos os nomes dos primeiros moradores. Sabe-se, no entanto, que aproximadamente a totalidade do território municipal pertencia a uma antiga sesmaria, concedida em 1814, a Antônio Borges de Almeida Leães, adquirida, posteriormente, em 20 de junho de 1845, pela importância de 9:000$000, pela sociedade de Tristão José Monteiro e Jorge Eggers. Em 4 de setembro de 1846, Jorge Eggers vendeu a Tristão José Monteiro, pela importância de 5:000$000, não só a parte que lhe correspondia na sociedade, como terras adjacentes, que havia comprado a André Manique.

Em 7 de setembro de 1846, chegava a primeira leva de colonos alemães, dentre os quais se podem destacar: W. Ludwig Lahm, Krumenauer, Johan Fischer, F. Ritte, Kaspar Schimer, dois irmãos Klein, e um imigrante italiano de nome L. Raymundo. A idéia da colonização do município deve-se, inegàvelmente, a Tristão José Monteiro. Em 1849, por iniciativa do Sr. Guilherme Lahm, foi construída, na vila, a primeira casa de alvenaria. Os templos religiosos do município foram inaugurados em 1874 e 1884, respectivamente, por crentes evangélicos e católicos. Por designação do Bispo D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão chegou na região, em 27 de maio de 1882, o padre Francisco Trappe, S.J., criando a respectiva freguesia, sob a denominação de Senhor Bom Jesus de Taquara do Mundo Novo. Foi o primeiro padre católico de permanência regular na primitiva colônia. O primeiro templo católico erigido em terras do município foi concluído no ano de 1853, na localidade da atual vila de Santa Cristina, sendo em 18 de dezembro de 1857 criada a freguesia de Santa Cristina do Pinhal.

A igreja protestante (Sínodo Rio-grandense) data do ano de 1874, sendo seu primeiro pastor o Rev. Kröhne.

De 7 de janeiro de 1888 a 20 de novembro de 1896, o município foi administrado pela Câmara Municipal, sob a presidência do Sr. Frederico Jacobus Júnior. Faziam parte dela os Srs. Júlio Petersen vice-presidente; José Raymundo Guilherme Korndoerfer; João Petry; Henrique Fauth e Cransten Heinrich Jürgensen. Alguns anos depois da Proclamação da República, 20 de dezembro de 1896, foi empossado o primeiro intendente eleito, Sebastião Amorety. A Câmara Municipal correspondente estava assim constituída: Diniz Martins Rangel, presidente; Carlos Schmitt; Luiz Gonzaga; Adolfo Knauth, vice-presidente; Henrique Förngs; Fernando Inocente do Amaral e Felisberto Pinto de Azevedo — secretário.

Foi elevado à categoria de vila, em 17 de maio de 1887, e, por Ato governamental n.º 1 404, de 18 de dezembro de 1908, foi a vila de Taquara elevada à categoria de cidade.

A população do município é, em sua quase totalidade, de origem germânica, havendo alguns italianos, polacos e de outras nacionalidades.

Possui terras ubérrimas, destacando-se, na atualidade, como um dos municípios progressistas do Rio Grande. A atual denominação "Taquara" — simplificada da anterior, que aglutinava o orago da paróquia católica "Bom Jesus" à colônia do Mundo Novo, é proveniente das cerradas vegetações de bambus silvestres que cobriam as margens do rio dos Sinos, por onde se processava o escoamento da produção agrícola de então.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa.

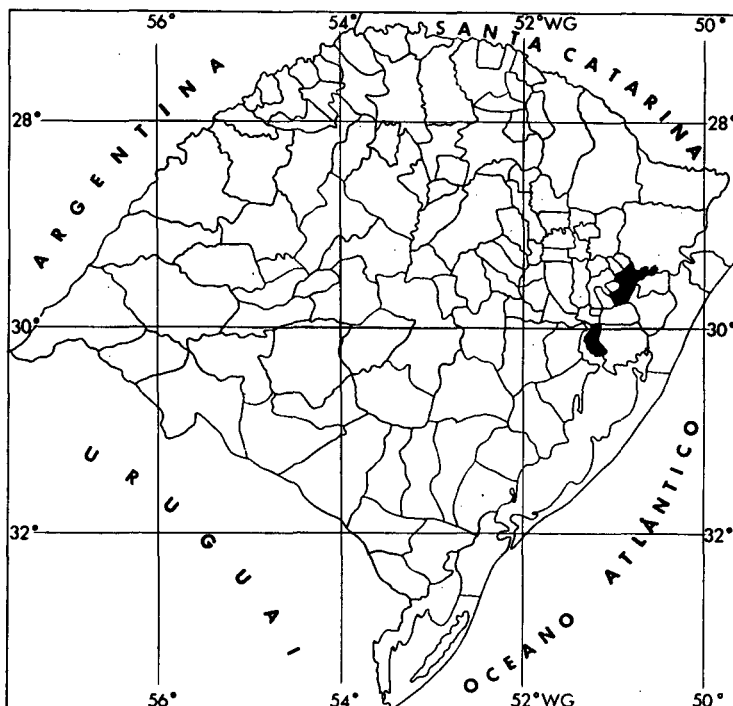
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Taquara 45 750 habitantes, localizando-se 8 440 na sede e 37 310 na zona rural, consoante estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956; a densidade demográfica é de 53,32 habitantes por quilômetro quadrado; 0,96% sôbre a população total do Estado. Área: 858 km².

Aglomerados urbanos — Cidade de Taquara; vilas: Igrejinha, Padilha, Parobé, Santa Cristina e Três Coroas.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Taquara.......	1 048	15	352	344	58	704

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 45' de latitude Sul e 50° 45' de longitude W.Gr. Distância em linha reta da Capital do Estado: 57 km — Rumo N.E. Altitude: 29 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município faz parte da zona Encosta Inferior do Nordeste e sua bacia hidrográfica pertence à do rio dos Sinos. Os pontos mais elevados são: Canastra (700 m), Ceroula (500 m), Serra Grande (600 m) e Serra do Mico (480 m). Principais rios: dos Sinos, Paranhana, Angabeí, Itapicuru, Caboclos, da Ilha, Padilha, Rolante, Açouta-Cavalo e Jetica. Arroios: Grande, da Guarda e Butiá. Todos êstes rios são piscosos, com as seguintes espécies: grumatã, piava, pintado, dourado e traíra, no entanto, a pesca não tem expressão econômica no município. — A navegação fluvial, outrora única via de escoamento da produção da zona, encontra-se pràticamente extinta, por três motivos principais:

1.° — falta de condições de navegabilidade permanente, devido ao pequeno volume dágua do rio dos Sinos;

2.° — bons meios de escoamento de mercadorias, apesar de bem mais onerosos — via ferroviária e especialmente rodoviária;

3.° — melhor compensação do emprêgo de capital com barcos em outras zonas, com navegabilidade permanente e maior volume de cargas a transportar (Lagoa dos Patos).

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Argila: telhas e tijolos; pedra grés: lajes e pedras para alicerces; rochas: alicerces e paralelepípedos, além de pedras para cantaria; areia: para construção de alvenaria e artefatos de cimento; — madeiras: acácia negra, eucalipto; casca de acácia: fabrico de tanino para curtir couros; tiririca: para assentos de cadeiras coloniais rústicas. Área das matas naturais — 58 quilômetros quadrados. Área das matas reflorestadas — 50 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é ameno. Em graus centígrados, as médias das temperaturas ocorridas no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas — 25,9; das mínimas — 13,8; compensada — 20,9. Chuvas: precipitação anual de 1 120 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de maio a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Canela e São Francisco de Paula; ao sul: Gravataí; a leste: Rolante e Santo Antônio; a oeste: Sapiranga e Gramado.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A agricultura tem capital importância para a economia do município, tanto pela produção direta como pela manutenção de indústrias de transformação de produtos agrícolas, especialmente alimentares. — Área total cultivada: 28 277 ha.

Os principais centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Pôrto Alegre, Novo Hamburgo e São Leopoldo, além de haver exportação direta para os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

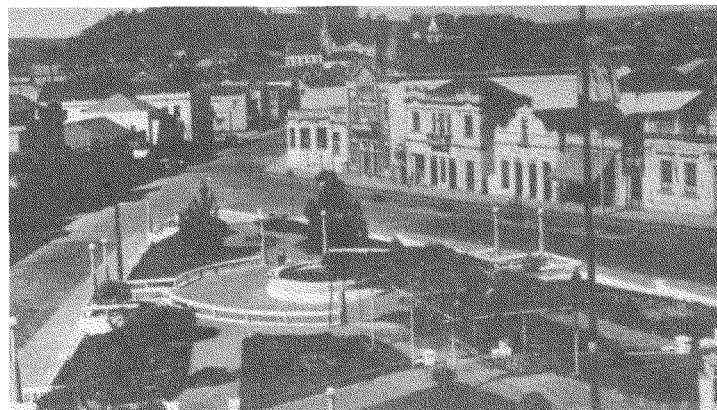
PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Batata-inglêsa	5 280	22 000
Mandioca	30 586	15 356
Piretro	188	10 340
Milho	4 200	9 450

Valor total da produção: Cr$ 90 921 520,00.

Avicultura — Não há avicultores organizados no município. As criações são feitas, em geral, pelos agricultores, que tiram rendimento pequeno. O número de aves estima-se em 160 000, valendo Cr$ 9 600 000,00.

Apicultura — Principais apicultores, com o número aproximado de colmeias:

Pedro Martins	— Passo dos Ferreiros	— 100 colmeias
Helmuth Feltes	— Passo dos Ferreiros	— 30 colmeias
Benjamin Prass	— Passo Mundo Novo	— 25 colmeias
Frederico Fetter	— Açouta-Cavalo	— 30 colmeias
Alfredo Oscar Boes	— Paredão	— 50 colmeias

Vista parcial da Praça Marechal Deodoro

Vista parcial da Avenida Júlio de Castilhos

A produção de mel, no município, é estimada em 5 000 quilogramas e a de cêra em 350 quilogramas.

Pecuária — A pecuária tem grande expressão econômica para o município, destacando-se sobremodo a suinocultura e a criação de gado leiteiro, cuja produção diária é de .... 40 000 litros, sendo parte destinada ao consumo local e parte, enviada à Capital do Estado.

Raças preferidas: Bovinos — holandesa, jérsei e hereford. Eqüinos — crioula e inglêsa. Ovinos — crioula, merino e romney-marsch. Suínos — duroc-jérsei e macau.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	15 500	24 800
Eqüinos	6 800	6 800
Muares	2 000	2 400
Suínos	99 400	59 640
Ovinos	2 000	580
Caprinos	2 300	299

Tipos de pastagens — capim gafanhoto, gramas: São Paulo, forquilha e flexilha.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 712 383	37 764 995
Charque de bovino	120 095	3 018 429
Carne verde de suíno	81 436	1 778 900
Carne salgada de suíno	1 310	30 662
Carne defumada de suíno	1 880	43 820
Charque de suíno	320	8 000
Carne verde de ovino	475	4 560
Carne verde de caprino	370	3 552
Couro verde de boi, vaca e vitelo	7 620	74 820
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	11 739	131 968
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	297 882	3 290 916
Couro verde de suíno	530	5 060
Couro salgado de suíno	20 291	254 288
Pele sêca de ovino	25	375
Pele sêca de caprino	18	216
Banha não refinada	158 701	4 948 244
Toucinho fresco	69 944	1 620 246
Toucinho salgado	5 890	106 980
Toucinho defumado	776	11 130
Salsicharia a granel	382 824	10 397 058
Sebo comestível	400	8 000
Sebo industrial	67 646	1 129 881
Secundários	58 828	388 934
Total Geral	3 001 383	65 021 034

Indústria — Conta o município de Taquara com 476 estabelecimentos industriais, totalizando uma média mensal de 2 500 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 213 413 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 32,0%; ind. de bebidas, 3,6%; ind. da madeira, 7,4%; transformação de produtos minerais, 2,6%; couros e produtos similares, 8,1%; ind. químicas e farmacêuticas, 3,2%; ind. de papel e papelão, 0,3%; ind. metalúrgicas, 0,3%; ind. de mobiliário, 2,7%; vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 33,6%.

Principais indústrias	*Ramo de atividades*
Alberto Badermann	Máquinas, motores elétricos
Max Madermann	Máquinas e engenhos
Edmundo Kicler & Filhos Lt.da	Indústria da madeira
Kleim Henckel & Cia. Lt.da	Indústria da madeira
Mosmann Souza & Cia. Lt.da	Indústria da madeira
Curtume Taquarense Lt.da	Couros curtidos
Hocenig & Cia.	Couros envernizados
Curtume Beto Lt.da	Couros curtidos
Curtume Heinz Lt.da	Couros curtidos
Pirina Piretro Industrial Lt.da	Extrato de piretro
Alvício Schaefer	Tintas em pó
Saft & Cia. Lt.da	Calçados de couro
Wallauer & Cia. Lt.da	Calçados de couro
Blun & Cia.	Calçados de couro
Brenner Koctz & Cia. Lt.da	Calçados de couro
Max Sander & Cia.	Calçados de couro
Fetter Lauffer Lt.da	Calçados de couro
Stumpf & Cia. Lt.da	Calçados de couro
Flesch Honrath & Cia.	Charque bovino
Irmãos Jacobus	Produtos suínos

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede municipal:

Secos e molhados	46
Casas de rádios	6
Casas de ferragens	6
Lojas de fazendas	10
Armarinhos	2
Casas de móveis	5

O município mantém transações comerciais com: Pôrto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, São Francisco de Paula, Gramado e Canela.

Conta com seis agências bancárias e uma agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Novo Hamburgo: rodov. (45 km), ferrov. (46 km); São Leopoldo: rodov. (56 km), ferrov. (55 km); Santo Antônio: rodov. (via Gravataí — 109 m) (via Olhos-D'Água — 60 km); Sapiranga: rodov. (29 km), ferrov. (26,4 km); São Francisco de Paula: rodov. (40 km); Gravataí: rodov. (58 km); Gramado: rodov. (42 km), ferrov. (51 km); Canela: rodov. (46 km), ferrov. (56 km); Rolante: rodov. (25 km); Capital Estadual: rodov. (72 km), ferrov. (88,4 km); Capital Federal: rodov. e ferrov. — via Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz, pelo sistema hidrelétrico, fornecida pela Comissão Estadual de Energia Elétrica. A sede municipal está situada na con-

fluência dos rios Paranhana e dos Sinos. É uma importante cidade de colonização alemã, do Rio Grande, onde o trabalho civilizador e progressista da gente germânica se faz sentir acentuadamente.

MELHORAMENTOS URBANOS

Total de logradouros públicos	64
Ruas	42
Avenidas	1
Travessas	12
Becos	7
Largos	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	43 348 m²
Macadame	126 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente calçados com paralelepípedos	8
Parcialmente calçados com pedras irregulares	1
Parcialmente macadamizados	31
Arborizados	2
Arborizados e ajardinados simultâneamente	2

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	2 032
Zona urbana	1 224
Zona suburbana	808

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 964
Dois pavimentos	64
Três pavimentos	4

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 591
Residenciais e outros fins	227
Exclusivamente a outros fins	214

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total da sede municipal	1 382 933 kWh
Consumo para iluminação pública	109 758 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	12
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	24
Consumo anual de água	309 240 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Número de Agências	3
Aparelhos em uso na sede municipal	235
Taxa mensal cobrada para residencias	Cr$ 121,90
Para comércio e indústria	Cr$ 275,60
Profissões liberais	Cr$ 196,10

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO

Número de Agências	1
De subagências	2

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede o Grande Hotel Taquara, o Familiar e o do Sul, com diárias de Cr$ 260,00 para casal e Cr$ 130,00 para solteiro; a pensão Taquara, com diárias de Cr$ 160,00-80,00, e a Churrascaria Cruzeiro, que cobra Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 100,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	332
Ônibus	26
Camionetas	73
Motociclos	20
Total	451

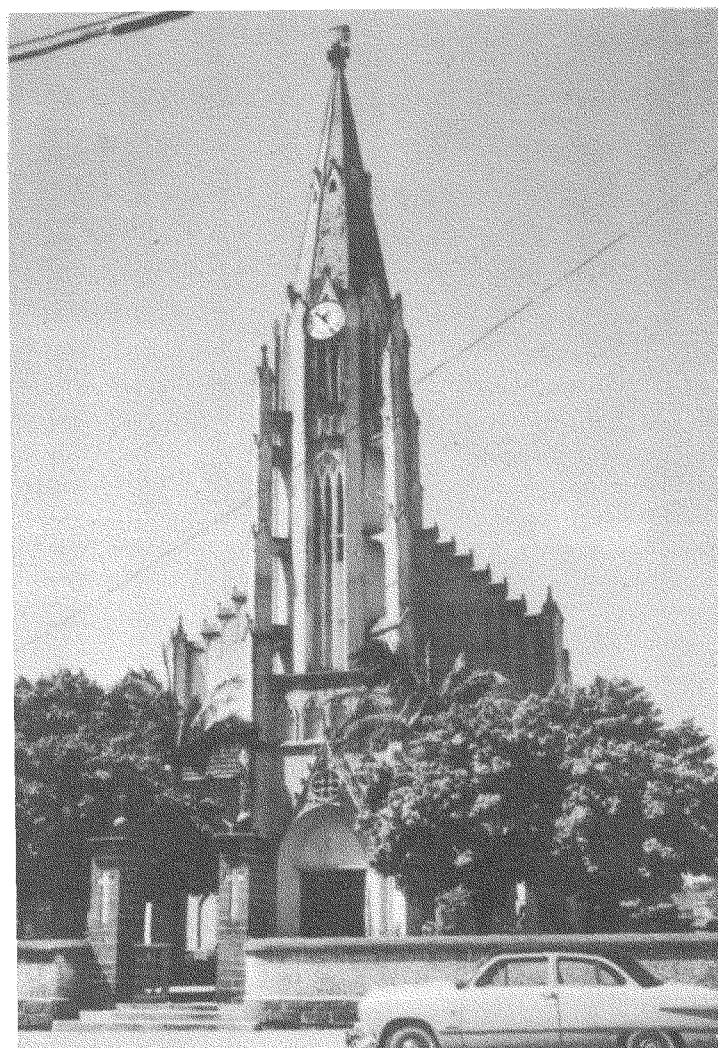
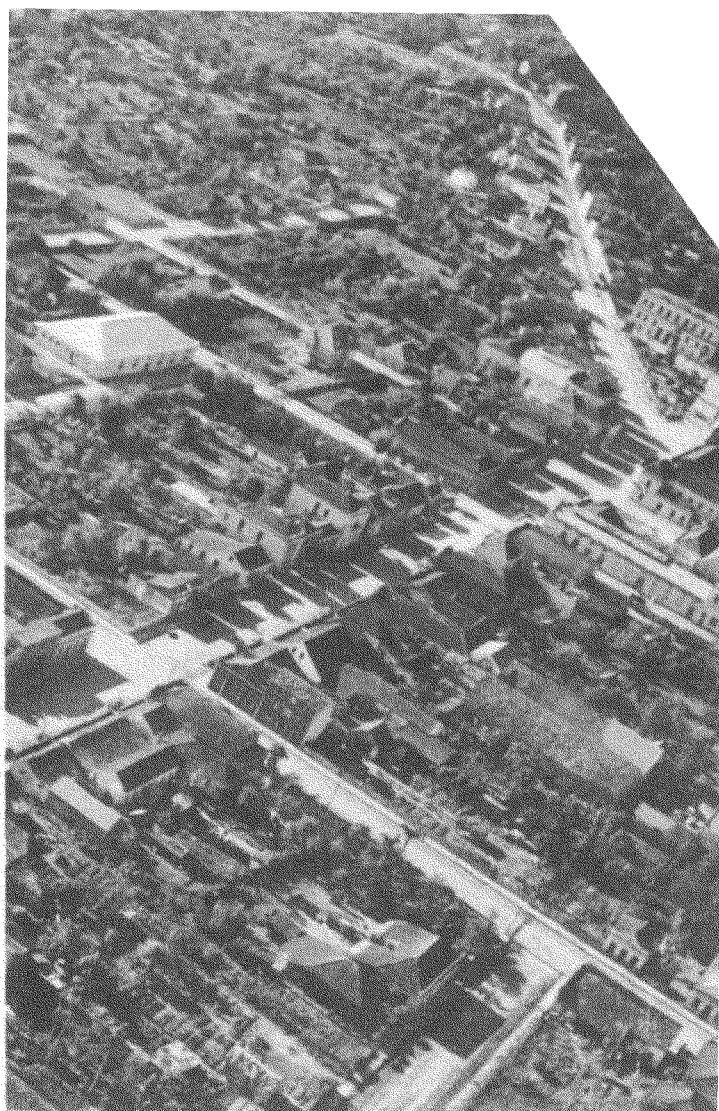
Para transporte de cargas

Caminhões	202
Camionetas	32
Tratores	10
Reboques	28
Não especificados	1
Total	273

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	94
Bicicletas	757
Total	851

Para cargas

Carroças de duas rodas	415
De quatro rodas	1 392
Outros	546
Total	2 353

Igreja Evangélica Municipal

Vista parcial aérea da cidade

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 72% da população presente, de 10 anos e mais, sabem ler e escrever. A quota de crianças, em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas, é de 61%. Em 1955 havia 110 unidades escolares de ensino fundamental comum, com 5 188 alunos. (O município teve seu território reduzido com a nova divisão administrativa do Estado). Há, ainda, 3 ginásios, 1 unidade de ensino pedagógico e 1 de ensino comercial.

Outros aspectos culturais — Há no município 7 sociedades Recreativas, 5 desportivas, 2 tipografias, 1 livraria, 6 cinemas — sendo 3 com capacidade para 100 pessoas, 2 com 200 e 1 com 900 lugares e uma estação de rádio, com as seguintes características: prefixo ZYU-22 — 1 560 quilociclos, 1 tôrre irradiante, 1 palco-auditório com capacidade para 100 pessoas, 4 microfones, discoteca com 4 152 discos — pessoas empregadas: 16 .

PRADOS E CANCHAS RETAS — No Município há uma cancha reta. Em 1956 o valor das apostas atingiu aproximadamente Cr$ 50 000,00. São criadores de cavalos de raça os Srs. Teóphilo Sauer e Oswaldo Gutheil.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 6 hospitais, com um total de 370 leitos e com 1 Pôsto de Saúde. Em 1955 foram hospitalizados 4 502 enfermos, sendo 1 461 homens, 2 086 mulheres e 955 crianças. Há 2 aparelhos de Raios X diagnóstico, 7 salas de operação, 4 salas de parto e 7 de esterilização; 1 laboratório e 4 farmácias. Exercem a profissão 13 médicos e 20 dentistas.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Há 4 Associações de Caridade, 1 Asilo e 1 Creche.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — 1 veterinário e 3 agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 5 advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 3 engenheiros.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 2.ª entrância com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Comércio — 1; de Crédito — 1; total de sócios — 1 383; valor dos serviços executados — Cr$ 2 230 249,00; valor dos empréstimos — .... Cr$ 7 340 198,00.

SINDICATO — do Comércio Varejista.

FESTEJOS POPULARES — As festas populares do município são:

1.º — Os tradicionais "kerbs" — com três dias de bailes e diversões, em localidades onde predomina o elemento de origem alemã; nas residências são comemorados os festejos, com banquetes e lautos manjares.

2.º — Reuniões tradicionalmente gauchescas, quase sempre realizadas por ocasião das festas de São João ou da Semana da Pátria. Consistem em churrascos aos associados da entidade "Fogão Gaúcho", que comparecem vestidos tìpicamente à gaúcha.

3.º — Festas Religiosas — Senhor Bom Jesus de Taquara, orago da Paróquia Católica. Em época aproximada à data em que a Igreja comemora a festa referida — 6 de agôsto — há quatro dias de festejos populares característicos, com: leilão, pradinho, roda da fortuna, etc. Os dias escolhidos são geralmente, dois sábados e dois domingos, em semanas seguidas.

Do Divino Espírito Santo — caracteriza-se tal festa pela novena, com festejos populares no mesmo local, onde se realizam os jogos da festa anteriormente citada, além das visitas de bandeiras a tôdas as residências, em coleta de auxílios e ofertas.

Evangélica, do Sínodo Rio-grandense e que é realizada dentro do mesmo sistema da católica de N. S. Bom Jesus, com quatro dias de festejos populares.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — O único monumento existente é um marco comemorativo do Centenário da Colonização do município. Trata-se de uma coluna feita de granito, com dois metros de altura e está situada na Praça Marechal Deodoro.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — Local que merece destaque é o da furna "Toca dos Bugres", próximo à vila de Igrejinha, onde residiam os silvícolas. Há escavações na rocha e

aproveitamento de abas de pedra salientes, onde se distingue a de uma forma de púlpito, com local destinado a um livro (suposição), de onde devem ter os Jesuítas pregado seus sermões. Esta escavação fica a uma altura de 6 metros aproximadamente, não se conhecendo a forma de acesso à furna.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	5 456	7 651	2 970	1 863	3 384
1951.......	7 421	10 983	3 995	2 019	3 153
1952.......	9 721	12 419	4 475	2 196	4 541
1953.......	13 356	15 031	5 650	3 114	8 533
1954.......	16 694	19 818	7 098	3 707	8 853
1955.......	26 671	24 892	7 281	3 707	12 821
1956.......	37 521	38 144	12 850	6 531	10 550

TAQUARI — RS

Mapa Municipal no 13.° Vol.

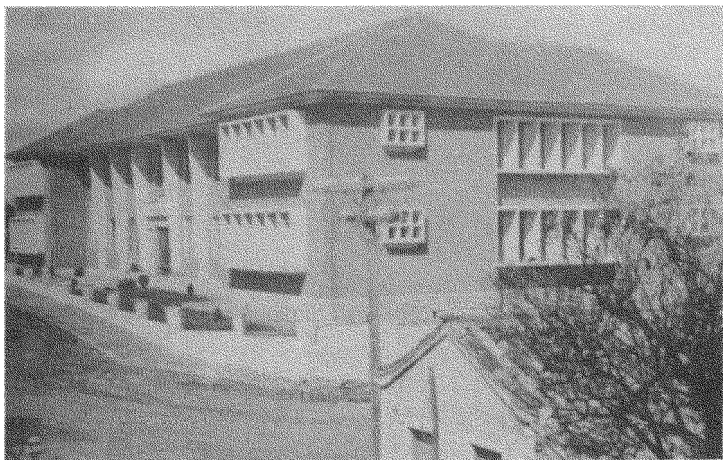
HISTÓRICO — Estendendo-se ao longo do rio do mesmo nome, o município de Taquari é dos mais antigos do Rio Grande do Sul, e sua vida está profundamente condicionada ao elemento étnico que lhe deu origem — o açoriano. Sua fundação data de 1764, ano em que o Governador José Custódio de Sá e Faria, logo iniciada sua gestão, "mandou assentar no passo do rio Tebiquary o primeiro núcleo de casais eçorianos". Fôra o Governador nomeado em 24 de fevereiro daquele ano, e tomara posse a 16 de julho. Eram dias trágicos que vivia o Rio Grande de São Pedro, invadido em 1763 por tropas espanholas, não tendo a vila e o forte de Rio Grande podido resistir ao impacto violento das bem organizadas milícias de Castela.

Em carta que remeteria em 1768 para o Conde de Azambuja, vice-Rei e Capitão-General do Estado do Brasil, informava, entre outras coisas, José Custódio de Sá e Faria: "Foi o Senhor Conde da Cunha servido ordenar-me arrumasse eu as famílias que das ilhas havia Sua Majestade mandado conduzir a êste Continente para o povoarem, as quais se achavam dispersas sem lhes haverem cumprido as promessas que Sua Majestade lhes fêz, quando os mandou sair de suas terras, e que eu para os arrumar em povoações tirasse das fazendas que se tivessem dado de sesmarias as porções de terreno preciso para lhes inteirar as suas datas. Logo que cheguei a êste govêrno procurei dar cumprimento a esta importante ordem, seguindo em tudo as de Sua Majestade que se acham nesta provedoria a respeito das mesmas famílias, e com efeito fundei a primeira povoação junto ao passo do Rio Tebiquary, em situação que achei própria para as utilidades e lavouras dos mesmos povoadores, e lhe fiz com tôda a regularidade em ruas, casas e praça, e querendo dar princípio à igreja só pude conseguir o tirar as madeiras para ela do mato, porém não tive meios para meter mãos à obra..."

Êsse documento é de fundamental importância para o estudo das origens da cidade de Taquari. Os casais de ilhéus eram provenientes dos Açôres, e realmente tinham chegado ao Rio Grande do Sul com grandes e justificadas esperanças, em virtude das promessas do Trono português. Chegados, porém, encontraram inúmeras dificuldades, inclusive a mais elementar de tôdas — não tinham local onde se estabelecer. A invasão sofrida por parte dos castelhanos agravava a dolorosa situação em que se encontravam os ilhéus. E foi junto ao passo do rio Taquari, chamado na época também de Tebiquary, que Sá e Faria colocou os casais, tomando diversas providências no sentido de mitigar-lhes as agruras.

A incipiente povoação do Taquari mereceu mesmo em seus primórdios, a 7 de agôsto de 1764, a construção de um reduto, o acampamento de São Caetano da Barranca, erguido, como os da época, de torrão, estacas, faxinas e armado com canhões de ferro de quatro libras. Mais tarde, será erguido outro, capaz de receber 20 canhões, construído de terra socada, para defender a povoação de São José do Taquari.

Para uma idéia do febril crescimento da povoação, basta dizer que em 11 de maio de 1764 era criado o curato de São José do Taquary, sendo elevado à categoria de freguesia a 20 de outubro de 1765, sendo a quarta freguesia do Rio Grande do Sul. Para dar posse aos açorianos dos terrenos que lhes cabiam, foi designado o capitão de infantaria, com exercício de engenheiro, Alexandre José Montanha. Segundo Octávio Augusto de Faria, já no ano de 1760 teriam chegado ao local os primeiros açorianos, cabendo a cada casal meia légua quadrada, persistindo, no entanto, várias dúvidas quanto a êsse problema. Sesmarias foram concedidas em grande quantidade, dentro da área abrangida pela freguesia de Taquari. Francisco Machado Fagundes da Silveira ganha légua e meia quadrada, por concessão de Gomes Freire de Andrade, em 1762, havendo confirmação em 1766 por Dom José, Rei de Portugal. Francisco da Silva ganha légua e meia de comprimento por uma de largura, por concessão de José Marcelino de Figueiredo, em 1780. José da Silva Lima e seus irmãos de um e outro sexo ganham duas léguas de frente por uma de fundo, junto ao arroio Castelhano, por concessão do Conde de Resende, em 1798. João Inácio Teixeira recebe 3 900 braças de frente por légua e meia de fundo, por concessão do mesmo Conde de Resende, em 1800.

Francisco da Silva requer sesmaria porque "morador na freguesia de São José do Taquari que havera doze anos lhe tiraram os campos que tinha povoado para o acampamento dos Casais de Sua Majestade, fazendo-lhe despejar os animais e por não ter onde os estabelecer, comprou uns campos do outro lado das Pedras Brancas" — Francisco da Silva recebe concessão em 1782. Manoel Vieira Rabello faz petição em 1796, sendo logo mais tarde atendido. Felipe José dos Passos pede terrenos devolutos em 1799, recebendo Carta de Sesmaria passada a 28 de fevereiro de 1800. João da Silva Ribeiro Lima, em 1800, terá um pedido seu, do ano anterior, devidamente atendido, não só por ser alferes e súdito leal, como por não possuir terras mas sim escravos, e desejar fazê-los trabalhar. José de Souza Neves recebe uma sesmaria em 1801, pedindo confirmação em 1820, porque moléstias e outros inconvenientes a que está sujeito um pai de família, que era êle, não lhe haviam permitido tomar posse da mesma. Vários outros recebem também terras — José Teodoro Ferreira, Eleutério Nenes da Silva, Antônio de Vargas, Juliana Rosa da Costa, Manoel Bento Ferreira da Gama, Inácio José de Morais, Mateus

Ginásio Nossa Senhora da Imaculada Conceição

José Alves. Inclusive, Manoel Francisco recebe 100 braças de frente por meia légua de fundo no distrito de Taquari, por concessão de D. Diogo de Souza, Governador e Capitão-general da Capitania de São Pedro, em 9 de agôsto de 1814. O que particulariza essa doação a Manoel Francisco é o fato de o mesmo ser um prêto fôrro.

E assim açorianos, portuguêses do continente, brasileiros de uma ou mais gerações, bem como pretos, recebiam terras do fértil vale do Taquari, onde antes apenas índios Patos viviam. Êsses silvícolas, que pertenciam ao grupo dos Gês guaranizados, retiraram-se ante a chegada dos brancos, sem influírem assim na vida de Taquari, quer cultural, quer racialmente.

Taquari, nessa segunda metade do século XVIII, quando é fundado, até meados do século XIX, conserva com um caráter cristalino, inalterável, sua fisionomia de núcleo tìpicamente açoriano. Sua atividade inicial foi agrícola — a produção de trigo de Taquari, em 1787, foi de 5 884 alqueires; sete anos antes, ou seja, em 1780, a produção tritícola fôra de apenas 645 alqueires. Outros produtos também eram cultivados, como no dizer de um cronista: "O milho, o feijão, cevada, alpiste, aveia, ervilha, centeio, e outros grãos dão-se maravilhosamente bem..." A agricultura, no entanto, cairia verticalmente, em virtude do péssimo hábito adquirido pelos administradores do Rio Grande do Sul, de recolher o trigo, sem pagá-lo, conseguindo êsse prodígio de vandalismo que era tirar do açoriano simultâneamente o lucro e o capital. Deveria recorrer, então, à pecuária, para poder sobreviver.

Sôbre a data da localização dos primeiros moradores em Taquari, pairam ainda algumas dúvidas. Segundo Fortunato Pimentel, em sua monografia "Aspectos Gerais de Taquari", teriam chegado ao local da futura cidade sete açorianos em 1760, e receberiam aquelas terras mais tarde, em 25 de outubro de 1771, pelo capitão Alexandre José Montanha, por ordem do governador, José Marcelino de Figueiredo. Por êsse engenheiro foi entregue a Francisco Pereira da Luz uma área de 512 500 braças no sentido leste-oeste, e 500 braças no sentido norte-sul, que já se destinará à nova povoação de São José do Taquari. Os açorianos, que não conhecem bem a altura a que chegam as águas, escolhem uma colina para ancoradouro e para estabelecimento da cidade, afastando-se muito do leito, a fim de aproveitar ancoradouro mais seguro. A cada um dos primitivos casais coube meia légua de frente, com igual extensão de fundo, sendo primeiros possuidores Rosa Cabrita, José Joaquim de Andrade, Manoel Vieira, Manoel de Souza, Jacinto José Tavares, Francisco Antônio, Mateus Teixeira, Manoel da Rosa, Antônio de Souza, Manoel Antônio da Costa, Manoel Antônio Silveira Freitas Martins e João da Costa Leite. Êsse grosso contingente, que seguiu os sete primeiros, citados por Pimentel, deve ter chegado ao local em 1764, ao que tudo indica.

Um dos preciosos documentos guardados, referentes à origem do povoado, data de 18 de janeiro de 1771, e é assinado por Alexandre José Montanha: "Alexandre José Montanha, capitão de infantaria, com exercício de Engenheiro. Certifico que em virtude da ordem do Senhor Coel. Gòver. dêsse Continente de Rio Grande, José Marcelino de Figueiredo, a mim, apeda, em a portaria de 25 de outubro do pretérito ano, passei ao terreno que se achava determinado para acomodação dos casais que hão de formar a nova povoação de São José de Taquari e nêle medi e demarquei e entreguei a Francisco Pereira da Luz uma área superficial de 562 500 braças quadradas compreendidas em a figura de retângulo que corre o seu comprimento leste e oeste com mil e vinte braças, e para constar eu passei a presente certidão por mim assinada."

Por Portaria do Governador José Marcelino de Figueiredo, de 25 de outubro de 1771, foi o capitão de infantaria, servindo de engenheiro, cidadão Alexandre José Montanha, encarregado de marcar quatro léguas e meia de terras para serem divididas pelos sessenta casais de açorianos que aí estavam, deixando meia légua para logradouro da povoação, como consta do livro 1 do Registro de Pastorais e Ordens desta Paróquia, a fôlhas 12, onde se lê a declaração supracitada, de Alexandre Montanha, mandada registrar pelo Padre Doutor Agostinho José Mendes dos Reios, segundo informação de Octávio de Faria.

Na relação dos moradores da freguesia de Taquari, e dos terrenos que possuem, e dos seus empregos, feita a 28 de setembro de 1784, encontramos dados referentes à época em que a agricultura ainda está em ascensão — e vários dos proprietários, conforme se vê nas declarações, vivem da criação de animais, e plantam apenas para o sustento de suas casas. Findando o século XVIII, a agricultura é relegada a situação tal que, pode-se dizer, tenha sido extinta, passando a ser a pecuária principal e básica fonte de riqueza. Em 1831, sendo criado o município de Triunfo, dêle passa a fazer parte a freguesia e povoado de São José do Taquari. É nessa data que se cria a primeira escola pública de Taquari, que, no entanto, só iria funcionar mais

Igreja-Matriz de São José

tarde. Desenvolvia-se o povoado a olhos vistos, cresciam as ruas e o número de casas aumentava. No entanto, sôbre a vida de Taquari, iria abater-se o trágico período da Revolução Farroupilha. De 1835 a 1845 a Revolução constitui o centro de tôda a vida rio-grandense, e nela brilharia, em primeiro plano, na constelação de Centauros, Davi Canabarro, nascido em Taquari a 22 de agôsto de 1796. O povoado conheceria as agruras da Revolução. Em 7 de março de 1840, Francisco Pedro de Abreu, um dos mais brilhantes e combativos militares imperiais, contando com 200 milicianos, derrota 50 farrapos comandados por Tomás Pereira, conhecido por Tomàzinho. Em 3 de maio do mesmo ano, 4 500 milicianos legalistas, a mando do marechal-de--campo Manoel Jorge Rodrigues, defrontam-se com 3 400 soldados a mando de Bento Gonçalves; o combate ficou indeciso, retirando-se os farrapos do campo de luta, com suas linhas bem organizadas. Finda a Revolução, seria irresistível a tendência do povoado em constituir-se vila e sede do município. A Lei provincial número 160, de 4 de julho de 1849, em seu artigo primeiro rezava: "Fica elevada à vila a freguesia de Taquari, tendo provisòriamente por limites os que lhe forem marcados pelo Presidente da Província". Taquari foi o 19.º município a ser criado no Rio Grande do Sul, e de seu território primitivo iriam formar-se mais tarde, por desmembramentos diretos ou indiretos, os municípios de Estrêla, General Câmara, Lajeado, Venâncio Aires, Guaporé, Encantado, Arroio do Meio, Roca Sales e Casca, em todo ou em parte. A 3 de dezembro de 1849 instalava-se o município de Taquari. Sua primeira Câmara Municipal era composta pelos vereadores Antônio dos Santos Praia, João Ferreira Brandão, Américo de Azevedo Viana, Antônio Vilanova e Manoel Fernandes.

Com o correr dos anos, grande número de imigrantes alemães chegava ao município de Taquari. Com isto a agricultura ganha grande impulso, alijando progressivamente a pecuária da vida econômica local. Em 1875 Jacob Arnt principia a explorar a navegação fluvial, com o velho navio "Taquari". No ano seguinte, Estrêla desmembrar-se-á de Taquari, constituindo-se em município autônomo, para mais tarde dar origem a mais seis municípios, direta ou indiretamente. Em 1881 será desmembrado de Taquari, constituindo-se em município autônomo, General Câmara, então denominado Santo Amaro. Em 1888, a primeiro de janeiro, será triunfante o movimento abolicionista que agitara largo tempo a população taquariense, sendo declarada livre a vila.

Igreja-Matriz e Praça São José

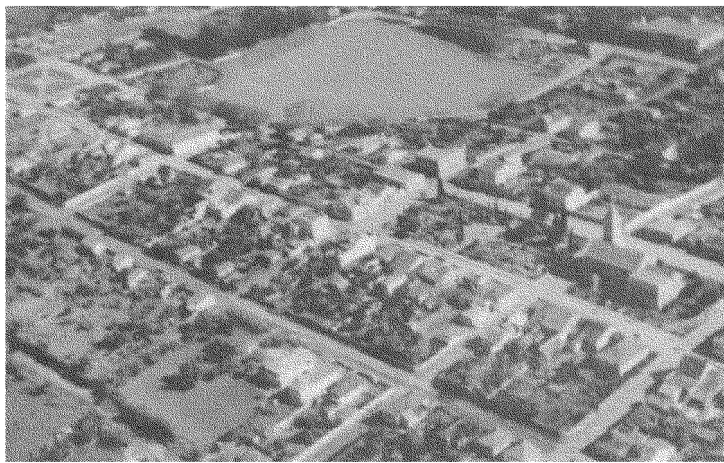
Hospital de Caridade São José

A 9 de julho de 1891 seria a vila elevada à categoria de cidade, dando-se a instalação a 7 de setembro do mesmo ano.

Eclode em 1893 a Revolução Federalista, dirigida por Gaspar Silveira Martins e João Nunes da Silva Tavares, contra Júlio de Castilhos, Presidente do Rio Grande do Sul; essa luta civil duraria até 1895. Em 20 de setembro de 1893, chega a Taquari o coronel Joaquim Tomaz dos Santos Filho, comandando uma fôrça legal de 380 homens. A participação de Taquari, naquela revolução, limita-se a receber essas fôrças governamentais. Em 1895 funciona em Taquari um curso superior de agronomia, anexo à Escola de Agricultura e Viticultura, fundado em 1891, com subvenções do Govêrno Federal. Desaparece o curso em 1891, por falta de verba. Iniciado o século XX, continuará Taquari a prosperar; em 1900 a população do município será de 14 578 habitantes, subindo em 1914 a 21 965. Nesta última data a cidade, por sua vez, contava com 440 prédios e 2 000 habitantes, bem como 16 ruas, uma avenida e quatro praças. Em 1923 terá lugar a revolução assisista, dirigida contra o Dr. Borges de Medeiros, Presidente do Estado. A 30 de junho dêsse ano, o coronel Manoel Higino Pereira, revolucionário, entra na cidade. A 1.º de julho, Higino Pereira derrota o Major Coriolano Coelho de Souza, junto ao arroio Capivara. Essa vitória assisista é o único evento ocorrido em Taquari, porque Higino se retira depois, findando a revolução no mesmo ano.

A cidade e o município de Taquari, nas últimas décadas, têm progredido em escala considerável, merecendo e fazendo brilhar o título de "Cidade Açoriana da América Portuguêsa".

BIBLIOGRAFIA — *História do Rio Grande do Sul* — General Souza Docca; *Cidade Açoriana da América Portuguêsa* — Dante de Laytano; *Aspectos Gerais de Taquari* — Fortunato Pimentel; *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa; *Os Açorianos* — Dante de Laytano, *in* Enciclopédia Rio-Grandense; *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — Octávio Augusto de Faria; *Cronologia da Revolução de 1893* — Artur Ferreira.

VULTOS ILUSTRES — *Lourenço Langendonck* — Nasceu em Taquari, a 6 de maio de 1861, e faleceu nesta cidade a 24 de janeiro de 1905. Em criança, conseguiu por necessidade um lugar, durante o dia, na Companhia de Bondes, e à noite tocava a roda do prelo de mão da "Reforma".

Vista parcial aérea da cidade

Mais tarde alugou uma casa numa rua deserta, em frente a um lampião, onde à noite, à luz do mesmo, podia estudar sem despender gastos para iluminação.

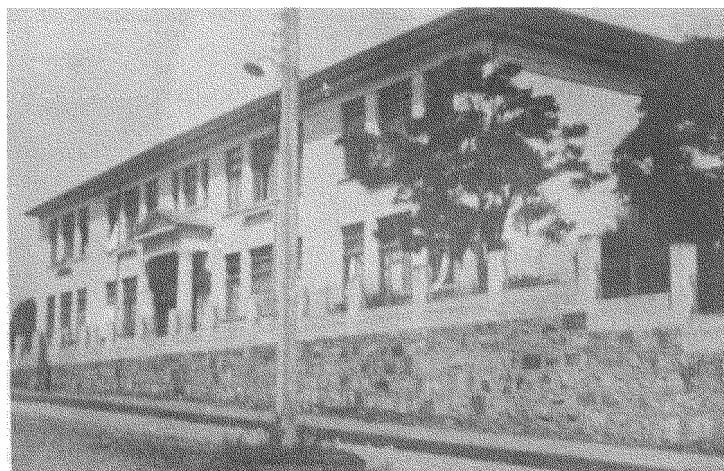
Depois de muito estudar, começou a lecionar, procurando sempre honrar o magistério público. Ninguém o superou no cumprimento do dever. Sua escola foi a mais freqüentada da cidade. Precisava de um esfôrço sobrenatural para poder atender as várias classes, que totalizavam cêrca de duzentos alunos. Mesmo êste esfôrço despendido não afetava o seu bom-humor.

Camilo Mércio Pereira "Brigadeiro" — Camilo Mércio Pereira nasceu na então vila de Taquari a 13 de agôsto de 1822. Aos 17 anos, com grande ardor marcial que o impelia à luta armada, alistou-se nas hostes republicanas e no pôsto de tenente, que logo lhe foi conferido, tomou parte ativa, salientando-se no resto da Campanha Farroupilha que vai de 1845 a 1849. Em 1851 incorporou-se às fôrças que marcharam contra o ditador Rosas, já no pôsto de capitão. Quando irrompeu a guerra do Paraguai, organizou no município de Dom Pedrito, onde então residia o 2.º Corpo Provisório do seu comando, juntando-se à Brigada do General Netto, marchou contra Paysandu, sendo, por serviços prestados durante o sítio e tomada de Paysandu, agraciado com o Oficialato da Ordem da Rosa. Em fins de 1865 transpôs o Uruguai em direção a Corrientes. Por feitos memoráveis nesta jornada, foi agraciado com a Comenda da Ordem do Cruzeiro.

Tomou parte nos combates de Curuzu e Curupaity, Tagy e Pilar e nas expedições dos generais Menna Barreto e Andrade Neves. Em 1867, sob as ordens de Osório, comandou a vanguarda de seu Exército, destroçando tôdas as fôrças que lhes opunham resistência. Por seus feitos na guerra foi agraciado ainda com a comenda da Ordem da Rosa, com a medalha do Mérito Militar e com as medalhas de ouro das Campanhas do Paraguai, Argentina e Uruguai, sendo-lhe conferida em 1880 a patente de Brigadeiro honorário do Exército. Com uma fôlha brilhante de serviços prestados à pátria, faleceu o brigadeiro Camilo Mércio Pereira a 6 de outubro de 1889.

Cônego *Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro* — Nasceu em Taquari, a 15 de abril de 1843. Fêz seus estudos preparatórios na localidade em que nasceu. Seguindo mais tarde para Roma, matriculou-se no Colégio Sul-Americano, onde fêz o curso de humanidades, formando-se logo depois, em Teologia, na Academia Gregoriana. Em 1867, recebeu a investidura sacerdotal. Foi nomeado Vigário de Gravataí, mais tarde de Uruguaiana. Adepto da campanha abolicionista. No púlpito, na imprensa e mesmo nas palestras com os amigos, não tinha outro assunto, que não fôsse êste.

Dr. Rodrigo Azambuja Vilanova — Nasceu Rodrigo Azambuja Vilanova em Taquari, no ano de 1844. Formando-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, voltou a sua cidade natal, para clinicar. Filiando-se ao Partido Conservador, destacou-se por sua cultura e lealdade. Por indicação de Gaspar Martins, foi nomeado Presidente do Rio Grande do Sul, e, no exercício de tal cargo, teve por lema a justiça, sendo muito aplaudido pela nobreza de seus atos. Nos primeiros anos do regime republicano, foi presidente do Banco Emissor, fundado em Pôrto Alegre.

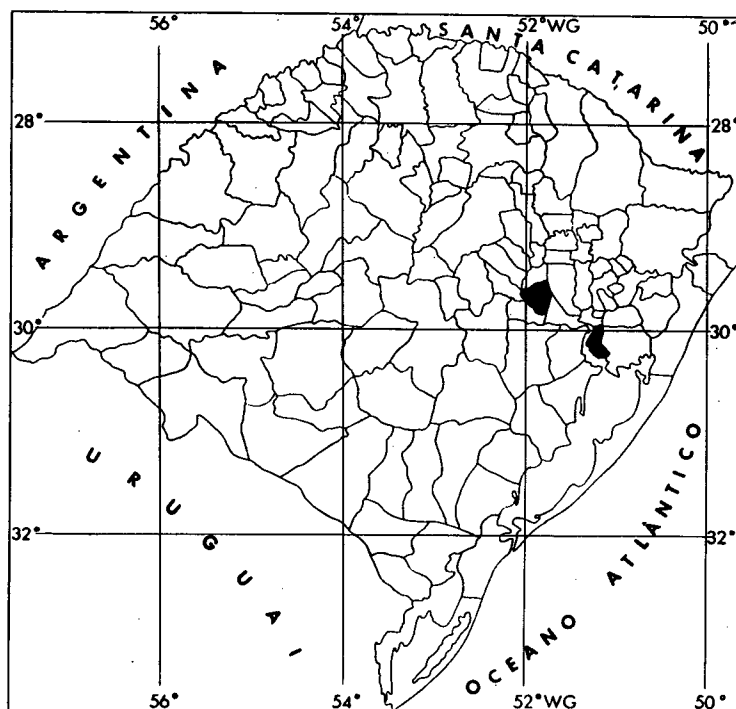
David Canabarro — Nasceu em Taquari, aos 22 de agôsto de 1796, e faleceu em Santana do Livramento, a 12 de agôsto de 1867. Seu primitivo nome: David José Martins, que usou até 1836; de 1837 em diante passou a usar o sobrenome de Canabarro, em homenagem a seu tio e amigo, Antônio Ferreira Canabarro. Aos 15 anos, alistou-se no exército da Segunda Linha e fêz a campanha de 1811. Tomou parte ativa na campanha de 1816; em 1825, foi promovido a alferes, e a tenente em 1827, por heroísmo praticado em março dêsse ano, enfrentando com um esquadrão a vanguarda do Exército argentino; evitou que o grosso da divisão do general Sebastião Barreto fôsse surpreendido. Como tenente de Segunda Linha empunhou as armas ao lado dos Farrapos. Em 1837, por atos de bravura, foi promovido a tenente-coronel. Coronel em 1839, foi escolhido como chefe para a expedição de Santa Catarina. Proclamou a República catarinense, quando foi aclamado general, pôsto êste confirmado em 1841, pela República Rio-grandense. Em 1840 realizou a famosa travessia da Serra. Assumiu o comando do Exército republicano, até 1.º de março de 1845. Tomou parte na campanha de 1851, comandando a vanguarda do Exército brasileiro que, sob o comando de Caxias, penetrou no território do Uruguai. Foi elevado a Brigadeiro Honorário do Exército Brasileiro. Na época da guerra do Paraguai, coube-lhe o comando mais importante na fronteira rio-grandense. Sem recursos bélicos não pôde evitar a invasão do solo pátrio, em 10 de junho de 1865. Mas a 18 de setembro seguinte, coube-lhe a maior glória na Rendição de Uruguaiana.

Escola Normal Regional "Pereira Coruja"

POPULAÇÃO — Conta o município de Taquari 31 050 habitantes, localizando-se 4 420 habitantes na sede e 26 630 habitantes na zona rural (estimativa do D. E. E. para 1-1-56). A densidade demográfica era de 41,90 habitantes por quilômetro quadrado, representando a população 0,65% do total do Estado. Área: 741 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Taquari e vilas de Bom Retiro do Sul, Paverana e Tabaí.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS — 1956:

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Taquari........	759	19	264	211	38	548

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal 29° 48' 15" de latitude Sul e 51° 40' 30" de longitude W. Gr. Posição relativa à capital do Estado — rumo: W.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado — 62 quilômetros. Altitude — 76 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — Não existem no município serras, lagos ou vales de importância. Taquari é banhado pelo rio do mesmo nome pela costa oeste e sul, com diversos pontos como os de Bom Retiro do Sul e Taquari. O rio Taquari constitui, pela sua navegabilidade, o escoadouro da riqueza de vários municípios gaúchos. Com referência a sua piscosidade, oferece grande variedade de peixes como seja: o pintado, a traíra, a piava, o dourado. A pesca no município é explorada por amadores, não tendo expressão econômica. A cidade de Taquari está situada à margem do rio Taquari, com um pôrto fluvial, distante do centro da cidade aproximadamente um quilômetro.

RIQUEZAS NATURAIS — Minerais: pedra grês. Riquezas vegetais: erva-mate, acácia-negra, eucalipto (atualmente cultivados no município).

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes, em graus centígrados: média das máximas 25,1; das mínimas 14,7; compensada 20. Precipitação anual das chuvas: 1 267 milímetros. As geadas ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Estrêla; ao sul: Triunfo e General Câmara; a leste: Triunfo e Montenegro; a oeste: General Câmara e Venâncio Aires.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Indústria* — Em 1955, o município contava com 406 estabelecimentos, que empregaram a média mensal de 1 306 operários, tendo a produção total somado Cr$ 104 671 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total:

Alimentares	74,8
Bebidas	1,3
Madeiras	1,7
Transf. de prod. minerais	1,0
Couros e produtos similares	7,1
Químicos e farmacêuticos	12,4
Mobiliário	0,2
Vestuário, calçados e art. de tecidos	0,9

Agricultura — É grande fonte de prosperidade do município, sendo a cultura do milho sua principal atividade.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Milho	18 600	53 940
Mandioca	92 100	16 500
Arroz	2 760	10 810
Alfafa	4 800	9 600

Valor total da produção: Cr$ 104 007 540,00.

Avicultura — Avicultores organizados: Artur Schenck e Pedro Kern; raça preferida: new-hampshire. Os demais criadores, em pequena escala, preferem a raça crioula, havendo um número aproximado de 200 000 aves no valor de Cr$ 8 000 000,00.

Apicultura — Principais apicultores: Quinta União, 350 colmeias; Gustavo Kern, 150; Parque Apícola, 190; Antônio Gomes, 110; Artur Schenk, 70; Granja Sônia, 60 colmeias. A produção do município é de 60 000 quilogramas de mel, no valor de Cr$ 900 000,00. A produção de cêra é de 1 600 quilogramas, no valor de Cr$ 96 000,00.

Pecuária — Encontra-se regularmente desenvolvida, sendo os rebanhos bovino e suíno os de maior expressão.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	22 900	36 640
Eqüinos	4 800	4 800
Muares	400	480
Suínos	34 900	20 940
Ovinos	3 000	870
Caprinos	800	104

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	382 249	7 058 484,00
Charque de bovino	282	8 444,00
Carne verde de suíno	572 985	11 366 290,00
Carne salgada de suíno	48 930	1 146 640,00
Carne defumada de suíno	3	75,00
Charque de suíno	250	7 500,00
Carne verde do ovino	1 140	11 856,00
Couro verde de boi, vaca e vitelo	21 830	187 052,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	16 934	201 442,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	739 322	8 530 491,00
Couro verde de suíno	312	3 775,00
Couro salgado de suíno	104 177	2 012 185,00
Pele sêca de ovino	60	900,00
Banha não refinada	25 256	729 600,00
Banha refinada	1 633 700	57 968 330,00
Toucinho fresco	43 128	992 194,00
Salsicharia a granel	202 969	5 459 575,00
Sebo comestível	300	6 000,00
Sebo industrial	2 500	40 000,00
Total	3 796 327	95 730 733,00
Secundários	76 222	509 056,00
Total Geral	3 872 549	96 239 789,00

Principais criadores e raças preferidas: João José Pereira, charolês; Asilo Pela, holandês; Irmãos Lengler, zebu; Leopoldo Stroschen, crioulo; Otávio Goergen, zebu; Adalardo Rosa Cardoso, zebu.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais estabelecimentos comerciais da sede municipal:

Olavo Junqueira S. A.	Tintas e ferragens
Sanders & Bayer	Secos e molhados
Rosauro Hirt	Secos e molhados
Olsen & Schaeffer	Secos e molhados
Amaro Rocha Pereira	Secos e molhados
Eloy A. Kern	Casa de móveis
Gonçalino Dorneles	Secos e molhados
Sebastião Lopes Martins	Secos e molhados
Adolfo Martins da Silva	Secos e molhados
Jos Bizarro Neto	Secos e molhados

O município mantém transações com a capital do estado.

BANCOS — Existem no município dois escritórios bancários.

MEIOS DE TRANSPORTE — Montenegro: rodov. (51 km); Estrêla: rodov. (54 km); Venâncio Aires: rodov. (49 quilômetros); General Câmara: rodov. (17 quilômetros) ou fluvial (aprox. 20 quilômetros); Triunfo: rodov. (41 quilômetros) ou fluvial (aprox. 40 quilômetros). Dista da capital do Estado: rodov. (125 quilômetros) ou fluvial (120 quilômetros), e da capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade de Taquari é servida de luz elétrica, sistema termelétrico, instalada em 28 de janeiro de 1941, destruída por incêndio em novembro de 1955; atualmente, o fornecimento de luz e fôrça é efetuado pela Sociedade Anônima Extrativa Tanino de Acácia e por um motor da C. E. E. E. A cidade está às margens do rio Taquari que banha uma das mais férteis regiões do Estado.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	53
Ruas	41
Avenidas	12

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	29 600m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados com pedras irregulares	31
Ajardinados	2
Arborizados	6

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	38
Número de ligações elétricas domiciliares	753

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	361 044 kWh
Da sede municipal	255 000 kWh
Consumo para iluminação pública	30 360kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o munic.	84 872kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	105

Taxa mensal cobrada:

Residências	Cr$ 100,70
Comércio e indústria	Cr$ 233,20
Agências telefônicas	3
Zona servida	sede, Bom Retiro do Sul e Paverama.

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município uma Agência.

Número de prédios	887
Zona urbana	674
Zona suburbana	213

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	869
2 pavimentos	14
3 pavimentos	3
4 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	696
Residenciais e outros fins	78
Exclusivamente a outros fins	113

HOTÉIS E PENSÕES — Há três hotéis no município, que oferecem relativo confôrto a seus hóspedes: Brasil, Familiar e Renner, cobrando, respectivamente as seguintes diárias: para casal Cr$ 240,00, Cr$ 230,00 e Cr$ 220,00, e para solteiro Cr$ 130,00, Cr$ 120,00 e Cr$ 110,00; cita-se ainda uma pensão familiar.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	121
Ônibus	4
Camionetas	11
Ambulância	1
Motociclos	2
Total	139

Para transporte de carga

Caminhões	65
Tratores	16
Camionetas	5
Fechados para transporte de mercadorias	2
T o t a l	88

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	176
Carros de quatro rodas	2
Bicicletas	160
T o t a l	338

Para cargas

Carroças de duas rodas	123
Carroças de quatro rodas	900
Outros	4
T o t a l	1 027

INSTRUÇÃO E CULTURA — Das pessoas presentes de 10 anos e mais, 62% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) é de 57%. Em 1955 havia 74 unidades escolares do ensino fundamental comum, com 3 492 alunos matriculados. Existem no município 1 ginásio, uma escola normal, uma unidade de ensino sacerdotal, uma de ensino artístico e agrícola.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — Jornal: 1. Sociedades recreativas: 5. Bibliotecas: duas, sendo uma de caráter geral, com 4 107 volumes; e uma, estudantil, com 3 500. Tipografias: duas. Livraria: uma. Cita-se ainda o Cine-Teatro São João, com capacidade para 337 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 4 médicos e 2 dentistas. Em 1955, contava esta comuna com 3 hospitais, totalizando 246 leitos, tendo sido hospitalizados 3 247 enfermos, assim discriminados: 880 crianças, 1 016 homens e 1 351 mulheres. Nos hospitais citados, contamos 2 aparelhos de raios-X diagnóstico, 3 aparelhos de radioterapia, 5 salas de operações, duas salas de partos, 4 de esterilização, duas farmácias e um Centro de Saúde.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Amparo São José — orfanato para meninas. Asilo Pela e Bethania — para velhos e crianças. Sociedade São Vicente de Paula.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Três advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Um engenheiro residente.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — É comarca de primeira entrância, com 1 Juiz.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS

Consumo	2
Crédito	1
Total de sócios	1 360
Valor dos serviços executados	Cr$ 2 018 932
Valor dos empréstimos	Cr$ 1 984 500

FESTEJOS — Festa de São José — Com grandes e antecipados preparativos, anualmente comemora-se a festa do padroeiro desta cidade, cuja imagem foi doada pelo Rei português D. João IV. Há sempre atrações populares nesses dias e sobretudo no dia 19 de março. Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Anualmente no dia 8 de dezembro é celebrada carinhosamente com grandes preparativos e devota procissão. Procissões: Navegantes, no dia 2 de fevereiro. Transladação da imagem de Nossa Senhora das Dores, da capela da Praia para a Matriz de São José, no domingo que antecede a Semana Santa. Procissão do encontro no domingo da Paixão. Procissão do Senhor Morto, na Sexta-Feira Santa. Procissão de São José, a 19 de março.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — A David Canabarro, na Praça São José; busto sôbre pedestal de granito e bronze, inaugurado em 19-9-1955. Ao imigrante açoriano, na Praça D. Pedro II; obelisco de granito inaugurado em 3-7-1949. A Zeferino Brasil, no Parque Zeferino Brasil. Esfinges — tijolo e cimento inaugurado em 19-11-1941. A Jacob Arnt, na Avenida Jacob Arnt; busto de granito inaugurado em 2-2-1944. Igreja Matriz de São José; templo Católico construído em 1706. Prefeitura Municipal.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 072	2 576	2 356	925	2 488
1951	1 198	4 255	2 856	1 010	2 386
1952	1 394	4 579	2 676	1 190	2 530
1953	1 759	5 655	4 298	1 878	3 992
1954	1 934	6 701	4 507	1 801	5 389
1955	2 754	7 864	5 240	2 084	6 482
1956	3 542	10 773	6 114	2 687	6 114

TENENTE PORTELA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A sede municipal de Tenente Portela é de povoamento recentíssimo, pois em 1940 era um sertão com bem poucas casas, sendo denominado Paris e pertencia ao município de Palmeira das Missões. A uns poucos quilômetros da sede, existe uma tribo de índios, originária dos Coroados. Êstes indígenas têm o amparo do Ministério da Agricultura, por intermédio do Serviço Nacional de Proteção aos índios, que mantém um pôsto no local denominado Guarita. O órgão do qual é patrono o Marechal Rondon vem prestando relevantes serviços aos silvícolas, mantendo escolas, enfermaria, construindo casas, concedendo tratores etc., o que muito contribui para a prosperidade das 958 colônias (mais ou menos 22 000 hectares) reservadas pelo Govêrno da União ao patrimônio de nossos primitivos habitantes.

É quase indescritível a cena deparada pelo forasteiro, ao entrar no Tôldo de Guarita, quando vê um aborígene com o tórax completamente nu, calças esfarrapadas e penas na cabeça, sôbre um trator arando a terra para um Brasil melhor. Notam-se neste quadro dois extremos: o passado e o

futuro; o passado representado pelo índio, e o futuro, pelo aproveitamento da técnica moderna em nossa lavoura. São índios pacíficos, já estão semicivilizados, e quase 40% dos que residem no núcleo central do S.N.P.I. sabem ler e escrever, e, diga-se de passagem, o português por êles falado apresenta menor índice de erros gramaticais do que o da maioria de nossos colonos. Coisa que causa inveja a muita gente é falarem, além do idioma pátrio, o "caingang". O lado pitoresco da questão está nos bailes realizados quase todos os sábados, quando notamos que mulher dança com mulher e homem com homem. O homem só pode dançar com mulher se fôr casado, e sòmente com a sua... Os produtos coloniais colhidos em maiores proporções são, além do trigo, o feijão e o milho, chamados por êles de "trigu", "negró" e "nhié", respectivamente. Grande dia para êles é o 19 de abril, quando é realizada a "Festa dos Índios", o que vem acontecendo há 8 anos. Entre os índios de Guarita há sempre paz, e a disciplina é o ponto alto, onde notamos que há soldado, cabo, sargento, tenente, capitão, major e coronel, cujas promoções são sempre por merecimento. No princípio todos são soldados. Existe grande respeito hierárquico e, se algum dos graduados infrigir as ordens dos superiores, primeiramente é rebaixado de pôsto, sendo que será expulso do Tôldo, se reincidir. São quase todos católicos e o batizado dos "corumins" é feito por duas vêzes: a primeira na oca e a segunda na igreja. Ir à missa dos domingos, em Tenente Portela — distante quase 10 km de Guarita — é obrigação cristã, não sendo raro o Vigário local dar comunhão a 10 ou 20 índios, todos os domingos.

Retornando à evolução histórica do município de Tenente Portela, sabe-se que o nome de Paris vigorou até 1941, quando passou a chamar-se de Miraguaya. Em 1942, foi mudado para Tenente Portela, numa homenagem do então Interventor Federal, general Osvaldo Cordeiro de Farias, ao 1.º-tenente de Engenharia Mario Portela Fagundes, que fôra morto heròicamente como diz a placa comemorativa colocada no obelisco da praça principal em 1925, na barra do rio Pardo, em defesa de seus ideais.

Em Tenente Portela, a exemplo do sucedido aos demais municípios da Zona Fisiográfica do Noroeste, afluíram, notadamente a partir de 1941, elementos procedentes das antigas colônias italianas e alemãs. Tal afluência deve-se ao excessivo minifúndio nas primitivas regiões de colonização, as quais não eram mais capazes de absorver os descendentes dos antigos colonos, por falta de locais ainda inexplorados. Em 1944, com a emancipação de Três Passos, Tenente Portela fêz parte da nova comuna gaúcha, na qualidade de distrito, para, após onze anos de intenso progresso, conseguir sua emancipação, fruto de um grandioso movimento de seus munícipes. Esta aspiração foi convertida em realidade através da Lei n.º 2 673, de 18 de agôsto de 1955, assinada pelo Governador do Estado do Rio Grande do Sul, general Ernesto Dornelles. Após a instalação do município, em 1.º de janeiro de 1956, tomou posse o primeiro Prefeito eleito, Dr. Artur Ambros que, após poucos meses de administração, renunciou, sendo substituído pelo vice-Prefeito, Romário Rosa Lopes.

Tenente Portela está situado na Zona de Noroeste, segundo a Divisão Fisiográfica do Estado do Rio Grande do Sul, estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

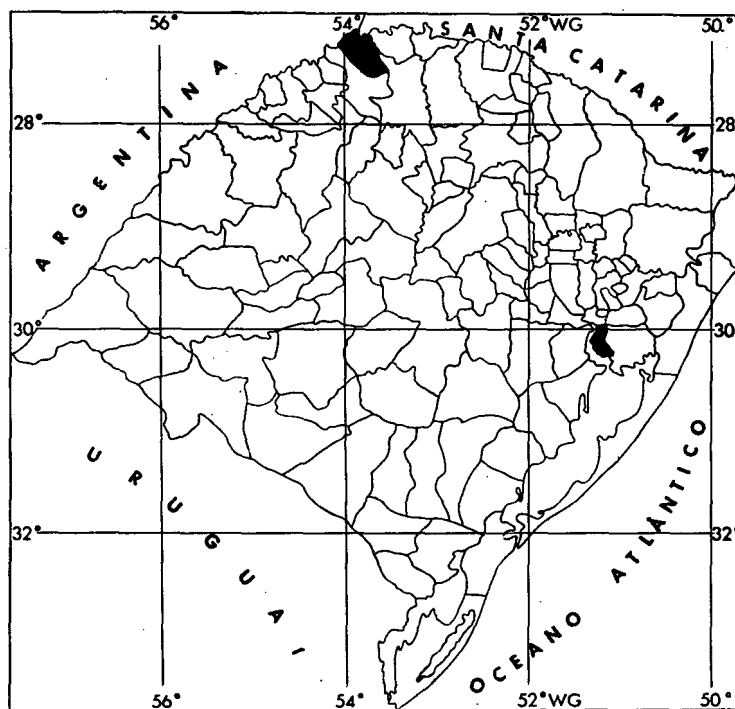
O presente trabalho é de autoria do Sr. Deoclécio Galimberti, funcionário do I.B.G.E., que estêve no município de Tenente Portela e no Tôldo de Guarita, em fins de fevereiro de 1957.

POPULAÇÃO — Conta Tenente Portela 28 000 habitantes, localizando-se 1 490 na sede e 26 510 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 21,04 por quilômetro quadrado, enquanto a população correspondia a 0,59% da total do Estado. Área: 1 331 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Tenente Portela e vilas de Derrubadas, Irapuá e Vista Gaúcha.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Tenente Portela	827	—	192	97	31	730

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27° 22' 45" de latitude Sul e 53° 46' 00" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo N.O.; distância em linha reta da capital do Estado: 384 km. Altitude: 264 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município está situado no Alto Uruguai. Rios: Uruguai, que limita o município com o Estado de Santa Catarina até a barra do Peperi-Guassu; daí, até a foz do rio Turvo, com a República Argentina. Guarita, limitando o município com o de Frederico Westphalen e Palmeira das Missões. Turvo, que limita em parte o município com o de Três Passos. Lajeados: Quebra-Dentes, Gravatá, Barreiro, servindo de limite com Três Passos.

Marco em homenagem ao Tenente Mário Portela Fagundes

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — Explora-se no município a madeira de lei e utiliza-se o barro para tijolos e telhas. Área das matas naturais: 460 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, em graus centígrados, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas — 24,8; das mínimas — 13,6; compensada — 19. A precipitação pluviométrica é de 1 884 mm. Ocorrência das geadas: meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: República Argentina e Estado de Santa Catarina; ao sul Três Passos; a leste Frederico Westphalen; a oeste Três Passos.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — A comuna é essencialmente agrícola, sendo os principais centros consumidores de seus produtos os municípios de Ijuí, Santo Ângelo e Pôrto Alegre. Principais produtos: trigo, milho, feijão-soja e fumo.

Avicultura — Não existem, no município, avicultores organizados, porém há predominância das raças leghorn, new-hampshire e rhode, num valor aproximado de .... Cr$ 1 890 000,00.

Pecuária — As raças preferidas no município são: duroc, caruncho e piau. Há no município um total de 76 441 cabeças de suínos, sendo seus principais criadores os Senhores: Frederico Röewer, Romário Rosa Lopes, Arthur Gerger, Florindo Biquilini e Gildo Bauer. O município exporta suínos para Santo Ângelo e Ijuí.

Indústria — Conta o município de Tenente Portela 67 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 88 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 18 594 000,00.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	18
Ferragens	1
Fazendas	3
Armarinhos	4
Casa de móveis	1
Venda de rádios	1
Eletrolas e refrigeradores	1

O município mantém transações comerciais com Ijuí, Santo Ângelo e Capital do Estado. Há, na sede municipal, 1 escritório bancário.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Três Passos: rodov. (30 km); Palmeira das Missões: rodov. (104 km); Itapiranga — SC: rodov. (36 km). Capital do Estado: rodov. (665 km) ou misto: a) rodov. (163 km) até Ijuí e b) aéreo (325 km) ou ferrov. (604 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica, sendo o sistema adotado o hidrelétrico, inaugurado em 1955.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	34
Ruas	15
Avenida	1
Becos	2
Travessas	13
Ladeiras	3

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	30

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há uma agência postal na sede.

HOTÉIS E PENSÕES — Hotel Biguilini e Hotel Boa Vista, ambos com diárias de Cr$ 240,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro, e Pensão Tenente Portela, cujas diárias para casal são de Cr$ 220,00, e, para solteiro, Cr$ 110,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A motor para passageiros

Automóveis	12
Ônibus	3
Camionetas	6
Motociclo	1
Total	22

Para transporte de cargas

Caminhões	42
Camioneta	1
Tratores	10
Total	53

A fôrça animada para passageiros

Carros de duas rodas	22
Bicicletas	15
Total	37

Para cargas

Carroças de quatro rodas	540
Outros	80
Total	620

INSTRUÇÃO E CULTURA — Conta o município 80 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 4 915 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Há uma sociedade recreativa e uma sociedade esportiva; 2 cinemas, ambos com a capacidade para 300 pessoas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — O esporte "Carreiras" é cultivado com intensidade no município. Dentre as canchas retas mais famosas, destaca-se a de Derrubadas, no distrito do mesmo nome. As apostas feitas não ultrapasam a casa dos Cr$ 30 000,00 e a mínima é de Cr$ 2 000,00. Os principais proprietários de cavalos de raça, embora não puro-sangue, são os Senhores João Rosa Lopes e Júlio dos Santos.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município com 1 hospital, com 45 leitos, e 1 Pôsto de Saúde. Exercem a profissão 2 médicos e 1 dentista.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Um advogado residente.

FORMAÇÃO JUDICIÁRA — Município novo, é jurisdicionado pela comarca de Três Passos.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

FESTEJOS POPULARES — Comemora-se anualmente, em data de 8 de dezembro, na Paróquia local, os festejos em honra a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do município. Êsses festejos começam com procissão e durante o dia há jogos de variadas espécies, apresentação de orquestras, churrascos, etc.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Há um na Praça Tenente Paiva, na sede municipal, com os seguintes dizeres: "Tenente Mário Portela Fagundes, nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 15-7-1898. Faleceu na defesa de seus ideais, gloriosamente, em 24-1-1925, na Barra do Rio Pardo, município de Palmeira das Missões". E do lado oposto do marco: "Povoado de Tenente Portela, inaugurado em abril de 1941, pelo Exmo. Sr. general O. Cordeiro de Farias, Interventor Federal do Rio Grande do Sul".

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1955	—	—	—	—	—
1956	1 617	4 742	3 647	2 066	2 375

TÔRRES — RS

Mapa Municipal na pág. 221 do 10.º Vol.

HISTÓRICO — A cidade de Tôrres é um dos mais antigos núcleos populacionais do Rio Grande do Sul.

Omitidas as travessias feitas em seu território, por várias incursões, seu início data de 1809, ano em que Dom Diogo de Souza, primeiro capitão-mor da Capitania do Rio Grande de São Pedro, manda criar uma guarnição militar nas suas terras. Fazia, então, parte do município de Santo Antônio da Patrulha, criado em 27 de abril de 1809, um dos quatro mais antigos do Estado, juntamente com Rio Grande, Pôrto Alegre e Rio Pardo.

Essa guarnição instalou-se nas proximidades da atual divisa norte com Santa Catarina. É nesse local que hoje se encontra a cidade de Tôrres.

O povoamento foi iniciado sob os auspícios do alferes Manoel Ferreira Pôrto, que comandava a fortaleza em 1814. Alguns penitenciários foram recolhidos ao forte, e, mais tarde, em 1824, construiriam a igreja de São Domingos, padroeiro do povoado nascente.

José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, primeiro presidente da Província de São Pedro, teve idéia de fundar, em fins de 1825 ou inícios de 1826, mais um núcleo colonial alemão. O primeiro, que tivera êxito, fôra o de São Leopoldo; o segundo, de Missões, fracassara antes mesmo de ser concretizado. O Desembargador Fernandes Pinheiro não teve tempo para executar êsse projeto, o que caberia a seu substituto, Visconde de Camamu. Em outubro de 1826 seriam levados imigrantes alemães, de São Leopoldo, a Tôrres.

O coronel Francisco de Paula Soares comandava o presídio, que possuía, desde 1824, novas instalações. Paula Soares dividiu os 383 teutos por religião, colocando os católicos junto ao próprio presídio, e indo os protestantes, com seu pastor e médico, residir em local oito léguas distante. Junto ao rio Três Forquilhas instalaram-se, em terreno situado nas abas da encosta do planalto, onde prosperaram com suas plantações de cana-de-açúcar, bananeira, tabaco, arroz, mandioca, café e algodão. Os católicos, por sua vez, foram deslocados inicialmente para a estrada de Mampituba, depois junto ao rio Verde, e, após, nos terrenos devolutos entre as lagoas do Morro do Forno e do Jacaré.

Em 1830 a população de Tôrres era de 1 200 habitantes, dos quais 401 colonos alemães.

Dois fatôres agiriam no sentido de fazer retroagir a cultura material dêsses colonos — o primeiro seria estarem insulados dentro de um grupo humano de cultura inferior; o outro, a eclosão da Revolução Farroupilha, que deixaria aquela região no mais completo abandono, prejudicando, entregando e recuando o desenvolvimento de Tôrres.

Iniciada a Revolução Farroupilha em 1835, no ano seguinte, em 9 de abril de 1836, Tôrres conheceria as agruras da luta civil.

Nessa data o capitão legalista Francisco Pinto Bandeira surpreende uma guarnição farroupilha que ocupara a vila, aprisionando-a, tomando-lhe o armamento e munição.

No ano seguinte, por lei de 20 de dezembro de 1837, seria criada a freguesia de São Domingos das Tôrres, 28.ª da Província.

Em 1857, pela Lei provincial n.º 401, de 16 de dezembro, é criado o município de Conceição do Arroio, hoje Osório, passando Tôrres a fazer parte do mesmo.

O desenvolvimento da freguesia de São Domingos das Tôrres deu-lhe o privilégio de ser também elevada à categoria de vila e município, o que ocorreu a 24 de maio de 1878, pela Lei provincial n.º 1 152, dando-se a instalação a 22 de fevereiro de 1879, sendo presidente da Câmara Municipal o tenente-coronel Manoel Fortunato de Souza.

Vai ser o mesmo Manoel Fortunato de Souza que, após vibrante campanha abolicionista, declarará livre a vila de Tôrres a 7 de setembro de 1884.

Em 1887 é desvilado Tôrres, e novamente anexado o seu território ao município de Conceição do Arroio. Por ato do Govêrno Republicano, a 23 de janeiro de 1890 é novamente vilado Tôrres, sendo que a 8 de fevereiro do mesmo ano é restaurada a Câmara, tomando posse do município uma junta governativa composta dos cidadãos Afonso Pereira Capaverde, Henrique André Müller e Francisco Antônio Rolim, nomeados pelo primeiro governador rio-grandense em período republicano, o Visconde de Pelotas. Em 1891 uma junta revolucionária, presidida por Jacob Cayer Ourives, toma posse da administração. Em 1892, o governador revolucionário, general Barreto Leite, não reconhecendo aquela Junta, nomeia outra presidida por Luiz Bauer, a 19 de junho.

Em agôsto dêsse acidentado ano, é eleito o primeiro Conselho Municipal, que teve por presidente Teodoro Pacheco de Freitas, enquanto era nomeado intendente Álvaro Capaverde, que organizou a administração do município.

Eclode em 1893 a Revolução Federalista, que iria ensangüentar as plagas gaúchas durante três anos. A 1.º de novembro de 1893 o general Arthur Oscar, legalista, chega à vila de Tôrres. Seu objetivo era perseguir a coluna revolucionária de Gumercindo e Salgado, contando para tal com 1 000 homens. Felizmente para o município, não ocorreriam eventos militares em seu território.

O município tira seu nome de três rochedos basálticos que se erguem junto ao mar, e chamados Tôrre de Norte, do Centro e do Sul.

BIBLIOGRAFIA — *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul* — Aurélio Pôrto. *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — O. Augusto de Faria.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

Vista parcial da cidade

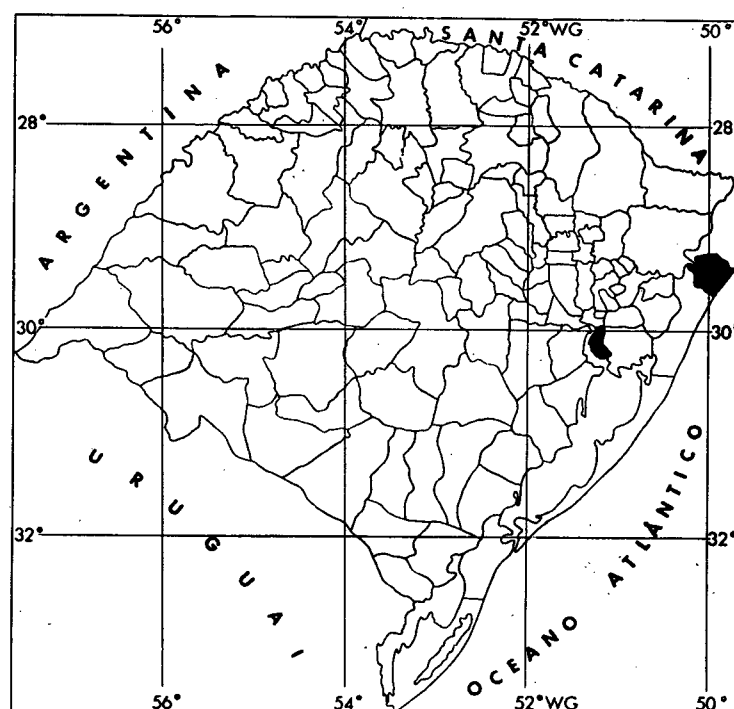
Outra vista parcial da cidade

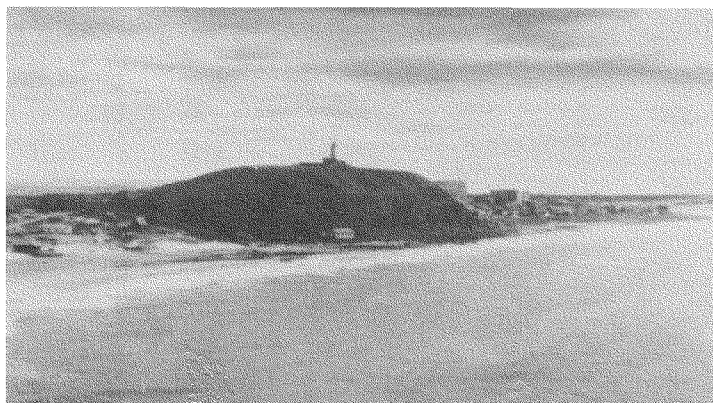
POPULAÇÃO — Conta o município de Tôrres 34 880 habitantes, localizando-se 4 040 na sede e 30 840 na zona rural, segundo estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956; apresenta a densidade demográfica de 35,92 habitantes por quilômetro quadrado; 0,73% sôbre a população total do Estado. Área: 971 km².

Aglomerados urbanos — Cidade de Tôrres. Vilas: Guananazes, Morro Azul, Piratuba e São Pedro de Alcântara.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Tôrres	1 040	2	318	210	60	830

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 20' 34" de latitude Sul e 49° 43' 39" de longitude W.Gr. Posição relativamente à Capital do Estado, rumo: E.N.E. Distância em linha reta da Capital do Estado: 161 km. Altitude: 66 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — O município de Tôrres apresenta, entre o Atlântico e a lagoa Itapeva, regular extensão de campos de criação com belas várzeas. Em seu lado leste,

Vista da Gruta N. S.ª de Lourdes

na costa do mar, observa-se uma grande extensão de terreno arenoso. O único abrigo existente aí é salientado pelos três rochedos conhecidos pelos nomes de Tôrre do Norte, do Centro e do Sul. O interior do município, ao sul, norte e oeste, é formado pelo planalto basáltico rio-grandense, de cuja encosta abrupta nascem vários rios e arroios que deságuam no rio Mampituba e na lagoa Itapeva. A pesca é explorada pelas populações litorâneas, tendo expressão econômica para o município. É notável a pesca do bagre, da tainha, do robalo, da traíra e do cará.

RIQUEZAS VEGETAIS — Palha de Butiá, com a qual é fabricada a crina vegetal.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, em grau centígrado, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas, 26,1; das mínimas: 15,6; compensada: 18,6. Precipitação anual das chuvas: 1 104 mm. Ocorrência das geadas: nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Santa Catarina; ao sul: Osório; a leste: Oceano Atlântico; a oeste: São Francisco de Paula e Osório.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — Pelo valor do rebanho, situa-se como primeira atividade lucrativa da comuna. Em 1955, o rebanho estava constituído da seguinte forma:

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	9 500	15 200
Eqüinos	3 100	3 100
Asininos	500	500
Muares	100	120
Suínos	38 900	23 340
Ovinos	2 000	560
Caprinos	300	45

Vista parcial da praia de banho

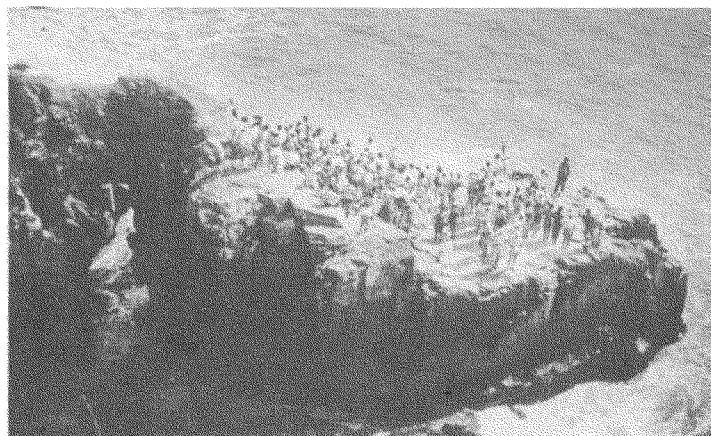
PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	315 070	7 970 144,00
Carne verde de suíno	22 016	432 256,00
Carne verde de ovino	981	17 820,00
Carne verde de caprino	60	1 056,00
Couro verde de boi, vaca e vitelo	17 568	122 976,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	4 950	69 300,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	19 120	162 520,00
Pele sêca de ovino	45	675,00
Pele sêca de caprino	3	36,00
Pele salgada de ovino	21	252,00
Toucinho fresco	27 745	645 284,00
T o t a l	407 579	9 422 319,00

Agricultura — É regularmente desenvolvida, sendo a falta de conhecimentos técnicos e a inexistência de mecanização os principais entraves a seu maior crescimento.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Feijão	900	6 000
Milho	1 440	3 600
Cana	12 150	1 823
Mandioca	3 520	1 760

Valor total da produção: Cr$ 17 631 180,00.

Outra vista parcial da praia de banho

Indústria — Em 1955, seus 142 estabelecimentos ocuparam a média mensal de 305 operários, tendo a produção industrial do município totalizado Cr$ 8 645 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Ind. Alimentares, 17,7%; da bebida, 71,5%; da madeira, 4,9%; transformação de produtos minerais, 4,5%; do mobiliário, 0,5%.

COMÉRCIO E BANCOS — Funciona 1 agência do Banco do Rio Grande do Sul.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Osório: rodov. (106 km); São Francisco de Paula: rodov. (120 km); Araranguá, SC: rodov. (60 km). Capital Estadual — rodov. (216 km); Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, ver "Pôrto Alegre" ou rodov. (1 692 km).

ASPECTOS URBANOS — Tôrres, situada na orla do Atlântico, é uma das mais lindas cidades-balneários do Estado. Suas praias são famosas e as belezas naturais são inúmeras, conforme se pode ver dos aspectos fotográficos que

ilustram o presente trabalho. Conta com ótimos hotéis para veraneio que, em épocas próprias, têm grande afluência de pessoas. A cidade dispõe de energia elétrica, cujos serviços foram inaugurados em 1921.

MELHORAMENTOS URBANOS

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	21 200 m²

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	1 118
Zona urbana	917
Zona suburbana	201

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 082
2 pavimentos	32
3 pavimentos	2
4 pavimentos	1
5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 049
Residenciais e outros fins	43
Exclusivamente a outros fins	26

Outro aspecto da praia de banho

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	47
Número de ligações elétricas domiciliares	1 005
N.º de focos para iluminação pública	500

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

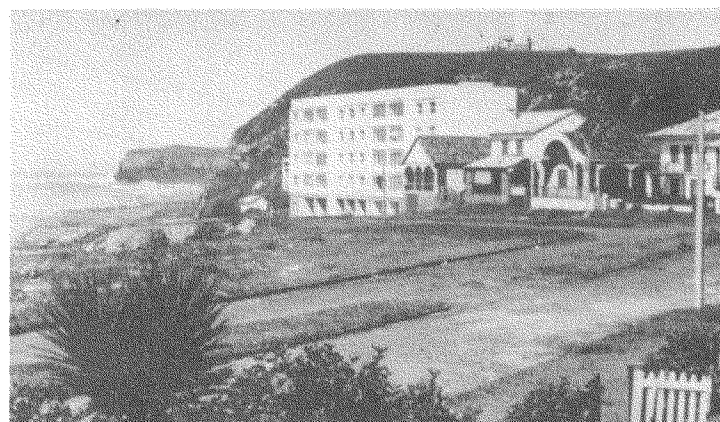
Consumo para iluminação pública e para fôrça motriz em todo o município	470 000 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	33
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	17
Consumo anual de água	51 600 m³

Não conta com rêde telefônica. Na sede existe o sistema de comunicação micro-ondas com um aparelho do centro diretamente a Pôrto Alegre.

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há 1 agência do Departamento de Correios e Telégrafos.

HOTÉIS E PENSÕES — Como meios de hospedagem, conta o município com 6 hotéis dentre os quais destacam-se

Aspecto da Furna do Portão

o hotel pertencente à Sociedade dos Amigos da Praia de Tôrres (S.A.P.T.), Hotel Farol e Hotel Sartori, com as diárias em média, respectivamente, de Cr$ 350,00 — 300,00 e 250,00, para casal, e Cr$ 280,00, 250,00 e 200,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	9
Ônibus	6
Camionetas	8
Motociclos	2
Total	25

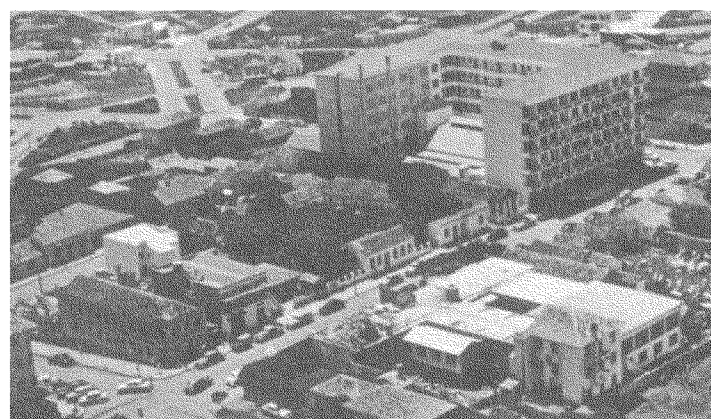
PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	65
Camionetas	7
Tratores	5
Reboques	2
Total	79

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	25
Carros de quatro rodas	8
Bicicletas	35
Total	68

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	15
Carroças de quatro rodas	30
Outros	1 150
Total	1 195

Vista parcial aérea da cidade

Outra vista parcial aérea da cidade

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 45% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 47%. Em 1955 havia 65 unidades escolares do ensino fundamental comum com 3 859 alunos matriculados. No município funciona 1 ginásio.

Outros aspectos culturais — Registra-se a existência de 1 tipografia, para trabalhos de pequena monta; 5 sociedades recreativas; 1 sociedade desportiva; 1 cinema com capacidade para 400 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem a profissão no município 4 médicos e 1 dentista. Em 1955, existia 1 hospital, com 50 leitos, tendo sido nêle internados 960 enfermos, assim discriminados: 180 crianças, 430 homens e 350 mulheres. Dispõe de 1 sala de operação, 1 de parto, 1 de esterilização e de 1 farmácia. Há 1 Pôsto de Saúde.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Contam-se 4 advogados residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância com um Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 1; total de sócios — 104; valor dos serviços executados — Cr$ 62 591,00.

FESTEJOS POPULARES — Como festas populares, podemos destacar as em louvor do Divino Espírito Santo e de "São Domingos", padroeiro do município. Revestem-se de excepcional brilhantismo na localidade, precedidas de novena preparatória, e encerradas com missa solene, procissão e festejos populares, de salão.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — O campo de pouso existente em Tôrres encontra-se a 2 km da cidade, com uma pista de saibro de 700 x 600 metros, e não contando com qualquer aparelhagem própria. É considerado, simplesmente, campo de emergência.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — Constitui o município de Tôrres um motivo de atração turística, dadas as suas condições topográficas, salientando-se os três rochedos magníficos, denominados Tôrre do Norte, Centro e Sul. As belíssimas furnas situadas na Tôrre do Centro; uma pequena lagoa, ladeando a parte oeste da cidade, com o original nome de Lagoa Violão, pela forma que apresenta; o rio Mampituba, desaguando no Oceano Atlântico, a cujas praias aflui considerável número de veranistas na época canicular; seus montes e serras, divisados ao longe, emprestam uma invulgar atração e encanto a quantos podem usufruir de suas belezas naturais de que tão pròdigamente Tôrres é dotado.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	2 051	1 419	3 763	650	3 480
1951	2 083	1 651	6 289	643	6 271
1952	2 172	2 354	3 924	921	3 595
1953	1 559	2 832	4 796	1 341	4 598
1954	1 884	4 451	3 930	1 517	3 924
1955	2 513	5 251	6 553	2 319	6 520
1956	3 954	6 945	5 913	2 418	5 863

TRÊS DE MAIO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O município de Três de Maio é um dos mais novos do Rio Grande do Sul. Seu território pertenceu sucessivamente a Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Cruz Alta e Santo Ângelo, criados em 1809, 1819, 1834 e 1873, respectivamente. Suas terras faziam parte da chamada Província das Missões Orientais, administrada pelos Jesuítas, que tinham vindo ao Rio Grande do Sul em 1682. Houvera antes uma tentativa pelos mesmos Jesuítas de estender seu domínio por essas regiões — em 1626 começara a criação de um cordão de reduções, criadas num total de 18 — mas foram expulsos por bandeirantes paulistas vindos de 1636 a 1638.

Os Jesuítas permaneceram de 1682 até a segunda metade do século XVIII. Em 1750 é assinado o Tratado de Madrid, pelo qual Espanha e Portugal permutariam as Missões Orientais pela Colônia do Sacramento, passando aquelas para Portugal e esta para a Espanha.

De 1752 a 1757 os exércitos espanhóis e portuguêses aliam-se para dar cumprimento ao Tratado, realizando campanhas para expulsar os membros da Companhia de Jesus. Depois cabe a administração dessa região a milicianos espanhóis; em 1801, José Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso, com 40 milicianos, conquistam as Missões, integrando-as nos territórios rio-grandenses.

Criado o município de Santo Ângelo, em 1873, Três de Maio fazia parte do distrito-sede. Desdobrando-se êste em 1876, deu lugar ao de Santa Rosa, do qual passou a fazer parte Três de Maio.

Em 1916, pelo Ato número 104, de 10 de julho, é nodificada a divisão territorial de Santa Rosa, criando-se o 7.º distrito, cuja sede era Três de Maio.

A partir de 1915 levas consecutivas de elementos colonizadores afluem à região. Descendentes de alemães e italianos, provenientes das chamadas Colônias Velhas, estas não mais capazes de absorver o excedente populacional, dirigiam-se a êsses distritos de Santo Ângelo. Elementos

nacionais, moradores em municípios circunvizinhos também se dirigiam aos florescentes povoados.

Os primeiros moradores de Três de Maio, nessa fase, são João Rehbain, Casemiro Kochewiski e Albino Veronese. Já se nota a presença de imigrantes poloneses e russos.

A primeira capela de Três de Maio foi erigida em 1923, com o nome de Nossa Senhora da Conceição, e que é atualmente a igreja-matriz; o responsável era o Padre Vicente Testani.

A elevação a freguesia deu-se em 2 de fevereiro de 1926, sendo atendida a capela dessa data a 22 de fevereiro de 1928, quando passa a curato, pelo coadjutor de Santa Rosa, Padre Torggler.

A 1.º de julho de 1931, pelo Decreto estadual número 4 823, é criado o município de Santa Rosa, acompanhando, o desmembramento, Três de Maio.

Por Decreto municipal número 2, de 18 de junho de 1937 é o segundo distrito de Santa Rosa desdobrado em segundo e sétimo, sendo que do segundo, a sede era Três de Maio.

O distrito cresceu notàvelmente na década de 30, alcançando no Censo de 1940 a população de 10 660 habitantes. Na vila residiam 707 pessoas.

Na década seguinte surge o movimento emancipacionista. A agricultura atingira níveis de produção notàvelmente elevados; o comércio desenvolvia-se a contento, a indústria nascia promissoramente.

Por muito tempo se falou e pensou-se na municipalização de Três de Maio. A partir de 1950 a idéia cria corpo entre os habitantes do distrito, e é desencadeada campanha nesse sentido.

Após plebiscito, constatadas condições para municipalização, e demonstrada a vontade de seus habitantes, é criado, pela Lei estadual número 2 526, de 15 de dezembro de 1954, o município de Três de Maio.

A instalação teve lugar a 28 de fevereiro de 1955.

O primeiro Prefeito e vice-Prefeito foram respectivamente Walter Ullmann e Avelino Haas. A primeira Câmara Municipal era constituída pelos vereadores José Knorst, Inácio Felipe Jahn, Estanislau da Silva, Rivadávia Corrêa Borges, Reinoldo Brünstrupp, Selmus Gressler, e Edibaldo Styglmeier.

BIBLIOGRAFIA — *Município de Santa Rosa* — Vicente Cardoso; *O Rio Grande do Sul* — Alfredo R. da Costa;

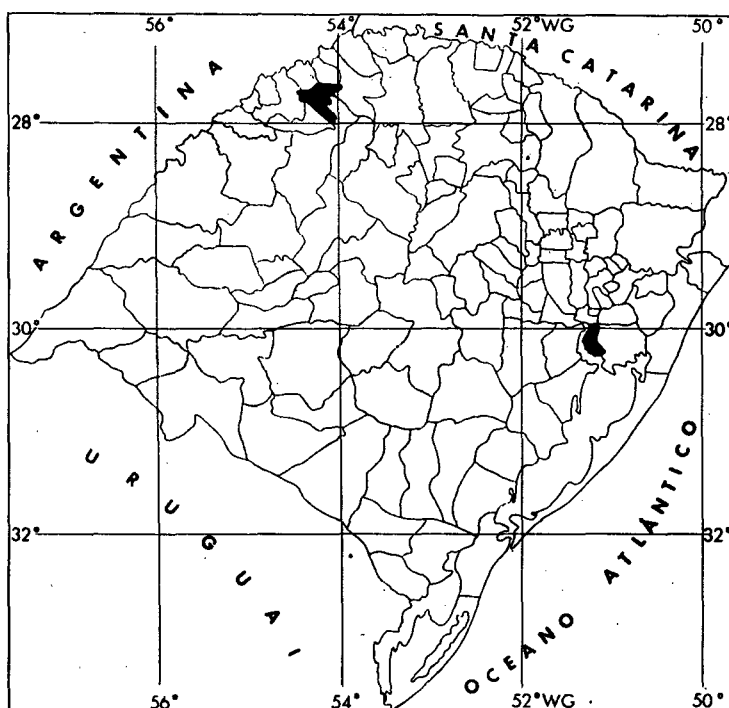
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta o município de Três de Maio, com 32 590 habitantes, localizando-se 1 690 na sede e 30 900 na zona rural, de acôrdo com estimativa do D. E. E. para 1.º-1-1956, a densidade demográfica é de 18,93 habitantes por quilômetro quadrado; 0,68% sôbre a população total do Estado. Área: 1 722 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Três de Maio; vilas: Independência, Boa Vista do Buricá e São José do Inhacorá.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS — 1956 —

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Três de Maio	1 282	37	329	191	48	1 091

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27º 46' 42" de latitude Sul e 54º 13' 40" de longitude W. Gr. Posição relativamente à capital do Estado: rumo N.O.; distância em linha reta da capital do Estado: 385 quilômetros. Altitude — 292 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — O município está situado no Alto Uruguai. Rios: Santa Rosa, que limita o município com o de Giruá; Buricá, limitando o município com o de Crissiumal, Três Passos e Santo Ângelo; Inhacorá, que limita com o município de Três Passos. Arroios: Passo Fundo, que limita com Santo Ângelo e Reuno, que limita com Três Passos. Lajeados: Rocinha, Ouro, Caneleira e Japiacaí, servindo de limite com Horizontina. Capão do Laurindo e Bento, servindo de limite com Santo Ângelo. Monjolo, Santana, Quaraim e Quarainzinho, todos da bacia do Santa Rosa; Câncio e Cachoeira, da bacia do Buricá, servindo de limite entre os distritos de Três de Maio e Independência. Todos os rios são piscosos, apresentando pequenas variedades de peixes, sendo que a pesca tem expressão econômica para o município. Há uma pequena queda de água no rio Inhacorá, onde se acha instalada a Usina Hidrelétrica de Trapte & Hickmann Ltda., fornecedores de luz e fôrça para o município de Três de Maio.

RIQUEZAS VEGETAIS — Angico, louro, cedro, ipê, canela, guajuvira, tarumã, etc. Área das matas naturais: 300 quilômetros quadrados. Área das matas reflorestadas: 5 quilômetros quadrados.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. Em graus centígrados, as médias das temperaturas, no ano de 1956, foram as seguintes: da máxima — 25,1; da mínima — 13,9; compensada — 19,7. Chuvas: precipitação anual de 1 459 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de junho, julho e agôsto.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — É a principal base econômica do município, onde há grandes lavouras mecanizadas, notadamente de trigo.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte, Crissiumal; ao sul, Giruá; a leste, Santo Ângelo; a oeste, Giruá, Santa Rosa e Horizontina.

PRINCIPAIS TRITICULTORES

Vitalino Fasolo	200 ha
Osvino Greiwe	450 ha
Soc. Comercial e Agrícola Elsa S/A.	350 ha
Elfrida Lauber Reimann	120 ha
Bonamigo & Sartori	400 ha

Os centros consumidores dos produtos agrícolas do município são: Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	783	4 698
Fumo	4 350	3 480
Batata-doce	1 120	1 120
Linho	135	743

Valor total da produção: Cr$ 97 000 000,00.

Avicultura — Estima-se em 210 000 as aves do município, valendo Cr$ 1 050 000,00.

Pecuária — A suinocultura é a principal atividade pecuária da comuna e uma das suas maiores fontes de renda. Os bovinos constituem-se de gado leiteiro e bois para o trabalho agrícola.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	15 000	25 500
Eqüinos	4 300	3 870
Muares	1 100	1 210

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Suínos	60 000	42 000
Ovinos	500	135
Caprinos	100	15

Indústria — Conta o município de Três de Maio 176 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 411 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 83 517 000,00. As atividades industriais do município baseiam-se, principalmente, nos moinhos de trigo e milho e na preparação de banha e derivados.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	61
Ferragens	2
Armarinhos	3
Móveis	4
Rádios	3
Alfaiatarias	8

Há uma filial do Banco Agrícola Mercantil S. A. e 2 escritórios bancários: Banco Industrial e Comercial do Sul S. A. e Banco Nacional do Comércio S. A.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Crissiumal: rodov. (108 quilômetros); Horizontina: rodov. (71 quilômetros); Santa Rosa: rodov. (20 quilômetros); Giruá: rodov. (48 quilômetros) ou misto: rodov. (20 quilômetros) até Santa Rosa, daí por ferrovia (29 quilômetros);

Escola Normal Rural Dom Hermeto José Pinheiro

Santo Ângelo: rodov. (69 quilômetros). Capital Estadual: rodov. (604 quilômetros); ou misto: rodov. até Santa Rosa, já descrito. Daí à capital por ferrov. (733 quilômetros). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja-se "Pôrto Alegre", ou misto: rodov. até Santa Rosa, já descrita, daí por ferrov. via Cruz Alta até Marcelino Ramos (556 quilômetros). Daí ao DF, veja-se "Marcelino Ramos".

ASPECTOS URBANOS — A sede municipal é servida por luz elétrica fornecida pela Usina Hidrelétrica de Trepte & Hickmann Limitada, situada no rio Inhancorá, no Distrito de São José do Inhacorá, inaugurada em 1951.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	34
Ruas	27
Avenidas	3
Travessas	3
Praças	1

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	80 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente calçados com pedras irregulares	4
Parcialmente calçados com pedras irregulares	7
Ajardinados totalmente	1
Arborizados totalmente	4
Arborizados parcialmente	2

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	11
N.º de ligações elétricas domiciliares	560
N.º de focos para iluminação pública	75

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

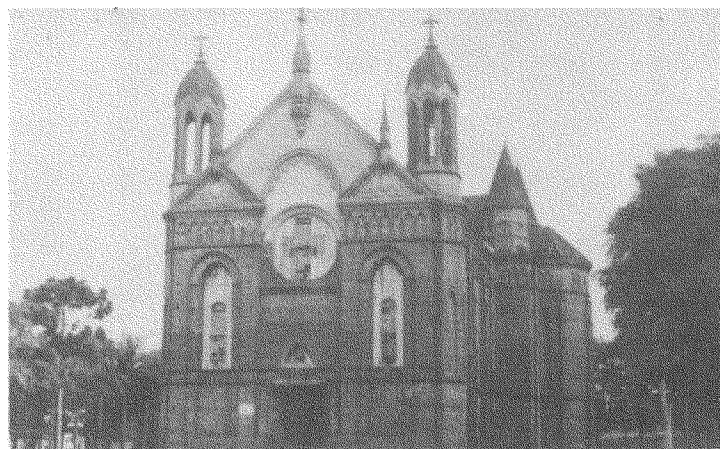
Total do município	318 000 kWh
Da sede municipal	215 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	8
Taxa mensal para residências	Cr$ 233,20
Para repartições públicas	Cr$ 116,60

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há 1 agência postal-telegráfica na sede e 3 agências postais no interior do município.

HOTÉIS — São 3 os hotéis existentes na sede: Hotel Três de Maio e Planalto Hotel, ambos com diárias de

Confluência da Avenida Uruguai com Rua Horizontina

Igreja-Matriz N. S.ª da Conceição

Cr$ 200,00 para casal e Cr$ 120,00 para solteiro e Hotel Fleck, cujas diárias são de Cr$ 190,00 para casal e Cr$ 110,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	57
Ônibus	4
Camionetas	20
Motociclos	20
Total	101

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	64
Camionetas	5
Tratores	28
Total	97

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	420
Carros de quatro rodas	650
Bicicletas	250
Total	1 320

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	30
Carroças de quatro rodas	2 000
Outros	20
Total	2 050

INSTRUÇÃO E CULTURA — Em 1955 havia 70 unidades escolares de ensino fundamental comum com 4 195 alunos matriculados; duas unidades de ensino ginasial, uma de ensino pedagógico e uma de ensino comercial.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — Há na sede: 6 Sociedades recreativas, 1 Sociedade Desportiva, 2 bibliotecas estudantis: Ginásio Pio XII — 500 volumes — Escola N. R. D. Hermeto J. Pinheiro — 1 214 volumes; 2 tipografias e 1 livraria. Rádio Colonial Limitada, prefixo ZYU-43, freqüência de 1 490 kc, potência de 100 watts, 3 microfones. Discoteca com 1 018 discos. Pessoas empregadas: 7. Um cinema, com capacidade para 300 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município de Três de Maio 4 hospitais, com um total de 225 leitos e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram hospitalizados 3 503 enfermos,

Hospital São Vicente de Paulo

sendo 998 homens, 1 478 mulheres e 1 027 crianças. Há 3 aparelhos de raios X diagnóstico, 5 salas de operação, 4 de parto, 4 de esterilização, 3 laboratórios e 4 farmácias. Exercem a profissão 5 médicos e 8 dentistas.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 1 advogado residente.

Formação judiciária — Jurisdicionado pela comarca de Santa Rosa.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS

Produção	1
Comércio	1
Crédito	1
Total de sócios	771
Valor dos serviços executados	Cr$ 24 795 808
Valor dos empréstimos	Cr$ 231 453

FESTEJOS POPULARES — É festejado anualmente, a 8 de dezembro, o dia da padroeira da Matriz de Nossa Senhora da Conceição; 3 de maio assinala o aniversário do município, realizando-se grandes festejos no Clube Buricá.

FINANÇAS PÚBLICAS —

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1955	—	3 211	3 304	1 769	3 483
1956	—	12 810	6 113	2 190	5 690

TRÊS PASSOS — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Conta-se numa narração quase lendária que no ano de 1860, mandou o Govêrno Imperial uma comissão de engenheiros sob as ordens do tenente-coronel José Maria Pereira Campos, acompanhado do capitão Rufino Enéas Gustavo Galvão, observador astronômico, e outros, e um forte destacamento sob o comando do capitão Augusto César da Silva para abrir uma picada no fundo do rincão de Guarita e descobrir a barra do Peperi-Guassu, a fim de aí demarcar uma colônia militar.

Depois de três anos de trabalho perseverante, chegaram até aquela foz do rio, que limita com a República argentina, deixando aberta uma larga estrada de setenta qüilômetros através das matas. Tendo surgido naquela época, complicações diplomáticas do Brasil com a Argentina, os trabalhos de desbravamento foram interrompidos.

Em 1879, atendendo às reiteradas solicitações do coronel Dinis Dias, Barão de São Jacob, prestigiado chefe político de Cruz Alta, o Govêrno Imperial resolveu fundar a Colônia Militar do Alto Uruguai, no local onde se acha hoje a vila de Alto Uruguai, 48 quilômetros abaixo da estrada aberta pela comissão precedente. Disso foi incumbida outra comissão de engenheiros sob as ordens do major Antônio Florência Pereira do Lago que continuou o desbravamento de nossas florestas até atingir a margem do rio Uruguai. Integrava a comissão um poderoso destacamento do Exército, do qual fazia parte o soldado João Padilha do Nascimento, encarregado da cavalhada da tropa. Tendo ficado à retaguarda com os animais, João parou no lugar onde hoje se acha instalada a sede de Três Passos. Num rincão das imediações de um riacho, o soldado deu pastagem à cavalhada e cochilou por algumas horas. Ao alcançar a comissão que se deslocara para a frente, Padilha, para justificar a seus chefes o motivo do retardamento, declarou que para o descanso dos animais havia estacionado nos "Três Passos". Os técnicos da citada Comissão, pela inexistência de um nome determinante do local, passaram a denominá-lo Três Passos nos próprios documentos que enviaram à Côrte.

A 25 de dezembro de 1879, o major comandante da comissão fundou a colônia, que foi criada pela Lei provincial número 7 221, de 15 de março de 1879.

Em 1.º de janeiro de 1884, a população já era de 582 habitantes, dos quais 559 brasileiros e 23 estrangeiros. Até aquêle ano, a colônia havia sido governada pelos seguintes diretores: majores João Francisco da Silva, Gabriel Gomes Pôrto, Jorge Maia de Oliveira Guimarães e José Maria da Fontoura Palmeiro.

Quando a Colônia de Alto Uruguai passou para o Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1912, era o seu Diretor, o tenente Eustáchio Gama, e do contingente militar, o tenente Alfredo Augusto Corrêa.

Por duas vêzes a Colônia sofreu depredações devidas a movimentos revolucionários no Estado do Rio Grande do Sul: a primeira foi em 1893, quando a coluna revolucionária chefiada por Aparício Saraiva atravessou em direção à Argentina, acossada pelas fôrças legais comandadas pelo general Firmino de Paula; a segunda foi na Revolução de 1924, quando a Coluna Prestes a cruzou, vinda de Santo Ângelo e São Luís Gonzaga.

Até o ano de 1912, a colônia estêve subordinada diretamente ao Govêrno Federal e até então prosperou muito pouco, o que se pode atribuir à direção que era sempre exercida por militares, substituídos freqüentemente, como também, dado às dificuldades de transporte com que lutou.

Sabe-se que mais tarde, a sede do distrito passou a ser Três Passos, sendo que, pelo Decreto-lei número 715, de 28 de dezembro de 1944, foi criado o município, desanexando-o de Palmeira das Missões, cuja instalação se verificou a 1.º de janeiro de 1945. O município de Três Passos conta 13 distritos: Sede, Alto Uruguai, Esperança, Tiradentes, Lajeado Bonito, Campo Novo, São Martinho, Sede Nova, Santo Augusto, Redentora, Braga, Faxinal e Padre Gonzales.

No município de Três Passos, a exemplo do sucedido aos demais municípios da Zona Fisiográfica Noroeste, afluíram, notadamente a partir de 1930, elementos procedentes das antigas colônias italianas e alemãs. Tal afluência foi devida ao excessivo minifúndio nas primitivas regiões de colonização, as quais não eram mais capazes de absorver os descendentes dos antigos colonos, por falta de locais ainda inexplorados.

BIBLIOGRAFIA — Agência Municipal de Estatística.

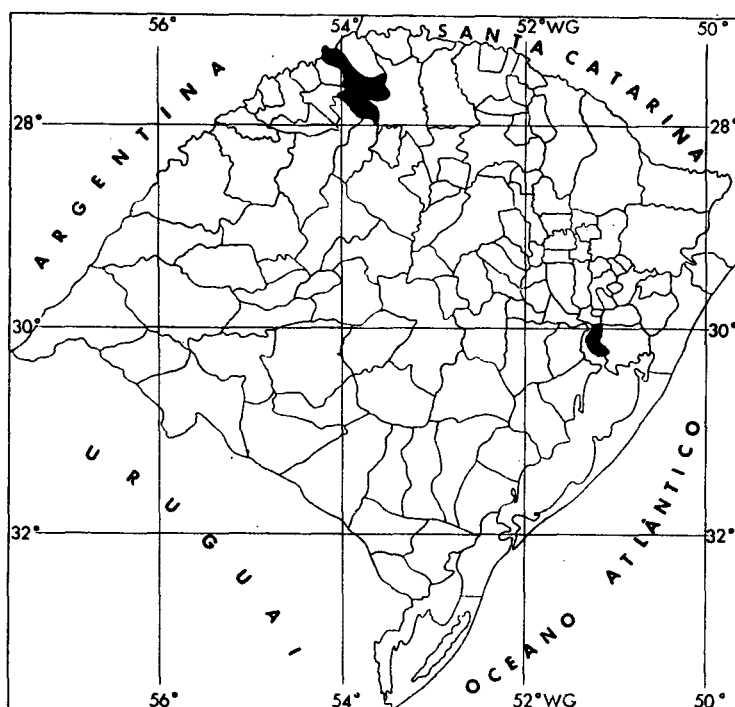
POPULAÇÃO — Conta o município de Três Passos 72 500 habitantes, localizando-se 3 470 na sede e 69 030 na zona rural, segundo estimativa do D. E. E. para 1-1-56; a densidade demográfica é de 30,4 habitantes por quilômetro quadrado; 1,52% sôbre a população total do Estado. Área: 2 385 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Três Passos.

Vilas — Alto Uruguai, Braga, Campo Novo, Esperança, Faxinal, Lajeado Bonito, Padre Gonzales, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, Sede Nova, Tiradentes.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 anô	
Três Passos....	2 317	12	549	350	76	1 967

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 27° 30' de longitude Sul e 53° 52' 30" de longitude W. Gr. Posição relativamente à capital do Estado: rumo N.O. Distância em linha reta da capital do Estado — 380 quilômetros. Altitude — 300 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — *Rio Uruguai* — Corre de norte para sul. Navegável para barcos de pequeno calado. Profundidade média — 3 metros. Possui uma ilha, dentro da vila de Alto Uruguai — "Ilha Grande", com 500 metros de comprimento por 60 de largura. O "Salto Grande" do rio Uruguai é o potencial hidráulico de maior capacidade do município, estando situado na divisa com a República argentina. *Rio Guarita* — Situado no distrito de Redentora. Corre de leste para oeste. Não é navegável. Neste rio está localizada a cachoeira da "Usina Guarita", com um potencial de 2 500 H.P. que fornece luz e fôrça para os municípios de Três Passos, Iraí e Palmeira das Missões. Além dêsse potencial, seguindo rio abaixo, ainda há outras cachoeiras que, segundo se presume, terão capacidade para oferecer o aproveitamento de 4 000 H. P. *Rio Turvo* — Situado no distrito de Campo Novo. A cachoeira da firma Low, está situada a cinco quilômetros da vila, tem um potencial de 1 470 H. P. avaliado pelo C. E. E. E. Sua altura é de 22 metros. *Rio Reúno* — Localizado no distrito de Campo Novo, com uma queda de potencial de 50 H. P. *Lajeado Grande* — No distrito de Campo Novo, com uma cascata de 200 H. P. aproximadamente. *Rio Turvinho* — No distrito de Santo Augusto, queda de água inaproveitada. *Rio Inhacorá* — Localizado no distrito de Santo Augusto, queda de água com potencial de 300 H. P., aproximadamente. A pesca é explorada em pequena escala, sem expressão econômica para o município.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956 foram as seguintes, em graus centígrados: das máximas — 25,1; das mínimas — 13,6; compensada — 19,8. Precipitação anual das chuvas — 2 046,0 mm.

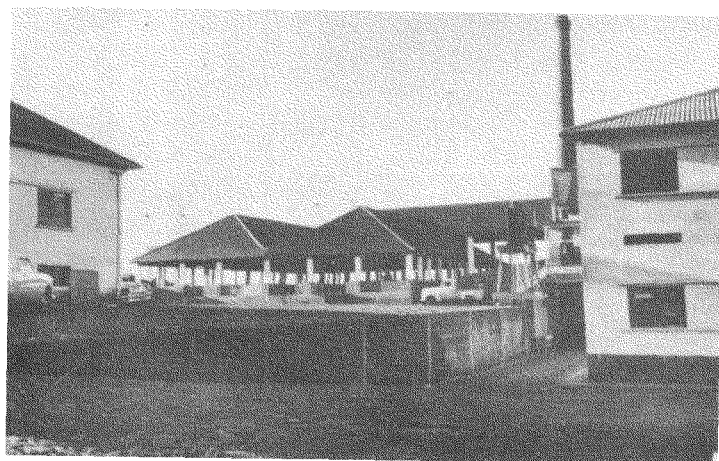
LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte, Tenente Portela; ao sul, Ijuí; a leste, Palmeira das Missões; a oeste, Crissiumal, Três de Maio e Santo Ângelo.

ASPECTOS ECONÔMICOS — A agricultura encontra-se altamente desenvolvida no município, tendo sido suas principais culturas em 1955:

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Mandioca	81 000	121 500
Milho	36 600	84 180
Trigo	9 840	59 040
Fumo	5 400	45 000

A produção agrícola em 1955 foi avaliada em Cr$ 365 964 400,00

Principais cultivadores de trigo	*Área cultivada*
Eugênio Machado	500 ha
Faustino R. de Lima	450 ha
Ervino Stübe	390 ha
Guilherme Clemente Köoehler	188 ha
Olivio Argentino Pias	160 ha
Vinicios Silveira	188 ha

Destacamos entre outros produtos agrícolas o fumo — 4 200 ha; o milho 18 000 ha; e o feijão — 4 000 ha. Ambos os produtos de suma importância para a economia agrícola do município. Os principais centros consumidores da produção agrícola são os municípios de Ijuí, Santo Ângelo e a capital do Estado.

Frigorífico Três Passos Ltda.

Avicultura — Não há criadores organizados, porém as raças avícolas predominantes são: Legorne, new-hampshire e Rhode-island-red, num valor total de Cr$ 3 268 000,00, aproximadamente.

Apicultura — A produção do município atinge aproximadamente 12 000 quilogramas anuais, valendo Cr$ 120 000,00.

Pecuária — Por contar com pastagens inferiores, tais como barba-de-bode, capim elefante e capim missioneiro, não existe preocupação por parte dos pecuaristas em melhorar as raças ora criadas. O gado é crioulo, existindo zebus e jérsei em pequena escala.

Em 1955, o rebanho estava assim dividido:

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1000)*
Bovinos	30 400	51 680
Eqüinos	900	810
Muares	6 800	7 480
Suínos	300 000	210 000
Ovinos	5 500	1 540
Caprinos	600	90

A suinocultura de Três Passos é sumamente importante e seus rebanhos constituem valiosa fonte de renda para a economia local. O município, a par disso, é grande produtor de banha e produtos derivados.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	1 464 580	27 797 810
Carne verde de suíno	628 662	18 994 119
Carne frigorificada de suíno	66 463	2 273 327
Carne salgada de suíno	441 450	13 331 271
Presunto cruz	1 100	55 000
Carne verde de caprino	10	72
Couro verde de boi, vaca e vitela	208 780	948 258
Couro sêco de boi, vaca e vitela	17 872	182 254
Couro salgado de suíno	127 500	2 344 551
Pele sêca de caprino	1	8
Banha refinada	1 545 497	51 093 309
Toucinho fresco	74 865	1 416 328
Toucinho salgado	3 220	96 600
Total	4 580 000	118 532 907
Secundários	128 702	976 402
Total Geral	4 708 702	119 509 309

Indústria — Em 1955, contavam-se 326 estabelecimentos industriais, empregando a média mensal de 643 operários, tendo a produção somado Cr$ 125 975 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total:

Alimentares	71,5
Bebidas	2,5
Madeiras	17,4
Transf. prod. minerais	2,8
Couros e similares	1,7
Químicas e farmacêuticas	0,4
Metalúrgicas	1,3
Mobiliário	0,3
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	0,6

COMÉRCIO — Estabelecimentos comerciais existentes na sede municipal: secos e molhados — 333; ferragens — 7; fazendas — 8; armarinhos — 6; casas de móveis — 3; casas de venda de rádios — 3; casas com venda de eletrolas e refrigeradores — 2. O município mantém transação mercantil com Ijuí, Santo Ângelo e a capital do Estado.

MEIOS DE TRANSPORTE — Três Passos liga-se aos municípios vizinhos de: Tenente Portela, rodov. (34 quilômetros); Palmeira das Missões, rodov. (120 quilômetros); Ijuí, rodov. (128 quilômetros); Santo Ângelo, rodov. (160 quilômetros); Três de Maio, rodov. (90 quilômetros). República Argentina, rodov. (35 quilômetros). Capital Estadual, rodov. (636 quilômetros) ou misto: a) rodov. (128 quilômetros) até Ijuí e b) aéreo (325 quilômetros) ou ferrov. (604 quilômetros). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita.

ASPECTOS URBANOS

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	615
Zona urbana	534
Zona suburbana	81

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	608
2 pavimentos	7
3 pavimentos	—
4 pavimentos	—
5 pavimentos	—
De mais de 5 pavimentos	—

Outro aspecto do Frigorífico Três Passos Ltda.

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	575
Residenciais e outros fins	33
Exclusivamente a outros fins	7

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	109
Ruas	100
Avenidas	3
Becos	2
Travessas	3
Ladeiras	1

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Parcialmente pavimentados	5
Arborizados	1

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	109
Número de ligações elétricas domiciliares	617
Número de focos para iluminação pública	500

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Consumo para iluminação pública	23 000 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o munic.	1 200 kWh

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Existem três agências no município.

HOTÉIS E PENSÕES — São os seguintes existentes no município: Hotel Ideal, diária para casal, Cr$ 280,00; para solteiros, Cr$ 140,00. Hotel do Comércio, diárias para casal, Cr$ 240,00; para solteiros, Cr$ 140,00. Hotel Avenida, diárias para casal, Cr$ 240,00; solteiros, 130,00. Hotel Três Passos, diárias para casal, Cr$ 280,00 e para solteiros, Cr$ 120,00. Pensão Familiar, diárias para casal, Cr$ 220,00 e para solteiros, Cr$ 110,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	141
Ônibus	31
Camionetas	50
Ambulâncias	—
Motociclos	16
Outros veículos	—
Total	238

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	230
Camionetas	10
Fechados para transporte de mercadorias	—
Cisternas	—
Tratores	31
Reboques	8
Não especificados	—
Total	279

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	28
Carros de quatro rodas	—
Bicicletas	578
Total	606

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	—
Carroças de quatro rodas	800
Outros	160
Total	960

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 55% da população presente de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar matriculadas é 37%. Em 1955 havia 107 unidades escolares de ensino fundamental comum com 7 479 alunos matriculados (o município teve seu território reduzido com a nova divisão administrativa do Estado).

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — Existem no município uma sociedade recreativa, duas Bibliotecas de caráter geral. Número de volumes das duas bibliotecas — 2 000. Editôres não há. Encontra-se uma livraria. Existe, ainda, uma estação de rádio, de prefixo ZYU-40, freqüência de 1 560 quilociclos, potência de 100 watts, com tôrre irradiante, palco-auditório, com capacidade para 120 espectadores, dois microfones, discoteca com 1 600 discos, e nove pessoas empregadas. Há, também, dois cinemas, ambos com capacidade de 400 espectadores. Não existe cine-teatro no município.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Não existe prado no município. Porém o esporte das rédeas é praticado com intensidade. Canchas retas mais famosas — a das "Cinco Quadras", em Santo Augusto, a do "Pau-de-Erva", no distrito de Campo Novo, a do "Erval Novo", distrito da sede, a do "Feijão Miúdo", distrito de Padre Gonzales.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem atividades profissionais no município cinco médicos e cinco dentistas. Em 1955, contava Três Passos 4 hospitais, com 148 leitos, tendo sido hospitalizados 4 516 enfermos, assim discriminados:

1 950 crianças; 1 140 homens; 1 426 mulheres.

Nos hospitais contavam-se 2 aparelhos de Raios X diagnóstico, 4 salas de operação, 2 salas de parto, 4 salas de esterilização, 3 laboratórios e 3 farmácias.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Seis advogados residentes.

Formação judiciária — É comarca de segunda entrância, com 1 juiz.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS

Cooperativas — de crédito	2
Total de sócios	392
Valor dos empréstimos	Cr$ 1 001 301

FESTEJOS POPULARES — Comemora-se anualmente em 21 de janeiro, na paróquia local, o dia de Santa Inês, padroeira da Matriz. Nesse dia, realizam-se procissões, missa campal, etc. "Centro de Tradições Gaúchas" e "Tropeiros da Liberdade". Dito Centro promove costumeiramente bailes à gaúcha. Fazem-se anualmente, duas paradas a cavalo: a 7 de setembro, comemorando a data magna de nossa Independência, e a 20 de outubro, em honra ao "Dia do Gaúcho", apresentando danças folclóricas como "O Pau

23 — 24 946

de Fita", o "Pèzinho" a "Quadrilha" e outras. Apresenta, também, o Centro local, um programa radiofônico semanalmente, recordando as tradições dos pampas. Realizam-se também os festejos fluviais de Nossa Senhora dos Navegantes, em data de 2 de fevereiro.

MONUMENTOS HISTÓRICOS — Existe um monumento histórico no distrito de Alto Uruguai, erguido nos tempos do império, por ocasião da fundação da Colônia Militar, pelo major Antônio Pereira do Lago, em 25 de dezembro de 1879.

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	—	—	2 676	1 543	2 304
1951.......	—	—	3 530	1 851	3 106
1952.......	—	6 927	3 700	1 900	3 685
1953.......	—	12 170	5 780	2 638	5 384
1954.......	—	18 650	7 759	3 125	7 707
1955.......	—	21 572	6 246	2 863	8 701
1956.......	6 476	29 661	10 500	—	—

COLETORIA FEDERAL — A arrecadação é a partir de 22 de fevereiro de 1956. Os dados dos anos anteriores não serão informados, em virtude de a arrecadação naquela época ter-se processado em Palmeira das Missões.

EXATORIA ESTADUAL — Não foi possível o fornecimento dos dados referentes aos anos de 1950 e 1951 por parte do Sr. Exator, em face de os mesmos não se encontrarem nessa Repartição e terem sido recolhidos ao Tesouro do Estado.

PREFEITURA MUNICIPAL — Por intermédio do Senhor Contador da Prefeitura conseguiu-se o fornecimento sòmente do total orçado, de vez que não foi encerrado, até à data da coleta dos dados, o balanço referente ao ano de 1956.

TRIUNFO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Os primitivos habitantes da zona que abrange o município foram os índios Patos, que deram o nome à lagoa, e ao sentirem a presença do branco em seus domínios, trataram de internar-se. Não aceitaram a catequese e, hábeis navegadores que eram, se foram adentrando pelas vias fluviais, no caso o rio Jacuí. Estabeleceram-se em suas margens e retiraram-se de novo ante a aproximação do cristão, deixando vestígios de sua passagem, tais como toldos, apetrechos, etc.

Data de 1752 a primeira sesmaria. Foi a concedida pelo Governador Geral das Capitanias, general Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, a Manuel Gonçalves Meireles, natural de Mondim de Bastos, Portugal, e a sua mulher, Antônia da Costa Barbosa, de Guaratinguetá. Tal sesmaria, chamada da Piedade, foi doada sob a condição de nela se reservar meia légua em quadro para o "rocio da povoação de Nosso Senhor do Bom Jesus do Triumpho". O referido casal, avô do chefe farroupilha Bento Gonçalves, faleceu sem ter executado a cláusula de demarcação para o povoado. Fê-lo um sucessor, Antônio da Cunha Pacheco, em medição realizada em 1819 pelo pilôto José Lemos Dourado Vizeu. Apesar de só nessa data se ter feito a demarcação, começou o povoamento muito antes. Na época em que os meireles se estabeleciam, o capitão Francisco Xavier de Azambuja se instalou no pôrto da Forquilha e deu início à formação do lugarejo. Localizado na confluência dos rios Taquari e Jacuí, recebeu tal nome devido ao aspecto de forquilha que toma a junção dos dois rios. A Azambuja seguiram portuguêses, paulistas e cariocas. Dentre os últimos contavam-se os irmãos Cunha, de cuja operosidade muito se beneficiaria o lugar: Manuel Caetano Pacheco da Cunha, cognominado "Cunha da Olaria", por possuir nos subúrbios uma olaria, donde saiu o material para a construção da maioria das casas; "Cunha do Estaleiro", por ter construído um estabelecimento dêsse gênero no pôrto da atual Vila Kappel; e "Cunha da Volta ou do Moinho" por morar no que é hoje a Volta do Barreto e por ser dono de um moinho. O povoamento deve ter sido muito rápido (considere-se a posição privilegiada do lugar no que se refere a vias naturais de comunicações), pois que, apenas dois anos depois da primeira sesmaria, a 20 de outubro de 1754, era elevado à freguesia, a terceira do Continente de São Pedro, com o nome de Senhor Bom Jesus do Triunfo. Foi seu primeiro Vigário o Padre português Tomás Clarque. Em 1764, a população era acrescida com açorianos de Rio Grande que, fugindo à invasão de Zeballos, aqui se estabeleciam. Pertencendo ao município de Pôrto Alegre desde 1809, prosseguia a freguesia em seu desenvolvimento. Em 1820, a 14 de novembro, criava-se a primeira escola pública e duas semanas depois nomeava-se o primeiro professor, Miguel José de Campos. A 25 de outubro de 1831, Triunfo era elevada a município. A 31 de outubro de 1832, realizavam-se eleições, sendo escolhidos para vereadores Sabino Antônio da Cunha, Presidente, Bernardino Martins de Menezes, Francisco José de Almeida, José Manuel de Leão, José Alexandre de Oliveira, Ricardo José de Vila Nova e Agostinho Teixeira. Com a eclosão do movimento farroupilha, o município foi fortemente agitado, entre outros motivos, pelo fato de ser berço do chefe do movimento, Bento Gonçalves, e de o Vigário da freguesia, Padre Hildebrando de Freitas Pedroso, ser ardoroso republicano. A 3 de fevereiro de 1836, em plena guerra civil, Bento Manuel envia um ofício à Câmara, concitando-a a reconhecer e prestigiar o novo Presidente da Província, Dr. José de Araújo Ribeiro. Por indicação do vereador Luís Barreto, tal proposta é rejeitada por unanimidade, ao mesmo tempo em que, ao consideraram que êle organizara as fôrças para combater os republicanos, responsabilizam Bento Manuel pelas conseqüências da luta fratricida. Alastrando-se a insurreição, toma a Câmara posição em seu favor: culpa o poder central pelos desmandos praticados na Província e repele a pecha de separatista que lhe atiram os imperialistas. Esta decisão teve o apoio da maioria absoluta da população, que estava com os republicanos. Bento Gonçalves, que assediava Pôrto Alegre, sem resultado, já percebera que lhe custaria caro o cêrco, tanto mais que Bento Manoel conseguira rompê-lo. O inimigo não se dispunha ao combate em campo aberto. Resolve, então, levantá-lo: sai de Viamão, em direção a Triunfo com cêrca de 1 500 homens armados e acampa na ma-

drugada de 2 de outubro de 1836 no lugar denominado Pedreira, à margem esquerda do Jacuí, onde morava seu primo Francisco José Lopes. Aí, de imediato, dá ordens para a tropa transpor-se para a ilha do Fanfa, no rio Jacuí, em frente ao arroio dos Ratos. Seu plano consistia em, uma vez transportada a tropa para a ilha, atravessar o braço direito do rio, fazer junção com a Brigada do coronel Domingos Crescêncio que o aguardava na margem direita; e tentar, depois, a ocupação de Pôrto Alegre. Amarga surprêsa, porém, lhe estava reservada. É que Bento Manoel, através de uma rêde de espiões, lhe descobrira todos os planos. A atravessia até a ilha fêz-se normalmente. Terminada que foi, a flotilha legalista de Creenfel, composta da escuna "Legalidade", vapor "Liberal" e mais três canhoneiras, oculta a jusante, contorna a ilha e surpreende os farrapos com intenso canhoneiro. Entrementes, os imperiais de terra colocam-se no ponto onde os republicanos haviam embarcado e de lá rompem cerrada fuzilaria. Colocados entre dois fogos e com inferioridade numérica, assim mesmo decidem resistir. Fazendo a cobertura com intenso fogo de artilharia e fuzilaria, tentam os governistas o desembarque com 400 homens, a mando do coronel Gabriel Gomes Lisboa. Trava-se, então, sangrento corpo a corpo, com emprêgo exclusivo de arma branca, até que cai, mortalmente ferido, o tenente-coronel Carlos José Ribeiro da Costa, dos assaltantes. Em face dessa temerária resistência, os imperialistas tocam a retirada. O total de 120 cadáveres e 200 feridos é o passivo da batalha. Bento Manoel escreve, então, a Bento Gonçalves, exortando-o a render-se. Êste, percebendo a situação de inferioridade em que se encontravam, concorda em parlamentar. Pedidas as condições por escrito, Bento Manoel as apresenta: Liberdade para todos os que reconhecessem como legítimo o Govêrno Central e Provincial, sem executar os chefes rebeldes. Os que estivessem na ilha seriam livres imediatamente; os estacionados em Charqueadas, dentro de cinco dias; e os de Jaguarão e Pelotas, dentro de quinze dias. Os farrapos, por sua vez, entregariam todo o armamento. Assinada a rendição, Bento Manoel, ao contrário do que prometera, prende todos os chefes e só liberta os soldados e outros de baixa categoria. Assim, são aprisionados Bento Gonçalves, Onofre Pires, Marciano Ribeiro, Pedro Boticário, José Calvet, Tito Livio, Zambecari e outros, e remetidos para a fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Acusado de perfídia, Bento Manoel alegou que assim procedera em virtude de Bento Gonçalves, em seu entender, ter agido de má fé ao prevenir o coronel Domingos Crescêncio de que escapasse em vez de ordenar-lhe que se entregasse. Seja como fôr, êsse episódio foi decisivo nos rumos que ulteriormente tomou a resolução. Sabido é que Bento Gonçalves, prêso na Fortaleza de Santa Cruz, daí foi remetido para o Forte do Mar, na Bahia, donde fugiu a nado, regressando à Província e reassumindo o comando do movimento e a Presidência da República. Dois incidentes interessantes se registraram, relacionados com os sucessos acima. Um foi com Luís Barreto, o vereador triunfense. Como que farejando traição, Barreto não se apresentou na hora da rendição, ocultando-se no rio com água até o pescoço e, protegido pelos sarandis — caniços aquáticos —, fugiu à noite. Outro teve como protagonista um magistrado do Rio de Janeiro. Os revolucionários presos impetraram habeas-corpus, sob o fundamento de que estavam encarcerados sem processo formado. Concedeu-o, a 19 de outubro de 1836, o Juiz Justino José Tavares, o que lhe valeu suspensão do cargo e processo, em ato de 23 do mesmo mês do regente Padre Diogo Feijó e referendado pelo Ministro da Justiça, Gustavo de Aguilar Pantoja.

A 22 de maio de 1837, o capitão monaquista Manuel Jacinto surpreende na Fazenda do Pontal a fôrça do tenente Diogo Máximo de Souza, desbaratando-a e infligindo-lhe muitas baixas, entre mortos e feridos, inclusive o próprio Diogo que é morto em combate arrebatando-lhe também, a cavalhada. A 12 de agôsto de 1837, o chefe republicano, general Antônio de Souza Neto, com 700 homens, ataca a vila, defendida em terra pela fôrça do coronel Gabriel Lisboa, de 352 praças; e no rio Jacuí, por uma flotilha. Com a intenção de ajudar os companheiros, esta bombardeia a localidade indiscriminadamente. Dêste modo atinge uns e outros entre os quais o próprio coronel Gabriel, que é ferido mortalmente. Nesse ínterim, os farrapos, em meio a um feroz combate, ganham terreno e encurralam os imperiais. Inúmeros dêles, desesperados, jogam-se nágua, dos quais alguns se refugiam nas canhoneiras e outros morrem afogados.

Encerrando o decênio farroupilha, já no ano seguinte visitavam o lugar, Suas Majestades Imperiais, visita seguida depois pela da Princesa Imperial e o Conde D'Eu. Em 1848 instalava-se o Teatro União, que desempenharia relevante papel na vida cultural de Triunfo, fruto da iniciativa de Luiz Barreto. Nêle, durante décadas, levaram-se à cena peças variadas, muitas de real valor artístico. Em 1858, havia navegação regular entre o pôrto local — escala para outros portos do Jacuí — e Pôrto Alegre, realizando-se no ano anterior 52 viagens, nas quais se transportaram 1 098 passageiros. A Lei n.º 1 152, de 24 de maio de 1878, elevara o município à comarca — a 5.ª da Província —, com São Jerônimo como têrmo, sendo primeiro Juiz o Dr. João da Cunha Pereira Beltrão. A república teve aqui seus primeiros adeptos nas pessoas dos cidadãos tenente-coronel José Manuel da Maia Filho, Sílvio de Oliveira Gonçalves, João Ferreira de Carvalho, Antônio Barbosa da Silva, Antônio Olegário Moreira do Rio e José e João Alves Massena. Com a proclamação a 15 de novembro de 1889, tratou-se de organizar o novo Govêrno local. Para isto, nomeou-se uma Junta Provisória, composta de Generoso Alves da Rosa, Presidente, Cirilo Marcondes de Melo Maia e Francisco Antônio de Amorim. Durante o tempo da dissidência republicana, refugiara-se na ilha do Fanfa, na casa do coronel João Ferreira de Carvalho, o Dr. Barros Cassal que, em face da assunção do novo Govêrno, foi escolhido para ocupar um dos principais postos. A nova ordem de cousas repercutiu no município através das destituição da citada Junta e da nomeação, para substituí-la, de outra, constituída de João Batista Machado, Presidente, Francisco das Chagas Henriques e Otto Spalding. Com a volta de Júlio de Castilhos ao poder, retomou as rédeas do município Generoso Alves da Rosa, desta vez acompanhado de Joaquim Antônio da Cruz e David Alves Massena. A 20 de setembro de 1892, era nomeado intendente provisório o coronel Sílvio de Oliveira Gonçalves, confir-

A bissecular Igreja-Matriz, feèricamente iluminada

mado posteriormente no cargo nas primeiras eleições republicanas. A 10 de outubro de 1892, tomava posse o primeiro Conselho Municipal: José Manoel da Maia Filho, Presidente, Henrique de Oliveira Castro, Francisco das Chagas Henriques, Francisco Antônio de Amorim, José Alves Massena e Generoso Alves da Rosa. A 20 de outubro, votavam a Lei Orgânica do Município.

Triunfo que, ao se tornar município, tinha um território de 17 500 quilômetros quadrados, foi sendo mutilado pouco a pouco a ponto de, no início da República, estar reduzido a pouco mais de 800 quilômetros quadrados. Dêle se desmembraram Taquari, Montenegro, São Jerônimo, Estrêla e General Câmara, dos quais alguns deram origem a outros municípios. Na Presidência Fernando Abbot decidiu-se diminuir-lhe ainda mais o território, com o que não se conformaram os triunfenses; através de Francisco Chagas Henriques, obtiveram a revogação daquela medida. A revolução federalista não teve maiores conseqüências na comuna, a não ser a formação de corpos para lutar numa ou noutra facção, e a perda de cavalhada e gado, arrebanhados para satisfazer a necessidade das fôrças. No quatriênio da administração do coronel Manuel da Silva Machado Filho, 1912-1916, foi inaugurada, na sede, cuja população orçava em 1 594 habitantes, a rêde de luz elétrica. O município, em 1914, tinha 8 200 habitantes e a riqueza pecuária era o que segue: 18 000 bovinos; 6 000 eqüinos; 3 000 ovinos e 10 000 suínos. A 14 de julho de 1921, inaugurava-se o grupo escolar. Enquanto durou a revolta de 1923, apenas um acontecimento perturbou Triunfo: o combate que o coronel assisista Manuel Higino Pereira travou nos seus arredores e a posterior ocupação por êle, da vila, a 26 de junho. Com o retôrno à normalidade, o município poderia apresentar, quatro anos após, as seguintes cifras: a próspera lavoura arrozeira atingia 2 466 000 quilogramas; o milho — 531 820 kg; o feijão — 255 000 kg; a farinha de mandioca — 361 050 kg, produzidas em 53 atafonas; e as indústrias principais — móveis, tijolos e telhas — com uma produção no valor de 1.738:000$000. A silvicultura também se desenvolvia com rapidez — milhares de pés de eucaliptos cobriam-lhe o território. A 14 de abril de 1938, o município se ligava à capital do Estado, pela estrada de ferro, ao ser posta em tráfego a variante do Barreto.

BIBLIOGRAFIA — *O Município de Triunfo* — Marino Josetti de Almeida. *Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul* — 3.º e 4.º trimestres do ano 11.º. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul* — Otávio Augusto de Faria

VULTO ILUSTRE — *General Bento Gonçalves da Silva* — Nasceu em Triunfo, aos 23 de setembro de 1788. Guerreiro e homem público de eméritas qualidades, chefiou a revolução de 1835. Faleceu na freguesia de Pedras Brancas, aos 18 de julho de 1847. Em 1811, alistou-se no Exército e seguiu para o Uruguai, onde combateu sob o comando de D. Diogo de Souza. Durante a ocupação brasileira no Uruguai, foi alcaide na vila de Melo. Na luta mantida contra Artigas, destacou-se galhardamente, derrotando, um a um, os mais temidos chefes inimigos. Em 1818, em Currale, alcançou expressiva vitória sôbre o caudilho Morera. E, nos anos subseqüentes, não menos expressivas foram as derrotas que infligiu a Fernando Ortoguez, ao famoso Lopez Chico e a Aguilar. Em 12 de outubro de 1825, comandou o 39.º Corpo de Milícias no combate de Sarandi. Tomou parte ativa na batalha do Passo do Rosário. Em 1829, no pôsto de coronel de Estado-Maior, foi nomeado comandante do 4.º Regimento de Cavalaria de 1.ª linha. Uma das altas expressões que era do Partido Liberal, foi escolhido, em 1835, para chefiar a revolução Farroupilha. Prêso por ordem da Côrte, mesmo assim, quando após o combate de Seival, o coronel Neto proclamou a República de Piratini, Bento Gonçalves foi eleito Presidente da mesma. Fugindo da prisão assumiu o cargo para o qual fôra eleito, procurando de imediato firmar o novo regime, sob princípios democráticos. Em 1.º de dezembro de 1842, instalou-se a 1.ª Constituinte da novel República. Três anos mais tarde, no entanto, não podendo as fôrças revolucionárias fazer frente aos numerosos e bem armados contingentes imperiais, Bento Gonçalves é levado a aceitar os têrmos de uma paz honrosa. No ato do tratado de paz,

Rua 15 de Novembro

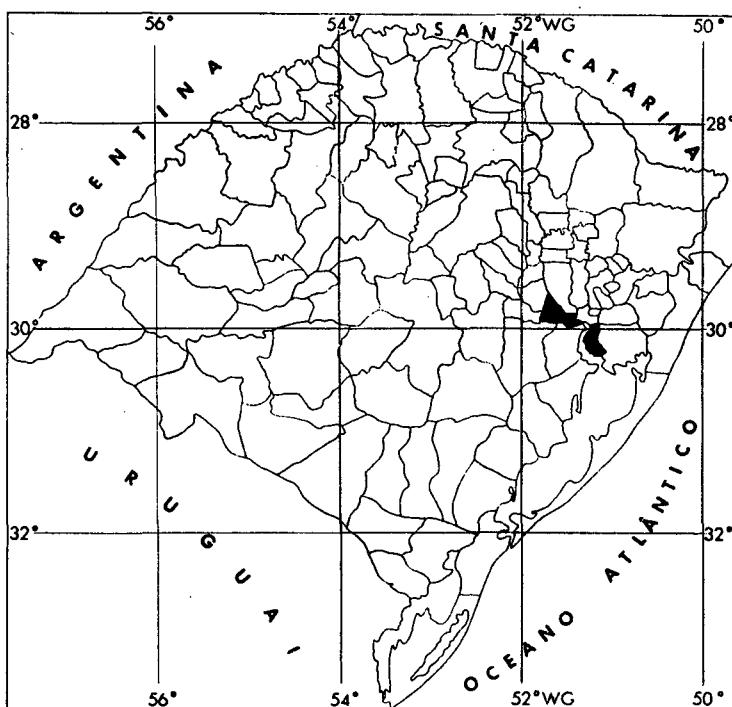
esforçou-se para "assegurar aos seus companheiros de jornada tôdas as vantagens e garantias possíveis, sem nada pedir para si".

POPULAÇÃO — Conta o município de Triunfo 23 960 habitantes, localizando-se 2 590 na sede e 11 370 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 16,76 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto a população correspondia a 0,29% da total do Estado. Área: 833 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Triunfo e vilas de Costa da Cadeia, Passo Raso e Pôrto Batista.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Triunfo	303	5	98	70	20	233

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 56' 38" de latitude Sul e 51° 43' 21" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo W.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 48 km. Altitude: 43 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Os rios Jacuí, Taquari e Caí, nas partes mais volumosas de seus cursos, limitam por três lados as fronteiras do município, regando-lhe as terras marginais e as ilhas que costeiam a sede e distritos de Pôrto Batista e Passo Raso. Além dessas correntes de água, por si sós capazes de caracterizar a riqueza dum sistema hidrográfico, ainda outras, de menor curso e volume, cortam o território em tôdas as direções, tais como os arroios Gil, Passo Fundo, Passo Raso, Passinhos, Santa Cruz e outros. Não têm os morros do município maior significação quanto à altura, que oscila entre 50 e 150 metros. Destacam-se, porém, o dos Marinheiros, Catupi, Lopes, Santana e Vargas. Variedades de peixes dos rios do município: dourado, piava, pintado, jundiá, traíra e bagre. A pesca não tem expressão econômica.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias ocorridas em 1956, em graus centígrados, foram: das máximas — 24,8; das mínimas — 13,9; compensada — 18,8. Precipitação anual das chuvas: 1 124 mm. Ocorrência das geadas: nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Taquari e Montenegro; ao sul e oeste: rios Taquari e Jacuí; a leste: rio Caí.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — Tem regular desenvoltura no município, quer pelas condições locais, tais como boas aguadas e pastagens, quer pela situação geográfica, isto é, proximidade de um grande centro consumidor: Pôrto Alegre. Principais criadores de bovinos: Mario Avila, Silvio Fornari Filho, Afonso Henriques e Inácio Wolkveis, raças preferidas: devon, duran, holandês e zebu. Ovinos: É adquirida a raça romney para cruzamento com a comum, tendo como principais criadores: Ruy Moreira, Protasio Moreira e João Paulo Moreira. Suínos: as raças preferidas pelos criadores são: duroc-jérsei, piau e caruncho, tendo como principais criadores: Homero Reis, Helmuth Glim, Percy Mundi e Thelmo de Jesus Merg. Eqüinos: raças preferidas: árabe, inglêsa e crioula; principais criadores: Francisco Lopes Borba, João Fornari Sobrinho, Adolfo Keiser, Afonso Henriques e Viúva Arthur Bopp & Cia. A aquisição de gado para invernar é feita nos municípios de Livramento e Bagé, as vendas, para as praças de Montenegro, Taquari e Pôrto Alegre.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.° de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	30 800	52 360
Eqüinos	3 900	3 900
Suínos	4 600	2 760
Ovinos	2 200	616
Caprinos	300	45

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	94 960	1 688 112,00
Carne verde de suíno	2 876	49 755,00
Carne verde de ovino	2 223	21 341,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	14 862	156 360,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	10 892	111 098,00
Pele sêca de ovino	116	2 088,00
Toucinho fresco	3 782	65 807,00
Total	129 711	2 094 561,00

Agricultura — O município tem na orizicultura uma boa fonte de renda, embora na agricultura local impere a policultura.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	7 014	27 472
Milho	1 356	4 068
Mandioca	8 185	2 046
Fumo	252	1 680

Valor total da produção: Cr$ 35 639 920,00.

Avicultura — No município encontra-se 1 criador organizado, que é o proprietário da Granja Lily, Sr. Percy Mundi, criador das raças: plymouth, new-hampshire e leghorn, exportando ovos para as praças de Pôrto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Os demais criadores, não organizados, criam aves comuns, atingindo o valor total da criação Cr$ 5 945 000,00.

Apicultura — A apicultura no município não é muito explorada, existindo, no entanto, alguns criadores, sendo os principais: Irmãos Dill, Irmãos Fanfa e Alfredo Charão; o total da produção é estimado em Cr$ 160 000,00.

Indústria — Em 1955, funcionaram 48 estabelecimentos industriais, ocupando a média mensal de 265 operários; a produção somou Cr$ 9 061 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Ind. alimentares, 25,8%; da bebida, 5,3%; da madeira: 1,1%; Transformação de produtos minerais: 28%; do mobiliário, 34%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	12
Fazendas, miudezas em geral	2

O comércio mantém transações comerciais com os municípios de Montenegro, Taquari, São Jerônimo e Pôrto Alegre. Não há agências bancárias no município, as transações são feitas em São Jerônimo.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: São Jerônimo: fluvial (0,8 km); General Câmara: fluvial (6 km); Taquari: fluvial (36 km); rodov. (41 km); Montenegro: rodov. (49 km) Canoas: rodov. (60 km). Capital do Estado — fluvial (65 km). Capital Federal: via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, marítima (1 614 km).

ASPECTOS URBANOS — A usina termelétrica é propriedade do Estado, funcionando a título precário até a instalação de um cabo subfluvial, que ligará a termelétrica de São Jerônimo a esta cidade, quando Triunfo contará então com fôrça e luz em abundância.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	34
Ruas	15
Avenidas	11
Becos	1
Travessas	2
Ladeiras	2
Estradas	3

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedras irregulares	5 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Arborizados	7
Arborizados e ajardinados simultâneamente	2

EDIFICAÇÕES

Número de prédios (total)	759
Zona urbana	447
Zona suburbana	312

Rua Flôres da Cunha

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	744
2 pavimentos	15

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	697
Residenciais e outros fins	42
Exclusivamente a outros fins	20

RÊDE ELÉTRICA

N.º de ligações elétricas domiciliares	265
N.º de focos para iluminação pública	110

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	121 800 kWh
Consumo para iluminação pública	29 800 kWh
Consumo para fôrça motriz em todo o munic.	32 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	14
Taxa mensal cobrada, residências	Cr$ 200,00
Comércio e indústria	Cr$ 500,00
Uma Agência telefônica em Barreto	

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há no município uma Agência Postal-telegráfica.

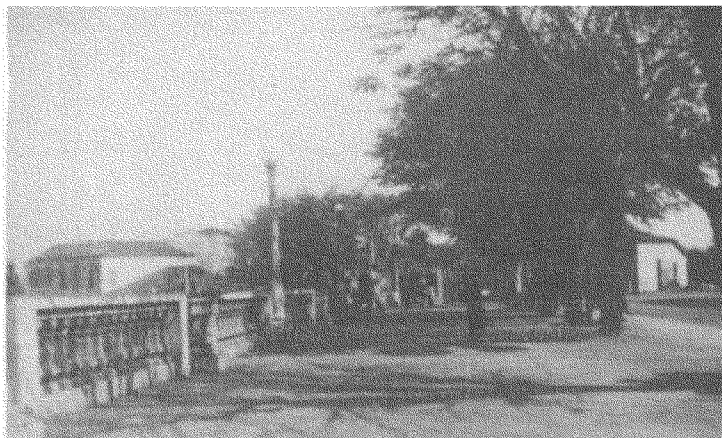
HOTÉIS E PENSÕES — Conta a sede municipal com 1 Hotel, diárias para solteiro Cr$ 130,00, para casal ...... Cr$ 220,00.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	43
Ônibus	2
Camionetas	5
Motociclo	1
Total	51

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	22
Cisternas	2
Tratores	15
Reboques	2
Total	41

Vista parcial da Praça Bento Gonçalves

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	35
Bicicletas	20
Total	55

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	265
Carroças de quatro rodas	450
Total	715

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente, 57% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 49%. Em 1955 havia 42 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 1 482 alunos matriculados.

Outros aspectos culturais — Três sociedades recreativas; 3 sociedades desportivas; 3 bibliotecas, a saber: Biblioteca Coronel João Maia, mantida pela Prefeitura, com 1 082 volumes; Biblioteca Olavo Bilac do Museu Farroupilha, de propriedade do Sr. José Luiz de Freitas, com 1 125 volumes, e a Biblioteca Afonso Machado Coelho, com 680 volumes. As duas primeiras de caráter geral e a última, estudantil.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Há oito canchas retas espalhadas pelo município, sendo que a mais concorrida é a da sede, de propriedade do Sr. Thelmo de Jesus Merg, criador de cavalos de corrida. No ano de 1956, houve 8 carreiras na referida cancha, com cavalos do criador acima, e de outros municípios. O movimento de apostas estima-se em Cr$ 720 000,00.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 2 médicos, 4 dentistas e 1 farmacêutico. Em 1955, já contava o município com 1 hospital, com 24 leitos, tendo sido internados 372 enfermos assim discriminados: 89 crianças, 135 homens e 148 mulheres. Contava êste hospital com uma sala de operações e uma de partos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Quatro advogados residentes.

ENGENHEIRO RESIDENTE — Um engenheiro residente.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Jurisdicionado por São Jerônimo.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVA — de Consumo — 1; total de sócios — 91; valor dos serviços executados — Cr$ 1 044 471,00.

FESTEJOS POPULARES — Aos 6 de agôsto e 16 de outubro de cada ano, realizam-se as festividades religiosas do Padroeiro da Paróquia da cidade e Nossa Senhora do Rosário. Realizam-se ainda nas Capelas do interior do município várias festas, sem dia nem período certos. Existe nesta cidade um Centro de Tradições Gaúchas, denominado Rodeio, Centro e Tradições, sendo sua sede nos fundos do Clube Comercial Centenário, em um rancho de barro coberto de capim, onde são assados suculentos churrascos.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Casa onde nasceu o General Bento Gonçalves, conservada como patrimônio do Estado, sendo muito visitada. Há também a Igreja do Padroeiro Bom Jesus, do sistema gótico antigo e construída há mais de 200 anos.

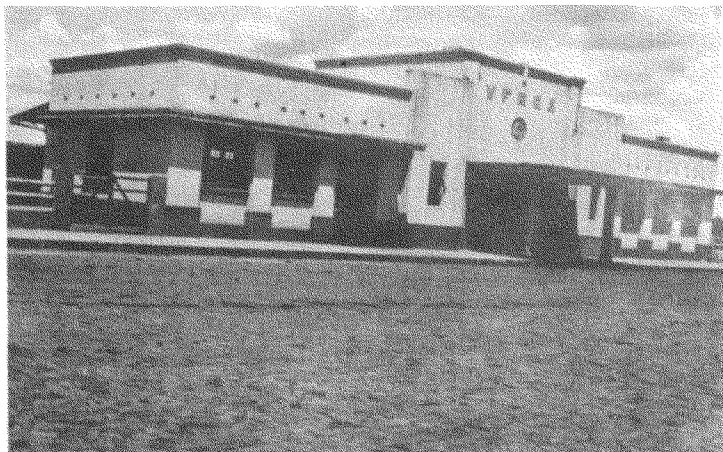
FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	423	778	664	256	702
1951	591	1 178	776	299	787
1952	674	1 165	921	329	853
1953	792	1 352	1 318	445	2 050
1954	1 007	2 162	1 239	495	2 177
1955	1 190	2 033	1 612	779	2 610
1956	(1) 1 384	2 973	1 810	965	1 850

(1) Orçamento.

TUPANCIRETÃ — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A zona onde atualmente se ergue o município de Tupanciretã parece ter sido povoada inicialmente pelos índios charruas e minuanos. Fundadas as Missões, em fins do século XVII, uma fazenda jesuítica foi construída no planalto da Coxilha Grande, onde nascem os cursos de água de Caneleira, Buracos e Ijuìzinho. Pertencia à Redução de São João, e possuía uma capela, currais e arvoredos frutíferos. Batidos os estrangeiros na luta pela posse das Missões, depois de 1801 os índios venderam os rincões da fazenda, consumindo seus gados, e retirando-se a seguir. Após alguns anos, ficou baldio êsse campo, com apenas o velho rancho que servia de pouso aos raríssimos viandantes provindos de São Martinho. Em 21 de outubro de 1843 foram aquelas terras incorporadas à Fazenda Nacional em virtude de lei. Surge então o Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, para advogar a causa de Alexandre Jacinto da Silva e João Nunes da Silva, que, ocupando a região da antiga fazenda, consideravam-se legítimos proprietários dela, tendo ganho de causa. Assim, temos os dois primeiros ocupantes efetivos de Tupanciretã em Alexandre Jacinto da Silva e João Nunes da Silva. Em 1857 dissolve-se a sociedade entre êles, ficando a estância novamente abandonada, vendida depois aos pedaços pelos herdeiros de João Nunes. Já então a denominação do local era Tupanciretã (*Tupã* = Deus; *Sy* = mãe; *Retã* = terra) que significa-

Estação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul

va Terra da Mãe de Deus, invocação da Virgem feita pelos Jesuítas no idioma bárbaro dos índios.

Consta que por volta de 1835 foram morar na região Albino J. Silveira e Ana Silveira, sendo um de seus filhos, Antônio José Silveira, mais tarde o fundador da povoação. Diversas famílias para lá se transladavam, trabalhando e fazendo progredir aquelas plagas.

Em 1865 muitos se retiraram dali para ir combater no Exército Imperial, a tirania de Solano Lopez.

A 28 de dezembro de 1894, Antônio José da Silveira mandou efetuar medição de suas propriedades, o que foi feito por Antônio Edler. A intenção do proprietário era amparar a quantos, saídos da luta fratricida, procurassem um recanto onde ganhar a própria subsistência. Deram terras de Tupanciretã, sem ônus algum, a quem quisesse edificar, entregando-as ao Conselho Municipal de Vila Rica. Em março de 1895 estava traçada a área do futuro povoado.

Antônio José Silveira, em 19 de setembro de 1897, doava à Igreja Católica Apostólica Romana a Praça de Frei Galvão, a fim de ser ali erigida uma igreja consagrada à Mãe de Deus. A 29 do mesmo mês, com as solenidades de estilo, era lançada a pedra fundamental do templo.

Entre os primeiros habitantes, figuram Felipe Amâncio Licht, João Krebs, José Carlos de Morais, Prudêncio Silveira, Serafim Silveira, Luiz Gonzaga de Azevedo, Augusto Scharleand, Eugênio Veríssimo e muitos outros.

A 17 de agôsto de 1903 surgia o primeiro órgão de imprensa: "O Tupanceretan", dirigido por Vaz Ferreira. A população atingia então 800 pessoas.

A 20 de fevereiro de 1908 instalava-se a charqueada, um estabelecimento exemplar. Em 1913 era fundado, após uma assembléia popular, o primeiro colégio; em 1919, instalava-se a primeira agência bancária; em 1927, era criada a paróquia de Madre de Deus de Tupanciretã; em 1923, criava-se uma coletoria no povoado. Assim ia se desenvolvendo Tupanciretã, na primeira quadra do século. Em 1927, inicia-se a campanha pela emancipação. Era de fato, lamentável sua situação jurídica: a rua principal era divisa de dois municípios; sua arrecadação, invertida nas duas sedes, nunca no povoado. Em 1928 a população atingia 3 953 habitantes; a receita arrecadada chegava a 100:000$000, a qual ia para Cruz Alta e Júlio de Castilhos. A 21 de dezembro de 1928, sendo Presidente do Estado o Dr. Getúlio Dornelles Vargas, era assinado o Decreto que criava o município de Tupanciretã. Foi constituído com o 2.º, 3.º e 7.º distritos de Júlio de Castilhos, o 2.º de Cruz Alta e parte do 8.º de Santo Ângelo — com um total de 8 000 habitantes.

Pelo Decreto n.º 4 201 foi nomeado intendente provisório o coronel Estácio do Nascimento e Silva. A instalação deu-se no Clube Comercial, a 3 de janeiro de 1929. A 6 de fevereiro de 1929 realizavam-se as primeiras eleições. Para intendente foi eleito o coronel Estácio do Nascimento e Silva, e para Vice-intendente, o Dr. Edmar Kruel. Foram eleitos também os conselheiros — Carlos Gomes de Abreu, José Libindo Viana, João Prestes dos Santos, Piragibe Pinto, Podaliro Claro Pontes, Firmino Silveira de Ávila e Arisoli Ribeiro. A posse deu-se a 4 de março do mesmo ano. Foi eleito presidente do Conselho Municipal o coronel José Libindo Viana.

Em 1932, ocorrendo o movimento revolucionário constitucionalista partido de São Paulo, contra o Govêrno Provisório da República, formou-se em Tupanciretã uma coluna de 800 homens, sob o comando do coronel Marcial Terra, apoiando o movimento insurgente, ocorrendo pouco mais tarde a pacificação. Daí por diante a região não foi mais palco de sucessos militares e pôde dedicar-se à construção de um dos rincões mais progressistas e acolhedores do Estado.

BIBLIOGRAFIA — *Tupan-Cy-Retan* — Manoelito de Ornellas.

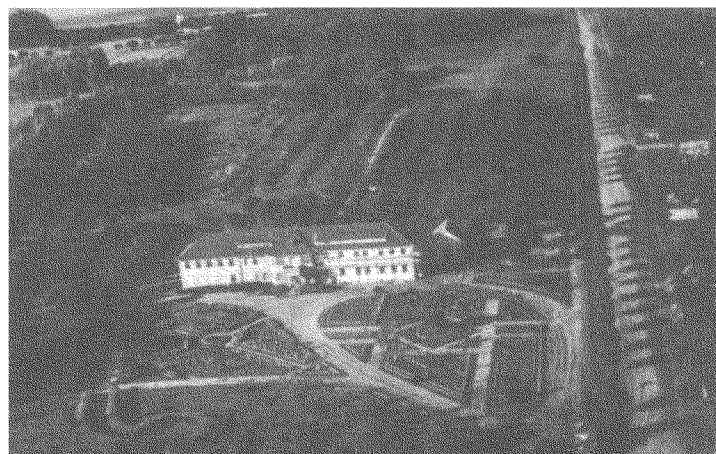
VULTOS ILUSTRES — *Joaquim Luiz de Lima* — Nascido no ano de 1841, foi um dos grandes benfeitores de Tupanciretã. Embora não sendo filho do município, radicou-se nêle, onde trabalhou ativamente para o seu progresso, durante longos anos.

Às ordens de Osório, serviu como capitão na guerra contra o Govêrno do Paraguai. Ferido em "Curupaiti" após atuação corajosa, foi recolhido ao Hospital de Corrientes.

Colaborou muito no movimento de emancipação, sem contudo poder assistir o dia de seus sonhos, morrendo a 16 de fevereiro de 1927.

Raul Bopp — Nascido em Tupanciretã, Raul Bopp é um dos mais notáveis poetas brasileiros.

Jovem ainda, nas ruas de Tupanciretã, em noites de luar, encontrava a poesia e a transmitia em serenatas.

Depois, na expressão notável de Manoelito de Ornellas, "Enfermou de nomadismo... Quis conhecer o mundo.

Vista aérea do Hospital de Caridade Brasilina Terra

Sentir emoções estranhas. Ouvir outras línguas. Conhecer outros povos".

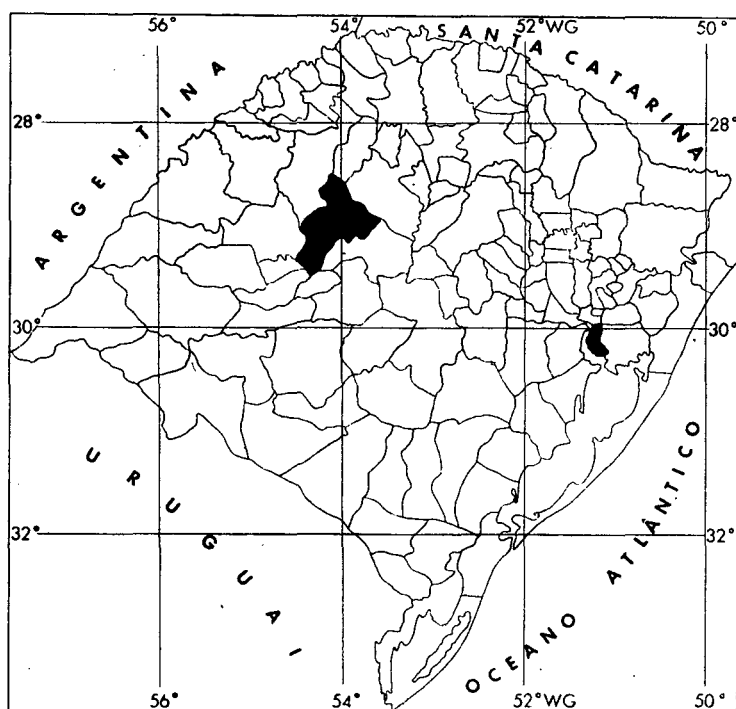
No dizer de Oswaldo de Andrade, "Raul Bopp é a natureza mais amável da poesia brasileira. Após percorrer tôda a América do Sul, e o Brasil, visitou Japão, China, Rússia, Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra e Estados Unidos. Formado em Direito, em São Paulo, não exerceu sua profissão, preferindo a poesia e a diplomacia. Foi Cônsul-Geral do Brasil no Japão. Suas mais valiosas obras são "Urucungo", em que canta o negro brasileiro, e "Cobra Norato", seu grande poema amazônico.

POPULAÇÃO — Conta o município de Tupanciretã 28 360 habitantes, localizando-se 5 990 na sede e 22 370 na zona rural, conforme estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956; apresenta a densidade demográfica de 6,93 habitantes por quilômetro quadrado; 0,59% sôbre a população total do Estado. Área: 4 095 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Tupanciretã; vilas: Jari, Jóia e Toropi.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Tupanciretã....	783	18	183	264	75	519

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal, 29° 04' 30" de latitude Sul e 53° 51' de longitude W.Gr. Posição relativamente à capital do Estado: rumo W.N.W.; distância em linha reta da Capital do Estado: 275 km. Altitude: 508 m.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rios: Jaguari, Ijuìzinho, Guassuí, Ivaí, Toropi e Caneleira. Cachoeiras: do rio Ijuìzinho, localizada no distrito de Jóia; Cachoeira do rio Jaguari, localizada em Veado Branco, no distrito de Toropi, divisa com o município de Jaguari; Cachoeira do rio Toropi Mirim, no distrito de Toropi, divisa com o município de Júlio de Castilhos. Serras: Serra de São Xavier. A pesca não é explorada econômicamente. Variedades: traíra, jundiá, dourado, salmão, piava, voga, grumatã e tambicu.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas, em grau centígrado, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas — 24,0; das mínimas — 14,1; compensada: 18,9. Chuvas: precipitação anual de 1 320 mm. Geada: meses de maio a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Ijuí e Santo Ângelo; ao sul: General Vargas e São Pedro do Sul; a leste: Cruz Alta e Júlio de Castilhos; a oeste: Santo Ângelo, Santiago e Jaguari.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — O município tem, na pecuária, sua maior expressão econômica, merecendo destaque a criação de bovinos. As raças preferidas são: bovinos: charolês, hereford, polled-angus, zebu, jérsei e holandês. Ovinos: merinos, corriedale e romney marsh. Suínos: duroc jérsei, Wessex-sadleback, beskshire e piau. Eqüinos: árabe, crioulo e inglês.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	179 700	287 520
Eqüinos	16 700	15 030
Muares	2 000	2 200
Suínos	28 100	19 670
Ovinos	120 000	34 800

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	676 810	10 580 426
Carne frigorificada de bovino	2 371 536	40 189 436
Charque de bovino	880 860	29 425 300
Carne verde de suíno	78 365	1 381 706
Carne verde de ovino	100 084	1 564 540
Carne verde de boi, vaca e vitelo	33 392	183 656
Couro sêco de boi, vaca e vitelo ..	95 784	1 149 408
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	511 743	6 837 682
Pele salgada de nonato	75	2 920
Pele sêca de ovino	5 270	126 480
Toucinho fresco	101 897	1 633 204
Sebo industrial	472 468	8 091 537
T o t a l....................	5 328 287	101 166 295
Secundários	627 220	7 236 467
T o t a l G e r a l	5 955 507	108 402 762

Avicultura — Principais criadores: Serafim Corrêa de Barros, Juvenal Viana e Mário Fernandes. Raças predominantes: Plymouth, new-hampshire, leghorn e rhode. Valor da criação: Cr$ 300 000,00.

Apicultura — Os principais apicultores são: Camilo Machado, Germano Hass e Elmo Stiel, com uma produção avaliada em Cr$ 260 000,00.

Agricultura — Tem grande expressão para a vida da comunidade, onde a triticultura atinge um elevado índice de mecanização, situando-se como uma das principais lavou-

Prefeitura Municipal

ras do município. Principais triticultores: Alceu Bañolas Ribas, Alcindo Guanabara Ribas, Anacleto Vargas Beker, Antonio Monge dos Santos, Brasilio Agbreu Terra, José Silveira, Carlos Mariense de Abreu, Eduardo Ribeiro Bonumá, Evandro Kruel, Francisco de Paula Salles, Francisco Rodrigues de Castro, Guido Perobeli, Heitor Medeiros Martins, Helio Brum Fobliatto, Honorio Burtet, João Alfredo Morais, Dr. Julio Casarim, Luiz Gonzaga Corrêa de Barros Salles, Maria Amalia Pereira de Atanizio, Walter Hugo Biavaski (Dr.) e Tamarino Padilha da Silva. Áreas cultivadas: Trigo — 5 000 ha. Milho — 3 400 ha. Mandioca — 300 ha. Alfafa — 330 ha. Linho — 250 ha. Feijão — 1 800 ha. Soja — 250 ha. Arroz — 600 ha. Feijão — 1 800 ha. Fumo — 48 ha e aveia — 200 ha.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Culturas	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	33 873	132 669
Trigo	2 900	14 500
Milho	960	3 200
Girassol	728	2 912

Valor total da produção: Cr$ 158 833 810,00.

Indústria — Tupanciretã conta 59 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 579 operários. O valor da produção industrial, em 1955, foi de Cr$ 205 017 000,00. A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: ind. alimentares, 73,9%, predominância de carnes e conservas de carne; ind. de bebidas, 0,1%; ind. da madeira, 0,8%; transf. de produtos minerais, 0,5%; couros e produtos similares, 9,4%; ind. químicas e farmacêuticas, 14,7%; ind. têxteis, 0,3%.

COMÉRCIO E BANCOS — Casas comerciais existentes na sede:

Secos e molhados	22
Ferragens	3
Fazendas	9
Armarinhos	6
Móveis	2
Rádios, eletrolas	5

Cidades com que o município mantém transações comerciais: no Estado — Santo Ângelo, Ijuí, São Pedro do Sul, Pôrto Alegre, Cruz Alta, Caxias, Bento Gonçalves, Rio Grande, etc. Outros Estados — Salvador, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Florianópolis.

Na sede do município existem 4 agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: General Vargas: rodov. (202 km) ou misto: a) ferrov. (190 km) até a estação de Umbu e b) rodov. (22 km); Jaguari ferrov. V.F.R.G.S. (224 km) ou rodov. via Santa Maria (228 quilômetros); 3. Santiago: ferrov. (294 km) ou rodov. (168 km); 4. Santo Ângelo: ferrov. (172 km) ou rodov. (181 km); Ijuí: ferrov. (116 km) ou rodov. (111 km); Cruz Alta: ferrov. (63 km) ou rodov. (60 km); Júlio de Castilhos: ferrov. (26 km), ou rodov. (26 km); São Pedro do Sul: ferrov. (154 km) ou rodov. (136 km). Dista da Capital do Estado — ferrov. V.F.R.G.S. (487 km), ou misto: a) ferrov. (63 km), ou rodov. (60 km) até Cruz Alta e b) aéreo (228 km) ou misto: a) ferrov. V.F.R.G.S. (99 km) até Santa Maria e b) aéreo (265 km). Dista da Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao DF, veja-se "Pôrto Alegre" ou ferrov. V.F.R.G.S. (435 km) até Marcelino Ramos. Daí ao DF, ver Marcelino Ramos.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica, sistema hidrelétrico (cascata do Ivaí no município de Júlio de Castilhos).

EDIFICAÇÕES

Número de prédios (total)	1 883
Zona urbana	1 030
Zona suburbana	853

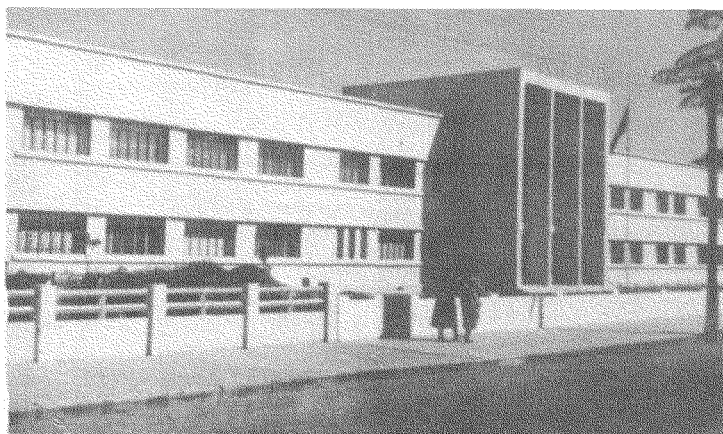
SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 848
2 pavimentos	33
3 pavimentos	1
5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 661
Residenciais e outros fins	131
Exclusivamente a outros fins	91

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	86
Ruas	72
Avenidas	3
Becos	1
Travessas	4
Outros	6

Ginásio Estadual "Mãe de Deus"

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Pedra britada	2 400m²
Cascalho	3 200 m²
Pedras irregulares	71 406 m²
Pedra melhorada	16 200 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente calçados com pedras irregulares	5
Parcialmente calçados com pedras irregulares	8
Arborizados	3
Arborizados e ajardinados simultâneamente	4

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	30
Número de ligações elétricas domiciliares	1 236
Número de focos para iluminação pública	1 000

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	93
Taxa mensal cobrada — Residencias	Cr$ 100,70
Comércio e indústria	Cr$ 232,20

HOTÉIS E PENSÕES — Há dois hotéis no município, cujas diárias oscilam entre Cr$ 150,00 e Cr$ 120,00 por pessoa, e duas pensões cujas diárias são de Cr$ 120,00 por pessoa.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

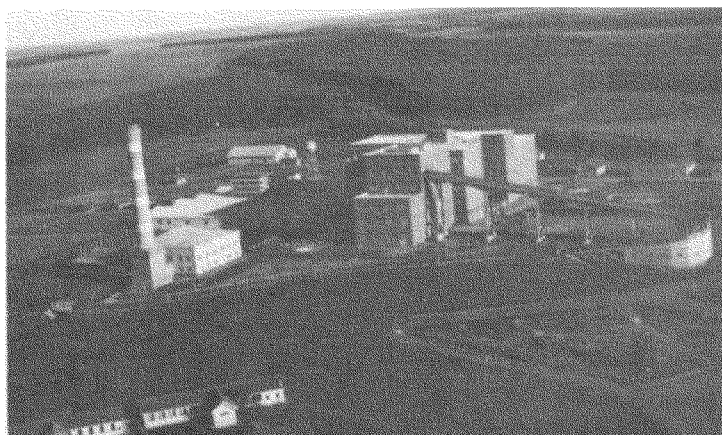
A motor para passageiros

Automóveis	190
Ônibus	6
Camionetas	1
Motociclos	3
Total	200

Para transporte de cargas

Caminhões	60
Camionetas	26
Tratores	50
Reboques	10
Total	146

A fôrça animada para passageiros

Carros de duras rodas	43
Bicicletas	26
Total	69

Vista aérea do Frigorífico Tupanciretã

Vista parcial aérea da cidade

Para cargas

Carroças de duas rodas	16
Carroças de quatro rodas	142
Outros	50
Total	208

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 61% das pessoas presentes de 10 anos e mais sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) é de 54%. Em 1955 havia 66 unidades escolares do ensino fundamental comum com 2 957 alunos matriculados. Existem no município um ginásio, uma escola de comércio e uma unidade de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Funcionam na cidade 3 sociedades recreativas; 4 sociedades desportivas; 3 bibliotecas, 2 pertencentes a sociedades recreativas, 1 ao Grupo Escolar; 1 tipografia, 1 livraria. Tôdas as bibliotecas possuem menos de 1 000 volumes cada uma. Rádio Tupanciretã Ltda., estação de ondas médias, freqüência 1 480 kc, potência 100 watts, 2 microfones, 1 000 discos aproximadamente, 4 pessoas empregadas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Conta o município 4 hospitais, com um total de 107 leitos; e 1 Pôsto de Saúde. Em 1955, foram internados 1 193 enfermos, sendo 286 homens, 583 mulheres e 324 crianças. Há 1 aparelho de raios X diagnóstico, 3 salas de operação, 4 salas de parto e 3 salas de esterilização; 1 farmácia e 2 laboratórios. Exercem a profissão 5 médicos, 3 dentistas e 6 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — União Operária Mútuo Socorro — Conferência Vicentina.

PREVENÇÃO SANITÁRIA ANIMAL E VEGETAL — 4 veterinários e 3 agrônomos.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — 6 advogados.

ENGENHEIROS RESIDENTES — Há no município apenas 1 engenheiro.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância, com 1 juiz.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 2; de Consumo — 3; total de sócios — 391; valor dos serviços executados — Cr$ 107 689 820,00.

SINDICATOS — Sindicatos dos Operários em Construção civil e Sindicato dos Trabalhadores na Ind. de Carnes e Derivados.

FESTEJOS POPULARES — Procissão de Nossa Senhora Mãe de Deus, padroeira do município, realizada a 8 de dezembro. Existe na cidade um centro de tradições gaúchas, "Tapera Velha", que realiza bailes, com trajes, músicas, ornamentações do recinto, tudo como usavam os gaúchos de outrora, conservando, assim, as tradições e usos do Rio Grande do Sul.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Há no município um campo de pouso do aeroclube, de Tupanciretã, em caráter provisório.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	—	—	2 380	761	2 576
1951	2 653	—	3 374	775	3 394
1952	2 790	9 260	3 052	752	3 109
1953	4 364	15 442	3 692	1 365	3 916
1954	3 481	17 822	3 915	1 306	4 343
1955	5 407	17 321	4 422	1 817	4 418
1956	11 944	25 855	7 500	2 125	7 500

URUGUAIANA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — A primeira concessão de sesmaria é a de D. Diogo de Souza, em 1814, a favor de Antônio Silveira de Souza, entre o Ibicuí e o Ibirocai. Seguem-se-lhe as de Manuel Pereira Viana, Gaspar Rodrigues, José da Rocha Lemes, Inácio Rodrigues Lopes da Cruz Filho, Dias de Menezes, Rogério Lopes Lencina, Jacinto José Goulart, Antônio Filho Viana, Joaquim de Sousa Nunes Júnior, Tristão José Ribeiro, Francisco Xavier Domingues, Manuel Inácio Flôres, Joaquim Antônio de Alencastro, Francisco Luís de Magalhães, Antônio Alves Gavião, José da Câmara e Canto, José Rufino dos Santos Menezes, Maria Gomes Jardim, Leonardo D'Ávila Rodrigues, Inácio Alves de Castro, Matias José de Vargas, Serafim José Goulart, Francisco da Costa Leiria, Sebastião de Bulhões Leite, Francisco Xavier Vieira, Cláudio de Almeida Lara, Joaquim Mascarenhas Correia e Silva, Luís de Sousa Nunes, coronel Gabriel Gomes Lisboa, Joaquim Francisco de Moura, Félix de Barros Leite. Ulteriormente adquiriram terras a sesmeiros Antônio José de Oliveira e Manuel Joaquim do Couto.

Na guerra que se travou entre o Brasil e a Argentina a propósito do destino da Banda Oriental do Uruguai, deu-se um combate em Toropasso, no qual Gabriel Gomes Lisboa derrotou o platino José López mais conhecido por López Chico.

A idéia da fundação do povoado deve-se a Domingos José de Almeida, natural de Minas Gerais, ministro da Fazenda no govêrno republicano de 1835, achando que se devia fundar uma povoação, às margens do Uruguai entre o Ibicuí e Itapitocai, por considerá-lo conveniente, tanto do ponto de vista militar como fiscal. Para a escolha do local foi designado o cidadão Joaquim dos Santos Prado Lima, que preferiu uma área entre os arroios Imbaá e Salso. Esta recomendação desprezada inicialmente pelos engenheiros encarregados e Manuel Ribeiro de Morais, presidente da Comissão, que propuseram outros locais, acabou por impor-se, depois do apoio dado pelo General Davi Canabarro. Destarte, a 24 de fevereiro de 1843, pelo Decreto n.º 21, o Presidente da República, Bento Gonçalves da Silva, sancionava uma resolução da Assembléia Constituinte e Legislativa de Alegrete, segundo a qual ficava criada uma Capela Curada denominada Capela do Uruguai, junto ao "Capão do Tigre", na Fazenda de Manuel Joaquim do Couto. Êste cidadão, conhecido como o Couto Rico, doou ½ légua em quadro para edificação do povoado, que foi demarcado pelo engenheiro Brigadeiro Alexandre Manuel Albino de Carvalho. Naquela época já havia um lugarejo chamado Santana do Uruguai, cujos moradores se transladaram para o local da capela. À novel povoação, que aí por 1845 já possuía cêrca de 100 casas, foi dado o nome de Uruguaiana, por sugestão do próprio Domingos José de Almeida nas instruções que enviou ao demarcador.

Data de 29 de maio de 1846 a Lei provincial número 59 que criou o município e freguesia de Santana de Uruguaiana, desmembrando-o de Alegrete. A 24 de abril de 1847, o presidente da Câmara de Alegrete, Zeferino Coelho Neto, instalava solenemente a vila com a posse da primeira Câmara de Vereadores: Venâncio José Pereira, presidente; Manuel Tomás do Prado Lima, Manuel Dória da Luz, Narciso Antônio de Oliveira, Francisco José Dias, Teodolino de Oliveira Fagundes e José Pereira da Silva. O primeiro Vigário da freguesia foi o Padre João Vicente Fernandes.

Durante a guerra dos Farrapos, registrou-se apenas um combate importante, quando a 19 de agôsto de 1843, os republicanos derrotaram o contingente do capitão Hipólito Gil, na então Santana do Uruguai.

No decorrer de 1847, a população muito sofreu com as incursões de argentinos e uruguais que, por motivos políticos e outros, atravessavam a fronteira e praticavam violências de tôda espécie. A 15 de junho de 1847, a câmara oficiava ao presidente da Província, em exercício, major Patrício Correia Câmara, pedindo não fôsse retirado da vila o 7.º Batalhão de Fuzileiros, pois era a garantia única contra aquelas tropelias. A 1.º de setembro dirigia-se novamente ao presidente para solicitar-lhe a remessa de uma milícia a fim de garantir a segurança dos moradores da vila,

Sede da Sociedade Agrícola e Pastoril Municipal

justamente alarmados em virtude de um assalto cometido por argentinos na Ilha Grande. Nêle, 200 correntinos, a mando do coronel Nicanor Cáseres, invadiram a ilha, saquearam, cometeram violências e levaram à fôrça os agricultores castelhanos lá residentes.

Em 1849, instalava-se a alfândega que substituía, aqui, o pôsto fiscal. À nova alfândega ficaram subordinadas as mesas de rendas de Itaqui e São Borja. Em 1861, a câmara promovia uma reunião dos uruguaianenses para a construção do novo templo.

Formada a Tríplice Aliança — Argentina, Brasil e Uruguai — a 1.º de maio de 1865, contra o govêrno da República do Paraguai, as operações militares ganharam intensidade. O dirigente paraguaio Solano López encarregou o tenente-coronel Antônio de la Cruz Estigarribia de invadir a província argentina de Corrientes e, depois, o Rio Grande do Sul. Cumprindo essas ordens, o militar paraguaio, após a invasão do território argentino, transpôs o rio Uruguai e ocupou, sucessivamente, São Borja e Itaqui. Dêste lugar rumou para Uruguaiana. Enquanto avançava pela margem esquerda, outro tanto fazia a coluna paraguaia do major Pedro Duarte pela margem direita. Transposto o Ibicuí, no passo de Santa Maria, sem maiores dificuldades, acampou junto ao arroio Torpasso, onde se demorou 5 dias. É que o comandante brasileiro, coronel David Canabarro, colocara uma pequena flotilha, composta de um vapor e 2 canhões, sob o comando do tenente Floriano Vieira Peixoto, para patrulhar o Uruguai. Ante a possibilidade de isolar-se da fôrça de Duarte na outra margem, Estigarribia ficou preocupado e mandou um contingente, com peças de artilharia, postar-se na beira do rio a fim de atacar as embarcações. O perigo aparentemente foi afastado, pois que, logo que voltaram de sua missão, Estigarribia atravessou o arroio a 2 de agôsto e, a 4, transpunha o último obstáculo natural, no Imbaá, para em seguida marchar sôbre a cidade. O avanço dos paraguaios decorreu sem maiores tropeços devido à indecisão do comandante-chefe brasileiro naquela frente, o tenente-general João Frederico Caldwell Intimidado pela superioridade numérica do inimigo, vacilou em atacá-lo nos momentos em que melhor podia fazê-lo — nas travessias dos rios e arroios. Cada vez que Estigarribia se preparava para transpô-los, Caldwell consultava seu estado-maior, que concluía sempre por não disporem os brasileiros de fôrças que pudessem obstar-lhe a passagem. E assim o inimigo pôde chegar ràpidamente a Uruguaiana e nela penetrar às 10h 30m do dia 5 de agôsto. Quase ao mesmo tempo chegava Duarte a Paso de los Libres, do outro lado do rio. A cidade, com a insignificante defesa de 200 homens, foi evacuada à pressa, sem impedir, porém, que a vanguarda paraguaia fizesse alguns prisioneiros. Nesse meio tempo chegou à frente a Uruguaiana o Barão de Pôrto Alegre, que assumiu o comando das fôrças atacantes. Chegava, então, à côrte a notícia da invasão da Província. O Imperador decidiu visitar em pessoa a frente de operações. Em companhia de um genro, o Duque de Saxe, do ministro da Guerra, Desembargador Ângelo Muniz da Silva Ferraz, e outros embarcaram no "Santa Maria", chegando ao pôrto de Rio Grande a 16 de julho, donde seguiu para Pôrto Alegre e dali para Rio Pardo. Prosseguiu a viagem a cavalo. Em Caçapava veio incorporar-se à comitiva o Conde d'Eu. Aí souberam da vitória que os nossos aliados haviam obtido em Iataí. Os generais aliados, Flores e Paunero, após terem feito junção de suas fôrças, infligiram, dia 17 de agôsto, pesada derrota a Duarte, junto ao Iataí, afluente à margem direita do Uruguai. A coluna dêste chefe paraguaio era o ponto de apoio de Estigarribia em território argentino. Êste, após a brilhante vitória, que constituiu a ocupação de Uruguaiana, viu-se a braços com sério problema — a exaustão completa da tropa. Os aliados reuniram-se nas imediações e trataram logo de cercá-la. Para tanto, organizou-se uma esquadra para bloqueá-los por água, enquanto se fechava o cêrco por terra. A 31 de agôsto chegava a bordo do "Onze de Junho" o almirante Visconde de Tamandaré. A essa altura já contavam os exércitos da Tríplice Aliança com uns 20 000 homens e muitas peças de artilharia. Uma tentativa dos sitiados de romperem o cêrco fracassou completamente. Intimado a render-se, Estigarríbia, que contava na certa com o auxílio de López recusou-se altivamente. Entrementes, cerrava-se mais o anel de fogo em tôrno da cidade. A uma nova proposta dos aliados em que êstes acentuavam seu poderio em efetivos e artilharia, respondeu Estigarríbia parafraseando Leônidas na Termópilas — que "tanto melhor, o fumo dos canhões far-nos-á sombra". A 10 de setembro chegava o general Bartolomé Mitre e no dia seguinte, D. Pedro II, depois de estafante marcha a cavalo. Por fim a 18, foi-lhe enviado um "ultimatum" para que se rendesse dentro de duas horas. Estigarríbia, já sem esperança alguma de auxílio, entregou-se com 5 545 homens, 6 canhões e 7 baterias. Uruguaiana, retomada pelos exércitos dos três países, era uma cidade deserta, em ruínas, com portas, janelas e forros das casas queimadas. Além disso, tal como acontecera antes em São Borja e Itaqui, a soldadesca se entregara ao saque. Assistiram à rendição o Imperador, seus dois genros, o Almirante

Praça da Rendição

Ponte Internacional que liga Uruguaiana a Paso de Los Libres (Argentina), destacando-se parte do Largo Dom Pedro II

Tamandaré, o Barão de Pôrto Alegre, os generais Mitre, Flores e Paunero.

A guerra do Paraguai veio patentear as extremas dificuldades de comunicação de que padecia a Província. Quando no inverno se tratou de proteger a fronteira contra as fôrças inimigas — situação que requeria socorros rápidos àquelas praças, como Uruguaiana e São Borja, vítimas ambas da invasão — as estradas se tornaram intransitáveis, dificultando ao extremo o movimento das tropas brasileiras. Em 1870, o govêrno provincial resolveu tomar a peito a solução do grave problema, concebendo uma rodovia que ligasse a capital à fronteira oeste e noroeste. Encetada a obra, dois anos depois inaugurava-se o primeiro trecho.

A 4 de outubro de 1876 a cidade foi abalada por uma tragédia causada pelas dissenções político-partidárias: enquanto se procedia à votação no recinto da igreja, houve um tumulto que degenerou em tiroteio, em conseqüência do qual perdeu a vida o prestigioso chefe conservador, coronel Feliciano Ribeiro de Almeida. A animosidade entre conservadores e liberais vinha de longe. Êstes, que perdiam sempre as eleições, atribuíam-no à fraude praticada pelos conservadores. Desiludidos quanto à lisura do pleito, resolveram, naquele dia, perturbar a votação, recorrendo, inclusive, à quebra das urnas. Foi nesse momento que se dispararam diversos tiros, sendo atingido o coronel Feliciano. Dos muitos cidadãos presos, onze foram pronunciados como responsáveis pela morte do chefe conservador, entre êles o major Gabriel Rodrigues Portugal. O referido major, como se verá adiante, veio a ser o primeiro intendente do município.

Em 1873, a 14 de outubro, aparecia "O Porvir", redigido por José Martins, primeiro periódico a circular. A 6 de abril de 1874, a Lei provincial número 808, eleva Uruguaiana à cidade. A 28 de março do ano seguinte, passava à sede de comarca, separando-se da de Missões, a que pertencera até então. Em 1887 fundava-se a charqueada "Barra do Quaraí", no distrito do mesmo nome, emprêsa que em seu sétimo ano de atividades, já acusava um abate de 78 000 cabeças. No ano de 1883 inaugurava-se o serviço telegráfico para Paso de los Libres, na República Argentina, e decorrido pouco tempo, entrava em funcionamento o telégrafo internacional para Buenos Aires, através de Uruguaiana. No ano subseqüente, colocava-se a pedra fundamental do Teatro Carlos Gomes.

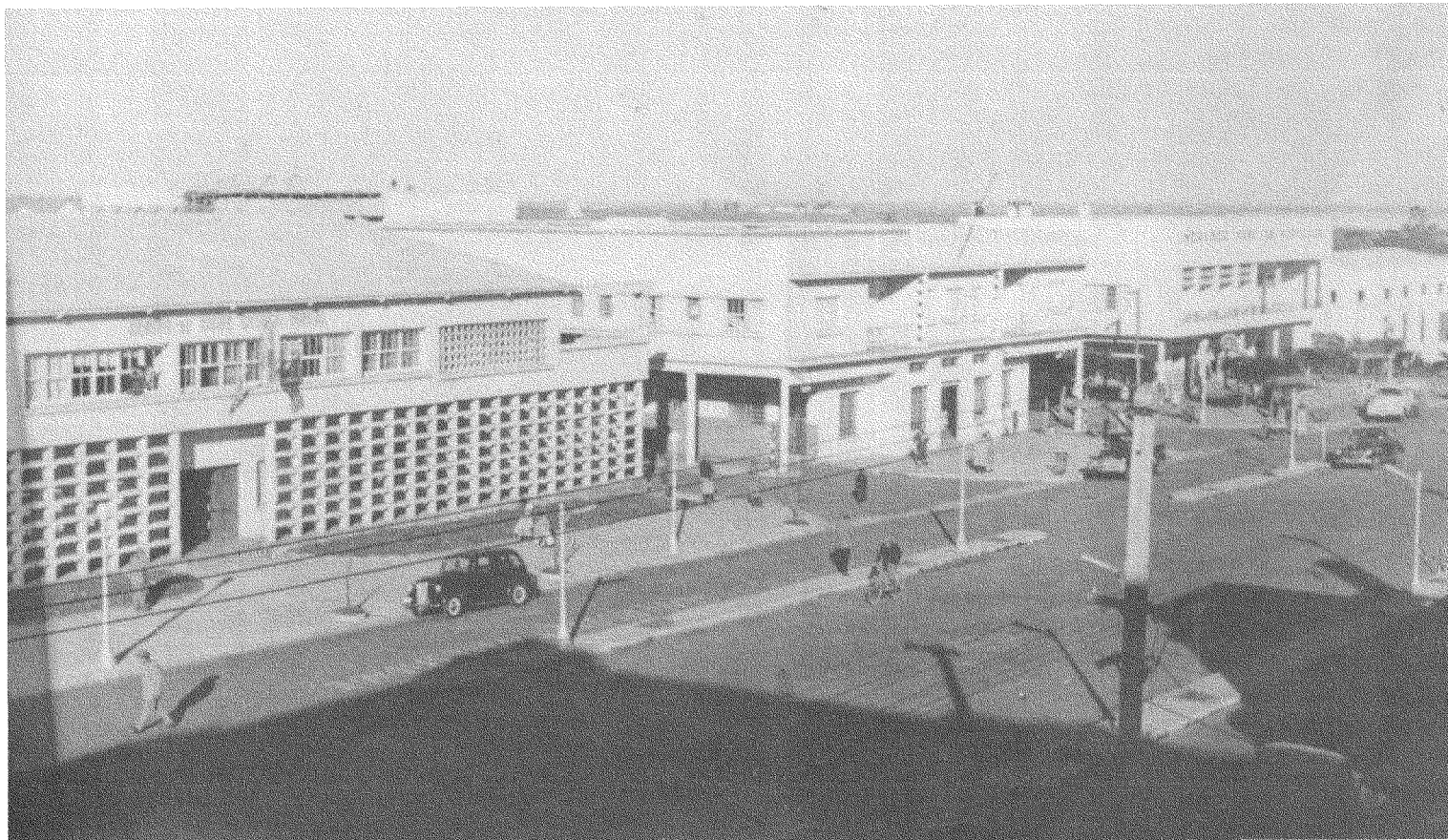
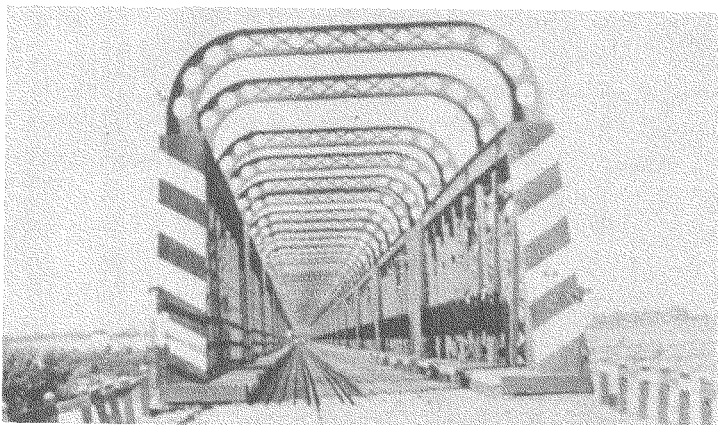
A campanha de emancipação dos escravos encontrou eco na população local, principalmente através da Câmara Municipal e do Clube 28 de Abril. Esta sociedade encarregou uma comissão composta de Salatiel S. de Paiva, João Rodrigues Viana, José Carvalho, João Adalberto de Oliveira e Antônio Pimentel, de fazer a propaganda abolicionista. Senhoras percorriam as ruas recolhendo óbulo para resgate do elemento servil. A 18 de setembro de 1884, quando se festejava o aniversário da rendição paraguaia, a cidade foi declarada livre. Em outubro, a câmara oficiava àqueles que ainda possuíam cativos, exortando-os a que os pusessem em liberdade até o fim do ano, a fim de que, ao começar o ano de 1885, não houvesse mais escravos no município. Subscreveram o apêlo os vereadores Felisberto Machado Leão, presidente; Vasco Xavier de Melo, vice; Francisco Martins Codorniz Junior, Martimiano Pinto Cezimbra, José Dantas da Silveira, José Saturnino Nemo, Guilherme Prates e Antônio de Lacerda. Finalmente, a 31 de dezembro, foram alforriados os últimos escravos.

O movimento republicano encontrou franca receptividade na população. Fundara-se a "União Republicana de Uruguaiana", cuja diretoria era encabeçada por Joaquim

Antônio Ribeiro, presidente João Benício da Silva, Olímpio da Costa Leite, Ceciliano de Faria Correia, capitão Manuel Alves de Castro, Américo Xavier Pereira de Brito e Domingos Luiz de Sousa. O grêmio republicano fizera seu o programa do Partido Republicano Rio-grandense e, em 1887, lançava um manifesto de apoio ao referido partido, no qual profligava as instituições monárquicas, ao mesmo tempo que concitava o povo a ingressar na "União" e a engrossar as fileiras republicanas. Mais de uma centena de cidadãos subscreveram o manifesto. Proclamada a República, a Câmara, em sessão extraordinária de 19 de novembro de 1889, aderia ao novo regime, por considerar ser essa a vontade do povo e se regozijava pelo fato de a mudança ter-se operado pacìficamente. Em janeiro do ano imediato, nomeou-se uma Comissão de Intendência, para gerir provisòriamente os negócios do município, presidida pelo Dr. Joaquim Vaz do Prado Amaral e da qual faziam parte o Dr. Antônio Gomes Pereira, João Saturnino Reis, Vitor Pereira da Silva e Urbano José Vilela. Seguiu-se um período de instabilidade administrativa, conseqüência da dissidência que lavrava entre os republicanos rio-grandenses. Eleito o primeiro Conselho Municipal, a 27 de outubro de 1892, votava-se a Lei Orgânica do Município. Compunham-no os conselheiros Estêvão da Câmara Machado, José Sérgio de Oliveira, Balduino Nascimento, Juvêncio José Fraga, Francisco da Silva Morais, Luiz Betinelli e João Pero. Na ocasião era nomeado intendente provisório o coronel Gabriel Rodrigues Portugal, confirmado posteriormente no cargo, por eleições realizadas a 27 de outubro de 1896.

Terminada a revolução federalista, que teve repercussão em Uruguaiana, mas em cujo território não se registrou qualquer combate importante, a comuna retornou ao trabalho pacífico. A companhia de navegação "Ferro Carril Argentino de Leste" mantinha em 1895 uma frota de 4 vapôres, 1 rebocador e 4 chatas, que faziam o percurso regular entre Uruguaiana e outras cidades brasileiras ribeirinhas e portos da Argentina. Havia a emprêsa Barbará & Filhos, com 5 navios, através do Uruguai e do Ibicuí. O transporte intermunicipal fazia-se por meio de diligências com 4 viagens por mês a Alegrete e 2 a Cacequi. Não obstante, eram notórias as deficiências de transporte para a capital e outras cidades do interior. A longa distância entre Uruguaiana e Pôrto Alegre tornavam mais agudo o problema. Considerando tudo isto, desde 1873 cogitava o govêrno provincial da construção de uma ferrovia, ligando as duas cidades, possìvelmente convencido de que só a estrada de rodagem não resolvia a situação. Atacadas as obras em 1877, a partir da Margem do Taquari, em 1890 chegavam os trilhos a Cacequi. Dali prosseguiram para Uruguaiana, via Alegrete. Entretanto, em 1897, suspendia-se a construção para só ser reencetada, em 1901. No ano seguinte entregava-se provisòriamente ao tráfego o trecho entre Alegrete e Uruguaiana com 140 quilômetros. Por fim, a 21 de dezembro de 1907, com a conclusão do ramal Cacequi—Alegrete, Uruguaiana estava ligada à capital do Estado pela estrada de ferro.

Na administração José Romaguera da Cunha Correia, a 24 de julho de 1902, criava-se a Biblioteca Municipal e o Serviço de Estatística, medidas às quais sucedeu o contrato com o engenheiro José Montagnes para a instalação e exploração de luz elétrica e fôrça.

Enquanto a cidade modernizava-se, na zona rural — cujas magníficas pastagens naturais tão propícias se mostravam à pecuária, iniciava-se a melhoria sistemática das raças de gado. Aí por 1912 já predominavam francamente as espécies européias para o gado vacum, e australianas e outras para o ovino. Dados dêsse ano mostravam como sendo de 279 690 a população bovina e 455 420, a ovina. Ins-

Trecho da Avenida Presidente Vargas, apresentando parte do Centro de Saúde n.º 14, Estação Rodoviária com o Hotel Municipal na parte superior e o Mercado Municipal

Embocadura da ponte rodo-ferroviária, sôbre o rio Guaraí, ligando a vila Barra do Quaraí a Bella Union (Uruguai)

talara-se o Pôsto Veterinário da Fronteira para inspeção de animais e assistência veterinária. O Pôsto Zootécnico da Fronteira, situado nas cercanias da cidade, vinha completar a assistência técnica, através de um estabelecimento-modêlo, em que se criavam animais de linhagem, vacuns e cavalares, para a reprodução. A cultura da videira que parecia ter começado sob os melhores auspícios, entrou a decrescer até perder sua expressão comercial.

Dois acontecimentos importantes ocorreram em 1910. Um foi a elevação de Uruguaiana à sede de bispado; outro, a visita do marechal Hermes da Fonseca e do senador Pinheiro Machado. Em 1920, a população atingia 28 313 almas. Havia 22 escolas em funcionamento.

Deflagrado o movimento assisista de 1923, a cidade sofreu o assédio de um de seus principais chefes militares — o general Honório Lemes. Durante 4, dias a cidade — que era defendida pelo coronel Flôres da Cunha — foi fustigada pelos rebeldes, sem que conseguissem ocupá-la. Já no ano seguinte a situação apresentou-se diferente, pois que, aderindo à revolução chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes, em São Paulo, os rebeldes gaúchos, entre os quais estava o próprio Honório, assenhoreavam-se da cidade e nela permaneciam por vários dias.

Em 1926, visitava Uruguaiana o Dr. Washington Luís, já como candidato eleito. Em 1929, realizava-se a Exposição Agropecuária e nesse mesmo ano inaugurava-se a ponte de concreto sôbre o Salso. A 20 de fevereiro de 1931 satisfazia-se a uma das maiores aspirações dos uruguaianenses — era pôsto em funcionamento o serviço de água e esgôto. Tais melhoramentos foram realizados na administração do Dr. João Fagundes. Em 1938 a cidade recebia a visita dos Presidentes do Brasil e Argentina — Getúlio Vargas e General Agustin Justo, os quais inauguraram o monólito comemorativo do início das obras da ponte sôbre o Uruguai, ligando Uruguaiana a Paso de los Libres. Dados de 1942 colocavam o município em posição ímpar na pecuária nacional: 600 000 bovinos e 800 000 ovinos. Uruguaiana possuía o primeiro rebanho de ovelhas do País, posição que não mais perderia. Finalmente, em 1947, era solenemente entregue ao tráfego a ponte sôbre o Uruguai, com a presença do presidente do Brasil, general Eurico Gaspar Dutra, e do da Argentina, General Juan Perón.

BIBLIOGRAFIA — Manoel Adolpho Soares — *Uruguaiana, um século de História* — 1942. Souza Docca — *História do Rio Grande do Sul*. Otávio Augusto de Faria — *Dicionário de História e Geografia do Rio Grande do Sul*.

VULTOS ILUSTRES — Dom *Hermeto José Pinheiro* — Tendo nascido a 28 de agôsto de 1870 em Caldeirões, Alagoas, ingressou com 13 anos no Seminário de Olinda, fazendo naquela casa todos os seus estudos. Ali regeu, também, após a sua ordenação sacerdotal (21-XII-1895), durante 10 anos, a cadeira de Filosofia. Quando Vigário de Boa Vista, em Recife, Pio X o escolheu para bispo de Uruguaiana. Foi sagrado em sua matriz em 16 de março de 1912 e tomou posse a 19 de maio. Faleceu no hospital de Uruguaiana, a 3 de novembro de 1941. (Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S. J.).

Dom *José Newton de Almeida Batista* — Sua Excelência é filho de Niterói. Cursou o Seminário menor em Pirapora, continuando os estudos de Filosofia e Teologia em Roma. Ordenado sacerdote, a 28 de outubro de 1928, laureou-se em Teologia e voltou à Arquidiocese do Rio de Janeiro. Empenhou-se especialmente pela Obra das Vocações Sacerdotais. De 1942 a 1943 era secretário do Vigário Capitular, Monsenhor Costa Rêgo e do novo Arcebispo Dom Jaime Câmara. Nomeado bispo de Uruguaiana, foi sagrado a 3 de setembro de 1944. Em janeiro de 1954, Dom José Newton deixou a terra rio-grandense, promovido a Arcebispo de Diamantina, Minas Gerais. (Dados conseguidos pelo Padre Frederico Laufer, S. J.).

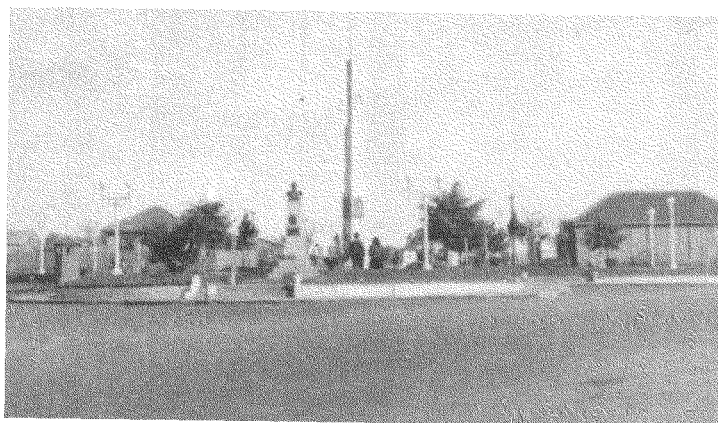
Alceu de Freitas Wamosi — Natural da cidade de Uruguaiana, nasceu a 14 de fevereiro de 1895. Aos 18 anos de idade, iniciara-se nas lides jornalísticas.

Na cidade de Alegrete, onde trabalhou como redator de "A Cidade", lançou o seu primeiro volume de poesias, intitulado "Flâmulas". Um ano mais tarde, em 1914, vem à lume sua segunda publicação, "Na Terra Virgem", que teve enorme aceitação entre o público de bom gôsto.

A partir de 1918, o poeta passou a dirigir o jornal "O Republicano", da cidade de Livramento, onde veio a falecer, a 13 de setembro de 1923, em decorrência de um ferimento recebido no tumulto da revolução.

Deixou concluída, entretanto, a sua melhor produção poética, "Coroa de Sonhos" que, reunida com as duas obras anteriores num único volume, foi publicada, um ano mais tarde, em edição póstuma.

Alceu Wamosi é considerado como um dos poetas mais apreciados do Rio Grande.

Apesar de ter-se consagrado como príncipe do Romantismo no Rio Grande do Sul, não deixou de ser, ao mesmo tempo, a maior expressão do Simbolismo gaúcho.

Praça Duque de Caxias, tendo ao centro o Obelisco Rotariano

As suas poesias, recitadas ainda hoje por todo o Brasil, representam, na expressão de Guilhermino César, uma fase da literatura pátria em que "o parnasianismo evolve mansamente para a revolução espiritualista".

Doutor *Domingos José de Almeida* — Nasceu Domingos José de Almeida a 9 de julho de 1797, no lugar denominado Sumidouro, entre o vau do rio das Pedras e São Gonçalo, no distrito de Diamantina, em Minas Gerais.

Além de ter sido o fundador da cidade de Uruguaiana, prestou relevantes serviços ao município de Pelotas e mesmo à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Eleito major de um batalhão da Guarda Nacional, organizado na Província, com grande zêlo animou os seus comandados no sentimento patriótico.

Foi um dos grandes vultos da revolução farroupilha e em 1.º de dezembro de 1842 foi chefe da maioria na Assembléia que se reuniu em Alegrete, então Capital da República, para votar a Constituição do Estado.

Em 1858 fundou o jornal "Brado do Sul", através do qual defendeu os interêsses de seus companheiros de revolução, a quem era negada a restituição de suas fazendas seqüestradas, não obstante as promessas do Barão de Caxias. Foi, também, redator-chefe do "Povo", órgão oficial da República.

Com a saúde já muito abalada, em 8 de janeiro de 1859, quando assistia a uma sessão da Câmara Municipal, teve um ataque, fato que se repetiu por diversas vêzes e que foi diagnosticado como manifestação de epilepsia. Depois de longos anos de sofrimento, faleceu a 6 de maio de 1871.

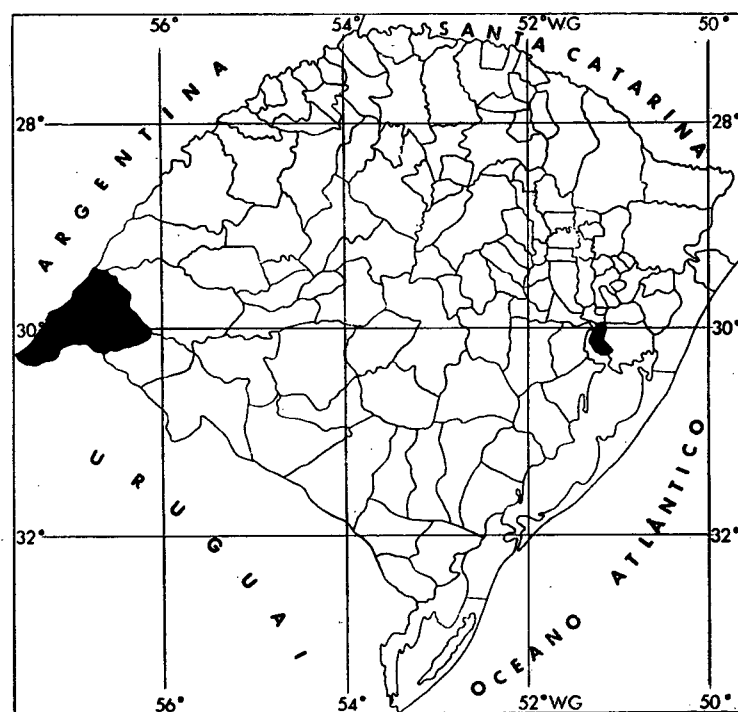
POPULAÇÃO — Conta o município de Uruguaiana 55 160 habitantes, localizando-se 36 980 na sede e 18 180 na zona rural, de acôrdo com estimativa do D. E. E. para 1.º de janeiro de 1956, apresentou a densidade demográfica de 8,38 habitantes por quilômetro quadrado; 1,16% sôbre a população total do Estado. Área: 6 579 quilômetros quadrados.

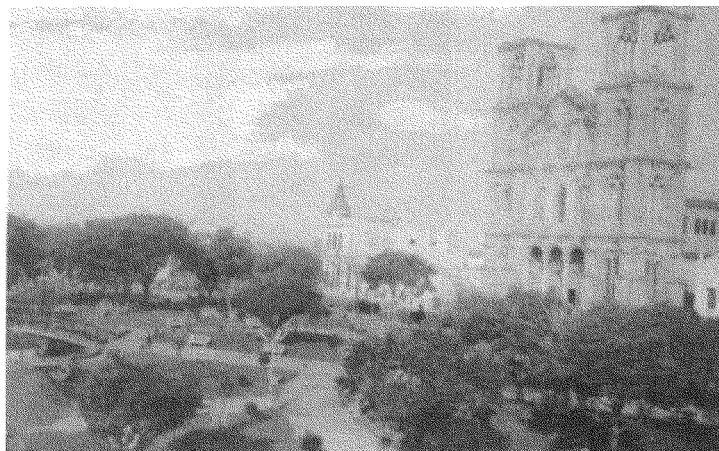
Aglomerados urbanos — Cidade de Uruguaiana. Vila: Barra do Quaraí.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Uruguaiana....	1 477	96	395	619	220	858

Vista parcial da Avenida Presidente Vargas

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29º 45' 23" de latitude Sul e 57º 05' 12" de ongitude W. Gr. Posição relativamente à capital do Estado: rumo: W.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 566 quilômetros. Altitude: 74 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — Possui o município uma bacia hidrográfica-base, tendo como vigamento mestre o rio Uruguai. No mesmo deságua o Ibicuí, que estabelece a divisa natural entre Uruguaiana e Itaqui; sôbre o Ibicuí, o arroio Ibirocai, dividindo Uruguaiana de Alegrete; sôbre o Ibirocai, os arroios Igiquiquá, Lajeado e Saiá, além de outros de menor curso. Limitando Uruguaiana com a República Oriental do Uruguai, aflui sôbre o rio Uruguai o rio Quaraí que, por sua vez, recebe o arroio Garupa, que estabelece a divisa natural entre Uruguaiana e Quaraí, mais os arroios: Guapitan, Japitambaí, Gavião, Tapecoçu, Guapitanguy, Capivary, Caiboaté, Vertentes; afluem ainda sôbre o rio Uruguai os arroios: Puitã-Japejú, São Marcos, Sanchurí, Sanga do Palmito, Imbaá, Itapitocai, Guirapuitã, Matapi dos Porcos, Quaraí-Chico e rio Touro Passo, que recebe arroios Pindaí, Itajassu e Carumbé. O único lago existente no município é artificial, formado pela barragem sôbre o arroio Sanchuri, no 3.º subdistrito; mandada construir pelo I. R. G. A., eis alguns de seus dados: área aproximada da barragem: 27 113 000 metros quadrados; capacidade em estado normal: 60 964 600 metros cúbicos. Todos os rios são piscosos e em suas águas se encontram as seguintes variedades: dourados, vogas, jundiás, tainhas, palometas, bagres, surubis, patis, piavas e arraias. Existe pequeno grupo de pescadores que exercem a atividade com fins comerciais, mas não permanente. A sede municipal é banhada pelo rio Uruguai. Outrora fôra Pôrto Lacustre, atualmente o canal do rio Uruguai está fechado, podendo aportar sòmente pequenas chatas, que são rebocadas por lanchas a motor e de pequeno porte. São estas embarcações utilizadas para transportar lenha e produtos agrícolas, das zonas produtoras que margeiam o rio.

Catedral Municipal e parte da Praça Barão do Rio Branco

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — As análises de seu solo revelaram preponderância de basalto traquítico, enquanto as de seu subsolo acusaram a de arenitos-grés--metamórficos. Ainda em recentes exames feitos por técnicos, foram positivos todos os testes realizados nas zonas de Sanchuri e Japeju, como contendo xisto betuminoso e provàvelmente petróleo, numa extensão de 20 a 30 quilômetros.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. Em graus centígrados, as médias das temperaturas, em 1956, foram as seguintes: das máximas, 27,0; das mínimas, 10,0; compensada, 21,0. Precipitação anual das chuvas: 1 010 mm. Ocorrência das geadas: nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Itaqui e República Argentina; ao sul: República Oriental do Uruguai e Quaraí; a leste: Alegrete, e a oeste: República Argentina.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária* — Uruguaiana é, tradicionalmente, um município pastoril e suas estâncias, com seus rebanhos selecionados, constituem motivo de orgulho dos uruguaianenses e um fator de progresso para o município. Dos estabelecimentos que se dedicam ao ramo pastoril, destacam-se a Cooperativa Fronteira Oeste de Carnes e Derivados Limitada, Cooperativa Regional de Lãs Vale do Uruguai e Barraca Flodoaldo Martins da Silva, Sociedade Anônima, cujo movimento financeiro, em 1956, atingiu a expressiva cifra de Cr$ 300 000 000,00.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	347 500	590 750
Eqüinos	32 600	29 340
Asininos	100	90
Muares	1 500	1 650
Suínos	12 600	7 560
Ovinos	1 200 000	372 000
Caprinos	4 800	720

Tipos de pastagem: A maioria das pastagens do município é do tipo fino. A flora agrostológica da região é uma das mais ricas do Estado. Das inúmeras variedades existentes, citam-se: Aristida pallens (flexilha roxa), Aristida murina (flevilha roxa), Bouteloua megapotamica, Andropogon salzmanii, Chloris canterai, Stipa charruana (flexilha brava), A. incanus (capim caninha), Axonopos compressus (grama tapête), Paspalum Notatum (grama forquilha), Paspalum Plicatulum (capim colchão), capim limão, trevo natural, Lolium Multiflorum (azevém) além de outras. Raças preferidas pelos estancieiros: *Ovinos* — corriedale, merina australiana, romney-marsh, além de outras, como palwarth e cara negra. *Suínos* — Não existe no município criação organizada e sim cruzamento de tôdas as raças, resultando um tipo especial da zona. *Bovinos* — Para gado de carne (corte), hereford, polled-angus e durhan; para gado leiteiro, holandês e jérsei existem, ainda, outras, sem preferência definida pelos criadores, que são as de shorthorn e aberdeen-angus. *Cavalares* — A preferência é generalizada pela raça crioula. Há criações de cavalos puro sangue inglês (para corridas), nos *haras* dos Srs. Rivadávia Cunha e A. Peixoto de Castro, com as denominações de Charrua e Itajassu, respectivamente. Além dos já citados existem outros menores, como sejam: do Dr. Lauro Pouey de Oliveira, Venâncio L. Oliveira, Vinício Marsiaj, Manoel Macedo Pons, Hermes Pinto, Ney Faria Corrêa, Antônio Bastos, A. Chaves Antunes e Dr. Lauro Macedo.

Eustaquio Ormazabál	São José — Julieta	Hereford e outros
Flodoardo Martins da Silva	São José — Santa Zélia	Cria tôdas as raças
Irmãos Bastos Ltda.	St.º Ângelo Nazareth	Cria tôdas as raças
João Francisco Telechea	Camoatí	Hereford, aberdeen
Rivadavia Cunha	Paineiras	Angus
Hélio Carvalho	Charrua	Hereford
Hermes Pinto	Palmira	Hereford e outras
Lala Abreu	São Luiz	Polled-angus
Empre. Agrícola e Pastoril Bar-	———	Hereford
bara S. A.	São José	Cria tôdas as raças
João Batista Luzardo	São Pedro	Cria tôdas as raças
Hesnard Cunha	———	Hereford
Pedro Surreaux	São Luiz	Hereford
Antônio Bastos	São Bibiano	Hereford
Felix Gutierres	São Francisco	Hereford
Marcirio Brites	Santa Inez	Hereford
Ângelo Bastos	———	Cria tôdas as raças
João Vieira Macedo	Estância Azul	Cria tôdas as raças
Mário Ferrari Valls	São Nicolau	Hereford
Nemesio Fabricio	Estância Paraíso	Hereford
Sucessão Pombo Dorneles	———	Hereford

Salienta-se ainda que a preferência geral dos criadores do município é para as raças bovinas: hereford e, ovinas: corriedale.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	2 258 480	36 444 548,00
Charque de bovino	1 644 607	58 198 643,00
Carne verde de suíno	4 748	73 218,00
Carne salgada de suíno	830	12 560,00
Carne verde de ovino	444 411	3 529 630,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	105 578	1 467 470,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	690 083	9 860 908,00
Pele sêca de ovino	26 969	269 690,00
Banha não refinada	3 704	110 850,00
Toucinho fresco	5 518	88 288,00
Salsicharia a granel	6 700	200 140,00
Sebo industrial	591 152	9 341 382,00
Secundários	533 602	2 187 892,00
T o t a l	6 316 382	121 785 219,00

Importação e Exportação de gado: A importação é grande neste município, principalmente com referência a reprodutores de puro sangue; a sua origem é, em sua totalidade Argentina e Uruguai. As raças importadas são: Bovinos — hereford, aberdeen-angus e shorthorn. Cavalares — puro sangue de corrida e puro sangue para reprodução. Ovinos — merinos australianos, corriedalle, romney marsh e outros. Quanto à exportação, tem sido sòmente de gado

gordo para abate, atingindo cêrca de 8 000 cabeças em 1956. Pôrto Alegre figura como principal centro comprador de gado gordo para corte, em segundo, aparece Livramento.

Indústria — Em 1955, funcionavam 87 estabelecimentos, ocupando a média mensal de 831 operários, tendo a produção somado Cr$ 245 994 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Indústrias alimentares, (predominância de carnes e derivados) — 66,5% da bebida, 0,5%; da madeira, 0,4%; transformação de produtos minerais — 2,2%; couros e produtos similares — 9,3%; químicas e farmacêuticas, 13,9%; do mobiliário, 0,1%; do vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 3,1%.

Principais indústrias	*Ramo de atividade*
Curtume Rio Uruguai S. A.	Carneiras curtidas
Curtume Fronteira Lt.da	Pelegos Curtidos
Distilaria Riograndense de Petróleo	Gasolina
Brasilarroz Lt.da e Com.	Arroz beneficiado
S. A. Moinhos Riograndense	Farinha de trigo
Dr. João B. Luzardo & Filho	Arroz s/casca
Coop. Fronteira Oeste de Carnes e Derivados Lt.da	Charque
Coop. Rizícola Uruguaiana Lt.da	Arroz s/casca

Agricultura — Uruguaiana acha-se em período de transição no que se refere à produção agrícola. De município tìpicamente pastoril dos mais tradicionais do Rio Grande, pode ser classificado, hoje em dia, como agropastoril, dado o enorme incremento que têm tido suas lavouras de trigo e arroz, em certas classes, pela olivocultura, sendo que uma das maiores plantações de oliveiras da comuna pertence ao conhecido homem público brasileiro e abastado ruralista local, Dr. João Batista Luzardo, que possui em sua fazenda 30 000 pés em desenvolvimento. Atestado eloqüente do que acima dissemos é a chegada de 70 famílias (cêrca de 350 pessoas) de nacionalidade japonêsa, que vão se dedicar à agricultura nas terras da Fazenda Luzardo.

PRINCIPAIS PRODUTORES AGRÍCOLAS — 1956

TRIGO

NOME	*Área cultivada*	*Produção*
Grupo João Carlos Viana	770 ha	17 500 sacos
Grupo Francisco Valls Repiso	850 ha	21 250 sacos
Flodoardo Martins da Silva	345 ha	8 625 sacos
Wilson Pombo Dorneles	343 ha	8 575 sacos
Hycrolio Octobrino de Oliveira	230 ha	7 750 sacos
João Carlos Monteiro	250 ha	6 250 sacos
Grupo Lino Barzoni	309 ha	7 725 sacos
Dirceu Cortes Barcelos	249 ha	6 225 sacos
Bolivar T. Moura e Carlos G. Fagundes	210 ha	5 250 sacos
Alceu Delgado e Luiz Guglielmoni	200 ha	5 000 sacos

ARROZ

Francisco Valles Repiso	170 quadras	16 000 sacos
Arturo Biassussi	160 quadras	19 000 sacos
Avelino Valls Repiso	140 quadras	16 000 sacos
Emilio Mandarino e Percio Couto	140 quadras	18 000 sacos
Homero Tarragó e Martins Guerizoli	105 quadras	13 000 sacos
João Borba Vieira e outros	105 quadras	12 640 sacos
Lino Barzoni e outros	100 quadras	15 000 sacos
Arlindo Rosa	100 quadras	10 465 sacas
João Candido Maciel	90 quadras	12 000 sacos
Bartolon Borin	85 quadras	8 500 sacos
Americo Braga e Lindolfo Palma	85 quadras	8 000 sacos
Aldo Rodolfo Cassal	85 quadras	10 980 sacos
Amantino Borges do Canto	80 quadras	10 800 sacos
Aristides Gonçalves	80 quadras	10 000 sacos
Arlindo Alexandre Magrini	80 quadras	9 000 sacos
Eurico Canaparro	70 quadras	7 000 sacos

São Paulo e Rio de Janeiro apresentam-se como os principais compradores de arroz. Quanto ao trigo, parte é elaborado no moinho local, sendo o restante da safra vendido para Pôrto Alegre, que se apresenta como o principal comprador, vindo, a seguir, São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda com referência às safras de arroz e trigo, convém salientar que o maior rendimento é dado nas lavouras meno-

Vista parcial aérea da cidade

Edifício do Hotel Glória, localizado no centro da cidade

res. Além dos citados acima, alinham-se entre grandes plantadores do município, os seguintes:

Dr. Ely Mascia, Virgílio Martinez, Antônio Celestino Alves, Sílvio Rossi, Irmãos Gonçalves, Mário de La Vechia, Francisco Ancinelo, Grupo Barbará e outros.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Arroz	33 873	132 669
Trigo	2 900	14 500
Milho	960	3 200
Girassol	728	2 912

Valor total da produção: Cr$ 124 699 550,00.

Avicultura — Estima-se a população avícola local em 10 000 cabeças, valendo Cr$ 6 000 000,00.

Apicultura — Produção de mel, 1956: 4 000 quilogramas, valendo Cr$ 80 000,00.

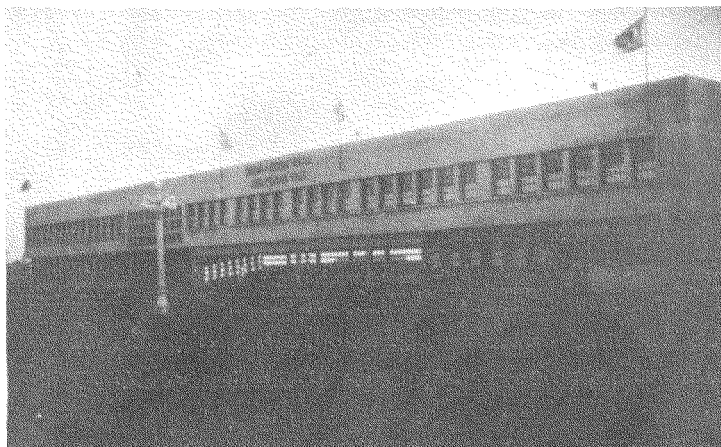
COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	519
Bares	344
Ferragens	2
Fazendas	40
Armarinhos	2
Casas de móveis	8
Rádios, eletrolas, refrigeradores, etc.	12

Cidades com as quais o comércio local mantém transações: Pôrto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Pelotas e Rio Grande, além de outras de menor expressão. Na sede municipal há 4 agências bancárias e 1 da Caixa Econômica.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Itaqui: ferrov. V. F. R. G. S. (85 quilômetros), rodov. (100 quilômetros, fluvial (100 quilômetros) ou aéreo (232 quilômetros); Alegrete: ferrov. V. F. R. G. S. (142 quilômetros), rodov. (156 quilômetros) ou aéreo (125 quilômetros); Quaraí: ferrov. V.F.R.G.S. (257 quilômetros), rodov. (184 quilômetros) ou aéreo (90 quilômetros) também faz limite com a Argentina e o Uruguai. Capital Estadual — ferrov. V.F.R.G.S. (762 quilômetros) rodov. (847 quilômetros) ou aéreo (576 quilômetros). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja-se Pôrto Alegre, ou aéreo (1 793 quilômetros) ou ferrov. V. F. R. G. S. (908 quilômetros) até Marcelino Ramos. Daí ao Distrito Federal, ver Marcelino Ramos. Outros Destinos — (Por via aérea) — Bagé (334 quilômetros), com escala em Quaraí (90 quilômetros); Livramento (105 quilômetros); Bagé (149 quilômetros), Caràzinho (653 quilômetros) com escalas em Alegrete (125 quilômetros), Itaqui (107 quilômetros), São Borja (80 quilômetros), Santo Ângelo (175 quilômetros), Cruz Alta (76 quilômetros) e Caràzinho (90 quilômetros). Cruz Alta: (558 quilômetros), com escala em Alegrete, 125 quilômetros — Itaqui, 107 quilômetros — São Borja—Santo Ângelo, 175 quilômetros — Cruz Alta, 76 quilômetros; Rio Grande: 559 quilômetros, com escala em Livramento, 195 quilômetros — Bagé, 149 quilômetros — Pelotas, 175 quilômetros — Rio Grande, 50 quilômetros — Livramento: 195 quilômetros; Passo Fundo: 683 quilômetros — com escala em Alegrete, 125 quilômetros — Itaqui, 107 quilômetros — São Borja, 80 quilômetros — Santo Ângelo, 175 quilômetros — Cruz Alta, 76 quilômetros e Caràzinho, 90 quilômetros; Santo Ângelo: 487 quilômetros (mesmo itinerário para Caràzinho); São Gabriel: 281 quilômetros — direto; Santa Maria: 320 quilômetros — com escala em Alegrete, 125 quilômetros — Itaqui, 107 quilômetros — Santa Maria, 105 quilômetros; São Borja; 312 quilômetros — com escala em Alegrete, 125 quilômetros — Itaqui, 107 quilômetros — São Borja, 80 quilômetros; São Paulo: 1 420 quilômetros; Montevidéu—Uruguai: 1 291 quilômetros (via Pôrto Alegre) — Buenos Aires, Argentina, 1 488 quilômetros (via Pôrto Alegre); Assunção, Paraguai — 560 quilômetros (direto); Montevidéu, Uruguai, 600 quilômetros (direto).

ASPECTOS INTERNACIONAIS — Os habitantes do município, por fôrça das circunstâncias — fronteira com a Argentina — são bilíngües. O linguajar do povo local está eivado de vocábulos espanhóis, o que dá uma nota interessante às conversações. A facilidade de expressão dos fronteiristas — tanto em espanhol como em português — os identifica pelo regionalismo de sua rica prosa, fato comum em tôdas as cidades do Rio Grande que limitam com a Argentina ou República Oriental do Uruguai.

ASPECTOS URBANOS — Em autêntica posição de sentinela dos últimos contrafortes da nacionalidade, na fronteira sudoeste do país, situa-se Uruguaiana, a Velha "Santana do Uruguai", sobranceira, a cavaleiro nas barrancas do caudaloso rio Uruguai, como testemunha de lances épicos que garantiram a integridade pátria, nos momentos de angústia e ameaça, ante o invasor audacioso. — Cidade com 36 980 habitantes, de traçado moderno, apresenta características de urbanização quase perfeitas. Suas ruas de cêrca de 20 metros de largura, com amplos passeios, oferecem ao visitante, na perspectiva graciosa de sua arborização e na perfeição técnica da pavimentação alfáltica que cobre a totalidade de seus logradouros, aquela sensação de liberdade, da grandeza telúrica do pampa altaneiro e heróico. De fato, Uruguaiana é uma síntese do Rio Grande das atropeladas cívicas e, de sua história de Ciclope a defender os ideais sempiternos de honra e de liberdade, ora no estrugir das patas dos corcéis ardentes, ora no entrechoque das lanças e das baionetas, mas sempre com a bandeira dos largos horizontes da suprema conquista dos Centauros de Piratini.

Ginásio Estadual e Escola Normal "Elisa Ferrari Valls"

A sede municipal é servida de energia elétrica; sendo adotado o sistema termelétrico, inaugurado em 1901.

MELHORAMENTOS URBANOS

Total de logradouros públicos	65
Ruas	57
Avenidas	3
Becos	1
Travessas	4

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	2 328 m²
Asfalto	193 104 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	1
Parcialmente pavimentados	15
Parcialmente calçados com paralelepípedos	1
Arborizados e ajardinados simultâneamente	16

EDIFICAÇÕES

Número total de prédios	6 785
Zona urbana	5 227
Zona suburbana	1 558

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	6 618
2 pavimentos	161
3 pavimentos	6

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	6 286
Residenciais e outros fins	268
Exclusivamente a outros fins	231

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	46
N.º de ligações elétricas domiciliares	4 387
N.º de focos para iluminação pública	1 504

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	3 402 942 kWh
Consumo para iluminação pública	1 188 459 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o munic.	509 091 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalmente servidos pela rêde	1
Logradouros parcialmente servidos pela rêde	28
Bebedouros ou bicas públicas	9
Consumo anual de água	1 157 364 m³

ESGÔTO

N.º de logradouros parcialmente servidos	27

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	575
Taxa mensal cobrada (residências)	Cr$ 143,10
Comércio e indústria	Cr$ 328,60
Profissões liberais	Cr$ 233,20
Repartições públicas	Cr$ 164,30

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Funciona 1 agência postal-telegráfica.

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis: (principais): Hotel Glória S. A.; Moderno Hotel; Palace Hotel; cujas diárias variam de Cr$ 430,00 a Cr$ 260,00 para casal e Cr$ 290,00 a Cr$ 150,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	596
Ônibus	17
Camionetas	83
Ambulâncias	1
Motociclos	15
Total	712

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	257
Camionetas	216
Fechados para transporte de mercadorias	11
Cisternas	7
Tratores	200
Não especificados	3
Total	694

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	162
Carros de quatro rodas	48
Bicicletas	1 055
Total	1 265

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	265
Carroças de quatro rodas	3
Outros	8
Total	276

Recanto da Praça Barão do Rio Branco

ASPECTOS SOCIAIS — Uruguaiana apresenta um dos mais intensos movimentos sociais do interior, demarcado distintamente: Clube do Comércio, freqüentado pela elite local, constituída de abastados estancieiros, altos comerciantes, funcionários públicos, etc. e, Clube Caixeiral, que congrega a mocidade. No primeiro, em face da situação econômica favorável dos seus "habitués", realizam-se festas suntuosas, bailes a rigor, onde desfilam os mais modernos figurinos europeus ou americanos. No segundo, mais modesto, as festas são alegres com grande número de freqüentadores, não só da cidade como da vizinha cidade Argentina de Libres, separada de Uruguaiana por uma ponte internacional sôbre o rio Uruguai. Desnecessário seria enaltecer os dotes físicos das suas filhas, porque êles encarnam em tôda sua exuberância a beleza da mulher do pampa. Muitas outras agremiações recreativas existem, o que faz de Uruguaiana uma cidade alegre e de movimentada vida social.

INSTRUÇÃO E CULTURA — Os 71% da população presente de 10 anos e mais, sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 49%. Em 1955 havia 56 unidades escolares de ensino fundamental comum, com 6 839 alunos matriculados. Existem no município 4 unidades de ensino ginasial, 2 de ensino colegial, 3 de ensino normal, e 3 de ensino artístico.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — São editados 2 jornais "A Vanguarda" e "A Fronteira". Ambos de natureza política e trissemanais. 5 sociedades recreativas; 9 sociedades esportivas; 3 sociedades culturais; 1 biblioteca de caráter geral, com 8 000 volumes; 1 Estação de rádio — ZYC-6, freqüência: 1 460 quilociclos. Potência na antena: 500 a 1 000 watts. Tôrre irradiante, com altura de 50 metros. Tipo de emissão: A3. Percentagem de modulação: 100%. Freqüência de modulação: 5 kc. Transmissor: R. C. A. Victor. 1 auditório com capacidade para 35 pessoas; 4 microfones. Discoteca com 4 399 discos; empregando oito pessoas. Há no município os seguintes cinemas: Cine-Corbacho, com capacidade para 1 552 pessoas. Cine-Ideal, com capacidade para 180 pessoas. Cine-Medianeira, com capacidade para 100 pessoas, Cine-Teatro Carlos Gomes, com capacidade para 1 033 pessoas.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Há no interior do município várias canchas retas. A carreira é a diversão por excelência, do gaúcho. As apostas são em dinheiro que é entregue ao "Juiz" e êste o reparte conforme o resultado. Há uma severa moralidade nesse jôgo, quanto ao seu julgamento, para o que se pede a colaboração dos mais idosos e respeitáveis cavalheiros do lugar. As carreiras realizam-se especialmente aos domingos.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Há no município 2 hospitais, com 134 leitos. Em 1955 foram internados 2 365 enfermos, assim discriminados: 354 crianças, 704 homens e 1 307 mulheres. Contam os hospitais com 3 aparelhos de Raios-X diagnóstico, 2 salas de operação, 3 salas de parto, 2 de esterilização e 2 farmácias. Existe 1 Centro de Saúde, do Departamento Estadual de Saúde. Exercem a profissão no município 26 médicos, 20 dentistas e 11 farmacêuticos.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Sociedade Beneficente "União Filhos do Trabalho", Sociedade "Laço do Amor", Clube Streptomicina Dr. Maria (distribuição de medicamentos aos tuberculosos), Sociedade Uruguaianense de Amparo aos Necessitados, Asilo da Velhice.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — São 20 os advogados residentes.

ENGENHEIROS RESIDENTES — 8 engenheiros residentes.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de terceira entrância, com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — 1 Delegacia de Polícia.

PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS — 1 Organização do Corpo de Bombeiros, regularmente aparelhado.

COOPERATIVAS — De Produção — 4; de Consumo — 8; total de sócios — 1 687; valor dos serviços executados — Cr$ 316 845 441,00.

SINDICATOS — Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Panificação e Confeitaria, Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares, Sindicato do Comércio Varejista, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e Mobiliário e Sindicato dos Empregados no Comércio.

FESTEJOS POPULARES — Antigamente, as festas populares que se cultuavam eram as "Cavalhadas" e as "Carreiradas". Por longos anos ficaram no esquecimento. Felizmente agora, com a fundação de um Centro de Tradições, recomeçaram a prática dessas lides esportivas. Há na cidade o Centro de Tradições Gaúchas "Patrulha do Oeste", cuja finalidade principal é o culto das tradições gauchescas e a recuperação social, econômica e moral do homem do campo. Estudo Sociogênico do gaúcho e pesquisas folclóricas. Festas Religiosas: Do padroeiro da Diocese, São Miguel Arcanjo e da padroeira da Catedral, Nossa Senhora de Santana. As devoções mais populares em Uruguaiana são as de Nossa Senhora de Santana, padroeira da cidade, festejada com procissão de grande concorrência popular. Celebra-se no dia 26 de julho. A festa do S.S. Sacramento, ou Corpo de Deus, cinqüenta dias após a Páscoa é celebrada com tradicional Procissão do Santíssimo na qual concorrem todos os colégios católicos, congregações e associações religiosas com seus estandartes e extraordinária massa popular. Há ainda as festas de Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio, São Pedro e São João, com seus festejos tradicionais, Santa Rita e Sagrado Coração de Jesus.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — O aeroporto está localizado a 7 quilômetros a sudoeste do centro da cidade, ou seja, 29° 46" Sul e 57° 02" Oeste. Altura: 78,01 metros. Tem duas pistas com as seguintes características: n.° 09-27, com 1 200 metros de comprimento por 90 metros de largura. N.° 04-22, com 900 metros de comprimento por 90 de largura. Mantém serviço completo de proteção ao vôo: radiotelegrafia, transmitindo na freqüência de 6 320 e 2 835 kc e recebendo em 6 320, 2 835 e 5 780, serviço de radiofonia; transmitindo com 4 220 kc e recebendo em 4 220 e 5 580 kc. Estação Meteorológica (observações de superfície e aerológicas). Farol Rotativo. Balizamento noturno e radiofarol, prefixo UG, freqüência 221 kc. Ainda existem mais duas estações de serviço radiotelegráfico da Varig e Real Aerovias, distantes aproximadamente 3 quilômetros.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Monumento ao Barão do Rio Branco, o primeiro erigido no Brasil, obra do grande Rodolfo Bernardelli, feita em Paris.

FINANÇAS PÚBLICAS —

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950.......	...	16 006	6 209	2 052	7 276
1951.......	9 994	25 969	6 849	2 273	7 907
1952.......	11 104	29 671	7 451	2 629	8 508
1953.......	14 210	38 583	8 908	2 830	10 379
1954.......	22 529	48 099	11 045	3 141	11 559
1955.......	32 057	58 844	11 988	3 329	13 045
1956.......	59 812	83 046	25 976	4 200	26 219

VACARIA — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na Zona Fisiográfica dos Campos de Vacaria. É uma das povoações mais antigas do Estado. Os espanhóis adiantaram-se aos portuguêses e fundaram padrões de domínio nos campos dessa zona. Nessa vasta região, Francisco de Souza Faria, que recebera a patente de "sargento-mor das vizinhanças de Rio Grande de São Pedro e seus sertões", encontrou uma grande cruz de madeira com o seguinte letreiro: "Maries 16 de dezembro ano de 1727 pipe capitulo Marcos Omopo". O sargento-mor não teve dúvidas, mandou desplantar a cruz, substituindo o letreiro pelos seguintes dizeres: "I.N.R.J. Viva El Rei de Portugal Dom João V, anno 1729", colocando-a no mesmo lugar. As crônicas jesuíticas atêm-se a êste fato: "entraram os portuguêsas abrindo caminhos, saqueando as vacarias, deixando em um pau êste letreiro: "Viva El Rei de Portugal". A 10 de julho de 1729, pelo mesmo caminho, tiraram milhões de cabeças de gado, cavalos e mulas". Já em 1672, nos imensos sertões de Vacaria, os Jesuítas levantaram marcos de pedra com a legenda: "S.J. 1672". Em 1680, com a fundação da Colônia do Sacramento, estendeu-se o domínio português até o rio da Prata.

Ao território do atual município de Vacaria pertencia a antiga "Baqueria de los Piñares" de que muito falavam os Jesuítas. Esta vacaria foi a última organizada pelos Padres Jesuítas, à margem esquerda do rio Uruguai. Em certa ocasião, os Padres concentraram em determinada região da vacaria 80 000 vacuns.

Os primitivos habitantes da região eram os índios Guaianas, de temperamento dócil, sociável e catequizável. Sua alimentação provinha da caça e do mel de abelha. Nas festas seguidamente se embriagavam, mas antes escondiam as armas, para evitar tragédias, pois uma vez dominados pelo álcool, atracavam-se em luta corporal. Veneravam de modo especial os mortos e tinham grande respeito pelos feiticeiros tribais.

A abertura da estrada que ligou, naqueles recuados tempos, o nordeste do Rio Grande do Sul com Curitiba e São Paulo, através de serras e penhascos, permitiu a primeira incursão paulistana na região pastoril de Vacaria dos Pinhais, que se achava sob a denominação de Loiola. Outros paulistas percorreram esta estrada, entusiasmando-se pela beleza e excelência dos campos descobertos. Iniciaram, então, os intrépidos paulistanos, lagunenses e açorianos a conquista dessas novas terras e dos imensos rebanhos de gado que ali viviam. A ocupação da região pelos conquistadores trouxe, como conseqüência, lutas violentas. Vencidos, os índios Guaianas embrenharam-se nas selvas e os Jesuítas seus aliados retiraram-se para suas reduções no Uruguai. Nas serras das Antas, ficaram, porém, os ferozes índios Gaigans, que traziam em sobressalto os fazendeiros estabelecidos nas proximidades da referida serra, hostilizando-os em tôdas as ocasiões em que tivessem oportunidade. Os brancos, em represália, procuravam tirar desforra e a matança continuava. Em 1799 as hostilidades recrudesceram de tal maneira que os índios chegaram a massacrar famílias inteiras, saqueando e queimando os lares dos fazendeiros, em território dos atuais distritos de São Manoel, Ipê e Segrêdo. Os proprietários das fazendas reagiram, comandados pelo coronel Joaquim José Pereira, de modo implacável, havendo, como é óbvio, mortes em grande número, refugiando-se, por fim, os selvagens, nos confins das matas. As famílias remanescentes, temendo novos massacres, abandonaram, em definitivo, os campos de Vacaria. O êxodo quase foi geral. Algumas rumaram para Lajes, outras para a região missioneira. Limitado foi o número

Igreja-Matriz Municipal

Vista parcial da Praça General Daltro Filho

dos que permaneceram nas sesmarias centrais do planalto, podendo-se contar, entre êles, José de Campos Bandembur, Manoel Rodrigues de Jesus, Inácio Fernandes dos Reis e Antônio Manoel Velho. A seguir vieram os portuguêses Antônio Borges Vieira e Manoel de Souza Duarte, respectivamente, cunhado e genro de Manoel Rodrigues de Jesus. Em 1785 novos elementos procedentes de Lages e Laguna reiniciaram o povoamento do solo vacariano. Seis foram " os vetustos patriarcas do clã inicial da gente do nordeste planaltense", a saber: José de Campos Bandembur, casado com Maria do Rêgo Melo. Filha única: Clara Jorge da Silva. Manoel José Rodrigues de Jesus, casado com Clara Jorge da Silva. Filhos: Inácia, Maria, Ângel, Ana, Joaquim e outros. Manoel de Sousa Duarte, casado com Maria Rodrigues de Jesus. Filhos: Manoel, Manoela, Teodoro e outros. Inácio Fernandes da Costa, casado com Ângela Rodrigues de Jesus. Filhos: Francisco Xavier da Fonseca (primeiras núpcias), Inácio Fernandes da Costa, casado com Maria Leme de Souza. Filhos: José Fernandes da Fonseca e outros (segundas núpcias). Antônio Manoel Velho. Antônio Borges Vieira, casado com Tereza Rodrigues de Jesus, irmã de Manoel R. de Jesus. Filhos: entre muitos outros, Francisco e João Borges Vieira.

Quanto ao aspecto religioso de Vacaria, segundo Octávio de Faria, em sua publicação "Histórico Sôbre a Divisão Administrativa do Estado do Rio Grande do Sul", foi em 21 de dezembro de 1761 benta a capela curada de Nossa Senhora de Oliveira, sujeita à Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, sendo confirmada sua ereção por Alvará de 20 de outubro de 1805. Em seus primórdios, pertencia o território do município ao de Santo Antônio, do qual foi desmembrado. Um dos episódios de grande importância durante a revolução Farroupilha efetuou-se em Vacaria. As fôrças dos farrapos, depois de uma difícil travessia, através dos matos e sob um forte temporal, sob o comando do general Canabarro, atingem os campos de Vacaria. Para o mesmo local também se dirigia o general Bento Gonçalves, com quem Canabarro fêz junção, o que provocou a retirada precipitada das fôrças do brigadeiro Pedro Labatut, pertencente à facção imperial. Labatut havia sido enviado pelo marechal-de-campo Soares de Andreia, ao Rio Grande do Sul, com a finalidade de liquidar com as fôrças farroupilhas, contando para isso com um contingente de 2 600 homens. O marechal Andreia concebeu, então, o seguinte plano: Pedro Labatut, com 1 000 paulistas e mais catarinenses, cujo efetivo total perfazia 2 600 soldados, penetraria na província, pelo norte e, em combinação com os legalistas rio-grandenses, atacaria, com todo o ímpeto, o grosso das fôrças republicanas, em Viamão. Os revolucionários, em conseqüência dêste plano, ficariam completamente cercados, sem possibilidades de escapar, pois ao sul estavam localizados o rio Guaíba e a lagoa dos Patos, em mãos dos imperiais; o Jacuí também estava em poder das tropas da legalidade; a leste, o oceano vedava a saída dos farrapos; ao norte a região montanhosa e o próprio brigadeiro Pedro Labatut. Os farrapos, saindo-lhes ao encalço, através desta célebre travessia, derrotam Labatut, obtendo, assim, uma grande vitória e frustrando o plano de ação das fôrças imperiais. Em 31 de outubro de 1837, Cândido Alano, à frente de um contingente de fôrças legais, derrota, numa escaramuça, tropas farroupilhas, orçadas em 130 soldados. Foram êstes os

acontecimentos que se desenrolaram em Vacaria, por ocasião da Revolução Farroupilha e que tanto ensangüentaram o Rio Grande do Sul. Após êsses acontecimentos, um surto de progresso começou a penetrar na região. Tanto assim que, pela Lei provincial n.º 185, de 22 de outubro de 1850, foi elevada à categoria de município, na comarca de São Borja. Pela Lei n.º 227, de 10 de janeiro de 1857, foi a sede municipal transferida para Lagoa Vermelha e a da comarca, para Pôrto Alegre. Pela Lei n.º 391, de 26 de novembro de 1857, foi extinta a vila de Vacaria, sendo o território anexado ao de Santo Antônio. Finalmente, pela Lei n.º 1 018, de 12 de abril de 1876, foi restabelecido o município, com sede em Lagoa Vermelha, e pela Lei n.º 1 115, de 1.º de abril de 1878, a sede devolvida à vila de Vacaria, sendo sede de comarca desde 1890.

Vacaria tornou-se livre em 19 de setembro de 1884, pela ação do clube abolicionista localizado na sede e do qual eram diretores Israel Antônio da Paixão, Manoel Batista Pereira Bueno, João Antônio Jaques e Amândio Borges de Albuquerque. A sede contava em 1890 450 habitantes. Durante a Revolução Federalista, em 23 de junho de 1894, o coronel Avelino Paim, pertencente às fôrças legalistas, derrota as amotinadas do coronel Demétrio Ramos, no lugar denominado Ranchinho, no município de Vacaria. Em 8 de outubro de 1894, um grupo de revolucionários é batido completamente em Lomba Chata, no município de Vacaria, por fôrças legalistas, sob o comando do coronel Avelino Paim. Em 14 de fevereiro de 1895, o major legalista Bernardo Moreira Paz derrota, na Fazenda Estrêla, fôrças revolucionárias, sob o comando do coronel Fragoso. Êstes foram os fatos mais importantes ocorridos em Vacaria, durante essa revolução.

Após a proclamação da República, o município teve, entre outros, os seguintes administradores: José Cândido de Campos Júnior, coronéis Avelino Paim de Souza, Manoel Baptista Pereira Bueno, Laurindo Paim de Souza, majores Theodoro dos Santos Camarco e Jacintho Borges Coelho, Drs. Firmino Paim Filho, Augusto Diana Terra, coronel João Borges Pinto, capitão Severiano Borges Pereira, Francelino Guerreiro Filho e major Nabor Moura de Azevedo. Em 1921, residia no município de Vacaria uma população orçada em 22 718 habitantes, cujo número de prédios se elevava a 3 433. Com a revolução de 1923, que convulsionou o Rio Grande do Sul, Vacaria constituiu-se em teatro de operações de guerra.

Em 18 de julho, o coronel rebelde Demétrio José Ramos, com um contingente de tropas, invade o Estado poı Santa Catarina, combatendo nos dias 19 e 20 em Pinhal, Capão Alto e São João Velho, com o tenente-coronel Emílio Carneiro Borges, da facção legalista. Com o término da revolução, começou a entrar o município numa fase de bastante progresso, estando, atualmente, num desenvolvimento apreciável a pecuária, a agricultura e a extração e desdobramento da madeira para a construção civil.

Nos dias que correm, inegàvelmente, pode considerar-se Vacaria uma das grandes comunas do Estado do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA — "História do Rio Grande do Sul" — E. F. de Souza Docca. "Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul", — n.º 4, de 1954. "O Rio Grande do Sul" — Alfredo R. da Costa. "Estudo Histórico Sôbre a Divisão Administrativa do Es-

Outra vista da Praça General Daltro Filho

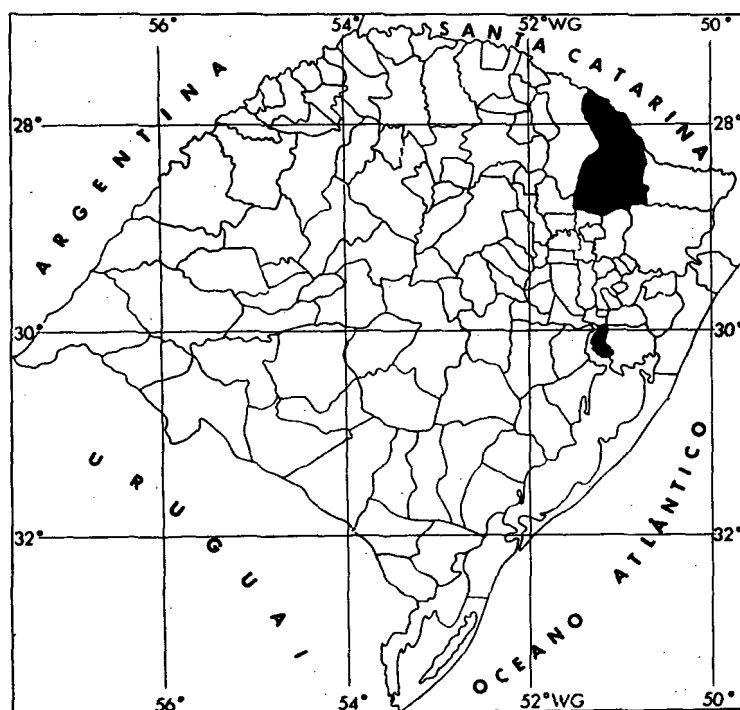
tado do Rio Grande do Sul". Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta Vacaria 48 130 habitantes, localizando-se 6 840 na sede e 41 290 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956). A densidade demográfica era de 7,7 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto a população do município correspondia a 1% do total do Estado. Área: 6 253 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Vacaria e vilas de Coxilha Grande, Esmeralda, Esteira, Ipê, Ituim, Muitos Capões, Pinhal da Serra, São Manoel, São Paulo.

Aspectos demográficos — 1956:

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Vacaria........	1 642	13	418	312	102	1 330

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29º 32' 30" de latitude Sul e 50º 54' 51" de longitude W. Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo N.N.E. Distância em linha reta da capital do Estado: 166 quilômetros. Altitude: 955 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS — *Rios*: Pelotas, limite entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina; mede 192 metros de largura, não sendo navegável. Santana, afluente do Pelotas, com 60 quilômetros de comprimento. Fervedor, divisor dos distritos de Vacaria e Ituim. Das Antas, que limita Vacaria com Caxias do Sul e São Francisco de Paula, tendo 130 metros de largura. Faxinal e o rio da Telha. *Quedas d'água*: A do rio Faxinal, com 35 metros de altura, no distrito de São Manoel. Queda do rio Guacho, com 43 metros de altura, no distrito de São Manoel. Queda do rio Saltinho, com 100 metros de altura e 80 metros de largura; está sendo aproveitada pela usina hidrelétrica da C.E.E.E. O ponto culminante do município é o morro Agudo, com 1 080 metros de altitude.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é ameno. As médias das temperaturas em graus centígrados, no ano de 1956, foram as seguintes: das máximas — 21,9; das mínimas — 10,9; compensada — 15,0. Chuvas: precipitação anual de 897 milímetros. Ocorrência das geadas: meses de maio a setembro.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Estado de Santa Catarina; ao sul: Antônio Prado e São Francisco de Paula; a leste: Bom Jesus; a oeste: Lagoa Vermelha.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Pecuária*: Vacaria é um município pastoril, ocupando a pecuária posição de relêvo em sua economia. Raças preferidas pelos fazendeiros locais: bovinos: devon, charolesa, alberdeen angus e hereford; suínos: duroc-jérsei; piau, caruncho, macau e pelado; ovinos: romney, marsh, corriedale e merina; muares: italiana; cavalares: crioula e inglêsa.

Pastagens: Gramíneas nativas e leguminosas; já existem algumas pastagens artificiais de aveia perene, bromus e trevos.

Mercados: Estado de Santa Catarina, Estado do Paraná e zona colonial do Estado adquirem gado em Vacaria. O município compra gado bovino da fronteira e zona das Missões.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	213 800	363 460
Eqüinos	20 600	20 600
Muares	7 600	9 120
Suínos	21 300	12 780
Ovinos	50 000	14 000
Caprinos	3 000	450

PRINCIPAIS CRIADORES E RAÇAS DE SUAS PREFERÊNCIAS

Nome	*Estabelecimento*	*Raças*
Atilio Marcantonio	Faz. da Várzea	Devon e charolesa
Artur Coelho Borges	Faz do Socorro	Hereford e polled-angus
Firmino Camargo Branco .	Faz Três Marias	Mestiça zebu
Glorocinto Fernandes Moraes	— — —	Durhan e charolesa
João Otávio Ferreira	Faz. da Chapada ...	Zebu mestiço
José Kramer de Almeida ..	Faz São Paulino	Charolesa, devon e sussex
Luiz Fernandes da Fonseca .	Faz. Lomba Chata ..	Devon
Luiz Alfredo Horn	— — —	Diversas cruzas
Luiz Marcantonio	— — —	Hereford
Laurindo Souza Duarte ...	Faz. São Geraldo .	Red polled
Manoel Claro de Lima	Fazenda Reserva	Hereford
Normelio Rodrigues Paim ..	Faz. Santa Tereza .	Devon
Nicolau Pereira Bueno ...	Faz. da Trindade ..	Zebu mestiço
Samuel Guazzelli Filho ...	Faz. Sobradinho ...	Aberdeen-angus e zebu
Valdomiro Borchese	Faz. Virgílio	Diversas cruzas

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	862 180	17 257 966
Carne verde de suíno	136 094	2 520 690
Carne verde de ovino	36 062	589 304
Carne verde de caprino	1 500	9 600
Couro sêco de boi, vaca e vitelo ..	147 870	2 502 700
Pele sêca de ovino	1 898	34 164
Pele sêca de caprino	75	1 350
Toucinho fresco	162 285	3 922 740
Total Geral......	1 347 964	26 838 514

Agricultura: Tem ótimo incremento, na atualidade, a lavoura do trigo e, a do milho mantém-se estabilizada.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Trigo	15 000	97 500
Milho	13 260	29 835
Batata inglêsa	5 640	18 800
Uva	1 310	3 930

Valor total da produção: Cr$ 165 784 375,00.

Em 1949 foi fundado o Pôsto Agropecuário de Vacaria, do Ministério da Agricultura, que teve decisiva influência no estabelecimento da lavoura mecanizada no município. Atualmente a lavoura mecanizada é feita em terras de campo, de suaves ondulações. A maioria das operações é realizada com o emprêgo de máquinas, com o mínimo de mão-de-obra. Existem atualmente em Vacaria 100 lavouras mecanizadas, com o emprêgo de 120 tratores, tendo o mesmo número de arados e grades. Na safra futura (1957) a lavoura mecanizada concorrerá com mais de 50% da produção total de trigo do município. As máquinas e implementos da lavoura local estão calculadas em mais de Cr$ 60 000 000,00. Nos últimos anos nota-se que a área cultivada de trigo vem aumentando gradativamente e a grande maioria das lavouras são lavradas em curvas de nível, para conter a erosão. As terras são adubadas tècnicamente e têm aumentada sua produtividade. Na safra de trigo do corrente ano (1957), empregar-se-ão mais de 2 000 toneladas de adubos. A estimativa para a safra futura (1957) é de 250 000 sacos, dos quais a lavoura mecanizada contribuirá com 150 000. A produção de trigo é consumida em parte na própria comuna, onde existem cinco moinhos. O restante, é vendido aos municípios vizinhos, como Caxias do Sul, Antônio Prado e Pôrto Alegre. A produção de milho a batata-inglêsa, de consumo local, deixa ainda um superavit, exportado para Pôrto Alegre.

PRINCIPAIS TRITICULTORES:

Nome:	*Área cultivada (HA)*
Distrito de Vacaria:	
José Firmino Lopes	80
Egydio Carneiro Borges Primo	80
Rubens Martins Berta	100
Zeno Waltenor Freitas de Andrade	400
Granja N. Srª de Oliveira	400
Guaracy Borges Pascoal	50
Roberto Germany	200
Mário Gomes da Fonseca	50
Barizon e Dallagiustina	350
Felisbino Lisboa Siqueira	20
João Turra	100
Álvaro Rigon	70
José Onófrio	130
Onor Martins Marcantonio	200
Atílio Marcantonio	100
Arthur Coelho Borges	150
Cesas Ramos Cesas	150
Emílio Camargo Ramos	150
Alencar Antônio Rodrigues	150
Riograndino Paim de Andrade	150
Distrito de Ituim:	
Leovegildo Guazzelli	150
Algacyr Nunes Paim	150
Ruy de Almeida Barcellos	200
Eliza Paim Valmorbida	120
Ruy Paim de Andrade	100
Cruzvaldino Faccioli	100
Pedro Zen Neto	100
Distrito de São Manoel:	
Irmãos Guazzelli	50
Alexandre Cechinato	60
Distrito de Esmeralda:	
Paulo Di Gesú Marques	100
Adão Paulo de Brum Viana	100
Altamiro de Farias Kause	100
Virgílio Carneiro	100
Cícero Rodrigues D'Avila	100
Distrito de Coxilha Grande:	
Lauro Godinho	150
Júlio Borges	60
Plínio Teixeira Borges	100
Waldomiro Teixeira Borges	150
João Otavio Ferreira	150
Irmãos Bellan	150
Distrito de Muitos Capões:	
Liupércio Fernandes de Oliveira	100
Saul Miguel Possapp	150
José Duarte Borges	150
Distrito de Esteira:	
Assis Ferreira da Silva	30
João Lisboa Boeira	20
Pedro Lisboa Boeira	100

Avicultura — No município não há criadores organizados. É a seguinte a estimativa da população avícola: 61 000 galináceos, no valor total de Cr$ 3 355 000,00; 1 900 patos, marrecos e gansos, no valor total de Cr$ 133 000,00.

Apicultura — Principais criadores: Aparício Joaquim de Souza e Aristóteles de Lima. O valor da produção total do município é de cêrca de Cr$ 1 000 000,00.

Indústria — Em 1955, funcionavam 163 estabelecimentos industriais, ocupando a média mensal de 1 044 operários;

Outra vista parcial da Praça General Daltro Filho, inteiramente coberta de neve, em 20 de julho de 1957

Outra vista parcial da Praça General Daltro Filho, inteiramente coberta de neve

sua produção somou Cr$ 152 562 000,00. Contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total: Ind. alimentares, 31,7%; Ind. de bebidas, 1,1%; Ind. da madeira, 62,9%; Transf. de produtos minerais, 1,6%; Couros e produtos similares, 0,5%; Ind. químicas e farmacêuticas, 0,2%; Ind. de mobiliário, 0,1%.

COMÉRCIO E BANCOS — É o seguinte o número de estabelecimentos comerciais existentes na sede municipal, segundo o gênero de comércio:

Gêneros alimentícios, bebidas, etc.	90
Prod. químicos, farmacêuticos e afins	4
Máquinas, aparelhos e material elétrico	5
Tecidos em geral	12
Calçados	3
Couros e peles	3
Joalherias e relojoarias	3
Material de constr. (dep. de madeira serrada)	8
Móveis de madeira	3
Artigos do vestuário e de armarinho	4
Veículos e acessórios	6
Combustíveis e lubrificantes	10
Livrarias	2

Na sede municipal há 3 agências bancárias.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Caxias do Sul: rodov. (111 quilômetros); Lagoa Vermelha: rodov. (78 quilômetros); Antônio Prado: rodov. (74 quilômetros); Aparados da Serra: rodov. (66 quilômetros); Nova Prata: rodov. (142 quilômetros); São Francisco de Paula: rodov. até Caxias do Sul (111 quilômetros). Daí a Canela (64 quilômetros) e daí a São Francisco de Paula (42 quilômetros), perfazendo o total de (217 quilômetros); Passo Fundo: até Lagoa Vermelha (78 quilômetros). Daí a Passo Fundo (106 quilômetros), perfazendo o total de (178 quilômetros). Estado de Santa Catarina — cidades vizinhas, cujos municípios limitam-se com esta unidade federada e êste município: Lajes: rodov. (113 quilômetros); Anita Garibaldi: rodov. (140 quilômetros). Capital do Estado: rodov. (246 quilômetros), aéreo (166 quilômetros). Curitiba: rodov. (472 quilômetros), São Paulo — rodov. 969 quilômetros). Capital Federal: rodov. (1 388 quilômetros).

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida de luz elétrica; o sistema adotado é misto, isto é, termelétrico na sede municipal e hidrelétrico em Saltinho.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	55
Ruas	39
Avenidas	3
Travessas	8
Largos	2
Praça	1
Estradas	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Paralelepípedos	14 040 m²
Asfalto	360 m²
Terra melhorada	346 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Arborizado	1
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	1 873
Zona urbana	1 161
Zona suburbana	712

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 755
2 pavimentos	101
3 pavimentos	14
4 pavimentos	2
5 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 603
Residenciais e outros fins	212
Exclusivamente a outros fins	58

RÊDE ELÉTRICA

Logradouros servidos pela rêde	28
N.º de focos para iluminação pública	402

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	4 720 000 kWh
Da sede municipal	881 160 kWh
Consumo para iluminação pública	87 600 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o munic.	60 000 kWh

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Logradouros totalm. serv. pela rêde	7
Logradouros parcialm. servidos pela rêde	16
Consumo anual de água	258 785 m³

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	284
Taxa mensal para residências	Cr$ 121,90
Para comércio e indústria	Cr$ 275,00

SERVIÇO POSTAL TELEGRÁFICO — Uma agência na sede municipal.

HOTÉIS E PENSÕES — Há na sede os seguintes hotéis: De Lucchi, Real, Bonfá, Tamoio, Santo Antônio e Novo Hotel Avenida, com diárias de Cr$ 240,00 a Cr$ 300,00 para casal e de Cr$ 120,00 a Cr$ 150,00 para solteiro. Pensões: Pegorini, Bela Vista, Santa Terezinha, Orsi, Triângulo, Zen, Restaurant Fort, Pensão Barcelos e Dormitório de Pedro C. de Abreu, com diárias variando de Cr$ 140,00 a Cr$ 260,00 para casal e Cr$ 70,00 a Cr$ 130,00 para solteiro.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

VEÍCULOS A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	184
Ônibus	9
Camionetas	128
Ambulância	1
Motociclos	12
Total	334

PARA TRANSPORTES DE CARGAS

Caminhões	254
Camionetas	5
Fechados para transp. de mercadorias	3
Cisternas	3
Tratores	70
Reboques	55
Não especificado	1
Total	391

VEÍCULOS A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	62
Bicicletas	117
Total	179

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	40
Carroças de quatro rodas	482
Outros	20
Total	542

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente, de 10 anos e mais, 58% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar, (7 a 14 anos) matriculadas é de 50%. Em 1955 havia 128 unidades escolares do ensino primário fundamental comum, com 5 834 alunos. Existem no município 3 unidades de ensino ginasial, uma de ensino normal, duas de ensino sacerdotal, uma de ensino artístico e uma de ensino comercial.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — Há no município três sociedades recreativas, uma sociedade desportiva, duas tipografias, duas livrarias e uma biblioteca geral, com 1 502 volumes. Está instalada no município a Rádio Difusora de Vacaria, com as seguintes características: Prefixo: ZYU-24; máximo de potência anódica (w): 100 — na antena (w): 100; freqüência 1520 quilociclos. Sistema irradiante: fixo. Potência da antena: 100 watts; efetivo da discoteca: 3 147 discos; número de microfones: 3. Um auditório, com capacidade para 100 pessoas. Número de empregados: 10. São os seguintes os cinemas existentes no município: Cine-Teatro Real, com 700 lugares, e Cine-Teatro Guarani, com 783 lugares, ambos localizados na sede.

PRADOS E CANCHAS RETAS — No município existem sòmente canchas retas, sendo a principal a do Jóquei Clube de Vacaria, localizada a 5 quilômetros da sede municipal, sendo uma das melhores do Estado. Principais criadores: Dr. Carlos Luz Cremer, Vitorino Gasparotto e Laurindo Souza Duarte, todos criando a raça inglêsa.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 9 médicos, 8 dentistas e 7 farmacêuticos. Em 1955, contava o município com 5 hospitais, totalizando 160 leitos. Foram hospitalizados 2 021 enfermos, sendo 550 crianças, 696 homens e 775 mulheres. Nestes hospitais, contavam-se 4 aparelhos de raios-X diagnóstico, 5 salas de operações, 3 de partos, 4 de esterilização, 2 laboratórios e duas farmácias.

PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA — Sociedade São Vicente de Paula, Sociedade Espírita Ubiratam de Melo e Sociedade Vacariense de Auxílio aos Necessitados (S.V.A.N.); União Operária de Mútuo Socorro.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA — Doze advogados residentes.

Engenheiro residente — Há 1 engenheiro no município.

Formação Judiciária — Comarca de 2.ª entrância, com um Juiz.

Organização policial — Uma Delegacia de Polícia na sede.

COOPERATIVAS

Produção	1
Consumo	2
Comércio	1
Total de sócios	461
Valor dos serviços executados	Cr$ 5 271 992

FESTEJOS POPULARES — *Religiosos*: Festa de São João; Festa dos Padroeiros; do Divino Espírito Santo; festividades do Natal e, de caráter profano, o carnaval.

AEROPORTOS E CAMPOS DE POUSO — Aeroporto Municipal de Vacaria, localizado a 2 quilômetros da sede, com as seguintes características: 3 pistas, sendo as seguintes as dimensões e natureza do piso de cada uma: 40 x 1 200 metros, de macadame simples; 60 x 1 000 metros, de grama; 60 x 600 metros, de grama. Possui um hangar e um abrigo para passageiros. Está sendo utilizado atualmente pela emprêsa Consórcio Real-Aerovias-Nacional.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Existem na sede municipal a Catedral Nossa Senhora da Oliveira, tôda construída de pedra-ferro, em estilo gótico, e um busto do Dr. Maurício Cardoso, na Praça General Daltro Filho.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS — São as seguintes as principais atrações turísticas, existentes no município: Usina hidrelétrica Estadual de Cascata do Mico, na costa do rio Saltinho; Ponte Interestadual do Rio Pelotas; Ponte Intermunicipal do rio das Antas; Catedral Nossa Senhora da Oliveira.

FINANÇAS PÚBLICAS —

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 116	4 410	4 168	1 528	4 150
1951	1 695	6 447	4 040	1 544	6 354
1952	2 368	7 928	4 156	1 963	4 881
1953	3 134	9 836	5 409	2 401	6 416
1954	4 713	13 662	5 676	2 934	8 504
1955	5 447	19 243	6 733	3 469	9 349
1956	9 376	26 489	12 117	5 816	13 808

VENÂNCIO AIRES — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O povoamento do território do atual município de Venâncio Aires começou perto do ano 1800. Nas margens do rio Taquari e dos arroios Castelhano e Português, instalaram-se Manoel Bento Ferreira da Gama, João Gomes da Rocha, Joaquim Coelho Barbosa, João Francisco Teixeira e outros; eram terrenos produtivos, ricos em madeira de lei, erva-mate. Outros colonizadores primitivos, também portuguêses, fixaram-se às margens do Taquari-Mirim, dedicando-se à pecuária e apenas plantando o suficiente para comer. Por essa época, era criado o município de Rio Pardo, por Provisão de 27 de abril de 1809, ao qual pertenceria o território que constitui hoje Venâncio Aires. Em determinada época era denominado Faxinal do Tamanco, devido a um velho inglês que por lá morava, e usava apenas êsse tipo de calçado. O local passou a ser denominado Estância Mariante, após a chegada de colonos alemães, iniciada em 1853. Mesclavam-se assim elementos de origem lusitana e teuta, criando uma cultura mista, altamente proveitosa, desde que havia aclimação de técnicas e hábitos. A esta época fazia já parte do município de Taquari, que fôra criado em 1849. A 9 de abril de 1869, Dona Brígida Joaquina do Nascimento faria doação a São Sebastião Mártir, de 10 mil braças quadradas de terra, para nela ser edificada a Capela, sob a invocação daquele santo. Era condição expressa a de que, se no prazo de dez anos a contar da data da escritura, não se tivesse edificado a capela, ficaria sem efeito a doação. Foram nomeadas diversas comissões, que venderam lotes, recolhendo dinheiro para a construção. Em 1874 diversos prédios foram erguidos, no local que hoje constitui a sede municipal, e a 3 de janeiro de 1876 seria lançada a pedra fundamental da igreja. Em 1878, construir-se-ia a primeira ponte sôbre o arroio Castelhano, permitindo rápido desenvolvimento do local. Em 1881 passaria a fazer parte do atual município de General Câmara, então chamado Santo Amaro. Pela Lei n.º 1 438, de 8 de abril de 1884, seria elevado à categoria de freguesia. Aumentou notàvelmente a migração para o local de elementos germânicos, provenientes dos primitivos núcleos de colonização alemã — e, pouco mais tarde, também elementos italianos buscariam Venâncio Aires. Tal foi o progresso da freguesia, atingindo em 1890 a população de 6 984 habitantes. Sendo grande a produção agropecuária, o Govêrno Estadual houve por bem, pelo

Escola Municipal Linha Mangueirão (distrito de Mariante)

Hospital Municipal

Ato n.º 371, criar o município, elevando o povoado à vila, em 30 de abril de 1891, ocorrendo a instalação a 11 de maio do mesmo ano. O nome de Venâncio Aires foi escolhido em homenagem ao ilustre propagandista do ideal republicano, fundador do Partido Republicano do Rio Grande do Sul e do jornal "A Federação". Foi instaurada a primeira Junta Governativa, composta por José Antônio Gonçalves Agra, Henrique Mylius e Cristiano Ruperti Filho. O primeiro Conselho Municipal eleito em 20 de outubro de 1891 e empossado a 1.º de dezembro do mesmo ano era composto de Francisco Machado Bitencourt, Ricardo Lopes Simões Sobrinho, Cristiano Ruperti Filho, José Duarte Fagundes, Henrique Mylius, Emílio Selbach e Guilherme Weiss, O primeiro Intendente foi o tenente-coronel Antônio de Azambuja Vilanova Filho, nomeado em 22 de outubro de 1892 e empossado a 13 de dezembro do mesmo ano. Em 1900 a população elevava-se a 11 079 habitantes. A vila contava com 80 prédios, sendo a principal edificação a Igreja de São Sebastião. Em 1914 a população municipal já atingia 16 500 habitantes, sendo que 750 na vila, a qual já contava com 125 prédios. A agricultura já se constituía na maior fonte de riqueza da comuna, ocupando área superior a 20 000 hectares; secundàriamente aparecia a pecuária, e nesta apenas a criação de suínos se revestia de importância. Em 1920 a população estava na casa dos 17 000 habitantes, sendo que 800 na vila. Estavam ainda de pé as casas dos primeiros moradores, construídas em 1874 por Laurindo José da Rosa, Oscar Hennig, Theodoro da Rosa, Bartolomeu Kauffmann, Alberto Ziebell, Antônio Luís de Vargas, Carlos Gross, Antônio Pochmann, Martim Kroth, Carlos Appel e Fernando Schüller. A influência teuta, como se vê, fôra inicialmente grande. A vila era iluminada por luz elétrica, possuía telefones, enfim, prosperava notàvelmente. Pela promulgação do Decreto-lei n.º 311, foi elevada à categoria de cidade a sede municipal.

BIBLIOGRAFIA — "O Rio Grande do Sul" — Alfredo R. da Costa. "Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico do Rio Grande do Sul" — O. Augusto de Faria.

FONTE DOS DADOS — Agência Municipal de Estatística.

VULTO NOTÁVEL — Dom *Edmundo Luís Kunz* — Natural de Venâncio Aires, onde nasceu aos 11 de março de 1919, ingressou no Seminário de São Leopoldo em 1932, cursando humanidades, filosofia e teologia, sendo ordenado

sacerdote por Dom João Becker aos 30 de novembro de 1944. Iniciou seu apostolado como capelão do Colégio Nossa Senhora do Rosário e da Faculdade Católica de Filosofia em Pôrto Alegre, na qual ao mesmo tempo lecionava. Desde 1948 ocupava o cargo de Vigário da paróquia do Rosário, dedicando-se à construção da nova Matriz, Dom Vicente. Aos 31 de dezembro de 1953, lhe foi confiado o reitorado do novo Seminário Maior de Viamão.

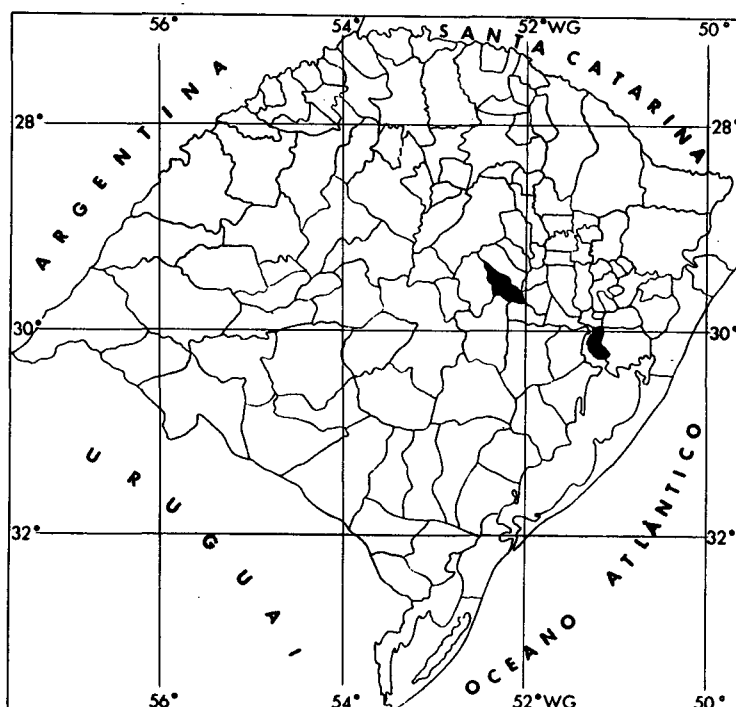
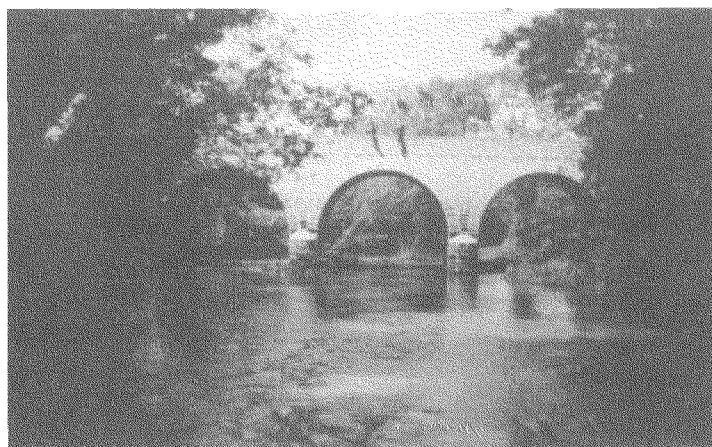
Eleito Bispo titular de Tolemaide e auxiliar de Pôrto Alegre a 1.º de agôsto de 1955, foi sagrado a 30 de outubro, festa de Cristo-Rei, na Catedral. Foi nomeado, aos 30 de novembro, Vigário-Geral do Arcebispado, cabendo-lhe principalmente o ofício de promover a Ação Católica e todo o apostolado leigo.

POPULAÇÃO — Conta Venâncio Aires 37 280 habitantes, localizando-se 4 760 na sede e 32 520 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956). A densidade demográfica era de 43,86 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto a população correspondia a 0,78% do total do Estado. Área: 850 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Venâncio Aires e vilas de Deodoro e Mariante.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Venâncio Aires	1 273	35	305	296	100	977

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 29° 39' 30" de latitude Sul e 52° 08' 41" de longitude W. Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo W.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 97 quilômetros. Altitude: 210 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Ponte sôbre o arroio Castelhano (divisa de Venâncio Aires com Santa Cruz do Sul)

Acidentes geográficos — O rio Taquari, tributário do caudaloso rio Jacuí, banha a parte leste do município, onde forma um belíssimo pôrto de aproximadamente 1 000 metros de extensão, e, em cujo local, o Govêrno do Estado, por seu D.E.P.R.C., acaba de construir um trapiche para armazenamento de cargas. O referido pôrto, com a denominação oficial de Pôrto Mariante, se acha localizado em vila Mariante. A comuna dispõe de um bom sistema hidrográfico: diversos arroios cortam-no em tôdas as direções, afluindo êstes ao rio Taquari. Os principais arroios são: Taquari-Mirim, ao sul, na divisa com os municípios de General Câmara e Rio Pardo; Castelhano, a oeste, que separa o município do de Santa Cruz do Sul; Sampaio, ao norte, divisando com Lajeado; Arroio Bonito e Arroio Grande; êstes últimos são afluentes do Castelhano. A única cachoeira que merece relato, embora de pequeno volume de água, é a que se acha localizada em Linha Cachoeira, com uma queda de 20 metros. Além desta, existem inúmeras cachoeirinhas que variam de 1 a 2 metros de altura. Os arroios do município são pouco piscosos, enquanto que, no rio Taquari, abundam peixes de tôdas as espécies da água doce, destacando-se: dourado, piava, traíra, pintado e jundiá que se encontram em maior quantidade. A pesca não está sendo explorada com fito comercial.

RIQUEZAS MINERAIS E VEGETAIS — *Minerais* — Areia e pedra grês, para construção e cantaria; argila para cerâmica. *Vegetais* — Madeiras de diversas espécies, como: açouta-cavalo, angico, cabriúva, cachêta, canela, canjerana, capororoca, caroba, cedro, espinilho, grapiapunha, guajuvira, ipê, louro, pinho, tajauva e tambor. *Minerais* — carvão vegetal e cascas tanantes.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956, em graus centígrados, foram: das máximas, 24; das mínimas, 14; compensada, 19,8. Precipitação anual das chuvas: 1 280 milímetros. Ocorrências das geadas: nos meses de junho, julho e agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Lajeado; ao sul: General Câmara e Rio Pardo; a leste: Taquari e a oeste: Santa Cruz do Sul.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Indústria* — Em 1955, seus 220 estabelecimentos fabris, empregando a média mensal de 843 operários, produziram o montante de ......

Igreja-Matriz Municipal, em estilo gótico, uma das mais lindas da região

Ponte sôbre o arroio Bonito, localizada entre Linha Santo Antônio e povoado Boa Vista

Cr$ 227 541 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Indústrias alimentares, 16,3%; Da bebida, 0,4%; Da madeira, 2,3%; Transformação de produtos minerais, 2,9%; Couros e produtos similares, 0,8%; Químicas e farmacêuticas, 0,9%; Metalúrgicas, 5%; Do fumo, 68,9%; Vestuário, calçados e artefatos de tecidos 1,3%.

Agricultura — Contando com terras fertilíssimas, com seu território subdividido, encontra Venâncio Aires no pequeno agricultor o agente número um de seu desenvolvimento econômico.

Principais Agricultores	Enderêço	Área (ha)	Produtos Cultivados
Affonso L. Helfer	Linha Estrêla	25	Arroz
Armando A. Jantsch	Linha Lenz	51	Fumo, milho, feijão, batatas
Armando J. Bogorny	Linha Santa Emília	32	Milho e fumo
Arnaldo Bencke	Linha Brasil	21	Milho e fumo
Bertoldo Metz	Linha Brasil	33	Milho, fumo e batatas
Clemente L. Gassen	Linha Arlindo	73	Arroz, milho e fumo
José Octavio Wendt	Linha G. Hansel	36	Fumo, milho e batatas
Randolfo Silveira	Linha Grão-Pará	24	Arroz
Rodolfo Knies	Vila Rica	64	Batatas e trigo
Soc. Escolar de Orientação e Ensino	Linha Bela Vista	96	Milho, feijão-soja, amendoim
Uhmann Irmãos	Linha Cecília	38	Cana-de-açúcar e milho
Vivaldino G. Carvalho	Linha Santo Antônio	74	Erva-mate, milho, mandioca
Willy Metz	Linha Arroio Grande	27	Milho, fumo e feijão

PRODUÇÃO AGRÍCOLA — 1955

Espécie	*Quantidade (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Milho	29 016	70 122
Fumo	5 265	57 915
Mandioca	8 219	7 561
Alfafa	3 780	6 804

Avicultura — Tôdas as propriedades agrícolas possuem razoável número de aves. Estima-se o total em 169 540 cabeças, valendo cêrca de Cr$ 7 120 680,00.

Apicultura — A produção de mel do município no ano de 1956 foi de 40 000 quilogramas, valendo Cr$ 504 000,00.

Pecuária — É o setor menos desenvolvido do município; a indústria e a agricultura, sobrepujam-na. Não obstante, é a pecuária uma boa fonte de renda, notadamente a suinocultura. As principais raças existentes no município, são: Bovinos — holandês, jérsei e zebu. Suínos — Polanchim, duroc-jérsei e macau. Eqüinos — árabe. Ovinos — cara-negra e pedigree-mirim. Nas pastagens naturais predominam: grama-forquilha e grama rasteira comum.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	27 000	43 200
Eqüinos	8 300	8 300
Muares	1 300	1 560
Suínos	48 800	39 840
Ovinos	1 600	464
Caprinos	600	78

Os principais criadores de bovinos do município, ainda que em pequena escala, são: Abílio Matias da Rosa — Linha Campo Grande; Aggadio Steffens — Ponte Queimada; Alfredo Scherer — Linha Mangueirão; Argemiro Quadros da Silva — Linha Mangueirão; Ataliba Rosa — Linha Mangueirão; João Antonio Bohn — Linha Estância Mariante; João Assmann — Vila Rica; Theodonio F. dos Santos — Linha Mangueirão, e V.ª Irene Staub, Ponte Queimada.

O movimento comercial de gado, no ano de 1956, foi

ESPÉCIE	COMPRA		VENDA	
	N.º de cabeças	Procedência	N.º de cabeças	Destino
Bovino	2 800	Soledade e Cachoeira do Sul	520	Lajeado e Estrêla
Eqüino	...	...	120	Soledade
Muar	...	...	25	Soledade
Suíno	600	Estrêla e Montenegro	9 800	Lajeado, Estrêla e Taqauri
Ovino	120	Encruzilhada do Sul e Bagé	...	...

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	531 310	11 536 372,00
Charque de bovino	2 500	68 600,00
Carne verde de suíno	217 032	4 041 348,00
Charque de suíno	220	6 160,00
Carne verde de ovino	1 501	12 008,00
Carne verde de caprino	950	7 600,00
Couro verde de boi, vaca e vitelo	75 744	666 547,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	9 435	105 632,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	4 454	30 245,00
Couro salgado de suíno	1 594	10 592,00
Pele sêca de ovino	79	632,00
Pele sêca de caprino	48	350,00
Banha não refinada	15 594	473 400,00
Toucinho fresco	320 574	7 549 783,00
Salsicharia a granel	5 110	173 190,00
Sebo industrial	1 160	19 000,00
Secundários	2 588	26 647,00
Total	1 189 893	24 728 106,00

25 — 24 946

Praça Henrique Bender, vendo-se ao fundo a Igreja Evangélica e o Grupo Escolar Monte das Tabocas

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Comércio por atacado	3
Loja de Fazendas	3
Fazendas, secos e molhados	5
Secos e molhados	23
Loja de calçados	4
Material elétrico e rádios	5
Loja de ferragens	2
Comércio de madeira	2
Livraria	1
Farmácias	3
Casa de móveis	1
Comércio de bebidas	1
Bares	15

Viaduto da Ponte (em construção), sôbre o rio Taquari, em Vila Mariante

O intercâmbio comercial do município processa-se especialmente com a capital do Estado, salvo pequenas transações que se efetuam com os municípios limítrofes (Santa Cruz do Sul, Lajeado, Estrêla, Taquari e Soledade) e com os municípios da zona da Campanha. A cidade dispõe dos seguintes estabelecimentos bancários: Caixa Rural União Popular de Venâncio Aires; Agência do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A.; Agência do Banco Nacional do Comércio S. A.; Agência do Banco Agrícola e Mercantil.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a Taquari: rodov. (48 quilômetros) ou misto: a) rodov. (28 quilômetros) até vila Mariante e b) fluvial (24 quilômetros); Lajeado: rodov. (58 quilômetros); Soledade: rodov. (137 quilômetros); Santa Cruz do Sul: rodov. (31 quilômetros); Rio Pardo: via Santa Cruz do Sul, já descrita. Daí, veja Santa Cruz do Sul a Rio Pardo; General Câmara: misto: rodov. (28 quilômetros) até Vila Mariante e b) fluvial (28 quilômetros). Capital do Estado — rodov. (180 quilômetros) ou: a Montenegro rodov. (100 quilômetros) e veja Montenegro a Pôrto Alegre ou misto: a) rodov. (28 quilômetros) até Vila Mariante e b) fluvial (132 quilômetros). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal.

ASPECTOS URBANOS — Até março de 1956, o fornecimento de energia elétrica a esta cidade era feito pela Usina Elétrica Municipal que dispunha, para êsse abastecimento,

de 5 geradores termelétricos com uma potência total de 880 kVA. A referida usina foi inaugurada em 1942. A partir de março de 1956, a cidade está sendo abastecida pela Usina Termelétrica de São Jerônimo.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	39
Ruas	34
Travessas	3
Praças	2

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Macadame	70 000 m²
Asfalto	8 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente macadamizados	6
Parcialmente macadamizados	17
Arborizados e ajardinados simultâneamente	2

EDIFICAÇÕES

Número total de prédios	1 280
Zona urbana	890
Zona suburbana	390

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	1 240
2 pavimentos	39
3 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	1 076
Residenciais e outros fins	108
Exclusivamente a outros fins	96

RÊDE ELÉTRICA

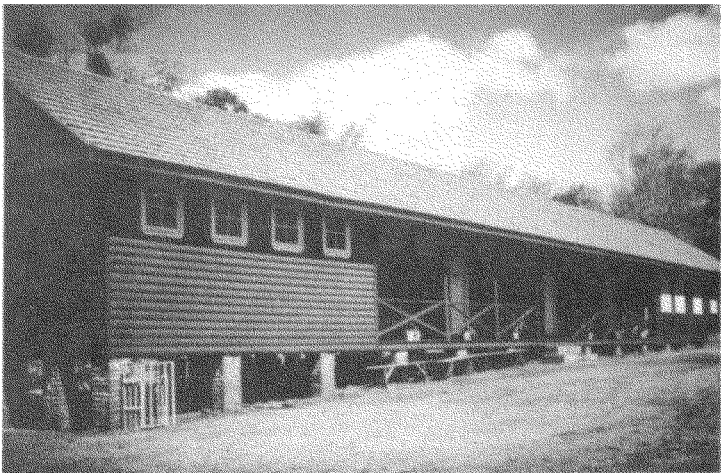
Logradouros servidos pela rêde	35
N.º de ligações elétricas domiciliares	1 226
N.º de focos para iluminação pública	320

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	1 272 000 kWh
Consumo para iluminação pública	180 000 kWh
Consumo p/fôrça motriz em todo o município	460 000 kWh

RÊDE TELEFÔNICA

Aparelhos em uso na sede municipal	98
Taxa mensal cobrada	Cr$ 233,00
Agência telefônica	1

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Há duas Agências Postal-telegráficas, na sede e uma na vila Mariante.

Grupo Escolar Estadual de Linha Terezinha (sede)

Vista parcial da Rua Oswaldo Aranha

Grupo Escolar de Linha Estância Mariante

HOTÉIS E PENSÕES — Há no município os seguintes hotéis: Hotel Schmit, com diárias de Cr$ 140,00 para solteiro e Cr$ 280,00 para casal; Hotel e Churrascaria Gaúcha, com diárias de Cr$ 120,00 para solteiro e Cr$ 240,00 para casal; Hotel Heinen, com diárias de Cr$ 120,00 para solteiro e Cr$ 240,00 para casal.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	130
Ônibus	9
Camionetas	11
Motociclos	6
Total	156

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	126
Camionetas	50
Cisternas	3
Tratores	27
Total	206

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	196
Carros de quatro rodas	36
Bicicletas	1 300
Total	1 532

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	48
Carroças de quatro rodas	1 310
Outros	302
Total	1 660

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 76% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 65%. Em 1955 havia 75 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, com 4 436 alunos matriculados. Conta ainda o município com uma unidade de ensino ginasial, uma de normal e uma de sacerdotal.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — No município existem 60 associações culturais, sendo: 41 recreativas, 17 desportivas, uma literária e uma artística. Há, também, uma biblioteca, de caráter geral, com 3 828 volumes catalogados, Cine-Teatro Imperial, com 750 lugares. Em Vila Mariante há também 1 cinema: Cine União, com capacidade para 120 pessoas, de propriedade do Sr. Donato Vasques da Cunha.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Citam-se uma cancha reta situada na linha Grão-Pará, com 450 metros de extensão e uma em linha Mangueirão, com 800 metros de comprimento.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem a profissão no município 5 médicos, 6 farmacêuticos e 13 dentistas. Em 1955, contava a comuna com 2 hospitais, totalizando 130 leitos, tendo sido internados 3 105 enfermos, assim discriminados: 1 144 crianças, 625 homens e 1 336 mulheres. Nos 3 hospitais, contam-se: 1 aparelho de raios X diagnóstico, 3 salas de operações, duas salas de partos, uma de esterilização e uma farmácia.

Proteção e Assistência — A Legião Brasileira de Assistência, núcleo municipal, presta assistência aos munícipes.

Assistência judiciária — Três advogados residentes.

Formação judiciária — Comarca de 1.ª entrância a ser instalada.

Organização Policial — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS

Cooperativas — de Produção	3
de Crédito	1
Total de sócios	2 494
Valor dos serviços executados	Cr$ 11 111 389,00
Valor dos empréstimos	Cr$ 10 693 145,00

FESTEJOS POPULARES — Em janeiro de cada ano, realiza-se nesta cidade a festa em louvor do padroeiro da Paróquia, São Sebastião Mártir, que se inicia a 16 e prolonga-se até 20. No dia do encerramento, efetua-se a procissão. A Comunidade Evangélica também promove, anualmente, festas populares que duram, em geral, dois dias. Essas festas têm lugar em dias variáveis, no mês de maio. Diversas procissões realizam-se, anualmente, em tôdas as

Grupo Escolar Estadual Monte das Tabocas

Paróquias Católicas do município, sendo a procissão de "Corpus Christi" a mais concorrida de tôdas.

AEROPORTOS — Financiado pelo Govêrno do Estado, acha-se em construção o aeroporto local.

FINANÇAS PÚBLICAS —

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	1 511	2 707	2 566	1 832	2 472
1951	1 827	4 357	2 837	1 907	2 939
1952	2 746	5 877	3 769	2 380	3 824
1953	3 099	7 935	5 014	3 009	5 411
1954	6 041	10 680	5 801	3 401	6 854
1955	9 280	15 780	8 422	4 680	7 161
1956	15 770	28 070	(*) 9 011	(*) 5 055	(*) 10 074

(*) As orçamentárias são, respectivamente: 12 000, 5 159 e 12 000.

VERANÓPOLIS — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — Veranópolis, nos primitivos tempos, era denominado Roça Reuna, por motivo de existir uma pequena elevação rochosa, com uma vertente, local êste em que faziam pousada os viandantes oriundos de Lagoa Vermelha em demanda para Montenegro, onde tomavam os vapôres que os conduziriam à capital da Província. A Colônia de Roça Reuna foi fundada no ano de 1880, pelo Dr. Júlio da Silva Oliveira, Engenheiro-chefe da Comissão de Terras, que relevantes serviços prestou à colonização local. Em 1884, chegaram os imigrantes, originários da Itália, na maior parte, Polônia e Alemanha, que vieram com tôdas as despesas custeadas pelo Govêrno Imperial, que tinha em mira o incremento da agricultura, do comércio e a industrialização das riquezas florestais encontradas. Êste foi o primeiro passo na exploração, assinalando a primeira penetração no território do município. Mais tarde, com o grande progresso alcançado pela colônia, graças ao poderio econômico e equilíbrio social e à grande administração do engenheiro José Montaury de Aguiar Leitão, o Govêrno do Estado elevou-a à categoria de vila, no ano de 1892, com a denominação de Benjamin Constant. Esta situação pouco durou, sendo algum tempo mais tarde, ante as reclamações dos habitantes, rebaixada para colônia, novamente, com o nome de Alfredo Chaves, em homenagem ao ilustre rio-grandense, que ocupou a Pasta da Guerra no Gabinete Cotegipe. Em 15 de janeiro de 1898, pelo Decreto n.º 124 B, do Govêrno do Estado do Rio Grande do Sul, houve a desanexação de Alfredo Chaves do município de Lagoa Vermelha — do qual fazia parte como 2.º distrito —, constituindo-se uma nova comuna gaúcha, graças ao grande desenvolvimento alcançado no setor agrícola, fruto da colonização estrangeira em nosso meio. O primeiro administrador municipal foi o tenente Albano Coelho de Souza que, mais tarde, em março de 1889, é eleito Intendente Municipal, ocasião em que promulgou a Lei Orgânica do novo município, ainda, denominado Alfredo Chaves. Mais tarde, por já existir em outra unidade da Federação um município com igual nome e mais antigo, foi sua denominação mudada para Veranópolis. O município, madeireiro e viticultor, está situado na Zona Fisiográfica Colônia Alta.

Vista da ponte rodoviária sôbre o rio das Antas

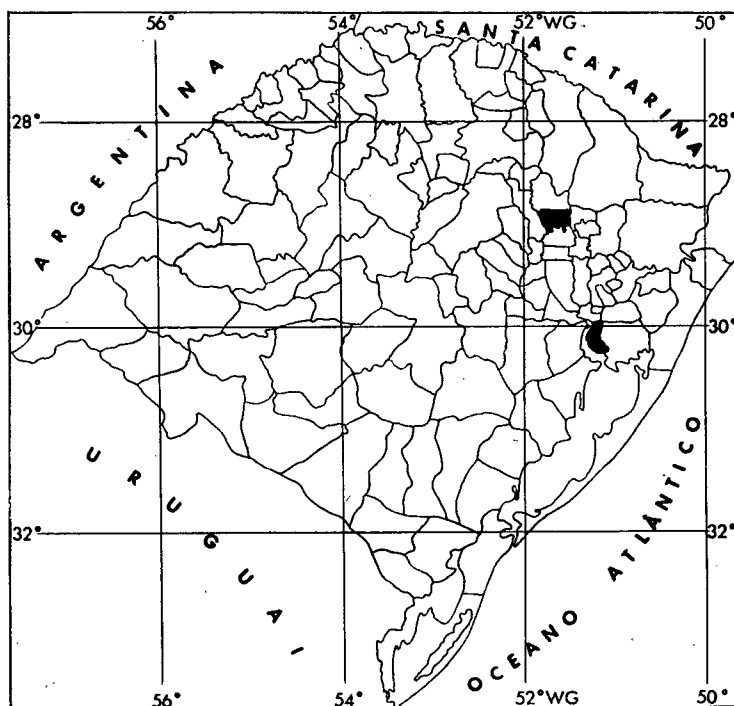
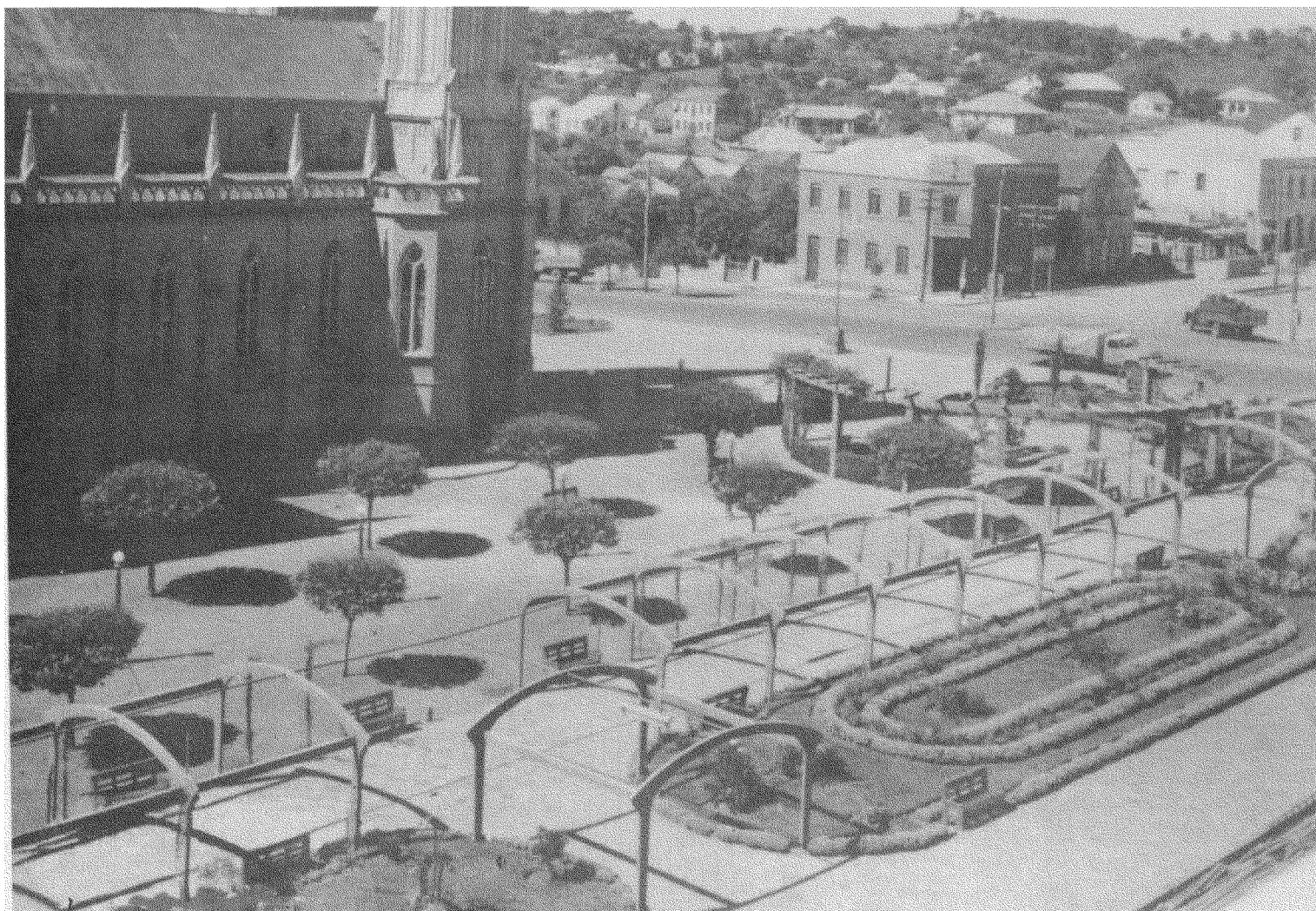
FONTE — Agência Municipal de Estatística.

POPULAÇÃO — Conta Veranópolis 23 980 habitantes, localizando-se 3 950 na sede e 20 030 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 33,44 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto a população do município correspondia a 0,50% da total do Estado. Área: 717 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — A cidade de Veranópolis e vilas de Fagundes Varela e Cotiporã.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Veranópolis	818	20	183	140	31	678

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 28° 58' 10" de latitude Sul e 51° 44' 51" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado: rumo N.N.W. Distância em linha reta da capital do Estado: 122 km. Altitude: 705 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Parte do Jardim da Praça de Veranópolis

Acidentes geográficos — Rio das Antas, rio Carreiro e rio da Prata são ricos em peixes, tendo como variedades principais o dourado, a piava, a traíra, o jundiá, o pintado e a grumatã. Citam-se ainda os seguintes rios, de menor volume de água: rios Vicente, Rosa, Retiro, Jaboticabal e Não Sabia; peixes que se encontram em suas águas: jundiá e lambaris, não sendo a pesca explorada com fito econômico para o município.

RIQUEZAS DE ORIGEM MINERAL E VEGETAL — Carvão-de-pedra, erva-mate.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas ocorridas em 1956, foram as seguintes, em graus centígrados: das máximas: 24,3; das mínimas: 13,9; compensada: 19. Precipitação anual das chuvas: 1 776 mm. Ocorrência das geadas: de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Nova Prata; ao sul: Bento Gonçalves; a leste: Antônio Prado e a oeste: Guaporé.

Agricultura — As atividades agrícolas do município têm real significação para sua economia e a pequena propriedade é um dos esteios da policultura de Veranópolis. O município salienta-se como produtor de uvas viníferas de ótima qualidade.

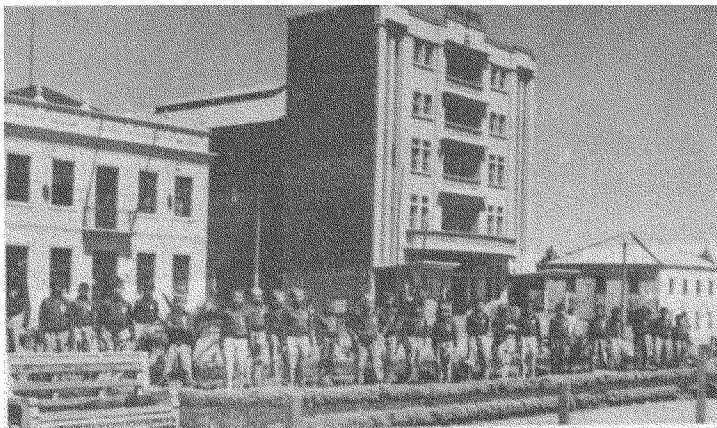
PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Uva	10 000	20 000
Milho	9 000	19 500
Trigo	5 500	19 250
Arroz	1 248	8 736

Valor total da produção: Cr$ 124 699 550,00.

Avicultura — Neste setor, existem criadores em número muito resumido, no entanto, citamos aqui os principais: Reverendos Padres Capuchinhos e os Irmãos Maristas, que criam anualmente de 4 500 a 5 000 aves, raça new-hampshire, cujo valor estima-se em Cr$ 240 000,00.

Apicultura — O número de apicultores no município é elevado, destacando-se dos demais os seguintes: José Canachio, Bertoldo Dal Piva, José Tedesco, Ângelo Grande, João Vivan, Ângelo Dal Piva e Pedro Grande; a produção total é avaliada em 80 000 kg, valendo Cr$ 800 000,00.

Indústria — Em 1955, contavam-se 97 estabelecimentos, ocupando a média mensal de 553 operários, tendo a produção somado CrS 120 182 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação à produção total: Ind. alimentares, 72,4% (com a predominância de banha e derivados suínos, moinhos de trigo e milho); da bebida, 4%; da madeira, 11,2%; Transf. de produtos minerais, 1,1%; Couros e prod. similares, 2,7%; Químicas e farmacêuticas,

Alunos dos Irmãos Maristas, plantando flôres nos canteiros da Praça 15 de Novembro

0,8%; Do mobiliário, 0,6%; Vestuário, calçados e artefatos de tecidos, 1%.

Pecuária — O município de Veranópolis não é pastoril; o gado é comprado de outros municípios, exclusivamente para o fornecimento de carne verde à população. No entanto, quase todos os agricultores possuem, para consumo próprio, bovinos e ovinos. A suinocultura tem relativa significação, já que a grande maioria dos agricultores se dedica à criação porcina. As pastagens, em geral, são naturais e as cultivadas são de capim-forquilha, grama-missioneira e quiqúio. Possui o município alguns criadores de suínos da raça duroch e polanchim. Citamos aqui, como criadores, os próprios estabelecimentos que industrializam os produtos e subprodutos, como seja: Frigorífico Nacional Sul-Brasileiro Limitada, com sede em Cotiporã, 2.º distrito, e Cooperativa dos Suinocultores de Bela Vista Lt.da., com sede em Fagundes Varela, 3.º distrito.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	6 900	11 040
Eqüinos	3 600	3 600
Asininos	600	600
Muares	2 000	2 400
Suínos	20 600	12 360
Ovinos	4 200	1 218
Caprinos	700	91

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	471 071	9 187 861,00
Carne verde de suíno	166 986	2 757 316,00
Carne salgada de suíno	92 660	2 743 406,00
Carne defumada de suíno	13 330	475 600,00
Presunto defumado	41 249	2 181 969,00
Carne verde de ovino	2 968	55 306,00
Carne verde de caprino	1 460	23 939,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	6 703	75 093,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	70 003	583 406,00
Couro salgado de suíno	51 813	930 016,00
Pele sêca de ovino	160	1 760,00
Pele sêca de caprino	74	444,00
Banha refinada	795 006	25 716 191,00
Toucinho fresco	10 471	277 418,00
Toucinho salgado	99 342	3 307 251,00
Salsicharia a granel	348 173	17 210 983,00
Sebo industrial	13 184	192 240,00
Secundários	114 704	1 271 389,00
Total	2 299 357	66 991 588,00

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	15
Ferragens	5
Fazendas e armarinhos	20
Móveis	5
Rádios e refrigeradores	4

O município mantém transações comerciais com os municípios de Nova Prata, Lagoa Vermelha, Guaporé, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Pôrto Alegre e outros. *Bancos* — A sede municipal possui duas agências bancárias: Banco do Rio Grande do Sul e Banco Nacional do Comércio, possuindo ainda uma Agência da Caixa Econômica Federal.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Nova Prata: rodov. (23 km); Guaporé: rodov. (60 km); Bento Gonçalves: rodov. (40 km); Antônio Prado: rodov. (32 km); Capital do Estado — rodov. (184 km) ou misto: rodov. (40 quilômetros) até Bento Gonçalves e ferrov. (172 km) até Pôrto Alegre. Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade de Veranópolis é servida de luz elétrica e o sistema adotado é o hidrelétrico, inaugurado em 1953, pela C.E.E.E.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos (total)	19
Ruas	16
Avenida	1
Travessa	1
Praça	1

ÁREA DA PAVIMENTAÇÃO

Macadame	40 100 m²
Terra melhorada	32 000 m²

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Totalmente pavimentados	1
Parcialmente pavimentados	1
Totalmente calçados com paralelepípedos	2
Parcialmente calçados com paralelepípedos	1
Totalmente calçados com pedras irregulares	10
Parcialmente calçados com pedras irregulares	4
Arborizados e ajardinados simultâneamente	7

As alunas de todos os estabelecimentos de ensino, plantando flôres na Praça 15 de Novembro

Vista parcial aérea da cidade

E D I F I C A Ç Õ E S

Número total de prédios	706
Zona urbuna	457
Zona suburbana	249

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	298
2 pavimentos	399
3 pavimentos	8
4 pavimentos	1

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	399
Residenciais e a outros fins	167
Exclusivamente residenciais	140

R Ê D E E L É T R I C A

Logradouros servidos pela rêde	19
N.º de ligações elétricas domiciliares	1 387
N.º de focos para iluminação pública	364

Igreja-Matriz Municipal

PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA

Total do município	1 009 032 kWh
Consumo para iluminação pública	403 612 kWh

R Ê D E T E L E F Ô N I C A

Aparelhos em uso na sede municipal	59
Agência telefônica na sede	1
Subagências em Cotiporã e F. Varela	2

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma Agência Postal-telegráfica.

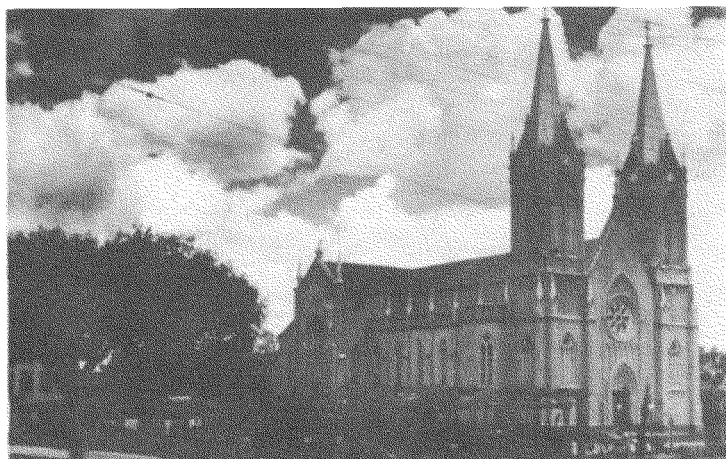
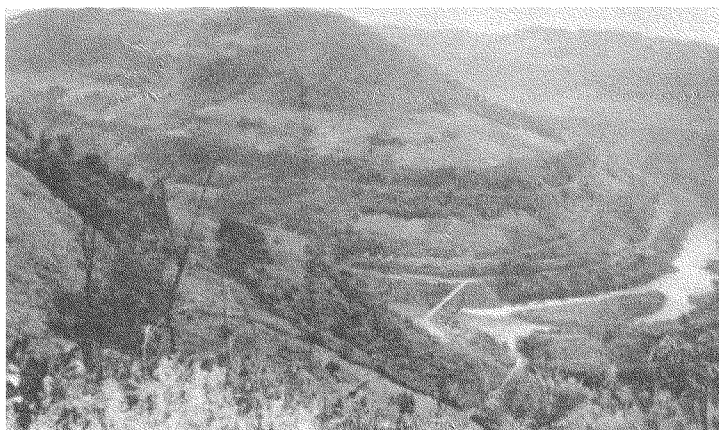
HOTÉIS E PENSÕES — Há os seguintes hotéis no município: Hotel Zanchetta, diária para casal Cr$ 180,00, para solteiro Cr$ 120,00; Hotel Avenida e Hotel Tansini, com as mesmas diárias.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	127
Ônibus	3
Camionetas	36
Motociclos	3
T o t a l	169

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	174
Camionetas	5
Tratores	2
Reboques	43
Não especificados	3
T o t a l	227

Vista aérea do Monte Carlos, coleando em seu derredor o rio das Antas

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	22
Bicicletas	73
Total	95

P A R A C A R G A S

Carroças de quatro rodas	1 300

INSTRUÇÃO E CULTURA — Das pessoas presentes de 10 anos e mais, 66% sabem ler e escrever. A quota de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 67%. Em 1955, havia 92 unidades escolares do ensino primário fundamental comum, com 3 738 alunos matriculados. Existem no município duas unidades de ensino ginasial uma de ensino pedagógico, duas de ensino sacerdotal e uma de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Há no município uma estação de rádio, prefixo ZYU-55, freqüência: 780 kc; 100 watts; uma tôrre irradiante; 1 palco auditório; 2 microfones, discoteca com 2 700 discos e 4 funcionários. E 1 cinema, com capacidade para 820 pessoas.

ASPECTOS SANITÁRIOS — Exercem profissão no município 7 médicos e 6 dentistas. Em 1955, eram 3 os hospitais no município, totalizando 173 leitos, tendo sido internados 3 395 enfermos, assim discriminados: 1 143 crianças, 1 029 homens e 1 223 mulheres; dois contam com aparelho de raio X diagnóstico; há nas três unidades hospitalares 5 salas de operações, 3 salas de partos e 3 de esterilização. Um dos hospitais possuía eletrocardiografia e 3 tinham laboratórios.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA — Comarca de 1.ª entrância com 1 Juiz de Direito.

ORGANIZAÇÃO POLICIAL — Uma Delegacia de Polícia.

COOPERATIVAS — de Produção — 5; total de sócios — 2 220; valor dos serviços executados — .... Cr$ 39 440 296,00.

COOPERATIVAS

Cooperativas — de Produção	5
Total de sócios	2 220
Valor dos serviços executados	Cr$ 39 440 296

FESTEJOS POPULARES — No dia 11 de fevereiro de cada ano realizam-se as festas tradicionais de Nossa Senhora de Lourdes, com procissões acompanhando a referida imagem da igreja Matriz até o local do santuário em comovente romaria.

AEROPORTO — Possui a cidade um belíssimo aeroporto, com um hangar, um dos mais imponentes do Rio Grande do Sul, cuja pista mede 60 metros de largura por 1 300 de comprimento.

MONUMENTO ARTÍSTICO E HISTÓRICO — Na Praça 15 de Novembro, foi erigido um obelisco em comemoração a revolução Farroupilha, feito de pedras e tijolos e inaugurado em 20-9-1935.

FINANÇAS PÚBLICAS

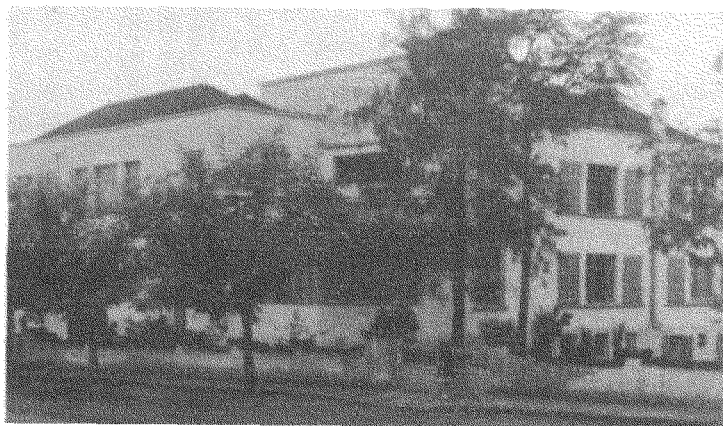
ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	2 083	4 062	1 965	380	2 106
1951	2 306	4 826	1 728	400	2 179
1952	3 061	5 902	2 119	423	2 103
1953	4 016	7 363	2 836	596	2 856
1954	4 806	9 311	3 158	580	3 526
1955	7 512	12 929	3 750	618	4 136
1956	10 425	14 988	5 317	1 175	6 945

VIAMÃO — RS

Mapa Municipal no 13.º Vol.

HISTÓRICO — O território do município está assentado na chamada Zona Fisiográfica da Depressão Central. Chama-se "Frota de João de Magalhães" o punhado intrépido de 30 homens que, sob a chefia do mesmo, em 1725, desceu de Laguna, penetrando o Continente de São Pedro, com o objetivo de garantir uma passagem que facilitasse a tomada dos gados da zona sul do território.

O Governador de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, mostrava-se apreensivo com a situação da Colônia do Sacramento, fundada pelos portuguêses em 1680, e que os espanhóis teimavam em conquistar. Francisco Brito Peixoto, Capitão-mor da Vila de Laguna e da Ilha de Santa Catarina, decidiu que seu genro, João Magalhães, conquistasse e trilhasse as terras desabitadas que separavam Laguna da Colônia do Sacramento. Cumpre acrescentar que Francisco Brito Peixoto, com seu pai, Domingos de Brito Peixoto, foi o fundador de Laguna.

Aparece o nome de Cosme da Silveira, como um dos primeiros habitantes, que se teria localizado em Viamão por volta de 1725. Êle fazia parte da 3.ª expedição que, ao mando de João Magalhães, partiu da vizinha Santa Catarina, a fim de explorar os ricos e vastos descampados do sul. João de Magalhães tornou-se, também, um grande comerciante, possuindo vasta invernada nos campos de Tramandaí. Nas terras adjacentes de Laguna possuía a Fazenda de Caroupava, cujo requerimento de sesmaria data de 1729. Os grandes rebanhos de gado e cavalos que existiam na campanha do Rio da Prata e que eram trazidos para ser comerciados em Laguna, Santa Catarina, proporcionaram, como conseqüência, uma nova fonte de riqueza para a região. É neste período que avulta a figura sem par de Cristóvão Pereira de Abreu, mercador de gado na região da Colônia do Sacramento. Em 1727 Francisco de Souza Fa-

Vista de uma das ruas principais da cidade

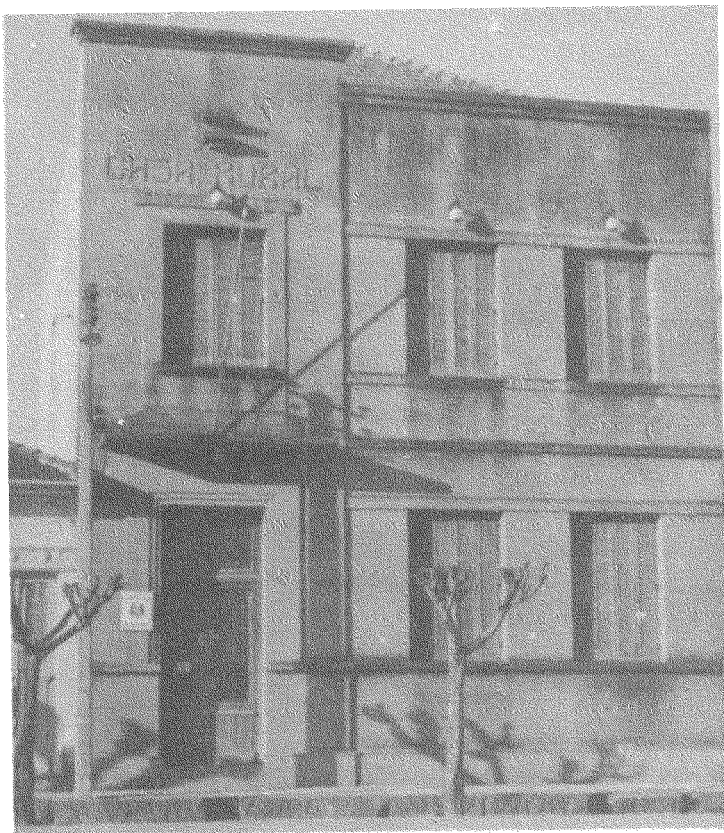
ria partiu para São Paulo com a investidura de sargento-mor do Continente de São Pedro e com instruções para efetuar a abertura da estrada da Laguna para cima da serra. Os lagunistas não gostaram do projeto governamental, pois com fácil acesso do Rio Grande a Curitiba, por caminho na serra, perderia a vila sua importância. Surge, então, em cena, Cristovão Pereira de Abreu, pugnando pela construção da estrada e influenciando de maneira decisiva Francisco de Souza Faria, na concretização dêste projeto governamental, sendo finalmente aberta a estrada. Cristóvão Pereira, após essa abertura, percorreu-a para melhorá-la, aperfeiçoando seu traçado e consolidando-a. A partir de 1732 o Rio Grande de São Pedro não é mais considerado um território de trânsito: seus vastos campos, suas riquezas naturais, atraíam os colonizadores. Desde então os lagunistas começaram a penetrar no Rio Grande para aí se estabelecerem em definitivo. Em 1733 é o ano em que tem início a radicação, com a correspondente evolução econômica. Os lagunistas fundam estâncias, começam o comércio de gado. Abre-se a era da estância.

A capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição foi instituída por Francisco Carvalho da Cunha, nos campos de Viamão, distrito de Laguna, no sítio chamado Estância Grande. A licença foi concedida pelo Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei João da Cruz, por Provisão de 14 de setembro de 1741. Em 1743 o Conselho Ultramarino, em sessão de 3 de maio, por uma Resolução, marca o início do municipalismo sul-rio-grandense, com a criação da vila do Rio Grande de São Pedro, sendo a Resolução homologada pelo Rei, em 11 de junho daquele ano. Segundo Octávio de Faria, no *Estudo Histórico Sôbre a Divisão Administrativa do Estado do Rio Grande do Sul,* "foi, em 1747 mandado pelo vice-Rei, Conde de Bobadela, para instalar a vila de São Pedro o Ouvidor de Paranaguá; a mesma ordem foi dada, em 1751, a Manoel José de Faria, Ouvidor da ilha de Santa Catarina, o qual instalou a dita vila em 16 de dezembro do referido ano de 1751".

Os primeiros ilhéus chegados à Capitania estabeleceram-se em Viamão, onde encontraram uma aldeia de índios.

Octávio de Faria, no *Estudo Histórico Sôbre a Divisão Administrativa do Estado do Rio Grande* diz: "as primeiras sesmarias concedidas em Viamão foram as seguintes: Cristovão Pereira de Abreu, em 23 de junho de 1755, rio das Tainhas, serra de Viamão; mais tarde foi a mesma sesmaria concedida a João Batista Feijó, em 5 de maio de 1766. Domingos Gomes Ribeiro, em 30 de março de 1756, o lugar denominado Campo dos Pelungos. Domingos Gomes Ribeiro, em 15 de abril de 1758, na estância de Cima. José de Andrade Batalha, em 20 de outubro de 1757, nas Lombas de Viamão. José Antônio de Vasconcelos, em 12 de maio de 1757, rincão dos Palmares. Bernardo Pinto Bandeira, em 10 de setembro de 1761. João de Magalhães, em 9 de agôsto de 1760. João Fiusa Lima, em 20 de agôsto de 1760, rincão da Branquinha. José Antônio Luibedes, em 4 de setembro de 1754, Monte Negro, distrito de Viamão."

Em 24 de abril de 1763, tropas castelhanas invadem o Rio Grande de São Pedro, comandadas por D. Pedro Cebalos. Os castelhanos entraram vitoriosos na povoação do Rio Grande, em 12 de maio de 1763. Em vista do sucedido, não teve dúvidas o Govêrno em se transferir para a capela de Viamão. A primeira sessão do Senado da Câmara realizou-se em Viamão, em 18 de junho de 1766 e em 1.º de janeiro de 1767 foram instalados, pela primeira vez, os pelouros da Justiça. A última sessão do Senado da Câmara, realizada em Viamão, ocorreu em 26 de agôsto de 1773. Por ordem do Governador José Marcelino de Figueiredo, foi transferida a sede do Govêrno com a Provedoria de Viamão para Pôrto Alegre, conforme instruções recebidas pelo referido Governador, do vice-Rei do Rio de Janeiro, Marquês do Lavradio, em 24 de julho de 1773, sendo a sessão da Câmara realizada, pela primeira vez, em 6 de setembro do citado ano. Com a divisão da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, pelo Alvará de 27 de abril de 1809, ficou o Rio Grande com quatro municípios, a saber: Pôrto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha, ficando o povoado de Viamão pertencendo a Pôrto Alegre. Do ano de 1760 a 1770 abrem-se em Viamão as primeiras estradas vicinais, sendo que uma delas partia do povoado, indo até a Várzea (Campo da Redenção), em Pôrto Alegre. Em 12 de janeiro de 1768 a Câmara Municipal de Viamão delibera: que se construam duas fontes d'água potável para a população; que em vista da abundância de trigo, no Rio Grande do Sul, fôsse adotada, para o pão de 1 1/2 libras, a tabela de 40 réis, e os de 3/4, a de 20 réis. Em 1771, Manuel Ximenes Xavier dirige uma escola primária no povoado. Em 1778 o povoado de Viamão contava com 1 103 hab.; em 1803, com 2 065; em 1814, com 2 816. Por ocasião da Revolução Farroupilha de 1835, acontecimentos importantes deram-se em Viamão. Em 6 de setembro de 1836, nas proximidades do arroio Barcelos, travou-se violento combate entre as fôrças farroupilhas e as imperiais, comandadas por Ben-

Outra vista parcial de um trecho da cidade

Câmara Municipal

to Manoel Ribeiro. Em 19 de abril de 1836 as tropas farroupilhas, a mando do major João Manoel de Lima e Silva, derrotam as fôrças imperiais a mando de Juca Ourives, no Faxinal. Em 23 de novembro de 1840 os legalistas, a mando do coronel João Nepomuceno da Silva, surpreendem tropas de farrapos estacionadas no povoado de Viamão, expulsando-as da localidade. Os farrapos concentram-se no Passo do Vigário, morrendo, neste lugar, numa escaramuça, o célebre Luiz Rosseti, de nacionalidade italiana, que havia abraçado a causa farroupilha. Em 16 de setembro de 1841 o tenente-coronel Manoel Marques de Souza, com seu regimento, derrota as fôrças farroupilhas, sob o comando de José Daniel, na Várzea do Varejão. Durante a revolução de 1835, por Decreto do Govêrno Republicano, passou Viamão a denominar-se Vila Setembrina.

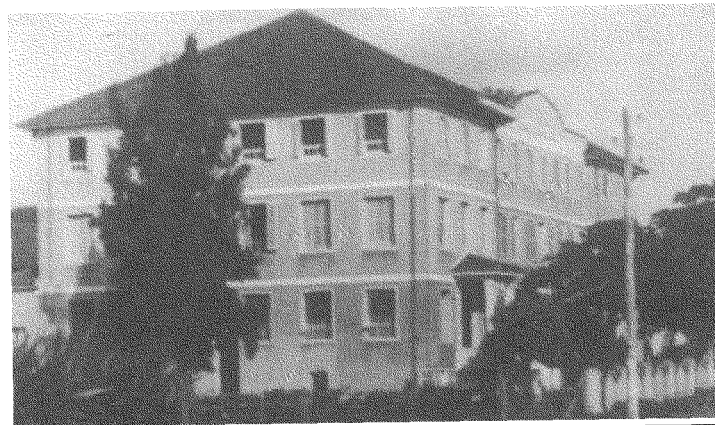
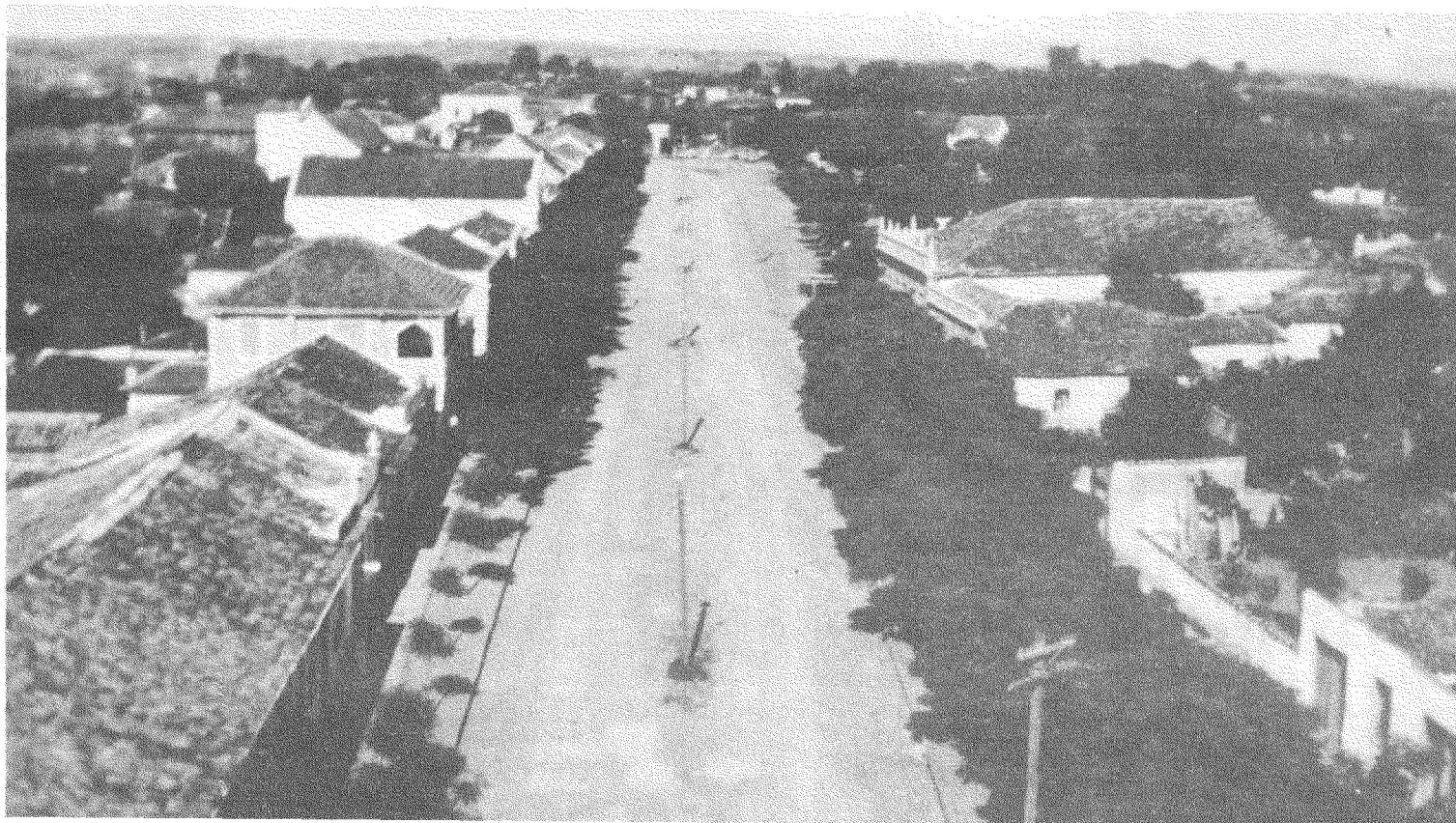
É filho de Viamão e lá residia o compositor do hino farroupilha, maestro Mendanha que, mais tarde, deu seu nome a um riacho que existe nas imediações da cidade. Com o término da grande revolução, entrou a localidade em fase de progresso, pois contava, em 1847, com 3 525 habitantes; em 1848, com 4 620; em 1858, com 5 122; em 1872, com 6 893. Pela importância de seu povoado, é Viamão elevada à categoria de município autônomo, pela Lei n.º 1 247, de 11 de junho de 1880, quando foi criada a vila de Viamão e comarca do mesmo nome, constituída por êste e Gravataí. Sua primeira Câmara Municipal foi instalada a 16 de outubro do supramencionado ano, sob a presidência de Miguel Teixeira de Carvalho, que era Presidente da de Pôrto Alegre, ficando constituída dos seguintes vereadores: José Feliciano Pinto Bandeira, Firmino Martins de Oliveira Prates, Faustino Vieira de Aguiar, João dos Santos Guterres, Theodoro Antônio Morem, José Antunes da Veiga e Felisberto José Pacheco.

Fator que muito contribuiu para a abolição da escravatura no Rio Grande do Sul foram as associações fundadas em quase todos os municípios, com a finalidade de propugnar pela libertação dos escravos. De 1830 a 1852 o número de escravos introduzidos no Brasil, pelo contrabando, foi de 647 000 aproximadamente. Viamão foi declarada livre em 21 de agôsto de 1884. Quem contribuiu de maneira decisiva para êsse memorável acontecimento foi o Centro Libertador, que exercia suas atividades na região. A diretoria do centro estava assim constituída: Presidente: Ricardo Ernesto Heinzelmann; vice-Presidente: Vitor Bernardes Pereira; Tesoureiro: Antônio Santa Cruz; Secretário: João de Azevedo Barbosa. Em 3 de janeiro de 1903 foi reformada sua primitiva lei orgânica.

Após a proclamação da República, teve o município, entre outros, os seguintes intendentes municipais: Tristão José de Fraga, Felisberto Luiz de Barcelos, Josué Silveira da Luz, Idalino Fernandes de Oliveira e Acrysio Martins Prates. Em 1921 estava assim constituída a administração da comuna: intendente: coronel Antônio Campos d'Avila; vice-coronel Vicente Felisberto Lopes Pacheco; conselheiros — José Luiz Ferreira, Astrogildo Barcelos, Joaquim Vieira Bernardes, Narciso José Goulart e Edmundo dos Santos Abreu.

Na comuna por estar sua sede perto da capital do Estado, há 81 loteamentos de terra, possuindo inúmeras vilas, com água encanada, luz e ruas calçadas. A sede do município está progredindo, com a construção de obras públicas e particulares. Viamão foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto estadual n.º 7 842, de 30 de junho de 1939.

A origem do nome Viamão é controvertida, como se pode verificar: Guerreiro Lima diz: "Dali de uma daquelas alturas, avistam-se os cinco rios que se vêm lançar no rio Guaíba, figurando os dedos de uma gigantesca mão espalmada (*Vi-a-mão*)"; Aurélio Pôrto afirma: *"Ibia — Mon"* (Nome indígena que quer dizer terra de íbias). *Via-Monte, Viamon, Via-mon,* estas expressões são encontradas em documentos espanhóis de 1690, na publicação do oficial do Govêrno Argentino denominada "Campaña del Brasil", na primeira edição de 1931 e na 2.ª edição de 1939, respectivamente, por Carlos Corrêa Lima e Ismael Escobar (Walter Spalding); Tupy Caldas contesta: *"Viamara* que é o nome antigo da Província de Guimarães", em Portugal.

BIBLIOGRAFIA — *O Rio Grande do Sul* — Alfredo Rodrigues da Costa. *História do Rio Grande do Sul* — E. F. de Souza Docca. *Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul* — Octávio de Faria. *Terra Farroupilha* — Aurélio Pôrto. *Estudo Histó-*

Educandário situado na sede municipal, mantido pela Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria

Vista aérea de uma das principais artérias da cidade

rico Sôbre a Divisão Administrativa do Estado do Rio Grande do Sul — Octávio Augusto de Faria.

FONTE — Agência Municipal de Estatística.

VULTOS ILUSTRES — *Inácio de Vasconcelos Ferreira* — Poeta, jornalista e escritor, nasceu em Viamão, aos 28 de fevereiro de 1838, faleceu em Pôrto Alegre, em 8 de novembro de 1888. Matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, mas não chegou a concluir seus estudos superiores. Em Pôrto Alegre, colaborou em "A Reforma", sob o pseudônimo de "Ninguém e Athos". De sua produção literária destacam-se: "Um Livro de Rimas" — 1865; "Trêtas e Pêtas", prosa — 1869; "Seleta Nacional", em colaboração com Antônio de Azevedo Lima — 1869; "Cantos e Contos" — 1870.

Rafael Pinto Bandeira — Filho de pais portuguêses, nasceu no atual município de Viamão, no ano de 1738. Viveu numa época em que estivera acesa a rivalidade entre os portuguêses e os espanhóis do Prata. Abraçou a carreira militar, destacando-se em vários combates, pelos seus dotes de comando. Havendo, em 1774, D. Pedro de Ceballos, Governador da Província de Buenos Aires, invadido a Colônia de Sacramento e o Rio Grande do Sul, Pinto Bandeira, à frente de um corpo de legionários, vai-lhe ao encalço, surpreende-o em seu acampamento e impõe-lhe a derrota. Em 1776, toma de assalto o forte de Santa Tecla e, no ano seguinte, alcança espetacular vitória no ataque contra a guarda de São Martinho. Por sua atuação corajosa e por seu surpreendente tino militar, Rafael Pinto Bandeira infligiu constantes derrotas ao invasor platino, forçando-o a retirar-se da ilha de Santa Catarina, da Colônia de Sacramento, da vila do Rio Grande de São Pedro e de outros territórios nossos. Seus feitos militares alcançaram repercussão em Portugal e Espanha. Em sua vida militar, galgou todos os postos, desde o mais modesto até o generalato, por atos de bravura e pelos relevantes serviços prestados à Coroa.

Manoel Marcelino Pires Filho — Filho de Manoel Marcelino Pires e de D. Maria Batista Pires, nasceu em Itapuã, a 4 de setembro de 1847. Depois de completar os estudos na capital, no Colégio Gomes, ingressou na carreira militar em 1863. Não perdia ocasião em fazer seus epigramas. Já na Escola Militar, por ocasião de uma sabatina, entrando em aula, foi ao quadro negro e escreveu os seguintes versos:

Adoro as árias
E as cavatinas,
Porém detesto
As sabatinas

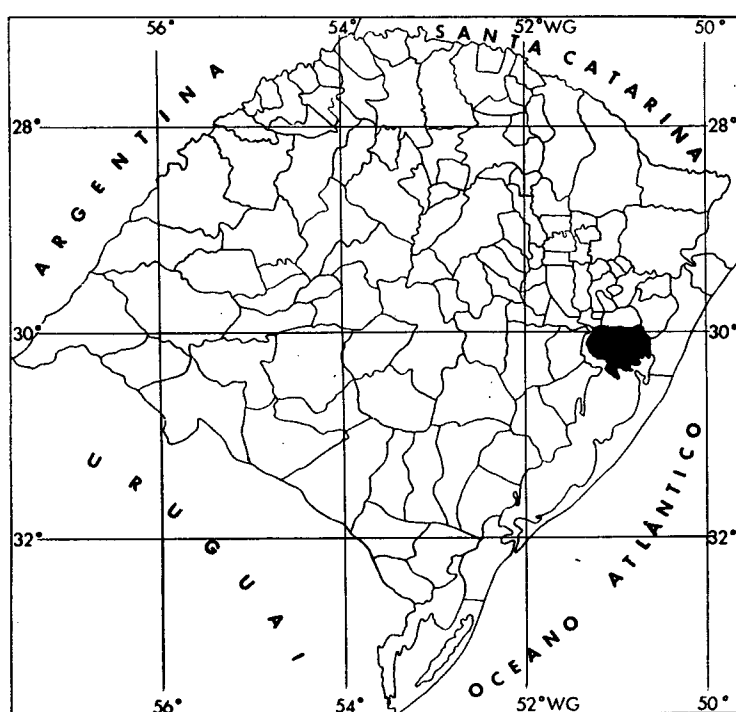
Apesar de boêmio e folgazão, infringindo o rigor da disciplina, distinguia-se entre os colegas, nos estudos. Em 1864, seguia com os demais alunos para campanha no Estado Oriental; concluída esta, marchou para o Paraguai. Foi ferido na batalha de 24 de maio, morrendo em seguida. Antes de falecer, pediu a sua irmã, Dona Isabel, para que queimasse tôdas suas produções de poeta repentista, no que foi atendido.

POPULAÇÃO — Conta Viamão 22 980 habitantes, localizando-se 2 580 na sede e 20 400 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1-1-1956). A densidade demográfica era de 12,54 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto a população do município correspondia a 0,48% da total do Estado. Área: 1 832 quilômetros quadrados.

Aglomerados urbanos — Cidade de Viamão e vilas de Itapoã, Passo do Feijó e Passo do Sabão.

Aspectos demográficos — 1956

MUNICÍPIO	NASCIMENTOS		CASAMENTOS	ÓBITOS		CRESCIMENTO NATURAL
	Vivos	Mortos		Gerais	Menores de 1 ano	
Viamão	667	34	231	221	63	446

ASPECTOS GEOGRÁFICOS — Coordenadas geográficas da sede municipal: 30° 05' 00" de latitude Sul e 50° 47' 00" de longitude W.Gr. Posição relativa à capital do Estado rumo: E.N.E.; distância em linha reta da capital do Estado: 22 km. Altitude: 52 metros.

Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.

Acidentes geográficos — Rio Gravataí, limita Viamão com o município de mesmo nome e Osório, chegando a ter 40 metros de largura em alguns trechos. Rio Capivari. Lagoa dos Patos, a maior do Brasil, com 303 km de comprimento e 66 km de largura. À margem da lagoa dos Patos, encontra-se a Colônia de Pesca Z-4. Apesar do vulto da produção, deixa o peixe de ter significação econômica para o município, porque todo o efetivo é vendido ao mercado da capital, estando a Colônia isenta do pagamento de qualquer impôsto.

ASPECTOS CLIMATOLÓGICOS — O clima do município é temperado. As médias das temperaturas no ano de 1956, em graus centígrados, foram: das máximas: 22; das mínimas: 14; compensada: 18,1. Precipitação anual das chuvas: 1 248 mm. Geadas: ocorrem nos meses de junho a agôsto.

LIMITES DO MUNICÍPIO — Ao norte: Gravataí e Santo Antônio; ao sul: lagoa dos Patos; a leste: Osório; a oeste: Pôrto Alegre e Rio Guaíba.

ASPECTOS ECONÔMICOS — *Agricultura* — É a atividade que caracteriza a vida local. Destacaram-se das demais as seguintes culturas:

PRODUTOS AGRÍCOLAS — 1955

Espécie	*Produção (t)*	*Valor (Cr$) 1 000*
Arroz	29 542	115 707
Mandioca	8 482	5 002
Milho	468	1 404
Cana	4 856	1 214

Valor total da produção: Cr$ 124 699 550,00.

Pecuária — A pecuária ocupa o segundo lugar como fonte de renda da comuna e, até bem pouco tempo, situava-se como fator econômico preponderante.

POPULAÇÃO PECUÁRIA — 1955

Espécie	*N.º de cabeças*	*Valor (Cr$ 1 000)*
Bovinos	65 200	110 840
Eqüinos	6 700	6 700
Muares	300	360
Suínos	6 000	3 600
Ovinos	14 800	4 292
Caprinos	200	30

O tipo de pastagem que predomina no município é a grama fôlha-larga.

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL — 1955

Espécie	*Quantidade (kg)*	*Valor (Cr$)*
Carne verde de bovino	327 320	8 408 880,00
Charque de bovino	3 675	91 875,00
Carne verde de suíno	9 524	190 480,00
Carne verde de ovino	4 712	94 240,00
Couro sêco de boi, vaca e vitelo	34 203	355 751,00
Couro salgado de boi, vaca e vitelo	38 108	295 469,00
Pele sêca de ovino	248	4 464,00
Toucinho fresco	10 478	268 237,00
Sebo comestível	330	6 600,00
Secundários	12 138	34 128,00
Total	440 736	9 750 124,00

Indústria — Em 1955, contava o município com 79 estabelecimentos industriais, empregando a média mensal de 247 operários, tendo a produção totalizado: Cr$ 19 664 000,00. Contribuição percentual das principais classes em relação a produção total: Ind. alimentares: 81,6%; Da bebida, 3,2%; Transformação de produtos minerais, 10,8%; Couros e pro-

Vista de uma bela zona de turismo, a dois quilômetros da sede

Igreja-Matriz Municipal

dutos similares, 0,2%; Têxteis, 0,6%; vestuário, calçados e art. tecidos, 0,3%.

COMÉRCIO E BANCOS — Principais ramos do comércio varejista:

Secos e molhados	11
Ferragens	2
Fazendas e miudezas	3
Material elétrico e peças de automóveis	1
Bares	8

A cidade com a qual o município mantém as maiores transações comerciais é Pôrto Alegre. Na sede municipal há uma agência bancária.

MEIOS DE TRANSPORTE — Liga-se a: Gravataí: rodov. (18 km); Santo Antônio: rodov. (69 km); Osório: rodov. (97 km); Pôrto Alegre: rodov. (22 km). Capital do Estado — rodov. (22 km). Capital Federal — via Pôrto Alegre, já descrita. Daí ao Distrito Federal, veja Pôrto Alegre.

ASPECTOS URBANOS — A cidade é servida por luz elétrica pelo sistema termidráulico, inaugurado em 9-8-1947.

MELHORAMENTOS URBANOS

Logradouros públicos	39
Ruas	30
Travessa	1
Praças	8

SITUAÇÃO DOS LOGRADOUROS

Terra melhorada	30
Arborizado e ajardinado simultâneamente	1

EDIFICAÇÕES

Número de prédios	805
Zona urbana	380
Zona suburbana	425

SEGUNDO O NÚMERO DE PAVIMENTOS

Térreo	792
2 pavimentos	10
3 pavimentos	3

SEGUNDO O FIM A QUE SE DESTINA

Exclusivamente residenciais	760
Residenciais e outros fins	28
Exclusivamente a outros fins	17

RÊDE ELÉTRICA

Numero de ligações elétricas domiciliares	500
Número de focos para iluminação pública	270

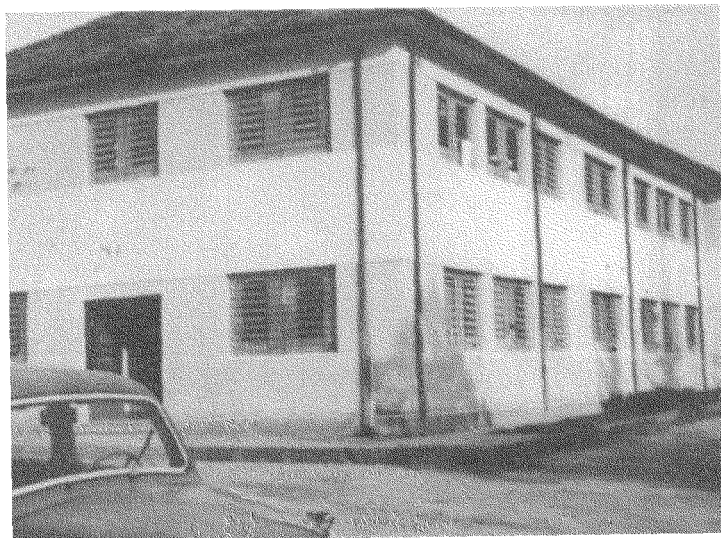
ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Bebedouros ou bicas públicas	2

RÊDE TELEFÔNICA

Taxa mensal cobrada	Cr$ 250,00
Aparelhos em uso na sede municipal	40

SERVIÇO POSTAL-TELEGRÁFICO — Uma agência no município.

HOTÉIS E PENSÕES — Há em Viamão o Hotel Cruzeiros, com a diária de Cr$ 75,00 para solteiro e Cr$ 130,00 para casal; Pensão Familiar, diária para solteiro Cr$ 60,00,

Escola Técnica de Agricultura, no Passo do Vigário

para casal Cr$ 120,00; Anexo Bar Setembrina, diária .... Cr$ 100,00 para solteiro e Cr$ 160,00 para casal; Restaurante Tarumã, diária Cr$ 100,00 para solteiro e Cr$ 160,00 para casal.

AUTOMÓVEIS E OUTROS VEÍCULOS RODOVIÁRIOS

A MOTOR PARA PASSAGEIROS

Automóveis	301
Ônibus	37
Camionetas	90
Motociclos	9
Total	437

PARA TRANSPORTE DE CARGAS

Caminhões	190
Camionetas	150
Tratores	105
Total	445

A FÔRÇA ANIMADA PARA PASSAGEIROS

Carros de duas rodas	150
Bicicletas	32
Total	182

PARA CARGAS

Carroças de duas rodas	1 140
Outros	184
Total	1 324

INSTRUÇÃO E CULTURA — Da população presente de 10 anos e mais, 55% sabem ler e escrever. A quota de pessoas em idade escolar (7 a 14 anos) matriculadas é de 48%. Em 1955 havia 40 unidades escolares do ensino primário fundamental comum, com 3 358 alunos matriculados.

Conta o município com uma Escola Técnica de Agricultura, uma unidade de ensino sacerdotal e uma de ensino artístico.

Outros aspectos culturais — Viamão possui um jornal semanário, 3 sociedades recreativas, duas sociedades esportivas, uma biblioteca de caráter geral, com 1 700 volumes, duas bibliotecas estudantis com 800 volumes cada uma, aproximadamente.

PRADOS E CANCHAS RETAS — Não existem no município, porém contam-se vários criadores de eqüinos.

PRINCIPAIS CRIADORES DE EQÜINOS

Nome	*Endereços*	*Raças*
José Azevedo e Souza	Capivari	Anglo-árabe
Suc. Guilherme Stumpf	Estância Grande	Mestiço-inglêsa
Nena Sant'ana	Boa Vista	Inglêsa
Edmundo dos Santos Abreu	São Braz	Inglêsa
Dal Molim Irmãos	Estância Grande	Anglo-árabe
Suc. Firmiano Nunes	Capivari	Anglo-árabe
Narcyso José Goulart (suc)	Boa Vista	Anglo-árabe
Breno Caldas	Ponta do Aterro	———
Plínio Osorio Nunes	Capivari	———
Dinarte da Silva Bueno	Boa Vista	———
Lydia Vieira Goulart	Faxina	Crioula
Heitor Amaral Ribeiro	Águas Belas	Inglêsa

COOPERATIVAS — de Transportes de Pôrto Alegre — Viamão — Tarumã Lt.da (PAVITA).

FESTEJOS POPULARES — Há mais de cem anos que se vem realizando anualmente a tradicional procissão da Padroeira da Paróquia, Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro. Precedida de novenas solenes, conta com enorme afluência de fiéis de todos os pontos do município.

MONUMENTOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — Como monumento histórico em Viamão, existe o templo da igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, cuja construção data dos tempos mais remotos, sendo, segundo consta, a mais antiga do Rio Grande do Sul, e foi tombado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Suas paredes medem dois metros de espessura e na sua construção foi usado, em vez de cimento, marisco moído e, em lugar de cal, concha do mar também moída.

FINANÇAS PÚBLICAS

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr$ 1 000)				DESPESA REALIZADA NO MUNICÍPIO (Cr$ 1 000)
	Federal	Estadual	Municipal		
			Total	Tributária	
1950	713	*	1 025	316	896
1951	1 016	*	1 133	358	1 348
1952	1 369	4 218	1 774	378	1 408
1953	2 236	6 438	2 256	602	2 081
1954	3 449	7 974	2 259	628	2 883
1955	3 421	**	2 309	698	2 916
1956	4 113	13 977	B 3 050	C	D

* Não encerrado o balanço.
** Não há documentos na Exatoria.
B — Orçamento.
C e D — Não encerrou o balanço.

Índice Geral

Índice dos Municípios

NOTA

Os Prefeitos e Vereadores constantes dos Municípios expiraram seus mandatos em 1958.

CONFECÇÃO GRÁFICA

Sob a direção de:

Antônio Maria Coelho,
Petrônio Cezar Coutinho,
Acácio da Cunha Figueiredo,
Mário Batista de Abreu,
José Corrêa Neves e
Elio Ricaldône.

Com a colaboração de:

Antônio Buss, Seno Eyng, Nerval Dutra, Ovídio Rodrigues Costa, Francisco A. M. Bessa, Walkyrio W. Morgado, Heinzelman Almeida, João Brand, Venício Coutinho, Valdemiro Joaquim Fernandes, Luiz Borges da Silva, Antônio Bernardino da Silva, Joaquim Soares Moreira, Manoel Pereira de Melo, Vicente Basile, José Paixão Filho, Jussieu Leite, Acrisio Lopes, Francisco Lopes, Pedro Murga, Carlos Alfred, Manoel Neto Araújo, Hilton Fróis Ribeiro, Eudes Vieira, Sílvio Brand, Lourival Fernandes, Sebastião Cassia, Armindo Fiães, Walter Schöpke, Manoel Ferreira de Figueiredo, Zenir Ferreira Lopes, Walter Freitas Nunes, Pedro de Castro Biancovilli, Laudo de Oliveira, José Fagundes do Amaral, Arnaldo V. Reis, Luiz C. Campos, Antônio Gama, José Batista de Abreu, Waldir Rangel, Jayme Santiago Maphêo, Antônio Ferreira Gabri, Marcílio Mazzola, Manoel Gomes Neto, Reginaldo de Sousa Leal, Valdemar Lopes, Manoel Cordilha, Florisvaldo Araújo, Laurentino de Oliveira, José Maria da Silva, Raimundo Pires Seixas, Levy de Menezes, Álvaro F. Órphão, Ivo José Ferreira, Geraldo Gonçalves de Souza, Maria Yára Branco, Leonardo Eyng, Darcy Vieira Cardoso, Edjalme Perret de Souza, Miguel Paixão, Eduardo Dias, João de Almeida Guimarães, Armando W. Cruz, Joaquim G. M. Gonçalves e José Cândido de Araújo.

Publicação comemorativa do 23.º aniversário do
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
em 29 de maio de 1959.